

Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

**Competência Linguística em Português Europeu
Língua Materna e Língua Não Materna:
Aquisição, Ensino e Aprendizagem
de Expressões Idiomáticas**

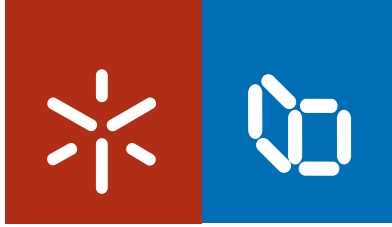
António da Costa Pereira

António da Costa Pereira

**Competência Linguística em Português Europeu
Língua Materna e Língua Não Materna:
Aquisição, Ensino e Aprendizagem
de Expressões Idiomáticas**

UMinho | 2015

outubro de 2015



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

António da Costa Pereira

**Competência Linguística em Português Europeu
Língua Materna e Língua Não Materna:
Aquisição, Ensino e Aprendizagem
de Expressões Idiomáticas**

Tese de Doutoramento em Ciências da Linguagem
Especialidade em Linguística Portuguesa

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Álvaro Iriarte Sanromán

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente tese. Confirmo que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 21 de outubro de 2015

Nome completo: António da Costa Pereira

Assinatura: António da Costa Pereira

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais: para sempre.

À Celeste, ao João, à Inês e ao Afonso: de corpo e alma.

À minha família: muitos membros, um só corpo.

Aos meus amigos: “Com amizade”.

Aos meus professores, colegas de trabalho e alunos: potenciadores de múltiplas aprendizagens.

À Doutora Olívia Figueiredo: quem primeiro me acenou com as Expressões Idiomáticas.

Ao Doutor Álvaro Iriarte Sanromán: pela generosidade de me aceitar como seu discípulo e pela argúcia da sua orientação.

Ao Luís Dias: o vizinho-amigo-informático que todos gostariam de ter.

À Universidade do Minho e à Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva: pelos recursos humanos e materiais que colocaram à minha disposição.

A todos aqueles que, com as suas obras, me ensinaram a apreciar a dimensão idiomática da linguagem.

Competência Linguística em Português Europeu
Língua Materna e Língua Não Materna:
Aquisição, Ensino e Aprendizagem de Expressões Idiomáticas

RESUMO

A língua portuguesa mergulha as suas raízes no indo-europeu e está umbilicalmente ligada à língua latina. Não é de estranhar, portanto, que apresente muitas parecenças com as suas irmãs, também elas línguas românicas. Semelhanças à parte, a língua portuguesa tem um bilhete de identidade próprio, um código genético que a diferencia das demais: é que as expressões idiomática (EI) (um número significativo), mais do que o infinitivo pessoal e os clíticos pronominais, constituem a *alma* da língua portuguesa. Termos como *português língua materna* (PLM), *português língua segunda* (PL2) e *português língua estrangeira* (PLE), embora apontem para situações de aquisição, ensino e aprendizagem diferenciadas, designam a mesma realidade, no caso o português, na sua unidade e diversidade. Preferimos a terminologia simplificada português língua materna (PLM) e português língua não materna (PLNM), cabendo nesta última todas as situações em que o português não é língua materna.

A fraseologia é um ramo da linguística e tem em Bally (1909) e Vinogradov (1946-1947) os seus principais precursores. Quem lê Corpas Pastor (2000) e Burger *et. al.* (2007) julgará que não existem estudos fraseológicos sobre o português. Todavia, a fraseologia portuguesa, como estudo filológico de *frases feitas* (maioritariamente EI e provérbios), terá dado os primeiros passos nos anos 80 do século XIX com José Leite de Vasconcelos. Para designar o objeto geral da fraseologia, adotamos o termo *unidade fraseológica* (UF); em relação às unidades de sentido figurado, assumimos a designação *expressão idiomática* (EI), sobretudo por razões pedagógicas.

Das três competências comunicativas do Quadro Europeu Comum de Referência (QECR) (linguísticas, sociolinguísticas e pragmáticas) emerge uma quarta – a fraseológica –, que se consubstancia no uso de fórmulas de rotina, provérbios e EI. Defendemos um contacto natural e progressivo com as EI desde os primeiros níveis de aprendizagem, para que o utilizador de PLM e PLNM as apreenda como elementos intrínsecos da língua.

A análise dos dados que recolhemos mostra-nos que nem em contextos de PLM a competência fraseológica é um dado adquirido: apresenta estádios de desenvolvimento deficitários, sendo necessário complementar atempadamente a aquisição natural de UF com um ensino promotor de competências comunicativo-fraseológicas.

Feita a análise a diversos materiais didáticos (dicionários, manuais, programas de rádio/televisão e sítios da internet), concluímos que há ainda muito a fazer nesta área. Por isso, produzimos 20 Atividades dirigidas a aprendentes de vários níveis, para desenvolvimento de competências linguístico-fraseológicas em PLM e PLNM.

Linguistic Competence in European Portuguese
Mother Tongue and Foreign Language:
Acquisition, Teaching and Learning Idiomatic Expressions

ABSTRACT

The Portuguese Language plunges its roots in the Indo-European and is inextricably connected to the Latin tongue. So it is not surprising that it has many similarities with its sisters, also Romanic languages. Similarities aside, the Portuguese Language has its own Identity Card, a genetic code that differentiates it from the others: the Idiomatic Expressions (IE) (a significant number), more than the personal infinitive and the pronominal clitics, are the soul of the Portuguese Language. Terms as *Portuguese Mother Tongue* (PMT), *Portuguese Second Language* (PSL) and *Portuguese Foreign Language* (PFL), although being related to different learning situations, they designate the same reality, in this case, the Portuguese, in its unity and diversity. We prefer the simplified terminology PMT and PNMT, this last one including every situation in which the Portuguese isn't MT.

The Phraseology is a Linguistics' branch, being Bally (1909) and Vinogradov (1946-1947) its main precursors. Does the Portuguese Phraseology exist? Those who read Corpas Pastor (2000) and Burger *et al.* (2007) would answer 'No'. However, the Portuguese Phraseology, as the philological study of *idioms* (mainly EI and proverbs), is thought to have taken the first steps in the XIX century's 80's, with José Leite de Vasconcelos. To designate the general object of Phraseology, we chose the term *Phraseological Unity* (PU); regarding the figuratively meant units, we use the designation *Idiomatic Expression* (IE), mostly because of pedagogic reasons.

From the three QECR's communication skills (linguistic, sociolinguistic and pragmatic), comes a fourth one – the phraseological -, which consists in the use of routine formulas, proverbs and IE. We defend a natural and progressive contact with IE from the very first levels of learning, so that the PMT and PNMT user learns them as the language's intrinsic elements.

Our data shows us that, in PMT context, the phraseological competence is not taken for granted: there are development phases in deficit, making it necessary to complement the natural acquisition of UF with a (centered/focused) teaching that promotes communicative-phraseological competences.

By analyzing several didactic materials (dictionaries, textbooks, radio/TV programs and websites), we conclude that there is still a lot to do in this area. So we have produced 20 Activities aimed for learners of several learning levels, for the development of phraseological and linguistic competences in PMT and PNMT.

ÍNDICE

| | |
|--|------|
| DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE / STATEMENT OF INTEGRITY | iii |
| AGRADECIMENTOS | v |
| RESUMO | vii |
| ABSTRACT | ix |
| ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS | xvii |
| FIGURAS, GRÁFICOS, IMAGENS E QUADROS | xix |
| INTRODUÇÃO | 23 |
| 1. Motivações: entre a razão e a emoção | 23 |
| 2. Objeto de Estudo, Objetivos, Metodologias e Organização do Trabalho | 27 |
| CAPÍTULO 1 | |
| PORTUGUÊS EUROPEU: LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA NÃO MATERNA | 33 |
| 1.1. O Português entre as línguas do mundo | 33 |
| 1.2. Português Europeu: Língua Materna e Língua Não Materna | 38 |
| 1.3. O Português Língua Materna e Língua Não Materna no sistema educativo | 40 |
| 1.4. Conclusão | 43 |
| CAPÍTULO 2 | |
| FRASEOLOGIA GERAL | 45 |
| 2.1. Fraseologia e Paremiologia | 48 |
| 2.2. Precusores da Fraseologia | 49 |
| 2.2.1. Bally (1909): Fraseologia e Estilística | 50 |
| 2.2.2. Vinogradov (1946-1947): Fraseologia e Linguística | 55 |
| 2.2.3. Casares (1950): Fraseologia e Lexicografia Moderna | 58 |
| 2.3. Consolidação e Internacionalização dos Estudos Fraseológicos | 65 |
| 2.3.1. Corpas Pastor: Ponto de Encontro da Fraseologia | 65 |
| 2.3.2. Correntes Atuais da Investigação Fraseológica: Projetos e Publicações | 69 |
| 2.4. Conclusão | 74 |

CAPÍTULO 3

| | |
|---|-----|
| FRASEOLOGIA PORTUGUESA | 75 |
| 3.1. Fontes da Fraseologia Teórica aplicada ao Português | 75 |
| 3.1.1. <i>Europhras</i> | 77 |
| 3.1.2. <i>Widespread Idioms in Europe and Beyond</i> | 78 |
| 3.1.3. CFG (<i>Cadernos de Fraseoloxía Galega</i>) | 78 |
| 3.1.4. Revista <i>Paremia</i> | 86 |
| 3.1.5. <i>Refranero multilingüe</i> | 96 |
| 3.1.6. Associação Internacional de Paremiologia | 97 |
| 3.2. Os Primeiros Fraseólogos Portugueses: de Leite de Vasconcelos a Óscar de Pratt | 99 |
| 3.2.1. Pratt (1912 e 1914) | 100 |
| 3.2.1.1. “Locuções Petrificadas” I (1912) e “Locuções Petrificadas” II (1914) | 101 |
| 3.2.1.2. Óscar de Pratt para além das “Locuções Petrificadas” | 105 |
| 3.2.1.3. Óscar de Pratt e João Ribeiro | 113 |
| 3.2.2. Contributos da <i>Revista Lusitana</i> , <i>Revista Lusitana-Nova Série</i> e <i>Boletim de Filologia</i> para a Fraseologia Portuguesa | 120 |
| 3.2.2.1. Leite de Vasconcelos e a <i>Revista Lusitana</i> (1887-1943) | 120 |
| 3.2.2.2. <i>Revista Lusitana-Nova Série</i> (1981-2005) | 124 |
| 3.2.2.3. <i>Boletim de Filologia</i> (1932-1992) | 131 |
| 3.3. Rodrigues Lapa (1945): Fraseologia e Estilística | 137 |
| 3.4. Fraseologia, Linguística e Ensino da Língua | 141 |
| 3.4.1. Herculano de Carvalho (1967): palavra, sintagma livre e sintagma fixo | 142 |
| 3.4.2. Vilela, Mário (1984-2005) | 144 |
| 3.4.3. Jorge, Guilhermina (1991- ...) | 150 |
| 3.4.4. Lopes, Ana Cristina Macário (1992) | 153 |
| 3.4.5. Rebelo, Luís (1998) | 155 |
| 3.4.6. Afonso, Maria Elisete (2000) | 157 |
| 3.4.7. Os Estudos Fraseológicos na Universidade do Porto | 158 |
| 3.4.8. Os Estudos Fraseológicos na Universidade do Minho | 166 |
| 3.4.9. Outros contributos fraseológicos: Revista <i>Polifonia</i> e <i>Associação Portuguesa de</i> <i>Linguística</i> | 172 |
| 3.5. Conclusão | 175 |

CAPÍTULO 4

| | |
|--|-----|
| UNIDADES FRASEOLÓGICAS E EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS | 177 |
| 4.1. Unidades Fraseológicas | 177 |
| 4.1.1. Eleição de um termo geral: da Fraseologia à Unidade Fraseológica | 177 |
| 4.1.2. Unidades Fraseológicas: Classificações | 181 |
| 4.1.2.1. Corpas Pastor (1996): Uma voz feita de muitas vozes | 182 |
| 4.1.2.2. Mel'čuk (2003): "Un natif parle en phrasèmes"? | 189 |
| 4.1.2.3. Iriarte Sanromán (2001): a unidade fraseológica como unidade lexicográfica | 194 |
| 4.1.2.4. Vilela (2002): metáforas-fraseologias <i>à flor da pele</i> | 201 |
| 4.1.3. Características Linguísticas das UF: Consensos e Problemáticas | 207 |
| 4.1.4. Unidades Fraseológicas: Quadro-síntese | 222 |
| 4.2. Expressões Idiomáticas | 223 |
| 4.2.1. Das Locuções às Expressões Idiomáticas | 223 |
| 4.2.2. Subclasses das Expressões Idiomáticas | 225 |
| 4.2.3. Especificidade e Universalidade das Expressões Idiomáticas | 226 |
| 4.3. Unidades Fraseológicas e Expressões Idiomáticas: Constituição de uma Base de Dados Fraseológica (BADAF-PE) | 231 |
| 4.3.1. Do Projeto COMBINA-PT à BADAF-PE | 231 |
| 4.3.2. Características Gerais da BADAF-PE | 233 |
| 4.3.3. A BADAF-PE no Ensino e Aprendizagem de Unidades Fraseológicas | 241 |
| 4.3.4. Base de Dados Fraseológica (BADAF-PE): Considerações Finais | 243 |
| 4.4. Conclusão | 245 |

CAPÍTULO 5

| | |
|---|-----|
| COMPETÊNCIAS COMUNICATIVAS, LINGUÍSTICAS E FRASEOLÓGICAS: AQUISIÇÃO, APRENDIZAGEM E ENSINO DE EI EM LM E LNM | 247 |
| 5.1. Competências gerais | 247 |
| 5.2. Competências comunicativas em língua | 248 |
| 5.2.1. Competências linguísticas | 250 |
| 5.2.2. Competências sociolinguísticas | 254 |
| 5.2.3. Competências pragmáticas | 256 |
| 5.2.4. Competências fraseológicas | 257 |
| 5.3. Aquisição, Aprendizagem e Ensino de EI: da LM à LNM | 259 |

| | |
|--|-----|
| 5.3.1. Aquisição, Aprendizagem e Ensino | 259 |
| 5.3.2. Da LM à LNM | 260 |
| 5.3.2.1. Competência Fraseológica em PLM: Estudo de caso | 260 |
| 5.3.2.2. Competência Fraseológica em PLNM: “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira” (amostras) | 282 |
| 5.4. Aquisição, Aprendizagem e Ensino de EI: orientações/estratégias promotoras de sucesso comunicativo-fraseológico | 297 |
| 5.5. Conclusão | 308 |
| CAPÍTULO 6 | |
| ANÁLISE E PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS: COMPETÊNCIA LINGUÍSTICO-FRASEOLÓGICA EM PORTUGUÊS (LM E LNM) | 311 |
| 6.1. Análise de Materiais Didáticos | 315 |
| 6.1.1. Dicionários | 315 |
| 6.1.2. Manuais: PLM e PLNM | 320 |
| 6.1.2.1. As UF nos Manuais de PELM | 321 |
| 6.1.2.2. As UF nos Manuais de PELNM | 327 |
| 6.1.3. Rádio, Televisão e Internet | 330 |
| 6.1.3.1. Rádio: <i>Lugares Comuns</i> | 330 |
| 6.1.3.2. Televisão: <i>Cuidado com a Língua!</i> | 332 |
| 6.1.3.3. Internet I: <i>Ciberdúvidas da Língua Portuguesa</i> | 334 |
| 6.1.3.4. Internet II: <i>Centro Virtual Camões</i> | 336 |
| 6.1.4. Análise de Materiais Didáticos: Considerações Finais | 339 |
| 6.2. Produção de Materiais Didáticos (20 Atividades + Soluções) | 340 |
| 6.3. Conclusão | 341 |
| CONCLUSÕES | 343 |
| 1. Ecletismo e Investigação Científica | 343 |
| 2. Dos Objetivos aos Resultados Finais | 344 |
| 3. À Descoberta de Novos Caminhos para o Português e para a Fraseologia Portuguesa | 351 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRÁFICAS | 355 |
| ANEXO 1: João Ribeiro, <i>Frazes Feitas</i> (1908-1909) | 371 |
| ANEXO 2: Contributos da <i>Revista Lusitana</i> (1887-1943) para a Fraseologia Portuguesa | 375 |

| | |
|--|-----|
| ANEXO 3: Contributos da Revista <i>Polifonia</i> (1997-2004) para a Fraseologia Portuguesa | 427 |
| ANEXO 4: Contributos da <i>Associação Portuguesa de Linguística</i> (1985-2013) para a Fraseologia Portuguesa | 431 |
| ANEXO 5: Competência Fraseológica em PLM e PLNM - Ficha de Caracterização Sociolinguística e Atividades de Diagnóstico | 441 |
| ANEXO 6: Materiais Didáticos: Competência Linguístico-Fraseológica em Português (LM e LNM) (20 Atividades + Soluções) | 463 |
| ANEXO 7: BADAPE (Base de Dados Fraseológica do Português Europeu | 487 |
| 1. BADAPE: Jornais (Amostra de A a C) | 489 |
| 2. BADAPE: Revistas (Amostra de A a C) | 505 |
| 3. BADAPE: Livros/Textos Literários | 513 |
| 3.1. Almeida Garrett, <i>Falar Verdade a Mentir</i> (1845) | 513 |
| 3.2. José Saramago, <i>Memorial do Convento</i> (1994 [1982]) | 515 |
| 3.3. António Lobo Antunes, <i>Terceiro Livro de Crónicas</i> (2006) | 521 |
| 4. BADAPE: Rádio e Televisão (Amostra de A a C) | 527 |
| 5. BADAPE: Cinema/Textos Cinematográficos | 529 |
| 5.1. Cottinelli Telmo, <i>A Canção de Lisboa</i> (1933) | 529 |
| 5.2. Manoel de Oliveira, <i>Aniki-Bóbo</i> (2010 [1942]) | 530 |
| 5.3. Maria de Medeiros, <i>Capitães de Abril</i> (2000) | 531 |
| 5.4. Carlos Coelho da Silva, <i>O Crime do Padre Amaro</i> (2005) | 534 |
| 6. BADAPE: Publicidade (Amostra) | 535 |
| 7. BADAPE: <i>Cartoons</i> (Amostra) | 543 |
| 8. BADAPE: Música/Textos Musicados (<i>Youtube</i>) (Amostra) | 545 |
| 9. BADAPE: <i>Varia</i> (<i>Blogs, Facebook, etc.</i>) (Amostra de A a C) | 547 |

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

- * = agramatical; não aceitável.
- ? = duvidoso, a nível gramatical ou pragmático.
- # = impropriedade pragmática.
- > = dá origem a (etimologicamente).
- / = mudança de linha, verso ou parágrafo.
- Academia = *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências de Lisboa.
- adj. = adjetivo.
- adv. = advérbio.
- ale. = alemão.
- APL = Associação Portuguesa de Linguística.
- BADAF-PE = Base de Dados Fraseológica do Português Europeu.
- BF = *Boletim de Filologia*.
- búlg. = búlgaro.
- c. de = cerca de; aproximadamente.
- cap. = capítulo.
- CAPLE = Centro de Avaliação de Português Língua Estrangeira.
- CEF = Centro de Estudos Filológicos.
- CEHUM = Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.
- CFG = *Cadernos de Fraseologia Galega*.
- chin. = chinês.
- CLUL = Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- CLUP = Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- CM = *Correio da Manhã* (jornal diário).
- col. = coluna.
- conj. = conjunção.
- cor. = coreano.
- cro. = croata.
- CRPC = *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*.
- DCP = *Dicionário de Combinatórias do Português*.
- DEC = *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain*.
- DM = *Diário do Minho* (jornal diário).
- DN = *Diário de Notícias* (jornal diário).
- DT = *Dicionário Terminológico*.
- e. g. (lat.) = *exempli gratia*; por exemplo.
- ed. = edição.
- EI = Expressão Idiomática.
- EN APL = Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística.
- esp. = espanhol.
- ex. = exemplo.
- F = sexo feminino.
- Fac. = Faculdade.
- FLUC = Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- FLUL = Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- FLUP = Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- fra. = francês.
- gal. = galego.
- greg. = grego.
- Houaiss = *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

ILCH = Instituto de Letras e Ciências Humanas (Universidade do Minho).

inf. = informante.

ing. = inglês.

ita. = italiano.

JL = *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (semanário).

JN = *Jornal de Notícias* (diário).

lat. = latim; latinismo.

LE = Língua Estrangeira.

LM = Língua Materna.

LNМ = Língua Não Materna.

loc. = locução.

M = sexo masculino.

MEC = Miguel Esteves Cardoso.

Metas = Metas Curriculares de Português – Ensino Básico (2012).

n. = nome.

n.º = número.

NR = não responde.

p. / pp. = página / páginas.

PA = Português de África.

PB = Português do Brasil.

PE = Português Europeu.

PELM = Português Europeu Língua Materna.

PELNМ = Português Europeu Língua Não Materna.

PLE = Português Língua Estrangeira.

PLM = Português Língua Materna.

PLNM = Português Língua Não Materna.

plu. = plural.

pol. = polaco.

port. = português port.

Porto Editora = *Dicionário da Língua Portuguesa 2013*.

prep. = preposição.

Programa = Programa de Português do Ensino Básico (2009).

prov. = provençal.

Público = *Jornal Público* (diário).

QECR = *Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas*.

RL = *Revista Lusitana*.

RM = *Revista do Minho*.

rom. = romeno.

rus. = russo

Sábado = *Revista Sábado* (semanal).

séc. = século.

sing. = singular.

Sol = *Jornal Sol* (semanário).

sue. = sueco.

UA = Universidade do Algarve.

UF = Unidade Fraseológica.

UM = Universidade do Minho.

Univ. = Universidade.

UNL = Universidade Nova de Lisboa.

USC = Universidade de Santiago de Compostela.

UTAD = Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

v. = verbo.

vd. (lat.) = *vide* (indicação que remete o leitor para outro local do texto ou para outro texto).

Visão = *Revista Visão* (semanal).

vol. = volume.

24 horas = *Jornal 24 horas* (diário).

FIGURAS, GRÁFICOS, IMAGENS E QUADROS

FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1 – <i>Typologie des phrasèmes</i> (Mel'čuk, 2003) | 192 |
| Figura 2 – <i>Cartoon</i> : “Elias o Sem Abrigo” | 239 |

GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 1 – Frequência das UF | 266 |
| Gráfico 2 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 2 – Sentidos das expressões usadas (E01-E10) | 274 |
| Gráfico 3 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 2 – Sentidos das expressões usadas (E11-E20) | 274 |
| Gráfico 4 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 3 – Expressões / Respostas (E01-E10) | 278 |
| Gráfico 5 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 3 – Expressões / Respostas (E11-E20) | 278 |

IMAGENS

| | |
|--|-----|
| Imagem 1 – Publicidade: “Juntar o útil ao rentável” | 239 |
|--|-----|

QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 – A Fraseologia (González Rey, 2004. Adaptado) | 47 |
| Quadro 2 – <i>Locuciones</i> (Casares, 1992: 183) | 61 |
| Quadro 3 – Classificação das Unidades Fraseológicas em Espanhol: 1.º nível (Corpas Pastor, 1996) | 187 |
| Quadro 4 – Classificação das Unidades Fraseológicas em Espanhol: 2.º nível (Corpas Pastor, 1996) | 188 |
| Quadro 5 – Colocação e Frasema: Testes de Transformação (Iriarte Sanromán, 2001) | 198 |
| Quadro 6 – Proposta de Classificação dos Fraseologismos em Português (Vilela, 2002. Adaptado) | 206 |
| Quadro 7 – Proposta de Classificação das Unidades Fraseológicas | 222 |
| Quadro 8 – Proposta de Classificação das Expressões Idiomáticas | 225 |
| Quadro 9 – Constituição geral da BADAPE | 235 |
| Quadro 10 – Constituição da BADAPE: Jornais | 236 |

| | |
|--|-----|
| Quadro 11 – Constituição da BADAPE: Revistas | 236 |
| Quadro 12 – Constituição da BADAPE: Livros Literários | 237 |
| Quadro 13 – Constituição da BADAPE: Rádio e Televisão | 237 |
| Quadro 14 – Constituição da BADAPE: Cinema | 238 |
| Quadro 15 – Constituição da BADAPE: Publicidade | 239 |
| Quadro 16 – Constituição da BADAPE: <i>Cartoon</i> | 239 |
| Quadro 17 – Constituição da BADAPE: Música | 240 |
| Quadro 18 – Constituição da BADAPE: <i>Varia</i> | 240 |
| Quadro 19 – Competências linguísticas: competência lexical (QECR, 2001: 159-161. Adaptado) | 251 |
| Quadro 20 – Competência lexical: amplitude do vocabulário (QECR, 2001: 160) | 252 |
| Quadro 21 – Competência sociolinguística: adequação sociolinguística (QECR, 2001: 173) | 255 |
| Quadro 22 – Competência fraseológica em PLM: perfil sociolinguístico dos informantes | 263 |
| Quadro 23 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 1 – Frequência das UF | 265 |
| Quadro 24 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 1 – Frequência das UF Variantes | 268 |
| Quadro 25 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 1 – UF introduzidas pelos informantes | 269 |
| Quadro 26 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 1 – N.º total de UF/N.º de UF por informante | 270 |
| Quadro 27 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 1 – UF Variantes/Acrescentadas por Grupo | 271 |
| Quadro 28 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 1 – Desvios acentuados | 271 |
| Quadro 29 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 2 – Sentidos das expressões usadas | 273 |
| Quadro 30 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 2 – Sentidos das expressões/Grupo | 275 |
| Quadro 31 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 3 - Expressões/Respostas | 277 |
| Quadro 32 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 3 - Grupos/Respostas | 279 |
| Quadro 33 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: Dados sociolinguísticos | 285 |
| Quadro 34 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: UF Adjetivais | 290 |
| Quadro 35 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: UF Adverbiais | 290 |

| | |
|---|-----|
| Quadro 36 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: UF Conjuncionais | 291 |
| Quadro 37 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: UF Nominais | 291 |
| Quadro 38 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: UF Preposicionais | 291 |
| Quadro 39 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: UF Verbais | 292 |
| Quadro 40 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: N.º informantes/UF | 293 |
| Quadro 41 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: UF com sentido idiomático | 294 |
| Quadro 42 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: UF e desvios | 295 |
| Quadro 43 – As UF nos Manuais de PELM: 1.º Ciclo | 321 |
| Quadro 44 – As UF nos Manuais de PELM: 2.º Ciclo | 322 |
| Quadro 45 – As UF nos Manuais de PELM: 3.º Ciclo | 323 |
| Quadro 46 – As UF nos Manuais de PELM: Nível Secundário | 324 |
| Quadro 47 – As UF nos Manuais de PELNM: Níveis A1, A2, B1 e B2 | 327 |
| Quadro 48 – As UF nos Manuais de PELNM: Níveis Intermédio e Avançado | 328 |
| Quadro 49 – A fraseologia no <i>Ciberdúvidas da Língua Portuguesa</i> | 334 |

INTRODUÇÃO

1. Motivações: entre a razão e a emoção

“É este o erro de Descartes: a separação abissal entre o corpo e a mente” (António Damásio, *O Erro de Descartes*, 2003 [1994]: 255).

Muitas vezes, quando tentamos justificar as nossas preferências e tomadas de decisão, sentimo-nos a levantar premissas racionalmente inabaláveis sobre levezas sentimentais. Faz parte da natureza humana o convívio entre a razão e a emoção: “O coração tem razões que a razão desconhece”, afirmou Pascal no século XVII; “a emoção bem dirigida parece ser o sistema de apoio sem o qual o edifício da razão não pode funcionar eficazmente”, reforça agora António Damásio. Neste sentido, Pascal e Damásio fazem-nos crer que será um “erro” conceber um discurso científico seco de emoções¹.

Acalentados pela emotividade de tais argumentos, apresentemos agora algumas razões-emoções que explicam, de algum modo, a génese deste nosso trabalho. Para isso, socorrer-nos-emos de alguns fragmentos de excertos textuais que fomos recolhendo das nossas muitas leituras, na tentativa de, tal como num *puzzle*, construirmos uma imagem perceptível das nossas motivações:

- (1) “Em 2005, inscreveram-se no Ensino Básico quase 77 mil alunos oriundos de minorias étnicas.” (“Escolas transformadas em «torres de Babel»”, Alexandra Inácio, 08/11/2006, disponível em http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=578037, consultado em julho/2013)².

¹ É o próprio Damásio que invoca Pascal. Diz ele: “Se me fosse permitido alterar a sua [de Pascal] afirmação, diria: *O organismo tem algumas razões que a razão tem de utilizar*” (Damásio, 2003: 211). E diz ainda: “[...] é com cepticismo que encaro a presunção da ciência relativamente à sua objectividade e ao seu carácter definitivo” (Damásio, 2003: 19). Sobre a compatibilidade de um registo mais emotivo com o registo técnico, típico do discurso científico, veja-se, por exemplo, a tese de doutoramento de Leiria (2006), sobretudo a Introdução, e a dissertação de mestrado de Duarte (2006).

² Excerto completo: “Escolas [portuguesas] transformadas em “torres de Babel” / Em 2005, inscreveram-se no Ensino Básico quase 77 mil alunos oriundos de minorias étnicas. Destes, mais de 28 mil são de origem africana, 1300 asiáticos e 39200 europeus, principalmente do Leste da Europa”.

- (2) “A integração na escola dos alunos para quem o Português não é língua materna exige que reflectamos e ponhamos em comum todos os nossos projectos [...]” (Mateus *et al.*, 2008: 339)³.
- (3) “Exportação do ensino superior é cada vez mais uma aposta das universidades / O número de alunos estrangeiros a estudar em Portugal tem aumentado nos últimos anos” (“Atrair alunos estrangeiros pode render mais que exportar vinho”, Isabel Leiria, 06/07/2013, disponível em <http://expresso.sapo.pt>, consultado em julho/2013).

Com estes três excertos podemos esboçar já a imagem de um Portugal multicultural e de uma escola portuguesa a várias vozes. Devido à sua complexidade, este quadro social reclama o envolvimento de múltiplos agentes: Estado, escolas, professores, famílias e comunidade científica. Da nossa parte, e respondendo ao apelo de Mateus *et al.* (2008), comprometemo-nos a refletir sobre esta nova realidade e a partilhar os resultados dos nossos projetos, em nome do êxito escolar e social dos alunos que procuram as nossas escolas e universidades.

- (4) “A principal razão que me levou a estudar português é que gosto da língua, eu acho que é bonita” (aluno espanhol);
“Penso, que para aprender a língua estrangeira, é muito bem estar no país estrangeiro. E a UM foi uma possibilidade, que escolhi” (aluno checo).
(Curso Intensivo Sócrates/Erasmus, PLE-Nível A2, UM, 18/08 a 16/09/2005).
- (5) “Onze alunos italianos de Crotone foram recebidos na EB2,3 de Tadim durante dez dias, no âmbito do Programa Comenius” (*Correio do Minho*, 22/07/2010).

Mais dois excertos e mais uma imagem para acrescentarmos ao *puzzle* das nossas motivações. A primeira peça ilustra os nossos oito anos de ensino de PLE na Universidade do Minho (UM). Entre cursos anuais, de verão e intensivos Sócrates/Erasmus, foram às centenas os alunos a quem tentámos incutir o gosto pela língua e pela cultura portuguesas. As opiniões que transcrevemos foram colhidas mais ou menos ao acaso, mas espelham bem o apreço dos alunos estrangeiros pelo nosso país, instituições de ensino e seus agentes. Já o fragmento (5) dá conta de um projeto (chamado *Cuore*) que pôs em contacto duas escolas, durante os anos

³ Excerto completo: “A integração na escola dos alunos para quem o Português não é língua materna exige que reflectamos e ponhamos em comum todos os nossos projectos, os resultados que obtivemos e o progresso que observámos nas crianças que chegam ao nosso país provenientes da imigração, para que elas aqui encontrem o êxito escolar e social que lhes é devido, ao mesmo tempo que vão enriquecendo a língua portuguesa com as suas próprias identidades culturais”.

letivos de 2008/09 e 2009/10: uma italiana (de Crotone) e uma portuguesa (de Tadem-Braga). Este intercâmbio envolveu um total de 45 alunos e 7 professores e culminou com a visita da comitiva italiana à escola portuguesa, onde os alunos puderam interagir com os colegas portugueses e famílias de acolhimento, e ainda frequentar um Curso de Língua Portuguesa lecionado por nós. Este curso contribuiu para concretizar os objetivos gerais do Projeto *Cuore*: (i) “o reforço da dimensão europeia no ensino escolar”; (ii) “o estudo comparativo dos rituais do namoro e do casamento em Portugal e na Itália”; e (iii) “a aprendizagem de línguas e a consciência intercultural, em contextos formais e informais”⁴.

Fala-se constantemente da necessidade de formação de professores no âmbito do PLNM e de espaços alargados de reflexão sobre boas práticas (vd. Mateus *et al.*, 2008: 329-339). A esta necessidade respondemos com uma ação e um colóquio, intitulados, respetivamente, *Estratégias de Ensino/Aprendizagem do Português como Língua não Materna*⁵ e *Colóquio Diversidade Linguística na Escola/Universidade Portuguesa: O Caso do Português Língua Não Materna*⁶. Na ação, solicitada ao Centro de Formação pelos 21 docentes que a frequentaram, procurámos dar a conhecer os instrumentos teórico-práticos mais atualizados; mas empenhámo-nos sobretudo na procura conjunta de respostas para as muitas dificuldades enfrentadas pelos docentes nas suas escolas. Quanto ao colóquio, organizado por nós, ele permitiu-nos sentar à mesma mesa alguns dos principais agentes educativos: escolas e universidades, professores e alunos (portugueses e estrangeiros), famílias e juntas de freguesia. O resultado foi a assunção de

⁴ Está disponível um *powerpoint* nosso sobre o projeto *Cuore*, em http://www.babelium.uminho.pt/boas_praticas.php, consultado em 18/07/2013.

⁵ “A acção de formação (N.º B16) [25 h] “Estratégias de Ensino/Aprendizagem do Português como Língua não Materna” teve como principais objectivos: 1º - Proceder a uma revisão aturada de métodos e recursos educativos utilizados pelos docentes de Língua Portuguesa; 2º - Reflectir sobre as principais dificuldades que enfrenta o professor que contacta diariamente com alunos estrangeiros; 3º - Proporcionar aos formandos um contacto directo com recursos fomentadores da aprendizagem do Português como Língua não Materna; 4º - Sensibilizar os formandos para os métodos, recursos e estratégias adequados ao ensino da literatura e da cultura a discentes estrangeiros; 5º - Construir materiais/recursos pedagógicos de apoio ao ensino/aprendizagem do Português como Língua não Materna” (Excerto do Relatório Final, entregue ao Centro de Formação da Associação de Escolas Braga/Sul, em julho/2009, pelos Formadores Maria do Carmo Mendes e António Pereira).

⁶ “Na passada quarta-feira, 8 de Junho, pelas 21 horas, a Escola EB 2,3 de Tadem, sede do Agrupamento de Escolas Trigal de Santa Maria, recebeu, na sua Biblioteca, um Colóquio subordinado ao tema “Diversidade Linguística na Escola/Universidade Portuguesa: O Caso do Português Língua Não Materna”. Para reflectir sobre esta temática, foram convidados docentes de alguns dos Agrupamentos de Escolas do concelho de Braga com maior representatividade no domínio do ensino-aprendizagem do Português Língua Não Materna (PLNM): o Director Jorge Amado e o Professor José Machado, do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches; as professoras Anabela Pereira e Silvina Fidalgo, do Agrupamento de Escolas de André Soares; o Director José Sil e a Professora Filomena Santos, do Agrupamento de Escolas Trigal de Santa Maria. A representar a Universidade do Minho esteve a Professora Micaela Ramon, docente responsável pelos cursos de Português Língua Estrangeira naquela instituição” (Excerto de notícia enviada aos jornais *Correio do Minho* e *Diário do Minho*, em junho/2011).

um compromisso concertado, tendo em vista a integração escolar e social dos alunos imigrantes e das suas famílias.

- (6) “A fraseologia [ou expressão idiomática] é o modo normal de ser e estar perante a língua e o mundo” (Vilela, 2002: 219).
- (7) “En fait, ce sont la fréquence et la qualité de leur usage qui déterminent la différence entre un locuteur natif et un étranger qui a bien appris la langue: un natif parle en phrasèmes” (Mel’čuk, 2003: 4)⁷.
- (8) “The second volume of this handbook begins with chapter XIV, the *Phraseology in individual languages*. It singles out a few languages whose phraseology is already well researched [...], as well as languages for which little research on phraseology exists (e.g. Chinese and Arabic). Of course, a broader palette of languages would be desirable, but limitations of space in the Handbook and the difficulty of finding appropriate authors have reduced the ideal to the possible” (Burger *et al.*, 2007: “Foreword”, Volume 1, XVI).

Os cinco primeiros excertos justificam, de algum modo, o nosso especial apreço pelo ensino de PLM e PLNM (as experiências bem sucedidas no âmbito dos cursos de PLE, sobretudo na UM, e as ações de formação e reflexão sobre diversidade linguística na escola portuguesa tiveram um papel preponderante); os três últimos fragmentos visam explicar o nosso natural interesse pelas EI. E dizemos natural porque as EI são “o modo normal de ser e estar perante a língua e o mundo” (Vilela, 2002: 219). Melhor: perante a sua língua e o seu mundo. Na verdade, há diferenças, de frequência e de qualidade, no uso de frasemas (colocações, EI, provérbios, fórmulas de rotina...) entre um nativo e um estrangeiro que aprende uma língua: “un natif parle en phrasèmes” (Mel’čuk, 2003: 4). No caso do português, interessa-nos, em primeiro lugar, integrar o estudo das EI na área científica a que pertence – a fraseologia – e, em segundo, contribuir para que os frasemas, em geral, e as EI, em particular, passem naturalmente a fazer parte das competências gerais e comunicativas do aluno de PLNM.

Mas haverá uma fraseologia portuguesa (com estudos sistemáticos e suficientemente conhecidos), como há uma fraseologia espanhola ou alemã ou russa? As palavras de Burger *et al.* (2007) fazem-nos acreditar que não. De facto, o segundo volume desta obra inicia-se com o

⁷ Este artigo encontra-se disponível em <http://olst.ling.umontreal.ca/pdf/Collocations-Szende.pdf>, com a seguinte paginação: 1 a 43. Consulta realizada em 26/03/2013.

capítulo XIV, intitulado “Phraseology in individual languages”. Com maiores ou menores desenvolvimentos, assiste-se ao desfile de 16 estudos, de diversos especialistas, que correspondem, grosso modo, ao mesmo número de línguas⁹. Como seria de esperar, figuram nesta listagem as línguas mais faladas do mundo: inglês, chinês, espanhol, russo, alemão, francês... Mas em relação ao português, a quarta ou quinta língua mundial com cerca de 250 milhões de falantes, não há qualquer referência. Esta omissão vai-nos encorajar a definir, ao longo deste trabalho, o lugar ocupado pela língua portuguesa no vasto território da fraseologia internacional.

2. Objeto de Estudo, Objetivos, Metodologias e Organização do Trabalho

Depois de, no ponto anterior, termos tentado explicar as razões e emoções que nos conduziram a este trabalho de investigação, procuremos agora definir o seu objeto de estudo, objetivos, metodologias e organização.

O título do nosso trabalho é “Competência Linguística em Português Europeu Língua Materna e Língua Não Materna: Aquisição, Ensino e Aprendizagem de Expressões Idiomáticas”. Nele destacamos dois eixos que identificam o nosso objeto de estudo: um mais geral – “Português Europeu Língua Materna e Língua Não Materna” -, o outro mais específico – “Expressões Idiomáticas”.

Quanto aos objetivos gerais, interessa-nos sobremaneira (1) aferir a relevância dos estudos fraseológicos do português, integrando-os no contexto internacional, (2) reapreciar a noção de unidade fraseológica, em geral, e de expressão idiomática, em particular, tendo em vista a sua aplicabilidade ao ensino-aprendizagem do PLM e PLNM, (3) avaliar a competência fraseológica (mas também linguística, sociolinguística e pragmática) que o utilizador de português europeu (PELM e PELNM) possui em contexto de ensino-aprendizagem de expressões idiomáticas.

Como pressupostos ou hipóteses de partida para a nossa investigação, formulamos os seguintes:

⁹ A saber: “*English phraseology, Phraseologie des Deutschen, Dutch phraseology, Luxembourgish phraseology, Phraseologie des Jiddischen, Phraseologie des Schwedischen, French phraseology, Italian phraseology, Phraseologie des Spanischen, Russian phraseology, Slovak phraseology, Phraseologie des Finnischen, Arabic phraseology, Phraseologie des Chinesischen, Korean phraseology e Phrasology in planned languages*” (Burger *et al.*, vol. 2, 2007).

(1) Apesar de não figurar nas mais importantes publicações e projetos de fraseologia geral, existem trabalhos sobre fraseologia portuguesa, com estudos abundantes e cientificamente consistentes sobre o português, produzidos maioritariamente por estudiosos do nosso país;

(2) Entre as unidades fraseológicas, as expressões idiomáticas são cênicas e prototípicas, mas a sua idiomaticidade não implica obrigatoriamente que todos os seus constituintes tenham, por si só, sentido figurado ou translático. Por outras palavras: embora se reconheça que em “chover a potes” (chover muito), por exemplo, o constituinte “chover” mantém, aparentemente, o seu sentido literal, a verdade é que o utilizador da língua apreende a expressão como um todo com sentido figurado. Assim, tal como “em palpos/papos de aranha” (atrapalhado), por exemplo, “chover a potes” é uma expressão idiomática porque é fixa e institucionalizada, constituída por duas ou mais palavras (sem constituir um enunciado ou ato de fala) e possui valor (global) idiomático. Podemos é talvez dizer que a expressão “em palpos/papos de aranha” é mais idiomática, mais prototípica do que “chover a potes”, como dizemos que, entre os frutos, a “maçã” é mais prototípica do que a “melancia”. Neste sentido, à semelhança do que acontece com as combinações lexicais fixas, as expressões idiomáticas não possuem um carácter discreto, mas gradual e contínuo, quanto ao seu grau de idiomaticidade e de fixidez;

(3) A competência fraseológica (tal como a linguística, sociolinguística e pragmática)⁹ varia em função da idade e do nível de escolarização do aprendente. Por outro lado, a competência fraseológica em PLM difere da competência fraseológica em PLN, e nesta varia em função da língua materna do aluno, do nível e do contexto de aprendizagem;

(4) As expressões idiomáticas, pela sua complexidade linguística (mas também sociolinguística e pragmática) e relevância comunicativa, devem ser assumidas como elementos estruturantes de uma língua, cuja competência deve ser trabalhada natural e explicitamente desde os primeiros níveis de escolarização, em PLM e PLN;

(5) Os materiais didáticos postos à disposição do aprendente (dicionários, manuais, recursos multimédia...) são insuficientes e pouco adequados, em termos de ensino-aprendizagem de expressões idiomáticas, em PLM e PLN.

⁹ Competências linguísticas, competências sociolinguísticas e competências pragmáticas são, segundo o QECR (2001: 156), as componentes das competências comunicativas.

Para abordarmos o(s) objeto(s) de estudo acima referido(s), cumprirmos os objetivos traçados e confirmarmos os pressupostos e hipóteses formuladas, não seguiremos um modelo linguístico-fraseológico único. Dada a natureza eclética (porque linguística, sociolinguística e pragmática) da unidade fraseológica, aproveitaremos das mais diversas teorias o que de melhor nos têm para oferecer em termos de análise e compreensão do nosso objeto de estudo: da psicologia e da linguística cognitiva, a teoria dos protótipos de Eleanor Rosch e a teoria da *Gestalt*; das neurociências, através de Castro-Caldas e António Damásio, a relação da capacidade do cérebro com a idade e com os contextos de aquisição, ensino e aprendizagem de uma língua; da linguística e da fraseologia, os modelos de Corpas Pastor, Mel'čuk e Vilela; da fraseodidática, as orientações de Leite de Vasconcelos, Bally, González Rey, Quadro Europeu Comum de Referência (QECR) e Dicionário Terminológico (DT), entre outros.

Chegados à fase da organização do nosso trabalho, decidimo-nos por uma estrutura constituída por seis capítulos. De seguida, apresentamos uma espécie de sumário para cada um deles, referindo, além do título e do(s) objetivo(s), as metodologias a adotar.

Capítulo 1: “Português Europeu: Língua Materna e Língua Não Materna”.

Objetivo(s): *Atualizar a noção de português/língua portuguesa, reforçando a sua especificidade e universalidade através de uma viagem no tempo e no espaço.*

Este objetivo afigura-se-nos fundamental para a compreensão do nosso trabalho uma vez que pretendemos encarar o português na sua relação com as outras línguas, reconhecendo-lhe, por um lado, unidade e diversidade e, por outro, especificidades e pontos de contacto.

Capítulo 2: “Fraseologia Geral”.

Objetivo(s): *Apresentar o estado da arte da fraseologia geral.*

Quando se começa a falar de fraseologia? Quem são os seus precursores? Que relação estabelece com as outras ciências? Que tipo de investigação fraseológica tem sido feita e que rumo se prepara para seguir? As respostas a estas perguntas têm como objetivo principal introduzir o capítulo seguinte, onde se procurará definir o lugar da fraseologia portuguesa no panorama internacional dos estudos fraseológicos. Deste modo, faremos uma apresentação diacrónica, assinalando os principais marcos da fraseologia geral, não só no domínio da produção individual (para o francês, Bally, 1909; para o russo, V.V. Vinogradov, 1946-1947; para o espanhol, Casares, 1950, e Corpas Pastor, a partir de 1995; entre outros), mas também no

âmbito das publicações e projetos multilinguísticos (como *Europhras*, desde 1999; *Widespread Idioms in Europe and Beyond*, 2012; e *Cadernos de Fraseologia Galega*, a partir de 2000).

Capítulo 3: “Fraseologia Portuguesa”.

Objetivo(s): (1) *Averiguar se há estudos, sistemáticos e suficientemente conhecidos, sobre fraseologia portuguesa, tal como há fraseologia teórica sobre outras línguas;* (2) *Dimensionar a influência da fraseologia geral na fraseologia portuguesa, identificando alguns dos autores e textos que mais contribuíram para os estudos fraseológicos portugueses.*

Como tivemos já a ocasião de o referir, Burger *et al.* (2007) apresentam uma lista considerável de estudos fraseológicos de várias línguas do mundo, deixando de fora o português. Mas podemos falar de fraseologia portuguesa? Desde quando? Com que protagonistas? Terá havido contactos e influências entre a fraseologia geral e a fraseologia portuguesa? Como se pode prever, dada a importância e extensão dos problemas levantados, este capítulo ocupar-nos-á uma boa parte da nossa investigação. Primeiramente, recuperaremos do capítulo anterior as publicações e projetos internacionais que apresentam, em maior ou menor grau, contributos de investigadores nacionais e estrangeiros para a fraseologia portuguesa; depois, iremos à procura de estudos pioneiros de natureza fraseológica, sobretudo feitos em Portugal, pesquisa que nos levará até à Revista Lusitana (1887-1943), ao seu diretor (José Leite de Vasconcelos) e principais colaboradores (Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Óscar de Pratt, José Maria Adrião, entre outros). O terceiro capítulo deste nosso trabalho só ficará concluído depois de uma referência aos inúmeros investigadores que contribuíram para a consolidação da fraseologia portuguesa: Rodrigues Lapa, Herculano de Carvalho, Mário Vilela, Guilhermina Jorge, Iriarte Sanromán, Hans Schemann e Idalete Dias, entre muitos outros.

Capítulo 4: “Unidades Fraseológicas e Expressões Idiomáticas”.

Objetivo(s): (1) *Contribuir para a clarificação do conceito de unidade fraseológica, em geral, e de expressão idiomática, em particular, partindo das classificações de alguns autores em direção a um conceito mais eclético e de aplicação pedagógica;* (2) *Constituir uma base de dados fraseológica, tendo como fontes textos jornalísticos, publicitários, literários, musicados, cinematográficos e cartoons.*

Para cumprirmos o primeiro objetivo, revisitaremos algumas das principais classificações das UF/frasemas (sobretudo de Corpas Pastor, 1996, e de Mel’čuk, 2003) e lembraremos as suas características linguísticas mais relevantes. Quanto ao segundo objetivo, consideramo-lo da maior relevância para a nossa investigação uma vez que o estudo de uma língua deve fazer-se,

sempre que possível, a partir de documentos autênticos, que retratem a sua multifuncionalidade e poder expressivo. Neste sentido, recolheremos, de tipologias textuais diversas (textos escritos e orais, literários e não literários...), unidades fraseológicas como colocações, enunciados fraseológicos e, sobretudo, locuções idiomáticas (vd. conceito de unidade fraseológica em § 4.1.), integrando-as em enunciados que nos possam elucidar, sempre que possível, sobre o seu significado e dimensão sociolinguística, pragmática e fraseológica. Feito este levantamento, organizaremos as unidades fraseológicas alfabeticamente (a partir da primeira palavra: **a torto e a direito**, **cabeça de alho chocho**, **fazer das tripas coração**, etc.) para delas nos servirmos nas nossas reflexões teóricas e na produção de materiais didáticos.

Capítulo 5: “Competências Comunicativas, Linguísticas e Fraseológicas: Aquisição, Aprendizagem e Ensino de EI em LM e LNM”.

Objetivo(s): (1) *Definir o lugar da competência fraseológica no âmbito das competências comunicativas e linguísticas do Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas (QECR);* (2) *Avaliar a competência fraseológica em PLM e PLNM, através da análise de produções escritas de alunos.*

Estes dois objetivos servirão, por um lado, para comprovar a importância da competência fraseológica e, por outro, para tentar compreender os processos de aquisição e aprendizagem de UF (vd. § 4.1. e § 4.2.). Relativamente ao objetivo (2), começaremos por abordar a competência fraseológica em contexto de PLM. Para isso, elaborámos uma ficha de caracterização sociolinguística e três atividades (vd. ANEXO 5) que permitam definir o perfil sociolinguístico dos informantes e testar a sua competência fraseológica, não só no domínio da compreensão oral, mas também da leitura e da escrita. Todas as atividades foram aplicadas em sala de aula, nos anos letivos 2009-10 (uma pequena parte) e 2012-13 (a parte mais substancial). A amostra é constituída por 141 alunos da Escola Básica Trigal de Santa Maria (Tadim-Braga). Destes, 82 (58,2%) são do sexo masculino e 59 (41,8%) do feminino, organizados em 3 grupos de acordo com o nível de escolaridade: Grupo 1 (2.º ciclo; 26 informantes; média de idades: 11 anos); Grupo 2 (3.º ciclo; 99 inf.; média de idades: 13,6); Grupo 3 (Curso de Educação e Formação de Adultos-Nível Secundário; 16 inf.; média de idades: 24,9). As características desta amostra foram ditadas quer pelos objetivos do estudo (análise da competência fraseológica de alunos de PLM), quer pelos recursos (humanos e materiais) de que dispúnhamos.

Para o caso do PLNM, socorremo-nos dos materiais que resultaram do projeto “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”, coordenado por Isabel Leiria e

disponível *online*¹⁰. Esta recolha diz respeito a 397 alunos, de 28 línguas maternas diferentes, à data a frequentar cursos de PLE em dezoito universidades de diversos países. Situados em níveis de aprendizagem diferenciados (de A1 a C2), os aprendentes produziram um total de 470 textos a partir de um estímulo que remetia para uma das três grandes áreas temáticas, contempladas no projeto do *Português Fundamental*: (1) “O indivíduo”, (2) “A sociedade”, (3) “O meio ambiente”. Depois de observadas as produções escritas, escolhemos as que resultaram de um estímulo pertencente à área “O indivíduo”. Na análise dos textos, teremos em conta fatores como o nível de aprendizagem/escolaridade e a idade do aprendente, e, de forma menos explícita, a sua língua materna e o contexto de aprendizagem (formal/informal, de imersão...).

Apesar de reconhecermos algumas limitações às amostras de que nos servimos, estamos em crer que será possível aproveitar, dos dados recolhidos, indicadores úteis sobre o nível de proficiência fraseológica dos alunos de PLM e PLNM.

Capítulo 6: “Análise e Produção de Materiais Didáticos: Competência Linguístico-Fraseológica em Português (LM e LNM)”.

Objetivo(s): *Analisar e produzir materiais didáticos, tendo em vista o ensino-aprendizagem de UF, sobretudo EI, em PLM e PLNM.*

Depois da seleção e análise de diversos recursos acessíveis ao grande público (dicionários, manuais, programas de rádio/televisão e sítios da internet), procuraremos identificar os pontos fortes e fracos desses recursos, no domínio fraseológico. De seguida, apresentaremos 20 propostas de atividades, e respetivas soluções, dirigidas a alunos de PLM (do 2.º ciclo ao secundário) e de PLNM (Níveis A a C, segundo o QEQR), com o intuito de desenvolver a sua competência linguístico-fraseológica.

Na parte final deste nosso trabalho surgem as Conclusões, as Referências Bibliográficas/Webgráficas e os Anexos: Anexo 1 - João Ribeiro, *Frases Feitas* (1908-1909); Anexo 2 – Contributos da *Revista Lusitana* (1887-1943) para a Fraseologia Portuguesa; Anexo 3 – Contributos da *Revista Polifonia* (1997-2004) para a Fraseologia Portuguesa; Anexo 4 – Contributos da *Associação Portuguesa de Linguística* (1985-2013) para a Fraseologia Portuguesa; Anexo 5 – Competência Fraseológica em PLM e PLNM: Ficha de Caracterização Sociolinguística e Atividades de Diagnóstico; Anexo 6 – Materiais Didáticos: Competência Linguístico-Fraseológica em Português (LM e LNM) (20 Atividades + Soluções); Anexo 7 – BADAPE (Base de Dados Fraseológica do Português Europeu).

¹⁰ Vd. <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/314-corpora-of-ple>. Consulta efetuada em junho/2013.

CAPÍTULO 1

PORTUGUÊS EUROPEU: LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA NÃO MATERNA

“Muito mais é o que nos une / Que aquilo que nos separa”

(Carlos Tê/Rui Veloso, “Primeiro Beijo”, *O Concerto Acústico*, 2003)¹¹

1.1. O Português entre as línguas do mundo

“Sustentava contra ele Vénus bela,
Afeiçoada à gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nela
Da antiga, tão amada sua, Romana;
Nos fortes corações, na grande estrela,
Que mostraram na terra Tingitana,
E na língua, na qual, quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.”

(Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Canto I, est. 33)¹²

Esta célebre passagem d’*Os Lusíadas* leva-nos a reconhecer uma ligação forte entre a língua portuguesa e a língua latina. Mas esta ligação, por muito importante que seja, não é mais do que o resultado de uma das muitas fases da história do português.

À escala mundial, defende-se habitualmente a existência de seis a sete mil línguas vivas para uma população que ultrapassa os seis biliões. Diz-se que metade dessas línguas poderá estar em perigo de extinção¹³. Na Europa, o número de línguas aproxima-se das duzentas¹⁴. Entre

¹¹ Letra e música (trecho) de ‘Primeiro Beijo’, disponível em <http://www.ruiveloso.net/>, consultado em 18/07/2013.

¹² *Os Lusíadas* de Luís de Camões. Edição organizada por Emanuel Ramos, Porto, Porto Editora, 1985.

¹³ Os dados que apresentamos foram colhidos do sítio do Observatório da Língua Portuguesa, disponível em <http://www.observatorio-lp.sapo.pt/pt>, consultado em 18/07/2013. Sobre a extinção de línguas no mundo, veja-se <http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/ligacoes/sitios-de-interesse1/historia-d-lingua/em-100-anos-extinguir-se> e <http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/ligacoes/sitios-de-interesse1/historia-d-lingua/atlas-interactivo-das-linguas-em-perigo-no-mundo>, consultados em 18/07/2013.

¹⁴ “As línguas faladas na Europa (no seu sentido estritamente geográfico) são entre 150 e 200. Apresentam-se distribuídas por cinco famílias de línguas mais o Basco, uma língua isolada. Até aos dias de hoje, menos de 20% das línguas da Europa têm sido representadas na investigação fraseológica e dados fiáveis existem para menos de 10% das línguas europeias” (vd. <http://www.widespread-idioms.uni-trier.de.>, consultado em dezembro/2012).

as dez mais faladas no mundo, encontra-se o chinês-mandarim (com 845 milhões de falantes), seguido do espanhol (329 milhões), do inglês (328 milhões) e do português, no quarto lugar, com 244 milhões. De acordo com estes dados, a língua portuguesa será a terceira língua europeia mais falada, à frente, por exemplo, do francês, alemão e italiano. Geograficamente, os seus falantes distribuem-se por Portugal continental e insular (11 milhões), Brasil (195 milhões), Angola (19 milhões), Cabo Verde (0,51 milhões), Macau (0,54 milhões), Moçambique (23 milhões), Guiné-Bissau (1,64 milhões), S. Tomé e Príncipe (0,16 milhões) e Timor-Leste (1,17 milhões)¹⁵. Nos dois primeiros países (Portugal e Brasil), o português é língua materna da grande maioria da população, ao passo que nos restantes ele surge maioritariamente como língua oficial. Lembremos ainda as muitas comunidades de emigrantes portugueses espalhadas um pouco por todo o mundo, principalmente na Europa (França, Suíça, Alemanha, Luxemburgo ...), América do Norte (Canadá, Estados Unidos da América ...), América do Sul (Venezuela ...) e África do Sul.

Saber qual o lugar ocupado pelo português entre as diversas línguas será para alguns uma questão de suma importância; para nós, importante mesmo é reconhecer a sua presença forte e alargada no mundo e os traços linguísticos que mais o aproximam e afastam das restantes línguas. Quanto ao primeiro aspeto – reconhecimento da presença forte e alargada do português no mundo -, os dados acima apresentados são disso um importante testemunho¹⁶. Relativamente ao segundo – traços linguísticos que mais o aproximam e afastam das restantes línguas -, existem também numerosos estudos que o atestam. Em Castro *et al.* (2001)¹⁷, por exemplo, abordam-se aspetos como a “Árvore genealógica da língua portuguesa” (pp. 10-11) e “A família românica da língua portuguesa” (pp. 12-13). A este respeito, sabe-se que o português pertence à grande família das línguas indo-europeias, tal como a maioria das línguas da Europa, e à subfamília das línguas românicas, isto é, ao grupo das línguas que resultaram da expansão e fragmentação do latim vulgar. Tendo em conta os domínios da fonologia, morfologia, léxico, semântica e sintaxe, em Castro *et al.* (2001: 13) chama-se a atenção para alguns traços mais

¹⁵ Dados disponíveis no sítio do Observatório da Língua Portuguesa, em <http://www.observatorio-lp.sapo.pt/pt>, consultado em 18/07/2013. Interessa confrontar estes dados com os apresentados em Reto (2012), relativamente ao “Número de falantes e posição relativa das 10 principais línguas mundiais” (p. 40) e “Falantes nativos de português no mundo em 2010” (p. 42).

¹⁶ Sobre a presença da língua portuguesa no mundo, ver também Aguiar e Silva (in Moreira *et al.*, 2005: 25-35), Barbosa (1969 [1968]), Duarte (2002), Faria (in Mateus, 2001: 89-93), Ferreira (2001: 117-136), Fonseca (1985), Mateus & Villalva (2006: 21-28) e Reto (2012: 41-46).

¹⁷ Castro *et al.* (2001), *O Tempo da Língua*, disponível em <http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/ligacoes/sitios-de-interesse1/historia-d-lingua/o-tempo-da-lingua>, consultado em 18/07/2013.

específicos do português (e do galego) - em oposição ao castelhano, catalão, francês, italiano e romeno -, como a conservação da posição pós-verbal do pronome pessoal átono e a conservação da possibilidade de elisão do complemento direto: no português, “- Deste-*lhe* o livro? / - Sim, dei.”; no castelhano, por exemplo, “- *Le* diste el libro? / - Sí, se *lo* di.”¹⁸.

Tendo em conta a nossa experiência de ensino em PLE, no contacto com os alunos de diversas línguas maternas apercebemo-nos de que outros traços linguísticos do português, em virtude da sua especificidade, suscitavam, por um lado, curiosidade e, por outro, dificuldades acrescidas: a articulação das vogais médias (*para*, preposição ≠ *para*, forma do verbo *parar*; *ele* ≠ *ela*; *ovo* ≠ *ovos*) e dos ditongos nasais (*pão* ≠ *pau*), a supressão do sujeito (sujeito nulo: [*Eu*] *Gosto de ti.*), os usos dos verbos *ser* e *estar* (*Tu és bonita* ≠ *Tu estás bonita*), a distinção entre os pretéritos perfeito e imperfeito (e os muitos valores que este possui: imperfeito de cortesia, imperfeito com valor de condicional...) e o infinitivo pessoal ou flexionado, provavelmente uma das características mais originais da língua portuguesa uma vez que, “em todas as línguas românicas, só aparece no napolitano do século XV e, nas línguas não românicas, no húngaro” (Vásquez Cuesta, 1971: 529)¹⁹.

Embora determinados investigadores procurem “definir certos dos traços originais pelos quais o português se distingue dos outros idiomas” nos diversos domínios da língua (Teyssier, 1994: 191), os lexicais parecem ser a face mais visível dessa diferenciação. Segundo *Mateus et al.* (2003: 25), a “individualidade da língua portuguesa começou a desenhar-se no domínio do léxico e pode remeter-se para uma data próxima do século VI”. Já Piel (1989) prefere abdicar dos rigores cronológicos para se centrar no estudo das origens e estruturação do léxico português:

¹⁸ Sobre as línguas da Península Ibérica, veja-se Mateus (2002a). Relativamente à posição pós-verbal do pronome pessoal átono, ver, por exemplo, *Clíticos na História do Português*, de Ana Maria Martins (1994), e o artigo “Clíticos pronominais em português L2”, de Ana Madeira *et al.* (disponível em http://www.apl.org.pt/docs/21-textos-selecionados/41_Madeira_Crispim_Xavier.pdf, consultado em julho/2013).

¹⁹ Tendo em vista a relação especificidades-dificuldades do português, ver *Dificuldades da Língua Portuguesa*, de Said Ali (1.ª ed., 1908). O autor apresenta a sua obra dividida em 12 capítulos: *I – Fenômenos de intonação*; *II – Colocação dos pronomes pessoais regidos de infinitivo ou gerúndio*; *III – Colocação dos pronomes pessoais regidos de formas verbais finitas*; *IV – O infinitivo pessoal*; *V – Verbos sem sujeito*; *VI – O pronome “se”*; *VII – Todo o Brasil e todo Portugal*; *VIII – Haver e ter*; *IX – Participios duplos*; *X – O futuro*; *XI – Nomes próprios geográficos*; *XII – O purismo e o progresso da língua portuguesa*. Ainda no domínio das dificuldades do português, veja-se *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, de Peres e Mória (2003 [1995]), onde os autores identificam 6 grandes áreas críticas (*Estruturas argumentais*, cap. 2; *Construções passivas*, cap. 3; *Estruturas de elevação*, cap. 4; *Orações relativas*, cap. 5; *Coordenação*, cap. 6; e *Concordâncias*, cap. 7), e Costa (2001), *Gramática, Conflitos e Violações. Introdução à Teoria da Optimidade*.

“O léxico de uma língua de civilização é um organismo vivo, extremamente complexo na sua composição, pois resulta de um trabalho multissecular de elaboração e de selecção, cujos princípios se situam bastante para além da época em que o português se manifesta como instrumento literário nos primeiros documentos escritos (c. de 1200)” (Piel, 1989: 9).

Embora se admita que nunca será possível reconstituir todas as fases percorridas pelo léxico do português e “destrinçar a contribuição das muitas gerações que nele colaboraram até se constituir o magno edifício que hoje se nos depara nos grandes dicionários modernos”, não é difícil reconhecer que ao “caudal vocabular do primitivo património afluíu, em ondas sucessivas, uma infinidade de elementos estrangeiros, europeus e extra-europeus” (Piel, 1989: 9). Assim, o “magno edifício” do léxico do português é constituído pelo fundo latino (formas faladas-populares/cultas-literárias: *adro/átrio, cadeira/cátedra, delgado/delicado*, etc.) e por elementos pré-latinos (*bruxa, chaparro, tojo*, etc.), germânicos (*espia, luva, ufano*, etc.), árabes (*açúcar, alecrim, oxalá*, etc.), franceses/provençais (*chapéu, restaurante, viagem*, etc.), africanos (*ananás, batuque, inhame*, etc.), asiáticos (*andor, chá, leque*, etc.), americanos (*bata, cacau, tabaco*, etc.), italianos (*aguarela, piano, soneto*, etc.), espanhóis (*cavalheiro, moçoila, tertúlia*, etc.), ingleses (*bife, futebol, lanche*, etc.), holandeses (*amarrar, bacalhau, bombordo*, etc.) e muitos outros (vd. Castro *et al.*, 2001: 14).

Uma vez ou outra, nestes estudos semântico-lexicais, muito centrados na palavra, encontramos referências a combinatórias, como é o caso da locução “de bruços”, de origem basca (*buruz*, de cabeça), segundo Fonseca (1985: 197). E é precisamente no domínio das locuções que, no nosso entender, podemos encontrar mais facilmente os tais “traços originais pelos quais o português se distingue dos outros idiomas” (Teyssier, 1994: 191). Na verdade, se pensarmos em certas locuções de sentido idiomático e com elementos onomásticos específicos da cultura portuguesa, como *cair o Carmo e a Trindade, ir no Batalha, mais velho que a Sé de Braga, meter o Rossio pela/na rua da Betesga, olho à Belenenses* e *ver Braga por um canudo*, não será difícil concluir que as locuções idiomáticas, associadas a outros traços linguísticos como o infinitivo pessoal e o uso dos pronomes enclíticos e mesoclíticos, parecem conferir à língua portuguesa um código genético próprio, um bilhete de identidade que a diferencia das demais (vd. Duarte, 2002: 103-106)²⁰.

²⁰ Maria Helena Carreira, em Bizarro, Moreira e Flores (2013: 32), aponta algumas especificidades, “cuja aprendizagem se revela complexa, mesmo para falantes de línguas próximas do português”: por exemplo, “o infinitivo português e a maleabilidade da construção sintática que advém da sua utilização, nomeadamente a nominalização do infinitivo” (ex.: *O pensarmos/o fazeres é um contributo esperado*) e as

Mas se é verdade que o português beneficiou de múltiplos contactos linguísticos e culturais, enriquecendo “o seu fundo latino com empréstimos pedidos a línguas tanto próximas como distantes” (Castro *et al.*, 2001: 14), não é menos verdade que nesses contactos terá também deixado o seu contributo:

“As armas e padrões portugueses, póstos em África e em Ásia, e em tantas mil ilhas fóra da repartiçám das três pártes da terra, materiães sam, e póde-ás o tempo gastar, però nam gastará doutrina, costumes, linguágem, que os Portugueses néstas térras leixárem” (Barros, 1971 [1539-1540]: 405).

Avaliando a influência exercida pelo português e pelos portugueses sobre as línguas e culturas do mundo, interessam-nos, sobremaneira, os muitos relatos que nos dão conta do uso alargado do português por parte de outros povos e também os numerosos vocábulos de origem portuguesa, sobretudo no domínio prático, que entraram, direta ou indiretamente, em diversas línguas estrangeiras: no francês (várias centenas de palavras: *cobra, coco, marmelade...*), castelhano (também em número elevado: *barroco, canela, chapa...*), italiano (numerosos vocábulos: *autodafé, banana, caravella...*), inglês (cerca de meia centena: *albino, caste, marmalade...*), alemão (em número reduzido: *chamada, feitiço, mandarin...*) e holandês (cerca de duas centenas: *barra, cento, a contento...*), entre outras²¹.

Sobre a importância do passado da língua portuguesa parece não haver dúvidas: ela terá sido, nos séculos XVI-XVII, “a língua mais espalhada no mundo”, como viria a ser o francês no século XVIII e o inglês a partir do século XIX (Ferreira, 2001: 133)²². Quanto ao presente e ao futuro, esta língua, com cerca de 800 anos e 250 milhões de falantes, é agora vista como a “nova língua do poder e dos negócios”, motivo que terá levado Steve Bloomfield a afirmar, no editorial da revista *Monocle* (outubro, 2012), que está na hora de o resto do mundo começar a aprender um pouco de português²³.

“formas de tratamento e a cortesia linguística em português (europeu)”. Nos próximos capítulos deste nosso trabalho, sobretudo no capítulo 4 – “Unidades Fraseológicas e Expressões Idiomáticas” -, teremos a oportunidade de relacionar as UF e as EI com esta questão das especificidades do português.

²¹ Veja-se Barbosa (1969 [1968]) e Fonseca (1985: 257-281).

²² Sobre a história do Português, veja-se Martins (2001), “Emergência e generalização do português escrito. De D. Afonso Henriques a D. Dinis”; Castro (2001), *Introdução à História do Português*; Cardeira (2006a), *O Essencial sobre a História do Português*; e Cardeira (2000b), “Periodização da língua portuguesa”.

²³ Nesta edição de outubro (2012), a revista *Monocle* dedica 258 páginas a explicar o porquê de o português ser a nova língua do poder e dos negócios: “Generation Lusophonia: Why Portuguese is de new language of power and trade”, lê-se na capa. Sobre a comemoração dos 800

1.2. Português Europeu: Língua Materna e Língua Não Materna

Já dissemos que a língua portuguesa não é homogénea e que existem diferentes variedades nacionais. Neste nosso trabalho, consideraremos exclusivamente a variedade falada em Portugal continental e insular (o português europeu ou PE), mas, sempre que se justificar, confrontá-la-emos com as suas congéneres - o português do Brasil (PB), o de África (PA), o de Macau e o de Timor-Leste – nas suas diferenças fonológicas, lexicais e sintáticas (vd. Duarte, 2002: 107; Mateus, 2002: 15-25; Mateus & Cardeira, 2007)²⁴.

Posto isto, voltemos agora a nossa atenção para o conceito de português língua materna (PLM) e português língua não materna (PLNM). Para tal, recorreremos preferencialmente a três fontes²⁵: (1) Pinto, 2002 (Associação de Professores de Português)²⁶; (2) Leiria, 2006 (Universidade de Lisboa) e (3) *Dicionário Terminológico*, 2008 (Ministério da Educação e Ciência).

Pinto (2002) utiliza sempre a sigla PL2 para se referir a casos de português língua não materna (PLNM), isto é, PL2-PLNM. E fala de três aceções que o PL2 pode assumir: português língua estrangeira (PLE), português língua oficial e português em contexto de imersão²⁷.

anos de língua portuguesa, veja-se, por exemplo, os textos publicados pelo jornal *Pública*: “O PÚBLICO desafiou jornais dos sete países de língua oficial portuguesa a juntarem-se num debate global sobre o futuro do português, publicando um texto nas suas páginas a pretexto da celebração, a 27 de Junho, dos 800 anos da língua portuguesa. Os textos são assinados por directores e jornalistas especialistas na questão da língua. O resultado surge agora aqui compilado.” (<http://www.publico.pt/800-anos-da-lingua-portuguesa#/1>, consulta efetuada em 06/07/2015).

²⁴ Em Mateus e Cardeira (2007: 55-58), por exemplo, é possível encontrar alguns dados sobre as diferenças entre o Português Brasileiro (PB) e o Português Europeu (PE), sobretudo ao nível fonético, morfológico e sintático.

²⁵ Na verdade, são muitos os autores que têm refletido sobre estas questões. Veja-se, por exemplo, o que diz Maria José Grosso em *QuaREPE-Documento Orientador*: “Os conceitos de língua materna, língua estrangeira, língua segunda são conceitos polissémicos que não correspondem a uma definição linear. O conceito de Língua Materna apela ao de língua da socialização, que, por definição, transmite à criança a mundividência de uma determinada sociedade, cujo principal transmissor é geralmente a família. O conceito de Língua Estrangeira facilmente se define como a língua que não faz parte dessa socialização primária, estando subjacente uma série de princípios metodológicos. Na tradição da didáctica das línguas, o conceito de Língua Segunda ocorre frequentemente como a língua que, não sendo materna, é oficial (ou tem um estatuto especial) sendo também a língua de ensino e da socialização secundária. Há, no entanto, alguns autores que consideram que é Língua Segunda desde que os aprendentes estejam em imersão linguística, num contexto em contacto com os falantes nativos da língua que aprendem” (Grosso, 2011: 4).

²⁶ No seu pequeno livro *O Essencial sobre Política de Língua*, Paulo Feytor Pinto discorre sobre diversos aspetos da política da língua portuguesa e apresenta algumas noções sobre língua materna, língua não materna, língua segunda e língua estrangeira. Veja-se, por exemplo, o que diz sobre língua não materna: “língua diferente da língua materna; termo utilizado para evitar a distinção entre língua segunda e língua estrangeira que nem sempre é consensual” (Pinto, 2010: 94).

²⁷ Diz Pinto (2002: 351): “Nas últimas décadas, em Portugal, PL2 tem tido três aceções algo distintas. Pode referir-se ao estatuto da língua portuguesa para todos aqueles que não a têm como língua materna [...], ou seja, tanto se pode aplicar a um anglófono residente em Inglaterra como residente em Portugal. Nesta aceção, PL2 pode ser sinónimo de “português língua estrangeira” ou de “português língua não materna. / Com a independência dos países africanos que adoptaram o português como língua oficial, PL2 passa a designar também o estatuto

Por sua vez, Leiria (2006) não se limita ao uso generalizado da sigla (P)L2. Se é verdade que a utiliza para cobrir todas as situações de PLNM, tal como Feytor Pinto, também é verdade que a autora prefere a designação LS para casos em que o português é língua oficial e LE para situações “de aprendizagem, de ensino ou de uso em ambiente exclusivamente formal, ou seja, em que não se verifica a variável imersão” (Leiria, 2006: 7)²⁸.

Quanto ao *Dicionário Terminológico* ou simplesmente DT (2008), tal como nas duas fontes anteriores também aqui se opõe (P)LM a todas as outras situações de (P)LNM. Nos casos de (P)LNM, surge “L segunda, L2” aplicada a contextos de imigração ou multilinguismo ou ainda para designar a aprendizagem de uma língua não materna em contexto escolar; quanto a LE, a sigla é utilizada para designar uma língua não materna e não oficial, sendo que, por vezes, LE - “L segunda, L2”²⁹.

Apesar dos esclarecimentos prestados pelas nossas fontes, subsistem as dúvidas. Que nome dar à situação de um aluno estrangeiro a frequentar um curso de português para estrangeiros numa universidade portuguesa? PLE seria, se o ensino, aprendizagem e uso se fizessem “em ambiente exclusivamente formal, ou seja, em que não se verifica a variável imersão” (Leiria, 2006: 7), como acontece com os muitos alunos estrangeiros que aprendem português (PLE) nas universidades dos seus países. Mas nos cursos de PLE, da UM por exemplo, os alunos aprendem língua e cultura portuguesas não só em contexto formal de sala de aula mas também *extra muros*, com falantes nativos de português. Neste caso, poderíamos falar talvez de PLE em contexto de imersão.

da língua portuguesa para aqueles que a não têm como língua materna [...] / A terceira acepção de PL2, mais recente, refere-se ao estatuto da língua portuguesa para quem, não a tendo como língua materna, vive num contexto em que ela é a língua necessária para a generalidade das funções sociolinguísticas [...]. A emergência recente desta terceira acepção de PL2 reflecte a crescente diversidade linguística que se tem vindo a verificar em Portugal. Para além de falantes de português, [...] há residentes em Portugal [...] que têm como língua materna o cabo-verdiano, a língua gestual portuguesa (LGP), o mirandês, o ucraniano, o romeno, o espanhol, o francês, o inglês e, eventualmente, o (romano-)caló”.

²⁸ De forma mais explícita, diz Leiria (2006: 7, nota 2): “Usarei a sigla “L2” como termo genérico para referir qualquer situação de aprendizagem, de ensino ou uso de língua não materna; usarei a expressão “língua segunda” (LS) para referir as situações em que ela é língua oficial; e usarei a expressão “língua estrangeira” (LE) para referir a situação de aprendizagem, de ensino ou de uso em ambiente exclusivamente formal, ou seja, em que não se verifica a variável imersão”.

²⁹ A este respeito, vale a pena transcrever o DT (2008, disponível em <http://dt.dgjdk.minedu.pt/>, consultado em julho/2013): “**Língua materna:** Língua com a qual um falante entra em contacto na infância, e que adquire em ambiente natural. / **Língua segunda, L2:** Língua materna de uma comunidade que, sobretudo por razões de imigração ou de multilinguismo, é aprendida por outros falantes da mesma comunidade a um nível secundário em relação à sua primeira língua. *É frequente o uso do termo “língua não materna” como equivalente de língua segunda, sobretudo quando refere uma língua que é aprendida em contexto escolar por falantes que não a têm como língua materna.* / **Língua estrangeira:** Língua que, tomado determinado país, não é língua materna de nenhuma comunidade antiga, nem tem, nesse país, um reconhecimento oficial. Por vezes, este termo é usado como sinónimo de língua segunda ou L2”.

As situações acima referidas, além de outras que possam ser invocadas (vd. Bizarro, Moreira & Flores, 2013: 26-29), permitem-nos concluir que as classificações L2 e LE apontam para contextos sociolinguísticos e de aprendizagem profundamente heterogéneos. E isto porque “as situações familiares, históricas, socioculturais, afetivas (relativamente à língua) são, de tal modo, diferenciadas que as classificações dicotómicas adotadas são forçosamente redutoras e, em certos casos, claramente inadequadas” (Carreira, in Bizarro, Moreira & Flores, 2013: 27).

Devido à variedade e complexidade das situações de aprendizagem associadas a esta problemática, e ainda tendo em conta a ausência de consensos, sobretudo na distinção entre L2, LS e LE, adotaremos, à semelhança de muitos outros investigadores (vd., por exemplo, Bizarro, Moreira & Flores, 2013, *Português Língua Não Materna: Investigação e Ensino*)³⁰, a terminologia simplificada e abrangente PLM e PLNM, para o caso do português, cabendo nesta última todas as situações em que o português não é língua materna (PL2, PLS, PLE).

1.3. O Português Língua Materna e Língua Não Materna no sistema educativo

No domínio do ensino-aprendizagem, sabemos que esta conceção diferenciada do português, pelo menos em termos de PLM e PLNM, se manifesta através de políticas e recursos também eles diferenciados. Assim, no sítio do Ministério da Educação, na área do “Português”³¹, podemos encontrar não só materiais do domínio do PLM (“Implementação do Programa de Português do Ensino Básico”), como também do PLNM (“Português Língua Não Materna”, “Prova de Língua Portuguesa para aquisição de Nacionalidade” e “Português para Falantes de outras Línguas”). Na subárea do “Português Língua Não materna”, são disponibilizados os seguintes recursos: “Informações”³², “Português língua não materna no currículo nacional”

³⁰ O título do livro coordenado pelas três autoras – *Português Língua Não Materna* – indicia a aceitação e abrangência da designação PLNM, expressa em diversos estudos que constituem a obra: “Português Língua Não Materna. Discutindo Conceitos de uma Perspetiva Linguística” (Cap. 2, Cristina Flores), ““Saberes Vulgares” de Africanos sobre a Língua Portuguesa: Um Contributo para o Português Língua Não Materna” (Cap. 5, Maria Helena Ançã), “Didática do Português Língua Não Materna - Língua Segunda/Língua Estrangeira [...]” (Cap. 9, José António Brandão Carvalho) e “A Formação de Professores de Português Língua Não Materna [...]” (Cap. 10, Rosa Bizarro/Fátima Braga), entre outros.

³¹ Disponível em <http://www.dgicd.min-edu.pt/outrosprojetos/index.php?s=directorio&pid=2>, consultado em 22/07/2013.

³² Relativamente a “Informações”, interessa ter presente o “Esclarecimento” relativo à oferta de PLNM no ensino básico e secundário, a partir do ano letivo de 2011/12. Diz o “Esclarecimento”: “Foi enviada para publicação no Diário da República uma alteração ao Despacho Normativo n.º 7/2006, de 6 de Fevereiro, que regulamenta o ensino do Português Língua Não Materna (PLNM) no ensino básico (cf. ofício-circular Ref.º OFCIRC/DGICD/2011/GD/7, de 10 de Agosto). / Foi também produzido um esclarecimento relativo ao funcionamento do PLNM no

(“Orientações Programáticas de Português Língua Não Materna (PLNM) – Ensino Secundário”, “Documento Orientador” e “Perfis Linguísticos”), “Recursos” (“Testes de diagnóstico para posicionamento dos alunos de PLNM em grupos de nível” e “Portal das Escolas-Recursos Educativos Digitais de PLNM”), “População escolar de português língua não materna” (“Relatório de PLNM 2006/07 e 2007/08” e “Dados recolhidos em 2004-2005”), “Projetos em parceria” (Mateus *et al.*, 2008. *Diversidade Linguística nas Escolas Portuguesas*), “Publicações” (por exemplo, QECR, 2001), “Legislação” e “Ligações Úteis” (ACIDI, APP-Associação de Professores de Português, APEDI- Associação de Professores para a Educação Intercultural, OIKOS)³³.

Um outro aspeto de grande pertinência no âmbito do ensino-aprendizagem do português prende-se com os instrumentos de avaliação. Será, portanto, conveniente conhecer os enunciados e critérios de classificação das “Provas finais” e “Exames nacionais” de Português, quer do Ensino Básico quer do Secundário, disponíveis no sítio do GAVE-Ministério da Educação e Ciência³⁴. Relativamente ao PLNM, existe a “Prova Final do 2.º e do 3.º Ciclo do Ensino Básico e Exame Nacional do Ensino Secundário” para o nível A2 e a “Prova Final do 2.º e do 3.º Ciclo do Ensino Básico e Exame Nacional do Ensino Secundário” para o nível B1, segundo o QECR. Em ambos os casos, a Prova/Exame é realizada por alunos do 6.º, 9.º ou 12.º ano de escolaridade. A estrutura da Prova/Exame aproxima-se da estrutura geral das Provas de Português (Língua Materna) do Ensino Básico.

ensino secundário, regulamentado pelo Despacho Normativo n.º 30/2007, de 10 de Agosto (cf. ofício-circular Ref.º OFC-DGIDC/2011/GD/8, de 16 de Agosto). / Assim, e de acordo com as alterações introduzidas, esclarece-se, desde já, o seguinte: / 1- Os alunos que se encontram no nível de iniciação ou no nível intermédio devem frequentar o PLNM, o qual, por força da alteração acima transcrita, passa a ser equivalente à disciplina de Língua Portuguesa, com a mesma carga horária desta disciplina. O professor de PLNM deve reservar 45 minutos da carga horária semanal para trabalhar a língua portuguesa enquanto língua veicular das restantes disciplinas. Os alunos dos níveis de iniciação e intermédio não frequentam, portanto, a disciplina de Língua Portuguesa. / 2- Os alunos que se encontram no nível avançado devem frequentar a disciplina de Língua Portuguesa e não o PLNM. / 3- Os alunos de PLNM são agrupados por nível de proficiência linguística e não por ciclo ou nível de ensino, devendo os materiais didáticos a utilizar ser adequados à faixa etária dos alunos. / 4- Cada grupo de nível de proficiência linguística deve ser constituído, no mínimo, por dez alunos, podendo agrupar-se, para este efeito, alunos dos níveis de iniciação e intermédio, de modo a respeitar esse mínimo. / 5- Os alunos de PLNM que obtenham aprovação na disciplina no final do ano lectivo transitam obrigatoriamente para o nível seguinte de proficiência linguística” (vd. <http://www.dgjidc.min-edu.pt/index.php?s=noticias¬icia=128>, consultado em 22/07/2013).

³³ No sítio da APP (em <http://www.app.pt/>, consultado em 22/07/2013), no espaço reservado à “Língua não materna”, faz-se referência à Revista RevPLE (<http://www.app.pt/revple/>) onde se pode ler o seguinte: “A Associação de Professores de Português apresenta a RevPLE: primeira revista eletrónica, em Portugal, de Português Língua Estrangeira, Português Língua Segunda e Português Língua Não Materna. É uma publicação de carácter científico-pedagógico com o objetivo de divulgar trabalhos de investigação - Divulgação de Trabalhos -, metodologias, estratégias, materiais e projetos referentes à temática - Práticas de Sucesso -, espaço de interação entre investigadores e professores - Voz dos Professores -, ao qual serão sempre bem-vindos os contributos de todos aqueles que se interessam por esta problemática. É objetivo da revista pautar-se por critérios de pertinência, atualidade e rigor científico, contando para isso com um corpo de especialistas reconhecidos a nível nacional e internacional. / Este projeto procura preencher uma lacuna no universo editorial português, contribuindo para a promoção e visibilidade da atividade prática e intelectual produzida na área de PLE”.

³⁴ Vd. <http://www.gave.min-edu.pt/np3/np3/451.html>, consultado em julho/2013.

Neste contexto de avaliação de PLN, faz todo o sentido mencionar o Centro de Avaliação de Português Língua Estrangeira (CAPLE), integrado na FLUL³⁵. Os exames produzidos pelo CAPLE constituem o Sistema de Avaliação e Certificação de PLE reconhecido pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, através do Instituto Camões, e pelo Ministério da Educação. Os “Exames para fins gerais” apresentam as seguintes modalidades³⁶: o CIPLE (Certificado Inicial de Português Língua Estrangeira), correspondente ao nível A2; o DEPLE (Diploma Elementar de Português Língua Estrangeira), que equivale ao nível B1; o DIPLE (Diploma Intermediário de Português Língua Estrangeira), equivalente ao nível B2; o DAPLE (Diploma Avançado de Português Língua Estrangeira), que corresponde ao nível C1; e o DUPLE (Diploma Universitário de Português Língua Estrangeira), equivalente ao nível C2. Em geral, o exame contempla as componentes “Compreensão da Leitura”, “Expressão Escrita”, “Compreensão do Oral” e “Expressão Oral”³⁷.

Em relação ao ensino do português no estrangeiro, existe um documento, concebido à semelhança do QECR, designado por QuaREPE - *Quadro de Referência para o Ensino do Português no Estrangeiro* (2011), coordenado por Maria José Grosso e publicado pelo dgdc-Ministério da Educação³⁸. O QuaREPE “aplica-se, fundamentalmente, aos alunos do ensino não superior, a viver em países cuja língua oficial não é o português” e apresenta três grandes objetivos: (1) desenvolver competências gerais em língua portuguesa; (2) contribuir para a promoção da cidadania democrática; (3) dotar a rede do Ensino do Português no Estrangeiro (EPE) de um instrumento que permita a reflexão sobre práticas pedagógicas e educativas, para além de desenvolver a identidade plurilingue e pluricultural dos alunos (vd. Grosso, 2011: 10). O QuaREPE é constituído por duas partes: o *QuaREPE–Documento Orientador* e o *QuaREPE–*

³⁵ Vd. <http://ww3.fl.ul.pt/caple/Exames/CIPLE.aspx>, consultado em 22/07/2013.

³⁶ Diz-se no sítio do CAPLE: “Os exames podem ser realizados por todos os maiores de 14 anos que queiram comprovar, para fins educativos, profissionais ou outros, a sua competência em português, nos termos reconhecidos por cada certificado ou diploma. Os candidatos que se inscrevem nos exames devem cumprir com os seguintes requisitos: a) Ser nacional de um país em que o português não é língua oficial. b) Ser nacional de um país de língua oficial portuguesa e residente ou não num país onde o português não é língua oficial, desde que assinalem pelo menos duas das seguintes condições: A primeira língua dos meus pais não é o português; A primeira língua que adquiri não foi o português; A minha principal língua de comunicação não é o português; Toda ou parte da minha escolaridade básica ou secundária não foi em português” (<http://ww3.fl.ul.pt/caple/Exames/CIPLE.aspx>, consultado em 22/07/2013).

³⁷ À semelhança do que acontece no QECR, é só nos níveis C1, através do DAPLE, e do C2, correspondente ao DUPLE, que a competência no domínio idiomático está prevista. No caso do DAPLE, diz-se: “Estão conscientes da relação intrínseca da língua com a cultura, nomeadamente através de formas idiomáticas [...]”. Em relação ao DUPLE, afirma-se: “Este nível permite-lhes aprofundar a componente cultural do português nas suas vertentes linguística (nomeadamente, através de reconhecimento e uso de idiomatismos; reconhecimento e uso potencial de prefixos e sufixos com adjectivos e advérbios marcados idiomáticamente, etc.), literária, histórica e artística”.

³⁸ Disponível em <http://www.dgdc.min-edu.pt/index.php?s=directorio&pid=67>, consultado em 20/07/2013.

Tarefas, Actividades, Exercícios e Recursos para a Avaliação. Tendo em conta os seus principais eixos de atuação – “identificação das necessidades do público-aprendente, definição de objectivos, selecção de conteúdos e métodos adequados ao público e aos contextos, construção de tarefas e [...] produção de materiais, avaliação e certificação” (vd. “Nota Introdutória” do QuaREPE) -, o *QuaREPE* é, na verdade, um instrumento teórico-prático, indispensável para o ensino-aprendizagem do PLNM mas que pode também ser aplicado ao PLM.

Ainda no âmbito do PLNM, um outro instrumento fundamental é *Ensino Português no Estrangeiro. Programa Níveis A1 A2 B1 B2 C1*, de 2012³⁹. Este programa está estruturado de acordo com os níveis de proficiência linguística estabelecidos pelo QuaREPE e, como este, têm como base o QECR, permitindo a operacionalização dos referenciais que os dois quadros (QuaREPE e QECR) estipulam. Relativamente a cada nível (de A1 a C1), apresentam-se as competências gerais, os descritores de desempenho e os conteúdos gramaticais para as competências nucleares da compreensão/produção/interacção do modo oral e escrito, “numa perspetiva progressiva de nível para nível” (*Ensino Português no Estrangeiro* [...], 2012: 6). Embora certos conteúdos estejam confinados a um nível previamente definido, como acontece, por exemplo, com as expressões idiomáticas (vd. *Ensino Português no Estrangeiro* [...], 2012: Nível B2, p. 84; Nível C1, p. 96), o carácter aberto, dinâmico e flexível que o programa pretende assumir permite-lhe adaptar-se à diversidade de contextos de ensino e de perfis sociolinguísticos dos aprendentes, tendo em vista a “promoção da língua e da cultura portuguesas e a progressiva construção de uma consciência plurilingue e pluricultural” (*ibidem*: 7).

1.4. Conclusão

(1) A língua portuguesa mergulha as suas raízes no indo-europeu e está umbilicalmente ligada à língua latina. Não é de estranhar, portanto, que apresente muitas parecenças com as suas irmãs, também elas línguas românicas (castelhano, romeno, italiano, francês...). Semelhanças à parte, a língua portuguesa tem um bilhete de identidade próprio, um código genético que a diferencia das demais: é que as EI (pelo menos um número significativo: *cair o*

³⁹ *Ensino Português no Estrangeiro. Programa Níveis A1 A2 B1 B2 C1* (2012), Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP, Direção de Serviços de Língua e Cultura, disponível em [file:///C:/Users/Ant%C3%B3nio/Downloads/Programas%20Compilacao_web%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Ant%C3%B3nio/Downloads/Programas%20Compilacao_web%20(1).pdf), consultado em 28/02/2015.

Carmo e a Trindade, ir no Batalha, mais velho que a Sé de Braga, meter o Rossio pela/ na rua da Betesga, olho à Belenenses, ser um zé-ninguém, ver Braga por um canudo...), à semelhança do infinitivo pessoal e dos pronomes enclíticos e mesoclíticos, parecem constituir a imagem de marca da *portugalidade*, a *alma* da língua portuguesa.

(2) Os termos e conceitos “Língua materna”, “Língua segunda, L2”, “LS” e “Língua Estrangeira, LE”, apesar de apontarem para situações de aquisição-aprendizagem-uso diferenciadas, designam a mesma realidade, no nosso caso o português/língua portuguesa, na sua unidade e diversidade. Adotámos a terminologia simplificada PLM e PLNM, cabendo nesta última todas as situações em que o português não é língua materna (PL2, PLS, PLE).

CAPÍTULO 2

FRASEOLOGIA GERAL

“Phraseology is a branch of linguistics with a significant tradition reaching back to Charles Bally’s “*Traité de stilistique française*” (2 vols., Heidelberg, 1909). Bally’s ideas were not extended immediately, but they were taken up by V.V. Vinogradov in the 1940s, leading to the initiation of numerous publications on Russian materials. Phraseology did not, however, become an internationally recognized and expanding area of research until the 70’s of the previous century. In the 70’s and 80’s various scholars [...] gave an overview of phraseology for that era from very different perspectives. Since then interest in phraseology has grown by leaps and bounds, as demonstrated by the abundance of international conferences and new publications in the various special areas of the field” (Burger *et al.*, 2007: “Foreword”, Volume 1, XII).

Estas palavras de Burger *et al.* (2007) afloram um conjunto de problemáticas de especial interesse para os estudos fraseológicos: desde já, a própria definição de fraseologia; depois, a forma como a investigação fraseológica se impôs ao longo dos tempos e o tipo de relação que estabelece com outras áreas do saber.

Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2003), o termo “Fraseologia” terá sido registado pela primeira vez em 1789, na 1.^a edição (Lisboa) do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de António de Morais Silva⁴⁰. Na 2.^a edição do dicionário de Morais Silva (Lisboa, 1813), encontramos a seguinte definição: “Fraseología, s.f. O modo de compôr as palavras segundo o uso de cada lingua, principalmente nas frases mais elegantes, e castiças desse idioma”⁴¹. Depois, quisemos saber o que queria dizer o autor com “frases castiças”: “Castiço, adj. De casta, e boa raça. De boa qualidade Portuguez castiço; palavras castiças; puras da lingua, sem nota, ou mescla de estrangeiras”. De acordo com estas definições de Morais Silva, podemos concluir que o sentido do termo “Fraseologia” se situa primordialmente no domínio da

⁴⁰ A 1.^a ed. do *Diccionario da Lingua Portuguesa* encontra-se na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa (vd. <http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1V12795666D8N.1026230&menu=search&aspect=subtab11&npp=20&ipp=20&spp=20&profile=bn&ri=&source=%7E%21bnp&index=.GW&term=Diccionario+da+lingoa+portugueza&aspect=subtab11&x=14&y=12#focus>. Consulta efetuada em dezembro/2012).

⁴¹ Já no *Grande Dicionário de Língua Portuguesa*, de António de Morais Silva, 10.^a edição (1949-1958), encontramos a seguinte definição (vol. V): “Fraseologia, s.f. (de *fraseo*+*-logia*). Construção de frases particulares de uma língua ou própria de determinado escritor: «fraseologia de Eça de Queirós». // Conjunto de frases agrupadas para o ensino de uma língua: «fraseologia francesa». // Discurso palavroso, mas sem ideias [...]”.

estilística, uma vez que está associado ao uso elegante e específico de uma língua. A fraseologia (portuguesa) parece exigir, assim, alguns atributos essenciais: elegância, correção, boa casta e portugalidade.

Fazendo fé nestas definições, é fácil perceber por que razão os fraseólogos, em geral, entendem a fraseologia (*fraseología*, em espanhol; *phraseology*, em inglês; *phraseologie*, em alemão; *phraséologie*, em francês)⁴² como uma subdisciplina da linguística (Corpas Pastor, 1996: 15; *idem*, 2000: 1; *idem*, 2003: 15; Burger *et al.*, 2007: XII; Kuiper, 2010). Em Kuiper, por exemplo, diz-se o seguinte: “In the past 30 years, phraseology has established itself as an internationally recognized branch of linguistics”⁴³. Na introdução da sua obra *Las Lenguas de Europa: Estudios de Fraseología, Fraseografía y Traducción*, Corpas Pastor (2000: 1) vai mais longe ao afirmar que “Los últimos diez años han supuesto un desarrollo sin precedentes de la fraseología. La que una vez fuera tímida rama de la lexicología há pasado a convertirse en una disciplina propia e independiente”. Quem parece afinar pelo mesmo diapásão é González Rey ao reclamar para a fraseologia um *status* disciplinar equivalente ao da linguística:

“A relación que imos defender neste traballo entre fraseoloxía e lingüística consiste en considerar ámbalas dúas nun plano de status disciplinar equivalente, é dicir, que tanto unha coma a outra posúen os mesmos elementos científicos de análise, aínda que teñan obxectos de estudo diferentes. A inclusión da fraseoloxía dentro do ámbito da lingüística é indiscutible, pero tendo en conta as características dos elementos que compoñen a primeira, tratados tradicionalmente por eidos diferentes como a lexicoloxía ou a estilística, é preciso acouta-lo seu campo de actuación, reivindicando un lugar propio que xa vén sendo defendido non só por moitos especialistas (fraseólogos e fraseógrafos) senón tamén por varios profesionais (tradutólogos e didactólogos)” (González Rey, 2004: 114).

Depois, a fraseóloga da USC propõe um quadro classificatório, que nós passamos a apresentar com algumas adaptações, onde figuram não só os traços endógenos da fraseologia

⁴² Corpas Pastor (1996: 16) indica algumas fontes: para a forma espanhola *fraseología* (Casares, 1992 [1950]; Zuluaga, 1980; Haensch *et al.*, 1982), para a forma inglesa *phraseology* (Cowie, 1981, 1991, 1992), para a forma alemã *phraseologie* (Boguslawski, 1979; Burgschmidt *et al.*, 1985; Gläser, 1986b, etc.). Nós acrescentamos a forma francesa *phraséologie* e apontamos como fonte Bally (1951 [1909]: 65-66).

⁴³ Vd. <http://www.degruyter.com/view/serial/42771>. É possível aceder a partes da obra em http://books.google.pt/books?id=zRAD9VmBE4cC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false, consultado em 20/04/2012.

(como, por exemplo, o seu objeto de estudo – as UF), mas também os seus domínios interno (fonético-fonológico, morfossintático...) e externo (psicofraseologia, fraseoedição...):

| DISCIPLINA | DIVISÕES | OBJETO | ENFOQUE | ÂMBITO | PONTO DE VISTA | DOMÍNIOS |
|-------------|---------------|------------------------|------------|----------|--------------------------------------|--|
| Fraseologia | Geral | Unidades Fraseológicas | Sincrónico | Teórico | Interno | Fonético-Fonológico Morfossintático Léxico-Semântico Pragmático |
| | | | | | Externo | Psicofraseologia Neurofraseologia Sociofraseologia Antropologia fraseológica/ Etnofraseologia |
| | | | | Aplicado | Interno | Fraseodidática Fraseotradutologia |
| | Externo | | | | Fraseoedição Fraseologia clínica | |
| | Terminológica | | Diacrónico | | Descritivo Histórico Comparado | |

Quadro 1 - A Fraseologia (González Rey, 2004. Adaptado)

A autora transpôs para a fraseologia a tipificação que geralmente se apresenta para a linguística. Assim, termos habitualmente utilizados para classificar os domínios da linguística, como *teórica*, *aplicada*, *sincrónica*, *diacrónica*, *descritiva* e *comparada*, surgem agora aplicados à fraseologia. O mesmo acontece para designar a relação estabelecida entre a fraseologia e demais disciplinas: da *psicolinguística* se chega facilmente à *psicofraseologia* e da *sociolinguística* à *sociofraseologia*. É caso para dizer que a fraseologia anda de mãos dadas com a linguística, mas também com a psicologia, a sociologia e a didática.

Por outro lado, é possível ainda descobrir na fraseologia objetos de estudo diferenciados. Ao reconhecermos, entre as UF, combinatórias como colocações, locuções e enunciados fraseológicos (segundo a terminologia de Corpas Pastor, 1996), podemos eventualmente assumir, dentro dos estudos fraseológicos, a existência de subdisciplinas. Assim, quando o objeto de estudo da fraseologia são, por exemplo, as parémiias ou provérbios, pode-se falar de paremiologia.

2.1. Fraseologia e Paremiologia

Distinguir fraseologia de paremiologia parece não ser tarefa fácil, pelo menos na prática. Ao defender-se habitualmente que a paremiologia estuda uma parte das UF, isto é, as que não são nem colocações nem locuções (Corpas Pastor, 1996), está a entender-se a paremiologia como uma subdisciplina da fraseologia. Assim, serão objeto dos estudos paremiológicos provérbios, anexins, adágios, fórmulas rotineiras..., ou seja, parémias ou UF que constituem enunciados (Corpas Pastor, 1996).

Na revista *Paremia*⁴⁴ podemos encontrar a seguinte informação relativamente à teoria paremiológica:

“Frente a la Paremiografía (disciplina lingüística dedicada a la sistematización de paremias procedentes de fuentes escritas u orales) que existe desde muy antiguo, es relativamente reciente el nacimiento de la Paremiología (disciplina lingüística que estudia las paremias o enunciados breves y sentenciosos) [...]” (*Paremia*. Disponível em http://www.paremia.org/?page_id=16, consultado em dezembro/2012).

Ambas as disciplinas (paremiografia e paremiologia) se complementam, à semelhança do que acontece com outros domínios linguísticos como lexicografia e lexicologia e fraseografia e fraseologia. As primeiras (paremiografia, lexicografia e fraseografia) dedicam-se à recolha e sistematização de material linguístico (parémias, lexemas e fraseologismos, respetivamente) e as segundas (paremiologia, lexicologia e fraseologia) a estudá-lo.

Segundo a teoria paremiológica defendida pela revista *Paremia*, parece clara a distinção entre fraseologia e paremiologia. Todavia, os 22 números, disponíveis *online*, da referida revista (o 1.º, de 1993; o 22.º, de 2013) mostram-nos que esta distinção pertence essencialmente ao domínio teórico. Morvay (1997), por exemplo, num estudo muito representativo da problemática em análise - “Aspectos lexicográficos y didácticos de la Paremiología y Fraseología”⁴⁵ -, defende uma relação muito estreita entre as duas disciplinas:

“Leyendo el título de mi conferencia se podría pensar que estoy loco de atar, ya que me atrevo a mentar la sogá en esta magna casa de estudios; o sea quiero hablar de Fraseología en un Congreso

⁴⁴ Disponível em http://www.paremia.org/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=47&lang=es, consultado em agosto/2013.

⁴⁵ Artigo incluído no n.º 6 da revista *Paremia*, pp. 423-432.

de Paremiologia. Pero sabrán que no soy el único que considera que el examen de las paremias puede y/o debe estar englobado en la Fraseología, disciplina lingüística que se dedica a la clasificación y caracterización de los diferentes tipos de combinaciones fijas de palabras. Esta afirmación, para mí, no cuestiona la razón de ser de las investigaciones paremiológicas más o menos independientes, siempre y cuando no se olvide de que se trata de fenómenos y disciplinas estrechamente relacionados entre sí” (Morvay, 1997: 423).

A assunção de uma relação de proximidade entre fraseologia e paremiologia é uma constante ao longo das dezenas de artigos que constituem a revista *Paremia*, já que neles os aspetos fraseológicos e os paremiológicos são abordados como faces de uma mesma realidade linguística. Esta constatação permite-nos concluir que, apesar de se tentar distinguir paremiologia de fraseologia, é o termo hiperónimo (fraseologia) que predomina, mesmo em edições consagradas aos estudos paremiológicos, como é o caso da revista *Paremia*. Mas mais importante do que a terminologia utilizada é perceber que o material analisado nesta revista paremiológica – fraseologismos em geral, mas também refrões⁴⁶ e EI – é o objeto de estudo habitual em qualquer obra fraseológica. Neste sentido, consideraremos, à semelhança de muitos investigadores, a paremiologia parte integrante da fraseologia, de modo a podermos falar de *fraseologia colocacional, fraseologia idiomática e fraseologia paremiológica*⁴⁷.

2.2. Precursores da Fraseologia

“Phraseology is a branch of linguistics with a significant tradition reaching back to Charles Bally’s “Traité de stylistique française” (2 vols., Heidelberg, 1909). Bally’s “ideas were not extended immediately, but they were taken up by V.V. Vinogradov in the 1940s, leading to the initiation of numerous publications on Russian materials” (Burger *et al.*, 2007: “Foreword”, Volume 1, XII).

Regressamos a Burger *et al.* (2007) para darmos conta dos principais precursores da fraseologia: Bally (1909) e Vinogradov (1946-1947), mas também Casares (1950).

⁴⁶ As formas de plural mais aceites são “refrões” e “refrãos”. Nós utilizaremos ora uma ora outra (vd., por exemplo, <http://www.priberam.pt/dlpo/refr%C3%A3o> e <http://www.ciberduvidas.com/pergunta.php?id=8528>).

⁴⁷ Sobre a relação fraseologia-paremiologia, veja-se Gerd Wotjak (Wotjak, 1998: 10), Maribel González Rey (in Wotjak, 1998: 58) e Gloria Corpas Pastor (in Wotjak, 1998: 365).

2.2.1. Bally (1909): Fraseologia e Estilística

A obra de Bally (1951 [1909]) *Traité de Stylistique Française* (doravante, *Traité*), em dois volumes, é geralmente apontada como a gênese da fraseologia⁴⁸. Bally, investigador suíço, ao publicar esta obra em 1909, contribuiu indubitavelmente para os fundamentos de uma ciência que, inicialmente integrada nos estudos estilísticos, viria a assumir-se como uma área de estudos com objeto e metodologia próprios. Discípulo de Saussure, Bally não esconde a admiração que sentia pelo mestre⁴⁹. E terão sido afirmações como as que se seguem que mais terão contribuído para moldar o pensamento fraseológico de Bally:

“[...] il y a des unités plus larges que les mots: les composés (*porte-plume*), les locutions (*s’il vous plaît*), les formes de flexion (*il a été*), etc. Mais ces unités opposent à la délimitation les mêmes difficultés que les mots proprement dits, et il est extrêmement difficile de débrouiller dans une chaîne phonique le jeu des unités qui s’y rencontrent et de dire sur quels éléments concrets une langue opère. / Sans doute les sujets parlants ne connaissent pas ces difficultés [...]” (Saussure, 1967: 148)⁵⁰.

Como afirma Bally, no ‘Avant-Propos’ do *Traité* (1951, 3.^a ed.), esta obra dá continuidade às investigações referidas no seu livro *Précis de Stylistique* (doravante, *Précis*), de 1905. Provavelmente, a sua leitura ajudará a compreender o *Traité*, mas Bally assume que ambos (*Traité* e *Précis*) diferem “sur plusieurs points”.

Ao definir a estilística como um domínio que “étudie la valeur affective des faits du langage organisé, et l’action réciproque des faits expressifs qui concourent à former le système des moyens d’expression d’une langue”, Bally (1951: 1) abre a porta da estilística a alguns dos materiais linguísticos que melhor podem traduzir esse “valeur affective” – a locução composta

⁴⁸ Corpas Pastor (2003: 39, nota 1), por exemplo, aponta também Hermann Paul como um dos “grandes precursores de la fraseologia del siglo XIX y comienzos del XX”.

⁴⁹ C. Bally e A. Sechehaye coligiram e organizaram os apontamentos dos três cursos de linguística geral (1906-1907, 1908-1909 e 1910-1911), lecionados pelo seu mestre Saussure, e publicaram, em 1916, o *Cours de Linguistique Générale* (vd. Saussure, 1999 [1916]: “Prefácio da 1.^a Edição”).

⁵⁰ Edição crítica de 1967, em francês, preparada por Tullio de Mauro, disponível em <http://elearning.ustb.edu.cn/UploadFile//20111229085049520.pdf>, consultado em 18/07/2013.

(“locution composée”). Mas que material linguístico é este e que parte da estilística o estuda?⁵¹

Bally explica:

“[...] l’unité psychologique excède les limites de l’unité graphique et s’entend sur plusieurs mots; le mot n’est qu’un élément de l’unité réelle, qui se trouve être alors une locution composée; si, dans un groupe de mots, chaque unité graphique perd une partie de sa signification individuelle ou n’en conserve aucune, si la combinaison de ces éléments se présente seule avec un sens bien net, on peut dire qu’il s’agit d’une locution composée [...]. C’est l’ensemble de ces faits que nous comprenons sous le terme général de **phraséologie**” (Bally, 1951: 65-66. Sublinhado nosso)⁵².

Mas estes grupos de palavras, consagrados pelo uso e aos quais Bally chama *locutions phraséologiques*⁵³, apresentam alguma heterogeneidade, pelo menos relativamente ao grau de coesão entre os termos que os constituem. Recorde-se que no *Cours de Linguistique Générale* (1916) do mestre Saussure (1967: 148) encontra-se o termo “locutions”: “il y a des unités plus larges que les mots: les composés (*porte-plume*), les locutions (*s’il vous plaît*)”. Assim, se essa coesão for “relativa”, as *locutions phraséologiques* dizem-se *séries phraséologiques* ou *groupements usuels*⁵⁴; se for “absoluta”, chamam-se *unités phraséologiques*. Nestas, as palavras que as compõem perdem a sua significação individual, impondo-se então uma nova significação que não equivale à soma das significações dos elementos que constituem a UF (vd. Bally, 1951: 65-66).

Mas como reconhecer uma *locution phraséologique*? Segundo Bally (1951: 75), recorrendo a *indices extérieurs* e a *indices intérieurs*, sendo que os primeiros são menos “seguros” que os segundos. Invocando os *indices extérieurs*, regra geral reconhece-se a unidade de um grupo quando se constata (vd. Bally, 1951: 75):

- (1) “qu’un groupe est composé de plusieurs mots *séparés par l’écriture*” (Mas *toujours*, de *tous jours*, é também uma locução);

⁵¹ Ao contrário do que acontece em L. Spitzer, em Bally “Estilística” não se confunde com o estudo do estilo; “Estilística” é antes “uma disciplina estritamente linguística” que se ocupa “do estudo dos meios linguísticos de expressão de uma comunidade de língua quando considerados sob o ponto de vista do seu conteúdo afectivo” (Iordan, 1973: 421).

⁵² Bally volta a utilizar, pelo menos mais uma vez, a palavra “phraséologie” na página 78.

⁵³ Ver p. 148 da ed. crítica de 1967, em francês, preparada por Tullio de Mauro, disponível em <http://elearning.ustb.edu.cn/UploadFile//20111229085049520.pdf>, consultado em 18/07/2013.

⁵⁴ Por exemplo, as “séries d’intensité”, como *gravement malade*, e as “périphrases verbales”, como *prendre une décision* em vez de *décider*.

- (2) “que ces mots sont disposés dans un *ordre invariable* et ne peuvent pas être séparés par d’autres mots” (Todavia, a locução *le premier venu* pode permitir a intercalação de outros elementos: *le premier homme venu*, por exemplo);
- (3) “qu’aucun des mots du groupe *ne peut être remplacé par un autre mot*” (Mas na locução *enfant bien élevé* é possível substituir a parte móvel *bien* por uma outra palavra sem pôr em causa a coerência do grupo: *enfant bien élevé / enfant mal élevé*).

Assumida a falibilidade dos *indices extérieurs* na determinação da unidade das locuções fraseológicas, a atenção deve virar-se para a elevada precisão garantida pelos *indices intérieurs*, a saber:

1) “Équivalence avec un mot simple” (Bally, 1951: 77-78). Coloca-se a possibilidade ou impossibilidade de substituir uma locução por uma única palavra, o “terme d’identification”: *battre en retraite* equivale sensivelmente a *se retirer*;

2) “Oubli du sens des éléments” (Bally, 1951: 78-79). A coesão dos elementos de uma locução prova que o utilizador pensa na locução como um todo coeso e não no sentido de cada um dos seus elementos. Se o fizesse, consideraria absurdas muitas das locuções que utiliza: *avoir maille à partir avec quelqu’un*, por exemplo. Este sentido completo e autónomo das locuções, correspondente a uma “unité de pensée”, leva Bally (1951: 87) a falar de “unité lexicologique”, isto é, uma unidade que pode ser constituída “par un mot, une partie d’un mot ou un groupe de mots”. Sobrepõe-se então esta noção de todo, o que desaconselha geralmente uma análise etimológica de cada um dos termos da locução;

3) “Locutions de forme analogue” (Bally, 1951: 79-80). Muitas locuções possuem uma forma análoga ou mesmo idêntica. Todavia, o sentido é completamente diferente: *prétendre une chose* significa “déclarer, soutenir”, enquanto *prétendre à une chose* equivale a “aspirer à la possession d’une chose à laquelle on croi avoir droit”. No caso de homónimos, *tenir à* é diferente em “*tenir à la richesse*” e “*tenir à une cause, en parlant d’un événement*”;

4) “Archaïsmes et expressions vieilles” (Bally, 1951: 80-82). No contexto ‘brandir un bâton *en guise de lance*’, a locução *en guise de* é de uso frequente. Um francês não sabe geralmente o significado do arcaísmo *guise*, ‘manière’, mas compreende sem esforço o sentido da locução *en guise de*. Bally (1951: 81) apresenta exemplos que remetem para um conceito alargado de arcaísmo. Existem *archaïsmes de sens* (em “*Il n’y a pas péril en la demeure*, le mot *demeure* [...], en tant que mot isolé, est parfaitement vivant; mais il n’est plus employé dans le

sens que suppose la locution (c. à d. «attente, expectative»)”) e *archaïsmes de syntaxe* (assim “la locution *faire panache* renferme un archaïsme de syntaxe [...]. Ce qui est archaïque, c’est simplement l’absence d’article; cette absence était normale dans une certaine période de l’ancien français”). Depois, Bally (1951: 82) conclui: “Un archaïsme est donc un fait de langage qui, pris isolément, n’est pas compris du sujet parlant et ne devient intelligible que par sa présence dans un groupe de mots; ce groupe seul a un sens, l’esprit ne s’arrêtant plus à l’analyse des éléments”;

5) “Oubli des rapports syntaxiques vivants; incorrections” (Bally, 1951: 83). Este índice remete para a negligência das leis da sintaxe, como a falta de concordância do adjetivo quando uma mulher diz «Je me fais *fort* de réussir»;

6) “Ellipse, pléonasme, dérivation, faits de prononciation” (Bally, 1951: 83-85). A elipse dos nomes, por exemplo, “était sentie à l’origine et le substantif était sous-entendu, précisément parce qu’il était facile de le suppléer au moyen du contexte et de la situation” (Bally, 1951: 84), como em ‘*emporter le prix (de la victoire)*’ que passou a *l’emporter*. O pleonasma, “qui est le contraire de l’ellipse, se voit plus rarement” (Bally, 1951: 84) e existe em exemplos como ‘*une seule et même personne*’. A derivação tem pouca relevância (“p. ex. *bonhomie* prouve à lui seul que *bonhomme* est une unité”). A pronúncia pode ser mencionada como um “índice fraseológico” mas os ouvidos de um estrangeiro geralmente não captam ‘nuances délicates’ como a pronúncia ‘négligée’ dos nativos: o advérbio *peut-être* é muitas vezes pronunciado *p’t-être* e até *p’t-ét* (vd. Bally, 1951: 84-85).

As últimas palavras de Bally (1951: 85-86), no capítulo dedicado à análise das “locutions composées”, vão para os “clichés”. Também eles objeto da fraseologia, os clichés apresentam-se como “cas intermédiaire entre l’expression usuelle et la création littéraire ou fait de style” (Bally, 1951: 85). Os clichés distinguem-se das demais locuções compostas por serem associados habitualmente ao texto literário e vistos como “perífrases estereotipadas”, gastas à força de serem repetidas. Os clichés são, em geral, censurados pela sua falta de originalidade, mas constituem uma tentação para quem deseja um discurso fluente e inteligível. Quando dizemos que algo é uma “verdadeira obra-prima”, não primamos pela originalidade estilística, é certo, mas conseguimos expressar eficazmente a nossa admiração pela excelência da obra.

Quanto à questão do ensino-aprendizagem das “locutions composées” na LM, Bally afirma que, dada a sua natureza “psychologique” e “affective”, a nossa memória retém melhor

as palavras em grupos do que as palavras isoladas. E conclui: “l’association des mots est, avec l’intervention du sentiment, la principale cause de l’assimilation rapide de l’idiome maternel” (Bally, 1951: 67). O mesmo não acontecerá num contexto de ensino-aprendizagem de uma LNM: “ni l’écriture, ni même la prononciation n’avertissent un étranger qu’il doit unir ou séparer les «molécules» que son instinct étymologique voudrait dissocier” (Bally, 1951: 68)⁵⁵. Daí ocorrerem frequentemente erros de tradução quando um estrangeiro se confronta com *locutions phraséologiques*, sobretudo se forem *séries*. Assim, perante a locução *tout de suite*, o aprendente estrangeiro facilmente cairá na tentação de a traduzir não como uma unidade mas como uma sequência livre de palavras. Ora, o estudo dos grupos fraseológicos “est très importante pour l’intelligence d’une langue étrangère” (Bally, 1951: 73). Pelo contrário, o emprego incorreto de grupos fraseológicos “est un indice auquel on reconnaît qu’un étranger est peu avancé dans le maniement de la langue ou qu’il l’a apprise mécaniquement” (Bally, 1951: 73). Mais adiante, e ainda em contexto de ensino-aprendizagem, Bally volta a comparar a LM com a LNM:

“[...] c’est une erreur de croire que, dans la pratique de la langue maternelle, on comprend tout ce qu’on dit ou écrit; il nous échappe en parlant une foule de mots sans signification pour nous, et nous conservons [...] une quantité de vestiges du passé de la langue dont nous ne saisissons par le sens, même grossièrement. En un certain sens, l’étranger qui apprend le français le «comprend» mieux que nous; je veux dire qu’il le saisit plus analytiquement que nous; supériorité peu enviable, du reste, car, dans l’étude de la phraséologie, ce don d’analyse est aussi préjudiciable que dans l’étude des mots isolés; pour bien comprendre l’esprit d’une langue, il faut en ignorer beaucoup de choses” (Bally, 1951: 78).

Mas a importância de Charles Bally para a fraseologia não se esgota num tratado teórico bem arquitetado sobre a natureza estilística das UF, estudadas numa perspetiva sincrónica. A sua preocupação com o ensino-aprendizagem, destas e de outras unidades linguísticas, levou-o a publicar um volume de exercícios, o segundo volume do *Traité* (1983 [1909]). Diz ele no primeiro parágrafo do “Avant-Propos”:

“Ces exercices ont été composés avant tout pour appuyer d’exemples aussi nombreux que possible les tendances linguistiques et les procédés de méthodes exposés dans le *Traité de stylistique*

⁵⁵ Curiosamente, depois do termo *molécules*, Bally (1951: 74-75) utiliza a expressão *combinaison chimique* para caracterizar as *unités phraséologiques*.

française; les questions à résoudre dans chaque exercice suivent pas à pas les explications de la partie théorique et ont pour objet d'éclairer par des faits les points essentiels exposés dans le *Traité*" (Bally, 1983: v).

Na nossa opinião, este segundo volume do *Traité*, pela multiplicidade de exercícios, devidamente contextualizados, e pelas explicações técnicas e metodológicas que oferece, é ainda hoje uma referência a ter em conta no ensino-aprendizagem de UF.

2.2.2. Vinogradov (1946-1947): Fraseologia e Linguística

Para abordarmos este autor russo, recorreremos à obra de Baránov & Dobrovol'skij (2009), *Aspectos teóricos da fraseologia*⁵⁶, e ao artigo de Velasco Menéndez (2010), "La aportación de V.V. Vinogradov al desarrollo de la fraseología rusa"⁵⁷, devido à impossibilidade de, pelos nossos próprios meios, acedermos à língua russa.

Depois de um começo tão auspicioso com Charles Bally, no início do século XX, podemos afirmar que a fraseologia parece ter marcado passo até aos anos 40 do mesmo século. Esperava-se, porventura, que as bases sólidas lançadas pelo investigador suíço tivessem acolhimento imediato, não só entre os estudiosos de língua francesa mas também entre outros que quisessem aplicar tais ensinamentos às suas línguas maternas. Todavia, uma resposta à altura só surgiu no final da segunda metade do século XX, quando o investigador russo Victor Vladimirovich Vinogradov (1894-1969) publicou dois artigos: "Conceptos principales de la fraseología rusa como disciplina linguística"(1946) e "Acerca de los tipos principales de unidades fraseológicas en la lengua rusa"(1947)⁵⁸. Com eles, reconhecia-se definitivamente à fraseologia o estatuto de disciplina linguística.

Nos seus artigos, Vinogradov propõe uma tipologia de UF do russo moderno, descrevendo a sua estrutura, delimitando os tipos principais, determinando as suas bases semânticas e a sua

⁵⁶ Baránov & Dobrovol'skij (2009), *Aspectos teóricos da fraseologia*, Xunta de Galicia, Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, disponível em http://www.cirp.es/pub/docs/cfg/aspectos_teoricos_fraseologia.pdf, consultado em 20/04/2012.

⁵⁷ Velasco Menéndez, Josefina (2010), "La aportación de V.V. Vinogradov al desarrollo de la fraseología rusa", *Eslavística Complutense*, 10, pp. 125-134, disponível em <http://www.ucm.es/BUCM/revistas/fil/15781763/articulos/ESLC1010110125A.PDF>, consultado em outubro/2011.

⁵⁸ Devido à barreira linguística que o russo constitui para nós, apresentamos a tradução em castelhano feita por Velasco Menéndez (2010: 125).

relação com a palavra. Para isso, serviu-se dos trabalhos de linguistas russos e estrangeiros como A. Sècheyay, I. A. Baudouin de Courtenay e A. A. Shájmatov⁵⁹. Todavia, foi Bally quem mais o influenciou. Une-os a perspectiva sincrónica que adotaram na análise do francês (no caso de Bally) e do russo (no caso de Vinogradov) modernos; une-os ainda alguma terminologia utilizada no âmbito dos estudos fraseológicos (vd. Baránov & Dobrovol'skij, 2009: 12; e Velasco Menéndez, 2010: 126).

Ao referir-se à UF, Vinogradov usa os termos *frases, idiomas, grupos fraseológicos cerrados, grupos indivisíveis fixos e unidades fraseológicas* (vd. Velasco Menéndez, 2010: 126). Todavia, para designar a unidade principal da fraseologia, Vinogradov seleciona a expressão *unidades fraseológicas*. Depois, propõe para estas unidades uma classificação de base semântica, isto é, assente numa análise que relaciona o significado do todo fraseológico com os significados dos seus componentes. Tendo em conta a natureza *motivada* ou *imotivada* do significado das UF, Vinogradov fala de *aderências* (ou *fusões*) *fraseológicas*, se o sentido for imotivado; de *expressões idiomáticas*, se ele for motivado; e de *combinações fraseológicas*, no caso de o significado ser *analítico* (vd. Velasco Menéndez, 2010: 126-127). As aderências e as expressões idiomáticas, ao apresentarem um significado integral e indivisível, opõem-se às combinações. Por outro lado, aderências e expressões idiomáticas podem-se opor entre si, se tivermos em conta o grau de fusão semântica dos seus constituintes.

Inicialmente, Vinogradov usa o termo *idiomatismo* para se referir às aderências fraseológicas, mas depois estende-o também às expressões idiomáticas (vd. Velasco Menéndez, 2010: 127). Segundo Velasco Menéndez (2010: 128), Vinogradov identifica os seguintes traços nas aderências fraseológicas: (1) “las *adherencias* son formaciones inmotivadas y primarias, al igual que las palabras, y están desposeídas de formas internas”; (2) “los constituyentes de las *adherencias* carecen de cualquier significado independiente”; (3) “la pluriverbalidad externa de la *adherencia* es simplemente un tributo a la tradición lingüística”. Por exemplo, “[comerse un perro], que significa “tener experiencia en algo”, é um caso de *aderência fraseológica* visto que o seu significado fraseológico não está motivado por nenhum dos seus componentes léxicos (vd. Velasco Menéndez, 2010: 128). E é precisamente esta circunstância que produz a impressão de uma fusão semântica absoluta dos seus componentes, a sua própria dessemantização, para gerar um novo significado - o fraseológico. Na verdade, se compararmos os constituintes da aderência fraseológica com as palavras livres que lhes correspondem ([perro] + [comer]),

⁵⁹ Um outro nome importante da fraseologia russa é Natalya Nikolaevna Amosova (vd. Cowie, 2005 [1998]: 4).

apercebemo-nos de que o significado integral da UF se assume como uma metaforização generalizada (vd. Velasco Menéndez, 2010: 128).

Para explicar o que são EI, Vinogradov apresenta vários exemplos. Vejamos alguns: (1) “[escribir como una gallina con la pata] - ‘ilegiblemente’ - *tener letra de médico*”; (2) “[llevar la contraria a todos] - *ir contra corriente*”; (3) “[hacer de una mosca un elefante] - ‘exagerar’ - *hacer de una mosca un elefante*” (vd. Velasco Menéndez, 2010: 128). Estes exemplos mostram-nos que as EI, tal como as *aderências*, são “semânticamente indivisibles y también son manifestaciones de un significado íntegro único”; todavia, este significado íntegro “es motivado, y es el resultado que surgió de la fusión de los componentes léxicos” (Velasco Menéndez, 2010: 128).

Segundo Velasco Menéndez (2010: 129), Vinogradov considera uma EI como sendo motivada nos seguintes casos: (1) “cuando contiene aunque sea una velada alusión a la motivación del significado común: [*guardar una piedra en el regazo*] - ‘*guardar animosidad contra alguien*’ - *tenérsela jurada a alguien*”; (2) “la combinación puede descifrarse fácilmente como una expresión traslaticia: [*meterse en su cáscara*] - ‘*aislarse, encerrarse en su pequeño mundo*’”; (3) “la noción metafórica que acompaña al significado “por general no se da, sino que tan sólo se postula, se presupone: [*sacar al agua clara*] - ‘*desenmascarar a alguien*’”; (4) “la forma interna que yace en la base de la *expresión idiomática* puede estar medio olvidada, casi perdida: [*desahogar el alma*] - ‘*encontrar para uno mismo tranquilidad, consuelo en algo*’”.

Apesar da apresentação algo detalhada deste conjunto de casos, a verdade é que o critério da motivação, base da diferenciação de *aderências* fraseológicas e expressões idiomáticas, nem sempre se aplica a estas últimas. Segundo Velasco Menéndez (2010: 131), para Vinogradov as EI possuem um menor grau de fusão semântica dos seus componentes, já que o significado integral dessas expressões se baseia, ainda que de modo figurativo, no significado léxico dos seus constituintes.

Ainda segundo Velasco Menéndez (2010: 131), as combinações fraseológicas de Vinogradov, à semelhança do que acontece com as *aderências* e as expressões idiomáticas, são também UF. Geralmente, as combinações são formadas por dois constituintes, sendo que um deles mantém o seu significado direto e o outro assume um significado fraseológico. Assim, a UF ‘fome de lobo’ [*fome muito intensa*], por exemplo, é uma combinação fraseológica uma vez que o nome ‘fome’ conserva o seu significado léxico e o adjetivo ‘de lobo’ atua com um significado fraseológico ligado, translaticio. As combinações fraseológicas constituem um grupo numeroso e,

ao contrário das aderências e das expressões idiomáticas, são semanticamente divisíveis uma vez que o significado dos seus componentes é de certo modo 'equitativo e linear'. Em geral, as combinações permitem a substituição sinonímica, não alterando o sentido da UF. Na combinação percebe-se que o significado de um dos seus constituintes é fixo. Vinogradov chama a esta palavra 'axial' visto ser o núcleo da combinação. É o que acontece, por exemplo, com o lexema 'sepulcral' em combinações como 'voz sepulcral' ou 'silêncio sepulcral'. Estas são estruturas onde a "relación sintáctica de sus componentes corresponde a las normas vivas de la lengua" (Velasco Menéndez, 2010: 132). Todavia, perderam 'flexibilidade sintática' na medida em que há muito se fixaram na língua como estruturas estabilizadas.

Embora tenham sido apontadas algumas limitações aos estudos de Vinogradov, como a indeterminação do conceito de estabilidade, a inclusão no conceito de unidade fraseológica de estruturas linguísticas tão distintas como aderências fraseológicas, expressões idiomáticas e combinações fraseológicas (além de aforismos, citas, refrãos e provérbios) e a indefinição de limites entre estas UF⁶⁰, a verdade é que ninguém questiona a importância do trabalho do investigador russo para a fraseologia: de tal forma que a "concepción de V. V. Vinogradov determinou durante moitos anos o desenvolvemento da fraseoloxía soviética no marco da rusística e, en parte, tamén foi adoptada noutros países" (Baránov & Dobrovol'skij, 2009: 13).

2.2.3. Casares (1950): Fraseologia e Lexicografia Moderna

Na sua obra *Introducción a la Lexicografía Moderna*, de 1950⁶¹, Julio Casares raramente utiliza o termo *fraseología* e afins (*unidade fraseológica, fraseologismo, fraseología, frase...*)⁶². No entanto, a atenção que dedica às 'expresiones ou fórmulas pluriverbales' ('locución', 'frase proverbial', 'refrán', 'modismo'...), na terceira parte da sua obra, faz dele uma figura maior dos estudos fraseológicos.

⁶⁰ Sobre as críticas que estas limitações desencadearam, veja-se Velasco Menéndez (2010: 132-133) e sobretudo Baránov & Dobrovol'skij (2009: 13), aqui com a referência explícita às polémicas levantadas por autores como I. E. Anichkov à volta da teoria fraseológica de Vinogradov.

⁶¹ Servir-nos-emos da 3.ª edição, de 1992.

⁶² Apesar de o termo *fraseología* não figurar no "INDICE ANALITICO" da obra de Casares (pp. 331-344), ele utiliza-o pelo menos uma vez: "No obstante la calidad plebeya en demasia de estas fórmulas [os 'timos', uma das categorias das 'frases proverbiais'] no sería lícito olvidarse de ellas en un estudio de la **fraseología** española" (p. 197. Sublinhado nosso). Um outro termo raro em Casares (e que também não figura no INDICE) é *paremiología*, que surge pelo menos duas vezes (pp. 196 e 197). Casares não apresenta qualquer definição, quer de fraseologia quer de paremiología, mas parece haver uma relação de sinonímia entre os dois termos.

Partindo do pressuposto de que a fraseologia é uma subdisciplina da lexicologia (vd., por exemplo, Corpas Pastor, 1996: 15-16) e de que a lexicografia corresponde à lexicologia aplicada (Casares, 1992: 102), então a abordagem lexicográfica feita por Casares das ‘expresiones pluriverbais’ é também uma abordagem fraseológica. Mas a lexicografia, ou lexicologia aplicada, socorre-se preferencialmente de certas disciplinas para colaborar na ‘arte de componer diccionarios’: são elas a etimologia, a semântica e a estilística – defende Casares (1992) na segunda parte da sua obra⁶³. Se por um lado o lexicógrafo pode e deve aproveitar os ensinamentos destas disciplinas, por outro é de todo conveniente que estabeleça limites, evitando interferências prejudiciais⁶⁴.

No capítulo II dedicado à ‘Semántica y Lexicografía’⁶⁵, Casares (1992: 52-53), depois de reconhecer a existência de dificuldades acrescidas na delimitação das duas disciplinas, procura distinguir *palavra* de *sintagma*: enquanto a primeira será “la última unidad indivisible del sistema expresivo que llamamos lenguaje”, os sintagmas são “conglomerados, donde las palabras se funden en un bloque signficante y se influyen reciprocamente”. E tal como a palavra, também as “unidades léxicas constituidas por dos o más vocablos” se impõem como “material propio de la lexicografía” (Casares, 1992: 92). As ‘palabras compuestas’, por exemplo, não apresentam a mesma estrutura em todas as línguas nem a mesma frequência. Assim, no caso do alemão abundam ‘conglomerados’ de vários substantivos (*Eisenbahnfahrpreis*, ‘precio del viaje en camino de hierro’, é constituído por quatro substantivos), enquanto no espanhol até os ‘compuestos bimembres’ são pouco frequentes (*casatienda*, *maestrescuela*, etc.) (vd. Casares, 1992: 92). Relativamente a esta matéria, ao lexicógrafo interessa examinar o grau de consolidação destas ‘voces compuestas’, isto é, saber se, no caso dos ‘compuestos intermitentes’ ou ‘fluctuantes’, a fusão dos componentes está ou não consumada. Em função desse conhecimento, procederá depois à colocação no dicionário dos referidos compostos: ‘diez y seis’ ou ‘dieciséis?’; ‘por venir’ ou ‘porvenir?’ (vd. Casares, 1992: 92-95). Mas até as combinações de carácter estável apresentam dificuldades ao lexicógrafo, sobretudo quando se passa dos binómios para os polinómios verbais. É que, embora esteja prevista uma hierarquia semântica (por ordem decrescente de importância: nome, verbo, adjetivo, pronome, verbo, etc.),

⁶³ Casares (1992), na segunda parte, confronta a lexicografia primeiro com a etimologia (cap. I, pp. 29-49), depois com a semântica (cap. II-IV, pp. 50-101) e finalmente com a estilística (cap. V-VIII, pp. 102-164).

⁶⁴ Veja-se, por exemplo, o que Casares diz sobre a conveniência de separar o trabalho lexicográfico da investigação etimológica: “la misión del lexicógrafo, caracterizada por el estudio y cotejo paciente de hechos lingüísticos probados, no debe involucrarse con la investigación del etimólogo, nunca exenta de fantasía” (Casares, 1992: 33).

⁶⁵ Para além do capítulo II, também os capítulos III e IV são dedicados à relação ‘Semántica y Lexicografía’.

na prática vemos muitas vezes uma mesma combinação a ser tratada de forma diferenciada nos diversos dicionários. Veja-se, por exemplo, o que Casares (1992: 33) diz sobre a conveniência de separar o trabalho lexicográfico da investigação etimológica: “la misión del lexicógrafo, caracterizada por el estudio y cotejo paciente de hechos lingüísticos probados, no debe involucrarse con la investigación del etimólogo, nunca exenta de fantasía”.

Como já afirmámos, também para Casares a estilística é apresentada como ciência auxiliar da lexicografia. Ao assumir como objeto geral a “análisis de las fórmulas expresivas a fin de distinguir, si ha lugar, los elementos no conceptuales que las integran” (Casares, 1992: 105), a estilística interage com a lexicografia, já que ao lexicógrafo interessam também os matizes estilísticos, os efeitos afetivos e as aceções translaticias (vd. Casares, 1992: 105-113).

E depois de Vinogradov, é agora a vez do autor espanhol invocar a importância e influência de Bally. Segundo Casares (1992: 103), o ‘fundador da la estilística francesa’ previu a possibilidade de três estilísticas: geral, particular e individual. Ao lexicógrafo interessa a estilística particular ou estilística da língua, isto é, a estilística que direciona a sua investigação para uma determinada comunidade linguística “para ver cómo su mentalidad, conformada por una tradición secular y, por tanto, relativamente homogénea, se refleja en el idioma correspondiente” (Casares, 1992: 103). Mas não se pense que esta ‘mentalidad, conformada por una tradición secular’, pressupõe o recurso a métodos históricos. Casares (1992: 131), mais uma vez escudado em Bally, não deixa dúvidas: “la estilística que hemos acotado como campo de estudio supone una investigación de carácter sincrónico”. E conclui: “Todo intento de acompañar la historia semántica de un vocablo desde su aparición en la lengua hasta nuestros días, con una historia paralela de su evolución estilística, está, hoy por hoy, condenada al fracaso” (Casares, 1992: 140). E quem diz ‘vocablo’ diz ‘locução’ ou ‘frase’.

A terceira parte da *Introducción a la Lexicografía Moderna* é toda ela dedicada à ‘locución’, à ‘frase proverbial’, ao ‘refrán’ e ao ‘modismo’. No capítulo I, Casares assume o estudo das ‘locuciones’, centrando-se em aspetos como conceito, características e tipologia. Começa por confrontar o termo ‘sintagma’⁶⁶ com ‘locución’, referindo que o primeiro era pouco satisfatório em virtude das muitas aceções que tem assumido. Pelo contrário, o termo ‘locución’ parece-lhe mais adequado. Partindo da noção tradicional de ‘locución’ como conjunto de duas ou mais palavras, Casares (1992: 170) projeta uma definição mais completa: “combinación

⁶⁶ O sintagma designa “ciertas combinaciones de vocablos que ofrecen sentido unitario y una disposición inalterable” (Casares, 1992: 167).

estable de dos o más términos”, que funciona como elemento oracional e cujo sentido “unitario consabido [familiar a la comunidad lingüística] no se justifica [...] como una suma del significado normal de los componentes”. Assim, nem todo o grupo de palavras constitui uma ‘locución’: *agua clara* ou *un niño pequeño*, por exemplo, não são locuções porque não são “conjuntos de voces vinculadas de un modo estable y con un sentido unitario” (Casares, 1992: 168). Por outro lado, a grafia não influencia nem o significado da expressão nem a sua função gramatical⁶⁷.

Tendo em conta a sua estrutura, conteúdo e função, as locuções, segundo Casares (1992: 170-172), podem ser classificadas de variadas formas. Em primeiro lugar, temos as locuções ‘conceptuales o *significantes*’, isto é, aquelas a que corresponde “una representación mental, una idea, un concepto” (Casares, 1992: 171); em segundo, as ‘conexivas’, ou seja, “formadas con voces o partículas vacías de contenido semántico” e responsáveis por estabelecer um nexo sintático, como são as ‘conjuntivas’ e as ‘prepositivas’ (Casares, 1992: 171). As ‘locuções significantes’ podem ser ‘nominales’ (equivalentes a um nome), ‘adjetivales’ (com função de adjetivo), ‘verbales’ (constituídas por um verbo que, “asimilando su complemento directo o preposicional, forma un predicado complejo”), ‘participiales’, ‘adverbiales’ (equivalentes a um advérbio de modo, tempo, lugar, etc.), ‘pronominales’ (com a função de pronomes) e ‘interjectivas’ ou ‘exclamativas’ (Casares, 1992: 171).

Depois de uma descrição detalhada de cada uma das subclasses acima referidas, Casares (1992: 183) apresenta um esquema sinótico que passamos a transcrever:

| | | | | |
|----------------------------------|---------------|---|--|---|
| Locuciones | Significantes | Nominales | Denominativas | <i>geminadas = tren botijo.</i> <i>complejas = tocino del cielo.</i> |
| | | | singulares = <i>la carabina de Ambrosio.</i> | |
| | | | infinitivas = <i>coser y cantar.</i> | |
| | | Adjetivales = <i>de brocha gorda.</i> | | |
| | | Verbales = <i>tomar el olivo.</i> | | |
| | | Participiales = <i>hecho un brazo de mar.</i> | | |
| | | Adverbiales = <i>en un santiamén.</i> | | |
| | | Pronominales = <i>cada quisque.</i> | | |
| | | Exclamativas = <i>!Ancha es Castilla!</i> | | |
| | | Conexivas | Conjuntivas = <i>con tal que.</i> | |
| Prepositivas = <i>en pos de.</i> | | | | |

Quadro 2 - Locuciones (Casares, 1992: 183)

⁶⁷ Diz Casares (1992: 169): “Podemos escribir que cierta pieza es *de quitapón* (en dos palabras) o *de quita y pon* (en cuatro palabras)”; todavia, em qualquer caso (*de quitapón* e *de quita y pon*) a expressão deve ser tomada como um bloco para não deixar de ser uma locução.

A complexidade das locuções não se esgota, todavia, nesta sinopse. Casares é o primeiro a reconhecê-lo:

“No pretendemos en modo alguno haber captado todas las especies, familias y variedades que nos ofrece el pintoresco mundo de las expresiones que acabamos de examinar. Para intentarlo seriamente sería necesario escribir toda una *Gramática de las Locuciones*, que ni cabría en veinte cuartillas ni tendría aquí su lugar adecuado” (Casares, 1992: 183).

Depois da ‘locución’, o autor espanhol, no capítulo II, dedica-se ao ‘refrán’ e à ‘frase proverbial’. Para distinguir estas designações e estabelecer divisórias entre a locução e a frase proverbial, por um lado, e entre esta e o ‘refrán’, por outro, Casares (1992: 187) procura uma explicação na história da língua: “Por lo que se refiere a las locuciones que hoy se usan en el lenguaje familiar, podemos comprobar que muchas de ellas son fragmentos que se han salvado en el naufragio de antiguas frases proverbiales”⁶⁸. Da mesma forma, as frases proverbiais são muitas vezes ‘pedaços desprendidos’ de antigos provérbios ou refrãos. Este processo, que conduz à redução da unidade plurilinguística, mantém-se ativo. Quando, por exemplo, um ‘refrán’ é do conhecimento geral, não raro o emissor deixa ao recetor a tarefa de o completar: *Mucho te quiero, perrito... pero pan poquito* (vd. Casares, 1992: 187-188)⁶⁹.

Depois disto, talvez não fique completamente esclarecida a distinção entre ‘locución’ e ‘frase proverbial’: a expressão *se armó la de San Quintín*, por exemplo, seria uma frase proverbial “si pudiéramos estar ciertos de que el uso no admite otras formas del verbo ‘armar’”. Se, contrariamente, “fuese normal decir ‘se ha armado’, o ‘se armará’, o ‘se está armando’ *la*

⁶⁸ Casares (1992: 187) exemplifica: “cuando se dice de un sujeto que ‘ni pincha ni corta’, son pocas las personas enteradas de que esta condición se formuló como atributo de ‘la espada de Bernardo’”.

⁶⁹ Ainda sobre o ‘refrán’, Casares (1992: 192) diz o que entende por esta unidade plurilinguística: “una frase completa e independiente, que en sentido directo o alegórico, y por lo general en forma sentenciosa y elíptica, expresa un pensamiento – hecho de experiencia, enseñanza, admonición, etc. –, a manera de juicio, en el que se relacionan por lo menos dos ideas”. Quando se contrapõem dois conceitos, o refrão é ‘bimembre’ (*Al freír será el reír, y al pagar será el llorar*); será ‘plurimembre’ se houver mais de dois conceitos (*Al comer de las morcillas, rien las madres y las hijas: y al pagar, todas a llorar*). Mas o ‘refrán’ também pode apresentar uma estrutura mono-oracional (‘refrán unimembre’) e, neste caso, coincide com a ‘frase proverbial’. É que há casos em que o ‘refrán’ só apresenta explicitamente um dos membros, subentendendo o outro. Quando assim é, o mais frequente é a incapacidade de se recuperar da memória dos tempos o ‘membro’ suprimido e ‘confundir’ o ‘refrán’ com a ‘frase proverbial’. Todavia, há diferenças que convém não esquecer: ao contrário da ‘frase proverbial’, o ‘refrán’ aspira a formular uma verdade universal, sem distinção de tempos nem de lugares. A nível formal, também o refrão se distingue da frase proverbial: aquele socorre-se de recursos como a rima, a aliteração, o paralelismo... e até da deslocação da sintaxe. Casares (1992: 196) adianta ainda uma última diferença entre ‘refrán’ e ‘frase proverbial’: “[...] la paremiología comparada nos enseña que una gran proporción de los proverbios que realmente pretenden condensar la experiencia humana y aleccionar a las generaciones futuras es común, no en la forma, pero sí en el concepto, a muchos pueblos distanciados por la geografía o por la historia”.

de *San Quintín*, nos halláramos ante una locución de las que hemos clasificado como verbales: *armar la de San Quintín*” (Casares, 1992: 189)⁷⁰. O autor diz ainda que, ao contrário do ‘refrán’, “las frases proverbiales son privativas de los pueblos en que nacieron” (Casares, 1992: 196). Assim, ainda que se traduzam expressões como ‘eppur si muove’, ‘Paris vaut bien une messe’ ou ‘my kingdom for a horse’, elas nunca deixarão de ser frases proverbiais com uma nacionalidade bem definida: italiana, francesa e inglesa, respetivamente. Estas são frases proverbiais de conhecimento alargado e consagradas pelo uso. Há, todavia, outras que, em determinado momento e por razões várias, andam na boca de toda a gente, mas que, mais cedo ou mais tarde, poderão não resistir ao esquecimento: ‘no hay derecho’, ‘a ver si va a poder ser’, em espanhol; e ‘há vida para além do défice’ ou ‘prognósticos só no fim do jogo’⁷¹, em português. Casares (1992: 196-197) chama-lhes ‘timos’ e entende-as como uma categoria da frase proverbial. Como tal, devem ser também objeto de estudo da fraseologia, conclui ele.

Na terceira parte da sua obra, Casares dedica o primeiro capítulo às ‘locuciones’ e o segundo à ‘frase proverbial’ e ao ‘refrán’; os capítulos terceiro, quarto, quinto e sexto são ocupados pelos ‘modismos’, entidade linguística a merecer atenção privilegiada por parte de Casares. O vocábulo *modismo* terá entrado no espanhol em meados do século XVIII. Até lá, usou-se o termo *idiotismo* para designar “ciertas frasis [sic] y modos de hablar particulares a la lengua de cada nación que, trasladados en otra, no tienen tanta gracia” (Casares, 1992: 207). *Hebraísmos, helenismos, latinismos, anglicismos, galicismos, hispanismos...* [e *portuguesismos*, dizemos nós] serão, então, exemplos de *idiotismos*. Casares (1992: 207) faz notar que tanto o *modismo* como o *idiotismo* constituem uma infração à regra, mas “el idiotismo es más antigramatical que el modismo”. Assim, ‘a pie juntillas’ e ‘a ojos vistas’ são geralmente apontados como exemplos típicos de idiotismos, mas não seria desacertado considerar os idiotismos casos particulares dos modismos.

Embora não o afirme explicitamente, Casares (1992: 209) mostra como pode ser problemático o ensino-aprendizagem dos modismos: “Si un alumno de primer curso de francés, en su ejercicio de versión, tradujese el modismo *de capa caída* usando la expresión *chape chute*, seguramente provocaría la hilaridad de sus compañeros”. E a seguir questiona: “las muchas

⁷⁰ Sobre a frase proverbial, podemos ainda dizer que ela é muitas vezes um *dito* ou *texto* associado a um determinado acontecimento histórico ou situação memorável: *las paredes oyen, outro gallo me cantara, vamos a ver cómo baila Miguel*, etc. A frase proverbial é, portanto, “algo que se dijo o se escribió, y su uso en la lengua tiene el carácter de una cita, de una recordación, de algo que se trae a cuento ante una situación que en algún modo se asemeja a la que dió origen al dicho” (Casares, 1992: 190).

⁷¹ No caso do português, palavras atribuídas, respetivamente, a Cavaco Silva, atual Presidente da República, e a João Pinto, enquanto jogador do F. C. do Porto. A frase ‘Nunca me engano e raramente tenho dúvidas’, atribuída a Cavaco Silva, é também muito citada.

expresiones idiomáticas españolas que tienen equivalencia exacta en otras lenguas se han de excluir de nuestra lista de modismos?”⁷². Um traço fundamental do modismo é o seu valor metafórico⁷³. Por outro lado, os modismos são “locuciones compuestas que tienen el carácter de ‘clichés’, donde no es posible alterar ni los componentes, ni la relación sintáctica entre unos y otros” (Casares, 1992: 210)⁷⁴.

Em forma de síntese, e recuperando as informações fornecidas por Casares, podemos apresentar como traços mais característicos do *modismo* os seguintes: (i) ‘anomalía gramatical’, (ii) ‘intraducibilidad’, (iii) ‘tropología’ (valor metafórico ou ‘traslaticio’) e (iv) ‘inalterabilidad’. Só no capítulo IV, Casares (1992: 212) dirá que “Todo modismo es una expresión pluriverbal”, constituída por duas ou mais palavras, mas que “No todas las expresiones pluriverbales son modismos”.

Concluída a análise da obra de Casares - *Introducción a la Lexicografía Moderna* -, destacamos, como mais relevantes para o nosso estudo, os termos e conceitos ‘locución’ (“combinación estable de dos o más términos”, que funciona como elemento oracional e cujo sentido “unitario consabido [familiar a la comunidad lingüística] no se justifica, sin más, como una suma del significado normal de los componentes” - Casares, 1992: 170) e ‘modismo’ (cujos traços mais característicos são ‘anomalía gramatical’, ‘intraducibilidad’, ‘inalterabilidad’ e ‘tropología’ ou valor metafórico ou ‘traslaticio’). Segundo Casares (1992: 209), as ‘expresiones idiomáticas’ (EI) estão incluídas nos modismos; todavia, como veremos no capítulo 4 deste nosso trabalho (“Unidades Fraseológicas e Expressões Idiomáticas”), não consideramos como característicos das EI os traços ‘intraducibilidad’ e ‘inalterabilidad’.

⁷² Sublinhado nosso. É a primeira vez que nos deparamos com a designação ‘expresiones idiomáticas’ na obra de Casares. No ‘Índice Analítico’ (pp. 331-344) ela não é referida. Tudo indica que ‘expresiones idiomáticas’ seja sinónimo de ‘modismos’ ou uma sua subclasse.

⁷³ Por exemplo, a “locución ‘a pie juntillas’ tiene sentido traslaticio en ‘crear una cosa a pie juntillas’; pero lo tiene recto en ‘saltar una zanja a pie juntillas’” (Casares, 1992: 210).

⁷⁴ Isto nem sempre é verdade e Casares (1992: 210) prova-o através de alguns exemplos: em ‘echar leña al fuego’, o verbo ‘echar’ podia ser substituído ora por ‘poner’ ora por ‘añadir’ sem alterar o seu sentido.

2.3. Consolidação e Internacionalização dos Estudos Fraseológicos

“Phraseology did not, however, become an internationally recognized and expanding area of research until the 70’s of the previous century. In the 70’s and 80’s various scholars [...] gave an overview of phraseology for that era from very different perspectives. Since then interest in phraseology has grown by leaps and bounds, as demonstrated by the abundance of international conferences and new publications in the various special areas of the field” (Burger *et al.*, 2007: “Foreword”, Volume 1, XII).

Depois de estudados três importantes responsáveis pela gênese e autonomização da fraseologia (Bally, 1909; Vinogradov, 1946-1947; e Casares, 1950), passemos agora à fase da consolidação e internacionalização dos estudos fraseológicos, dando especial realce à investigação desenvolvida no último quartel do século XX.

2.3.1. Corpas Pastor: Ponto de Encontro da Fraseologia

O interesse de Gloria Corpas Pastor pela fraseologia manifestou-se publicamente no ano acadêmico de 1988-1989, quando apresentou uma “memoria de licenciatura” ao “Departamento de Filología Inglesa y Francesa” intitulada *Estudio contrastivo de las colocaciones en inglés y en español. Su tratamiento lexicográfico, com especial referencia al tipo A + S/S + A* (Corpas Pastor, 2003: 15). No entanto, é sobretudo a partir de 1995 que o nome de Corpas Pastor fica definitivamente associado à fraseologia. A sua tese de doutoramento publicada nesse mesmo ano - *Un estudio paralelo de los sistemas fraseológicos del inglés y del español* - marca o início de um vasto conjunto de publicações no domínio da fraseologia.

A tese de Corpas Pastor é constituída por dois volumes. O segundo inclui os *corpora* utilizados para o inglês e para o espanhol. O primeiro volume encontra-se dividido em seis capítulos: os dois primeiros descrevem os limites da fraseologia; os capítulos III a V dedicam-se à subdivisão e análise linguística dos distintos tipos de UF; o capítulo VI trata do funcionamento pragmático de tais unidades. Os resultados obtidos nesta obra corroboram, segundo a autora, a sua hipótese inicial: é possível estabelecer uma classificação comum para os sistemas fraseológicos do inglês e do espanhol, “la cual revela, a su vez, el paralelismo existente tanto en

los distintos tipos de unidades como en su funcionamiento textual y pragmático, lo cual nos ha permitido detectar la presencia de universales fraseológicos” (Corpas Pastor, 1995: 3).

Mas a obra de referência de Corpas Pastor é o seu *Manual de Fraseología Española*, de 1996. Todavia, se tivermos presente a estrutura da sua tese de doutoramento, defendida um ano antes, verificamos que o *Manual* não é mais do que uma derivação daquela. Na verdade, o *Manual de Fraseología* é também constituído por seis capítulos: o primeiro sintetiza as investigações efetuadas sobre o tema e serve de cenário para a caracterização das UF; nos capítulos II a V, analisam-se as três esferas em que se divide o sistema fraseológico espanhol (‘colocaciones’, ‘locuciones’ e ‘enunciados’); o capítulo VI examina o funcionamento destas unidades no discurso real, as suas características pragmáticas e criativas. O livro termina com as conclusões, onde podemos encontrar um esquema muito elucidativo sobre a classificação das UF.

Detenhamo-nos agora mais demoradamente na estrutura interna do *Manual*. Corpas Pastor começa por reconhecer, na apresentação, a necessidade de continuar os trabalhos pioneiros de Vinogradov (1946-1947) e de Casares (1950)⁷⁵. Para isso, propõe-se elaborar um estudo teórico da fraseologia, “cuyos resultados puedan ser aplicados de forma práctica tanto en la lexicografía como en otras disciplinas relacionadas, como, por ejemplo, la enseñanza de idiomas o la traducción” (Corpas Pastor, 1996: 12). Esta preocupação com a vertente aplicada da fraseologia resultou na análise que a autora faz de um *corpus* escrito, extraído de periódicos, revistas, novelas e obras de teatro. No primeiro capítulo – “El Ámbito de la Fraseología” –, Corpas Pastor (1996: 15) define o objeto do seu trabalho (“un subtipo dentro de estos fenómenos léxicos, cuyo límite va del sintagma formado por al menos dos palabras gráficas a la oración compuesta”) e a disciplina que dele se ocupa (“la subdisciplina de la lexicología que se viene denominando *fraseología*”). Depois, pronuncia-se sobre as variações na definição de ‘fraseología’ e sobretudo a propósito da profusão de termos utilizados para designar as ‘combinaciones de palabras’. Acaba por assumir uma conceção ampla de fraseologia, já que as ‘unidades fraseológicas’ por ela estudadas incluem ‘colocaciones’, ‘locuciones’ e ‘enunciados fraseológicos’ (estes subdivididos em ‘paremias’ e ‘fórmulas rutinarias’). No capítulo “Unidades

⁷⁵ Corpas Pastor terá também aproveitado, embora parcelarmente, a terminologia de Bally. No seu *Manual de Fraseología Española* (1996), a autora utiliza a expressão *unidades fraseológicas* (UF) mas não no sentido de Bally e Lapa. Para Corpas Pastor, as UF apresentam uma natureza abrangente uma vez que incluem *colocaciones*, *locuciones* e *enunciados fraseológicos*. Grosso modo, aquilo a que Bally/Lapa chamam de *grupos fraseológicos* será em Corpas Pastor *unidades fraseológicas*; por sua vez, as *séries fraseológicas* de Bally/Lapa corresponderão às *colocaciones* de Corpas Pastor. Quanto aos *enunciados fraseológicos* (fórmulas de rotina como “Tudo bem?” ou provérbios como “Quem tudo quer, tudo perde”), não há em Bally/Lapa qualquer referência explícita.

Fraseológicas e Expressões Idiomáticas” (cap. 4), deste nosso trabalho, teremos a oportunidade para aprofundar o assunto sobre a classificação das UF.

Em *Las Lenguas de Europa: Estudios de Fraseología, Fraseografía y Traducción*, Corpas Pastor (2000), no papel de coordenadora, foi capaz de sentar à mesma mesa vários especialistas mundiais para discutirem questões de fraseologia. Estiveram representadas algumas línguas do mundo, como o espanhol, o inglês, o russo, o francês, o alemão, o italiano, o catalão, o galego e o holandês (mas não o português). O resultado foi um conjunto de vinte e quatro trabalhos, organizados em três blocos temáticos⁷⁶. Em forma de apreciação global, Corpas Pastor (2000: 6) afirma que os vinte e quatro trabalhos, ao serem assinados por autores tão diversos e ao abordarem questões tão multifacetadas, constituem uma amostra representativa das tendências da investigação fraseológica da época. Diz ela:

“[...] el uso de corpórea textuales extensos, la elaboración de bases de datos fraseológicas, la inclusión de variantes diasistemáticas, las funciones y los valores discursivos de dichas unidades en contexto, sus relaciones de estabilidad e inestabilidad en el discurso, el establecimiento de correspondencias semánticas, pragmáticas y textuales, las estrategias y procedimientos de traducción fraseológica, la necesidad de elaborar repertorios onomasiológicos, y las propuestas para mejorar el tratamiento lexicográfico (monolingüe y plurilingüe) de la fraseología son algunas de las cuestiones candentes tratadas en las páginas que ahora se abren al lector” (Corpas Pastor, 2000:6).

Todavía, a investigação fraseológica tem ainda muito caminho a percorrer. Corpas Pastor (2000: 6) é a primeira a reconhecê-lo: “Nada se dice, sin embargo, acerca de la fraseología terminológica o de las relaciones metafóricas que estructuran los universos fraseológicos de las lenguas”, temas que, indubitavelmente, ocuparão “un lugar privilegiado en la investigación fraseológica del siglo XXI”. Na citação de Burger *et al.* (2007: “Foreword”, XII) que nos tem acompanhado, diz-se que a “Phraseology did not, however, become an internationally recognized and expanding area of research until the 70’s of the previous century” e que “In the 70’s and

⁷⁶ O primeiro bloco temático abarca aspetos de fraseologia geral, estilometria fraseológica, fraseologia neológica e fraseologia diacrónica, e conta com a participação de John Sinclair, Gerd Wotjak, Mario García-Page Sánchez e Germán Conde Tarrío, entre outros. O segundo bloco temático analisa a relação natural existente entre a fraseologia e a lexicografia e é assinado por nomes como Manuel Alvar Ezquerro, Juan Martínez Marin, Leonor Ruiz Gurillo e Károly Morvay. O terceiro e último bloco é dedicado à fraseologia contrastiva e à tradução e tem como porta-vozes, além de outros, Dmitrij Dobrovol’skij, Carmen Mellado Blanco, Julia Sevilla Muñoz e Gloria Corpas Pastor. O artigo de Corpas Pastor “Acerca de la (in)traducibilidad de la fraseología” encontra-se também em *Diez años de investigación en fraseología* [...] (Corpas Pastor, 2003: 276-310).

80's various scholars [...] gave an overview of phraseology for that era from very different perspectives". Relativamente ao contributo dos investigadores espanhóis para o aprofundamento e internacionalização da fraseologia, Alberto Zuluaga afirma o seguinte:

"En la última década ha venido destacándose en España un joven grupo de lingüistas cuyas investigaciones han colocado la hispanística a la misma altura de las homólogas alemana, anglosajona y francesa, entre otras [...]. Todos ellos [los trabajos en el campo de la fraseología], junto con las numerosas publicaciones de Corpas Pastor, constituyen un corpus científico de primera magnitud por la abundancia de los materiales analizados, por el manejo cada vez más seguro, coherente y esclarecedor de los problemas teóricos y metodológicos, y por la utilización adecuada de la bibliografía pertinente en las principales lenguas del discurso científico europeo" (Zuluaga, in Corpas Pastor, 2003: "Prólogo").

Não é nossa intenção, pelo menos para já, ir além da referência aos autores e obras supra mencionados. Convém-nos, no entanto, reforçar dois aspetos: por um lado, a variedade de enfoques e a internacionalização expressas nos trabalhos contrastivos/comparativos entre o espanhol e outras línguas europeias; e, por outro, o papel preponderante de Corpas Pastor neste *cluster/carrefour* de estudos fraseológicos. Em *Diez años de investigación en fraseología* [...], os quinze trabalhos que Corpas Pastor (2003) seleccionou e organizou em capítulos representam bem o "corpus científico de primera magnitud" que ajudou a construir no domínio da fraseologia (Zuluaga, *apud* Corpas Pastor, 2003). O primeiro capítulo é dedicado às "Corrientes actuales de la investigación fraseológica en Europa"; o segundo, terceiro, quarto e quinto tratam das UF das três esferas ('colocaciones', 'locuciones' e 'enunciados fraseológicos'); os capítulos seis e sete abordam aspetos da fraseologia bilingue; nos últimos oito, assumem-se problemáticas de índole diversa, como a fraseologia contrastiva (inglês-espanhol), o "Diseño de una base de datos fraseológica para la traducción asistida por ordenador" (cap. IX), a fraseologia e as problemáticas da tradução (cap. XI, XII e XIV) e "La creatividad fraseológica: efectos semántico-pragmáticos y estrategias de traducción" (cap. XV).

Mas, tal como fez no *Manual de Fraseología Española* (Corpas Pastor, 1996: 32-50), quando apresentou cronologicamente os principais investigadores sobre o sistema fraseológico espanhol (Casares, 1950; Coseriu, 1966; etc.), para depois dar a conhecer a sua "Nueva propuesta de clasificación de las unidades fraseológicas" (Corpas Pastor, 1996: 51-52), também aqui, em *Diez años de investigación en fraseología* [...], a autora espanhola faz preceder os seus estudos (cap. I a XV) de um rico manancial informativo. Depois de uma exposição detalhada

sobre o estado atual da investigação fraseológica em Espanha, Corpas Pastor termina a introdução com vários quadros-síntese onde apresenta uma relação cronológica dos trabalhos (artigos e teses) mais representativos da investigação fraseológica levada a cabo entre 1987 e 2002. Trabalha-se desde uma “perspectiva globalizadora” e, a par dos “métodos más tradicionales”, começam a ser utilizadas “metodologías de análisis procedentes de la lingüística del corpus, la semántica cognitiva y la semiótica” (Corpas Pastor, 2003: 32). Além disso, a investigação fraseológica em Espanha, vocacionada para o multilinguismo e para a diversidade, isto é, para a “comparación interlingüística y el contraste entre los sistemas fraseológicos de lenguas diversas” (Corpas Pastor, 2003: 32), constitui um avanço inegável no domínio da fraseologia comparada e contrastiva.

Apesar dos avanços referidos, estes estudos apresentam, segundo Corpas Pastor (2003: 32), algumas lacunas: por um lado, há um défice de “profundización en la fraseología dialectal, por ejemplo, y en el estudio pragmático-discursivo de las fórmulas rutinarias, entre otros”; e, por outro, uma certa escassez quanto a “proyectos de investigación subvencionados” e “coordinación entre los distintos investigadores y equipos de investigación”.

2.3.2. Correntes Atuais da Investigação Fraseológica: Projetos e Publicações

Recordemos os reparos deixados por Corpas Pastor à investigação fraseológica em dois momentos distintos:

- (1) “Nada se dice, sin embargo, acerca de la fraseología terminológica o de las relaciones metafóricas que estructuran los universos fraseológicos de las lenguas, temas que, sin duda, ocuparán un lugar privilegiado en la investigación fraseológica del siglo XXI” (Corpas Pastor, 2000: 6);
- (2) “[...] aún se eche en falta una mayor profundización en la fraseología dialectal, por ejemplo, y en el estudio pragmático-discursivo de las fórmulas rutinarias, entre otros. En este sentido, también se detecta cierta escassez en cuanto a proyectos de investigación subvencionados se refiere, y poca o casi nula coordinación entre los distintos investigadores y equipos de investigación” (Corpas Pastor, 2003: 32).

Fazendo uma rápida incursão pela investigação fraseológica atual, podemos afirmar que as limitações apontadas pela autora espanhola parecem estar ultrapassadas. Para o comprovar, recorreremos a alguns exemplos de projetos e publicações, muitos deles em curso:

(1) **Europhras** (*European Society of Phraseology*). Este projeto foi fundado em janeiro de 1999, em Bielefeld (Alemanha), e tem sede atual em Zurique (Suíça). Os seus principais objetivos, na área dos estudos fraseológicos, passam pela organização de conferências, divulgação de informações/recursos e apoio à cooperação entre investigadores de diversos países⁷⁷. Os congressos e conferências que a Europhras organiza e apoia permitem-nos conhecer algumas linhas de força da investigação fraseológica atual⁷⁸. Neste sentido, prestemos atenção à conferência oficial da Europhras realizada em agosto de 2012, em Maribor (Eslovénia). Intitulada “Phraseology and Culture”, esta conferência integrou-se no Programa “Maribor 2012 – European Capital of Culture” e apresentou como temas principais os seguintes: “Phraseology and culture”, “Phraseology and symbol”, “Phraseology in interlingual and intercultural contact”, “Phraseology in dictionaries and corpora” e “Phraseology in language teaching and training”⁷⁹. Entre os dias 6 e 8 de março de 2013 realizou-se, na Universidade de Limoges (França), um *Workshop* intitulado “*FeminineMasculine*” in *contrastive lexicology and phraseology*. De destacar o facto de o português ser uma das línguas oficiais da conferência, ao lado do francês, do inglês e do espanhol⁸⁰. Ainda relativamente às conferências oficiais, está já definida a de 2014: “La

⁷⁷ No sítio da Europhras, em www.europhras.org, consultado em 22/12/2011, apresentam-se os seguintes objetivos: (1) “The organization of conferences on phraseology at least every three years”; (2) “Exchange of information on European research in the field of phraseology, on conferences, recent publications, and current and future projects [...]”; (3) “Advancement of young scholars and support of research projects in the field of phraseology”; (4) “Encouragement of worldwide international cooperation among scholars working in the field of phraseology”; e (5) “Contact with other scholarly and scientific societies”. No âmbito dos projetos e cooperações, a Europhras está presente nos seguintes casos: (1) “Sprichwörter und Redewendungen im Wandel. Online-Lexikon zur diachronen Phraseologie (OLdPhras)” (www.oldphras.net); (2) “Formelhafte Sprache und Traditionen des Formulierens” (<http://www.hifos.uni-trier.de>); (3) “IDP 2 – Intercontinental Dialogue on Phraseology 2” (<http://hum.uwb.edu.pl/Lingw/idp/index.htm>); (4) “DoLPh – Dynamics of Luxembourgish Phraseology”; e (5) “Widespread Idioms in Europe and Beyond: A Cross-linguistic and Cross-cultural Research Project” (<http://www.widespread-idioms.uni-trier.de>).

⁷⁸ Embora a Europhras tenha sido fundada em 1999, a verdade é que há todo um historial de eventos que explica a sua génese. Eis os mais importantes: em 1981, Mannheim, Alemanha: *Phraseologie und ihre Aufgaben*; 1984, Zürich, Suíça: *Aktuelle Probleme der Phraseologie*; 1988, Estrasburgo, França: *Europhras 88. Phraséologie Contrastive*; 1992, Saarbrücken, Alemanha: *Europhras 92. Tendenzen der Phraseologieforschung*; 1995, Graz, Austria: *Europhras 95: Europäische Phraseologie: Gemeinsames Erbe und kulturelle Vielfalt*; e 1997, Liptovsky Ján, Eslováquia: *Europhras '97. Phraseology and Paremiology*.

⁷⁹ Informação disponível em <http://www.europhrasmaribor.si/>, consultado em 22/12/2011. Antes desta última conferência oficial de Maribor (2012), realizaram-se as seguintes: 15-18/6/00, Uppsala (Suécia); 2-5/6/02, Loccum (Alemanha); 26-29/8/04, Basel (Suíça); 9-11/6/06, Veszprém (Hungria); 13-16/08/08, Helsinki (Finlândia); e 30/6/10 a 2/7/10, Granada (Espanha).

⁸⁰ Vale a pena transcrever o texto que serve de apresentação a este *Workshop*: “The words and expressions used in natural languages to refer to the sexes, to their relations, resemblances and differences and to their distinctive traits are numerous and varied. They are the product

phraséologie: ressources, descriptions et traitements informatiques”, de 10 a 12 de setembro, em Paris⁸¹.

Apesar do papel relevante que tem assumido na consolidação e internacionalização dos estudos fraseológicos, a Europhras apresenta algumas limitações: na longa lista de publicações que disponibiliza em www.europhras.org⁸², não são referidas obras de importância inquestionável, como é o caso do *Manual de Fraseología Española* de Corpas Pastor (1996), nem autores relevantes como Gaston Gross⁸³ e Igor Mel'čuk⁸⁴.

and the reflection not only of the idiosyncrasy of a linguistic community but also of the roles, either real or presupposed, associated in each language to men and women. Our aim is to bring together researchers in lexicology, lexicography, lexical semantics, **phraseology**, **paremiology** and other related fields in order to observe and analyse the concepts of “feminine”/“masculine”, their representations and interrelations [...].The contrastive character of the linguistic research on this topic is fundamental in order to bring out the convergent and divergent areas between close or distant languages as well as between different varieties of the same language. Thus, contrastive studies dealing with the European, American and African varieties of the official languages of the conference (English, French, **Portuguese** and Spanish) will be specially appreciated” (Disponível em http://europhras.org/index.php?option=com_eventlist&view=details&id=31%3Afemininemasculine-today-and-yesterday-here-and-everywhere-else&Itemid=84&lang=en, consultado em julho/2013. Sublinhado nosso).

⁸¹ Mais informação em <http://www.europhras.org/index.php?lang=en> (consultado em agosto/2013).

⁸² À data da consulta que efetuámos (agosto/2013), a listagem de publicações disponibilizada no sítio da Europhras apresentava 723 resultados. As referências bibliográficas encontram-se distribuídas por anos, por ordem decrescente: de 2013 a 1973, e uma obra de 1555. Esta obra de 1555 constitui um dos marcos da fraseografia, com uma importância especial para o português já que contém muitos provérbios na nossa língua: Núñez, H. (1555), *Refranes o proverbios en romance*, Madrid, Guillermo Blázquez, disponível em <http://www.europhras.org>, em “Publications” (consultado em julho/2013). A listagem da Europhras contempla centenas de autores de diversas línguas e nacionalidades, fornecendo-nos informações preciosas como, por exemplo, os anos com maior número de publicações, o tipo dessas publicações (livro, artigo...) e os autores e trabalhos publicados, dando-nos uma ideia muito concreta da sua representatividade no domínio da investigação fraseológica. Eis alguns dos autores mais produtivos: Ettinger, S. (14 trabalhos); Burger, H. (16); Naciscione, A. (15); Mellado Blanco, C. (24); Piirainen, E. (74); e Dobrovol'skij, D. (85). Acrescente-se que alguns destes textos podem ser consultados *online*, em <http://www.europhras.org> (consultado em agosto/2013).

⁸³ Uma das obras mais importantes de Gross para a fraseologia é *Les expressions figées en français: des noms composés aux locutions* (Paris, Ophrys, 162 pp., 1996). Para um conhecimento mais aprofundado sobre Gaston Gross e a sua obra, ver http://www.ildi.univ-paris13.fr/index.php?option=com_content&view=article&id=87&Itemid=87 (consultado em julho/2013).

⁸⁴ Em <http://olst.ling.umontreal.ca/melcuk/igorPub.html> podemos encontrar alguns dos estudos mais importantes de Mel'čuk. Como único autor: (1) Phrasemes in Language and Phraseology in Linguistics. In: M. Everaert, E.-J. van der Linden, A. Schenk & R. Schreuder (eds); (2) *Idioms. Structural and Psychological Perspectives*, 1995, Hillsdale, N.J.—Hove: Lawrence Erlbaum Associates, 167-232; (3) La phraséologie et son rôle dans l'enseignement/apprentissage d'une langue étrangère, *Études de Linguistique Appliquée*, 1993, vol. 92, 82-113; (4) Collocations and Lexical Functions. In: A.P. Cowie (ed.), *Phraseology. Theory, Analysis, and Applications*, 1998, Oxford: Clarendon Press, 23-53. Como coautor: (5) Iordanskaja, L., Textual Connectors Across Languages: French EN EFFET vs. Russian V SAMOM DELE, *RASK*, 9/10 [= *E Pluribus Una*], 1999, 305-347; (6) Collocations dans le dictionnaire. In: Th. Szende (éd.), *Les écarts culturels dans les Dictionnaires bilingues*, 2003, Paris: Honoré Champion, 19-64; (7) La non-compositionnalité en morphologie linguistique, *Verbum*, 2004, 26: 4, 439-458; (8) Parties du discours et locutions, *Bulletin de la Société de linguistique de Paris*, 2006, 101: 1, 29-65.

(2) ***Widespread Idioms in Europe and Beyond. A Cross-linguistic and Cross-cultural Research Project*** (concluído em 2012)⁸⁵. Liderado por Elisabeth Piirainen, este projeto assume grande relevância no âmbito da especificidade e universalidade das EI. A autora e a sua equipa, constituída por investigadores de diversos países, provam que é possível identificar um número significativo de *idioms* comuns a várias línguas, muitas delas pertencentes a famílias linguísticas diferenciadas. Dadas as dimensões deste projeto e a importância dos seus resultados, voltaremos a ele quando abordarmos o capítulo 4 - “Unidades Fraseológicas e Expressões Idiomáticas” - deste nosso trabalho.

(3) ***Phraseologie / Phraseology. Ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung / An International Handbook of Contemporary Research*** (2007). Editada por Harald Burger e outros, esta obra, constituída por dois volumes, oferece uma visão ampla e aprofundada das muitas questões que têm ocupado ultimamente os fraseólogos de todo o mundo. Assim, no volume 1 podemos encontrar temas como (I) Terminologia, (II) Aspectos estruturais (morfo-sintáticos), (III) Semântica, (IV) Pragmática, estilística e retórica, (V) Semiótica, (VI) Fraseologia e discurso, (VII) Fraseologia e tipologias textuais, (VIII) Fraseologia e textos literários/autores, (IX) Provérbios, (X) Tipologias particulares, (XI) Fraseologia e linguagem técnica, (XII) Fraseologia e dialectologia e (XIII) Fraseologia contrastiva e tradução. O volume 2 dedica-se à (XIV) Fraseologia nas línguas individuais: inglês, alemão, francês, italiano, espanhol, russo, chinês, árabe, entre outras (mas não o português), (XV) Aspectos cognitivos e psicolinguísticos, (XVI) Aquisição e ensino das línguas, (XVII) Fraseografia, (XVIII) Aspectos da linguística computacional, (XIX) *Corpus* linguístico e (XX) Fraseologia histórica.

(4) ***Cadernos de Fraseoloxía Galega*** (N.º 1, 2000 a N.º 15, 2013)⁸⁶. Esta obra (doravante CFG) do “Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades” é uma revista de investigação fraseológica redigida em língua galega porque, no entender dos seus responsáveis, pretende estimular a recolha e investigação da “fraseoloxía galega e da fraseoloxía universal en Galicia; pero tamén porque forma parte dun proxecto social de normalización da

⁸⁵ Disponível em <http://www.widespread-idioms.univrier.de>, consultado em junho/2013. Este projeto culminou com a publicação, em 2012, da obra *Widespread Idioms in Europe and Beyond: Toward a Lexicon of Common Figurative Units*, New York, Peter Lang [Series “International Folkloristics”] (Piirainen, 2012).

⁸⁶ Disponíveis em http://www.cirp.es/pls/bdox/inv.cfg_numeros, consultados em julho/2014.

lingua propia de Galicia”⁸⁷. Colaboram nesta revista importantes fraseólogos europeus e americanos, que veem assim os seus trabalhos inéditos publicados em galego. Os CFG chegam “gratuitamente á noventa e cinco dos máis importantes fraseólogos do mundo e, en intercambio, a tódalas bibliotecas universitarias de España e Portugal”⁸⁸. Desde o n.º 1, editado em 2000, até ao 15, de 2013, a revista percorreu temas e autores diversos. Uma observação cuidada dos quinze números permite-nos chegar a algumas conclusões interessantes: (1) Depois de quatro monografias (n.º 1, 2, 3 e 5), os CFG assumem o formato de miscelânea, privilegiando a diversidade de autores e de perspectivas de análise fraseológica; (2) Os temas e as perspectivas adotados ao longo dos quinze números tornam-se cada vez mais ecléticos, abrangendo refraneiros e repertórios fraseológicos (em praticamente todos os números), propostas de classificação das UF (n.º 4, 10, 11...), incursões pela história da fraseologia (n.º 12), fraseologia de línguas individuais (tão distantes como o galego, o basco, o húngaro e o russo: n.º 6, 7, 12...), fraseologia contrastiva (n.º 8, 9, 11, 14, 15) e fraseologia e antropologia (n.º 10). Numa vertente mais aplicada, a fraseologia surge associada à tradução (n.º 6, 11, 12...), ao ensino das línguas (n.º 6, 7, 8, 10...), aos escritos académicos (n.º 12), à literatura (n.º 7), à publicidade (n.º 12) e até à linguagem dos enfermos (n.º 9); (3) Além disso, os CFG funcionam como uma montra da fraseologia, no que diz respeito a publicações, congressos, colóquios e projetos de investigação nacionais e internacionais; (4) Esta revista constitui ainda uma oportunidade única para estudiosos muitas vezes arredados dos principais centros de discussão fraseológica.

(5) **Revista *Paremia*** (N.º 1, 1993 a N.º 22, 2013). Quando, no ponto 2.1. deste nosso trabalho, tentámos distinguir fraseologia de paremiologia, fizemos referência a uma revista especializada em estudos paremiológicos – a revista *Paremia*⁸⁹. Depois de ter verificado que em Espanha não existia uma revista dedicada “a estudiar y recopilar los refranes y demás enunciados sentenciosos”, Julia Sevilla Muñoz, professora da Universidade Complutense de Madrid, criou, em 1993, uma publicação periódica (anual) denominada *Paremia*, “por ser éste el término genérico que designa a todos los miembros de la familia proverbial, como el refrán, el proverbio, la máxima, etc.”⁹⁰. Os objetivos traçados para esta revista quase não diferem dos

⁸⁷ Disponível em <http://www.cirp.es/pub2/index.html>, consultado em julho/2014.

⁸⁸ Vd. http://www.cirp.es/pls/bdbox/inv.cfg_ini, consultado em julho/2014.

⁸⁹ Disponível em http://www.paremia.org/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=47&lang=es, consultado em agosto/2013.

⁹⁰ Vd. “Presentación” da Revista *Paremia*, disponível em <http://www.paremia.org/?lang=en>, consultado em julho/2013.

referidos para a Europhras, uma vez que se situam no âmbito da promoção dos estudos paremiológicos (logo, também fraseológicos), da divulgação de informações/projetos e do apoio/intercâmbio de investigadores nacionais e estrangeiros⁹¹. Desde 1993 até 2013, publicaram-se 22 números e neles, como já afirmámos, encontramos trabalhos não só sobre parémias mas também sobre outras UF, como EI. Outro facto a reter é a participação tanto de especialistas consagrados como de jovens investigadores de vários países.

No nosso próximo capítulo – “Fraseologia Portuguesa” - procuraremos saber se também os estudiosos portugueses têm colaborado não só na revista *Paremia* mas também nos projetos e publicações acima referidos.

2.4. Conclusão

Assumindo-se como um ramo da linguística, com ligações privilegiadas à lexicologia, semântica e morfossintaxe, a fraseologia tem em Bally (1909) e Vinogradov (1946-1947) os seus principais fundadores. Depois de alguns altos e baixos, a fraseologia é atualmente uma ciência pujante graças aos contributos de investigadores como Gloria Corpas Pastor (sobretudo desde 1995), Igor Mel’čuk, Isabel González Rey, Stefan Ettinger, Gerd Wotjak, D. Dobrovol’skij, Harald Burger, Elisabeth Piirainen..., e de projetos e publicações como a Europhras (*European Society of Phraseology*, criada em 1999), os *Cadernos de Fraseoloxía Galega* (desde 2000) e a revista *Paremia* (a partir de 1993).

⁹¹ Tendo em conta a “Presentación” da Revista *Paremia* (disponível em <http://www.paremia.org/?lang=en>, consultado em julho/2013), os objetivos são os seguintes: (1) “Fomentar la investigación paremiológica”; (2) “Propiciar el intercambio de opiniones y conocimientos sobre las distintas teorías paremiológicas”; (3) “Potenciar la participación de jóvenes investigadores, tanto nacionales como extranjeros”; (4) “Servir de punto de encuentro para los especialistas en Paremiología”; e (5) “Dar a conocer las nuevas teorías, obras, proyectos y grupos de investigación relacionadas con la Paremiología”.

CAPÍTULO 3

FRASEOLOGIA PORTUGUESA

“Como disciplina científica, a fraseologia conheceu grande desenvolvimento nos anos cinquenta, especialmente na antiga URSS com os trabalhos de V. Vinogradov. Nas últimas décadas têm-se publicado interessantes estudos teóricos na Alemanha e em Espanha. O pouco que há sobre a língua portuguesa, enquanto estudo sistemático e objectivo da nossa fraseologia, fica a dever-se a autores de língua alemã” (Maria João Marçalo)⁹².

“A lingua portuguesa conta com algúns traballos puntuais sobre fraseoloxía pero a investigación nesta área da linguaxe non acompañou o seu desenvolvemento noutras linguas como o castelán, o francés e o inglés. Existen algúns traballos sobre sintaxe, morfoloxía [...] e sobre didáctica. Mais a área que rexistrou unha gran produtividade nas publicacións é a lexicografía” (Jorge, CFG 7, 2005: 119).

Neste capítulo apresentaremos, em primeiro lugar, algumas fontes da fraseologia teórica aplicada ao português (§ 3.1.); de seguida, procuraremos assinalar os trabalhos dos primeiros fraseólogos portugueses (§ 3.2.); depois, faremos algumas reflexões relativas ao trabalho de Rodrigues Lapa e sua relação com Charles Bally, no domínio da fraseologia e estilística (§ 3.3.); por último, indicaremos os contributos de investigadores como Herculano de Carvalho, Mário Vilela, Guilhermina Jorge, Iriarte Sanromán e H. Schemann, realçando, sempre que possível, a sua ligação à fraseologia e ao ensino das línguas (§ 3.4.).

3.1. Fontes da Fraseologia Teórica aplicada ao Português

“No siempre encontrará, sin embargo, el fraseólogo hispanohablante poliglota ayuda y hasta ya resultados convincentes al adentrarse, por ejemplo, en la investigación fraseológica alemana [...]. Hay menos investigación especializada llevada a cabo en inglés y en francés y no se presenta la situación mejor para el portugués ni para el italiano” (Wotjak, 1998: 11).

⁹² Vd. <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/F/fraseologia.htm>, consultado em 09/03/2012.

Neste excerto da obra *Estudios de fraseología y fraseografía del español actual*, Wotjak (1998) assinala, no panorama fraseológico internacional, um défice de investigação especializada para línguas como o português.

Uns anos mais tarde, Corpas Pastor (2000), na apresentação que faz do volume *Las Lenguas de Europa: Estudios de Fraseología, Fraseografía y Traducción*, fala de especialistas de reconhecido prestígio em diversas línguas: espanhol, inglês, francês, alemão... Para o português não há qualquer referência. Recordemos as palavras da autora:

“El presente volumen aspira a contribuir al desarrollo y a la consolidación de esta pujante disciplina [fraseología] en el marco europeo. Especialistas de reconocido prestigio dentro y fuera de nuestras fronteras avalan la calidad de los trabajos presentados sobre el español, el inglés, el francés, el italiano, el catalán, el gallego, el alemán, el holandés y el ruso” (Corpas Pastor, 2000: 1).

Obra mais recente, o *Handbook* de Burger *et al.* (2007) - *Phraseologie / Phraseology* [...] - deixa também de fora o português. Esta publicação é, já o dissemos (vd. supra § 2.3.2.), uma das mais completas no domínio da fraseologia. Sobre o segundo volume, que se inicia com o capítulo XIV e se intitula “Phraseologie einzelner Sprachen / Phraseology in individual languages”, diz-se no Prefácio do primeiro volume:

“It singles out a few languages whose phraseology is already well researched [...]. Of course, a broader palette of languages would be desirable, but limitations of space in the Handbook and the difficulty of finding appropriate authors have reduced the ideal to the possible” (Burger *et al.*, 2007: Volume 1, XVI).

Seguem-se 16 estudos, sobre igual número de línguas, escritos por alguns fraseólogos, como Norrick, para o inglês, Kühn, para o alemão, e Dobrovol'skij, para o russo⁹³. Entre estas línguas não figura o português, a quarta ou quinta língua mundial com cerca de 250 milhões de falantes. Das palavras de Burger *et al.* (2007: “Foreword”, Volume 1) depreende-se que esta ausência se deve a “limitations of space in the Handbook and the difficulty of finding appropriate authors”.

⁹³ Os estudos são os seguintes: “English phraseology”, “Phraseologie des Deutschen”, “Dutch phraseology”, “Luxembourgish phraseology”, “Phraseologie des Jiddischen”, “Phraseologie des Schwedischen”, “French phraseology”, “Italian phraseology”, “Phraseologie des Spanischen”, “Russian phraseology”, “Slovak phraseology”, “Phraseologie des Finnischen”, “Arabic phraseology”, “Phraseologie des Chinesischen”, “Phraseologie des Koreanischen” e “Phrasology in planned languages” (Burger *et al.*, 2007, vol. 2, cap. XIV).

3.1.1. Europhras

Quando nos referimos ao projeto Europhras (vd. supra § 2.3.2.), demos a conhecer autores, publicações, conferências e projetos vários e em várias línguas. Todavia, e tendo em conta os materiais divulgados pela Europhras, Portugal e o português parecem estar arredados dos estudos fraseológicos. Na verdade, fazer uma pesquisa sobre o nosso país e a nossa língua afigura-se tarefa difícil: à primeira vista, não se vislumbram estudos sobre o português nem notícias sobre encontros científicos (conferências, congressos...) realizados ou a realizar em Portugal. No entanto, alguns indícios surgem por momentos quando, por exemplo, no sítio da Europhras se faz referência ao Projeto Frasespal. Assumido por um grupo de investigadores de universidades espanholas e por um de uma universidade portuguesa (o professor Hans Schemann, da Universidade do Minho), este projeto interuniversitário, intitulado *La estructura idiomática del alemán y el español*, embora não trabalhe diretamente com o português, fornece algumas pistas. Deste modo, paulatinamente fomos juntando dados, uns mais outros menos relevantes, sobre a língua portuguesa. Eis alguns exemplos:

(1) Ettinger, S. & Nunes, M. (2006). **Portugiesische** Redewendungen. Ein Woerter- und Uebungsbuch fuer Fortgeschrittene. Hamburg: Buske (Sublinhado nosso);

(2) Pinel Lopez, R. et al. (2003). *La amistad a traves de las paremias de ocho lenguas europeas (aleman, espanol, frances, griego moderno, ingles, italiano, polaco y portugues)*. Eslavistica Complutense, 3, 178-198 (Sublinhado nosso);

(3) Staffeldt, S. (2010). Zur Rolle des Körpers in der phraseologisch gebundenen Sprache. Fingerübungen zur semantischen Teilbarkeit. In Korhonen, J., Mieder, W., Piirainen, E. & Pinel, R. (editors), *Europhras 2008. Beiträge zur internationalen Phraseologiekonferenz vom 13.-16.8.2008 in Helsinki*.

Nesta terceira publicação, por exemplo, encontram-se dois artigos sobre o português (diponíveis *online*): um de Lucília Chacoto, da Universidade de Faro (“«Não há rifão velho, se é dito a propósito»». La condición en los refranes portugueses”, pp. 58-66), integrado na secção temática ‘Strukturelle Aspekte’; e outro de Iovka B. Tchobánova, da Universidade de Lisboa (“Los fraseologismos somáticos en la lengua portuguesa”, pp. 78-87), presente na secção ‘Semantische Aspekte’.

3.1.2. *Widespread Idioms in Europe and Beyond*

Um projeto relevante para a fraseologia portuguesa, e ao qual já fizemos referência (vd. supra § 2.3.2.), é o *Widespread Idioms in Europe and Beyond*. Coordenado por Elisabeth Piirainen, este projeto contou com a colaboração de investigadores de variadíssimos países, entre eles os portugueses José L. de Azevedo do Campo, M. Celeste Augusto e Guilhermina Jorge.

Pela primeira vez, uma grande parte das EI (*widespread idioms* ou *WIs*) é apresentada como património linguístico comum, onde o português, como tantas outras línguas europeias (mas não só), se faz representar. Quer no sítio <http://www.widespread-idioms.uni-trier.de>, quer no livro de Elisabeth Piirainen resultante deste projeto⁹⁴, podemos encontrar inúmeras EI (*widespread idioms* ou *WIs*) partilhadas pelo português e por muitas outras línguas, independentemente da sua localização geográfica e filiação linguística.

3.1.3. CFG (*Cadernos de Fraseoloxía Galega*)

Na Galiza, os *Cadernos de Fraseoloxía Galega* deram um contributo significativo à fraseologia portuguesa. Senão, vejamos:

a) No Conselho Científico dos CFG, ao lado de nomes reconhecidos internacionalmente, como o de Alberto Zuluaga Ospina (Universität Tübingen), Gloria Corpas Pastor (Universidad de Málaga), M.^a Isabel González Rey (USC) e Valerii Mokienko (Sankt-Peterbúrgskii Gosudárstvennii Universitet), figura o de um português: António Nogueira Santos;

b) Nos 15 números que constituem os *Cadernos* (o n.º 1 é de 2000; o 15, de 2013), é possível encontrar, de forma mais ou menos explícita, materiais úteis para a fraseologia portuguesa. E falamos da totalidade dos números publicados porque, sendo a língua galega e a sua fraseologia o denominador comum nestes *Cadernos*, neles se reflete também, pelo menos

⁹⁴ Vd. Piirainen (2012), *Widespread Idioms in Europe and Beyond: Toward a Lexicon of Common Figurative Units*, Peter Lang, New York [Series "International Folkloristics"], ca. 500 pages.

na sua génese (o galego-português), a língua e a fraseologia portuguesas. Assim, não devemos menosprezar os muitos estudos sobre o galego, alguns deles em forma de monografia⁹⁵.

Passemos agora a uma apresentação sumária dos estudos fraselógicos de maior interesse para o português, recolhidos dos *Cadernos de Fraseologia Galega*:

(1) Em CFG 7 (2005), Álvarez de la Granja (USC) apresenta *Glosario de locucións adverbiais do galego medieval* (pp. 13-40). Ao recolher locuções adverbiais de fontes como (i) os glossários que acompanham as edições de J. J. Nunes das *Cantigas d'Amigo dos trovadores galego-portugueses* e das *Cantigas d'Amor dos trovadores galego-portugueses*, (ii) o *Glossário do Cancioneiro da Ajuda* de C. Michaëlis de Vasconcelos e (iii) o *Vocabulário Galego-Português*, extraído da edição crítica das *Cantigas d'escarnho e mal-dizer* de Rodrigues Lapa, a autora está a elaborar não um glossário do *galego medieval* mas antes do galego-português. Prova disso é que Álvarez de la Granja apresenta como galegas locuções ainda hoje muito frequentes no português: “*de cor*: de memória”, “*a eito*: imediatamente, seguido”, “*de raiz*: desde o principio”, “*a retallo*: polo miúdo, em pequenas quantidades”, entre muitas outras.

Neste mesmo número dos CFG, Jorge Baptista, Graça Fernandes e Anabela Correia (Universidade do Algarve) são os autores de *Léxico-gramática das frases fixas do português europeu. Breve presentación* (pp. 41-53). Este artigo apresenta os resultados de um projeto sobre a elaboração da chamada léxico-gramática das frases fixas do português europeu, integrando informações de caráter sintático (distribucional e transformacional).

Guilhermina Jorge (FLUL), em *Periplo pola fraseoloxía portuguesa: abordaxe lexicográfica* (pp. 119-133), apresenta uma viagem pela lexicografia, discutindo as opções adotadas nos dicionários publicados em língua portuguesa desde os anos oitenta. Depois, lança o seu próprio projeto: um dicionário bilingue de UF (concretamente, *expressões e provérbios*) assente, por um lado, numa orientação temática ou referencial e, por outro, numa orientação metafórica ou idiomática.

⁹⁵ São monografias os números 1 (*Fraseoloxía do mar da mariña luguesa*, de Paco Rivas, 2000), 2 (*Refraneiro Galego*, de Xesús Taboada Xivite, 2000), 3 (*Achegas a un diccionario de refráns galego-castelán, castelán-galego*, de María do Rosario Soto Arias, 2003) e 5 (*Refraneiro galego e outros materiais de tradición oral*, de Francisco Vázquez Saco, 2003). Relativamente a Taboada Xivite (2000), registe-se o seguinte: “Edición dun ficheiro inédito de 3.826 refráns galegos (ós que hai que engadir 75 refráns paralelos doutras linguas -maiormente casteláns e **portugueses**-, 44 dialoxismos, 52 locucións e fórmulas, 5 cantigas, 1 romance e unha rima infantil)”, disponível em http://www.cirp.es/pls/bdox/inv.cfg_numeros, consultado em julho/2013 (Sublinhado nosso).

Finalmente, Tomás Pereira Ginet (Universidade de Vigo) disponibiliza, no seu artigo *Fiando paremias (I): glosario paremiolóxico multilingüe galego, portugués, castelán, francés, italiano e inglés* (pp. 191-223), um glossário multilingue constituído por 102 parémias. O autor parte do galego para procurar equivalentes em castelhano, francês, italiano, inglês e português. Este é um glossário de grande utilidade para os estudiosos em geral, mas sobretudo para os tradutores.

(2) Em CFG 8 (2006), a nossa primeira referência vai para António Nogueira Santos (S. Pedro de Moel), autor de *Fraseoloxía comparada portugués-inglés: cão/gato-dog/cat* (pp. 165-175). Neste artigo, o *cão* e o *gato* são o ponto de partida para um estudo comparativo entre o português e o inglês. Nogueira Santos serve-se de fontes diversas (língua corrente, literatura popular e obras de diferentes autores) para apresentar EI onde ocorrem os nomes dos referidos animais. Relativamente a expressões menos transparentes, o autor arrisca uma explicação histórica.

Na secção “Novas” deste oitavo número dos CFG, publica-se o programa do “Congreso Internacional de Fraseoloxía e Paremioloxía” (USC, 19-22/09/2006). Na listagem das comunicações, dá-se conta de diversos contributos com interesse para a fraseologia portuguesa⁹⁶. Por sua vez, na secção “Libros, separatas e revistas recibidas na redacción” surge, na página 358, uma referência a João Marçalo (2005), com “Metáfora y fraseología en portugués: cuando la lengua se pretende intraducible”⁹⁷.

(3) Em CFG 9 (2007), Elisabete Ares Licer (Universidade de Vigo) é a autora de *Deseño dun banco de datos de equivalencias entre unidades fraseolóxicas do portugués do Brasil (LO) e o galego (LM)* (pp. 13-30), artigo onde se realça o valor pragmático das UF, através do recurso a contextos reais. Embora o PB não seja, diretamente, objeto de estudo do nosso trabalho,

* Eis algumas dessas participações: I. Bojilova Tchobánova, *Classificação temática dos fraseologismos na língua portuguesa*; L. Chacoto, “*Vale mais um gosto na vida que três vinténs na algibeira*”. *Las estructuras comparativas en los proverbios portugueses*; D. Catalá / L. Chacoto, *Estudio contrastivo de los proverbios portugueses y españoles en el ámbito de las profesiones*; A. Nogueira, “*Quem sai aos seus (não) degenera*”: *estructuras sintácticas clásicas en provérbios portugueses*; R. Climent Espino / M. J. Marçalo, *La traducción y enseñanza de la fraseología española a estudiantes portugueses: el caso de los somatismos*; M. L. Ortiz Álvarez, “*Cada macaco no seu galho*”. *Um estudo dos padrões de uso dos provérbios brasileiros e seus equivalentes em espanhol e russo*; Jorge Baptista, *The lexicon-grammar of frozen sentences in Portuguese: current issues and future perspectives*; M. J. Postigo Aldeamil, *Términos paremiológicos en el portugués de los siglos XVI y XVII*; G. Jorge, *Traduire la phraséologie: le cas des expressions idiomatiques*; e V. Benchik, *Calcos fraseológicos del portugués en el español canario*.

⁹⁷ Em Luque Durán, Juan de Dios & Pamies Bertrán, Antonio (eds.) (2005), *La creatividad en el lenguaje: colocaciones idiomáticas y fraseología*, Granada Lingüística, Granada, pp. 351-358.

convém não desperdiçar a oportunidade que constitui este artigo, principalmente no domínio da tradução e do conceito de equivalência entre UF.

Lucília Chacoto (Universidade do Algarve e Onset-CEL), com *A sintaxe dos provérbios. As estruturas quem / quien en portugués e español* (pp. 31-53), visa, por um lado, a análise de provérbios portugueses e espanhóis iniciados por uma oração relativa sem antecedente expresse e, por outro, a comparação das estruturas sintáticas das duas línguas. Para tal, constituiu um *corpus* de 1000 provérbios (500 portugueses e 500 espanhóis). O marco teórico-metodológico adotado é o Léxico-Gramática, elaborado por Maurice Gross (1975, 1981) e desenvolvido pelo LADL.

Nogueira Santos surge pela segunda vez nestes CFG, agora com *Fraseoloxía comparada – hendiade en inglés e portugués* (pp. 167-171). As hendiades (ou hendiadis, em port.; e hendiadys, em ing.) são agora o pretexto para um novo estudo comparativo entre as duas línguas. Neste sentido, o autor organizou algumas dezenas de locuções em três grupos: (1) locuções portuguesas que não apresentam um correspondente em inglês; (2) locuções portuguesas com os seus correspondentes ingleses; e (3) locuções inglesas que não têm um correspondente em português.

Com *Factores modelo xeométricos descritibles e non descritibles para a constitución semántica de expresións idiomáticas e perspectivas de elaboración dun dicionario idiomático monolingüe e bilingüe galego* (pp. 195-221), Hans Schemann (UM) não nos apresenta diretamente um estudo sobre o português, mas leva-nos até ele através do galego. Além disso, Schemann é um especialista da fraseografia portuguesa e recorre várias vezes ao português mesmo quando a língua-alvo é outra.

Soto Arias e González García (IES Eusebio da Guarda e Univ. da Coruña) provam, em *Do verbo antigo en Johan Garcia de Guilhade* (pp. 223-232), que a lírica galego-portuguesa pode ser também um repositório importante da fraseologia. Neste trabalho, os autores analisam três (possíveis) parémias presentes nas cantigas de escárnio do trovador galego-português medieval Johan Garcia de Guilhade: (1) *Castanhas eixidas, e velhas per souto*, (2) *Cada casa, favas lavar!* e (3) *Ess'é que foi con os lobos arar*. Referindo-se à sobrevivência e atualidade de cada uma delas, os autores concluem que “de tres posibles paremias medievais, só unha pervive con saúde e vitalidade incontestables na nosa contorna” (p. 231).

Na secção “Recensións” faz-se a apreciação de quatro obras de referência para a fraseologia portuguesa: (1) Ettinger, S. e Nunes, M. (2006), *Portugiesische Redewendungen*,

Hamburgo, Buske Verlag, 152 pp.; (2) Schemann, H. e Schemann-Dias, L. (1979), *Dicionario Idiomático Português-Alemão*, Braga, Livraria Cruz, Max Hueber Verlag, 850 pp.; (3) Schemann H. (2002), *Idiomatik Deutsch – Portugiesisch*, Stuttgart, Ernst Klett Sprachen, 1228 pp.; e (4) Schemann, H. e Dias, I. (2005), *Dicionario Idiomático Português-Alemão*, Braga, UM, Centro de Estudos Humanísticos, 870 pp..

A primeira obra, do romanista alemão Stefan Ettinger, situa-se na área da fraseodidática e releva a importância da fraseologia no processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira. Depois do francês e do alemão, o interesse de Ettinger volta-se para o português. Visando colmatar uma lacuna evidente nos manuais, onde a aquisição e uso ativo dos fraseologismos têm sido relegados para segundo plano, Ettinger apresenta uma obra pequena mas de grande utilidade, baseada num *corpus* constituído por 250 UF, ordenadas alfabeticamente. Este manual, para além de fornecer referências bibliográficas e explicações sobre os fraseologismos, oferece ainda um conjunto de exercícios práticos, permitindo a qualquer aprendente a monitorização da sua aprendizagem e o desenvolvimento da sua competência fraseológica em PLE.

As obras (2), (3) e (4) são três dicionários coordenados pelo fraseógrafo H. Schemann e constituem um manancial de fraseologismos colhidos em textos de épocas e tipologias diversas. Ao ser confrontado com o alemão, o português sai a ganhar, na opinião do(s) autor(es), na medida em que acaba por beneficiar da longa e ampla experiência da fraseologia alemã. Nestes dicionários, o(s) autor(es) procura(m) apresentar um ou mais equivalentes para cada EI mas acrescenta(m) também, sempre que possível, informações que ajudam a caracterizar a visão do mundo dos dois povos. Assim, quando se faz referência a algo enigmático ou muito difícil, o português diz habitualmente “Para mim isto é chinês”, enquanto o alemão dirá “Ein Buch mit sieben Siegeln sein” (livro com sete colunas), expressões estas representativas de experiências diferenciadas (vd. CFG 9, 2007: 297-322). Na opinião de Isabel Giráldez Arias, autora da revisão, estas obras de Schemann podem ser de grande utilidade para os tradutores, estudantes e professores, “pois feito de que nos achegamos unha certa cantidade de expresións en portugués que se asemellan ou son iguais ás galegas e fan que nestes tres dicionarios teñamos un embrión de dicionario fraseolóxico galego-alemán” (CFG 9, 2007: 322).

(4) Na secção “Recensións” dos CFG 10 (2008: 274-279), faz-se a apreciação de uma obra de Germán Conde Tarrío - *Nouveaux apports à l'étude des expressions figées* (Cortil-Wodon,

E.M.E. & InterCommunications S.P.R.L., 2007, 264 pp.) -, constituída por 12 artigos de paremiólogos e fraseólogos de 9 países europeus: Bélgica, Bulgária, Dinamarca, Espanha, França, Grécia, Noruega, Rússia e Portugal. Para o português interessam, sobretudo, os trabalhos de I. Bojílova Tchobánova (“Classificação temática dos fraseologismos na língua portuguesa”) e o do próprio G. Conde Tarrío (“El refrán según los trovadores de las *Cantigas* (s. XII – s. XIV)”). O artigo de Tchobánova merecerá um breve comentário quando nos referirmos a CFG 11 (2009). Quanto ao segundo, releva-se a importância, do ponto de vista paremiológico, das cantigas medievais galego-portuguesas, “xa que se poden considerar o primeiro documento de refráns en galego e portugués” (CFG 10, 2008: 276). Conde Tarrío destaca ainda a atualidade de muitos destes provérbios que, graças aos trovadores galego-portugueses, pode ainda hoje ser confirmada. Uma terceira referência vai para M. J. Postigo Aldeamil, com “Términos paremiológicos en el portugués de los siglos XVI y XVII”. Neste artigo, o autor percorre várias obras (dicionários, léxicos, vocabulários, coleções de provérbios, glossários, índices, etc.) à procura de termos paremiológicos como *parémia*, *provérbio*, *dito*, *sentença*, *adágio/adajo*, *rifão*, *exemplo*, *aforismo* e *anexim*.

Ainda na secção “Recensións” deste décimo volume de CFG (pp. 279-282), Conde Tarrío surge de novo associado à fraseologia portuguesa com a obra *El componente etnolingüístico de la paremiología* (Cortil-Wodon, E.M.E. & InterCommunications S.P.R.L., 2007, 266 pp.). Depois de afirmar que “el refranero de cada país presenta los rasgos distintivos de su cultura” (vd. CFG 10, 2008: 279), este professor da USC dá conta, na sua obra, de 12 artigos assinados por fraseólogos de diferentes universidades espanholas e um da Universidade do Algarve – Adriana Nogueira. No seu artigo “*Quem sai aos seus (não) degenera*: estructuras sintácticas de la Antigüedad greco-latina en proverbios portugueses (vd. CFG 10, 2008: 281), a investigadora portuguesa procura esclarecer alguns dos problemas enfrentados pelos tradutores quando traduzem os textos clássicos para as línguas modernas (neste caso, o português), como o sincretismo, a diferença na ordem das palavras, o uso da segunda pessoa do singular, a rima e a antítese.

Finalmente, e ainda na secção “Recensións” (vd. CFG 10, 2008: 290-293), surge Carmen Mellado Blanco que, em 2008, edita *Colocaciones y fraseología en los diccionarios* (Frankfurt am Main, Peter Lang, 335 pp.), uma miscelânea de 21 artigos de diferentes especialistas, entre eles os portugueses Graça Fernandes e Jorge Baptista. No seu trabalho (“Frozen sentences with obligatory negation: linguistic challenges for natural language processing”), os autores utilizam

um método estatístico baseado na “Lexique-grammaire” para procurar, num *corpus* de 180 milhões de palavras, expressões portuguesas com negação intrínseca (com partículas como *não, nenhum, ninguém, nunca*) e poder analisar este tipo de *frozen sentences*.

Na secção “Libros, revistas ou artigos recebidos” (CFG 10, 2008: 313-331), o português marca de novo presença com Lucília Chacoto (2007) e o seu artigo “Las paremias en la *Comedia Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcellos”⁹⁸. Por último, a secção “Balance” (CFG 10, 2008: 335-347) edita o índice dos dez primeiros números dos CFG (1, 2000 – 10, 2008), através de uma relação dos autores, dos seus trabalhos e ainda da sua procedência. A nós interessam-nos aqueles que mais diretamente contribuíram para a construção da fraseologia portuguesa⁹⁹.

(5) Em CFG 11 (2009), interessa-nos, em primeiro lugar, o artigo de Iovka B. Tchobánova (Univ. de Lisboa) - “Os somatismos máis frecuentes na fraseoloxía portuguesa” (pp. 65-79). As UF que contêm entre os seus componentes denominações para o corpo (somatismos) são o objeto de estudo deste trabalho. Embora os somatismos apresentem um índice de ocorrência elevado nos fraseologismos portugueses, a verdade é que, na opinião da autora, eles ainda não foram estudados na linguística portuguesa. Neste sentido, pretende-se apresentar uma visão geral dos elementos somáticos (*mão, pé, cabeça, olhos...*) que constituem os fraseologismos do português, estudando-se não só a sua frequência de aparição mas também o seu carácter semântico, numa perspetiva cognitiva. Para isso, a autora socorreu-se de oito dicionários portugueses, gerais e fraseológicos, e recolheu um total de 13.000 fraseologismos, dos quais 3.650 (cerca de uma quarta parte do total) são fraseologismos somáticos, que contêm 70 somatismos diferentes. Na constituição da amostra, a autora incluiu EI, comparações fixas e colocações, deixando de fora os provérbios, as frases proverbiais e as fórmulas rotineiras, segundo a classificação de Corpas Pastor (1996). De entre os somatismos mais frequentes, contam-se os termos *mão* (em 382 UF: *meter os pés pelas mãos, ...*), *pé* (em 274: *de pé atrás,*

* Em Lafuente Niño, Carmen *et al.* (ed.), *Seminario Internacional 'Colección paremiológica, Madrid 1922-2007'*, Madrid, Biblioteca Histórica Municipal de Madrid, pp. 73-96.

** A saber: Batista, Jorge (Univ. do Algarve), Fernandes, Graça e Correia, Anabela (L2F - Spoken Language Laboratory, INESC-ID Lisboa), “Léxicogramática das frases fixas do português europeu. Breve presentación”, em CFG 7, 2005, pp. 41-53; Chacoto, Lucília (Univ. do Algarve e Onset-CEL), “A sintaxe dos provérbios. As estruturas *quem / quien* em português”, em CFG 9, 2007, pp. 31-53; Jorge, Guilhermina (FLUL), “Periplo pola fraseoloxía portuguesa: abordaxe lexicográfica”, em CFG 7, 2005, pp. 119-133; Nogueira Santos, António (S. Pedro de Moel-Portugal), “Fraseoloxía comparada portugués-inglés: cão/gato-dog/cat”, em CFG 8, 2006, pp. 65-175; e “Fraseoloxía comparada—hendiade en inglés e portugués”, em CFG 9, 2007, pp. 167-171; Pereira Ginet, Tomás, “Fiando paremias (I): glosario paremiológico multilingüe galego, portugués, castelán, francés, italiano e inglés”, em CFG 7, 2005, pp. 191-223.

...), *olho* (em 227: *fazer olhinhos a alguém, ...*), *cabeça* (em 222: *ter cabeça, ...*) e *boca* (em 202: *com o credo na boca, ...*). A autora chama a atenção para o facto de estes somatismos serem também produtivos noutras línguas, como a búlgara e a francesa.

Wiktorja Grygierzec e Ferro Ruibal assinam o artigo “Estereotipos na fraseoloxía: o caso galego-portugués” (pp. 81-111). Partindo da noção de estereótipo como opinião corrente e convencional, associada a uma palavra concreta dentro de uma determinada cultura, este estudo trata a questão dos estereótipos nacionais presentes nas UF galegas e portuguesas. Analisam-se, por um lado, as UF galegas que fazem referência a Portugal, aos portugueses e às suas características nacionais e, por outro, as UF portuguesas que mencionam os galegos¹⁰⁰.

Río Corbacho (USC) é a autora de “BADARE: unha ferramenta de traballo na paremioloxía meteorolóxica e do calendario na Romania” (pp. 173-190). BADARE é uma base de dados constituída por refrãos meteorológicos e do calendário na România pertencentes a 34 línguas. Cada uma das 8646 entradas é analisada segundo quatro pontos de vista: cronologia, meteorologia, âmbito temático geral e fontes. A autora procura mostrar algumas das potencialidades desta base de dados através do estudo do fenómeno do arco da velha no refraneiro da România. Este fenómeno meteorológico surge em 127 formas, originárias de 15 línguas diferentes: castelhano, francês, galego, italiano... e português.

Na secção “Recensións” deste 11.º volume dos CFG (2009: 382) faz-se referência a um artigo da portuguesa Lucília Chacoto (Univ. do Algarve e Onset-CEL) intitulado “Las paremias en la Comedia Eufrosina de Jorge Ferreira de Vasconcelos”¹⁰¹. Nele estudam-se as parémias presentes na edição de 1555 e a sua função na obra, numa perspetiva simultaneamente literária e tradutológica. A autora faz ainda uma análise comparativa com a tradução de F. de Ballesteros

¹⁰⁰ As UF galegas alertam para o ar nocivo que sopra de Portugal (chuvas e ventos) e aconselham cautela perante as manifestações cerimoniais e afetadas dos portugueses; nas UF portuguesas, o galego aparece retratado ora positivamente, como trabalhador e fiel, ora negativamente, como inculto, cobarde e carregado de filhos. Como “Conclusións provisionais”, os autores afirmam que a “primeira surpresa que produce este corpus é a súa pequena dimensión, habendo como hai detrás unha longa historia de relación entre galegos e portugueses [...]. Non obstante, esa pobreza de fraseoloxismos podería ser un dato revelador: por parte portuguesa, da escasa consideración que eles lles concederon ós galegos (como xente insignificante); e, por parte galega, de que só a parte máis meridional de Galicia fixo a experiencia portuguesa” (CFG 11, p. 103).

¹⁰¹ Este artigo encontra-se no livro *Seminario Internacional Colección paremiológica*, Madrid, 1922-2007, da autoria de Lafuente Niño, M. C.; Sevilla Muñoz, M.; De Los Reys Gómez, F.; e Sevilla Muñoz, J.. Ainda na secção “Recensións”, a obra *Theorie und Praxis der idiomatischen Wörterbücher*, editada por Mellado Blanco, C. (2009), tem interesse para a fraseologia portuguesa. Está dividida em dois grandes blocos: um dedicado à fraseografia monolíngue do alemão e outra à fraseografia bilingue. Ora, é neste segundo bloco, em que se analisa o alemão em relação com o russo, com o português do Brasil, com o islandês, com o danês e com o finlandês que encontramos um trabalho de Eva Glenk intitulado “Probleme der zweisprachigen Phraseografie: Die kommunikative Äquivalenz der Formeln des Sprachenpaares brasilianisches Portugiesisch/Deutsch” (“Dificuldades da fraseografia bilingue: a equivalencia comunicativa das fórmulas no par português do Brasil e alemão”).

y Saavedra (1631) e conclui que as dificuldades de tradução no domínio da paremiologia se hoje são significativas mais seriam no século XVI.

(6) No número 14 dos CFG (2012), disponível no sítio do *Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades*¹⁰², encontramos um estudo de M. Celeste Augusto (*Universiteit Utrecht*), intitulado “Os enunciados (implicados) de sabedoria no dicionário bilingüe conservan realmente a súa “sabedoria?”” (pp. 21-42). Como a autora afirma no resumo (p. 21), o objeto deste artigo é “a inserción lexicográfica dos enunciados paremiolóxicos no dicionario bilingüe bidireccional portugués-neerlandés-portugués”¹⁰³.

3.1.4. Revista *Paremia*

À semelhança do que fizemos com os *Cadernos de Fraseoloxía Galega* (CFG), procederemos ao levantamento dos contributos da Revista *Paremia*¹⁰⁴ no âmbito da fraseologia portuguesa:

(1) No segundo número da Revista *Paremia* (1993), C. Dumas (Univ. de Pau, França) apresenta-se com um artigo intitulado "Oralité et poésie dans *A Ver-O-Mar* de Luisa Dacosta" (pp. 175-181). Elaborado com base num conjunto de crónicas de 1980 da autoria de Luísa Dacosta, Catherine Dumas refere-se ao provérbio afirmando que ele permite passar do particular para o geral “et sort les situations de leur contexte”. Além disso, “favorise le secret et génère en cela un obscurcissement de sens” (p. 178). É pouco significativo este estudo para a fraseologia portuguesa.

¹⁰² Disponível em http://www.cirp.es/pls/bdox/inv.cfg_numeros, consultado em 21/02/2014.

¹⁰³ Ao contrastar um repertório de dados extraídos do referido dicionário, a autora verificou que “por mor dunha operación de “desproverbialización” (Schapira 2000) algunhas paremias non se incluíron coa súa forma canónica senón como secuencias pluriverbais fixas”. Tornados mais frequentes e conhecidos, estes fraseologismos encontram-se nos dicionários de língua e de expressões. O objetivo é “amosar que a mensaxe semántica”, seja ela um conselho, uma lição ou uma opinião, “non se deteriorou, e que se mantén no novo segmento: como segue sendo recoñecible, o falante acéptao e emprégao nos contextos que o esixen” (CFG 14, 2012: 21).

¹⁰⁴ Disponível em http://www.paremia.org/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=47&lang=es, consultado em julho/2013.

(2) Em *Paremia 4* (1995), F. Lévi (Univ. de Paris III) apresenta "*Calar ou Falar? Le silence et la parole à travers des proverbes portugais faisant référence à la bouche et à l'oreille*" (pp. 132-139). Este estudo surge na sequência de um outro publicado por Lévi em 1993: "*De boca em boca ou De bouche à oreille. Locutions, expressions et proverbes portugais faisant référence à la bouche e à l'oreille, recherches des équivalentes en français*". A autora dá a conhecer uma amostra constituída por provérbios que fazem referência frequente à boca, à língua e à orelha. A origem (bíblica, clássica...) destes provérbios e a sua tradução são também questões abordadas por Lévi. Depois conclui que "le silence est valorisé par rapport à la parole excessive, débridée, obscène, blasphématoire, mais ne vaut pas mieux que la parole contrôlée, exprimée dans de bonnes conditions" (p. 133).

(3) *Paremia 5* (1996) contém um artigo de López Castro: "Gil Vicente y los refranes" (pp. 31-42). Este autor cita Erasmo que, desde 1508 com a edição *Adagiorum Chiliades*, "había encomendado el uso de sentencias y refranes a los humanistas del siglo XVI por su utilidad práctica, autoridad probatoria, artificio retórico y validez general" (p. 31). A maior parte dos refrãos vicentinos foi tomada da tradição oral e mostra bem a "compenetración del dramaturgo portugués con su pueblo, que se sintió representado en sus autos, formando parte de ellos" (p. 33)¹⁰⁵.

(4) Em *Paremia 6* (1997), encontramos um número significativo de estudos com interesse para a fraseologia portuguesa. O primeiro é de M. C. Barrado Belmar (Univ. Complutense de Madrid) e intitula-se "*De frasca italiano, ramo español al portugués enfrascar-se* (Estudio etnolingüístico a través de paremias referidas al vino)" (pp. 97-100). Este pequeno estudo visa analisar o valor não só lexicográfico mas também etnolinguístico de "algumas paremias en las que el término italiano *frasca* y el español *ramo* aparecen vinculados a costumbres y modos de vida, en relación con el consumo del vino" (p. 97).

¹⁰⁵ Depois de uma recolha de 30 refrãos presentes nas obras de G. Vicente, López Castro apresenta as seguintes conclusões (p. 40): (1) a coincidência de refrãos castelhanos e portugueses responde "al fondo común de la tradición oral, dentro de la que tanto los recursos musicales, el paralelismo y el estribillo, como estilísticos, el inmovilismo y la homogeneidad, facilitan el contacto con el auditorio y su permanencia en la memoria colectiva"; (2) se o teatro vicentino obedece técnica e esteticamente "al ahorro del esfuerzo, consistiendo en imaginar múltiples variaciones a partir de un tema único", "es evidente que la brevedad y condensación del refrán contribuyen a intensificar emocionalmente un mismo contenido"; (3) os refrãos incluídos no texto dramático, "siempre sabiamente contruidos y con un extraordinario sentido del ritmo", ajudam "a generalizar lo individual con cada nueva representación".

A nossa atenção vai, em segundo lugar, para L. Chacoto (Univ. do Algarve), com "*Quem conta um conto acrescenta um ponto. Figement et variation dans les proverbes portugais*" (pp. 183-188). A autora afirma, na introdução (p. 183), que este é um trabalho de continuidade sobre o estudo "du figement et de la variation lexico-syntaxique présents dans un groupe de proverbes portugais". Alargando o *corpus*, analisa mais de perto "certains aspects syntaxiques de la classe de proverbes portugais dont le sujet est une proposition relative sans antécédent", do tipo *Quem escuta de si ouve* (p. 183). Depois da análise dos dados recolhidos, Lucília Chacoto chega às seguintes conclusões (p. 188): (1) os enunciados apresentam, em geral, "des propriétés communes aux constructions librés" e (2) como características específicas, "on peut considérer soit la possibilité d'effacement (l'omission) d'un mot ou d'une partie du proverbe sans pene d'information soit l'ordre des constituants dans la phrase".

Segue-se G. Funk (Univ. dos Açores), com "Condiciones para el uso de paremias contradictorias. Estudio empírico" (pp. 245-250). A autora aplica um questionário a duzentos e sessenta e seis estudantes da Universidade dos Açores "para esclarecer el uso y la evaluación que hacían de ciertos refranes contradictorios entre sí" (p. 245), tais como "Voz do povo, voz de Deus/Voz do povo, voz do diabo" e "Quem espera desespera/Quem espera sempe alcança". Analisados os resultados, Gabriela Funk apresenta algumas conclusões (p. 250): (1) "los pares de refranes aparentemente contradictorios no lo son necesariamente por exclusión estadística o por un principio de interpretación situacionalmente determinada", (2) "los refranes contradictorios pueden ser condicionados por la existencia de diferencias de personalidad o de grupos sociales en una cultura" e, como conclusão mais importante, (3) "necesidad de analizar exactamente cuales son las condiciones de utilización adecuada de un determinado refrán y cuales las formas realmente utilizadas".

F. Lévi (Univ. de Paris III) retoma o tema dos somatismos com "O simbolismo da boca através de alguns provérbios portugueses" (pp. 364-368)¹⁰⁶. O autor classifica os provérbios que fazem referência à boca da seguinte forma: "provérbios que exprimem valores negativos ou positivos da palavra; provérbios éticos ('hipocrisia' -v.s. 'sinceridade'; 'justiça' -v.s. 'injustiça'; 'soberba') e provérbios psicossociais ('desejo'/'realidade'; 'autonomia')" (p. 363). Depois, seleciona alguns exemplos por categoria (*Pela boca morre o peixe*, *Boca de mel*, *coração de fel*, entre outros) e analisa a sua origem e correspondências com os provérbios franceses e

¹⁰⁶ Este artigo surge depois de "*Calar ou Falar? Le silence et la parole à travers des proverbes portugais faisant référence à la bouche et à l'oreille*" (*Paremia* 4, 1995: 132-139) e de "*De boca em boca ou De bouche à oreille. Locutions, expressions et proverbes portugais faisant référence à la bouche e à l'oreille, recherches des équivalentes en français*" (Paris III, 1993).

espanhóis. A autora conclui que a *boca*, termo presente na mitologia e em outros textos fundadores como a Bíblia, surge em muitos provérbios portugueses, franceses e espanhóis. Mas será que “assistimos ao mesmo fenómeno em outras línguas?” – questiona a autora (p. 367).

Navas Sánchez-Élez (Univ. Complutense de Madrid) dá o seu contributo à fraseologia portuguesa com "Enunciados sentenciosos en la literatura oral de la frontera hispano-portuguesa: el ejemplo de Barrancos" (pp. 439-444). Esta localização raiana propiciou o desenvolvimento de três sistemas linguísticos em Barrancos: o português, o espanhol e o barranquenho (misto das variedades meridionais portuguesa e espanhola). Neste estudo, a autora tenciona mostrar como a literatura oral, neste caso através dos enunciados sentenciosos, é uma prova da situação trilingue dos habitantes de Barrancos: “Es decir, cómo las anécdotas, fábulas, chistes, refranes, proverbios y sentencias son un ejemplo del hecho real de las lenguas en contacto que se mantienen en la villa” (p. 439). Para isso, serve-se de materiais recolhidos aquando da sua presença na localidade portuguesa, entre 1987 e 1991, e de dados disponibilizados pelos investigadores do CLUL para o *Atlas Lingüístico de Portugal e da Galiza* (1978).

Postigo Aldeamil (Univ. Complutense de Madrid) marca presença na Revista *Paremia* 6 através do artigo "Contribución al estudio de los refranes en Gil Vicente" (pp. 499-504). A autora começa por referir os trabalhos sobre os refrãos do dramaturgo português. O primeiro é o «Adagiário Português» publicado por Theophilo Braga em RL, Vol. 18 (e não 19, como refere a autora), de 1915, onde são apresentadas, na secção «Anexins tirados de Gil Vicente», 51 unidades paremiológicas, mas sem indicação do nome do auto vicentino. De seguida, surge a edição organizada por Mendes Remédios das obras de G. Vicente, uma coleção de 44 refrãos, ordenados alfabeticamente e com a indicação da peça onde aparecem, do volume e da página da edição. A terceira referência vai para Virginia Joiner e Eunice J. Gates que, em 1942, publicaram um artigo de 17 páginas, intitulado «Proverbs in Gil Vicente». Por último, o artigo de A. López Castro, «Gil Vicente y los refranes», publicado no n.º 5 desta revista *Paremia*. Depois da observação de todos estes estudos, a autora conclui que o trabalho exaustivo continua por fazer¹⁰⁷.

¹⁰⁷ Porque, diz ela, “no se cita por una misma edición”, “los criterios de edición son muy diferentes”, “no coinciden las unidades paremiológicas”, “pocos son los refranes de los que se da el significado, y sí lo anterior no está conseguido menos lo está el estudio del corpus”. Deste modo, é intenção da autora aclarar os pressupostos de onde parte, as dificuldades e possíveis soluções que, na sua opinião, existem para apresentar um repertório exaustivo que responda às necessidades atuais (vd. *Paremia* 6, 1997: 499-504).

"La mujer en fraseologismos alemanes, españoles y portugueses: aportación a un análisis cultural contrastivo" (pp. 515-526) é o título do artigo de M. Raders e Canellas de Castro Duarte (Univ. Complutense de Madrid). Os autores procuram mostrar, através dos fraseologismos, de que forma a situação da mulher evoluiu ao longo dos últimos séculos nos países ocidentais. Para isso, recorrem a um *corpus* constituído por "enunciados básicamente subjetivos, tales como aforismos y citas de autores", mas também por "juicios de valor colectivos y anónimos (proverbios, refranes, dichos y otras expresiones idiomáticas)" (p. 515). O âmbito linguístico de análise é o alemão, espanhol e português. Partindo do pressuposto de que os fraseologismos não formulam verdades de valor universal, os autores chamam a atenção para a necessidade de "someterlos en una fase posterior a un depurado estudio contrastivo para los tres países y sus diferentes épocas y niveles socioculturales" (p. 515).

(5) Em *Paremia 7* (1998) assinalamos dois artigos de importância relevante para a fraseologia portuguesa. O primeiro pertence a G. Funk (Univ. dos Açores), com "A Bíblia como indicador da importância do provérbio no âmbito de culturas diferentes", (pp. 97-106). A autora invoca a sua tese de doutoramento (Funk, 1993) para afirmar que na comunidade linguística germânica o provérbio goza de mais prestígio do que na portuguesa e acrescenta que tanto na Alemanha como em Portugal "não se dá grande valor aos estudos paremiológicos" (p. 97), sobretudo nos círculos intelectuais. Partindo do princípio de que muitos provérbios têm origem bíblica, Funk socorre-se sobretudo do Novo Testamento para caracterizar a atitude do povo português e do alemão relativamente a esse texto tradicional. Verifica então que "todos os provérbios portugueses empregues na *Bíblia* têm um equivalente em alemão, mesmo que não se façam representar nesta língua pelo provérbio original", mas que "muitos provérbios empregues em alemão não têm um correspondente em português" (p. 106). Neste sentido, conclui que foram adotados, no espaço cultural alemão, muitos mais provérbios ou expressões da *Bíblia* do que em português¹⁰⁸. Embora reconheça limitações a este seu estudo contrastivo, Gabriela Funk reconhece também que ele mostra que "a tradução da *Bíblia* para uma determinada língua reflecte algumas características não só dessa língua, como também da respectiva cultura" (p. 106).

¹⁰⁸ Uma explicação para esse facto encontrar-se-á se tivermos em conta a tradição alemã marcada pelo protestantismo, que cedo permitiu a tradução da *Bíblia* do latim para a língua vernácula, tornando, assim, populares muitas passagens bíblicas e respetivos provérbios (vd. *Paremia 7*, 1998: 97-106).

O segundo artigo que queremos destacar é "Unidades cristalizadas e provérbios: uma *Carta* de 1736 de Cavaleiro de Oliveira. Apontamentos de paremiologia portuguesa" (pp. 107-112), da autoria de M. J. Marçalo (Univ. de Évora). Este é, no nosso entender, um dos estudos mais interessantes para a fraseologia portuguesa, se tivermos em conta essencialmente três perspetivas: primeira, o estudo diacrónico dos fraseologismos; segunda, a problemática da tradução; terceira, a aquisição, ensino e aprendizagem das UF em contexto de PLNM. Marçalo começa por referir a importância das duas primeiras antologias para o estudo da paremiologia e da paremiografia em português: *Adágios Portugueses Reducidos a Lugares Communs*, de António Delicado (1651), e *Florilégio dos Modos de Fallar e Adágios da Língua Portuguesa*, de Bento Pereira (1655). De seguida, passa para o autor em estudo: *Francisco Xavier de Oliveira*, vulgarmente conhecido como Cavaleiro de Oliveira, responsável por uma carta onde usa propositadamente um grande número de parémias e outras expressões cristalizadas para demonstrar a grande dificuldade que é traduzi-las, sobretudo para um estrangeiro que não tenha profundos conhecimentos de língua portuguesa¹⁰⁹. A Carta de Oliveira em análise constitui "um precioso testemunho para o conhecimento das parémias portuguesas usadas no século XVIII"; foi provavelmente escrita em Viena de Áustria em 4 de março de 1736 e é dirigida "Ao Reverendíssimo Padre Dom Joseph Augusto, para se fazer por ela uma tradução italiana" (vd. *Paremia* 7, 1998: 108). Mas o alvo é Valmagini, o italiano que ocupa o cargo que Oliveira considera seu: responsável pela Secretaria da Embaixada de Portugal em Viena. Para provar que Valmagini é um "presumido estrangeiro" por ter prometido "traduzir em italiano todo e qualquer discurso que se fizer em português" (*ibidem*: 108), Oliveira escreve uma carta pejada de expressões e frases "intraduzíveis" para um falante não nativo de língua portuguesa. Certamente o Cavaleiro de Oliveira terá conseguido os seus intentos, deixando o italiano em grandes dificuldades. Marçalo faz um levantamento das duzentas e quatro unidades ("provérbios, idiotismos e outras expressões fixas") que surgem no texto de Oliveira de cerca de 20 páginas. De seguida, seleciona as primeiras dez unidades (*dar treta, queimar a paciência, pôr cachorros na cabeça de alguém...*) e procura-as no *Novo Dicionário de Expressões Idiomáticas*, de A. Nogueira Simões (1990), e no *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*, de G. Augusto Simões (1993). Dos dez exemplos selecionados, apenas três estão presentes em ambos os dicionários e dois parcialmente presentes. Estes resultados, apesar de

¹⁰⁹ Sobre Francisco Xavier de Oliveira, diz-nos Marçalo (*Paremia* 7, 1998: 107): "Filho de José de Oliveira e Sousa, funcionário de estado, que ocupava o cargo de contador dos Contos do Reino e Casa e adjunto de embaixadores em Viena e Utreque, Cavaleiro de Oliveira nasceu em Lisboa em 1702. Recebe, em 1729, o grau de cavaleiro de Cristo".

confinados a uma amostra *muito* limitada, revelam que Oliveira conseguiu de facto produzir um texto indecifrável para um nativo de português, quanto mais para um estrangeiro: ainda hoje se sabe o que é *chegar a roupa ao couro* (bater; agredir) e *meter-se em camisa de onze varas* (arranjar sarilhos), mas o que significam expressões como *Menina de Montemor vinde abaixo falar-nos* ou *fazer mesurinhas à Serpe*? Provavelmente “só se poderá dar resposta com um melhor conhecimento do contexto e época em que foram produzidas, como amiúde acontece com as expressões cristalizadas” (p. 112).

(6) *Paremia* 8 (1999) assinala o regresso de Conde Tarrío (USC) com "El refranero gallego y la lírica tradicional" (pp. 143-148). O autor chama a atenção para a primeira coleção paremiológica galega, de 129 refrãos, incluída na obra de Hernán Núñez (*Refranes o proverbios en romance, que nvevamente colligio y glosso el Comendador..., de 1555*), uma vez que antes só era possível encontrar os refrãos em obras históricas e religiosas e sobretudo na lírica galego-portuguesa dos séculos XII a XIV. Na verdade, esta lírica do noroeste peninsular, consubstanciada em cantigas de Santa Maria, cantigas de amor, cantigas de amigo e cantigas de escárnio e maldizer, permitiu a conservação de um número significativo de refrãos. O uso que os poetas fazem do refrão apresenta geralmente duas formas características: (1) “*a priori*. El poeta parte de un hecho "probado", como se cree que es el contenido del refrán, y desarrolla su temática; en este caso se trata de la glosa de dicho refrán” e (2) “*a posteriori*. En este caso el refrán aparece al final de la estrofa formando el estribillo: su aparición viene justificada por presentarnos un resumen ideológico de lo que se ha dicho” (p. 147). Uma vez que, segundo Conde Tarrío, muitos destes provérbios não se podem documentar hoje em dia, as cantigas da lírica galego-portuguesa assumem-se como documentos excecionais para reconstruir um primitivo refraneiro.

F. Lévi (Univ. de Paris III) é também uma presença habitual nos assuntos fraseológicos. "Les expressions toutes faites et proverbiales relatives au secret en français et portugais" (pp. 313-318) é provavelmente o terceiro estudo de Lévi sobre UF no âmbito do português¹¹⁰. Os dois primeiros estudos potenciaram aquele de que agora nos ocupamos, uma vez que a *boca* e a *orelha* estão geralmente presentes nas metáforas e nas imagens relativas ao *segredo*, à sua conservação ou revelação. Em português e em francês elas são particularmente abundantes: “Si

¹¹⁰ Os primeiros estudos são “*De boca em boca ou De bouche à oreille*. Locutions, expressions et proverbes portugais faisant référence à la bouche e à l'oreille, recherches des équivalentes en français”, 1993; e “*Calar ou Falar?* Le silence et la parole à travers des proverbes portugais faisant référence à la bouche et à l'oreille”, *Paremia* 4, 1995, pp. 132-139.

dans le détail certaines différences existent entre le français et le portugais, ce sont les mêmes domaines auxquels renvoie le langage idiomatique du secret dans les deux langues” (pp. 317-318).

Postigo Aldeamil (Univ. Complutense de Madrid) surge-nos com um estudo de fraseologia aplicada ao ensino do PLE: "Las paremias en la enseñanza del portugués como lengua extranjera" (pp. 418-422). É que, na opinião da autora, numa programação destinada ao ensino de português a falantes de espanhol de diferentes níveis “la utilización de enunciados fraseológicos puede desempeñar [...] un importante papel” (p. 417). Observando os manuais escolares e outros recursos didáticos disponíveis para o ensino-aprendizagem do PLNM, a autora percebe que a atenção dada às parémias (ditos, provérbios, sentenças, máximas, adágios...) é residual, surgindo habitualmente na parte final das unidades e de forma descontextualizada. Deste modo, o recurso a outros materiais como canções, poemas e textos humorísticos pode ser um excelente caminho para iniciar o aluno na aquisição da competência linguístico-comunicativa. A autora conclui que as últimas correntes metodológicas no ensino das línguas incitam a uma revisão de exploração de materiais e que, apesar de alguns inconvenientes na utilização de parémias no ensino (arcaísmos, sintaxe forçada, complexidade de uso, etc.), a aplicação de um repertório, escolhido cuidadosa e sistematicamente, ao ensino de português para falantes de espanhol “resulta de inestimable ayuda tanto en la etapa inicial como en la avanzada del aprendizaje” (p. 422).

(7) No 10.º volume da Revista *Paremia* (2001) deparamo-nos com um artigo de J. M. Pedrosa (Univ. de Alcalá de Henares) - “¿Dónde irá el buey que no are? De Santillana y La Celestina a la tradición oral de España, Portugal e Hispanoamérica (intertextualidad, intergenerismo y multiculturalismo de un refrán)” (pp. 42-47) –, onde o autor se limita a averiguar a sobrevivência de um velho refrão na tradição oral moderna, desde o século XV. Pedrosa encontra-o sob diversas formas em países de língua castelhana, mas também em Portugal e na Galiza, por exemplo. Em Portugal assume pelo menos a forma *Aonde irá o boi que não lavre pois que sabe* (vd. Vasconcelos, Carolina Michaëlis de, 1986: 66).

"Colecciones paremiológicas portuguesas" (pp. 58-65), de Díaz Ferrero (Univ. de Granada), é um estudo de especial importância uma vez que dá conta dos principais autores e

obras que marcaram a história da paremiologia portuguesa, desde as suas origens até à atualidade¹¹¹.

(8) Do número 18 da Revista *Paremia* (2009), selecionamos um artigo de Funk e Matthias (Univ. dos Açores): “*Dicionário Prático de Provérbios Portugueses: objectivos e metodologia*” (pp. 43-51). Não é a primeira vez que os provérbios portugueses concentram a atenção destes autores. Em *Pérolas da Sabedoria Popular Portuguesa – Provérbios de S. Miguel* (2001a), *Pérolas da Sabedoria Popular Portuguesa – Provérbios e emigração* (2001b) e *Pérolas da Sabedoria Popular Portuguesa – Os provérbios das Ilhas do Grupo Central dos Açores* (2002), Funk e Matthias haviam selecionado 1524 refrãos, de entre os 25.000 exemplares extraídos dos mais importantes adagiários portugueses, com um índice de conhecimento superior a 45% no arquipélago dos Açores. O artigo que agora se apresenta visa completar os referidos estudos. Para tal, os autores selecionaram, nos meios de comunicação, as aplicações de refrãos com o objetivo de inferir, de uma forma mais objetiva, “en la pragmática y en la semántica de éstos, por un lado, y, por otro, en abordar la cuestión del uso proverbial con una metodología centrada en el criterio de la frecuencia” (p. 43).

¹¹¹ Com o intuito de identificar a primeira coleção paremiológica portuguesa, a autora cita dois trabalhos de Leite de Vasconcelos: os *Ensaio Ethnografico* (1891) e a *Etnografia Portuguesa* (1933). A importância destas obras é grande porque se a *Etnografia*, no vol. I (1933), atualiza a bibliografia paremiológica (ver sobretudo pp. 236-245), os *Ensaio*, também no 1.º vol., identificam como primeira coleção paremiológica portuguesa os *Refranes o proverbios en romance*, de Hernán Núñez, publicados em 1555 (Disponíveis em http://books.google.pt/books?id=CSXra-Un_z4C&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false, consultados em 02/03/2012). De facto, Leite de Vasconcelos reconhece, com algum pesar, que é nesta obra estrangeira do século XVI que se encontra a primeira coleção de provérbios portugueses: «A mais antiga colleccao, que eu saiba, de adágios portugueses está comprehendida nos Refranes o proverbios en romance de Hernán Núñez. Vergonha tenho de abrir esta seccao com um nome estrangeiro; mas não posso deixar de o fazer, porque a verdade histórica está a cima dos melindres patrióticos» (Vasconcelos, 1891: 115). O refraneiro de Núñez foi publicado em castelhano, em Salamanca, e integra um repertório português constituído por 611 refrãos. Acontece, todavia, que alguns exemplos se repetem quase literalmente ao longo da obra e, além disso, certos refrãos são dados inicialmente como galegos e depois aparecem como portugueses (mostrando, mais uma vez, a proximidade entre as duas línguas). Dias Ferrero dá ainda conta dos seguintes autores e obras: Agostinho Barbosa, 1911, *Dictionarium Lusitanico-Latinum*; António Delicado, 1652, *Adagios Portugueses*, primeira obra portuguesa consagrada exclusivamente à paremiologia lusa; Bento Pereira, 1655, *Florilegio dos modos de fallar e adagios da lingua portuguesa*; Raphael Bluteau, *Vocabulario Portuguez e Latino*, em 10 vols. (o 1.º é de 1712 e o último de 1728); *Adagios, Proverbios, Rifaos e Anexins da Lingua Portuguesa, tirados dos melhores Auctores Nacionaes, e recopilados por ordem alfabética por F.R.I.L.E.L.*, isto é, “Francisco Roland Impressor Livreiro Em Lisboa”; Francisco A. Cunha de Pina Manique, 1856, *Ensaio fraseológico ou coleção de frases metafóricas, elegancias, idiotismos, sentenças, provérbios e anexins da lingua portuguesa*; Pedro Chaves, 1928, *Rifoneiro Português*; Jaime Rebelo Hespanha, 1936, *Dicionário de Máximas, Adagios e Proverbios*; F. de C. Pires de Lima, 1963, *Adagiário Português*; M. J. Gomes, 1974, *Nova Recolha de Proverbios e outros Lugares Comuns Portugueses*; Maria de Sousa Carrusca, 1977, *Vozes da Sabedoria*; Antonio Moreira, 1996, *Proverbios Portugueses*; J. Pedro Machado, 1996, *Grande Livro dos Provérbios*; J. R. Marques da Costa, 1999, *O Livro dos Proverbios Portugueses*. Este último livro beneficia de (quase) todas as coleções paremiológicas que o antecederam e apresenta-nos os refrãos ordenados alfabeticamente dentro de grupos temáticos e por palavras-chave.

Um outro artigo que queremos realçar é o de M. F. Gonçalves (Univ. de Évora): “Contribuciones para el estudio de la Paremiología portuguesa: el *Florilegio dos modos de fallar, e Adagios da Lingoa Portuguesa* (1655)” (pp. 153-162). O contributo deste trabalho para a paremiologia portuguesa consiste em estudar alguns aspetos do *Florilegio dos modos de falar, e Adagios da Lingoa Portuguesa*, uma compilação de refrãos e provérbios publicada em 1655 por Bento Pereira. Tendo em conta a contextualização da obra, este estudo de Gonçalves analisa o valor linguístico, pedagógico-didático, historiográfico e cultural da segunda parte do *Florilégio*, isto é, a compilação dos adágios portugueses e respetivas equivalências em língua latina. Como resultados mais alargados, esta análise confirma, por um lado, o interesse crescente que a paremiologia tem merecido dos estudiosos e, por outro, releva a importância do diálogo interlinguístico entre o português e o castelhano.

(9) Em *Paremia* 19 (2010), P. Martins (Univ. de Siena, Itália) apresenta “Do provérbio em contexto didático: proposta de trabalho” (pp. 95-104). Ao contrário dos outros textos da Revista *Paremia*, por nós até agora referenciados no âmbito da paremiologia portuguesa, este da autoria de Pedro Martins é o primeiro que nos é apresentado em português. A paremiologia aplicada ao ensino-aprendizagem da língua e cultura portuguesas a alunos universitários estrangeiros é a perspetiva assumida neste estudo. O autor aborda o refrão como unidade linguística, semântica e cultural, e defende a sua importância no desenvolvimento de habilidades comunicativas avançadas, típicas, segundo o QECR, de um usuário competente (nível C). Reconhecendo que o ensino-aprendizagem do refrão tem sido um tema frequentemente ignorado, Martins apresenta uma unidade didática que visa não só dar a conhecer as características do refrão como também estimular o seu uso por parte dos alunos de língua e cultura portuguesas.

“El proceso de la anticipación en refranes españoles y portugueses” (pp. 105-112) é um trabalho de S. De Faria (*Apréndelo Internet*, S. L.). Nele, os provérbios espanhóis e equivalentes portugueses são analisados numa perspetiva sintática, tendo por base o processo de antecipação. Por outras palavras: faz-se a apreciação de algumas características predominantes no discurso oral que “hacen posible la dislocación a la izquierda de ciertos constituyentes de la estructura oracional, sin que ese hecho provoque ninguna variación o pérdida de su función sintáctica” (p. 105). Este fenómeno linguístico deve-se a motivações subjetivas do falante e reflete uma intenção enfática, priorizando a informação. Sandra Faria conclui que a correlação estrutural sintática entre os refrãos analisados em espanhol e português confirma “las

similitudes que ambas lenguas mantienen en el coloquio, aunque sus procesos evolutivos sufran interferencias e influencias de mecanismos muy divergentes” (p. 112).

(10) De *Paremia* 21 (2012), o número mais recente disponibilizado no sítio da Revista *Paremia*¹¹², destacamos um artigo de P. Martins (Univ. de Bolonha e Univ. de Siena, Itália), intitulado “Dura lex sed lex: Traces of Latin proverbs in the Portuguese contemporary Law” (pp. 33-38). Com este trabalho interdisciplinar, “y gracias a ejemplos del Derecho portugués”, o autor pretende “discutir y confrontar cuidadosamente la actual realidad paremiológica y jurídica portuguesa” (p. 33). Defende que a relação estreita entre os numerosos provérbios latinos e o direito português contemporâneo representa uma prova clara da intemporalidade e exatidão de algumas unidades paremiológicas. Afirma ainda que os juristas do Império Romano “fueron responsables por argumentos y locuciones que hoy en día se siguen utilizando como base para muchos principios y artículos de la Ley portuguesa” (p. 33).

3.1.5. Refranero multilingüe

A importância do *Refranero multilingüe*¹¹³ para a paremiologia portuguesa está no facto de apresentar uma seleção de parémiias espanholas, sobretudo refrãos e frases proverbiais, com as suas correspondências em várias línguas, entre elas o português. Tendo em conta a proximidade das línguas espanhola e portuguesa, os dados que o *Refranero* nos oferece são sempre de grande utilidade¹¹⁴. Quanto às correspondências das diversas línguas, fornece-se a “traducción literal, las posibles variantes, los sinónimos y antónimos”. O *Refranero multilingüe* é um projeto coordenado por Julia Sevilla e Zurdo Ruiz-Ayúcar (Univ. Complutense de Madrid), e conta com a colaboração de especialistas espanhóis e estrangeiros. Para o português,

¹¹² Disponível em <http://www.paremia.org/numero-7-1998/>, consultado em 21/02/2014.

¹¹³ Disponível em www.cvc.cervantes.es/lengua/refranero, consultado em julho/2013.

¹¹⁴ Para cada parémiia espanhola indicam-se vários aspetos: “posibles variantes y sinónimos”, “hiperónimo y los antónimos paremiológicos”, “idea clave”, “tipo de parémiia” e “significado, fuentes, contextos, observaciones tanto léxicas (aclaraciones formales o de contenido de algún vocablo, por estar en desuso o por ser un arcaísmo) como culturales” (vd. www.cvc.cervantes.es/lengua/refranero, consultado em julho/2013).

associados ao ano 2009, encontramos os nomes de Ana Díaz Ferrero (Univ. de Granada)¹¹⁵, Gabriela Funk (Univ. dos Açores) e Vasco Monteiro (Fundação Inatel).

3.1.6. Associação Internacional de Paremiologia

A *Associação Internacional de Paremiologia/International Association of Paremiology* (AIP-IAP)¹¹⁶ surgiu na sequência do *1.º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios* (ICP07), realizado em 2007, em Tavira, cidade portuguesa onde tem sede. A AIP/IAP visa, entre outros, os seguintes objetivos: (1) “Realização de estudos de paremiologia (estudo dos provérbios) a nível internacional”; (2) “Organização de conferências internacionais de paremiologia”; e (3) “Investigação paremiológica a nível internacional”¹¹⁷.

Desde o seu primeiro colóquio, em 2007, a AIP/IAP tem visto crescer o número de participantes, contando-se entre eles alguns dos nomes cimeiros da fraseologia/paremiologia nacional e internacional. Citemos alguns exemplos: Gabriela e Matthias Funk (Univ. dos Açores), de 2007 a 2009; Julia Sevilla Muñoz (Univ. de Granada e Revista *Paremia*), de 2007 a 2009; Dmitrij Dobrolovskiij (*Russian Academy of Sciences, Russian Language Institute* e *Russian*

¹¹⁵ Ana Maria Dias Ferrero é especialista na área de Tradução e Interpretação. As suas linhas de investigação são a paremiologia portuguesa, a didática da tradução (português-espanhol) e a didática da língua portuguesa. Muitas das obras que publicou são um contributo precioso para a paremiologia portuguesa: (1) Díaz Ferrero, A. M.; Murillo Melero, M. (1994), «La traducción de la expresiones idiomáticas en Portugués y Español: análisis comparativo de algunas E.I. relacionadas con el vestuario», en *Primer Encuentro Interdisciplinar «Teoría y Práctica de la Traducción»*, Cádiz, Servicio de Publicaciones de la Universidad, pp. 227-243; (2) Díaz Ferrero, A. M. (1998), «La traducción de las paremias del portugués al español», en *II Jornadas Internacionales de Traducción e Interpretación*, Málaga, Universidad de Málaga, pp. 1187-1195; (3) Díaz Ferrero, A. M. (1999), «La mujer en el *Adagiário Popular Açoriano* de Armando Cortes-Rodrigues», en *Actas del I Encontro de Cultura Popular*, Ponta Delgada, Univ. dos Açores, pp. 69-85; (4) Díaz Ferrero, A. M. (2001), «Colecciones paremiológicas portuguesas», *Paremia*, 10, pp. 57-66; (5) Díaz Ferrero, A. M. (2003), «El matrimonio y la mujer en el refranero portugués», en *Actas del 1º Colóquio Anual da Lusofonia da SLP*, Oporto, Sociedade da Língua Portuguesa (CDRom); (6) Barbadillo, M. T.; Crida, C.; Matyaszczyk, A.; Presa, F.; Díaz, A. (2003), «La amistad a través de las paremias de ocho lenguas europeas (Alemán, español, francés, griego moderno, inglés, italiano, polaco y portugués)», *Eslavística Complutense*, 3, pp. 173-198 [lengua portuguesa realizada por Ana M.ª Díaz Ferrero]; (6) Díaz Ferrero, A. M. (2004), *La mujer en el refranero portugués*, Salamanca, Editorial Luso-Española (vd. <http://cvc.cervantes.es/lengua/refranero/autores2.htm#amdf>).

¹¹⁶ Disponível em <http://www.aip-iap.org/>, consultado em 17/07/2013 e 17/08/2015.

¹¹⁷ De 30 de junho a 02 de julho, o Vice-Presidente da AIP-IAP deslocou-se a Espanha para divulgar a associação e suas atividades na Conferência Europhras 2010, que se realizou na Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Granada. Para além do contacto direto com os participantes, ainda apresentou uma comunicação intitulada “*AIP-IAP: presentación*” (vd. <http://www.aip-iap.org/pt/overview/details/25-europhras-2010>). Na segunda quinzena de maio de 2010 e a convite das Universidades de Białystok e Wrocław, o Vice-Presidente da AIP-IAP deslocou-se à Polónia para divulgar a associação e suas atividades, quer para estudantes quer para docentes dos Departamentos de Filologia. Participou, ainda, na Conferência Internacional “*Languages in Contact*” com uma comunicação intitulada “*Selected aspects of Portuguese Paremiology*” (vd. <http://www.aip-iap.org/pt/conferencias/details/23-selected-aspects-portuguese-paremiology>, consultado em agosto/2015).

Federation), em 2010; António Pamies (Univ. de Granada), em 2011; e Elisabeth Piirainen (*Research Emerita from Steinfurt, Germany*), em 2014.

Os colóquios têm-se realizado em Tavira e as temáticas abordadas são multifacetadas. O 6.º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios (ICP 2012, 5-9 de novembro), por exemplo, apresentou tópicos temáticos que relacionam os provérbios com questões de cognição, de herança comum europeia, de tradução e de tecnologias da informação¹¹⁸; o 8.º Colóquio (ICP 2014, 3-10 de novembro) ficou marcado pela presença de Elisabeth Piirainen e pela apresentação dos resultados do seu projeto “Widespread idioms in Europe and beyond” (vd. supra § 3.1.2. deste nosso trabalho)¹¹⁹. O 9.º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios / 9.ª Interdisciplinary Colloquium on Proverbs está já agendado para Tavira, para os dias 1 a 8 de novembro de 2015.

¹¹⁸ Eis de forma completa os tópicos abordados: “T01 - construção de uma Herança comum Europeia de provérbios; rede de fontes e arquivos”; “T02 - educação e diálogo interdisciplinar, através do uso de provérbios”; “T03 - provérbios e contextualidade/intertextualidade”; “T04 - questões relacionadas com os provérbios e com a sua tradução”; “T05 - abordagem cognitiva aos provérbios (estereótipos, generalizações, etc.)”; “T06 - origem e funções dos provérbios na vida diária”; “T07 - tecnologia da informação e uso dos provérbios”; “T08 - provérbios e capacidades de comunicação intercultural; novos paradigmas para a sinergia e integração através da mútua compreensão dos provérbios”; “T09 - provérbios e memória colectiva como reforço da solidariedade intergeracional”; “T10 - outros” (Vd. <http://www.colloquium-proverbs.org/index.php?topic=seccao&seccaid=3>).

¹¹⁹ Veja-se o *Newsletter* de novembro, de 2014, no sítio da AIP/IAP: “ICP14 Invited Papers / Elisabeth Piirainen presented a paper about the large-scale project “Widespread idioms in Europe and beyond”. The term widespread idiom (WI) covers idioms that occur in 40, 50 or more languages in almost the same lexical and semantic structure. / Thang Toan Ly, from the Vietnam Institute of Lexicography and Encyclopedia, presented a paper entitled A Cross-cultural Study Of Conceptualizing Human Body Parts In Proverbs where the author studies concepts as denoted in the English proverb “out of sight, out of mind”. / Michal Kovár, from the Department of Linguistics and Baltic Studies of the Masaryk University, Czech Republic, presented a paper on Sami Proverbs where he tries to categorize them in several respects by comparing them with longer genres of oral literature/folklore in terms of their uniqueness and changes of sense or form. / Ana Marques Pereira, an independent researcher from Portugal, talked about Portuguese popular sayings related to food, and in particular to the drinking habits. Her presentation was entitled Words Are Like Cherries. / David Brookshaw, an Emeritus Professor at the University of Bristol, United Kingdom, presented a paper in which he considered the challenge for the translator in trying to reproduce in English proverbs that are deeply rooted in African reality. His work was entitled Translating Mia Couto Translating Mozambique: A Proverbial Challenge Yoko Mori, Professor Emerita at Meiji University, Japan, gave a lecture on Japanese Proverbs In The Traditional Art Compared To Pieter Bruegel The Elder’s Netherlandish Proverbs”. (http://www.colloquium-proverbs.org/icp/images/stories/docs/ParemiologyToday_AIP-IAP_NewsletterVolume2Issue1_v1.3.pdf, consultado em 17/08/2015).

3.2. Os Primeiros Fraseólogos Portugueses: de Leite de Vasconcelos a Óscar de Pratt

“Como disciplina científica, a fraseologia conheceu grande desenvolvimento nos anos cinquenta, especialmente na antiga URSS com os trabalhos de V. Vinogradov. Nas últimas décadas têm-se publicado interessantes estudos teóricos na Alemanha e em Espanha. O pouco que há sobre a língua portuguesa, enquanto estudo sistemático e objectivo da nossa fraseologia, fica a dever-se a autores de língua alemã [...] / Bibliografia: [...] Funk, M^a Gabriela, 1993, *A Função do Provérbio em Português e em Alemão* [...]; Lapa, M. Rodrigues, 1979, *Estilística da Língua Portuguesa*, 10^a ed. [...]; Lopes, A. Macário, 1992, *Texto Proverbial Português* [...]; Machado, José P., 1996, *Dicionário de Provérbios* [...]; Marçalo, M^a João, 1994, “Synthèmes dans la presse portugaise” [...]; Nascentes, Antenor, 1986, *Tesouro da Fraseologia Brasileira*, 3^a ed. [...]; Pratt, Óscar, 1914, *Locuções Petrificadas- Conjecturas e Apontamentos para o estudo da Fraseologia Portuguesa* [...], Separata do vol. XXI da *Revista do Minho*; Scheman, H. e Schemann-Dias, s/d., *Dicionário Idiomático português-alemão* [...]” (Marçalo, M. J., “Fraseologia”, *E-Dicionário de Termos Literários*)¹²⁰.

Este excerto textual de Maria João Marçalo suscita-nos duas questões, intimamente relacionadas, que servirão de ponto de partida para uma análise acerca da fraseologia e dos primeiros fraseólogos portugueses:

(1) Antes da investigação do russo V. Vinogradov (1946-1947) e, já agora, antes do *Traité de Stylistique Française* (1909) do suíço C. Bally¹²¹, não haverá registo de investigações no domínio da fraseologia?

(2) E antes do português Óscar de Pratt (1914), referido na Bibliografia de Marçalo, não existirão outros estudos e investigadores portugueses que devem figurar na história da fraseologia portuguesa?

Para respondermos a estas questões, começámos por procurar o artigo de Pratt. Depois de algumas tentativas, encontrámos a *Revista do Minho* (RM) na Biblioteca Municipal de Esposende. A sua consulta motivou-nos dois reparos relativamente à informação de Marçalo:

(1) O artigo de Pratt não se encontra no vol. XXI, mas sim no vol. XXII;

¹²⁰ Dicionário coordenado por Carlos Ceia. Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/F/fraseologia.htm>, consultado em 09/03/2012.

¹²¹ Vd., no Capítulo 2 do nosso trabalho, § 2.2.1. e § 2.2.2.

(2) O artigo da RM, ao contrário do texto da Separata, não se intitula *Locuções Petrificadas - Conjecturas e Apontamentos para o estudo da Fraseologia Portuguesa*, mas simplesmente *Locuções Petrificadas*.

Depois destas pequenas descobertas, depressa percebemos que o artigo de Pratt, editado na RM, era apenas uma parte dos seus estudos fraseológicos:

(3) Dois anos antes, na *Revista Lusitana* (RL), n.º 15, de 1912, Pratt havia já publicado um artigo precisamente com o mesmo nome – “Locuções Petrificadas” (pp. 312-324) -, mas mais breve que o da RM;

(4) Na RL adivinhava-se um filão fraseológico desconhecido para a maioria dos estudiosos atuais e que precisava urgentemente de ser divulgado.

3.2.1. Pratt (1912 e 1914)¹²²

¹²² Sobre a vida e obra de Óscar de Pratt, consultar texto “Necrologia” de Leite de Vasconcelos, em RL (1936), vol. 34, pp. 314-318. Em síntese, neste texto Vasconcelos apresenta o colaborador da RL como um investigador “da nossa Etnografia e Filologia”. De família holandesa, nasceu e faleceu em Portugal, em 1933. Dele diz Vasconcelos possuir vários estudos: “Locuções petrificadas”, “Origem e significação de «sobrado»”, “Sôbre um verso de G. Vicente”, “Nomes de ventos”, “Gonçalves Viana (notícia biográfica)” e “O Novo Dicionário da língua portuguesa” (opúsculos que são separatas de revistas). Mas também um livro: *Gil Vicente* (Lisboa, 1931). Interessante é ainda a carta que Vasconcelos endereçou a Pratt a propósito do livro *Gil Vicente*, e que surge reproduzida no vol. 34 da RL. Em <http://genealogias.info/1/upload/pratt.pdf>, consultado em julho/2013, diz-se o seguinte: “Henrique de Pratt, que parece ter nascido em Vila Franca de Xira e casado com uma Maria das Dores (ou com uma filha de uma Maria das Dores). Dela teve três filhos: 51 Alfredo de Pratt, que segue. 52 Óscar de Pratt, escritor e investigador, que nasceu em Setúbal em 13.3.1879 e morreu em Lisboa em 22.11.1933. Foi o primeiro Secretário da Academia das Ciências de Lisboa. A sua primeira publicação foi um volume de versos, em 1896, intitulado *Luar Baço*, e publicou depois, ao longo de toda a sua vida, vários estudos e artigos de natureza linguística e literária. Colaborou em vários jornais e revistas de Lisboa e Viana”. Na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXIII, pp. 65-66, deparamo-nos com um texto sobre Óscar de Pratt: “PRATT (Óscar de). Escritor-investigador, n. em Setúbal, em 13-III-1879 e m. em Lisboa a 22-XI-1933. Foi o primeiro secretário da Academia de Ciências de Portugal. Entre as suas obras, contam-se: *Luar Baço*, 1896 (versos); *Frases Feitas, breves considerações ao livro do sr. João Ribeiro*, 1910; *O Gladiador, esboço de um quadro*, 1912; em 1912, 1.ª série das *Notas à Margem do Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, separata da *Revista Lusitana*, v. XVI, e em 1913, saiu a 2.ª série das mesmas *Notas*, série de milhares de vocábulos desconhecidos que os dicionários mais completos não possuíam; *Locuções Petrificadas, conjecturas e apontamentos para o estudo da fraseologia portuguesa*, separata do vol. XXI [XXII e não XXI. O erro de Maria João Marçal deve ter vindo daqui] da *Revista do Minho*, 1914; *Nomes de Ventos*, 1915, separata da *Revista Lusitana*, v. XIX; *Sobre um Verso de Gil Vicente*, separata dos *Trabalhos da Academia de Ciências de Portugal*, t. II, 2ª parte; *Sobre a Origem e Significação da Palavra «Sobrado»*, separata dos *Trabalhos da Academia de Ciências de Portugal*, t. II, 2.ª parte; *A. R. Gonçalves Viana*, separata dos *Trabalhos da Academia de Ciências de Portugal*, t. II, 2.ª parte; *Relatório dos Trabalhos dos Institutos Anexos da Academia de Ciências de Portugal no ano de 1916/17*; *Gil Vicente, notas e comentários*, 1931. O 2.º volume de *Gil Vicente*, quase completo, não foi publicado. Colaborou em diversos jornais e revistas, entre os quais: *O Povo*; *Vida Nova*; *Aurora do Lima*; *Diário de Notícias*; *Século*; *Revista do Minho*, etc.”. Existe a Rua Óscar de Pratt, na freguesia da Charneca da Caparica, em Almada, distrito de Setúbal.

“O estudo definitivo da fraseologia portuguesa não se fará ainda, nem me parece que haja já materiais suficientes para se formar um plano sintético da obra que parece causar engulhos aos cientistas. Até lá irei eu carreando pela minha parte, nestas e noutras páginas que se hão-de seguir, alguns elementos de organização que não serão por completo desaproveitáveis” (Pratt, 1912: 132).

Estas são palavras valiosas para a fraseologia portuguesa. Graças a elas, ficamos a saber que: (1) a expressão “fraseologia portuguesa” já se utilizava pelo menos em 1912, e não era um mero significante, mas antes um conceito ao qual estavam associados “materiais” linguísticos concretos, (2) antes de 1912 havia “materiais”, embora não “suficientes”, que seriam aproveitados “para se formar um plano sintético” de uma “obra” de fraseologia portuguesa, (3) essa obra, devido às dificuldades que apresentava, terá atrasado os trabalhos dos “cientistas”, (4) enquanto não se reuniam as condições para a criação dessa obra, o “cientista” Óscar de Pratt não terá faltado com os seus contributos fraseológicos.

Passemos, então, à análise dos dois artigos homónimos de Pratt: o de 1912, da RL (chamemos-lhe “Locuções Petrificadas” I) e o de 1914, da RM (“Locuções Petrificadas” II).

3.2.1.1. “Locuções Petrificadas” I (1912) e “Locuções Petrificadas” II (1914)¹²³

Apesar de reconhecer o risco que corre ao publicar estas suas “imperfeitas notas”, Pratt (1912: 312) vê nelas um pequeno contributo “para o estudo dos provérbios e das locuções populares da língua portuguesa”, um contributo que, associado a outros, ajudará a construir a difícil “obra” da “fraseologia portuguesa”. Para isso, recorre a exemplos textuais de escritores como Fernão Lopes, Gil Vicente, Luís de Camões e Camilo Castelo Branco, e comenta *frases* (ou *provérbios*) e *expressões* (ou *expressões populares* ou *fórmulas* ou *locuções*), a saber: (1) *Um pau por um olho* (pp. 312-315), (2) *Nem chuz nem buz* (pp. 315-318), (3) *Matar-o bicho=Matabicho* (pp. 318-320), (4) *Daqui!=De estalo!* (pp. 320-321) e (5) *Untar as mãos* (pp. 322-324). Embora a amostra estudada por Pratt se confine a estes cinco casos, a verdade é que o autor, na análise que nos apresenta, estabelece frequentemente relações com um número significativo de outras frases e expressões¹²⁴.

¹²³ Este artigo (“Locuções Petrificadas” II) ocupa as cols. 6-186. Em cada página há 2 colunas.

¹²⁴ Daí que, associadas à expressão *Um pau por um olho*, “que indica o baixo preço por que se nos oferece qualquer coisa”, Pratt refira outras, porventura mais conhecidas, como *saltar aos olhos*, *meter-se pelos olhos dentro*, *custar os olhos da cara* e *deitar poeira para os olhos*.

Dois anos depois da publicação de “Locuções Petrificadas” na RL (1912), Óscar de Pratt publica um artigo homónimo de cerca de 90 páginas, que ocupa todo o volume XXII da RM¹²⁵. As razões são apresentadas pelo próprio Pratt:

“O sr. José da Silva Vieira [Director da RM] [...] convida-me lisonjeiramente a trazer para a *Revista do Minho* a série de observações que ha tempos para cá, venho publicando em *O Povo*, de Viana-do-Castelo, sobre adágios e locuções esteriotipadas da lingua portuguesa” (Pratt, 1914: col. 5).

Neste momento, não nos parece prioritário ir à procura do que Pratt terá escrito no jornal *O Povo*¹²⁶, uma vez que o artigo da RM espelhará as “observações” mais representativas publicadas nesse periódico de Viana do Castelo. Por outro lado, estranhámos que Pratt não faça alusão aos artigos que escreveu para a RL até 1914, sobretudo “Locuções Petrificadas” (1912). Para já, interessa-nos observar com alguma atenção o conteúdo do texto da RM.

No “Preâmbulo” do seu artigo, Pratt começa por apresentar uma espécie de estado da arte da “fraseologia portuguesa” e da “paremiologia geral e regional”:

Quanto à expressão *Nem chus nem buz* (ou *mus*), isto é, “não dizer palavra”, ela aparece associada a outras onde a ideia de “silêncio” está também presente: *não tugar nem mugir*, *nem uma nem duas* e *nem sim nem não*. A terceira expressão – *Matar-o-bicho* – é geralmente usada para designar a “bebida que se toma de manhã, *em jejum*”. Pratt, a partir desta, invoca outras expressões como *matar a fome* e *matar a sede*. Nós acrescentaríamos a portuguesíssima *matar saudades*. *Daqui! ou De estalo!* é uma expressão curiosa. Usada para “significar que uma coisa é óptima, especialmente qualquer iguaria ou bebida”, a “frase” é acompanhada de “um gesto expressivo que consiste em apanhar levemente entre o polegar e o indicador da mão direita a polpa da orêlha”. A última expressão – *Untar as mãos* – significa “gratificar alguém à socapa, para que *feche os olhos* a um negócio geralmente ilícito”. Com o mesmo sentido, F. Lopes usou *untar os beiços* e Sá de Miranda *untar o carro*.

¹²⁵ Entre os volumes I e XXII da RM existem algumas diferenças. Eis o rosto do vol. I: “José da Silva Vieira-Director / Revista do Minho / Para o estudo das tradições populares portuguezas / I Anno 1885 / Barcellos-1886 / A’ venda em Barcellos na redação d’esta Revista / Preço 600 Reis”. Em relação ao vol. XXII: “Revista do Minho / Dedicada ao estudo das tradições populares / Collaborada por todos os folk-loristas portuguezes e estrangeiros / Director: José da Silva Vieira / Vol. XXII / Publicação Trimensal / Espozende / “Revista do Minho” – Editora / 1914”. Confrontando a RM com a RL, verifica-se que há algumas diferenças mas também semelhanças: (i) o 1.º vol. da RM é publicado em 1885; o da RL pouco depois, em 1887; (ii) a RM dedica-se ao “estudo das tradições populares portuguezas”; a RL é um “Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal”; (iii) muitos colaboradores da RM são também colaboradores da RL (Pratt, por exemplo, e o próprio L. de Vasconcelos que, sendo “Director” da RL, é autor de vários trabalhos da RM, assinando logo o primeiro, intitulado “Crenças Populares”).

¹²⁶ Sobre *O Povo*, afirma Justino Magalhães (“Educação e República”, em *Cadernos Vianenses* – Tomo 44, p. 81, disponível em <https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:aNzxbdIKKx0J:gjb.cm-viana.castelo.pt/documentos/20110105114013.pdf+jornal+O+Povo+Viana+do+Castelo&hl=pt-PT&gl=pt&pid=bl&srcid=ADGEESgQvswaWtsD64vY80XraAb5fcq8C1h4FnTztoqDygzTQ9WV8EZY44YCF9TXqQHb0kuMW2FqsbaR2GC2a6k1wXgLVJVqBsEAs6EYjIBf6f589pLiSjKdQmZ9ptuUtqPnjEZja&sig=AHIEtbT9iIOaxTe9Fhb3qJhBNBkupHOiZw>, consultado em julho/2013): “A República foi propagandeada em Viana do Castelo, de forma visível e pública, desde, pelo menos, 1908, quando foi fundado o bi-semanário *O Povo – órgão dos republicanos do distrito de Viana do Castelo*. O 1.º número desse jornal foi publicado em 7 de Junho de 1908”. Na RL, Leite de Vasconcelos, ele que também foi um dos colaboradores da RM, tece algumas considerações sobre a RM (vd., por exemplo, RL I, pp. 285-286).

“Não me parece que os filólogos se tenham dedicado de preferência a estes estudos tão variados e interessantes, se exceptuarmos o douto académico brasileiro snr. João Ribeiro, que em dois belos volumes compilou uma quantidade apreciável de eruditas notas sobre a fraseologia popular. Aqui e ali, muito dispersamente, aparecem investigações avulsas, muito valiosas, por certo, mas carecendo de uma desejável coordenação que lhes desse, pelo menos com referências ou citas, facilidade e rapidez de consulta. Enquanto isto se não faz, esses estudos parciais tornam-se, por assim dizer, inacessíveis a quem se propõe investigar as causas determinantes, influências directas e indirectas, acção, derivação e evolução do que poderemos chamar *frases* ou *locuções esteriotipadas*” (Pratt, 1914: cols. 6-7).

Quanto ao seu trabalho, Pratt refere-se aos próprios escritos como “despretenciosos” [sic] e solicita a cooperação dos seus “leitores inteligentes e estudiosos” para “correções, aditamentos e investigações” que venham a ser necessários. Depois, apresenta as suas reflexões sobre várias dezenas de “locuções petrificadas”¹²⁷. O confronto entre os dois artigos permite-nos as seguintes observações:

a) Todas as locuções estudadas na RL são retomadas na RM: *Um pau por um olho* (RL: pp. 312-315; RM: cols. 43-48), *Nem chuz nem buz* (RL: 315-318; RM: 28-31), *Matar-o-bicho = Matabicho* (RL: 318-320; RM: 106-110), *Daqui!=De estalo* (RL: 320-321; RM: 125-127) e *Untar as mãos* (RL: 322-324; RM: 86-89). No entanto, nunca ao longo do artigo da RM se faz referência ao da RL, publicado dois anos antes. Ora, Pratt refere no “Preâmbulo” da RM que este é o resultado das suas “observações” publicadas no jornal *O Povo*, de Viana do Castelo,

¹²⁷ Os n.º colocados a seguir a cada locução correspondem aos n.º das colunas do artigo: *Pintar a manta* (10-13), *Quem tem capa sempre escapa/ Costas quentes/ Ter as costas quentes* (14-20), *Segredo da abêlha/ Fazer cêra* (20-23), *Joelho-queimado* (23-24), *Mais vale um gosto que quatro vintens* (24-28), *Nem chuz nem buz* (28-31), *Nem uma nem duas* (31-33), *Estar á uma e ás duas/ Não é com duas razões* (33-38), *Ás duas por três* (38-40), *Á chucha calada* (40-42), *Um pau por um olho* (43-48), *Não estar católico* (48-51), *Ver-se grêgo* (51-52), *Despedir-se á francesa* (52-59), *Falar português* (59-63), *[Falar] Vasconço* (63-66), *Como o outro que diz* (66-69), *Um feixe de adágios: I – O mal e o bem á face vem, II – Quem lhe doi o dente vai ao dentista, III – Honra e proveito não cabem num saco; IV – De rota batida ou abatida; V – Escuro como um prego* (69-71), *Uma maria-da-fonte* (71-74), *Dizer a idade* (74-76), *Vêde-lo vai, vêde-lo vem...* (76-78), *Andar em bolandas ou numa blandina* (78-81), *Emquanto se capa não se assobia* (81-83), *A' custa da barba longa* (83-86), *Untar as mãos* (86-89), *Molhar a palavra* (89-91), *Amolar as palanganas* (91-92), *Ter lábia* (93-98), *Deitar as mãozinhas de fóra* (98-100), *Dois dédos* (100-103), *Calado como um pêto* (104-106), *Matabicho* (106-110), *Copo-de-água* (110-113), *Na agua da cal* (113-118), *Mulher e navio* (118-120), *Cativa! (=catiba) Catixa!* (121-122), *Quer não!* (122-124), *D'aqui! - De estalo!* (125-127), *Sete* (127-130), *Dadas fazem mal ao peito* (130-131), *Casa da Mãe Joana* (132-134), *Vá bugiar!* (134-137), *São mais as vozes que as nozes* (137-139), *De XPTO* (139-141), *Dôr de cotovêlo* (142-144), *Tal é o diabo como sua mãe* (144-145), *Chegar a roupa ao coiro* (145-147), *Levar coiro e cabêlo* (147-150), *Quantos fazem dez* (150-152), *Não ha mais Flandres* (152-158), *Não conhecer flamengos* (158-162), *Estar com a carinha n'água* (162-164), *Dar trela* (164-166), *De tudo, como na botica* (166-168), *Assobiar ás botas* (169-170), *Não fazer farinha* (171-173), *Dez-réis de mel coado* (173-174), *Negar a pés juntos* (174-176), *Por dá cá aquela palha* (176-178), *Tomar ou tirar a palha* (178-182), *Duma cana* (182-183) e *Engulir a pilula* (183-186).

“sobre adágios e locuções esteriotipadas da língua portuguesa”. Do artigo da RL nem uma palavra;

b) Relativamente a este conjunto de 5 locuções, os textos da RL e da RM são, em geral, muito parecidos. Para *Nem chuz nem buz* há algumas diferenças substanciais mas as conclusões coincidem;

c) A ordenação das locuções parece não ter obedecido a quaisquer regras pré-estabelecidas, como a alfabética, por exemplo. Ora, se para as 5 da RL esta ausência de critérios organizacionais não oferece dificuldades em termos de consulta, o mesmo não se poderá dizer para as mais de 60 locuções da RM;

d) O título adotado por Pratt - “Locuções Petrificadas” - parece incluir termos como “adágios”, “frases” ou “locuções esteriotipadas”, “provérbios e expressões” (RM: 5-8). Não seria, portanto, de esperar que surgissem, entre as locuções analisadas por Pratt, entradas constituídas por um só vocábulo, como *Vasconço* e *Sete*, por exemplo;

e) Em relação à atualidade das locuções referidas nos dois artigos (de 1912 e 1914), não surpreenderá o facto de quase todas elas continuarem bem vivas nos usos linguísticos dos portugueses: *Dôr de cotovêlo*, *Dar trela*, *Nem chuz nem buz* (ou *mus*), *Ver-se grêgo*, etc. O que nos surpreende é que uma expressão como *de XPTO*, muito utilizada pelos jovens para designar algo de grande qualidade e que nós julgávamos recente, seja, afinal, uma expressão com mais de um século¹²⁸.

Depois deste artigo publicado na RM, tudo levaria a crer que estavam finalmente criadas as condições para o aparecimento da obra de “fraseologia portuguesa” de que Pratt falava na introdução do seu pequeno artigo da RL. Todavia, o autor esclarece:

“Não julgo possuir ainda suficientes e, em geral, sólidos materiais para formar um livro de algum modo útil, embora depois da publicação destes artigos eu tenha reunido e coordenado abundantes notas e observações que me habilitam a refundi-los, amplia-los e documenta-los mais

¹²⁸ Relativamente à locução *de XPTO*, vd. RM, 1914: 139-141. No Google.pt, “de XPTO”: c. de 12.200 resultados (consulta efetuada em 05/05/2012). Veja-se ainda a informação que se segue: “Desde os imemoriais tempos da saga da “Guerra das estrelas” em que o XPTO se “bamboleou” pelos ecrãs que o termo é relativamente conhecido, tendo sido adoptado de forma relativamente generalizada desde há poucos anos a esta parte. Pesquisando, verifica-se que este termo tem um significado antigo - “XPTO, ou X.P.T.O. (pron. “xis pê tê ó”) é uma abreviatura da palavra grega “Χρῖστος” (“Christós” = Cristo). As letras X (qui), ρ (ró), τ (tau) e o (omicron) foram seleccionadas e capitalizadas para formar a abreviatura”. “Mas, afinal, como é que uma “palavra” que significava, na origem, Cristo “degenerou” para o significado que hoje lhe atribuímos de ultra-mega-hiper-qualquer coisa?” (Disponível em <http://forum.autohoje.com/off-topic/58982-qual-o-verdadeiro-significado-de-xpto-e-porque.html>, consultado em 04-05-2012).

convenientemente mas, acedendo, como dito ficou, ao amável convite do snr. José da Silva Vieira, reuni e modifiquei em parte estes breves estudos, destinados à *Revista do Minho*, uma das poucas e apreciáveis revistas folclóricas do nosso país” (Pratt, 1914: col. 9).

E ainda, como “Palavras finais”:

“Os breves ensaios que aí ficam reproduzidos, com levíssima alteração da matéria e redacção primitivas, pecam pelos defeitos inerentes a todos os trabalhos de preparação. / Não me parece porém que os estudos e investigações desta natureza estejam tam adeantados entre nós que possam desde já dispensar a contibuição destes apontamentos e rejeitar sem discussão todas as conjecturas que formulei sobre a origem e evolução semântica de vários provérbios, ditados e locuções” (Pratt, 1914: cols. 186-187).

3.2.1.2. Óscar de Pratt para além das “Locuções Petrificadas”

Contrariamente ao que se poderia esperar, depois da publicação do extenso artigo “Locuções Petrificadas”, na RM, em 1914, Pratt não publicou qualquer livro de fraseologia (vd. Pratt, 1914: 9). Vejamos, no entanto, o que o autor terá escrito para além das “Locuções Petrificadas”.

Uma vez que o artigo da RM parece ser representativo do que de mais importante Pratt produziu até então no domínio da fraseologia, neste momento a nossa prioridade é saber que investigação terá feito depois. As notícias de que dispomos são para já insuficientes. No texto “Necrologia” (RL, vol. 34, 1936: 314-318), Leite de Vasconcelos indica 1933 como o ano do falecimento do colaborador da RL e investigador “da nossa Etnografia e Filologia”. Diz ainda que possui várias publicações de Pratt¹²⁹.

Uma coisa parece certa: depois de 1914, Pratt não terá publicado nenhum artigo relevante no domínio da fraseologia, muito menos o anunciado livro. Apesar das “abundantes notas e observações” que diz ter “reúnido e coordenado” depois da publicação dos seus “artigos”, o autor parece ter desistido da investigação fraseológica ao dedicar-se à preparação e

¹²⁹ As publicações de Pratt são as nossas já conhecidas “Locuções petrificadas”, mas também “Origem e significação de «sobrado»”, “Sôbre um verso de G. Vicente”, “Nomes de ventos”, “Gonçalves Viana (notícia biográfica)”, “O Novo Dicionário da língua portuguesa” (opúsculos que são separatas de revistas) e o livro *Gil Vicente* (Lisboa, 1931). Interessante é também a carta que L. de Vasconcelos endereçou a Pratt a propósito deste mesmo livro, e que surge reproduzida no vol. 34 da RL.

publicação da obra *Gil Vicente* (Lisboa, 1931). Sabemos que Pratt foi colaborador da RL. Foi lá que publicou, em 1912, o seu breve artigo “Locuções petrificadas”, mas desconhecemos se haverá deste autor outros estudos fraseológicos saídos, antes e depois de 1912, na mesma RL¹³⁰. A primeira aparição de Pratt dá-se no volume XIV, de 1911, um ano antes, portanto, da publicação de “Locuções petrificadas” (vol. XV, 1912). E logo com dois artigos: “Linguagem minhota” (pp. 145-168) e “*O Auto da Festa de Gil Vicente*” (pp. 238-246). Este último parte das “considerações” feitas por L. de Vasconcelos à “edição critica do sr. Conde de Sabugosa” da “obra desconhecida de Gil Vicente”. Ao contrário deste artigo, “Linguagem minhota”¹³¹ apresenta algum interesse fraseológico. Vejamos as primeiras palavras:

“De um vocabulário que pacientemente tenho coligido na linguagem das nossas províncias retiro uma série de termos e locuções do distrito de Viana-do-Castelo que não ocorrem nos nossos lexicos ou que encontrei com significação diferente da que nêles lhes é atribuída. [...] Entendo que [...] alguma coisa muito útil se terá conseguido, quando se tentar lançar as bases de um *Dicionário Completo da Língua Portuguesa*” (Pratt, RL XIV, 1911: 145).

Depois desta pequena introdução, surge o “Vocabulário”, organizado alfabeticamente, onde se confirma a presença de “locuções” como *andar numa blandina* (o mesmo que *andar numa dobadoira*; cf. *blandina*), *como um dez* (locução que exprime certeza absoluta; cf. *dez*), *fazer em fanicos* (isto é, *reduzir a cacos*, *escangalhar*) e *joelho-queimado* (para designar *homem casado*), entre outras. Além disso, percebe-se que tais “termos e locuções do distrito de Viana-do-Castelo” têm um uso geográfico mais alargado¹³². O interesse destas observações aumenta quando Pratt invoca obras e autores onde as referidas expressões ocorrem (como C. Castelo Branco para a locução *como um dez*), ou onde é possível encontrar comentários sobre elas (como Cláudio Basto em RL XIII, p. 78). A este seu cuidado na identificação das fontes, alia Pratt um elevado sentido de humildade e abertura intelectual, bem patentes em afirmações como a que se segue: “O autôr aceita e agradece qualquer observação ou esclarecimento que os estudiosos possam enviar-lhe tendente a corrigir ou ampliar estas investigações” (RL XIV, 1911, p. 168).

¹³⁰ Vd. *Índices da Revista Lusitana*, Director: José Leite de Vasconcelos, Vols. I-XXXVIII (1887-1943), publicações do Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1967: 29.

¹³¹ Disponível em http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/etnologia/revistalusitana/14/lusitana14_pag_145.pdf, consultado em julho/2013.

¹³² A expressão *fazer em fanicos*, por exemplo, utilizava-se e ainda se utiliza pelo menos no distrito de Braga com o mesmo sentido, isto é, *reduzir a cacos*, *escangalhar*.

O volume XV da RL (1912) é, no nosso entender, o mais significativo para o conhecimento da investigação fraseológica de Pratt devido ao já comentado artigo “Locuções petrificadas” (pp. 312-324). Neste mesmo volume podemos encontrar “Sobre um verso de Gil Vicente” (pp. 268-289), um conjunto de cartas de Henrique Lopes de Mendonça, Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Óscar de Pratt. O “verso enigmático” é “Ora venha a caro a ré” do *Auto da Barca do Inferno*. Este não é um trabalho com interesse fraseológico mas revela uma outra faceta de Pratt: o envolvimento em discussões de interesse filológico com algumas das figuras mais respeitadas do seu tempo, como C. Michaëlis de Vasconcelos¹³³.

O volume XVI da RL (1913) conta com a assinatura de Pratt em três artigos: “Sobre dois ditados que se completam um ao outro” (pp. 168-170), “Notas à margem do «Novo Dicionário da Língua Portuguesa»” (pp. 206-279) e “A expressão popular «mais vale um gôsto que quatro vintens»” (pp. 289-299).

No primeiro, muito breve, Pratt recupera um artigo de Cláudio Basto com o mesmo título (RL XV, 1912: 1.^a parte, pp. 173-174; 2.^a parte, pp. 351-353) para acrescentar ao ditado meteorológico *Manhã ruiva, ou vento ou chu(i)va* algumas variantes. Nada de muito relevante.

Com o segundo artigo - “Notas á margem do «Nôvo Diccionário da Lingua Portuguesa»” (pp. 206-279) - Pratt não quer ficar à margem do *Nôvo Diccionário* de Cândido de Figueiredo. Por isso, e seguindo as pisadas de Gonçalves Viana, A. Cortesão e Michaëlis de Vasconcelos, também ele, com o “seu espirito honesto de observação”, se sente chamado a contribuir com “alguns elementos apreciáveis”. E acrescenta Pratt:

“Em 1908, sob o título pouco apropriado de *Linguagem Popular Inédita*, publiquei na *Epoca*, de Lisboa, uma longa série de vocábulos e acepções da linguagem geral e regional e da tecnologia de artes e ofícios que, por não ocorrerem no *Novo Dicionário*, eu tinha anotado nas suas margens [...]. Tendo coordenado novas observações, corrigido alguns erros e extraído a maior parte dos termos da linguagem minhota que publiquei no vol. XIV da *Revista Lusitana*, organizei agora todas as minhas notas em um novo catálogo que apresento á apreciação dos entendidos como desvalioso subsídio para o dicionário português” (Pratt, RL XVI, 1913: 207).

Tal como acontece com “Linguagem minhota” (vol. XIV, pp. 145-168), também aqui encontramos expressões curiosas, muitas delas bem atuais: *pescar nas aguas turvas* (diz-se dos

¹³³ É o próprio Diretor da RL, L. de Vasconcelos, a reconhecer o interesse destes textos: “Por serem muito dignos de ficar archivados em uma revista philologica, transcrevo aqui, do *Diario de Noticias*, onde primeiro appareceram, estes artigos. Tenho para isso devida auctorização de seus auctores” (RL XV, 1912: 268).

oportunistas, p. 211), *andar com a cabeça à roda* (*fazer tolices, andar perdido de amores*, p. 221), *cara de rei galego* (*cara de poucos amigos*, p. 224), *de casa e pucarinho* (*intimidade afectuosa*, p. 225), *pagar com língua de palmo* (*satisfazer integralmente um compromisso monetário*, p. 249) e *às moscas* (*vazio*, p. 254), entre outras. E mesmo não referindo certas expressões, são-nos apresentados elementos que nos permitem compreender melhor locuções atuais como *a rodos*, isto é, *abundantemente*¹³⁴.

O terceiro artigo de Pratt - “A expressão popular «mais vale um gôsto que quatro vintens»” (pp. 289-299) – revela-se de particular importância já que tem também a assinatura de Leite de Vasconcelos e Cláudio Basto: a primeira parte (I) é de L. de Vasconcelos; a segunda (II) e quarta (IV), de Pratt; a terceira (III), a mais longa, de Basto¹³⁵. As primeiras palavras pertencem a L. de Vasconcelos:

“D’esta expressão [“mais vale um gôsto que quatro vintens”] trata o Sr. João Ribeiro nas *Frases Feitas*, II, 259, julgando que ella «deve ser uma aluzão, em Lisboa, aos preços elevados dos doces, pelos começos do seculo XVIII». O Sr. Oscar de Pratt, no opusculo que com o titulo do livro do Sr. Ribeiro publicou em Lisboa em 1912, e depois num artigo d’*O Povo*, de 28-III-1912, refuta aquella explicação, mas relaciona-a com outros ditados por modo que não me parece muito claro” (Vasconcelos, RL XVI, 1913: 289).

E pouco depois conclui:

“A expressão *mais vale um gôsto que quatro vintens* significa «mais vale um gôsto que dinheiro» ou que «certa quantidade de dinheiro»: *vintens* está na accepção geral de «valor», segundo o que fica dito a cima; e *quatro* corresponde a um número indefinido, como na mencionada frase hespanhola *cuatro cuartos*, e na francesa *quatre sous*” (Vasconcelos, RL XVI, 1913: 289-290).

A reacção de Pratt (parte II) ao texto de L. de Vasconcelos é breve mas abre a porta a novas intervenções:

“Isto parece de uma intuição muito clara, e de bom grado eu ponho de parte a hermenêutica um tanto obscura de que me servi [...]. No entanto, por muito lúcida que seja a explicação alguma coisa de vago há ainda que me deixa em dúvidas” (Pratt, RL XVI, 1913: 290-291).

¹³⁴ *rôdo* era um utensílio geralmente de limpeza e que servia para juntar certos produtos como sal e cereal (vd. RL XVI, 1913: 270).

¹³⁵ Ainda sobre a expressão «mais vale um gôsto que quatro vintens», veja-se o pequeno apontamento que Leite de Vasconcelos apresenta mais tarde em RL XX, p. 162.

Quem aproveita a oportunidade para intervir é Cláudio Basto:

“O que mais embaraçou os Srs. João Ribeiro e Oscar de Pratt, na frase popular em questão, foram os *quatro vinténs*. E, por isso naturalmente, é que o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos no seu artigo da REVUE DE DIALECT. ROM. se ocupou em explicar aquelas palavras, tomando-as em separado e acompanhando-as assim com as correspondentes de outras línguas. / Mas, a meu ver, tal era desnecessário, pois que «quatro vinténs» é expressão vulgar que significa «algum dinheiro» [...]. E, desde que se considerasse esta «frase feita» popular, poucas palavras seriam precisas para explicar o provérbio e para destruir as conjecturas em volta déle artificialmente delineadas” (Basto, RL XVI, 1913: 295).

As últimas palavras terão pertencido a Óscar de Pratt:

“Decididamente considero-me vencido nesta questão dos *quatro vinténs* [...] / Erro será confundir o sentido originário de um provérbio com a sua ideia filosófica ou de aplicação. Entre o sentido translato e o sentido de formação ou directo há a diferença que caracteriza o espírito de observação do povo. / [...] Confesso que, contestando a opinião do sr. João Ribeiro, me «enredei em dificuldades», acabando por sair pela porta falsa das «fantasias complicadas», porque, homem do centro do país, eu não conhecia a expressão estereotipada *quatro vinténs*: nem mesmo a tinha ouvido durante a minha longa permanencia no Minho. / [...] Remedeio agora o êrro, combinando a interpretação do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos com a sua obsiquiosa informação particular e tendo no devido apreço as considerações do Sr. Dr. Cláudio Basto” (Pratt, RL XVI, 1913: 297-298).

Mais importante do que apurar o vencedor destas discussões, é perceber que neste fórum a três as questões fraseológicas eram capazes de acionar um espaço de partilha de saberes entre alguns dos mais respeitados fraseólogos portugueses. É também notória a modernidade destas discussões ao serem introduzidas línguas estrangeiras (espanhol e francês, por parte de L. de Vasconcelos), antecipando deste modo a chamada fraseologia comparada. Outra aspeto a realçar tem a ver com a conceção de provérbio. C. Basto parece defender que o sentido do provérbio, sendo ele uma “frase feita” popular, não precisará de explicações alongadas pois poderão levar a “conjecturas” fantasiosas. Pratt, por sua vez, distingue “sentido originário de um provérbio” da “sua ideia filosófica ou de aplicação”: o primeiro é o “sentido de formação ou directo”; o segundo, o “sentido translato”. Esta é uma questão que, pela sua complexidade e interesse, retomaremos no capítulo 4 deste nosso trabalho, quando abordarmos os traços linguísticos das UF, sobretudo no que diz respeito à sua idiomaticidade.

O nome de Pratt volta a surgir na RL (vol. XVII, 1914), com “Nomes de ventos” (pp. 198-202)¹³⁶ e “Notas á margem do «Nôvo Dicionário da Lingua Portuguesa» - II” (pp. 338-348). “Nomes de ventos” é, no entender do autor, um contributo para o “estudo interessantíssimo” levado a cabo por L. de Vasconcelos nas suas *Lições de Philologia Portuguesa* (pp. 427-432) sobre a “nomenclatura dos ventos – nomes antigos e designações vulgares no continente e arquipélagos dos Açores e Madeira”. Por isso, Pratt percorre a linguagem de Esposende, Arcos-de-Val-de-Vez, Viana-do-Castelo, Póvoa de Lanhoso, Tejo, Barreiro e até Ponta Delgada para recolher os elementos que não haviam entrado no estudo de L. de Vasconcelos. “Interessantíssimo”, sem dúvida, este estudo, mas não diretamente para a fraseologia portuguesa. Quanto a “Notas á margem do «Nôvo Dicionário da Lingua Portuguesa» - II”, elas são apresentadas como “2.ª série” (a 1.ª série havia sido publicada no vol. XVI, 1913: 206-279) e são o resultado de “observações pessoais” e de contributos vários, colhidos por Pratt em diversas fontes¹³⁷. Tal como acontece com a 1.ª série, também aqui é possível encontrar numerosas frases e expressões: *marinheiro/poeta... de água-doce (marinheiro/poeta... inexperiente, sem valor, p. 342)*, *sem dizer água-vai! (sem qualquer aviso ou consideração, p. 343)*, *não ter uma memória por aí além (não ter uma memória especial, p. 345)* e *alma de cântaro (pateta, simplório, p. 346)*, entre muitas outras.

No ano seguinte (1915), no volume XVIII da RL, Pratt assina mais dois artigos: a terceira e última parte de “Notas á margem do «Nôvo Dicionário da Lingua Portuguesa»” (pp. 65-162) e a segunda parte de “Nomes de ventos” (pp. 219-222). Nas “Notas”, Pratt acrescenta às duas primeiras partes uma longa lista de termos, locuções e até provérbios¹³⁸. Se juntarmos as três partes das “Notas”, passamos a ter um trabalho lexicográfico de mais de 180 páginas, um contributo notável para o “Nôvo Dicionário da Lingua Portuguesa” de Cândido de Figueiredo.

¹³⁶ Este estudo assinado por Óscar de Pratt apresenta como local e data “Azinheira. / Barreiro, Maio de 1914”.

¹³⁷ É o próprio Pratt (p. 338) que identifica essas fontes: “Gazeta das Aldeias” (1910), “Espozendense” (Nº 315 e 320, Maio, 1913), “Apparelho e Manobra de Navios” de João Braz de Oliveira e “Gazeta das Aldeias” (periódico agrícola do Porto).

¹³⁸ Eis alguns exemplos: *ir aos arames (irritar-se, p. 66)*, *deitar o barro à parede (agir cautelosamente para conseguir os seus fins, p. 75)*, *à boca pequena ou por boca pequena (secretamente, dissimuladamente, p. 78)*, *levar a cabo (realizar, ter como finalidade, p. 82)*, *fazer cêra (não fazer nada, p. 93)*, *chegar a roupa ao coiro (ou couro) (bater, castigar, p. 97)*, *ter as costas quentes (estar protegido, contar com o apoio de alguém, p. 99)*, *como quem não quer a coisa (disfarçadamente, p. 100)*, *pagar com língua de palmo (ser obrigado a cumprir um compromisso, p. 124)* e *não ter papas na língua (ser sincero, p. 124)*.

No que à fraseologia diz respeito, estas “Notas” são também uma referência a ter em conta, uma vez que são muitas as UF analisadas e inúmeras as fontes referidas¹³⁹.

Relativamente a “Nomes de ventos” (pp. 219-222), Pratt acrescenta algumas designações populares ao que havia escrito no volume XVII (1914: 198-202), mas sem grande interesse fraseológico.

No volume XX, de 1917, surge-nos a última parte de “Nomes de ventos” (pp. 119-128) com alguns dados úteis para a fraseologia. Além do famoso ditado *De Espanha,/ nem bom vento,/ nem bom casamento* (p. 121), Pratt faz alusão a *pé-de-vento*: “Vulgarmente, a uma súbita violência de vento, com pouca duração, dá-se o nome de *pé-de-vento* (fr. *piéd de vent*), ou *rabanada-de-vento*. Antigamente dizia-se *pégão de vento*” (p. 126). O que Pratt não refere é a *El armar/fazer um pé-de-vento* para designar uma ação tempestuosa de alguém muito zangado. Não se usaria ainda em 1917? Ou simplesmente Pratt não a conhecia? A verdade é que o *Dicionário Houaiss* (2003) apresenta a seguinte informação: “**pé-de-vento** *s.m.* **1** Infrm. joc. vento forte ou rajada de vento; ventania **2** *P ANG MOÇ* situação de tumulto; confusão **3** *STP* intriga, mexerico, falatório, boato”. O sentido idiomático (*situação de tumulto*, em Portugal, Angola e Moçambique; *intriga*, em S. Tomé e Príncipe) é referido, mas nenhuma data é adiantada. É muito provável, então, que a *El armar/fazer um pé-de-vento* não fosse de uso corrente no tempo de Pratt¹⁴⁰.

O nome de Pratt surge de novo no volume XXII (1919) da RL com “Quem vai ao mar...” (pp. 219-221) e “Lírica Patriótica” (pp. 223-225). No primeiro artigo, o autor, invocando João Ribeiro, defende que o ditado *Quem vai ao mar / perde o lugar*, muito usado pelas crianças, “datará do tempo das navegações”: “os que porfiavam em ir ao mar correr longas aventuras perigosas encontravam muitas vezes à volta o lugar tomado, e difícil lhes seria contestar juridicamente o direito dos usurpadores” (p. 220). *Quem vai ao vento / perde o assento* seria a contra-réplica já que eram agora os que andavam por terra, desatentos, a perder o lugar na embarcação. L. de Vasconcelos (pp. 221-223) responde de imediato a Pratt, afirmando que as duas rimas não serão originárias do tempo das nossas navegações, uma vez que as fórmulas existem noutros países, e com palavras diversas:

¹³⁹ Ao longo das suas explicitações, Pratt cita os Adagiários de Roland e Delicado (p. 69), obras de L. de Vasconcelos (pp. 65, 79, ...), o *Diccionario da Lingua Portuguesa* de Morais (p. 81), o *Elucidário* de Viterbo (p. 82), as *Apostilas* de Gonçalves Viana (p. 89), as *Frazes Feitas* de João Ribeiro (p. 71) e muitos outros.

¹⁴⁰ No Google.pt: “armar um pé-de-vento” (ou “armar um pé de vento”), c. de 376 resultados; “fazer um pé-de-vento” (ou “fazer um pé de vento”), c. de 1160 resultados (consulta efetuada em 14/04/2012).

“Agora, que *mar*, por estar sempre na imaginação dos Portugueses, povo marítimo e navegador, acudisse mais depressa ao espírito do que qualquer outra rima, isso, na ordem de ideias do Snr. Pratt, julgo ser muito possível, como também acho muito judicioso o que o ilustre colaborador da *Revista Lusitana* pensa acêrca do emprêgo do *vento*” (Vasconcelos, RL XXII, 1919: 222-223).

Se é verdade que L. de Vasconcelos não se coíbe de mostrar alguma discordância, não é menos verdade que as suas palavras resultam num elogio ao “judicioso” e “ilustre” Sr. Pratt.

Só em 1931, no volume XXIX da RL, se volta a falar de Pratt, através do artigo “Quem não mente” (pp. 295-299). Neste estudo, o autor aborda a *zombaria*, “como género de diversão popular, espécie de jôgo «inofensivo» de doestos e apôdos em que se exercitava a veia cáustica e mordaz de dois ou mais contendores” (p. 295). Os documentos literários atestam que este curioso jogo literário remonta ao tempo das *cantigas de escarnho e mal dizer*, perpassa uma parte das trovas do *Cancioneiro Geral* e instala-se nos autos vicentinos. Alguns provérbios do nosso Adagiário são também um importante testemunho da arte de zombar: *Zombaria de siso mete os homens em perigo* (Roland) ou *Das burlas vem as veras* (*Eufrosina*). E conclui Pratt:

“Portanto o *saber zombar*, i.-é, sustentar um tiroteio de dichotes pesados, era extranha prova de cortezania, porque o vilão não sabia usar a subtileza de um fingimento tido por gracioso e galante, e assim se explica o conceito do provérbio: *Quem não mente não é filho de boa gente*, que ocorria já pela época dêste singular divertimento” (Pratt, RL XXIX, 1931: 299).

A última aparição de Pratt na RL aconteceu em 1932, no volume XXX, com o artigo “Algumas particularidades dos caracteres tipográficos que serviram à “Compilação” das Obras de Gil Vicente” (pp. 305-307). Neste estudo, o autor aponta o dedo aos “editores de Hamburgo”, por não terem prestado a devida atenção à particularidade gráfica do “i” com til (p. 305), e até à “insigne D. Carolina Michaëlis”, por causa do uso “impróprio” de alguns elementos gráficos nos *Autos portugueses de Gil Vicente y de la escuela vicentina* (vd. p. 307). Recorde-se que um ano antes, em 1931, Pratt havia publicado o seu livro *Gil Vicente: notas e comentários* (Lisboa: Clássica Editora), com cerca de 288 páginas, e que em 22 de novembro de 1933 viria a falecer em Lisboa¹⁴¹.

¹⁴¹ Vd. “3.2.1. Pratt (1912 e 1914)”, neste nosso trabalho.

3.2.1.3. Óscar de Pratt e João Ribeiro

No decurso das suas “contestáveis contribuições” (Pratt, 1912: 312) e “despretenciosos escritos” (Pratt, 1914: 7), Pratt invoca frequentemente alguns dos autores que mais o influenciaram: Gonçalves Viana (*Apostilas aos Dicionários Portugueses*, 1906), Rolland (*Adágios*, 1841), Jorge Ferreira de Vasconcelos (*Ulisipo*, 1787), A. A. Cortesão (*Subsídios para um Dicionário Completo (historico-etymológico) da Língua Portuguêsa*, 1900), C. Michaëlis de Vasconcellos, J. Leite de Vasconcellos (RM III, n.º 9) e sobretudo o “brasileiro” João Ribeiro.

A influência de Ribeiro é tão forte em Pratt que nos vemos obrigados a fazer uma breve incursão pelas duas obras de referência do “douto académico brasileiro”: *Frazes Feitas* (1.º vol.: 1908; 2.º vol.: 1909) e *O Fabordão. Cronica de vario assunto*, de 1910 (H. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro-Paris)¹⁴². Relativamente a esta obra - *O Fabordão* -, a sua importância recai no capítulo “Sobre a inteligência de algumas frases classicas” (pp. 65-87). E as “frazes” (ou “expressões” ou “locuções”) selecionadas são *Não há mais Flandres* (pp. 69-71), *Ramerrão ou ram-ram* (pp. 71-78) e *Victor, amigos!* (pp. 78-87). Mas a obra maior de Ribeiro é, sem dúvida, *Frazes Feitas* (1908-1909). Os dois volumes que a compõem são hoje uma referência para a fraseologia portuguesa: primeiro porque se faz em e sobre a língua portuguesa e depois porque nos dá conta do estado da arte fraseológica da época, em Portugal e no Brasil. E estamos a falar de uma época anterior a 1909, o que significa que antes daquele que é comumente considerado o principal fundador da fraseologia – o suíço Charles Bally, com o *Traité de Stylistique Française*, precisamente de 1909 - já se fazia fraseologia em e sobre o português.

A segunda (e terceira) edição¹⁴³ de *Frazes Feitas* tem para nós particular importância porque nela Ribeiro refere frequentemente Óscar de Pratt¹⁴⁴. E isto porque Pratt havia respondido

¹⁴² Esta obra de João Ribeiro, *O Fabordão. Cronica de vario assunto*, pode ser consultada na internet em <http://www.archive.org/stream/3358098#page/n0/mode/2up> (consulta efetuada em junho/2013). A ela também se faz referência na RL XIV, 1911: 317. Na RL (vol. XXXIV, 315) é anunciada, por L. de Vasconcelos, a morte de João Ribeiro (1934). Para um melhor conhecimento do autor brasileiro, Leite remete para a *Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. XLVI, p. 239 (António Sales). Além disso, são referidas algumas obras que Leite diz possuir de Ribeiro: *Curiosidades verbais*, *Estudos philologicos*, *O Fabordão*, *O Folk-Lore*, *Frases Feitas* (1.ª e 2.ª série), *Gramática Portuguesa* (eds. 11.ª e 13.ª), *Notas de um estudante* e *Selecta clássica*.

¹⁴³ Diz Joaquim Ribeiro na introdução da 3.ª ed. de *Frazes Feitas*, p. 35: “João Ribeiro, ainda em vida, preparou para a Livraria Francisco Alves uma segunda edição das *Frases Feitas* com acréscimos e novas observações, edição que ora é levada a efeito por ocasião da comemoração do centenário de nascimento do saudoso filólogo”.

¹⁴⁴ Vd., por exemplo, pp. 132, 167 (nota 15), 233 (nota 16), 263, 341, 405 e 430 de *Frazes Feitas*.

de imediato à primeira edição, com “Frazes Feitas, breves considerações ao livro do snr. João Ribeiro” (Lisboa, 1910, 22 pp.)¹⁴⁵.

Frazes Feitas é hoje uma obra acessível ao grande público graças à publicação da terceira edição, em 2009, com o título *Frazes Feitas. Estudo conjetural de locuções, ditados e provérbios* (Coleção Antônio de Morais Silva, *Estudos de Língua Portuguesa*), com uma apresentação de Evanildo Bechara (“O estudo da fraseologia na obra de João Ribeiro”, pp. VII-XVIII) e uma longa introdução de Joaquim Ribeiro, filho de João Ribeiro (pp. 3-35)¹⁴⁶.

De Evanildo Bechara interessa reter as seguintes palavras:

“[...] a investigação das frases feitas, como de outras manifestações do que Eugenio Coseriu chama *discurso repetido*, é da competência do linguista, do lexicólogo, e não, conforme se deixa entrever na obra de muitos estudiosos destes assuntos, domínio exclusivo do folclorista [...] / A leitura e o estudo reflexivo da obra de João Ribeiro impõem-se para o prosseguimento do material que levantou e joeirou com mão de mestre, a fim de fazer progredir nosso conhecimento da fraseologia portuguesa e honrar o que já foi elaborado por uma plêiade de denodados batalhadores no Brasil e em Portugal. Ao dar a público esta nova edição de *Frazes Feitas* [...] a ABL tem por propósito convidar os pesquisadores a se embrenhar pela imensa floresta quase virgem da história do léxico português, com especial atenção para a sua fraseologia” (Bechara, in Ribeiro, 2009: XVII-XVIII).

Por sua vez, Joaquim Ribeiro refere-se profusamente ao pai e à sua obra. Sobre os métodos e conhecimentos de João Ribeiro, diz ele (Ribeiro, 2009: 31-32): “Pela primeira vez, a fraseologia vernácula, em toda a sua vasta extensão, era aplicada à luz do método histórico-comparativo e dos novos processos de pesquisa filológica”. Relativamente à singularidade da obra do pai, no contexto da fraseologia portuguesa, afirma Joaquim Ribeiro:

“Não existia (e nem existe hoje) na língua portuguesa uma contribuição de tão vastas proporções. Existem, é certo, coletâneas diversas, mas sem fundamentos linguísticos. João Ribeiro foi quem deu ao tema tratamento filológico, pois, antes dele, só eram conhecidas contribuições esparsas e esporádicas de Gonçalves Viana, Júlio Moreira, Carolina Michaëlis etc. Livro de conjunto não existia. / É perfeitamente compreensível o êxito da obra de João Ribeiro nos círculos linguísticos de Portugal (Cf. *Revista Lusitana*, onde apareceram expressivos comentários sobre as *Frazes Feitas*). / Aqui, no Brasil, os estudiosos que se voltaram para o assunto, como Lindolfo Gomes e Alberto Faria, sempre

¹⁴⁵ Vd. Pratt, 1914: 26.

¹⁴⁶ Disponível em <http://www.academia.org.br/antigo/media/Frases%20feitas%20-%20Joao%20Ribeiro%20-PARA%20INTERNET.pdf>, consultado em maio/2013.

gravitaram em torno do trabalho de João Ribeiro. / O caminho estava desbravado” (Joaquim Ribeiro, in Ribeiro, 2009: 32).

Também a importância da “frase feita”, objeto da fraseologia, é reforçada por Joaquim Ribeiro:

“Muito mais que o vocábulo, examinado insuladamente, a frase feita retrata a índole da língua nos seus estereótipos tradicionais. Explicá-la, de fato, constitui alto objetivo filológico. / Cada idioma possui a sua maneira, o seu habitualismo, enfim o seu estilo próprio para fixar, por vezes, pensamentos idênticos” (Joaquim Ribeiro, in Ribeiro, 2009: 32).

E conclui, com renovado louvor a João Ribeiro e à sua obra: “A riqueza dos fatos analisados, a opulência dos textos antigos e a segurança das exegeses filológicas” fazem de *Frases Feitas* “um livro de alta erudição”, mas principalmente “a mais séria contribuição sobre a fraseologia vernácula na bibliografia da língua portuguesa” (Joaquim Ribeiro, in Ribeiro, 2009: 34).

Terminada esta longa introdução, entra-se finalmente no texto de João Ribeiro, estruturado em duas partes, cada uma constituída por diversos capítulos. No ANEXO 1 deste nosso trabalho (“João Ribeiro, *Frases Feitas* (1908-1909)”) apresentamos uma síntese de cada um desses capítulos: 8 da Primeira Parte e 7 da Segunda. Depois, o autor brasileiro tem ainda fôlego para as “Notas suplementares” (pp. 525-562), de natureza “conjetural” – como ele próprio afirma -, onde inclui “frases feitas ou provérbios que não entraram no corpo do livro”¹⁴⁷.

A obra de Ribeiro fecha-se com o “Índice Analítico das Frases e Palavras” (pp. 563-588), instrumento utilíssimo para se aceder fácil e rapidamente à muita informação que, ao longo de quase 600 páginas, *Frases Feitas* nos oferece.

As informações que acabámos de apresentar são prova irrefutável da importância fraseológica de Ribeiro. Mas de que autores e obras se terá socorrido? Recordemos algumas das palavras de Joaquim Ribeiro, apresentadas na “Introdução” de *Frases Feitas*:

¹⁴⁷ Eis alguns exemplos: *ab ovo*, expressão latina (pp. 525-526); *Castanhas eyxidas e velhas per souto e cada casa favas lava*, provérbios das cantigas de escárnio (pp. 528-532); *calças pardas/ camisa de onze varas* (p. 536); *trazer a água no bico* (p. 538); *desta água não beberei* (p. 539); *fazer de gato sapato* (p. 541); *quem canta seus males espanta* (p. 542); *morte da bezerra* (pp. 545-546); *mula que faz him! e mulher que sabe latim* (pp. 545-546); *Deus dá nozes a quem não tem dentes* (pp. 547-548); *conhecer pela pinta* (pp. 549-550); *por um triz* (p. 551); *são mais as vozes que as nozes* (p. 558); *dar trela* (pp. 560-561), e muitos outros.

“Não existia (e nem existe hoje) na língua portuguesa uma contribuição de tão vastas proporções. Existem, é certo, coletâneas diversas, mas sem fundamentos linguísticos. João Ribeiro foi quem deu ao tema tratamento filológico, pois, antes dele, só eram conhecidas contribuições esparsas e esporádicas de Gonçalves Viana, Júlio Moreira, Carolina Michaëlis etc. Livro de conjunto não existia. / É perfeitamente compreensível o êxito da obra de João Ribeiro nos círculos linguísticos de Portugal” (Joaquim Ribeiro, in Ribeiro, 2009: 32).

Parece ter razão o filho de João Ribeiro ao falar da incomparável representatividade, no panorama fraseológico português, da obra *Frases Feitas* e do “êxito” que esta alcançou “nos círculos linguísticos de Portugal”¹⁴⁸. Julgamos que uma das provas mais evidentes terá sido a resposta pronta de Pratt à primeira edição do fraseólogo brasileiro, com “Frazes Feitas, breves considerações ao livro do sr. João Ribeiro” (Lisboa, 1910, 22 pp.) e a que já tínhamos feito referência. Mas se o *depois* da publicação de *Frases Feitas* é importante, o *antes* não o será menos. Na verdade, averiguar as condições que terão potenciado a obra de Ribeiro significa aceder às fontes de que se terá servido o autor.

Procuraremos, então, descobrir a que datas correspondem estes dois momentos: o *antes* e o *depois*. Sabemos que a primeira edição é de 1908 (1.º vol.) e de 1909 (2.º vol.). Sabemos também, por intermédio do filho, que “João Ribeiro, ainda em vida, preparou para a Livraria Francisco Alves uma segunda edição das *Frases Feitas* com acréscimos e novas observações” e que a terceira edição, de 2009, “levada a efeito por ocasião da comemoração do centenário de nascimento do saudoso filólogo”, reproduz a segunda edição¹⁴⁹. Sendo assim, só não sabemos a data precisa da segunda edição levada a cabo pelo próprio João Ribeiro. Tudo indica que terá sido preparada (concluída) entre 1924, data da publicação de *História geral dos adágios portugueses* de Ladislau Batalha, e que Ribeiro cita como “recente”, e 1934, ano da morte de João Ribeiro¹⁵⁰.

Para conhecermos o *antes* (da publicação de *Frases Feitas*, em 1908-1909), voltemos à obra do autor brasileiro. Ao longo das cerca de 550 páginas (descontadas as introdutórias de Evanildo Bechara e Joaquim Ribeiro), inúmeras são as referências aos autores e obras que, mais direta ou menos diretamente, contribuíram para o magno edifício que é *Frases Feitas*: os autores bíblicos (pp. 72, 85...), os autores clássicos (Horácio, Marcial, Fedro, Séneca, Plauto: pp. 63,

¹⁴⁸ Em vários números da RL apareceram expressivos comentários sobre as *Frases Feitas* de João Ribeiro.

¹⁴⁹ Vd. “Introdução” de *Frases Feitas*, 3.ª ed., p. 35.

¹⁵⁰ A propósito de *custar os olhos da cara*, diz Ribeiro (edição de 2009: 181): “Na sua recente *História dos Adágios port.* Ladislau Batalha menciona apenas dito proverbial, sem documentação alguma”.

64, 77, 102...) e ainda os filólogos Meyer-Lubke (pp. 57, 104, 175...), Diez (pp. 124 e 175) e Óscar Nobiling (p. 48), entre muitas outras fontes. No domínio da língua portuguesa, Ribeiro encontra nos textos literários o material fraseológico que pretende analisar. Neste sentido, serve-se das obras dos poetas dos cancioneros medievais, de Garcia de Resende (pp. 37, 38, 42...), Fernão Lopes (p. 321), D. Duarte (pp. 101, 151...), Gil Vicente (provalmente o mais citado por Ribeiro), Luís de Camões (pp. 97, 129, 146...), Sá de Miranda (pp. 81, 82, 106...), Jorge Ferreira (pp. 49, 51, 85...) e Camilo Castelo Branco, entre outros. Os fundamentos filológicos vai buscá-los a João de Barros (pp. 37, 148, 149...), Morais (pp. 85, 102, 128...), Bluteau (p. 157), Viterbo (pp. 40, 41, 57...) e tantos outros. Numa área mais estritamente fraseológica, Ribeiro encontra material abundante nos adagiários antigos de Delicado (1651) e Roland (1780) (pp. 52, 88, 108...), e ainda em Castro Lopes (*Origens de Anexins*, Rio, 1893)¹⁵¹ e Ladislau Batalha (*História geral dos adágios portugueses*, 1924)¹⁵².

O que surpreende em Ribeiro é esta facilidade em passear-se pelas mais diversas épocas e em tirar proveito do contacto com os autores mais ilustres. A sua frontalidade é outra surpresa. É o próprio João Ribeiro a dar conta dos seus confrontos fraseológicos. Vejamos dois dos casos mais significativos:

(1) “O filólogo Óscar Nobiling, encolerizado com algumas observações minhas acerca de certo provérbio arcaico que tentou explicar inutilmente, revidou contra mim em artigo injurioso em que buscava inutilizar [...], as *Frases Feitas* e diz que plagiei Gonçalves Viana ao lembrar a frase mais completa, conforme se vê do espanhol “tomar *calças* de Vila Diogo”, como se G. Viana tivesse o privilégio de ler só ele, os autores espanhóis, apesar de neste meu livro serem os escritores espanhóis infinitamente mais numerosos que os raros citados por G. Viana ou outro qualquer autor português” (Ribeiro, 2009: 48).

(2) “Na sua recente *História dos Adágios port.* Ladislau Batalha menciona apenas dito proverbial, sem documentação alguma, págs. 67 e 124, do I vol. publicado. Como sempre, os autores

¹⁵¹ Quando se refere a Castro Lopes, Ribeiro mostra-se sempre muito crítico. Vejamos alguns exemplos: “Uma das explicações mais desassisadas e insustentáveis foi a que deu o Dr. Castro Lopes nas suas por vezes ridículas *Origens de Anexins*, onde diz que o provérbio primitivo havia de ser – “Ao teu amo não jogues *ásperas* (palavras). O povo transformou *ásperas* em *as peras*. Que povo e que transformação!” (p. 115); “Não merece exame a explicação que dá o Dr. Castro Lopes de que “razões de *cacaracã*” foi um dito aplicado a certo causídico venal que uma das partes peitou com uma capoeira de galinhas” (p. 131); e finalmente “O Dr. Castro Lopes, fiel a seu preferido método que era o da invenção sem cuidado pela história, imaginou a frase latina – *nec obulus nec laus* (nem real e nem agradecimento) – que não existiu nunca” (p. 185).

¹⁵² Desta obra de Ladislau Batalha, diz: “livro recente que nos parece escassamente informado” (Ribeiro, 2009: 74).

portugueses ignoram o que já há alguns anos se acha iniciado ou se acha feito no Brasil. Ladislau Batalha, em 1924, ignora existência das *Frases Feitas* que datam de 1908, e nem é provável que a crítica portuguesa lhe revele essa lacuna” (Ribeiro, 2009: 182).

Sem dúvida, muito contundente: primeiro defende-se da acusação de plágio e depois acusa os autores portugueses de revelarem ignorância relativamente ao que se faz no Brasil, pelo menos no domínio fraseológico.

Mas Ribeiro revela também capacidade de autocrítica. Censura o excessivo aventureirismo das suas conjeturas e alguma falta de zelo na recolha e conservação de informações:

- (1) “A conjetura é literalmente a que escrevi na primeira edição. Creio que fui longe demais. Ai fica para castigo” (Sobre a expressão ‘Que for suará’. Ribeiro, 2009: 83).
- (2) “Perdi uma nota a respeito desta frase [‘burro de Vicente’] e conservo a indicação Zeitsch. fur rom Phil. 1905, pág. 710. Não sei o que aí se dizia” (Ribeiro, 2009: 140).

Se olharmos apenas para estas ocorrências, talvez Ribeiro seja demasiado cáustico nas acusações que dirige aos investigadores portugueses. Mas se atendermos ao conjunto da sua obra, facilmente concluímos que *Frases Feitas* é um tributo aos autores e à língua portuguesa: primeiro porque o seu *corpus* é constituído maioritariamente por textos dos nossos escritores (G. Vicente, Camões, Sá de Miranda...), segundo porque não poupa elogios aos estudiosos que, no seu entender, o merecem. Apresentemos alguns exemplos:

- (1) Sobre Eugénio Pacheco: “A locução [‘dizer cobras e lagartos’] foi excelentemente explicada por Eugénio Pacheco”, na “*Rev. Lusitana* VII, 3, com um comentário de Carol. Michaelis” (p. 216).
- (2) Sobre Carolina Michaëlis de Vasconcelos: “Em uma nota que gentilmente me comunicou a eminente doutora Carolina Michaëlis de Vasconcelos, vejo que lhe repugna aceitar a filiação *achacar* e *achar*, ainda na forma *achado* por *achacado*” (p. 247).
- (3) Sobre Gonçalves Viana: “O ilustre romanista Sr. Gonçalves Viana, que teve a amabilidade de me dar a conhecer a sua opinião sobre as minhas conjeturas, diz-me que se não conforma com esta interpretação por lhe parecer que a preposição está no sentido do *per* e não do *pro* latinos” (A propósito de *um pau por um olho*, p. 342).

- (4) Sobre José Leite de Vasconcelos: “Dessa tradição [as *bestas de vento*] trata o erudito Dr. Leite de Vasconcelos nas *Religiões da Lusitânia*, II, 30-31, onde apresenta novas fontes clássicas e modernas acerca do assunto” (p. 395).
- (5) Sobre Júlio Moreira: “Aproveito o vento para enfunar a vela a uma outra lição, que se me depara nos ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA, pág. 53, agora trazidos a lume pelo ilustre linguísta Júlio Moreira, e que, certamente, agradará aos leitores” (A propósito de *trazer água no bico*, p. 538).
- (6) Sobre Óscar de Pratt: “Um ilustre filólogo português, o Sr. Oscar de Pratt, tem-se dedicado com amor e competência ao estudo da fraseologia da nossa língua e a este assunto já consagrou dois excelentes opúsculos. O seu primeiro livrinho *Frases Feitas*, que é uma crítica benévola ao que sob o mesmo assunto escrevi há poucos anos, revela [...] afeição por essa espécie filológica até hoje descurada quase. Ainda que a sua imaginação pareça demasiado solta ou ousada (o que é também o meu defeito), o grande número de observações proveitosas justifica o valor incontestável do seu opúsculo. Recentemente publicou as *Locuções petrificadas*, outro opúsculo de maior tomo e em que revela progressivamente a crescente intensidade dos seus méritos” (p. 132).

Com este último excerto, retomamos e concluímos a comparação entre Óscar de Pratt e João Ribeiro. Lembremo-nos que foi o primeiro que nos levou ao segundo, embora tenha sido o segundo o principal responsável pelo interesse fraseológico demonstrado pelo primeiro. Entre eles descobrimos mais semelhanças do que diferenças. E as semelhanças acontecem não só nas virtudes (“amor e competência ao estudo da fraseologia da nossa língua” - Ribeiro, 2009: 132) como nos defeitos (a imaginação “demasiado solta ou ousada” – Ribeiro, 2009: 132). Mas mais importante do que saber quem influenciou quem, é assumir que pelo menos no princípio do século XX, em Portugal e no Brasil, a fraseologia portuguesa era já uma disciplina linguística com obra feita e discutida ao mais alto nível.

Neste momento da nossa investigação, percebe-se que o brasileiro João Ribeiro, em 1908-1909 (com a primeira edição de *Frases Feitas*), e o português Óscar de Pratt, em 1910 (com “Frases Feitas, breves considerações ao livro do sr. João Ribeiro”), 1912 (com “Locuções Petrificadas”, RL) e 1914 (com “Locuções Petrificadas”, RM), poderão ser apenas dois dos muitos agentes da fraseologia portuguesa. E quando falamos de fraseologia, não estamos a pensar no importantíssimo material fraseológico fornecido pelos antigos adagiários de Delicado (1651), Bento Pereira (1723) e Rolland (1780), por exemplo. Estamos, antes, a invocar autores

e estudos que trataram e refletiram, metafraseologicamente, sobre esses materiais linguísticos. Estamos em crer que Leite de Vasconcelos e a RL que ele criou terão desempenhado um papel preponderante na génese da fraseologia portuguesa.

3.2.2. Contributos da *Revista Lusitana*, *Revista Lusitana-Nova Série* e *Boletim de Filologia* para a Fraseologia Portuguesa

3.2.2.1. Leite de Vasconcelos e a *Revista Lusitana* (1887-1943)

José Leite de Vasconcelos e a *Revista Lusitana* (RL) foram já frequentemente referidos aquando da análise dos contributos fraseológicos de Pratt, publicados na RL¹⁵³. Há, no entanto, muitas outras informações, sobre o autor e a revista que dirigiu, com interesse para a fraseologia. Prestemos atenção a Ivo Castro, ele que considera Leite de Vasconcelos “o maior filólogo português”:

“A *Revista Lusitana* foi uma das duas revistas científicas que José Leite de Vasconcelos criou no decurso da sua produtiva vida. A outra foi *O Arqueólogo Português*, surgida em 1895 [...]. Já o programa da *Revista Lusitana*, que é ligeiramente anterior, pois foi fundada em 1889, se apresenta como mais vasto e, a olhos de hoje, mais difuso: ele abrangia todas as formas de conhecimento que, no espírito e na obra de Leite, podiam responder pelo nome de Filologia. Ou seja, um conhecimento onde coabitavam, e por sistema se entretociam, disciplinas hoje tão distanciadas como a linguística histórica e a história literária, a etnografia, a etimologia, a edição de textos ou a lexicografia [...]. O Dr. Leite publicou 38 volumes da *Revista Lusitana* entre 1889 (o vol. I traz a data 1887-89) e 1943: o último volume, já póstumo, saiu com a data 1940-1943, ainda tendo sido preparado, em grande parte, por Leite. [...] É representativa do largo espectro temático da revista a lista dos seus colaboradores mais assíduos” (Ivo Castro, disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/revista-lusitana.html>, consultado em junho/2013).

¹⁵³ Veja-se, neste nosso trabalho, “3.2.1.2. Óscar de Pratt para além das «Locuções Petrificadas»”. Sobre a vida e obra de José Leite de Vasconcelos, veja-se <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biografias/jlvasconcelos.html>, consultado em junho/2013.

E entre estes “colaboradores mais assíduos” encontram-se nomes como Pedro d’Azevedo (historiador, com 60 artigos), C. Michaëlis de Vasconcelos (filóloga, 28 artigos)¹⁵⁴, José Joaquim Nunes (linguista, 26 artigos)¹⁵⁵, A. Tomás Pires (etnógrafo, 24 artigos), Cláudio Basto (etnógrafo, 17 artigos), A. Gonçalves Viana (linguista, 13 artigos)¹⁵⁶ e Júlio Moreira (linguista, 13 artigos), além de Óscar de Pratt, com 12 artigos. Todavia, o mais produtivo é, de longe, o próprio Leite de Vasconcelos, com 189 artigos e pequenas peças sobre os mais variados assuntos.

No sétimo e último volume dos *Opúsculos*¹⁵⁷, dedicado à Etnologia (Parte II), Leite de Vasconcelos apresenta alguns estudos de natureza fraseológica, quase todos inicialmente editados em outras obras, sobretudo na RL. Intitulada “Literatura popular”, a secção divide-se em 5 partes: I. “Adagiário: Ditados tópicos de Portugal coligidos da tradição oral” (pp. 658-668); II. “O rifão «Lá vai tudo quanto Marta fiou»” (pp. 668-674; anteriormente publicado na RL I, pp. 306-309); III. “Notícia de colecções manuscritas de adágios”: “Adagiário de Viana do Castelo” (pp. 675-685; publicado na RL VIII, p. 84 e sgs.) e “Adagiário manuscrito de Roma” (pp. 685-713); IV. “Críticas literárias”: “Adágios de D. Carolina Michaëlis” (pp. 713-721; publicado na RL IX, 1906) e “Adágios portugueses de Ladislau Batalha” (pp. 721-733; publicado em *Lusitania* III, 1925); e, finalmente, V. “Breves notícias”: “Ditados tópicos” (p. 733; publicado na RL XVI, p. 172) e “A respeito de provérbios” (pp. 733-736; publicado no *Archeologo Português* XI, pp. 344-345).

Se é verdade que muitos dos artigos dos *Opúsculos* podem ser encontrados em obras anteriores, sobretudo na RL, também é verdade que neles se descobre, por vezes, verdadeiras joias fraseológicas. É o caso de “Ditados tópicos de Portugal coligidos da tradição oral” (pp. 658-668), uma vez que “êste opusculo é”, no entender do próprio L. de Vasconcelos, “o primeiro

¹⁵⁴ Sobre a vida e obra de C. Michaëlis de Vasconcelos, consulte-se o texto de Mendes dos Remédios, em RL, Vol. XXV, 1925, pp. 337-341, escrito aquando da morte da autora, em 16/11/1925. É neste mesmo vol. (pp. 334-337) que se encontra também um texto sobre Teófilo Braga (falecido em 28/01/1924), assinado por Rodrigues Lapa.

¹⁵⁵ Sobre a vida e obra deste filólogo português (1859-1932), veja-se o artigo “Dr. José Joaquim Nunes”, da RL, Vol. XXX, pp. 313-319, assinado por Luís Saavedra Machado.

¹⁵⁶ Sobre a vida e obra de A. Gonçalves Viana, veja-se RL XVII, 1914: 209-221.

¹⁵⁷ Sobre os *Opúsculos*, escreve Ivo Castro (disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/opusculos-de-leite-de-vasconcelos.html>, consultado em junho/2013): “Nos sete volumes dos *Opúsculos* está reunida uma pequena parte, muito seleccionada, da monumental produção linguística de José Leite de Vasconcelos. Quando se aproximava dos 70 anos de idade, [...] o Doutor Leite empreendeu uma escolha dos estudos que escrevera numa vasta série de domínios relacionados com a linguagem e, depois de revistos e actualizados, e acrescentados de alguns inéditos, organizou-os com o seguinte plano: Filologia – volumes I (1928) e IV (1929); Dialectologia – volumes II (1928) e VI (1985, póstumo); Onomatologia – volume III (1931) e Etnologia – volumes V e VII (ambos em 1938)”.

ensaio que do género aparece em Portugal [...]; por isso sai deficiente” e constitui uma “Reprodução de um folheto de 21 páginas, publicado em Barcelos em 1882, com o mesmo título” (Vasconcelos, *Opúsculos* VII, p. 668). Relativamente à terminologia “Ditados tópicos”, Leite explica: “A designação da minha colecção – *Ditados tópicos* – funda-se em que *ditado* é o termo popular português para adágio, etc., e em que *tópico* vem de uma palavra grega que significa «local» (adjectivo = *topikós*)” (*ibidem*, p. 660).

Outro artigo de grande interesse fraseológico é o “Adagiário manuscrito de Roma” (pp. 685-713). Este opúsculo de quase 30 páginas é o desenvolvimento de uma “notícia” publicada por Leite nos *Ensaio Ethnograficos* (III, pp. 312-314), e dá conta da descoberta efetuada pelo autor, aquando da sua visita, em 1905, à Biblioteca Nacional de Roma, de uma coleção de milhares de adágios, em português e latim. Leite compara, ainda que brevemente, este códice do século XVIII (entre 1769 e 1774) com as três coleções impressas de adágios da “literatura portuguesa” anteriores a 1774 – a de Delicado (1651), a de Bento Pereira (1655) e a de Bluteau (1712 a 1728) – e conclui que há no “Adagiário de Roma” adágios comuns, variantes e ainda outros que faltam nas três coleções impressas. Todos estes dados, e outros que poderão vir a apurar-se, confirmam a importância do “Adagiário manuscrito de Roma”.

Depois desta breve referência aos *Opúsculos*, e antes de regressarmos à RL, umas breves palavras sobre outra obra maior de L. de Vasconcelos com interesse fraseológico – a *Etnografia Portuguesa*. Obra monumental em 10 volumes, os três primeiros foram organizados pelo autor, sendo editados pela Imprensa Nacional de Lisboa e publicados em 1933, 1936 e 1941 (ano de falecimento de L. de Vasconcelos), respetivamente. Embora haja elementos de interesse fraseológico ao longo de toda a obra, o nosso destaque vai para as páginas 236-244 do primeiro volume. De facto, é aqui que podemos encontrar referências muito concretas às obras da “antiga literatura portuguesa” onde abundam “adágios ou provérbios”. Antes, no entanto, Leite de Vasconcelos justifica a atenção concedida a estas manifestações linguísticas universais:

“Sendo os proverbios, por assim dizer, parte integrante da linguagem de todos os povos, antigos, medievais e modernos, cultos e incultos, e de constante emprêgo na conversação familiar e em obras literarias, para ampliar e justificar o que se anuncia com a fala, ou o que se escreve, o gosto de os reunir em colecções, ou de os interpretar, data já, mais ou menos, da antiguidade, e continuou na idade-média, e em tempos posteriores até hoje” (Vasconcelos, 1994 [1933]: 238).

Depois, sim, identifica as primeiras obras da “bibliografia adagiaria portuguesa”. E é com alguma “mágoa” (termo usado por Leite) que se cita em primeiro lugar os *Refranes* de Hernan (ou Hernando) Nuñez (1.ª ed.: 1555), uma obra estrangeira (espanhola) tida como o mais antigo repositório da paremiologia portuguesa e onde os “adagios portugueses vêm, como os de outras línguas, intercalados em meio de grande número de *refranes* castelhanos” (Vasconcelos, 1994: 239)¹⁵⁸. No entanto, as obras dramáticas de Jorge Ferreira de Vasconcelos, “compostas, ao que parece, entre 1537 e 1554”, pela abundância de provérbios, formariam “exuberante adagiário quinhentístico” (*ibidem*: 239)¹⁵⁹. Também nos primórdios da história dos adágios portugueses estão as obras *Philosophia moral* de Fr. Aleixo de S. Antonio (1641) e *Adagios* de Antonio Delicado (1651), sendo este livro “a primeira colecção de adagios, propriamente dita, aparecida em Portugal” (*ibidem*: 239). Esta introdução à paremiologia/paremiografia portuguesa fica completa com a referência às seguintes obras: *Florilegio* de Bento Pereira (1655), *Escola decurial* de Fradique Espinola (1707), *Vocabulario* de Bluteau (1712-1728) e *Adagios, proverbios, riffs e anexins da lingua portugueza tirados dos melhores authores nacionaes, e recopilados por ordem alfabética* de Francisco Rolland (1780).

Concluída esta viagem pelos *Opúsculos* e pela *Etnografia Portuguesa*, regressemos à RL¹⁶⁰ a fim de tentarmos identificar os contributos mais significativos para a construção da fraseologia portuguesa¹⁶¹. Ao assumir-se como “Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal”, a RL, com os seus 38 volumes e temáticas tão ecléticas, apresenta-se, à partida, como um terreno demasiado vasto para o investigador que anda à cata de elementos especificamente fraseológicos. Apesar das dificuldades inerentes a tal tarefa, assumimos a importância do desafio: (tentar) descobrir as origens da fraseologia portuguesa, os seus autores e as suas obras. No ANEXO 2 deste trabalho, damos conta dos resultados da nossa pesquisa: “Contributos da *Revista Lusitana* (1887-1943) para a Fraseologia Portuguesa”.

¹⁵⁸ Uma edição de 1621 dos *Refranes* (ou *Proverbios*) de Hernan (ou Hernando) Nuñez está disponível em http://books.google.pt/books?id=zhJTveLHp8cC&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false, consultada em junho/2013. Numa das primeiras páginas encontram-se as seguintes palavras: “Refranes o Proverbios en Romance, que coligio, y glossò el Comendador Hernan Nuñez, professor de Retorica, y Griego, en la Universidad de Salamanca”. Para além dos *refranes* castelhanos, encontramos *refranes* de outras línguas românicas, todos eles ordenados alfabeticamente: pelo menos “El Portugues”, “El Gallego”, “El Italiano” e “El Frances”. Eis um exemplo de um provérbio português: “Quem não tem sogra, nem cunhada he bem casada”.

¹⁵⁹ Sobre Jorge Ferreira de Vasconcelos, veja-se [http://www.infopedia.pt/\\$jorge-ferreira-de-vasconcelos](http://www.infopedia.pt/$jorge-ferreira-de-vasconcelos). É importante referir que as obras deste autor estão digitalizadas e disponíveis em <http://purl.pt/index/geral/aut/PT/51832.html>, consultado em junho/2013.

¹⁶⁰ Vd. <http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/etnologia/revistalusitana/>, consultado em junho/2013.

¹⁶¹ Na RL (Vol. XXVI, pp. 260-280), L. de Vasconcelos assina um artigo intitulado “Etnografia”. Sobre ele nos debruçaremos precisamente quando fizermos referência a esse volume, numa viagem pela RL à procura de testemunhos sobre a fraseologia portuguesa.

3.2.2.2. *Revista Lusitana-Nova Série (1981-2005)*

Logo a seguir à morte de José Leite de Vasconcelos, em 1941, ainda se publicou um outro volume da RL (o XXXVIII), mas depois entrou-se num longo período de hibernação que só havia de terminar 40 anos depois, em 1981, com a publicação do Número 1 da Nova Série da RL (Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica):

“Quase quarenta anos depois de suspendida a sua publicação [...], a velha *Revista Lusitana* [...] pretende com o presente volume reiniciar o seu aparecimento regular. Trata-se de uma antiga aspiração de alguns dos seus discípulos, cuja concretização foi durante muito tempo adiada por motivos diversos [...]. É o conjunto da direcção que se propõe, ao relançar a *Revista* em 1981, voltar a fazer dela aquilo que ela durante tantos decénios foi: um repositório de estudos, documentos, notas, notícias referentes à língua, à literatura, às tradições populares portuguesas, encaradas nas suas várias épocas e segundo diversas perspectivas e métodos. Na velha *Revista Lusitana* colaboraram etnógrafos, filólogos, historiadores da literatura [...]. Desejaria a nova direcção que o conseqüente carácter de lugar de convergência de várias disciplinas se mantivesse na série da *Revista* que agora se inicia e até, se possível, que esse carácter nela se acentuasse” (Lisboa, Novembro de 1981. Pela Direcção da Revista, Luís Filipe Lindley Cintra. Em RL- Nova Série, 1981).

Por iniciativa dos professores Lindley Cintra, Manuel Guerreiro e Maria de Lourdes Belchior, o primeiro número é editado em 1981. A publicação dos dez primeiros números (o 10.º é de 1989) esteve a cargo do Instituto Nacional de Investigação Científica e estão disponíveis *online*¹⁶². A partir do número 11, a *Revista* passa a ser publicada pelas Edições Colibri. Atualmente, o Centro de Tradições Populares Portuguesas é o responsável pela edição da RL (Nova Série), de que o último número publicado é o 22-24, datado de 2005¹⁶³. Acrescente-se que estão também disponíveis *online*¹⁶⁴ os sumários, dados em forma de índice, dos últimos números (19-21, 17-18, 16, 15 e 13-14).

Na Nova Série da RL, a fraseologia parece ter perdido terreno. No número 1 (1981), por exemplo, tem algum interesse fraseológico o artigo “Maria Cachucha ou Maria Capucha?” de Heitor Gomes Teixeira (pp. 79-90)¹⁶⁵; assim como, no número 5 (1984-1985), o artigo de Joseph

¹⁶² Disponíveis em http://ww3.fl.ul.pt/unidades/centros/ctp/lusitana/lusitana_f.htm, consultado em 28/09/2012.

¹⁶³ Vd. http://www.fl.ul.pt/unidades/centros/ctp/lusitana/lusitana_f.htm, consultado em 28/09/2012.

¹⁶⁴ Disponíveis em http://ww3.fl.ul.pt/unidades/centros/ctp/lusitana/lusitana_f.htm, consultado em 28/09/2012.

¹⁶⁵ A expressão *do tempo da Maria Cachucha*, com o significado de “muito antigo”, é hoje usada com alguma frequência (c. de 35.300 ocorrências, em Google.pt, consultado em 28/09/2012).

Piel: “Uma etimologia longamente discutida e que, integrada num feixe de sinónimos, deixa de ser problemática” (pp. 157-160). Aqui, Piel, com base na palavra *argueiro*, aflora assuntos fraseológicos, analisando o rifão *fazer de um argueiro cavaleiro* à luz de autores como Carolina Michaëlis de Vasconcelos e João Ribeiro. Não contabilizando estes dois pequenos apontamentos, até ao sexto volume assiste-se a um período de infertilidade fraseológica. Por isso, o artigo “Mil Provérbios Portugueses”, de C. Michaëlis de Vasconcelos, publicado no número 7 (pp. 29-71), em 1986, dá-nos a sensação de termos regressado aos bons velhos tempos da velhinha RL. E a sensação transforma-se em certeza quando lemos a “Nota da Redacção” inscrita na primeira página e que nos diz que o artigo de Michaëlis “veio a lume no volume em honra do Prof. Doutor A. Tobler (*Festschrift zum siebzigsten geburtstage Adolf Tobler’s*)”, em 1905 (pp. 14-48), tendo sido depois traduzido do alemão para o português. Informa ainda da existência de uma recensão a este estudo, publicada por Leite de Vasconcelos na RL (IX, pp. 182-186), em 1906.

“Mil Provérbios Portugueses” é um estudo fundamental para a história do adagiário português. Michaëlis de Vasconcelos (vd. p. 30) começa por referir as “excelentes obras, já antigas, dedicadas ao assunto”, da autoria de Frei Aleixo de Santo António (*Filosofia Moral*, 1640), Delicado (*Adágios*, 1651), Bento Pereira (*Florilégio*, 1655) e Rolland (*Adágios*, 1780 e 1841), não esquecendo os dicionários de Agostinho Barbosa (*Dict. Lusitanico-latinum*, 1611) e Bluteau (*Vocabulário português e latino*, 1712-1728). No estrangeiro, Hernan Nuñez (1555, 1602, 1619) havia incluído nos seus *Refranes* alguns provérbios portugueses. Apesar da excelência destas obras, ricas em “provérbios e expressões sentenciosas” e às vezes de difícil obtenção, a autora reconhece que faz falta “uma compilação moderna, crítica, de todos os provérbios existentes”, que proporcione “ao estudioso a oportunidade de rápida e seguramente se orientar neste campo” (p. 30). Passa, então, das palavras aos atos:

“Esta constatação levou-me a recolher, quer a partir de textos, dos mais antigos aos mais recentes, quer directamente da boca do povo, os ditos espirituosos e as sentenças, assim como expressões bíblicas que, no ocidente da Península, correm de boca em boca. Uma primeira amostra desta actividade de recolha dei-a eu, ainda em 1880, ao registar o que encontrara nas cantigas galaico-portuguesas, dos trovadores e dos jograis. A continuação desse trabalho ficou perdida e esquecida na redacção da *Revista Lusitana*, deverá, contudo, vir a lume em qualquer ocasião [...]. Até à data, considerei apenas parcialmente as obras literárias publicadas entre 1580 e 1640. [...] / Não me parece, contudo, prematuro apresentar finalmente uma amostra mais completa de tão abundante material” (Michaëlis de Vasconcelos, RL-Nova Série, N.º 7, 1986: 31-33).

Prestados os esclarecimentos sobre as fontes e épocas a que pertence o material fraseológico inventariado, Michaëlis de Vasconcelos vai mais longe e diz que não foram tidas em conta todas as UF:

“As páginas que se seguem poderão dar ao leitor uma ideia da riqueza de conteúdo do tesouro que são os provérbios peninsulares ocidentais. Se eu não tivesse excluído as expressões ou locuções proverbiais de que, como é bem sabido, a língua portuguesa corrente e vulgar tanto gosta de se servir [...] e não tivesse retirado igualmente as metáforas e sentenças clássicas que circulavam apenas nos círculos dos eruditos humanistas durante os séculos XVI e XVII [...], não só teria atingido o milhar, como o teria até ultrapassado” (Michaëlis de Vasconcelos, RL-Nova Série, N.º 7, 1986: 33-34).

A autora terá excluído, como era seu propósito, as “expressões ou locuções proverbiais”, mas não resistiu a identificá-las: *andar com pés de lã, amigos como cão e gato, trazer água no bico e meter lança em África* são algumas delas (vd. p. 34, nota 15). Quanto às “metáforas e sentenças clássicas” eruditas, também elas excluídas, Michaëlis de Vasconcelos apresenta alguns exemplos como *Antes lavrador que Nero, O diabo não é tão feio como Apeles o pintou e Vender siso a Catão*. Há ainda aquelas que apresentam roupagem espanhola, “pois era assim que no séc. XVI circulavam em Portugal” (Michaëlis de Vasconcelos, RL-Nova Série, 7, 1986: 34). Independentemente da origem e natureza da UF, a autora não tem dúvidas em afirmar que a “língua portuguesa é muito mais rica em metáforas do que uma ligeira consulta das colectâneas de Rolland e de Delicado pode fazer supor”. Por outro lado – acrescenta ela -, as expressões proverbiais “não devem de forma alguma faltar no Refraneiro Geral”, apesar das dificuldades de ordenação que geralmente oferecem: é que, “ao contrário do que sucede com os provérbios cuja forma é fixa”, as expressões proverbiais podem apresentar formas variadas (Michaëlis de Vasconcelos, RL-Nova Série, 7, 1986: 34). Recentrada a sua atenção nos provérbios, a autora apresenta-nos uma taxonomia que contempla *Provérbios gerais, Provérbios peninsulares, Provérbios nacionais e Provérbios locais*:

“Não podemos deixar de reconhecer que Portugal possui, dentro daquilo que é propriedade internacional, uma parcela considerável (*Provérbios gerais*). Muito de quanto HALLER e SBARBI consideraram não serem mais do que criações espanholas, é comum às duas nações irmãs, sobretudo no que, quanto à forma e ao conteúdo, se revela arcaico (*Provérbios peninsulares*). Não é

raro as formas linguísticas mostrarem que a versão castelhana é a mais primitiva¹⁶⁶. Num ou noutro caso, é visível que o provérbio tem a sua origem no ocidente da Península (*Provérbios nacionais*) [...]. Alguns parecem nunca ter deixado de ser propriedade privativa dos povos da Galiza e do Norte de Portugal (*Provérbios locais*) [...]. Enquanto não dispusermos de um conjunto significativo de provérbios, será prematuro tirarmos quaisquer ilações acerca do carácter nacional de alguns deles” (Michaëlis de Vasconcelos, RL-Nova Série, N.º 7, 1986: 34-35).

Esta problemática levantada por Michaëlis de Vasconcelos sobre a identidade, mais nacional ou mais internacional, dos provérbios, e das UF em geral, remete-nos para um projeto a que já fizemos referência no ponto “3.1.2. *Widespread Idioms in Europe and Beyond*”, deste nosso trabalho. Recordamos que este projeto, coordenado por Elisabeth Piirainen, contou com a colaboração de investigadores portugueses e mostra que existem inúmeras EI (*widespread idioms* ou *WIs*) partilhadas pelo português e por muitas outras línguas, independentemente da sua localização geográfica e filiação linguística.

Depois de invocar textos e autores, tidos como importantes repositórios de provérbios (lírica popular e palaciana, J. Ferreira de Vasconcelos, carta de 1736 do Cavaleiro de Oliveira, *Feira dos anexins* de 1875 de D. Francisco Manuel de Melo, etc.); depois de se referir às muitas “designações pelas quais o provérbio, na Península Ibérica, é conhecido”¹⁶⁷ e de esclarecer que o termo *provérbio* foi também usado para designar qualquer sentença e expressões proverbiais, como *fazer mangas ao demo* (vd. p. 38, nota 36), Michaëlis de Vasconcelos passa a apresentar os provérbios: sentenças que equivalem a “verdades irrefutáveis”, dignas de serem transmitidas de boca em boca. São 1011 provérbios ou ditados, distribuídos por quase 40 páginas (43-71), e apenas os começados pela letra *A*. Vejamos os três primeiros exemplos:

“1 A abelha diz: traze-me cavaleira, dar-te-ei mel e cera.

Var. Diz a abelha: ...darei m. e c. (F. Nuñez 1555).

2 A adem, a mulher e a cabra, é má coisa sendo magra.

3 A afeição cega a razão. – H. 64.

Var. A demasiada af. ou Afeição cega razão”.

¹⁶⁶ Transcrevemos parte da nota 21 do texto de Carolina Michaëlis (p. 35): “É geralmente o que sucede naqueles casos em que a rima e a assonância aparecem na forma castelhana, mas não na portuguesa. Por ex. em *A quem bem nega nada se lhe prova* (= *prueba*). – *A quem mal vive, o mede lhe segue* (= *sigue*). (...) Muitas vezes basta, contudo, retroceder até ao português arcaico para se restabelecer a rima. É o caso por ex. de: *A coelho ido, conselho vindo* = *a cœlho ido, conselho v~eido*.”

¹⁶⁷ Entre os eruditos, *parémia*, *aforismo*, *apoteagma*, *prolóquio*, *máxima* e *adágio* (este a partir de 1500), mas também *verbo* (nos sécs. XII a XVI), *exemplo*, *rição* (a partir do séc. XVI), *refran*, *dito*, *ditado*, *anexim* e, mais raramente, *verso*.

Estes “Mil Provérbios Portugueses”, que na verdade são 1011, suscitam-nos algumas reflexões finais:

- a) É muito difícil ou mesmo impossível distinguir e separar *provérbio* de outros termos afins: *adágio*, *anexim*, ditado, *sentença*... e até *expressão* e *locução*. Prova disso será a presença, entre os “Mil Provérbios Portugueses”, de expressões (e não provérbios porque não constituem um ato de fala ou enunciado completo) como “705 Andar no cavalo dos frades”, apesar de Carolina M. de Vasconcelos ter dito que excluiria as “expressões ou locuções proverbiais” (vd. p. 34);
- b) Destes “Mil Provérbios Portugueses”, a autora pretendeu excluir também as “metáforas e sentenças clássicas”, como *Antes lavrador que Nero* e *As dádivas aplacam os homens e os deuses* (vd. p. 34), mas não explicou o conceito de metáfora, ao contrário do que fez para provérbio;
- c) A língua portuguesa é comprovadamente rica em provérbios (1011 só para os começados pela letra A, na recolha de Carolina M. de Vasconcelos), sendo que muitos deles se mantêm atuais (“90 A cavalo dado, não se olha o dente”, “794 Ao menino e ao borracho, Deus lhe põe a mão por baixo”, “917 Até ao lavar dos cestos é vindima”, etc.);
- d) Alguns exemplos registados em “Mil Provérbios Portugueses” podem ajudar a esclarecer determinadas dúvidas: o provérbio “580 Água passada não mói o moinho. / Var. Com águas passadas.” atesta a forma atual “Águas passadas não moem moinhos”, apesar de “Águas passadas não movem moinhos” ser mais frequente¹⁶⁸;
- e) Algumas expressões atuais parecem ser formas abreviadas de provérbios: será o caso de “a torto e a direito” em relação a “477 A torto e a direito, nossa casa até o teto (*Eufr.* 150)”¹⁶⁹?

Só voltamos aos assuntos fraseológicos no número 10 (1989) da RL-Nova Série com “Os adágios e a sua recolha” (pp. 157-187), de Joaquim Lino da Silva, aparentemente sem grandes novidades. A finalidade do estudo é o autor que a define logo nas primeiras linhas (p. 157): “contribuir para a formação de um *corpus*, isto é, uma colecção (tão completa quanto possível)

¹⁶⁸ Para “Águas passadas não moem moinhos”, c. de 935 resultados; para “Águas passadas não movem moinhos”, c. de 16 500 resultados (google.pt, 06/03/2015).

¹⁶⁹ A palavra “teto” parece ser a forma antiga (séc. XIII) de “tecto” / “teto” (vd. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*).

de provérbios, adágios, rifões, ditados [...], incluindo os ditos sentenciosos, frases feitas, ditados tópicos e outros do mesmo género”. E tudo em língua portuguesa, em sentido lato, abrangendo não só “os provérbios da língua falada em Portugal (continental e insular)”, mas também “os da língua galega, irmã mais velha da qual deriva a nossa”, e ainda os “dos países de fala portuguesa; quer dizer, o Brasil, Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique”. Como primeiro exemplo, o autor apresenta o seguinte: “Portugal: *Cada um no seu lugar / Cada santo tem seu nicho*; Brasil: *Cada macaco no seu galho*; Angola: *Cada caranguejo com seu buraco*”¹⁷⁰.

À medida que nos aventuramos pelas páginas de Lino da Silva, vamos retificando a nossa primeira impressão: afinal, há neste estudo muitas informações, úteis e bem arquitetadas. Depois das páginas introdutórias (157-158), surge o primeiro ponto: “I – *Palavras Prévias*” (pp. 159-172). Aqui exalta-se o valor dos “adágios e ditos sentenciosos” (“uma das mais vivas manifestações da alma popular”), referem-se os nomes (à volta de 40) pelos quais são conhecidos estes “adágios e ditos sentenciosos” (*adágio, aforismo, anexim...*)¹⁷¹ e os autores que os utilizam¹⁷². Qual o termo mais usado? “As pessoas com mais ilustração preferem provérbio, enquanto o povo (afinal o autor de tudo isto) usa, correntemente, ditado” – responde L. da Silva (p. 160) que também prefere o termo *ditado* por ser mais conhecido do povo e por ter um sentido mais vasto: “nele, o povo inclui tudo, do provérbio, ao ditado tópico, ou dito sentencioso, sem fazer distinções mais ou menos subtis” (p. 160). Esta questão terminológica é um bom pretexto para Lino da Silva apresentar o estado da arte quanto aos termos preferidos pelos nossos investigadores:

“Delicado, Rolland e Viterbo chamaram de *adagiário* às suas colecções. Carolina Michaëlis e Leite de Vasconcelos falaram de *adagiário* e usaram muito a palavra *provérbio*. Diz aquela professora que, de 1500 em diante [...], os intelectuais usavam *adágio*. Teófilo Braga intitula de *adagiário português* uma recolha que fez e publicou; logo no início, tem uma secção denominada «anexins do século XIII a XV»; pouco adiante, fala de «provérbios glosados» [...]. Como se vê, Teófilo Braga usou indistintamente *adágio, provérbio* e *anexim*, com dominância do último. Pires de Lima denominou, como já referi, um dos seus trabalhos de *adagiário*; Pedro Chaves intitula a sua colecção de ditados de *rifoneiro*” (Lino da Silva, RL-Nova Série, N.º 10, p. 160).

¹⁷⁰ Estranhámos que para Portugal não tenha sido apontado também o provérbio *Cada macaco no seu galho*.

¹⁷¹ E ainda *apotegma, axioma, brocardo, conceito, ditado, dito, exemplo, máxima, palavra, parémia, pensamento, princípio, prolóquio, provérbio, regra, rifão, sentença, verso, vesso, verbão, verbo, apodo, berbão, conselho, ensinamento, gnoma, juízo, refrão, proposição, ditame, ditério, dizer, frase feita e ditado tópico...*

¹⁷² Sousa Carrusca, em *Vozes da sabedoria*; Pires de Lima, *Adagiário Português*; Alfredo da Cunha, *Ditames e ditérios*; entre outros.

Outro assunto abordado por Lino da Silva prende-se com a origem dos adágios. Supor, como Delicado, que os ditados nasceram de causas como “oráculos, profetas, sábios, teatro, fábulas, sentenças e outras” é arriscado, até porque, por um lado, “os ditados declaradamente de origem erudita são muito poucos em relação aos de origem popular” e, por outro, esses “ditados de origem erudita” não serão mais do que formas da “criação popular” – explica Silva (p. 161). E remata: “Mais importante [do que ingloriamente procurar a origem dos adágios] é recolhê-los, com todas as suas formas e variantes, e ordená-los correctamente” (p. 161). Mas nem tudo o que parece *provérbio* (sentença, *reflexão*...) é verdadeiramente *provérbio*: “o que dá autenticidade ao adágio, provérbio, ditado, ou dito, é a sua vulgarização, o corrente uso popular, no dia-a-dia, passado ou presente” (p. 161). E não se pense que os provérbios nasceram todos em tempos longínquos. Existem afirmações relativamente recentes, às vezes *slogans* publicitários, que estarão a transformar-se em provérbios: *Há mar e mar, há ir e voltar* e *Por um minuto na vida, não perca a vida num minuto* (vd. Silva, RL-Nova Série, N.º 10, p. 163). E nós perguntamos: não terá já estatuto de enunciado fraseológico a célebre frase de Fernando Pessoa, “Primeiro estranha-se. Depois entranha-se”, escrita em 1928 para servir de *slogan* à coca-cola?

Apesar de ter já mencionado muitos autores e obras no âmbito da fraseologia, Lino da Silva, na rubrica Bibliografia, retoma alguns e acrescenta outros¹⁷³. Depois de tratadas as questões mais gerais da fraseologia, o autor dedica-se à análise de aspetos específicos dos adágios. A segunda parte do trabalho (“II – Recolha de Provérbios”) só surge na página 172 e prolonga-se até à 182. O autor, depois de discorrer sobre o fascínio que geralmente os provérbios exercem em nós, conclui que qualquer pessoa pode recolher provérbios sem grandes dificuldades: “toda a gente pode contribuir utilmente para que possamos ter, no futuro, um *corpus* de adágios e ditos proverbiais” (p. 173). De seguida, apresenta três tipos de colheita de provérbios: “na literatura”, “por inquérito” e “de outiva”. As últimas páginas deste trabalho de

¹⁷³ É o caso do artigo “Mil provérbios portugueses” de Carolina Michaëlis (RL-Nova Série, N.º 7); a coleção, em 3 vols., *Vozes da Sabedoria*, de Sousa Carrusca; a *Bibliografia analítica de Etnografia Portuguesa*, de Benjamim Pereira; os artigos sobre provérbios dos *Ensaios Etnográficos* e a vasta *Etnografia Portuguesa*, ambos de L. de Vasconcelos; a *Filosofia popular em provérbios*, de Xavier da Cunha; o *Adagiário Português*, de Pires de Lima; a *História geral dos adágios portugueses*, de Ladislau Batalha; e o *Rifoneiro Português*, de Pedro Chaves, cuja 2.ª ed. serviu de “base de *corpus*” a L. da Silva (vd. pp. 164-165).

Silva são ocupadas por um Apêndice (pp. 182-187), constituído por “Recolhas de ditados na literatura”¹⁷⁴.

Quando iniciámos a apreciação deste artigo - “Os adágios e a sua recolha” (RL-Nova Série, N.º 10, 1989: 157-187) - de Lino da Silva, estávamos convencidos da sua frugalidade fraseológica. A verdade é que, página após página, as informações foram-se sucedendo, densas e caudalosas, percorrendo leitões temáticos às vezes só aflorados: política linguística e dialetologia (pp. 157-158), terminologia (pp. 159-160)¹⁷⁵, história da língua (pp. 161-162), publicidade (p. 163), bibliografia (pp. 164-165), norma e variação (pp. 165-168, 170-171), tradução (pp. 168-169), estilo e linguagem (p. 169), gramática (p. 171), metodologia, constituição de *corpora* e fraseografia (pp. 171-187). E estas foram e continuam a ser algumas das abordagens mais atuais da fraseologia.

Recordamos que, a partir do número 11, a RL (Nova Série) é publicada pelas Edições Colibri e que o Centro de Tradições Populares Portuguesas é atualmente o responsável pela edição da *Revista*, de que o último número publicado é o 22-24, datado de 2005 (ou 2002?)¹⁷⁶. De acordo com os índices dos números 13-14, 15, 16, 17-18 e 19-21 da RL (Nova Série), disponibilizados no sítio da internet atrás referido, apenas o artigo publicado no número 15 “O Provérbio entre a Oralidade e a Escrita”, de Gabriela Funk, parece ser de natureza indubitavelmente fraseológica.

3.2.2.3. Boletim de Filologia (1932-1992)

O *Boletim de Filologia* (BF), já o dissemos, foi publicado entre 1932 (vol. I) e 1988-1992 (vol. XXXII) pelo Centro de Estudos Filológicos (CEF). Este, por sua vez, foi criado pela Junta de Salvação Nacional para “fomentar entre nós o estudo da língua e da literatura portuguesa” – daí “Estudos Filológicos -, “e subsidiariamente o de quaisquer outras disciplinas, que possam

¹⁷⁴ A saber: “1- Feitas por Teófilo Braga, em «Adagiário Português», na *Revista Lusitana*, vol. XVII, (1914), n.º 3-4”, “2 - Maria de Sousa Carrusca, na sua colecção «*Vozes da sabedoria*», a vários provérbios, juntou os textos que os integram, citando autor, obra e página” e “3 – Outras recolhas”.

¹⁷⁵ Mais uma vez, chamamos a atenção para o sentido abrangente que os termos *provérbio*, *adágio* ou *ditado* assumem, uma vez que incluem não só enunciados fraseológicos (*Tal pai, tal filho, Quem não deve não teme...*), como também EI (*Fazer das tripas coração, Dar por paus e por pedras...*) (vd., por exemplo, pp. 167 e 171).

¹⁷⁶ Vd. http://ww3.fl.ul.pt/unidades/centros/ctp/lusitana/lusitana_f.htm, consultado em setembro/2012.

contribuir para êle” (BF, Tomo I, p. 1). O CEF traçou então os seus objetivos (12)¹⁷⁷, mas só concretizou dois deles: a publicação de um volume de *Índices da Revista Lusitana* e a publicação do BF. Sobre os *Índices* já nos pronunciámos; a nossa atenção vai agora para o BF, no intuito de apurar o seu impacto nos estudos fraseológicos portugueses, se é que existiu.

O primeiro artigo com interesse fraseológico parece ser “Associação vocabular natural” (BF III, 1934: 1-14), de João da Silva Correia, parte III¹⁷⁸. O autor analisa um fenómeno linguístico a que dá o nome de “associação polar”, fenómeno este capaz de produzir o “estilo antitético”, característico, por exemplo, do padre António Vieira e do “nosso comediógrafo mais rico de paremiologia – Jorge Ferreira de Vasconcelos” (Silva Correia, BF III, p. 2). A associação polar pode ainda levar à construção de provérbios, como *Lua deitada, marinheiro em pé*, aliando-se por vezes à “associação sinonímica”. Um “caso adagial” é *Entre vencedor e vencido fica um nu, outro despido* (p. 6). Nestas construções não raro se encontram manifestações sexistas, como acontece “no provérbio alemão e no italiano que definem a mulher como ser de cabelos compridos e ideias curtas – *Weiber haben langes Haar und kurzen Verstand – Le donne hanno lunghi i capelli e corti i cervelli*” (p. 8). Sabe-se que ir à procura da origem de um provérbio ou EI é, às vezes, tarefa inglória. Ora, a associação polar pode lançar “luzes para o descobrimento da etimologia de certas formações fraseológicas, ao primeiro aspecto muito opacas” (p. 10). Será o caso da “frase” metafórica *fazer de alguém gato-sapato* (maltratar outrem, isto é, colocar alguém sob a pata (do cão)?), provavelmente associada à “metáfora de aplicação humana” *como o cão e o gato*. Para defender a probabilidade de deformações (*sapato* poderá ser uma forma deformada de *sub pata*), Correia invoca vários exemplos como a “expressão” *andar por França e Araganças* (de *Aragão*), o “provérbio” *não se pescam trutas a bragas/barbas enxutas* (a forma arcaizada *braga* foi substituída pela parónima viva *barba*), a “locução” metafórica *ver-se alguém em palpos/papos de aranha* (por não entender o termo culto *palpo*, o povo substituiu-o pelo parófono *papo*), a locução comparativa *escuro como um prego* (em que *prego* terá substituído *pego*) e a locução *nem chus nem bus/mus* (até hoje sem uma explicação satisfatória). Além destas, Correia (p. 13) encontra outras virtudes na associação polar: “empregue na moderna pedagogia”, ela facilita “a compreensão dos alunos, nos

¹⁷⁷ Estes 12 objetivos encontram-se discriminados no tomo I do BF, pp. 1-2.

¹⁷⁸ Os 32 vols. que compõem o BF estão disponíveis em <http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/lingua/boletimfilologia/index.html>, consultado em setembro/2012. Relativamente ao artigo “Associação vocabular natural” de Silva Correia, presente no tomo III (pp. 1-14), existe a indicação de que as partes I e II terão sido publicadas no tomo II (“Continuado do Têmo II, p. 373”, escreve-se abaixo do título). Todavia, o sítio da internet acima referido não disponibiliza essas duas partes (consultado em setembro/2012).

primeiros tempos do aprendizado”. Neste sentido, o professor deve executar ações, “enunciando em voz bem apreensível o que faz, e tendo o cuidado de proceder por acasalamento de acções de carácter oposto: *Je m’assois / Je me lève; I stand up / I sit down*” (p. 13).

É também do Tomo III do BF (1934-1935) o artigo “Quási nada de dialectologia estremenha” (pp. 395-399), de Abílio Roseira. Depois do ponto “I. Gramática”, dedicado à “Fonologia”, “Morfologia”, “Formação de Palavras” e “Partículas”, o autor reserva algumas páginas para abordar o “II. Estilo e Fraseado” (p. 397) e o “III. Vocabulário” (pp. 397-399). E é precisamente nestas duas últimas secções que podemos encontrar “frases” e “adágios” como *Meter Lisboa pelos olhos dentro* (enganar), *Dar com as mãos, receber com os pés* (referência a uma reação agressiva) e *estar à maltês* ou *estar sôbre si* (viver à própria custa). Como conclusão, podemos afirmar que é pequeno o contributo deste trabalho de Roseira para a fraseologia portuguesa.

O tomo XVIII do BF, de 1961¹⁷⁹, recolhe um artigo de Albert Doppagne intitulado “Portugais «matar o bicho, matabicho», français «matabiche»” (pp. 301-307), inserido na secção 6, dedicada à lexicologia. Diz ele:

“Les hôtes indésirables de l’homme, de son lit, de sa maison, n’ont pas manqué de donner lieu, en linguistique, à une série de sens dérivés, d’expressions métaphoriques et de proverbes. / Si, selon le dicton espagnol, *Cada uno tiene su modo de matar pulgas*, il existe pourtant, à côté de différences et de confusions, des parallélismes significatifs. / Nous nous proposons d’en signaler quelques uns pour les langues romanes” (Doppagne, BF, Tomo XVIII: 301).

E as “langues romanes” de que o autor se vai servir são o francês, italiano, provençal, “romanche”, espanhol e português. Para abordar as “expressions métaphoriques” e “proverbes”, o autor socorre-se de pequenos animais como “le pou” (o piolho), “la puce” (a pulga), “la mouche” (a mosca) e “le ver” (o verme; o bicho). “Le pou” – diz Doppagne (p. 301) – “occupe une place d’honneur, et spécialement en français”, mas não só: *laid comme un pou* (fra.), *laid coume un pesou* (prov.) e *feio como um bicho* (port.).

Segundo Doppagne (p. 312), a antiguidade e a extensão da expressão *avoir* (ou *mettre*) *la puce à l’oreille* “dépassé le domaine de la Romania”. Em França – acrescenta o autor (p. 312) – “cette locution est notée pour la première fois en 1316” e durante muito tempo “elle fut

¹⁷⁹ Este tomo XVIII do BF, de 1961, corresponde às «Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica (31 de março a 4 de abril de 1959).

comprise avec un sens particulier, avoir des désirs, des inquiétudes amoureuses, [...] un doute”. Estabelecendo o paralelismo com outras línguas românicas, encontramos *tener la pulga tras de la oreja* (esp.), *avè la niero a l'auriho* (prov.), *mettere una pulce nell' orecchio* (ita.) e *metter il pülsch aint ell' uraglia a qualchün* (“romanche”). O autor chama a atenção para a maior variedade do português: “A côté du simple *ter pulga no ouvido*, nous notons un pluriel: *ter pulgas no ouvido* et une variante *estar com a pulga no ouvido*” (p. 302)¹⁸⁰.

Depois de *pou/piolho* e de *puce/pulga*, segue-se *mouche/mosca*. Ouçamos de novo Doppagne (p. 303): “La notion de perdre son temps, de rester bouche bée à ne rien faire se traduit en français par l'expression *gober des mouches*; en espagnol et en portugais: *papar mosca*”. Mas o português conhece ainda as expressões *andar às moscas* (não fazer nada) e *estar às moscas* (não ter ninguém), para além de *mosca morta* (“personne dissimulée, hypocrite”).

Finalmente a “expression” *tuer le ver*. A sua origem “remonte à un usage folklorique recommandé pour se préserver ou se débarrasser des vers intestinaux et, spécialement, du ver solitaire” (p. 304). Nas línguas românicas encontramos as seguintes correspondências: *matar el cuc*, catalão; *matar el bicho*, castelhano; e *matar o bicho*, português. Mas há mais: *mata-bicho* ou *matabicho* em Portugal tem o sentido de “gorgée de boisson alcoolique” e no Brasil tem este e mais dois, ou seja, “petit verre d'eau-de-vie que beaucoup prennent à jeun” e “eau-de-vie”. Por sua vez, em Angola a expressão *mata-bicho/matabicho* assume ainda o sentido de *pourboire, gratification*, que em português se diz *gorgeta* (vd. p. 306). O termo *matabicho* instalou-se depois no Congo Belga e na África equatorial francesa, “sous la forme francisée *matabiche* qui y a détrôné le français *pourboire*” (p. 306). E até na França e na Bélgica o termo *matabiche* goza já de uma certa popularidade. Reunidos todos estes elementos, podemos concluir que, “dans les langues romanes, existe un parallélisme général pour les sens dérivés des mots désignant les parasites en question” (p. 307).

Depois do Tomo XVIII (1961), foi preciso percorrer vinte e três anos de BF para encontrar um novo trabalho de natureza fraseológica: “Contribuição para o estudo das solidariedades lexicais” de Mário Vilela (BF, Tomo XXIX, 1984: 319-354). As suas primeiras palavras são as seguintes:

¹⁸⁰ A forma portuguesa atual, equivalente a todas as referidas, será *ter a pulga atrás da orelha*. No motor de busca *Google.com*, encontramos c. de 11.800 resultados para “estar com a pulga atrás da orelha”. Já para “ter pulga no ouvido” e “estar com a pulga no ouvido”, os resultados foram insignificantes: 3 e 8, respetivamente (consulta efetuada em 05/10/2012).

“A palavra, o grupo de palavras, a frase, o texto, como unidades da língua, são, em grande parte, homólogas. Este facto permite a aplicação do mesmo tipo de análise às diferentes unidades. Sem se sair, neste estudo, do campo da semântica lexical, mostrar-se-á a interdependência entre as várias unidades: tentaremos, sobretudo, analisar a organização das unidades mínimas de conteúdo (= semas) na palavra, e o condicionamento na combinação ou coocorrência de palavras (= lexemas). Servir-nos-emos dos métodos de análise actualmente existentes, na pressuposição de que as várias teorias são complementares na explicação do fenómeno «coocorrência»” (Vilela, BF XXIX, 1984: 319).

Uma vez que Vilela afirma, logo de seguida, que “a frase não é uma simples soma dos significados das palavras que a constituem” e que “a palavra de significação objectiva (= lexema) não é um amontoado dos semas que formam o seu conteúdo” (p. 319), então o mesmo se poderá dizer do “grupo de palavras”: também não será uma simples soma das palavras que o constituem, uma vez que existe “compatibilidade sintáctico-semântica entre palavras, quando usadas em coocorrência” (p. 323).

São muitas as teorias que oferecem propostas de explicação destas relações, mas é possível associá-las em dois grupos:

“[...] as teorias «preventivas», que postulam regras de bloqueamento nas chamadas restrições de selecção (de natureza sintáctica, ou sintáctico-semântica), ou ainda nas chamadas pressuposições semânticas e/ou pragmáticas; as teorias que consideram as relações sintagmáticas como implicações semânticas positivamente contidas no léxico, isto é, o significado de um lexema, ou parte do seu significado, está realmente contido noutra lexema, intervindo, nesse caso, como determinação do conteúdo desse lexema” (Vilela, BF XXIX, 1984: 323).

Tendo em vista um estudo alargado das relações sintagmáticas, Vilela interpreta-as de formas diversas: (1) “como probabilidade de coocorrência e como «colocações»” (pp. 323-324); (2) “como restrições de selecção e como pressuposição (lexical)” (pp. 325-335); e (3) “como solidariedades lexicais” (pp. 336-342). A propósito da primeira interpretação, Vilela recorda que Pottier introduziu o conceito (e o termo) *virtuème* para traduzir a possibilidade de combinação de signos no plano da realização linguística e que Greimas (1966) aprofundou este conceito através da expressão *isotopia sémica*. O termo e o conceito *collocation*, criado por Firth em 1958¹⁸¹, relaciona-se também com o princípio de simples coocorrência e gera um conjunto de relações a

¹⁸¹ Sobre *collocation*, diz Firth (1958: 12): “The collocation of a word or ‘piece’ is not be regarded as mere juxtaposition, it is an order of *mutual expectancy*. The words are mutually expectant and mutually prehended” (*apud* Vilela, BF XXIX: 324).

que chama *collocational relations* (relações colocacionais). Quanto à segunda interpretação, destacamos as palavras “restrições de selecção”. Vilela (p. 325) afirma que esta expressão foi introduzida por Chomsky (1965), através das designações *selectional rules*, *selectional restrictions* e *restrictions of cooccurrence* . Para abordar o conceito de “solidariedades lexicais”, Vilela (p. 336) invoca os contributos linguísticos de alguns autores como as *associations préférentielles et privilégiées* de Bally (1944), os *petits ensembles lexicaux* , os *sèmes* , *classèmes* e *virtúemes* de Pottier (1964) e as *lexikalische Solidaritaeten* de Coseriu (1967). E são precisamente estas *lexikalische Solidaritaeten* ou *solidariedades lexicais* que designam as “relações sintagmáticas entre lexemas, quanto ao seu conteúdo, em oposição às estruturas paradigmáticas (campos lexicais e classes lexicais)” (*ibidem* : 336). Vilela interpreta, assim, as relações sintagmáticas: 1) “como probabilidade de coocorrência e como «colocações»” (pp. 323-324); 2) “como restrições de selecção e como pressuposição (lexical)” (pp. 325-335); e 3) “como solidariedades lexicais” (pp. 336-342).

Servindo-se do *Dicionário Poético* de Cândido Lusitano, Vilela (p. 344) apresenta alguns exemplos de “colocações” do tipo N + epíteto: “ *cabelo* : aureo, louro, dourado...” e “ *fruta* : doce, saboroso, delicioso...”. Já em relação a Rodrigues Lapa e à sua *Estilística da Língua Portuguesa* , Vilela (p. 345) prefere associá-los a Bally pelo conhecimento que o autor português demonstra sobre as “ *associations [sic] privilégiées e préférentielles* ”. Mas Lapa vai mais longe ao apresentar combinações a que chama *grupos fraseológicos* , isto é, unidades de pensamento, dotadas de coesão relativa ou de coesão absoluta como se vê nas expressões *ter automóvel* , *ter fortuna* , *ter cuidado* , *não ter nada com isso* e *ir ter com alguém* , ou em *clichés* como *grave acidente* e *inspirado poeta* (vd. Vilela, 1984: 345).

A conclusão definitiva é dada a seguir:

“Sem termos pretendido percorrer em pormenor as explicações, actualmente em vigor, para o fenómeno linguístico a que chamámos solidariedades lexicais, restrições de selecção, informação sémica indirecta, etc., procurámos mostrar como as diferentes teorias, convergindo em alguns pontos e divergindo noutras, descrevem a «sua» parte das relações sintagmáticas [...], completando-se mutuamente [...]. Finalmente, dever-se-á dizer que temos plena consciência de que a explicação definitiva do fenómeno linguístico «solidariedades lexicais», seja qual for o nome que se lhes dê, ainda está longe, sobretudo, relativamente à interferência do lexical, do textual e do pragmático” (Vilela, BF XXIX, 1984: 350).

Este artigo de Mário Vilela, publicado em 1984, pela relativa modernidade da sua linguagem (*solidariedades lexicais, colocações, restrições de selecção...*) e pelo carácter eclético que apresenta (aproveitando de diferentes teorias linguísticas e conciliando a linguística teórica com a linguística aplicada), constitui, no nosso entender, um ponto de viragem nos estudos fraseológicos portugueses.

3.3. Rodrigues Lapa (1945): Fraseologia e Estilística

No artigo de Vilela a que fizemos referência (“Contribuição para o estudo das solidariedades lexicais”, BF XXIX, 1984: 319-354), Lapa, com a sua *Estilística da Língua Portuguesa*, surge entre os autores portugueses escolhidos (o outro é Cândido Lusitano, com o *Dicionário Poético*) para exemplificar as relações semânticas das combinações a que ele, Lapa, chama *grupos fraseológicos*¹⁸².

A *Estilística da Língua Portuguesa* é uma obra com várias edições sendo a 1.ª de 1945 e a última, a 11.ª, de 1984¹⁸³. No primeiro capítulo (“O vocabulário português”), Lapa (1945: 13-14), ao assumir determinadas combinatórias lexicais a que chama “palavra-frase”, diz algo que interessa à fraseologia: “Verdadeiramente, o vocábulo isolado não existe senão para os artistas. A palavra existe como parte dum todo, encorporada no contexto, e aí adquire o seu significado especial”. Depois exemplifica com a palavra *cabeça* em diferentes contextos (Lapa, 1945: 15):

01. A *cabeça* é a parte superior do corpo. [“parte superior do corpo”]
02. Toda a gente o louva: é uma grande *cabeça*. [“talento, inteligência”]
03. Sabia de *cabeça* todos os versos do poema. [“de memória, de-cór”]
- [...]
09. Isso não tem pés nem *cabeça*. [“sentido claro”]
10. Deu-lhe agora na *cabeça* fazer versos. [“capricho, fantasia”]
11. Cada *cabeça*, sua sentença. [“homem, personalidade”]

¹⁸² Amadeu Torres dedica também uma atenção especial a esta obra de Rodrigues Lapa, com um artigo intitulado “Rodrigues Lapa e a sua Estilística da Língua Portuguesa” (in Sousa & Patricio (eds.), 2004: Vol. I, pp. 99-107).

¹⁸³ Servir-nos-emos da 1.ª ed.: *Estilística da Língua Portuguesa*, Lisboa, Seara Nova, 1945. A 11.ª ed. foi editada pela Coimbra Editora. Entre elas há algumas diferenças que se expressam nos respetivos índices: na 11.ª ed., o autor acrescentou à secção “1. O vocabulário português (I)” um novo ponto - o “3. A parafantasia” -, que na 1.ª ed. surge integrado no ponto “2. A fantasia das palavras”; na 11.ª ed., ao contrário do que acontece com a 1.ª, existe um “Índice analítico”. Relativamente ao corpo do texto, notam-se também algumas diferenças que se traduzem maioritariamente por pequenos acrescentamentos na 11.ª ed.. Uma comparação mais fina entre as duas edições permite-nos concluir que, no essencial, Lapa se manteve fiel aos seus princípios fraseológicos.

Outro aspeto que interessa à fraseologia é a sua relação com a etimologia. Bally, sobretudo nos capítulos 1 e 2 da Primeira Parte do seu *Traité de Stylistique Française* (1909), chama a atenção para a necessidade de se combater “l’instinct étymologique”, dado que é o estado atual da língua (materna ou estrangeira) e o seu ensino que mais interessam. Lapa segue as pisadas do mestre e reconhece que a etimologia, disciplina que explora o sentido originário das palavras, é importante para a ciência da linguagem e para a história das civilizações, mas quando “falamos ou escrevemos, nada nos importa o sentido passado dos vocábulos, a sua história; só apreendemos da palavra aquilo que é actual” (p. 17). Por isso, diz Lapa: “os filólogos, os gramáticos, os homens muito eruditos escrevem mal” porque “não teem presente e fresco o sentimento da língua de hoje” (p. 18).

No capítulo 5, explicitamente dedicado à fraseologia e ao cliché, Lapa aborda 9 aspetos: “1. Os grupos fraseológicos”, “2. Séries e unidades fraseológicas”, “3. Vestígios arcaicos nos grupos fraseológicos”, “4. Séries verbais”, “5. Os dicionários e a fraseologia”, “6. Séries usuais de intensidade”, “7. O Dicionário Poético de Cândido Lusitano”, “8. Camilo e as séries usuais” e “9. O cliché”. Tirando um ou outro aspeto (sobretudo o 5, 7 e 8), percebemos que Bally e o seu *Traité de Stylistique Française* (1909) são, de facto, os grandes tutores desta *Estilística da Língua Portuguesa* (1945) de Lapa. E não podia ser de outra forma, uma vez que Lapa já nos tinha alertado para a grande influência que Bally havia exercido sobre ele¹⁸⁴. Depois do título, o nome *Fraseologia* surge mais algumas vezes (no ponto “5. Os dicionários e a fraseologia”, pp. 87-88). A sua evocação é feita quase sempre através do adjetivo: “grupo(s) fraseológico(s)” (pp. 77-79, 81, 83-85, 87-88), “unidade(s) fraseológica(s)” (pp. 79, 81, 87), “locução fraseológica” (pp. 80-81), “séries fraseológicas” (p. 80) e “estudo fraseológico” (p. 85). Provavelmente há outros exemplos, mas estes mostram claramente que Lapa preferia a expressão *grupo fraseológico*. E neste aspeto ele é explícito:

“Chamamos portanto *grupos fraseológicos, idiotismos, frases feitas* ou *locuções estereotipadas* a êsses conjuntos de palavras, em que os elementos andam mais ou menos intimamente ligados, para exprimirem determinada idéia. A designação de *grupo fraseológico* é mais geral, a que melhor

¹⁸⁴ Para se compreender melhor a influência de Bally sobre Lapa, veja-se o ponto “2.2.1. Bally (1909): Fraseologia e Estilística” deste nosso trabalho.

convém; as duas últimas já presumem certo grau de cristalização, que nem todos os grupos possuem, como veremos” (Lapa, 1945: 78-79).

Sendo “mais geral”, a designação *grupo fraseológico* acaba por incorporar subgrupos com diferentes graus de coesão. Assim, quando “a coesão dos termos [que compõem o grupo fraseológico] é apenas relativa”, estamos perante *séries fraseológicas* (em “Êsse homem *tem fortuna*”, por exemplo, a falta de artigo contribui para ligar mais o verbo ao nome); quando “essa coesão é absoluta”, então estamos a falar de *unidades fraseológicas*. Em “*Foi ter com êle à festa*”, por exemplo, o “milagre da língua” consegue exprimir sinteticamente a “idéia complicada” de “dirigir-se a um lugar, com tenção de se reunir a outra pessoa” (Lapa, 1945: 79-81). Esta terminologia – o termo hiperonímico *grupos fraseológicos* e os termos hiponímicos *séries fraseológicas* e *unidades fraseológicas* - foi herdada, como seria de esperar, de Bally (*séries phraséologiques* e *unités phraséologiques*, respetivamente – ver, por exemplo, pp. 70 e 74).

A terminologia utilizada por Lapa (*grupos fraseológicos, idiotismos, frases feitas, locuções estereotipadas* e *grau de cristalização*) evoca também outros textos e autores que já tivemos a oportunidade de abordar: em primeiro lugar, o livro *Frases Feitas* de João Ribeiro (1908-1909) e os artigos “Locuções Petrificadas” de Pratt (1912 e 1914), que também usa a expressão *locuções estereotipadas*; depois, os muitos estudos de natureza (mais ou menos) fraseológica, sobre adágios/provérbios/locuções, publicados na RL: de L. de Vasconcelos a C. Michaëlis, de T. Braga a J. M. Adrião¹⁸⁵. Apesar destas evidências, os louvores de Lapa foram todos para estudiosos como Brunot, Vossler, Spitzer... e sobretudo Charles (ou Carlos) Bally, “o sábio estilólogo suíço” (Lapa, 1945: “Prefácio”). Sobre os portugueses e sobre o brasileiro João Ribeiro (e certamente Lapa conhecia-os a todos), nem uma palavra. É verdade que, no “Prefácio” da sua *Estilística*, o autor afirma que, “por via de regra”, não mencionará as fontes; também é verdade que a fraseologia em Lapa aparece integrada na estilística e que esta ciência tem no suíço Bally o seu principal patrono; mas não estará Lapa a passar a imagem de uma produção científica portuguesa desprovida de estudos fraseológicos? Que dizer das dezenas de trabalhos de natureza fraseológica publicados na RL e que, integrados no vasto domínio da filologia e da etnografia, fazem do texto literário (cancioneiros medievais galego-portugueses, autos de G. Vicente, poesia de Camões e Sá de Miranda...) e dos recursos estilísticos (aliteração,

¹⁸⁵ Para recordar estes textos e autores, ver, por exemplo, os pontos “3.2.1. Pratt (1912 e 1914)” e “3.2.2. Contributos da *Revista Lusitana, Revista Lusitana-Nova Série* e *Boletim de Filologia* para a Fraseologia Portuguesa”, deste nosso trabalho.

rima, metáfora...) o seu campo de estudo? Afinal, quando invocou dicionários (sobretudo nos pontos 5 e 7 – “Os dicionários e a fraseologia” e “O Dicionário Poético de Cândido Lusitano”, respetivamente), ou escritores como Eça de Queirós (p. 91) e Camilo Castelo Branco (p. 92), Lapa não fez mais do que seguir as pisadas dos seus conterrâneos.

A outra palavra-chave do título é “cliché”, mas para esta não faltam exemplos e definições: “clichés ou chapas” são “séries (usuais), pretenciosamente literárias, safadas pelo muito uso” (p. 89); são séries “de locuções estafadas, de imagens corriqueiras, que, por isso mesmo, nos não produzem a menor impressão artística” (p. 94): é o caso de *silêncio sepulcral*, *noite encantadora* e *horizontes longínquos*. Por esta razão, o autor da *Estilística* não aconselha “o estudioso a evitar por completo as séries usuais, o que seria aliás difícil”, até porque, “em certos contextos, um escritor de marca pode dar-lhes [aos clichés] vida nova” (Lapa, 1945: 90). Seja como for, o melhor mesmo é estar prevenido “contra o emprêgo do cliché, muleta ridícula de preguiçoso, duma trivialidade insuportável” (Lapa, 1945: 93).

Neste capítulo 5 da *Estilística* de Lapa (“Fraseologia. O cliché”), há outros motivos de interesse para além da terminologia. O ponto 3 (“Vestígios arcaicos nos grupos fraseológicos”), que corresponde, no *Traité* de Bally, ao ponto 95 (“Archaïsmes et expressions vieilles”, pp. 80-82), contraria um pouco a ideia defendida por Lapa/Bally de que a história da língua e a etimologia são (quase) inúteis para a compreensão do estado atual de uma língua. Na verdade, ao trazerem à colação, mais de uma vez, assuntos de natureza histórica e etimológica, os referidos autores acabam por os valorizar. Se pensarmos que o arcaísmo (expresso geralmente através de um vocábulo caído em desuso ou da ausência de artigo) é muitas vezes elemento distintivo dos grupos fraseológicos, então o assunto deve merecer uma maior atenção. Conhecer o significado atual de expressões como *estar de viseira caída* (estar zangado), *fazer alarde* (exibir), *à guisa de* (à maneira de), *andar numa fona* (não ter descanso) ou *a toda a brida* (rapidamente) é, sem sombra de dúvida, o mais importante; mas se esse significado atual puder ser iluminado pelo significado histórico, tanto melhor.

Ainda no quinto capítulo da *Estilística* de Lapa, merece-nos especial atenção o ponto 5 que analisa a presença da fraseologia nos dicionários:

“É precisamente neste capítulo da fraseologia, muito importante, que os dicionários correntes deixam mais a desejar. O mais celebrado de entre êles e o mais moderno dos grandes dicionários, o de Cândido Figueiredo, é muito pobre em grupos fraseológicos, o que constitue grave defeito, porque é nessas locuções que se imprime o chamado génio da língua. Como repositório de fraseologia,

interpretada com acerto e inteligência, nada há que possa substituir entre nós o «Dicionário Contemporâneo» de Caldas Aulete. / Compreende-se, até certo ponto, a razão por que os dicionaristas evitam os grupos fraseológicos: é devido à extrema dificuldade da sua arrumação e até da sua determinação. ¿Em que rubrica, por exemplo, se deve meter a locução *vir a talho de foice*? Em teoria, poderíamos pô-la em qualquer das três – *vir, talho, foice*, pois o sentido por tôdas se espalha, atingindo até as pequeninas preposições. Nas locuções arcaizantes a dificuldade ainda é maior [...]. É portanto nos dicionários analógicos onde os grupos encontram melhor guarida. Aí não se olha à forma mas sim ao sentido.” (Lapa, 1945: 87-88).

Embora a *Estilística* de Lapa não seja uma obra de fraseologia, verificámos que é possível encontrar nela elementos com interesse fraseológico. Deste modo, e apesar da forte influência de Bally, faz todo o sentido associar Lapa aos contributos fraseológicos de autores portugueses, como, por exemplo, Leite de Vasconcelos, Carolina Michaëlis, Óscar de Pratt e José Maria Adrião. Na *Estilística* de Rodrigues Lapa, a fraseologia surge como uma face modesta da estilística¹⁸⁶, é verdade, mas é precisamente nessa obra que encontramos algumas das palavras mais edificantes para a fraseologia portuguesa: é no material fraseológico “que se imprime o chamado génio da língua” (Lapa, 1945: 87).

3.4. Fraseologia, Linguística e Ensino da Língua

Identificámos, até agora, duas fases na fraseologia portuguesa: uma associada à filologia, que coincide, grosso modo, com a vida da RL (1887-1943) e com a produção filológica do seu diretor, Leite de Vasconcelos; a segunda assinala a relação subsidiária da fraseologia relativamente à estilística e tem na publicação da *Estilística da Língua Portuguesa* de Rodrigues Lapa, em 1945, o seu ponto de referência. Quanto à terceira fase da história da fraseologia portuguesa, fazemos coincidir o seu início com os anos sessenta do século XX, porque pensamos que é nessa altura que a fraseologia passa a estabelecer com a linguística um diálogo mais estreito, quer através da chamada linguística contrastiva, quer através da linguística aplicada, sobretudo ao ensino das línguas (maternas e não maternas).

¹⁸⁶ Na verdade, na *Estilística da Língua Portuguesa* de R. Lapa (1.ª ed.) o cap. 5, intitulado “Fraseologia. O Cliché”, é o que apresenta menor número de páginas (18: pp. 77-94), atrás de capítulos como “6. A Formação de Palavras” (pp. 95-117), “9. Os Pronomes” (pp. 157-179) e “12. A Concordância” (pp. 223-246). Todavia, diga-se em abono da verdade que, em capítulos maiores, como o dedicado ao “Vocabulário Português” (I-IV), as questões fraseológicas são tratadas com alguma frequência.

3.4.1. Herculano de Carvalho (1967): palavra, sintagma livre e sintagma fixo

No volume II da sua obra *Teoria da Linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e análise das línguas*¹⁸⁷, Herculano de Carvalho dedica o capítulo 17 à lexicologia, onde podemos encontrar aspetos relevantes para a compreensão dos estudos fraseológicos portugueses.

Carvalho (1984: 504) diz que a análise lexicológica exige, como condição preliminar, que se encontre concluída a identificação e delimitação dos seus objetos próprios, isto é, “que se saiba *quais* são nessa língua os significantes que devem considerar-se como palavras, separando-os de aqueles outros a que chamamos sintagmas”. Para realizar com sucesso esta difícil tarefa, o autor considera imprescindível a possibilidade de uma verdadeira gradação entre o sintagma e a palavra, gradação essa com validade tanto diacrónica como sincrónica e onde se deve distinguir desde logo três termos ou graus: *sintagma livre* (em *a boca do lobo*), *sintagma fixo* (em *(um ramo de) bocas-de-lobo*) e *palavra* (composta) (em *(fica) boquiaberto*) (Carvalho, 1984: 505-506). Nas páginas seguintes, o autor procura identificar as propriedades que distinguem o sintagma fixo do sintagma livre e da palavra.

(1) Semanticamente (vd. pp. 508-513), atenda-se aos seguintes aspetos:

(1.1) o sintagma fixo e o sintagma livre opõem-se, uma vez que o primeiro, tal como a palavra, significa um conceito simples, ao passo que o segundo significa um conceito complexo (o sintagma fixo *caminho de ferro* significa um único conceito, precisamente como a palavra *rosa* ou *armário*);

(1.2) contrariamente ao que acontece com o sintagma livre, a significação do sintagma fixo não resulta da combinação do significado dos seus termos (*caminho de ferro* não é literalmente um caminho feito de ferro);

(1.3) à semelhança do que sucede com a palavra, mas dentro de limites mais apertados, também o sintagma fixo está sujeito à derivação sufixal (nome *mata-bicho*, “pequeno-almoço” > verbo *matabichar*, “tomar o pequeno-almoço”, no português de África).

(2) Morfossintaticamente (vd. pp. 514-522), o sintagma fixo apresenta as seguintes propriedades:

¹⁸⁷ Servimo-nos da 6.ª ed. do Vol. I, de 1983, e da 4.ª Reimpressão do Vol. II, de 1984. Sabemos que o 1.º vol. da 1.ª ed. é de 1967 e que Herculano de Carvalho prometeu editar o 2.º vol. até ao final desse mesmo ano (vd. Prefácio da 6.ª ed., 1.º Vol.).

(2.1) ordem de sucessão dos termos inteiramente rígida, não admitindo inversões nem a introdução de qualquer outro termo (*amor-perfeito* > **perfeito-amor*, *um formoso amor-perfeito* > **um amor formoso* [e] *perfeito*);

(2.2) o sintagma fixo não é suscetível de derivação, quer por substituição (*amor-perfeito* > **amor imperfeito*), quer por supressão ((*colher*) *amores-perfeitos* > *(*colher*) *amores*), quer ainda por expansão (*um caminho de ferro* > **um caminho novo de ferro*);

(2.3) o sintagma fixo, ao contrário do sintagma livre, pertence muitas vezes a uma classe gramatical diversa da do seu núcleo (*tira-teimas*, *quebra-cabeças*, etc. são e funcionam sempre como substantivos, apesar de o seu termo nuclear ser um verbo);

(2.4) os termos de certos tipos de sintagma fixo não são suscetíveis da mesma variação flexional que lhes cabe quando, como formas soltas, são usados quer isoladamente quer associados num sintagma livre (“Ela guarda o vestido” (sing.) / “Elas guardam os vestidos” (plu.); mas “O guarda-vestidos” (sing.) / “Os guarda-vestidos” (plu.);

(2.5) os sintagmas fixos apresentam frequentemente construções sintáticas anómalas, isto é, alheias às regras que determinam a combinação dos termos dos sintagmas livres (*mestre-escola* por *mestre de escola* ou *surdo-mudo* por *surdo e mudo*);

(2.6) o sintagma fixo funciona sintaticamente não como um sintagma (livre) mas como uma só palavra; por isso, no sintagma livre em que se inclui, o sintagma fixo pode sempre ser substituído por uma só palavra, sem que se altere a estrutura sintagmática (“jogar *à cabra-cega*” pode transformar-se em “jogar *às cartas*”); por outro lado, os termos associados no sintagma fixo nunca funcionam, no sintagma mais extenso em que se encontra inserido, como termos do mesmo, isto é, como elementos ou sintagmemas mono-léxicos autónomos (na frase “Este homem *amola tesouras*”, o significante *amola* exerce a função de predicado e *tesouras* a de objeto direto; mas na frase “Pedro chama o *amola-tesouras*”, é o significante *amola-tesouras* como todo, e não os seus termos, *de per si*, que realiza uma função sintática – a de objeto direto);

(2.7) como a palavra, o sintagma fixo pertence a um inventário, integrando-se numa estrutura paradigmática do plano do saber linguístico, ao passo que o sintagma livre é uma entidade do plano da fala.

Ao concluir que o sintagma fixo é uma associação de palavras em sequência fixa, “que constitui uma unidade sintática perfeita (funcionando como sintagma mono-léxico) e também

muitas vezes semântica (significando um conceito simples) e morfológica”, Carvalho (1984: 522) conclui também que o sintagma fixo não é nem uma verdadeira palavra, na medida em que conserva algumas propriedades sintagmáticas, nem um verdadeiro sintagma, devido às propriedades que o distinguem do sintagma livre e que o aproximam, em parte, da palavra. Por estas razões, reconhece que “haveria toda a vantagem” em substituir a designação de *sintagma fixo* “por um nome específico, que desse conta do seu estatuto significativo próprio” (Carvalho, 1984: 522).

3.4.2. Vilela, Mário (1984-2005)

O artigo de Mário Vilela “Contribuição para o estudo das solidariedades lexicais” (BF, Tomo XXIX, 1984: 319-354), e a que já fizemos referência (§ 3.2.2.3.), é outro dos marcos representativos desta terceira fase: a da fraseologia associada à linguística. É o próprio Vilela que apelida de linguístico o fenómeno em estudo - as “solidariedades lexicais”. E à volta deste fenómeno cria-se uma rede de termos e conceitos que, não sendo da lavra de Vilela, por ele é convocada para explicar as *solidariedades lexicais*: é o caso de *colocação/collocation* (Firth, 1958); *sema/sème, classema/classème* e *virtuema/virtuème* (Pottier, 1964); *restrições de selecção/selectional restrictions* (Chomsky, 1965); e *solidariedades lexicais/lexikalische Solidaritaeten* (Coseriu, 1967).

Mas o contributo de Vilela para a fraseologia portuguesa não se esgota no artigo “Contribuição para o estudo das solidariedades lexicais” (BF, Tomo XXIX, 1984: 319-354). Apesar de não termos pretendido fazer uma análise minuciosa da obra de Vilela, a verdade é que sentimos dificuldades em aceder a alguns dos seus textos¹⁸⁸. No entanto, aqueles de que nos ocuparemos já de seguida parecem ser representativos da investigação feita pelo autor no domínio da fraseologia.

Nos *Estudos de Lexicologia do Português* (Coimbra, Almedina, 1994), um livro que reúne e atualiza os trabalhos realizados até então por Vilela, o autor escreve que a unidade básica da lexicologia é a palavra. E para explicar o que é a palavra, Vilela (1994: 10) socorre-se de Pottier: é a *lexie*, a *unité de comportement syntaxique* ou *unité fonctionnelle mémorisée en compétence*.

¹⁸⁸ Veja-se, por exemplo, Rio-Torto *et al.* (eds.) (2005), *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, Vols. I e II, Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras.

Em relação à sua estrutura interna – acrescenta Vilela (1994: 11) –, a palavra pode ser constituída por um monema (= unidade linguística mínima com conteúdo e expressão) como *mar e bem*, ou por vários monemas e um morfema como *vend-er* e *vende-dor-es*, ou ainda por vários lexemas como *guarda-chuva* e *caminho-de-ferro*. E quando, em vez de *palavras*, temos *unidades pluri-verbais idiomáticas* como *(isto foi) um ver se te avias*, estruturas oracionais como *código postal é meio caminho andado* e estruturas textuais como *quem com ferros mata, com ferros morre?* Vilela (1994: 11) é perentório: “não pertencem à lexicologia”. Mas logo de seguida acrescenta: “A lexicologia tem como objecto a semântica (lexical) e morfologia (lexical): o primeiro aspecto, o que aqui nos ocupa, compreende o estudo do conteúdo dos lexemas e grupos de palavras equivalentes a lexemas”. Ora se assim é, então *unidades pluri-verbais idiomáticas* como *(um) ver se te avias*, equivalente ao lexema *(um) desenrascanço* ou a *(um) corre-corre*, afinal pertencem à lexicologia. Seja como for, percebe-se que as *unidades pluri-verbais idiomáticas*, as *estruturas oracionais* e as *estruturas textuais* apresentam características que as diferenciam das *palavras*, exigindo assim um tratamento especial que só uma lexicologia também ela especial poderá fornecer. E essa lexicologia especial é a fraseologia. Se entendermos a fraseologia como um ramo, uma subdisciplina da lexicologia, então muito do que se disser das *unidades léxicas*, objeto da lexicologia, servirá para as *unidades fraseológicas*, objeto da fraseologia. Com este novo olhar, prestemos atenção às palavras de Vilela:

“É que a língua no seu conjunto e as unidades léxicas [...] não são um todo homogéneo: são o resultado heterogéneo dum processo histórico. Qualquer língua histórica é um diassistema (ou sistema de sistemas): inclui variedades diatópicas ou geográficas, variedades diastráticas ou sociais, variedades diafásicas ou estilísticas [...]. O português tem, como todas as línguas, variedades diatópicas: a designação das refeições almoço-jantar-ceia nas zonas rurais corresponde às designações da língua padrão pequeno almoço-almoço-jantar [...]. Exemplos de variedades diafásicas são, por exemplo, jornal-periódico-folha de couve, falecer-morrer-esticar o pernil-ir para o diabo mais velho-ir fazer tijolo, dor de cabeça-cefaleia” (Vilela, 1994: 12).

No contexto da semântica lexical e das relações entre unidades lexicais, Vilela aborda questões diversas e por vezes problemáticas: “Homonímia e polissemia” (pp. 26-27), onde se integram conceitos como *hipónimo* (termo subordinado) e *hiperónimo* ou *arquilexema* (termo superordenado); “Sinonímia e antonímia” (pp. 27-32) e “Lexemática ou semântica estrutural” (pp. 32-40). E é aqui que entram, para além dos *campos lexicais* e *classes lexicais*, as *solidariedades lexicais*. Vilela (1994: 37) refere o termo *colocação* como um dos termos mais

habituais “para designar um dos aspectos sequenciais do conteúdo léxico”, abrangendo, o termo *colocação*, “factos muito diversificados, que vão desde as expressões fixas ou expressões idiomáticas a condicionamentos visados pela expressão ‘solidariedade lexical’”. Com esta afirmação, abre-se a porta ao já conhecido trabalho de Vilela: “Contribuição para o estudo das solidariedades lexicais” (BF, Tomo XXIX, 1984: 319-354).

No artigo intitulado “Estereótipo e os estereótipos na língua portuguesa actual”¹⁸⁹, Vilela (2000: 22) entende o provérbio como sendo um enunciado (i) lexicalizado, (ii) sintacticamente autónomo (pode ocorrer no discurso sob a sua forma canónica), (iii) discursivamente autónomo (o seu uso não depende de uma interacção conversacional), (iv) com valor de verdade geral (fora do discurso) e (v) anónimo. Confrontando o provérbio com outras UF, Vilela (2000: 22) acrescenta: “Outros traços como metafóricidade, força retórica e anomalia sintáctica não são apenas próprios do provérbio” já que, “por exemplo, os aforismos e os slogans respondem a todos os quesitos de (i) a (iv), só que têm autor”.

Outra questão abordada por Vilela tem a ver com a *desfixação* e a *desconstrução*. Diz-se que os provérbios apresentam forma integralmente fixa, uma vez que todos os seus elementos são invariáveis, permitindo apenas um ou outro ajustamento flexional para adaptação discursiva. Todavia, em determinadas tipologias textuais, predominantemente textos publicitários e literários, a *desconstrução* é um recurso recorrente, sobretudo por razões lúdicas e metafóricas. Surgem então as trunçações, a troca de palavras, as inversões, as paráfrases...: “Roma e Pavia não se fizeram num dia, mas quanto mais depressa se começar mais depressa se acaba” – exemplifica Vilela (2000: 23). Não se pense, contudo, que esta *desconstrução* se faz *ad libitum*: há limites que não podem ser ultrapassados, uma vez que os escritores/criadores, quando reinventam o provérbio, procuram fazê-lo sem desfigurar a sua identidade fraseológica.

Outros aspetos do uso de provérbios, abordados neste artigo de Vilela (2000: 24-26), prendem-se com *ocorrências*. Percebe-se que o uso do provérbio pode variar em função de mil e uma razões: a comunidade linguística, os meios de comunicação, a modalidade oral e escrita, a tipologia textual (texto descritivo, narrativo, expositivo, argumentativo...), o carácter mais ou menos literário do enunciado/texto, a posição em que ocorre (no título, no fecho), entre outras. Por falar em comunidade linguística, Vilela apresenta os seguintes dados:

¹⁸⁹ Relativamente ao conceito de “estereótipo” e a sua relação com os provérbios e as fraseologias em geral, veja-se o artigo “Estereótipo e os estereótipos na língua portuguesa actual” de Vilela (2000), em *Revista Galega de Filoloxía* (Corunha), 1, pp. 11-33, disponível em <http://ruc.udc.es/dspace/bitstream/2183/2569/1/RGF-1-1.pdf>, consultado em 26/10/2012.

“Se eu comparar as comunidades brasileira, portuguesa e moçambicana (a lusofalante), verifico que em Portugal se usam muito -e não apenas o povo- os provérbios, mas não todos, apenas umas dezenas. Surgem sobretudo nos jornais, nos títulos, que depois são retomados ao longo do artigo, ou na parte final. Na comunidade brasileira, a sua frequência é ainda maior e de forma mais aprofundada linguisticamente do que em Portugal. Na comunidade moçambicana, os provérbios de origem europeia ocorrem raramente, os que surgem são os provérbios como sombra ou eco dos provérbios, sentenças das línguas locais” (Vilela, 2000: 26).

Vilela fala de diferentes frequências de uso dos provérbios em comunidades de língua portuguesa, mas não nos disponibiliza os dados necessários para aceitarmos como irrefutáveis as suas afirmações. Dos provérbios, Vilela passa sem sobressaltos para as fraseologias ou EI, apontando algumas diferenças na prática discursiva:

“Se os provérbios dinamizam o texto argumentativo, o texto narrativo, a trama discursiva na conversação, são contudo as fraseologias o "locus" em que os estereótipos mais se manifestam [...]. As referências nos jornais são constantes. Mas são as fraseologias de cariz sentencial, eco de provérbios, de referências bíblicas ou históricas, as que mais ocorrem. Isto acontece nos jornais, na vida diária, na literatura, sobretudo com determinados escritores” (Vilela, 2000: 26-27).

Para o provar, Vilela socorre-se dos jornais (*Independente* e *Público*) e chama a atenção para algumas estruturas fixas do nosso tempo, como *politicamente correcto* e *branqueamento da imagem*. Se nos jornais é generalizado o uso de fraseologias (e de provérbios), o mesmo não acontece na literatura. E para que não restem dúvidas, Vilela socorre-se de textos de António Lobo Antunes e José Saramago. Relativamente ao uso que cada um faz das fraseologias, a diferença parece ser evidente:

“Em Saramago quase não há página, tanto dos romances como nas *Crónicas* ou *Cadernos de Lanzarote*, em que não ocorram as estruturas com todas as letras ou como eco / desconstrução dessas construções; já em Lobo Antunes se dá precisamente o contrário: percorremos todas as páginas da *Exortação aos Crocodilos* sem encontrar nada ou quase nada dentro desse género de processos” (Vilela, 2000: 29).

Vilela retira de um livro de crónicas de Saramago, neste caso das *Folhas Políticas* (1989), uma mão cheia de exemplos: "A mão que embala o berço..." (título de crónica), "De cabeça perdida" (título de crónica), "A rainha vai nua" (título de crónica), "Sempre duvidei ter a

montanha parido um rato que a história diz" (p. 64), "Fosse o caso e outro galo nos cantaria" (p. 194), entre outros exemplos (vd. Vilela, 2000: 29)¹⁹⁰.

Uma das obras mais emblemáticas de Vilela, no domínio fraseológico, é *Metáforas do Nosso Tempo* (2002). Todavia, como nos serviremos dela para estruturarmos parte do nosso quarto capítulo - "Unidades Fraseológicas e Expressões Idiomáticas" -, deixaremos para esse momento a sua abordagem.

Depois de *Metáforas do Nosso Tempo* (2002), Vilela volta aos assuntos fraseológicos, pelo menos com dois artigos: "Os Estereótipos da Metáfora Animal: Comer Gato por Lebre" (2003)¹⁹¹ e "Do dicionário poético de Cândido Lusitano à estilística actual ou a volta que os estereótipos da língua portuguesa foram dando" (2005)¹⁹².

No primeiro artigo, o autor retoma o conceito de estereótipo: "conjunto dos sentidos [...] que uma palavra, expressão ou construção de uma dada língua admite na sua multiplicidade de usos no interior de uma dada comunidade linguística" (Vilela, 2003: 429). Saber uma língua implica ter consciência dos seus estereótipos, presentes quer nas palavras e suas derivações figurativas, quer nas locuções ou EI. E estas palavras e expressões apresentam – conclui Vilela (2003: 429) – "um amplo leque de traços, uns mais típicos (ou prototípicos) do que outros, mas todos eles disponíveis no magma conceptualizado e lexicalizado na língua". Depois, o autor assume a existência de *campos conceptuais* mais propensos a gerar UF, como é o caso do corpo humano (*dar o braço a torcer, ter dor de cotovelo*; etc.) e dos animais (*teimoso como um burro, vender gato por lebre*; etc.). Quanto à tradução das EI, o autor não nega a dificuldade da tarefa, uma vez que elas espelham os percursos próprios de cada língua, representando de certo modo a cultura nacional. Apesar destas especificidades, é possível descobrir entre as línguas pontos de partida, zonas e modelos icónicos comuns. Neste sentido, conclui Vilela (2003: 445), não podemos aceitar, de ânimo leve, a ideia de que "as expressões idiomáticas são intraduzíveis".

Quanto ao artigo "Do dicionário poético de Cândido Lusitano à estilística actual ou a volta que os estereótipos da língua portuguesa foram dando", na parte final Vilela (2005: 161-164)

¹⁹⁰ Existem outros estudos sobre a presença de UF na obra de Saramago. É o caso de "Provérbios e Ironia na Narrativa de José Saramago" de Maria Helena Sereno, em *Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, CLUP, 2 vols., 2002, pp. 83-97.

¹⁹¹ Em *Revista da Faculdade de Letras «Linguas e Literaturas»*, Porto, XX, II, 2003: 429-446. Artigo também disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3975.pdf>, consultado em 24/10/2012.

¹⁹² Vd. *Gramática e Humanismo. Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres*, Vol. I, 2005: 153-167.

apresenta “Expressões idiomáticas que tomam o «animal» como núcleo”. E neste domínio – o das EI –, o autor dá conta de estruturas muito variadas:

(1) sintagmas nominais (*galinha dos ovos de ouro, cavalo de Troia, etc.*);

(2) paradigmas com «como», ou seja, verbo + como + nome de animal (*ser como cão e gato, cantar como um rouxinol, etc.*) e adjectivo + como + nome de animal (*forte como um touro, livre como um passarinho, etc.*);

(3) paradigmas com nome + de + nome de animal (*memória de elefante, lágrimas de crocodilo, etc.*);

(4) provérbios (*a cavalo dado não se olha o dente, cão que ladra não morde, etc.*).

Esta apresentação de algumas estruturas das EI suscita-nos certas dúvidas: Quais as diferenças substanciais entre as estruturas indicadas em (1) e em (3)? Como entender a inclusão dos provérbios, indicados em (4), no domínio das “expressões idiomáticas”? Relativamente a esta última questão, para nós a mais importante, entendemos que talvez Vilela queira, mais uma vez, chamar a atenção para a importância das EI. Em estudos anteriores, os termos *fraseologia* e *expressão idiomática* apareciam como sinónimos; incluir os provérbios no domínio das *expressões idiomáticas* será porventura uma forma de alargar o conceito de *expressão idiomática* a todas as *unidades fraseológicas* onde os provérbios [e as colocações] se incluem. Vilela termina o seu artigo, referindo casos de metáforas tradicionais que estão na base de novas metáforas “com que se vai engrossando o temário «animal» como estereótipo de pessoas e coisas” (*fazer gato-sapato do adversário, serpente monetária* ou *turista-caracol*). E metáfora, estereótipo, combinabilidade e fixação não são mais do que faces da dimensão fraseológica da língua:

“A fraseologização não é um fenómeno accidental: é um traço inerente das línguas naturais e qualquer segmento do discurso é um candidato à fixação. A descrição das línguas passa necessariamente pela fixação. A fixação é por natureza um facto discursivo e afecta todas as dimensões do sistema da língua, arrastando a língua para a idiomaticidade. A fixação é o lugar privilegiado para se estudar a memória das comunidades, pois é nela que se encontra o ponto das múltiplas transferências, o modo como se configura o mundo e as suas mudanças” (Vilela, 2005: 165).

3.4.3. Jorge, Guilhermina (1991-...)

Um dos primeiros trabalhos académicos de maior fôlego no domínio da fraseologia portuguesa é a Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva (Sociolinguística), apresentada por Guilhermina Jorge, sob a orientação de Isabel Hub Faria, à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1991, com o título “As expressões idiomáticas. Da língua materna à língua estrangeira. Uma análise comparativa” (350 pp.)¹⁹³. Uma forma rápida de dar a conhecer a estrutura desta obra é transcrever os pontos essenciais contidos no Índice: I - Revisão da Bibliografia sobre as Els; II - As Els e o Contexto Universitário: Elaboração de Testes; III - Categorização Pragmática; IV - Predicação Idiomática; e V - Para uma Análise Comparativa das Els (Português-Francês).

Depois de, na Introdução (pp. 15-17), traçar o ponto de partida e os objetivos da sua investigação¹⁹⁴, Guilhermina Jorge começa por rever a bibliografia sobre as EI, para mostrar a riqueza interdisciplinar do objeto em estudo e definir/delimitar a noção de EI. De seguida, tenta aferir o grau de proficiência de um grupo de informantes (de LM e de LE) relativamente ao conhecimento e uso das EI, através da aplicação de testes elaborados a partir de um *corpus* constituído por EI portuguesas e francesas. Reunidos e analisados os resultados, Jorge elabora uma categorização pragmática que permita, por um lado, a arrumação das EI em torno de conceitos gerais e, por outro, a demonstração de certas regularidades idiomáticas, tanto na

¹⁹³ Na Bibliografia da sua tese, Jorge refere um trabalho académico de 1989 que poderá ser o primeiro com ligação direta à fraseologia portuguesa. Trata-se da dissertação de mestrado de Ana Maria da Silva Santos “Ser um osso duro de roer: algumas considerações sobre as expressões idiomáticas em Ser N Mod”, realizada na área de Linguística Portuguesa Descritiva e apresentada à Fac. de Letras da Univ. Clássica de Lisboa. Este texto, policopiado, encontra-se na Biblioteca da FLUL mas não tivemos ainda a possibilidade de o consultar.

¹⁹⁴ Vale a pena dar a conhecer, de forma mais abreviada, esse ponto de partida e objetivos da obra de Jorge (1991: 15-17): (1) As expressões idiomáticas (EIs) são elementos da língua que o falante utiliza para se exprimir; são grupos de palavras por vezes imprevisíveis quanto à forma e ao sentido. Surgem frequentemente no discurso, conferindo-lhe mais expressividade, realçando por meio de metáforas cristalizadas um saber que se construiu ao longo de séculos de história; (2) Nos últimos anos tem crescido o interesse pelas Els, através da publicação de um grande número de estudos e dicionários de Els. Em Portugal, todavia, a investigação idiomática está a dar os seus primeiros passos; (3) As Els têm sido abordadas segundo várias perspectivas, mas todas elas, de uma forma geral, assinalam a heterogeneidade das Els. Esta heterogeneidade manifesta-se, por exemplo, na dificuldade em propor uma definição clara e coerente de EI, devido aos múltiplos factores que intervêm nessa mesma definição (factores de ordem lexical, sintáctica, semântica, psicolinguística, etnolinguística, pragmática); (4) A aquisição das Els em situação de LE levanta problemas decorrentes, por um lado, do próprio contexto de aprendizagem (contexto escolar) e, por outro, da ausência do contexto social. Se na LM as Els podem ser aprendidas como as outras palavras, o mesmo pode acontecer em situação de LE. Para isso, as estruturas idiomáticas terão de ser inseridas, de maneira sistemática, no ensino das línguas; (5) A reflexão aqui apresentada basear-se-á numa constante interação entre a LM e a LE, visto que a LM do falante tem um lugar de relevo na aprendizagem da idiomaticidade da LE. Uma observação atenta dos fenómenos da idiomaticidade da LM é um primeiro passo para incentivar o acesso às Els da outra língua e atenuar as fronteiras entre a língua enquanto sistema formal e a língua enquanto ato social.

perspetiva intralinguística como interlinguística (português-francês)¹⁹⁵. Na parte final da sua investigação, a autora estuda a problemática do ensino e da tradução das EI. Na Conclusão, como é habitual, Jorge (1991: 199-201) recupera as linhas de força que foi sustentando ao longo do seu trabalho:

(1) É fundamental “privilegiar uma área [EI] ainda muito pouco estudada no domínio do ensino das línguas”;

(2) As EI “facilitam a comunicação, estabelecem com os outros falantes da língua uma certa convivência, uma partilha linguística, uma partilha humana”;

(3) “O relativo bom conhecimento da idiomaticidade da LM” [ao contrário do “fraco conhecimento da idiomaticidade da LE”] contribui para uma reflexão produtiva “sobre o papel central da LM no processo de aquisição/aprendizagem da LE”;

(4) “Um estudo comparativo das predicções e dos especificadores” serve “para mostrar as regularidades existentes entre as duas línguas [português e francês] no interior do universo de referência idiomática” e a semelhança de comportamento das EI de uma e de outra língua;

(5) É possível superar, ou pelo menos atenuar, as dificuldades evidenciadas por alunos e docentes, aquando da análise comparativa de EI, através de pedagogias adequadas que passam obrigatoriamente pela inclusão das EI, de forma natural, sistemática e contextualizada, logo nos primeiros níveis de ensino, sobretudo de uma LE¹⁹⁶.

É ainda expectável que a Conclusão aponte o caminho a novas investigações. Foi o que fez Jorge (1991: 200-201) ao apresentar propostas de trabalho mediante a formulação de uma série de perguntas: (1) Que relação existe “entre a utilização das EIs e os vários tipos de discursos (jornalístico, publicitário, político, literário...)”? (2) “Qual o papel das EIs nesses discursos? Pressupostos? Convivência entre locutor e alocutário? Mais expressividade?” (3) “Numa perspectiva sociolinguística e psicolinguística”, e no “âmbito intralingua” e “interlínguas”, como se caracteriza “a relação entre os grupos etários e o uso das EIs”? (4) “Será que as EIs

¹⁹⁵ Relativamente a alguns tópicos sobre o comportamento das EI, afirma-se que “as frases fixas são, muito raramente, completamente fixas”, que podem ser analisadas “regularmente” e que “são em maior número do que as frases não fixas” (p. 33). Outro aspeto importante tem a ver com o processamento: “as expressões mais congeladas sintacticamente levariam menos tempo a ser processadas do que aquelas que apresentam uma forma sintáctica mais flexível”, uma vez que “o processamento literal pressupõe o processamento de um conjunto de palavras individuais, contrariamente ao processamento idiomático que considera a EI como uma “palavra” idiomática” (Jorge, 1991: 40).

¹⁹⁶ Uma vez que é possível encontrar EI muito próximas (às vezes até equivalentes) de uma língua para outra, devem ser essas EI a constituir, numa perspectiva comparativa, os primeiros elementos a inserir no ensino da idiomaticidade da LE (vd. Jorge, 1991: 56).

que permanecem na língua há mais tempo possuem um grau de lexicalização mais forte do que as Els mais recentes? Como se processou a lexicalização”? (5) “Será que as variações lexicais podem sugerir variações de ordem regional ou dialectal”?

Jorge (1991: 201) avança com algumas respostas: (1) “Estudos comparativos sobre a idiomaticidade de várias línguas”, por exemplo, na área da sintaxe, semântica, lexicografia, pragmática e psicolinguística, “contribuiriam para o enriquecimento da tradução e do conhecimento da língua em geral”, (2) “Outras disciplinas – a literatura, os estudos culturais, a antropologia – poderiam, também, contribuir para o avanço da investigação sobre a idiomaticidade”.

No nosso entender, a relevância fraseológica deste trabalho de Jorge reside sobretudo na atualidade da abordagem que faz: primeiro, ao entender as EI como fundamentais para um conhecimento e uso proficientes da língua (e da cultura) de uma comunidade; em segundo lugar, por assumir a análise comparativa entre a LM e a LE (no seu caso, português-francês) como uma forma eficaz de medir a competência fraseológica dos utilizadores; finalmente, por aplicar os resultados obtidos ao ensino-aprendizagem das línguas e da sua tradução, reforçando o princípio de que existe uma certa universalidade no comportamento das EI¹⁹⁷. Um único reparo: ao afirmar, em 1991, que “Em Portugal, a investigação idiomática está a dar os seus primeiros passos” (p. 15), Jorge parece esquecer os muitos estudos de natureza fraseológica que, ao longo de mais de um século, marcaram e continuam a marcar a história da fraseologia portuguesa¹⁹⁸.

¹⁹⁷ Pensando em formas de rentabilizar as metodologias e resultados obtidos por Jorge, acreditamos que podem ser de grande utilidade os testes e a listagem das EI portuguesas e francesas, que se encontram no seu trabalho (respetivamente Anexos 1 e 5), para a produção de recursos de ensino-aprendizagem de EI em contexto de LM e LNM.

¹⁹⁸ A contribuição de Jorge no domínio da fraseologia não se fica pela sua tese de Mestrado. Desde 1991 é frequente encontrar o seu nome associado a diversos estudos fraseológicos. Eis alguns exemplos: (1991) "les expressions idiomatiques correspondantes: une analyse comparative", *Actes du Colloque, Phraséologie et Terminologie en Traduction et en Interprétation*, Universidade de Genebra; (1991) "Une lecture interdisciplinaire: la phraséologie", *Actas do 2º Encontro sobre o Ensino das Línguas Vivas na Universidade (FLUL, 22-24 de Novembro)*; (1993) "Um dicionário bilingue de expressões idiomáticas: alguns elementos para a sua construção". *Actas do 3º Encontro sobre o Ensino das Línguas Vivas na Universidade, Coimbra, 22-23 de Outubro*; (1994) "Les locutions métalinguistiques à l'oral". 5º Congresso da International Association for Dialogue Analysis - Nouvelles perspectives dans l'analyse de l'interaction verbale, Paris IV, 17-19 de Março; (1997a) "Os determinantes: o caso específico das expressões idiomáticas". Encontro da APL; (1997b) "Reflexões em torno da tradutologia das construções fraseológicas na perspectiva interlínguas", *Polifonia*, 1, Lisboa, Edições Colibri; (1997) *Dar à Língua - da comunicação às expressões idiomáticas*, Lisboa, Edições Cosmos. Com a colaboração de Suzete Jorge; (1998) "Da palavra às palavras - Alguns elementos para a tradução das expressões idiomáticas". *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. De todos estes trabalhos, destacamos *Dar à Língua*, um pequeno livro organizado em três partes: “A primeira parte apresenta a classificação das Els em categorias semânticas. Cada categoria é introduzida por um pequeno texto e pelas Els ordenadas alfabeticamente. A segunda compreende um conjunto de exercícios de vários tipos: exercícios de compreensão, de restituição, de contextualização, de modificação, de tradução intralingua, etc. [...]. A terceira é constituída por um índice alfabético de todas as Els que

3.4.4. Lopes, Ana Cristina Macário (1992)

Um outro trabalho académico ao qual fazemos referência é *Texto Proverbial Português - Elementos para uma análise semântica e pragmática*, de Macário Lopes. Esta Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa foi apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1992¹⁹⁹. Começamos por dar conta da estrutura global do trabalho. Para isso, servimo-nos das palavras da própria autora:

“Esta dissertação comporta três partes: no capítulo 1 da Parte I, propomo-nos traçar uma síntese crítica das principais propostas de definição e análise do texto proverbial até hoje desenvolvidas, quer no campo dos estudos paremiológicos, quer no campo da linguística e da semiótica [...]. A Parte II da dissertação é consagrada à análise semântica do provérbio enquanto texto mínimo autónomo [...]. A Parte III da dissertação consiste numa análise pragmática do provérbio contextualizado. Procuraremos construir uma tipologia das principais funções discursivas do provérbio inserido em sequências textuais mais vastas” (Lopes, 1992: 6-7).

Embora o provérbio não seja o objeto específico do nosso trabalho, ele partilha com a EI (e com outras estruturas, mais ou menos fixas) o estatuto de UF. Sendo assim, esta tese de Lopes acaba por assumir grande relevância, uma vez que a abordagem que é feita do provérbio permite compreender os traços que mais o aproximam e os que mais o distanciam da EI.

E é logo no início do seu trabalho – em “2. Provérbio como Unidade Fraseológica” - que Lopes procura descortinar as especificidades do provérbio:

“De comum com as expressões idiomáticas fixas, os provérbios revelam uma certa rigidez de estrutura e um funcionamento semântico que escapa muitas vezes aos princípios de uma semântica composicional, isto é, de uma semântica que calcula o significado de um enunciado em função do significado dos seus elementos constitutivos e da forma como estão sintacticamente conectados” (Lopes, 1992: 13).

compõem o caderno, seguidas das respectivas categorias” (Jorge, 1997: 13). Era (usamos o passado porque em consulta efetuada em 09/11/2012 verificámos que tinha sido removido) também da responsabilidade de Jorge o recurso conhecido por “Espacidiomático”, disponível em <http://www.centroatl.pt/espacidiomatico/faq.html>. Neste sítio podíamos encontrar informações sobre EI (noção de EI, por exemplo), bibliografia e jogos idiomáticos.

¹⁹⁹ Esta Tese, com quase 400 páginas, encontra-se disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/719/2/Texto%20Proverbial%20Portugu%c3%aas.pdf>, consultado em 09/11/2012.

Além disso, o provérbio pertence, segundo Lopes (1992: 13-17), por um lado, ao chamado *discurso repetido* de Coseriu (1977) e, por outro, às *combinações sintagmáticas fixas* de Greimas (1960). A diferença entre provérbio e EI parece espelhar-se mais nitidamente na classificação de Zuluaga (1980), que estabelece uma distinção entre expressões fixas funcionalmente inferiores à frase, as *locuções*, e expressões fixas equivalentes ou superiores à frase, os *enunciados fraseológicos* (*apud* Lopes, 1992: 17-19). Ora, as EI são *locuções*, enquanto os provérbios são *enunciados fraseológicos*, ou seja, atos de fala que funcionam como unidades comunicativas mínimas. Além disso, e tendo em conta o parâmetro *idiomaticidade*, isto é, “o facto de o significado de certas construções linguísticas fixas não se construir a partir da combinação do significado dos seus elementos constituintes” (Lopes, 1992: 23), a EI distingue-se do provérbio porque, tal como o nome indica, ela é sempre *idiomática* (em maior ou menor grau), ao passo que no provérbio a *idiomaticidade* não é uma propriedade definitiva. Desta forma, Zuluaga (*apud* Lopes, 1992: 17-18) distingue três tipos de *enunciados fraseológicos*: (1) enunciados meramente fixos ou de sentido literal, (2) enunciados semi-idiomáticos, cujo sentido é simultaneamente literal e idiomático e (3) enunciados idiomáticos, isto é, enunciados que não apresentam, funcionalmente, motivação linguística²⁰⁰.

Um outro aspeto estudado por Lopes (1992: 225-233) são as “concepções mais recentes do significado lexical”, decorrentes da reflexão desenvolvida nos domínios da filosofia da linguagem, por Putnam (1975), da psicologia cognitiva, por Rosch e Mervis (1973, 1975), e da inteligência artificial, por Schank e Abelson (1977). Destes três domínios, o que mais interessou a Lopes, como nos interessa a nós, foi o da psicologia cognitiva, cuja principal representante é Eleanor Rosch²⁰¹. Na verdade, os conceitos de protótipo e de estereótipo podem participar na

²⁰⁰ Veja-se, no ponto “2.3.1. Corpas Pastor: Ponto de Encontro da Fraseologia” deste nosso trabalho, o que dissemos sobre os contributos fraseológicos de autores como Coseriu e Zuluaga.

²⁰¹ Eleanor Rosch construiu uma teoria da categorização, isto é, da estruturação do mundo através da conceptualização, que não deixa de ser também uma teoria do significado lexical. De acordo com o modelo clássico das CNS (Condições Necessárias e Suficientes), a categorização baseia-se em propriedades comuns ou atributos criteriais. Rosch põe em causa esta visão ao defender que os conceitos são concebidos em termos de protótipos. E protótipo de uma categoria é o *melhor exemplar*, aquele que reúne as propriedades consideradas típicas dessa categoria. Testes aplicados a diversos informantes mostram que não há uma demarcação clara entre os membros que pertencem indubitavelmente a uma determinada categoria e os que estão fora dela. Mostram ainda que alguns membros são considerados mais centrais do que outros, “havendo sempre um membro ao qual é atribuído o estatuto de melhor exemplar da categoria”. Exemplificando: relativamente à categoria AVE e considerados os diversos membros dessa categoria – *tordo*, *águia*, *avestruz*, *galinha* e *morcego* –, o *tordo* foi eleito o melhor exemplar e o *morcego* o pior. E porquê? Porque existem representações estereotípicas (ou prototípicas) partilhadas pelos elementos de uma comunidade que os levam a processar os significados das palavras. Deste modo, o significado (estereotipado) da palavra AVE parece exigir determinadas propriedades como *capaz de voar* e *com penas*, por exemplo. E quem fala de palavras, fala também de expressões (vd. Lopes, 1992: 225-228, e Rosch, 1973 e 1975).

interpretação de expressões fraseológicas. Assim, quando dizemos ou escrevemos *comer que nem um abade*, ativa-se um traço tido como típico da categoria *abade* que é *comer muito*. O mesmo acontecerá com expressões como *ter olhos de lince*, *ser manso como um cordeiro* e *ser teimoso como um burro* em que certos traços típicos (respetivamente, *acuidade visual*, *mansidão* e *teimosia*) são associados implícita ou explicitamente aos estereótipos dos nomes *lince*, *cordeiro* e *burro* (*apud* Lopes, 1992: 231).

Concluída a apresentação crítica do enquadramento teórico dos provérbios, em particular, e das UF, em geral, Lopes passa à análise do provérbio inserido em contextos diferenciados: primeiro “em diálogos de peças de teatro de cordel” (pp. 286-324), depois “em textos da imprensa contemporânea” (pp. 325-337). Esta análise permitiu concluir que a utilização do provérbio, muitas vezes citado com modificações, “relewa da necessidade de convocar fragmentos discursivos que estão inscritos na memória do leitor e que, pela sua estrutura breve, pelas simetrias fónicas e rítmicas que geralmente apresentam, se tornam veículos privilegiados da captação da atenção” (Lopes, 1992: 336).

Após a leitura do trabalho de Macário Lopes, ficamos com a ideia de que um estudo sobre o provérbio leva obrigatoriamente a um estudo mais alargado sobre as UF, onde a EI assume um lugar de relevo; em segundo lugar, a certeza de que a afinidade entre as UF não inviabiliza a descrição de determinados comportamentos semântico-estruturais mais *prototípicos* do provérbio (*texto mínimo*, com um sentido literal, semi-idiomático ou idiomático, por exemplo); em terceiro e último lugar, a convicção de que a análise de um fenómeno linguístico como o provérbio (e a UF em geral) sai beneficiada quando se retira o que de melhor existe nas muitas teorias que explicam esse fenómeno.

3.4.5. Rebelo, Luís (1998)

Fraseologias em Português e Chinês. Uma Abordagem Contrastiva é o título da Dissertação de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa – Estudos Linguísticos, apresentada por Luís Rebelo na Universidade de Macau, em 1998. Como refere o autor na Introdução (pp. 1-4), este trabalho é o resultado da sua experiência de docente de Português, com duas turmas de aprendentes chineses do Curso de Tradução e Interpretação (Português-Chinês) na Universidade de Macau. Segundo Rebelo (1998: 2), os recursos (manuais e outros) disponíveis para o ensino-

aprendizagem de PLE, além de escassos, atribuíam pouca relevância à *idiomaticidade*. Por outro lado, os exercícios dedicados às fraseologias eram insuficientes e “apareciam dispersos nos materiais para um nível mais avançado” (Rebelo, 1998: 2). Perante esta situação, deficitária no âmbito do ensino-aprendizagem das fraseologias, e reconhecida a importância da componente lexical fraseológica para o domínio da língua e da cultura de uma comunidade, tornou-se imperioso, no entender de Rebelo, proceder a uma *Abordagem Contrastiva das Fraseologias em Português e Chinês*. Para isso, o autor dividiu o seu trabalho em três partes:

(1) Na primeira, faz a apresentação do quadro geral que orientou a pesquisa, o da *Análise Contrastiva*, procurando mostrar “como o estudo das fraseologias, quer no domínio do ensino de PLE, quer na área da tradução, se pode inserir no âmbito da subárea da Análise Contrastiva, a Lexicologia Contrastiva” (Rebelo, 1998: 4);

(2) Na segunda parte, analisa as fraseologias em português e chinês, de acordo com a perspectiva da lexicologia contrastiva, para aferir as semelhanças e diferenças entre as duas línguas, “tendo como elementos de base os critérios de polilexicalidade, frequência, reproduzibilidade, lexicalização, idiomaticidade e estabilidade semântica e sintáctica relativa” (Rebelo, 1998: 4);

(3) Por fim, e tendo em conta os resultados obtidos na análise levada a cabo na segunda parte, refere “as suas incidências no ensino do Português como Língua Estrangeira e na área da tradução” (Rebelo, 1998: 4).

Nas conclusões finais, o autor presta contas do trabalho realizado, sobretudo nas áreas do ensino do PLE e da tradução. Relativamente à primeira área, refere que se é verdade que a análise contrastiva efetuada confirma a existência de diferenças, “sobretudo ao nível das estruturas fundamentais das duas línguas, facto que já era genericamente aceite como dado adquirido”, não é menos verdade que ela confirma também a existência de “recursos linguísticos e formais, com pontos de contacto e de correspondência na estrutura das duas línguas, no domínio das fraseologias” (Rebelo, 1998: 101). Quanto à área da tradução, o autor afirma que as dificuldades que se colocam ao tradutor diferem das dificuldades habituais do ensino-aprendizagem. Assim, perante uma fraseologia, o tradutor tem de ter em conta o seu grau de opacidade semântica e as especificidades linguísticas e culturais das duas línguas (neste caso, português e chinês). E Rebelo (1998: 109-110) explica: uma fraseologia, como *bacalhau*

*assado com batatas a murro*²⁰², “pode não ter equivalente na língua de chegada”; pode ainda, como *meter-se nestes assados*, “ser usada na língua de partida simultaneamente no sentido literal e idiomático”; finalmente, podem diferir nas duas línguas a “convenção do uso de fraseologias no discurso escrito, os contextos em que podem ser usadas e a sua frequência”.

O autor conclui, afirmando que:

“A pesquisa, o estudo, a inserção planeada e sistemática nos *curricula* e o estímulo à compreensão e ao uso de fraseologias, oralmente e por escrito, tanto no ensino do PLE, como na área da tradução e da interpretação, são actividades perfeitamente justificadas e necessárias, que devem ser estimuladas, pois são um factor importante para uma adequada competência comunicativa dos falantes. Nesse sentido, no entanto, é indispensável que os docentes de PLE adquiram também uma maior consciência do nível a que se situam os obstáculos nesta área concreta, e que os tradutores aprofundem o seu domínio das duas línguas de forma cada vez mais apurada, rigorosa e completa” (Rebelo, 1998: 112).

3.4.6. Afonso, Maria Elisete (2000)

É de Elisete Afonso a Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa intitulada *O Papel dos Adágios na Vida e na Língua de uma Comunidade Linguística: Contributo para uma Análise Sociolinguística*, apresentada à UTAD, em 2000. Uma das razões que terá conduzido a autora para o campo da investigação fraseológica prende-se com o défice paremiológico que diz ter detetado na sua prática letiva. Deste modo, o seu trabalho apresenta como principal objetivo “reflectir sobre o papel do *adágio* na vida e na língua” de uma determinada coletividade da zona de Bragança e “equacionar a sua utilização pedagógico-didáctica no processo de ensino-aprendizagem, de modo a consciencializar os alunos para as suas raízes culturais e civilizacionais” (Afonso, 2000: VI). A autora, numa primeira fase, parte de uma amostra de 1334 adágios, muitos deles recolhidos pelos próprios alunos, para proceder à sua análise linguística e detetar “a sua operacionalidade no processo de enunciação”; numa segunda fase, caracteriza a comunidade linguística em estudo, para poder “contextuar os *adágios* e concluir da sua vitalidade no seio da mesma”; por fim, aponta “algumas estratégias pedagógico-didácticas”, tendo em vista a consecução dos objetivos a que se propôs (vd. Afonso, 2000: VI).

²⁰² Para Iriarte Sanromán, *bacalhau assado com batatas a murro* é um “termo pluriverbal” ou um “quase-frasema”, segundo a terminologia de Mel’čuk (2003).

Este trabalho de Afonso tem o mérito de recuperar estudos de natureza paremiológica, alguns deles publicados na RL. E é interessante verificar que, ao adotar o sentido amplo de *parémia*, a autora está também a fazer eco de uma noção alargada que “engloba todas as fórmulas sapienciais de cariz sentencioso” (Afonso, 2000: 7) e que marcou os primeiros estudos paremiológicos. Assim, ao apresentar uma “sinopse histórica” do “adagiário português” (pp. 14-19) e ao tentar uma “Distinção entre ‘adágio’ e ‘provérbio’” (pp. 20-21), a autora mergulha na génese da paremiologia (e da fraseologia) portuguesa donde emergem termos antigos como *anexim*, *rifão* e *provérbio* (este aparece pela primeira vez em textos do séc. XII) e menos antigos como *adágio* (a partir da segunda metade do séc. XV). Os anfitriões desta viagem paremiológica são, entre outros, Ladislau Batalha, Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Teófilo Braga. Apesar de algumas tentativas para diferenciar todos estes termos, a verdade é que “as designações apontadas são utilizadas indiferentemente, como se de sinónimos se tratassem” (Afonso, 2000: 20). Reconhecida a complexidade do fenómeno paremiológico, mais importante do que (tentar) desenhar a régua e esquadro as fronteiras dos seus constituintes, será compreender o seu significado e funcionamento, o que só se consegue através da sua caracterização a níveis distintos: linguístico (fonético, sintático e semântico), pragmático (força *ilocutiva* e *perlocutiva* dos enunciados) e sociolinguístico (relação entre a língua e a sociedade).

No entender de Afonso, a preservação do património paremiológico (ainda que regional) contribuirá significativamente para reforçar o sentimento de identidade nacional, através de uma *porta aberta* ao diálogo universal (*apud* Afonso, 2000: 164-167).

3.4.7. Os Estudos Fraseológicos na Universidade do Porto

Nos últimos anos, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), produziu-se, sob a orientação de Olívia Figueiredo, um conjunto de trabalhos de investigação no âmbito do ensino-aprendizagem de UF, em PLM e PLNM. Nas páginas que se seguem daremos conta de alguns desses trabalhos.

Duarte, Maria Susana (2006)²⁰³

As Expressões Idiomáticas na Língua e no Discurso. Um olhar sobre as crónicas de Miguel Esteves Cardoso é o título da Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa – Linguística Aplicada ao Ensino do Português, apresentada por Susana Duarte à FLUP, em 2006. O trabalho está dividido em duas partes ou capítulos: (I) “As Expressões Idiomáticas no Discurso / no Texto” e (II) “As Expressões Idiomáticas na Aula de Português”.

Para cumprir os seus objetivos, Duarte opta por textos escritos autênticos, mais especificamente algumas crónicas de Miguel Esteves Cardoso (MEC): as 58 que integram *As Minhas Aventuras na República Portuguesa* (6.^a ed., 1999) e as 101 coligidas em *A Causa das Coisas* (17.^a ed., 2002). Depois de analisar as situações textuais-discursivas em que ocorrem as EI, a autora chega a algumas conclusões:

(1) “A noção de EI comumente entendida como unidade fixa e cristalizada na língua revela-se parcialmente falsa quando integrada no discurso e, ou, no texto”, uma vez que “a esmagadora maioria das EI, quando usadas, sofrem algum tipo de desfixação por adaptação”. É o caso de “Matar coelhos à cajadada” (por Matar *dois coelhos com uma cajadada só*) e “Confundir alhos com seja o que for” (por *Misturar/Confundir alhos com bugalhos*) (pp. 16 e 26);

(2) O registo de língua/a situação “condicionam a escolha criteriosa, por parte do enunciador-relator, de uma expressão cristalizada. [...] esta selecção conferirá, assim, ao texto um registo mais popular ou mais cuidado, respectivamente” (p. 34);

(3) As EI (graficamente marcadas) denunciam a presença do locutor-relator. “Se por um lado, o cronista se apaga e *sai de cena* voluntariamente [...], por outro lado, ele próprio se atribui um papel de comentador/avaliador das fraseologias que lança no seu discurso” (pp. 71-72);

(4) No âmbito da coesão e coerência textual, “as EIs podem revelar-se um excelente elemento estruturador do discurso” (p. 73). Vejamos um exemplo em que a EI assume uma função catafórica: “Os alemães **não brincam em serviço**. [...]. Brincar em serviço não lhes passa pela cabeça. Ao contrário do português [...], o alemão trabalha quando tem de trabalhar e brinca quando tem de brincar” (MEC, 1999: 262, *apud* Duarte, 2006: 92).

²⁰³ Agradeço à Professora Doutora Olívia Figueiredo o exemplar que me disponibilizou da dissertação de mestrado de Susana Duarte.

Relativamente a estas conclusões, apenas a segunda, que relaciona a EI com o registo de língua, nos merece um breve reparo. Neste domínio, a autora apresenta um quadro de ocorrências onde as EI aparecem integradas num determinado registo: *popular*, *familiar* ou *cuidado* (pp. 35-39). Apesar de reconhecer “a existência de linhas fronteiriças muito ténues e movediças entre os diferentes registos de língua”, Duarte (p. 34) arriscou uma classificação que é, de facto, muito discutível. Vejamos o seguinte exemplo (p. 36):

| Valor fraseológico | Registo popular | Registo familiar | Registo cuidado |
|------------------------------------|---|--|---|
| Adoptar uma atitude de indiferença | “ estão todos completamente a borrifar-se para quem ganhe as presidenciais” | “porque é que eu me havia de estar a ralar com isso?” | “Os portugueses são o único povo do mundo que consegue a proeza de não estarem para chatices ” |

Não percebemos por que razão é que *estão a borrifar-se para* pertence ao registo *popular* e *estar a ralar com* ao *familiar*. E a que propósito é que *não estarem para chatices* é uma expressão *cuidada*, quando a própria palavra *chatice* pertence geralmente ao registo *informal*?

Embora sejam possíveis outros reparos - a autora descuidou-se ao apresentar como *fórmulas fraseológicas* exemplos que não o são («falo», *Genitália*, *coiso*, *pilha* e *pipi*: p. 69), porque constituídos por uma só palavra -, a nossa apreciação global a este trabalho de Duarte é favorável. Eis duas razões: no domínio discursivo-textual, provou que a EI é um recurso expressivo e estrutural fundamental; no âmbito do ensino-aprendizagem do PLM (e do PLNM, acrescentamos nós), mostrou que é possível desenvolver o nível de proficiência gramatical e fraseológica dos alunos através da aplicação de atividades cuidadosamente pensadas (em termos de nível de ensino e objetivos, por exemplo) como são as 8 fichas de trabalho sobre EI que Duarte nos apresenta na parte final da sua dissertação (pp. 102-114)²⁰⁴.

Polónia, Cecília (2009)

A Dissertação de Mestrado em Ensino de Português Língua Segunda/Estrangeira de Cecília Polónia intitula-se *As Expressões Idiomáticas em Português Língua Estrangeira: Uma*

²⁰⁴ Aconselhamos a consulta destas 8 fichas onde se relaciona a tarefa de identificação, compreensão e utilização das EI com conteúdos gramaticais e estilísticos (flexão verbal, relações de hiperonímia e hiponímia e recursos expressivos, por exemplo).

Experiência Metodológica. Estruturalmente, apresenta-se dividida em três partes (vd. Polónia, 2009: 8)²⁰⁵:

(1) Na primeira parte, faz uma contextualização teórica do ensino das EI, mostrando a utilidade do texto autêntico como suporte didático; explicita a escolha da crónica como género discursivo a ser trabalhado e, ainda, as especificidades das EI na perspectiva teórica de vários autores;

(2) Na segunda parte, expõe a metodologia usada especificamente em duas unidades didáticas de PLE;

(3) Na terceira parte, serve-se dos resultados descritos na parte precedente para propor estratégias de superação alternativas àquelas que foram implementadas nas unidades didáticas e nos exercícios referidos na segunda parte da dissertação.

Produtos da mesma escola (FLUP) e da mesma orientadora (Olívia Figueiredo), os trabalhos de Duarte (2006) e Polónia (2009) têm necessariamente muitos pontos de contacto, sobretudo em termos de enquadramento teórico. Todavia, é a aplicação ao ensino-aprendizagem do português que mais os diferencia: o de Duarte circunscreve-se ao PLM, o de Polónia aplica-se ao PLNM. No entanto, é possível, com algumas adaptações, utilizar os materiais de uma e de outra, quer em contextos de PLM quer de PLNM. Ainda no âmbito da aplicabilidade das EI ao ensino-aprendizagem do português, o trabalho de Polónia oferece uma variedade de metodologias e recursos que não encontramos em Duarte. Na Parte II da sua dissertação (pp. 37-67), Polónia apresenta-nos duas Unidades Didáticas de PLE (para uma turma de nível C2, segundo o QECR) que são duas verdadeiras aulas. Graças a uma descrição minuciosa e quase cinematográfica, é possível acompanhar a par e passo todos os momentos de ensino-aprendizagem de EI, experimentando-se, como os alunos, as facilidades e dificuldades inerentes a semelhante processo.

Interessantes são também as reflexões que a autora faz dos resultados obtidos e as Propostas de superação (Parte III, pp. 68-74), tendo em vista não só colmatar as lacunas evidenciadas pelos alunos mas também otimizar os seus bons desempenhos. Para dar corpo a estas metodologias e procedimentos, Polónia socorre-se de uma panóplia de recursos que vai

²⁰⁵ O texto desta dissertação de Cecília Polónia encontra-se disponível para consulta no catálogo da Biblioteca da FLUP, em <http://sdi.letras.up.pt/>, consultado em janeiro/2013.

dos textos autênticos de autor (crônicas de MEC e José Saramago) até aos textos publicitários e humorísticos. O resultado é um trabalho autêntico e contextualizado, e com a vantagem de oferecer materiais diversos, como fichas de trabalho, textos publicitários e *cartoons*, suscetíveis de serem aplicados a múltiplas situações de ensino-aprendizagem das EI, no âmbito do PLE e do PLM.

Gama, Bárbara (2009)

Bárbara Gama é a autora de *O léxico em aulas de PLE. Um contributo para o ensino de colocações*. Na parte introdutória (pp. 2-4) desta sua dissertação de Mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira, a autora começa por defender que, no domínio do ensino-aprendizagem de PLE, “o desenvolvimento da competência lexical deveria ser considerado sempre como um dos pilares fundamentais para o progresso da competência comunicativa dos estudantes” (p. 2). E desenvolver a competência lexical implica o domínio não só de palavras isoladas mas também de estruturas fixas, como colocações e EI (vd. Gama, 2009: 3).

Ao realizar o seu estágio pedagógico com uma turma de nível C (segundo o QEQR), constituída por alunos adultos de várias nacionalidades, Gama diz ter verificado que as colocações, embora sendo “estruturas simples na comunicação de falantes nativos de português, apresentam uma grande complexidade na aprendizagem por parte de estudantes estrangeiros” (p. 3). Tendo em conta (i) a importância das estruturas fixas para a competência lexical e comunicativa, (ii) as dificuldades evidenciadas pelos alunos de PLE na sua aprendizagem e (iii) a escassez de materiais para a sua documentação e ensino, a autora acaba por eleger as colocações como objeto de estudo do seu trabalho. Depois traça os seguintes objetivos (vd. Gama, 2009: 3):

(1) Proporcionar uma maior delimitação conceptual do fenómeno lexical das chamadas colocações, destacando-as de outro tipo de construções fixas;

(2) Apresentar uma tipologia baseada em várias propostas de tipologias de colocações nas mais diversas línguas;

(3) Formular estratégias para o tratamento das colocações em aulas de PLE, reforçando a sua importância para o desenvolvimento das capacidades orais e escritas dos estudantes de PLE;

(4) Justificar a relevância da construção de um dicionário monolíngue de colocações em português que aborde as suas complexas estruturas e sirva de recurso didático a estudantes de PLE.

Nas conclusões (pp. 55-57), Gama reforça a convicção de que as dificuldades sentidas pelos alunos de PLE advêm do facto de nem todas as colocações oferecerem “uma transparência semântica e, por essa razão nem sempre” poderem apresentar “uma tradução literal para a língua materna dos estudantes”²⁰⁶. Deste modo - continua a autora -, convirá “incluir as colocações lexicais nos materiais didáticos seleccionados pelo professor desde os níveis de aprendizagem A1 e A2”, através de textos e exercícios “que permitam identificar, produzir e compreender estas unidades lexicais” (Gama, 2009: 56). Uma vez que as colocações, e as UF em geral, são, por um lado, elementos linguísticos textualmente transversais e, por outro, portadores de algumas especificidades e complexidades, é importante que os alunos de PLE contactem desde logo com as colocações, para as identificarem, compreenderem e produzirem. Gama (2009: 56) fornece ainda orientações para a elaboração de “um dicionário monolíngue, que as englobe e proceda ao seu tratamento detalhado”, podendo ser também uma base de apoio para a construção de um dicionário por parte do próprio aluno de PLE. Neste sentido, o dicionário monolíngue pode ser uma resposta adequada aos problemas que o ensino-aprendizagem de colocações levanta a professores e alunos de PLE.

Na parte final do seu trabalho, Gama fornece em anexo alguns materiais que incluem crónicas, *cartoons* e exercícios. Na sua elaboração – diz a autora –, foram tidos em conta os perfis dos alunos, as suas necessidades e expectativas relativamente à língua portuguesa. Todavia, esses materiais revelam, no nosso entender, alguma falta de criatividade e orientações metodológicas pouco esclarecidas.

²⁰⁶ Tendo em conta Iriarte Sanromán (2001) e Mel'čuk (2003), numa colocação, por definição, um dos termos não é usado literalmente (AB = 'AC'), pelo que é frequente não se poder fazer uma tradução literal da colocação.

Silva, Rute (2010)

O quarto e último trabalho orientado por Olívia Figueiredo e ao qual dedicaremos a nossa atenção é *As Expressões Idiomáticas. Um contributo para o ensino-aprendizagem do léxico nas aulas de Português e Francês*. Este Relatório, elaborado por Rute Silva para “obtenção de Grau de Mestre em Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e Língua Estrangeira no Ensino Básico e Ensino Secundário”²⁰⁷, apresenta-se dividido em três capítulos (vd. Silva, 2010: 14):

(1) Para dar cumprimento ao objetivo traçado para o primeiro capítulo (enquadramento teórico do objeto de estudo e reflexão sobre o ensino do léxico em PLM e em FLE), Silva começa por integrar as EI no domínio do léxico, provando ser a competência lexical (e fraseológica) uma das competências fundamentais do ensino-aprendizagem de uma língua, seja ela materna ou estrangeira. Depois, demora-se na noção de fraseologia e de fraseologismo para, de seguida, estabelecer as diferenças entre EI, provérbio e colocação. Termina o primeiro capítulo, referindo as especificidades da EI, isto é, a sua (i) capacidade de espelhar a cultura de um povo, (ii) dimensão metafórica, (iii) variabilidade e fixidez e (iv) dificuldade de tradução;

(2) O segundo capítulo reproduz três unidades didáticas – duas em português e uma em francês -, dando a conhecer os momentos que as compõem, as estratégias adotadas e a reação dos alunos relativamente às situações de ensino-aprendizagem. Entre os materiais utilizados, destacam-se os visuais (imagens) e os auditivos (canções). Na análise que faz dos resultados (pp. 80-83), a autora conclui que as dificuldades evidenciadas pelos alunos (neste caso, uma turma do 10.º Ano do Curso de Artes) no domínio da identificação e sobretudo da compreensão/contextualização das EI são mais facilmente superadas quando se tem em conta o perfil dos aprendentes, em termos de domínio linguístico, idade e centros de interesse. A comprová-lo estão os resultados conseguidos em atividades que se socorreram da imagem (principalmente da humorística) e da música. Outra estratégia que mereceu dos alunos uma receptividade muito favorável foi a explicação da origem das EI, encarada como porta de acesso à história cultural de um povo. Por último, e quando compara os dois processos de ensino-

²⁰⁷ À semelhança do que acontece com os trabalhos de Polónia (2009) e Gama (2009), também este de Silva (2010) se encontra disponível no Catálogo da Biblioteca da FLUP, em http://aleph20.letras.up.pt/F/QSQ5F5MAXK3AMVDJMTX1LYIN6QLHNEK918CTPV3NFMYTUR4CU4-00207?func=find-acc&acc_sequence=000865435, consultado em janeiro/2013.

aprendizagem – o do PLM e o do FLE –, a autora conclui que as EI que partilham uma estrutura sintático-semântica semelhante (por exemplo, *ver estrelas*, no port.; e *voir trente-six chandelles*, no fra.) são mais facilmente apreendidas;

(3) Depois desta experiência pedagógica proporcionada pelo Estágio, Silva assume estar mais consciente de que o ensino-aprendizagem de EI é um processo complexo que exige tempo e estratégias de atuação adequadas. Neste sentido, disponibiliza, no capítulo III, um conjunto de Propostas de superação, constituídas por 7 exercícios, todos eles sobre EI, acompanhados pelos respetivos objetivos (mas não pelas soluções). De entre as muitas tarefas, o aluno terá de identificar, ordenar, classificar (quanto ao registo de língua e à figura de retórica) e, finalmente, produzir um pequeno texto a partir de determinadas EI.

Estes quatro trabalhos, orientados por Olívia Figueiredo, são úteis sobretudo para quem tem um interesse especial pelo ensino-aprendizagem das UF. Contudo, no domínio da classificação e diferenciação das UF continua a haver mais dúvidas do que certezas: a certeza é a de que as *expressões fixas* abarcam um vasto conjunto de unidades linguísticas (pluriverbais, lexicalizadas, fixas em grau variável e muitas vezes de sentido não literal); as dúvidas surgem sobretudo quando pretendemos delimitá-las e designá-las. Não podemos, por exemplo, defender que as colocações “se distinguem das expressões idiomáticas, pelo facto de apenas uma das palavras comportar um sentido metafórico” (Silva, 2010: 32) e a seguir apresentar como EI casos em que uma ou mais palavras da expressão não possuem esse sentido metafórico: em *ser boa rês* (ser boa pessoa), *gastar dinheiro à tripa forra* (gastar muito dinheiro) e *ter luz verde* (ter autorização), por exemplo, só os constituintes *rês*, *à tripa forra* e *luz verde* parecem possuir o traço *idiomaticidade*.

3.4.8. Os Estudos Fraseológicos na Universidade do Minho²⁰⁸

Schemann, Hans (2002-2009)

Schemann publica, em 1981, o livro *Das idiomatische Sprachzeichen*[...] ²⁰⁹ e o *Dicionário Idiomático Português-Alemão* [...], este sem data²¹⁰. Depois de 1981, outras publicações se seguiram, como, por exemplo, *Idiomática e Antropologia. “Imagem” e “Significado” numa Perspectiva Linguística e Filosófica* (UM/CEHUM, 2009)²¹¹.

Nesta última obra, o autor serve-se de um conjunto de 372 EI (somatismos) com *mão* para refletir sobre os seguintes aspetos: (CAP. A) “As funções antropológicas da mão – Expressões idiomáticas com “mão” – Categorias básicas”, (CAP. B) “O signo linguístico dinâmico - O signo linguístico idiomático e a sua base antropológica – A fantasia criadora das expressões idiomáticas”, (CAP. C) “Base linguística da nossa concepção” e (CAP. D) “A fundamentação da nossa concepção de “imagem” e “significado/significação” pela Antropologia cultural e a Antropologia filosófica”. O resultado é um estudo fraseológico eclético que cruza a linguística, na sua dimensão semântico-lexicológico-fraseológica, a antropologia e a filosofia. Para o domínio mais específico da fraseologia, ficam algumas afirmações que abonam a favor da universalidade dos fenómenos idiomáticos, fenómenos estes a necessitar, segundo Schemann, de uma explicação mais sistemática por parte dos linguistas:

“Apenas quando nos apercebemos que a imagem-significado é independente de uma língua específica [...] é que se tornam compreensíveis uma série de fenómenos da idiomática [...]: (1) em todas as línguas que foram analisadas nesta perspectiva [...] existem *milhares de expressões idiomáticas com um lexema que designa uma parte do corpo e uma parte extremamente elevada destas expressões tem imagens e imagens-significados idênticos*, [...] (2) Neste nível é *bastante irrelevante a forma específica como os constituintes são realizados lexematicamente*. Se por ex. se

²⁰⁸ Um estudo fraseológico apresentado à Universidade do Minho é a dissertação de Mestrado de Liu Mengru, *Provérbios e Expressões Idiomáticas em Português e Chinês* (2012). Devido à impossibilidade de uma leitura global da obra, escusamo-nos a deixar aqui a nossa apreciação.

²⁰⁹ De forma completa: *Das idiomatische Sprachzeichen. Untersuchungen anhand der Analyse portugiesischer Idioms und ihrer deutschen Entsprechungen* (Beihefte zur Zeitschrift für romanische Philologie, 183).

²¹⁰ O título completo é *Dicionário Idiomático Português-Alemão. As expressões idiomáticas portuguesas, o seu uso no Brasil e os seus equivalentes alemães* (em coautoria com L. Schemann-Dias, Braga/Tübingen).

²¹¹ Esta é a versão portuguesa dos cap. B, C, D e E do livro *“Bild” und “Bedeutung” in linguistischer, sprachgenetischer und philosophischer Perspektive (“Imagem” e “significação” numa perspectiva linguística, (linguística-) genética e filosófica)*, Olms, Hildesheim-Zurich-New York, 2002.

diz em alemão: *ele faz tudo/..., que lhe “vem” à cabeça, e em português ele faz tudo/... o que lhe “dá na” cabeça*, isso não altera a nossa compreensão [...] (3) A semelhança – evidente – da idiomática de várias línguas diferentes, especialmente nesta área, baseia-se por conseguinte na homogeneidade da imagem-significado” (Schemann, 2009 [2002]: 19-20).

Mas a ação de Schemann não se esgota na publicação de livros, dicionários e ensaios. Um dos desafios mais recentes é um projeto de investigação no âmbito da “Recolha do léxico idiomático do português actual, a sua estrutura sintáctica-semântica-pragmática e a aplicação ao ensino de línguas estrangeiras (com vista a publicação impressa e electrónica)”²¹². Além disso, tem orientado teses de mestrado e de doutoramento no domínio dos estudos fraseológicos.

Dias, Idalete (2010)

Sinonímia – campo semântico – contexto – texto. Uma análise da sinonímia com particular relevância para as expressões idiomáticas. Estudo sistemático e contrastivo (2010) é o título da Tese de Doutoramento em Ciências da Linguagem - Área de Conhecimento em Linguística Alemã, elaborada por Idalete Dias sob a orientação de Hans Schemann²¹³. Eis, em síntese, a estrutura e objetivos da obra:

“O presente estudo centra-se na análise da sinonímia no domínio das expressões idiomáticas. Numa primeira parte apresentam-se os critérios que definem as expressões idiomáticas, começando por reflectir sobre a linguagem figurada [...]. / Na segunda parte abordam-se os factores que intervêm directamente na sinonímia idiomática [...]. / Por último, procura-se completar a reflexão sobre a sinonímia idiomática através da oposição que esta estabelece com a equivalência idiomática” (Dias, 2010: v).

No primeiro capítulo, a autora assume como principais fatores constitutivos de idiomaticidade os tropos metáfora, metonímia e sinédoque. Devido à pluralidade de perspetivas sobre estas figuras do discurso, Dias apresenta uma visão diacrónica que se inicia em

²¹² Informação disponível em http://ceh.ilch.uminho.pt/pagina_investigador.php?inv=hans_schemann_ling.php, consultado em 25/01/2013.

²¹³ A tese de Dias (2010) encontra-se disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11263/1/Tese.pdf>, consultado em 25/01/2013.

Aristóteles, passa por Fontanier (séc. XIX)²¹⁴ e chega às teorias mais recentes, como as de Ullmann (1972), Lakoff & Johnson (1980) e Schemann (1993). No sentido de relacionar mais de perto a metáfora com as EI, Dias recorre à classificação de Burger (2007) (*apud* Dias, 2010: 32-33):

- (i) Expressões que admitem apenas uma leitura ou uma interpretação (*ser o pão nosso de cada dia*, por exemplo);
- (ii) Expressões que permitem duas leituras distintas, a literal e a fraseológica;
- (iii) Expressões que podem realizar a leitura literal e a fraseológica em simultâneo, como é o caso das expressões que fazem referência a gestos (*encolher os ombros*, por exemplo);
- (iv) Expressões que permitem uma leitura mista, já que são formadas por constituintes idiomáticos e constituintes não idiomáticos (e. g., *estar um frio de rachar*).

Ainda segundo Burger, para que uma unidade seja considerada uma EI, ela deve obedecer às condições seguintes (*apud* Dias, 2010: 45):

- (i) Deve ser uma unidade multipalavra;
- (ii) Apresentar rigidez e fixidez nos planos psicolinguístico, formal (morfossintático e semântico-lexical) e pragmático;
- (iii) Deve ter por base a discrepância entre o significado da EI e o significado livre das palavras constituintes da expressão.

Tendo em conta a segunda condição, facilmente se depreende que “as expressões idiomáticas são estruturas fixas pelo que, regra geral, qualquer tipo de modificação morfológica, sintáctica e/ou lexical, terá repercussões para o significado da expressão” (Dias, 2010: 54).

Uma das mais interessantes perspetivas de análise das EI referida por Dias tem a ver com os conceitos-chave inicialmente aplicados a uma imagem ou figura no âmbito da corrente psicológica conhecida por gestaltismo: o plano da figura (*figure*) e o plano do fundo (*ground*). Assim, à semelhança de uma pintura que deve ser encarada a partir da interação entre o plano

²¹⁴ A taxionomia das figuras do discurso de Fontanier terá sido publicada entre 1821 e 1830 e é desta que Dias se serve (vd. Dias, 2010: 17).

da figura e o plano de fundo que a compõem, “uma proposição ou um enunciado deve ser considerado a partir da correlação existente entre o plano do que é dito ou enunciado e o plano das pressuposições” (Dias, 2010: 76). E para além das pressuposições, outros elementos podem funcionar como fundo, como é o caso da imagem mental viva, dos símbolos, dos mitos e das referências históricas, culturais e bíblicas (vd. Dias, 2010: 81).

No terceiro capítulo, Dias aborda “A Sinonímia no plano da Idiomática”, chamando a atenção para a relevância de determinados fenómenos no âmbito das EI, a saber: “os eufemismos, a personificação, a comparação, os símbolos, conceitos como ‘*path*’ (‘caminho’), actos de fala específicos e modelos de construção com tendência para a generalização” (Dias, 2010: 107). Ainda neste capítulo, a autora (pp. 167-170) retoma a difícil questão da existência ou não de sinonímia perfeita. Segundo ela, é possível identificar três tipos de investigadores e respetivas tendências:

- (i) Um primeiro grupo que contesta a existência de sinónimos perfeitos e tem em Bally (1951)²¹⁵, com a obra *Traité de stylistique française*, o seu principal mentor;
- (ii) Um segundo grupo que mantém uma posição ambígua uma vez que apresenta exemplos e argumentos pouco convincentes, como é o caso de Ullmann (1964) ao defender a existência de sinonímia absoluta ou perfeita no domínio do vocabulário técnico-científico;
- (iii) Um terceiro grupo de investigadores que defende explicitamente a existência de sinónimos absolutos, como é o caso de Ducháček (1964).

Relativamente a este último autor, Dias (2010: 173) critica o facto de Ducháček não tratar as EI como unidades cujos constituintes funcionam em bloco, limitando-se a abordar a sinonímia no plano das EI “da mesma forma como aborda a sinonímia no plano não idiomático, ou seja, por via da análise do conteúdo semântico dos constituintes na qualidade de formas livres”.

Depois de analisar a tipologia dos “factores de diferenciação entre sinónimos” elaborada por Ducháček, Dias (2010: 183) estabelece uma relação entre esses fatores e os tipos de variação linguística fixados por Coseriu (1970): variações diatópicas ou geográficas, variações diastráticas ou socioculturais e variações diafásicas ou de ordem pragmática, relacionadas com

²¹⁵ 1951 é a data da 3.ª ed. do *Traité de stylistique française* de C. Bally. A 1.ª ed. é de 1909.

a modalidade do discurso (oral ou escrito), a situação de comunicação e os registos linguísticos (mais ou menos formais). Seja o campo de comparação intralingual ou interlingual, é possível encontrar exemplos para cada um destes tipos de variação. Vejamos alguns: no domínio das variações diatópicas, para a El que remete para o motivo mitológico *calcanhar de Aquiles*, podemos associar várias línguas do Ocidente, como, por exemplo, o alemão (*etw. ist jemandes Achillesferse*), inglês (*the heel of Achilles*), francês (*le talon d' Achille*) e português (*o calcanhar de Aquiles*)²¹⁶; no âmbito das variações diafásicas, percebe-se que, no seio do campo semântico *morrer*, as expressões *entregar a alma ao Criador* e *bater a bota* pertencem respetivamente ao registo formal e informal.

No quarto capítulo – “Sinonímia – Equivalência – Texto” -, Dias (2010: 194) afirma que, contrariamente ao que sucede com a sinonímia, “a equivalência joga no nível interlingual”. E acrescenta:

“Não obstante os condicionalismos sócio-culturais e históricos, é possível assinalar dois factores que favorecem a relação de equivalência formal, semântica e conceptual ou ideológica entre línguas. O primeiro factor está ligado à proximidade ou afinidade entre culturas no que diz respeito aos seus usos, costumes e [...] convenções. É de esperar que culturas que possuem ‘ritos’ muito semelhantes ou até iguais apresentem expressões idiomáticas muito semelhantes em termos formais, semânticos e conceptuais. O segundo factor [...] está relacionado com a partilha de uma mesma base antropológica” (Dias, 2010: 194).

Para explicitar esta “mesma base antropológica”, Dias (2010: 195-196) socorre-se dos somatismos cinéticos de Mellado Blanco (2004). Através desta autora, Dias verifica que os somatismos portugueses *torcer o nariz*, *arregalar os olhos* e *baixar os olhos* têm expressões equivalentes em alemão (*die Nase rümpfen*, *die Augen aufreißen*, *die Augen zu Boden schlagen*), espanhol (*torcer la nariz*) e inglês (*to turn up one's nose at something*)²¹⁷, o que comprova a existência de uma base antropológica, neste caso o corpo humano, comum às várias culturas, permitindo o estabelecimento de equivalência formal, semântica e concetual entre línguas.

Um outro autor de que se socorre Dias para explicar o que se entende por *equivalência interlingual* é Larreta (2001). Dias apoia-se na obra deste autor - *Fraseología contrastiva del alemán y el español* -, mais concretamente no *corpus* bilingue (alemão-espanhol) de

²¹⁶ Vd. Dias, 2010: 185.

²¹⁷ No inglês, além de *to turn up one's nose at something*, temos ainda *to open one's eyes wide*, *to cast one's eyes down* / *to cast one's eyes to the ground*.

somatismos, e aplica ao par de línguas alemão-português. Partindo da distinção de Larreta entre equivalência total, equivalência parcial e equivalência lexical, Dias (2010: 196-206) apresenta casos abundantes de EI (*fraseolexemas* para Larreta) que ora acentuam as semelhanças/equivalências, ora as diferenças entre as duas línguas²¹⁸. Ponderadas as aproximações e os afastamentos interlinguais, será possível concluir que “nas três línguas – alemão, português, espanhol – muitas das ‘expressões’ fisiológicas, fisionômicas e corporais são ‘traduzidas’ ou transpostas para o plano linguístico de uma forma muito similar ou idêntica”, fazendo acreditar na *equivalência translingual*, isto é, na “existência de expressões que numa situação de comunicação específica desempenham a mesma função comunicativa” (Dias, 2010: 205-206).

A fechar o tema da equivalência idiomática interlingual, Dias (2010: 206-218) apresenta ainda um estudo de caso: a “análise da relação de equivalência entre a expressão portuguesa *dar cabo de* e as expressões de partida alemãs”, precisamente por ser esta a expressão com o número mais elevado de equivalentes alemães (doze) no *Dicionário Idiomático Português-Alemão* (Schemann & Dias, 2005). Graças à sua estrutura bifacetada, este dicionário oferece, por um lado, uma perspectiva interlingual (expressão portuguesa e respetivos equivalentes em alemão), por outro, uma perspectiva intralingual (relação sinonímica entre equivalentes alemães) (*apud* Dias, 2010: 206).

Em hora de balanço, do trabalho de Idalete Dias interessa reter, em primeiro lugar, a coragem por ter abordado as EI no terreno sempre difícil da semântica, com especial destaque para a sinonímia e para os tropos *metáfora*, *metonímia* e *sinédoque*; em segundo, o acesso a autores como Otto Ducháček, Harald Burger e Hans Schemann; em terceiro lugar, a dimensão contrastiva da fraseologia portuguesa, fortalecida não só pelas relações com a língua alemã, mas também com a inglesa, a espanhola e a francesa; em quarto e último lugar, a possibilidade de podermos aproveitar, para o ensino-aprendizagem do português (língua materna e língua não materna), muitos dos conhecimentos partilhados ao longo do seu trabalho.

²¹⁸ Entre as diferenças sobretudo de natureza formal e semântica, Dias (2010: 198-204) apresenta vários casos: artigo indefinido no ale. vs artigo definido em port. (*einen kühlen* / *manter a cabeça fria*); determinante possessivo no ale. vs artigo definido no port. (*seine* (*eigene*) *Haut retten* / *salvar a pele*); disparidade no número (*jm. sein Ohr leihen* (sing.) / *dar ouvidos a alguém* (plu.)), entre outras.

3.4.9. Outros contributos fraseológicos:

Revista *Polifonia e Associação Portuguesa de Linguística*

Apesar dos inúmeros autores e obras que aqui analisámos, não nos foi possível chegar a fontes que nos parecem importantes no domínio da fraseologia. É o caso de *Ensaio fraseológico, ou coleção de frases metafóricas, elegancias, idiotismos, sentenças, provérbios e anexins da lingua portuguesa*, de Francisco António da Cunha de Pina Manique (1856)²¹⁹, e “Fraseologia portuguesa: algumas perspectivas de pesquisa”, de Bernhard Poll (1994). Também não nos foi possível consultar diretamente a tese de doutoramento de Gabriela Funk (1993) - *A função do provérbio em português e em alemão: análise contrastiva de um corpus de provérbios contextualizados* (Universidade dos Açores) -, nem a tese de mestrado de Lucilia Chacoto (1994) - *Estudo e formalização das propriedades léxico-sintáticas das expressões fixas proverbiais* (Universidade de Lisboa)²²⁰.

Um estudo que nos merece alguma atenção no domínio da fraseologia paremiológica é “O essencial sobre os provérbios medievais portugueses” de José Mattoso (Mattoso, 2001 [1987]). O autor explica as motivações do seu trabalho do seguinte modo: “Não existindo recolhas medievais de provérbios portugueses, o presente estudo baseia-se fundamentalmente nas estabelecidas por Teófilo Braga, e publicadas na *Revista Lusitana*, em 1914 e em 1915, a partir de obras anteriores ao fim do século XVI” (Mattoso, 2001: 209). Depois, examina os adágios (ou provérbios ou ditados ou refrões) que escolheu, integrando-os em cinco grupos: “I – *Provérbios burlescos*” (pp. 303-305), “II – *As normas estabelecidas*” (pp. 307-312), “III – *Ordem e subversão*” (pp. 313-314), “IV – *A família, a mulher, o amor*” (pp. 315-321) e “V – *Natureza e sobrenatureza*” (pp. 323-326).

²¹⁹ Relativamente à obra de Pina Manique, sabemos que se encontra na Biblioteca Nacional, em Lisboa (vd. http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1353000E48Q72.97512&profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionsummary&uri=full=3100024~!682676~!2&ri=1&aspect=basic_search&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Manique%2C+Francisco+Ant%C3%B3nio+da+Cunha+de+Pina&index=AUTHOR&uindex=&aspect=basic_search&menu=search&ri=1#focus, consultado em 18/07/2013). Pina Manique foi publicista, nasceu em Lisboa a 13-06-1814 e morreu nesta cidade a 07-01-1883. Era neto paterno do célebre intendente-geral da Polícia, Diogo Inácio de Pina Manique. Trabalhou no Banco Hipotecário. Nos intervalos que lhe deixavam as suas muitas ocupações, escreveu algumas obras, entre as quais salientamos as seguintes: *Manual Civil, Moral e Religioso para uso da juventude*, Lisboa, 1850; *Ensaio fraseológico ou coleção de frases metafóricas, elegâncias, idiotismos, sentenças, provérbios e anexins da lingua portuguesa*, Lisboa, 1856; e *Portugal de 1828 a 1834*. Compôs muitos versos. Colaborou no jornal *A Nação* (vd. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XXI).

²²⁰ A impossibilidade da consulta das teses de Funk e Chacoto deveu-se a constrangimento impostos pelas obras de remodelação a que estiveram sujeitas as bibliotecas da Universidade do Minho-Braga.

O interesse deste estudo de Mattoso manifesta-se, no nosso entender, de duas formas: (1) revela um conhecimento alargado das fontes mais antigas da fraseologia paremiológica do português (os estudos de alguns colaboradores da RL, mas também os cancioneiros dos trovadores medievais, o *Cancioneiro geral de Garcia de Resende*, a *Comédia Olyssipo*, *Comédia Eufrosina* e *Auleographia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, a *Feira dos Anexins* de D. Francisco Manuel de Mello e as recolhas de António Delicado, de 1651, entre outras); (2) dá a conhecer a cultura popular portuguesa (predominantemente medieval mas com alguns laivos de modernidade), através da análise dos provérbios presentes num *corpus* de textos antigos (sécs. XIII-XVI).

De entre as fontes de que se serviu Mattoso (2001), destacamos a *Feira dos Anexins*, obra póstuma de D. Francisco Manuel de Mello (1608-1666), editada por Inocêncio Francisco da Silva em 1875. A sua importância para a fraseologia portuguesa pode ser avaliada nas palavras de Alexandre Herculano:

“[...] *Feira dos Anexins*, livro curioso, em que estão lançadas methodicamente as metaphoras e locuções populares da lingua portugueza, e que seria quasi um manual para os escriptores dramaticos, principalmente do genero comico, que quizessem fazer falar as suas personagens com phrase conveniente, e com as graças e toque proprio da nossa lingua portugueza e do verdadeiro estylo dramatico, cousa [...] de que tão arredios andam os que ora o começam a cultivar entre nós, embuidos dos destemperos, escaracéos e expressões falsissimas, que aprendem pelos livros do visconde d’Arlincourt, e ainda dos grandes auctores dramaticos francezes” (Alexandre Herculano, *O Panorama*, vol. IV, 1840, p. 296)²²¹.

Apoiados nas palavras de Herculano, podemos afirmar que a *Feira dos Anexins* é uma espécie de manifesto contra a influência estrangeira na literatura portuguesa. Mediante o conhecimento e uso de *metaphoras e locuções populares* da nossa língua, a obra de D. Francisco Manuel de Mello parece garantir aos escritores nacionais textos (dramáticos) mais genuínos e graciosos.

Já vimos que Herculano (1840) se refere aos *anexins* como *metaphoras e locuções populares*. Todavia, uma consulta atenta do livro de Francisco Manuel de Mello (1875) leva-nos a concluir que o termo *anexim* é associado preferencialmente a *metaphora*. Na verdade, além do título “Metaphoras ou Feira de Anexins”, impresso na primeira página, todos os diálogos que

²²¹ *O Panorama: Jornal Litterario e Instructivo da Sociedade Propagadora dos conhecimentos úteis*, Volume quarto, Lisboa, 1840. Disponível em http://www.cesaajose.com.br/biblioteca/Feira_dos_anexins_by_Francisco_Manuel_de_Melo.pdf, consultado em 10/09/2015.

constituem as duas primeiras partes da obra são identificados por uma entrada onde a palavra *metaphora* está sempre presente: “Em metaphora de cabellos” (Parte Primeira, Dialogo I, p. 1), “Em metaphora de falar” (Parte Primeira, Dialogo V, p. 96), “Em metaphora de Deus” (Parte Segunda, Dialogo I, p. 123), etc.

Mas estes anexins ou metáforas do livro de Mello corresponderão a que unidades fraseológicas (vd. Corpas Pastor, 1996)? Percorridos os vários diálogos da obra, facilmente verificámos que predominam claramente as expressões idiomáticas, sobretudo no campo lexical dos somatismos (“mettam as mãos na massa”, p. 1; “sem pés, nem cabeça”, p. 3; “cara de poucos amigos”, p. 8; etc.), surgindo aqui e ali um ou outro enunciado fraseológico, principalmente provérbios (“o mal e o bem á face vem”, p. 10; “pela boca morre o peixe”, p. 16; “dar a Deus o que é de Deus, e a César o que é de César”, p. 124; etc.). Por vezes, nos diálogos surgem fraseologismos em língua estrangeira, como é o caso de “contra el gusto, no ay disputa” (pp. 66 e 75) e “Hoc opus, hic labor est!” (p. 94), e frases que reforçam o valor da dimensão fraseológica da língua: “Ainda assim, não cuidei que a metaphora d’um pé, produzisse tanto anexim!” (p. 45) e “A metaphora é um Protheo revestido de varias fórmas.” (p. 70) – diz-se nos diálogos da *Feira dos Anexins*.

Concluimos a nossa referência à obra de D. Francisco Manuel de Mello (1875), extraindo dela duas ideias basilares: (1) os *anexins* (ou *metaphoras* ou *locuções populares*) da língua portuguesa conferem-lhe uma identidade própria que a distingue das demais (vd. § 4.2.3. Especificidade e Universalidade das Expressões Idiomáticas, neste nosso trabalho), (2) a expressão idiomática possui uma dimensão metafórica, tal como virão a reafirmar, por exemplo, José Joaquim Nunes (1922) e Mário Vilela (2002)²²².

Não daremos por encerrado este assunto sobre contributos para a fraseologia portuguesa sem uma análise, que apresentamos em anexo, de duas publicações com interesse fraseológico: a Revista *Polifonia* e as *Atas da Associação Portuguesa de Linguística* (vd. ANEXO 3 “Contributos da Revista *Polifonia* (1997-2004) para a Fraseologia Portuguesa” e ANEXO 4 “Contributos da *Associação Portuguesa de Linguística* (1985-2013) para a Fraseologia Portuguesa”).

²²² A propósito da relação entre a expressão idiomática e a metáfora, vd., neste nosso trabalho, § 4.1.2.4. Vilela (2002): metáforas-fraseologias *à flor da pele* e o artigo “A metáfora na linguagem” (Vasconcelos, RL XXIV, 1922: 286-294) de José Joaquim Nunes, em ANEXO 2: Contributos da *Revista Lusitana* (1887-1943) para a Fraseologia Portuguesa.

3.5. Conclusão

Em 1912 (3 anos depois da publicação do *Traité* de Bally) já havia, usando a expressão de Óscar de Pratt, “fraseologia portuguesa”, e antes de 1912 podemos encontrar materiais fraseológicos. O Pratt das “Locuções petrificadas”, publicadas em 1912 na RL (e depois, de forma mais extensa, em 1914, na RM), levou-nos a recuar ao Pratt de 1910, concretamente a um artigo intitulado “Frazes Feitas, breves considerações ao livro do snr. João Ribeiro”. Principal mentor de Pratt, o brasileiro João Ribeiro havia publicado, em 1908-1909 (o 1.º vol., em 1908: um ano antes do *Traité* de Bally), *Frazes Feitas*. Em que fontes se teria apoiado João Ribeiro? De onde teria vindo a designação *Frazes Feitas*?

Quando falamos de fraseologia, não estamos a pensar no importantíssimo material fraseológico fornecido pelos antigos adagiários de Delicado (1651), Bento Pereira (1723) e Rolland (1780), por exemplo; estamos, antes, a invocar autores e estudos que trataram e refletiram, metafraseologicamente, sobre esses materiais linguísticos: Leite de Vasconcelos e alguns dos colaboradores da RL (Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Pedro d’Azevedo, Sousa Viterbo, Eugénio Pacheco, José Maria Adrião e Óscar de Pratt, entre outros), revista que ele próprio criou em 1887 (o último volume, XXXVIII, é de 1943), ficam definitivamente associados à génese da fraseologia portuguesa.

Mas o primeiro ensaio de natureza fraseológica de que temos conhecimento - “Ditados tópicos de Portugal coligidos da tradição oral” - nem sequer veio a lume na RL: “êste opusculo é o primeiro ensaio que do género aparece em Portugal [...]; por isso sai deficiente” e constitui uma “Reprodução de um folheto de 21 páginas, publicado em Barcelos em 1882, com o mesmo título” - afirma o seu autor, Leite de Vasconcelos (*Opúsculos* VII, 1938: 668). Todavia, a *Revista Lusitana* não deixa de ser o principal repositório dos primeiros estudos de fraseologia portuguesa. Logo no 1.º volume da RL (1887-89), surgem alguns artigos com interesse fraseológico. Num deles, Leite (p. 227) usa - e continuará a usar (vd., por ex., RL IV, 1896: 124) - a expressão “phrases feitas”, precisamente a mesma que vinte anos depois Ribeiro adotou (sem nunca o ter mencionado) para título da sua obra (1908-1909). Assim, e de acordo com os nossos dados, a fraseologia portuguesa, como estudo filológico (essencialmente etnográfico, etimológico e estilístico), por vezes contrastivo, de *frases feitas* (onde abundam EI e provérbios atualíssimos), existe pelo menos desde os anos 80 do século XIX e tem como fundador José Leite de Vasconcelos.

Depois de Leite de Vasconcelos e da RL (1887-1943), outros nomes e estudos se seguiram, contribuindo para a definição e consolidação da fraseologia portuguesa. Entre eles, destacamos Rodrigues Lapa (1945), Herculano de Carvalho (1967), Mário Vilela (1984-2005), Guilhermina Jorge (a partir de 1991), Ana Cristina Macário Lopes (1992), Luís Rebelo (1998), Maria Elisete Afonso (2000), Maria Susana Duarte (2006), Cecília Polónia (2009), Bárbara Gama (2009), Rute Silva (2010), Hans Schemann (2002-2009) e Idalete Dias (2010). A nível de projetos, disponíveis *online*, não podemos esquecer *Combina-PT* (Combinatórias Lexicais do Português) do CLUL, coordenado por Maria Amália Mendes e de que falaremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

UNIDADES FRASEOLÓGICAS E EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

4.1. Unidades Fraseológicas

4.1.1. Eleição de um termo geral: da Fraseologia à Unidade Fraseológica

Nos dois capítulos anteriores – “Fraseologia Geral” (cap. 2) e “Fraseologia Portuguesa” (cap. 3) – quisemos identificar alguns autores que, a nível nacional e internacional, contribuíram para a génese e consolidação dos estudos fraseológicos. Nesta fase do nosso trabalho, olhemos de novo os autores e teorias que coligimos, e aproveitemos deles o que de melhor nos oferecem para a eleição de um termo fraseológico geral, para a sua definição e descrição das suas subclasses.

Para já, comecemos por fazer um levantamento dos principais termos que, no português, designam os possíveis objetos de estudo da fraseologia²²³:

- (1) *Adagio/Adágio* (Delicado, 1651; Rolland, 1780 e 1841; Viterbo, 1902; Azevedo, 1907; Lino da Silva, 1989; Funk, 1995; Afonso, 2000), *Adágio* (ou *Anexim*) (Braga, 1914; outros), *Adágio* (ou *Locução* ou

²²³ Relativamente às designações usadas nas línguas estrangeiras (sobretudo espanhol, inglês, alemão e francês), recorreremos a Corpas Pastor (1996: 17-18) e a Cowie (2005 [1998]: 5 e 7) para dar conta das mais habituais: *Cliché* (Bally, 1951 [1909]); *Collocation/Colocação* (Firth, 1958; Mel'čuk, 2005 [1998]; entre outros); *Expresión fija* (Zuluaga, 1980; García-Page Sánchez, 1990a; Martínez Marin, 1991); *Fixed expression* (Alexander, 1978, 1979, 1984, 1989; Moon, 1992a, 1992b); *Phrase figée* (Gross, 1988); *Set expression* (Arnold, 1973); *Set phrase* (Winter, 1992; Mel'čuk, 2005 [1998]); *Fixiertes Wortgefüge* (Thun, 1978); *Expresión pluriverbal* (Casares, 1992 [1950]); *Unidad pluriverbal lexicalizada y habitualizada* (Haensch *et al.*, 1982; Corpas Pastor, 1995 [1994]) ou *Unidad léxica pluriverbal* (Hernández, 1989); *Multiword unit* (Cowie, 1985, 1989a, 1991); *multiword lexeme* (Gates, 1988); *multiword lexical unit* (Zgusta, 1967, 1971; Cowie, 1992; Verstraten, 1992; Winter, 1992); *Expressão Idiomática e Idiomatismo* (Vinogradov, 1946-1947); *Expressão idiomática* (Corpas Pastor, 1996; entre outros); *Idiom* (Amosova, 1963; Mel'čuk, 1988b; Gläser, 1988a; Piirainen, 2012; entre outros); *Lexikalische Solidaritäten/Solidariedades léxicais* (Coseriu, 1967); *Locution* (Saussure, 1916); *Locution phraséologique/Série phraséologique* ou *groupement usuel/Unité phraséologique* (Bally, 1951 [1909]); *Unidade fraseológica/Aderência* (ou *fusão*) *fraseológica/Combinação fraseológica* (Vinogradov, 1946-1947); *Unidad fraseológica* ou *fraseologismo* (Zuluaga, 1980; Haensch *et al.*, 1982; Carneado Moré, 1985c; Tristán Pérez, 1988; Martínez López, 1996; Corpas Pastor, 1996; González Rey, 2004); *Phraseologische Einheit* (Kühn, 1984, 1985); *Phraseologismus* (Schaefer, 1979; Babkin, 1981; Gläser, 1986b; Dobrovolskij, 1988; Burger, 1989; Kromann, 1989b; entre outros); *phraseologische Ausdrucksverbindung* (Boguslawsky, 1979); *phraseologische Wortverbindung* (Burger, 1983); *Phraseolexeme* (Braasch, 1988; B. Wotjak, 1989, 1992; G. Wotjak, 1989); *Phraseme* (Matešič, 1983b; Braasch, 1988); *Phraseme* or *Set phrase* (Mel'čuk, 2005 [1998]); *Sintema* (Martinet, 1967); *Virtuème* (Pottier, 1964).

- Provérbio*) (Adrião, 1916; outros), *Adágio* (ou *Anexim* ou *Proverbio* ou *Refrão* ou *Rifão* ou *Ditado* ou *Exemplo* ou *Vervo/ Verbo* ou *Verso* ou *Palavra*) (Moreira, 1907);
- (2) *Anexim* (Mello, 1875; Moreno, 1897-1899), *Anexim* (ou *Rifão* ou *Proverbio* ou *Phrase*) (Rebello, 1911), *Anexim* (ou *Adágio*) (Braga, 1914; outros), *Anexim* (ou *Proverbio* ou *Rifão* ou *Refrão* ou *Adágio* ou *Ditado* ou *Exemplo* ou *Vervo/ Verbo* ou *Verso* ou *Palavra*) (Moreira, 1907); *Anexim* (ou *Ditado* ou *Parémia* ou *Provérbio*, etc.) (Tchobánova, 2004);
- (3) *Associações lexicais frequentes* (Nascimento, 1995);
- (4) *Chapa* (ou *Cliché*) (Lapa, 1945), *Chapa quatro* (Vilela, 2002);
- (5) *Chavão* (Vilela, 2000);
- (6) *Cliché/ Cliché* (Vilela, 2000 e 2002), *Cliché* (ou *Chapa*) (Lapa, 1945);
- (7) *Colocação* (Vilela, 1984 e 1994; Iriarte Sanromán, 1996; Tchobánova, 2004; Lopes & Rio-Torto, 2007; Gama, 2009)²²⁴, *Colocação* (ou *Semi-frasema*) (Iriarte Sanromán, 2001);
- (8) *Combinação não livre* (ou *Frasema*) (Iriarte Sanromán, 1996);
- (9) *Combinatória* (ou *Collocation*) (Leiria, 2006; Antunes, 2007), *Combinatória lexical* (Iriarte Sanromán, 1996; Valente, 2003; Antunes, 2007), *Combinatórias* (Nascimento, 1995);
- (10) *Comparações fixas* (Tchobánova, 2006; outros);
- (11) *Co-ocorrência léxica* (Iriarte Sanromán, 1996);
- (12) *Coocorrentes/Co-ocorrentes privilegiados* (Leiria, 2006; Antunes, 2007);
- (13) *Dictado/ Ditado tópico* (Leite de Vasconcelos, 1882; Thomaz Pires, 1887-1889), *Ditado* (ou *Anexim* ou *Proverbio* ou *Refrão* ou *Adágio* ou *Rifão* ou *Exemplo* ou *Vervo/ Verbo* ou *Verso* ou *Palavra*) (Moreira, 1907), *Ditado* (ou *Provérbio*) (Barreiros, 1916), *Ditado* (Diogo Ribeiro, 1930), *Ditado* (ou *Provérbio* ou *Parémia* ou *Anexim*, etc.) (Tchobánova, 2004);
- (14) *Dito* (Barreiros, 1916), *Dito popular* (Adrião, 1900-1901), *Dito sentencioso* (Lino da Silva, 1989);
- (15) *Estereótipo* (Vilela, 2000 e 2002), *Estereótipo cultural* (Marques, 2010);
- (16) *Exemplo* (ou *Anexim* ou *Proverbio* ou *Refrão* ou *Adágio* ou *Ditado* ou *Rifão* ou *Verbo/ Vervo* ou *Verso* ou *Palavra*) (Moreira, 1907);
- (17) *Expressão* (Leite de Vasconcelos, 1896, 1915 e 1934), *Expressão fixa* (ou *Fraseologia* ou *Expressão idiomática*) (Vilela, 2000), *Expressão fixa proverbial* (Chacoto, 1994), *Expressão idiomática* (Schemann, 1981 e 2002/2009; Jorge, 1991; Lopes, 1992; Iriarte Sanromán, 1996; Vilela, 2002; Leiria, 2006; Duarte, 2006; Antunes, 2007; Polónia, 2009; Silva, 2010; Dias, 2010; Marques, 2010), *Expressão idiomática de caráter proverbial* (Batoréo, 2005), *Expressão idiomática* (ou *Fraseologia*) (Vilela, 2002; Rebelo, 1998), *Expressão idiomática* (ou *Fraseologia* ou *Expressão fixa*) (Vilela, 2000), *Expressão idiomática* (ou *Frasema completo*) (Iriarte Sanromán, 2001), *Expressão metafórica* (Michaëlis de

²²⁴ Em *Semântica* - pequeno livro da coleção “O Essencial sobre Língua Portuguesa” -, Lopes e Rio-Torto (2007), para explicar o item “Combinatórias entre palavras: restrições de selecção, solidariedades lexicais” (pp. 38-41), utilizam o termo “colocações”. No entanto, as autoras usam-no para se referirem a qualquer tipo de combinatórias lexicais, tenham elas significação relativamente transparente, como “barco à vela” e “energias renováveis”, ou significação opaca/parcialmente opaca, como é o caso de “meninas-dos-olhos” e “sem pés nem cabeça” (vd. Lopes & Rio-Torto, 2007: 40-41).

- Vasconcelos, 1902), *Expressão pitoresca* (Leite de Vasconcelos, 1896, 1915 e 1934; Diogo Ribeiro, 1930);
- (18) *Fósseis da linguagem* (Leite de Vasconcelos, 1935);
- (19) *Frase* (Diogo Ribeiro, 1930), *Frase/Fraze/Phrase feita* (Leite de Vasconcelos, 1887-1889; Pacheco, 1902; Ribeiro, 1908-1909), *Frase estereotipada* (Barreiros, 1916), *Frase feita* (ou *Grupo fraseológico* ou *Idiotismo* ou *Locução estereotipada*) (Lapa, 1945), *Frase popular* (Correia, 1916, 1917 e 1925; Barreiros, 1916), *Phrase* (ou *Rifão* ou *Provérbio* ou *Anexim*) (Rebello, 1911);
- (20) *Frasema* (Iriarte Sanromán, 2001), *Frasema* (ou *Combinação não livre*) (Iriarte Sanromán, 1996);
- (21) *Fraseologia* (Gonçalves, 2004), *Fraseologia* (ou *Expressão idiomática*) (Vilela, 2002; Rebelo, 1998), *Fraseologia* (ou *Expressão idiomática* ou *Expressão fixa*) (Vilela, 2000);
- (22) *Fraseologismo* (ou *Unidade fraseológica*) (Tchobánova, 2004);
- (23) *Grupo cristalizado* (Leiria, 2006; Antunes, 2007), *Grupo semi-cristalizado* (Leiria, 2006; Antunes, 2007), *Grupo fraseológico* (ou *Idiotismo* ou *Frase feita* ou *Locução estereotipada*) (Lapa, 1945);
- (24) *Idiotismo* (ou *Grupo fraseológico* ou *Frase feita* ou *Locução estereotipada*) (Lapa, 1945);
- (25) *Locução* (Michaëlis de Vasconcelos, 1895; Moreno, 1897-1899; Viterbo, 1902), *Locução* (ou *Provérbio* ou *Adágio*) (Adrião, 1916; outros), *Locução* (ou *Expressão popular* ou *Frase*) (Moreira, 1906; Leite de Vasconcelos, 1915), *Locução adverbial, prepositiva, verbal, etc.* (Diogo Ribeiro, 1930; Júnior, 1939), *Locução estereotipada* (ou *Locução petrificada*) (Pratt, 1912 e 1914), *Locução estereotipada* (ou *Grupo fraseológico* ou *Idiotismo* ou *Frase feita*) (Lapa, 1945), *Locução fraseológica* (Lapa, 1945);
- (26) *Lugar comum* (Vilela, 2002);
- (27) *Metáfora* (Mello, 1875; Nunes, 1922; Vilela, 2002);
- (28) *Modismo* (Diogo Ribeiro, 1930);
- (29) *Modo de dizer* (Júnior, 1939);
- (30) *Nariz de cera* (Vilela, 2002);
- (31) *Palavra* (ou *Anexim* ou *Proverbio* ou *Refrão* ou *Adágio* ou *Ditado* ou *Exemplo* ou *Vervo/ Verbo* ou *Verso* ou *Rifão*) (Moreira, 1907);
- (32) *Parémia* (Diogo Ribeiro, 1930);
- (33) *Protótipo* (Vilela, 2002);
- (34) *Proverbio/Provérbio* (Michaëlis de Vasconcelos, 1887-1889 e 1986; Adrião, 1916; Lopes, 1992; Funk, 1993 e 1995; Vilela, 2000 e 2002), *Proverbio* (ou *Anexim* ou *Rifão* ou *Refrão* ou *Adágio* ou *Ditado* ou *Exemplo* ou *Vervo/ Verbo* ou *Verso* ou *Palavra*) (Moreira, 1907), *Provérbio* (ou *Rifão* ou *Anexim* ou *Phrase*) (Rebello, 1911), *Provérbio* (ou *Ditado*) (Barreiros, 1916), *Provérbio* (ou *Sentença*) (Azevedo, 1902), *Provérbio* (ou *Ditado* ou *Parémia* ou *Anexim*, etc.) (Tchobánova, 2004);
- (35) *Rifão* (Leite de Vasconcelos, 1887-1889 [1886]; Viterbo, 1902), *Rifão* (ou *Anexim* ou *Proverbio* ou *Refrão* ou *Adágio* ou *Ditado* ou *Exemplo* ou *Vervo/ Verbo* ou *Verso* ou *Palavra*) (Moreira, 1907); *Rifão* (ou *Provérbio* ou *Anexim* ou *Phrase*) (Rebello, 1911);
- (36) *Semi-frasema* (ou *Colocação*) (Iriarte Sanromán, 2001);
- (37) *Série fraseológica* (Lapa, 1945);
- (38) *Sintagma fixo* (Herculano de Carvalho, 1984 [1967]), *Sintagma fixo* (ou *Sintema*) (Marçalo, 1995);

- (39) *Sintema* (ou *Sintagma fixo*) (Marçalo, 1995);
- (40) *Solidariedades lexicais* (Vilela, 1984 e 1994);
- (41) *Termo composto* (Pinto, 1995);
- (42) *Unidade fraseológica* (Lapa, 1945; Lopes, 1992; Vilela, 2002), *Unidade fraseológica* (ou *Fraseologismo*) (Tchobánova, 2004), *Unidade pluri-verbal idiomática* (Vilela, 1994);
- (43) *Verbo/Vervo* (ou *Anexim* ou *Proverbio* ou *Refrão* ou *Adágio* ou *Ditado* ou *Exemplo* ou *Rifão* ou *Verso* ou *Palavra*) (Moreira, 1907);
- (44) *Verso* (ou *Anexim* ou *Proverbio* ou *Refrão* ou *Adágio* ou *Ditado* ou *Exemplo* ou *Vervo/ Verbo* ou *Rifão* ou *Palavra*) (Moreira, 1907).

Parece excessivo este número de termos que, no português, identificam os possíveis objetos de estudo da fraseologia. No entanto, só para designar *adágio*, Lino da Silva (em RL-Nova Série, N.º 10, pp. 157-187) conseguiu reunir cerca de 40 termos diferentes. E este exemplo é especialmente representativo uma vez que, ao longo dos capítulos “Fraseologia Geral” (cap. 2) e “Fraseologia Portuguesa” (cap. 3) deste nosso trabalho, tivemos a oportunidade de verificar a abrangência de termos como *provérbio*, *adágio* ou *ditado*, que serviam para incluir não só enunciados (*Tal pai, tal filho, Quem não deve não teme*, etc.), como também partes de enunciados (*Fazer das tripas coração, Dar por paus e por pedras*, etc.).

Para evitar esta vaguidade e dispersão terminológicas, cumpre-nos adotar um termo geral para designar um objeto de estudo – o da fraseologia - marcado por três traços fundamentais: (1) constituído por duas ou mais palavras²²⁵, (2) com um certo grau de lexicalização e (3) alta frequência de coaparição na língua (vd. Corpas Pastor, 2006: 18). Neste sentido, reconhecemos, no elenco atrás apresentado, termos com diferentes graus de adequação: por exemplo, *cliché/ clichê, frase feita, lugar comum, sintagma fixo, grupo cristalizado e locução petrificada* não nos merecem grande aceitação porque evocam, em geral, um sentido pejorativo, associado a um carácter *fossilizado*, incompatível com a atualidade e elevados níveis de frequência da maior parte das estruturas linguísticas em causa; por outro lado, termos como *solidariedades lexicais, coocorrências léxicas* e até *combinatórias lexicais* pecam, no nosso entender, por alguma vaguidade referencial. Quanto ao termo *fraseologia*, pelo facto de designar simultaneamente a

²²⁵ Maria João Marçalo, em *E-Dicionário de Termos Literários*, coordenado por Carlos Ceia, diz o seguinte no verbete “Fraseologia”: “A fraseologia situa-se no campo dos estudos do léxico, sendo considerada uma subdisciplina da lexicologia. Ocupa-se das combinações estáveis de unidades léxicas, constituídas por **mais de duas palavras gráficas**. O seu limite superior é a frase” (Disponível em <http://www.edtl.com.pt/business-directory/6197/fraseologia/>, consultado em 19/08/15. Sublinhado nosso).

ciência e o objeto, ou parte desse objeto (vd., por exemplo, Vilela, 2002), também nos parece desaconselhável.

Tendo nós assumido a fraseologia como ciência que estuda um objeto linguístico (1) constituído por duas ou mais palavras, (2) com um certo grau de lexicalização e (3) alta frequência de coaparição na língua, defendemos, para esse objeto linguístico, um termo que se coadune não só com os três traços acima referidos, mas que evoque fonética e graficamente o domínio onde é estudado (a fraseologia). Sendo assim, e tendo em conta pares terminológicos como lexicologia-lexema, morfologia-morfema e fonologia-fonema, haveria uma certa tendência para optar pelo par fraseologia-frasema. Todavia, preferimos o termo *unidade fraseológica* (UF) pelas seguintes razões:

- (1) é constituído por mais de uma palavra;
- (2) evoca o termo do qual deriva (*fraseologia*);
- (3) explicita a *unidade* existente entre os seus constituintes.

Por último, interessa registar que o termo *unidade fraseológica* tem merecido, ao longo da história da fraseologia, uma aceitação consistente e alargada (vd. Corpas Pastor, 2006: 18-19).

4.1.2. Unidades Fraseológicas: Classificações

Escolhido o termo geral para designar o objeto de estudo da fraseologia – *unidade fraseológica* –, cabe-nos agora determinar, de forma mais sistemática, os seus traços linguísticos e os das suas subclasses. Para isso, socorrer-nos-emos de quatro autores: Corpas Pastor, Mel'čuk, Iriarte Sanromán e Vilela. Mas a individualidade dos seus nomes é, de certo modo, aparente, uma vez que cada um deles, à sua maneira, se institui porta-voz de múltiplas vozes. Retomemos e aprofundemos, então, o que deles já dissemos ao longo dos capítulos “Fraseologia Geral” (cap. 2) e “Fraseologia Portuguesa” (cap. 3) deste nosso trabalho, tendo em vista a classificação das unidades fraseológicas.

4.1.2.1. **Corpas Pastor (1996): Uma voz feita de muitas vozes**

a) Classificações das Unidades Fraseológicas em Espanhol: antes de Corpas Pastor

Com o intuito de “ofrecer una propuesta alternativa y globalizadora” de classificação das UF, Corpas Pastor (1996: 33) faz um levantamento dos autores que mais contribuíram para a fraseologia espanhola.

A primeira referência vai para Julio Casares que, em 1950, apresenta a primeira classificação de UF²²⁶.

Depois, Corpas Pastor (1996: 35-38) comenta a importância de Eugenio Coseriu e do seu estudo “Structure lexicale et enseignement du vocabulaire” (1966). Refere que neste trabalho, inserido nas *Actes du premier colloque international de linguistique appliquée* (pp. 175-217), o autor distingue *technique du discours* de *discours répété*. Enquanto a técnica livre do discurso “abarca las unidades léxicas y gramaticales (lexemas, categoremas, morfemas) y las reglas para su modificación y combinación en la oración”, o discurso repetido “abarca todo lo que tradicionalmente está fijado como ‘expresión’, ‘giro’, ‘modismo’, ‘frase’ o ‘locución’ y cuyos elementos constitutivos no son reemplazables o re-combinables según las reglas actuales de la lengua” (Coseriu, *apud* Corpas Pastor, 1996: 36). De acordo com o nível estrutural em que se combinam, as unidades do discurso repetido apresentam-se divididas em três tipos: (i) *textemas* ou *frasesmas*, isto é, unidades equivalentes a orações e que são comutáveis no plano oracional e textual (*refranes, dichos, sentencias, frases metafóricas, proverbios, citas de autores conocidos...* e até *fragmentos literarios, poemas e oraciones religiosas*. Ex.: *Cada palo aguante su vela*, cada um que assuma as suas responsabilidades); (ii) *sintagmas estereotipados*, ou seja, unidades equivalentes a sintagmas e que são combináveis na oração e comutam com sintagmas (Ex.: *sans coup férir*, sem esforço algum); (iii) *perífrasis léxicas*, isto é, unidades equivalentes a palavras, a lexemas, que se combinam dentro da oração e que são comutáveis com palavras simples (Ex.: *hacer hincapié*, insistir) (vd. Corpas Pastor, 1996: 36-37).

Para Corpas Pastor (1996: 37), esta classificação de Coseriu é “rudimentaria y poco rigurosa”, uma vez que a distinção entre as diversas unidades não é clara, sobretudo entre os *sintagmas estereotipados* e as *perífrasis léxicas*. Além disso, incluem-se nos *textemas* unidades que não pertencem ao campo da fraseologia (os *poemas* e as *oraciones religiosas*, por exemplo).

²²⁶ Recorde-se o que dissemos em “2.2.3. Casares (1950): Fraseologia e Lexicografia Moderna”, neste nosso trabalho.

Todavia, com estas observações, Corpas Pastor não pretende desmerecer o contributo de Coseriu para os estudos fraseológicos: além de ter conseguido chamar a atenção para a parte mais fixa e estável do léxico, Coseriu acabou por influenciar significativamente autores que desenvolveram trabalhos no domínio da fraseologia²²⁷.

Um outro autor a merecer a atenção de Corpas Pastor (1996: 38-41) é H. Thun, graças à publicação, em 1978, de *Probleme der Phraseologie*²²⁸. Neste trabalho dedicado à fraseologia das línguas romances, Thun (*apud* Corpas Pastor, 1996: 38) utiliza o termo *unidades fraseológicas* ou *fixiertes Wortgefüge* (FWG) para ilustrar fenómenos gerais da língua, como a repetição e a fixação. O autor estuda as FWG na sua estrutura interna e externa, estabelecendo vários tipos. A fixação interna refere-se à fixação material e à fixação de conteúdo. A fixação externa apresenta quatro subtipos: *analítica*, *pasemática*, *situacional* e *posicional*. As unidades que apresentam fixação externa situacional ou posicional pertencem ao acervo linguístico da comunidade cultural; as que apresentam fixação analítica pertencem também ao mesmo acervo linguístico, mas os seus constituintes conservam o estatuto de unidades do sistema linguístico. No aspeto semântico, existem FWG que não apresentam peculiaridades semânticas (*guardar las apariencias*), FWG com peculiaridades semânticas em algum ou alguns dos seus constituintes (tipo heterogéneo: *vivir como un rey*, viver muito bem) e FWG com peculiaridades semânticas em todos os seus constituintes (tipo homogéneo: *dorar la píldora*, suavizar uma situação difícil). Thun divide ainda as *fixiertes Wortgefüge* em FWG do sistema, FWG da norma e FWG da fala. As primeiras, que merecem especial atenção de Thun, correspondem em geral às *locuciones* de Casares (1992 [1950]) e apresentam fixação interna e externa. Pode acontecer que todos os seus constituintes estejam semanticamente ausentes (tipo homogéneo), ou só algum ou alguns deles (tipo heterogéneo). Quanto às FWG da norma, as *colocaciones* (*armar um escândalo*), apresentam fixação externa analítica mas não peculiaridades semânticas. Do ponto de vista do sistema, constituem sintagmas completamente livres²²⁹. Embora brevemente, Thun também se dedicou às FWG da fala. São UF externas à língua, com fixação interna e externa, situacional ou posicional, e podem apresentar peculiaridades semânticas (tipos homogéneo e heterogéneo). São exemplos de FWG da fala os *refranes*, *dichos* e parte das *citas*.

²²⁷ É o caso de García-Page Sánchez (1990) e Martínez López (1996) (*apud* Corpas Pastor, 1996: 38).

²²⁸ Thun, H. (1978). *Probleme der Phraseologie. Untersuchungen zur wiederholten Rede mit Beispielen aus den Französischen, Italienischen, Spanischen und Rumänischen*, «Beihefte zur Zeitschrift für Romanische Philologie 168», Tübinga, Max Niemeyer (*apud* Corpas Pastor, 1996: 310).

²²⁹ Apesar de Thun apresentar as *colocaciones* como completamente livres, nós reconhecemos nelas algumas restrições, com acontece em *amor mortal*, *lâmpada mate*, *papel fosco*, etc.

Esta classificação de Thun parece ter merecido grande aceitação por parte de Corpas Pastor uma vez que, como veremos nas páginas seguintes, a autora espanhola assumirá o termo geral *unidades fraseológicas* e apresentará uma classificação tendo em conta as noções de sistema, norma e fala.

Alberto Zuluaga e a sua *Introducción al estudio de las expresiones fijas* (1980) merecem também uma atenção especial por parte de Corpas Pastor (1996: 41-44)²³⁰. Graças a esta autora, sabemos que em Zuluaga as *expresiones fijas* ou *unidades fraseológicas* compreendem desde combinações constituídas por duas palavras até orações completas. Qualquer uma destas combinações se caracteriza pela sua fixação, fraseológica ou pragmática, e por um certo grau de idiomaticidade. Zuluaga apresenta uma dupla classificação das UF: segundo os traços da sua estrutura interna (fixação e idiomaticidade) e segundo o seu valor semântico-funcional, ao serem empregues como unidades no discurso. No domínio da estrutura interna, as UF podem ser fixas e não idiomáticas (*dicho y hecho*), semi-idiomáticas (*tira y afloja*) e idiomáticas (*a ojos vistas*). Quer as semi-idiomáticas, quer as idiomáticas são unidades obrigatoriamente fixas já que “la idiomaticidad presupone la fijación” (Zuluaga, *apud* Corpas Pastor, 1996: 41). Quanto ao valor semântico-funcional das expressões fixas, deve-se ter em conta as funções sintáticas por elas desempenhadas no discurso.

Segundo Corpas Pastor (1996: 41), Zuluaga, à semelhança de Casares, não inclui, pelo menos explicitamente, as colocações no âmbito da fraseologia. Por isso, na classificação de Zuluaga, as UF ou expressões fixas contemplam somente as *locuciones* e os *enunciados*. As primeiras são “expresiones fijas que necesitan combinarse con otros elementos en el interior de la frase para poder constituir un enunciado”; os *enunciados fraseológicos* são “expresiones fijas capaces de constituir por sí mismas enunciados completos” (Corpas Pastor, 1996: 42). Ainda segundo Zuluaga (*apud* Corpas Pastor, 1996: 42), as *locuciones* incluem *unidades gramaticales* (*prepositivas, conjuntivas e elativas*), *unidades léxicas* (*nominales, adnominales, adverbiales e verbales*) e *sintagmas* (*verbales*); ao passo que os *enunciados* integram *frases* (*clichés, fórmulas e dichos*) e *textos* (*refranes*). Se tivermos presente a classificação de Casares²³¹, verificamos que entre ela e a de Zuluaga há mais semelhanças que diferenças. Mas mais do que explicitar umas e outras²³², apraz-nos registar o interesse alargado que as UF despertam nos estudiosos e o

²³⁰ A obra *Introducción al estudio de las expresiones fijas* de Alberto Zuluaga Ospina surgiu da sua tese defendida dois anos antes, em 1978, na Univ. de Tubinga (Alemanha) (vd. Corpas Pastor, 2003: 18).

²³¹ Vd. “2.2.3. Casares (1950): Fraseologia e Lexicografía Moderna”, neste nosso trabalho.

²³² Para um conhecimento concreto destas semelhanças e diferenças, veja-se Corpas Pastor, 1996: 42-44.

aproveitamento que uns fazem dos resultados dos outros. O contributo de Zuluaga foi tal que Corpas Pastor (2003: 18), por um lado, considera a *Introducción al estudio de las expresiones fijas* o “punto de partida para toda la investigación posterior que sobre fraseología [espanhola] se ha desarrollado”, e, por outro, aponta Zuluaga como o “precursor de la fraseología moderna en España”.

Publicada em 1982, a obra *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*, da autoria de G. Haensch, L. Wolf, S. Ettinger e R. Werner, passa também pela apreciação de Corpas Pastor (1996: 44-46). A autora chama a atenção para o facto de o capítulo dedicado às combinações de palavras ser da responsabilidade de Ettinger. O(s) autor(es) distingue(m) dois tipos de unidades léxicas pluriverbais lexicalizadas e habitualizadas: as *colocaciones usuales*, cujos elementos constituintes se caracterizam por uma relativa liberdade de combinação (*éxito clamoroso*), e as *combinaciones fijas de lexemas*, ou seja, todas aquelas que não são *colocaciones*, como *unidades fraseológicas (dar un paseo)*²³³, *modismos (matarlas callando)*, *citas*, *refranes*, *fórmulas de la vida social* (de saudação, por exemplo) e *frases habituales (¿Qué tal?)*. Estas *combinaciones fijas* distinguem-se entre si pelo grau de liberdade que apresentam os seus constituintes.

No comentário feito a esta classificação de Haensch *et al.*, Corpas Pastor (1996: 46) mostra-se muito crítica, acusando-a de ser pouco sistemática e consistente: faltam exemplos elucidativos e os motivos que estarão na base da divisão entre *colocaciones* e *combinaciones fijas de lexemas* não são explicitados – refere a autora espanhola.

Antes da apresentação da sua proposta de classificação das UF, Corpas Pastor (1996: 46-50) destaca ainda o papel desempenhado por duas investigadoras da Academia de Ciências de Cuba: Zoila Victoria Carneado Moré (1985) e Antonia María Tristán Pérez (1979-80, 1985, 1988). Estas duas estudiosas, provavelmente as mais representativas da escola cubana de fraseologia, aplicaram os princípios fraseológicos russos à descrição e caracterização do espanhol. Carneado Moré, seguindo de perto obras de autores como V. V. Vinogradov (1947) e J. Casares (1950), propõe uma taxonomia de UF, de acordo com o grau de motivação e a estrutura gramatical do fraseologismo: (i) *adherencias* (“unidades completamente inmotivadas, de significado unitario traslaticio, que cumplen funciones oracionales: *perder la chaveta*, ‘volverse loco’”), (ii) *unidades* (distinguem-se das anteriores “por su carácter relativamente motivado”: *buscar la boca*, ‘provocar’), (iii) *combinaciones* (“formadas por varias palabras entre las cuales figura una que

²³³ Para Mel'čuk (2003), por exemplo, *dar un paseo* é uma colocação.

actualiza una acepción especial en virtud de su relación con las demás: *reinar el silencio*) e (iv) *expresiones fraseológicas* (“donde se incluyen refranes, proverbios, clichés y otras formaciones, esto es, combinaciones predicativas de palabras y oraciones”: *Chivo que rompe tambor con su pellejo paga*, ‘cada uno debe ser responsable de sus actos’). No âmbito das UF, Carneado Moré dedica-se mais detalhadamente às *adherencias* e às *unidades*. Tendo em conta os seus *rasgos léxico-gramaticales*, a autora cubana (*apud* Corpas Pastor, 1996: 48) inclui nas *adherencias* e nas *unidades* os seguintes fraseologismos: *verbales* (*pasar a mejor vida*, ‘morir’), *reflexivos* (*agarrarse a un clavo ardiendo*, ‘valerse de cualquier recurso para evitar un mal o conseguir un fin’), *propositivos* (*hacersele a alguien la boca agua*, ‘pensar con delectación en una cosa, especialmente de comer’), *conjuntivos* (*nadar y guardar la ropa*, ‘aprovecharse de una cosa sin arriesgarse demasiado’), *nominales* (*Luna de miel*, ‘primera época del matrimonio’), *adjetivos* (*de marca mayor*, ‘excelente, muy grande’), *adverbiales* (*a horcajadas*, ‘Dícese de la postura del que se monta en una caballería o en una persona o cosa echando cada pierna por su lado’), *fraseologismos con hecho/-a* (*hecho polvo*, ‘cansado y abatido’) e *fraseologismos con la/las* (*diñarla*, ‘morir’).

No entender de Corpas Pastor (1996: 49), também o trabalho de Tristán Pérez denota influência dos autores russos, no que diz respeito ao aspeto semântico e à motivação das UF, e de J. Casares, relativamente à divisão das UF em *locuciones*, *frases proverbiales* e *refranes*. Todavia, Tristán Pérez alarga o domínio das *locuciones* e, a partir da sua estrutura interna, apresenta dois tipos fundamentais: (i) fraseologismos “en cuya estructura interna se encuentra un «indicador mínimo» o «elemento identificador» que indica su condición de unidad fraseológica” e (ii) fraseologismos “en cuya estructura interna no se encuentra el elemento identificador” (*apud* Corpas Pastor, 1996: 49). No tipo (i), o “indicador” pode ser de carácter semântico ou léxico. Sendo o indicador de carácter semântico, as unidades tomam como base uma imagem incongruente ([*quere*] *comerse el mundo*, ‘alardear’); se o indicador for de carácter lexical, então as unidades apresentam entre os seus constituintes palavras desusadas fora da UF (*hacer el paripé*, ‘simular’), elementos onomatopaicos (*estar en un tris*, ‘estar a punto de’), empréstimos (*el dulce far niente*, ‘dulce ociosidad’) e arcaísmos (*parar mientes [en]*, ‘fijarse en una cosa’). No tipo (ii), encontramos os fraseologismos que têm uma sequência literal homónima. No caso de *tender la mano*, por exemplo, estaremos perante uma UF se o significado for ‘ofrecer ayuda’ e, portanto, o conjunto das palavras se impuser como uma unidade estável e metafórica, ainda que parcialmente (vd. Corpas Pastor, 1996: 49-50).

b) Proposta de Classificação das Unidades Fraseológicas em Espanhol: Corpas Pastor (1996)

Porque “incompletas” e “esquemáticas”, no entender de Corpas Pastor (1996: 50), as classificações até agora apresentadas parecem não reunir as condições necessárias para se assumirem como taxonomias representativas do sistema fraseológico espanhol. Daí que a autora apresente a sua proposta, uma proposta assente nos seguintes critérios básicos: (1) “elemento oracional u oración completa”; (2) “fijación en el sistema, en la norma o en el habla”; (3) “fragmento de enunciado o enunciado completo”; (4) “restricción combinatoria limitada o total”; e (5) “grado de motivación semántica” (Corpas Pastor, 1996: 50). Por *enunciado*, entende-se “una unidad de comunicación mínima, producto de un acto de habla, que corresponde generalmente a una oración simple o compuesta, pero que también puede constar de un sintagma o una palabra” (Corpas Pastor, 1996: 51).

De acordo com este critério, temos então (i) UF que não constituem *actos de habla* nem *enunciados*, já que precisam de se combinar com outros signos linguísticos e que equivalem a sintagmas; e (ii) UF que constituem *actos de fala* realizados por *enunciados completos*. No primeiro caso temos *colocaciones* e *locuciones*; no segundo, *enunciados fraseológicos*. Deste modo, podemos resumir o primeiro nível de classificação de Corpas Pastor através do seguinte esquema:

| | | | |
|--|----------------------------------|-----------------------|--|
| Unidades Fraseológicas (UFs) | - enunciado [- acto de habla] | Fijadas en la norma | Esfera I: <i>colocaciones</i> |
| | | Fijadas en el sistema | Esfera II: <i>locuciones</i> |
| | + enunciado [+ acto de habla] | Fijadas en el habla | Esfera III: <i>enunciados fraseológicos</i> |

Quadro 3 - Classificação das Unidades Fraseológicas em Espanhol: 1.º nível (Corpas Pastor, 1996)

Ao contrário das anteriores, esta proposta, na opinião de Corpas Pastor (1996: 50), permite estabelecer uma classificação global do sistema fraseológico já que combina “el criterio de enunciado – y, por consiguiente, de acto de habla – con el de fijación (en la norma, en el sistema o en el habla)”.

O segundo nível de classificação das UF só surge de forma esquemática depois de a autora se ter dedicado demoradamente a cada uma das subunidades: “Esfera I: Colocaciones” (cap. II), “Esfera II: Locuciones” (cap. III), “Esfera III: Enunciados Fraseológicos (Parecias)”

(cap. IV) e “Esfera III: Enunciados Fraseológicos (Fórmulas Rutinarias)” (cap. V)²³⁴. Aproveitemos o esquema apresentado anteriormente para darmos conta, com algumas adaptações nossas²³⁵, da classificação detalhada proposta por Corpas Pastor (1996: 270-271):

| | | | | | | |
|-------------------------------------|---------------------------------|-----------------------|--|--|---|--|
| UNIDADES FRASEOLÓGICAS (UFs) | - enunciado / [- acto de habla] | Fijadas en la norma | Esfera I: colocaciones | <ol style="list-style-type: none"> 1. V + S (sujeto): <i>correr um rumor.</i> 2. V + (prep. +) S (objeto): <i>poner en funcionamiento.</i> 3. Adj./S + S: <i>visita relámpago.</i> 4. S + prep. + S: <i>banco de peces.</i> 5. V + Adv.: <i>negar rotundamente.</i> 6. Adj. + Adv.: <i>opuesto diametralmente.</i> | | |
| | | Fijadas en el sistema | Esfera II: locuciones | <ol style="list-style-type: none"> 1. Loc. nominales: <i>mosquita muerta.</i> 2. Loc. adjetivas: <i>más papista que el Papa.</i> 3. Loc. adverbiales: <i>gota a gota.</i> 4. Loc. verbales: <i>meterse en camisa de once varas.</i> 5. Loc. prepositivas: <i>gracias a.</i> 6. Loc. conjuntivas: <i>antes bien.</i> 7. Loc. clausales: <i>salirle a alguien el tiro por la culata.</i> | | |
| | + enunciado / [+ acto de habla] | Fijadas en el habla | Esfera III: enunciados fraseológicos | Paremias | <ol style="list-style-type: none"> 1. Enunciados de valor específico: <i>Las paredes oyen.</i> 2. Citas: <i>El hombre es un lobo para el hombre.</i> 3. Refranes: <i>Por la boca muere el pez.</i> | |
| | | | | Fórmulas rutinarias | Fórmulas discursivas | <ol style="list-style-type: none"> 1. Fóm. de apertura y cierre: <i>¿Qué hay?; Hasta luego.</i> 2. Fóm. de transición: <i>A eso voy.</i> |
| | | | Fórmulas psico-sociales | <ol style="list-style-type: none"> 1. Fóm. expresivas: <ul style="list-style-type: none"> - de disculpa: <i>Lo siento.</i> - de consentimiento: <i>Ya lo creo.</i> - de recusación: <i>Ni hablar.</i> - de agradecimiento: <i>Dios se lo pague.</i> - de desear suerte: <i>Y usted que lo vea.</i> - de solidaridad: <i>Qué se le va a hacer.</i> - de insolidaridad: <i>¡A mí, plin!</i> 2. Fóm. comisivas (de promesa y amenaza): <i>Ya te apañaré.</i> 3. Fóm. directivas: <ul style="list-style-type: none"> - de exhortación: <i>Largo de aquí.</i> - de información: <i>Tú dirás.</i> - de ánimo: <i>No es para tanto.</i> 4. Fóm. asertivas: <ul style="list-style-type: none"> - de aseveración: <i>Por mis muertos.</i> - emocionales: <i>No te digo.</i> 5. Fóm. rituales: <ul style="list-style-type: none"> - de saludo: <i>¿Qué es de tu vida?</i> - de despedida: <i>Le saluda atentamente.</i> 6. Miscelánea: <i>Pelillos a la mar.</i> | | |

Quadro 4 - Classificação das Unidades Fraseológicas em Espanhol: 2.º nível (Corpas Pastor, 1996)

²³⁴ Sobre o estudo das fórmulas ou formas “rutinarias” no domínio da didática das línguas, veja-se “Las «formas rutinarias» en la enseñanza de ELE. Teoría y práctica” de Pilar Yagüe Gutiérrez, in Rodríguez Rodríguez, (coord.) (2003: 9-28).

²³⁵ As adaptações que introduzimos vão sobretudo no sentido da simplificação, apresentando para cada caso apenas um exemplo. Depois de 1996, C. Pastor continuou a publicar. Veja-se, por exemplo, Alvar Ezquerro & Corpas Pastor (1998), *Diccionarios, frases, palabras*.

4.1.2.2. Mel'čuk (2003): “Un natif parle en phrasèmes”?

Para apresentarmos a teoria fraseológica de Igor Mel'čuk, recorreremos preferencialmente ao seu artigo “Collocations dans le dictionnaire” (2003)²³⁶, uma vez que ele espelha, de alguma forma, os resultados publicados pelo autor entre 1967 e 1998. Relativamente à classificação das combinatórias lexicais, Mel'čuk (2003: 2) começa por definir *collocation* [*colocação*, em português]: “*Grosso modo*, une collocation est un PHRASÈME, c'est-à-dire un syntagme non libre”. Esta definição leva-o a distinguir *syntagme libre* de *syntagme non libre*: “Un syntagme [...] est *libre* si, et seulement si, il peut être construit, à partir d'un contenu informationnel donné, de façon 1) RÉGULIÈRE et 2) NON CONTRAINTE” (Mel'čuk, 2003: 2). E ainda:

“pour tout syntagme libre **AB** ayant le sens *S* et constitué de deux lexèmes **A** et **B** avec, respectivement, les sens *A* et *B*), nous pouvons dire que les lexèmes **A** et **B** sont sélectionnés (par le locuteur) pour le sens *S* de façon régulière et non contrainte, de sorte que $S = A \oplus B$ et $AB = A \oplus B$. Le syntagme libre **ABS** est parfaitement *compositionnel*. Cela veut dire que le sens d'un syntagme libre est égal à la composition (par l'opération \oplus) des sens de ses constituants, et sa forme est également la composition (toujours par l'opération \oplus) des formes de ses constituants; le choix de **A** et de **B** n'est pas contraint — entre autres, le locuteur peut utiliser n'importe quels synonymes de **A** et de **B**” (Mel'čuk, 2003: 3).

Em contrapartida, “un syntagme” “est *non libre* ou un *phrasème* si, et seulement si, il ne peut pas être construit, à partir d'un contenu informationnel donné, de façon RÉGULIÈRE et NON CONTRAINTE”. Por outras palavras, “un syntagme non libre=un phrasème est un syntagme non compositionnel” (Mel'čuk, 2003: 3).

Depois destes esclarecimentos, o autor defende a importância do *syntagme non libre* ou *phrasème* nos usos da língua. Diz-se frequentemente que o homem fala por palavras, o que pressupõe que, para falar bem uma língua, “il suffit d'en posséder le lexique (= les mots) et la grammaire (= la syntaxe + la morphologie). Or c'est faux: le lexique et la grammaire sont nécessaires mais très loin d'être suffisants” – afirma Mel'čuk (2003: 3). Para o provar, exemplifica com o caso da mulher que atende o telefone, ouve a pessoa que está do outro lado e diz ao marido: *C'est pour toi!*. E é preciso saber que é assim que um francês, nesta situação, se

²³⁶ Este artigo encontra-se disponível em <http://olst.ling.umontreal.ca/pdf/Collocations-Szende.pdf>, com a seguinte paginação: 1 a 43. Consulta realizada em 26/03/2013.

exprime, e não através de enunciados como *C'est toi qu'on demande* ou *C'est à toi*. Estas construções também são sintaticamente bem formadas, mas “un francophone ne les prononcera pas!” porque não são pragmaticamente apropriadas – acrescenta Mel'čuk (2003: 3)²³⁷. E conclui:

“*C'est pour toi!* (dans la situation d'un appel téléphonique) est un PHRASÈME, du français. De telles expressions – qu'il faut connaître par coeur, parce que l'on ne peut pas les produire par règles – doivent donc toutes être répertoriées dans la description de L [langue], en l'occurrence du français, et elles sont extrêmement nombreuses: des centaines de milliers!” (Mel'čuk, 2003: 4).

Mas o autor não se fica pelas palavras: analisa textos de tipologias diversas (linguísticos, literários, dos *media* e da língua falada) e mostra que os *phrasèmes* são, de facto, “extrêmement nombreuses”. Estes dados (e as reflexões sobre situações comunicativas concretas, como a do atendimento telefónico) permitiram-lhe chegar à seguinte conclusão: “En fait, ce sont la fréquence et la qualité de leur usage qui déterminent la différence entre un locuteur natif et un étranger qui a bien appris la langue: / UN NATIF PARLE EN PHRASÈMES” (Mel'čuk, 2003: 4). Se aceitarmos esta tese como crucial, então – diz o autor – é indispensável uma descrição sistemática de todos os frasemas, sobretudo nos dicionários, monolíngues e bilingues.

Para empreender essa descrição sistemática, que se consubstanciará no *Dictionnaire explicatif et combinatoire* [= DEC]²³⁸, Mel'čuk começa por apresentar “une typologie des phrasèmes”: um sintagma não livre ou frasema subdivide-se em (1) *phrasème pragmatique* ou *PRAGMATÈME* e (2) *PHRASÈME SÉMANTIQUE*. Sobre o primeiro tipo, diz Mel'čuk (2003: 4): “Un pragmatème est rattaché rigidement à un contenu informationnel, ou *grosso modo*, à une situation particulière”. Assim, na já referida conversa telefónica, as expressões *C'est pour toi*, em francês, e *Éto tebja*, em russo (e *É para ti*, em português), são frasemas pragmáticos ou pragmatemas: “Une autre expression quelconque ayant le même sens et syntaxiquement correcte ne passe pas” – afirma Mel'čuk (2003: 4). E termina (*ibidem*: 4): uma vez que os “pragmatèmes sont omniprésents”, é fácil encontrá-los nas mais diversas situações de comunicação (*Défense de stationner, À consommer avant..., Comment allez-vous? e Bon appetit!* são apenas alguns exemplos). Quanto ao segundo tipo – (2) *PHRASÈME SÉMANTIQUE* –, diz Mel'čuk

²³⁷ Transpondo a mesma situação de atendimento telefónico para a língua russa, Mel'čuk (2003: 3) afirma que um russo nunca diria *Éto djja*, tradução literal de *C'est pour toi*, mas *Éto tebja*.

²³⁸ Mel'čuk et al. (1984, 1988, 1992), *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain: Recherches lexico-sémantiques I, II, III*, Montréal, Presses de l'Univ. de Montréal.

(2003: 5): “Son sens est construit librement par le locuteur; mais le texte correspondant ne peut pas être construit de façon régulière et non contrainte, c’est-à-dire en se basant exclusivement sur le dictionnaire de lexèmes et les règles de la grammaire”.

Os frasemas semânticos podem apresentar três subclasses:

(2.1) *Phrasème complet* (= *locution figée*) AB'S: (i) frequentemente, o sentido de um frasema completo não inclui nenhum dos sentidos de cada um dos seus constituintes (por ex., *cordon-bleu* ‘cuisinière très habile’ ≠ ‘cordon’ et ‘bleu’); (ii) menos frequentemente, o sentido de um frasema completo inclui somente o sentido de um dos seus constituintes, precisamente o constituinte que não ocupa a posição comunicativamente dominante (por exemplo, na locução inglesa *private eye*, em francês *detective privé* - no sentido literal, *oeil privé* -, o sentido da locução inclui o sentido *privé*, mas não na posição dominante). Por outras palavras, um frasema completo é uma *lexie*, isto é, uma unidade lexical da língua, que deve ser representada por um artigo de dicionário: um lexema ou um frasema. Em inglês, a designação *phrasèmes complets* corresponde a *idioms*; e em francês, a *locution figée* ou *locution idiomatique*.

(2.2) *Semi-Phrasème* (= *collocation*) AB'S: o sentido ‘S’ de um semi-frasema inclui o sentido de um dos seus constituintes na posição comunicativamente dominante, constituinte esse selecionado pelo locutor de forma regular e não “contraente”; para o outro constituinte, “son sens peut être ou ne pas être inclus dans le sens de l’expression, mais, de toute façon, cet autre constituant est sélectionné de façon irrégulière et/ou contrainte” (Mel’čuk, 2003: 6). Exemplificando: na expressão *café noir* (‘café sans produit laitier’), o adjetivo *noir* não possui (num dicionário de lexemas do francês) o sentido ‘sans produit laitier’; o lexema *noir* é selecionado, ‘de façon contrainte’, apenas pelo lexema *café*. Relativamente aos constituintes de um semi-frasema ou colocação, chamamos *base de collocation* (que traduzimos por *base da colocação*) àquele que é escolhido livremente, pelo seu sentido; ao constituinte que é selecionado em função do primeiro chamamos *collocatif* (*colocativo*, em port.). Recuperando o exemplo *café noir*, *café* é então a base da colocação e *noir* o colocativo (vd. Mel’čuk, 2003: 6).

(2.3) *Quasi-Phrasème* (= *locution quasi figée*) AB ‘S’: o sentido de um *quasi-phrasème* (em port., *quase-frasema*) inclui os sentidos dos seus constituintes; todavia, nenhum destes sentidos é comunicativamente dominante. Exemplificando: “l’expression *donner le sein* [à un bébé], qui inclut les sens ‘donner’ et ‘sein’, signifie avant tout ‘nourrir’”; “son sens dominant ‘nourrir’ n’est celui d’aucun des constituants” (Mel’čuk, 2003: 6). Deste modo, não é possível reduzir

semanticamente um quase-frasema a um dos seus constituintes, ao contrário do que acontece nas colocações: em colocações como *café noir e parler fort*, por exemplo, é de *café* e *parler* (bases das respetivas colocações) que falamos; em *donner le sein* (em port., *dar o peito*) não estamos perante um caso particular de *donner* nem de *sein*. “Par conséquent, un quasi-phasème est aussi, comme un phasème complet, une lexie” – remata Mel’čuk (2003: 6).

Em forma de conclusão, Mel’čuk (2003: 7) apresenta-nos uma representação esquemática da sua *Typologie des phrasèmes*:

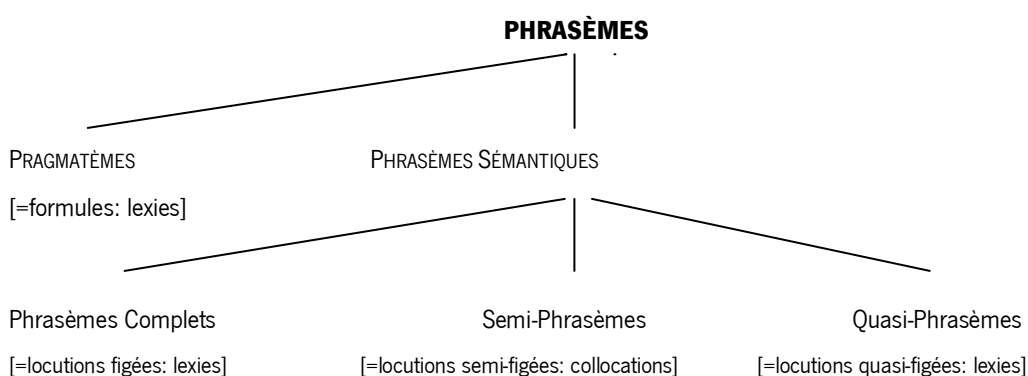


Figura 1 - *Typologie des phrasèmes* (Mel’čuk, 2003)

Por último, interessa-nos aproveitar de Mel’čuk (2003: 7-9) a caracterização que faz dos frasemas, mediante os quatro aspetos que se seguem:

(1) “Sélection contrainte comme caractère définitoire des phrasèmes”. O caráter não composicional (mais ou menos opaco) é tido como traço semântico definatório do frasema em geral. É verdade que um sintagma é um frasema quando apresenta um sentido não composicional; mas é também verdade que existem sintagmas, em número “astronomique”, com sentido perfeitamente composicional e que são igualmente frasemas: é o caso dos pragmatemas do tipo *Défense de stationner* (e não *#Pas de stationnement*) ou das colocações do género *faire du ski* (e não *#s’occuper du ski*). É pois o caráter “contraint” da seleção dos constituintes que faz de um sintagma um frasema. Dito de outra maneira (Mel’čuk, 2003: 7): “c’est la sélection non libre des signifiés (les pragmatèmes) et/ou des signifiants (tous les phrasèmes) pour un contenu informationnel donné qui détermine le caractère phraséologique

d'une expression"; e "L'opacité du sens est caractéristique de certains phrasèmes, mais tous ne présentent pas cette propriété". Como conclusão, podemos afirmar que a "non-compositionalité du sens est une condition suffisante, mais pas nécessaire pour qu'un syntagme soit un phrasème"; a condição necessária e suficiente é "la 'non-compositionalité' de sélection de constituants d'un phrasème et de leur combinatoire, ce qu'on observe surtout lors de la synthèse de textes" (Mel'čuk, 2003: 8).

(2) "Division nette entre types de phrasèmes". Mel'čuk (2003: 8) começa por afirmar que os três tipos de frasemas semânticos – frasemas completos, semi-frasemas e quase-frasemas – "sont distingués de façon nette" uma vez que "il n'y a pas de cas intermédiaires, ni de frontières floues". Todavia, esta divisão clara entre os frasemas "n'empêche pas la gradualité de leur opacité sémantique", opacidade esta determinada "par l'importance des composantes en commun entre le sens (S) du phrasème et les sens (A) et (B) de ses constituants" (*ibidem*: 8).

(3) "Degré de figement". O grau de fixidez é uma propriedade dos frasemas e deve ser considerada separadamente. Por exemplo, as expressões inglesas [*to*] *pay attention to...* e [*to*] *turn one's attention to...* são ambas colocações mas a primeira é, de longe, mais fixa que a segunda, não aceitando determinadas modificações (**He payed his attention to...* vs *He turned his attention to...*). Em termos de descrição lexicográfica, é indispensável apresentar, para cada frasema, dados sobre o seu grau de fixidez, isto é, "une mention explicitant la ou les contraintes particulières qui ne valent que pour le phrasème donné (de type pas de passif, pas d'article, pas de modificateur, pas de changement de l'ordre des mots", etc. (Mel'čuk, 2003: 8). É por esta razão que o DEC é, também, um "Lexique combinatoire" porque "il se doit de présenter toute la cooccurrence lexicale restreinte pour toute lexie vedette L, c'est-à-dire ses collocations: sous chaque L [lexie], on trouve, idéalement, tous ses collocatifs" (Mel'čuk, 2003: 9).

(4) "La phraséologisation se fait aussi au-dessus et au-dessous des lexèmes". Habitualmente, o frasema é constituído por lexemas. No entanto, há frasemas que incluem constituintes maiores que lexemas, ou seja, outros frasemas; por outro lado, há frasemas que podem incluir constituintes mais pequenos que lexemas, isto é, afixos e radicais, estes últimos no interior das palavras compostas. Exemplificando: a expressão francesa *connaître comme sa poche* é uma colocação cujo colocativo, *comme sa poche*, é um frasema completo; a forma inglesa *stone-deaf* ([*comme*] *pierre sourd*) = 'sourd comme un pot' [em port., *surdo como uma porta*] é uma palavra composta de tipo colocacional, cujo colocativo, *deaf*, é um radical. Posto isto, Mel'čuk (2003: 9) conclui: "nous ne considérons pas les collocatifs phrasèmes ni les

collocatifs morphes (bien que la phraséologisation au niveau de mots dérivés et composés soit un thème très important)”.

Terminada a apresentação da teoria fraseológica de Igor Mel'čuk (2003), fica-nos a imagem geral de uma *Typologie des phrasèmes* bem organizada e com um elevado grau de formalismo, quase matemático. Quanto ao estabelecimento de uma relação de Mel'čuk (2003) com os investigadores portugueses, no nosso entender ele é possível com Herculano de Carvalho (1967)²³⁹, no âmbito do conceito de sintagma livre e de sintagma fixo (*syntagme libre* e *syntagme non libre* ou *phrasème*, em Mel'čuk), e sobretudo com Iriarte Sanromán (2001), defensor convicto da teoria fraseológica de Igor Mel'čuk.

4.1.2.3. Iriarte Sanromán (2001): a unidade fraseológica como unidade lexicográfica

A Unidade Lexicográfica. Palavras, Colocações, Frasemas, Pragmatemas é o título da Dissertação de Doutoramento em Ciências da Linguagem-Linguística Aplicada de Álvaro Iriarte Sanromán (2001)²⁴⁰. “O objectivo principal deste trabalho” – escreve o autor no seu Resumo (pp. 17-18) – “é definir e delimitar o conceito de unidade lexicográfica, demonstrando a adequação de determinadas estruturas sintagmáticas como unidades de análise e descrição lexicográficas”. Como características principais da unidade lexicográfica, aponta as seguintes: 1) ter um carácter variável; 2) não ser necessariamente composicional; 3) não possuir um carácter discreto, mas gradual e contínuo; 4) não ser independente do co-texto e do contexto em que ocorre; 5) não poder ser descrita completamente pelas regras gerais da gramática.

Inserido no âmbito da linguística aplicada (uma vez que defende a lexicografia teórica ou metalexicografia como uma disciplina da linguística aplicada), o trabalho de Iriarte Sanromán apresenta uma componente contrastiva. Para isso, serve-se do português e do espanhol, línguas que, “com um vocabulário muito semelhante e até com regras gramaticais muito próximas” (Iriarte Sanromán, 2001: 18), obrigam a cuidados redobrados no processo de codificação, para que não se produzam interferências e não se fossilizem estruturas incorretas no processo de aquisição da língua-alvo. Tendo em vista a concepção de um dicionário bilingue de espanhol-

²³⁹ Vd. supra § 3.4.1. deste nosso trabalho (“Herculano de Carvalho (1967): palavra, sintagma livre e sintagma fixo”).

²⁴⁰ Este trabalho está também disponível *online*, em

http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4573/1/A_Unidade_Lexicografica.pdf (Consulta efetuada em 18/07/2013).

português, o autor conclui o seu Resumo alertando para a necessidade de se ter em atenção “aspectos relativos à com-binatória lexical e ao uso pragmático-contextual que se faz de um vocabulário «quase» comum” (*ibidem*: 18).

Referindo-se concretamente às EI (ou frasemas completos), Iriarte Sanromán (2001: 30-31) começa por dizer que elas, pelo facto de constituírem “um bloco cujo significado não é composicional, isto é, não é constituído pela soma dos significados das palavras que o conformam”, não são em rigor um caso de co-ocorrência lexical, mas uma única unidade lexical. Todavia, ao contrário da opinião de Alonso Ramos (1993) e da prática de Igor Mel'čuk *et al.* (1995), seguida no DEC, isto é, no *Dictionnaire Explicatif et Combinatoire du Français Contemporain*, Iriarte Sanromán, na prática lexicográfica, não concede aos frasemas completos uma entrada independente. E argumenta:

“Com efeito, o facto de um frasema ser um lexema, ou unidade lexical, não quer dizer que deva ser também um lema. Pensamos que as entradas do dicionário devem continuar a ser palavras (no sentido em que um falante corrente entende intuitivamente o termo: conjunto delimitado por dois espaços em branco, espaço e sinal de pontuação ou espaço e hífen) ordenadas segundo um critério alfabético” (Iriarte Sanromán, 2001: 31).

Em relação à tentativa de se estabelecer os limites superiores ou inferiores das unidades linguísticas, Iriarte Sanromán (2001: 105) afirma que os resultados de tal operação dependem do “marco teórico em que o investigador se situe, dos recursos com que conta ou dos propósitos para que tal investigação é realizada”; mas não deixa de avisar que, em termos absolutos, “será sempre impossível estabelecer os limites de uma unidade”. Para isso, socorre-se de Teixeira (1999: 19-21) e recorda a Teoria do Caos segundo a qual “não pode haver uma medição objectiva da realidade, pois o resultado de qualquer medição vai depender da escala em que for feita” (Iriarte Sanromán, 2001: 105). E quando a realidade (linguística) é constituída por estruturas com carácter holístico, ou não composicional, “em que a análise das partes não é suficiente para entender a totalidade, tal como nos ensina a teoria da *Gestalt*”²⁴¹, então a Teoria do Caos ganha ainda maior relevância. Voltando à operação de se estabelecer os limites superiores ou inferiores das unidades linguísticas, o que podemos dizer é que Iriarte Sanromán (2001: 105) não concorda com a redução das unidades lexicais e lexicográficas à palavra e

²⁴¹ Vd. Iriarte Sanromán, 2001: 105. Sobre a aplicação da Teoria da *Gestalt* às unidades lexicográficas, veja-se p. 107 da obra de Iriarte Sanromán.

muito menos ao monema²⁴²; também não concorda com o facto de se associar permanentemente o significado a uma palavra, “independentemente dos contextos situacionais e dos co-textos linguísticos ou estruturas em que ocorrem as palavras”. Esta visão atomística da linguagem (uma palavra, um significado), presente até no paradigma estruturalista, esquece – no entender de Iriarte Sanromán (2001: 105) - “que o sentido de qualquer lexema inclui tanto as relações sintagmáticas como as paradigmáticas”.

Fica assim provado que a unidade lexicográfica pode ser constituída por unidades superiores às palavras. Mas que unidades são estas? No título da obra de Iriarte Sanromán encontramos a resposta quase completa: as unidades lexicográficas, além de (1) *palavras*, podem ser (2) *colocações* ou *semi-frasemas* (como *prestar atenção*), (3) *frasemas* ou *frasemas completos* ou *expressões idiomáticas* (*esticar o pernil*, por exemplo) e (4) *pragmatemas* (como *Consumir de preferência antes do fim de...* ou *Tudo bem?* ou *Parabéns!*²⁴³). Apesar de o título não o referir, há ainda espaço para uma outra categoria de UF: o (5) *quase-frasema* (*centro comercial*, por exemplo). Esta classificação das unidades pluriverbais utilizada por Iriarte Sanromán foi, diz o próprio, tomada do modelo lexicográfico do DEC²⁴⁴ por apresentar, dentro da Teoria Sentido-Texto, uma correspondência na prática lexicográfica e, além disso, por orientar a sua descrição para a produção mais do que para a interpretação. Nesta classificação das unidades pluriverbais, os frasemas são entendidos como um fragmento linguístico extremamente importante. Quem o confirma é Igor Mel’čuk, principal mentor do DEC:

“On half a page – 25 lines – of a linguistic text (Weinreich (1969, 23)) we find 14 phrasemes; [...]. More than one phraseme every two lines! In journalistic texts, their proportion is still higher. But where phrasemes really abound is in the lexicon: In all dictionaries, under one word you find, as a rule, many different expressions with this word. In the lexicon, phrasemes are more numerous than words by a ratio of at least 10 to 1. The frasemes thus constitute an extremely important fragment of the set of linguistic items to be studied and described” (Mel’čuk, *apud* Iriarte Sanromán, 2001: 26).

Estas são as contas de Mel’čuk: num texto linguístico de 25 linhas podemos encontrar um máximo de 14 frasemas; se o texto for jornalístico, o número de frasemas poderá ser maior. Por

²⁴² Monemas (ou morfemas) são unidades mínimas com significado (vd. Iriarte Sanromán, 2001: 115).

²⁴³ Ao contrário de Mel’čuk, Iriarte Sanromán (2001: 253-257) considera que os pragmatemas não têm de ser necessariamente unidades pluriverbais.

²⁴⁴ Mel’čuk *et al.* (1984, 1988, 1992), *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain. Recherches lexico-sémantiques I, II, III*, Montréal, Presses de l’Univ. de Montréal.

sua vez, Corpas Pastor (1995: 33), por exemplo, refere que Barker e Sorhus (1975: 8), num estudo sobre o inglês do Canadá, chamaram também a atenção para a elevada frequência das expressões fixas: “en un corpus de más de 131.536 palabras, se registra una expresión fija por cada cinco palabras emitidas” (vd. Iriarte Sanromán, 2001: 161).

Números à parte, fica a certeza de que a tessitura textual faz-se, não só mas também, de unidades pluriverbais. E todas estas unidades pluriverbais apresentam, como denominador comum, o caráter fixo (no sentido de formal, semântica ou pragmaticamente estável). Já quanto ao caráter idiomático, ele é só apanágio de algumas unidades pluriverbais.

Depois de distinguir combinação livre (“combinação 100% composicional”, tal como acontece com *flor vermelha*) de combinação não livre (“estrutura holística ou não composicional”, como é o caso de *fazer olhinhos*, isto é, seduzir), Iriarte Sanromán (2001: 173 e 257), seguindo Mel’čuk (1995, 1998), subdivide a combinatória lexical não livre em frasemas pragmáticos ou pragmatemas e frasemas semânticos. Esta classificação é também ela herdada de Mel’čuk (1995, 1998), mas desta vez Iriarte Sanromán assume algum distanciamento:

“[...] embora utilizemos o termo e o conceito de *pragmatema* do modelo lexicográfico de Mel’čuk, neste trabalho afastamo-nos claramente do posicionamento teórico do mesmo em relação ao tratamento lexicográfico dos pragmatemas, por duas razões: / A primeira porque as unidades monoverbais [...] parecem não estar incluídas no conjunto dos pragmatemas. Pensamos que é redutora a exclusão das unidades monoverbais do conjunto dos pragmatemas e acaba por empobrecer a descrição lexicográfica dos mesmos [...]. / A segunda deve-se à própria concepção que este autor tem da pragmática, que considera como sendo uma disciplina que estuda aspectos extralinguísticos que ultrapassam o Modelo Sentido-Texto” (Iriarte Sanromán, 2001: 254).

Esclarecidas as divergências, e depois de alguns reparos ao modelo lexicográfico e metalexicográfico de Mel’čuk por dar aos pragmatemas um tratamento “praticamente nulo”, quando comparado com o dos semi-frasemas (colocações) e funções lexicais, Iriarte Sanromán (2001: 257) apresenta duas características que, no seu entender, distinguem os frasemas pragmáticos (ou pragmatemas) dos frasemas semânticos: a nível formal, os pragmatemas não são obrigatoriamente unidades pluriverbais (*Consumir de preferência antes do fim de* é um pragmatema mas *Pré-pagamento, Felicidades* e *Parabéns* também o são); a nível funcional, equivalem a enunciados completos e constituem, por si próprios, atos de linguagem. Neste aspeto, Iriarte Sanromán (2001: 257) reconhece estar mais próximo de Corpas Pastor (1995: 305 e 331), defendendo que as fórmulas de rotina (unidades que “constituyen fórmulas de la

interacción social habituales y estereotipadas que cumplen funciones específicas en situaciones predecibles, rutinarias y, hasta cierto punto, ritualizadas”) constituem o tipo mais importante de pragmatemas (*Tudo bem?, Até já. e Obrigado!*, por exemplo). Mas são também pragmatemas as chamadas *parémias* (provérbios, citações literárias, lugares comuns, etc.), apesar de este ponto não estar isento de controvérsia, “uma vez que este tipo de fraseologia, por um lado, nem sempre é constituída por combinações lexicais restritas e, por outro, a sua interpretação não depende apenas do contexto situacional” (Iriarte Sanromán, 2001: 259).

São, pois, difusas as fronteiras entre as diferentes combinações de palavras. Todavia, é possível, através da aplicação de alguns testes, verificar que a capacidade para aceitar determinadas transformações varia entre as combinações não livres. Para o comprovar, Iriarte Sanromán (2001: 166-167) socorre-se de um exemplo de colocação (*O público **prestou atenção***) e de um exemplo de frasema (*O João **perdeu a cabeça***) e aplica a cada um deles uma série de testes de transformação²⁴⁵:

| Transformações Sintáticas | Colocação: <i>prestar atenção</i> Ex.: <i>O público prestou atenção.</i> | Frasema: <i>perder a cabeça</i> Ex.: <i>O João perdeu a cabeça.</i> |
|----------------------------------|---|--|
| 01. Passivação | <i>*Atenção foi prestada pelo público.</i> | <i>*A cabeça foi perdida pelo João.</i> |
| 02. Adjetivação participial | <i>O ministro agradeceu a atenção prestada (pelo público).</i> | <i>*A cabeça perdida...</i> |
| 03. Relativização | <i>A atenção que o público prestou...</i> | <i>*A cabeça que o João perdeu.</i> |
| 04. Pronominalização | <i>*O público prestou-a.</i> | <i>*O João perdeu-a.</i> |
| 05. Modificação adjetival | <i>O público prestou grande atenção.</i> | <i>*O João perdeu a grande cabeça.</i> |
| 06. Modificação nominal | <i>*O público prestou atenção de grande intensidade.</i> | <i>*O João perdeu a cabeça da serenidade.</i> |
| 07. Modificação adverbial | <i>O público prestou atenção ininterruptamente.</i> | <i>*O João perdeu a cabeça intensamente.</i> |
| 08. Determinação | <i>*O público prestou aquela atenção.</i> | <i>*O João perdeu aquela cabeça.</i> |
| 09. Quantificação | <i>O público prestou muita atenção.</i> | <i>*O João perdeu muito a cabeça.</i> |
| 10. Indefinição | <i>*O público prestou uma atenção.</i> | <i>*O João perdeu uma cabeça.</i> |
| 11. Pluralização | <i>*O público prestou atenções.</i> | <i>*O João perdeu as cabeças.</i> |
| 12. Presença/Ausência de artigo | <i>*O público prestou a atenção (mas O público prestou a devida atenção).</i> | <i>*O João perdeu cabeça.</i> |

Quadro 5 - Colocação e Frasema: Testes de Transformação (Iriarte Sanromán, 2001)

²⁴⁵ Adotámos os exemplos de Iriarte Sanromán (que, por sua vez, adotou, em parte, os de Aguilar-Amat, 1993: 67-68), mas com algumas alterações. Este tipo de testes de transformação surge em outros autores como, por exemplo, L. Ruiz Gurillo (*apud* Wotjak, 1998: 13-37) e Vilela (2002: 188-189).

Feitas as contas, verificamos que, para um total de 12 transformações, a colocação *prestar atenção*, em *O público prestou atenção*, aceitou 5; quanto ao frasema *perder a cabeça*, em *O João perdeu a cabeça*, não foi admitido qualquer tipo de transformação. Estes testes provam que as restrições sintáticas são maiores para os frasemas (completos) do que para as colocações; mas não podem ser alargados a todos os casos uma vez que “será impossível estabelecer regras de comportamento sintáctico gerais para todos os frasemas ou para todas as colocações, pelo menos do ponto de vista lexicográfico” (Iriarte Sanromán, 2001: 167). Por outro lado, as restrições observadas não significam invariabilidade total dos frasemas. Em determinadas unidades plurilexicais é possível identificar variantes de natureza diversa: *dar uma mão/mãozinha* (grau normal/diminutivo), *de vez em quando/de quando em vez* (ordem dos constituintes)...

Apesar do interesse que possa assumir o problema da classificação dos fenómenos fraseológicos (sobretudo para a lexicologia e para a linguística teórica em geral), Iriarte Sanromán (2001: 168) não tem dúvidas de que a lexicografia se deve preocupar, por um lado, com a seleção das combinações lexicais a aparecer no dicionário, isto é, com o tipo de combinações lexicais que devem ser consideradas unidades lexicográficas, e, por outro, com a estruturação desse material lexicográfico. Posto isto, o autor exemplifica com entradas lexicais que ultrapassam largamente os limites da palavra, “devendo aparecer inventariados (em forma de sub-lemas, dadas as vantagens de conservar a unidade palavra como lema) vários tipos de sintagmas e unidades lexicais pluriverbais” (Iriarte Sanromán, 2001: 333). Eis um conjunto significativo de exemplos, tendo em mente um dicionário bilingue português/espanhol²⁴⁶:

- (1) palavras compostas (*pára-choques/parachoques, guarda-chuva/paraguas, floricultura/floricultura*);
- (2) combinações por justaposição ou mediante preposição (*andar modelo/piso piloto, caminho-de-ferro ou caminho de ferro/ferrocarril*);
- (3) combinações lexicais restritas: (3.1) frasemas (*andar à nora, ser o braço direito/ser el brazo derecho, ter muita lata/tener mucha cara*), (3.2) semi-frasemas ou colocações (*ódio figadal/odio mortal, dar um passeio/dar un paseo*), (3.3) quase-frasemas (*cinturão negro/cinturón negro, centro comercial/centro comercial*);
- (4) pragmatemas (*tudo bem?/¿como estás?, estou!/¡diga!, pede deferimento/solicita*);
- (5) palavras e locuções estrangeiras (*ad hoc, Don Juan, leader*);

²⁴⁶ Os tipos de sintagmas e unidades pluriverbais são-nos fornecidos por Iriarte Sanromán, assim como a maioria dos exemplos (vd. Iriarte Sanromán, 2001: 333-336 e 393-394).

- (6) provérbios e citações célebres (*mais vale um pássaro na mão que dois a voar/más vale pájaro en mano que ciento volando; penso, logo existo/pienso, luego existo*);
- (7) denominações perifrásticas (a *primeira dama/la primera dama, o precioso líquido/el líquido elemento*);
- (8) nomes próprios combinados com outras palavras (*lei de Lavoisier, teorema de Pitágoras*);
- (9) nomes perifrásticos (*Cidade invicta, Cidade luz*);
- (10) nomes comuns usados como nomes próprios (*Santo Padre*);
- (11) datas significativas (*25 de Abril, 10 de Junho*);
- (12) formas de flexão lexicalizadas (*com certeza!/desde luego!, não é?/¿verdade?, tomara!/¡ya me gustaría!*);
- (13) combinações alfanuméricas (*vitamina A, raios X*);
- (14) informações sobre construção e regime (*gostar de, à tarde, de tarde*).

Duas últimas notas:

(1) A provar a dificuldade em se delimitar com clareza as unidades pluriverbais está o facto de Iriarte Sanromán ter apresentado como frasemas (isto é, como frasemas completos ou EI) os exemplos (apontemos apenas os dois primeiros) *andar à nora* e *ser o braço direito*, quando ele próprio (2001: 174-175) havia chamado a atenção para o facto de, rigorosamente, eles serem colocações, ou semi-frasemas, constituídos pela base da colocação (respetivamente, *andar* e *ser*, verbos que, em condições normais, conservam o seu sentido literal) e pelo colocativo, que é um frasema completo (respetivamente, *à nora* e *braço direito*, uma vez que adquirem sentido translático/idiomático). Sendo assim, *andar à nora* significa ‘andar desorientado’ e *ser o braço direito* tem o sentido de ‘ser o principal auxiliar’. Recordemos as palavras de Iriarte Sanromán (2001: 175, nota 157): “Repare-se que a expressão idiomática é só ‘à nora’; ‘andar à nora’ (andar desorientado) é uma colocação, ou semi-frasema, formada por um verbo colocativo (*andar*) e uma expressão idiomática ‘à nora’”²⁴⁷;

(2) De uma forma geral, parece não haver diferenças pragmáticas substanciais entre os exemplos apontados como “formas de flexão lexicalizadas” (*com certeza!, não é?, tomara!*) e os pragmatemas (*tudo bem?, estou!, pede deferimento*), pelo que, no nosso entender, deviam formar um só grupo (o dos pragmatemas).

²⁴⁷ Sobre a determinação dos constituintes de uma UF, veja-se infra o ponto § 4.1.3. deste nosso trabalho.

4.1.2.4. Vilela (2002): metáforas-fraseologias à flor da pele

Metáforas do Nosso Tempo, de 2002, é provavelmente o contributo mais significativo de Mário Vilela para a fraseologia portuguesa. Esta obra reúne catorze estudos, alguns publicados em livros e revistas, representativos da colaboração de Vilela na Unidade de Investigação do CLUP.

Nas “Palavras Introdutórias” (pp. 7-18), Vilela começa por justificar o título: “as palavras-chave dos estudos aqui publicados são **metáfora, metonímia, estereótipo, análise semântica, mudança semântica, expressões idiomáticas, provérbios**, mas há uma que as compendia a todas: metáfora” (Vilela, 2002: 7)²⁴⁸. E percebe-se porquê: porque o “jogo entre concreto e abstracto envolve quase tudo”; porque o “mundo sensível serve de ponto de partida para a abstracção: é maior o número das coisas que não vemos e não palpamos, do que aquelas que tocamos com a vista ou com o corpo” (*ibidem*: 8).

Estas palavras permitem-nos antever a presença massiva de elementos de interesse fraseológico na obra de Vilela. Todavia, chamamos a atenção para sete dos catorze estudos de *Metáforas do Nosso Tempo*, por considerarmos serem esses os que abordam algumas das problemáticas fraseológicas mais pertinentes:

- (1) Em “I. Semântica do «lugar comum»” (pp. 19-41), identificação dos termos que se situam no espaço conceptual da lexia *lugar comum* (*chapa quatro, chavão, cliché, estereótipo, nariz de cera, protótipo*, etc.), estabelecimento de algumas diferenças entre *provérbio, anexim, máxima, apotegma/sentença, dito popular/ditado* e *fraseologia*, e análise do modo como os *slogans* publicitários refazem as fraseologias e os provérbios;
- (2) Em “IV. Ter metáforas à flor da pele ou outra forma de ter nervos” (pp. 105-137), levantamento das expressões de emoção com origem no corpo humano;
- (3) Em “VII. As expressões idiomáticas na língua e no discurso” (pp. 169-221), caracterização dos traços distintivos das expressões idiomáticas e análise do seu uso em textos de determinados autores, como Miguel Esteves Cardoso;

²⁴⁸ São muitos os autores a reconhecer o importante papel da metáfora na criação de UF. A este propósito, veja-se, por exemplo, “Fraseología, Metáfora y Lenguaje Taurino” de Luque Durán e Manjón Pozas, em Luque Durán & Pamies Bertrán (eds.), 1998: 43-70.

- (4) Em “VIII. Estereótipo e os estereótipos na língua portuguesa actual” (pp. 223-248) e “IX. O seguro morreu de velho e Dona Prudência foi-lhe ao enterro: contributo para uma abordagem cognitiva” (pp. 249-272), relação do conceito de estereótipo com termos como provérbio e fraseologia ou expressão idiomática (no estudo VIII), e enquadramento teórico destes conceitos (acrescidos do conceito de protótipo) no âmbito da linguística cognitiva de Rosch e Lakoff (no estudo IX)²⁴⁹;
- (5) Finalmente, em “XIII. A tradução como mediadora dos estereótipos” (pp. 349-370) e “XIV. A tradução da multiculturalidade” (pp. 371-384), a problemática da tradução fraseológica, sobretudo de expressões idiomáticas e de fórmulas proverbiais.

Confirmado o interesse geral da obra *Metáforas do Nosso Tempo* (2002) para a fraseologia portuguesa, interessa-nos agora recolher dela os elementos que configuram uma possível proposta de classificação das unidades fraseológicas de Vilela.

No primeiro estudo – “Semântica do «lugar comum»” (pp. 19-41) -, como já o dissemos, identificam-se os termos que se situam no espaço conceptual da lexia *lugar comum*, como *chapa quatro*, *chavão*, *cliché*, *estereótipo*, protótipo, *nariz de cera*, *frase feita* (ou *fraseologia*), *ditado* e *provérbio*. Enquanto, por exemplo, *lugar comum*, *cliché* e *estereótipo* (este retomado pela psicologia social) mergulham as suas raízes no domínio da análise do discurso, do pragmático, *protótipo* provém da psicologia cognitiva (vd. Vilela, 2002: 38). Apesar destas diferenças, é possível determinar como denominador comum dos conceitos referidos o fator *repetição*. Este denominador comum – *repetição* – vai assumindo valores ora mais ora menos depreciativos, devido à vulgarização no seu uso, podendo levar a um esvaziamento da força expressiva. Entre os termos com valor mais depreciativo estarão *chapa quatro*, *chavão* e *nariz de cera*. Ainda neste estudo, Vilela (2002: 34-35) procura estabelecer algumas diferenças entre *provérbio* (“discurso do dever/fazer”, “sistema fechado, autónomo, em que o autor é a própria comunidade”, “autênticos textos”, “institucionalizados”, “funcionam em bloco, reportam-se a um saber antigo”), *anexim* (representa, em relação ao provérbio, “um maior distanciamento no tempo”, “com aspectos formais predominantes, como o presente atemporal, estrutura binária, o ritmo e a assonância”: *Gordura é formosura*, *Devagar se vai ao longe*, etc.), *máxima* (ao contrário do provérbio, tem autor conhecido: “por mares nunca dantes navegados” – Camões), *apoteagma* ou *sentença* (tem “fundamento científico ou filosófico”), *dito popular* ou *ditado*

²⁴⁹ Vd., em Lakoff (1987), o capítulo 2: “From Wittgenstein to Rosch”.

(“essencialmente denotativo e fundado na experiência”, “pretende corrigir ou ensinar”) e finalmente *fraseologia* (“implica um leque de traços definidores, tais como a idiomaticidade – o seu significado global não é o equivalente à soma dos conteúdos dos seus elementos -, invariabilidade (relativa), carácter marcadamente figurado, etc.”: *mexer os cordelinhos*, *estar em maus lençóis*, entre outros).

O sétimo estudo – “As expressões idiomáticas na língua e no discurso” (pp. 169-221)²⁵⁰ - é para nós o mais importante. Depois de ter utilizado o termo *fraseologia* (ou *frase feita*) para designar determinadas expressões marcadas por traços definidores como *idiomaticidade*, *invariabilidade* (relativa) e *carácter marcadamente figurado* (como acontece, por exemplo, em *deitar achas para a fogueira*, *ficar a ver navios* e *mexer os cordelinhos*)²⁵¹, eis que Vilela atribui agora ao termo *fraseologia* um novo sentido:

“[...] consideramos que a fraseologia, como disciplina linguística, compreende um conjunto de formas caracterizadas pela fixidez, polilexicalidade, idiomaticidade, fraseologização ou lexicalização e abrange um leque de expressões que vão desde o frasema (ou fraseologismo) típico até formas mais amplas, o equivalente a frases ou sentenças (e porventura, a pequenos textos: os provérbios)” (Vilela, 2002: 12)²⁵².

Digamos que, neste caso, a ciência e uma parte do seu objeto de estudo se confundem em termos terminológicos. E dizemos “parte” porque o termo fraseologia (usado geralmente no plural) não abrange a totalidade das formas estudadas pela fraseologia-ciência (não inclui nem as tais frases ou sentenças nem os provérbios). Todavia, esta coincidência terminológica é sinal evidente da importância dada às formas mais (proto)típicas (as fraseologias ou expressões idiomáticas/idiomatismos ou frasemas/fraseologismos típicos), aquelas que ocupam o centro do fenómeno “fraseologia” (vd. Vilela, 2002: 12, 170).

Por outro lado, ainda relativamente a estas formas mais típicas, há uma escala que vai daquelas cujos constituintes, todos eles, perdem a sua autonomia e conteúdo a favor da fusão (as expressões contêm elementos que só ocorrem no seu interior: *nem chus nem bus*, *nem funfas nem funetas*), até àquelas em que os elementos têm um uso interno, próprio da expressão, e um uso externo, fora dela (*levantar a cabeça*, por exemplo).

²⁵⁰ Lembramos que este título de Vilela surge integrado no título da Dissertação de Mestrado de Duarte (2006): *As Expressões Idiomáticas na Língua e no Discurso. Um olhar sobre as crónicas de Miguel Esteves Cardoso*.

²⁵¹ Vd. estudo I (“Semântica do “lugar comum””) de *Metáforas do Nosso Tempo* (Vilela, 2002: 34).

²⁵² Vd. também Vilela, 2002: 170.

Tal como a *idiomaticidade*, também o traço *fixidez* pode apresentar gradações. Sempre que haja uma adaptação ao contexto e ao co-texto (através da flexão, da variação estrutural, etc.) ou uma integração textual/discursiva que permita desmotivações e remotivações, o frasema perde a sua rigidez e ganha plasticidade comunicativa (*juntar os trapos/trapinhos, coisa/coisíssima nenhuma, ver Braga por um canudo/Bacelar por um canudo*, etc.). Deste modo, podemos reafirmar com Vilela (2002: 13) as potencialidades da fraseologia: por um lado, “dá possibilidade ao falante/escrevente de dizer muito mais do que aquilo que as palavras dizem e ao ouvinte/leitor de entender muito mais do que a materialidade fónica afirma”; por outro, sendo “o modo normal de ser e de estar perante a língua e o mundo”, permite surpreender a atitude de um autor perante a vida através da análise fraseológica dos seus textos.

O nono estudo de *Metáforas do Nosso Tempo* - “O seguro morreu de velho e Dona Prudência foi-lhe ao enterro: contributo para uma abordagem cognitiva” (pp. 249-272) - refere que nos provérbios, como acontece, por exemplo, em *O seguro morreu de velho*, estão representados os estereótipos. E quem fala de estereótipos e de provérbios fala também de metáforas em sentido amplo (incluindo a metonímia e a sinédoque), sob a forma de *expressões lexicalizadas*, uma vez que a metáfora compendia, entre outras palavras-chave, estereótipo e provérbio (vd. Vilela, 2002: 7). Os provérbios – diz Vilela (2002: 258-259) – “não são simples unidades fraseológicas: são formas que assinalam um emprego específico, que têm uma função particular, a de reforçar, explicitar, documentar, dar foros de autoridade a uma afirmação”. Quanto às fraseologias, elas são também conhecidas por EI e apresentam sequências próximas das dos provérbios. Segundo Vilela (2002: 299), nas fraseologias e nos provérbios “as diferentes línguas tanto convergem como divergem”. Eis alguns exemplos: (1) Provérbios: *O seguro morreu de velho* (port.)/ *Prudence est mère de sûreté* (fra.); (2) Fraseologias ou EI: *Ter macaquinhos no sótão* (port.)/ *Avoir une araignée dans le plafond* (fra.). Estes e outros exemplos de provérbios e fraseologias confirmam, na opinião de Vilela (2002: 258), a existência de “princípios gerais comuns às sociedades humanas e esses princípios mantêm-se normalmente intactos: divergem na forma, no apoio antropológico, na simbologia semiótica, mas o conteúdo é bastante idêntico”.

Concluído o levantamento dos aspetos fraseológicos mais significativos na obra de Vilela (2002), apresentemos agora um resumo desses aspetos, procurando traçar uma proposta de classificação das unidades fraseológicas/fraseologismos (termo mais frequentemente utilizado por Vilela):

1. Fraseologia e objetos de estudo:
 - 1.1. A fraseologia, como disciplina linguística, estuda um conjunto de formas/expressões, geralmente de natureza metafórica, caracterizadas pela fixidez, polilexicalidade, idiomatidade, fraseologização ou lexicalização (Vilela, 2002: 6-7, 219); por outras palavras, estuda combinações fixas (congeladas) de uma dada língua que, no sistema e na frase, podem assumir a função e o significado de palavras individuais (*ibidem*: 170); concluindo, estuda fraseologismos (*ibidem*: 182).
 - 1.2. Estas formas/expressões apresentam habitualmente as seguintes tipologias:
 - 1.2.1. Formas/expressões (fraseológicas) menos amplas, isto é, frasemas (ou fraseologismos) típicos (ou fraseologias ou idiomatismos ou expressões idiomáticas) (*ibidem*: 34, 189, 190); fraseologias propriamente ditas/fraseologias em sentido estrito (*ibidem*: 182-183). Subdividem-se em:
 - 1.2.1.1. Frasemas (ou fraseologismos) típicos (ou prototípicos ou nucleares), cujos constituintes perdem toda a sua autonomia a favor da fusão (muitas vezes, as expressões contêm elementos que só ocorrem no frasema): *nem chus nem bus, nem funfas nem funetas* (*ibidem*: 192);
 - 1.2.1.2. Frasemas (ou fraseologismos) não típicos (ou não prototípicos), cujos elementos têm um uso interno, próprio do idiomatismo (valor fraseológico), e um uso externo, fora da EI (valor do discurso livre): *levantar a cabeça*, por exemplo.
 - N.B. Quando um frasema se apresenta como uma construção própria de uma língua, sem qualquer correspondência sintática noutra língua e sem possibilidade de tradução literal (*meter o Rossio na Betesga, rés-vés campo de Ourique*, etc.), recebe geralmente o nome de idiomatismo ou expressão idiomática (*ibidem*: 173, 190).
 - 1.2.2. Formas/expressões (fraseológicas) mais amplas:
 - 1.2.2.1. Formas/expressões equivalentes a frases ou sentenças;
 - 1.2.2.2. Formas/expressões equivalentes a pequenos textos: provérbios (*O seguro morreu de velho*).

2. Proposta de classificação das unidades fraseológicas/fraseologismos:

| | | |
|-----------------------|--------------------------------|---|
| FRASEOLOGISMOS | Quanto à fixidez | <ol style="list-style-type: none"> 1. Sequências em que a fixidez atinge toda a sequência: provérbios e máximas (ambos incluídos nos fraseologismos mas não nas fraseologias/expressões idiomáticas: <i>de noite todos os gatos são pardos, o silêncio é de ouro</i>). 2. Frases (<i>já não está aqui quem falou</i>). 3. Sequências verbais (<i>dar o braço a torcer, ter mais olhos que barriga</i>). 4. Sequências nominais (<i>música ligeira, peso morto</i>). 5. Sequências adjetivais (<i>são e salvo, surdo como uma porta</i>). 6. Sequências adverbiais (<i>de papo cheio, sem tugar nem mugir</i>). 7. Determinantes nominais (<i>uma carrada de nomes, dois dedos de conversa</i>). 8. Fórmulas interjeccionais (<i>uma ova!, cos diabos!</i>). |
| | Quanto à estrutura e semântica | <ol style="list-style-type: none"> 1. Fraseologismos (núcleo ou fraseologismos prototípicos). 2. Estereótipos de nomeação: <ol style="list-style-type: none"> 2.1. ocorrências frequentes e prováveis, podendo haver alguma presença da metaforicidade (<i>opinião pública, cara metade</i>); 2.2. unidades toponímicas não idiomáticas (<i>Mar Negro, Rio Grande do Sul</i>); 2.3. unidades de nomeação não idiomática (<i>pais e filhos, quinta-feira</i>). 3. Fórmulas comunicativas (fórmulas pré-fabricadas, ritualizadas e habitualizadas, sempre disponíveis para determinadas situações, tais como observações, chamamentos, etc.): <ol style="list-style-type: none"> 3.1. totalmente idiomáticas (<i>aí é que está o gato, eu seja cão se...</i>); 3.2. parcialmente idiomáticas (<i>vai ver se chove lá fora, vai passear até ao bilhar grande</i>); 3.3. não idiomáticas (<i>boas festas, no meu entender</i>). 4. Chavões (estruturas cujo preenchimento lexical é em certos limites variável, mas apresentam uma certa invariabilidade: <i>ombro a ombro, verdade verdadinha, de cor e salteado</i>). 5. Construções com verbo suporte. Grupo bastante heterogêneo quanto ao grau de idiomaticidade e fixidez, compreendendo restrições flexionais (uso do plural) e uso sem artigo: <ol style="list-style-type: none"> 5.1. totalmente idiomáticas (<i>perder a cabeça, não dar ponto sem nó</i>); 5.2. parcialmente idiomáticas, em que o verbo suporte tem valor essencialmente aspetual (<i>romper a chorar, desatar a correr</i>); 5.3. parcialmente idiomáticas (<i>fazer um ajuste de contas, pôr-se ao largo</i>). |

Quadro 6 - Proposta de Classificação dos Fraseologismos em Português (Vilela, 2002. Adaptado)

4.1.3. Características Linguísticas das UF: Consensos e Problemáticas

a) Polilexicalidade

Diz-se habitualmente que as UF são unidades lexicais formadas por duas ou mais palavras gráficas, no seu limite inferior, e que, no seu limite superior, se situam ao nível da oração composta²⁵³. Tendo em conta apenas o critério da polilexicalidade, parece não haver dúvidas de que exemplos como *a granel* (locução constituída por duas palavras) e *Quem vai ao mar perde o lugar* (frase composta por duas orações) são potenciais UF²⁵⁴. O critério ortográfico tem sido muitas vezes o recurso utilizado para se distinguir compostos (morfossintáticos) de locuções:

“[...] el critério ortográfico ha sido empleado tradicionalmente en la filología española para separar las locuciones de los compuestos (cf. Alonso, 1974): todos los ejemplos de compuestos aducidos por la Academia en el *Esbozo* se escriben juntos. [...] Por razones prácticas, y ante la falta de criterios adecuados que permitan deslindar claramente los compuestos sintagmáticos (sin unión ortográfica) de las locuciones, hemos decidido considerar *compuestos* a todas aquellas unidades léxicas formadas por la unión gráfica (y acentual) de dos o más bases; y *locuciones*, a aquellas

²⁵³ Vd. Corpas Pastor (1996: 20). Certamente por lapso, esta autora afirma que as UF são “formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior” (*ibidem*).

²⁵⁴ A variedade de definições de “palavra” (e de outros termos a ela associados) mostra-nos que estamos perante um conceito complexo e raramente consensual. Eis alguns exemplos:

- a) “**Palavra**: Item lexical pertencente a uma determinada classe, com um significado identificável ou com uma função gramatical e com forma fonológica consistente, podendo admitir variação flexional. / **Palavra simples**: Palavra formada por um único radical, sem afixos derivacionais, mas podendo exibir afixos flexionais (Ex.: ‘casas’). / **Palavra complexa**: Palavra formada por derivação ou por composição (Ex.: ‘caseiro’ e ‘casa de banho’). / **Composição morfossintáctica**: Processo de composição que associa duas ou mais palavras. A estrutura destes compostos depende da relação sintáctica e semântica entre os seus membros, o que tem consequências para a forma como são flexionados em número” (Ex.: ‘surdo-mudo’, ‘guarda-chuva’ e ‘via láctea’). / **Locução**: Sequência de palavras que funciona, sintáctica e semanticamente, como uma só (Locuções adverbiais: ‘em breve’, ‘com certeza’; Locuções prepositivas: ‘em cima de’, ‘debaixo de’; Locuções conjuncionais: ‘assim que’, ‘logo que’)” (*Dicionário Terminológico*, disponível em <http://dt.dgicd.min-edu.pt/>, consultado em julho/2013);
- b) “**1** *Ling.* Unidade linguística, dotada de significado, que é representada na fala por um som ou por uma combinação de sons geralmente entre pausas, e, na escrita, por um sinal ou sequência de sinais gráficos, limitada de ambos os lados por um espaço em branco [...]” (*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, 2001);
- c) “**1** unidade da língua escrita, situada entre dois espaços em branco, ou entre espaço em branco e sinal de pontuação **2** GRAM unidade pertencente a uma das grandes classes gramaticais, como substantivo, verbo, adjectivo, advérbio, numeral etc., não levando em conta as modificações que nela ocorrem nas línguas flexionais, e sim, somente, o significado; vocábulo [...]” (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 2003).

unidades que, presentando un grado semejante de cohesión interna, no muestran unión ortográfica” (Corpas Pastor, 1996: 92-93).

Há, todavia, situações em que a mesma estrutura linguística é representada graficamente de forma diferenciada. Vejamos alguns exemplos (sublinhado nosso):

- (1) “O FMI [Fundo Monetário Internacional] não é um **bicho de sete cabeças**” (JN, 11/04/2011, p. 11, título);
- (2) “Explicar aos nossos filhos o que é o «casamento homossexual» não é um **bicho-de-sete-cabeças**. Para as crianças, importante mesmo é o afecto” (Revista *Notícias Magazine*, 24/01/2010, p. 31);
- (3) “PJ deteve Sérgio Silva com dois cheques falsos / **Conto do vigário**” (*O Jogo*, 19/04/2008?, 1.ª p., antetítulo/título);
- (4) “Esquemas para sobreviver à crise / A necessidade aguça o engenho e os portugueses desenrascam-se como podem, desde vender bolas de golfe perdidas até oferecer galos para fidelizar clientes, passando por jogos na Internet de legalidade duvidosa e versões actualizadas do eterno **conto-do-vigário**” (Revista *NS*; em DN e JN, 08/11/2008, título/frase destacada).

Será legítimo dizer-se que em (1) e (3) estamos perante UF (conjuntos formados por quatro e três palavras, respetivamente) e em (2) e (4) palavras (ainda que compostas)? Será que a natureza linguística (fonética, morfossintática e semântico-lexical) de uma unidade se altera em função do uso (tantas vezes arbitrário) do hífen²⁵⁵? Chegados a este ponto, é necessário assumir uma posição que, em parte, se distancia da de Copras Pastor: aceitamos que, em termos de número mínimo de constituintes, uma UF tenha de apresentar pelo menos duas palavras, mas não é obrigatório que estas palavras tenham de estar graficamente dissociadas. Concretizando: com ou sem hífen, *bicho-de-sete-cabeças*/*bicho de sete cabeças* é uma UF²⁵⁶.

²⁵⁵ A propósito do uso do hífen, vd. Maria Manuela do S. P. Gomes: *Os Nomes Compostos nos Dicionários Portugueses. O Hífen e a Variação Gráfica* [Tese de Mestrado defendida na Universidade do Minho em 31 de outubro de 2006].

²⁵⁶ Neste aspeto (presença/ausência de hífen), a UF aproxima-se da noção de composto morfossintático do DT (*guarda-chuva, via láctea...*): “Composição morfossintática: Processo de composição que associa duas ou mais palavras. A estrutura destes compostos depende da relação sintática e semântica entre os seus membros, o que tem consequências para a forma como são flexionados em número” (Ex.: ‘surdo-mudo’, ‘guarda-chuva’ e ‘via láctea’).” (DT, <http://dt.dgicd.min-edu.pt/>, consulta efetuada em maio/2013).

Em termos de limite máximo, a UF pode corresponder a uma frase, enunciado ou ato de fala, às vezes com mais de uma oração (Exemplos: *Tudo bem?*, *Penso logo existo* e *Quem canta seus males espanta*)²⁵⁷. Além disso, ao contrário do que acontece nos compostos morfossintáticos, nas locuções em geral não se verifica variação em gênero e número²⁵⁸. Exemplificando: *surdo-mudo/surda-muda/surdos-mudos/surdas-mudas* é uma palavra, um composto morfossintático; *bicho de sete cabeças* ou *bicho-de-sete-cabeças* (mas não *bichos*) é uma locução²⁵⁹.

Ainda que o critério ortográfico não seja, no nosso entender, distintivo, assistimos a uma tendência generalizada para diferenciar graficamente duas estruturas linguísticas de difícil distinção - o composto morfossintático (tipo de palavra complexa) e a locução (tipo de UF) -, apresentando-se o composto morfossintático majoritariamente com hífen (*surdo-mudo*, *guarda-chuva...*, mas *via láctea*) e a locução sem hífen (*em breve*, *conto do vigário...*, mas *conto-do-vigário*)²⁶⁰.

Outro problema relacionado com a polilexicalidade tem a ver com a determinação do número de constituintes de uma UF, sobretudo no caso das locuções verbais. Atentemos nos exemplos que se seguem, em especial nas expressões destacadas (sublinhado nosso):

- (1) “Durão Barroso / Ele está para ficar? / Construtor de pontes numa Europa desunida, Durão Barroso foi capaz de **agradar a gregos e a troianos**. É provável que, daqui a umas semanas, renove o seu mandato à frente da Comissão Europeia” (*Visão*, 07/05/2009, p. 32);
- (2) “[Na cimeira da Nato, em Lisboa] O primeiro-ministro espanhol [...] **andou à nora** para saber qual era o seu lugar na foto de família. Ao lado, David Cameron [inglês], Barak Obama [norte-americano] e Nicolas Sarkozy [francês]” (JN, 21/11/2010, p. 10);

²⁵⁷ Assumimos como nossa a definição de “enunciado” presente no DT: “Produto de um acto de enunciação, é uma sequência comunicativa de extensão variável, semanticamente auto-suficiente e sintacticamente independente, que forma parte da cadeia de um texto, oral ou escrito, na qual os enunciados se concatenam em conformidade com os critérios de coesão e de coerência textuais e com o princípio da progressão temática” (Em <http://dt.dgidc.min-edu.pt/>. Consulta efetuada em maio/2013).

²⁵⁸ É claro que no caso das locuções verbais a flexão é possível: ‘apertar/apertam/apertei... o cinto’ (‘fazer sacrifícios’; ‘poupar’).

²⁵⁹ Veja-se o capítulo 24 - “Formação de palavras: composição” - da *Gramática da Língua Portuguesa*, de Mateus *et al.*, 2003: 969-983.

²⁶⁰ A propósito do uso do hífen na “Formação de palavras por composição”, dizem Cunha e Cintra (1986 [1984]: 107): “Reitere-se que o emprego do hífen é uma simples convenção ortográfica. Nem sempre os elementos justapostos vêm ligados por ele. Há os que se escrevem unidos: *passatempo*, *varapau*, etc.; como há outros que conservam a sua autonomia gráfica: *pai de família*, *fim de semana*, *Idade Média*, etc.”.

- (3) “**Viver à grande** / Há cada vez mais portugueses que se riem da crise. Conheça os pequenos grandes luxos de um mercado que está longe de **apertar o cinto**” (Revista *Focus*, 31/12/2008-06/01/2009, capa);
- (4) “O Ministério da Educação, de Nuno Crato, dá ordens contraditórias para a preparação do novo ano lectivo. Os directores das escolas **estão à beira de um ataque de nervos** e **apontam o dedo** à 5 de Outubro” (*Jornal i*, 01/08/2011, 1.ª p.).

Relativamente às construções sublinhadas, quais são verdadeiramente os constituintes das UF? Em (1), a expressão *agradar a gregos e a troianos* significa *agradar a todos*, logo o verbo *agradar* mantém o seu sentido literal e permite a flexão (*agrada/agradou/... a gregos e a troianos*). Devemos considerar o verbo *agradar* como constituinte da UF? Sim, porque, apesar de se manter o seu sentido literal, os restantes elementos *exigem-no* como parte de um todo. Em (2), *andou à nora* tem o sentido de *andou desorientado* e mais uma vez o verbo, neste caso *andar*, mantém o seu sentido literal. Todavia, ao contrário de *agradar* (em *agradar a gregos e a troianos*), a forma verbal *andou* podia ter sido eventualmente substituída por *viu-se*, *ficou* ou até *esteve*, o que prova que o núcleo da EI, *à nora*, não convoca obrigatoriamente o verbo *andar*. Neste caso, é plausível considerar como EI apenas *à nora*. Em (3), *Viver à grande* é uma forma apocopada de *Viver à grande e à francesa* (isto é, *Viver de forma abastada*): graças à frequência e institucionalização da forma plena, o utilizador não tem dificuldade em reconstruí-la. Apesar de se poderem encontrar outros verbos associados à expressão *à grande e à francesa* (*comer/dormir/... à grande e à francesa*), a verdade é que é o verbo *viver* que surge mais frequentemente (na verdade, *comer* e *dormir... à grande e à francesa* não são mais do que formas concretas de *viver... à grande e à francesa*). Quanto a *apertar o cinto*, isto é, *fazer sacrifícios/viver com dificuldades*, não há dúvidas de que todos os constituintes se impõem como um todo de sentido idiomático. Em (4), na construção *estão à beira de um ataque de nervos* a forma verbal *estão* pertencerá à UF? Julgamos que não: o núcleo *à beira de um ataque de nervos* (com o significado de *numa situação de desespero iminente*) podia eventualmete prescindir do verbo que a introduz (*“Os directores das escolas [*estão*] *à beira de um ataque de nervos* [e] *apontam o dedo* à 5 de Outubro”). Quanto à expressão *apontam o dedo*, isto é, *acusam/criticam*, tal como *apertar o cinto*, funciona como um todo: o verbo *apontar* pode ser flexionado (*apontam/apontaram... o dedo*) mas não suprimido ou substituído (**esticam/mostram o dedo?*).

Independentemente das voltas que dermos, fica-se com a certeza de que muitas vezes a (meta)linguagem se nos escapa e que o mais sensato é entendê-la como matéria não discreta, gradativa e com zonas de transição: entre a palavra, o sintagma livre e o sintagma fixo (Carvalho, 1984: 505-506), por um lado; entre a palavra (composta), a colocação, a locução e o enunciado fraseológico (Corpas Pastor, 1996), por outro.

b) Frequência

A análise desta característica deve ser feita tendo em conta a frequência de coaparição dos constituintes da UF e a frequência de uso da UF como tal. Por *frecuência de coaparição* entendemos “la que presentan aquellas UFS cuyos elementos constituyentes aparecen combinados con una frecuencia de aparición conjunta superior a la que cabría esperar según la frecuencia de aparición individual de cada palabra en la lengua” (Corpas Pastor, 1996: 20-21). A partir do momento em que uma combinação de palavras, formada livremente conforme as regras do sistema linguístico, é utilizada num ato comunicativo específico, essa combinação passa a estar disponível como estrutura já feita, pronta para ser usada pelos falantes. E quanto mais frequentemente for usada uma combinação de palavras, mais possibilidades terá de se consolidar como expressão fixa e armazenar-se na memória dos falantes. Recordemos que Corpas Pastor (1996: 21) referiu um estudo de Barker e Sorhus (1975: 8), sobre o inglês do Canadá, onde se chama a atenção para a elevada frequência das expressões fixas: “en un corpus de más de 131.536 palabras, se registra una expresión fija por cada cinco palabras emitidas”. Por sua vez, Mel’čuk (*apud* Iriarte Sanromán, 2001: 26) havia afirmado que num texto linguístico de 25 linhas podemos encontrar um máximo de 14 frasesmas (se o texto for jornalístico, o número de frasesmas poderá ser maior).

Exemplifiquemos agora com um caso do português. Quando o então primeiro-ministro Cavaco Silva no XII Governo (1991-1995) utilizou a expressão *forças de bloqueio* para se referir a determinados opositores, ela passou a ser usada como uma combinação, por vários portugueses e em situações comunicativas diversas²⁶¹.

²⁶¹ Consulta efetuada no motor de busca google.pt, em 27/02/2015: “força de bloqueio”, c. de 132 000 resultados (ex.: “www.jn.pt/PaginalInicial/Sociedade/Saude/Interior.aspx?content_id.../PSD considera bastonário da Ordem dos Médicos "força de bloqueio permanente". 03/02/2015. O deputado do PSD Miguel Santos considerou, esta terça-feira, ...”); “forças de bloqueio”, c. de 30 300 resultados (ex.: “economico.sapo.pt/.../embaixador-marcos-barrica-condena-forcas-de-blo.../24/10/2014 - O embaixador de Angola em Portugal, José Marcos Barrica, condenou esta semana as "forças de bloqueio" portuguesas, que "transformam as ...”).

Mas em termos de frequência, há certamente UF mais representativas do que *força(s)* de *bloqueio*. A nossa intuição linguística levou-nos a procurar algumas UF (10 no total) que poderão ser das mais frequentes na língua portuguesa²⁶²:

“**dar uma vista de olhos**”: c. de 1 520 000 resultados (“www.devilwearsalouboutin.com/.../diario-de-bordo... - Jul 28, 2011 – Estive a **dar uma vista de olhos** pelo teu blog e tenho adorado os post's. Desejo-te um resto de uma boa viagem e deixo-te uma sugestão: viaja ...”).

“**de um dia para o outro**”: c. de 7 020 000 resultados (“economico.sapo.pt/edicao/.../pt/.../1030140.html - E não muda **de um dia para o outro**. Somos um país muito merdoso! Quem governa tem de se encher de paciência, tem às vezes de ter vergonha de quem está ...”).

“**em grande**”: c. de 7 120 000 resultados (“www.plotcontent.com/ideias-para-um-2013-em-gr... - Ideias para um 2013 **em grande**. No final de 2012, fizemos um bypass tranquilo aos postais de Natal e decidimos preparar um kit de optimismo para 2013”).

“**fazer de conta**”: c. de 3 630 000 resultados (“www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content... - O líder do PSD, Pedro Passos Coelho, disse hoje que não se pode “**fazer de conta** que há democracia”, acusando o PS de actuar como se o Estado lhe ...”).

“**já agora**”: c. de 2 230 000 resultados (“www.edita-me.pt > ... > [Sim, e agora? Sim, já agora.](#) - **Já agora**, aguenta-se mais um pouco; **Já agora**, os filhos vão crescer; **Já agora**, encontramos-nos; O “**já agora**” português?! Essa expressão que nos atrasa a ...”).

“**mais cedo ou mais tarde**”: c. de 10 400 000 resultados (“www.tsf.pt/blogs/maiscedo/default.aspx - Jun 30, 2011 – **Mais cedo ou mais tarde**, as suas ideias podem dar um programa de rádio. Sugira alguém que pode vir a ser entrevistado (ou sugira-se a si ...”).

“**pelo sim pelo não**”: c. de 1 900 000 resultados (“nadadecoisanenhum.blogspot.com/.../dizem-q... - Dec 7, 2012 – Dizem que é Natal...**pelo sim pelo não** deixo aqui 3 desejos. 1. Partir, chegar, e voltar a partir... sem destino. 2. Ter o meu mundo concentrado ...”).

²⁶² Consulta efetuada em 19 e 23/04/2013, em www.google.pt.

“**sair do armário**”: c. de 2 780 000 resultados (“[pt.wikipedia.org/wiki/Sair_do_armário](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sair_do_arm%C3%A1rio) - **Sair do armário** é uma expressão que descreve o anúncio público da orientação sexual ou identidade de género de alguém, ou de si próprio. Estar fora do ...”).

“**tolerância de ponto**”: c. de 2 100 000 resultados (“economico.sapo.pt/.../carnavale-pascoa-sem-toler... - O Executivo já anunciou que não vai conceder **tolerância de ponto** ao funcionários públicos nem no Carnaval nem na Páscoa. | Notícias sobre economia ...”).

“**valer a pena**”: c. de 9 710 000 resultados (“não valer a pena”: 482 000; “vale a pena”: 323 000 000; “não vale a pena: 43 400 000; “valeu a pena”: 43 000 000; “não valeu a pena”: 1 260 000) (“www.wook.pt > ... > [Psicologia](#) - Vai **Valer a Pena**. Nove mulheres, em diferentes momentos das suas relações, abriram o coração ao psicólogo Joaquim Quintino Aires. Ele não as conhe...”).

Apesar da volatilidade destes resultados, podemos arriscar algumas considerações: em primeiro lugar, verificámos que o número de ocorrências de uma determinada expressão pode variar literalmente de um dia para o outro²⁶³; em segundo, ao analisarmos os contextos em que ocorrem as combinatórias, percebemos que nem todas possuem valor fraseológico²⁶⁴; em terceiro lugar, no caso das locuções verbais, ao introduzirmos, no motor de busca, a forma do infinitivo (“dar uma vista de olhos”, por exemplo), estamos a excluir todas as formas flexionadas (“dei uma vista de olhos”, “dá uma vista de olhos”, etc.)²⁶⁵. Neste caso, terá algum interesse considerar a UF na sua forma extensa e na sua forma reduzida: para “dar uma vista de olhos”, cerca de 1 520 000 resultados; para “vista de olhos”, cerca de 5 080 000 resultados. Curiosa é a locução “valer a pena”: mesmo na forma de infinitivo, ela apresenta um número de ocorrências elevadíssimo; se a confrontarmos com a respetiva forma negativa (“não valer a pena”), verificamos que esta apresenta valores bem mais reduzidos (c. de 482 000 resultados).

²⁶³ No motor de busca google.pt, para *fazer das tripas coração*, por exemplo, c. de 24 100 resultados, em 17/03/2015; e c. de 24 600 resultados, em 18/03/2015.

²⁶⁴ Por exemplo, *pele sim pelo não* é também nome de um método de depilação.

²⁶⁵ Devido a estas limitações impostas pelo Google, recorre-se frequentemente a *corpora* disponíveis para português, com muitas mais possibilidades de definir buscas. Eis alguns exemplos: (1) **Corpora Linguatca: Projecto AC/DC** (<http://www.linguatca.pt/ACDC/>), (2) **Procura-PALavras (P-PAL): Uma aplicação web para uma nova base lexical do português europeu** (<http://p-pal.di.uminho.pt/about/project>) Corlex (Bacelar do Nascimento *et al.*, 2000) + Linguatca e (3) **Per-fide: Português em paralelo com seis línguas: Español, Russian, Français, Italiano, Deutsch, English** (<http://per-fide.ilch.uminho.pt/site.pl/index.pt> e <http://per-fide.di.uminho.pt/query>). Esta informação sobre *corpora* foi-nos gentilmente disponibilizada pelo Professor Iriarte Sanromán.

c) Institucionalização

O uso, a repetição e a frequência de uma determinada combinação de palavras levam geralmente à sua institucionalização ou convencionalização. Este é, portanto, um processo demorado em que a institucionalização de uma expressão decorre de uma repetição diacrónica que desemboca na fixação.

Não esqueçamos que, em 1966, Coseriu (*apud* Corpas Pastor, 1996: 36) usou a expressão *discours répété*, isto é, discurso repetido, para abarcar “todo lo que tradicionalmente está fijado como ‘expresión’, ‘giro’, ‘modismo’, ‘frase’ o ‘locución’ y cuyos elementos constitutivos no son reemplazables o re-combinables según las reglas actuales de la lengua”.

Podemos dizer que as “combinaciones repetidas funcionan como unidades del lexicón mental”, isto é, “se almacenan y se usan como entidades completas en mayor o menor grado” (Corpas Pastor, 1996: 22). Posto isto, melhor se compreende o facto de ser relativamente fácil, para um falante nativo, completar de imediato uma determinada expressão fixa, precisamente porque no seu (e da comunidade de falantes a que pertence) *lexicón mental* elas se encontram armazenadas como um todo institucionalizado, graças a um longo processo de usos e repetições por parte de uma determinada comunidade linguística: *nem chus... nem bus/mus; pão pão... queijo queijo; sem eira... nem beira; grão a grão... enche a galinha o papo*; etc.

d) Estabilidade

Corpas Pastor (1996: 23-26) serve-se do termo *estabilidadade* para abarcar os traços institucionalização e lexicalização. A institucionalização apresenta duas características fundamentais, relacionadas entre si: a fixação (ou estabilidade formal) e a especialização semântica (ou lexicalização). Segundo Zuluaga (*apud* Corpas Pastor, 1996: 23), a fixação é aquela “propiedad que tienen ciertas expresiones de ser reproducidas en el hablar como combinaciones previamente hechas” e pode ser de ordem diversa. Para Thun (*apud* Corpas Pastor, 1996: 23), as UF podem apresentar fixação interna ou externa: a fixação é interna quando é material (fixação da ordem dos constituintes, realização fonética fixa e restrições na eleição dos constituintes, em termos de acrescentamento, supressão, substituição e transformações) e de conteúdo (peculiaridades semânticas); a fixação é externa quando ela se manifesta, por exemplo, em situações de interação social oral (*fixação situacional*, como é

habitual numa saudação: *Muito prazer em conhecê-lo!*) ou de estruturação de texto escrito (*fixação posicional*, como *Com os melhores cumprimentos*, na parte final de uma carta). Quanto à especialização semântica (ou lexicalização), entendida como uma das características da institucionalização, ela apresenta duas vertentes fundamentais: (1) a lexicalização que resulta da adição de significado, à semelhança do que acontece em *pôr o dedo na ferida*, em que se passa do particular, físico e concreto para o geral, psíquico e abstrato (por exemplo, quando *pôr o dedo na ferida* significa *referir um assunto sensível*) e (2) a lexicalização que resulta da supressão de significado, como é o caso de *fazer menção* (*mencionar*). De acordo com estes exemplos, conclui-se que primeiramente se dá a fixação e depois, como consequência, poderá ocorrer uma mudança semântica. Conclui-se também que toda a expressão que apresenta especialização semântica é fixa, mas não necessariamente o inverso: por exemplo, *levantar a cabeça*, com o sentido de *não se dar por vencido/recuperar de uma situação desfavorável*, apresenta os traços *especialização semântica* e *fixidez*, mas *apesar de*, como locução subordinativa concessiva, possui apenas o traço *fixidez*.

Embora Corpas Pastor (1996: 23-26), para explicar *estabilidade*, se tenha servido de conceitos vários, como institucionalização, lexicalização, fixação, estabilidade formal, especialização semântica e mudança semântica, assumimos a *estabilidade* como uma característica (ou conjunto de características) das UF associada principalmente à fixação (interna e externa).

e) Variação

A fixação é uma das características mais emblemáticas das UF. Todavia, esta fixação é relativa (vd. Corpas Pastor, 1996: 27). Expressões como (1) *dar uma mão/mãozinha*²⁶⁶, (2) *à última hora/da hora*²⁶⁷, (3) *nem chus nem bus/mus*²⁶⁸ e (4) *de quando em vez/de vez em quando*²⁶⁹ fazem-nos supor que a variação faz parte da natureza das UF. E a variação pode ser de

²⁶⁶ No motor de busca Google.pt, em 16/05/2011: “dar uma mão”, c. de 559 000 resultados; “dar uma mãozinha”, c. de 826 000 resultados.

²⁶⁷ No motor de busca google.pt, em 14/01/2014: “à última da hora”, c. de 406 000 resultados; “à última hora”, c. de 1 350 000 resultados.

²⁶⁸ No motor de busca google.pt, em 22/04/2014: “nem chus nem bus”, c. de 589 000 resultados; “nem chus nem mus”, c. de 1 520 resultados.

²⁶⁹ No motor de busca google.pt, em 22/04/2014: “de vez em quando”, c. de 76 000 000 resultados; “de quando em vez”, c. de 2 990 000 resultados.

vários tipos, como se pode ver pelos exemplos apresentados: lexical em (3), estrutural em (2) e (4), derivacional em (1). Partindo de autores como Zuluaga (*apud* Corpas Pastor, 1996: 27), é possível, no âmbito da variação, distinguir *variantes*, *variações* e *modificações*: as UF são *variantes* quando, entre outras condições, não apresentam diferenças de significado e são parcialmente idênticas na sua estrutura e componentes (*acordar de cu/com o cu para o ar, achar/encontrar uma agulha no palheiro*); *variações* são, por exemplo, os casos de derivação (*novo/novinho em folha*); quanto às *modificações*, elas estão geralmente associadas à dimensão criativa das UF, como acontece frequentemente em textos jornalísticos, publicitários e literários. E quanto maior é a fixação das UF, “y por ende su institucionalización, más posibilidades hay de que sufran modificación en el discurso, y de que tal modificación y su efecto sean reconocidos por los hablantes” (Corpas Pastor, 1996: 29). Eis alguns exemplos de modificações e respetivos comentários (sublinhado nosso):

- (1) **“Túnel ao fundo do túnel”**: título de uma crónica de Ricardo Araújo Pereira (*Visão*, 18/04/2013: 98), obtido por modificação da *El luz ao fundo do túnel*, isto é, *pequena esperança*, para exprimir a total descrença nas políticas de austeridade do governo de Pedro Passos Coelho;
- (2) “[...] abundam no reino bastardos da real semente [D. João V] e **ainda agora a procissão vai na praça**”: Saramago (*Memorial do Convento*, 1994 [1982]: 7) modifica a expressão (*praça* por *adro*) talvez porque a largueza da *praça* se coadune melhor com a grandiosidade real;
- (3) “Mude o curso da sua vida / **do dia para a noite** / Cursos em horário pós-laboral”: cartaz publicitário da Universidade do Minho (ano letivo 2010/2011), modificando a expressão mais habitual *da noite para o dia*, em consonância com o regime dos cursos (pós-laboral).

Variação e fixação/regularidade são, como vimos, faces da mesma realidade fraseológica. Com Dobrovol’skij (*apud* Corpas Pastor, 1996: 28), podemos concluir que a variação fraseológica constitui um universal linguístico, a partir do qual se pode medir “el grado de regularidad de un sistema fraseológico dado: cuantas más variaciones, transformaciones y modificaciones presenten los fraseologismos de una lengua, más regular es su sistema fraseológico”.

f) Idiomaticidade

Ao contrário do que acontece com os traços *polilexicalidade*, *frequência*, *institucionalização* e *estabilidade*, a *idiomaticidade* não é uma condição *sine qua non* para que uma expressão seja UF. Por outras palavras: nem todas as UF são idiomáticas. Assim, *a fim de*, por exemplo, é uma UF mas não é idiomática; ao contrário de *atirar a toalha ao chão*, com o sentido de *desistir*, que é uma UF idiomática. O termo *idiomaticidade* tem sido usado para designar o grau mais elevado da especialização ou lexicalização semântica. É, pois, uma propriedade (semântica) que certas UF apresentam, “por la cual el significado global de dicha unidad no es deducible del significado aislado de cada uno de sus elementos constitutivos” (Corpas Pastor, 1996: 26).

Baránov e Dobrovol'skiï, em “Idiomaticidad e Idiomatismos”²⁷⁰, relevam não só a importância da idiomaticidade como também a sua complexidade. Afirmam que, de certa forma, cada conceção teórica entende a esfera do idiomático à sua maneira. Todavia, é possível identificar uma parte comum à maioria das definições das EI, que se reduziria a três ideias: *pluriverbalidad*, *fijación* e *idiomaticidad*. E concluem: todas estas ideias geram habitualmente muitas dúvidas; contudo, “el concepto que más preguntas suscita es el de idiomaticidad” (Luque Durán & Pamies Bertrán, 1998: 19).

Quem reconhece igualmente a importância das locuções e da idiomaticidade no âmbito dos estudos fraseológicos é Elisabeth Piirainen:

“Existe unha longa tradición na lingüística europea de clasifica-los frasemas en *locucións*, *proverbios*, *colocacións restrinxidas* ou *fórmulas rutineiras*. O consenso neste caso radica en que o grupo central de frasemas é o das *locucións* (cf. Burger *et al.* 2007). Unha característica esencial das locucións é a súa irregularidade semántica (ou idiomaticidade)” (Piirainen, 2007: 174).

Chamamos, então, *Expressões Idiomáticas* (EI) às UF que possuem o traço idiomaticidade e não constituem enunciados. Nos dicionários, refere-se em geral a natureza figurada ou translaticia destas expressões, mas também o seu carácter idiosincrático:

²⁷⁰ Em Luque Durán & Pamies Bertrán (eds.), 1998: 19-42.

Expressão idiomática:

(1) “a que é peculiar a uma língua, geralmente devido ao facto de o seu significado não ser literal. Dar com os burrinhos na água é uma expressão idiomática que significa «não conseguir o que se pretende»” (*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, 2011);

(2) “locução ou frase cristalizada numa determinada língua, cujo significado não é deduzível dos significados das palavras que a compõem e que ger. não pode ser entendida ao pé da letra (p. ex., *bater perna, falar para as paredes, bilhete azul*, etc.); grupo fraseológico, idiotismo” (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 2003);

(3) “Expressão constituída por mais de uma palavra, cujo significado não pode ser inferido a partir do significado das partes que a constituem. Exemplos: *ir desta para melhor, tal pai tal filho, ter macaquinhos no sótão*. Notas: O termo “fraseologia” é, por vezes, utilizado como sinónimo de expressão idiomática” (DT, 2008).

É sobretudo por causa desta natureza peculiar das EI que alguns autores (Vilela, 2002: 349-384; Gonçalves, 2004: 615-623; Tchobánova, 2004: 887-896; entre outros) afirmam ser uma missão impossível traduzir literalmente EI.

Apesar de não ser uma condição indispensável, a idiomaticidade assume tal relevância que para a “corriente de investigación fraseológica anglo-norte-americana representa el rasgo esencial de las UFS” (Corpas Pastor, 1996: 26). Mais: “el prototipo por excelencia de estas unidades han sido durante mucho tiempo, y especialmente en la tradición anglo-norteamericana, aquellas caracterizadas por la presencia de opacidad semántica o idiomaticidad” (*ibidem*: 27). A importância da EI manifesta-se igualmente na terminologia: ora é designada por *fraseologia*, tal e qual a disciplina linguística que a estuda, (con)fundindo-se com ela (Vilela, 2002), ora por *frasema completo* (Mel’čuk, 2003).

Pensando em classificações mais discutíveis, citemos Tchobánova (2004: 887-896) que considera UF apenas os *fraseologismos* (ou EI: *bater a bota, ter lata...*), excluindo claramente as colocações (*vontade férrea, dormir profundamente...*) e os provérbios (ou ditados ou parémiás ou...: *Quem canta seus males espanta, De pequenino é que se torce o pepino...*)²⁷¹: as

²⁷¹ Tchobánova (APL, 2004: 892) adianta uma distinção entre provérbio e ditado: “Nos trabalhos de alguns autores franceses faz-se a distinção entre provérbios e ditados com base no carácter metafórico ou literal do enunciado. Assim, Alain Rey no prefácio ao *Dictionnaire de Proverbes et Dictons* (1984: 11) afirma que a metáfora está associada ao provérbio, enquanto os casos de tal associação no ditado são raríssimos. Também Greimas (1960) estabelece uma distinção entre os enunciados metafóricos e os de expressão directa, classificando os primeiros de provérbios e os segundos de ditados”.

colocações, por não possuírem “um dos traços distintivos fundamentais da UF – o seu carácter semântico compacto” (*ibidem*: 891); os provérbios, por constituírem não uma parte da frase, como o *fraseologismo*, mas “uma frase completa em que todas as posições sintácticas estão ocupadas, inclusivé [sic] a posição de sujeito” (*ibidem*: 894). Aliás, o reconhecimento das diferenças entre os fraseologismos e os provérbios/ditados/anexins... (ou parémias) terá levado ao aparecimento da paremiologia, só teoricamente distinta da fraseologia²⁷². Quanto a nós, entendemos a fraseologia no sentido amplo, isto é, como disciplina linguística que tem como objeto de estudo as UF onde se incluem, de acordo com a terminologia de Corpas Pastor (1996), as colocações, as locuções e os enunciados fraseológicos (fórmulas de rotina e parémias).

Voltando à idiomaticidade e às EI, perceberemos que estamos perante uma tessitura complexa onde entram noções como *peculiar*, *protótipo* e *significado figurado* ou *translatício/traslatício*. Mas há mais: sendo o significado figurado o resultado de transferências do significado literal, impõe-se a inclusão, nesta rede idiomática, da metáfora, da metonímia e da sinédoque.

Embora Bally (1909) e Lapa (1945) tivessem desvalorizado a dimensão diacrónica das UF, defendemos que o conhecimento da origem e da evolução de uma EI confere um mais elevado grau de proficiência comunicativa em termos de compreensão e usos multifuncionais. Exemplificando: é fundamental saber que a expressão *de lés a lés* significa *de uma ponta à outra* e que *sem dizer água vai* tem o sentido de *inesperadamente/sem o mais pequeno aviso*; mas é também importante saber que a primeira expressão será uma forma apocopada de *de leste a leste* e que a segunda traduzirá um costume antigo de lançar para a via pública águas sujas e com dejetos²⁷³.

Dois aspetos considerados muitas vezes elementos distintivos das EI são a presença de arcaísmos (ou palavras de uso restrito) e a ausência de artigo. Associamo-los à idiomaticidade porque também eles podem contribuir para a natureza idiomática de uma expressão. Assim, em locuções como *a granel* (em grande quantidade), *à guisa de* (à maneira de), *(andar) numa fona* ((andar) muito atarefado) e *de escantilhão* (precipitadamente) deparamo-nos com vocábulos que nunca ou quase nunca se usam fora das EI. Quanto à ausência de artigo, é também fácil encontrar entre as EI casos onde isso acontece: *ter cabeça* (ser ajuizado/inteligente), *não*

²⁷² Veja-se o que dissemos no Capítulo 2 (“Fraseologia Geral”) deste nosso trabalho, no ponto “2.1. Fraseologia e Paremiologia”.

²⁷³ Sobre a expressão *de lés a lés*, veja-se o *Dicionário da Língua Portuguesa 2013*, Porto Editora; relativamente à história da expressão *sem dizer água vai*, vd. “Retalhos de um adagiário”, de José Maria Adrião, em Vasconcelos, RL XXV, 1925: 75-127.

arredar pé (conservar-se firmemente no mesmo lugar) e *não ter mão em* (alguém) (não se fazer obedecer), por exemplo²⁷⁴.

A compreensão de uma tão grande variedade de EI, quase todas formadas *in illo tempore*, exige do utilizador um conhecimento por vezes enciclopédico, que associa ao presente o conhecimento passado. Por esta razão, em contexto de ensino-aprendizagem do PLM/PLNM o professor pode tirar proveito do carácter *sui generis* da EI, marcado geralmente por uma dimensão sincrónica e diacrónica, convertendo-o num catalisador de motivações.

g) Gradação

Não foi por acaso que reservámos para o fim a *gradação*. Convocando todos os traços até agora apontados como mais característicos das UF – *polilexicalidade, frequência, institucionalização, estabilidade, variação e idiomaticidade* –, percebemos que a gradação se impõe como denominador comum na medida em que é possível medir cada um dos traços através de uma escala gradual. Apliquemos três desses traços (*polilexicalidade, frequência e idiomaticidade*) a igual número de UF: (1) *chuvas torrenciais*, (2) *de lés a lés* e (3) *Quem tem boca vai a Roma*. Em termos de polilexicalidade, (1) é menos polilexical do que (2) e (3); quanto à frequência, (1) apresenta um número de ocorrências menor do que (2) e (3)²⁷⁵; relativamente à idiomaticidade, (1) denota também um grau mais reduzido quando comparado com (2) e (3). Na verdade, em *chuvas torrenciais* a fixidez é relativa (o termo *chuvas* pode combinar-se, por exemplo, com *ácidas*) e a idiomaticidade, quando muito, está no modificador do nome (*torrenciais*).

Para se ter uma ideia da importância assumida pela gradação, importa ter presente os autores que dela se serviram para fundamentar a sua classificação de UF²⁷⁶. Esses autores socorreram-se de critérios como o grau de restrição colocacional (ausência de restrição, restrição parcial e restrição total), de fixação sintático-estrutural (regular, regular com restrições e irregular) e de opacidade semântica ou idiomaticidade (semanticamente transparentes, metafóricas, semitransparentes e opacas). Da aplicação destes critérios emergem, então, grupos

²⁷⁴ São muitas as propostas de autores para se identificar uma EI. Veja-se, por exemplo, “La identificación de las Expresiones Idiomáticas” de Čermák, em Luque Durán & Pamies Bertrán (eds.), 1998: 1-18.

²⁷⁵ N.º aproximado de ocorrências em www.google.pt (consulta efetuada em 25/04/2013): “chuvas torrenciais”, c. de 237 000; “de lés a lés”, c. de 1 780 000; “Quem tem boca vai a Roma”, c. de 567 000.

²⁷⁶ Corpas Pastor (1996: 31) apresenta como exemplos Haensch *et al.*, 1982, e Carter, 1989b [1987].

de UF, marcados por graus de diferente intensidade, num *continuum* que vai da menor à maior restrição colocacional e sintático-semântica, assim como da menor à maior idiomaticidade: na hierarquia fraseológica, as colocações (como *chuvas torrenciais*) ocupam os lugares mais baixos e as locuções ou EI ([*andar*] *numa fona, nem chus nem bus/mus...*) os mais altos.

Relevando dois dos traços para nós mais prototípicos das UF – a *fixidez* (que inclui, de certo modo, os traços *frequência*, *institucionalização* e *estabilidade*) e a *idiomaticidade*, para além da *polilexicalidade* -, eis uma representação esquemática das UF, segundo a sinalética - ⇒

+:

(1) Quanto à Fixidez: Colocação ⇒ Locução ⇒ Parémia;

(2) Quanto à Idiomaticidade: Colocação ⇒ Locução Idiomática e Parémia Idiomática²⁷⁷.

²⁷⁷ Sobre a relação entre EI e parémia, veja-se, a título de exemplo, Baránov & Dobrovól'skii, em "Idiomaticidad e Idiomatismos" (Luque Durán & Pamies Bertrán (eds.), 1998: 38-39).

4.1.4. Unidades Fraseológicas: Quadro-síntese

Depois de identificadas e descritas as principais características linguísticas das UF (polilexicalidade, frequência, institucionalização, estabilidade, variação, idiomaticidade e gradação), apresentamos, de seguida, uma proposta de classificação das UF, baseada fundamentalmente em Corpas Pastor (1996).

| Unidade Fraseológica ou Frasema | |
|---|---|
| Combinação (mais ou menos) fixa de duas ou mais palavras, lexicalizada e institucionalizada, podendo constituir ou não um enunciado ou ato de fala e com ou sem sentido figurado. | |
| Tipologia | Exemplos |
| 1. Se não constitui um enunciado ou ato de fala e... | 1.1. ...não possui sentido figurado: unidade fraseológica não idiomática ou frasema não idiomático ou colocação não idiomática ou locução não idiomática ou expressão não idiomática ... |
| | 1.2. ...pelo menos um dos constituintes possui sentido figurado: unidade fraseológica idiomática ou frasema idiomático ou locução idiomática ou, preferencialmente, expressão idiomática ... |
| 2. Se constitui um enunciado completo ou ato de fala e exprime... | 2.1. ...uma fórmula de rotina: fórmula de rotina ou pragmatema ... |
| | 2.2. ...uma verdade universal da sabedoria popular, com intenção moralizadora, com ou sem sentido figurado: provérbio ou parémia ou ... |
| | 2.3. ...um pensamento de autor: citação , máxima , aforismo ... |

Quadro 7 - Proposta de Classificação das Unidades Fraseológicas

4.2. Expressões Idiomáticas

4.2.1. Das Locuções às Expressões Idiomáticas

Corpas Pastor (1996: 93), ao propor uma taxonomia para as locuções (idiomáticas ou não), explicou que iria seguir o critério tradicional, dividindo-as “según la función oracional que desempeñen, independientemente de que sean conmutables por palabras simples o por sintagmas” e tendo em conta “el criterio de clase basado en el núcleo del sintagma de que se trate”. Neste sentido, distribuiu as locuções pelas subclasses que se seguem: (1) *locuciones nominales*, (2) *locuciones adjetivas*, (3) *locuciones adverbiales*²⁷⁸, (4) *locuciones verbales*, (5) *locuciones prepositivas*, (6) *locuciones conjuntivas* e (7) *locuciones clausales*.

Relativamente às três últimas classificações, apontam-se algumas particularidades. Corpas Pastor (1996: 106) apresenta as *locuciones prepositivas* e as *conjuntivas* como unidades com um estatuto “vacilante” no terreno da fraseologia. Sobre as *locuciones prepositivas*, diz Corpas Pastor (1996: 105): “salvo el hecho de no constituir sintagmas por sí mismas, satisfacen los demás criterios identificativos”. E dá exemplos: *encima de*, *gracias a*, *en vez de*, etc. Quanto às *locuciones conjuntivas*, que podem ser *coordinantes* (*ora... ora*, *antes bien*, *más que*, etc.) ou *subordinantes* (*con tal de*, *para que*, *a fin de que*, etc.), diferenciam-se das restantes locuções visto que não constituem sintagmas por si mesmas nem podem ser os seus núcleos. Todavia, “exceptuando el criterio de clase, estas unidades satisfacen el resto de las características definitorias de las UFS encuadradas en esta segunda esfera [locuciones]” (Corpas Pastor, 1996: 107). Como conclusão, podemos afirmar que as locuções prepositivas (ou preposicionais) e as conjuntivas (ou conjuncionais) são UF, mas não EI²⁷⁹. Para isso, precisariam de ter cumulativamente uma estrutura sintagmática e um sentido figurado.

Sobre as *locuciones clausales*, Corpas Pastor (1996: 109) afirma que nelas se incluem “locuciones de diversa índole formadas por varios sintagmas, de los cuales al menos uno de ellos es verbal”. Mas, tal como acontece com as demais locuções, as *clausales* não constituem frases completas, já que “(a) necesitan actualizar algún actante en el discurso en el cual se insertan” (exemplo: *salirle a alguien el tiro por la culata*) ou “(b) son cláusulas finitas,

²⁷⁸ Sobre o espanhol, diz Corpas Pastor (1996: 99): “La mayoría de las «locuciones adverbiales» o «modos adverbiales» tradicionales de la filología española son sintagmas prepositivos”.

²⁷⁹ No Dicionário Terminológico (disponível em <http://dt.dgdc.min-edu.pt/>, consultado em 26/04/2014), os termos utilizados são (locuções) “prepositivas” e “conjuncionais”.

restringidas a funcionar como elementos oracionais” (exemplo: *como quien dice*), isto é, “locuciones formadas por cláusulas enteras, que no tienen independencia textual, y carecen de fuerza ilocutiva” (Corpas Pastor, 1996: 110). À falta de melhor, e tendo em vista um aportuguesamento, chamemos às *locuciones clausales locuções polissintagmáticas* (por analogia com palavras *polissémicas* e *polissilábicas*). De qualquer modo, julgamos que é possível simplificar a classificação proposta por Copras Pastor e considerar *locuções verbais* os exemplos do primeiro tipo (*salirle a alguien el tiro por la culata*), ainda que constituídos por mais de um sintagma.

Esta classificação das locuções (como a das UF em geral) é, pois, uma tarefa complexa, porque convoca níveis gramaticais diversificados, como classes de palavras (Nome, Adjetivo, Verbo, Advérbio...), funções sintáticas (Sujeito, Predicado, Complemento Direto, Modificador Nominal...) e sintagmas (Sintagma Nominal, Verbal, Preposicional...) ²⁸⁰.

²⁸⁰ Exemplifiquemos, com o português, algumas dificuldades colocadas pela identificação e descrição das subclasses de locuções (sublinhado nosso): (1) “Cortes **à porta fechada** / Passos, Portas, Gaspar e Moedas [membros do Governo português] estiveram dias seguidos fechados em S. Bento a discutir cortes na despesa do Estado. No fim houve **fumo branco**, mas o ambiente é **de cortar à faca**” (Jornal *Sol*, 03/05/2013, 1.ª p., título/frases destacadas); (2) “O Facebook **dá voz** àqueles que não têm tido espaço para expressar os seus pensamentos” (Edmundo Matos, Jornal *Sol*, 03/05/2013, p. 51, frase destacada); (3) “Zariff, o barbeiro de sempre de Barack Obama, confirma que o presidente norte-americano está a ficar grisalho. **O caso não é para menos**, tantas são as suas **dores de cabeça** agora que muitos se questionam: “*Yes, can he?*” (Revista *Única*, 29/10/2011, p. 36); (4) “Uma atriz não posa para uma revista pornográfica **por tuta e meia**. Para mim, despir-me é uma questão de dinheiro” (São José Correia, *Sábado*, 04/11/2010, p. 29, frases destacadas); (5) “Estádio Axa / Cabeça de romano **para inglês ver** / [...] estádio Axa [em Braga], uma obra premiada de arquitetura e de engenharia mas um **bico de obra** para se ver futebol” (Revista *Notícias Sábado*, 25/09/2010, p. 21). Em (1), *à porta fechada* é uma locução adverbial formada por um sintagma preposicional e significa *secretamente/em privado* (*Cortes [decididos] secretamente*). No entanto, a supressão do participio passado (*decididos/ combinados*) permite entender a locução *à porta fechada* como uma locução adjetival (*cortes à porta fechada = cortes secretos*). Já *fumo branco* é indubitavelmente uma locução nominal (N + Adj.) com o sentido de *consenso, decisão tomada, e de cortar à faca* uma locução adjetival, formada por um sintagma preposicional (iniciado pela preposição *de*) a significar (*ambiente*) *tenso*. Em (2), *dá voz* é uma locução verbal, constituída por verbo e nome (complemento direto), e significa *deixa falar/ concede o direito de expressão*. Em (3), *O caso não é para menos* (isto é, *O caso é realmente motivo de grande atenção*) é uma locução polissintagmática (*clausal* na terminologia de Copras Pastor), uma vez que é constituída por vários sintagmas, dos quais pelo menos um deles é verbal (*O caso* – sintagma nominal; *não é para menos* – sintagma verbal). Esta locução, como é apanágio das *clausales/polissintagmáticas*, exprime um juízo, uma proposição. Já *dor de cabeça* (com o sentido de *preocupação*) é uma locução nominal (N + Prep. + N). Em (4), *por tuta e meia* é uma locução adverbial (que corresponde a um sintagma preposicional) com o sentido de *quase gratuitamente*. Em (5), *para inglês ver* será uma locução adjetival já que apresenta o sentido de [*Cabeça de romano*] *pouco genuína*. No entanto, esta é uma locução com alguma complexidade: além de funcionar sintaticamente como um modificador nominal (por isso a classificamos como locução adjetival), *para inglês ver* apresenta uma estrutura semelhante à das orações subordinadas finais: *Cabeça de romano [feita/preparada] para inglês ver*, isto é, *feita com a finalidade de impressionar alguém*, sendo a palavra *para* uma conjunção subordinativa final (equivalente à locução *a fim de*). Finalmente, *bico de obra* é uma locução nominal (N + Prep. + N), usada para exprimir a ideia de *problema/caso bicudo*, isto é, *caso difícil de resolver*.

4.2.2. Subclasses das Expressões Idiomáticas

Tendo em vista uma classificação das EI, através da determinação das suas subclasses, partimos da apresentada por Corpas Pastor (1996: 93) para as locuções, uma vez que as EI são, no nosso entender, locuções idiomáticas:

| Expressão Idiomática ou Locução Idiomática: Combinação (mais ou menos) fixa de duas ou mais palavras (unidas ou não por hífen), lexicalizada, institucionalizada e com sentido figurado (pelo menos um dos seus constituintes), que não constitui um enunciado ou ato de fala. | |
|---|--|
| Subclasses | Exemplos (sublinhado nosso) |
| 1. EI nominais ou locuções idiomáticas nominais | (01) “Explicar aos nossos filhos o que é o «casamento homossexual» não é um <u>bicho-de-sete-cabeças</u> [“coisa muito complicada”]. Para as crianças, importante mesmo é o afecto.” (Revista <i>Notícias Magazine</i> , 24/01/2010, p. 31). (02) “Estádio Axa [em Braga] [...], uma obra premiada de arquitectura e de engenharia mas um <u>bico de obra</u> [“dificuldade grande”] para se ver futebol” (Revista <i>Notícias Sábado</i> , 25/09/2010, p. 21). (03) “Zariff, o barbeiro de sempre de Barack Obama, confirma que o presidente norte-americano está a ficar grisalho. O caso não é para menos, tantas são as suas <u>dores de cabeça</u> [“problemas”]” (Revista <i>Única</i> , 29/10/2011, p. 36). |
| 2. EI adjetivais ou locuções idiomáticas adjetivais | (04) “Portugal empatou a três golos com Israel, na passada sexta-feira, 22, em Telavive, e Cristiano Ronaldo saiu do jogo apressado, <u>com cara de poucos amigos</u> [“carrancudo”]” (<i>Visão</i> , 28/03/2013, p. 22). (05) “Lesão de Liedson [futebolista] [...] está a deixar os sportinguistas <u>com o coração nas mãos</u> [muito preocupados]” (24 horas, 11/12/2008, p. 24). (06) “Críticos literários <u>de palmo e meio</u> [“muito jovens”]. Os quatro filhos de Ana e Simão Oom estão habituados a ler histórias em primeira mão” (Revista <i>Tabu</i> , in <i>Jornal Sol</i> , 05/06/2009, pp. 28-29). |
| 3. EI adverbiais ou locuções idiomáticas adverbiais | (07) “Uma actriz não posa para uma revista pornográfica <u>por tuta e meia</u> [“quase gratuitamente”]. Para mim, despir-me é uma questão de dinheiro” (São José Correia, <i>Sábado</i> , 04/11/2010, p. 29). (08) “Quem nos garante que este Orçamento do Estado, elaborado <u>em cima do joelho</u> [“apressadamente”], contém os remédios para travar a sangria?” (José Eduardo Moniz, <i>Público</i> “P2”, 20/10/2010, p. 3). (09) “«Não se exporta <u>de um dia para o outro</u> » [“apressadamente”] / Vice-presidente da AEP considera que empresas portuguesas devem elaborar um plano de internacionalização antes de começarem a exportar” (JN-“Negócios”, 28/01/2011, p. 10). |
| 4. EI verbais ou locuções idiomáticas verbais | (10) “O Facebook <u>dá voz</u> [“permite a comunicação”] àqueles que não têm tido espaço para expressar os seus pensamentos” (Edmundo Matos, <i>Jornal Sol</i> , 03/05/2013, p. 51). (11) “Louco, criativo, produz peças de roupa que são obras de arte. [John] Galliano <u>deitou tudo a perder</u> [“causou danos irreparáveis”] com os seus insultos racistas” (<i>Focus</i> , 09/03/2011, p. 87). (12) “Numa época em que os banqueiros caídos em desgraça, os homens da finança que <u>metem os pés pelas mãos</u> [“mostram atrapalhão”], [...] os ases da bola que dão pontapés na gramática, [...] Manoel de Oliveira destaca-se desta mole de deprimente humanidade. E não apenas por ter chegado aos 100 anos de idade.” (Revista <i>NS</i> ; in <i>JN/DN</i> , 20/12/2008, p. 18). |
| 5. EI polissintagmáticas ou locuções idiomáticas polissintagmáticas | (13) “Zariff, o barbeiro de sempre de Barack Obama, confirma que o presidente norte-americano está a ficar grisalho. <u>O caso não é para menos</u> [“o caso merece toda a atenção”], tantas são as suas dores de cabeça” (Revista <i>Única</i> , 29/10/2011, p. 36). (14) “Eu gostava que [o anúncio da visita do Papa [Bento XVI a Portugal]] tivesse sido simultâneo. Não aconteceu e não há problema. <u>Era o que faltava</u> meter o Santo Padre na polémica e dinâmica eleitoral de Portugal” (D. José Policarpo, Revista <i>Sábado</i> , 01/10/2009, p. 39). (15) “ <u>É por estas e por outras</u> que o nosso atávico futebolzinho nunca sairá da cepa torta. Está entregue – como diria Pedroto – a gente sem estofos.” (Manuel Martins de Sá, <i>A Bola</i> , 13/10/2009, p. 35). |

Quadro 8 - Proposta de Classificação das Expressões Idiomáticas

4.2.3. Especificidade e Universalidade das Expressões Idiomáticas

“Uma língua é o lugar donde se vê o Mundo e em que se traçam os limites do nosso pensar e sentir. Da minha língua vê-se o mar. Da minha língua ouve-se o seu rumor, como da de outros se ouvirá o da floresta ou o silêncio do deserto” (Vergílio Ferreira, 1991)²⁸¹.

No capítulo 1 deste nosso trabalho - “Português Europeu: Língua Materna e Língua Não Materna” -, apontámos algumas semelhanças e diferenças entre a língua portuguesa e as outras (algumas) línguas. Confrontados agora com a questão das EI, tudo indica que é possível falar de especificidades e universais fraseológicos, pelo menos a acreditar em certos estudos como o de Luque Durán e Manjón Pozas - “Tipología Léxica y Tipología Fraseológica: Universales y Particulares”²⁸² – e o de Penadés Martínez (1999).

Os dois primeiros autores analisam o “papel de la cultura” e dos “elementos transculturales en la creación de fraseologismos” (pp. 147-152), em função de quatro tópicos: *bíblicos* (esp. *arrojar la primera piedra* / port. *atirar a primeira pedra...*), *clásicos* (esp. *el talón de Aquiles* / port. *calcanhar de Aquiles...*), *nacionales* (por exemplo, em espanhol o mundo dos touros deu origem a uma grande quantidade de locuções como *coger al toro por los cuernos*) e *raciales y prejuicios* (esp. *trabajar como un negro...*). Reconhecidos os *universales* e os *particulares* da fraseologia, Luque Durán e Manjón Pozas concluem da seguinte forma: as unidades fraseológicas de uma língua são “el preservador natural de las creencias, tradiciones y símbolos de un pueblo y como tales su estudio resulta tan interesante para el antropólogo y el historiador como para el lingüista”. E acrescentam: quem aprende uma língua estrangeira “forzosamente se verá obligado a aprender también los componentes culturales y psicológicos que permiten la comprensión profunda de una lengua” (Luque Durán & Pamies Bertrán, 1998: 152).

²⁸¹ “Excerto do texto «A Voz do Mar», lido por Vergílio Ferreira em 1991, na cerimónia em que lhe foi atribuído o Prémio Europália (Bruxelas), um discurso manifestamente de afirmação da língua portuguesa como reflexo da cultura de um povo cuja identidade é indissociável do mar”. Destaca-se daí uma frase lapidar – «Da minha língua vê-se o mar» (<http://www.ciberduvidas.com/textos/antologia/11478>). Sobre o português, interessa também o artigo “Defesa da Língua” (Ferreira, 1993). Ver ainda <http://cvc.instituto-camoes.pt/oceanoculturas/22.html>, consultado em 24/05/2013.

²⁸² Vd. Luque Durán & Pamies Bertrán, 1998: 139-153.

No estudo *La enseñanza de las unidades fraseológicas*, Penadés Martínez (1999: 37), movimentando-se no domínio da didática, afirma que “existen unidades fraseológicas transculturales o supranacionales que, en lenguas distintas, muestran maneras semejantes de expresar las mismas ideas o las mismas relaciones”, isto é, noções como o espaço, o tempo ou a felicidade expressam-se “en una lengua a través de unidades fraseológicas que tienen una correspondencia en otras lenguas por pertenecer las nociones significadas a un fondo común a diversas culturas”. Neste sentido, contrastar as unidades fraseológicas da língua materna com as da L2 “puede ser de gran utilidad en el proceso de aprendizaje” – conclui Penadés Martínez (1999: 37).

Todavía, o projeto provavelmente mais representativo no domínio dos universais fraseológicos é o coordenado por Elisabeth Piirainen: *Widespread Idioms in Europe and Beyond: A Cross-linguistic and Cross-cultural Research Project*²⁸³. Este trabalho tem como principal objetivo estudar, no maior número possível de línguas (“da Europa e mais além”)²⁸⁴, as EI que compartilham a mesma estrutura lexical e semântica (*expressões idiomáticas generalizadas* ou *locuções espalhadas* ou *widespread idioms* ou *WIs*) e confirmar a possibilidade de uma mesma

²⁸³ Vd. <http://www.widespread-idioms.uni-trier.de> (consultado em junho/2013). Embora não seja sobre EI, um outro estudo que interessa conhecer é o de Wolfgang Mieder, “Historia y futuro de los refranes comunes en Europa”, publicado na revista *Paremia* 9 (2000: 15-24). Vale a pena apresentar aqui algumas afirmações recolhidas do artigo de Mieder para melhor compreendermos o Projeto de Piirainen, reconhecendo neles muitas semelhanças:

(1) “muchos refranes son idénticos, no sólo en alemán e inglés, sino en la mayoría de las lenguas germánicas, romances y eslavas de Europa” (p. 17);

(2) “Se pueden definir cuatro fuentes de distribución de refranes europeos (y también internacionales)”: (2.1) “En cuanto a Europa, está primeramente la antigüedad griega y romana, cuya sabiduría proverbial encontró una amplia diseminación geográfica principalmente a través del latín” (Ex.: *One hand washes the other* / *Uma mão lava a outra*, em 46 línguas europeias); (2.2) “[...] la *Biblia*, cuyos refranes datan de la antigüedad clásica y la temprana literatura sapiencial” (Ex.: *An eye for an eye, a tooth for a tooth* / *Olho por olho, dente por dente*, em 38 línguas europeias); (2.3) “[...] el latín medieval. No se debe olvidar que el latín de la Edad Media tenía la categoría de “lingua franca” (Ex.: *At night all cats are grey* / *À noite todos os gatos são pardos*, em 38 línguas europeias); (2.4) “[...] los textos modernos que se han distribuido desde mediados del siglo XX a través de Europa mediante los medios de comunicación de masas” (Ex.: *A picture is worth a thousand words* / *Uma imagem vale por mil palavras*) (pp. 17-19);

(3) “La investigación empírica ha establecido que para la mayoría de las lenguas hay unos 300 refranes que la mayoría de los hablantes nativos conocen y emplean [mínimo paremiológico], y estos textos deberían ser incluidos definitivamente en la enseñanza de las lenguas extranjeras” (p. 20);

(4) “Mientras estos mínimos [paremiológicos] mostrarán algunas diferencias en el sistema de valores y la visión mundial de las culturas europeas plurales, también acentuarán las importantes similitudes en la herencia europea” (p. 21).

²⁸⁴ As línguas faladas na Europa (no seu sentido estritamente geográfico) são entre 150 e 200. Apresentam-se distribuídas por cinco famílias de línguas mais o Basco, uma língua isolada. Até aos dias de hoje, menos de 20% das línguas da Europa têm sido representadas na investigação fraseológica e dados fiáveis existem para menos de 10% das línguas europeias (vd. <http://www.widespread-idioms.uni-trier.de>, consultado em junho/2013).

locução existir em 50 ou mais línguas. Segundo Piirainen (2007: 178)²⁸⁵, locuções espalhadas (LEs) ou *widespread idioms* ou *WIs* “son as locucións que existen en varias linguas (entre elas inclúense as distantes xeograficamente e sen ningunha relación xenética), que teñen unha estrutura léxica igual (ou similar) e o mesmo significado figurado”.

Para conseguir os seus objetivos, a coordenadora do Projeto desenvolveu um trabalho faseado e colaborativo de acordo com a seguinte metodologia: (1) Compilação de uma lista de mais de 1.000 EI, existentes pelo menos em cinco línguas europeias (inglês, alemão, francês, finlandês, grego...); (2) Aplicação de testes preliminares às mais de 1.000 potenciais EI generalizadas, testando-as em línguas como o espanhol, romeno, búlgaro, croata, polonês, letão, húngaro e estoniano (O resultado foi uma seleção de cerca de 450 candidatas a EI generalizadas); (3) Constituição de uma rede de colaboradores, representantes do maior número possível de línguas, e envio, via *email*, de 7 inquéritos, sobre as 350 candidatas a EI generalizadas²⁸⁶; (4) Preenchimento dos inquéritos pelos colaboradores e equipas de discussão por eles coordenadas.

Depois de, pelo menos, 3 anos de trabalhos²⁸⁷, os resultados são já conhecidos. Ei-los de uma forma sumária²⁸⁸:

(1) Os estudos empíricos produziram um total de mais de 350 *idioms* que atendem aos critérios de EI generalizadas. De acordo com a sua origem histórica e cultural, as *WIs* podem ser organizadas em 19 grupos²⁸⁹;

²⁸⁵ Ver também <http://www.widespread-idioms.uni-trier.de/?p=projektziele&lang=en> (consultado em junho/2013).

²⁸⁶ Os inquéritos reuniram dados referentes a mais de 80 idiomas e dialetos.

²⁸⁷ No sítio do Projeto (<http://www.widespread-idioms.uni-trier.de>), atualizado em 27-06-11, a coordenadora Elisabeth Piirainen apresenta datas que podem ser indicativas do início (2009) e do fim (2011) dos trabalhos.

²⁸⁸ Vd. <http://www.widespread-idioms.uni-trier.de> (consulta: junho/2013).

²⁸⁹ Segundo Piirainen, os 19 grupos são os seguintes: (A) *Classical antiquity* (35 *WIs*: *to open a Pandora's box*); (B) *The Bible* (42 *WIs*: *by the sweat of one's brow*); (C) *Several sources* (34 *WIs*: *a wolf in sheep's clothing*, Esopo e Novo Testamento); (D) *Literary works* (16 *WIs*: *to tilt at windmills*, *D. Quixote*, de Cervantes); (E) *Folk narrations* (19 *WIs*: *to build castles in the air*); (F) *Fables* (10 *WIs*: *to enter the lion's den*, Esopo); (G) *Medieval proverbs and proverbial phrases* (22 *WIs*: *to be the fifth wheel on the coach*); (H) *History* (25 *WIs*: *to cut the Gordian knot*, *Alexander the Great in 333 BC*); (I) *Sciences, ideas, intellectual achievements* (12 *WIs*: *to read between the lines*); (J) *Folk belief and superstition* (12 *WIs*: 'right is good': *to be sb.'s right hand*); (K) *Theater, music, sports, and games* (16 *WIs*: *to play Russian roulette*); (L) *Cultural symbols* (12 *WIs*: *to have a heart of gold*); (M) *Basic domains of material culture* (17 *WIs*: *to pay back in the same coin*); (N) *Modern technology* (7 *WIs*: *to recharge your batteries*); (O) *Fighting, military conflict* (8 *WIs*: *to be sitting on a powder keg*); (P) *Argument, verbal interaction* (11 *WIs*: *to follow the line of least resistance*); (Q) *Semiotised nonverbal behavior* (8 *WIs*: *not to lift a finger to help sb.*); (R) *Natural environment, plants, and animals* (22 *WIs*: *the tip of the iceberg*); (S) *The human body* (26 *WIs*: *to rub salt into the wound*) (vd. <http://www.widespread-idioms.uni-trier.de>. Consulta efetuada em junho/2013).

(2) A maior parte das *W/s* pertence ao domínio da intertextualidade, ou seja, provém de uma fonte textual identificável (citações originalmente diretas ou alusões a um texto inteiro). Uma grande parte das *W/s* remonta à antiguidade clássica, à Bíblia ou a tradições narrativas. Obras da literatura mundial não são tão importantes na produção de EI generalizadas como se tem assumido; entre o grande número de EI pré-testadas apenas algumas *W/s* puderam ser identificadas. O cinema está entre as modernas fontes textuais de difusão de novas EI²⁹⁰;

(3) Supunha-se que a presença de várias EI similares em diversas línguas era causada pela crescente influência do inglês. Todavia, se é verdade que os resultados do Projeto não desmentem esta suposição, também é verdade que revelam que as EI mais difundidas se devem a seculares contactos linguísticos e culturais na Europa;

(4) Os dados apurados nos inquéritos encontram-se representados em mapas, permitindo-nos perceber, por exemplo, que as línguas da Europa de Leste não diferem das línguas da Europa Ocidental, no que respeita às suas *W/s*, e que uma determinada EI generalizada pode surgir frequentemente em línguas muito afastadas genética e geograficamente²⁹¹.

²⁹⁰ A importância da origem mitológica, histórica e religiosa das expressões idiomáticas é tal que facilmente encontramos listas de exemplos em diversas fontes. Estes materiais podem ser utilizados como recursos de motivação para o ensino-aprendizagem de expressões idiomáticas (vd., por exemplo, http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_express%C3%B5es_idiom%C3%A1ticas_de_origem_hist%C3%B3rica_ou_mitol%C3%B3gica, consultado em agosto/2013).

²⁹¹ Vale a pena ilustrar este último ponto (4) com o primeiro exemplo de *widespread idioms* disponibilizado por Piirainen. Dada a complexidade da informação, apresentaremos uma forma simplificada, sobretudo no que diz respeito às línguas não europeias:

Example 1: to swim against the tide/stream (“to have opinions or ideas that are opposite to most people’s at the time; to go against public opinion”)

A. Languages of Europe:

I. Indo-European languages in Europe: 1. Germanic (English: “to swim against the tide/stream; Dutch: “tegen de stroom (in) zwemmen”; German: “gegen den Strom schwimmen; ...”) / 2. Celtic (Irish: “dul in aghaidh an tsrutha; ...”) / 3. Romance (French: “nager/aller contre le courant/à contre-courant”; Italian: “andare/remare/ nuotare contro corrente”; Spanish: “nadar/ir/navegar contra corriente/a contracorriente”; Catalan: “nedar a contracorren/nedar contra la corrent”; Galician: “nadar/ir contra corrente”; Portuguese: “ir contra a corrente/remar contra a maré”; Romanian: “a înota împotriva curentului”; Provençal: (no equivalent); ...) / 4. Baltic (Latvian; Lithuanian) / 5. Slavonic (Russian; Belorussian; Ukrainian; Czech; Slovakian; Polish; ...) / 6. Albanian / 7. Greek / II. Uralic (finno-ugric) languages in Europe: 1. Ugric languages (Hungarian); 2. North-Finnic languages; 3. Permic languages; 4. Volgaic languages; 5. Saami languages. / III. Altaic languages in Europe: 1. Turkic languages / IV. (Autochthonous) Caucasian languages: 1. Caucasian languages (Georgian) / V. Semitic languages in Europe: 1. Semitic languages / VI. Basque: 1. Basque

B. Non-European languages (by way of comparison): 1. Non-European languages (Chinese; Japanese; Korean; ...)

C. Esperanto: 1. Esperanto”

(vd. <http://www.widespread-idioms.uni-trier.de/?p=karten&lang=en>, consultado em agosto/2013).

Refira-se que este projeto culminou com a publicação de um livro - Piirainen (2012), *Widespread Idioms in Europe and Beyond: Toward a Lexicon of Common Figurative Units*²⁹² -, cujos resultados (ou parte deles) a autora foi dando a conhecer em trabalhos pontuais, como acontece, por exemplo, em “Ditos espallados por Europa e máis alá dela: O substrato máis antigo do “Lexicon of Common Figurative Units”” (Piirainen, 2011a)²⁹³. Refira-se ainda que este projeto de investigação, levado a cabo por Piirainen e pelos seus colaboradores, comprova acima de tudo a universalidade de algumas EI. No entanto, esta universalidade parece não pôr em causa a existência de certas expressões específicas de uma determinada língua. Não esqueçamos que as palavras de Vergílio Ferreira (1991) - “Da minha língua vê-se o mar. Da minha língua ouve-se o seu rumor, como da de outros se ouvirá o da floresta ou o silêncio do deserto” – pressupõem a assunção, para cada língua, de um conjunto de elementos distintivos; e as EI constituirão um desses elementos. Relativamente ao português, é compreensível, por exemplo, que expressões que contenham elementos toponímicos e antroponímicos aparentemente específicos da cultura portuguesa não possam ser traduzidas literalmente para outra língua: *cair o Carmo e a Trindade, fazer-se de Inês, mais velho que a sé de Braga, meter o Rossio na rua da Betesga, ser um zé ninguém e ver Braga por um canudo* são apenas alguns desses exemplos.

Embora os estudos a que fizemos referência (com especial realce para os de Piirainen: 2007, 2011a, 2011b, 2012) apresentem limites fora do contexto linguístico europeu, acreditamos que todas as línguas dispõem de estruturas fixas, institucionalizadas e de sentido idiomático: uma parte significativa dessas estruturas será comum a várias línguas; a outra constituirá a *imagem de marca* de uma língua individual.

²⁹² Este livro, com cerca de 500 pp., apresenta a seguinte estrutura: 1. *Europe and Europe-wide Language Studies*, 2. *Conventional Figurative Language*, 3. *Widespread Idioms in Europe and Beyond: Theoretical Framework*, 4. *Collection and Presentation of Widespread Idioms: Empirical Approach*, 5. *Antiquity as a Source of Widespread Idioms*, 6. *The Bible as a Source of Widespread Idioms*, 7. *Various Ancient Sources of Widespread Idioms*, 8. *Post-classical Literary Works as Sources of Widespread Idioms*, 9. *Proverbs and Proverbial Units of Medieval and Reformation Times as Sources of Widespread Idioms*, 10. *Fables, Folk Narratives and Legends as Sources of Widespread Idioms*, 11. *Conclusions and Main Results*.

²⁹³ Eis um resumo do artigo: “O tema deste ensaio son os ditos que existen nunha morea de linguas de Europa (e máis alá) cunha estrutura léxica similar e que viran arredor dun mesmo significado figurativo. Primeiro faremos un repaso polos ditos máis espallados (estendidos nuns 51-68 idiomas europeos) e falaremos das razóns desta expansión. Os seguintes ditos dos que se vai falar aquí pertencen ós substratos máis antigos e constitúen o chamado “Lexicon of Common Figurative Units” (léxico de unidades figurativas comúns), por exemplo, ditos coas orixes na antigüidade, na Biblia ou en numerosas fontes arcaicas” (Piirainen, CFG 13, 2011: 227).

4.3. Unidades Fraseológicas e Expressões Idiomáticas: Constituição de uma Base de Dados Fraseológica (BADAF-PE)

4.3.1. Do Projeto COMBINA-PT à BADAF-PE

Associamos, em primeiro lugar, a problemática da constituição de uma base de dados fraseológica às tipologias textuais. Os textos, orais ou escritos, são “o produto da concatenação coesiva e coerente de frases e de enunciados”²⁹⁴. Muitas vezes estas frases e enunciados são constituídos por UF, também elas responsáveis pela coerência e coesão textuais. Além disso, as UF, graças à sua variedade e plasticidade discursivas, acabam por ser estruturas recorrentes em qualquer tipo de texto. Para comprovarmos estas nossas palavras, procederemos à apresentação de alguns (con)textos em que ocorrem as UF, com especial realce para as EI. Na escolha dos (con)textos, mais do que as tipologias textuais – de difíceis, para não dizer impossíveis, consensos - interessou-nos a fonte e o suporte comunicacional: imprensa, publicidade, música, cinema e literatura. É, pois, com estas fontes e suportes que constituiremos uma base de dados fraseológica do português europeu (BADAF-PE).

Escolhemos propositadamente a designação *base de dados*, em detrimento de *corpus* ou *corpora*, porque entendemos que uma listagem de ocorrências textuais que fomos constituindo a partir da recolha, *ad libitum*, de jornais, revistas, livros, músicas e filmes não é propriamente um *corpus* interna e externamente bem estruturado e com objetivos cientificamente delineados; é, antes, um produto de feição artesanal, confeccionado à medida dos nossos recursos e necessidades. Nesta base de dados, embora predominem as fontes escritas, podemos encontrar alguns exemplos de UF produzidas oralmente, em contexto televisivo ou radiofónico, ou simplesmente captadas de uma conversa espontânea.

Neste nosso processo de recolha fraseológica não podíamos prescindir das potencialidades de motores de busca como o *google*, quer para confirmar quer para alargar as informações coligadas. Foi precisamente na internet que encontramos um dos recursos de maior interesse para a investigação fraseológica: “COMBINA-PT – Combinatórias Lexicais do

²⁹⁴ Em DT, disponível em <http://dt.dgjidc.min-edu.pt/>, consultado em agosto/2013. Vd. também, neste mesmo DT, a questão das tipologias textuais.

Português”²⁹⁵. Iniciado em março de 2004, este Projeto do CLUL apresentou como principal objetivo o estabelecimento de um “léxico de associações lexicais significativas a partir de um *corpus* equilibrado de português, através de um processo informático, com posterior revisão manual dos resultados”²⁹⁶. Para algumas línguas, como o inglês²⁹⁷, o estudo das combinatórias lexicais tem já alguma tradição; mas, para o português, projetos como o COMBINA-PT são recursos de alguma forma inovadores. Depois da observação de dados de *corpora*, este Projeto permitiu o reconhecimento de “padrões complexos de associações de palavras, que provam que o léxico não é composto apenas por itens lexicais simples ou compostos, mas também por agrupamentos, mais ou menos previsíveis, não necessariamente fixos (Firth, 1955; Sinclair, 1991)”²⁹⁸. Foram, então, selecionadas combinatórias lexicais que apontam para uma tipologia variada. Eis alguns exemplos:

(1) expressões fixas (*patrão fora, dia santo na loja*);

(2) expressões semi-fixas em que o significado é não composicional (*esticar o pernil*) e que não aceitam alterações sintáticas (**esticar o grande pernil, * o pernil foi esticado*), embora possam aceitar variação flexional de um ou mais elementos (*esticar/esticaram o pernil*);

(3) expressões semi-fixas que podem ter significado composicional e que são, por vezes, semanticamente idiossincráticas (*onda de assaltos, países membros*; etc.), admitindo a substituição de um dos elementos da combinação por outros elementos lexicais semanticamente relacionados (*onda/maré/vaga de assaltos, países/estados membros*);

(4) associações lexicais preferenciais, que constituem unidades sintáticas. Embora estas expressões sejam semântica e sintaticamente composicionais, apresentam valores estatísticos combinatoriais muito significativos, bem como uma frequência muito alta, que pode indicar não só uma preferência associativa, mas também uma possível lexicalização progressiva do grupo de palavras (*instaurar um processo, ar puro*, etc.)²⁹⁹.

A extração das combinatórias lexicais foi realizada a partir de um *corpus* escrito – o COMBINA -, com 50 milhões de palavras, constituído a partir do *Corpus de Referência do*

²⁹⁵ Disponível em <http://www.clul.ul.pt/pt/investigacao/187-combina-pt-word-combinations-in-portuguese-language> (Consultado em agosto/2013). O projeto COMBINA-PT está concluído mas o trabalho sobre este léxico de combinatórias terá continuidade através de um doutoramento que procederá a uma análise contrastiva escrita/oralidade.

²⁹⁶ Vd. <http://www.clul.ul.pt/pt/investigacao/187-combina-pt-word-combinations-in-portuguese-language> (Consulta: agosto/2013).

²⁹⁷ Vd. “Phraseology in Written and Spoken Corpora”, em Cowie, 2005 [1998]: 77-122.

²⁹⁸ Vd. <http://www.clul.ul.pt/pt/investigacao/187-combina-pt-word-combinations-in-portuguese-language> (Consulta: agosto/2013).

²⁹⁹ Em <http://www.clul.ul.pt/pt/investigacao/187-combina-pt-word-combinations-in-portuguese-language> (Consulta: agosto/2013).

Português Contemporâneo (CRPC)³⁰⁰. Ficaram apuradas 48.000 combinatórias, 20.291 lemas de grupo e 1170 lemas principais. Estas combinatórias podem ser consultadas *online*³⁰¹. Os resultados estão apresentados em vários ficheiros html por ordem alfabética. Ao clicarmos sobre uma linha correspondente a uma combinatória, abre-se uma janela com as concordâncias. Exemplifiquemos com dois casos: (1) “abandar – de mãos a abandar / Concordância do Lema / *capote*”, *Pina Moura ficou nu e de mãos a abandar, Ficou sem o bo*”; (2) “abandonar – abandonar o futebol / Concordância do Lema / *modo, Humberto Coelho não pensa abandonar o futebol e dedicar-se*”.

E é só: não é revelada a fonte, nem a data, nem o significado. Além disso, são apresentados inúmeros sintagmas, como (2) *abandonar o futebol*, que, sem qualquer dúvida, não consideramos UF. Embora possam satisfazer as condições exigidas pelos responsáveis do Projeto para que uma estrutura seja uma combinatória lexical, sobretudo em termos de fixidez e índice de frequência, a verdade é que traços como *institucionalização* e principalmente *idiomaticidade* parecem estar arredados de tais combinatórias. Com estes reparos não pretendemos desmerecer um Projeto que tem como mentores alguns dos maiores especialistas nacionais e estrangeiros; pretendemos, antes, justificar algumas debilidades da nossa base de dados

4.3.2. Características Gerais da BADAPE

Na organização e fixação da BADAPE, nunca foi nosso propósito seguir escrupulosamente os normativos mais consensuais da lexicografia/fraseografia; preferimos, antes, fazer da nossa base de dados uma ferramenta de trabalho, simples e de fácil acesso. Mas porque reconhecemos a necessidade de princípios gerais, eis, em síntese, os critérios que nortearam a recolha, organização e fixação da BADAPE, alguns deles inspirados em projetos como o COMBINA-PT:

³⁰⁰ A constituição do *corpus* COMBINA é a seguinte: Jornal - 30.000.000; Livro - 10.818.719 (literário - 6.237.551; técnico - 3.827.551; didático - 852.787); Revista - 7.500.000 (informativa - 5.709.061; técnica - 1.790.939); Varia - 1.851.828; Folheto - 104.889; Acórdãos do Supremo Tribunal - 313.962; Diário da Assembleia da República - 277.586. Total: 50.866.984.

³⁰¹ “Combinatórias Lexicais do Português”, disponível em http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/manual_combinatorias_online.php (Consulta efetuada em agosto/2013).

(1) Recolha de unidades fraseológicas (UF: colocações, locuções e enunciados fraseológicos), preferencialmente expressões idiomáticas (EI);

(2) Coleta efetuada em textos/fontes do PE, de tipologias diversas, com predomínio dos textos escritos da imprensa, publicidade, literatura, cinema e música;

(3) Organização das UF por ordem alfabética, primeiro tendo em conta o primeiro constituinte, depois o segundo, e assim sucessivamente (exemplo: em primeiro lugar *à borla*, depois *abrir os cordões à bolsa*, a seguir *Aqui há gato*, etc.)³⁰²;

(4) Indicação, para cada UF lematizada, (i) de variantes, se existirem (*dar uma mão/mãozinha*), (ii) da origem, no caso dos empréstimos (latinismos, francesismos, anglicismos...)³⁰³, (iii) de contextos de ocorrência, com a indicação da fonte e de elementos paratextuais de destaque, como títulos, frases destacadas, grafismos, etc., (iv) do(s) significado(s) e indicação, sempre que possível, de sinónimos e antónimos, (v) de outras informações consideradas relevantes (frequência³⁰⁴, registo de língua, etc.);

(5) Lematização das UF em função da sua tipologia: apresentação da forma do infinitivo para as locuções verbais (*dar o braço a torcer*) e da forma do masculino singular, sem artigo, quando as locuções variam em género e/ou número (*vermelho como um tomate, amigo da onça*, etc.).

Na constituição da nossa base de dados tivemos de lidar com o problema da delimitação e lematização das UF, sobretudo das locuções verbais: *ter dor de cotovelo* (ter inveja) ou simplesmente *dor de cotovelo* (inveja)? No caso desta EI, optámos pela forma breve uma vez que o verbo, além de manter o sentido literal (ter/possuir), nem sempre introduz o núcleo idiomático *dor de cotovelo*: *ter dor de cotovelo* mas também *estar/ ficar com dor de cotovelo*. Todavia, há EI que só o são como locuções verbais. É o caso de *falar pelos cotovelos*. Esta expressão, que

³⁰² A ordenação das UF é sempre um dos *pomos de discórdia* da lexicografia/fraseografia. Seguimos a ordem alfabética por razões funcionais e por sabermos que autores como Corpas Pastor (1996: 313-332) e Penadés Marín (1999: 33-34) e o Projeto COMBINA-PT defenderam tal procedimento.

³⁰³ Pensámos em apresentar os empréstimos numa listagem à parte, como se faz em geral nos dicionários de Língua Portuguesa. No entanto, concluímos que para os utilizadores, sobretudo do PLNM que não identificam uma expressão como empréstimo, será mais útil a consulta de uma única base de dados. A apresentação de uma só lista onde surgem, por exemplo, latinismos (*a priori, sine die...*) e anglicismos (em *part-time...*) é também a metodologia seguida por Corpas Pastor (1996: 313 e segs.).

³⁰⁴ Uma forma rápida, embora variável, de apurar a frequência de uma UF consiste em fazer uma busca no google.pt. Por exemplo, a expressão “nem carne nem peixe” apresentou c. de 65. 500 resultados, numa pesquisa efetuada em 12/01/2011. Estes resultados incluem, como seria de esperar, ocorrências em que a expressão “nem carne nem peixe” possui sentido literal. Além disso, alguns contextos de ocorrência pertencem ao PB.

significa *falar muito*, só existe como tal se mantiver agregados todos os seus elementos, apesar de o verbo *falar* não ter ganho um sentido translático. O mesmo problema se coloca com outros tipos de locuções: *azedo como rabo de gato* (muito azedo) ou *como rabo de gato?* Se é verdade que o adjetivo *azedo* mantém o seu sentido literal, não é menos verdade que o modificador-intensificador *como rabo de gato* é convocado pelo adjetivo, assumindo o conjunto *azedo como rabo de gato* o estatuto de UF, neste caso de locução adjetival³⁰⁵.

Embora a nossa base de dados funcione como um todo, é possível, tal como num *puzzle*, identificar as suas partes, tendo em conta as fontes de que nos servimos. Passemos, então, a apresentar uma amostra da BADAPE, organizada em função das fontes consultadas, tipologias textuais e número de UF (predominantemente EI)³⁰⁶:

| Fontes | N.º de Unidades Fraseológicas (Amostra) (colocações, locuções e enunciados fraseológicos) |
|--|---|
| 1. Jornais | 222 |
| 2. Revistas | 120 |
| 3. Livros literários | 273 |
| 4. Rádio e Televisão | 31 |
| 5. Cinema | 90 |
| 6. Publicidade (Jornais, Revistas, Folhetos, <i>Outdoors</i> , etc.) | 134 |
| 7. <i>Cartoons</i> (Jornais, Revistas, Internet, etc.) | 33 |
| 8. Música (vídeos do <i>Youtube</i>) | 30 |
| 9. <i>Varia</i> (<i>Blogs</i> , <i>Facebook</i> , etc.) | 217 |
| Total | 1150 |

Quadro 9 - Constituição geral da BADAPE (Base de Dados Fraseológica-Português Europeu) (Amostra)

³⁰⁵ Iriarte Sanromán (2001), por exemplo, chama colocações a estruturas como *amor cego*, *lâmpada fosca*, *papel mate* e *ódio mortal*, porque, segundo o autor, *cego* é convocado por *amor*, *fosca* por *lâmpada*, *mate* por *papel* e *mortal* por *ódio*.

³⁰⁶ Existem vários estudos sobre a presença de EI na Imprensa. A este propósito, veja-se, por exemplo, “Expresiones Idiomáticas en la Prensa Española [...]” de Verbá e Breus, em Luque Durán & Pamies Bertrán (eds.), 1998: 171-179. Embora não tenhamos trabalhado diretamente com textos científicos para a constituição da nossa base de dados, é possível encontrar neles, ao contrário do que habitualmente se diz, “numerosos casos de metonimias, sinonimias, polisemias y, sobre tudo, un gran número de metáforas” (vd. artigo “Metáforas vivas en el lenguaje científico: el caso de la hidrogeología”, de M.ª Encarnación Terrón e Gómez de Liaño, em Luque Durán & Pamies Bertrán, 1998: 181).

| Fontes | Tipologias Textuais | Ocorrências Textuais (Exemplos. Sublinhado nosso.) | N.º de UF |
|---|--|---|-----------|
| <p>Jornais (impressos e <i>online</i>):</p> <p>1. Generalistas: <i>Correio da Manhã, Correio do Minho, Diário de Notícias, Diário do Minho, Expresso, Jornal de Notícias, Jornal i, Público, Sol, 24 horas</i>, etc.;</p> <p>2. de Letras, Artes e Ideias: <i>JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias</i>;</p> <p>3. Desportivos: <i>A Bola, O Jogo, Record</i>;</p> <p>4. Económicos: <i>Diário Económico, Jornal de Negócios</i>.</p> | <p>Notícia</p> <p>Reportagem</p> <p>Entrevista</p> <p>Artigo</p> <p>Outras</p> | <p>1. “Foi com o ditado popular, “quem não se sente não é filho de boa gente”, que o deputado do PSD, José Eduardo Martins, justificou aos jornalistas o facto de “ter perdido as estribeiras”, na quinta-feira, quando, no plenário, se socorreu de vernáculo para responder, numa [sic] aparte, a uma “insinuação” do socialista Afonso Candal” (JN, 07/03/2009, 10).</p> <p>2. “Quando a sra [Manuela Ferreira Leite, líder do PSD e candidata a primeira-ministra] foi min. da educação tínhamos uma geração rasca. Quando a sra for 1ª ministra vamos ter uma geração à rasca” (02/07/2009, http://aeiou.expresso.pt/gen.pl?p=stories&op=view&foke y=ex.stories/524036).</p> <p>3. “Ninguém congela pensões de 200 euros e põe um país a pão e água por razão de precaução” (Passos Coelho, líder do PSD, <i>Diário Económico</i>, 16/03/2011, 1.ª p., frase destacada, referindo-se às políticas de austeridade do governo de José Sócrates).</p> | 222 |

Quadro 10 - Constituição da BADAF-PE: Jornais

| Fontes | Tipologias Textuais | Ocorrências Textuais (Exemplos. Sublinhado nosso.) | N.º de UF |
|---|--|--|-----------|
| <p>Revistas (impressas e <i>online</i>):</p> <p>1. <i>Visão</i></p> <p>2. <i>Sábado</i></p> <p>3. <i>Focus</i></p> <p>4. <i>Única</i></p> <p>5. <i>Notícias Magazine</i></p> <p>6. Outras</p> | <p>Notícia</p> <p>Reportagem</p> <p>Entrevista</p> <p>Artigo</p> <p>Outras</p> | <p>1. “Viver à grande / Há cada vez mais portugueses que se riem da crise. Conheça os pequenos grandes luxos de um mercado que está longe de apertar o cinto” (<i>Focus</i>, 31/12/2008-06/01/2009, capa).</p> <p>2. “O discurso de 25 de Abril de Cavaco Silva [Presidente da República] só agradou a gregos. Entre os troianos foi a pateada, mais ou menos violenta” (Nuno Rogeiro, <i>Sábado</i>, 02-08/05/2013, 14).</p> <p>3. “Depois de todas as reformas difíceis, Sócrates pode morrer na praia. A gota de água foi uma gota de gasolina” / [...] Não tem outra hipótese: resta-lhe esperar que Cristiano Ronaldo, Deco e companhia liguem o turbo... e lhe dêem gás” (Filipe Luis, <i>Visão</i>, 12/06/2008, 48, frase destacada/texto).</p> | 120 |

Quadro 11 - Constituição da BADAF-PE: Revistas

| Fontes | Tipologias Textuais | Ocorrências Textuais (Exemplos. Sublinhado nosso.) | N.º de UF |
|--|----------------------------|--|-----------|
| <i>Falar verdade a mentir</i> (1845), Almeida Garrett, 39 pp. aprox. | Texto dramático | “Querer impedir que um rapaz do tom, da moda, pregue a sua peta!..., isso é mais do que formar castelos em Espanha , é querer meter o Rossio pela Betesga ” (José Félix, sobre Duarte, cena II). | 32 |
| <i>Memorial do convento</i> (1994 [1982]), José Saramago, 351 pp. aprox. | Texto narrativo - Romance | “abundam no reino bastardos da real semente [D. João V] e ainda agora a procissão vai na praça ” (p. 7). | 114 |
| <i>Terceiro livro de crónicas</i> (2006), António Lobo Antunes, 278 pp. aprox. | Texto narrativo - Crónicas | “Esta prosa saiu-me descosida, coitada: é que ando à brocha com um romance que se escapa por todos os lados” (p. 196). | 127 |
| Total | | | 273 |

Quadro 12 - Constituição da BADAPE: Livros Literários³⁰⁷

| Fontes | Tipologias Textuais | Ocorrências Textuais (Exemplos. Sublinhado nosso.) | N.º de UF |
|--|---|---|-----------|
| 1. Rádio: <i>Antena 1, Rádio Renascença, TSF</i> , etc. 2. Televisão: RTP, SIC, TVI, etc. | Notícia Reportagem Entrevista Outras | 1. “Os hospitais estão a rebentar pelas costuras ” [na Geórgia, devido aos confrontos entre a Geórgia e a Rússia] (TSF – <i>Notícias</i> , 09/08/2008). 2. “Em Castelo Branco é feito a conta gotas o reabastecimento” [de combustível, depois da greve dos camionistas] (RTPN - <i>Notícias</i> , 12/06/2008). 3. “O antigo ministro das Finanças, Bagão Félix, entende que se aumenta os impostos “à bruta” e que se diminui a despesa “às cegas” ” (www.rtp.pt › Início › Vídeo e Áudio › Economia / 22/10/2013). | 31 |

Quadro 13 - Constituição da BADAPE: Rádio e Televisão

³⁰⁷ Apesar de termos restringido a nossa escolha a três livros, dispomos de registos fraseológicos de várias obras literárias, do Português Europeu e Não Europeu. Eis alguns exemplos (Sublinhado nosso):

- (1) “Essa barca que lá está / Leva quem **rouba de praça**” [Anjo para o Sapateiro] (*Auto da Barca do Inferno*, 1517, Gil Vicente);
- (2) “Conheces o ditado, Qual ditado, **O trabalho do velho é pouco, mas quem o despreza é louco**, Esse ditado não é assim, Bem sei, onde eu disse velho é menino, onde eu disse despreza é desdenha, mas os ditados, se quiserem ir dizendo o mesmo por ser preciso continuar a dizê-lo, têm de adaptar-se aos tempos” [Diálogo entre o velho da venda preta e a mulher do médico] (*Ensaio sobre a Cegueira*, 1995, José Saramago, p. 269);
- (3) “- A minha filha está adiando o regresso por ter medo de encontrar o pai doente, assim, já **com as pernas todas para a cova**. É dele que ela está fugindo. / - Não sei, não sei... / - Sei eu, que sou mãe. Deolinda ama demais o pai para o ver assim... / - Pois diga-lhe que pode vir, que eu vou pôr o velho Bartolomeu **são que nem um pero**. / - Não entendo, Doutor. / - É uma forma de expressão. / - As formas de expressão usam-se quando se tem medo de dizer a verdade. Desculpe a sinceridade, Doutor Sidonho, mas é o que eu penso”. (*Venenos de Deus, Remédios do Diabo*, 2008, Mia Couto, p. 43).

| Fontes | Tipologias Textuais | Ocorrências Textuais (Exemplos. Sublinhado nosso.) | N.º de UF |
|---|--|---|------------------|
| <i>A Canção de Lisboa</i> (1933), Cottinelli Telmo, 1h 25min., Preto e branco, M/6, DVD. | Texto cinematográfico/Comédia | “Se eu apanho esse canalha [Vasco] a jeito , eu agarro-o pela gola do casaco e dou cabo dele , ouviu?” (Caetano para a filha, 00:11:52, aprox.). | 8 |
| <i>Aniki Bóbo</i> (1942), Manoel de Oliveira, 1h 42min., Preto e branco, M/6, Lusomundo, DVD ³⁰⁸ . | Texto cinematográfico/Drama | “E tu, quando o Eduardo sair do hospital, deves fazer as pazes com ele.” (Lojista, para Carlitos, 00:30:10, aprox.). | 18 |
| <i>Capitães de Abril</i> (2000), Maria de Medeiros, 2h 5 min., M/12, Lusomundo, DVD. | Texto cinematográfico/Drama/Ficção histórica | “Isto agora, os novos políticos, os gajos vão cantar o fadinho ao povo, pá [...]. Os gajos estão-se nas tintas p'ò povo!” (Gervásio para Maia, quando em Lisboa são aclamados pelo povo, 01:05:48, aprox.). | 37 |
| <i>O Crime do Padre Amaro</i> (2005), Carlos Coelho da Silva, 2h 0min., M/16, DVD ³⁰⁹ . | Texto cinematográfico/Drama/Filme de ação | “Ó Dias, aqui o seu delfim está-me a sair da casca . Para quem não partia um prato... ” (Padre Brito sobre Amaro, 01:06:72, aprox.). | 27 |
| Total | | | 90 |


Quadro 14 - Constituição da BADAF-PE: Cinema

³⁰⁸ Versão restaurada e remasterizada em alta-definição, 2010.

³⁰⁹ Baseado no romance homónimo de Eça de Queirós.

| Fontes | Tipologias Textuais | Ocorrências Textuais (Exemplo) | N.º de UF |
|---|--|--|-----------|
| 1. Jornais (impressos e <i>online</i>) 2. Revistas (impressas e <i>online</i>) 3. Folhetos 4. <i>Outdoors</i> 5. Outras | Texto publicitário/ Texto informativo-argumentativo |  <p>Imagem 1 – Publicidade: “Juntar o útil ao rentável”³¹⁰</p> | 134 |

Quadro 15 - Constituição da BADAPE: Publicidade

| Fontes | Tipologias Textuais | Ocorrências Textuais (Exemplo) | N.º de UF |
|--|---------------------------------------|--|-----------|
| 1. Jornais (impressos e <i>online</i>) 2. Revistas (impressas e <i>online</i>) 3. Outras | Texto humorístico e de crítica social |  <p>Figura 2 – <i>Cartoon</i>: “Elias o Sem Abrigo”³¹¹</p> | 33 |

Quadro 16 - Constituição da BADAPE: *Cartoon*

³¹⁰ “Juntar o útil ao rentável”, por “juntar o útil ao agradável”, é o *slogan* da campanha publicitária do BES-Banco Espírito Santo, com Cristiano Ronaldo e Dona Inércia/Rita Blanco. Disponível em https://www.google.pt/search?q=publicidade&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=-mZ_U-ObB6qV0QXu74G4Dw&ved=0CDwQsAQ&biw=1217&bih=649#q=publicidade+juntar+o+%C3%BAtil+ao+rent%C3%A1vel&tbm=isch, consultado em 23/05/2014.

³¹¹ “Elias o Sem Abrigo”, R. Reimão e Anibal F., JN, 09/11/2010, p. 10. Este e outros *cartoons* de “Elias o Sem Abrigo” podem ser consultados em <http://www.jn.pt/paginainicial/> (Consulta efetuada em 07/06/2013).

| Fontes | Tipologias Textuais | Ocorrências Textuais (Exemplos. Sublinhado nosso.) | N.º de UF |
|---|------------------------------|---|------------------|
| Internet (Vídeos <i>youtube</i>): Amália Rodrigues Dulce Pontes Jorge Palma Rui Veloso Outros | Textos líricos Outros | <p>1. “Eu faço um vistão / Com a careca ao léu / Acho um piadão / Andar sem chapéu” (Amália Rodrigues, “Ó Careca”. Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=Q5DPDFbTzE, 2:09 min., 09/05/2011).</p> <p>2. “Fui estender-me na praia sozinho ao relento” (Jorge Palma, “Estrela do Mar”. Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=NBvsiX6mY-I, 4:18 min., 12/10/2007).</p> <p>3. “A Laurinda faz vestidos por medida / O rapaz estuda nos computadores / Dizem que é um emprego com saída.” (Rio Grande, “Postal dos correios”. Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=8uClkNTTCIO, 2:39 min., 21/02/2011).</p> | 30 |

Quadro 17 - Constituição da BADAPE: Música

| Fontes | Tipologias Textuais | Ocorrências Textuais (Exemplos. Sublinhado nosso.) | N.º de UF |
|--|--|--|------------------|
| Internet: <i>Blogs</i> <i>Facebook</i> Outros | Textos informativos Textos de opinião Outros | <p>1. “https://pt-pt.facebook.com/apdrinternacionais/posts/548285888566671 / Eu acabei em 2001 e se não tivesse arranjado emprego 8 anos antes, para pagar o curso, bem podia, ainda hoje, andar aos caídos por aí...”.</p> <p>2. “tudoao olho.blogs.sapo.pt/17/12/2013 - Eu fiz assim-Tudo a olho. Convém começar pela cobertura para a maçã não oxidar. Mistura todos os ingredientes da cobertura numa ...”.</p> <p>3. “www.tabonito.pt/se-te-dissesse-que-podes-ter-um-galaxy-s4-a-pala / 15/05/2013 - É à borla, à pala, de graça... Está a decorrer o Passatempo do 8º Aniversário KuntoKusta e os prémios são à boss. Um Samsung Galaxy S4, ...”.</p> | 217 |

Quadro 18 - Constituição da BADAPE: *Varia*

4.3.3. A BDAF-PE no Ensino e Aprendizagem de Unidades Fraseológicas

Terminada a caracterização geral e parcelar da nossa base de dados, e visto que um dos principais objetivos deste trabalho é o ensino e a aprendizagem de unidades fraseológicas (principalmente EI) em PLM e PLNM, apresentamos, de seguida, algumas pistas de exploração de UF, a partir dos (con)textos em que ocorrem. Os exemplos de que nos servimos fazem parte da BDAF-PE (ANEXO 7 deste nosso trabalho), um recurso que pretendemos desenvolver, tendo em vista o cumprimento de algumas metas curriculares de Português, nos domínios da Oralidade, Leitura, Escrita, Educação Literária e Gramática. Deste modo, o ensino e a aprendizagem de UF em português devem fazer-se com base não só nas *Metas Curriculares* mas também nos *Programas de Português* e no *Dicionário Terminológico*³¹²:

(1) “Depois de todas as reformas difíceis, Sócrates pode **morrer na praia**. A **gota de água** foi uma gota de gasolina” / [...] Não tem outra hipótese: resta-lhe esperar que Cristiano Ronaldo, Deco e companhia liguem o turbo... e lhe **dêem gás**” (Filipe Luís, *Visão*, 12/06/2008, p. 48, frase destacada/texto).

(2) “Em Castelo Branco é feito **a conta gotas** o reabastecimento” [de combustível, depois da greve dos camionistas] (RTPN, “Notícias”, 12/06/2008).

(3) “Os hospitais estão **a rebentar pelas costuras**” [na Geórgia, devido aos confrontos entre a Geórgia e a Rússia] (TSF – *Notícias*, 09/08/2008).

(4) “**Viver à grande** / Há cada vez mais portugueses que se riem da crise. Conheça os pequenos grandes luxos de um mercado que está longe de **apertar o cinto**” (Revista *Focus*, 31/12/2008-06/01/2009, capa).

(5) “Foi com o ditado popular, “**quem não se sente não é filho de boa gente**”, que o deputado do PSD, José Eduardo Martins, justificou aos jornalistas o facto de “ter **perdido as estribeiras**”, na quinta-feira, quando, no plenário, se socorreu de vernáculo para responder, numa [sic] aparte, a uma “insinuação” do socialista Afonso Candal” (JN, 07/03/2009, p. 10).

(6) “Quando a sra [Manuela Ferreira Leite, líder do PSD e candidata a primeira-ministra] foi min. da educação tínhamos uma **geração rasca**. Quando a sra for 1ª ministra vamos ter uma geração **à rasca**” (02/07/2009, <http://aeiou.expresso.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=ex.stories/524036>).

³¹² Estes documentos estão disponíveis em <http://www.dge.mec.pt/portugues-mc> (consultados em agosto/2013, maio/2014 e junho/2015).

(7) “Ninguém congela pensões de 200 euros e põe um país **a pão e água** por razão de precaução” (Passos Coelho, *Diário Económico*, 16/03/2011, 1ª p., frase destacada)³¹³.

(8) “O discurso de 25 de Abril de Cavaco Silva [Presidente da República] só **agradou a gregos**. Entre os **troianos** foi a pateada, mais ou menos violenta” (Nuno Rogeiro, *Sábado*, 02-08/05/2013, p. 14).

(Sublinhado nosso)

Estes 8 enunciados são apenas uma pequena fração do material fraseológico da BADAPE. No entanto, cada um à sua maneira, eles representam diferentes facetas da nossa base de dados.

Quanto às fontes, estão contemplados os jornais, em (5), (6) e (7); as revistas, em (1), (4) e (8); a rádio, em (3); e a televisão, em (2). Relativamente à tipologia das UF, temos colocações, em (6) (*geração rasca*); locuções idiomáticas, em (1) (*morrer na praia, gota de água, [alguém] e companhia, ligar o turbo e dar gás*), em (2) (*a conta gotas*), em (3) (*a rebentar pelas costuras*), em (4) (*viver à grande [e à francesa] e apertar o cinto*), em (5) (*perder as estribeiras*), em (6) (*à rasca*), em (7) (*a pão e água*) e em (8) (*agradar a gregos [e a troianos]*); e enunciados fraseológicos, em (5) (*Quem não se sente não é filho de boa gente*). Quanto a aspetos pragmáticos, deparamos com diversas situações a que habitualmente se chama *manipulação criativa* (vd. Corpas Pastor, 1996: 233-258) e que envolve modificações (externas, internas e ilustrações) e processos retórico-pragmáticos ao serviço da ironia e da persuasão.

Recorrendo de novo aos enunciados acima transcritos, note-se em (1) a coerência-coesão discursiva conseguida através do jogo de palavras *gota de água/gota de gasolina*, e dos respetivos sentidos (idiomático, no primeiro caso; não idiomático, no segundo). Esta coerência-coesão discursiva é reforçada com a introdução das expressões *ligam o turbo* e *dêem gás*, ambas lexical e semanticamente associadas a *gota de gasolina*. No enunciado (4), deparamos com uma situação muito frequente no domínio das EI: graças à sua institucionalização, facilmente se subentende a parcela não explicitada. O recetor é como que chamado a participar na reconstrução da UF – e geralmente *dá conta do recado: à grande... e à francesa*. Relativamente ao enunciado (4), registre-se ainda a relação antitética que se estabelece entre *à grande [e à francesa]*, para designar abundância, e *apertar o cinto*, para traduzir a ideia de austeridade. O enunciado (5) é um bom exemplo de como as UF (*Quem não se sente não é filho*

³¹³ Pedro Passos Coelho, líder do PSD, referindo-se às políticas de austeridade do governo de José Sócrates.

de boa gente e perder as estribeiras) são uma das mais poderosas *armas de arremesso no palco de guerra* do discurso político. No enunciado (6) é a relação de paronímia entre a colocação *geração rasca* e a locução *geração à rasca* que se impõe pelo seu efeito humorístico. Já em (7) comprova-se o uso de UF (no caso, *a pão e água*) em textos de pendor mais técnico como os económicos. Finalmente, o enunciado (8) é o exemplo cabal de como o uso modificado de uma EI (*agradar a gregos e a troianos*) pode conferir ao texto eficácia e criatividade comunicativas.

4.3.4. Base de Dados Fraseológica (BADAF-PE): Considerações Finais

Chegados a este ponto de análise das UF, melhor se compreende as palavras de Cecília Meireles: “Ai, palavras, ai, palavras, que estranha potência a vossa”³¹⁴. E se às palavras associarmos sons, imagens e movimento, como acontece geralmente com os audiovisuais, então essa potência pode triplicar.

Na tentativa de darmos a conhecer a nossa base de dados fraseológica (BADAF-PE – vd. ANEXO 7), começámos por apresentar as suas características gerais, quanto à natureza das UF e às suas fontes/suportes. Para cumprirmos o objetivo didático deste trabalho, tivemos em conta, na escolha das fontes e tipologias textuais, as Metas Curriculares e os Programas de Português do Ensino Básico e Secundário.

Depois, selecionámos alguns exemplos de textos de tipologias diversas (orais e escritos; literários e não literários; associados ou não a imagens e sons) e analisámo-los em função de aspetos preferencialmente pragmáticos e estilísticos.

Privilegiámos o texto escrito, como fonte de UF, não só por razões de acessibilidade e tratamento, mas também por ele poder conter elementos importantes de natureza não verbal, como o tipo de letra, a disposição iconográfica das palavras no espaço da página e a interação entre elementos verbais e elementos pertencentes a outros códigos semióticos (desenho, ilustração, fotografia, etc.), como acontece na publicidade e no *cartoon*. Por outro lado, a escrita diferencia-se da oralidade por ser geralmente conservadora e rígida no seu léxico, sintaxe, semântica e pragmática. Todavia, pode incorporar marcas peculiares da oralidade para obter

³¹⁴ Cecília Meireles, *Romanceiro da Inconfidência*, 1953. Vd. <http://www.algumapoesia.com.br/poesia3/poesianet278.htm>, consultado em agosto/2015.

determinados efeitos estilísticos e assim tornar-se mais dúctil, plástica e moderna³¹⁵. Ora, um dos recursos que mais contribui para atenuar as fronteiras entre a escrita e a oralidade é precisamente a UF, uma vez que confere aos textos onde ocorre coerência e coesão estruturadoras (mais típicas do texto escrito) e, simultaneamente, ductilidade e força expressiva (predominantes na oralidade).

Independentemente dos contextos verbais e extraverbais, verificámos que na realização discursiva das UF entram em jogo processos vários, como a relação entre o sentido literal e o idiomático, a obliteração de uma parte da UF e a manipulação criativa. Estes processos contribuem para a consecução de objetivos de natureza argumentativa e muitas vezes humorística; mas contribuem acima de tudo para a revitalização (“reciclagem”, em Teixeira, 2006) das UF.

O conhecido acrónimo usado para traduzir os objetivos da publicidade – AIDMA - pode agora alargar-se aos géneros que constituem a nossa base de dados, sobretudo no que diz respeito ao uso das UF: todos eles pretendem (A) captar a **A**tenção do recetor, (I) despertar o **I**nteresse pelo produto, serviço ou mensagem publicitados, (D) desencadear o **D**esejo de aderir ou possuir esse produto, serviço ou mensagem, (M) potenciar a sua retenção na **M**emória e (A) mobilizar a **A**ção do recetor, levando-o à aquisição do produto ou da mensagem publicitados (vd. Teixeira, 2006: 216-217).

Mas se estes são objetivos mais ou menos comuns, outros há que dependem da especificidade das fontes e dos contextos. Assim, por intermédio da leitura acedemos à grafia das UF, mas através da audição permitida pela rádio, televisão, música e cinema temos acesso à pronúncia. É por isso que os recursos a utilizar, sobretudo em contextos de ensino-aprendizagem, devem ser criteriosamente selecionados: preferencialmente, textos jornalísticos atuais e de interesse geral; textos literários de escritores portugueses conceituados; músicas ao gosto dos ouvintes, com alguma preferência pelo fado (Património Imaterial da Humanidade); cinema português de grandes realizadores (Manoel de Oliveira, por exemplo) e com temas de interesse histórico e literário (como *Capitães de Abril* e *O Crime do Padre Amaro*).

Para finalizar, um aspeto que nos parece relevante tem a ver com o posicionamento das UF. Não dispomos de dados suficientes, mas o nosso contacto frequente com as fontes permite-nos concluir que as UF são muitas vezes chamadas para posições de destaque, como são as

³¹⁵ Vd. *Dicionário Terminológico* (2008), disponível em <http://dt.dgic.min-edu.pt/>, consultado em julho/2013.

capas dos livros e revistas e as manchetes dos jornais. Por isso, na nossa base de dados fraseológica (BADAF-PE, ANEXO 7) procuramos, sempre que possível, identificar o posicionamento textual de cada UF (título, subtítulo, frase destacada, primeira página, etc.). Este protagonismo sai reforçado quando pensamos na forte presença das UF nos títulos e frases destacadas. Estamos em crer que as EI, pela sua institucionalização, comunicabilidade e criatividade (às vezes manipulada), são um dos mais poderosos recursos ao serviço da comunicação de massas.

4.4. Conclusão

(1) Os capítulos 2 (“Fraseologia Geral”) e 3 (“Fraseologia Portuguesa”) deste nosso trabalho permitiram-nos contactar com os inúmeros termos usados para designar o objeto de estudo da fraseologia, ou parte desse objeto. Recordemos apenas alguns: *phrase figée, set phrase, idiom, frase feita, locução petrificada, cliché, frasema, fraseologia, fraseologismo, lugar comum, sintagma fixo, combinatória lexical* e *unidade fraseológica*. Tendo em conta pares terminológicos como lexicologia-lexema, morfologia-morfema e fonologia-fonema, haveria uma certa tendência para optar pelo par fraseologia-frasema. Todavia, preferimos, como hiperónimo, o termo *unidade fraseológica*, usado sobretudo por Corpas Pastor (2006), pelas seguintes razões: tem merecido, ao longo da história da fraseologia, uma aceitação consistente e alargada; evoca o termo do qual deriva (fraseologia); é constituído por mais de uma palavra; e explicita a *unidade* existente entre os seus constituintes. Para designar os hipónimos do hiperónimo *unidade fraseológica*, também adotámos a terminologia de Corpas Pastor: colocação, locução e enunciado fraseológico (onde se incluem as fórmulas de rotina e os provérbios).

Mas em relação às locuções de sentido figurado, assumimos explicitamente a designação *Expressão Idiomática* (EI), também por várias razões: tal como *locução, expressão* é um termo que remete para um conjunto de palavras (duas ou mais), mas tem a vantagem de evocar vocábulos como *expressiva* e *expressividade* (conseguida muitas vezes por desvios relativamente à norma); já a palavra *idiomática* vem lembrar o traço mais prototípico da EI – a idiomaticidade, o sentido figurado, translaticio e às vezes intraduzível; por último, em termos de ensino-aprendizagem de línguas, o termo *expressão idiomática* tem uma aceitação muito alargada (veja-se, por exemplo, os *Programas de Português*, o DT, as *Metas de Aprendizagem*, o QECR e os

Manuais de PLM e PLNM). A este respeito, ainda uma última palavra: divergindo da posição de alguns dos mais conceituados fraseólogos, como Mel'čuk (2003), por exemplo, aceitamos como El combinações em que pelo menos um dos constituintes tenha sentido figurado. E isto porque entendemos que a El, como unidade fraseológica que é, vale como um todo: basta que uma das suas partes tenha sentido translaticio para que a expressão se assuma como idiomática. Sendo assim, *em palpos/papos de aranha* (atrapalhado) é uma El mas *chover a potes* (chover muito) também o é.

(2) Quanto ao objetivo *Constituição de uma base de dados fraseológica*, ele concretizou-se através de uma recolha *ad libitum* de UF (a Amostra é constituída por cerca de 1150), maioritariamente El, presentes em textos orais e escritos e de tipologias diversificadas: jornais, livros literários, publicidade... Daí que nos seja possível dividir a nossa base de dados fraseológica do português europeu (BADAF-PE) geral em BADAF-PE jornalística, publicitária, “cartunista”, literária, musicada e cinematográfica. A recolha das UF fez-se em textos autênticos, preferencialmente através do recurso a fontes impressas (revistas, livros, jornais, etc.) e a fontes disponíveis na internet (blogues, vídeos, músicas, etc.). A importância da natureza autêntica dos textos (vd. Ettinger, 2008: 109) confere à nossa base de dados um valor acrescido: permite exemplificar algumas asserções e servir de apoio à produção de materiais didáticos.

De forma mais concreta, podemos concluir que a nossa base de dados atesta o uso alargado de UF, independentemente da tipologia textual e da modalidade oral ou escrita; permite-nos ainda verificar que o poder expressivo e persuasivo das UF é, ora mais ora menos, explicitamente explorado nos diversos contextos em que ocorrem, sobretudo nos textos literários e publicitários e nos *cartoons*. Embora não tenhamos dados estatísticos, estamos em crer que as UF (sobretudo El e provérbios) são estrategicamente colocadas em posições textuais de relevo, como títulos e frases destacadas, de modo a conferir maior poder expressivo³¹⁶.

³¹⁶ Com o intuito de partilharmos a nossa base de dados com os utilizadores que dela possam tirar proveito, iniciámos, em finais de 2013, um trabalho na internet que consiste em colocar materiais (UF + significados + ocorrências textuais) no sítio da wikipédia. Veja-se “à balda” e “a oito” na lista de expressões idiomáticas usadas em Portugal, em http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_express%C3%B5es_idiom%C3%A1ticas#Portugal.

COMPETÊNCIAS COMUNICATIVAS, LINGUÍSTICAS E FRASEOLÓGICAS: AQUISIÇÃO, APRENDIZAGEM E ENSINO DE EI EM LM E LNM

“Para executar as tarefas e as actividades necessárias para lidar com as situações comunicativas em que estão envolvidos, os utilizadores e os aprendentes utilizam um certo número de competências adquiridas ao longo da sua experiência anterior. Em troca, a participação nos eventos comunicativos [...] tem como consequência um maior desenvolvimento das competências do aprendente, a curto e a longo prazo” (QECR, 2001: 147).

5.1. Competências gerais

No capítulo 5 do *Quadro europeu comum de referência para as línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação* (2001), refere-se que os utilizadores e os aprendentes, para executarem “as tarefas e as actividades necessárias para lidar com as situações comunicativas em que estão envolvidos”, “utilizam um certo número de competências adquiridas ao longo da sua experiência anterior”, isto é, *Competências gerais* e *Competências comunicativas em língua* (vd. QECR, 2001: 147-184). Todavia, estas competências – as gerais e as comunicativas – desdobram-se em inúmeras (sub)competências. Nas gerais, por exemplo, incluem-se o *conhecimento do mundo* e o *conhecimento sociocultural*, competências fundamentais na medida em que, por um lado, a imagem do mundo e a LM se desenvolvem em função uma da outra, e, por outro, “o conhecimento da sociedade e da cultura da(s) comunidade(s) onde a língua é falada é um dos aspectos do conhecimento do mundo” (QECR, 2001: 148).

Outra faceta importante das *Competências gerais* é a *consciência intercultural*, dependente da apreensão e conhecimento das semelhanças e diferenças entre “o mundo de onde se vem” e “o mundo da comunidade-alvo”³¹⁷ (QECR, 2001: 150).

Por fim, e ainda no âmbito das *Competências gerais*, destacamos a *competência existencial*. De acordo com esta competência, o desempenho comunicativo dos aprendentes/utilizadores depende não só do seu conhecimento, compreensão e capacidades,

³¹⁷ O Conselho da Europa tem assumido, de forma muito clara, uma política assente no plurilinguismo, através da promoção e defesa da diversidade linguística. Entre as iniciativas mais relevantes, conta-se a publicação do *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (2001) e a divulgação do *Portfólio Europeu das Línguas* (vd. Mateus *et al.*, 2008: 289).

mas também de fatores pessoais relacionados com as suas personalidades individuais: atitudes, motivações, valores, crenças, estilos cognitivos e traços de personalidade (vd. QECR, 2001: 152-153).

Embora esteja fora dos limites do nosso trabalho, reconhecemos a importância de o professor, em contexto de ensino-aprendizagem de uma língua, sobretudo estrangeira ou segunda, identificar, por exemplo, os traços de personalidade que facilitam (otimismo, proatividade, inteligência...) ou dificultam (timidez, preguiça, falta de autoestima...) a aprendizagem, para depois ajudar os aprendentes a otimizar os seus pontos fortes e a ultrapassar os fracos.

5.2. Competências comunicativas em língua

Para realizar uma atividade comunicativa, os aprendentes/utilizadores mobilizam as competências gerais que acabámos de descrever, combinando-as com as chamadas competências comunicativas relacionadas com a língua.

Tal como as gerais, também as competências comunicativas apresentam grande complexidade. É frequente incluir nas competências comunicativas as competências linguísticas, as sociolinguísticas e as pragmáticas (vd. QECR, 2001: 156). Todavia, Lomas (2001: 11), em “Teorías del lenguaje, competencia comunicativa y enseñanza de la lengua [...]”, depois de referir que a educação linguística e literária, nas aulas, “debe contribuir sobre todo a ayudarles [los alumnos] a *saber hacer cosas con las palabras* y, de esta manera, a mejorar su *competencia comunicativa* en las diversas situaciones y contextos de comunicación”, chama a atenção para a multiplicidade de autores e de conceitos associados à competência comunicativa³¹⁸.

Segundo Lomas (2001: 12), nesta área terá sido preponderante o pioneirismo de Noam Chomsky (1957 e 1965) ao associar a competência linguística à “capacidad *innata* de un hablante y oyente *ideal* para emitir y comprender un número ilimitado de oraciones en una comunidad de habla *homogénea*”. Este conceito de competência linguística, ainda segundo Lomas (2001: 12), desencadeou uma série de reações, sobretudo da parte de etnógrafos da

³¹⁸ Através da consulta do *Dicionário de Termos Linguísticos*, disponível em http://www.ait.pt/recursos/dic_term_ling/index2.htm (consulta efetuada em 07/10/2011), confirmámos esta “multiplicidade de autores e de conceitos” mediante as definições apresentadas, por exemplo, de *competência comunicativa*, *competência sociolinguística*, *competência linguística* e *competência lexical (comum e do indivíduo)*.

comunicação, como Gumperz (1972) e Hymes (1984), e de investigadores do âmbito da didática das línguas, que advertiram para os limites da noção chomskiana desde a “consideración de que, por el hecho de estar capacitados biológicamente para la expresión y la comprensión lingüísticas [...], no se garantiza una conducta comunicativa adecuada a los diferentes contextos y situaciones de comunicación”.

No decurso da noção (ou noções) de competência linguística e comunicativa, surgem as chamadas subcompetências integradas na competência comunicativa. Às competências (1) linguística ou gramatical, (2) sociolinguística, (3) discursiva ou textual e (4) estratégica, Lomas (2001: 13-14) acrescenta as competências (5) literária (“que incluiría los conocimientos, las habilidades y los hábitos de lectura que hacen posible el uso y disfrute de los textos literarios”) e (6) semiológica (“que incluiría los conocimientos, las habilidades y las actitudes que favorecen una interpretación crítica de los usos y formas de los medios de comunicación de masas y de la publicidad”). Esta ideia de associar a *Competência Literária* às Competências Comunicativa e Linguística não é nova. Já em 1977 Aguiar e Silva havia publicado um livro intitulado *Competência Linguística e Competência Literária*³¹⁹.

Reconhecida a complexidade da noção de competência comunicativa e das subcompetências que a integram, optámos pela classificação proposta pelo QECR (2001) que consiste em subdividir a competência comunicativa em três (grandes) domínios: competências linguísticas, competências sociolinguísticas e competências pragmáticas³²⁰.

³¹⁹ Sobre *Competência Literária*, veja-se também o *E-Dicionário de Termos Literários* de Carlos Ceia, disponível em http://www.edtl.com.pt/?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=675&Itemid=2 (Consulta: 12/07/2013).

³²⁰ Sobre “As competências comunicativas em língua” do QECR (2001), veja-se, por exemplo, o artigo “Avaliação do nível de proficiência linguística” de Mafalda Mendes (em Mateus *et al.*, 2008: 305-325). Será também interessante seguir de perto os processos de aplicação e os resultados do “Inquérito europeu sobre competências linguísticas”. Na sua apresentação diz-se o seguinte: “Será lançado um inquérito europeu sobre competências linguísticas a fim de avaliar as competências linguísticas dos jovens europeus. Este inquérito será realizado numa amostra representativa de alunos que estudem uma das línguas estrangeiras, entre as línguas oficiais da União Europeia, mais ensinadas nos Estados-Membros. Os resultados coligidos permitirão estabelecer o Indicador Europeu de Competência Linguística e línguas oficiais da União Europeia, mais ensinadas nos Estados-Membros e facultarão informações fiáveis sobre a aprendizagem de línguas e as competências linguísticas dos jovens” (http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/lifelong_learning/c11105_pt.htm. Consulta: 17/07/2013).

5.2.1. Competências linguísticas

Em virtude da enorme complexidade dos sistemas linguísticos, segundo o QEER (2001: 157) não existe “até ao momento nenhuma teoria linguística geral que seja objecto de uma aceitação generalizada”. Por isso, e tendo em conta as limitações quer do modelo “tradicional”, usado inicialmente na descrição das línguas clássicas, quer dos trabalhos mais recentes sobre os universais linguísticos, o QEER adota uma abordagem que tenta identificar e classificar as “componentes principais da competência linguística, definida como o conhecimento de recursos formais a partir dos quais se podem elaborar e formular mensagens correctas e significativas, bem como a capacidade para os usar” (QEER, 2001: 157). E as “componentes principais da competência linguística” são a lexical, a semântica, a gramatical (morfossintática), a fonológica, a ortográfica e a ortoépica. Será esta a abordagem que adotaremos no nosso trabalho.

a) Competência lexical e competência semântica

A competência lexical manifesta-se no conhecimento e na capacidade de utilização do vocabulário de uma língua. Esta competência compreende elementos lexicais e elementos gramaticais, que por sua vez se apresentam de formas muito diversificadas. Para facilitar a apreensão desta multiplicidade, optámos por representar a competência lexical através do quadro que se segue:

| | | | | |
|---|---|---|--|---|
| - Competência lexical - | Elementos lexicais | Expressões Fixas (constituídas por várias palavras, usadas e aprendidas como conjuntos) | Expressões feitas | Indicadores das funções linguísticas: saudações (<i>Bom dia.</i>), etc. |
| | | | | Provérbios (<i>Mais vale um pássaro na mão que dois a voar</i>) |
| | | | | Arcaísmos (<i>Ele está prestes a conseguir</i> (quase)) |
| | | | Expressões Idiomáticas | Metáforas cristalizadas e semanticamente opacas (<i>Ele bateu a bota (= morreu)</i>) |
| | | | | Intensificadores (<i>branco como a neve</i> (puro)) |
| | | | | Estruturas fixas, aprendidas e usadas como todos não analisáveis (<i>Por favor, pode passar-me...?</i>) |
| | | Outras expressões fixas: verbais (<i>sonhar com</i>), locuções preposicionais (<i>em frente de</i>), etc. | | |
| | | Combinatórias fixas, constituídas por palavras que frequentemente se usam juntas (<i>fazer/proferir um discurso, cometer um erro</i> , etc.) | | |
| | | Palavras Isoladas (podendo ser polissêmicas) | Palavras das classes abertas: nome, adjetivo, verbo, advérbio | |
| | | | Conjuntos lexicais fechados: dias da semana, meses do ano, pesos e medidas, etc. | |
| Outros conjuntos lexicais | | | | |
| Elementos gramaticais (classes fechadas de palavras) | <ul style="list-style-type: none"> - artigos (<i>o, um</i>, etc.); - conjunções (<i>e, mas, quando</i>, etc.); - demonstrativos (<i>este, esse, aquele</i>, etc.); - partículas ((<i>eu</i>) <i>cá, (diz) lá</i>, etc.); - possessivos (<i>meu, teu, seu</i>, etc.); - preposições (<i>a, de, por</i>, etc.); - pronomes interrogativos e relativos (<i>que, como, onde</i>, etc.); - pronomes pessoais (<i>eu, tu, ele</i>, etc.); - quantificadores (<i>alguns, todos, muitos</i>, etc.); - verbos auxiliares (<i>ter, ser, haver</i>, etc.). | | | |

Quadro 19 – Competências linguísticas: competência lexical (QECR, 2001: 159-161. Adaptado)

Da leitura deste quadro fica a ideia de um emaranhado terminológico, no que diz respeito às *Expressões fixas*: primeiro, porque a palavra *expressão* tanto é usada para designar conjuntos que não constituem frases ou enunciados completos (*bater a bota*, por exemplo) como conjuntos que são frases/enunciados (*Bom dia* ou *Mais vale um pássaro na mão que dois a voar*); segundo, porque os tipos de expressões fixas apresentados (*expressões feitas*, *expressões idiomáticas*, *estruturas fixas*, *combinatórias fixas*) surgem de forma pouco esclarecida.

O QECR apresenta ainda escalas que permitem medir a competência lexical do utilizador/aprendente, no âmbito da *amplitude* e do *domínio* do vocabulário. Tendo em conta os níveis comuns de referência (Utilizador proficiente: C2 e C1; Utilizador independente: B2 e B1;

Utilizador elementar: A2 e A1)³²¹ e os descritores apresentados para a *Amplitude do Vocabulário*, verificamos que o domínio das EI só é referido nos níveis C2 e C1:

| | Amplitude do Vocabulário |
|-----------|--|
| C2 | Tem um bom domínio de um vasto repertório lexical que inclui expressões idiomáticas e coloquialismos; demonstra consciência de níveis conotativos de significado. |
| C1 | Domina um repertório alargado que lhe permite ultrapassar dificuldades/lacunas com circunlocuções; não é evidente a procura de expressões ou de estratégias de evitação. Bom domínio de expressões idiomáticas e coloquialismos. |

Quadro 20 – Competência lexical: amplitude do vocabulário (QECR, 2001: 160)

A competência semântica trata “da consciência e do controlo que o aprendente possui sobre a organização do significado” (QECR, 2001: 165). A semântica, segundo o QECR, divide-se geralmente em (1) semântica lexical (estuda, por exemplo, a relação da palavra com o contexto geral, como é o caso da conotação, e as relações interlexicais, tais como sinonímia/antonímia, hiperonímia/hiponímia, combinatórias e equivalência em tradução), (2) semântica gramatical (trata do significado de elementos, categorias, estruturas e processos gramaticais) e (3) semântica pragmática (aborda as relações lógicas, como a implicação e a pressuposição).

A competência semântica é uma das mais importantes para o estudo das UF uma vez que nos ajuda, por exemplo, a distinguir se num determinado contexto uma expressão tem sentido literal ou idiomático (*baixar os braços*, por exemplo, terá sentido idiomático se significar *desistir*, funcionando, portanto, como um todo). A competência semântica permite-nos ainda classificar como sinónimas duas EI (é o caso de *por uma unha negra* e *por um triz*) e encontrar resposta, sempre que possível, para o problema das equivalências na tradução.

b) Competência gramatical (morfo sintática)

O QECR (2001: 161) define a competência gramatical como “o conhecimento dos recursos gramaticais da língua e a capacidade para os utilizar”, ou seja, “a capacidade para compreender e expressar significado, através da produção e do reconhecimento de frases e expressões bem construídas”.

³²¹ Ver, por exemplo, página 49 do QECR, 2001.

E quando se fala de competência gramatical está-se a falar habitualmente de morfologia e de sintaxe: a primeira trata da estrutura interna das palavras (morfemas: raízes ou radicais e afixos); a segunda, da organização das palavras em frases.

A competência gramatical é também importante para o domínio das UF porque permite, por exemplo, identificar variantes relacionadas com o uso de afixos (*dar uma mão/mãozinha*) e reconhecer a aparente agramaticalidade de algumas EI por não obedecerem a um conjunto determinado de regras ditadas pela sintaxe (*estar em pulgas*, isto é, estar muito ansioso, é, à partida, agramatical porque o verbo copulativo *estar* pediria um predicativo do género *em cima de pulgas* ou *com pulgas*).

c) Competência ortográfica, fonológica e ortoépica

A competência ortográfica diz respeito ao conhecimento e à “capacidade de percepção e produção dos símbolos com os quais se compõem os textos escritos” (QECR, 2001: 167). Nem todos os sistemas de escrita se baseiam no princípio alfabético; por isso, é natural que um chinês, por exemplo, que utiliza o princípio ideográfico (logográfico), sinta dificuldades acrescidas quando aprende uma língua europeia, como o português. Neste caso, o aprendente deverá perceber e produzir (1) a forma das letras impressas e cursivas (maiúsculas e minúsculas), (2) a ortografia correta das palavras, (3) os sinais de pontuação, (4) as convenções tipográficas e variedades de tipos e (5) os sinais logográficos de uso corrente (% , @, etc.).

A competência fonológica envolve o conhecimento e a capacidade de percepção e de produção (1) das unidades fonológicas da língua e da sua realização em contextos específicos, (2) dos traços fonéticos que distinguem os fonemas, (3) da composição fonética das palavras, (4) da fonética da frase, (5) da redução fonética e (6) da elisão (vd. QECR, 2001: 166). Sabendo nós, por experiência própria, como é extremamente difícil para um aprendente de PLNM (voltemos ao exemplo do chinês) adquirir uma pronúncia e uma entoação claras e naturais, então convém, desde logo, proporcionar-lhe situações de aprendizagem que desenvolvam a competência fonológica, não só a nível da palavra, mas também da expressão e da frase.

A competência ortoépica está relacionada com a pronúncia correta de uma determinada palavra ou expressão. De acordo com esta competência, exige-se aos utilizadores “que leiam em voz alta um texto preparado, ou que utilizem no discurso palavras encontradas pela primeira vez na sua forma escrita” (QECR, 2001: 168). Para isso, o utilizador poderá ter necessidade de (1)

conhecer as convenções ortográficas, (2) ser capaz de consultar um dicionário, conhecendo as convenções aí utilizadas para a representação da pronúncia, (3) conhecer as implicações das formas escritas, especialmente os sinais de pontuação, para o ritmo e a entoação, e (4) ser capaz de resolver ambiguidades (homónimos, por exemplo), em função do contexto.

5.2.2. Competências sociolinguísticas

A competência sociolinguística refere-se “ao conhecimento e às capacidades exigidas para lidar com a dimensão social do uso da língua” (QECR, 2001: 169). Digamos que a competência sociolinguística é a dimensão linguística da competência sociocultural. Abordar a competência sociolinguística implica o tratamento de determinados assuntos: (1) marcadores linguísticos de relações sociais, (2) regras de delicadeza, (3) expressões de sabedoria popular, (4) diferenças de registo e (5) dialetos e sotaques.

Relativamente aos marcadores linguísticos de relações sociais (1), é importante perceber que eles diferem segundo as línguas e as culturas, estando dependentes de fatores como o estatuto relativo dos interlocutores, a proximidade da relação e o registo do discurso. Por exemplo, em português o uso das formas de saudação (*Bom dia! Tudo bem?...*) e de tratamento (*Dr.; Sr.; você; pá, menina...*) e das exclamações (*Cum caneco!; Rafo[s] parta[m] a canalha!...*) é um bom indicador da competência sociolinguística do utilizador.

Relacionadas com os marcadores anteriormente apontados estão as regras de delicadeza (2). Estas “variam de cultura para cultura e são uma causa frequente de mal-entendidos [...], especialmente quando algumas expressões de delicadeza são interpretadas literalmente” (QECR, 2001: 170).

Quanto às expressões de sabedoria popular (3), elas apresentam-se como fórmulas fixas que reforçam a expressividade do registo corrente da linguagem, traduzindo a cultura de uma comunidade. Entre as expressões de sabedoria popular contam-se os provérbios (*grão a grão enche a galinha o papo*, por exemplo) e as EI (como *não dar uma para a caixa*, isto é, cometer muitos erros).

As *diferenças de registo* (4) remetem para as diferenças sistemáticas entre variedades linguísticas usadas em diferentes contextos. Como *níveis de formalidade*, o QECR aponta o *oficial*, o *formal*, o *neutral*, o *informal*, o *familiar* e o *íntimo*, aconselhando a utilização do *registo*

neutro nas primeiras fases de aprendizagem (pelo menos nos níveis A1 e A2), já que este “é o registo que utilizarão, provavelmente, os falantes nativos quando falam com estrangeiros e que geralmente esperam que estes utilizem” (QEER, 2001: 171).

Por último, os *dialetos e sotaques* (5). Assumimos que nenhuma comunidade linguística é inteiramente homogénea e que as diferentes regiões têm peculiaridades linguísticas e culturais que podem ser mais marcadas em determinados indivíduos dessa comunidade, fornecendo geralmente pistas sobre a sua classe social, profissão e nível de educação (vd. QEER, 2001: 172). Com o tempo, o aprendente terá a oportunidade de interagir com falantes de diferentes proveniências e aperceber-se das conotações sociais de determinados dialetos e sotaques. Depois, ele próprio será chamado a adotar formas dialetais caracterizadas por determinados marcadores do domínio do léxico (por exemplo, *agarrar o touro/toiro pelos cornos*, ou seja, enfrentar um problema), da gramática, da fonologia, da linguagem corporal, etc.

Chegados a este ponto, melhor se compreende a dificuldade que é recorrer a uma escala para traduzir a complexidade da competência sociolinguística. Ainda assim, o QEER (2001: 173) arrisca um *escalamento* que passamos a reproduzir, mas apenas nos níveis C2 e C1 por serem os únicos a referir as EI:

| Adequação Sociolinguística | |
|-----------------------------------|---|
| C2 | <p>Possui um bom domínio de expressões idiomáticas e de coloquialismos com consciência dos níveis conotativos do significado.</p> <p>Conhece bem as implicações sociolinguísticas e socioculturais da linguagem utilizada pelos falantes nativos e é capaz de reagir de acordo com esse conhecimento.</p> <p>É capaz de desempenhar o papel de mediador entre locutores da língua-alvo e da sua comunidade de origem, considerando as diferenças socioculturais e sociolinguísticas.</p> |
| C1 | <p>É capaz de reconhecer um vasto leque de expressões idiomáticas e de coloquialismos, e de perceber mudanças de registo; poderá, todavia, necessitar de confirmar pormenores esporádicos, especialmente se o sotaque não lhe for familiar.</p> <p>É capaz de seguir filmes nos quais surja uma quantidade considerável de calão e de usos idiomáticos.</p> <p>É capaz de utilizar a língua flexivelmente e com eficácia para fins sociais, incluindo os usos afectivos, os humorísticos e as subtilezas.</p> |

Quadro 21 – Competência sociolinguística: adequação sociolinguística (QEER, 2001: 173)

5.2.3. Competências pragmáticas

As competências pragmáticas referem-se ao conhecimento que o aprendente/utilizador possui dos princípios em função dos quais as mensagens são (1) organizadas, estruturadas e adaptadas (competência discursiva), (2) utilizadas para a realização de funções comunicativas (competência funcional) e (3) sequenciadas de acordo com os esquemas interacionais e transacionais (competência de conceção) (vd. QECR, 2001: 174). A competência discursiva, por exemplo, pode ser medida através de aspetos como a flexibilidade em relação às circunstâncias, a tomada de palavra, o desenvolvimento temático e a coerência e coesão.

Embora o QECR não apresente explicitamente descritores sobre o domínio das EI, no âmbito das competências pragmático-discursivas, estamos convictos de que a “grande flexibilidade na reformulação de ideias em diferentes formas linguísticas” (Nível C2), relativamente ao aspeto *flexibilidade*, e a capacidade “de escolher uma expressão adequada [...] de forma a conseguir a atenção do auditório” (Níveis C2 e C1), em relação à *tomada de palavra* (vd. QECR, 2001: 176-177), dependem do nível de proficiência que o aprendente/utilizador possui no domínio das EI³²².

O mesmo se dirá da *coerência e coesão*, um outro aspeto da *competência discursiva*. A capacidade de “criar um texto coeso utilizando toda uma variedade de padrões organizacionais adequados” (Nível C2) e de “produzir um discurso claro, fluido e bem estruturado, que revela um domínio de [...] conectores e de mecanismos de coesão” (Nível C1) passa, naturalmente, pelo grau de proficiência em UF (vd. QECR, 2001: 178). Exemplificando: expressões como *Fazendo minhas as palavras de...*, *Voltando à vaca fria...* e *À guisa de conclusão...* são muitas vezes utilizadas, respetivamente, para abertura, retoma e fecho de um discurso.

A competência funcional é determinada essencialmente por dois fatores: (1) fluência e (2) precisão proposicional. Sendo a primeira “a capacidade para formular, prosseguir e sair de um impasse” e a segunda “a capacidade para exprimir os pensamentos e proposições com o fim de os tornar claros” (QECR, 2001: 182), o uso das expressões fixas e pré-fabricadas poderá ajudar o aprendente/utilizador a elaborar um discurso, por um lado, mais fluido (sem esforço nem hesitações) e natural (mais *português*, no caso do PLNM) e, por outro, mais claro e expressivo. Em determinados contextos, as expressões idiomáticas podem ser pragmaticamente mais

³²² O uso adequado de uma UF, pitoresca e sugestiva, como *soltar a franga* (divertir-se), *não dar cavaco* (não dar atenção) ou *pôr o carro à frente dos bois* (alterar a ordem natural das coisas; precipitar-se) não será uma estratégia discursiva capaz de *agarrar* o auditório? No momento certo, uma EI pode valer mais que mil palavras.

eficazes: *chover a cântaros* “melhor” do que *chover muito*; *partir a loiça/louça toda* “melhor” do que *zangar-se*.

5.2.4. Competências fraseológicas

“O *Marco europeo común de referencia para as linguas* representa un primeiro avance para a didáctica das expresións fixas, ao incluílas como elementos obrigatorios de estudo, ao mesmo título ca o resto dos elementos da lingua que se quere aprender. Porén, o texto comunitario non deixa de mostrar lagoas teóricas que impiden unha posta en práctica eficaz. Estas deben de ser remediadas dende a fraseodidáctica [...]” (González Rey, 2006: 123).

Concluída a abordagem geral às *Competências comunicativas em língua*, verificamos que é na *Competência lexical* (uma das componentes das *Competências linguísticas*) e na *Adequação sociolinguística* (integrada nas *Competências sociolinguísticas*) que mais explicitamente se inscrevem as competências fraseológicas, através do domínio das colocações, locuções e enunciados fraseológicos (sobretudo, provérbios e fórmulas de rotina). Embora seja nosso objetivo realçar a importância das competências fraseológicas e a sua relação com as demais competências, não negamos a sua integração nas competências lexicais e de, forma mais alargada, nas competências linguísticas.

Direcionando a nossa atenção para o domínio das EI (uma das classes das unidades fraseológicas) no QECR, verificamos que, além de exclusivo dos níveis de proficiência mais altos (C2 e C1), ele é mais restritivo no âmbito sociolinguístico do que no lexical, na medida em que o utilizador/aprendente, no nível C1 da *adequação sociolinguística*, apenas é capaz de “reconhecer” (mas não “dominar”) “um vasto leque de expressões idiomáticas” (QECR, 2001: 173). Neste caso, compete-nos perguntar: se nos estádios anteriores a C1 (B2 e B1, mas também A2 e A1) o utilizador/aprendente não evidencia qualquer domínio das EI, como é possível que no estádio imediatamente a seguir (C1), no caso da *Competência lexical*, se dê como adquirido esse domínio, e ainda por cima classificado como “Bom”? Não será melhor preparar desde logo o terreno para que o aprendente/utilizador se vá apropriando, natural e paulatinamente, da competência idiomática?

Na nossa opinião, os níveis comuns de referência devem ser entendidos como um *continuum* (por ordem ascendente, do A1 até ao C2), assim como as competências a eles

associadas. Deste modo, em contexto de ensino-aprendizagem, o que nos parece expectável é que as EI (e as UF em geral) surjam naturalmente na oralidade e na escrita, uma vez que elas são parte intrínseca dos atos comunicativos. Assim, o utilizador/aprendente entrará em contacto com a dimensão idiomática da língua logo nos primeiros níveis, apreendendo gradualmente os seus traços linguísticos (semântico-lexicais, morfossintáticos, ortográficos e fonológico-ortoépico), mas também sociolinguísticos e pragmáticos. E o professor, respeitando o ritmo de aprendizagem do aprendente e as competências que pretende desenvolver, adotará as estratégias mais adequadas para que as competências fraseológicas da língua (pelo menos o *mínimo fraseológico*) sejam aprendidas/adquiridas de forma gradual e consistente. Segundo Ettinger (2008: 99)³²³, o professor deverá ensinar primeiro “as fórmulas rotineiras e só despois os fraseolemas, ou locucións na terminoloxía de Corpas Pastor”.

Também González Rey (2006: 134-137) reconhece aspetos positivos e negativos no tratamento dado pelo QEER às UF, em geral, e às EI, em particular. Entre os aspetos positivos, assinala o “simple feito de incluír a obriga de ensinar, aprender e avaliar as expresións fixas da lingua” (*ibidem*: 134); entre os negativos, refere a “inclusión do tratamento didáctico das expresións idiomáticas exclusivamente na interacción oral, como se non existisen ou non interesara saber empregarlas no escrito” e ainda o facto de – tal como já alertámos - reservar as EI para os níveis superiores, exigindo-se “ao usuario unha competencia realmente activa, sem darlle tempo de adquirila previamente, xa que lle recomendan non expoñerse antes ao manexo das expresións” (*ibidem*: 136-137).

Uma vez que estes constrangimentos do QEER dificultam o ensino-aprendizagem de UF, González Rey (2006: 138) defende que seja a fraseodidáctica a assumir a didáctica da fraseologia, incluindo neste conceito “o ensino-aprendizaxe de todo elemento considerado como unidade fraseolóxica, é decir, as fórmulas rotineiras, as expresións coloquiais, as locucións idiomáticas, as colocacións e as parémias”. Por outro lado, “debe formularse a súa didáctica tanto dentro da lingua materna como nas linguas estranxeiras” – acrescenta González Rey (2006: 138)³²⁴.

³²³ “Alcances e límites da fraseodidáctica. Dez preguntas clave sobre o estado actual da investigación”, in *Cadernos de Fraseoloxía Galega 10*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, pp. 95-127.

³²⁴ Sobre a importancia da fraseodidáctica no ámbito da fraseologia, veja-se ainda “A fraseodidáctica: un eido da fraseoloxía aplicada” (González Rey, 2004: 113-129), “Alcances e límites da fraseodidáctica. Dez preguntas clave sobre o estado actual da investigación” (Ettinger, 2008: 95-127) e “La fraseodidáctica en acción: les expressions figées comme objet d’enseignement” (González Rey, 2010: 1-12), disponível em <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4026980> (Consulta: 23/07/2013).

5.3. Aquisição, Aprendizagem e Ensino de EI: da LM à LNM

5.3.1. Aquisição, Aprendizagem e Ensino

“Aunque frecuentemente utilizados de forma indistinta, los términos *aprendizaje* y *adquisición* tienen significados diferentes en su origen. El vocablo *adquisición* se reserva para la lengua materna (L1); todas las demás lenguas (L2) se aprenden, no se adquieren (Thatcher, 2000). Krashen (1981) estableció otra línea de demarcación, ampliando el significado de *adquisición* al aprendizaje de una L2 que se realiza de forma similar a como el niño aprende su L1: por simple contacto directo. El término *aprendizaje* suele implicar, por su parte, el estudio formal de la L2, generalmente en el aula, con professor [...]. En este capítulo se respetará la distinción originaria, tal como se apunta en el título del mismo [“La adquisición de la lengua materna (L1) y el aprendizaje de una segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE)”], aunque es frecuente el uso indiscriminado de ambos términos” (*Vademécum*, 2004: 261).

Tem-se escrito muito sobre a distinção entre *aquisição* e *aprendizagem* de uma língua (vd. também Leiria, 2006). No entanto, “es frecuente el uso indiscriminado de ambos términos” – diz-se no excerto do *Vademécum*. O QECR (2001: 196), depois de chamar a atenção para a possibilidade de os termos *aquisição* e *aprendizagem* se usarem quer como termos *gerais* quer como termos *restritos*, ora diferenciando-se ora coincidindo nos seus sentidos e usos, pede aos seus utilizadores “que considerem e, se possível, explicitem em que sentido utilizam os termos”.

Pela nossa parte, adotaremos a distinção apontada pelo *Vademécum*: usar, em geral, *aquisição* para a língua materna (LM) e *aprendizagem* para a língua não materna (LNM). Deste modo, reservaremos o termo *aprendizagem* de uma língua para designar o processo pelo qual é obtida/adquirida uma capacidade linguística (não materna), resultante de uma atuação planeada, num ambiente de estudo formal e institucional (vd. QECR, 2001: 196). Esta noção de *aprendizagem* conduz à noção de *ensino*, estando o termo *aprendente* (aluno/discente) associado a *aprendizagem* e professor/docente a *ensino*. Daí que o par ensino-aprendizagem (ou aprendizagem-ensino) surja muito frequentemente com estatuto de composto morfossintático, marcado por uma relação de implicatura.

5.3.2. Da LM à LNM

No capítulo 4 - “Unidades Fraseológicas e Expressões Idiomáticas” – deste nosso trabalho, tivemos a oportunidade de conhecer os princípios fraseológicos de Igor Mel’čuk (2003). Dele recordamos uma frase que se tornou para nós emblemática: “Un natif parle en phrasèmes”, isto é, fala recorrendo a combinatórias lexicais, a unidades pluriverbais. Esta conclusão surgiu na sequência de uma análise que o autor efetuou a textos de tipologias diversas (linguísticos, literários, dos *media* e da língua falada), tendo verificado que nesses textos os *phrasèmes* eram, de facto, extremamente numerosos. Vale a pena recordar a afirmação completa de Mel’čuk (2003: 4): “En fait, ce sont la fréquence et la qualité de leur usage qui déterminent la différence entre un locuteur natif et un étranger qui a bien appris la langue: un natif parle en phrasèmes”.

Quantidade e qualidade parecem ser então os fatores que diferenciam, em termos de competência fraseológica, um utilizador de LM de um utilizador de LNM. Sabemos que a balança pende para o utilizador de LM, mas será possível medir essa diferença? Procuraremos uma parte da resposta nos casos que a seguir apresentamos.

5.3.2.1. Competência Fraseológica em PLM: Estudo de caso

“[...] existe um período sensível no desenvolvimento do cérebro para receber a informação adequada. Não é fácil estabelecer os limites quantitativos desta informação mas admite-se que sejam muito plásticas as potencialidades do sistema para a reconhecer, processar e arquivar em memórias. Findo este período, regista-se ainda plasticidade para adquirir mais tarde a informação mas o processamento não deixará nunca de ser incompetente” (Castro-Caldas, 2005: 45).

De acordo com o neurologista Castro-Caldas, é nos primeiros anos de vida (até à adolescência?) que o cérebro apresenta potencialidades “muito plásticas” capazes de - concluímos nós - potenciar a aquisição e aprendizagem da língua. Terminado este período, a plasticidade diminui, tornando o processamento “incompetente”, mas não inoperante. Leite de Vasconcelos não conheceu, obviamente, estas palavras de Castro-Caldas, mas parece que as adivinhou ao alertar para a importância do papel do professor (“mestre-escola”) no “desenvolvimento psíquico e físico dos seus alunos”, despertando-lhes “a atenção e o acume

intelectual”, ativando-lhes a memória e a imaginação, deitando mão a contos e romances, provérbios e adivinhas..., a tudo aquilo que constitui a “sabedoria das nações” (Vasconcelos, RL XXII, 1919: 12).

Como se processará a aquisição de UF por parte de um nativo, sobretudo até à fase da adolescência? Para tentarmos responder, no âmbito do PLM, a esta pergunta, socorremo-nos de um estudo do domínio da linguística aplicada, intitulado “La comprensión oral de las frases hechas: Un fenómeno de desarrollo tardío del lenguaje”, de Crespo e Caceres (2006), sobre o espanhol usado no Chile³²⁵. Com este trabalho, os autores pretendem “informar del desarrollo de la comprensión oral de las frases hechas de contenido metafórico en niños y niñas de edad escolar”, apresentando os resultados “de la medición de la comprensión de frases hechas en 900 sujetos entre los cinco y los trece años a través de un software interactivo (IMIP)” (Crespo & Caceres, 2006: 77). Os resultados são, de forma abreviada, os seguintes (vd. Crespo & Caceres, 2006: 85-88):

- (1) Relacionando a idade dos sujeitos com a capacidade de compreender frases feitas metafóricas, os dados obtidos revelam que à medida que a idade aumenta, aumenta também a referida capacidade³²⁶;
- (2) Há diferenças, em termos de capacidade de compreender frases feitas metafóricas, entre todos os escalões etários, mas elas parecem ser mais significativas entre os três primeiros grupos de idade (5-7, 8-9 e 10-11) e diminuem entre os dois últimos (10-11 e 12-14);
- (3) Nos primeiros anos de idade escolar este desenvolvimento é mais acentuado, permitindo relacionar a compreensão de frases feitas com a aquisição da leitura e da escrita³²⁷;
- (4) Relativamente às diferentes formas que toma a frase feita metafórica e à maneira como as crianças as apreendem, os resultados indicam, sem qualquer dúvida, que as crianças

³²⁵ Disponível em <http://www.scielo.cl/pdf/rla/v44n2/art06.pdf> (Consulta: 20/06/2013).

³²⁶ Segundo Crespo e Caceres (2006: 85-88), estes dados corroboram os de Nippold (1998) e são coerentes com o modelo de Levorato e Cacciari (1992).

³²⁷ Para justificarem esta afirmação, Crespo e Caceres (2006: 85-88) remetem para Cain *et al.* (2005) e Ramos y Crespo (2006).

que são competentes a interpretar uma dessas formas, também o são em todas as outras (o contrário também é válido);

- (5) Considerando o grupo total das frases feitas, observou-se que as *colocaciones*, tal como se esperava, representam as combinações mais simples, as mais fáceis para as crianças. O que é estranho é que seja o *refrán* (unidade fraseológica que constitui um ato de fala independente, segundo Corpas Pastor; mini-texto, segundo Navarro) o segundo grupo mais fácil, e não a *locución*, “un sintagma menor que opera en un contexto oracional mayor que lo contiene” (Crespo & Caceres, 2006: 88);
- (6) O grau de dificuldade de uma frase feita metafórica não está totalmente relacionado com a sua estrutura, já que obedece a outros fatores como a familiaridade, o seu nível de análise sintática e a maior opacidade ou transparência semântica da mesma³²⁸;
- (7) A definição de conceitos como análise sintática e transparência ou opacidade semântica continuam a ser objeto de discussão³²⁹.

Este trabalho de Crespo e Caceres (2006), ao pretender contribuir para um melhor entendimento do fenómeno geral de desenvolvimento tardio da linguagem (a compreensão oral de frases feitas, não só em espanhol mas também em outras línguas), constituiu para nós um ótimo incentivo para avaliarmos o nível de proficiência fraseológica das crianças-adolescentes (e, se possível, dos jovens-adultos) em contexto de ensino-aprendizagem de PLM. Tendo em vista este propósito, realizámos um estudo do qual daremos conta, sobretudo em dois domínios: A. Objetivos e Metodologia; B. Análise de Resultados.

A. Objetivos e Metodologia

Depois de termos elaborado uma ficha de caracterização sociolinguística dos aprendentes, produzimos três atividades a fim de testar, de alguma forma, a sua competência fraseológica em PLM, não só no domínio da compreensão oral, mas também da compreensão e expressão

³²⁸ Relativamente a estes aspetos, Crespo e Caceres (2006: 85-88) citam Gibbs (1991) e Levorato e Cacciari (1999).

³²⁹ Sobre este assunto, Crespo e Caceres (2006: 85-88) remetem para Horn (2003).

escrita. Relativamente a este último domínio, não foram considerados os erros ortográficos por não serem relevantes para o nosso estudo.

Como se pode comprovar através do ANEXO 5 deste nosso trabalho, para cada atividade foram produzidos dois tipos de documentos: um que funciona como enunciado e onde o aluno regista as suas respostas; o outro, um conjunto de documentos intitulado “Roteiro do Aplicador”, com os objetivos, aplicação e registo/análise de dados. Todas as atividades foram aplicadas por nós em sala de aula, nos anos letivos 2009-2010 (uma pequena parte) e 2012-2013 (a parte mais substancial).

Numa primeira fase, começámos por trabalhar com uma amostra constituída por 258 informantes: à data, alunos na Escola Básica Trigal de Santa Maria (Tadim-Braga). Todavia, como nem todos tinham realizado a totalidade das atividades (3), reduzimos a amostra para 141, para termos dos informantes o mesmo número de objetos de análise (141 informantes x 3 atividades = 423 atividades). Destes 141, 82 (58,2%) são do sexo masculino e 59 (41,8%) do sexo feminino. Constituímos 3 grupos de acordo com o nível de escolaridade:

| Grupo | Perfil sociolinguístico |
|--------------|---|
| 1 | Língua materna: Português Nível de escolaridade: 2.º ciclo (5.º e 6.º anos) N.º de informantes: 26 (do n.º 001 ao n.º 026) Idade: dos 10 aos 12 anos (média: 11 anos) |
| 2 | Língua materna: Português Nível de escolaridade: 3.º ciclo (7.º, 8.º e 9.º anos) N.º de informantes: 99 (do n.º 027 ao n.º 125) Idade: dos 12 aos 16 anos (média: 13,6 anos) |
| 3 | Língua materna: Português Nível de escolaridade: secundário (EFA-Educação e Formação de Adultos) N.º de informantes: 16 (do n.º 126 ao n.º 141) Idade: dos 18 aos 50 anos (média: 24,9 anos) |

Quadro 22 – Competência fraseológica em PLM: perfil sociolinguístico dos informantes

As características desta amostra foram ditadas quer pelos objetivos do estudo - análise da competência fraseológica de alunos de PLM -, quer pelos recursos (humanos e materiais) de que dispúnhamos. Gostaríamos de ter contado com um universo mais alargado de informantes

(quanto ao número e quanto à idade/ano de escolaridade) e com meios informáticos específicos para tratamento adequado dos dados. Todavia, estamos em crer que, pese embora os constrangimentos assinalados, será possível aproveitar, dos dados recolhidos das 423 produções escritas, indicadores úteis sobre o nível de proficiência fraseológica dos alunos de PLM.

B. Análise de Resultados

Atividade 1 (A1): “A falar [e a escrever] é que a gente se entende”?

Nesta Atividade 1 (ANEXO 5), do domínio da compreensão do oral/expressão escrita, solicita-se ao aluno que ouça atentamente um texto. A seguir, pede-se-lhe que faça o reconto por escrito, procurando reproduzir, o mais fielmente possível, o texto que ouviu. Sobre o texto de partida não são dadas quaisquer informações que possam condicionar o produto do aluno, como o seu pendor humorístico, número de palavras (cerca de 175) e presença de UF (seleccionámos 20). Com esta atividade, procura-se testar a capacidade do aluno em apreender e reproduzir as UF integradas no texto. No caso de se verificar algum incumprimento na realização da tarefa, interessa-nos assinalar e refletir sobre o tipo de incumprimento, como, por exemplo, a ausência da UF e o uso de uma forma desviante ou alternativa.

Depois da aplicação da Atividade 1 e do registo dos dados em grelhas preparadas para o efeito (ANEXO 5), apurámos os resultados globais, referindo a frequência de utilização de cada uma das UF. Entre parênteses, indicamos os valores percentuais de usos corretos (+), seguidos dos usos com um desvio ligeiro (+/-) e, por último, dos usos com um desvio acentuado ou muito acentuado (-) (vd. ANEXO 5, “Totais absolutos”).

Exemplificando: “UF01 (‘dar um passeio’): 39,7% (36,9% + 2,8% + 0%)” significa que a unidade fraseológica ‘dar um passeio’, presente no texto da Atividade 1, foi reproduzida por 39,7% dos alunos (isto é, 56 alunos em 141), sendo que 36,9% o fizeram corretamente, sem qualquer alteração, e 2,8% com um desvio ligeiro, não havendo ocorrências (0%) de desvios acentuados ou muito acentuados. Usamos a designação “desvio ligeiro” sempre que a UF apresenta uma pequena alteração como, por exemplo, a intromissão de uma palavra no conjunto que constitui a combinatória lexical (exemplo relativo à UF03: “amigos **alentejanos** do peito”, informante n.º 015, sublinhado nosso); consideramos “desvio acentuado ou muito

acentuado” quando, por exemplo, uma palavra da combinatória é substituída por outra (exemplo também relativo à UF03: “amigos do **coração**”, informante n.º 025, sublinhado nosso).

Depois destes esclarecimentos, apresentemos os resultados gerais decorrentes da aplicação da Atividade 1:

| Unidade Fraseológica | Frequência de uso da UF (Em relação ao n.º total de Informantes: 141) Total (uso correto+desvio ligeiro+desvio acentuado) |
|--|--|
| UF01 ('dar um passeio') | 39,7% (36,9% +2,8% + 0%) |
| UF02 ('De repente') | 14,9% (14,9% + 0% + 0%) |
| UF03 ('amigos do peito') | 52,5% (45,4% + 5% + 2,1%) |
| UF04 ('nem sim nem sopas') | 48,2% (40,4% + 6,4% + 1,4%) |
| UF05 ('voltar à carga') | 12,8% (12,8% + 0% + 0%) |
| UF06 ('impávidos e serenos') | 14,9% (4,3% + 0% + 10,6%) |
| UF07 ('fazer das tripas coração') | 12,1% (7,1% + 1,4% + 3,6%) |
| UF08 ('fazer-se de Inês') | 26,4% (14,2% + 8,6% + 3,6%) |
| UF09 ('em palpos de aranha') | 3,5% (0% + 1,4% + 2,1%) |
| UF10 ('nem chus nem bus') | 32,6% (17% + 7,8% + 7,8%) |
| UF11 ('Por último') | 7,8% (7,8% + 0% + 0%) |
| UF12 ('não dar cavaco') | 12,1% (5% + 2,1% + 5%) |
| UF13 ('dar de frosques') | 22,7% (17% + 2,1% + 3,6%) |
| UF14 ('ser chinês') | 42,5% (40,4% + 2,1% + 0%) |
| UF15 ('valer a pena') | 9,9% (9,9% + 0% + 0%) |
| UF16 ('língua estrangeira') | 39,7% (39,7% + 0% + 0%) |
| UF17 ('Qual (língua estrangeira) qual carapuça') | 31,2% (13,5% + 16,3% + 1,4%) |
| UF18 ('fala-barato') | 1,4% (1,4% + 0% + 0%) |
| UF19 ('ficar a ver navios') | 28,3% (23,4% + 3,5% + 1,4%) |
| UF20 ('quem muito fala pouco acerta') | 36,9% (24,8% + 6,4% + 5,7%) |

Quadro 23 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 1 – Frequência das UF

Para uma apreensão mais fácil da frequência de utilização das UF por parte dos aprendentes, apresentemos os dados em forma de gráfico:

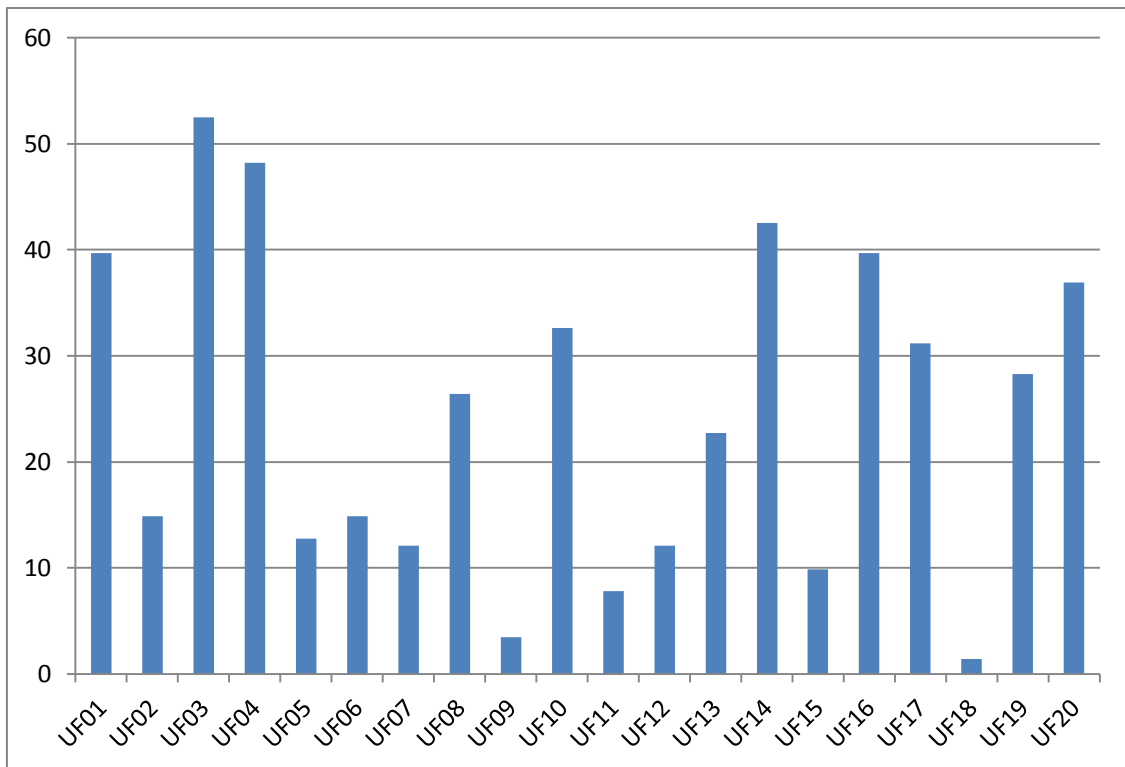


Gráfico 1 - Competência fraseológica em PLM: Atividade 1 – Frequência das UF

A conjugação destes valores, expressos no quadro e no gráfico, permite-nos diferentes níveis de análise. Por exemplo, relativamente à UF03 ('amigos do peito') sabemos que 52,5% dos informantes reproduziram-na nos seus recontos escritos, sendo, portanto, a UF mais frequente; mas sabemos também que em 5% desses informantes a UF03 apresenta um ligeiro desvio (+/-) e em 2,1% um desvio muito acentuado (-). Outras UF revelam uma percentagem mais elevada de desvios do que de formas corretas: é o caso de UF17 ('Qual (língua estrangeira) qual carapuça'), com um desvio de 17,7% (embora predomine o ligeiro); UF06 ('impávidos e serenos'), com um desvio (todo ele muito acentuado) de 10,6%; UF12 ('não dar cavaco'), com um desvio de 7,1%; e UF09 ('em palpos de aranha'), com todas as suas ocorrências (3,5%) consideradas desviantes.

Perante estes resultados, podemos para já concluir que, à semelhança do que acontece com o vocabulário em geral, o conhecimento/uso que os informantes têm/fazem das UF não é homogêneo. Por outras palavras: há UF (as que não apresentam desvios) que não oferecem qualquer tipo de dificuldade e outras que constituem um verdadeiro problema para os informantes. Podemos ainda dizer que há UF mais salientes do que outras. Mesmo reproduzidas de forma muitas vezes deficiente, casos como UF10 ('nem chus nem bus'), UF17 ('Qual (língua

estrangeira) qual carapuça'), UF06 ('impávidos e serenos') e UF12 ('não dar cavaco') parecem ter ficado no ouvido do informante. Em contrapartida, há aquelas que não apresentam dificuldades mas o informante raramente as retém: 'valer a pena', 'por último', 'fala-barato', etc.

Embora Crespo e Cáceres (2006: 87-88) tenham observado que (1) as colocações são "aquellos miembros que representan las combinaciones más simples, los más fáciles para los niños", (2) o refrão é "el segundo más fácil" e (3) as locuções são as UF que oferecem mais dificuldades, os dados de que dispomos não nos permitem comprovar claramente tal observação. Além disso, as *colocações* ('dar um passeio', 'impávidos e serenos'...), as *locuções* ('nem chus nem bus', 'dar de frosques'...) e os *enunciados fraseológicos* ('quem muito fala pouco acerta') que constituem a nossa seleção de UF apresentam um número muito desigual, com o predomínio das locuções. Para nos pronunciarmos sobre a validade das observações de Crespo e Cáceres (2006: 87-88), precisaríamos de um *corpus* ou de uma base de dados com características que os nossos materiais de análise não possuem.

Um dos contributos do nosso estudo reside, então, no facto de podermos afirmar que os informantes (Inf.) não ficam indiferentes a determinadas UF e que, mesmo não as conhecendo, procuram reproduzi-las por aproximação: 'impatidos e serenos' (Inf. 026), 'impactos e serenos' (Inf. 050) e 'pálidos e serenos' (Inf. 091), por 'impávidos e serenos'; 'em pálpebras de aranha' (Inf. 036) e 'em teias de aranha' (Inf. 067), por 'em palpos de aranha'; 'nem pus nem bus' (Inf. 072), por 'nem chus nem bus', entre outros casos.

Estas formas desviantes parecem fazer eco de uma conclusão a que chegou Castro-Caldas (2003: 480-486; 2005: 44-45), depois de ter realizado um estudo com analfabetos e letrados adultos. O investigador verificou que os analfabetos, quando não reconheciam determinadas palavras (algumas eram propositadamente pseudopalavras), tendiam a cometer erros de produção por analogia léxico-semântica (apresentavam uma outra palavra de estrutura fonético-fonológica aproximada), uma vez que não ativavam as áreas adequadas do cérebro. Ora, parece ser este o recurso a que deitam mão os nossos informantes fraseologicamente *analfabetos*, quando tentam reproduzir uma UF total ou parcialmente desconhecida.

Mas os resultados desta Atividade 1 permitem-nos outras leituras: relativamente às UF do texto de partida, a) os alunos usam variantes, b) os alunos recorrem a outras UF:

a) UF variantes³³⁰:

| UF/Frequência de uso (Em relação ao n.º total de Informantes: 141) | | UF Variantes/Frequência de uso (Em relação ao n.º total de Informantes: 141) | |
|---|-------|---|------|
| UF01 ('dar um passeio') ³³¹ | 39,7% | 'fazer um passeio' (Inf. 133) | 0,7% |
| UF03 ('amigos do peito') | 52,5% | 'amigos do coração' (Inf. 025, 040, 096 e 111) | 2,8% |
| UF08 ('fazer-se de Inês') | 26,4% | 'com cara de Inês' (Inf. 079, 080, 081, 085, 087, 091, 095, 109 e 120) | 6,3% |
| UF09 ('em palpos de aranha') | 3,5% | 'às aranhas' (Inf. 030 e 116) | 1,4% |
| UF10 ('nem chus nem bus') | 32,6% | 'nem chus nem mus' (Inf. 087, 101, 103 e 104) 'nem chi nem mi' (Inf. 111, 119, 121 e 127) 'nem chiu nem miu' (Inf. 097, 114, 122, 123 e 137) | 9,2% |
| UF13 ('dar de frosques') | 22,7% | 'ir de frosques' (Inf. 052 e 081) | 1,4% |
| UF17 ('Qual (língua estrangeira) qual carapuça') | 31,2% | 'Qual/Que (língua estrangeira) qual/que quê' (Inf. 048, 050, 055, 071, 073, 113, 124, 127, 131, 133, 140 e 141) | 8,5% |
| UF20 ('quem muito fala pouco acerta') | 36,9% | 'quem fala muito pouco acerta' (Inf. 067) 'quem muito fala pouco convence' (Inf. 084) 'quem fala muito diz pouco' (Inf. 096) 'quem muito fala nada percebe' (Inf. 117) 'falar, falar e não dizer nada' (Inf. 133) | 3,5% |

Quadro 24 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 1 – Frequência das UF Variantes

De acordo com estes dados, verificamos que as 3 UF que apresentam mais variantes são, por ordem decrescente, UF10 ('nem chus nem bus') com 9,2%, UF17 ('Qual (língua estrangeira) qual carapuça') com 8,5% e UF08 ('fazer-se de Inês') com 6,3%.

³³⁰ Entendemos aqui por variante uma unidade linguística (UF, no nosso caso) que pode constituir alternativa ou substituir outra num mesmo contexto (vd., por exemplo, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* e *Dicionário de Termos Linguísticos*, este disponível em <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=974>, consultado em 10/10/2014).

³³¹ Não apresentamos a expressão "dar uma volta" (muito usada pelos informantes) como variante de "dar um passeio" por considerarmos que nela a ideia de 'lazer' não está claramente expressa.

b) UF introduzidas pelos Informantes e que não faziam parte do texto de partida³²²:

| UF introduzidas pelos Informantes (Por ordem alfabética) | Frequência de uso (Relativamente ao n.º total de Informantes: 141) |
|---|--|
| 'A falar é que a gente se entende' (Inf. 135) | 0,7% |
| 'Afinal de contas' (Inf. 050) | 0,7% |
| 'amigos de longa data' (Inf. 138) | 0,7% |
| 'às duas por três' (Inf. 135) | 0,7% |
| 'Certo dia' (Inf. 137) | 0,7% |
| 'dar jeito' (Inf. 127) | 0,7% |
| 'dar meia volta' (Inf. 090) | 0,7% |
| 'dar uma volta' (Inf. 032, 040, 050, 061, 075, 096, 109, 112, 126, 130 e 136) | 7,8% |
| 'dar-se/não se dar por vencido' (Inf. 084 e 102) | 1,4% |
| 'Era uma vez' (Inf. 056, 073, 091, 093, 129 e 141) | 4,3% |
| 'estar de passagem' (Inf. 033) | 0,7% |
| 'fazer orelhas moucas' (Inf. 123) | 0,7% |
| 'meter num bolso' (Inf. 079) | 0,7% |
| 'meter os pés pelas mãos' (Inf. 127) | 0,7% |
| 'não abrir o bico' (Inf. 041) | 0,7% |
| 'não perceber patavina' (Inf. 001, 112, 115, 116 e 119) | 3,5% |
| 'nem sombras' (Inf. 103) | 0,7% |
| 'nem uma nem duas' (Inf. 079, 096, 102 e 111) | 2,8% |
| 'Por fim' (Inf. 042, 048, 049, 056, 085, 095, 104 e 129) | 5,7% |
| 'pôr-se na alheta' (Inf. 134), | 0,7% |
| 'se calhar' (Inf. 055, 080, 082 e 091) | 2,8% |
| 'sem meias medidas' (Inf. 084) | 0,7% |
| "sem pestanejar/nem (sequer) pestanejar" (Inf. 122) | 0,7% |
| 'sem/nem tugar nem mugir' (Inf. 141) | 0,7% |
| 'ver-se em apuros' (Inf. 136) | 0,7% |
| 'virar as costas' (Inf. 114 e 117) | 1,4% |

Quadro 25 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 1 – UF introduzidas pelos informantes

³²² Embora a forma 'chapéu' não seja uma UF, percebemos, nos exemplos que se seguem, que é utilizada para expressar a ideia de uma ação mal sucedida, como acontece em 'ficar a ver navios': "Por fim [o suíço] tenta em francês [mas] eles [alentejanos] **chapéu** também não sabiam" (Inf. 104); "E os alentejanos, **chapéu**, não perceberam nada" (Inf. 116) (Sublinhado nosso).

Estas UF - quer as variantes (14 ao todo, usadas por 48 informantes – vd. Quadro 24), quer as acrescentadas ao texto de partida (26 no total, usadas por 60 informantes – vd. Quadro 25) - ao invés de denotarem incompetência fraseológica, revelam um elevado nível de proficiência, uma vez que o informante, *incapaz* de reter de outiva a UF do texto de partida, é *capaz* de recorrer à sua base de dados fraseológica, armazenada na memória, para selecionar uma UF que possua o sentido e a força expressiva da UF do texto inicial. Basta pensar no campo lexical de *fugir*, expresso pela UF13 ‘dar de frosques’: o informante pode não se ter lembrado especificamente desta UF, mas não se esqueceu do conceito e, vai daí, socorre-se de ‘dar meia volta’ (Inf. 090), ‘virar as costas’ (Inf. 114 e 117) ou, mais expressivamente, ‘pôr-se na alheta’ (Inf. 134).

Quanto ao uso que os três grupos de informantes fazem das UF, veremos se a perfis sociolinguísticos heterogéneos (G1: 2.º ciclo, 26 informantes, média de idades de 11 anos; G2: 3.º ciclo, 99 informantes, média de idades de 13,6 anos; e G3: nível secundário, 16 informantes, média de idade de 24,9 anos) correspondem níveis diferenciados de competência fraseológica:

a) Em termos absolutos (vd. ANEXO 5 – Atividade 1 – Totais absolutos), nos textos produzidos pelo Grupo 1 (constituído por 26 informantes) encontramos 94 UF, o que dá uma média de 3,6 UF por informante; nas produções escritas do Grupo 2 (99 informantes), o número total de UF utilizadas é de 522, o equivalente a 5,2 UF por informante; nos textos elaborados pelo Grupo 3 (16 informantes) encontramos 75 UF, o que corresponde à média de 4,6 UF por informante. Eis os resultados em forma de quadro:

| Grupo | N.º total de UF | N.º médio de UF por Informante |
|--------------------------|------------------------|---------------------------------------|
| G1 (Inf. 001 a 026 = 26) | 94 | 3,6 |
| G2 (Inf. 027 a 125 = 99) | 522 | 5,2 |
| G3 (Inf. 126 a 141 = 16) | 75 | 4,6 |

Quadro 26 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 1

N.º total de UF/N.º de UF por informante

b) As UF que surgem, no texto de chegada, como alternativa e/ou acrescentamento ocorrem maioritariamente nas produções escritas dos grupos 2 e 3, o que prova que idade e nível de escolaridade mais elevados significam maior proficiência fraseológica:

| Grupo | UF Variantes e UF Acrescentadas por Grupo | |
|--------------------------|---|------------------|
| | UF Variantes | UF Acrescentadas |
| G1 (Inf. 001 a 026 = 26) | 1 Inf. = 3,8% | 1 Inf. = 3,8% |
| G2 (Inf. 027 a 125 = 99) | 38 Inf. = 38,3% | 44 Inf. = 44,4% |
| G3 (Inf. 126 a 141 = 16) | 9 Inf. = 56,2% | 15 Inf. = 93,7% |

Quadro 27 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 1
UF Variantes/Acrescentadas por Grupo

c) Relativamente às formas que apresentam desvios acentuados (-), verificamos que elas são mais frequentes nos grupos 1 e 2. Vejamos alguns exemplos:

| UF (exemplo) | Grupo | Desvios acentuados |
|----------------------------|-------|---------------------------------------|
| | | (Em relação ao n.º de Inf. por grupo) |
| UF06 ('impávido e sereno') | G1 | 3,8% |
| | G2 | 14,1% |
| | G3 | 0% |
| UF10 ('nem chus nem bus') | G1 | 7,7% |
| | G2 | 9,1% |
| | G3 | 0% |
| UF13 ('dar de frosques') | G1 | 3,8% |
| | G2 | 4% |
| | G3 | 0% |

Quadro 28 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 1 – Desvios acentuados

Estes valores poderão significar uma maior competência por parte do grupo de nível etário e escolar mais elevado (G3), mas podem também querer dizer que os outros, sobretudo o G2, arriscam mais, tentando reproduzir, embora com alguns erros, as UF que ouvem.

Estas reflexões conduzem-nos ao problema da memória. Bally (1909) afirmou que, dada a sua natureza *psychologique* e *affective*, a nossa memória retém melhor as palavras em grupos (*locutions composées*) do que as palavras isoladas. Por sua vez, Castro-Caldas (2005) disse que, com a idade, as *potencialidades do sistema* (e a memória) perdem *plasticidade*. Ora, os nossos resultados parecem confirmar quer as palavras de Bally, quer as de Castro-Caldas. Na verdade, a nossa memória retém melhor as palavras em grupos, principalmente quando esses grupos têm sentido idiomático – arriscamos nós. Pensemos na UF17 ‘Qual (língua estrangeira) qual carapuça’, constituída por uma parte invariável e idiomática, ‘Qual... qual carapuça’, e por uma parte variável, neste caso a colocação ‘língua estrangeira’. Se atendermos aos textos produzidos pelos informantes, constatamos que, em caso de desvio, as alterações acontecem sobretudo na colocação: ‘Qual chinês qual carapuça’ (Inf. 006), ‘Qual coisa qual carapuça’ (Inf. 016), ‘Qual sim qual carapuça’ (Inf. 024), ‘Qual outra língua qual carapuça’ (Inf. 036) e sobretudo ‘Qual língua qual carapuça’ (Inf. 012, 038, 042, 058, 063, etc.).

Castro-Caldas (2003: 469-470) afirma que as “crianças, em particular, têm prazer na repetição, seja ela de um pequeno gesto, seja de um ruído, seja de uma história” e que também “os adultos retiram prazer da repetição e da imitação”. Os nossos resultados mostram-nos que os informantes mais novos retém melhor o que ouvem do que os mais velhos, e procuram reproduzi-lo, ainda que de forma deficiente por não conhecerem as UF. Por sua vez, os mais velhos jogam pelo seguro: geralmente só reproduzem o que a sua memória fraseológica certifica.

Atividade 2 (A2): “Trocar por miúdos”

Enquanto a Atividade 1 punha à prova capacidades como a compreensão oral e a reprodução escrita de UF, esta Atividade 2 (ANEXO 5), do domínio da escrita, persegue um objetivo muito específico: saber se uma determinada expressão é compreendida e utilizada no sentido literal ou no sentido idiomático. Para isso, bastava que o informante construísse uma frase da qual fizesse parte a expressão em causa. Apesar das orientações fornecidas ao aprendente, no sentido de redigir uma frase que não deixasse dúvidas relativamente ao sentido da expressão, a verdade é que para um grande número de casos não foi possível determinar se o sentido era o literal se o idiomático. Também significativo é o número de expressões para as

quais não foi produzida nenhuma frase: depreendemos que por falta de tempo ou por desconhecimento da expressão, ou ainda por não se querer arriscar um sentido.

Prestados os devidos esclarecimentos, eis os resultados gerais, primeiro em forma de quadro e depois de gráfico, sabendo que o primeiro valor percentual corresponde ao sentido literal da expressão (SL), o segundo ao sentido idiomático (SI), o terceiro ao sentido indeterminado (S?) e o quarto à ausência de resposta (Φ ou 0) (vd. ANEXO 5, “Totais absolutos”):

| Expressão | Sentidos da Expressão |
|-----------------------------|---|
| | (Relativamente ao n.º total de Informantes: 141) Literal + Idiomático + Indeterminado + Ausência de resposta |
| 01 ('abandar o capacete') | 5% + 83% + 11,3% + 0,7% |
| 02 ('apertar o cinto') | 63,1% + 27% + 7,8% + 2,1% |
| 03 ('arregaçar as mangas') | 38,3% + 49,6% + 9,2% + 2,8% |
| 04 ('balde de água fria') | 51,8% + 36,9% + 9,9% + 1,4% |
| 05 ('batata quente') | 51,1% + 25,5% + 12,8% + 10,6% |
| 06 ('calcanhar de Aquiles') | 16,3% + 14,2% + 24,8% + 44,7% |
| 07 ('como o cão e o gato') | 3,6% + 90,8% + 3,5% + 2,1% |
| 08 ('dor de cotovelo') | 2,1% + 79,4% + 14,2% + 4,3% |
| 09 ('em banho-maria') | 29,8% + 22,7% + 19,1% + 28,4% |
| 10 ('em cima do joelho') | 47,5% + 18,4% + 9,9% + 24,1% |
| 11 ('em Maus lençóis') | 0,7% + 87,2% + 5,7% + 6,4% |
| 12 ('estar às moscas') | 3,5% + 70,9% + 9,9% + 15,6% |
| 13 ('ir aos arames') | 13,5% + 22% + 29,8% + 34,8% |
| 14 ('lavar roupa suja') | 50,4% + 16,3% + 12,8% + 20,6% |
| 15 ('meter água') | 19,1% + 58,2% + 9,2% + 13,5% |
| 16 ('na ponta da língua') | 3,5% + 85,1% + 3,5% + 7,8% |
| 17 ('nem carne nem peixe') | 54,6% + 16,3% + 7,8% + 21,3% |
| 18 ('sem pés nem cabeça') | 2,8% + 79,4% + 6,4% + 11,3% |
| 19 ('sempre a abrir') | 6,4% + 84,4% + 1,4% + 7,8% |
| 20 ('vacas magras') | 59,6% + 12,8% + 2,8% + 24,8% |

Quadro 29 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 2 – Sentidos das expressões usadas

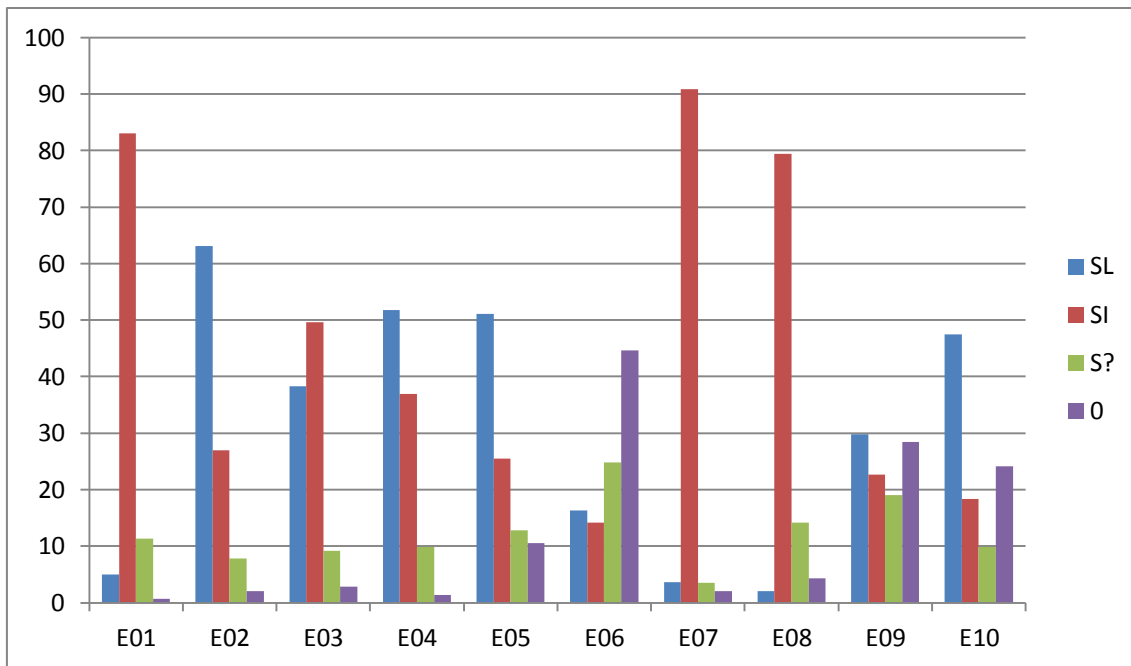


Gráfico 2 - Competência fraseológica em PLM: Atividade 2 – Sentidos das expressões usadas (E01-E10)

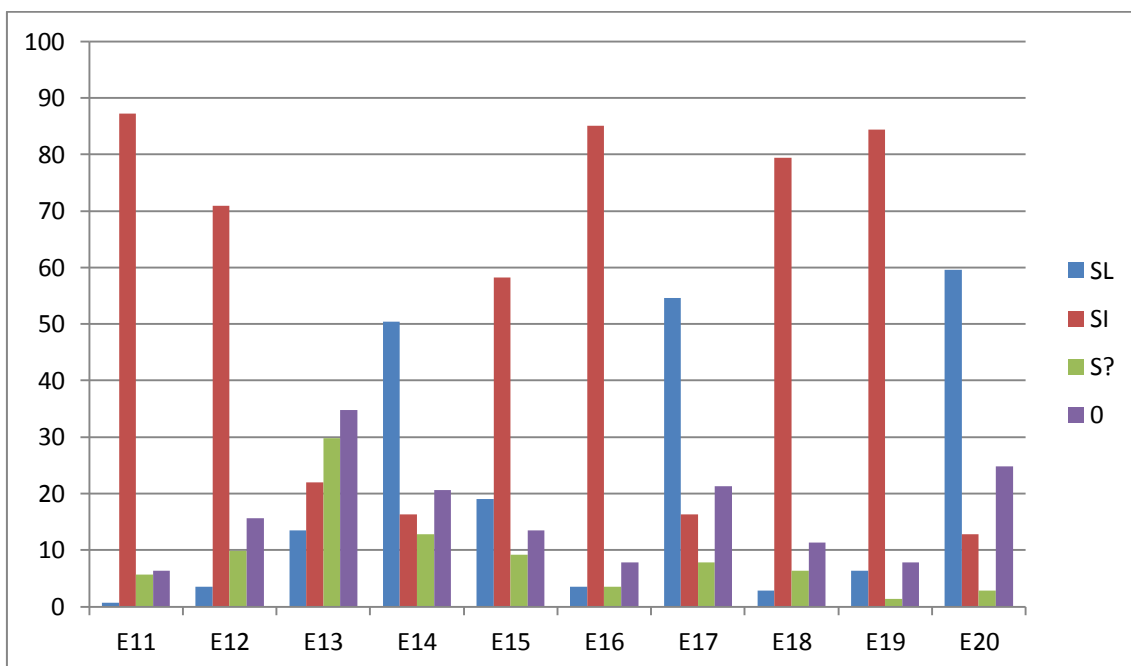


Gráfico 3 - Competência fraseológica em PLM: Atividade 2 – Sentidos das expressões usadas (E11-E20)

Recorrendo ao exemplo “01 (‘abandar o capacete’): 5% + 83% + 11,3% + 0,7%”, verificamos que, relativamente a esta expressão, 5% dos alunos utilizaram-na no sentido literal,

83% no sentido idiomático, 11,3% usaram-na com um sentido indeterminado (literal ou idiomático?) e para 0,7% não há qualquer resposta.

Tendo em conta os resultados globais do quadro e dos gráficos acima apresentados, verificamos que as expressões mais frequentemente usadas no sentido literal (L), acima dos 50%, são a 02 ('apertar o cinto'), com 63,1%; a 20 ('vacas magras'), com 59,6%; a 17 ('nem carne nem peixe'), com 54,6%; a 04 ('balde de água fria'), com 51,8%; a 05 ('batata quente'), com 51,1%; e a 14 ('lavar roupa suja'), com 50,4%. No sentido idiomático (I), acima dos 50% temos a expressão 07 ('como o cão e o gato'), com 90,8%; a 11 ('em maus lençóis'), com 87,2%; a 16 ('na ponta da língua'), com 85,1%; a 19 ('sempre a abrir'), com 84,4%; a 01 ('abandar o capacete'), com 83%; a 08 ('dor de cotovelo') e a 18 ('sem pés nem cabeça'), com 79,4%; a 12 ('estar às moscas'), com 70,9%; e a 15 ('meter água'), com 58,2%.

Dando conta dos valores totais, temos cerca de 28% para o sentido literal (L), 51% para o sentido idiomático (I), 12% para usos de sentido indeterminado (?) e 9% de respostas em branco (0). É caso para dizer, com Mel'čuk (2003: 4), que, de facto, "un natif parle en phrasèmes", sendo que muitos destes frasemas têm sentido idiomático. Mas uma questão que para nós é fundamental é saber a partir de que idade os nativos começam a compreender e a usar as UF idiomáticas. Mais uma vez, voltemos aos nossos dados:

| Grupo | Caracterização geral | Sentidos das expressões utilizadas |
|--------------|--|--|
| G1 | Nível de escolaridade: 2.º ciclo N.º de informantes: 26 Média de idades: 11 | Literal (L): 30,8% Idiomático (I): 26,9% Indeterminado (?): 9,2% Ausência de resposta (0): 33,1% |
| G2 | Nível de escolaridade: 3.º ciclo N.º de informantes: 99 Média de idades: 13,6 | Literal (L): 27,2% Idiomático (I): 50,4% Indeterminado (?): 11,3% Ausência de resposta (0): 10,2% |
| G3 | Nível de escolaridade: secundário N.º de informantes: 16 Média de idades: 24,9 | Literal (L): 12,2% Idiomático (I): 76,3% Indeterminado (?): 8,7% Ausência de resposta (0): 2,8% |

Quadro 30 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 2 – Sentidos das expressões/Grupo

Estes dados podem não ser muito representativos, mas permitem-nos algumas conclusões:

a) Entre os 10 e os 12 anos (G1), o entendimento e uso que os nativos fazem de determinadas expressões é predominantemente literal (30,8%, contra 26,9% de usos idiomáticos), o que quer dizer que antes dos 10 anos o sentido idiomático será residual;

b) A partir dos 12 anos (G2 e G3) predomina o sentido idiomático dessas mesmas expressões, atingindo-se o valor mais elevado (76,3%) no grupo etário jovem-adulto (G3);

c) Os valores relativos ao sentido indeterminado (?) e à ausência de respostas (0) são mais altos nos Grupos 1 e 2, o que nos leva a concluir que os informantes, nesses estádios de desenvolvimento (infância e adolescência), se encontram numa fase de transição entre o sentido literal e o idiomático. Por outras palavras, e usando aqui o termo “prototípico” como sinónimo de “dominante”, podemos verificar que expressões como UF02 (‘apertar o cinto’) e UF04 (‘balde de água fria’) apresentam um sentido prototípico literal nos usos dos informantes mais novos e menos escolarizados (G1) e um sentido prototípico idiomático nos usos dos mais velhos e mais escolarizados (sobretudo o G3).

Atividade 3 (A3): “Separar o trigo do joio”

A Atividade 3, do domínio da leitura (ANEXO 5), coloca os alunos perante uma expressão inserida num contexto e três hipóteses de resposta. Eis um exemplo:

“Em cada um dos enunciados que se seguem encontra-se destacada uma expressão. Sublinha/Sublinhe, de entre as três hipóteses apresentadas, a que melhor traduz o seu significado.

01. “[As gémeas] Despacharam-se enquanto o diabo esfrega um olho” (Ana M. Magalhães e Isabel Alçada, *Uma aventura nas férias de Natal*, Caminho, 6.ª ed., 1988, p. 14).

- a) enquanto o diabo adormece
- b) fazendo diabruras
- c) muito depressa”

Com estas características (expressão contextualizada e resposta de escolha múltipla), a tarefa prometia ser bem sucedida. Mas vamos aos números, em termos de resposta correta (C), resposta incorreta (I) e ausência de resposta (0):

| Expressão | Respostas |
|---|--|
| | Corretas+Incorretas+Ausência de resposta |
| 01 ('enquanto o diabo esfrega um olho') | 71,6% + 27,7% + 0,7% |
| 02 ('fazer as pazes') | 99,3% + 0,7% + 0% |
| 03 ('meter o nariz') | 90% + 9,2% + 0,7% |
| 04 ('dar à língua') | 97,2% + 2,8% + 0% |
| 05 ('dar os primeiros passos') | 98,6% + 1,4% + 0% |
| 06 ('nas bocas do mundo') | 75,2% + 24,8% + 0% |
| 07 ('à rasca') | 83,7% + 15,6% + 0,7% |
| 08 ('escolhido a dedo') | 69,5% + 30,5% + 0% |
| 09 ('colocar o dedo na ferida') | 85,1% + 14,9% + 0% |
| 10 ('estar entre a espada e a parede') | 88,7% + 11,3% + 0% |
| 11 ('de lés a lés') | 92,2% + 7,8% + 0% |
| 12 ('não partir um prato') | 70,2% + 29,1% + 0,7% |
| 13 ('passar a mão pelo pêlo') | 81,6% + 17,7% + 0,7% |
| 14 ('estar nas suas sete quintas') | 40% + 57,4% + 2,8% |
| 15 ('dar cartas') | 76,6% + 21,3% + 2,1% |
| 16 ('estar-se nas tintas') | 92,2% + 6,4% + 1,4% |
| 17 ('agradar a gregos e a troianos') | 78% + 19,1% + 2,8% |
| 18 ('ver Braga por um canudo') | 74,5% + 23,4% + 2,1% |
| 19 ('cair o Carmo e a Trindade') | 61,7% + 35,5% + 2,8% |
| 20 ('meter o Rossio na Rua da Betesga') | 45,4% + 51,8% + 2,8% |

Quadro 31 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 3 – Expressões/Respostas

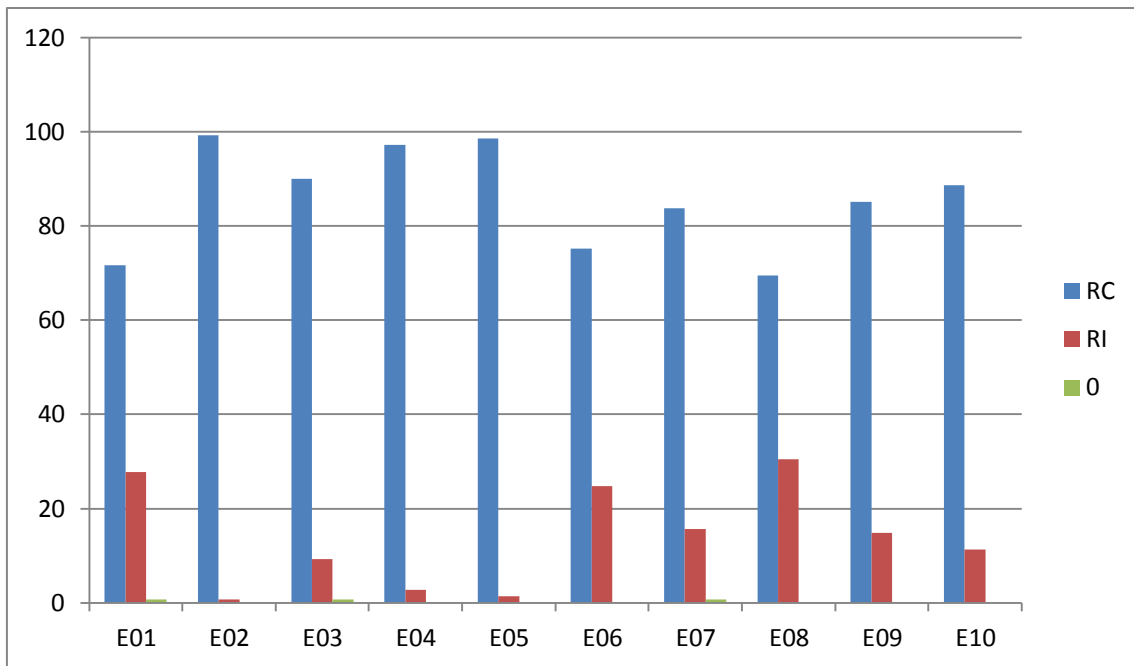


Gráfico 4 - Competência fraseológica em PLM: Atividade 3 – Expressões/Respostas (E01-E10)

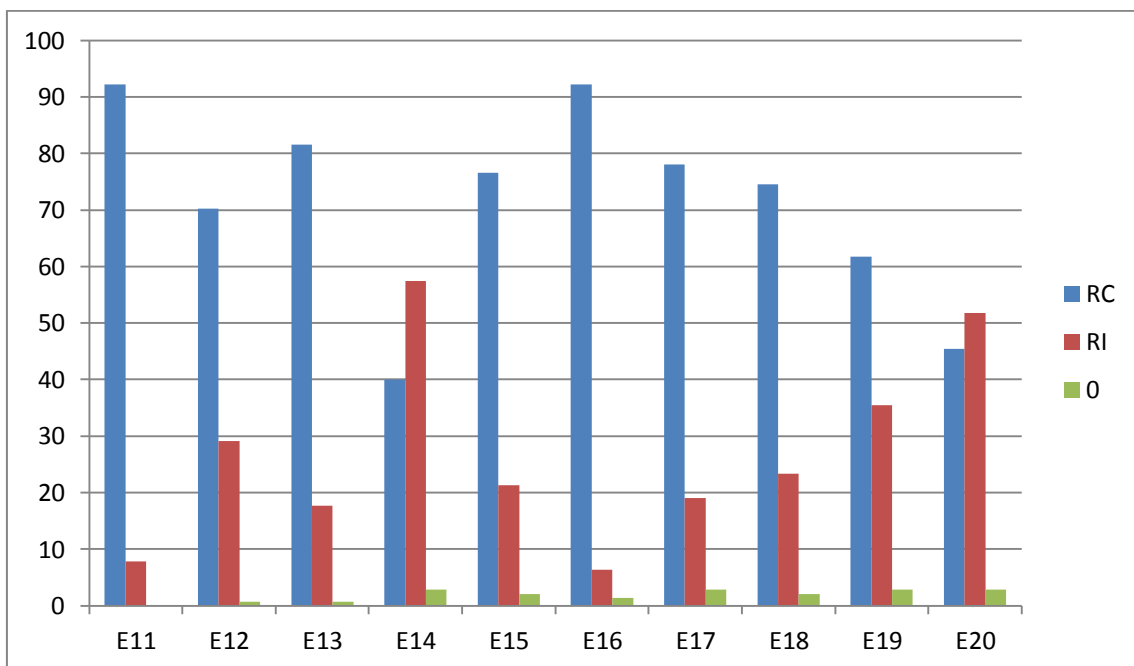


Gráfico 5 - Competência fraseológica em PLM: Atividade 3 – Expressões/Respostas (E11-E20)

Com base no quadro e nos gráficos acima apresentados, é possível sistematizar as seguintes informações:

a) UF que apresentam uma correção entre os 90% e os 100% (por ordem decrescente): UF02 ('fazer as pazes'), 99,3%; UF05 ('dar os primeiros passos'), 98,6%; UF04 ('dar à língua'), 97,2%; UF11 ('de lés a lés') e UF16 ('estar-se nas tintas'), 92,2%; UF03 ("meter o nariz"), 90%;

b) UF que apresentam uma correção inferior a 70% (por ordem decrescente): UF08 ('escolhido a dedo'), 69,5%; UF19 ('cair o Carmo e a Trindade'), 61,7%; UF20 ('meter o Rossio na Rua da Betesga'), 45,4%; UF14 ('estar nas suas sete quintas'), 40%.

Com cerca de 78,6% de respostas corretas, podemos dizer que, em geral, os informantes revelaram um desempenho fraseológico competente. Todavia, nem todos apresentam o mesmo grau de proficiência. Vejamos os resultados por grupos:

| Grupo | Caracterização geral | Respostas |
|--------------|--|--|
| G1 | Nível de escolaridade: 2.º ciclo N.º de informantes: 26 Média de idades: 11 | Corretas (C): 61,2% Incorretas (I): 35,8% Ausência de resposta (0): 3,1% |
| G2 | Nível de escolaridade: 3.º ciclo N.º de informantes: 99 Média de idades: 13,6 | Corretas (C): 80,8% Incorretas (I): 18,5% Ausência de resposta (0): 0,7% |
| G3 | Nível de escolaridade: secundário N.º de informantes: 16 Média de idades: 24,9 | Corretas (C): 92,8% Incorretas (I): 7,2% Ausência de resposta (0): 0% |

Quadro 32 – Competência fraseológica em PLM: Atividade 3 – Grupos/Respostas

Mais uma vez, é nos grupos 2 e 3, sobretudo neste último, que se encontram os níveis de proficiência mais elevados. O G1, pese embora as condições favoráveis da tarefa, está ainda a dar os primeiros passos no domínio da competência fraseológica.

Uma outra questão que os dados apurados nos permitem abordar prende-se com a importância do erro no âmbito do ensino-aprendizagem de uma língua. Afinal, "o erro faz parte da aprendizagem" (Mateus *et al.*, 2008: 297). A partir do erro, é possível identificar os pontos fortes e os pontos fracos dos aprendentes e, em função da origem e da natureza do erro,

encontrar as estratégias mais adequadas para a sua eliminação. Nesta Atividade 3, o erro foi, como vimos, minimizado por fatores como contextualização das UF e questionário de resposta múltipla. No entanto, as respostas erradas aconteceram, sobretudo no G1. Olhadas mais de perto, percebe-se que estão em sintonia com a (in)competência fraseológica demonstrada nas Atividades 1 e 2 por este grupo de informantes, um grupo pertencente ao 2.º ciclo de escolaridade e com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos.

Para se compreender melhor o que estamos a dizer, exemplifiquemos com as UF que, no G1, reuniram mais respostas erradas (acima dos 50%), adiantando, sempre que possível, hipóteses que, no nosso entender, poderão justificar o erro:

08. “Em Guantánamo, há denúncias de que prisioneiros foram torturados com dias consecutivos de música insuportavelmente alta e escolhida a dedo” (*Sábado*, 18-22/12/08, 24).

- a) escolhida com muito cuidado
- b) tocada com bombos
- c) escolhida à sorte

10 informantes (38,5%) selecionaram a resposta correta, isto é, a alínea a), e 16 (61,6%) uma resposta incorreta, concretamente a alínea c). Muito provavelmente, parte do erro poderá estar relacionada com o facto de esta opção manter a forma ‘escolhida’ da EI ‘escolhida a dedo’.

12. “Ó Dias, aqui o seu delfim está-me a sair da casca. Para quem não partia um prato...” (Padre Brito sobre Amaro. Filme *O Crime do Padre Amaro*, de Carlos Coelho da Silva, 2005, 01:06:47).

- a) não lavava a louça/loiça
- b) não incomodava ninguém
- c) não fazia barulho

Neste caso, os valores das respostas corretas e incorretas são iguais aos da UF08 (respetivamente, 10 e 16). A resposta errada mais escolhida pelos informantes foi a alínea a) e, relativamente a este exemplo, tudo indica que se impôs a relação semântica entre os vocábulos ‘prato’ (hipónimo) e ‘louça/loiça’ (hiperónimo).

14. “Assim [a vencer] Portugal está nas suas sete quintas” (Comentador em direto, TVi, 11/06/08).

- a) está muito rico
- b) está muito contente
- c) está em todo o lado

Esta foi a UF que mais dificuldades colocou: 8 respostas certas (30,8%), 17 erradas (65,4%) e 1 resposta em branco (3,8%). Na origem do erro estará a associação que os informantes terão feito das 'sete quintas' à riqueza.

18. "31 Out 2009 [...]. O Sporting de Braga é líder isolado na Liga depois da vitória por 2 0 [...]. Águias viram Braga por um canudo..." (aeiou.expresso.pt/braga-impoe-primeira-derrota-ao-benfica=f544949).

- a) não conseguiram o que desejavam
- b) foram ao Bom-Jesus para ver a cidade de Braga
- c) viram Braga por um binóculo

Também relativamente a esta UF, o número de respostas erradas superou o das corretas: 10 corretas (38,5%), 14 incorretas (53,8%) e 2 respostas em branco (7,7%). A relação semântica entre 'canudo' e 'binóculo' terá estado na origem do erro, já que a maior parte dos alunos escolheu a opção c).

19. "No país dos brandos costumes, cai o Carmo e a Trindade por causa de um vídeo onde não há agressões, mas gritaria" [sobre suposta agressão na Escola Carolina Michäelis, no Porto, de uma aluna à professora de Francês] (Revista *Visão*, 03/04/08, 46).

- a) cai o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre dos Clérigos
- b) dizem-se palavrões
- c) faz-se uma tragédia

Resultados: 7 respostas certas (26,9%), 15 erradas (57,8%) e 4 em branco (15,4%). Colocados perante uma construção que lhes era pouco familiar (a UF 'cair o Carmo e a Tindade'), os informantes terão seguido o raciocínio mais *lógico* para a sua idade: associaram 'Carmo' e 'Trindade' a 'Mosteiro dos Jerónimos' e 'Torre dos Clérigos' e escolheram maioritariamente a opção a). Todavia, não é esta a *lógica* das El.

20. "[...] o Processo de Bolonha, que reduz a dimensão dos cursos. Ao tentar meter os 4 anos em 3 ou em 2+1 de estágio virtual, continuamos a meter o Rossio na Rua da Betesga" (<http://www.snesup.pt>).

- a) querer o impossível
- b) misturar coisas diferentes
- c) meter um gigante numa rua de anões

Finalmente a UF20: 9 respostas corretas (34,6%), 14 incorretas (53,8%) e 3 respostas em branco (11,5%). A alínea c) foi, neste caso, uma dupla armadilha: o verbo ‘meter’ e o nome ‘rua’ terão conseguido atrair informantes ainda inexperientes nos domínios da fraseologia idiomática.

5.3.2.2. Competência Fraseológica em PLNM: “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira” (amostras)

“L’emploi naturel et spontané des expressions figées dans le discours est la preuve indéniable, sans être la seule, d’une bonne maîtrise de la langue étrangère chez les apprenants. Ainsi en conviennent la plupart des didacticiens, ainsi que les auteurs du Cadre européen commun de référence pour les langues qui préconisent, dans leurs recommandations, l’importance du bon usage des expressions idiomatiques et en demandent la possession au niveau C2, le dernier stade du parcours de l’apprentissage d’une langue. Or l’art d’employer les expressions figées avec aisance et à bon escient en langue étrangère requiert un entraînement progressif et continu qui exige une mise en place précoce dans le processus d’enseignement pour l’acquisition d’une compétence active chez l’apprenant” (González Rey, 2008: contracapa).

O uso “naturel et spontané des expressions figées dans le discours” é, no entender de González Rey (2008: contracapa), prova indesmentível “d’une bonne maîtrise de la langue étrangère chez les apprenants”. Todavia, “l’art d’employer les expressions figées avec aisance et à bon escient en langue étrangère” não está ao alcance de qualquer um, porque é indispensável “un entraînement progressif et continu qui exige une mise en place précoce dans le processus d’enseignement pour l’acquisition d’une compétence active chez l’apprenant” – explica González Rey (2008: contracapa)³³³.

³³³ Estas palavras de González Rey recordam-nos o depoimento do professor alemão e estudioso da língua portuguesa Peter Koj, galardoado com o prémio da Fundação da “Casa da Cultura da Língua Portuguesa”, pela Universidade do Porto (30 de maio de 1996): “Um estrangeiro, que se debate com problemas linguísticos a este nível [vocabulário], já está numa linha muito avançada da conquista da língua. Mas o último reduto é a utilização correcta de expressões idiomáticas, sobretudo da gíria ou de calão. Mas cuidado! É um campo onde inúmeras armadilhas espreitam o estrangeiro desprevenido. Como me aconteceu quando eu, na minha função de sub-director da Escola Alemã de Lisboa, tive uma vez que admoestar uns alunos portugueses, aliás em presença duma colega minha, portuguesa e já de idade. E eu, todo ufano dos meus conhecimentos do português falado, empreguei a expressão “ter lata”, o que provocou na minha colega portuguesa espanto e admiração por eu conhecer uma palavra que nunca tinha ouvido dum alemão. Mas, por outro lado, censurou-me mais tarde por ter utilizado, perante os alunos, uma expressão destas. E assim fiquei outra vez no meu lugar, quer dizer, de estrangeiro que não dominava e respeitava os tabus relacionados com expressões populares ou da gíria” (excerto do texto “Essa nossa ditosa língua XV. As manhas e as artimanhas da língua

Também as palavras de Alexandre Castro-Caldas (2005: 45), que reproduzimos no início do ponto 5.3.2.1. deste nosso trabalho, nos podem elucidar acerca da competência fraseológica em contextos de ensino-aprendizagem de PLNM. Segundo o neurocientista português, nos primeiros estádios de desenvolvimento (em geral até à adolescência) o cérebro apresenta uma grande plasticidade, potenciadora de aprendizagens diversas. Depois, essa plasticidade diminui, diminuindo também a capacidade de processamento.

Estas informações são para nós de especial importância porque, durante anos, trabalhamos com alunos jovens-adultos cuja LM não era o português. Atendendo a que, para muitos deles, o primeiro contacto com a língua portuguesa foi feito num período em que as “potencialidades do sistema”, nas palavras de Castro-Caldas, tinham já perdido plasticidade, interessa-nos avaliar a dimensão dessa perda, ainda que de forma aproximada. Para isso, socorrer-nos-emos dos materiais que resultaram do projeto “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”, coordenado por Isabel Leiria e disponível *online*³⁴:

“O projecto teve como principal objectivo recolher produções de aprendentes de português língua estrangeira com vista à criação de uma base de dados que possa apoiar a investigação na área da língua portuguesa e, de modo particular, a formação de professores e a produção de materiais didácticos de português enquanto LE. O *corpus*, agora disponibilizado, sendo compatível com materiais que integram recolhas efectuadas no âmbito de outros projectos (Recolha de Corpora PL2 e Leiria 2001), possibilitará aos interessados o contacto com um conjunto de dados empíricos mais representativo, instrumento de trabalho fundamental para a investigação em aquisição/aprendizagem de PLE. Desde o início dos trabalhos em Outubro de 2008, até à conclusão do projecto em Outubro de 2010, foram recolhidas produções de 397 aprendentes de PLE.” (“Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”. Coordenação de

portuguesa – 2ª parte”, lido na cerimónia de atribuição do Prémio. Disponível em http://www.phg-hh.de/PP_PDF/Portugal_Post/PP15/s_pp15_29.html, consultado em 09/01/2015).

³⁴ A nossa preferência por este projeto coordenado por Isabel Leiria justifica-se sobretudo pelo facto de ele disponibilizar, *online*, as produções escritas de alunos de PLE, permitindo-nos uma análise efetiva da sua competência linguístico-fraseológica. Todavia, não menosprezamos contributos de outros projetos que, de uma forma ou outra, nos auxiliam na compreensão das problemáticas do ensino-aprendizagem de PLE. Representativos do que acabámos de dizer são os 2564 inquéritos a “Estudantes de Português no Estrangeiro”, aplicados em 2008 pelo Instituto Camões, e de cujos resultados nos dá conta, na segunda parte, a obra *Potencial Económico da Língua Portuguesa* (Reto, 2012: 123-185). Eis, em síntese, as características desse estudo: (1) a quase totalidade dos estudantes (95,8%) estava a aprender português em instituições universitárias; (2) na amostra há estudantes de 41 países, distribuídos pelas várias regiões do mundo; (3) 57,2% dos inquiridos são mulheres, contra 42,8% de homens; (4) a média de idades é de 26 anos; (5) a maior parte dos inquiridos só estuda (63,8%). Quanto aos temas do questionário, ele cobre uma variedade de temáticas relacionadas com a língua portuguesa: “o uso corrente que os inquiridos fazem da língua portuguesa e de outras línguas; as razões e objetivos de aprendizagem da língua portuguesa e a avaliação que fazem dessa aprendizagem; o uso futuro que esperam fazer do português; a valorização que fazem, a vários níveis, da língua portuguesa; e o conhecimento de aspectos relacionados com a língua portuguesa e o mundo lusófono” (Reto, 2012: 124).

Isabel Leiria. Disponível em <http://www.ciul.ul.pt/pt/recursos/314-corpora-of-ple>. Consulta efetuada em junho de 2013).

À data da recolha, estes 397 alunos, de 28 línguas maternas diferentes, frequentavam cursos de PLE em dezoito universidades de diversos países: Alemanha, Áustria, Bulgária, Coreia do Sul, Espanha, Estados Unidos da América, França, Índia, Itália, Polónia, Reino Unido, República Checa e Roménia. Situados em níveis de aprendizagem diferenciados (de A1 a C2, segundo o QECR), os aprendentes produziram um total de 470 textos. Cada produção escrita tem em média 150 palavras e o *corpus* integral cerca de 70.500 palavras transcritas. Os textos foram obtidos a partir de um estímulo que remetia para uma das 3 grandes áreas temáticas, contempladas no projeto do *Português Fundamental*: (1) “O indivíduo”, (2) “A sociedade”, (3) “O meio ambiente”.

Depois de observadas as produções escritas em função dos estímulos, escolhemos as que resultaram do estímulo 1.1A, pertencente à área temática “O indivíduo”, formulado do seguinte modo: “Escreva um texto em que se apresente, em que fale das suas características físicas, da sua vida familiar, da sua casa, dos seus gostos e dos seus desejos. Se não quiser falar de si, pode inventar!”. As razões que justificam a nossa escolha são essencialmente três: (1) estímulo/tema que permite a identificação do aluno (sexo, idade, nacionalidade...) e a produção de um texto de interesse alargado; (2) n.º de textos muito superior ao despoletado por qualquer outro estímulo: 141 (apesar de nós termos contado 142), exatamente igual ao n.º de informantes da nossa amostra (ANEXO 5); (3) informantes de todos os níveis de aprendizagem de PLE: 1 (A1, A2), 2 (B1, B2) e 3 (C1, C2), embora a grande maioria que escolheu o estímulo 1.1A pertença ao nível 1.

Sobre os textos e informantes que constituem a nossa seleção, recuperemos os dados já fornecidos, acrescentando algumas informações que colhemos dos “Dados sociolinguísticos” disponibilizados no sítio do projeto:

| Estímulo 1.1A: “Escreva um texto em que se apresente, em que fale das suas características físicas, da sua vida familiar, da sua casa, dos seus gostos e dos seus desejos. Se não quiser falar de si, pode inventar!” | | | | | |
|--|------------------------------------|-----------------------------|---|--|--|
| | Universidade | Nível PLE | N.º Informantes/Textos | Ano Nascimento | Sexo |
| | AL (Alcalá de Henares, Espanha) | 1 | 22 | 1980-1988 | M: 9; F: 13 |
| | | 2 | 5 | 1952-1988 | M: 2; F: 3 |
| | BU (Bucareste, Roménia) | 1 | 14 | 1975-1989 | M |
| | | 2 | 1 | 1989 | F |
| | GO (Goa, Índia) | 2 | 9 | 1936-1982 | M |
| | HU (Humboldt, Berlim-Alemanha) | 1 | 7 | 1979-1988 | F |
| | LI (Lille, França) | 1 | 10 | 1984-1990 | M: 3; F: 7 |
| | MA (Madrid, Espanha) | 1 | 11 | 1952-1995 | M: 4; F: 7 |
| | NI (Nova Iorque, EUA) | 1 | 10 | 1958-1989 (sobre 2 Inf.: ?) | M: 2; F: 8 |
| | PA (Pádua, Itália) | 1 | 4 | 1987-1988 | F |
| | PR (Praga, República Checa) | 2 | 1 | 1987 | F |
| | PU (Pusan, Coreia do Sul) | 1 | 24 | ? | ? |
| | SI (Siena, Itália) | 2 | 1 | 1985 | F |
| | VA (Varsóvia, Polónia) | 3 | 1 | 1985 | F |
| | VE (Veneza, Itália) | 1 | 21 | 1982-1989 | F |
| | | 3 | 1 | 1986 | F |
| Totais | 13 Universidades | 3 Níveis: N1 N2 N3 | 142 Informantes N1: 123 N2: 17 N3: 2 | 1936-1995 (sobre 26 Inf. não há dados) | M: 43; F: 75 (sobre 24 Inf. não há dados) |

Quadro 33 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”:

Dados sociolinguísticos (Coordenação: Isabel Leiria. Adaptado)

A seleção dos excertos textuais que a seguir se apresenta pautou-se por um único propósito: dar conta, ainda que de forma não exaustiva, das UF presentes nos textos elaborados

pelos informantes no âmbito do tema-estímulo 1.1A. Com base nos dados obtidos de Leiria³³⁵, apresentamos, para cada excerto e de acordo com a ordem que se segue, a universidade (AL, por exemplo), nível de PLE (1, 2 ou 3) e n.º do informante/texto; entre parênteses, indicamos o ano de nascimento, sexo, nacionalidade, LM e outras línguas que o informante diz dominar:

AL_1_01 (1970/M/Espanhola/Esp./Ing., Ita. e Fra.): “[...] Quando era mas jovem eu gostava de sair todos os fins de semana con os meus amigos [...] eu gosto de estar com os amigos e la familia, mas também de ler, viajar e aprender por ejemplo outras linguas como o português, o inglês e o italiano, e tambem no futuro prosimo tal vez o japonês”.

AL_1_02 (1982/F/Croata/Croa./Esp., Ale., Ing. e Búlg.): “[...] Enquanto a me, não sou ni alta ni baixa”.

AL_1_27 (1987/F/Italiana/Ita./Esp., Ing. e Fra.): “[...] Além destas línguas estudo também português ha 6 meses, para poder completar o meu conhecimento da América, dado que no instituto estudei tamém francês”.

AL_2_08 (1952/M/Espanhola/Esp./Ing.): “[...] Estou num grupo de teatro amator, também dois dias à semana, e às vezes presentamos peças de teatro, os fins-de-semana. Gosto de ir ao cinema”.

AL_2_09 (1982/M/Espanhola/Esp./Ing.): “[...] Não sou alto nem baixo e não estou nem gordo nem magro. [...] Eu gostaria de viajar mais no verão e viver em Lisboa um tempo para aprender mais português e trabalhar lá!”.

AL_2_10 (1983/F/Russa/Rus./Esp., Ing. e Ita.): “[...] já não tenho palavras para a prosa, só para a poesia. Gosto de dar conselhos e ajudar os meus amigos”.

BU_1_01 (1989/F/Romena/Rom./Ing., Fra. e Esp.): “[...] Eles [“Meus pais”] são sempre ao meu lado e sempre ajudam-me de ter os pés na Terra. [...] Eu gosto também de fazer o teatro e <(...)> praticar desportos. [...] Eu sou atrevida quando dev<o>e /ser/ <destar> e <ou> sempre penso que receber um pontapé no cu é um passo na frente”.

BU_1_02 (1989/F/Romena/Rom./Ita. e Fra.): “[...] Quando tenho tempo livre, gosto ler e ouvir música”.

BU_1_05 (1989/F/Romena/Rom./Ita., Fra. e Esp.): “[...] as vezes sou um pouco desarumada e preguiçosa. Da minha vida familiar posso dizer-vos [...]”.

BU_1_07 (1989/F/Romena/Rom./Ita., Fra. e Sue.): “[...] Estou em bons relações com os meus pais, e sempre faço algumas coisas que eu sei que lhes fez feliz. Também, quando era pequena,

³³⁵ Mais uma vez, estas informações foram recolhidas dos “Dados sociolinguísticos”, disponíveis em <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/314-corpora-of-ple> (Consulta efetuada em julho/2013).

levantavam-me muito cedo e não era dia em que eu não fazia a cama. [...] Havia um pássaro, chamava-se Buretica e do tempo a tempo jogavam com ela”.

BU_1_08 (1989/F/Romena/Rom./Ale., Ita. e Fra.): “[...] Sou hábil, atrevida, simpática, sensível, inventiva, aplicada, generosa e tem sentido de humor. Eu adoro viajar (para o mar, para a montanha, para o estrangeiro) ir às compras”.

BU_1_15 (1989/F/Romena/Rom./Fra.): “[...] Eu quero terminar meus estudos para trabalhar numa empresa portuguesa e tratar de fazer muitos amigos”.

BU_1_19 (1989/F/Romena/Rom./Não Responde): “[...] Não sou muito alta e sou bem precida”.

BU_2_42 (1989/F/Romena/Rom./Ita., Fra. e Ale.): “[...] Estudo o português e o francês, a primeira língua por paixão, a segunda... por falta de uma outra opção apaixonante. [...] No que me diz respeito, sou geralmente uma rapariga sossegada [...]. Às vezes posso também ser dinâmica e divertida, quando estar à vontade. A honestidade é o meu maior valor, e por isso odeio a gente falsa, ciumente e convencida. Também não gosto dos que ferverem na pouca água, que têm língua de serpente ou dos que dão com ela nos dentes. Abro o coração com facilidade, lamentavelmente, e não poucas vezes fui partida a perna. Gosto de deitar água na fervura porque odeio as alterações”.

GO_2_01 (1936/M/Indiana/Konkani/Ing., Konkani e Hindi): “[...] Graças à Deus estou agora máis forte depois do meu casamento. [...] Gosto e sempre gostei de sêr qualquer e por isso sempre pus-me a estudar [...]. Minha ou seja nossa casa é em /*Meurá/ do Concelho das /*Alhas/, Goa”.

GO_2_02 (1959/M/Indiana/Konkani/Konkani, Ing., Hindi e Marata): “Chamo-me XXXXX e tenho 45 e tal anos [...]. Ajudar alguém (como os portugueses) é minha paixao. Tenho espírito aberto”.

GO_2_08 (1961/M/Indiana/Konkani/Ing., Hindi, Konkani e Marathi): “[...] Estou em forma. Sempre vou treinar às 06.30 de manha”.

GO_2_13 (1939/M/Portuguesa/Konkani/Konkani, Ing., Fra. e Hindi): “[...] Tive uma forte atracção para a Mocidade Portuguesa durante os meus estudos liceais e fui promovido para o alto posto de Comandante de Bandeira. No Agosto de 1961 tive a honra de representar /Goa [...]. Tive vários colegas e amigos em Portugal durante a minha estadia de vinte e dois dias, graças ao meu amigo”.

GO_2_16 (1948/M/Indiana/Konkani/Ing., Konkani e Hindi): “[...] tornando os meus sonhos de <u> amor em um<a> amor de perdição”.

HU_1_20 (1979/F/Alemã/Ale./Esp., Ita. e Fra.): “[...] Acho que tenho 5 kilos demasiado assim que tenho que fazer regime”.

LI_1_01 (1975/M/Francesa/Fra./Não Responde): “[...] Não tenho vida familiar [...]. Desejo conseguir os meus estudos de português e ter de novo a ocasião de visitar Portugal assim como os meus amigos brasileiros”.

LI_1_02 (1990/F/Francesa/Fra./Esp. e Ing.): “[...] Os meus pais são portugueses [...]. Por enquanto eu quero me divertir”.

LI_1_06 (1988/F/Ruandesa/Ruandês/Ita., Fra. e Ing.): “Sou XXXXX, sou ruandesa e sou na universidade da língua. [...] gosto muito de inventar alguns historia por fazer-lhe rir”.

LI_1_08 (1988/F/Francesa/Fra./Ita. e Neerlandês): “[...] Quando posso ir para casa, gosto muito de passar tempo com a minha família”.

LI_1_09 (1989/F/Francesa e Portuguesa/Por. e Fra./Esp. e Ing.): “[...] No que se refere a minha vida familiar [...]. Além disso, também gosto de música latina [...]. Gosto muito desse escritor brasileiro apesar de ser bastante criticado. De resto, sempre gostei do Brasil”.

LI_1_10 (1988/F/Romena/Rom./Ing.): “[...] Os meus actores preferidos são roménos, então não val a pena de escrever <os> nomes deles”.

MA_1_01 (1952/M/Espanhola/Esp./Fra.): “[...] nasci numa aldeia da Zamora [...], a quinze quilómetros da cidade de Miranda do Douro, em o Distrito de Bragança. [...] Por outro lado gosto muito de caminhar”.

MA_1_09 (1980/M/Espanhola/Esp./Ing. e Fra.): “[...] eu tenho alguns kilos de mais”.

NI_1_01 (1986/F/Peruana/Esp./Ing.): “[...] Em meu tempo livre gosto-me escutar musica”.

NI_1_03 (1958/F/Colombiana/Esp./Ing.): “[...] Tenho um filho de 23 anos, ele esta a tirar o dotouramento”.

NI_1_10 (1985/M/Peruana/Esp./Esp.): “[...] Eu sou Peruano pero eu moro em Nueva York. [...] Durante meu tempo livre, eu gosto de tocar a guitarra”.

PA_1_03 (1988/F/Italiana/Ita./Fra., Ale. e Ing.): “[...] Eu moro numa vivenda ao pé das colinas, perto da [...]. De vez em quando eu trabalho num bar [...]. Eu estudo português há cinco meses, mas queria aprender-lo mais. Eu sabe que o melhor método <pa> por aprender uma língua estrangeira é <viag> viajar. Eu queria muito fazer uma viagem no Brasil, em Portugal ou em Moçambique! [...] Falar com os povos de língua portuguêsã é talvez a solução melhor!”

PA_1_04 (1987/F/Italiana/Ita./Ing. e Fra.): “[...] De vez em quando eu volto a casa ao fim-de-semana para ficar com a minha família”.

PR_2_01 (1987/F/Eslovaca/Eslovaco/Fra., Esp., Ing. e Checo): “[...] Tenho um cabelo cortado meio estranho e sou incapaz descreve-lo”.

PU_1_05 (NR/NR/Coreana/Cor./NR): “[...] Busan é mais grande do que Uisan”.

PU_1_23 (NR/NR/Coreana/Cor./NR): “[...] Eu profissão é estudante. Eu jogar de football”.

SI_2_03 (1985/F/Italiana/Ita./Fra., Ing. e Ale.): “[...] Sou tão branca que as vezes meus pais chamam-me como a princesa da banda designada da Disney, que é branca como a neve. Sou muito ligada à minha família [...]. Em verdade, sou estudante [...]. Se tiver um dia /a/ possibilidade, quero dar uma volta pelo mundo”.

VA_3_05 (1985/F/Polaca/Pol./Ing., Esp. e Fra.): “[...] A primeira coisa que vem a minha cabeça é a crítica duma, mas vou <tentar> limitar a minha descrição ao mínimo [...] Na minha opinião, o nosso meio fala muito sobre o nosso carácter. Creio na hereditariedade e penso que no meu caso passei toda a vida juvenil com a minha prima, que trato como se fosse a minha irmã”.

VE_1_02 (1987/F/Italiana/Ita./Esp., Ale. e Ing.): “[...] Eu gosto também muito de la lengua portuguesa mas estudo português só de setembro. No futuro /próximo/ quero licenciarme e <(...)> trabalhar em Veneza [...]. Eu sou uma pessoa muito simpática mas não tenho muitos amigos porque <(...)> todos hoje em dia acham só por si”.

VE_1_09 (1987/F/Italiana/Ita./Ing.): “[...] A casa da minha mãe é muito pequena, mais é muito confortavel. Por outro lado, a casa do meu pai é enorme [...] O meu desejo maior em este momento é <estudar> viver e morar em <ou> um outro país”.

VE_1_14 (1988/F/Italiana/Ita./Ale. e Ing.): “[...] Eo gosto de morar e estar com a mea família [...] eu gosto passar o tempo com eles [...]. Nos três somos muito legados”.

VE_1_17 (1989/F/Italiana/Ita./Esp., Fra. e Anglo-Americano): “[...] Eu chamome XXXXX, tenho 20 anos e <vivo> moro numa pequena habitação <cerca> perto de Ferrara [...]. Eu gosto <andar para loc> ir para discos e locais com amigos”.

Concluída a seleção dos excertos com maior interesse fraseológico, procurámos identificar e classificar as UF (idiomáticas ou não), tendo em conta a sua classe gramatical³³⁶. Nos quadros que se seguem, apresentamos não só os resultados desse nosso trabalho de identificação e classificação, mas também algumas observações motivadas maioritariamente por desvios, sobretudo de natureza sintática, verificados no uso das referidas UF, segundo a metodologia adotada por Leiria (2006) na sua tese de doutoramento. Tal como aconteceu com o registo das ocorrências em PLM (ANEXO 5: Atividades 1, 2 e 3), também neste contexto de PLNM/PLE não serão tidos em conta nem os erros ortográficos nem os de acentuação, por não os considerarmos relevantes para o nosso trabalho (Exemplo: ‘às veces’, do Inf. AL_2_08, assumido como ‘às vezes’).

³³⁶ Relativamente à classificação das locuções (em adjetivais, adverbiais, etc.), seguimos de perto o *Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea* (que designamos por *Academia*).

| UF | Ocorrências (Informantes) | Desvios/Observações |
|------------|---|--|
| Adjetivais | (1) 'branca como a neve' (SI_2_03) (2) '(numeral cardinal) e tal (anos)' (GO_2_02) (3) '(cabelo) meio estranho' (PR_2_01) | (2) 'tenho 40 e tal anos' e não 'tenho 45 e tal anos' (GO_2_02): "Em combinação com numerais cardinais, [o indefinido <i>tal</i>] indica aproximação numérica" (<i>Academia</i>). |

Quadro 34 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: UF Adjetivais

| UF | Ocorrências (Informantes) | Desvios/Observações |
|------------|--|---|
| Adverbiais | (01) 'a mais'/'em demasia' (MA_1_09; HU_1_20) (02) "além de" (AL_1_27) (03) 'além disso' (LI_1_09) (04) 'às vezes' (AL_2_08; BU_1_05; BU_2_42; SI_2_03) (05) 'como se fosse minha irmã' ('como se fosse da família', isto é, 'muito bem') (VA_3_05) ³³⁷ (06) 'de novo' (LI_1_01) (07) 'de resto' (LI_1_09) (08) 'de tempos a tempos' (BU_1_07) (09) 'de vez em quando' (PA_1_03; PA_1_04) (10) 'Graças a Deus' (GO_2_01) ³³⁸ (11) 'hoje em dia' (VE_1_02) (12) 'na verdade' (SI_2_03) (13) 'não poucas vezes' (BU_2_42) (14) 'por enquanto' (LI_1_02) (15) 'por exemplo' (AL_1_01) (16) 'por outro lado' (MA_1_01; VE_1_09) | (01) 'tenho alguns quilos a mais' e não 'tenho alguns quilos de mais' (MA_1_09); 'tenho 5 quilos a mais' (ou 'em demasia') e não 'tenho 5 quilos demasiado' (HU_1_20). (05) 'trato como se fosse minha irmã' (ou 'como se fosse da família', isto é, 'muito bem') melhor do que 'trato como se fosse a minha irmã' (VA_3_05). (08) 'de tempos a tempos' e não 'do tempo a tempo' (BU_1_07). (10) 'Graças a Deus' e não 'Graças à Deus' (GO_2_01). (12) 'Na verdade, sou estudante' e não 'Em verdade, sou estudante' (SI_2_03). |

Quadro 35 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: UF Adverbiais

³³⁷ “como se” é uma locução conjuncional mas “como se fosse da família”, isto é, “[tratar] muito bem” funciona como locução adverbial.

³³⁸ “Graças a Deus”, fórmula usada para exprimir satisfação, equivale ao advérbio “Felizmente”.

| UF | Ocorrências (Informantes) | Desvios/Observações |
|---------------------|---|--|
| Conjun- cionais: | (1) 'apesar de' (LI_1_09) (2) 'assim como' (LI_1_01) (3) 'dado que' (AL_1_27) (4) 'do que' (PU_1_05) (5) 'nem... nem' (AL_1_02; AL_2_29) (6) 'ou seja' (GO_2_01) (7) 'tão... que' (SI_2_03) | (4) '(Busan é) maior do que (Uisan)' (ou 'maior que') e não 'Busan é mais grande do que Uisan' (PU_1_05). (5) 'não sou nem alta nem baixa' e não 'não sou ni alta ni baixa' (AL_1_02). |

Quadro 36 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: UF Conjuncionais

| UF | Ocorrências (Informantes) | Desvios/Observações |
|----------|---|---------------------|
| Nominais | (1) 'amor de perdição' (GO_2_16) (2) 'desejo maior' (VE_1_09) (3) 'forte atração' (GO_2_13) (4) 'futuro próximo' (AL_1_01; VE_1_02) (5) 'língua estrangeira' (PA_1_03) (6) 'tempo livre' (NI_1_01; NI_1_10) (7) 'vida familiar' (BU_1_05; LI_1_01; LI_1_09) | Nada a registar. |

Quadro 37 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: UF Nominais

| UF | Ocorrências (Informantes) | Desvios/Observações |
|---------------------|---|---|
| Preposi- cionais | (1) 'ao pé de' (PA_1_03) (2) 'graças a' (GO_2_13) (3) 'No que (me/te...) diz respeito' (BU_2_42) (4) 'No que se refere a' (LI_1_09) (5) 'perto de' (PA_1_03; VE_1_17) (6) 'Quanto a (mim)' (AL_1_02) | (6) 'Quanto a mim' e não 'Enquanto a me' (AL_1_02). |

Quadro 38 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: UF Preposicionais

| UF | Ocorrências (Informantes) | Desvios/Observações |
|---------|---|---|
| Verbais | <p>(01) 'abrir o coração' (BU_2_42)</p> <p>(02) 'dar com a língua nos dentes' (BU_2_42)</p> <p>(03) 'dar uma volta' (SI_2_03)</p> <p>(04) 'deitar água na fervura' (BU_2_42)</p> <p>(05) 'estar à vontade' (BU_2_42)</p> <p>(06) 'estar ao lado de (alguém)' (BU_1_01)</p> <p>(07) 'estar de boas relações com (alguém)' (BU_1_07)</p> <p>(08) 'estar em forma' (GO_2_08)</p> <p>(09) 'fazer a cama' (BU_1_07)</p> <p>(10) 'fazer amigos' (BU_1_15)</p> <p>(11) 'fazer feliz' (BU_1_07)</p> <p>(12) 'fazer regime' (HU_1_20)</p> <p>(13) 'fazer rir' (LI_1_06)</p> <p>(14) 'fazer teatro' (BU_1_01)</p> <p>(15) 'fazer uma viagem' (PA_1_03)</p> <p>(16) 'ferver em pouca água' (BU_2_42)</p> <p>(17) 'gostar de (alguém ou alguma coisa)' (AL_1_01, 2 vezes; AL_2_08; AL_2_09; AL_2_10; BU_1_01; GO_2_01; LI_1_06; LI_1_08; LI_1_09, 3 vezes; MA_1_01; NI_1_10; VE_1_02; VE_1_14)</p> <p>(18) 'ir às compras' (BU_1_08)</p> <p>(19) 'limitar ao mínimo' (VA_3_05)</p> <p>(20) 'não ter palavras' (AL_2_10)</p> <p>(21) 'não valer a pena' (LI_1_10)</p> <p>(22) 'partir uma perna' (BU_2_42)</p> <p>(23) 'passar (o) tempo (com alguém)' (LI_1_08; VE_1_14)</p> <p>(24) 'praticar desportos' (BU_1_01)</p> <p>(25) '(receber um) pontapé no cu' (BU_1_01)</p> <p>(26) 'sair com (alguém)' (AL_1_01)</p> <p>(27) '(ser) bem parecido' (BU_1_19)</p> <p>(28) 'ser capaz/incapaz de' (PR_2_01)</p> <p>(29) 'ser muito chegado (a alguém)' (VE_1_14)</p> <p>(30) 'ser muito ligado (a alguém)' (SI_2_03)</p> <p>(31) 'ser um passo em frente' (BU_1_01)</p> <p>(32) 'só pensar em si' (VE_1_02)</p> <p>(33) 'ter a honra de' (GO_2_13)</p> <p>(34) 'ter espírito aberto' (GO_2_02)</p> | <p>(06) 'Eles estão sempre ao meu lado' e não 'Eles são sempre ao meu lado' (BU_1_01).</p> <p>(07) 'Estou de boas relações com os meus pais' e não 'Estou em boas relações com os meus pais' (BU_1_07).</p> <p>(14) 'gosto também de fazer teatro' e não 'gosto também de fazer o teatro' (BU_1_01): na UF, quer como colocação, quer como EI ('fazer teatro' = não ser sincero; exagerar), não se usa o determinante artigo.</p> <p>(16) 'fervem em pouca água' e não 'fervem na pouca água' (BU_2_42).</p> <p>(17) Casos em que o verbo 'gostar' não se faz acompanhar da preposição 'de': 'gosto ler' (BU_1_02), 'gosto-me escutar musica' (NI_1_01), 'gosto passar o tempo' (VE_1_14), 'gosto <andar para loc> ir para discos' (VE_1_17).</p> <p>(21) 'não vale a pena escrever' e não 'não val a pena de escrever' (LI_1_10); 'não valer a pena' pede verbo no infinitivo sem preposição.</p> <p>(22) 'partir uma perna' (ter uma desilusão) e não 'partir a perna' (BU_2_42).</p> <p>(28) 'sou incapaz de descrevê-lo' e não 'sou incapaz descreve-lo' (PR_2_01).</p> <p>(31) 'é um passo em frente' e não 'é um passo na frente' (BU_1_01).</p> <p>(32) 'só pensam em si' e não 'acham só por si' (VE_1_02).</p> |

| | |
|---|--|
| (35) 'ter língua de serpente' (BU_2_42) | (36) 'ter os pés bem assentes na terra' (BU_1_01) |
| (36) 'ter os pés bem assentes na terra' (BU_1_01) | (37) 'ter que' (HU_1_20) |
| (37) 'ter que' (HU_1_20) | (38) 'ter sentido de humor' (BU_1_08) |
| (38) 'ter sentido de humor' (BU_1_08) | (39) 'tirar um curso/doutoramento' (NI_1_03) |
| (39) 'tirar um curso/doutoramento' (NI_1_03) | (40) 'tocar guitarra' (NI_1_10) |
| (40) 'tocar guitarra' (NI_1_10) | (41) 'A primeira coisa que me vem à cabeça' e não 'A primeira coisa que vem a minha cabeça' (VA_3_05). |
| (41) 'vir-me/te/lhe... à cabeça' (VA_3_05) | |

Quadro 39 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: UF Verbais

Mediante os dados acima apresentados, é possível tirar algumas conclusões:

a) Relativamente ao número total de UF, contabilizámos, nos excertos por nós selecionados, 80 UF diferentes, sendo que 41 são verbais, 16 adverbiais, 7 nominais, 7 conjuncionais, 6 preposicionais e 3 adjetivais. Quanto ao número de utilizações das UF, verificamos que a sua distribuição pelos três níveis de aprendizagem de PLE não é equitativa:

| Nível PLE/N.º de Informantes | UF utilizadas (% em função do n.º de Informantes) |
|-------------------------------------|---|
| Nível 1 (A1 e A2): 123 | 68 (55,2%) |
| Nível 2 (B1 e B2): 17 | 34 (200%) |
| Nível 3 (C1 e C2): 2 | 3 (150%) |

Quadro 40 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: N.º informantes/UF

b) Tendo em conta as subclasses de UF, observamos a presença de colocações ('fazer uma viagem', 'ir às compras', etc.) e de locuções ('apesar de' e 'ferver em pouca água', por exemplo). Registe-se a ausência de enunciados fraseológicos (provérbios, por exemplo);

c) Quanto à idiomaticidade, verificamos que há um conjunto significativo de UF que possui, pelo menos num dos seus constituintes, sentido idiomático: à volta de 25, o que corresponderá a cerca de 30% das 80 UF contabilizadas. De seguida, apresentamos uma seleção de 20 unidades onde o sentido idiomático parece ser mais evidente:

| UF com sentido idiomático (seleção) | Nível PLE / N.º de Inf. | UF com sentido idiomático (% em função do n.º de Inf.) |
|---|--|--|
| 01. 'abrir o coração' (BU_2_42) 02. 'amor de perdição' (GO_2_16) 03. 'branca como a neve' (SI_2_03) 04. 'como se fosse minha irmã' (VA_3_05) 05. 'dar com a língua nos dentes' (BU_2_42) 06. 'dar uma volta' (SI_2_03) | Nível 1: 123 Inf. | Nível 1: 6 (4,8%) |
| 07. 'deitar água na fervura' (BU_2_42) 08. 'estar ao lado de (alguém)' (BU_1_01) 09. 'estar em forma' (GO_2_08) 10. 'ferver em pouca água' (BU_2_42) | Nível 2: 17 Inf. | Nível 2: 12 (70,5%) |
| 11. 'não valer a pena' (LI_1_10) 12. 'partir uma perna' (BU_2_42) 13. '(receber um) pontapé no cu' (BU_1_01) 14. 'ser muito chegado (a alguém)' (VE_1_14) 15. 'ser muito ligado (a alguém)' (SI_2_03) 16. 'ser um passo em frente' (BU_1_01) 17. 'ter espírito aberto' (GO_2_02) 18. 'ter língua de serpente' (BU_2_42) 19. 'ter os pés bem assentes na terra' (BU_1_01) 20. 'vir-me/te/lhe... à cabeça' (VA_3_05) | Nível 3: 2 Inf. | Nível 3: 2 (100%) |

Quadro 41 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”:

UF com sentido idiomático

Estes dados, apesar de não abrangerem todas as situações de uso das UF, apontam para um predomínio do sentido idiomático nos níveis mais avançados de PLE (Níveis 2 e 3). Outro indicador importante a reter destes dados prende-se com a influência da língua materna e línguas não maternas dominadas pelo utilizador. Se atendermos ao perfil sociolinguístico dos informantes, verificamos que os três (BU_1_01, LI_1_10 e VE_1_14) que utilizaram nas suas produções escritas UF com sentido idiomático têm como língua materna uma língua românica (romeno, os dois primeiros, e italiano, o terceiro). Além disso, o informante de Nível 1 que recorre mais frequentemente a UF de sentido idiomático (BU_1_01) domina duas línguas não maternas também elas românicas (Francês e Espanhol);

d) Para avaliar a qualidade de utilização das UF, pensemos sobretudo nos desvios a que foram sujeitas e nos informantes que cometeram esses desvios:

| | N.º Total de UF e Informantes Utilizadores | N.º de Desvios nas UF e Informantes Infratores |
|---------------|--|---|
| | UF Adjetivais: 3 Informantes: SI_2_03; GO_2_02; PR_2_01 | UF Adjetivais: 1 (33%) Informantes: GO_2_02 |
| | UF Adverbiais: 16 Informantes: MA_1_09; AL_1_27; HU_1_20; LI_1_09; AL_2_08; BU_1_05; BU_2_42; SI_2_03; VA_3_05; LI_1_01; LI_1_09; BU_1_07; PA_1_03; PA_1_04; GO_2_01; VE_1_02; SI_2_03; BU_2_42; LI_1_02; MA_1_01; AL_1_01; VE_1_09 | UF Adverbiais: 6 (37,5%) Informantes: MA_1_09; HU_1_20; VA_3_05; BU_1_07; GO_2_01; SI_2_03 |
| | UF Conjunccionais: 7 Informantes: LI_1_09; LI_1_01; AL_1_27; PU_1_05; AL_1_02; AL_2_29; GO_2_01; SI_2_03 | UF Conjunccionais: 2 (28,6%) Informantes: PU_1_05; AL_1_02 |
| | UF Nominais: 7 Informantes: GO_2_16; VE_1_09; GO_2_13; AL_1_01; VE_1_02; PA_1_03; NI_1_01; NI_1_10; BU_1_05; LI_1_01; LI_1_09 | UF Nominais: 0 (0%) Informantes: 0 |
| | UF Preposicionais: 6 Informantes: AL_1_27; PA_1_03; GO_2_13; BU_2_42; LI_1_09; PA_1_03; VE_1_17; AL_1_02 | UF Preposicionais: 1 (16,6%) Informantes: AL_1_02 |
| | UF Verbais: 41 Informantes: BU_2_42; SI_2_03; BU_1_01; BU_1_07; GO_2_08; BU_1_07; BU_1_15; LI_1_06; PA_1_03; BU_2_42; BU_1_02; NI_1_01; VE_1_17; AL_1_01; AL_1_02; BU_1_08; VA_3_05; AL_2_10; LI_1_10; BU_2_42; LI_1_08; VE_1_14; AL_1_01; BU_1_19; PR_2_01; VE_1_14; SI_2_03; VE_1_02; GO_2_13; GO_2_02; BU_1_01; HU_1_20; BU_1_08; NI_1_03; NI_1_10; VA_3_05; e outros | UF Verbais: 16 (39,0%) Informantes: BU_1_01 (4 vezes); BU_1_07; BU_2_42 (2 vezes); BU_1_02; NI_1_01; VE_1_14; VE_1_17; LI_1_10; PR_2_01; VE_1_02; NI_1_10; VA_3_05 |
| Totais | N.º de UF: 82 | N.º de Desvios nas UF: 26 (32,5%) N.º de Desvios por Nível (em relação ao n.º total de UF): N1: 18 (22,5%) N2: 6 (7,5%) N3: 2 (2,5%) |

Quadro 42 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: UF e desvios

Os quadros que acabámos de apresentar incluem dados porventura pouco rigorosos. Todavia, deles apenas tentaremos extrair pistas sobre a competência fraseológica. Neste sentido, é possível inferir o seguinte:

a) Em todos os níveis de PLE ocorrem UF, sendo o número de ocorrências superior nos níveis mais avançados (vd. Quadro 40 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: N.º informantes/UF);

b) Entre as UF, encontramos colocações e locuções; não se regista qualquer provérbio;

c) As UF verbais são de longe as mais frequentes (com 41 casos diferentes), seguindo-se as adverbiais (16), as conjuncionais e as nominais (7 cada), as preposicionais (6) e as adjetivais (3);

d) O número de desvios nas UF diminui à medida que cresce o nível de PLE (22,5% no N1; 7,5% no N2; 2,5% no N3);

e) Os desvios verificados apontam para uma percentagem mais elevada relativamente às UF verbais (39,0%), seguindo-se as adverbiais (37,5%), adjetivais (33,0%), conjuncionais (28,6%) e preposicionais (16,6%). Nas UF nominais não se verificaram desvios;

f) Tendo em conta a LM e LNM dominadas pelo informante e ainda o seu nível de PLE, verifica-se que os textos são tendencialmente mais longos e ricos de UF quando produzidos por um informante cuja LM é românica (espanhol, italiano, romeno...), conhecedor de línguas estrangeiras também elas românicas e com um nível de PLE mais elevado. Por exemplo, o texto produzido por BU_2_42, informante romena com conhecimentos de italiano, francês e alemão, contribui com 10 UF (equivalente a 12,5% do n.º total de UF). Em contrapartida, os textos dos 2 informantes de Pusan (Coreia do Sul), por exemplo, são muito breves e com realizações fraseológicas praticamente nulas;

g) Quanto à ocorrência de EI, os excertos que seleccionámos mostram que elas predominam nas produções textuais de informantes de Nível 2-3, com 4,8% para o Nível 1, 70,5% para o Nível 2 e 100% para o Nível 3 (vd. Quadro 41 – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: UF com sentido idiomático). Recuperando o exemplo da informante BU_2_42, apontado na alínea anterior, podemos acrescentar que, das 10 UF que utiliza, 6 têm sentido claramente idiomático (‘abrir o coração’, ‘dar com a língua nos dentes’, ‘deitar água na fervura’, ‘ferver em pouca água’, ‘partir uma perna’ e ‘ter língua de serpente’). Embora escassos, os exemplos de EI associadas ao Nível 1 encontram-se todos em 3

informantes de LM românica: ‘ter os pés bem assentes na terra’, ‘ser um passo em frente’ e ‘(receber um) pontapé no cu’ (BU_1_01, romena, com conhecimentos de francês, espanhol e inglês), ‘não valer a pena’ (LI_1_10, romena, com conhecimentos de inglês) e ‘ser muito chegado (a alguém)’ (VE_1_14, italiana, com conhecimentos de alemão e inglês). Relativamente à correção no uso das EI, confirma-se (vd. Crespo & Caceres, 2006) que ela é, de facto, difícil de atingir, mesmo nos níveis mais elevados: ‘é um passo na frente’ (BU_1_01) por ‘é um passo em frente’; ‘fervem na pouca água’ (BU_2_42) por ‘fervem em pouca água’; ‘A primeira coisa que vem a minha cabeça’ (VA_3_05) por ‘A primeira coisa que me vem à cabeça’, entre outros exemplos;

h) Todavia, a conclusão mais importante é, no nosso entender, a evidência de que também em contextos de ensino-aprendizagem de PLN os utilizadores se socorrem natural e espontaneamente das UF, mesmo das idiomáticas (recorde-se que o estímulo³³⁹ que desencadeou a produção dos textos dos informantes de PLE não foi pensado para induzir, pelo menos explicitamente, a produção de UF/EI). A multiplicidade e o grau de correção é que variam em função de determinados fatores (como nível de proficiência em PLE, LM e conhecimento de outras línguas), o que nos conduz à certeza de que é preciso criar condições para alargar e aperfeiçoar as competências fraseológicas dos aprendentes.

5.4. Aquisição, Aprendizagem e Ensino de EI: orientações/estratégias promotoras de sucesso comunicativo-fraseológico

“[...] il y a des unités plus larges que les mots: les composés (*porte-plume*), les locutions (*s’il vous plaît*), les formes de flexion (*il a été*), etc. Mais ces unités opposent à la délimitation les mêmes difficultés que les mots proprement dits, et il est extrêmement difficile de débrouiller dans une chaîne phonique le jeu des unités qui s’y rencontrent et de dire sur quels éléments concrets une langue opère. / Sans doute les sujets parlants ne connaissent pas ces difficultés [...]” (Saussure, 1967 [1916]: 148)³⁴⁰.

³³⁹ “**Estímulo 1.1A:** Escreva um texto em que se apresente, em que fale das suas características físicas, da sua vida familiar, da sua casa, dos seus gostos e dos seus desejos. Se não quiser falar de si, pode inventar!” (vd., neste nosso trabalho, “**Quadro 33** – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: Dados sociolinguísticos (Coordenação: Isabel Leiria. Adaptado).”.

³⁴⁰ Edição crítica de 1967, em francês, preparada por Tullio de Mauro, disponível em <http://elearning.ustb.edu.cn/UploadFile//20111229085049520.pdf> (Consulta: 18/07/2013).

Se perguntarmos a um utilizador comum a que classe pertence a palavra *comer*, o mais provável é que responda *verbo*; mas se fizermos a mesma pergunta a um especialista, ele dirá que depende do contexto: por exemplo, na frase *É preciso comer fruta*, *comer* é verbo; mas em *O comer está pronto*, *comer* já é nome – explicará ele. E quem fala de classes de palavras, fala também de significados. A palavra *cabeça* significa *parte do corpo humano que assenta no pescoço*, mas pode significar também *peessoa que dirige ou está à frente de algo; chefe; líder*³⁴¹. Digamos que os usos de *comer* como verbo a significar *ação de ingerir alimentos* e de *cabeça* como nome que designa *parte do corpo humano que assenta no pescoço* são, de alguma forma, mais prototípicos do que outros usos (vd. Vilela, 2003 [2001]: 193-213).

Estes exemplos podem ser entendidos como um indicio da complexidade que envolve o processo de aquisição (mas também aprendizagem e ensino) do vocabulário: “Aquilo que torna difícil a aquisição do vocabulário é o facto de demorar tempo e exigir esforço estabelecer as conexões e, conseqüentemente, desenvolver um léxico bem organizado” (Leiria, 2006: 9-10). Ora, se este princípio é verdadeiro para o vocabulário em geral, mais verdadeiro será, dada a sua complexidade, para a aquisição, aprendizagem e ensino das *locutions* (Saussure, 1967). E não estamos sós no reconhecimento destas dificuldades. O ensino das UF é “de extrema complexidade, por várias razões. Segundo Corpas Pastor (1996), estas dificuldades estão ao nível da construção do significado, da dimensão metafórica, da interpretação estandardizada e da petrificação semântica” (Figueiredo & Figueiredo, 2010: 160). E se os “sujets parlants” nativos eventualmente “ne connaissent pas ces difficultés” (Saussure, 1967: 148), o mesmo não poderemos dizer do aprendente de LNM.

As atividades (ANEXO 5) que aplicámos em contexto de PLM fizeram emergir alguns aspetos relacionados com o processamento das combinatórias lexicais. Recordamos que os informantes do G1, mas também do G2, revelaram competência fraseológica algo incipiente, ora substituindo, na Atividade 1, palavras que desconheciam [‘impatidos e serenos’ (Inf. 026) e ‘pálidos e serenos’ (Inf. 091), por ‘impávidos e serenos’; ‘em palpebras de aranha’ (Inf. 036) e ‘em teias de aranha’ (Inf. 067), por ‘em palpos de aranha’], ora assumindo, nas Atividades 2 e 3, os grupos de palavras muitas vezes na sua dimensão literal (sobretudo os informantes do G1, com 30,8% de usos literais contra os 26,9% de usos idiomáticos, na Atividade 2).

³⁴¹ Vd. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, disponível em <http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=%22cabe%C3%A7a%22>, consultado em julho/2013.

Fica assim provado que também em contextos de PLM a competência fraseológica apresenta estádios de desenvolvimento deficitários, sendo portanto necessário complementar atempadamente a aquisição natural de UF com um ensino promotor de competências comunicativo-fraseológicas. E dizemos atempadamente porque, recordando as palavras de Castro-Caldas (2005: 45), “existe um período sensível no desenvolvimento do cérebro para receber informação adequada” e este período coincidirá com a infância-adolescência. Como nesta fase as “potencialidades do sistema” para “reconhecer, processar e arquivar a informação em memórias” são ainda “muito plásticas” (*ibidem.* 45), não podemos deixar fugir a oportunidade de otimizar as competências comunicativo-fraseológicas dos utilizadores de LM. Temos, então, de levar a sério os alertas de Castro-Caldas (2005: 42): “o primeiro léxico adquirido constitui uma matriz de suporte analógico para o que vier a seguir. Quanto mais rica for esta matriz adquirida na idade própria, maior oportunidade haverá mais tarde de ampliar o conhecimento lexical”. E conclui: “Isto que parece ser verdade para a língua materna é sem dúvida importante quando se discute a aprendizagem simultânea de mais do que uma língua”.

Crespo e Caceres (2006: 77), depois de constatarem que “es en los primeros años de edad escolar que este desarrollo [capacidade de entender frases metafóricas] se vuelve más acentuado”, perguntam se “guarda alguna relación la adquisición de la lectoescritura que se produce en estos años”. Acreditando que “O conhecimento da leitura e da escrita modela a função neural” (Castro-Caldas, 2003: 465)³⁴², então um informante com maior proficiência no domínio da compreensão e expressão escritas terá “funções neurais” mais capazes de processar os sentidos idiomáticos da linguagem fraseológica. Os resultados obtidos com a aplicação das Atividades 1, 2 e 3 (ANEXO 5) provaram precisamente que os grupos mais escolarizados (o G2, mas sobretudo o G3) apresentam níveis de desempenho superiores, confirmando também a conclusão a que chegaram Crespo e Caceres (2006: 88): os resultados indicam, sem dúvida alguma, que “estas formas [que toma la frase hecha metafórica] están relacionadas, a tal punto de que aquel que es bueno para interpretar una de ellas lo es en todas y si no es bueno en una, tampoco lo es en las otras”.

³⁴² Numa entrevista publicada na Revista *Visão* (18-11-1999, pp. 13-15), Castro-Caldas fala precisamente da importância da alfabetização, da leitura e da escrita: “[...] os analfabetos e os letrados seguem caminhos cerebrais diferentes. Os analfabetos não conseguem activar uma parte do cérebro que só está acessível aos letrados [...]. Se, da mesma forma que a ginástica fortalece os músculos, também o aumento de estímulos leva ao aumento do cérebro. Para isso, partimos do princípio de que a leitura e a escrita activam os dois hemisférios cerebrais”.

Na área da LNM, Leiria (2006: 11-12) lembra que houve, durante muito tempo, “uma tendência para ver o léxico como uma lista não estruturada a que se vão juntando mais palavras”. Contudo, à medida que as teorias linguísticas foram assumindo mais claramente “o léxico como central na construção da gramática interna dos falantes”, as investigações de L2 “têm-se desenvolvido, cada vez mais, sob este conceito ‘rico’ de léxico”. Por isso, o objetivo agora – continua Leiria (2006: 11-12) - é “estabelecer a relação entre nível geral de conhecimento da língua, dimensão do léxico e tipos de conhecimento disponíveis para cada palavra”, nunca esquecendo “de que há um conjunto de competências que concorrem para o conhecimento total de uma palavra” - e de uma UF, acrescentamos nós. Neste sentido, ensinar o léxico, ao nível das unidades léxicas e das UF, “implica proporcionar ao aluno recursos para compreender e expressar intenções e conotações implícitas no discurso, implica desenvolver a competência comunicativa e a aproximação a uma outra cultura” (Figueiredo & Figueiredo, 2010: 158).

Chegados a esta fase da nossa investigação, convém estabelecer, de novo, pontes entre o PLM e o PLNM, tendo em conta os estudos que efetuámos sobre aquisição-ensino-aprendizagem de UF. O ponto de partida nos dois casos foi o mesmo - avaliar a competência fraseológica em PLM e PLNM -, mas será que o ponto de chegada também? Para já, o que podemos adiantar é que os recursos disponíveis e as metodologias adotadas foram muito diferentes. No caso do PLM, fomos nós que produzimos os materiais e os aplicámos em contexto de sala de aula a 141 alunos (depois de uma redução da nossa amostra), pertencentes a faixas etárias e escolares diferenciadas: Grupo 1 (26 alunos; idade média de 11 anos; 2.º Ciclo), Grupo 2 (99 alunos; idade média de 13,6 anos; 3.º Ciclo) e Grupo 3 (16 alunos; idade média de 24,9 anos; curso EFA-nível secundário). No caso do PLNM, servimo-nos de um *corpus* de textos escritos, coordenado por Isabel Leiria e disponibilizado *online* (<http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/314-corpora-of-ple>), e seleccionámos 142 produções de jovens-adultos (tal como o nosso G3) de línguas maternas diferentes, aprendentes de PLE de Nível 1 (123 alunos), Nível 2 (17 alunos) e Nível 3 (2 alunos) em 13 universidades.

A estes dois contextos de aquisição-ensino-aprendizagem de português, marcados por algumas diferenças claras, não corresponderão resultados também eles claramente diferentes? Talvez não, se recordarmos os dados já apurados:

a) Em PLE, em todos os níveis ocorrem UF (N1: 55,2%; N2: 200%; N3: 150% (Vd. “**Quadro 40** – “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”: N.º informantes/UF”); em PLM, também (G1: 3,6 UF por informante; G2: 5,2 UF por informante; G3: 4,6 UF por informante – vd. “**Quadro 26** – Competência fraseológica em PLM: Atividade 1 – N.º total de UF/N.º de UF por informante”);

b) Em PLE, o número de desvios nas UF diminui à medida que aumenta o nível de proficiência (N1: 22,5%; N2: 7,5%; N3: 2,5%); em PLM os dados parecem apontar para uma ligeira diferença, já que o número de desvios aumenta na passagem do 2.º para o 3.º ciclo e é nulo no secundário (vd. “**Quadro 28** – Competência fraseológica em PLM: Atividade 1 – Desvios acentuados”);

c) Relacionando os dados das duas alíneas anteriores, podemos afirmar que em PLE, a quantidade e qualidade no uso de EI é superior nas produções textuais de informantes de Nível 2 e 3; em PLM revela-se a mesma tendência. Acrescente-se que o número de desvios no G2 (3.º ciclo) é superior ao evidenciado no G1 (2.º Ciclo), mas este facto não significa necessariamente menor proficiência fraseológica, uma vez que muitos desses desvios correspondem a UF acrescentadas pelos alunos do G2 (vd. “**Quadro 27** – Competência fraseológica em PLM: Atividade 1 – UF Variantes/Acrescentadas por Grupo”).

Registadas as semelhanças, eis agora as diferenças. Em PLM, o baixo nível de proficiência fraseológica verificado no G1 deve-se essencialmente à idade (10-12 anos) e ao nível de escolaridade (2.º ciclo). No PLNM, a questão da idade não se coloca da mesma forma porque os informantes situam-se todos numa faixa etária bem mais avançada (jovem-adulta). Deste modo, a diferença de resultados verificada entre os aprendentes de PLE justifica-se mediante um articulado de fatores que vai para além da idade em que se inicia a aprendizagem do português. Sendo assim, será o nível em que se encontra o aluno (A1, A2, B1, B2, C1, C2), associado à sua LM e ao conhecimento que tem de outras línguas, a justificar as diferenças. Assim, um jovem-adulto de LM românica (espanhol, italiano, romeno...), conhecedor de outras línguas (românicas mas não só) e de Nível 2 (B1, B2) ou 3 (C1, C2), terá naturalmente uma competência fraseológica superior à de um jovem-adulto de LM não românica, desconhecedor de outras

línguas (sobretudo românicas) e de Nível 1 (A1, A2). A este respeito, compare-se, por exemplo, os textos dos informantes romenos e os dos informantes coreanos³⁴³.

Uma outra diferença entre o PLM e o PLNM está no facto de encontrarmos aprendentes de Nível 1 de PLE a usar EI com alguma frequência: '(receber) um pontapé no cu' (BU_1_01) e 'ser muito chegado (a alguém)' (VE_1_14), por exemplo. Estes usos provam que um jovem-adulto, quando começa a aprender PLE, já tem competências fraseológicas avançadas, pelo menos em LM. Por isso, logo que se apropria das estruturas básicas da língua portuguesa, procura, natural e instintivamente, tirar partido das competências que possui, da sua LM e de outras línguas que domine, para as aplicar ao português.

Esta vantagem que o jovem-adulto estrangeiro evidencia quando aprende português – a de possuir já um consolidado conhecimento linguístico, sociolinguístico e pragmático no domínio da fraseologia materna – concorre com uma série de desvantagens. Em primeiro lugar, o facto de o aprendente, em geral, já não se encontrar no chamado período sensível em que as potencialidades do sistema são muito plásticas³⁴⁴; em segundo lugar, a situação de aprender uma língua geralmente num contexto sócio-cultural em que o português não é nem LM nem língua oficial.

Os excertos da “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira” de que nos temos servido mostram precisamente que, quanto à correção no uso das EI, os aprendentes, mesmo os que se encontram em níveis mais avançados, precisam de aperfeiçoar a sua competência fraseológica: ‘é um passo na frente’ (BU_1_01) por ‘é um passo em frente’, ‘fervem na pouca água’ (BU_2_42) por ‘fervem em pouca água’ e ‘A primeira coisa que vem a minha cabeça’ (VA_3_05) por ‘A primeira coisa que me vem à cabeça’ são apenas alguns exemplos.

Depois de analisados todos estes casos de (in)competência fraseológica, em PLM e PLNM, estamos agora em condições privilegiadas para apontar orientações e estratégias promotoras de sucesso comunicativo-fraseológico:

³⁴³ Salvaguardadas as devidas diferenças, acreditamos que o que se diz para o caso do bilinguismo – “os indivíduos bilingues são mais conscientes da língua (habilidades metalinguísticas) e têm acrescida facilidade na aprendizagem de novas línguas” (Mateus *et al.*, 2008: 274) – se poderá, de algum modo, aplicar a indivíduos que possuem níveis de literacia elevados em várias línguas, de preferência próximas da língua estrangeira que estão a aprender.

³⁴⁴ Terminado este período, regista-se ainda plasticidade para adquirir informação “mas o processo não deixará nunca de ser incompetente” – alerta Castro-Caldas (2005: 45).

A. No domínio do PLM:

Tendo como pano de fundo o ensino-aprendizagem da LM, Bally (1909: 67) afirmou que, dada a sua natureza *psychologique* e *affective*, a nossa memória retém melhor as palavras em grupos do que as palavras isoladas. E disse mais:

“[...] jamais nous ne pourrions conserver ni employer tous les mots que nous savons de la langue maternelle, si nous devons les apprendre séparément; l’association des mots est, avec l’intervention du sentiment, la principale cause de l’assimilation rapide de l’idiome maternel” (Bally, 1909: 67).

Por sua vez, Mel’čuk, referindo-se aos frasemas, afirmou:

“De telles expressions — qu’il faut connaître par coeur, parce que l’on ne peut pas les produire par règles — doivent donc toutes être répertoriées dans la description de L [langue], en l’occurrence du français, et elles sont extrêmement nombreuses: des centaines de milliers!” (Mel’čuk, 2003: 4).

Ora, se a nossa memória, no período sensível, tem potencialidades muito plásticas que depois perderá com a idade, então é necessário que a aquisição-ensino-aprendizagem das *locutions composées* (Bally) e/ou *phrasèmes* (Mel’čuk) se faça o mais cedo possível, num ambiente afetivo e emotivo. E usamos propositadamente os termos afetivo e emotivo porque consideramos que a aquisição-ensino-aprendizagem de uma língua (materna e não materna) deve ter uma componente *affective* (segundo Bally) e emotiva, já que, para António Damásio (2003), a emoção, associada à razão, promove o conhecimento.

Além disso, estudos sobre certas doenças neurodegenerativas, como Alzheimer, têm provado que as primeiras memórias, as aprendizagens adquiridas na infância, e as mais afetivas-emotivas são as mais impressivas e as últimas a desaparecer³⁴⁵. Acreditamos que as UF, quando adquiridas-aprendidas nos primeiros estádios de desenvolvimento, *par coeur* (Mel’čuk, 2003: 4), graças à sua expressividade e coesão linguístico-sociolinguístico-pragmática dão garantias de uma comunicação mais eficaz e duradoura.

³⁴⁵ Numa entrevista que deu à Revista *Visão* (18-11-1999, pp. 13-15), Castro-Caldas dá o exemplo de um estudo feito com um doente que sofria de problemas graves de memória: “Ele era incapaz de recordar o que se tinha passado duas horas antes. Então, durante uma semana, ele conviveu com três grupos de três pessoas: três simpáticos, três antipáticos e três indiferentes. Ao fim de uma semana, mostraram as fotografias daquelas nove pessoas ao doente e perguntou-se-lhe: «Conhece algum?». Ele respondeu que não. Em seguida, ainda com as fotografias à frente, pediu-se-lhe para escolher três pessoas para irem com ele ao cinema. Apesar de conscientemente não se recordar de nada, ele escolheu as três pessoas que tinham sido simpáticas”.

Disse Bally (1951 [1909]: 68): “ni l’écriture, ni même la prononciation n’avertissent un étranger qu’il doit unir ou séparer les «molécules» que son instinct étymologique voudrait dissocier”. Reforçou Mel’čuk (2003: 4) um século depois: “En fait, ce sont la fréquence et la qualité de leur usage qui déterminent la différence entre un locuteur natif et un étranger qui a bien appris la langue: un natif parle en phrasèmes”. Depois dos estudos que efetuámos, sabemos agora que os nativos não falam (nem escrevem) em frasesmas desde sempre: a sua competência fraseológica começa a ser mais audível (e legível) a partir de determinada idade (mais significativamente a partir dos 10 anos) e de forma gradativa (em quantidade e qualidade). Todavia, o seu desempenho fraseológico (em termos de compreensão e uso de colocações, locuções e enunciados fraseológicos) é naturalmente superior ao de um não nativo.

B. No domínio do PLNM:

Na sequência do exposto anteriormente, parece-nos fundamental que o ensino-aprendizagem de PLNM seja programado e executado de acordo com os seguintes pressupostos e objetivos:

a) Uma aprendizagem-aquisição muito similar à forma como a criança adquire a sua LM, de modo que o aprendente, sempre que possível, interaja diretamente com o falante nativo e o seu meio sociocultural³⁴⁶. Neste sentido, aconselhamos vivamente a aprendizagem do PLNM num país onde o português seja LM. Para isso, várias universidades, escolas e centros de línguas poderão acolher alunos estrangeiros que queiram aprender o português no seu *habitat* natural, pelos seus próprios meios ou ao abrigo de um programa institucional, como o “Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida”: *Comenius* (do ensino pré-escolar ao secundário), *Erasmus* (ensino superior), *Leonardo da Vinci* (educação e formação profissional não superior), *Grundtvig* (educação para adultos), entre outros³⁴⁷. Quer o ensino-aprendizagem se faça em Portugal ou no Estrangeiro, o Instituto Camões dispõe de ampla informação³⁴⁸;

³⁴⁶ Refira-se que Krashen (1981) ampliou “el significado de *adquisición* al aprendizaje de una L2 que se realiza de forma similar a como el niño aprende su L1: por simple contacto directo” (*Vademécum*, 2004: 261).

³⁴⁷ Vd. http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/lifelong_learning/c11082_pt.htm (Consulta: 17/07/2013).

³⁴⁸ No sítio do Instituto Camões (<http://www.instituto-camoes.pt/>. Consulta: 18/07/2013) existe vasta informação sobre ensino-aprendizagem de PLE, em Portugal e no Estrangeiro. Na página principal, basta escolher o *link* ‘Língua e Cultura’. Sobre Ensino de Português no Estrangeiro (EPE), interessa ‘Centros de Língua Portuguesa’, ‘EPE-Ensino Superior’ e ‘EPE-Ensino Básico e Secundário’. Sobre o Ensino do Português em Portugal, há indicação de ‘Escolas de Línguas’, ‘Universidades’ e até cursos para professores de PLE. Útil é também a informação disponibilizada por Reto (2012: 105-113) sobre “Emigração e ensino de português”.

b) Uma aprendizagem-ensino em contexto formal, geralmente em sala de aula, em interação com outros alunos e com um professor que proporcione situações de aprendizagem adequadas (à idade, origem e interesses do aprendente), no domínio das competências linguísticas, sociolinguísticas, pragmáticas e fraseológicas;

c) Um contexto de aquisição-aprendizagem motivador para o aprendente, capaz de o levar a compreender que a sua competência comunicativa, e às vezes integração comunitária, depende muito da sua predisposição e espírito colaborativo. Nesta situação de PLNM, em que o aprendente é por norma um jovem-adulto em contexto de não imersão, muita resiliência, motivação e afetividade podem contrariar a perda de plasticidade imposta pelo amadurecimento e envelhecimento das capacidades cerebrais;

d) Um processo de ensino-aprendizagem assumido preferencialmente por um docente nativo, humana e cientificamente bem formado e altamente vocacionado para este tipo de ensino³⁴⁹. Conhecem-se casos de *ótimos* professores que, em situação de ensino-aprendizagem de PLNM, se sentem inesperadamente *incompetentes*;

e) Métodos e estratégias de ensino-aprendizagem adequados. Um dos erros em que se cai com alguma frequência nos primeiros anos de docência prende-se com abordagens intuitivas e infantilizadas. É preciso não esquecer que o aluno de PLNM racionaliza mais a língua, exigindo do professor maior capacidade metalinguística. Por outro lado, é muitas vezes um jovem-adulto que tem da língua, da sua e de outras eventualmente, um saber enciclopédico e uma destreza comunicacional que a criança ainda não possui. Assim, não podemos querer aplicar a este contexto de ensino-aprendizagem os métodos mais habituais (muitas vezes os únicos que conhecemos) usados nos primeiros anos, quer de PLM, quer de uma LE (ensinada cada vez mais cedo e por professores quase sempre não nativos). Estas considerações permitem-nos concluir que, à semelhança do que acontece com as línguas, também em relação ao professor de PLNM se poderá falar de especificidades que o distinguem do professor de PLM.

C. No domínio do PLM e PLNM:

Tendo em conta o grande objetivo do ensino-aprendizagem de qualquer língua – desenvolver no aluno capacidade de resposta adequada às mais diversas situações de comunicação (compreensão e produção oral/escrita em contexto formal/informal) -, deseja-se

³⁴⁹ Sobre a falta de preparação adequada de muitos professores de LNM, veja-se, por exemplo, o artigo “Avaliação do nível de proficiência linguística” de Mafalda Mendes (em Mateus *et al.*, 2008: 305-325). Todavia, nos últimos anos têm surgido, em várias universidades portuguesas, unidades curriculares e até cursos especificamente vocacionados para o PLNM.

que os instrumentos utilizados reflitam, o mais possível, a língua no seu todo, de forma viva, real. E esta língua viva, real, é a que nós usamos quotidianamente quando falamos e escrevemos, quando apresentamos factos ou exprimimos opiniões e sentimentos, isto é, quando verbalizamos a nossa relação com os outros e com o mundo. Neste sentido, é fácil (?) perceber que a língua é objetividade e subjetividade, facto e argumento, sentido literal e transliteral, luz e sombra, especificidade e universalidade. A língua é tudo isto e, provavelmente, muito mais do que isto...

Poucas manifestações linguísticas se poderão rever nestas palavras com tanta pertinência como as EI. Porque a língua é (também) idiomática, não concordamos com o facto de as EI estarem arredadas dos primeiros níveis de ensino-aprendizagem das línguas (vd. QECR, 2001). Talvez se considere erradamente que o aluno não tem capacidade para as compreender e depois usar. O aluno está naturalmente predisposto para as adquirir-aprender porque elas fazem parte do sistema das línguas, da sua e da dos outros. Afinal, vários estudos têm provado que existe “uma correlação positiva entre o desenvolvimento de habilidades de literacia em língua materna [...] e o desenvolvimento das habilidades de literacia na L2 (língua minoritária, não materna para o aluno)” (Mateus *et al.*, 2008: 274. Vd. também Penadés Martínez, 1999: 37).

Apesar da especificidade (em diversos graus) das EI, o aluno de PLNM compreende que, à semelhança do que acontece com a sua língua, também o português possui formas mais ou menos figuradas para traduzir o modo como é percecionado o mundo. Assim, quando se aprende uma LE, principalmente na sua dimensão idiomática, aprende-se, “a forma de ser, de pensar, de sentir e de agir, isto é, a cultura implícita na língua-meta” (Figueiredo & Figueiredo, 2010: 156). E é precisamente a compreensão dos dois mundos e das duas culturas, o da LM e o da LE, que “faz desenvolver no aprendente uma consciência intercultural” – acrescentam as autoras. Esta consciência intercultural permite ao aluno compreender que ao lado de expressões tendencialmente universais (port./esp., *cara a cara*; fra., *tête-à-tête*; ing., *face to face*...) outras como *ver Braga por um canudo*, *ser mais velho que a Sé de Braga*, *cair o Carmo e a Trindade*, *ir no Batalha* ou *meter o Rossio na (rua da) Betesga* resistem mais à sua compreensão (como resistem à compreensão dos portugueses não familiarizados com semelhantes expressões), porque apontam para referentes específicos da realidade portuguesa. E se é esta realidade que o aluno quer conhecer e dominar, o professor de PLNM deverá proporcionar situações de

comunicação que a representem: “os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo” (Wittgenstein)³⁵⁰.

É evidente que na planificação do processo ensino-aprendizagem se devem estabelecer hierarquizações de conteúdos/objetivos em função de múltiplos fatores como a complexidade desses mesmos conteúdos, idade do aprendente e seu nível de proficiência em língua³⁵¹. Mas corremos o risco de coartarmos a língua ao evitarmos, propositadamente, toda e qualquer EI só porque o QEER não as contempla nos primeiros níveis de aprendizagem (A e B). Mais: invocando-se a complexidade das EI para justificar a sua inclusão apenas nos níveis mais elevados, o QEER poderá condená-las ao desconhecimento, uma vez que o tempo de aprendizagem não será suficiente para o aluno as compreender e, sobretudo, integrar nos seus atos comunicativos.

Porque, à boa maneira latina, *in medio virtus est*, defendemos um contacto natural e uma integração gradativa das EI no ensino-aprendizagem de PLN. Neste aspeto, aproximamo-nos do modo como os nativos adquirem a sua língua, em geral, e as EI, em particular: contactando com elas, apoderando-se delas, da sua força expressiva, em contextos comunicacionais multifacetados. E desta forma, mediante um contacto real e prolongado com as EI, talvez possamos minimizar a perda de plasticidade cerebral que ocorre a partir da adolescência: “Pode dizer-se que os eventos que se repetem no tempo se transformam em atratores de experiência dando ao sujeito um núcleo de memorização” (Castro-Caldas, 2003: 470).

³⁵⁰ No âmbito do conhecimento lexical e do ensino-aprendizagem do léxico, Figueiredo e Figueiredo (2010: 157-159) deixam-nos orientações importantes: “Ora o conhecimento lexical implica a selecção de uma unidade lexical e/ou de uma unidade fraseológica adequada (linguística, sociolinguística e pragmática) a uma determinada situação de comunicação escrita ou oral. A inadequação do uso lexical pode levar a erros de comunicação e ao rompimento de normas e condutas de cortesia. Então, dotar o aprendente de PLE destes conhecimentos e destrezas é aproximá-lo do falante nativo que domina uma grande percentagem de combinações estáveis de que se socorre quer para adequar a sua comunicação quer para produzir discursos sem esforço”. Assim, é fundamental um ensino-aprendizagem bem planeado: “Neste contexto de ensino por tarefas, em que se introduz o léxico em situações concretas de usos, trabalha-se vocabulário associado a cada unidade temática por meio de metodologias explícitas que contemplam as diversas etapas do processo [...]: a) compreender; b) reter; c) reutilizar; d) reconhecer; e) incorporar; f) produzir. Em cada uma destas etapas, em que se infere o sentido e o valor pragmático da palavra, o estudante vai construindo um saber sobre a palavra e expressões de forma a ir dominando um complexo de propriedades, destacando-se, entre elas, os seus valores semânticos, metafóricos”.

³⁵¹ Tendo em vista a organização de “planos de aprendizagem mais adequados e realistas” no âmbito do “Ensino do Português em contextos de diversidade linguística”, Luísa Solla (em Mateus *et al.*, 2008: 295-303) formula um conjunto de princípios de grande utilidade. Eis, para nós, os mais importantes: “O aluno é o sujeito da aprendizagem”, “A língua de ensino: objecto de estudo e meio para adquirir e/ou desenvolver competência comunicativa”, “Considerar que o erro faz parte da aprendizagem”, “Privilegiar a compreensão activa”, “Promover a progressão em espiral activando sempre o que os alunos já sabem”, “Análise prévia de necessidades, interesses e motivações dos alunos”, “Recurso, sempre que possível e oportuno, aos *Realia* ou documentos autênticos”.

Tudo o que dissemos até agora sobre aquisição, aprendizagem e ensino de EI leva-nos a concluir que o sucesso comunicativo-fraseológico depende, em larga medida, da competência e motivação de todos os agentes envolvidos. Por isso, assumimo-nos defensores da Psicologia Positiva³⁵², da teoria do *copo meio cheio* e da fórmula [*O aprendente*] *É capaz de...* do QEER. Todavia, este positivismo deve consubstanciar-se em “orientações e estratégias” efetivas, capazes de promover o sucesso comunicativo-fraseológico. Pensamos que as “orientações”, quer no domínio do PLM, quer no âmbito do PLNM, já as fomos explicitando ao longo deste subcapítulo (§ 5.4.) Relativamente às “estratégias”, julgamos que o sexto e último capítulo deste nosso trabalho poderá ser uma resposta adequada, visto que nele se apresenta um conjunto de atividades que visam o desenvolvimento de competências comunicativo-fraseológicas em PLM/NM.

5.5. Conclusão

Os utilizadores e os aprendentes, para executarem “as tarefas e as actividades necessárias para lidar com as situações comunicativas em que estão envolvidos”, “utilizam um certo número de competências adquiridas ao longo da sua experiência anterior” (QEER, 2001: 147). E estas competências, segundo o QEER, são as gerais e as comunicativas em língua, estas últimas divididas em competências linguísticas, sociolinguísticas e pragmáticas.

Apesar de integradas habitualmente nas competências lexicais, que por sua vez se incluem nas linguísticas, julgamos que as competências fraseológicas, dada a sua relevância e transversalidade, poderão ser colocadas ao nível das competências linguísticas, sociolinguísticas e pragmáticas. De facto, depois de analisarmos estas três grandes competências comunicativas, concluímos que delas emerge uma quarta – a fraseológica -, associada mais explicitamente à competência lexical (uma das competências linguísticas) e à adequação sociolinguística (integrada nas competências sociolinguísticas). Esta competência fraseológica consubstancia-se no uso de fórmulas de interação social, mas também de provérbios e EI.

³⁵² Sobre a Psicologia Positiva, ver texto de Helena Marujo e Luís Neto, professores da Faculdade de Psicologia da Univ. de Lisboa, em <http://www.clubedooptimismo.pt/arquivo/psicologia-positiva-de-helena-agueda-marujo-e-luis-miguel-neto/> (Consulta: 13/07/2013). Relativamente à aplicação da Psicologia Positiva à Educação, consultar Programa 'Aulas Felices' de uma equipa de investigadores de Saragoça, Espanha, em <http://catedu.es/psicologiapositiva/descarga.htm> (Consulta: 13/07/2013).

Embora as identifique como elementos obrigatórios de estudo, o QEER “non deixa de mostrar lagoas teóricas que impiden unha posta en práctica eficaz” (González Rey, 2006: 123). Por exemplo, ao remeter o domínio das EI para o nível de maior proficiência (C), está de certa forma a impedir os aprendentes dos níveis A e B de aceder à dimensão idiomática da língua. Ora, a idiomática não se espartilha em níveis; ela faz parte da natureza da língua, nas suas mais diversas realizações: oral e escrita, formal e informal, jornalística e literária. Pugnamos por um contacto natural com as UF idiomáticas, para que o utilizador as apreenda como elementos intrínsecos da língua. Preferencialmente em contextos formais de aprendizagem e de imersão, o utilizador acederá, de formal gradual mas consistente, a níveis cada vez mais elevados de proficiência fraseológica.

Relativamente ao uso dos termos aquisição e aprendizagem, adotámos, num contexto mais restrito³⁵³, a distinção apontada pelo *Vademécum* (2004): aquisição para a LM e aprendizagem para a LNM, designando aprendizagem o processo pelo qual é obtida/adquirida uma capacidade linguística (não materna), resultante de uma atuação planeada, num ambiente de estudo formal-institucional (vd. QEER, 2001: 196).

Para avaliarmos a competência fraseológica em PLM e PLNM nas produções escritas de alunos, partimos de recursos e metodologias muito diferentes. No caso do PLNM, produzimos os materiais e aplicámo-los em contexto de sala de aula a 141 alunos, pertencentes a faixas etárias e escolares diferenciadas. Para o PLNM, servimo-nos de um *corpus* de textos escritos (*Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira*), coordenado por Isabel Leiria e disponibilizado *online* (<http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/314-corpora-of-ple>), e selecionámos um conjunto constituído por 142 produções de jovens-adultos de LM diferentes, aprendentes de PLE de Nível 1, Nível 2 e Nível 3, em 13 universidades.

Apesar das diferenças entre estas duas amostras, os resultados obtidos permitiram-nos chegar a conclusões com algumas semelhanças: (1) Em PLE, as UF ocorrem em todos os níveis (N1: 55,2%; N2: 200%; N3: 150%); em PLM, também (G1: 3,6 UF por Informante; G2: 5,2 UF por Inf.; G3: 4,6 UF por Inf.); (2) Em PLE, o número de desvios nas UF diminui à medida que aumenta o nível de escolaridade (N1: 22,5%; N2: 7,5%; N3: 2,5%); em PLM os dados disponíveis apontam para uma ligeira diferença, já que o número de desvios aumenta na passagem do 2.º para o 3.º ciclo e é nulo no secundário³⁵⁴; (3) Conjugando os dois aspetos anteriores, conclui-se

³⁵³ Num contexto mais abrangente, alargamos o termo “aquisição” à L2, ficando o termo “aprendizagem” associado à situação de LE.

³⁵⁴ Vd. “**Quadro 28** – Competência fraseológica em PLM: Atividade 1 – Desvios acentuados”, neste nosso trabalho.

que a quantidade e qualidade no uso de EI é superior nas produções dos informantes dos Níveis 2 (B) e 3 (C), no caso do PLE, e dos Grupos 2 (3.º ciclo) e 3 (secundário), no caso do PLM.

Quanto às diferenças, verificamos que em PLM, o baixo nível de proficiência fraseológica verificado no G1 deve-se essencialmente à idade (10-12 anos) e ao nível de escolaridade (2.º ciclo). No PLNM a questão da idade não se coloca da mesma forma, porque os informantes situam-se numa faixa etária bem mais avançada (jovem-adulta). Todavia, os resultados foram também diferenciados entre os aprendentes de PLE. Neste caso, será o nível em que se encontra o aluno, associado à sua LM e ao conhecimento que tem de outras línguas, a justificar as diferenças. Seja como for, esses resultados mostram-nos que o jovem-adulto, quando começa a aprender português como LE, já tem competências fraseológicas avançadas, pelo menos em LM. Por isso, logo que se apropria das estruturas básicas da língua portuguesa, procura, natural e instintivamente, tirar partido das competências que possui, da sua LM e de outras que domine, para as aplicar ao português, procurando superar os constrangimentos com que geralmente se depara: (i) não se encontrar no chamado período sensível em que as potencialidades do sistema são muito plásticas; (ii) aprender uma língua num contexto sociocultural em que o português não é nem LM nem língua oficial.

Razão tem Mel'čuk (2003: 4) ao afirmar que “un natif parle en phrasèmes” e que “ce sont la fréquence et la qualité de leur usage [dos frasemas] qui déterminent la différence entre un locuteur natif et un étranger qui a bien appris la langue”. Os nossos dados mostram-nos também que em contextos de PLM a competência fraseológica não é um dado adquirido: apresenta estádios de desenvolvimento deficitários, sendo portanto necessário complementar atempadamente a aquisição natural de UF com um ensino promotor de competências comunicativo-fraseológicas. Quanto aos aprendentes de PLNM, uma vez que “l'art d'employer les expressions fixées avec aisance et à bon escient en langue étrangère” não está ao alcance de qualquer um, é indispensável “un entraînement progressif et continu qui exige une mise en place précoce dans le processus d'enseignement pour l'acquisition d'une compétence active chez l'apprenant” (González Rey, 2008: contracapa)

CAPÍTULO 6

ANÁLISE E PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS: COMPETÊNCIA LINGUÍSTICO-FRASEOLÓGICA EM PORTUGUÊS (LM E LNM)

“O ensino de línguas como profissão é uma ‘parceria para a aprendizagem’, constituída por muitos especialistas [...]. Os professores são geralmente obrigados a respeitar as linhas de orientação oficiais, a utilizar livros de textos e materiais pedagógicos (que poderão estar ou não em posição de analisar, avaliar, seleccionar ou complementar) [...]. Têm de tomar decisões, em cada instante, acerca das actividades da sala de aula, que podem ter esquematizado previamente, mas que têm de adaptar com flexibilidade em função das reacções dos alunos/estudantes [...]. Os aprendentes são, evidentemente, em última análise, as pessoas interessadas na aquisição de línguas e nos processos de aprendizagem. São eles que têm que desenvolver as competências e as estratégias (caso o não tenham feito já) e realizar tarefas, actividades e processos necessários à participação eficaz nos acontecimentos comunicativos [...]. Todavia, logo que acabe o ensino, a aprendizagem que se segue tem que ser autónoma.” (QEER, 2001: 197-199).

Perante a questão “O que pode fazer cada tipo de utilizador do QEER para facilitar a aprendizagem da língua?” (QEER, 2001: 197), o próprio QEER responde, descrevendo o papel desempenhado por cada uma das partes envolvidas. Começa por referir (1) os “responsáveis pelos exames e classificações” que “terão que decidir quais os parâmetros de aprendizagem relevantes para as qualificações pretendidas e quais os níveis que serão exigidos”, (2) “as autoridades educativas” que, dando orientações curriculares e definindo programas, “podem concentrar-se na especificação de objectivos de aprendizagem” e (3) “os autores de manuais e os organizadores de cursos”, “obrigados a tomar decisões concretas e pormenorizadas acerca da selecção e progressão dos textos, acerca das actividades, do vocabulário e da gramática, a serem apresentados ao aprendente” (QEER, 2001: 197-199). Depois, destaca (4) os professores e (5) os aprendentes, cujos papéis se encontram sumariamente caracterizados na citação que abre este sexto capítulo do nosso trabalho.

Com estas palavras introdutórias pretendemos, acima de tudo, reforçar duas ideias: (1) uma parceria entre os principais responsáveis educativos facilita o ensino e a aprendizagem de uma língua; (2) esta parceria, salvaguardadas as diferenças de papéis dos agentes envolvidos,

passa pela planificação, produção, utilização e avaliação de recursos educativos, sejam eles programas, manuais ou materiais pedagógicos diversos³⁵⁵.

Ao olharmos para alguns trabalhos e projetos desenvolvidos no âmbito do ensino e aprendizagem das línguas, verificamos que, mesmo no domínio teórico, os seus mentores assumiram explicitamente o propósito de contribuir para a produção de materiais didáticos. Eis alguns exemplos:

1. “Este trabalho tem como objetivos centrais (1) avaliar que vocabulário usa e que conhecimento manifesta sobre ele, em material escrito, um grupo de aprendentes de português língua não materna, [...] (3) sugerir aplicações dos resultados do estudo ao ensino e à **produção de materiais**” (Leiria, 2006: 13-14. Sublinhado nosso);
2. “O projecto teve como principal objectivo recolher produções de aprendentes de português língua estrangeira com vista à criação de uma base de dados que possa apoiar a investigação na área da língua portuguesa e, de modo particular, a formação de professores e a **produção de materiais didáticos de português** enquanto LE.” (“Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”. Coordenação de Isabel Leiria. Disponível em <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/314-corpora-of-ple>. Consulta efetuada em junho, 2013. Sublinhado nosso).

Outros autores passaram das palavras aos atos e apresentaram-nos um conjunto de materiais, elaborados a partir da análise de produções orais e escritas de alunos de diversas línguas maternas. É o caso de *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*, um projeto desenvolvido no ILTEC-Instituto de Linguística Teórica e Computacional, entre 2003 e 2007. A investigação desenvolvida no âmbito deste projeto seguiu três passos fundamentais: (1) identificação de “áreas problemáticas no uso do Português”, com base nas produções de alunos de PLNM, (2) utilização de “instrumentos de análise adequados para interpretar os dados recolhidos” e (3) desenvolvimento de “um conjunto de materiais didáticos para a resolução dos problemas detectados” (Mateus *et al.*, 2008: 331)³⁵⁶.

³⁵⁵ A propósito da envolvimento de agentes diversos no processo de integração e ensino-aprendizagem de uma língua não materna, ver, por exemplo, Mateus *et al.*, 2008: 329-330.

³⁵⁶ Estes materiais encontram-se no CD2 de divulgação dos conteúdos do livro, disponível em http://www.iltec.pt/divling/cd_2006.html (Consulta efetuada em novembro de 2014).

Mas não se pense que a produção de materiais para o ensino e aprendizagem de uma língua é preocupação recente. Como já tivemos a possibilidade de referir³⁵⁷, no longínquo ano de 1909 Bally não se limitou a escrever um tratado teórico bem arquitetado sobre a natureza estilística das UF, onde se incluem as EI. A sua preocupação com o ensino-aprendizagem, destas e de outras unidades linguísticas, levou-o a publicar um volume de exercícios - o 2.º volume do *Traité de Stylistique Française*. Diz ele:

“Ces exercices ont été composés avant tout pour appuyer d'exemples aussi nombreux que possible les tendances linguistiques et les procédés de méthodes exposés dans le *Traité de stylistique française*; les questions à résoudre dans chaque exercice suivent pas à pas les explications de la partie théorique et ont pour objet d'éclairer par des faits les points essentiels exposés dans le *Traité*” (Bally, 1983 [1909], vol. II: v).

E da teoria passa à prática. Neste 2.º volume, Bally oferece-nos largas dezenas de exercícios, devidamente contextualizados e com remissões muito precisas para o volume I, onde se encontra a base teórica que auxiliará na resolução das tarefas solicitadas. Existem exercícios tipologicamente muito diversos: *Séries d'intensité* (pp. 43-47), *Archaïsmes de sens* (pp. 62-66), *Substantif sans article* (pp. 66-68), *Pléonasme* (pp. 70-71), *Synonymie et phraséologie* (pp. 117-118), *Phraséologie familière* (pp. 204-205), *Exagération* (pp. 210-211), *Atténuation et euphémisme* (pp. 212 e segs.) e muitos outros. Na nossa opinião, estes exercícios testemunham, na forma e no conteúdo, a modernidade de Bally e continuam a ser fonte de inspiração para a investigação fraseológica das últimas décadas (veja-se, por exemplo, Jorge & Jorge, 1997).

Invocando novamente a investigação fraseológica mais recente, conseguimos identificar vários contributos para o enriquecimento da produção de materiais didáticos. Ao longo dos nossos capítulos “Fraseologia Geral” (cap. 2) e “Fraseologia Portuguesa” (cap. 3), fomos apontando exemplos em várias línguas. Neste momento, interessa-nos selecionar um caso para o espanhol e dois para o português.

Na sequência da sua tese de doutoramento - *La enseñanza aprendizaje de las colocaciones en el desarrollo de la competencia léxica en el español como lengua extranjera* (2004) –, Higuera García publicou *Las colocaciones y su enseñanza en la clase de ELE* (2006),

³⁵⁷ Vd., neste nosso trabalho, “2.2.1. Bally (1909): Fraseologia e Estilística”.

um pequeno livro todo ele dedicado às colocações, mas com aplicabilidade a outras UF e, no nosso entender, a outras línguas como o português. Depois de algumas considerações sobre a colocação (capítulos 1 e 2), a autora propõe 80 atividades (pp. 37-80), seguidas de 6 *Actividades de reflexión* (pp. 81-88). Para cada uma das 80 atividades, Marta Higuera García indica o *Objetivo*, o *Nivel* e a *Descripción*. Com este trabalho, a autora pretendeu

“poner de manifiesto que son innumerables las técnicas que se pueden emplear para enseñar colocaciones y que lo importante es que el profesor se concencie de su importancia y sepa resaltarlas en el *input* para que el alumno las perciba como lo que son, un tipo de unidad léxica de gran rentabilidad comunicativa, cuyo conocimiento le acercará más a las producciones del nativo” (Higuera García, 2006: 80).

No âmbito da produção portuguesa, faz sentido referir uma publicação de Guilhermina e Suzete Jorge (1997) - *Dar à Língua. Da comunicação às expressões idiomáticas* – que, pela diversidade de atividades que apresenta, faz lembrar de certa forma o livro de exercícios de Bally, anteriormente comentado. Neste momento, é também pertinente lembrar os trabalhos da linha de investigação fraseológica da Universidade do Porto³⁵⁸, orientados por Olívia Figueiredo. Referimo-nos concretamente a Duarte, 2006 (no âmbito do PLM, apresenta 8 “Fichas de Trabalho”, pp. 102-114, tendo em vista o ensino da gramática através das EI); Polónia, 2009 (no domínio do PLNM, propõe atividades diversas como fichas de trabalho, textos publicitários e *cartoons*); Gama, 2009 (no âmbito do PLNM, disponibiliza alguns materiais que incluem crónicas, *cartoons* e exercícios); e Silva, 2010 (também no domínio do PLNM, apresenta, no capítulo III, um conjunto de *Propostas de superação*, constituídas por 7 exercícios, todos eles sobre EI, acompanhados pelos respetivos objetivos). Apesar de concebidos para contextos de trabalho específicos (PLM, no caso de Duarte, 2006; PLNM, nos outros casos), estes materiais têm a vantagem de poderem ser adaptados às duas situações de ensino-aprendizagem: PLM e PLNM.

³⁵⁸ Vd. “3.4.7. Os Estudos Fraseológicos na Universidade do Porto”, no capítulo 3, “Fraseologia Geral”, deste nosso trabalho.

6.1. Análise de Materiais Didáticos

6.1.1. Dicionários

“Parece importante assinalar que “o problema das combinatórias a incluir num dicionário é dos mais difíceis problemas da lexicografia tradicional, precisamente porque a intuição dos falantes não é suficiente para determinar o grau de fixidez das combinatórias nem a extensão, a estabilidade e a vitalidade do seu uso. Daqui resulta que os dicionários portugueses existentes apresentam graves deficiências neste domínio, não tratando as combinatórias de forma sistemática e uniforme, dada a ausência de critérios e classificações rigorosas e, dada também, naturalmente, a ausência do recurso a *corpora*” (Nascimento & Pereira, 1995: 44).

Iniciamos a análise dos materiais didáticos com os dicionários porque, de uma forma geral, são eles a porta de entrada numa LE. Quando nos deparamos com uma palavra ou expressão cujo significado desconhecemos, quando não conhecemos ou não nos lembramos da palavra correspondente a um determinado conceito, quando estamos de visita a um país onde se fala uma língua que não dominamos, etc., o dicionário é quase sempre o nosso primeiro recurso. Estamos em crer que os dicionários são ainda uma das ferramentas mais usuais no ensino-aprendizagem das línguas. O caso do PLM e PLNM não fugirá à regra. Por isso, é importante que, muito pragmaticamente, o utilizador saiba que dicionários existem à sua disposição e quais são os que melhor respondem às suas necessidades. Ao trazermos para aqui esta problemática, pretendemos juntar, às apreciações fundamentadas de alguns investigadores, dados nossos que possam contribuir para uma utilização mais criteriosa dos dicionários, sobretudo no domínio do ensino-aprendizagem de EL.

Tendo em vista este objetivo, servir-nos-emos de um artigo de Iriarte Sanromán intitulado “Dicionários Codificadores” (2004)³⁹⁹. O autor partiu de um conjunto de questões que ilustram, de algum modo, as dúvidas do utilizador: “Qual é o melhor dicionário de português?”, “Que dicionário posso utilizar para aprender português?” e “Que dicionário me pode ajudar a escrever em português?”. Numa segunda fase, o autor analisa alguns dos maiores dicionários de língua

³⁹⁹ Artigo incluído no volume 1 (pp. 81-98) de *Largo mundo alumiado. Estudos em homenagem a Vítor Aguiar e Silva*, Braga, UM-Centro de Estudos Humanísticos, 2 vols., 2004.

portuguesa³⁶⁰. Sabendo que é “questionável” a forma de medir os dados e a sua própria quantificação, Iriarte Sanromán (2004: 84) apresenta, em forma de gráfico, números comparativos referentes a (1) “subentradas [expressões pluriverbais formadas pelo lema mais outra(s) palavra(s)]”; (2) “acepções”; (3) “Transcrição(-ões) fonética(s) ou figurada(s)”; (4) “Exemplos e abonações”; (5) “Etiquetagem gramatical (informações, restrições ou explicações ortográficas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais, etc.)”; (6) “Etiquetagem enciclopédico-cognitiva (áreas de conhecimento, etc.)”; e (7) “Etiquetagem pragmático-retórica (restrições e informações pragmáticas, retóricas e/ou contextuais)”. Depois de somados os resultados dos 7 aspetos atrás referidos, fica-se a conhecer “os melhores dicionários do teste”: por ordem decrescente, *Academia* – 83,54%; *Houaiss* – 76,9%; *Caldas Aulete* – 70,56%; *Aurélio* – 48,57%; *Michaëlis* – 43,26%; *Machado* – 42,24%; *Morais S.* – 29,85%; *Lello* – 19,01%; *Cândido* – 15,35%; *Porto Editora* – 13,37%; *Universal* – 12,93%.

Mas porque é a qualidade fraseológica dos dicionários que está na nossa mira, interessa-nos destacar as últimas palavras de Iriarte Sanromán:

“Talvez seja importante um comentário final relativo aos resultados obtidos pelo *Caldas Aulete*, que poderão surpreender algumas pessoas. Este dicionário continua a ser um dos melhores dicionários portugueses no que se refere à combinatória lexical, fraseologia, exemplos e abonações” (Iriarte Sanromán, 2004: 95-96).

Com estas palavras, o autor dá razão a Rodrigues Lapa que, na sua *Estilística da Língua Portuguesa* (1945), havia louvado a riqueza fraseológica da obra de Caldas Aulete:

³⁶⁰ A saber:

AULETE, F. J. Caldas (1987): *Dicionário da Língua Portuguesa Caldas Aulete*.

CASTELEIRO, J. Malaca (coord.) (2001): *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*.

FERREIRA, A. Buarque de Holanda (1999): *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa*.

HOUAISS, A. (coord.) (2001): *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

MACHADO, J. P. (1981): *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*.

WEISZFLOG, W. (1998): *Moderno dicionário da Língua Portuguesa*.

SILVA, A. de Moraes (1980): *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*.

.... (1996): *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Sistema J. [designado por Lello]

ALMEIDA, Costa J. e A. SAMPAIO E MELO (1994): *Dicionário da Língua Portuguesa* [designado por Porto Editora].

.... (1995): *Dicionário Universal da Língua Portuguesa* [designado por Universal].

“É precisamente neste capítulo da fraseologia, muito importante, que os dicionários correntes deixam mais a desejar. O mais celebrado de entre eles e o mais moderno dos grandes dicionários, o de Cândido Figueiredo, é muito pobre em grupos fraseológicos, o que constitui grave defeito, porque é nessas locuções que se imprime o chamado génio da língua. Como repositório de fraseologia, [...] nada há que possa substituir entre nós o «Dicionário Contemporâneo» de Caldas Aulete.” (Lapa, 1945: 87-88)³⁶¹.

Tendo em conta um determinado número de indicadores (entre eles o fraseológico), Iriarte Sanromán (2004) fez, como vimos, uma avaliação dos dicionários (generalistas) de língua portuguesa. E esta avaliação é, no nosso entender, muito meritória, sobretudo na perspetiva de um investigador ou aprendente de PLM/PLNM que, conhecedor da análise realizada pelos especialistas, poderá fazer uma escolha mais criteriosa dos dicionários e ver, assim, os seus objetivos concretizados.

Todavia, se os objetivos se tornarem mais exigentes no domínio da fraseologia, então poderá ser necessário recorrer a dicionários (e afins) especializados, sejam eles monolíngues ou bilingues. Neste sentido, apresentamos, de seguida, uma lista de alguns dicionários, acrescentando, em certos casos, apreciações nossas resultantes da consulta das obras em apreço:

(1) NEVES, Orlando (1991), *Dicionário de Frases Feitas*, Porto, Lello & Irmão-Editores.

(2) NEVES, Orlando (1999), *Dicionário de Expressões Correntes*, Editorial Notícias.

Observações: Este dicionário difere um pouco do anterior (de 1991) uma vez que a introdução ‘Breves Palavras’ é mais alongada e contém um maior número de entradas.

(3) NEVES, Orlando (2000), *Dicionário da Origem de Expressões Correntes*, Círculo de Leitores.

Observações: Tem muitíssimas frases (*Abre-te Sésamo!...*) e expressões (*abandar o capacete, à boca cheia...*). Geralmente, apresenta-se só o significado, mas às vezes dão-se explicações detalhadas, remetendo para a sua génese (*sem rei nem roque*, por exemplo).

³⁶¹ Vale a pena reproduzir as palavras que se seguem: “[...] Compreende-se, até certo ponto, a razão por que os dicionaristas evitam os grupos fraseológicos: é devido à extrema dificuldade da sua arrumação e até da sua determinação. ¿Em que rubrica, por exemplo, se deve meter a locução *vir a talho de foice*? Em teoria, poderíamos pô-la em qualquer das três – *vir, talho, foice*, pois o sentido por tôdas se espalha, atingindo até as pequeninas preposições [...]. É portanto nos dicionários analógicos onde os grupos encontram melhor guarida. Ai não se olha à forma mas sim ao sentido” (Lapa, 1945: 87-88).

- (4) NOGUEIRA SANTOS, A. (1990), *Novos Dicionários de expressões idiomáticas*, Edições João Sá da Costa.

Observações: Este trabalho é, na opinião de Lindley Cintra, autor do 'Prefácio', "uma riquíssima, variadíssima, colecção de expressões portuguesas de diversos tipos, mas na maioria «idiomáticas» no sentido restrito". Nas últimas páginas, apresenta-se um 'Índice Remissivo Português-Ingês'.

- (5) PÓVOA, Alice *et al.* (2005), *As Faces Secretas das Palavras. A origem das expressões e dos vocábulos*, Edições Asa.

Observações: Apresenta alfabeticamente palavras (*saudade...*) e expressões (*amigo-da-onça; Aqui há gato, em gato; estar na berlinda; arco-da-velha, em arco-íris...*), fazendo uma abordagem etimológica.

- (6) PRAÇA, Afonso (2001), *Novo Dicionário de Calão*, Notícias Editorial³⁶².

Observações: Refere palavras e expressões que nós não incluiríamos no *calão* (*ficar feito num oito*, por exemplo). Às vezes, além do significado, apresenta explicações alongadas.

- (7) SANTOS, Carlos Pinto e NEVES, Orlando (1997), *Dicionário Obsceno da Língua Portuguesa*, Lisboa, Bicho da Noite.

Observações: Contém palavras, expressões (*dor de corno, ter tomates...*) e frases.

- (8) SANTOS, Maria Alice Moreira dos *et al.* (2009 [2000]), *Dicionário de provérbios, adágios, ditados, máximas, aforismos e frases feitas*, Porto Editora.

Observações: Os provérbios, adágios... encontram-se organizados de acordo com uma categorização que contempla aspetos como *afectividade, alimentação, animal...*

- (9) SCHEMANN, Hans e SCHEMANN-DIAS (s.d.), *Dicionário Idiomático português-alemão. As expressões idiomáticas portuguesas, o seu uso no Brasil e os seus equivalentes alemães*, Braga, Livraria Cruz.

Observações: Na introdução, encontramos bastantes informações, quer sobre a organização do dicionário, quer sobre aspetos gerais de fraseologia, com especial relevância para as EI.

³⁶² Este *Novo Dicionário de Calão* de Afonso Praça encontra-se também publicado pelo Círculo de Leitores, mas parece menos completo do que o publicado pela Notícias Editorial. Registe-se uma terceira obra de Afonso Praça, publicada pela Casa das Letras, também de 2001, cujo título – *Novo Dicionário do Calão* – difere ligeiramente dos anteriores.

- (10) SCHEMANN, Hans e DIAS, Idalete (2005), *Dicionário Idiomático Português-Alemão = Idiomatik Portugiesisch-Deutsch*, Braga, UM-Centro de Estudos Portugueses.
- (11) SIMÕES, Guilherme Augusto (2000), *Dicionário Expressões populares portuguesas [...]*, Publicações Dom Quixote.

Observações: Apesar do título (*Expressões*), o dicionário apresenta como lemas muitas palavras.

A presença das UF nos dicionários é, como vimos, matéria vasta e complexa. Os dicionários de natureza fraseológica são, à partida, o repositório privilegiado das combinatórias lexicais. Todavia, a observação do conjunto por nós selecionado revelou um tratamento pouco rigoroso de tais unidades linguísticas, confirmando as palavras de Nascimento e Pereira: “o problema das combinatórias a incluir num dicionário é dos mais difíceis problemas da lexicografia tradicional [...]. Daqui resulta que os dicionários portugueses existentes apresentam graves deficiências neste domínio” (Nascimento & Pereira, 1995: 44).

Surpreendentemente, é nos dicionários generalistas, como o da *Academia das Ciências de Lisboa* ('Introdução', pp. XVI, XXI e XXII), o *Houaiss da língua portuguesa* (na introdução, 'Subcampo das locuções e da Fraseologia') ou o *Dicionário de Espanhol-Português* da Porto Editora (no 'Guia de Utilização', páginas introdutórias), que às vezes encontramos as informações, sobre combinatórias lexicais, mais rigorosas e esclarecedoras para o utilizador.

Uma língua sem dicionário é possível; um dicionário sem UF também. Todavia, nestas condições língua e dicionário saem linguisticamente diminuídos. Uma vez que “Un natif parle en phrasèmes” (Mel'čuk, 2003: 4), é indispensável uma descrição sistemática de todos os frasemas, sobretudo nos dicionários, monolingues e bilingues. Terminemos com novas palavras de Igor Mel'čuk:

“A good dictionary of language **L** should include *all* the phrasemes of **L**, because the main substantive property of a phraseme is its non-compositionality: it cannot be constructed, for a given Conceptual Representation, from words or simpler phrases according to general rules of **L**, but has to be stored and used as a whole. A phraseme is a lexical unit; and, more crucially, it is the numerically predominant lexical unit: in any language – i.e. in its lexicon – phrasemes outnumber words roughly ten to one” (Mel'čuk, 2005 [1998]: 24).

6.1.2. Manuais: PLM e PLNM

“En algunos de los escasos manuales y material didáctico para aprender portugués-si se compara con otras lenguas- se incluyen algunas paremias. Así ocurre en *Português sem Fronteiras*, III (I.C Leite y O. M. Coimbra, 1995: 218-219); en *Lehrbuch der portugiesischen Sprache. Europäisches Portugiesisch* (Helmut Rostock, 1984: 388 veb Verlag Enzyklopädie Leipzig); en *Português Língua Viva* (Mendes Silva, 1987: 129-131). Se trata de los denominados *provérbios* y *Sprichwörter* que aparecen, por regla general, en las últimas lecciones del libro, sin contextualizar; y donde se pide al alumno que complete la palabra que falta y poco más” (Postigo Aldeamil, 1999: 417).

Estas são apreciações de María Josefa Postigo Aldeamil, da *Universidad Complutense de Madrid*, datadas de 1999. Uns anos depois, o panorama relativo aos manuais de PLNM parece não se ter alterado significativamente: “Ao contrário do que seria de esperar, não existem no mercado manuais actualizados para o ensino elementar do português para estrangeiros. Trata-se de uma área que continua [a] ser encarada de forma muito "despreocupada" pelas escolas e o Ministério da Educação”³⁶³. Nas páginas seguintes, em 6.1.2.2. deste nosso trabalho, teremos a oportunidade de verificar a atualidade destas afirmações, a partir da observação de alguns manuais de PLNM.

Mas o que acontecerá com os de PLM, quanto ao tratamento das UF (colocações, locuções idiomáticas e enunciados fraseológicos)? Para podermos responder, procederemos à análise de um conjunto selecionado de manuais, um por cada ano de escolaridade. A seleção teve em conta três critérios: atualidade, facilidade de acesso aos referidos manuais e, dentro dos possíveis, índices elevados de adoção por parte das escolas. Uma vez que o *Programa de Português do Ensino Básico* (2009) (ou, simplesmente, *Programa*) e as *Metas Curriculares de Português - Ensino Básico* (2012) (ou, de forma abreviada, *Metas*) são alguns dos principais documentos orientadores da elaboração dos manuais, associaremos aos dados recolhidos na análise os conteúdos, objetivos, domínios de referência e descritores de desempenho, caso existam no âmbito das UF³⁶⁴.

³⁶³ *Ensino do português a estrangeiros – Imigrantes Somos Todos*, disponível em <http://imigrantes.no.sapo.pt/IndexCursos01.html>, consultado em julho, 2013.

³⁶⁴ Quer o *Programa* quer as *Metas* encontram-se disponíveis em <http://www.dgdc.min-edu.pt/ensinobasico/> (Consulta: julho/2013).

6.1.2.1. As UF nos Manuais de PELM

| Ano de Escolaridade | Obra | Texto / Conteúdo (UF) | Informações / Atividades |
|---------------------|--|-----------------------|--------------------------|
| 1.º | <i>Bambi 1</i> Ana Pinto <i>et al.</i> Porto Editora 1999 | Nada a registar | Nada a registar. |
| 2.º | <i>A Aventura das Letras</i> Conceição Dinis <i>et al.</i> Porto Editora 2000 | Nada a registar | Nada a registar. |
| 3.º | <i>Amiguinhos</i> Alberta Rocha <i>et al.</i> Texto Editores 2008 | Nada a registar | Nada a registar. |
| 4.º | <i>Amiguinhos</i> Alberta Rocha <i>et al.</i> Texto Editores 2010 | Nada a registar | Nada a registar. |

Quadro 43 - As UF nos Manuais de PELM: 1.º Ciclo

| Ano de Escolaridade | Obra | Texto / Conteúdo (UF) | Informações / Atividades |
|---------------------|--|--|--|
| 5.º | Diálogos, Fernanda Costa e Luísa Mendonça Porto Editora, 2011 | Texto narrativo: Provérbio e EI | <p>Escrita: Redação de fábula a partir de provérbio (p. 88).</p> <p>Leitura: Expressão idiomática (<i>Debalde e de balde</i>, José de Lemos) (p. 94).</p> <p>Leitura: “Indica o significado das expressões idiomáticas <i>dizia com os seus botões</i> [linhas 15-16] e <i>perder a cabeça</i> [linhas 27-28]” (p. 95).</p> <p>Informação (“Fixa”): “A expressão “perder a cabeça” é uma expressão idiomática. Trata-se de um conjunto de palavras que funcionam como uma unidade, isto é, uma expressão que não pode ser interpretada palavra a palavra. Outros exemplos de expressões idiomáticas: <i>deitar pérolas a porcos</i>, <i>chover a cântaros</i>, <i>de pernas para o ar</i>, <i>deitar contas à vida</i>” (p. 95).</p> <p>Leitura: “A expressão “estar de pernas para o ar” pode significar “fazer o pino” ou “encontrar-se desorganizado, em confusão”. Repara como ela se pode aplicar nos dois sentidos a esta narrativa [“Sapatos trocados”, José Fanha]” (p. 96).</p> <p>Leitura: [texto: <i>Nove vezes nove? Oitenta e um, sete macacos e tu és um!</i> António Torrado, p. 98] “O narrador brinca com algumas expressões nas quais surge a palavra macaco [...]. Conheces outras expressões [idiomáticas] em que entre a palavra macaco? Quais?” [Proposta de resposta do Manual: “Macacos me mordam!”, “tirar macacos do nariz”, “ser um macaco de imitação”, mandar alguém “pentear macacos”...] (p. 100).</p> <p>Autoavaliação: “Indica uma expressão idiomática presente nesta frase: <i>O professor disse à Rosa que ela estava sempre na lua e assim nada aprendia</i>” [Proposta de resposta: “Estar na lua – estar distraído” (p. 112).</p> |
| | | Texto não literário – Publicidade [texto argumentativo]: EI | <p>Leitura: “Anúncio 1: Qual destas expressões idiomáticas [ver pág. 95] pretende a imagem ilustrar? “Estar feito num oito”; “Ter a barriga a dar horas”; “Sentir o estômago às voltas”; ou “Dar um nó cego?”</p> |
| 6.º | Diálogos, Fernanda Costa e Luísa Mendonça Porto Editora, 2012 | Texto narrativo: EI | <p>Leitura: [texto: “O milagre de um rouxinol apaixonado”, Alves Redol, pp. 88-89] “O rouxinol é conhecido pelo seu maravilhoso canto. Daí que, quando alguém canta muito bem, se diga que “canta como um rouxinol”.”</p> <p>Leitura: [texto: “O milagre de um rouxinol apaixonado”, Alves Redol, pp. 88-89] “Apaixonado, o professor de Música <u>levava a palma a todos</u>”. Indica o significado da expressão idiomática sublinhada: a. aplaudia todos; b. ganhava a todos; c. oferecia uma folha de palmeira a todos” (p. 90).</p> <p>Informação (“Recorda”): “Uma expressão idiomática é um conjunto de palavras que funcionam como uma unidade, não podendo, pois, ser interpretada palavra a palavra. Exemplos: acertar em cheio; ter dor de cotovelo; não chegar aos calcanhares de alguém; comprar gato por lebre; armar-se em carapau de corrida; dar o dito por não dito” (p. 91).</p> <p>Guia do Professor: “Neste sítio do Centro Virtual Camões, encontra vários jogos, nomeadamente sobre expressões idiomáticas: http://cvc.instituto-camoes.pt/aprender-portugues/a-brincar/jogos-lexicais.html (p. 91).</p> <p>Autoavaliação: “Explica o que é uma expressão idiomática e dá um exemplo” (p. 104).</p> <p>Gramática: [texto: “Na toca do coelho”, Lewis Carroll, pp. 111-112] ““Alice afundou-se num poço escavado na <u>terra</u>”. A palavra <i>terra</i> surge em muitas expressões idiomáticas. Indica o significado das seguintes: <i>uma pessoa terra a terra</i>; <i>deitar terra aos olhos</i>; <i>ficar em terra</i>; <i>lançar por terra</i>” (p. 113).</p> |

Quadro 44 - As UF nos Manuais de PELM: 2.º Ciclo

| Ano de Escolaridade | Obra | Texto / Conteúdo (UF) | Informações / Atividades |
|---------------------|--|-----------------------------------|---|
| 7.ª | (Para)Textos, Ana Paiva et al. Porto Editora, 2013 | Texto narrativo: Provérbio e EI | <p>Outros Textos: [texto: “A Verdade e a Parábola”, em <i>Jornal Conversa Pessoal</i>, p. 76] “Dos seguintes provérbios judaicos, transcreve, para o teu caderno, aquele que melhor sintetiza o texto que acabaste de ler, justificando a tua escolha: a. Quem quiser mentir que evoque os testemunhos mais remotos; b. Tenta ser suave como a pétala da rosa e não duro como a casca de cedro; c. A verdade é eterna; a mentira dura o tempo de uma piscadela de olho.” (p. 76).</p> <p>Orientações de Leitura: [texto: “Um mistério egípcio”, Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, pp. 117-118] “Explica o sentido das expressões: a. “passaram de boca em boca” (l. 11); b. “com o coração aos saltos” (l. 21)” (p. 118).</p> <p>Outras Atividades/Leitura de Imagem: “Observa minuciosamente o quadro <i>Os Provérbios Flamengos</i> [Pieter Bruegel, 1559] e procura identificar os provérbios ou expressões idiomáticas nos locais que estão numerados” [Proposta de resposta: “1. Mundo às avessas; 2. Não se deve contar com o ovo quando ainda está dentro da galinha; 3. Dar com a cabeça na parede; 4. Tosquiar um porco; 5. Dar pérolas a porcos; 6. Não vale a pena chorar sobre o leite derramado” (p. 124).</p> |
| 8.ª | (Para)Textos, Ana Paiva et al. Porto Editora, 2014 | Texto narrativo: EI | <p>Gramática: [texto: “O nariz desaparecido”, Nikolai Gógol, pp.110-111] “2. Existem várias expressões idiomáticas que integram, com sentido figurado, a palavra “nariz”. 2.1. Associa essas expressões idiomáticas (coluna A) ao seu sentido (coluna B). Coluna A: 1. Bater com o nariz na porta; 2. Cair de nariz; 3. Chegar a mostarda ao nariz; 4. Deitar o nariz de fora; 5. Ficar com o nariz de palmo e meio [...]; 11. Torcer o nariz. / Coluna B: a. Cair de frente; b. Chegar à porta ou à janela para ver alguma coisa [...] k. ter carácter altivo e suscetível” (p.112).</p> <p>Guia do Professor: “Nota: Uma expressão idiomática é uma expressão constituída por mais do que uma palavra, cujo sentido não pode ser inferido a partir do significado literal das palavras que a constituem” (p. 112).</p> |
| | | Texto poético: EI/campo semântico | <p>Gramática: “1. Os poemas que leste [“Cantiga sua, partindo-se” de João Ruiz de Castel Branco e “Seus olhos” de Almeida Garrett, p. 200] apresentam um tema em comum – os olhos. / 1.1. Constrói o campo semântico desta palavra, inserindo-a em expressões que correspondam às definições apresentadas. / a. Ver muito bem / b. Ser guloso / c. Ser muito caro / d. Num instante / e. Tentar enganar / f. Não dormir. [Resposta: 1.1. Ter olhos de lince; b. Ter mais olhos que barriga; c. Custar os olhos da cara; d. Num piscar de olhos/num abrir e fechar de olhos/enquanto o diabo esfrega um olho; e. Atirar poeira para os olhos; f. Não pregar olho. [...]. N.B.: Vd. também pp. 209 e 237 (campo semântico de <i>papel e fio</i>, respetivamente).</p> |
| 9.ª | (Para)Textos, Ana Paiva et al. Porto Editora, 2013 | Crónica: EI | <p>Educação Literária/Leitura: [texto: “Invenção das mãos dadas”, Baptista-Bastos, pp. 33-34]. Uso de EI como ‘de mãos dadas’ e ‘outono da vida’ (p. 35).</p> |
| | | Texto narrativo: EI | <p>Educação Literária/Leitura: [texto: “O Fantasma de Canterville”, O. Wilde, pp.49-50] “No final do excerto, o Fantasma diz: “os Canterville têm sangue azul, mas vocês, americanos, nem ligam a estes pormenores” (ll. 56-57). O que significa a expressão idiomática “sangue azul”? a. ser nobre; b. ter um profundo desgosto; c. enfurecer-se; d. apanhar um grande susto” (p. 51).</p> <p>Educação Literária/Leitura: [texto: “A história de Listo Mercatore”, Gonçalo M. Tavares, pp. 58-59] “Regista [...] a opção que completa o sentido da frase abaixo. No diálogo com Listo Mercatore, a réplica de Diógenes é desferida “À letra” (l. 18) porque...: a. se trata de uma resposta pouco altiva; b. inverte os termos da provocação de Mercatore; c. é formulada em grego; d. tem a intenção de bajular” (p. 60).</p> <p>Educação Literária/Leitura: [texto: “A palavra mágica”, Vergílio Ferreira, pp. 95-99] “2. Atenta nas seguintes expressões retiradas do conto: a. “Nunca [...] tinha tido uma pega com ninguém” (l. 1); b. “derretê-lo [o dinheiro] em vinho” (l. 8); c. “Quem lhe encomendou o sermão?” (ll. 20-21) [...]; g. “ter mais tento na língua” (ll. 176-177). / 2.1. Explica o significado de cada uma delas. / 2.2. Completa a síntese [...] com as palavras indicadas: expressões idiomáticas; sentido; palavras / <i>As expressões acima são constituídas por um conjunto de___, cujo ___ não resulta da simples junção do significado das palavras que as constituem. Dá-se-lhes o nome de ___</i>” (p. 102).</p> |
| | | Texto dramático: Locuções latinas | <p>Outras Atividades/Escrita: [texto: “Procurador”, Gil Vicente, pp. 266-268] “1. O Corregedor recorre ao latim como forma de mostrar a sua erudição. No entanto, algumas locuções latinas também são usadas na linguagem informal. / 1.1. Associa a cada locução latina (coluna A) o respetivo significado (coluna B): Coluna A: 1. <i>ex aequo</i>; 2. <i>e. g. (exempli gratia)</i>; 3. <i>etc. (et caetera)</i>; 4. <i>grosso modo</i>; 5. <i>ipsis verbis</i>; 6. <i>per capita</i>; 7. <i>stricto sensu</i> / Coluna B: a. com igual direito; b. de modo aproximado [...]; g. por exemplo / 2. Continua o diálogo, em prosa ou em verso, entre o Corregedor e Brisida na barca do Diabo. Nas suas falas, o Corregedor deve usar cinco das locuções latinas apresentadas em 1.1.” (p. 269).</p> |

Quadro 45 - As UF nos Manuais de PELM: 3.º Ciclo

| Ano de Escolaridade | Obra | Texto / Conteúdo (UF) | Informações / Atividades |
|---------------------|---|---|---|
| 10.º | <i>Português</i> Alexandre Dias Pinto <i>et al.</i> Santillana / Constância, 2010 | Textos narrativo: Contos do séc. XX [Provérbio e EI] | Compreensão/Interpretação: [Texto: “Sangue da Avó Manchando a Alcatifa”, Mia Couto, pp. 263-265] “Linguagem: O estilo de Mia Couto é caracterizado pela grande criatividade revelada na utilização da linguagem, nomeadamente a nível da construção de novas palavras, mas não só. / Faça um levantamento das expressões do primeiro parágrafo que são deturpações de provérbios e de expressões idiomáticas do português, indicando a fórmula original. [1.º parágrafo: “Siga-se o improvérbio: dá-se o braço e logo querem a mão. Afinal, quem tudo perde, tudo quer. Contarei o episódio, evitando juntar o inútil ao desagradável. Veremos, no final sem contas, que o último a melhorar é aquele que ri”]. / Interprete o sentido de uma dessas expressões à luz da acção do conto” (p. 267). |
| 11.º | <i>Expressões</i> Pedro Silva <i>et al.</i> Porto Editora, 2011 | Textos dos <i>media</i> / Texto publicitário[Provérbio e EI] | Informação: “A linguagem argumentativa no discurso publicitário visa despertar sentidos [...]. Assim, verifica-se frequentemente o recurso a [...] modificação de provérbios e expressões idiomáticas; [...]” (p. 63) Leitura/Compreensão: “Indica as estratégias linguísticas utilizadas nos títulos de cada um dos anúncios [A e B] para cativar o consumidor”. [Proposta de resposta: “Anúncio B: Aproveitamento parcial do provérbio “Quem ri por último, ri melhor”, com vista a levar o consumidor a identificar-se com aqueles que, apesar de envolvidos numa situação desagradável, podem sentir-se satisfeitos com o seu desfecho” (p. 65). Oralidade: “Tal como no anúncio B, muitos anúncios publicitários recorrem à modificação de provérbios como forma de cativar o público e estabelecer com ele uma empatia pelo recurso a uma linguagem previamente conhecida. / Atenta nos <i>slogans</i> /títulos que se seguem e identifica os provérbios originais: a. <i>Quer petiscar sem arriscar?</i> (Anúncio publicitário do Montepio Geral); b. <i>O gás quando nasce é para todos</i> (Galp Energia); c. <i>Quem semeia girassol colhe rendimentos</i> (Campanha Girassol+); d. <i>Cá se fazem, cá se compram</i> (Campanha Compro o que é nosso). / Apresenta um produto que gostasses de publicitar e sugere a adaptação de dois provérbios que pudessem constituir o <i>slogan</i> e/ou título da sua campanha de divulgação” (p. 65). |
| 12.º | <i>Português+ 12</i> Idalina Ferreira <i>et al.</i> Areal Editores, 2012 | Texto Narrativo [Provérbio e EI] | Leitura/Compreensão: [Texto: “O mapa”, Gonçalo M. Tavares] “O senhor C. gostava de «pensar pela própria cabeça». Explica o significado desta expressão” (p. 17). Leitura/Compreensão: [Texto: “Memorial do Convento”, José Saramago] “Identifica o tipo de registo a que pertencem as expressões «língua de palmo» (l. 31) e «palmo a palmo» (l. 31), justificando o seu emprego” (p. 319) [Proposta de resposta: “Estas expressões pertencem ao registo popular. São usadas neste momento da narrativa, dado que o narrador está a referir-se aos mercadores, pessoas do povo, que usariam este registo” (p. 319). Aprofundar: “A escrita de José Saramago. Muitas vezes, a visão crítica dos acontecimentos narrados ou da realidade é expressa por meio de recursos linguísticos e estilísticos como, por exemplo, o uso de provérbios modificados (utilização do discurso que transmite a sabedoria do povo, mas com modificação do sentido) ou a escrita de frases sentenciosas. / Observa as frases seguintes: a) «Porém, a quaresma, como o sol, quando nasce, é para todos» (p. 27); b) «fazer o bem olhando a quem» (p. 225); c) «o pior pobre é aquele a quem o dinheiro não falta» (p. 285); d) «paga a dívida bem, não olhes a quem» (p. 289); e) «vede, vede como é para todos a chuva quando cai» (p. 308); f) «as mulheres não se medem aos palmos» (p. 327); g) “candeia que vai adiante alumia o meu caminho» (p. 348). / Escreve o provérbio que corresponde a cada uma das formas modificadas transcritas. / Contextualiza as frases transcritas de a) a g). Explicita o sentido novo que o provérbio modificado adquire no contexto em que é usado na obra” (p. 336). |

Quadro 46 - As UF nos Manuais de PELM: Nível Secundário

Concluída a nossa recolha dos manuais selecionados para a LM, eis algumas considerações:

(1) Nos manuais do 1.º Ciclo que observámos, não detetámos a presença de qualquer provérbio ou EI, apesar de o *Programa* (p. 33) apresentar, no 3.º e 4.º anos, o seguinte descritor de desempenho, no domínio da Expressão oral: “Reproduzir e recriar trava-línguas, lengalengas, adivinhas, provérbios, contos”;

(2) Nos manuais do 2.º Ciclo selecionados, os provérbios e as EI surgem explicitamente como conteúdo programático (vd. *Programa*, p. 96), domínio de referência, objetivo ou descritor de desempenho. Há, no entanto, uma diferença: no 5.º ano, as *Metas* determinam a identificação “do sentido de expressões ou fraseologias desconhecidas, incluindo provérbios” (p. 37); no 6.º ano, alargam às EI, através da identificação, “pelo contexto e pela estrutura interna”, do “sentido de palavras, expressões ou fraseologias desconhecidas, incluindo provérbios e expressões idiomáticas” (p. 44). Relativamente às tipologias textuais onde ocorrem provérbios e EI, só encontramos casos de textos narrativos (em maior número) e publicitários. Comparando as EI com os provérbios, na nossa recolha de dados predominam as EI. Por fim, em termos de tarefas solicitadas aos alunos, pede-se-lhes habitualmente para explicar o sentido de uma EI e dar exemplos de outras EI;

(3) Nos manuais do 3.º Ciclo que constituem a nossa amostra, ao contrário do que acontece no 2.º, as EI e os provérbios não são contemplados, explicitamente, nem no *Programa* nem nas *Metas*. No entanto, estas UF surgem naturalmente nos manuais, uma vez que os objetivos e descritores indicados como obrigatórios em determinados anos de escolaridade (no 2.º Ciclo, por exemplo) sempre que necessário devem continuar a ser mobilizados em anos subsequentes (vd. *Metas* – 3.º Ciclo). Quanto às tipologias textuais onde ocorrem as EI e os provérbios, encontramos casos de textos narrativos (em maior número), poéticos e dramáticos. Geralmente, as tarefas solicitadas ao aluno centram-se na identificação e explicação de EI (mais uma vez, a EI predomina sobre o provérbio);

(4) Relativamente à nossa seleção de manuais do Ensino Secundário, podemos afirmar que, tal como acontece no 3.º Ciclo, a EI e o provérbio não surgem explicitamente nos Programas. No entanto, eles são assumidos como recursos linguísticos e estilísticos de grande relevância no âmbito do texto publicitário e do texto narrativo, predominantemente nas suas formas modificadas. Em relação aos textos narrativos, os de Mia Couto e sobretudo os de José

Saramago (com o *Memorial do Convento* como texto obrigatório no 12.º Ano) são laboratórios privilegiados para a análise de EI e provérbios modificados. Ao aluno pede-se preferencialmente para identificar e devolver as EI e os provérbios à sua forma original, mas também para produzir texto, aproveitando as potencialidades das referidas UF.

6.1.2.2. As UF nos Manuais de PELNM

| Nível (QECR) | Obra | Texto / Conteúdo | Informações / Atividades / Observações |
|--------------|---|-----------------------------------|---|
| A1/A2 | <i>Aprender Português 1</i> Carla Oliveira et al. Texto Editores, 2007 | [fórmulas de rotina e colocações] | Vocabulário: [“Unidade 3 – Breves fórmulas sociais”] Despedidas: <i>até já, até logo, até à vista, até amanhã</i> (p. 35). [“Unidade 5 – Relações familiares e habitação”] Ações relacionadas com a casa/tarefas domésticas: <i>passar a ferro, pôr/levantar a mesa, fazer a cama</i> (p. 59). [“Unidade 6 – Compra e venda”] Ações relacionadas com o restaurante: <i>reservar mesa, fazer uma reserva, pedir a conta</i> (p. 77). |
| B1 | <i>Aprender Português 2</i> Carla Oliveira/Luís Coelho Texto Editores, 2007 | [colocações e EI] | Vocabulário: [“Unidade 1 – Falar de actividades do quotidiano no passado”]: <i>por volta de, dar uma volta</i> [dar um passeio], <i>capacidade intelectual...</i> (p. 21). [“Unidade 6 – Relatar factos”]: <i>espírito crítico, vida alheia, figura mediática, revista cor-de-rosa...</i> (p. 85). [“Unidade 8 – Actualidades”]: <i>desatar a (ladrar, correr), despertar a atenção, não ter mãos a medir...</i> (p. 107). [“Unidade 9 – Relações sociais – Vida privada e tempos livres”]: <i>ter saudades de, pôr a conversa em dia, fazer ponte, fazer tudo por tudo, família monoparental...</i> (p. 119). [“Unidade 12 – Argumentar / Negociar propostas”]: <i>ser confrontado com...</i> (p. 151). |
| B2 | <i>Aprender Português 3</i> Carla Oliveira e Luisa Coelho, Texto Editores, 2007 | [colocações, provérbios e EI] | Vocabulário [Unidade 1 - “Portugal! Portugal! Portugal!”]: <i>fronteira terrestre, esperança de vida, condições de vida...</i> (p. 27). Leitura/Compreensão [Unidade 2 - “Venha visitar Portugal!”]: “Explique o sentido das seguintes frases. a) «os portugueses estão prontos para ajudar»; b) «Os portugueses são amigos do seu amigo»; c) «Não é à toa que se diz»; d) “Quem meu filho beija, minha boca adoça»; e) «cairá nas boas graças dos portugueses»; f) «Amigo verdadeiro vale mais do que o dinheiro» (p. 29). Informação: “Dar por: aperceber-se, reparar”, “Dar com: encontrar”, “Dar em: tornar-se, transformar-se”, “Dar para: estar voltado/direccionado para”; Expressões coloquiais: “Não se dar por achado=ignorar”, “Dar em nada=não ter êxito”, “ <i>Dar de frosques=ir embora (calão)</i> ” (p. 39). Leitura/Compreensão: [Texto: “Portugueses”, Miguel Esteves Cardoso, p. 70] “De acordo com o texto, o que é um período <i>assim-assim</i> ?” (p. 71). Informação: [Presente do Conjuntivo] “Deus queira que”, “Tomara que”, “Quem me dera que” (p. 89). Oralidade – “A falar é que a gente se entende!”, “Comente este provérbio e o seu significado. Provérbio popular «Não dá quem tem, senão quem quer bem.» e «Fazer o bem, sem olhar a quem»” (pp. 104-105). Vocabulário: <i>correr bem/lindamente, pobreza envergonhada, moeda de troca, estar em fila de espera, estar apegada a, dar dicas, tomar conta de, apoio domiciliário, a troco de nada, jogar a favor de</i> (p. 107). Leit./Comp./Inf. [Unidade 8 – “Usos e costumes dos Portugueses”]: “No texto há várias expressões populares. Vamos ver o que elas significam: a) «A mulher quer-se pequenina como a sardinha». Muitos portugueses são grandes apreciadores não só de sardinha, como também de mulheres, de preferência de tamanho pequeno”; b) “O negócio «foi por água abaixo» ou «ficou em águas de bacalhau». Esta expressão quer dizer que o negócio não se concretizou, não aconteceu”; c) “«Fiel amigo». É um nome que se dava ao bacalhau, que estava sempre presente na mesa dos portugueses, em todas as ocasiões, como um amigo fiel”; d) “«Armar-se em carapau de corrida». É uma expressão que significa que alguém está a ser tolo, está a ter uma atitude não esperada”; e) “«Apertar o bacalhau». É uma forma popular que significa «apertar a mão», para cumprimentar” (p. 110). Oralidade: “«Deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer». Concorda com este ditado popular?” (p. 117). Leitura/Compreensão/Informação [Unidade 9 – “Jovens Portugueses”]: “Consulte um dicionário de Língua Portuguesa e explique o que significam as palavras e expressões: “sentir-se pendurada”, “pôr-se a milhas”, “ficar vacinada”, “ficar para tia” (p. 122). Vocabulário [Unidade 9 – “Jovens Portugueses”]: <i>geração rasca, entregar ao domicílio, produção em massa, fazer furor, dedicar-se por inteiro, atingir a meta, fazer noitadas...</i> (p. 133). Vocabulário [Unidade 10 – “Trabalhar em Portugal”]: <i>a tempo inteiro, a tempo parcial, Produto Interno Bruto, poluição sonora, estar à sombra da bananeira...</i> (p. 149). Leitura/Compreensão [Unidade 11 – “Turismo Ecológico em Portugal”]: “Consulte um dicionário de Língua Portuguesa e explique o significado de: “em detrimento de”, “de cortar a respiração...” (p. 151). Leitura/Compreensão [Unidade 12 – “Cidadãos do Mundo”]: “Diga o que significa: a) «não ter mãos a medir» (Texto E); b) «ir de vento em popa» (texto F)” (p. 171). |

Quadro 47 - As UF nos Manuais de PELNM: Níveis A1, A2, B1 e B2

Terminada a nossa recolha dos manuais de PLNLM, compete-nos agora tecer algumas considerações, tal como fizemos relativamente aos manuais de PLM:

(1) De acordo com o QEER (2001), o aprendente começa por contactar com fórmulas de rotina e combinações frequentes (colocações), associadas a contextos simples de interação social e familiar (apresentação: *Bom dia!*; despedida: *Até já!*; habitação: *pôr/levantar a mesa...*). Neste aspeto, o manual do nível A1/A2 que analisámos cumpre estas determinações;

(2) No nível B1, começa a surgir uma ou outra EI (*não ter mãos a medir*, por exemplo). No nível B2, a presença de EI e provérbios torna-se frequente. De uma forma geral, começa-se por se disponibilizar ao aprendente informação sobre o significado das EI e provérbios, para depois se lhe solicitar explicações de sentido, às vezes com o recurso a um dicionário. Recorde-se que, de acordo com o QEER, a competência idiomática só está prevista para os níveis C1-C2, pelo que se verifica nos manuais analisados uma antecipação desta competência;

(3) No conjunto dos manuais que observámos, conseguimos encontrar um que contemplasse o Nível C (*Vamos lá continuar!*, de Leonel Melo Rosa). Estando as competências idiomáticas previstas para os níveis C1-C2, seria de esperar que elas emergissem abundantemente. O manual que nos serviu de referência apresenta um conjunto muito significativo de exercícios, não só sobre EI mas também sobre provérbios. Contudo, o desafio dirigido ao aprendente esgota-se numa (quase) única receita: completar e explicar EI (e provérbios). Como aspetos mais positivos do manual analisado, relevamos (1) a quantidade e variedade de EI (*comparações idiomáticas, metáforas idiomáticas e expressões idiomáticas com partes do corpo*), (2) a sua inserção em frases geralmente esclarecedoras do sentido das EI e (3) o reconhecimento de que a aprendizagem das EI e dos provérbios se deve fazer com a orientação de um professor³⁶⁵.

³⁶⁵ Diz o autor Leonel M. Rosa: "As soluções dos exercícios deste capítulo encontram-se no fim do livro. No entanto, convém que a explicação do sentido seja corrigida por um professor" (vd. pp. 144 e 159). Muito recentemente, tomámos conhecimento da publicação, em 2013, do livro *Expressões Idiomáticas Ilustradas*, da autoria de Sofia Rente e com ilustrações de Luís Prina. Esta obra tem como público preferencial aprendentes de PLNLM dos níveis B1, B2, C1 e C2, segundo o QEER.

6.1.3. Rádio, Televisão e Internet

6.1.3.1. Rádio: *Lugares Comuns*³⁶⁶

“Por detrás de toda expressão popular existe uma história que lhe deu origem. São pérolas da língua portuguesa que o uso da própria língua se encarregou de remeter para a memória. Partindo de um breve comentário a um evento noticioso, e escolhendo uma expressão popular que a ele remeta, a ideia desta crónica será a de, com bonomia e humor, revelar ao leitor a etimologia/origem de uma expressão popular. De 2^a a 6^a feira – 08h58 e 20h58 com Mafalda Lopes da Costa” (*Lugares Comuns*. Disponível em <http://www.rtp.pt/play/p491/e121436/lugares-comuns>. Consultado em 29/07/2013).

Este programa de rádio foi transmitido pela primeira vez no dia 1 de janeiro de 1970. Cada “crónica” tem a duração de 1 minuto. Na internet, a mais antiga é de 30/09/1999 e analisa a expressão *apalpar o terreno*. A mais recente é de 09/01/2015 (data da nossa última consulta) e o objeto de análise é a expressão *levar uma rabecada*. No total, contabilizámos 760 crónicas, a que corresponderá igual número de expressões. Se prestarmos atenção ao conjunto das construções tratadas no programa, damos conta de que predominam as EI (*andar aos papéis*, 17/01/2012; *de mão beijada*, 13/02/2013; *passar de cavalo para burro*, 24/01/2012; etc.), mas há também enunciados fraseológicos (*Quem tem boca vai a Roma*, 07/03/2103; *Cheguei, vi e venci*, 20/06/2012; etc.), locuções latinas (*persona non grata*, 20/12/2011) e até vocábulos simples (*desembestar*, 30/05/2012).

No excerto textual de que nos servimos para apresentar o programa *Lugares Comuns*, o termo “expressão popular” designa as construções analisadas em cada uma das crónicas. No entanto, o adjetivo “popular” pode induzir em erro, se partirmos do princípio de que todas essas expressões pertencem ao chamado registo informal, uma dimensão da variação da língua caracterizada geralmente pela espontaneidade discursiva e por um vocabulário acessível³⁶⁷. Ora, construções como *meter no círculo de Popílio*, com o sentido de “encurrular alguém, obrigando-o a tomar uma decisão” (08/09/2014), *vulgar de Lineu*, ou seja, “algo trivial” (29/04/2014) e *discurso ditirâmico*, isto é, “exaltação excessiva” (20/02/2014) não serão, provavelmente, as

³⁶⁶ Disponível em <http://www.rtp.pt/play/p491/e121436/lugares-comuns>, consultado em 29/07/2013.

³⁶⁷ Vd. DT, disponível em <http://dt.dgicd.min-edu.pt/>, consultado em 02/12/2014.

mais habituais nos usos linguísticos da maioria dos falantes³⁶⁸. Por vezes, numa mesma crónica encontramos expressões sinónimas: uma de natureza predominantemente erudita e outra de cariz mais popular. É o caso de *levar corujas para Atenas*, de cariz predominantemente erudito, e *chover no molhado*, de uso mais frequentemente “popular” (vd. *levar corujas para Atenas*, 13/10/2014)³⁶⁹.

Relativamente à qualidade da informação fornecida em cada crónica, é difícil fazer uma avaliação rigorosa, uma vez que “revelar ao leitor a etimologia/origem de uma expressão popular”³⁷⁰, e do léxico em geral, mediante a reconstituição da sua história externa (fonética) e interna (semântica) através dos séculos, é uma tarefa difícil, e quase sempre inacabada (vd. Piel, 1989)³⁷¹. Uma vez ou outra invoca-se a autoridade de estudiosos como Orlando Neves (vd. *no tempo em que Marta fiava*, 21/10/2011), fontes diversas como a Bíblia (vd. *ser uma torre de Babel*, 29/10/2014) e programas televisivos como o *Ciberdúvidas* (vd. *ver Braga por um canudo*, 07/05/2013). Todavia, o objetivo de cada crónica é, “com bonomia e humor”, despertar no ouvinte o interesse pela etimologia das “expressões populares” (vd., supra, texto de apresentação de *Lugares Comuns*).

O rigor científico e o confronto das fontes não será, portanto, a preocupação maior do programa. Exemplifiquemos com a expressão *dizer cobras e lagartos* (24/03/2014). Apesar de, no programa *Lugares Comuns*, se dizer que, para esta expressão, há uma “autêntica panóplia de explicações quanto à origem”, a verdade é que nenhum dos mais importantes estudos publicados na *Revista Lusitana* é referido³⁷².

³⁶⁸ Numa consulta efetuada no motor de busca *Google*, em 29/11/2014, apurámos os seguintes resultados: “meter no círculo de Popílio”, 3 resultados; “vulgar de Lineu”, c. de 5 280 resultados; “discurso ditirâmico”, 33 resultados.

³⁶⁹ Resultados de uma pesquisa efetuada em 03/12/2014, no motor de busca *Google*: “levar corujas para Atenas”, c. de 375 resultados; “chover no molhado”, c. de 135 000 resultados.

³⁷⁰ Vd. *Lugares Comuns*. Disponível em <http://www.rtp.pt/play/p491/e121436/lugares-comuns>. Consultado em 29/07/2013.

³⁷¹ Sobre a etimologia, diz Piel: “Concebida em moldes modernos, a disciplina que se ocupa da origem das palavras, ou seja a etimologia, já não se contenta com identificar a forma actual de um vocábulo com a sua forma primitiva subjacente, mas esforça-se por reconstituir a sua história externa (fonética) e interna (semântica) através dos séculos. É verdade que este ideal se revela tanto mais difícil de alcançar quanto é certo que a origem de um número ainda demasiado avultado de elementos continua duvidosa ou mesmo totalmente enigmática” (Piel, “Origens e estruturação histórica do léxico português” (1976), *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*, Lisboa, IN-CM, 1989, pp. 9-16, disponível em http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/origens_lex_port.pdf, p. 1, consultado em 02/12/2014).

³⁷² Vd. *Dizer d’alguem cobras e lagartas*. RL VII, 1902 (Eugenio Pacheco, pp. 230-232; e Carolina Michaëlis de Vasconcellos, pp. 232-239); e RL XIV, 1911 (Brito Rebello, pp. 184-186; e Leite de Vasconcellos, pp. 187-195).

Depois do exposto, fica a certeza de que o programa “Lugares Comuns”, sendo uma crónica radiofónica com mais de 40 anos e centenas de histórias sobre expressões populares, merece um lugar na história da fraseologia portuguesa.

6.1.3.2. Televisão: *Cuidado com a Língua!*³⁷³

“*Cuidado com a Língua!* É um espaço didáctico e ao mesmo tempo informativo e lúdico, divertido e com algum humor q.b.. Com seis/sete temas por emissão (em módulos), mas com a flexibilidade de se tratar um só assunto [...]. Apresentado pelo actor Diogo Infante, [...] o programa combina cenas ficcionadas, com imagens de actualidade e outras (arquivo, filmes, etc.), o grafismo, a animação, os diagramas, o vídeo e efeitos sonoros apropriados, misturados com imagens de depoimentos de especialistas ou em inquéritos de rua [...]. *Cuidado com a Língua!* tem a autoria de José Mário Costa, responsável do sítio na Internet Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, com a participação da professora Maria Regina Rocha e do jornalista João Lopes Marques, que escreveu os guiões de cada um dos 13 programas, produzidos e realizados integralmente pela produtora “Até ao Fim do Mundo?” (*Cuidado com a Língua!*. Disponível em <http://www.rtp.pt/play/p43/cuidado-com-a-lingua>. Consulta efetuada em 29/07/2013).

O programa *Cuidado com a Língua!* teve a sua primeira emissão televisiva na RTP, no dia 15 de setembro de 2006. Da televisão saltou depois para os livros³⁷⁴ e para a internet. Aqui encontramos 51 episódios, entre 14/01/2013 (o mais recente) e 15/09/2006 (o mais antigo), com uma duração média de 10 minutos por episódio.

Embora o *Cuidado com a Língua!* não seja um programa sobre EI e provérbios, a verdade é que lhes é atribuído um papel de relevo entre as rubricas que o constituem³⁷⁵. Como exemplos de EI (no programa, designadas habitualmente por *frases feitas* ou *expressões populares*) temos, entre muitos outros, *andar nas nuvens/ cair das nuvens/ ir às nuvens/ tomar a nuvem por Juno* (04/07/2011), *espetar uma faca nas costas* (20/06/2011), *ter os nervos à flor da pele/ flor da idade* (13/06/2011), *marinheiro de água doce/ morder os calcanhares* (21/03/2011), *dar o braço a torcer* (24/09/2006) e *ficar a ver navio* (15/09/2006). Em alguns programas foi possível criar redes/campos lexicais de expressões e enunciados fraseológicos que muito têm a

³⁷³ Disponível em <http://www.rtp.pt/play/p43/cuidado-com-a-lingua> (Consulta: 29/07/2013).

³⁷⁴ *Cuidado Com a Língua!*, de Maria Regina Rocha e José Mário Costa, Oficina do Livro, 2008.

³⁷⁵ Entre as rubricas mais frequentes, contamos com “Curiosidades linguísticas”, “Pontapés na Gramática”, “Língua viva” e “Português maltratado”.

ver com o povo português, a sua cultura e a sua língua. É o caso das expressões e enunciados populares relativos ao peixe e à pesca: *armar-se em carapau de corrida*, *arrotar postas de pescada*, *pescadinha de rabo na boca*, *sangue na guelra*, *como peixe na água*, *filho de peixe sabe nadar*, *puxar a brasa à sua sardinha*, *peixe não puxa carroça*, *para quem é bacalhau basta e fiel amigo*, entre outras (vd. programa de 27/06/2011). No domínio específico dos provérbios, há também a preocupação de os apresentar de forma contextualizada, tendo em conta os campos lexicais em análise: veja-se os provérbios relacionados com as frutas (06/06/2011) e com determinadas profissões (14/01/2013).

Para se explicar a origem destas expressões e enunciados fraseológicos, remete-se, sempre que possível, para o étimo (geralmente latino ou grego) e para autores e textos como Luís de Camões e *Os Lusíadas* (vd., por exemplo, programa de 14/01/2013). Quando não existe ou não se conhece uma explicação científica para uma determinada expressão ou provérbio, recorre-se frequentemente ao saber popular e à lenda (vd., por exemplo, “ficar a ver navios”, 15/09/2006).

Outro ponto forte do *Cuidado com a Língua!* é a relação frequente do Português Europeu com o Português do Brasil e o Português de África: *Respeita-se a cabra por causa da sua barba* (Guiné) = *De homem sem barba põe-te a salvo* (Portugal) (14/01/2013); *do tempo da amorosa* (Brasil) = *Do/No tempo dos Afonsinhos* (Portugal) (28/10/2006); entre muitos outros exemplos.

Tendo em vista o ensino-aprendizagem de EI e provérbios, o programa *Cuidado com a Língua!* assume-se como um recurso a ter em conta, uma vez que nos convida a uma viagem simultaneamente credível e prazenteira pela história das palavras, na companhia de personalidades conhecidas do grande público.

6.1.3.3. Internet I: *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*

(<http://www.ciberduvidas.com/>)

“1. Este é um espaço de esclarecimento, informação, debate e promoção da língua portuguesa, numa perspetiva de afirmação dos valores culturais dos oito países de língua oficial portuguesa, que completou 16 anos de existência em 15 de janeiro de 2013 [...]. / 2. Além de dispor de um consultório - constituído por um diversificado corpo de colaboradores que respondem, de segunda a sexta-feira, a todas as dúvidas do ponto de vista da ortografia, da fonética, da etimologia, da sintaxe, da semântica e da pragmática -, *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa* abrange outras cinco áreas de conteúdos diferenciados. / 3. Disponibilizam-se rubricas e temas que vão desde uma Antologia de textos de escritores de língua portuguesa, de todos os tempos, a espaços de debate, opinião e consulta, [...] ou simples notícias variadas no campo cultural do espaço lusófono [...]” (*Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*. Disponível em <http://www.ciberduvidas.com/about.html>. Consulta efetuada em julho, 2013).

O menu linguístico posto à disposição pelo *Ciberdúvidas*, durante 16 anos, parece responder às necessidades mais variadas. No domínio da fraseologia, é possível encontrar, depois da introdução da respetiva palavra-chave, os seguintes resultados:

| “Palavra-Chave” (por ordem alfabética) | Resultados |
|--|-------------------|
| 1. “combinatória” | 015 |
| 2. “expressão corrente” | 314 |
| 3. “expressão idiomática” | 104 |
| 4. “expressão popular” | 185 |
| 5. “frase feita” | 295 |
| 6. “fraseologia” | 016 |
| 7. “idiomatismo” | 010 |
| 8. “locução” | 760 |
| 9. “provérbio” | 176 |

Quadro 49 – A fraseologia no *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa* (<http://www.ciberduvidas.com/>, julho/2013)

Uma observação rápida dos valores do quadro permite-nos verificar que há palavras-chave ou entradas que merecem uma maior atenção. Eis os resultados por ordem decrescente: “locução” (760), “expressão corrente” (314), “frase feita” (295), “expressão popular” (185), “provérbio” (176), “expressão idiomática” (104), “fraseologia” (16), “combinatória” (15) e “idiomatismo” (10). Uma observação mais atenta destas listagens e do seu conteúdo conduz-nos a algumas conclusões acerca do perfil sociocultural dos inquiridores e inquiridos e do interesse sociolinguístico das perguntas e respostas:

(1) As perguntas são colocadas por pessoas de origem e formação muito diversas: maioritariamente portugueses, mas também de outros países (Alemanha, “20279 Comer como um abade”; Brasil, “19028 Cair em si”; Espanha, “28281 Ser um bico-de-obra”; Polónia, “26893 Fugir a boca para a verdade”; Roménia, “27469 Sobre um «lençol de cima» na obra de Saramago”; Suíça, “25567 Escuro como o breu”...); professores (“31938 Diferença entre provérbio e expressão idiomática”), estudantes (“26728 ir/vir de escantilhão”), tradutores (“27957 Meter a viola no saco”), “domésticas” (“22263 Vale tudo menos tirar olhos”) e muitos outros;

(2) Dada a afinidade semântica dos termos da pesquisa, verificou-se a presença de uma mesma pergunta (e respetiva resposta) em diferentes resultados. Por exemplo, “31938: A diferença entre provérbio e expressão idiomática” surge, como seria de esperar, nos resultados da pesquisa “expressão idiomática” e “provérbio”;

(3) Há exemplos classificados como “expressão idiomática” (EI) que não o são verdadeiramente. Ora, se entendemos como EI uma locução constituída por dois ou mais constituintes de sentido idiomático (pelo menos um deles), então exemplos como “22398 E ele a dar-lhe!” e “26727 Estimo as melhoras” são antes enunciados fraseológicos porque constituem um enunciado ou ato de fala (vd. Corpas Pastor, 1996: 270-271);

(4) O objetivo da pergunta aponta maioritariamente para a origem e significado das EI, mas há também questões de natureza mais gramatical (por exemplo, “29743 Classificação sintático-morfológica da expressão «vir ao caso»”);

(5) Quanto à qualidade das respostas, não há também homogeneidade. Encontramos explicações que são verdadeiros artigos científicos (por exemplo, as “11893” e “12115”, sobre a questão *ter que ver/ter a ver/ter a haver*, etc., assinadas por Edite Prada); outras, não o sendo, recorrem a fontes bibliográficas credíveis, como o *Dicionário Terminológico* e o *Dicionário*

Houaiss da Língua Portuguesa, e a especialistas estrangeiros, como H. Burger (veja-se, por exemplo, a pergunta “31938 A diferença entre expressão idiomática e provérbio”); e ainda outras que pecam por serem demasiadamente breves e pouco esclarecedoras (“21431 Dar pontapés na gramática” e “27957 Meter a viola no saco”, por exemplo).

É verdade que o *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa* é mais um recurso que pode ser aproveitado para cumprir objetivos de natureza fraseológica. Todavia, ele assume-se como um canal de comunicação privilegiado, já que permite ao utilizador fazer-se ouvir, colocando as suas dúvidas. Se preferir, o utilizador pode simplesmente consultar os muitos materiais sobre a língua portuguesa, onde a fraseologia, como vimos, tem ocupado um lugar de destaque.

6.1.3.4. Internet II: Centro Virtual Camões (<http://cvc.instituto-camoes.pt>)

“Bem-vindo/a à área **Aprender** do Centro Virtual Camões! Nesta área encontra recursos que apoiarão a aprendizagem de português nas suas várias vertentes: **falar, ouvir, ler** e, brevemente, escrever. Explore também a secção **brincar**, onde disponibilizamos jogos para aprender português de forma lúdica. Os recursos estão organizados em três níveis de dificuldade” (*Centro Virtual Camões*. Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/aprender-portugues.html>. Consulta efetuada em 31/07/2013).

Seguindo as indicações que nos são dadas na área “Aprender” e na secção “A Falar”, encontramos uma seleção de episódios do programa televisivo *Cuidado com a Língua*, alguns com especial interesse no domínio fraseológico: “Fiar mais fino” (29/06/2007), “Chapéus há muitos” (08/06/2007), “Ir para o maneta” (25/02/2007) e “Dizer cobras e lagartos” (20/04/2007).

O *Centro Virtual Camões* disponibiliza ainda, na área “Aprender”, a secção “A Brincar”, com um conjunto de jogos que possibilita a aprendizagem do português de forma lúdica. De entre eles, destacamos dois por nos parecerem mais talhados para o ensino e aprendizagem de conteúdos fraseológicos: o “Jogo da Lusofonia” e os “Jogos lexicais”.

O “Jogo da Lusofonia” é uma atividade divertida sobre os países de língua portuguesa. Constituído por 265 questões de escolha múltipla, o jogo incide sobre os temas “História”,

“Geografia”, “Cultura”, “História da Língua” e “Expressões e Provérbios”³⁷⁶. No que diz respeito a este último tema, são apresentadas expressões e provérbios relativos aos países da “lusofonia”. Vejamos alguns exemplos:

(1) Portugal / Expressões e Provérbios

A expressão “Estar como peixe na água” significa:

A – Estar contrariado

B – Estar à vontade

C – Estar impaciente

Resposta certa: B

(2) Brasil / Expressões e Provérbios

O provérbio “Você é estradeiro e eu moro na beira da estrada” tem o seguinte significado:

A – Podemos escolher os amigos mas não os vizinhos

B – És finório, mas não me enganas

C – Como somos vizinhos, podes dar-me boleia

Resposta certa: B

(3) Angola / Expressões e Provérbios

O provérbio “Sou pessoa má por fora; lá por dentro tenho sangue vermelho” significa que:

A – Devemos ter cuidado com as pessoas temperamentais

B – As aparências iludem

C – Não devemos julgar as pessoas apenas pelo comportamento

Resposta certa: C

Os “Jogos lexicais” visam aumentar o vocabulário do aprendente em todas as áreas do português e estão organizados em três níveis: inicial, intermédio e avançado³⁷⁷. Na lista dos jogos do “Nível intermédio”, surgem as “Expressões idiomáticas”; na lista do “Nível avançado”, um jogo intitulado “Provérbio escondido”. Quanto à atividade “Expressões Idiomáticas”, o jogador é confrontado com três tarefas: (1) Descobrir o significado da expressão (*perder a cabeça, cabeça-de-alho-chocho, sem pés nem cabeça [...], ficar em águas de bacalhau*) (total: 24 expressões); (2) Descobrir a expressão (*Passar oralmente de pessoa em pessoa, ficar espantado, ser uma pessoa franca e directa [...], sentir-se à vontade*) (total: 19 expressões) e (3) Completar a expressão (*com o coração..., ... o coração aos pés, fazer das... coração [...], deitar água...*) (total:

³⁷⁶ Vd. <http://cvc.instituto-camoes.pt/aprender-portugues/a-brincar.html> (Consulta: 31/07/2013).

³⁷⁷ Vd. <http://cvc.instituto-camoes.pt/aprender-portugues/a-brincar.html> (Consulta: 31/07/2013).

21 expressões). Para resolver os exercícios, o aprendente é chamado a optar por uma de três possibilidades de resposta. Exemplo:

“Descobrir o significado de “perder a cabeça”.

Alguma vez «perdeu a cabeça»?

Nesse caso, aconteceu-lhe:

distrair-se com algo.

perder a calma.

ficar com dores de cabeça.

Resposta certa: perder a calma”

Quanto ao jogo “Provérbio escondido”, são apresentados 10 exercícios/10 provérbios em forma de palavras cruzadas. Eis uma réplica do número 1:

O provérbio escondido começa por **Q** e lê-se de seguida de cima para baixo, de baixo para cima, da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita.

Descubra-o!

| | | | | | |
|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| E | U | Q | T | E | M |
| M | N | A | O | A | C |
| A | Ç | A | O | O | O |
| C | O | M | G | A | T |

Solução: *Quem não tem cão caça com gato.*

No nível avançado há um outro jogo – “O que significa” – constituído por 17 exercícios. Dois são sobre EI:

(1) A família dele dá-lhe dinheiro **à brava**.

Qual é o significado da expressão destacada?

Assinale a opção correcta:

- Em grande quantidade.

- Com dificuldade.

- Ao fim-de-semana.

Opção correcta: Em grande quantidade.

(2) Que grande **salada russa**...

Qual é o significado da expressão destacada?

Assinale a opção correcta:

- Confusão.

- Petisco.

- Problema.

Opção correcta: Confusão.

Os jogos que acabámos de apresentar têm as vantagens e as desvantagens da maior parte dos *ludi* mais habituais: num primeiro momento atraem pela novidade, mas depois podem tornar-se fastidiosos. Além disso, o facto de um determinado jogo surgir integrado num nível bem definido (“inicial”, “intermédio” ou “avançado”) pode fazer crer que ele é exclusivo desse patamar de aprendizagem. Recordando as atividades do *Centro Virtual Camões*, verificamos que as unidades fraseológicas, sejam elas colocações, locuções ou enunciados fraseológicos, estão arredadas do nível inicial: sem qualquer justificação, as EI surgem no nível intermédio e os provérbios no avançado. Ora, no caso das UF (com especial realce para as EI e os provérbios) temos defendido a sua inclusão em todos os níveis de aprendizagem, deixando preferencialmente para o nível inicial as estruturas mais simples e frequentes e para o intermédio/avançado as estruturas mais complexas e menos usuais.

Face ao exposto, recomendamos que destes recursos, disponibilizados pelo *Centro Virtual Camões*, se faça uma utilização ponderada e criteriosa, tendo em conta os contextos de ensino-aprendizagem e o perfil sociolinguístico do aprendente.

6.1.4. Análise de Materiais Didáticos: Considerações Finais

As amostras de materiais didáticos que recolhemos para observação foram seleccionadas de um vasto conjunto de recursos. Escolhemos aqueles que nos pareceram mais relevantes no âmbito do ensino-aprendizagem de UF, sobretudo de EI.

Começámos por analisar os dicionários (generalistas e de expressões idiomáticas), depois passámos aos manuais (de PLM e de PLNM) e em terceiro lugar, num mesmo grupo, juntámos um programa de rádio (*Lugares Comuns*), um programa televisivo (*Cuidado com a Língua!*) e dois sítios da Internet (*Ciberdúvidas da Língua Portuguesa* e *Centro Virtual Camões*). Sobre eles já tecemos alguns comentários, relevando prioritariamente os seus pontos fortes. Há materiais,

como os dicionários, os manuais e o *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, que podem e devem ser utilizados por todos, de acordo com os objetivos e interesses de cada um; outros estarão tendencialmente vocacionados para níveis de competência mais elevados em PLM e PLNM, como o programa radiofónico *Lugares Comuns* e até o programa televisivo *Cuidado com a Língua!*; dos jogos do *Centro Virtual Camões* podem tirar proveito todos os utilizadores, mas os de PLNM são, provavelmente, os destinatários preferenciais.

Apesar das diferenças apontadas, é possível encontrar um mesmo conteúdo linguístico em mais do que um recurso didático. Veja-se o caso da expressão idiomática *dizer cobras e lagartos*. Além da presença em dicionários, mesmo generalistas (vd., por exemplo, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*), esta expressão é tratada no programa televisivo *Cuidado com a língua* (20/04/2007) e no programa radiofónico *Lugares comuns* (24/03/2014), e ainda no sítio da internet *Centro Virtual Camões* (área “Aprender”, secção “A Falar”)³⁷⁸.

Por experiência própria, sabemos que um material didático adequado e de qualidade é meio caminho andado para o sucesso educativo; o outro meio depende essencialmente das competências dos principais agentes envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

6.2. Produção de Materiais Didáticos (20 Atividades + Soluções)

Como resposta às limitações detetadas nos materiais que analisámos, produzimos 20 Atividades, e respetivas soluções, intituladas “Materiais Didáticos: Competência Linguístico-Fraseológica em Português (LM e LNM)” (vd. ANEXO 6), dirigidas a aprendentes de vários níveis de aprendizagem. Embora se dê, em cada uma das atividades, indicações sobre o Nível, Domínio de Referência, Modalidade, Tempo Médio de Realização e Tarefas/Descritores de Desempenho, é evidente que se pode e deve proceder a adaptações em função dos objetivos, do perfil dos aprendentes e do contexto de ensino-aprendizagem.

³⁷⁸ Em qualquer um dos casos, procura-se explicar a expressão *dizer cobras e lagartos* (de algo ou alguém) com base em duas interpretações: relação com “cobra” ou “copla” (parte da estrutura externa das composições poéticas e satíricas medievais) e com a referência bíblica “pisará a serpente (cobra) e o lagarto”.

6.3. Conclusão

(1) Depois da análise de diversos materiais didáticos, ou potencialmente didáticos, como dicionários, manuais, programas de rádio e de televisão e sítios da internet, concluímos que há ainda muito a fazer nesta área: primeiro, porque os recursos disponíveis são, no nosso entender, insuficientes para dar resposta aos desafios colocados pelo ensino-aprendizagem de UF; segundo, porque os recursos explicitamente dirigidos aos professores e alunos, como os manuais, apresentam geralmente atividades repetitivas e descontextualizadas, quer em PLM, quer em PLNM.

(2) Como resposta a estes constrangimentos, produzimos 20 Atividades e respetivas soluções (vd. ANEXO 6). Com elas, pretendemos também promover um cruzamento de dados e uma partilha de competências entre os diversos meios de comunicação (manuais, dicionários, rádio, televisão, internet...), no sentido de se produzirem materiais cada vez mais atrativos e atualizados, potenciadores de aprendizagens efetivas no domínio linguístico, sociolinguístico, pragmático e fraseológico.

CONCLUSÕES

1. Ecletismo e Investigação Científica

“Este es el *eclecticismo* del que habla con frecuencia Alarcos: tomar lo bueno, venga de donde venga, y engarzarlo coherentemente en la teoría. No pudo en el pasado ni podrá ser en el futuro de outra forma. Si no se quiere embalsamar una teoría hay que abrirla a la polinización de los nuevos vientos” (Gutiérrez Ordóñez, 1992: 699, *apud* Iriarte Sanromán, 2001: 38).

É verdade que todo o estudo que pretenda ser científico deve orientar-se segundo coordenadas rigorosas e pré-definidas. Todavia, um trabalho não se esgota na fase da programação e da planificação: há todo um processo que justifica muitas vezes o ajuste dessas mesmas coordenadas e até a integração de novas orientações.

Servem estas palavras para justificar a nossa opção por um enquadramento eclético, com contributos vindos de diversas partes. E no nosso entender não poderia ter sido de outra forma. Na verdade, o nosso título - “Competência Linguística em Português Europeu Língua Materna e Língua Não Materna: Aquisição, Ensino e Aprendizagem de Expressões Idiomáticas” – colocou-nos perante uma realidade linguística heterogénea, donde emergiram quatro eixos lexicais estruturantes: dois que identificámos como os nossos objetos de estudo (um mais geral, “Português Europeu Língua Materna e Língua Não Materna”; o outro mais específico, “Expressões Idiomáticas”) e dois que serviram de enquadramento teórico-prático (“Competência Linguística” e “Aquisição, Ensino e Aprendizagem”).

Por sua vez, esta estrutura, assente em quatro eixos fundamentais, só poderia ser por nós compreendida se a nossa análise se estendesse a outros eixos com eles relacionados: (1) “Português Europeu Língua Materna e Língua Não Materna” relaciona-se com Português do Brasil e Português dos países africanos de expressão portuguesa, e ainda com Português língua segunda e Português língua estrangeira; (2) “Expressões Idiomáticas” liga-se a Unidades fraseológicas e Fraseologia; (3) “Competência Linguística” convoca Competência comunicativa, Competência sociolinguística e Competência pragmática (às quais associámos a Competência fraseológica); (4) “Aquisição, Ensino e Aprendizagem” relaciona-se com Língua materna e Língua

não materna, Unidades fraseológicas, Expressões idiomáticas e Competência linguístico-fraseológica.

Dissemos, na Introdução deste nosso trabalho, que, devido à natureza eclética (porque linguística, sociolinguística e pragmática) da unidade fraseológica, aproveitaríamos das mais diversas teorias o que de melhor nos têm para oferecer em termos de análise e compreensão do nosso objeto de estudo. Assim o fizemos: da psicologia e da linguística cognitiva, a teoria dos protótipos, de Eleanor Rosch, e a teoria da *Gestalt*, das neurociências, através de Castro-Caldas e António Damásio, a relação da capacidade do cérebro com a idade e com os contextos de aquisição, ensino e aprendizagem de uma língua; da linguística e da fraseologia, os modelos de Corpas Pastor, Mel'čuk, Vilela e Iriarte Sanromán; da fraseodidática, as orientações de Leite de Vasconcelos, Bally, González Rey, Quadro Europeu Comum de Referência (QECR) e Dicionário Terminológico (DT), entre muitos outros contributos.

2. Dos Objetivos aos Resultados Finais

Para melhor compreendermos os resultados deste nosso trabalho, convém recordar os objetivos gerais traçados na Introdução: (1) aferir a relevância dos estudos fraseológicos do português, integrando-os no contexto internacional, (2) reapreciar a noção de unidade fraseológica, em geral, e de expressão idiomática, em particular, tendo em vista a sua aplicabilidade ao ensino-aprendizagem do PLM e PLNM, (3) avaliar a competência fraseológica (mas também linguística, sociolinguística e pragmática) que o utilizador de português europeu (PELM e PELNM) possui em contexto de ensino-aprendizagem de expressões idiomáticas.

Depois, tendo em conta os objetivos gerais e a estrutura do trabalho, definiram-se os objetivos específicos, pensados em função de cada um dos seis capítulos que o compõem: para o Capítulo 1 (“Português Europeu: Língua Materna e Língua Não Materna”), *Atualizar a noção de português/língua portuguesa, reforçando a sua especificidade e universalidade através de uma viagem no tempo e no espaço*; para o Capítulo 2 (“Fraseologia Geral”), *Apresentar o estado da arte da fraseologia geral*; para o Capítulo 3 (“Fraseologia Portuguesa”), por um lado, *Averiguar se há estudos, sistemáticos e suficientemente conhecidos, sobre fraseologia portuguesa, tal como há fraseologia teórica sobre outras línguas*, e, por outro, *Dimensionar a influência da fraseologia geral na fraseologia portuguesa, identificando alguns dos autores e textos que mais*

contribuíram para os estudos fraseológicos portugueses; para o Capítulo 4 (“Unidades Fraseológicas e Expressões Idiomáticas”), Contribuir para a clarificação do conceito de unidade fraseológica, em geral, e de expressão idiomática, em particular, partindo das classificações de alguns autores em direção a um conceito mais eclético e de aplicação pedagógica, e, depois, Constituir uma base de dados fraseológica, tendo como fontes textos jornalísticos, publicitários, literários, musicados, cinematográficos e cartoons; para o Capítulo 5 (“Competências Comunicativas, Linguísticas e Fraseológicas: Aquisição, Aprendizagem e Ensino de EI em LM e LNM”), Definir o lugar da competência fraseológica no âmbito das competências comunicativas e linguísticas do Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas (QEQR), e ainda Avaliar a competência fraseológica em PLM e PLNM, através da análise de produções escritas de alunos; finalmente para o Capítulo 6 (“Análise e Produção de Materiais Didáticos: Competência Linguístico-Fraseológica em Português (LM e LNM)”), *Analisar e produzir materiais didáticos, tendo em vista o ensino-aprendizagem de UF, sobretudo EI, em PLM e PLNM.*

Uma vez que, na Conclusão de cada um dos seis capítulos, tivemos a oportunidade de adiantar resultados parciais, procuremos agora apresentar os resultados globais da investigação, a partir, sobretudo, das hipóteses que formulámos na Introdução do nosso trabalho:

(1) A língua portuguesa tem um bilhete de identidade próprio, um código genético que a diferencia das demais devido, em grande parte, às expressões idiomáticas. A língua portuguesa mergulha as suas raízes no indo-europeu e está umbilicalmente ligada à língua latina. Não é de estranhar, portanto, que apresente muitas pareências com as suas irmãs, também elas línguas românicas (castelhano, romeno, italiano, francês...). Semelhanças à parte, a língua portuguesa tem um bilhete de identidade próprio, um código genético que a diferencia das demais: é que as EI (pelo menos um número significativo: *amigo de Peniche, cair o Carmo e a Trindade, ir no Batalha, mais velho que a Sé de Braga, meter o Rossio pela/na rua da Betesga, olho à Belenenses, ser um zé-ninguém, ver Braga por um canudo...*), à semelhança do infinitivo pessoal e dos pronomes enclíticos e mesoclíticos, parecem constituir a imagem de marca da *portugalidade*, a *alma* da língua portuguesa.

(2) Depois de um início auspicioso e de um período longo e pouco produtivo, a fraseologia é atualmente uma ciência pujante. Assumindo-se como um ramo da linguística, com ligações privilegiadas à lexicologia, à semântica e à morfossintaxe, a fraseologia

tem em Bally (1909) e Vinogradov (1946-1947) os seus principais fundadores. Depois de alguns altos e baixos, a fraseologia é atualmente uma ciência pujante graças aos contributos de investigadores como Gloria Corpas Pastor (desde 1995), Igor Mel'čuk, Isabel González Rey, Stefan Ettinger, Gerd Wotjak, D. Dobrovol'skij, Harald Burger, Elisabeth Piirainen..., e de projetos e publicações como Europhras (*European Society of Phraseology*, criado em 1999) e *Cadernos de Fraseología Galega* (editados desde 2000).

(3) **De acordo com os nossos dados, a fraseologia portuguesa, como estudo filológico (essencialmente etnográfico, etimológico e estilístico), por vezes contrastivo, de “frases feitas” (sobretudo El e provérbios) existe pelo menos desde os anos 80 do século XIX, e tem como fundador José Leite de Vasconcelos.** Este resultado surgiu-nos depois de uma longa investigação que começou com a consulta de um artigo do português Óscar de Pratt. Três anos depois da publicação do *Traité* de C. Bally (considerado o fundador da fraseologia), Pratt confirma, no seu artigo “Locuções petrificadas” (RL, 1912), a existência da “fraseologia portuguesa”. Mas um outro estudo seu, publicado em 1910 (“Frazes Feitas, breves considerações ao livro do sr. João Ribeiro”), conduziu-nos até ao brasileiro João Ribeiro que havia publicado, em 1908-1909 (o 1.º volume, em 1908: um ano antes do *Traité* de Bally), *Frazes Feitas*. Apesar de Ribeiro nunca ter revelado explicitamente as suas fontes nem a origem da designação *Frazes Feitas*, descobrimos que elas estavam indubitavelmente associadas a Leite de Vasconcelos e à *Revista Lusitana*, revista que o próprio Leite criou em 1887.

(4) **Para designar o objeto da fraseologia, preferimos o hiperónimo *unidade fraseológica* e os hipónimos *colocação, locução e enunciado fraseológico*; à locução de sentido figurado chamamos *expressão idiomática***³⁷⁹. Os capítulos “Fraseologia Geral” (cap. 2) e “Fraseologia Portuguesa” (cap. 3) permitiram-nos contactar com os inúmeros termos usados para designar o objeto de estudo da fraseologia. Escolhemos, como hiperónimo, o termo *unidade fraseológica*, usado sobretudo por Corpas Pastor (2006), pelas seguintes razões: tem merecido, ao longo da história da fraseologia, uma aceitação consistente e alargada; evoca o termo do qual deriva (fraseologia); é constituído por mais de uma palavra; e explicita a unidade existente entre os seus constituintes. Para designar os hipónimos, também adotámos a

³⁷⁹ Sobre as relações de hiperonímia e hiponímia, veja-se, por exemplo, Lopes e Rio-Torto (2007: 29-30).

terminologia de Corpas Pastor: *colocação*, *locução* e *enunciado fraseológico* (onde se incluem as *fórmulas de rotina* e os *provérbios*). Mas em relação às locuções de sentido figurado, assumimos explicitamente a designação *expressão idiomática* (EI), também por várias razões: tal como *locução*, *expressão* é um termo que remete para um conjunto de palavras (duas ou mais), mas tem a vantagem de evocar vocábulos como *expressiva* e *expressividade*; já a palavra *idiomática* vem lembrar o traço mais prototípico da EI – a idiomaticidade, o sentido figurado, translaticio e às vezes intraduzível; por último, em termos de ensino-aprendizagem de línguas, *expressão idiomática* tem tido uma aceitação muito alargada, em PLM e PLNM (veja-se, por exemplo, os *Programas de Português*, o DT, as *Metas de Aprendizagem*, o QECR e os Manuais de PLM e PLNM).

(5) Divergindo da posição de alguns dos mais conceituados fraseólogos, como Mel'čuk (2003), por exemplo, aceitamos, como expressões idiomáticas, combinatórias em que pelo menos um dos constituintes tenha sentido figurado. As expressões idiomáticas são cêtricas e prototípicas, mas a sua idiomaticidade não implica obrigatoriamente que todos os seus constituintes tenham, por si só, sentido figurado ou translaticio. Por outras palavras: embora se reconheça que em *chover a potes* (chover muito), por exemplo, o constituinte *chover* mantenha, aparentemente, o seu sentido literal, a verdade é que o utilizador da língua apreende a expressão como um todo com sentido figurado. Assim, tal como *em palpos/papos de aranha* (atrapalhado; desorientado), por exemplo, *chover a potes* é uma expressão idiomática porque é fixa e institucionalizada, constituída por duas ou mais palavras (sem constituir um enunciado ou ato de fala) e possui sentido (global) idiomático. Podemos é talvez dizer que a expressão *em palpos/papos de aranha* é mais idiomática, mais prototípica do que *chover a potes*, como dizemos que, entre os frutos, a *maçã* é mais prototípica do que a *melancia*. Deste modo, e à semelhança do que acontece com as combinações lexicais em geral, reafirmamos que as expressões idiomáticas não possuem um carácter discreto, mas gradual e contínuo.

(6) Uma base de dados constituída a partir de textos autênticos e de tipologias diversificadas permite-nos conhecer melhor a dimensão fraseológica da língua. Para a constituição da nossa **Base de Dados Fraseológica do Português Europeu (BADAF-PE)**, recolhemos cerca de 2000 unidades, maioritariamente EI, presentes em textos orais e escritos e

de tipologias diversas: textos jornalísticos, literários, publicitários... Daí que nos seja possível dividir a nossa base de dados fraseológica geral em base de dados jornalística, literária, publicitária, musical, cinematográfica e humorística (textos de *cartoons*). A importância da natureza autêntica dos textos (vd. Ettinger, 2008: 109) confere à nossa base de dados um valor acrescido: facilita a exemplificação de algumas asserções e serve de apoio à produção de materiais didáticos. De forma mais concreta, podemos concluir que a nossa base de dados permitiu-nos comprovar, no terreno, o uso alargado de UF, independentemente da tipologia textual e da modalidade oral/escrita; permitiu-nos ainda verificar que o poder expressivo e persuasivo das UF é explicitamente explorado nos diversos contextos em que ocorrem, sobretudo nos textos literários e publicitários e nos *cartoons*. Finalmente, e apesar de a BADAPE não nos fornecer números exatos, estamos convencidos de que as UF (sobretudo EI e provérbios) ocupam estrategicamente posições textuais privilegiadas (títulos e frases destacadas).

(7) Segundo o QEER (2001: 147), para executarem as tarefas e as atividades necessárias para lidar com as situações comunicativas em que estão envolvidos, os utilizadores/aprendentes, além de competências gerais, utilizam competências comunicativas, isto é, competências linguísticas, sociolinguísticas e pragmáticas. Nós juntámos uma quarta: a competência fraseológica. De facto, depois de analisarmos as três grandes competências comunicativas, concluímos que delas emerge uma quarta competência – a fraseológica -, associada mais explicitamente à competência lexical (uma das competências linguísticas) e à adequação sociolinguística (integrada nas competências sociolinguísticas). Esta competência fraseológica consubstancia-se no uso de fórmulas de interação social, mas também de provérbios e EI. Apesar de as incluir como elementos obrigatórios de estudo, o QEER “non deixa de mostrar lagoas teóricas que impiden unha posta en práctica eficaz” (González Rey, 2006: 123). Por exemplo, ao remeter o domínio das EI para o nível de maior proficiência (o C), está de certa forma a impedir os aprendentes dos níveis A e B de aceder à dimensão idiomática da língua. Ora, a idiomaticidade não se espalha em níveis; ela faz parte da natureza da língua, nas suas mais diversas realizações: oral e escrita, formal e informal, jornalística e literária. Pugnamos por um contacto natural com as UF idiomáticas, para que o utilizador as apreenda como elementos intrínsecos da língua. Preferencialmente em

contextos formais de aprendizagem e de imersão, o utilizador acederá, de formal gradual mas consistente, a níveis cada vez mais elevados de proficiência fraseológica.

(8) De uma forma geral, a competência fraseológica (tal como a linguística, sociolinguística e pragmática) varia em função da idade e do nível de escolarização. Por outro lado, a competência fraseológica em PLM difere da competência fraseológica em PLNM, e nesta varia em função da língua materna do aluno, do nível e do contexto de aprendizagem. De todos os resultados a que chegámos, estes são talvez os menos consistentes. E isto tem a ver sobretudo com as características das amostras utilizadas e com os materiais linguísticos produzidos pelos informantes. No caso do PLM, produzimos e aplicámos atividades propositadamente pensadas para aferir a competência fraseológica de alunos de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade. Apesar das limitações impostas pela amostra (por exemplo, número reduzido de informantes e produções exclusivamente escritas), ficou-nos a indicação de que um aluno antes dos 10 anos usa a língua na sua dimensão predominantemente literal. À medida que avança na idade e no nível de escolaridade, a dimensão idiomática impõe-se e domina sobre a literal: para um aluno de PLM com cerca de 10 anos, a expressão *apertar o cinto* tem quase sempre só sentido literal; em contrapartida, para um aluno com mais idade e com um nível de escolaridade mais alto, o sentido figurado de *apertar o cinto* (fazer um grande sacrifício; poupar) predomina sobre o literal. Quanto ao PLNM, os dados recolhidos da amostra disponibilizada *online*³⁸⁰ permitiram-nos verificar que a competência fraseológica, tal como no PLM, também aumenta à medida que cresce o nível de aprendizagem (maior no nível B e C do que no A, por exemplo). Por outro lado, e não sendo a idade um fator relevante nesta amostra, uma vez que os informantes se situavam na faixa etária jovem-adulta, observámos que a língua materna e o conhecimento de outras línguas estrangeiras podiam determinar o nível de proficiência em PLNM. Assim, um aluno cuja língua materna era românica (italiano, romeno, espanhol...) e dominava uma (ou mais) língua estrangeira também românica apresentava, geralmente, um nível de proficiência fraseológica mais alto, em quantidade e qualidade. Quanto ao contexto de aprendizagem, embora todos os informantes da nossa amostra de PLNM estudassem em países cuja língua materna/oficial não

³⁸⁰ “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”, coordenada por Isabel Leiria e disponível em <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/314-corpora-of-ple>. Consulta: junho/2013.

era o português, entendemos (nós e os próprios informantes) que o contexto de imersão funciona como um catalisador/promotor de proficiência linguístico-fraseológica.

(9) As expressões idiomáticas, pela sua complexidade linguística (mas também sociolinguística e pragmática) e relevância comunicativa, devem ser assumidas como elementos estruturantes de uma língua, cuja competência deve ser trabalhada natural e explicitamente desde os primeiros níveis de escolarização, em PLM e PLNM. Esta conclusão surge no decurso dos resultados apresentados no ponto anterior, uma vez que nos mostraram que um aprendente, seja ele de LM ou LNM, precisa de contactar natural e sistematicamente com a dimensão fraseológica da língua, preferencialmente em contexto formal, informal e de imersão, para a compreender e utilizar eficazmente nas suas interações comunicativas.

(10) Os materiais didáticos postos à disposição do aprendente (dicionários, manuais, recursos multimédia...) são insuficientes e pouco adequados, em termos de ensino-aprendizagem de EI em PLM e PLNM. Por isso, produzimos 20 Atividades, e respetivas soluções, intituladas “Materiais Didáticos: Competência Linguístico-Fraseológica em Português (LM e LNM)” (vd. ANEXO 6), dirigidas a aprendentes de vários níveis de aprendizagem. Com estas atividades, pretendemos promover o cruzamento de dados e a partilha de competências entre os diversos meios de comunicação (manuais, dicionários, rádio, televisão, internet...), e abrir caminho à produção de novos materiais, mais atrativos e atualizados, potenciadores de aprendizagens efetivas no domínio linguístico, sociolinguístico, pragmático e fraseológico.

3. À Descoberta de Novos Caminhos para o Português e para a Fraseologia Portuguesa

- (1) “Olá! Eu chamo-me XXXXX. Eu tenho vinte anos e estudo na Universidade de Padua, ao segundo ano. [...] Eu moro numa vivenda ao pé das colinas, perto da cidade de Treviso, no norte da Itália [...]. Eu estudo português há cinco meses, mas queria aprender-lo mais. Eu sabe que o melhor método <pa> por aprender uma língua estrangeira é <viag> viajar. Eu queria muito fazer uma viagem no Brasil, em Portugal ou em Moçambique! Falar com os povos de língua portuguesa é talvez a solução melhor!” (PA_1_03, aluna italiana de PLE-Nível 1).
- (2) “Estudo o português e o francês, a primeira língua por paixão [...] Às vezes posso também ser dinâmica e divertida, quando estar à vontade. A honestidade é o meu maior valor, e por isso odeio a gente falsa, ciumentemente e convencida. Também não gosto dos que ferverem na pouca água, que têm língua de serpente ou dos que dão com ela nos dentes. Abro o coração com facilidade, lamentavelmente, e não poucas vezes fui partida a perna. Gosto de deitar água na fervura porque odeio as alterações” (BU_2_42, aluna romena de PLE-Nível 2)³⁸¹.

Estes são dois testemunhos muito relevantes para o português e para a fraseologia portuguesa. Ambos representam a vontade apaixonada de querer aprender português, de forma simultaneamente profunda e alargada. E é este conhecimento profundo e alargado que permitirá o acesso à *alma* da língua, à sua dimensão idiomática.

A competência linguístico-fraseológica, evidenciada sobretudo no segundo testemunho, pode torna-se ainda mais proficiente se aliarmos à paixão dos aprendentes condições de ensino-aprendizagem eficazes, no âmbito da política da língua³⁸². Uma delas é apontada no primeiro testemunho: “Eu sabe que o melhor método <pa> por aprender uma língua estrangeira é <viag> viajar [...] no Brasil, em Portugal ou em Moçambique! Falar com os povos de língua portuguesa é talvez a solução melhor!”. Não podíamos estar mais de acordo. Cabe, pois, às entidades competentes (Estado, instituições de ensino, câmaras municipais...) capitalizar esta vontade apaixonada pela língua e pela cultura portuguesas, dinamizando programas de intercâmbio entre

³⁸¹ Este excerto e o anterior fazem parte do projeto “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”, coordenado por Isabel Leiria e disponível *online* em <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/314-corpora-of-ple>. Consulta: junho/2013.

³⁸² Sobre a política da língua portuguesa, vd. Mateus (2002), *A Face Exposta da Língua Portuguesa*; Mateus (ed.) (2002b), *Uma Política de Língua para o Português*; Aguiar e Silva (1988-89), “Língua materna e sucesso educativo”; Aguiar e Silva (2007), “Ilusões e desilusões sobre a política da Língua portuguesa” e Gama (ed.) (2007), *A política da Língua Portuguesa*.

alunos e professores de PLM e PLNM, como o *Comenius*, o *Erasmus* e o *Leonardo da Vinci*. Neste domínio, o projeto *Cuore*, no qual colaborámos, é um bom exemplo (vd. Introdução deste nosso trabalho).

No âmbito mais estritamente fraseológico, apontemos agora algumas linhas de investigação que merecem, no nosso entender, um estudo mais profundo e renovado:

(1) **Classificações atualizadas das UF e sua relação com o léxico em geral.**

(2) **Origens da fraseologia portuguesa.** Acreditamos que, além da RL, haja outras fontes também elas importantes para a história da fraseologia portuguesa.

(3) **Sincronia e diacronia das UF**, tendo em vista, principalmente, a compreensão semântica e fonético-fonológica de muitas formas atuais. O contacto com os alunos de PLM e PLNM permitiu-nos perceber que há, da parte deles, um interesse especial pelas palavras e expressões com história³⁸³.

(4) **Usos diatópicos, diafásicos e diastráticos das UF.**

(5) **Aquisição, ensino e aprendizagem de UF em PLM e PLNM**, através de um diálogo mais esclarecido entre disciplinas como a fraseodidática (ver, por exemplo, Ettinger, 2008)³⁸⁴, a sociolinguística, a psicolinguística e as neurociências (de António Damásio a Alexandre Castro-Caldas).

(6) **O poder das UF em determinadas tipologias textuais:** discurso político (argumentação e persuasão)³⁸⁵, publicidade (sedução e persuasão), *cartoon* (humor e crítica social), etc.

³⁸³ Sobre a origem de algumas (271 no total) expressões idiomáticas portuguesas, aconselha-se a consulta do livro *Puxar a brasa à nossa sardinha*, da jornalista Andreia Vale (2015).

³⁸⁴ O sítio da Europhras (<http://www.europhras.org>. Consulta: agosto/2013) dá-nos conta de publicações muito recentes no domínio da fraseodidática: (1) Ettinger, S (2013). Aktiver Phrasengebrauch und/oder passive Phrasenkenntnisse im Fremdsprachenunterricht. Einige phraseodidaktische Überlegungen. In González_Rey, I. (editor), *Phraseodidactic Studies on German as a Foreign Language [...]*; (2) Sulkowska, M. (2013). *De la phraséologie à la phraséodidactique. Études théoriques et pratiques*. Katowice: Wydawnictwo Uniwersytetu Orlańskiego; (3) González_Rey, I. (editor) (2013). *Phraseodidactic Studies on German as a Foreign Language / Phraseodidaktische Studien zu Deutsch als Fremdsprache*. Hamburg: Verlag Dr. Kovač. Também na revista *Paremia*, n.º 21, 2012, pp. 67-84, se encontra um artigo de grande relevância: "De la didáctica de la fraseología a la fraseodidáctica", de Mª Isabel González Rey (em <http://www.paremia.org/wp-content/uploads/07-GEZREY.pdf>. Consulta: agosto/2013).

³⁸⁵ No que diz respeito ao discurso político, não é difícil comprovar o uso recorrente de unidades fraseológicas, sobretudo provérbios e expressões idiomáticas. Jerónimo de Sousa, secretário geral da CDU, é um dos políticos que mais utiliza estes recursos linguísticos. Neste domínio, existem alguns trabalhos de investigação, principalmente para o português do Brasil. Veja-se, por exemplo, *Provérbios e Expressões Idiomáticas como recurso de argumentação da língua na mídia*, de Rinalda Arruda (2012) (Disponível em <http://www.repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/12429/Rinalda%20fernanda.compressed.pdf?sequence=1&isAllowed=y>, consultado em 17/09/2015).

(7) **A linguagem fraseológica nos textos literários.** Já existem alguns trabalhos neste domínio, mas escritores como José Saramago e Mia Couto são filões inesgotáveis.

(8) **Fraseologia contrastiva e tradução: especificidades e universais fraseológicos.**

(9) **Criação de *corpora*/bases de dados fraseológicas.**

(10) **Produção de materiais didáticos** (dicionários, manuais, sítios da internet...), com formas e conteúdos atrativos, capazes de promover as competências linguísticas e fraseológicas em PLM e PLNM.

Damos por terminada a nossa viagem, pelo português e pela fraseologia portuguesa. Por agora: “O fim duma viagem é apenas o começo doutra [...]. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre. O viajante volta já.” (Saramago, *Viagem a Portugal*, 1999: 391).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRÁFICAS

- AFONSO, Maria Elisete (2000), *O Papel dos Adágios na Vida e na Língua de uma Comunidade Linguística: Contributo para uma Análise Sociolinguística*, Dissertação de Mestrado apresentada à UTAD.
- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de (1977), *Competência Linguística e Competência Literária*, Coimbra, Livraria Almedina.
- (1988-89), “Língua materna e sucesso educativo”, *Diacrítica*, Revista do Centro de Estudos Portugueses, N.º 3-4, Braga, Universidade do Minho, pp. 17-24.
- (2007), “Ilusões e desilusões sobre a política da Língua Portuguesa”, in M. R. G. Gama (ed.), *A Política da Língua Portuguesa*, Braga, Centro de Estudos Lusíadas/Universidade do Minho, pp. 13-26.
- ALVAR EZQUERRA, Manuel & G. Corpas Pastor (eds.) (1998), *Diccionarios, frases, palabras*, Estudios y Ensayos, Universidad de Málaga.
- APL - Associação Portuguesa de Linguística, “Atas dos Encontros APL”, disponível em <http://www.apl.org.pt/actas.html>, consultado em julho/2013 e agosto/2015.
- APP - Associação de Professores de Português, disponível em <http://www.app.pt/>, consultado em julho/2013.
- Associação Internacional de Paremiologia/International Association of Paremiology (AIP-IAP), disponível em <http://www.aip-iap.org/>, consultado em julho/2013 e agosto/2015.
- BALLY, Charles (1905), *Précis de Stylistique*, Genève.
- (1951 [1909]), *Traité de Stylistique Française*, Vol. I, 3.ª ed., Genève, Librairie Georg & C^{ie} S. A., Paris, Librairie C. Klincksieck.
- (1983 [1909]), *Traité de Stylistique Française*, Vol. II, 4.ª ed., Genève, Librairie Georg & C^{ie} S. A., Paris, Librairie C. Klincksieck.
- BAPTISTA, Jorge *et al.* (2005), “Léxico-gramática das frases fixas do português europeu”, *Cadernos de Fraseoloxía Galega 7*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, pp. 41-53.
- BARÁNOV, Anatolij & Dmitri Dobrovól'skij (1998), “Idiomaticidad e Idiomatismos”, in Juan de Dios Luque Durán e Antonio Pamies Bertrán (eds.), *Léxico y Fraseología*, Granada, Granada Linguística y Método Ediciones, pp. 19-42.
- (2009), *Aspectos teóricos da fraseoloxía*, Xunta de Galicia, Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, disponível em

http://www.cirp.es/pub/docs/cfg/aspectos_teoricos_fraseologia.pdf, consultado em 20/04/2012.

BARBOSA, Jorge Morais (1969 [1968]), *A Língua Portuguesa no Mundo*, Lisboa, Agência-Geral do Ultramar.

BARROS, João de (1971 [1539-1540]), *Gramática da Língua Portuguesa. Cartinha, Gramática, Diálogo em Louvor da nossa Linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha*, Reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, Publicações da FLUL.

BIZARRO, Rosa, Maria Alfredo Moreira & Cristina Flores (coord.) (2013), *Português Língua Não Materna: Investigação e Ensino*, Direção de Maria José Grosso, Lidel.

Boletim de Filologia (vol. I, 1932-vol. XXXII, 1988-1992), Lisboa, Junta de Educação Nacional-Centro de Estudos Filológicos, Imprensa Nacional de Lisboa, disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/lingua/boletimfilologia/index.html>, consultado em setembro/2012.

BURGER, Harald *et al.* (eds.) (2007), *Phraseologie / Phraseology. Ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung / An International Handbook of Contemporary Research*, 1. Halbband / Volume 1, 2. Halbband / Volume 2, Berlin, New York, Walter de Gruyter.

Cadernos de Fraseologia Galega (N.º 1, 2000-N.º 15, 2013), Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, disponível em http://www.cirp.es/pls/bdox/inv.cfg_numeros, consultado em julho/2014.

CAPLE – Centro de Avaliação de Português Língua Estrangeira, disponível em <http://www.fl.ul.pt/caple/Exames/CIPLE.aspx>, consultado em 22/07/2013.

CARDEIRA, Esperança (2006a), *O Essencial sobre a História do Português*, Lisboa, Editorial Caminho.

— (2006b), “Periodização da língua portuguesa”, *Mostra de Linguística*, Lisboa, APL (suporte cd).

CARVALHO, José G. Herculano de (1983-1984 [1967]), *Teoria da Linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e análise das línguas*, Coimbra Editora, volume I, 6.ª edição, 1983; volume II, 4.ª reimpressão, 1984.

CASARES, Julio (1992 [1950]), *Introducción a la Lexicografía Moderna*, 3.ª edición, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Colección Textos Universitarios, n.º 17.

CASTRO, Ivo (1995), “O Retorno à Filologia”, *Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários in Memoriam Celso Cunha*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, pp. 511-520, disponível em http://www.clul.ul.pt/files/ivo_castro/1995_Retorno__Filologia.pdf, consultado em junho/2013.

- (2004), *Introdução à História do Português. Geografia da Língua. Português Antigo*, Lisboa, Edições Colibri.
- CASTRO, Ivo *et al.* (2001), *O Tempo da Língua. Imagens da História da Língua Portuguesa*, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Instituto Camões, disponível em <http://observatorio.lp.sapo.pt/pt/ligacoes/sitios-de-interesse1/historia-d-lingua/o-tempo-da-lingua>, consultado em 18/07/2013.
- CASTRO-CALDAS, Alexandre (2003 [2001]), “O conhecimento da leitura e da escrita modela a função neural”, in A. S. da SILVA (ed.), *Linguagem e Cognição. A Perspectiva da Linguística Cognitiva*, Associação Portuguesa de Linguística / Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia de Braga, pp. 465-489.
- (2005), “A língua materna nos primeiros anos de escolaridade: a perspectiva das ciências neurocognitivas”, *A Língua Portuguesa: Presente e Futuro*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 39-46.
- CEIA, Carlos (ed.), *E-Dicionário de Termos Literários*, disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/F/fraseologia.htm>, consultado em 09/03/2012 e 18/08/2015.
- Centro Virtual Camões*, disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt>, consultado em 31/07/2013.
- CHACOTO, Lucília (1994), *Estudo e formalização das propriedades léxico-sintáticas das expressões fixas proverbiais*, Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, disponível em <http://www.ciberduvidas.com/>, consultado em julho/2013.
- COMBINA-PT – Combinatórias Lexicais do Português, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, coordenação de Maria Amália Mendes, disponível em <http://www.clul.ul.pt/pt/investigacao/187-combina-pt-word-combinations-in-portuguese-language>, consultado em julho/2013.
- CORPAS PASTOR, Gloria (1995), *Un estudio paralelo de los sistemas fraseológicos del inglés y del español*, edición en Microfichas, Málaga, Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Málaga.
- (1996), *Manual de Fraseología Española*, Madrid, Editorial Gredos.
- (ed.) (2000), *Las Lenguas de Europa: Estudios de Fraseología, Fraseografía y Traducción*, Granada, Editorial Comares.
- (2003), *Diez años de investigación en fraseología: análisis sintáctico-semánticos, contrastivos y traductológicos*, Lingüística Iberoamericana, vol. 20, Vervuert.

- COSTA, João (2001), *Gramática, Conflitos e Violações. Introdução à Teoria da Optimidade*, Editorial Caminho, Coleção Universitária – Série Linguística.
- COWIE, A. P. (ed.) (2005 [1998]), *Phraseology: Theory, Analysis, and Applications*, Oxford University Press.
- CRESPO, Nina & Pablo Caceres (2006), “La comprensión oral de las frases hechas: Un fenómeno de desarrollo tardío del lenguaje”, *RLA-Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*, Concepción (Chile), 44 (2), II Sem. 2006, pp. 77-90, disponível em <http://www.scielo.cl/pdf/rla/v44n2/art06.pdf>, consultado em 20/06/2013.
- Cuidado com a Língua*, programa televisivo disponível em <http://www.rtp.pt/play/p43/cuidado-com-a-lingua>, consultado em julho/2013.
- CUNHA, Celso & Lindley Cintra (1986 [1984]), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 3.^a edição, Lisboa, Edições Sá da Costa.
- DAMÁSIO, António R. (2003 [1994]), *O Erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano*, Publicações Europa-América, 23.^a edição.
- DELICADO, António (1923 [1651]), *Adágios Portuguezes Reducidos a Lugares Communs pello Lecenciado Antonio Delicado, Prior da Igreja de Nossa Senhora da Charidade, termo da Cidade de Evora, natural da villa de Alvito*, Lisboa, Domingos Lopes Rosa, ed. revista e prefaciada por Luís Chaves, Universal.
- DIAS, Idalete Maria da Silva (2010), *Sinonímia – campo semântico – contexto – texto. Uma análise da sinonímia com particular relevância para as expressões idiomáticas. Estudo sistemático e contrastivo*, Universidade do Minho, Outubro de 2010, Tese de Doutoramento, disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11263/1/Tese.pdf>, consultado em 25/01/2013.
- Dicionário da Língua Portuguesa 2013* (2012), Porto Editora.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2011), Academia das Ciências de Lisboa, Editorial Verbo, 2 vols.
- Dicionário de Termos Linguísticos*, disponível em http://www.ait.pt/recursos/dic_term_ling/index2.htm, consultado em 10/10/2014.
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2003), Lisboa, Temas e Debates, Tomos I-III.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (DPLP), disponível em <http://www.priberam.pt/DLPO/Consultar.aspx>, consultado em julho/2013.
- Dicionário Terminológico* (2008), disponível em <http://dt.dgjidc.min-edu.pt/>, consultado em julho/2013.

- DUARTE, Inês (2002), “A Língua Portuguesa e a sua variedade europeia”, in M. H. Mira Mateus, *As línguas da Península Ibérica*, Lisboa, Edições Colibri, pp. 101-115.
- DUARTE, Maria Susana de Almeida (2006), *As Expressões Idiomáticas na Língua e no Discurso. Um olhar sobre as crónicas de Miguel Esteves Cardoso*, Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa – Linguística Aplicada ao Ensino do Português, FLUP, disponível em http://aleph20.letras.up.pt/F/QSQ5F5MAXK3AMVDJMTX1LYIN6QLHNEK918CTPV3NFMYTUR4CU4-00207?func=find-acc&acc_sequence=000865435, consultado em janeiro/2013.
- Ensino do português a estrangeiros – Imigrantes Somos Todos*, disponível em <http://imigrantes.no.sapo.pt/IndexCursos01.html>, consultado em julho/2013.
- Ensino Português no Estrangeiro. Programa Níveis A1 A2 B1 B2 C1* (2012), Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP, Direção de Serviços de Língua e Cultura, disponível em [file:///C:/Users/Ant%C3%B3nio/Downloads/Programas%20Compilacao_web%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Ant%C3%B3nio/Downloads/Programas%20Compilacao_web%20(1).pdf), consultado em 28/02/2015.
- ETTINGER, Stefan (2008), “Alcances e limites da fraseodidáctica. Dez perguntas chave sobre o estado actual da investigação”, *Cadernos de Fraseoloxía Galega 10*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, pp. 95-127.
- Europhras - European Society of Phraseology*, disponível em www.europhras.org, consultado em julho/2013.
- FERREIRA, José de Azevedo (2001), *Estudos de História da Língua Portuguesa. Obra dispersa*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos, Coleção Poliedro, Universidade do Minho.
- FERREIRA, Vergílio (1991), “A Voz do Mar”, disponível em <http://www.ciberduvidas.com/textos/antologia/11478>, consultado em 24/05/2013.
- (1993), “Defesa da Língua”, *Estão a Assassinar o Português! 17 depoimentos*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 147-151.
- FIGUEIREDO, Eunice Barbieri de & Olívia Maria Figueiredo (2010), “Unidades fraseológicas no ensino de PLE. Perspectiva intercultural”, *Limite*, n.º 4, pp. 155-166.
- FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da (1985), *O Português entre as Línguas do Mundo*, Coimbra, Livraria Almedina.
- FUNK, M. G. C. B. (1993), *A função do provérbio em português e em alemão – análise contrastiva de um corpus de provérbios contextualizados*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores.
- GAMA, Bárbara Sofia Nadais da (2009), *O léxico em aulas de PLE. Um contributo para o ensino de colocações*, Dissertação de Mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira, FLUP, disponível em

http://aleph20.letras.up.pt/F/QSQ5F5MAXK3AMVDJMTX1LYIN6QLHNEK918CTPV3NFMYTUR4CU4-00207?func=find-acc&acc_sequence=000865435, consultado em janeiro/2013.

GAMA, Manuel Rosa Gonçalves (ed.) (2007), *A Política da Língua Portuguesa*, Braga, Centro de Estudos Lusíadas/Universidade do Minho.

GONZÁLEZ REY, Maria Isabel (2004), “A fraseodidáctica: um eido da fraseoloxía aplicada”, *Cadernos de Fraseoloxía Galega* 6, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, pp. 113-130.

— (2006), “A fraseodidáctica e o Marco europeo común de referencia para as linguas”, *Cadernos de Fraseoloxía Galega* 8, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, pp. 123-145.

— (2008), *La didactique du français idiomatique*, éditions E.M.E., disponível em <http://www.phraseonet.com/descargas/libro/45684.pdf>, consultado em 23/07/2013.

— (2010), “La phraséodidactique en action: les expressions figées comme objet d'enseignement”, pp. 1-12, disponível em <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4026980>, consultado em 23/07/2013.

— (2012), “De la didáctica de la fraseología a la fraseodidáctica”, *Paremia* 21, pp. 67-84, disponível em <http://www.paremia.org/wp-content/uploads/07-GEZREY.pdf>, consultado em agosto/2013.

GROSSO, Maria José (ed.) (2011), *QuaREPE - Quadro de Referência para o Ensino do Português no Estrangeiro. Documento Orientador*, disponível em www.dgisd.min-edu.pt/, consultado em julho/2013.

— (2011), *QuaREPE - Quadro de Referência para o Ensino do Português no Estrangeiro. Tarefas, Actividades, Exercícios e Recursos para a Avaliação*, disponível em www.dgisd.min-edu.pt/, consultado em julho/2013.

HIGUERAS GARCÍA, Marta (2006), *Las colocaciones y su enseñanza en la clase de ELE*, Cuadernos de Didáctica del Español/LE, Madrid, Arco Libros.

Instituto Camões, disponível em <http://instituto-camoes.pt>, consultado em junho e julho/2013.

IORDAN, Iorgu (1973), *Introdução à Linguística Românica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, tradução do original alemão, Berlin, 1962.

IRIARTE SANROMÁN, Álvaro (2001), *A Unidade Lexicográfica. Palavras, Colocações, Frasemas, Pragmatemas*, Braga, Universidade do Minho - Centro de Estudos Humanísticos, Coleção Poliedro, disponível em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4573/1/A_Unidade_Lexicografica.pdf, consultado em 18/07/2013.

- (2004), “Dicionários Codificadores”, in C. M. de Sousa & R. Patrício (eds.), *Largo mundo alumado. Estudos em homenagem a Vítor Aguiar e Silva*, Braga, Universidade do Minho-Centro de Estudos Humanísticos, vol. 1, pp. 81-98.
- JORGE, Guilhermina (1991), *As expressões idiomáticas. Da língua materna à língua estrangeira. Uma análise comparativa*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- (2005), “Periplo pola fraseoloxía portuguesa: abordaxe lexicográfica”, *Cadernos de Fraseoloxía Galega 7*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, pp.119-133.
- JORGE, Guilhermina & Suzete Jorge (1997), *Dar à língua. Da comunicação às expressões idiomáticas*, Lisboa, Edições Cosmos.
- KUIPER, Koenraad (ed.) (2010), *Yearbook of Phraseology*, De Gruyter Mouton.
- LAKOFF, George (1987), *Women, Fire, and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*, Chicago/London, The University of Chicago Press, disponível em <http://www.amazon.com/Women-Dangerous-Things-George-Lakoff/dp/0226468046>, consultado em 08/05/2013.
- LAPA, Manuel Rodrigues (1945), “Fraseologia. O cliché”, *Estilística da Língua Portuguesa*, Lisboa, Seara Nova, pp. 77-94.
- LARRETA, Juan Pablo (2001), *Fraseología contrastiva del alemán y del español*, Frankfurt am Main, Peter Lang.
- LEIRIA, Isabel (2006), *Léxico, Aquisição e Ensino do Português Europeu língua não materna*, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e do Ensino Superior.
- (coord.), “Recolha de dados de aprendizagem de português língua estrangeira”, disponível em <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/314-corpora-of-ple>, consultado em junho/2013.
- LOBO ANTUNES, António (2006), *Terceiro Livro de Crónicas*, Dom Quixote.
- LOMAS, Carlos (2001), “Teorías del lenguaje, competencia comunicativa y enseñanza de la lengua: Luces y sombras de la educación lingüística en España”, *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Coimbra, 28-30 de Setembro), Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 9-32.
- LOPES, Ana Cristina Macário (1992), *Texto Proverbial Português –Elementos para uma análise semântica e pragmática*, Dissertação de Doutoramento, disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/719/2/Texto%20Proverbial%20Portugu%3%aas.pdf>, consultado em julho/2013.
- LOPES, Ana Cristina Macário & Graça Rio-Torto (2007), *Semântica*, Coleção “O Essencial sobre Língua Portuguesa”, Caminho.

Lugares Comuns, programa radiofónico disponível em <http://www.rtp.pt/play/p491/e121436/lugares-comuns>, consultado em agosto/2013.

LUQUE DURÁN, Juan de Dios & Antonio Pamies Bertrán (eds.) (1998), *Léxico y Fraseología*, Granada, Granada Lingvistica y Método Ediciones.

— (eds.) (2005), *La creatividad en el lenguaje: colocaciones idiomáticas y fraseología*, Granada, Granada Lingvistica.

LUQUE DURÁN, Juan de Dios & Manjón Pozas (1998), “Tipología Léxica y Tipología Fraseológica: Universales y Particulares”, in Juan de Dios Luque Durán e Antonio Pamies Bertan, *Léxico y Fraseología*. Granada, Granada Lingvistica y Método Ediciones, pp. 139-153.

MARTINS, Ana Maria (2001), “Emergência e generalização do português escrito. De D. Afonso Henriques a D. Dinis”, in M. H. M. Mateus (ed.), *Caminhos do Português. Exposição Comemorativa do Ano Europeu das Línguas*, Catálogo, Lisboa, Biblioteca Nacional, pp. 23-71.

MATEUS, Maria Helena Mira (ed.) (2001), *Mais Línguas, Mais Europa: celebrar a diversidade linguística e cultural da Europa*, Actas do Colóquio de 25 e 26 de Janeiro de 2001, Lisboa, Edições Colibri.

MATEUS, Maria Helena Mira (2002), *A Face Exposta da Língua Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

— (ed.) (2002a), *As línguas da Península Ibérica*, Lisboa, Edições Colibri.

— (ed.) (2002b), *Uma Política de Língua para o Português*, Lisboa, Edições Colibri.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*, 5.^a edição, revista e aumentada, Lisboa, Caminho, coleção universitária, série Linguística.

MATEUS, Maria Helena Mira & Alina Villalva (2006), *O Essencial sobre Linguística*, Lisboa, Editorial Caminho.

MATEUS, Maria Helena Mira & Esperança Cardeira (2007), *Norma e Variação*, Coleção “O Essencial sobre Língua Portuguesa”, Caminho.

MATTOSO, José (2001 [1987]), “O Essencial sobre os Provérbios Medievais Portugueses”, *Obras Completas*, vol. 6, Círculo de Leitores.

MEL’ČUK, Igor (2005 [1998]), “Collocations and Lexical Functions”, in A. P. Cowie (ed.), *Phraseology. Theory, Analysis, and Applications*, Oxford, University Press, pp. 23-53.

— (2003), “Collocations dans le dictionnaire”, in Th. Szende (ed.), *Les écarts culturels dans les Dictionnaires bilingues*, Paris, Honoré Champion, pp. 19-64, disponível em <http://olst.ling.umontreal.ca/pdf/Collocations-Szende.pdf> (pp. 1-43), consultado em 26/03/2013.

- MEL'ČUK, I. *et al.* (1984, 1988, 1992), *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain: Recherches lexico-sémantiques I, II, III*, Montréal, Presses de l'Univ. de Montréal.
- MELLADO BLANCO, Carmen (2004), *Fraseologismos somáticos del alemán*, Frankfurt am Main, Peter Lang.
- MELLO, Francisco Manuel de (1875), *Feira dos Anexins*, Obra Póstuma, Edição dirigida e revista por Innocencio Francisco da Silva, Lisboa, Livraria de A. M. Pereira. Disponível em <http://purl.pt/24482> (Biblioteca Nacional de Portugal – biblioteca nacional digital), consultada em 07/09/2105.
- MENGRU, Liu (2012), *Provérbios e Expressões Idiomáticas em Português e Chinês*, Dissertação de Mestrado, Braga, Universidade do Minho-Instituto de Letras e Ciências Humanas.
- Metas Curriculares de Português – Ensino Básico* (2012), disponível em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/eb_pt_metas_curriculares_14_agos_2013.pdf, consultado em agosto/2013.
- MIEDER, Wolfgang (2000), “Historia y futuro de los refranes comunes en Europa”, *Paremia 9*, pp. 15-24, disponível em http://www.paremia.org/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=47&lang=es, consultado em agosto/2013.
- Ministério da Educação, disponível em <http://www.dgicd.min-edu.pt/outrosprojetos/index.php?s=directorio&pid=2>, consultado em julho/2013.
- MOKIENKO, Valerii (2000 [1980]), *Fraseología eslava. Manual universitario para a especialidade de lingua e literatura rusas*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia.
- MORAIS SILVA, António (1813 [1789]), *Diccionario da Lingua Portuguesa*, 2.^a edição, Lisboa.
- MOREIRA, Adriano *et al.* (2005), *A Língua Portuguesa: Presente e Futuro*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas.
- Morvay, Károly (1997), “Aspectos lexicográficos y didácticos de la Paremiología y Fraseología”, *Paremia 6*, pp. 423-432, disponível em http://www.paremia.org/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=47&lang=es, consultado em agosto/2013.
- NASCIMENTO, Maria F. B. do & Luísa A. S. Pereira (1995), “Dicionário de Combinatórias do Português: Associações lexicais frequentes observadas num corpus de Português contemporâneo”, *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, FLUL, vol. 2, pp. 43-54.
- NATTINGER, James R. & Jeanette S. DeCarrico (1992), *Lexical Phrases and Language Teaching*, Oxford University Press.

- NOGUEIRA SANTOS, António (1990), *Novos Dicionários de expressões idiomáticas*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- (2006), “Fraseoloxía comparada portugués-inglés: cão/gato-dog/cat”, *Cadernos de Fraseoloxía Galega* 8, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, pp. 165-175.
- NUÑEZ, Hernan (1621 [1551]), *Refranes o Proverbios en Romance*, disponível em http://books.google.pt/books?id=zhJTveLHp8cC&printsec=frontcover&source=gbs_ge_suummary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false, consultado em junho/2013.
- Observatório da Língua Portuguesa, disponível em <http://www.observatorio-lp.sapo.pt/pt>, consultado em 18/07/2013.
- PAMIES BERTRÁN, Antonio & Juan de Dios Luque Durán (eds.) (2000), *Trabajos de Lexicografía y Fraseología Contrastivas*, Granada, Método Ediciones y Granada Lingüística.
- Paremia* (N.º 1, 1993-N.º 22, 2013), “La primera revista española sobre refranes”, disponível em http://www.paremia.org/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=47&lang=es, consultado em agosto/2013.
- PENADÉS MARTÍNEZ, Inmaculada (1999), *La enseñanza de las unidades fraseológicas*, Cuadernos de Didáctica del Español/LE, Arco Libros, S.L., Madrid.
- PEREIRA, Bento (1655), *Florilegio dos modos de fallar, e adagios da lingua portugueza; dividido em duas partes: na primeira das quaes se põem pela ordem do alphabeto as phrases portuguezas; e na segunda se põem os principaes adagios portuguezes, com seu latim proverbial correspondente. Para se ajuntar á Prosodia e Thesouro Portuguez, como seu appendix ou complemento*, Lisboa, Paulo Craesbeeck.
- PERES, João Andrade & Telmo Mória (2003 [1995]), *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, 2.ª ed., Lisboa, Caminho.
- PIEL, Joseph-Maria (1989), *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Estudos Gerais/Série Universitária.
- PIIRAINEN, Elisabeth (2007), “Locucións espalladas por Europa e máis alá”, *Cadernos de Fraseoloxía Galega* 9, pp. 173-193, Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, disponível em http://www.cirp.es/pls/bdox/inv.cfg_numeros, consultado em julho/2013.
- (2011a), “Ditos espallados por Europa e máis alá dela: O substrato máis antigo do “Lexicon of Common Figurative Units”, *Cadernos de Fraseoloxía Galega* 13, pp. 227-246, Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, disponível em http://www.cirp.es/pls/bdox/inv.cfg_numeros, consultado em julho/2013.

- (2011b), *Folk narratives and legends as sources of widespread idioms: Toward a Lexicon of Common Figurative Units*, *Folklore*, Electronic Journal of Folklore, 48, pp. 117-142.
- (2012), *Widespread Idioms in Europe and Beyond: Toward a Lexicon of Common Figurative Units*, New York, Peter Lang, Series “International Folkloristics”.
- PINTO, Paulo Feytor (2002), “Política do Português Língua Segunda em Portugal”, *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, pp. 351-355.
- (2010), *O Essencial sobre Política de Língua*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Polifonia* (N.º 1, 1997 - N.º 7, 2004), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Grupo Universitário de Investigação em Línguas Vivas, revista disponível em http://ww3.fl.ul.pt/unil/polifonia_index.htm, consultado em 16/07/2013.
- POLÓNIA, Cecília Paula Faria Morais (2009), *As Expressões Idiomáticas em Português Língua Estrangeira: Uma Experiência Metodológica*, Dissertação de Mestrado em Ensino de Português Língua Segunda/Estrangeira, sob a orientação da Professora Doutora Olívia Figueiredo, FLUP, disponível em <http://sdi.letras.up.pt/>, consultado em junho/2013.
- POSTIGO ALDEAMIL, M.ª Josefa (1999), "Las paremias en la enseñanza del portugués como lengua extranjera", *Paremia 8*, pp. 417-422.
- PRATT, Óscar de (1910), “Frazes Feitas, breves considerações ao livro do snr. João Ribeiro”, Lisboa, 22 pp.
- (1912), “Locuções Petrificadas”, in José Leite de Vasconcelos, *Revista Lusitana*, vol. XV, pp. 312-324.
- (1914), “Locuções Petrificadas”, *Revista do Minho. Dedicada ao Estudo das Tradições Populares. Collaborada por todos os folk-loristas portugueses e estrangeiros*, Director: José da Silva Vieira, vol. XXII, Publicação Trimestral, Espozende, “Revista do Minho” – Editora (1.º Número: 1 Abril 1985, Barcellos, Empreza da-«Revista do Minho»-de Vieira & Landolt).
- Programas de Português: Ensino Básico e Secundário*, Ensino Básico disponível em [file:///C:/Users/Ant%C3%B3nio/Downloads/programa_portugues_homologado%20\(6\).pdf](file:///C:/Users/Ant%C3%B3nio/Downloads/programa_portugues_homologado%20(6).pdf), Ensino Secundário disponível em [file:///C:/Users/Ant%C3%B3nio/Downloads/portugues_10_11_12%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Ant%C3%B3nio/Downloads/portugues_10_11_12%20(1).pdf), consultado em maio/2014.
- QECR (2001), *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – aprendizagem, ensino, avaliação*, Conselho da Europa, Porto, Asa.
- RAPOSO, Eduardo Paiva (1984), “Algumas observações sobre a noção de «Língua Portuguesa»”, *Boletim de Filologia*, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Tomo XXIX, vol. II, pp. 585-593.

- REBELO, Luís Manuel Tecedeiro (1998), *Fraseologias em Português e Chinês. Uma Abordagem Contrastiva*, Dissertação de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa – Estudos Linguísticos, Universidade de Macau.
- Refranero multilingüe*, disponível em www.cvc.cervantes.es/lengua/refranero, consultado em julho/2013.
- RENTE, Sofia (2013), *Expressões Idiomáticas Ilustradas*, Ilustrações de Luís Prina, QECR, Níveis B1/B2/C1/C2, Lidel.
- RETO, Luís (ed.) (2012), *Potencial Económico da Língua Portuguesa*, Texto Editores.
- Revista do Minho. Dedicada ao Estudo das Tradições Populares. Collaborada por todos os folkloristas portugueses e estrangeiros* (1.º Número: 1 Abril 1985 – Vol. XXII: 1914). Director: José da Silva Vieira, publicação trimensal, Barcellos, Empresa da-«Revista do Minho»-de Vieira & Landolt/Espozende, “Revista do Minho” - Editora.
- Revista Lusitana – Nova Série* (1981, N.º 1 - 2005, N.º 22-24), Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- RevPLE – Revista de Português Língua Estrangeira, disponível em <http://www.app.pt/revple/>, consultado em julho/2013.
- RIBEIRO, João (2009 [1908-1909]), *Frases Feitas. Estudo conjetural de locuções, ditados e provérbios*, 3.ª edição, Coleção Antônio de Moraes Silva, Estudos de Língua Portuguesa, com uma introdução de Joaquim Ribeiro, disponível em <http://www.academia.org.br/antigo/media/Frases%20feitas%20-%20Joao%20Ribeiro%20-PARA%20INTERNET.pdf>, consultado em maio/2013.
- (1910), “Sobre a inteligência de algumas frases clássicas”, *O Fabordão. Cronica de vario assunto*, pp. 65-87, H. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro-Paris, disponível em <http://www.archive.org/stream/3358098#page/n0/mode/2up>, consultado em maio/2013.
- RIO-TORTO, Graça Maria de Oliveira e Silva, O. M. Figueiredo & F. Silva (eds.) (2005), *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, Vols. I e II, Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras.
- ROCHA, Ana (2007), *Português – 500 e tal Expressões Idiomáticas*, Lisboa, Replicação.
- ROCHA, Maria Regina & J. M. Costa (2008), *Cuidado Com a Língua!*, Oficina do Livro.
- RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ, María (coord.) (2003), *Léxico, Fraseología y Falsos Amigos*, N.º 6, Cuadernos de Didáctica ELE, Forma-Formación de Formadores, Madrid, SGEL-Sociedad General Española de Librería, S. A.
- ROLAND, Francisco (1780), *Adagios, Proverbios, Rifãos e Anexins da Lingua Portuguesa, tirados dos melhores Auctores Nacionaes, e recopilados por ordem alfabética por F.R.L.E.L.*,

Lisboa, Typografia Rollandiana, 2ª edição, corrigida y aumentada, en Lisboa, Typografia Rollandiana, 1841.

ROSCH, Eleanor (1973), "Natural categories", *Cognitive psychology*, 4, pp. 328-350.

ROSCH, Eleanor & C. B. Mervis (1975), "Family resemblances: studies in the internal structure of categories", *Cognitive psychology*, 7, pp. 573-605.

SAID ALI, Manuel (1957 [1908]), *Dificuldades da Língua Portuguesa. Estudos e Observações*, Biblioteca Brasileira de Filologia – N.º 1, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

SARAMAGO, José (1994 [1982]), *Memorial do Convento*, Narrativa Actual-RBA.

— (1999), *Viagem a Portugal*, Circulo de Leitores.

SAUSSURE, Ferdinand de (1999 e 1967 [1916]), *Curso de Linguística Geral*, 8.ª ed., Lisboa, Publicações Dom Quixote (Edição crítica de 1967, em francês, preparada por Tullio de Mauro, disponível em <http://elearning.ustb.edu.cn/UploadFile//20111229085049520.pdf>, consultado em 18/07/2013).

SCHEMANN, Hans (1981), *Das idiomatische Sprachzeichen. Untersuchungen anhand der Analyse portugiesischer Idioms und ihrer deutschen Entsprechungen* (Beihefte zur Zeitschrift für romanische Philologie, 183).

— (2009), *Idiomática e Antropologia. "Imagem" e "Significado" numa Perspectiva Linguística e Filosófica*, Universidade do Minho-CEHUM.

SCHEMANN, Hans & Idalete Dias (2005), *Dicionário Idiomático Português-Alemão. Idiomatik Portugiesisch-Deutsch*, Braga, Universidade do Minho-Centro de Estudos Humanísticos.

SCHEMANN, Hans & Luiza Schemann Dias (s/d), *Dicionário Idiomático Português-Alemão. As expressões idiomáticas portuguesas, o seu uso no Brasil e os seus equivalentes alemães. / Portugiesisch-deutsche Idiomatik. Die portugiesischen Idioms, ihr Gebrauch in Brasilien und ihre Entsprechungen im Deutschen*, Braga, Livraria Cruz / Max Hueber Verlag.

SERENO, Maria Helena (2002), "Provérbios e Ironia na Narrativa de José Saramago", *Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, CLUP, 2 vols., pp. 83-97.

SILVA, Augusto S. da (ed.), *Linguagem e Cognição. A Perspectiva da Linguística Cognitiva*, Associação Portuguesa de Linguística / Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia de Braga.

SILVA, Rute Rocha da (2010), *As Expressões Idiomáticas. Um contributo para o ensino-aprendizagem do léxico nas aulas de Português e Francês*, Relatório para obtenção de Grau de Mestre em Ensino do Português no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e Língua Estrangeira no Ensino Básico e Ensino Secundário, FLUP, disponível

em

http://aleph20.letras.up.pt/F/QSQ5F5MAXK3AMVDJMTX1LYIN6QLHNEK918CTPV3NFMYTUR4CU4-00207?func=find-acc&acc_sequence=000865435, consultado em janeiro/2013.

SINCLAIR, J. M. (1991), *Corpus, Concordance, Collocation*, Oxford, Oxford University Press.

SOUSA, Carlos Mendes de & Rita Patrício (eds.) (2004), *Largo mundo alumiado. Estudos em homenagem a Vítor Aguiar e Silva – Volume: 1 e 2*, Braga, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos.

TAVARES, Clara Ferrão (2007), *Didáctica do Português - Língua Materna e Não Materna - no Ensino Básico*, Porto, Porto Editora.

TCHOBÁNOVA, Iovka B. (2009), “Os somatismos máis frecuentes na fraseoloxía portuguesa”, *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, N.º 11, Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, pp. 65-79, disponível em http://www.cirp.es/pls/bdox/inv.cfg_numeros, consultado em julho/2014.

TEIXEIRA, José (1999), *A configuração linguística do espaço no português europeu: modelos mentais de frente/trás*, Tese de Doutoramento, Braga, Universidade do Minho.

— (2006), “A reciclagem do significado de comunidade: processos de reinterpretação no texto publicitário”, *Diacrítica*, série ciências da linguagem, 20/1, Revista do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Braga, pp. 207-228.

TEYSSIER, Paul (1994), “Especificidade do Português”, in Inês Duarte & Isabel Leiria (eds.), *Congresso Internacional sobre o Português, Actas*, vol. II, Lisboa, pp. 191-207.

Vademécum para la Formación de Profesores. Enseñar español como segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE) (2004), Madrid, SGEL.

VALE, Andreia (2015), *Puxar a brasa à nossa sardinha e outras 270 expressões que usamos no dia-a-dia sem saber a sua origem*, Manuscrito.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1986), “Mil Provérbios Portugueses”, *Revista Lusitana – Nova Série*, N.º 7, pp. 29-71.

VASCONCELOS, José Leite de (ed.) (1887-1943), *Revista Lusitana*. Vols. I – XXXVIII, Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos.

— (1891-1910), *Ensaíos Ethnográficos*, 4 vols., Esposende.

— (1994 [1933]), *Etnografia Portuguesa*, Vol. I, Reimpressão fac-similada da edição de 1980, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

— (1938), *Opúsculos. Etnologia*, Vol. VII, Lisboa, Imprensa Nacional.

- VÁSQUEZ CUESTA, Pilar & Maria Albertina Mendes da Luz (1971), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Edições 70.
- VELASCO MENÉNDEZ, Josefina (2010), “La aportación de V.V. Vinogradov al desarrollo de la fraseología rusa”, *Eslavística Complutense*, 10, pp. 125-134, disponível em <http://www.ucm.es/BUCM/revistas/fl/15781763/articulos/ESLC1010110125A.PDF>, consultado em outubro/2011.
- VILELA, Mário (1984), “Contribuição para o estudo das solidariedades lexicais”, *Boletim de Filologia*, Tomo XXIX, Lisboa, Junta de Educação Nacional – Centro de Estudos Filológicos, Imprensa Nacional de Lisboa, pp. 319-354.
- (1994), *Estudos de Lexicologia do Português*, Coimbra, Almedina.
- (2000), “Estereótipo e os estereótipos na língua portuguesa actual”, *Revista Galega de Filoxía*, 1, Corunha, pp. 11-33, disponível em <http://ruc.udc.es/dspace/bitstream/2183/2569/1/RGF-1-1.pdf>, consultado em 26/10/2012.
- (2002), *Metáforas do Nosso Tempo*, Coimbra, Almedina.
- (2003 [2001]), “Limites e “performances” da semântica cognitiva”, in Augusto Soares da Silva (ed.), *Linguagem e Cognição. A Perspectiva da Linguística Cognitiva*, Associação Portuguesa de Linguística / Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia de Braga, pp. 193-213.
- (2003), “Os Estereótipos da Metáfora Animal: Comer Gato por Lebre”, *Revista da Faculdade de Letras «Línguas e Literaturas»*, Porto, XX, II, pp. 429-446, disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3975.pdf>, consultado em 24/10/2012.
- (2005), “Do dicionário poético de Cândido Lusitano à estilística actual ou a volta que os estereótipos da língua portuguesa foram dando”, *Gramática e Humanismo. Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres*, Vol. I, pp. 153-167.
- Widespread Idioms in Europe and Beyond*, disponível em <http://www.widespread-idioms.univ-trieur.de>, consultado em dezembro/2012.
- WOTJAK, Gerd (ed.) (1998), *Estudios de fraseología y fraseografía del español actual*, Frankfurt, Vervuert; Madrid, Iberoamericana.
- XAVIER, M. F. & M. H. M. Mateus (eds.) (s/d.), *Dicionário de Termos Linguísticos*, I., Associação Portuguesa de Linguística & Instituto de Linguística Teórica e Computacional, Lisboa, Cosmos.
- (1992), *Dicionário de Termos Linguísticos*, II, Associação Portuguesa de Linguística & Instituto de Linguística Teórica e Computacional, Lisboa, Cosmos.

ANEXO 1

João Ribeiro, *Frazes Feitas* (1908-1909)

PRIMEIRA PARTE (corresponde ao 1.º Vol., publicado em 1908)

Cap. I (pp. 37-68): “*Soletração*: Cutiliquê, Gregotins, Ramerrão, *Ffe rr*, Legalhé, P-a-pá, Santa Justa, e pé por pé. Dar as de Vila Diogo. Um no papo, outro no saco. Levar as lampas. À custa da barba longa. Em tempo de figos não há amigos; *cotia* como figo. Nem *chus* nem *bus*. Rou! rou! Na boca do lobo. Quem quer o que não convém perde o que quer e o que tem. A vista do lobo emudece. Não caber na pele. Alçar a palha e galho – *Frases de sapateiro*: meter-se nas encospas; meter num chinelo. *Cré* com *cré*, *lé* com *lé*.”

Cap. II (pp. 69-86): “Velho como a Sé; velho como a serra; velho como a serpe. Pérolas a porcos; e a galos. Camisa de onze varas. A morte da bezerra. Cimbrar ou casar. Provérbios árabes: passar de pato a ganso; entrou *por aqui*, saiu *por ali*; haver e saber; asno diante de palácio; depois de comer, cuspir no prato. Estúpido como uma porta. Duro de queixos. Caldo entornado. Quem a porcos *há medo*... Plebeísmos: salta atrás, contas de Jorge fora, o que for *suará*. Pais de Cucanha e outras terras maravilhosas. Amarrar cães com linguíça. A unha ou a cunha. E outras frases Conexas”.

Cap. III (pp. 87-104): “Consoantes simpáticas: *t’- m’*; troche-moche, tuge-muge. Tiquesmiques, nem *chic* nem *mic*. Fazer do céu cebola. Azul, ciúme. Sesta balhesta. Sua alma, sua palma; provérbios do Evangelho de São Mateus; passar um camelo pelo fundo de uma agulha. Ou César ou João Fernandes. Ficar em apuros. *Ad ephesios*. Mula sem cabeça. É um alho; tolo e *caju!* Sou adro. Quem o alheio veste na praça o despe. A boi velho não cates abrigo”.

Cap. IV (pp. 105-135): “Alma de cântaro. Pagar o pato. Viu o jogo! Mula que faz *him* e mulher que fala latim. Trazer de canto chorado. Assim e assado. Plebeísmos de formas simultâneas: *descolumenal*, *emprestadar*, engasgalhar, chibrasar. São mais as vozes que as nozes. Vir à noz. Com teu amo não jogues as peras. Não quero com o demo nêasperas. Cal-te. Não min cal. Encalmar-se. Ida de João Gomes; o *folclore*. Cala... Andar à coxia. Alhos e bugalhos. Alhada. Salvonor. Com fogo não se brinca. Arrecada e alcarrada. A ocasião é calva; por um *triz*. A boa árvore que cobre. Razões de *cacaracá*”.

Cap. V (pp. 136-156): “Estar na onça. Na *disgra*. Caipora e mofina; burro de Vicente. Por que cargas-d’água? Um *ror* de gente. Fazer de gato sapato; rente e pão quente. *Antigualhas várias*: lamber os dedos; um moio de sal; lá vão leis onde querem os reis; *hexâmetros leoninos* e provérbios medievais; Rei morto, Rei posto. A cuquiada. Caldo requentado; roer os ossos; pão com banha. Mateus, primeiro os teus. Ao bom calar chamam Sancho. *Folclore*: senhora dona Sancha. Rimas em *oz-uz*. albornoz, catrapuz; terceiras pessoas indefinidas, Fulano, Fulustreco, Sacripante, Valdevinos. *Oculus ruorum*; palavras fictícias”.

Cap. VI (pp. 157-183): “O arco da velha. *Cosas de España*: bolsa e couro; papas na língua; cada terra com seu uso. Tarde piaste! *Noruega*. A arte de cetria: XPTO cartaxo. Tangolomango e tangomau. Casa de Mãe Joana. Aguado. Aqui há caveira de burro. Fazer de um argueiro um cavaleiro; cavalo de batalha. Gato morto. Branco não é farinha. Fôlego de gato. Distampatório de asneiras. Letras simpáticas – *p’ – m’* – patranha e maranha. A língua do *pé* e outras línguas e geringonças; exemplos e documentos; vagas e carneiros do mar. Custar os olhos da cara. Dente cueiro. Olhos *injetados*. Noite em claro”.

Cap. VII (pp. 184-207): “Não pôr pé em ramo verde. *Bóbilis* Nicolau. Pax vobis. Latim macarrônico. Aqui está o *busilis*. Candeias avessas. Deu no coco; ou, aqui torce a porca o rabo. *Quiiproquó*. Há de tudo como em botica. A aflição do aflito; provérbios da antiguidade clássica. A ufa. Frade da mão furada. *Me fecit*. Casar a furto. A furta-lhe o fato. Dar o seu recado. Cada porco tem seu São Martinho. Fazer do queijo barca e do pão Bartolomeu. Fazer uma cruz e fazer cruces. Os Cresos de antanho. Atrapalhar o capítulo. Enxovalhar. Uma tuta e meia. As frações na gramática popular. Mulher e melão”.

Cap. VIII (pp. 208-244): “São Pero Gonçalves e os santos na linguagem popular, antiga e moderna: São Pisco, São Bico, São Coelho e São Nunca. Correr Ceca e Meca e olivais de Santarém. Alimárias: entre o lobo e o cão; gato e lebre; cobras e lagartos. *Histórias e facécias*: a fé e o pau da barca; João Topete; a água o dá, a água o leva. Não há mais Flandres. Dar em pantana. Em casa de Gonçalo... Panos quentes; papos quentes. *Um punhado de conjeturas*: pássaro bisnau; comeu queijo; entrou o bispo; marmanjo. Levar tábua. Chegar ao rego. Andar à gandaia. Às *três* o diabo a fez. Comigo e *sete*; *onze* letras. *Frases da Bíblia*, etc.”.

SEGUNDA PARTE (corresponde ao 2.º Vol., publicado em 1909)

Cap. I (pp. 245-286): “Dar-se por achado. Pelo nome não perca. Era uma vez. És não és. Contas do Porto; por escote. Deus dá nozes a quem não tem dentes. Ali à preta. Dar o desespero (modismo brasileiro). As artes de pintar: – pintar o simão, nem pintado e ao pintar da faneca, pintar a manta e levá-la. O diabo não é tão feio como o pintam. A olhos vistos. Sabido como cobra. *Latet anguis*. Nunca o vi mais gordo. Fazer ouvidos de mercador. Tem carradas de razão. Val-d’éguas e outros vales. Dois dedos de latim. Onomatopeias: *psiu, oxe, tem-te!*”.

Cap. II (pp. 287-320): “Me mele! – *Busmelé* – Pão, pau, pano e ensino. Tome para seu tabaco. Pagar com língua de palmo. Mentir como sobrescrito de carta. Várias mentiras; pulhas e bogas. Procurar um pé. Cinco pés ao gato; pé de alferes. Na tiorga. Não há sábado sem sol. Não saber pataca: *várias fórmulas de negação enfática*. Mundos e fundos. No açougue. Amarrar a lata. Deitar à margem. Prata de casa. Macaquinho de cheiro. *A quò* e *aquem d’água*”.

Cap. III (pp. 321-356): “Papagaio real. A arraia miúda. Vaca loura. Rico como um porco. Nos quoque... Na era! argumento em *dari*. Nomes de letras: *rr*, gregotins, *axis*, xisgaravis. Tudo é carvão. Ao atá. Gato pingado. Um pau por um olho. Um ovo, um real e dez réis. Seio de Abraão. As manguinhas de fora. O azar. Ora sebo! sebo de grilo. Que maganão! Trabalhar para o bispo. Vem de carrinho. Boto para Deus – voto a mares; o *Ahasverus*”.

Cap. IV (pp. 357-396): “Cebolas do Egito. Olho de panela. Latinismos populares: *quod natura dat, cum quibus, gratis*, etc. A prima face. F. das malvas, ervas. A mão do gato. Levante o dedo. Dinheiro que abranda o mar. A reio; reatar. Alá! Gato e farinha; andar enfronhado. Falar no mau, preparar o pau. Deu-lhe o ar. Aréu. Gente de gravata lavada; sangue no olho. É das Arábias. O frade onde canta. Do pé para a mão; meter os pés pelas mãos; em polvorosa; pé sepelo. Preso por mil, preso por mil e quinhentos. Coisas do vento”.

Cap. V (pp. 397-443): “Morreu o Neves. Poetas d’água doce. Os *números*, de um a cinco: nem uma nem duas; três razões; estar nas quintas; entre a quarta e a meia partida. Parteira do nuncio. Frei Tomás. Leva rumor! Toque de Aragão. Frases bíblicas: as Marias; pessoas e animais e plantas; pelo *flos sanctorum*, Santiago, São Fernando. Histórias do Trancoso. A grifa parideira; o Bandarra. Ladrão gaião. Assobiar às botas. Mafoma e o outeiro. Que tem uma coisa com outra? Expressões jurídicas: fora de termo, rixa velha. Num credo. Pescar em águas turvas. O diabo enquanto esfrega um olho. O diabo as arma. Mourão, mourão!”

Cap. VI (pp. 444-486): “Equívocos fonéticos. Sujeito escovado; dar trela; destrinchar; dito e feito; místico e misto; apanhia etc. Perdoaste ao meco? cruzados mecos. Quedê, como quê, com quê, etc. Sangria e facada. Adefina. Cor e côr; acordo. Pôr de lado, e pôr de lodo (arcaísmo). Aventar as pegas. Raia ou rata. Falar lila; aleli. O ai Jesus – *noli me tangere*. Roupa de franceses; caminho francês, etc. Mais vale um gosto que quatro vinténs. Pai velho, pai de velhacos. Pai Paulino; paulinas. Tim-tim por tim-tim”.

Cap. VII (pp. 487-524): “Ao léu. Caspitê. Feliz como filho de frade. De carona e meia cara. Chorar pedras. Mundos e fundos. Coração Mendes. Outros apelidos de pessoas. Onomatopeias. Entre dois fogos. Alguns provérbios antiquados. Adágios curiosos. Aurora e sol posto num anexim de origem antiga. Mangas ao demo. Amigos na praça e dinheiro na arca. *Dicant paduan!*”.

ANEXO 2

Contributos da *Revista Lusitana* (1887-1943) para a Fraseologia Portuguesa

RL I, Livraria Portuense, 1887-1889:

O “Prologo” deste 1.º volume revela-se de particular relevância porque é nele que José Leite de Vasconcelos explica o valor do conhecimento filológico e etnológico³⁸⁶:

“Sem o conhecimento da Philologia, é impossivel o estudo perfeito da grammatica, e por consequencia a comprehensão de uma das faculdades mais nobres do homem, - a linguagem; sem o conhecimento de Ethnologia, muitos factos de literatura e de historia ficção na sombra, e andaremos como que ás cegas, ignorando uma grande parte dos nossos caracteres e das nossas origens” (Vasconcelos, RL I, 1887-89: 2).

O primeiro artigo da RL com interesse fraseológico é, no nosso entender, um pequeno trabalho de A. Thomaz Pires, intitulado “Tradições Populares Alemtejanas” (pp. 60-62), onde podemos encontrar um conjunto de “dictados tópicos” (p. 60) à maneira do que havia feito L. de Vasconcelos, no artigo “Dictados topicos de Portugal”, publicado em Barcelos, em 1882. Recorde-se que o próprio Vasconcelos já nos havia informado da existência deste seu artigo em “Ditados tópicos de Portugal coligidos da tradição oral” (*Opúsculos* VII, pp. 658-668), importantíssimo por ser, no seu entender, o primeiro ensaio que do género aparece em Portugal.

Umás páginas mais adiante (69-72), encontramos um dos trabalhos mais importantes no domínio da fraseologia antiga portuguesa – “Materiaes para uma edição critica do Refraneiro Português” de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, datado de fevereiro de 1887. Diz ela:

³⁸⁶ Bem mais para diante, no Vol. XXI da RL, 1918, pp. 5-32, Michaëlis de Vasconcelos publicará um artigo intitulado “Introdução a Lições de Filologia Portuguesa na Universidade de Coimbra, Curso de 1917-1918”, onde explicará o conceito de filólogo e de filologia e as diferenças entre filologia e linguística geral ou glotologia (ver, por exemplo, p. 11). Por sua vez, o próprio Leite de Vasconcelos, no Vol. XXII, pp. 5-18, assinará um artigo – “Importância da Etnografia” – com achegas interessantes sobre os contributos da etnografia para a filologia (cf. p. 6) e até para a pedagogia infantil (cf. p. 12). Mais tarde ainda, em 1936, na Nova Série da RL (Tomo IV, pp. 1-13), F. Rebelo Gonçalves escreverá “História da filologia portuguesa. Os filólogos portugueses do séc. XVI”. Para se entender melhor o estado atual da filologia, é fundamental ler os artigos de Ivo Castro (“O Retorno à Filologia”, publicado em *Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários in Memoriam Celso Cunha*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995, pp. 511-520, disponível em http://www.clul.ul.pt/files/ivo_castro/1995_Retorno__Filologia.pdf, consultado em junho/2013) e Aguiar e Silva (“Sobre o regresso à Filologia”, pp. 93-106, e “Horizontes de uma nova interdisciplinaridade entre os Estudos Literários e os Estudos Linguísticos”, 2008, pp. 147-169, em *As Humanidades, os Estudos Culturais, o Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*, Coimbra, Almedina, 2010, ensaios escritos entre 1970 e 2010).

“A fim de formar uma collecção completa dos numerosissimos e interessantes proverbios portugueses, e para determinar, com a exactidão possivel, a idade, a formação, o sentido e o teor original d'estas importantes creações do genio popular, ando extractando, pouco a pouco, de todos os monumentos litterarios, anteriores ao seculo XVI, as respectivas citações e glossas [...] / Os fragmentos publicados do grande cancionero palaciano dos seculos XIII e XIV – *Trovas e Cantares*, (i. é, *Cancioneiro da Ajuda*), *Cancioneiro da Vaticana*, e *Cancioneiro Collocci-Brancuti* – ministram, entre raras allusões a crenças e superstições populares, uma pequena serie de proverbios, aos quaes se dá o nome de «*verbos antigos*», mas que na boca do povo se chamavam «*rifões*». Alguns d'elles vivem ainda hoje, inalterados, na tradição nacional; outros modificaram-se; e ainda outros parecem perdidos” (C. Michaëlis de Vasconcelos, em Vasconcelos, RL I, 1887-89: 69).

Entre os 15 provérbios que nesta primeira fase se analisam, surgem casos como *A boy velho não busques abrigo*, *Quam longe dos olhos, tam longe do coração* e *O mal e o bem á face vem*. Estes (e outros) provérbios surpreendem pela sua atualidade³⁸⁷. Michaëlis de Vasconcelos volta a surgir, neste 1.º volume da RL, em pequenos apontamentos fraseológicos, como é o caso da locução proverbial *de consum*, isto é, *juntamente* (janeiro/1887, pp. 127-132).

Mas há outros contributos fraseológicos: Júlio Moreira, com *estar ao léo* (do lat. *levem*, p. 180); e Adolpho Coelho, com as expressões *ir ver os cavallinhos fuscos* (p. 254), *sete alfaiates para matar uma aranha* (p. 256) e *atar as cardas* (p. 259), a primeira com o significado de *ir passear/vadiar*, a segunda para traduzir a ideia de um excesso de pessoas a realizar uma tarefa simples e sem grande valor, e a terceira com o sentido de *morrer*. Mais adiante, surge-nos Leite de Vasconcelos com algumas considerações importantes:

“Ha grande número de **phrases feitas** na nossa linguagem familiar, nas quaes se descobre um certo principio de alliteração. Ésta tendencia não tem nada de especial em português: encontrava-se já em latim e nas línguas romanicas e germanicas” (Vasconcelos, RL I, 1887-89: 277. Sublinhado nosso).

Depois apresenta alguns exemplos, como é o caso de *É o bom e o bonito*, *Vai na vela*, *Nem rei nem roque*, *Qual cabaça, qual carapuça!* e *Come e cala-te*. De seguida, explora a etimologia de expressões populares como *Nem rei nem roca* (*roca* por *roque*) e *em papos de aranha* (*papos* por *palpos*). Registe-se a atualidade destas expressões, a abordagem estilística e etimológica da fraseologia e a terminologia utilizada. Relativamente a este último aspeto,

³⁸⁷ Numa consulta efetuada em 05/06/2012 no Google.pt, encontrámos os seguintes números de ocorrência: “A boi velho não busques abrigo”, cerca de 740; “longe dos olhos, longe do coração”, c. de 134.000; e “O mal e o bem á face vêm/ven”, c. de 4.400.

recorde-se que João Ribeiro escolheu para título do seu livro de 1908-1909 *Frazes feitas*, precisamente a expressão usada por Leite de Vasconcelos, pelo menos em 1887-1889, para designar os exemplos acima referidos. Todavia, pelo que conseguimos apurar, Ribeiro nunca se referiu a esta possível herança terminológica.

Mas a importância deste primeiro número da RL para a fraseologia portuguesa não se esgota nos trabalhos até agora referenciados. Nas páginas 306-309, Vasconcelos apresenta “estudo do rifão «Lá vae tudo quanto Martha fiou»”, um trabalho que traz a data de 1886, sendo, portanto, um dos primeiros no domínio fraseológico. Começa assim:

“Ha em português um rifão, - *Lá vae quanto Martha fiou* (Bento Pereira, - *Prosodia*), ou *Lá vae tudo quanto Martha fiou* (fórmula hoje mais vulgar) -, que significa: *lá se foi tudo!* Um seu synonymo, mas mais grosseiro, é: *Lá vae o burro com as canastras* (Beira Alta, etc.). Este segundo adagio é fácil de entender; mas o primeiro, por causa do nome de Martha, não é tão fácil. Vou tentar interpretá-lo” (Vasconcelos, RL I, 1887-89: 306).

E tenta, começando por relacionar o *rifão* português com o italiano e com o francês. Grimm, na sua *Mythologia Allemã*, serve-lhe também de guia, assim como os portugueses Adolfo Coelho e Teófilo Braga. O resultado desta viagem pelas tradições e pelos mitos é a certeza de que a fórmula *Lá vae quanto Martha fiou* conduz Vasconcelos por “um longo e escabroso caminho” que ele não pode por enquanto seguir (vd. p. 309).

A última referência de interesse fraseológico, neste 1.º volume da RL, vai para um artigo de A. Thomaz Pires – “Fórmulas e Perlengas Diversas” (pp. 346-350). Todavia, a nossa atenção desloca-se para a “Nota” (pp. 350-351) escrita por Vasconcelos sobre o referido artigo. Nela o diretor da RL justifica a importância filológica e etnográfica do texto de Thomaz Pires, relevando a especificidade da “construcção syntactica” de muitas das “fórmulas”, mas também a existência de “um princípio rythmico que ajuda o espirito a fixar melhor o sentido d’ellas” (p. 350). Depois, aproveita a ocasião para acrescentar uma mão cheia de *locuções* onde a rima, geralmente “allitterante”, “brota espontaneamente do espirito”: *a ferro e fogo, por paus e por pedras, são e salvo, troca-tintas e mundos e fundos*, entre outras.

RL II, Livraria Portuense, 1890-1892:

Embora de interesse fraseológico limitado, é possível encontrar no artigo “Tradições Populares Açoreanas” de H. R. Lang (1890: 46-55) algumas “fórmulas e dictados populares”,

como *Muito bem se canta na sé, uns sentados e outros em pé* (p. 49), e *frases*, como *esticar a canella*, com o significado de *morrer* (p. 53).

Vasconcelos volta a marcar presença com “Gallegos e Ingleses” (pp. 68-73, Lisboa, 25/01/1890), um estudo de natureza predominantemente etnológica onde se analisa a relação dos portugueses com os galegos e com os ingleses. Nesta análise recorre-se a alguns adágios ou ditados sobre os galegos, presentes nas obras de autores como Bluteau (séc. XVIII) e Francisco Rolland (1780): *Guarda-te do cão preso / E do moço gallego* e *Jejua gallego, que não ha pão cozido*, entre outros.

Nas páginas 79 e 80 encontramos uma “notazinha” de Michaëlis de Vasconcelos intitulada “Achar menos”. Este “antigo modismo” tinha sido tratado sumariamente por Gonçalves Viana (RL I: 203) mas, segunda a autora, o “subtilíssimo glottologo” enganou-se ao identificar “achar menos” com a fórmula castelhana “echar menos”, em vez de a associar a “fallar menos”.

Thomaz Pires, em “Calendario Rural” (pp. 120-142), publica uma longa lista de “dictados relativos aos meses”. Embora estes “dictados” estejam há muito publicados nos adagiários portugueses, o autor reconhece a utilidade do seu estudo porque, além de juntar os *dictados* sob um título e oferecer “variantes curiosas das já conhecidas”, estabelece “comparações com os de vários países románicos” (vd. p. 120).

Em “Etymologias Portuguesas” (pp. 267-272), Vasconcelos dedica-se ao estudo etimológico de diversas palavras, mas uma vez ou outra aborda *frases* como *ao invés*, “significando quasi o mesmo que *avêssô*” (p. 269).

RL III, Livraria Portuense, 1895:

“Fragmentos Etymologicos” é um longo artigo (pp. 129-190) da autoria de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, escrito no Porto em janeiro de 1894, e onde podemos encontrar alguns *fragmentos* fraseológicos. Deixamos, como exemplo, a referência à locução adverbial *a eito*. A autora começa por analisar as muitas origens etimológicas que se conhecem sobre o termo *eito* (de *ictu?*) para depois concluir que “é hoje apenas um termo de agricultor ou lavrador, usado em Portugal e Gallisa” para designar “a porção de terra em fôrma de fita ou tira [de um

metro de largura pouco mais ou menos] que cada lavrador sacha, sega, ceifa ou monda, avançando sempre em linha recta” (p. 146)³⁸⁸. Quanto à locução, diz ela:

“A locução adverbial *a eito*, que os gallegos escrevem *aeito* desde os tempos de D. Alfonso x (Cant. 175), e que não é particular a nenhuma classe social, pertencendo, pelo contrario, ao vocabulario de todos, significa: *de vez, a fio, simultaneamente, sem interrupção nem escolha*. Usa-se em frases como: *fazer um trabalho ou serviço a eito*, [...] *comer cerejas a eito*” (Michaëlis de Vasconcelos, em Vasconcelos, RL III, 1895: 146).

Antes de fecharmos este 3.º volume da RL, registamos aqui as expressões *coisas de cãcaracá* e *ir aos gambozinos*. A primeira está presente num estudo de Castro Lopo - “Linguagem Popular de Valpaços” (pp. 325-329) e significa *coisas sem valor*, onde *cacaracá* corresponde à imitação do galo³⁸⁹; a segunda é referida por Sequeira Ferraz (p. 371) e está associada, segundo o autor, a um costume de *Carrazeda d’Anciães* de enganar as pessoas simplórias, convidando-as para “irem aos gambozinos” durante a noite. Ainda hoje, estas duas expressões – *de cacaracá* e *ir aos gambozinos* (ou *apanhar gambozinos*) - são muito frequentes³⁹⁰.

RL IV, Lisboa, Antiga Casa Bertrand, 1896:

Leite de Vasconcelos surge-nos agora com um estudo intitulado “Noticias Philologicas” (pp. 122-134). Ao longo destas mais de 10 páginas, o autor dá conta de algumas expressões como *outras cousas* (p. 122), *(prometer) mundos e fundos* (126) e *ora nicles!| então nicles!* (129). Relativamente à expressão *prometer mundos e fundos*, é fácil reconhecer a sua vigorosa atualidade³⁹¹; quanto a *nicles* (do latim *nihil*, “nada”), o termo, presente nos dicionários portugueses pelo menos desde 1881 - segundo Vasconcelos -, usa-se habitualmente associado a uma outra palavra, *rien*, na expressão *nicles, rien!*, sendo que o segundo corresponde ao francês

³⁸⁸ Também no vol. IV da RL, no artigo “Dialectos Alemtejanos”, de Vasconcelos, se encontra o significado de *eito*: “porção de campo que cada pessoa tem de ceifar, mondar, etc.” (Do lat. *actum*) (p. 63).

³⁸⁹ Diz Joaquim de Castro Lopo, a propósito de *coisas de cãcaracá*: “A explicação d’esta phrase, geral no pais, encontra-se no seguinte conto, muito conhecido aqui: A um juiz, que tinha de decidir um pleito, offereceu uma das partes, para o subornar, um gallo; a outra parte, com o mesmo fim, offereceu-lhe uma *ceva*. O juiz decidiu o pleito a favor de quem lhe deu a *ceva*. O do gallo, nada contente, foi ter com o julgador e perguntou-lhe por que razão déra a sentença contra ele. «Que queria você que eu fizesse – disse o juiz – se você me trouxe uma testemunha de cãcaracá e o outro uma de *ronca?*» (p. 327).

³⁹⁰ Numa consulta ao Google.pt, em 15/06/2012, encontrámos os seguintes resultados: “de cacaracá”, cerca de 3 500; “apanhar gambozinos/gambuzinos”, c. de 2 227; e “ir aos gambozinos/gambuzinos”, c. de 865.

³⁹¹ No Google.pt, a expressão “prometer mundos e fundos” apresenta c. de 25 000 resultados (Consulta efetuada em 25/06/2012).

rien. Assim, a expressão *nicles, rien!*, atestada por nós na gíria estudantil, funciona como uma interjeição pleonástica³⁹². Todavia, é no quarto ponto do seu trabalho – “Phrases feitas” - que Vasconcelos nos deixa algumas das considerações mais interessantes. Vale a pena recordá-las:

“Ha na nossa lingua, como em todas, certo número de phrases feitas: a) Umhas vezes é o sentido que as mantem, quando ellas traduzem uma ideia ou verdade geral, como se observa nos adagios, que podem ser ou não rimados; b) Outras vezes as phrases offerecem apenas breve sentido, mantendo-as ligadas a rima, geralmente allitterante, que póde ser numa só letra, como “vae na vela”, “adeus dinheiro», ou em mais de uma, como «ter mão na manta», «alma até Almeida»; c) Outras vezes constituem meras rimas, destituidas de sentido, para satisfazerem o ouvido e ajudarem a memoria” (Vasconcelos, RL IV, 1896: 124).

As “Questões Etymologicas” (pp. 266-271) chegam-nos pela mão de Júlio Moreira. Uma das questões mais discutidas é a expressão *outro que tal*, que nós trazemos a lume pela sua atualidade. Segundo o autor, ouvem-se as expressões “*outro que tal, outra que tal, outros que taes e outras que taes*, para designarem individuos com as mesmas qualidades de outros que forão mencionados ou aos quaes se allude” (p. 269). Em termos etimológicos, as “frases” *outro que tal/ outros que tais/ outra que tal/ outras que tais*, que também se usam em espanhol (*outro que tal*), assentam provavelmente no latim *alt(e)ru(m) aeque tale(m)*; em termos estilísticos e pragmáticos, funcionam como “expressões emphaticas, locuções mais energicas, correspondentes ás simples *outro tal, outros taes*” (p. 271).

RL V, Lisboa, Antiga Casa Bertrand, 1897-1899:

Escrito em 1885, o artigo “Vocabulario Transmontano” de Augusto Moreno (pp. 22-51 e 88-114) contém algumas informações importantes para a fraseologia portuguesa, geral e regional. De facto, nele podemos encontrar termos e expressões típicos da região transmontana, mas outros há que são do conhecimento geral. Na parte final do seu Vocabulário, Moreno apresenta uma lista de “locuções” (pp. 110-114), umas mais conhecidas, como *chover no molhado*, isto é, *malhar em ferro frio/ pregar inutilmente*, outras menos, como *botar-se aos mares*, ou seja, *decidir-se, atirar-se de olhos fechados a qualquer empresa difficil*³⁹³. Da consulta deste Vocabulário fica a convicção de estarmos perante um dos mais antigos estudos léxico-

³⁹² No Google.pt, a expressão “nicles, rien” apresenta c. de 775 resultados (Consulta efetuada em 25/06/2012).

³⁹³ No Google.pt, “chover no molhado” surge com c. de 532.000 resultados, enquanto “botar-se aos mares” apresenta apenas 2 resultados (Consulta: 25/06/2012).

fraseológicos, rico em vocábulos e locuções ainda hoje de grande vitalidade na língua portuguesa.

O artigo “Materiaes para o Estudo da Paremiographia Portuguesa e Hespanhola” (pp. 207-215) de Sousa Viterbo fornece um conjunto de provérbios extraídos da obra de Lopo de Vega, alguns deles existentes no português. “Confrontando-os com os que vem nos *Adagios* de Antonio Delicado (Lisboa, 1615), parecem tradução literal uns dos outros” – afirma Sousa Viterbo (p. 209): *Pide el goloso para el deseoso / Pede o guloso para o desejoso* ou *Nadie diga de esta agua no beberé / Ninguém diga: desta água não beberei* são alguns desses exemplos.

A seguir (pp. 215-230), surge-nos o “Glossario de palavras, locuções e anexins, raro conhecidos ou usados, fora da região em que foram recolhidos”, de Henrique das Neves. Segundo o autor, este “Glossario” vale sobretudo pela sua “autenticidade”, uma vez que o material apresentado “foi recolhido directamente da bocca da gente do povo, nos Açores e em Trás-os-Montes, afóra o que vae avulso d’outras regiões” (p. 215). Na parte final deste estudo são referidos alguns “Rifões e adágios populares”, mas só um ou outro merecem do autor um pequeno comentário, como acontece com *Nem o pae morre, nem nós ceamos* (vd. p. 230). No nosso entender, esta será uma versão antiga/regional da actual *Nem o pai morre nem a gente almoça*³⁹⁴.

Fechamos o Volume V da RL com um breve apontamento sobre Vasconcelos. Nas páginas finais de “Miscellanea Ethnographica” (302-319), o autor aborda o tema dos “Dictados topographicos”, onde entram topónimos como Viseu, Almeida e Serpa, chamando a atenção para algumas das características destes *dictados*, como a *rima allitterante*.

RL VI, Lisboa, Antiga Casa Bertrand, 1900-1901:

Neste Volume VI da RL, fazemos referência apenas a um estudo com algum valor fraseológico: “Tradições Populares Colhidas no Concelho do Cadaval” (pp. 97-129) de José Maria Adrião³⁹⁵. Esta “pequena collecção de superstições, adivinhas, etc.” (p. 97) ganha interesse quando o autor apresenta uma listagem de “Ditos populares” (pp. 114-117) com exemplos como *P’ra quem é, bacalhau basta*, *Vêr Braga por um canudo*, *Fallar pelos cotovellos*, *Pancada de crear bicho* e *Metter-se em camiza de onze varas*. A seguir surgem as

³⁹⁴ “Nem o pai morre nem a gente almoça”: no Google.pt, c. de 64.700 resultados (Consulta: 25/06/2012).

³⁹⁵ J. M. Adrião é um dos colaboradores mais produtivos da RL. Com “Retalhos de um Adagiário” (estudo que ocupa largas centenas de páginas dos vários volumes da referida revista), Adrião impõe-se como uma das personalidades mais marcantes do panorama fraseológico português. Sobre a vida e obra de Adrião, veja-se o texto de Vasconcelos, em RL XXXV: 317-318.

“Comparações populares”: *Teso como um carapau, É mais velho que a Sé de Braga e Teimoso como um burro*, entre outras. Concluída a consulta deste estudo de Adrião, fica a certeza de que os exemplos por ele apontados, pelo menos a maioria, usaram-se e usam-se no concelho do Cadaval (distrito de Lisboa), mas também em muitas outras regiões do país.

RL VII, Lisboa, Antiga Casa Bertrand, 1902:

“Prouerbios ou sentenças sobre as mulheres” (pp. 76-77) é uma listagem de 65 frases recolhidas por Pedro A. d’Azevedo, de um manuscrito existente na Torre do Tombo, dos princípios do século XVII. Na verdade, este é um conjunto de “prouerbios ou sentenças” onde as “mulheres” são as principais visadas: *A mulher dezavergonhada, nenhũa honrra merece* é apenas um exemplo. Mas muitas vezes é na sua condição de casada e confrontada com o marido que ela é descrita: *O marido cõ amolher sempre deue usar de cautela*. Finalmente, há que dizer que nesta listagem, apesar do título (“Prouerbios ou sentenças sobre as mulheres”), existem vários casos onde se fala do tempo, dos bons e dos maus, dos vivos e dos mortos, do amor e da amizade, mas não de “mulheres”: *Com o amigo, se há de falar verdade* é um desses exemplos.

Dando continuidade a “Materiaes para o Estudo da Paremiographia Portuguesa e Hespanhola” (RL V, pp. 207-215), Sousa Viterbo reaparece neste Volume VII com “Materiaes para o Estudo da Paremiographia Portuguesa: O adagiário de Gonçalo Fernandes Trancoso” (pp. 97-103). Depois de tentar esclarecer as muitas dúvidas sobre a vida e obra de Trancoso, Viterbo apresenta-nos 19 *rifões* que colheu na leitura dos contos *Historias de Proveito*. Salvo raras exceções (*Antes que cases – olha o que fazes* é um exemplo que se mantém atual), poucos serão os que se conservam na memória. A terceira parte de “Materiaes para o Estudo da Paremiographia Portuguesa e Hespanhola” surge com o título “O Adagiario nas Operas do Judeu” (pp. 161-166). O “Judeu” não é mais do que o célebre dramaturgo António José da Silva, nascido no Rio de Janeiro em 1705. Das suas obras diz Viterbo:

“As obras do *Judeu* devem ser de difficil interpretação para um estrangeiro que não conheça a fundo as subtilezas do nosso idioma. Sob o aspecto da linguagem ellas são de uma riqueza extraordinaria, e fornecem somma abundantissima de locuções engraçadas e interessantes. / Os adagios não podiam faltar e d’elles extrahi uma razoavel colheita que dou em seguida” (Sousa Viterbo, em Vasconcelos, RL VII, 1902: 162).

E desta “somma abundantíssima de locuções” dá Viterbo conta, apresentando um elenco de 125 *adágios*. Mas serão todos adágios? Por exemplo, na obra *Guerras de Alecrim e Manjerona* (1737), ao lado de casos como *Ha males que vem por bem, A ocasião faz o ladrão* e *Quem cala consente*, temos *Fazer das tripas coração* e *Fallar com o coração nas mãos*. Por outro lado, é fácil verificar que uma grande parte dos exemplos recolhidos das obras do *Judeu* se mantém inalterável. Em alguns casos, com o tempo, ter-se-ão imposto outros vocábulos (*bonito* agora mais frequente do que *formoso* em *Quem o feio ama, formoso lhe parece*, adágio n.º 26) ou alterado a ordem das palavras (*Quem pergunta, quer saber* agora mais comum do que *Quem pergunta, saber quer*, adágio n.º 34); noutros casos mantém-se o sentido mas muda o vocabulário (*Tapar o Céu com huma joeira*, adágio n.º 27, deu lugar a *Tapar o sol com a peneira*). E muito mais se poderia dizer. Todavia, uma certeza se impõe: na obra de António José da Silva, o *Judeu*, encontramos uma linguagem rica de locuções interessantes e atuais, a merecer um olhar mais atento.

É já na parte final deste Volume VII da RL que encontramos dois dos ensaios mais significativos da fraseologia portuguesa. Unidos pelo mesmo título - “dizer d’alguem cobras e lagartos” -, o primeiro é assinado por Eugenio Pacheco (pp. 230-232)³⁹⁶ e o segundo por C. Michaëlis de Vasconcellos (pp. 232-239). Pacheco serve-se de uma passagem da *Feira dos Anexins* de D. Francisco Manuel de Mello para mostrar que, pelo menos no século XVII, a “phrase feita” *dizer cobras e lagartos* era já usada “para designar a maledicencia no seu maximo grau de azedume e vituperio” (p. 230). Quanto ao seu sentido primordial, a explicação não será fácil uma vez que nesta “phrase”, como em tantas outras, “as palavras que entram no seu contexto acabaram por se crystalizar numa accepção que não é a primitiva, surgindo d’ahi o seu contrasenso actual” (p. 230). Deste modo, a palavra “cobra” não remete para a significação de *réptil* mas antes para uma composição poética “com certo *estribilho*, o qual *copulava* as diferentes partes d’um verso ou os diferentes versos d’uma estrofe” (*idem, ibidem*). Foneticamente, a evolução poderá ser representada do modo seguinte: *copula* (palavra latina) > *copla* (depois da síncope da vogal pós-tónica *u*) > *cobla* (com a sonorização da oclusiva *p*) > *cobra* (mediante a troca de líquidas: *l* > *r*). Como estas composições poéticas estavam muito associadas às *cantigas de maldizer*, então *dizer cobras* de alguém significa dizer mal de alguém. Quanto à associação *cobras e lagartos*, a razão, segundo Pacheco, está na “necessidade de

³⁹⁶ C. Michaëlis de Vasconcellos diz-nos que este ensaio de E. Pacheco terá sido publicado pela primeira vez num jornal de Ponta Delgada - *O Localista* -, em 15/11/1900 (vd. RL VII: 232).

fazer a *phrase redonda*, que é a lei que preside a todos os grupos de palavras que se crystalizam sem sentido definido” como acontece, por exemplo, em *cousas e lousas* (p. 232). E Eugenio Pacheco vai ainda mais longe nas suas conclusões:

“Regra geral: quando uma phrase feita envolve quaesquer idéas incongruentes no estado presente do nosso vocabulario, póde dizer-se, afoita e seguramente, que os seus elementos grammaticaes, no decurso dos tempos, padeceram alterações phoneticas, morphologicas ou semanticas, que os desviaram d'um sentido primordial e lidimo, perfeitamente determinavel pela critica comparativa” (Pacheco, em Vasconcelos, RL VII, 1902: 230).

A “expressão metaphorica” *dizer cobras e lagartos* foi, no entender de Michaëlis de Vasconcellos (p. 239), “tão bem explicada pelo sr. Eugenio Pacheco” que ela própria se “limita” a corroborar essa mesma explicação, recorrendo à história da língua e da literatura portuguesas, desde os cancioneros medievais galego-portugueses até aos textos de Gil Vicente e de Garcia de Resende. Todavia, o assunto não fica encerrado já que, no Volume XIV desta mesma revista, Brito Rebelo e Leite de Vasconcelos dirão o que pensam sobre a expressão *Dizer d'alguem cobras e lagartos*.

RL VIII, Lisboa, Antiga Casa Bertrand, 1903-1905:

O interesse fraseológico deste oitavo volume da RL vai todo para um artigo de Leite de Vasconcelos: o “Adagiario Manuscrito” (pp. 84-91). Neste trabalho, Vasconcelos dá conta do estudo que fez de um manuscrito de D. Gaspar da Conceição Lobo, nascido em Viana do Castelo em 1781. No princípio da primeira página do manuscrito encontramos estas palavras: “ADAGIOS PORTUGUESES *escolhidos, e postos em ordem alphabetica* por D. G. L. / 1835”. Logo de seguida, surgem os adágios ordenados por ordem alfabética de assuntos, à semelhança do que acontece na maioria dos adagiários anteriores. Depois de um confronto entre a coleção organizada por D. Gaspar Lobo e as de Bento Pereira, Rolland e Bluteau, Vasconcelos conclui que “a quasi totalidade dos adagios contidos na primeira provém das tres ultimas” (p. 85). Além disso, D. Gaspar Lobo chega a emendar e a corrigir os seus antecessores: *O habito - não faz o frade* (Bento Pereira) / *O habito não faz o monge* (D. Gaspar Lobo). Por fim, Vasconcelos transcreve os vinte adágios que vêm na coleção de D. Gaspar Lobo mas não nas de Bento Pereira, Rolland e Bluteau. Eis alguns exemplos: *Mais vale ter fome que fastio, Comeste a perdiz, a barba t'ó diz e He da razão alheio quem do sabio despreza o conselho*.

Ainda neste Volume VIII da RL, Vasconcelos oferece-nos alguns apontamentos breves sobre o adágio *Não se pescam trutas a bragas enxutas* (pp. 162-163) e Pedro d’Azevedo sobre “Proverbios” (pp. 225-226).

RL IX, Lisboa, Imprensa Nacional, 1906:

Na secção “Bibliographia”, na parte I – “Livros” (pp. 182-186), Leite de Vasconcelos comenta um opúsculo de Michaëlis de Vasconcellos intitulado “Tausend portugiesische Sprichwörter”, de 1905. Leite começa por considerá-lo “muito valioso, porque, alem de condensar o que sobre o assunto se tinha escrito entre nós, encerra muitas noticias novas” (p. 182). Depois apresenta-nos uma visão geral:

“Começa a illustre autora por dizer que o seu trabalho obedece a um plano de compilação do nosso adagiario; depois divide os proverbios em *geraes*, *peninsulares* e *nacionaes*, falla do modo como elles tem sido utilizados na litteratura culta e na popular, indica as diversas denominações que receberam (*rifão*, *exemplo*, *verbo*, *proloquio*, *verso*, *etc.*), o seu uso em todas as classes, o seu character de verdade. A estas considerações segue-se uma lista de 1:011 proverbios que começam pela letra A, uns extrahidos de obras litterarias, outros da tradição oral moderna, - a maioria em português, alguns em gallego (e em hespanhol)” (Vasconcelos, RL IX, 1906: 182).

Apesar dos numerosos adágios compilados por Michaëlis de Vasconcellos, Leite aponta exemplos que escaparam à autora. Depois seleciona alguns provérbios citados por Michaëlis para apresentar sobre eles breves anotações, geralmente emendas e acrescentos.

O próximo artigo a que fazemos referência parece não ter nada a ver com fraseologia. Trata-se de um longo trabalho de Julio Moreira intitulado “Notas Philologicas. I - Syntaxe Popular. Contribuição para o estudo da syntaxe historica” (pp. 324-383). Na abordagem que faz aos diversos conteúdos gramaticais (“Artigo”, “Numeraes”, “Pronomes”...), Moreira deixa-nos, todavia, informações preciosas sobre a dimensão fraseológica da língua. Apontemos alguns exemplos:

(i) “Uma locução muito usada, *ás duas por tres*, cujo sentido originario deveria ser *duas vezes em tres*, *nos dois terços dos casos*, tomou a accepção mais geral de *muitas vezes*, *frequentemente*, *a cada passo*, *inesperadamente*: «ás duas por tres, quando mal nos precatamos, ahi o temos nós»” (p. 327);

(ii) “Tambem no mesmo trecho [Camillo, *Scenas da Foz*, p. 104 da 3.^a ed.] ocorre outra expressão popular, que vale por um adjectivo. É a frase – *pela hora da morte* – que tem o sentido de *carissima*. «Está

tudo *pela hora da morte*». / No exemplo citado, todavia, a locução *pela hora da morte* modifica o adjectivo *caro*, fazendo d'elle uma especie de superlativo” (p. 381);

(iii) “Usa-se tambem com o sentido de *igual, exactamente* a frase – *sem tirar nem pôr*. «É a cara do pae *sem tirar nem pôr*». Antigamente empregava-se a expressão mais desenvolvida – *sem nada tirar nem pôr*” (p. 382).

Os excertos transcritos merecem-nos três breves reflexões: (1) muitas locuções que hoje utilizamos são formas abreviadas (*duas vezes em três > às duas por três, sem nada tirar nem pôr > sem tirar nem pôr*)³⁹⁷, tal como acontece com o léxico em geral (*legere > ler, sedere > ser*, etc.), (2) a expressão popular surge frequentemente como um recurso expressivo nas obras dos autores mais conceituados (*pela hora da morte* mais expressivo do que *caríssimo*) e (3) a sintaxe histórica pode fornecer, em muitos casos, contributos importantes para o estudo da fraseologia.

RL X, Lisboa, Imprensa Nacional, 1907:

Na primeira parte da secção “Miscellanea”, surge o artigo “Cinco adágios portugueses comparados entre si” de Pedro A. de Azevedo (pp. 161-163). Embora reconheça a antiguidade dos adágios, presentes “já nos mais antigos monumentos litterarios de Portugal”³⁹⁸, o autor refere que provavelmente só nos séculos XV e XVI é que as várias denominações (*adagio, phrase, proverbio, dito...?*) dão entrada entre nós. Mas mais interessantes do que estes dados são, no nosso entender, as considerações de Azevedo sobre os adágios:

“Mas assim como a humanidade ainda não perdeu a faculdade de inventar novas palavras [...], assim tambem a faculdade de inventar adagios se lhe não secou, nem tão pouco a de transformar e applicar os antigos ao desenvolvimento da civilização. / Os autores dos adagios ficarão eternamente no escuro do anonymato, mas outros ha em que as phrases inventadas numa occasião se conservam, se espalham nos livros e são colhidas carinhosamente pela massa popular [...] / A sciencia não desdenha dos adagios, antes pelo contrario, estuda-os e compara-os, não porque ella tenha necessidade de empregá-los, mas com o fim meramente objectivo e prosaico de achar nelles representações do passado e penetrar na alma popular de cada povo” (P. de Azevedo, em Vasconcelos, RL X, 1907: 161-162).

³⁹⁷ Em certas expressões atuais assiste-se ao processo de simplificação: *ser um osso duro de roer > osso duro de roer > duro de roer*.

³⁹⁸ Depois de L. de Vasconcellos (vd. RL IX: 182-186), é agora a vez de Pedro de Azevedo apontar o trabalho “Tausend portugiesische Sprichwörter” (1905), de C. Michaëlis de Vasconcellos, como uma forma privilegiada de se aceder aos provérbios de épocas mais remotas.

Depois destas afirmações, retomemos a possibilidade de identificar os autores de alguns adágios que se conservam entre nós. Com este objetivo, Pedro de Azevedo traz à colação provérbios como *O habito não faz o monge* e *A cavallo dado não se olha o dente*: o primeiro é mencionado no século XIII (“Dice S. Geronimo: el monje faze el habito, ca non el habito al monje”); o segundo surge em S. Jerónimo, *Epist. ad Eph.* (“Equi donati dentes non inspiciuntur”). Quanto ao provérbio *A mulher e a sardinha, a mais pequenina*, diz apenas que “parece já existia nos tempos classicos” (p. 162). Mas nem todos os provérbios apresentarão uma origem tão distante. A título de exemplo, Azevedo afirma que na obra do humorista alemão Karl Weber (1767-1832), *Demokritos* [...], se lê “Bei Nacht sind alle Kühe schwarz”. E conclui: “Nós mudámos as vacas em gatos, e dizemos: *De noite todos os gatos são pardos*” (p. 163).

Na RL são frequentes os estudos sobre determinadas regiões. A. Gomes Pereira escreveu “Tradições populares e linguagem de Villa Real” (pp. 191-237). Embora sejam referidos materiais fraseológicos mais específicos, como é o caso do “ditado topico” *C’os de Villa Real, / nem de bem nem de mal* (p. 221), a verdade é que há muitos casos que se podem alargar ao contexto nacional: “Ditos e frases populares” como *Agora é que são ellas* (p. 225), *andar ás aranhas* (p. 225) e *estar á mão de semear* (p. 227), “comparações” como *caro como o fogo* (p. 231) e até “Imprecações” como *Vae pentear macacos* (p. 237).

Na rubrica “Miscellanea”, Julio Moreira marca presença com “Designações de provérbios” (pp. 321-322). O seu conteúdo pode resumir-se às seguintes palavras:

“Tratando da nossa paremiologia a Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos e os Srs. Leite de Vasconcellos e Adolfo Coelho, mencionaram as varias expressões empregadas na lingua portuguesa para designar proverbios ou introduzir frases sentenciosas ou proverbias. Alem das palavras *proverbio, anexim, rifão, refrão, adagio, ditado*, indicam ainda os vocabulos *exemplo* [...], *verbo, verso* [...], e as expressões: «Como o outro que diz» e «É uma comparação». / Às designações coligidas pelos doutos philologos citados póde acrescentar-se o termo *palavra*, synonymo de *verbo*, e que aparece no seguinte passo do *Leal Conselheiro* de D. Duarte [...]” (J. Moreira, em Vasconcelos, RL X, 1907: 321).

RL XI, Imprensa Nacional, 1908:

Apesar de breve, o artigo “Pronome possessivo” de Júlio Moreira (pp. 176-177) fornece algumas boas achegas fraseológicas. O autor apresenta vários exemplos onde o possessivo surge ao serviço de expressões com sentido idiomático: *homem dos seus quarenta anos*, isto é, homem com cerca de quarenta anos (o possessivo *seus* designa, portanto, um número

aproximado); *fazer das suas*, ou seja, fazer algo pouco recomendável (como surge já em G. Vicente, no *Auto da Índia*: “La ha indias mui fermosas; / La farieis vós das *vossas*”); *a seu tempo*, isto é, em tempo próprio; e *na sua*, expressão elíptica que equivale enfaticamente a “na sua opinião”, como por exemplo na frase “Já tentei provar que está errado mas ele continua *na sua*”.

Mais substancial é o trabalho de Gonçalves Viana – “Léxico Português” (pp. 239-247). O autor faz uma análise criteriosa de um artigo de Michaëlis de Vasconcelos - “Contribuições para o futuro Dicionário Etimológico das línguas hispánicas” -, publicado neste mesmo Volume XI da RL (pp. 1-62). Embora lhe reconheça “vastíssima erudição filológica”, Viana assume que as etimologias defendidas por Michaëlis “umas são incontestáveis, outras prováveis, outras possíveis, outras ainda confessadamente hipotéticas ou provisórias” (p. 239). Por isso, esgrime argumentos, contestando algumas dessas etimologias. Vejamos a expressão *tuta e meia*:

“Impugna a autora a etimologia já conhecida e defendida por Júlio Moreira, da expressão *tuta e meia*, como abreviatura de *macuta e meia*. É esta a origem que os indivíduos que teem vivido na África Ocidental Portuguesa lhe dão. A mudança do *c* da 2.ª sílaba de *macuta* para *t*, por influência do *t* da última, é análoga à da forma corrente *catatua* por *cacatua*, do malaio *kakatúa*, «turquês», e nome de ave, naturalmente por alusão ao bico” (Viana, em Vasconcelos, RL XI, 1908: 245).

Ainda sobre a expressão *tuta e meia*, Viana critica duramente Ribeiro:

“João Ribeiro propôs, no seu opúsculo FRASES FEITAS, o latim *iuventutem meam*, o que é mais uma charada do que uma investigação etimológica, e de modo nenhum se pode aceitar, nem mesmo como deturpação popular, pois nem a frase latina é vulgar, nem da sua pronúncia usual *juventút ~ eu méão*, com *e* aberto, se poderia, por má audição, por brinquedo, ou por confusão, fabricar a locução *tuta-e-meia*, com *a* final na primeira palavra, um *e* (= *i*) a mais, e o ditongo *ei* com *e* fechado; isto sem falarmos na incompatibilidade de significação entre as duas expressões” (Viana, em Vasconcelos, RL XI, 1908: 246).

Estas afirmações de Gonçalves Viana provam-nos que o trabalho do brasileiro João Ribeiro era conhecido dos portugueses. Uma dúvida: o opúsculo a que se refere Viana corresponderá ao 1.º volume de *Frases Feitas* (1908) ou terá sido verdadeiramente um pequeno trabalho de preparação para o livro em 2 volumes? Colocamos duas hipóteses: (1) poderá ter sido um pequeno trabalho preparatório, porque “opúsculo” significa “livro pequeno, de poucas

páginas”³⁹⁹, o que à partida não se coaduna com as dimensões de um volume de várias dezenas de páginas⁴⁰⁰; (2) o termo “opúsculo” refere-se mesmo ao 1.º volume de *Frases Feitas* de João Ribeiro, mas foi usado propositadamente por Viana para desmerecer o trabalho do autor brasileiro.

Na secção dedicada à Bibliografia, menciona-se um livro de Julio Moreira: *Estudos da Lingua Portuguesa*⁴⁰¹. Dele, diz-nos Alvaro de Azevedo: “É um volume de 230 páginas, onde o autor compendiou grande serie de locuções, frases e modos de dizer extraídos da lingua arcaica e principalmente da linguagem popular”, fazendo-os acompanhar da respetiva explicação (p. 355). O recurso ao latim para buscar a origem e justificação dos factos linguísticos, a comparação com outras línguas românicas e a transcrição de exemplos dos nossos autores e textos antigos fazem desta obra de Moreira um importante contributo para a história da língua e da fraseologia portuguesas.

RL XII, Imprensa Nacional, 1909:

O primeiro artigo que destacamos deste 12.º volume é “Investigações Ethnographicas” de A. Thomaz Pires (pp. 171-203). São muitos os aspetos tratados pelo autor, mas a nós interessam-nos as referências aos “Antigos adágios” (pp. 173-174), “Proverbios populares alemtejanos” (p. 185) e “Comparações populares alemtejanas” (pp. 185-188). Relativamente a este último conteúdo, Thomaz Pires apresenta 42 comparações e as correspondentes em francês e em italiano, quando existem⁴⁰². Vejamos alguns exemplos:

³⁹⁹ Vd. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa, e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

⁴⁰⁰ Sabemos que na 3.ª ed. de *Frases Feitas* (*Frases Feitas*, 2009), a Primeira Parte, correspondente ao 1.º vol., tem cerca de 244 pp. (incluindo a Introdução de Bechara e Joaquim Ribeiro, com 35 pp. aproximadamente). Sabemos ainda que a expressão *tuta e meia surge*, na 3.ª edição, no cap. VII, capítulo que ocupa as páginas 184-207 da “Primeira Parte” (ou 1.º vol.) de *Frases Feitas*. Por fim, sabemos que a 3.ª edição foi preparada com base na 2.ª (cuja data desconhecemos). Por sua vez, esta 2.ª edição apresenta acréscimos e novas observações relativamente à 1.ª (1.º vol.: 1908; 2.º vol.: 1909). Conclusão: partindo do princípio de que o “opúsculo” a que se refere Viana é o 1.º vol. de *Frases Feitas* (1908), então esse opúsculo/volume, descontando os acréscimos e as novas observações da 2.ª ed., teria mais de 100 pp. (entre 150 e 200?). Não esqueçamos ainda que Pratt chama “livro” ao trabalho de João Ribeiro (“Frases Feitas, breves considerações ao livro do snr. João Ribeiro”, Lisboa, 1910, 22 pp.). Veja-se o que dissemos em “3.2.1.3. Óscar de Pratt e João Ribeiro”, neste nosso trabalho.

⁴⁰¹ “Primeira parte. Subsídios para a sintaxe histórica e popular. Liv. Classica Editora. Lisboa, 1907”.

⁴⁰² Transcrevemos a nota 1, p. 185, do artigo de Thomaz Pires: “As comparações italianas e francesas mencionadas nesta colecção acham-se, respectivamente, no folheto *Proverbi scelti*, de G. Gicesti, e na obra *Le livre des proverbes français*, de M. le Roux de Lincy”.

“5) Cheio como um ovo.

Em França: Il est plein comme un oeuf.

Em Italia: Pieno come un ovo.

[...]

20) Foge como o diabo da cruz.

Em França: Fuir quelque chose comme le diable l'eau bénite.

[...]

37) Teimoso como um burro.

Em Italia: Testardo come un asino.”

O que há de curioso nestes exemplos não é tanto o facto de verificarmos que muitos casos apontados como regionais (“alemtejanos”) se podem alargar ao espaço nacional; o que há de curioso é a tentativa de encontrar nas outras línguas (francês e italiano) equivalências (aproximadas) para as comparações portuguesas.

No Volume IX da RL, Júlio Moreira prometeu dar continuidade a “Notas Philológicas. I - Syntaxe Populaire. Contribuição para o estudo da syntaxe histórica” (pp. 324-383) e cumpre agora com “Notas Filológicas – Sintaxe Popular. Contribuição para o estudo da sintaxe histórica” (pp. 204-240). Tal como aconteceu com a primeira parte deste longo trabalho (ao todo, quase 100 pp.), também as “Notas Filológicas” apresentam motivos de interesse. Apontemos alguns exemplos: (1) “Fórmulas equivalentes a imperativos” (pp. 204-207)⁴⁰³; (2) “As locuções «tal qual», «tal e qual» e «tal ou qual»’ (pp. 212-213)⁴⁰⁴; (3) “Negação” (pp. 214-217)⁴⁰⁵; (4) “Alguns empregos de preposições” (pp. 217-223)⁴⁰⁶; (5) “Contaminações sintáticas” (pp. 226-230)⁴⁰⁷; (6)

⁴⁰³ Exemplos: *Toca a marchar, Toca a trabalhar...* “Originariamente estas locuções deveriam designar operações, actos cuja execução seria determinada ou indicada por meio de sinais ou toques”.

⁴⁰⁴ Inicialmente, na expressão *tal qual*, a palavra *qual* introduzia uma oração relativa (“Fulano é *tal qual* [é] o pai”). Depois, elipticamente, a locução *tal qual* passou a ser vista como um adjetivo composto, em que os dois adjetivos surgem coordenados (“Ele é *tal e qual* o pai”). E foi-se perdendo de tal forma a ideia de comparação que, quando é necessário exprimi-la, recorre-se frequentemente à conjunção comparativa *como* (“É *tal e qual como* você diz”).

⁴⁰⁵ Há muitas expressões enfáticas que traduzem a ideia de negação: *Não ver boia, Não saber ou não entender patavina e Não valer um chavo (galego)* são alguns casos muito atuais, em que as palavras *boia*, *patavina* e *chavo* significam *nada*.

⁴⁰⁶ Em certos usos da sintaxe do verbo “dar” encontramos a preposição *em*: *dar em doído*, isto é, chegar a doído/tornar-se doído/ficar doído. O resultado é uma “frase metafórica”.

⁴⁰⁷ Na locução *a olhos vistos*, que significa *claramente*, antes de se tornar uma “frase feita”, a palavra *vistos*, usada como adjetivo, provalmente ter-se-á empregue como participio, a concordar com um determinado substantivo (*a olhos visto, a olhos vistos, a olhos vista, a olhos vistas*).

“Haplologia” (pp. 233-234)⁴⁰⁸; e (7) “Algumas expressões da linguagem familiar e dialectal” (pp. 235-239)⁴⁰⁹.

Da parte final deste Volume XII aproveitamos ainda um pequeno apontamento fraseológico de Thomás Pires: é ele *Ficar a ver navios no Alto de Santa Catharina* (p. 326), uma tentativa de associar o facto histórico (entrada, em 1807, do exército francês em Lisboa) à origem da frase proverbial. A ser verdade, a expressão *ficar a ver navios*, muito usada atualmente, é já uma forma elíptica.

RL XIII, Imprensa Nacional de Lisboa, 1910:

As últimas páginas do artigo “Investigações Ethnograficas” (pp. 18-45) de Thomaz Pires são dedicadas aos “Adágios”, um tema recorrente nos estudos fraseológicos. Diz ele: “Muitos dos nossos adágios nos vieram de Hespanha, e alguns d’elles correm estropeados, revelando uma descuidada traducção” (p. 42). Para o provar, apresenta uma série de exemplos: *Vida sin amigo, muerte sin testigo* (esp.) / *Vida sem amigo, morte sem castigo* (port.); *Al buen callar llaman Sancho* (esp.) / *Ao bom calar chamam Santo* (port.); *La mujer y la pera la que calla es buena* (esp.) / *A mulher e a cachorra, a que mais cala é a mais boa* (port.), e muitos outros.

Na secção dedicada à “Bibliographia” (pp. 439-440), Leite de Vasconcellos cita pela primeira vez (?) a obra *Frases feitas* de Ribeiro (“1.ª serie, Rio 1908; 2.ª serie, Rio 1909, in-8.º”) e as considerações que dela foram feitas por Pratt em “Frases feitas” (“Lisboa 1910, 22 pag. in-8.º”).

RL XIV, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1911:

É neste volume que surge pela primeira vez Óscar de Pratt. Em § 3.2.1. (“Pratt (1912 e 1914)”) deste nosso trabalho, apresentámos todos os artigos escritos por ele na RL, desde a sua primeira aparição, no Volume XIV de 1911, até à última, no Volume XXX de 1932, um ano antes de falecer. Por esta razão, só voltaremos ao autor e aos seus textos quando se justificar.

⁴⁰⁸ Um caso de haplologia (quando duas sílabas semelhantes e juntas são reduzidas a uma) é a expressão *uma tuta e meia*. A sua origem poderá ser explicada pela seguinte sequência: *uma macuta e meia* > *uma matuta e meia* (por assimilação) > *uma tuta e meia* (por haplologia).

⁴⁰⁹ Algumas expressões muito usadas no falar do povo e no familiar, e que os dicionários muitas vezes não mencionam, “sendo certo que a sua interpretação deve ser difícil para estrangeiros”, são *Vamos lá* (“Só te deram 1 euro? *Vamos lá* que podia ser pior!), *Nem por isso* (“Ele comeu a maçã grande. *Nem por isso* comeu a mais pequena!), *É verdade*, isto é, *A propósito* (“*É verdade*: já sabe o que aconteceu ontem?”), *que eu sei lá*, ou seja, *muito* (“Está gordo *que eu sei lá*.”), *alguma coisa do outro mundo*, isto é, *alguma coisa extraordinária* (“Eu fiz *alguma coisa do outro mundo*?”) e *é o que é*, para reforçar uma afirmação (“Está farto. *É o que é*.”), entre muitas outras.

De novo Thomaz Pires, agora com “Dictados Agrícolas” (pp. 169-183). Interessam-nos as suas primeiras palavras:

“Depois de eu haver publicado, no anno de 1893, em folheto (da *Collecção do “Correio Elvense”*) e sob o titulo de *Calendario rural*, 307 dictados portugueses, relativos aos meses, comparados com dictados similares de varios paes romanicos, recolhi alguns outros, assim como as variantes e comparações, que passo a dar á estampa” (Pires, em Vasconcelos, RL XIV, 1911: 169).

Neste artigo, Thomaz Pires engrossa a sua coleção com umas dezenas de novos “dictados” portugueses, aos quais procura associar os seus “similares” em francês, italiano e espanhol. Vejamos alguns exemplos: *Pelo S. Martinho prova o teu vinho* (port.) / *A la Saint Martin tire ton vin* (fra.); *As manhãs d’Abril são doces de dormir* (port.) / *Aprile dolce dormire* (ita.); *Tudo se quer a seu tempo, e os nabos pelos Advento* (port.) / *Cada cosa en su tiempo, y los nabos en Adviento* (esp.).

Depois de, no Volume VII da RL (1902), a expressão *Dizer d’alguem cobras e lagartas* ter ocupado primeiro Eugenio Pacheco (pp. 230-232) e depois Michaëlis de Vasconcellos (pp. 232-239), eis que o tema é retomado neste Volume XIV, mas agora com novos protagonistas: Brito Rebelo (pp. 184-186) e Leite de Vasconcellos (pp. 187-195). Todavia, o diretor da RL, na nota 1 da página 184, esclarece que as partes III (de Brito Rebelo) e IV (da sua autoria), apesar de serem publicadas só agora (em 1911), por se terem “extraviado”, foram escritas imediatamente a seguir às duas primeiras partes, pelo menos em 1903. Das posições assumidas por Pacheco e Michaëlis já demos conta neste nosso trabalho; mas podemos aproveitar as palavras introdutórias de Leite para recordar Eugenio Pacheco e Carolina Michaëlis e, simultaneamente, conhecer a opinião de Brito Rebelo:

“Resumirei, para maior clareza da discussão, o que cada um disse. O Sr. Eugenio Pacheco suppõe que *cobras* significava nesta frase primeiramente «coplas», sendo pois «dizer cobras» o mesmo que «dizer coplas» ou melhor «dizer sátiras»; como porém o povo perdeu aquella noção de *cobras*, e só conserva a de «reptis», expressa pela palavra homophona *cobras*, arredondou a frase com a junção de *lagartos*, animal inimigo da cobra. A S.^a D. Carolina acceita este raciocinio, e junta documentos para a historia do uso de *cobras* «coplas» e *cobras* «reptis», em português. O Sr. Brito Rebelo rejeita a hypothese do arredondamento da frase, diz que *cobras* teve sempre nella os [*sic*] sentido de reptis, e compara com a expressão citada outras em que entram *sapos* e *salamantigas*” (Rebelo, em Vasconcelos, RL XIV, 1911: 187).

Antes de passarmos à apresentação da tese de Vasconcelos, vale a pena conhecer um pouco melhor as explicações de Rebelo:

“Os rifões, proverbios, anexins etc. não se fizeram ao acaso, com arredondamento de phrases, são um producto de philosophia popular, muito mais sensata e menos nebulosa que a das escolas; nenhum dos seus ramos ou membros entra nelles por capricho, antes por uma razão determinante. Se o anexim português pudesse irmanar-se á phrase castelhana – *echar coplas*, que bem lembra a snr.^a D. Carolina, porque havia de adquirir uma segunda parte e tão disparatada da primeira? [...] Sem segunda parte temos immensos anexins, por ex.: [...] *dar á sola, fazer, dizer o diabo, favas contadas, dar manteiga* &, que nunca ninguem se lembrou de arredondar, apesar de se comporem apenas de duas ou tres palavras. Portanto parece-me que no anexim de que se trata, tudo deve estar no seu logar e por verdadeiro motivo” (Rebelo, em Vasconcelos, RL XIV, 1911: 185-186).

Estas palavras não deixam dúvidas quanto às convicções de Brito Rebelo. Uma delas é a de que a “philosophia popular, muito mais sensata e menos nebulosa que a das escolas” (representadas por Eugenio Pacheco e Carolina Michaëlis?) gerou “rifões, proverbios, anexins”; a outra, decorrente da primeira, é a de que nas manifestações linguísticas como os anexins não devemos querer ver o que lá não está. Merecem-nos também uma atenção especial os exemplos de anexins que o autor apresenta para mostrar a ausência de “arredondamento”. Se alguns nos são familiares (*chuchar no dedo, dar á sola*, etc.), outros surpreende-nos por inusitados (*á capucha, dar manteiga*, etc.). Outros ainda revelam-nos alterações ocorridas ao longo dos tempos: *dar o cavaco*, no tempo de Rebelo; *dar cavaco*, atualmente.

Feito o ponto da situação, Vasconcelos assume a sua discordância relativamente à interpretação de *cobras* por *coplas* feita por Eugenio Pacheco e Carolina Michaëlis: “pelo contrário penso com o Sr. Brito Rebelo que a palavra *cobras* teve sempre na frase a significação de reptil; mas este Sr. não tentou explicar a origem da expressão” (pp. 187-188). Posto isto, Vasconcelos procura identificar as razões que terão levado o “vulgo” a associar os quatro 2animais nas expressões *dizer cobras e lagartos* e *dizer sapos e salamántigas*. Recorrendo a exemplos “colhidos tanto no nosso *folk-lore*, como no de outros paises”, Vasconcelos mostra que “a qualidade commum que o povo reconheceu nelles é o veneno, e por esse motivo pô-los a par” (p. 188). Depois conclui:

“[...] *dizer cobras e lagartos* e *dizer sapos e salamántigas* são expressões que [...] estão em vez de *deitar* (pela boca) respectivamente *cobras e lagartas*, e *sapos e salamántigas*, por esses animaes

serem tidos por venenosos. Fallar mal corresponde a proferir palavras envenenadas; e se o veneno que acompanha a dicção é terrível, mais terrível será, se com o veneno se expellir a causa d'elle, isto é, os quatro animaes repellentes” (Vasconcelos, RL XIV, 1911: 195).

Leite de Vasconcelos não dá o caso por encerrado sem antes relacionar com as anteriores a expressão *dizer raios e coriscos*, também ela usada metaforicamente para expressar a noção de “expelir pela boca” neste caso “raios e coriscos”, e assinalar nas “frases” referidas - *cobras e lagartos, sapos e salamântigas, raios e coriscos, trapos e farrapos* - o “arredondamento” conseguido pela associação de sinónimos ou antónimos e a presença de traços expressivos como a aliteração e a rima.

O interesse destes quatro artigos para a fraseologia portuguesa é, na nossa opinião, significativo: primeiro porque provam que a dimensão fraseológica da linguagem espicaça o espírito crítico de alguns dos mais afamados estudiosos (E. Pacheco, C. Michaëlis, B. Rebelo e L. de Vasconcelos), segundo porque mobilizam saberes oriundos da etnografia e do *folk-lore*, da literatura e da filologia, à escala nacional e internacional.

As “Questões de linguagem” (pp. 268-282) de Julio Moreira⁴¹⁰ oferecem-nos um apontamento sobre a expressão *em prol de* (pp. 278-279). Antigamente muito usado, o substantivo *prol* sobrevive na expressão *em prol de*, isto é, *em favor de*. Embora seja habitual ver este substantivo associado ao étimo latino *prode*, Moreira procura na locução arcaica *prol li faça*, com o sentido de *que lhe faça bom proveito*, a resposta para a forma atual *em prol de*. Os argumentos para já são escassos mas o autor promete para breve “larga documentação”.

RL XV, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1912:

O artigo “Falas e Tradições do Distrito de Viana-do-Castelo” é assinado por Cláudio Basto (pp. 71-102). Este é um tipo de trabalho muito frequente na RL, mas nem por isso deixa de oferecer alguns motivos de interesse. Nele são abordados diversos aspetos fraseológicos como “Comparações populares” (pp. 81-82: *azêdo como rabo de gato, mau como as cobras, sêco como as palhas...*), “Rimas, estribilhos e ditados” (pp. 82-84: *Quem te fez que te ature, Quem te não conhecer que te compre, Chegou e disse, tirou o chapéu e foi-se...*) e “Frases do povo” (p. 84: *Fazer alguém de fel e vinagre, Arrostar postas de pescada, Pancada de criar bicho...*). Estas

⁴¹⁰ Veja-se o texto de José Joaquim Nunes, inserido na secção “Necrologia” da RL XIV: 323-325, e que dá conta da morte de Júlio Moreira. São referidos aspetos importantes da vida e obra deste autor falecido no Porto com 54 anos.

“falas” poderão ser típicas de Viana-do-Castelo, mas são-no também de outras regiões portuguesas.

É igualmente de Cláudio Basto o pequeno artigo “Sobre dois ditados que se completam um ao outro”: a primeira parte surge nas páginas 173-174 e a segunda nas páginas 351-353. O autor retoma o ditado *Manhã ruiva, ou vento ou chu(i)va*, já abordado por G. Viana, para acrescentar algumas variantes. Além disso, regista a presença de tal provérbio, ou formas aproximadas, em línguas como o galego, castelhano, francês, inglês e basco.

Segue-se um longo trabalho de Thomás Pires – “Investigações Ethnographicas” (pp. 236-267) – onde podemos encontrar “Comparações populares” (pp. 252-253: *Maior é o anno que o mês, Servir como um mouro...*), “Proverbios e anexins” (pp. 253-255: *Quem parte e reparte, e não tira a melhor parte, ou é tolo, ou não tem arte, Em tempo de guerra não se limpa armas...*) e “Cento e dezanove locuções portuguesas comparadas com as similares de vários países românicos” (pp. 255-267). Este último aspeto é de longe o mais interessante, não pelo número elevado de locuções (119) mas pela tentativa de se apresentar para cada locução portuguesa as similares em espanhol, italiano e francês: *D’uma cajadada matar dois coelhos* (port.) / *De un camino dos mandados* (esp.), *Fare un viaggio, e due servizzi* (ita.), *Faire d’une pierre deux coups* (fra.). Do confronto das locuções percebe-se que as três línguas recorrem a vocábulos diferentes para exprimir a mesma ideia: a de rentabilizar as oportunidades. Noutros casos, forma e conteúdo parecem coincidir completamente: *Fazer uma tempestade num copo de agua* (port.) / *Faire une tempête dans un verre d’eau* (fra.).

É neste Volume XV da RL que surge o artigo “Locuções petrificadas” de Pratt (pp. 312-324). Veja-se § 3.2.1.1. deste nosso trabalho.

RL XVI, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1913:

No artigo “As candeias na religião, nas tradições populares e na industria” (pp. 41-80), de Sousa Viterbo, é possível encontrar testemunhos fraseológicos. Nas páginas 66-67, o autor dá conta da presença das *candeias* no adagiário português: *Andar de candeias ás avessas* (andar mal-humorado), *Candeia que vae na frente allumia duas vezes* (em fra.: *La chandelle qui va devant éclaire mieux que celle qui va derrière*)... Depois acrescenta exemplos colhidos de várias obras, sobretudo de G. Vicente.

É neste Volume XVI da RL que surgem os três artigos de Pratt: “Sobre dois ditados que se completam um ao outro” (pp. 168-170), “Notas à margem do «Novo Dicionário da Língua

Portuguesa»” (pp. 206-279) e “A expressão popular «mais vale um gôsto que quatro vintens»” (pp. 289-299), este partilhado com L. de Vasconcelos (parte I) e Cláudio Basto (parte III). A eles fizemos já referência em § 3.2.1.2. deste nosso trabalho.

RL XVII, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1914:

“Falas e tradições do distrito de Viana-do-Castelo”, de Cláudio Basto e datado de 1912, aparece pela terceira vez na RL (pp. 55-85)⁴¹¹. O autor percorre vários aspetos etnográficos e filológicos, alguns com interesse declaradamente fraseológico: “Rimas, estribilhos e ditados” (pp. 65-72: *Vaca do monte não tem boi certo*, diz-se da mulher que deu à luz um filho, depois de ter tido relações com mais de um homem), “Frasas do povo” (pp. 72-76: *crescer água na boca*, port. / *Far venire l’acqua in bocca*, ita. / *It made my mouth water*, ing. / *Das Wasser ist mir im Munde zusammengelaufen*, ale. / *salivam movere*, lat.) e “Comparações populares” (pp. 76-78: *Surdo como uma porta*, port. / *Sordo come una talpa*, ita. / *Sourd comme un pot*, fra. / *Deaf as a post*, ing. / *Er ist stocktaub*, ale.). Como apreciação mais favorável deste estudo fica a relação do português com algumas línguas europeias e o recurso a fontes literárias como as obras de C. Castelo Branco. Além disso, o autor, sempre que possível, procura explicar os enunciados fraseológicos de que se serve.

Do mesmo teor é o artigo “Investigações etnográficas” (pp. 159-197) de Tomás Pires. Também aqui são abordados os mais diversos assuntos da área da etnografia. O autor dedica algumas das suas páginas aos “Provérbios e anexins”: *O amor é como as lombrigas: na cara se conhece quem o tem, Quando nasce uma mulher nasce uma desgraça...* (pp. 186, 196 e 197). Não é adiantada qualquer explicação nem invocadas quaisquer fontes, é verdade; mas o pitoresco e a raridade de alguns provérbios quase fazem esquecer essas falhas.

Neste Volume XVII da RL, o nome de Óscar de Pratt surge associado aos artigos “Nomes de ventos” (pp. 198-202) e “Notas á margem do «Nôvo Dicionário da Lingua Portuguesa» - II” (pp. 338-348). Veja-se o que deles dissemos em § 3.2.1.2. deste nosso trabalho.

Tem início neste Volume XVII da RL (pp. 225-274) um longo e importante trabalho de Theophilo Braga: o “Adagário Português (coligido das fontes escritas)”. O autor apresenta, nesta primeira abordagem, duas secções: “I – Anexins do século XIII a XV” (*Cancioneiro da Vaticana - Leal Conselheiro - Cancioneiro geral de Garcia de Resende - Refranes do Marquez de Santillana*) e “II – Anexins do século XVI” (*De Jorge Ferreira de Vasconcelos - Gil Vicente - Sá de Miranda -*

⁴¹¹ A primeira, no Vol. XIII, p. 72; a segunda, no Vol. XV, p. 71.

Gonçalo Fernandes Trancoso – António Ribeiro Chiado – António Prestes – Vários). Todavia, neste Volume XVII da RL, Braga fica-se pelos “Anexins tirados da comedia Eufrosina” de Jorge Ferreira. Ao longo das quase 50 páginas que constituem este artigo, o autor refere várias centenas de adágios, indicando a época e transcrevendo as fontes: “Longe da vista, longe do coração. / E pero muy longe de vós vivi / nunca aqieste verv’ antig’ achei: / *quam longe d’olhos, tam longe de coração.* / Fernando Esquyo, (Canc. Vat., n.º 900)”. Por vezes, apresenta algumas explicações: “Nom te fiees se nom queres seer enganado. (Ib. [Elrei D. Duarte, *Leal Conselheiro*], p. 258.) – / É imitação do italiano: *Non te fidare, si ne vuvi esser gabloto* [...]. El rei Dom Duarte alude à tradição italiana, dizendo: «aquele dito de Itallya»”. Embora iniciais, estas páginas do “Adagiário Português” coligido por T. Braga são já uma boa amostra da riqueza e atualidade do nosso património fraseológico⁴¹².

“Tradições populares de Santo Tirso” (pp. 283-337) é um trabalho assinado por Augusto Pires de Lima. Relativamente à secção “Provérbios e ditos populares” (pp. 283-292), o autor limita-se a apresentar uma lista de 129 exemplares, aparentemente sem qualquer critério organizacional.

RL XVIII, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1915:

No volume anterior da RL (XVII, 225-274), Theophilo Braga havia iniciado o seu “Adagiário Português (coligido das fontes escritas)”. Neste Volume XVIII, as páginas 16-64 dão-lhe continuidade. O autor serve-se ainda de umas dezenas de páginas (16-49) para concluir os inúmeros “Anexins tirados da Comedia Eufrosina” de Jorge Ferreira e logo a seguir (pp. 49-52) apresenta os da “Aulegraphia”, do mesmo autor. Seguem-se os “Anexins tirados de Gil Vicente” (pp. 52-55), onde não podia faltar o famigerado *Mais quero asno que me leve, que cavallo que me derrube*, da *Farça de Inês Pereira*. Depois vêm os “Anexins de Gonçalo Fernandes Trancoso” (pp. 56-57), os “Anexins de Sá de Miranda” (pp. 57-60) e, por último, os “Anexins de António Ribeiro Chiado” (pp. 60-64). A palavra “continúa”, escrita no fim da última página, garante a continuidade do trabalho nos volumes seguintes da RL.

“Falar do Povo” (RL XVIII: 163-173) é um artigo assinado por Cláudio Basto onde se analisam algumas palavras e expressões populares: *De uma cana (só)* e *seis-e-cinco* são duas delas. A primeira traduz a ideia de coragem e havia merecido já a atenção de Pratt em *Locuções*

⁴⁰¹ Só da obra do Marquez de Santillana – *Refranes que dicen las viejas tras el fuego* – são apontados mais de 120 “anexins”; das duas comédias de Jorge Ferreira – *Ulyssipo* e *Eufrosina* – o número aproxima-se das 5 centenas.

Petrificadas (1914: cols. 182-183); a segunda corresponderá, segundo Ribeiro (*Frases Feitas* I: 246, nota), à locução brasileira *onze letras*, o equivalente a *alcoviteiro* (palavra constituída precisamente por onze letras). Estas informações fornecidas por Basto só por si não serão muito relevantes; todavia, revelam que os fraseólogos portugueses conheciam o que se produzia dentro e fora das suas fronteiras.

Leite de Vasconcelos regressa aos assuntos fraseológicos (melhor: fraseográficos) agora com “Ideias para um dicionario” (RL XVIII: 304-307):

“Devem os dicionarios ser feitos de maneira que, a par de palavras ou expressões que já nos sejam conhecidas, achemos neles outras que pretendamos conhecer [...]. Ha porém muitas expressões pitorescas da linguagem quotidiana que, embora andem nos dicionarios, não podem ser lá encontradas por quem as não conhecer, visto que estão subordinadas a vocabulos que encabeçam paragrafos onde elas não se esperam” (Vasconcelos, RL XVIII, 1915: 304).

Introduzido o assunto (o que os dicionários deviam ser mas não são), Vasconcelos socorre-se de vários exemplos para mostrar a dificuldade da pesquisa. Assim, se pretendermos saber de que modo se exprimirão as ideias de *vir a propósito*, *assistir alguém na morte* ou *vender caro*, podemos não encontrar nos dicionários as locuções que tão pitoresca e expressivamente lhes estão associadas: respetivamente, *cair a sopa no mel*, *fechar os olhos (a alguém)* e *levar coiro/couro e cabelo*⁴³. Aconselhando o aproveitamento dos muitos elementos úteis disponibilizados por obras como os *Adágios* de Delicado (1651)⁴⁴ e *Infermidades da lingua* de Manoel José de Paiva (1759), L. de Vasconcelos considera necessário “nos futuros lexicos apôr a cada vocabulo a sinonimia fraseologica” (p. 307). E não se fica por aqui:

“[...] ministram os actuais lexicos locuções como *dá Deus as nozes a quem não tem dentes*, *por aí não vai o gato ás filhós*, *andar numa dobadoira*, etc. etc., mas só se encontram subordinadas a *noz*, *filhó*, *dobadoira*: de modo que quem as não souber, não as descobrirá. É pois preciso, quando se fala, por exemplo, de *actividade*, acrescentar: esta ideia tambem se expressa com *andar numa dobadoira*. E assim por diante. Embora eu já tratasse d'este assunto em várias das lições de Filologia que em 1910 dei na Biblioteca Nacional (lições ainda ineditas), julgo que tem alguma importancia, e que convem insistir nele” (Vasconcelos, RL XVIII, 1915: 307).

⁴³ Sobre esta expressão (*levar coiro e cabelo*), diz Leite: encontra-se “documentada em textos de quinhentos e seiscentos, pelo menos, e que tem origem bem definida: é uma fórmula do direito germanico, *capillos et cutem detrahere*, que figura no Codigo visigotico como castigo. Constitui este castigo a *decalvatio*” (p. 306).

⁴⁴ Nesta obra, os adágios são classificados por categorias como *diligencia*, *esperança*, *justiça*, etc.

Curiosas, sem dúvida, estas afirmações: primeiro porque, de forma objetiva, ensinam a organizar o material fraseológico nos dicionários, segundo porque garantem que estes assuntos da fraseologia-fraseografia já há muito (pelo menos desde 1910) merecem a atenção de Leite⁴¹⁵.

RL XIX, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1916:

Os “Retalhos de um Adagiário” de José Maria Adrião (RL XIX: 40-62) fazem lembrar de imediato o “Adagiário Português” de T. Braga (RL XVII: 225-274; XVIII: 16-64;...). Todavia, os “Retalhos” parecem ser menos ambiciosos:

“Os provérbios e locuções que se seguem são extraídos, ao acaso, de uma colecção composta de alguns milhares, em cuja organização trabalho há alguns anos [...]. Bem ou mal, pouco provido de cabedal para entrar em assunto de semelhante natureza e de tal importância para o estudo folclórico, e, portanto, guiado por um critério indubitavelmente discutível, eu procurei anotar boa parte dos provérbios e locuções da minha colecção, com os materiais que me foi possível reunir – materiais pobres na qualidade mas que, agrupados com o adágio a que respeitam, talvez possam prestar algum serviço a quem um dia se dispuser à tarefa de organizar o conjunto do adagiário português” (Adrião, em Vasconcelos, RL XIX, 1916: 40).

E os “provérbios e locuções que se seguem” são, entre outros, *O homem ruivo e a mulher barbuda de longe os sauda* (quer dizer, devemos-nos afastar da mulher barbuda e do homem ruivo por serem más pessoas), *Atirar a primeira pedra* (ser o primeiro a acusar alguém), *Bem prega frei Tomás... faze o que êle diz, não faças o que êle faz* (diz-se das pessoas que dão bons conselhos aos outros, mas que não praticam as ações que recomendam), *Cão que ladra não morde* (ou seja, pessoa que reclama e ameaça muito mas é inofensiva), *Cheirar a alho* (diz-se da pessoa de hábitos ordinários que não cuida de si), *Choram o meu e o alheio, por uma quarta de centeio* (remete para o antigo costume das carpideiras que recebiam uma gratificação por chorar e acompanhar os defuntos até à sepultura) e *Pouca barba pouca vergonha* (uma vez que a barba impunha respeito e veneração). Para explicar cada um destes provérbios e locuções, Adrião serve-se de autores e textos portugueses e estrangeiros, antigos e seus contemporâneos: F. Lopes, Bento Pereira, Rolland, Teófilo Braga, Leite de Vasconcelos, H. Nuñez, autores clássicos e bíblicos, entre muitos outros. Apresenta ainda variantes e equivalentes em diversas línguas. O provérbio *Cão que ladra não morde* é um caso curioso de multilinguismo: angolense - *Imbua*

⁴¹⁵ A propósito dos saberes que devem ser mobilizados para este estudo, diz Leite: “As frases assentam não raro [...] em usos antigos; estudá-las é pois assunto não só de Lexicologia, mas do *Folklore*” (p. 307).

ibôza ki ilumatê; dialecto teto (Timor) - *Aço haténo récin lá táta*; crioulo de Cabo Verde – *Cachor que tâ ladrâ câ tâ mordê*; francês – *Chien qui aboie, ne mord pas*; inglês – *A barking dog seldom bites*; alemão – *Hunde, die viel bellen, beissen nicht*; italiano – *Il can che abbaia, non morde*; espanhol – *Perro ladrador, poco mordedor*; holandês – *Blaffende honde bijten mèt* (Cães que ladram, não mordem); ceiloense – *Cachôro que ladrâ nan murdê*; latino – *Nemo canem timeat, qui non laedit nisi latret* (vd. Adrião, RL XIX: 53).

Abundam na RL os estudos etnográficos e filológicos sobre as mais diversas regiões de Portugal: “Tradições populares de Barroso (Concelho de Montalegre)” (pp. 76-133), assinado por Fernando Braga Barreiros, é um deles. Entre os aspetos estudados, destacamos aqueles que apresentam algum interesse fraseológico: “ditados vários ou provérbios” (pp. 105-112: *Onde ha fumo, ha fogo* é um dos 245), “Ditos e frases populares” (pp. 112-122: *Vêr Braga por um canudo* é o n.º 287 para um total de 290), “Comparações” (pp. 122-126: *Boa (mulher) como uma pescada* é uma comparação entre 163), “Rimas e frases estereotipadas” (pp. 126-131: *Quem dá e torna a tirar, ao inferno vai parar* é um dos 50 exemplos), “Aliteraões” (p. 132: *Mau, Maria, que a coisa vai mal* é uma entre 12) e “Imprecações” (pp. 132-133: *Rais [Raios] te parta!* é o n.º 25 de 32). Como apreciação geral, podemos afirmar que este trabalho de Barreiros, apesar de pobre em explicações e comentários, vale sobretudo pelos abundantes materiais (que extravasam as fronteiras da região de Barroso) e pela forma organizada como os apresenta (ordenação alfabética).

“Migalhas Etnograficas” (pp. 217-226) de João Correia, embora mais modesto na quantidade e interesse dos materiais fraseológicos, assemelha-se ao estudo de Braga Barreiros: “Aliteraões” (12 exemplos: *Quem cala consente...*), “Fórmulas enfáticas” (5 casos: *fedía que tresandava...*), “Fórmulas rimadas” (13 exemplos: *Misturar alhos com bugalhos...*), “Frases populares” (86 casos: *Pintar a manta...*) e “Comparações populares” (30 exemplos: *São como um pêro...*) são contributos a ter em conta no estudo da fraseologia portuguesa.

RL XX, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1917:

É a terceira vez que os “Nomes de ventos” (pp. 119-128) sopram na RL, por intermédio de Pratt: a primeira, no volume XVII, páginas 198-202; a segunda, no volume XVIII, páginas 119-128. Recorde-se o que dissemos em § 3.2.1.2. do nosso trabalho.

João da Silva Correia está de regresso com mais “Migalhas Etnograficas” (Veja-se RL XIX: 217-226). Nas páginas 206-238 deste 20.º volume, limita-se a acrescentar “Aliteraões” (*Ha*

mais marés que marinheiros...), “Formulas rimadas” (*Não diz a letra com a careta...*), “Frases populares” (*Ah! pés para que te quero!...*) e “Comparações populares” (*Direito como um fuso...*).

“Investigações Ethnographicas” (pp. 257-293) de Thomaz Pires não primam pela originalidade: não podiam faltar as “Comparações populares” (*Cahio como hum patinho...*), os “Proverbios e anexins” (*Boca que queres, coração que desejas...*) e “Outros proverbios e anexins” (*Se queres parecer o que és, fala; senão queres parecer o que és, cala...*). Além disso, muitos provérbios e anexins listados são meras reproduções da obra *Infermidades da Lingua* de Manoel José de Paiva (Lisboa: 1759).

“Retalhos de um Adagiário” (pp. 298-315) de José Maria Adrião constitui a segunda parte do trabalho com o mesmo título, iniciado em RL XIX (pp. 40-62). Aos 12 da primeira parte, o autor acrescenta agora 11 “anexins”. Entre eles encontramos alguns sobejamente conhecidos: *Correr Seca e Meca* (andar por diferentes terras; vaguear), *Em papos de aranha* (atrapalhado; sem saber o que fazer), *Fia-te na Virgem e não corras...* (esforça-te, não estejas à espera de ajuda exterior porque sofrerás as consequências), *Falar francês como uma vaca espanhola* (falar muito mal francês e, por extensão, qualquer língua estrangeira), *Guarda-te de mula que faz “him” e de mulher que fala latim* (os portugueses antigos, tal como os franceses, espanhóis e italianos, não tinham em boa conta a mulher que sabia latim, por isso constituía um perigo) e *Dar ás de Vila Diogo* (fugir; retirar-se apressadamente). Adrião não se limita a enumerar estes anexins nem a indicar o seu significado: apresenta variantes e formas equivalentes em língua estrangeira, além de (tentar) explicar cuidadosamente as suas origens através dos textos e autores mais habituais: Bluteau, Morais, A. Garrett, D. Francisco Manuel de Melo, Rolland, H. Nuñez e G. Viana, entre muitos outros. Este é um trabalho que merece ser revisitado.

RL XXI, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1918:

Depois dos volumes XIX (pp. 40-62) e XX (298-315), Adrião regressa a “Retalhos de um Adagiário” (RL XXI: 33-57), acrescentando 13 anexins (o total já vai em 36). Eis alguns exemplos: *Dia de S. Martinho, prova teu vinho, Deitar pérolas a porcos* (dizer coisas sensatas e úteis a quem as não sabe compreender ou apreciar), *Entrar com o pé direito* (começar bem alguma atividade; ser bafejado pela sorte) e *Mais vale um pássaro na mão, que dois a voar*. O tipo de abordagem é geralmente o mesmo: identificação do anexim e suas variantes; significado(s); formas equivalentes em várias línguas; explicações sustentadas em textos de diferentes autores e épocas (antiguidade clássica, época bíblica, idade média...); e defesa de

pontos de vista pessoais. Relativamente à possível globalização dos adágios, vejamos o caso de *Mais vale um pássaro na mão, que dois a voar* (vd. pp. 56-57): alemão – *Besser einen sperling in der Hand, als eine Taube auf dem Dach / Ein Vogel in der Schüssel ist besser als hundert in der Luft*; dinamarquês – *Bedre een Fugl i Haanden end to paa Taget* (Um pássaro na mão é melhor que dois no telhado); francês – *Um moineau dans la main vaut mieux qu'une grue qui vole / Le moineau dans la poele vaut mieux que l'oise qui vole / (...)*; espanhol – *Más vale pájaro en mano, que buitre volando / Más vale pájaro en mano, que ciento volando*; holandês – *Beter eene vogel in de hand dan nen [?] in ae lucht* (É melhor um pássaro na mão, que dez no ar) / *Een vogel in de hand is beter dan twee in de vlugt* (Um pássaro na mão é melhor que dois voando); inglês – *One bird in the hand is worth two in the bush*; italiano – *È meglio un uccello in gabbia, che cento fuori / È meglio pincione in mano, che tordo in frasca*; ceiloense – *Hum pastro ne man tem mais bom do que dôs ne mato*. Este saber enciclopédico que caracteriza os trabalhos de Adrião resulta a favor da fraseologia portuguesa.

RL XXII, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1919:

O artigo “Importância da Etnografia” (RL XXII: 5-8) de Leite de Vasconcelos é importante para a fraseologia. Vejamos o que diz o autor:

“No próprio exame do vocabulário usual, como reflexo da vida diária, se está actualmente reconhecendo quanto a Etnografia ajuda a Filologia: pela vista e exame de objectos nas suas particularidades se facilita a interpretação etimológica das palavras que os traduzem. [...] Se a Etnografia se torna assim um auxílio do conhecimento do presente, apesar de posto ao alcance do observador, compreende-se como ajudará o de outros tempos. / Muitos pormenores das obras literárias e artísticas do passado, ficar-nos-hiam efectivamente imperceptíveis ou mal avaliadas, se não fossem os comentários etnográficos: e já não digo as obras da antiguidade clássica, mas as do nosso Sá de Miranda, Camões, e de outros que se inspiraram no veio da tradição” (Vasconcelos, RL XXII, 1919: 6).

Ora, se “a Etnografia ajuda a Filologia” (Vasconcelos, RL XXII, 1919: 6), logo ajuda também a fraseologia, já que esta surge, de certo modo, integrada na filologia e associada à própria etnografia. Além disso, temos visto que os provérbios e locuções são constituintes linguísticos fundamentais nas “obras literárias e artísticas do passado” (*idem, ibidem*) e do presente. Mais uma vez, a etnografia auxilia na compreensão e valorização desses constituintes e das obras que lhes servem de repositório. Mas os contributos da etnografia, segundo

Vasconcelos, não se ficam por aqui. Também no domínio da pedagogia infantil, em geral, e do ensino-aprendizagem de UF, em particular, eles se fazem sentir:

“Auxiliar, assim, do adulto, em toda a sua existencia, a Etnografia, quando posta em boas mãos, auxilia não menos a pedagogia infantil. As crianças, ao irem para as escolas, levam já consigo copioso peculio tradicional, que obtiveram das mães e do contacto com o povo, porque o que se aprende na meninice, raro esquece, como Quintiliano ha seculos notou: *natura tenacissimi sumus eorum quae rudibus annis percepimus*. Fará excelente obra o mestre-escola que seleccione esse peculio, o regule e complete, applicando-o ao desenvolvimento psiquico e fisico dos seus alunos, que ao mesmo tempo aí encontrarão grande prazer: esperta-se a atenção e o acume intelectual com a proposta de adivinhas [...]; acalenta-se o senso moral com o enunciado de proverbios, que constituem, como se diz vulgarmente, a «sabedoria das nações»” (Vasconcelos, RL XXII, 1919: 12).

As “Tradições populares de Santo Tirso” (pp. 35-90) de Augusto Pires de Lima seguem a traça habitual dos estudos etnográficos contidos na RL. Interessa-nos, mais uma vez, relevar os aspetos fraseológicos: “Provérbios e ditos populares” (75 exemplos distribuidos pelas páginas 56-59: *Vale mais cair em graça do que ser engraçada, Vai haver sermão e missa cantada...*), “Comparações e metáforas” (nas páginas 60-64 encontramos 95 casos: “Velho como Sé de Braga; é do tempo dos *Afonsinhos*, do arroz de 15” é um deles) e “Fórmulas rimadas e entretenimentos infantis” (*Muito bem se canta na Sé, / Mas é que é... e Tens fome? / - Come um home* são dois dos 38 exemplos que ocupam as páginas 64-67). Estes materiais surgem numerados e por vezes comentados em notas de rodapé.

No ponto 3.2.1.2. deste nosso trabalho fizemos referência aos artigos “Quem vai ao mar...” (RL XXII: 219-223) e “Lírica Patriótica” (RL XXII: 223-225). A segunda parte de “quem vai ao mar...” (pp. 221-223) é da autoria de Leite de Vasconcelos. Sobre estes dois artigos, recorde-se o que dissemos no referido ponto do nosso trabalho.

RL XXIII, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1920:

Neste 23.º volume da RL (pp. 107-130), José Maria Adrião acrescenta aos “Retalhos de um adagiário” 10 novos provérbios (vd. vols. XIX, 40-62; XX, 298-315; XXI, 33-57). Os mais conhecidos serão *despedir-se à francesa* (retirar-se sem cumprimentar nem dar satisfação) e *não ter eira nem beira/sem eira nem beira* (não possuir coisa alguma; viver na miséria). Quanto ao tratamento que deles faz o autor, abundam mais uma vez as variantes, as aproximações às línguas estrangeiras e as incursões até à antiguidade clássica, Bíblia e obras de autores

nacionais e internacionais (D. Francisco Manuel de Melo, João de Guilhade, Camões, H. Nuñez, Rolland, Teófilo Braga, Leite de Vasconcelos, Cervantes...).

RL XXIV, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1922:

De novo “Retalhos de um adagiário”. Neste volume XXIV (pp. 227-256), Adrião chega ao adágio “LXX: Apanhar um bico” (embebedar-se). Mais uma vez, são muitos os motivos de interesse fraseológico: não faltam os provérbios e locuções como *O hábito não faz o monge* (não nos devemos deixar iludir pelas aparências), *Parece que vai livrar [ou salvar] o pai da força* (diz-se de alguém que caminha muito apressadamente), *Ladrar à lua* (fazer ameaças vãs) ou *Pôr a calva à mostra* (hoje dizemos, mais prosaicamente, *Pôr a careca à mostra*, quando se revela os defeitos de alguém), profusamente comentados através do recurso a textos e autores conhecidos (Vergílio, Plínio, F. Lopes, G. Vicente, Eça de Queiroz, C. Michaëlis de Vasconcelos...). Mas Adrião não se confina às citações: quando se justifica, recorre a argumentos próprios, como aconteceu ao recuperar a problemática relativa ao provérbio *Mais vale um gosto, que quatro vinténs*. A páginas tantas, diz que Pratt parece relacionar a expressão *quatro vinténs* com a ideia de virgindade: “Não me parece aceitável a hipótese. Julgo-a, até, demasiadamente fantasiosa [...]. «Quatro vinténs» é uma referência a certa quantia, e nada mais” – remata Adrião (RL XXIV: 240).

José Joaquim Nunes dá entrada na RL com o artigo “A metáfora na linguagem” (pp. 286-294). No nosso entender, este trabalho traz alguma novidade aos estudos fraseológicos de então. Eis as suas primeiras palavras:

“É de todos conhecido o grande papel que na linguagem desempenha a metáfora. Mais do que qualquer outra das várias espécies de tropos, ela aparece de continuo, tanto na fala das pessoas cultas como na das incultas, e mais ainda na d'estas do que na d'aquelas, porque, sendo uma comparação abreviada, de poucas palavras carece. Além de que uma das principais características da língua do povo é a vivacidade; enquanto a dos cultos se cinge mais à rigorosa expressão do pensamento, aquela visa a torná-lo bem perceptível e em certo modo quasi palpável pela vida e movimento que lhe comunica. De aí a multiplicidade de imagens que caracteriza a conversação da gente rude, que podemos comparar a uma verdadeira fita cinematográfica [...]. E, se de qualquer língua costuma dizer-se que ela é o espelho em que se reflecte a alma do povo que a fala, isso provém em grande parte da metáfora, porque esta nos revela as suas predilecções, o seu modo de ser” (Nunes, em Vasconcelos, RL XXIV, 1922: 286).

Nunes tem razão ao relacionar metáfora com EI. De facto, a maioria das EI possui natureza metafórica. É verdade que nem sempre uma metáfora é uma EI porque se dissermos a alguém, que consegue fazer amigos em grande número e com muita facilidade, “És uma verdadeira *rede social!*”, *ser uma rede social* não constitui uma EI porque, apesar do seu sentido figurado, não está ainda generalizada, cristalizada. Mas voltemos ao texto de Nunes. Ao longo das suas páginas, são apontadas inúmeras metáforas, com origem no latim e associadas predominantemente ao campo lexical do corpo humano: *tapar a boca (a alguém)* (calar alguém; em lat., *linguam occludere*), *dar ouvidos (a alguém)* (prestar atenção a alguém; em lat., *ures patefacere*), *uma mão lava a outra* (para nos referirmos à retribuição recíproca; em lat., *manus manum lavat*), *estar de mãos atadas/de braços cruzados* (estar incapacitado de agir; em lat., *compressis manibus sedere*), entre muitas outras. E conclui:

“Quer-me parecer que um estudo profundo das metáforas [e das unidades fraseológicas, diríamos nós] de qualquer povo nos elucidaria mais do que a própria história dos estádios de civilização por que êle tem passado, revelando-nos o que constituía o seu principal gôsto e portanto a sua ocupação mais predilecta” (Nunes, em Vasconcelos, RL XXIV, 1922: 290).

Concordamos com tais palavras, mas não totalmente. Entendemos que as metáforas, e as UF em geral (sobretudo provérbios e EI), devem ser vistas como elementos da “própria história dos estádios de civilização”, nos domínios histórico e linguístico. Assim, expressões como *São as obras de Santa Engrácia* e *Sem dizer «água vai!»* parecem remeter exclusivamente para a história patrimonial e linguística de Portugal e do português⁴¹⁶.

RL XXV, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1925:

O título “Retalhos de um adagiário” de J. M. Adrião tem sido presença constante nos últimos volumes da RL (XIX, 40-62; XX, 298-315; XXI, 33-57; XXIII, 107-130; XXIV, 127-256). Neste Volume XXV (pp. 75-127), o autor acrescenta, ao seu já considerável espólio fraseológico, um número elevado de adágios (do LXVIII ao CI), muitos ainda hoje sobejamente conhecidos: *Quem não te conhecer, que te compre* (dirigido a alguém que é má pessoa e que só poderá enganar os incautos), *Quem tem bôca vai a Roma* (quando pedimos informações certas, é

⁴¹⁶ “São as obras de Santa Engrácia”, por exemplo, tem como referente histórico a Igreja de Santa Engrácia, de Lisboa, fundada pelo ano de 1530 pela Infanta D. Maria, filha de D. Manuel I. “Sem dizer «água vai!»” remete para um costume pelo menos quinhentista: “*Água vai!*” era o aviso que em Lisboa, e outras cidades, se fazia das 10 ou 11 horas da noite em diante, ao despejarem-se das janelas e das portas, para a rua, as matérias fecais e mais imundícies durante o dia acumuladas nas habitações” (vd. Adrião, RL XXV: 75-127).

possível chegar ao destino, mesmo não sendo Roma)⁴¹⁷, *Quem tudo quere, tudo perde* (quando as pessoas são excessivamente ambiciosas, podem perder tudo o que têm), etc. Tal como os anteriores, também estes “retalhos” do volume XXV primam pela organização e pelo rigor, mas agora com um valor fraseológico acrescentado: um maior número de adágios e de informações.

O artigo “Uma carta do Cavaleiro de Oliveira riquíssima de locuções populares” de João da Silva Correia (RL XXV: 291-299) dá-nos a conhecer um dos testemunhos fraseológicos mais interessantes da história da fraseologia portuguesa: a carta X do tomo I da coleção das Cartas de Francisco Xavier de Oliveira, mais conhecido por Cavaleiro de Oliveira, escrita em Viena de Áustria em 4 de março de 1736. Todavia, esta coleção das Cartas só foi publicada em “Amsterdam” em 1741 e reproduzida em Lisboa em 1855. A dedicatória da carta X reza o seguinte: “Ao Reverendissimo Padre Dom Joseph Augusto, para se fazer por ella huma tradução Italiana”. Explicando melhor: Cavaleiro de Oliveira escreveu uma carta com cerca de 20 páginas “com o intuito de pôr à prova a capacidade de um «presumido Estrangeyrote, que promete tradusir em Italiano todo e qualquer discurso que se fizer em Portuguez”. Esse “presumido Estrangeyrote” é Valmagini, o italiano que ocupa o cargo que Oliveira considera seu: responsável pela Secretaria da Embaixada de Portugal em Viena. O autor da carta está convencido de que Valmagini, compatriota do padre D. José Augusto, “se ha-de ver em tremuras com este papel [a carta], porque não só he impossível que o tradusa, porem incrível que o entenda”, uma vez que está pejado de “termos chullos, extravagantes e significativos” do Portugal da época (Oliveira, citado por Silva Correia, em RL XXV: 291-292). A seguir, Correia apresenta as “frases populares, pela ordem como vêm na Carta do Cavaleiro de Oliveira, num total de 241: “1) Dar trella a V.M... / 2) Queymar a minha paciencia / 3) Ainda está em ver-ve-lo-hemos [...] / 241) Quem já te2 vira!”. Entre estas quase duas centenas e meia, há “frases populares” ainda hoje conhecidas (*pregar o calote, por uma unha negra, fazer gato sapato* de alguém...), mas muitas outras são agora um verdadeiro quebra-cabeças, como o foram certamente para o “presumido” Valmagini. Se Cavaleiro de Oliveira, ao escrever esta carta, quis pôr o italiano *em palpos/papos de aranha*, não há dúvida de que o terá conseguido.

Inevitável é confrontar este artigo de Correia (RL XXV, 1925: 291-299) com o de Maria-João Marçalo - “Unidades cristalizadas e provérbios: uma Carta de 1736 de Cavaleiro de

⁴¹⁷ A importância dada à palavra (aqui representada pela boca) é reconhecida por todos: dizem os franceses, *Qui langue a, à Rome va*; os espanhóis, *Quien lengua ha, a Roma va*; os italianos, *Chi lingua ha, a Roma va*; os angolanos, *Úene* (ou *úenda*) *ni muzumbu ka jimbirilê* (Quem tem boca não se desencaminha); os chineses, *Kia kià mên Keu tong Pekin* (Quem tem língua, vai a Pequim) (vd. Adrião, RL XXV: 89).

Oliveira. Apontamentos de paremiologia portuguesa" (*Paremia* 7, 1998: 107-112)⁴¹⁸. Não vamos repetir o que já dissemos; por isso, limitamo-nos a acrescentar algumas informações: (i) Correia selecionou, da Carta do Cavaleiro de Oliveira, 241 UF; Marçalo apresenta 204; (ii) em Correia, as unidades surgem numeradas; em Marçalo não; (iii) em Correia, os exemplos são transcritos ("107) Pôr huma mulher em pratos limpos a sua pouca vergonha...")⁴¹⁹; em Marçalo, nos exemplos encontram-se por vezes elementos paratextuais ("pôr (alguma coisa, um assunto) em pratos limpos"). Resta-nos dizer que Marçalo se serviu da edição de Aquilino Ribeiro⁴²⁰ e parece não ter tido conhecimento do artigo de Correia. Este provável desconhecimento acaba por acrescentar interesse à RL, em geral, e ao artigo de João da Silva Correia, em particular.

RL XXVI, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1927:

Com estes (RL XXVI: 211-246), são já 7 os "Retalhos de um adagiário" de Adrião (vol. XIX: 40-62; XX: 298-315; XXI: 33-57; XXIII: 107-130; XXIV: 127-256; XXV: 75-127). Entre o primeiro ("CII – Hoje em dia, qualquer é «D. Maria»") e o último adágio ("CXIV – Sinal no céu, novidade na terra") desta série (RL XXVI: 211-246), desfilam os autores habituais – Nuñez, Rolland, Delicado, Bento Pereira, Jorge Ferreira de Vasconcelos, D. Francisco Manuel de Melo, Viterbo, Leite de Vasconcelos... -, acompanhados por outros menos frequentes – os historiadores Azurara e Rui de Pina, por exemplo -, num verdadeiro cortejo cultural. Quanto aos adágios propriamente ditos, temos desde os mais correntes, e provavelmente mais globalizados (*Quem canta, seus males [ou seu mal] espanta...*), até aos de feição mais nacionalista (*Hoje em dia, qualquer é D. Maria*, por causa do uso abusivo de *Dom* e *Dona*; *Noites da Lamego*, isto é, noites muito longas...). Curiosos são aqueles que remetem para a nossa relação com os estrangeiros, como é o caso de *rico como um judeu* (muito rico), em virtude da importância assumida pelos judeus nos reinados de D. Dinis, D. Pedro I e D. Fernando, e *roupa-de-franceses* (coisa comum ou que não tem dono), adágio provavelmente usado em Portugal ainda antes da invasão francesa (vd. Adrião, RL XXVI: 229-230 e 234-236).

⁴¹⁸ O estudo de Marçalo foi objeto de análise no ponto "3.1.4. Revista *Paremia*" deste nosso trabalho. Recordamos que a Revista *Paremia*, e este artigo em particular, pode ser consultada em http://www.paremia.org/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=47&lang=es (consulta efetuada em julho/2013).

⁴¹⁹ Diz Correia (RL XV: 299): "Em todos os casos respeitámos a redacção e grafia do autor".

⁴²⁰ Na Bibliografia do artigo de Marçalo encontramos a seguinte referência: "OLIVEIRA, CAVALEIRO (1741=1982): *Cartas Familiares*. Seleção, prefácio e notas de Aquilino Ribeiro. Lisboa: Sá da Costa, 3.ª ed.". Sobre a RL e João da Silva Correia, nem uma palavra. Também tivemos a possibilidade de consultar a edição de Aquilino Ribeiro que não faz qualquer referência ao artigo de Correia na RL.

O artigo “Etnografia” de Leite de Vasconcelos (RL XXVI: 260-280), datado de 1927, deve ser lido tendo em conta o que dissemos em § 3.2.2. (“Contributos da *Revista Lusitana*, *Revista Lusitana-Nova Série* e *Boletim de Filologia* para a Fraseologia Portuguesa”) deste nosso trabalho, mais concretamente sobre o 7.º volume (1938) dos *Opúsculos* dedicado à “Etnologia” e o 1.º volume (1933) da *Etnografia Portuguesa*, por serem aqueles que mais diretamente abordam as questões fraseológicas⁴²¹. No artigo “Etnografia” da RL diz Leite:

“Quem não confessará que das mutuas relações milenarias, existentes entre os individuos que formam os agrupamentos chamados *povos*, resulta adquirir cada um d’estes certa comunidade de costumes, de pensar, de sentir, de querer, e até de aspecto físico [...]? Tal unidade outorga-lhe natural autonomia, o que contribue para que a mór parte das vezes não se confunda, á primeira vista, ainda abstraindo das diferenças idiomáticas, um Castelhana, por exemplo, ou um Francês, com um Português. Qualquer pessoa, ao entrar numa nação estranha, apesar de vizinha ou afim, ou da mesma linguagem, logo reconhece que passou a um ambiente que diverge do seu proprio” (Vasconcelos, RL XXVI, 1927: 260).

Detetadas as semelhanças e diferenças entre os povos, compete à etnografia, parte integrante de uma “sciencia mais vasta” que é a etnologia, “examinar o que é que dá indole e coesão a um povo, e o distingue de outro; o que nele é congenito e primitivo, ou que, com o tempo, e por apropriação do que lhe chegou de outro povo, se tornou típico” (Vasconcelos, RL XXVI: 261). Que as UF (sobretudo provérbios e EI) são muitas vezes o instrumento utilizado para aferir a natureza dessas afinidades provam-no os inúmeros trabalhos que desde o primeiro número da RL se têm publicado. Neste sentido, será mais consensual reconhecer que *matar saudades* e *cair o Carmo e a Trindade* são modos de dizer mais tipicamente portugueses do que, por exemplo, *dar o braço a torcer* e *Quem tem boca vai a Roma*.

O Volume XXVI da RL termina com a rubrica “Miscelanea”. Aqui podemos encontrar um artigo com algum interesse fraseológico: “Falar por adágios” (pp. 299-302) de Kol d’Alvarenga. Este texto constitui, no nosso entender, uma abordagem psicossocial da fraseologia. Nele, o autor defende a ideia de que a fraseologia pode traduzir a relação que o homem estabelece com o meio físico e social:

⁴²¹ Não esqueçamos que já no Volume XXII da RL (1919) Vasconcelos se tinha pronunciado sobre a “Importância da Etnografia” (pp. 5-8).

“Não admira, assim, que os povos que sofrem, que lutam, que muita energia gastam para vencer os elementos [...], não admira, repetimos, que a filosofia por adágios seja tão usual nas populações, nos indivíduos, às vezes nos mais boçais. Ha os que ouviram aos pais ou aos avós os adágios que a proposito de tudo ou de nada empregam. Ha os que inventam e compõem frases que são maximas, que são verdades, verdades que muitos escritores, lidos e apurados por longas vigílias de estudo, não desdenhariam assinar. / O Douro é a terra [...] da luta ingente e intemerária do homem com os elementos e com a terra [...]. Pelo que não admira [...] que os povos, as gentes do Douro, usem e abusem nas suas falas dos adágios populares, alguns dum sabor e dum pitoresco incomparáveis” (Kol d’Alvarenga, em Vasconcelos, RL XXVI, 1927: 299-230).

Escolhida a região – o Douro -, o autor vai dando conta dos provérbios e expressões que caracterizam o sentir e o pensar dessas gentes: *muito grande é o Marão e não dá palha nem grão; quem não cria, não pia; pé de meia; ser um unhas de fome; Fevereiro quente traz o Diabo no ventre*; e muitos outros. Ao apresentar um discurso dramático e regionalista (O homem do Douro é mais sofrido do que o de outras regiões? Os adágios e El que usa são exclusivos da sua linguagem?), Kol d’Alvarenga torna-se um alvo fácil da crítica. Todavia, tem o mérito de obrigar a pensar no tema da fraseologia e variação: variações geográficas ou diatópicas, sociais ou diastráticas, individuais ou diafásicas. A fraseologia minhota é diferente da algarvia? A fraseologia do utilizador letrado difere da fraseologia do iletrado? A fraseologia do homem humilde e sofrido é diferente da fraseologia do homem abastado? E já agora: as mulheres e os homens usam a fraseologia de modo semelhante? Estas são algumas das questões que a leitura do artigo de Kol d’Alvarenga pode despoletar num aficionado pelos assuntos fraseológicos.

RL XXVII, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1929:

J. M. Adrião, neste volume da RL (pp. 198-242), retoma os seus “retalhos” fraseológicos com o provérbio “CXV - Tantas vezes vezes vai o cântaro à fonte, até que lá fica” e termina com “CXXXV – A Guarda é uma terra feia, fria e farta”⁴²². De permeio há todo um conjunto de “adágios” sobejamente conhecidos: *Tenho um dedo que adivinha* (diz-se para significar um pressentimento), *Ter Espírito-Santo de orelha* (ter alguém a judar disfarçadamente, dizendo-nos o que não sabemos), *Ter o diabo [ou o demónio] no corpo* (ser insuportável; ser muito mau) e *Ter*

⁴²² Sobre os “Retalhos de um adagiário” de Adrião, veja-se os seguintes volumes da RL: XIX, pp. 40-62; XX, 298-315; XXI, 33-57; XXIII, 107-130; XXIV, 127-256; XXV, 75-127; XXVI, 211-246; e agora XXVII, 198-242.

pacto [ou *partes*] *com o diabo* (ser levado da breca; ser endiabrado)⁴²³, só para citar alguns. Sem nos alongarmos muito, podemos mais uma vez confirmar que num “adagiário” como este, para além de adágios e/ou provérbios (*Todos os caminhos vão dar a Roma*, por exemplo), encontramos formas que não o são (*Ter Espírito-Santo de orelha*, entre outros). O próprio autor ora usa o termo adágio, ora provérbio, ora até locução, aparentemente de forma indiferenciada. Terminologias à parte, interessa aproveitar os muitos e bons conhecimentos que Adrião nos legou. Para isso, basta ler o que nos diz sobre as expressões *Três, é a conta que Deus fez* (com incursões pela religião, pelos fenómenos da natureza e pela literatura, para explicar a simbologia do número *três*) e *Como o outro que diz* ou *Como diz o outro* (como se diz vulgarmente; como diz o provérbio). Relativamente a esta última expressão, o autor dá a conhecer as inúmeras formas de introduzir um dito generalizado. Eis alguns exemplos: *bem diz o ditado...*, *como se costuma dizer...*, *como quem diz...*, *diziam os antigos...*, *já a minha avó dizia...*, *dizia o Camões...*, *dizia o Marquês de Pombal...*, etc.. Na “linguagem culta” dir-se-ia mais frequentemente *como diz a sabedoria das nações...*, *como diz o provérbio...*, *como diz o povo...* e *como vulgarmente se diz...* Nos documentos mais antigos em língua portuguesa, as fórmulas introdutórias seriam um pouco diferentes: *diz o ver’antigo...*, *diz o sabedor...*, *diz o exemplo antigo...*, *diz um verso acostumado...* e *dizem as velhas...* (vd. Adrião, RL XXVII: 236-239).

RL XXVIII, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1930:

“Linguagem popular de Turquel” (RL XXVIII: 87-244) de José Diogo Ribeiro é um longo trabalho de mais de uma centena e meia de páginas (157). À semelhança de muitos outros de âmbito regionalista, também este estudo procura traduzir os usos linguísticos de uma determinada comunidade. Mas igualmente aqui essa especificidade parece diluir-se, já que muitos dos exemplos apontados se podem encontrar noutras regiões. O autor começa por louvar o vigor e colorido linguísticos do “rústico aldeão”, para depois se referir aos conteúdos e metodologias do seu estudo:

“Os rodeios a que, por míngua de termos, homens mais ou menos letrados às vezes recorrem, evita-os de ordinário, e, em regra, muito hábilmente, o rústico aldeão. Valendo-se de símiles, parémiás, translações, consegue não raro prestar à sua dicção expressões tão significativas, uma conveniência de tons e um vigor de colorido [...], que surpreende aos que consideram, tam-só, os acanhados

⁴²³ No Minho, pelo menos, ouvimos muitas vezes dizer “[Fulano de tal] tem pauta com o Diabo”, para se fazer referência a alguém muito mau, tal como o Diabo.

limites do seu vocabulário. / No presente estudo exibem-se, além de boa cópia de termos regionais, muitas dessas fórmulas, de entre as quais sobrelevam [...] as que, sob a vulgar designação de *ditados*, têm por fim registrar noções mediante uma diuturna experiência adquiridas em pontos de higiene, economia doméstica e rural, agricultura, etc.” (Ribeiro, em Vasconcelos, RL XXVIII, 1930: 87).

Este trabalho de José Ribeiro apresenta-se estruturado em 4 partes: “I – Vocábulo” (pp. 88-133), “II – Frases; modismos; expressões pitorescas” (pp. 133-172), “III – Ditados” (pp. 172-220) e “IV – Apêndice: alterações fonéticas; variantes; termos antigos, ainda em uso na linguagem regional” (pp. 221-242). O autor remata o seu estudo com uma “parlenda exemplificativa da linguagem do vulgo” (pp. 242-244). Relativamente à primeira parte – “Vocábulo” -, Ribeiro apresenta-os ordenados alfabeticamente, mas entre eles encontram-se algumas unidades plurilexicais como “ás-de-paus, m. – Magrizela” e “até mais não, loc. adv. de *quantidade* – Muitíssimo: comeu *até mais não*”. Associada a *coisíssima*, surge a locução *coisíssima nenhuma*: “coisíssima, f. – *Fam.* - usa-se na locução *coisíssima nenhuma*, absolutamente nada”. Nas segunda e terceira partes – respetivamente, “Frases; modismos; expressões pitorescas” e “Ditados” -, os lemas, também organizados alfabeticamente, são noções, espécie de campos lexicais, onde se incluem os exemplos que exprimem essas noções. Apresentemos dois casos:

“**Agilidade, desembaraço** - Faz tudo pelo ar, enquanto o demo esfrega um olho, num ai, num pronto, num assôpro, num abrir e fechar de olhos. Aquilo é dito e feito. Não está lá – ó tio, ó tio, 2deite para cá o batel. V. *actividade*)” (p. 134).

“**Amor** - Quem quer bem sempre se encontra. – Amor não quer senhoria. – Escândula [escândalo; ofensa] aparta amor. – Não há amor como o de mãe” (pp. 176-177).

Sem querermos tirar o mérito a este trabalho de José Ribeiro, verificamos que o conjunto de termos que servem de entrada nem sempre obedece a critérios de coerência. Assim, por exemplo, na segunda parte – “Frases; modismos; expressões pitorescas” -, depois da entrada “Localidades” e antes de “Loquacidade”, surge-nos o seguinte lema:

“**Locuções adverbiais, prepositivas, etc.** – A roda de (cêrca de). Assim como assim (dum modo ou de outro; em qualquer caso). Às duas por três (em breve prazo [envolve censura ou

depreciação]). Até ao ponto de hoje (até o dia de hoje). A tôda a hora e instante (freqüentemente). A todo o tempo (de futuro). A varrer (em conjunto) [...]” (p. 158).

Ora, as locuções adverbiais e as locuções prepositivas são essencialmente termos do domínio da gramática e não tanto da semântica lexical. Reparos à parte, deste trabalho de José Ribeiro fica-nos a certeza de que há mil e uma maneiras de organizar o material fraseológico e de que este é fundamental para a caracterização da linguagem (popular ou não) de uma comunidade.

RL XXIX, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1931:

O artigo “Ecos lingüísticos da soletração e da silabação” (RL XXIX: 101-106), de João da Silva Correia, tem também uma feição fraseológica. Depois de assumir a “soletração” e a “silabação” como “processos condenáveis do aprendizado da leitura”, o autor comenta alguns exemplos de soletração do âmbito da fraseologia: *b-á-bá*, (*gente de/ razões de*) *cutiliquê*, *ter seus quês* e *p-á-pá* (*Santa Justa*). O *b-á-bá* invoca as vozes das crianças que dão os primeiros passos na aprendizagem da leitura (“um *b* e um *a*... *ba*”) e ainda hoje se diz que alguma coisa é *o b-á-bá* quando nos referimos a algo muito simples. Relativamente a *cutiliquê*, Bluteau (citado por Correia), apoiado por outros lexicógrafos, refere que designa “homem de respeito e de préstimo” e que “he termo com que os meninos soletrão o Q do Alphabeto, porque dizem Quutiliquê” (*apud* Correia, 1931: 101). Quem também concedeu especial atenção ao vocábulo *cutiliquê* foi o filólogo brasileiro João Ribeiro, em *Frases feitas* (1908) (vd. § “3.2.1.3. Óscar de Pratt e João Ribeiro”). Em muitas expressões, *de cutiliquê* significa importante, nobre, tal como acontece em “*gente de cutiliquê*” e “*razões de cutiliquê*”; mas noutros casos o significado será bem diferente: “*sábios de cutiliquê*”, por exemplo, são sábios de nenhum valor (vd. Correia, RL XXIX: 104). Quanto à expressão *ter seus quês*, ainda hoje muito frequente, ela é usada para traduzir a ideia de dificuldade ou complicação. Finalmente, umas palavras para *p-á-pá* ou *p-á-pá Santa Justa*, indicativas de exatidão ou justeza no dizer: tal como *cutiliquê*, também estas formas que envolvem alusão aos velhos métodos de soletrar mereceram a atenção de João Ribeiro (1908) que defende que o arrendamento (de *p-á-pá* para *p-á-pá Santa Justa*) será provavelmente ulterior ao século XVI. À guisa de conclusão, podemos afirmar que a importância deste artigo de Silva Correia para a fraseologia portuguesa não é relevante, mas surpreende um pouco pelo facto de abordar a soletração numa perspectiva fraseológica, invocando alguns dos maiores especialistas desta área linguística, como é o caso do filólogo brasileiro João Ribeiro.

Os “Retalhos de um Adagiário” (RL XXIX: 107-158) de José Maria Adrião estão de volta. De “CXXXVI Fechado como um livro de sete selos” até “CLVI Tornará, como o Maio por Lagos” são cerca de 50 páginas com mais achegas sobre fraseologia portuguesa: *Queixar-se ao bispo* (queixar-se a quem não tem competência para providenciar), *O diabo não é tão feio como o pintam* (uma pessoa ou coisa não é tão má como se julgava), *Cruzes, Canhoto!* (forma de esconjuro e de espanto) e *Pinhal de Azambuja* (lugar onde se praticam muitos roubos) são alguns dos exemplos tratados. Mas nem todos os adágios merecem a mesma atenção do autor. O primeiro desta série é disso um bom testemunho: *Fechado como um livro de sete selos* (pp. 107-122) ocupa quase 20 páginas. Adrião, à semelhança do que havia feito noutras ocasiões, não esconde o seu fascínio pela presença dos números na fraseologia. Diz ele: “Pode dizer-se que o número *sete* é o mais favorecido e simbólico de todos – mais ainda que o *três*, a cujas místicas virtudes já me referi no adágio *três é a conta que Deus fez*, a p. 221 do vol. XXVII desta *Revista*” (Adrião, RL XXIX: 108). Depois, seguem-se os contextos onde o número sete predomina: Bíblia, mitologia greco-romana, fenómenos da natureza, astronomia, medicina, literatura e crenças e tradições. No domínio linguístico, esta presença faz-se também sentir de diversos modos:

“Muitas vezes o povo emprega o número *sete* para significar *multiplicidade* ou um *número indeterminado*, como sucede, por exemplo, nas locuções «ter *sete* fôlegos como os gatos» - «são *sete* alfaiates para matar uma aranha» - «bicha de *sete* cabeças» - «falar por *sete*» - «comer por *sete*» - «pior que as *sete* pragas», e nos adágios «são *sete* ao saco e o saco em terra» - «a justiça tem *sete* mangas e em cada manga *sete* manhas” (Adrião, em Vasconcelos, RL XXIX, 1931: 116-117).

Este excerto tem para nós um interesse acrescido uma vez que Adrião parece distinguir “locuções” de “adágios”. Mas por que motivo *são sete alfaiates para matar uma aranha* é uma locução e *são sete ao saco e o saco em terra* um adágio? Além disso, ambos (locução e adágio) estão incluídos num adagiário! Não seria então de esperar que o termo “adagiário”, em “Retalhos de um adagiário”, incluísse apenas os adágios? Não seria mais acertado um título como “Retalhos fraseológicos” ou “Retalhos de fraseologia”?

Pratt assina o artigo “Quem não mente” (RL XXIX: 295-299). Sobre ele escrevemos algumas linhas em “3.2.1.2. Óscar de Pratt para além das “Locuções Petrificadas””, neste

nosso trabalho. O seu interesse fraseológico é residual, já que são referidos apenas alguns provérbios do campo lexical da “arte de zombar”.

RL XXX, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1932:

Depois de “Ecos linguísticos da soletração e da silabação” (RL XXIX: 101-106), João da Silva Correia reforça os estudos fraseológicos com novas aportações. Mais extenso e complexo que o anterior, o artigo “Ecos vocabulares e fraseológicos dos sinais abecedários” (RL XXX: 98-128) apresenta as letras que deram origem “a não poucas palavras e expressões” (p. 103). A ideia é de certo modo inovadora, mas o que não é novidade é o recurso a textos e autores nacionais e internacionais de renome: G. Vicente, C. Castelo Branco, Bluteau, Caldas Aulete, G. Viana, João Ribeiro, C. Michaëlis de Vasconcelos... e Leite de Vasconcelos. Quanto às “não poucas palavras e expressões” originadas pelas letras, são apresentados inúmeros exemplos: *tomar as coisas à letra* (entender as coisas no seu sentido literal, de forma objetiva), *ser letra morta* (ser caduco; não ser considerado), *tradução à letra* (tradução palavra a palavra; tradução literal), *avant la lettre* (antes do estado final)⁴²⁴, *Não diz a letra co’a careta* (não condiz uma coisa com a outra)⁴²⁵, *por a+b* (de forma lógica, objetiva), *com todos os ff e rr* (acabada, perfeita), *com os pontos nos ii* (de forma explícita, legível), *andar aos ss* (andar torto, de forma curvilínea), *ser XPTO* (ser excelente), entre muitos outros. O autor, às vezes, sai do campo lexical do abecedário e apresenta-nos expressões como *Résvés – Campo de Ourique*, *Não se pescam trutas a bragas enxutas*⁴²⁶, *não saber pataca/patavina* ou *não saber boia/não ver boia* (não saber nada). Mas voltemos aos exemplos “fraseológicos dos sinais abecedários” com um dos casos mais intrigantes: *XPTO*⁴²⁷. Para o explicar, Correia recorre à autoridade de C. Michaëlis de Vasconcelos:

“A par da abreviatura XPO, só com três letras, houve, na Idade Média XPTO. É esta que originou a expressão chula *Chispê-tê-o* ou *Xis-pê-tê-ó*, que designa excelência. Imagino que ela se baseia em qualquer anedota de caloiros. Algum inexperto, ignorando que as quatro maiúsculas [*sic*] eram gregas: *Khi, Rho, tau, omikron*, tendo-as por romanas, leu provavelmente XPTO” (Michaëlis de

⁴²⁴ Apesar de não ser uma expressão portuguesa (é francesa), apresentamo-la aqui, uma vez que tem largo uso na nossa língua.

⁴²⁵ A variante *Não diz a letra co’a caneta* é, no entender de Correia, “artificial e pedante” (RL XXX: 102).

⁴²⁶ Mais tarde, “bragas”, por se tornar termo “opaco pela arcaização”, será substituído por “barbas” (Silva Correia, RL XXX: 114).

⁴²⁷ O estudo da expressão (*ser*) *XPTO* tem atraído vários especialistas. Veja-se, por exemplo, o capítulo VI (pp. 157-183) do 1.º volume de *Frazes feitas* de João Ribeiro, no ponto “3.2.1.3. Óscar de Pratt e João Ribeiro” deste nosso trabalho.

Vasconcelos, *Lições práticas de Português Arcaico*, Coimbra, 1913: 52. Citada por Correia, em Vasconcelos, RL XXX, 1932: 128).

No entanto, também Correia tem uma palavra a dizer:

“É curioso notar que a expressão *é de XPTO* aparece transformada por etimologia popular em *é de chupeta e ó*. Esta expressão, que a primeira fêz aparecer, só foi no entanto possível, por existir já uma locução superlativa *de chupeta*, que Camilo Castelo Branco nos dá no seguinte passo do *Amor de Perdição*: «ponto é que ela queira, que eu, num abrir e fechar de olhos, atiro com ela para cima duma égua de chupeta, que ali tenho, e o pai e mais o primo ficam a ver navios», e ainda por *oh!* ser interjeição – e portanto também superlativante –, equivalendo a cada passo a estoutra locução exclamativa, que, não raro, até introduz: *Que bom! Que esplêndido!*” (Correia, em Vasconcelos, RL XXX, 1932: 128).

RL, XXXI, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1933:

“Da minha Terra. Subsídio para a Etnografia de Tráz-os-Montes. Danças, bailes e folguedos populares” de Miranda Lopes (RL XXXI: 138-163) é mais um estudo regionalista onde abundam as referências às danças, jogos, canções e ditados. Estes ocupam a última parte do trabalho (pp. 150-163) e apresentam modalidades diferenciadas: “Ditados” (pp. 150-156: *Água mole em pedra dura tanto dá até que fura...*), “Ditados do lavrador” (pp. 159-160: *Quem planta no Outono, tem um ano de abono...*), “Ditados dos domingos e dias santos” (pp. 160-161: *Ramos molhados: carros cargados, isto é, carregados...*) e “A sabedoria dos velhos nos meses dos anos” (pp. 162-163: *Em Abril espigas mil...*). As notas explicativas são muito raras. Há, no entanto, um pequeno motivo de interesse que consiste na presença de ditados de influência espanhola, prova de um património fraseológico partilhado entre as gentes portuguesas de Miranda e os seus vizinhos espanhóis: *Antes que cases mira lo que haces, Canta el cuco: fuera el pulpo, Entre hermanos no metas las manus*, e tantos outros.

RL XXXII, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1934:

Neste volume XXXII (pp. 5-55), Adrião oferece-nos um novo festim fraseológico: as informações brotam de campos tão diversos como a história e a literatura, a numismática e o direito, a religião e a filologia. Os textos e os autores são ecléticos e de créditos confirmados: Platão, Plínio, Nuñez, Roland, Delicado, Viterbo, G. Vicente, Bocage, Camões, Garrett, Carolina Michaëlis e L. de Vasconcelos. Gregos e romanos, portugueses e espanhóis, franceses e

ingleses, todos são convocados para a construção da fraseologia geral e da fraseologia portuguesa. Os “Retalhos de um adagiário” deste volume XXXII da RL iniciam-se no adágio “CLVII Acolher-se a sagrado”, isto é, acolher-se a lugar seguro, e terminam no adágio “XLXXVIII As leis estão postas: quem não tem dinheiro paga com as costas”, uma referência à prisão por dívidas. De permeio, há adágios que merecem uma atenção especial. Seleccionemos alguns: (1) “CLXI Aquilo com que se compram os melões” (dinheiro; riquezas), (2) “CLXVII Arrancar [ou cortar] as orelhas (a alguém)” (quando se pretende puxar as orelhas ou repreender alguém), (3) “CLXXV Galinha gorda a maltês... ou choca ou morta de mês” e (4) “CLXXVI Andar Maria-de-bons-pés” (andar depressa; ter boas pernas). Em (1), o interesse reside sobretudo nas muitas informações de numismática que nos são fornecidas. O autor apresenta um vasto conjunto de designações gerais que o dinheiro tem tido na linguagem popular e na gíria: *arame*, *bagaço*, *cacau*, *maquia*, *massa*, *moni* ou *monim* (corruptela do inglês *money* = dinheiro), *pataco*, *vintém*... Relativamente a (2), Adrião (RL XXXII: 36) diz que é “uma alusão à pena de desorelhamento, que já existia no tempo dos godos e se aplicava entre nós na idade média”. No adágio (3), são apresentadas algumas variantes, entre elas *Galinha gorda a João Fernandes... choca vai ela*. Ora, a presença do antropónimo João Fernandes, para designar um indivíduo insignificante, *um João-Ninguém* (hoje diríamos *um Zé-Ninguém*), é motivo mais que suficiente para um inventário de expressões e provérbios antroponímicos, muitas vezes de carácter injurioso: *João-da-boa-alma* (homem extremamente bom), *João-da-Caganeta* (homem sem valor), *João-mijão* (homem muito feio), *João-ninguém* (homem insignificante), *João-pestana* (o sono), *Em casa de Gonçalo, mais pode a galinha que o galo* (alusão à autoridade doméstica da mulher sobre o homem), *Andar Maria-de-bons-pés* (andar depressa), etc. Também além-fronteiras certos nomes são postos ao serviço do ridículo e da maledicência: *Juan Lanas* (homem que se presta a tudo; maricas), no espanhol; *C'est un Jean* (homem sem energia; marido enganado pela mulher), no francês; *Fresh water Jack* (marinheiro de água doce), no inglês. Na expressão portuguesa *Zé-povinho*, cujo equivalente em inglês será *John Bull*, há também alusão à ingenuidade e ignorância do nosso povo. É também no domínio da antroponímia que se move a expressão (4): *Andar Maria-de-bons-pés* (andar depressa; ter boas pernas). Tal como João, também o nome Maria dá corpo a um elevado número de expressões: por exemplo, *Maria-da-Fonte* (mulher varonil, corajosa), *Maria-Sanches* (mulher insignificante) e *Maria-vai-com-as-outras* (pessoa sem vontade própria; pau-mandado).

O estudo “Ementas Gramaticais. Para a História da Língua Portuguesa” (RL XXXII: 275-293), de Leite de Vasconcelos, é um conjunto de 52 apontamentos avulsos de natureza gramatical, mas no sentido lato, como o autor faz questão de alertar. Nestas “Ementas”, Leite serve-se de ingredientes fraseológicos variados quando, por exemplo, trata do “Imperativo negativo” (pp. 283-284: *A boda nem bautizado / não vás sem ser convidado*) e da “Aliteração” (p. 289: *ir aos arames*). Mas é a “ementa” 48, “Arredondamento de estilo” (pp. 289-292), que nos desperta maior interesse⁴²⁸:

“Há expressões que por associação de ideias provocam na memória o aparecimento de outras de uso muito conhecido, que no todo, ou em alguns dos seus elementos, completam ou arredondam ideologicamente aquelas, e por isso se lhes agregam, podendo porém o conjunto ficar incongruente” (Vasconcelos, RL XXXI, 1934: 289).

E para cada expressão, Leite de Vasconcelos fornece notas explicativas: *A final... de contas* (expressão de origem comercial; queria dizer-se *por fim*), *Senhor ou senhora... do seu nariz* (“Ironia, por não ter nada de seu a pessoa de quem se fala, ou ao menos não ter o título de «senhora», e ser pirrónica, ou senhora de si”), *A tempo... e a horas!* (“Bastaria dizer *a tempo*, mas arredondou-se aquela expressão pleonásticamente”), *Um par... de jarras* ou *que lindo par... de jarras* (“Diz-se de duas pessoas que vão a par, ou costumam andar juntas”), *Cai o Carmo... e a Trindade* (expressão referida a certas igrejas, para exprimir a ideia de destruição)⁴²⁹, *Ter nariz de palmo... e meio* (“O palmo era medida linear ordinária, antes da introdução do sistema métrico, e ainda agora tem muito uso, e até figura noutras frases”)⁴³⁰, *Tôda a vida... e mais seis meses!* e *Por todas as razões... e mais uma!* (expressões que constituem um “absurdo gracioso”), *Ou oito... ou oitenta* (por causa da aliteração; tem o sentido de *Ou tudo... ou nada*) e *Abaixo de Braga... três leguas*⁴³¹.

⁴²⁸ Este recurso linguístico – “arredondamento de estilo” – não é novo em L. de Vasconcelos. Ele já tinha sido referido na RL XIV, p. 187, e em outras obras do autor (vd. RL XXXII: 292).

⁴²⁹ Segundo Leite de Vasconcelos, primeiro deve ter-se dito aliteradamente *cai o Carmo*, isto é, arrasa-se a terra! (a igreja do Carmo de Lisboa, derruída pelo terramoto de 1755?); depois arredondou-se a frase, juntando-se *e a Trindade* (outra igreja de Lisboa que não ficava longe da primeira e agora destruída de todo?).

⁴³⁰ Leite de Vasconcelos dá o seguinte exemplo: “*ha-de pagar com lingua de palmo* [...]”, a qual frase pode referir-se a uma antiga punição legal de *puxar pela língua*, ou *arrancar a língua*, a um criminoso, como no Direito germânico arcaico”.

⁴³¹ Expressão explicada por Vasconcelos em *Opusculos* I: 470.

RL XXXIII, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1935:

Depois das 52 “Ementas Gramaticais [...]” no Volume XXXII da RL (pp. 275-293), Leite de Vasconcelos chega à centena neste Volume XXXIII (pp. 193-213). Os temas abordados constituem um variado menu linguístico, onde não podiam faltar os ingredientes fraseológicos. E entre estes, o principal é o n.º 57 - “Fósseis da linguagem (vocábulos e frases)” (pp. 197-198) -, um título só aparentemente penalizador para a fraseologia. Senão vejamos:

“Reünem-se sob esta rubrica certos vocábulos e frases que, tendo correspondido a instituições e concepções, que no decurso das idades se extinguiram, continuam a empregar-se com outra significação, que as torna ao primeiro aspecto incompreensíveis, por destoarem dos hábitos da civilização moderna” (Vasconcelos, RL XXXIII, 1935: 197).

Na verdade, há um sem número de “frases” (“expressões” incluídas) cujos constituintes, por si só, parecem não ter qualquer vitalidade nos usos linguísticos atuais. Isoladamente, os vocábulos *fona*, *granel*, *guisa* e *socapa* (de *sub capa*), por exemplo, são verdadeiros arcaísmos; mas sobrevivem nas expressões *andar numa fona* (andar muito atarefado), *a granel* (abundantemente), *à guisa de* (à maneira de) e *à socapa* (sorrateiramente). Outros casos apontados como “fósseis da linguagem” são *Estar à dependura* (viver vida miserável ou estar às portas da morte; também é frequente dizer-se *Estar na dependura*) e *pôr um freio a alguém* (refrear)⁴³². Mas há mais: nos números “66. Aliteração”, “69. Sujeito no plural, e verbo no singular” e “86. Expressões adverbiais” encontram-se, respetivamente, as UF *rai's te partam!* (praga muito vulgar onde *raio* se pronuncia procliticamente *rai'*), *migalhas também é pão*, *a expensas de* (*à custa de*) e *às voltas com*.

RL XXXIV, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1936:

O interesse fraseológico deste Volume XXXIV da RL está, curiosamente, na “Necrologia”. Nesta secção, Leite de Vasconcelos refere que entre os “Investigadores da nossa Etnografia e Filologia últimamente falecidos”, figuram os nomes de Óscar de Pratt (1933) e João Ribeiro (1934) (vd. RL XXXIV: 314). Depois de algumas notas biobibliográficas sobre os autores, Vasconcelos partilha connosco uma carta que havia escrito a Pratt por este lhe ter enviado um livro seu (de Pratt) intitulado *Gil Vicente* (Lisboa, 1931). Esta carta, por si só, não tem valor

⁴³² A este propósito, diz L. de Vasconcelos (RL XXXIII: 198): “O Direito penal explica muitas outras expressões, além das mencionadas. Por agora não trato de mais nenhuma das que conheço, reservando-me principalmente para a EP [*Etnografia Portuguesa*], liv. III”.

fraseológico destacado; todavia, é um ótimo testemunho do respeito intelectual que o mestre Vasconcelos votava ao discípulo Óscar de Pratt.

RL XXXV, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1937:

Também neste volume é a “Necrologia” a captar a nossa atenção. Nas páginas 317-318, Vasconcelos dá-nos conta da morte de J. M. Adrião (1865-1937), o profícuo autor de “Retalhos de um Adagiário”. Dele diz o diretor da RL:

“A convivência que, pela natureza dos seus cargos, mantivera com o povo, despertou em Adrião gôsto de estudos etnográficos [...]. Na citada *Revista*, vol. XIX (1916), iniciou a publicação de um copioso e curioso estudo literário e comparativo de adágios, que, com tamanha extensão, foi o primeiro que em Portugal se fêz; e chegou a ter 178 capítulos, estando ainda na redacção da *Revista Lusitana* uns tantos, que aparecerão a lume quando fôr possível; e consta-me que ficaram em poder da família muitos apontamentos para a continuação” (Vasconcelos, RL XXXV, 1937: 317-318).

Sublinhamos as seguintes palavras de Vasconcelos: “Retalhos de um adagiário”, de J. M. Adrião, é “um copioso e curioso estudo literário e comparativo de adágios, que, com tamanha extensão, foi o primeiro que em Portugal se fêz”. Mas Vasconcelos disse mais: os 178 capítulos que constituem os “Retalhos”, situados entre 1916 (vol. XIX) e 1934 (vol. XXXII), terão a companhia de “uns tantos” que já estão na calha⁴³³. Além disso, os “muitos apontamentos” em poder da família de Adrião poderão vir a enriquecer ainda mais este que é já um marco importante da fraseologia portuguesa – os “Retalhos de um adagiário”. Resumindo: J. M. Adrião contribuiu até agora (entre o vol. XIX, de 1916, e o XXXII, de 1934) com 178 “capítulos”, isto é, “adágios” (provérbios e expressões), distribuídos por cerca de 350 páginas.

RL XXXVI, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1938:

“Expressões populares do Alto Alentejo”, de Alexandre de Carvalho Costa, aparecem de forma inesperada na RL (XXXVI: 263-299). E dizemos isto porque o autor não apresenta qualquer tipo de introdução ou esclarecimento: depois do título, surge de imediato a primeira de 23 expressões. Olhadas de relance, estas “expressões populares”, ao contrário do que acontece

⁴³³ Veja-se, na RL, os volumes onde foram publicados os “Retalhos de um adagiário” de Adrião: XIX, pp. 40-62; XX, 298-315; XXI, 33-57; XXIII, 107-130; XXIV, 227-256; XXV, 75-127; XXVI, 211-246; XXVII, 198-242; XXIX, 107-158; XXXII, 5-55.

noutros estudos de âmbito regionalista, parecem mesmo características de uma determinada região – neste caso, o Alto Alentejo: “1. Tirar uma seara” (delimitar uma porção de terreno), “3. Ter tantos nomes como o atabefe” (ter muitos nomes, tal como acontece com o *atabefe*, isto é, o soro de leite coagulado, que tem várias designações) ou “5. Estar em cilício” (estar inquieto) não serão certamente as expressões mais representativas da fraseologia portuguesa. E mesmo expressões à partida mais vulgarizadas, como “15. Mostrar o dente” e “21. Ter conversa”, podem não significar, respetivamente, *rir* e *falar com facilidade/convencer*. no Alto Alentejo *Mostrar o dente* significa (pelo menos em Nisa) “ser padrinho dum casamento ou dum baptizado” e *Ter conversa*, “ser doce”.

Na secção “Miscelanea” da RL, encontramos dois pequenos artigos com algum interesse fraseológico: “Maria de Beja” (pp. 314-315), de L. de Vasconcelos, e “Alguns provérbios alentejanos (Moura)” (pp. 315-318) de J. Fragoso de Lima. O primeiro retoma o tema da presença dos antropónimos na fraseologia, uma vez que é precisamente essa a temática presente nos estudos “O rifão «Lá vai tudo quanto Marta fiou»”, do próprio Vasconcelos (RL I, 1887-1889: 306-309; e *Opúsculos* VII, 1938: 668-674)⁴³⁴ e “Retalhos de um adagiário” (RL XXXII, 1934: 5-55), de Adrião, mais especificamente quando são tratados os adágios “Galinha gorda a João Fernandes... choca vai ela”, variante de “CLXXV Galinha gorda a maltês... ou choca ou morta de mês”, e “CLXXVI Andar Maria-de-bons-pés”⁴³⁵. Quanto ao artigo “Maria de Beja”, os exemplos apontados por Leite de Vasconcelos apresentam como palavra-chave o antropónimo Maria: em primeiro lugar, *Maria de Beja* (a significar preguiça, pelo menos em Moura) e depois *Maria das pernas compridas* (chuva), *Maria vai com as outras* (uma vai com as outras) e *há mais Marias na terra* (há mais pessoas como as de quem se falou)⁴³⁶.

Relativamente ao artigo “Alguns provérbios alentejanos (Moura)” (pp. 315-318), Fragoso de Lima explica que ele constitui uma listagem de “adágios [...] muito vulgares no concelho de Moura [...] e que não se encontram na substanciosa obra do Sr. Pedro Chaves, *Rifoneiro Português*”. Os “adágios” (ou “rifões” ou “provérbios”) surgem numerados de 1 a 36, segundo

⁴³⁴ Vd., neste nosso trabalho, o ponto “3.2.2. Contributos da *Revista Lusitana*, *Revista Lusitana-Nova Série* e *Boletim de Filologia* para a Fraseologia Portuguesa” e o que dissemos sobre o volume I da RL.

⁴³⁵ Veja-se o que dissemos sobre o vol. XXXII da RL, em “3.2.2. Contributos da *Revista Lusitana*, *Revista Lusitana-Nova Série* e *Boletim de Filologia* para a Fraseologia Portuguesa” deste nosso trabalho.

⁴³⁶ Maria é, desde sempre, um nome feminino muito frequente no Onomástico Português. Entre os masculinos sobressaem Johan (ou Joane) e Pedro (ou Pero). Em português antigo, por exemplo, dizia-se “Muitos Pedreanes há na terra” (Vd. Vasconcelos, RL XXXVI: 315).

uma ordem aparentemente alfabética⁴³⁷. Embora quase não apresente esclarecimentos, nem sequer quanto ao significado dos provérbios, o autor faz questão de transcrever a pronúncia do povo alentejano. Vejamos alguns exemplos: “30. Enquanto há uvas na parreira, há dinheiro na algibeira. - *Emquanto há uvas na parrêra, há dinheiro na algebêra.*” e “35. Há paus que nascem para santos e outros para serem queimados. - *Há paus que nascem p’ra santos e ôtros p’ra serem quêmados.*”.

RL XXXVII, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1939:

Não confundir “Retalhos de um adagiário” de J. M. Adrião, e a que profusamente nos temos referido, com estes “Retalhos de um vocabulário (Subsídios para o léxico português)” de J. A. Pombinho Júnior (RL XXXVII: 153-270). Sem qualquer nota introdutória, Pombinho Júnior vai direto ao assunto e, na rubrica “vocábulos” (pp. 153-188), tece comentários a várias palavras que organiza alfabeticamente (*Aguilhão, Anjinho...* e *Sobrescrito*). A segunda rubrica intitula-se “Modos de dizer”. Aqui são analisadas, entre outras, “locuções adverbiais” (*Andar a toque de caixa*, isto é, à pancada ou a toda a pressa) e “locuções verbais formadas com o verbo dar” (*dar água p’la barba*, custar a aturar; *dar à perna*, dançar; *dar corda/guita*, dar atenção a outrem; *dar nas vistas*, tornar-se notado; entre outras). Sobre o significado de “Modos de dizer”, diz Pombinho Júnior:

“[Modos de dizer] É sem dúvida alguma a *fala popular* muito característica e expressiva; contudo, o valo (significado) do termo nem sempre fica bem definido [...] sem que vá acompanhado do colorido, da vida que lhe dá a expressão onde se encontra, a *maneira especial de dizer* tão natural e inconfundível da gente do Alentejo. / Aí, sim, é que o termo «quere dizer» aquilo que dificilmente, isolado, sòzinho, é capaz de bem exprimir. Sucede até, como se sabe, que na frase muitos termos tomam significação diversa daquela que isolados, sem ser no discurso, têm usualmente” (Pombinho Júnior, em Vasconcelos, RL XXXVII, 1939: 198-199).

Quanto aos diálogos que pretendem representar os “modos de dizer” do povo alentejano (pp. 199-203), eles são, nestes “Retalhos”, o principal motivo de interesse, pela profusão de provérbios e EI, mais ou menos característicos do Alentejo:

⁴³⁷ Por exemplo, o primeiro provérbio é *Acabou-se a festa, desarma-se a igreja* e o segundo *A carne de carneiro é a vergonha do cozinheiro*.

- Aquilo tinha que se dar! Há *munto* tempo que *andavom a ferro e fogo*, por causa de umas contas.

- *Ná!*...

- *Ná!*? ou se queres ver o teu inimigo, empresta-lo e pido-lo.

- Isso é certo...

- Que ela *dizia* dêle, por causa disso, *cobras e lagartos, taméim nã* é mentira. E ontem ao encontrá-lo, lá no largo, *disse-le as últimas*, e vai daí, êle *cheio até ós gorgomilos, perdeu a cabeça*, deu-le a navalhada...

- Mas, *mêmo* assim ferida, que *nã* se le calou, *nã houve meio de abàxar a grimpa (garupa)*!

- *Ulhe*, quer' que le diga?!... *Ê* nunca *gosti* dela. Como *taméim nã* gosto de *muntas* amizadas entre mulheres casadas; *nã* dão bom resultado... *Andavom* sempre juntas... Para onde ia uma, ia a outra... Quere dizer: *nunca andava o caldêrão séim a corda!*...

- Pois, pois!... Mas... os tempos *taméim mudom*, como sabes. *Ê* sempre *óvi dezer* que *munta e basta é que desmanchom o jôgo!* [...]

- E o golpe foi grande?

- *Hum!*? Parece que não. Se calhar *nã* há-de ter *dúda!*

- Mas *ulha q'ê óvi dezer*, lá na fonte, que tinha lá ido o doutor, que ela *tava às portas da morte!*...

- *Ná!*... *Nã me chêra!*... *Mêmo erva ruim nã a quêmma a geada!*

- O que parece é que êle tem *tado munto apesarado c'ó assucedido*... *Nã* calculava ver-se preso: *téim chorado os sete chorados!*...

- *Nã admira!*... Êle é *comá trovoada*, que *ôdespóis de passar nã é nada!*

- Êle é mas é *comô léte: conforme alevanta assim abàxa!*

- Bom... Adeus, passa *béim!* Vou-me a ver se trago mais um cantarinho de água...

- Até outro dia, *Ti Ana!*...

(Pombinho Júnior, em Vasconcelos, RL XXXVII, 1939: 201).

Analisando, pela rama, o papel das UF nas interações discursivas, e tendo por base o diálogo acima transcrito, podemos afirmar que provérbios e EI constituem um acervo linguístico comum e, como tal, à disposição de qualquer utilizador, mesmo do mais iletrado. Além disso, com o seu uso, a comunicação parece ganhar fluidez e expressividade. Repare-se que, quando faltam as palavras ou estas se revelam insuficientes, os provérbios e as EI são chamados a conferir ao discurso a credibilidade e eficácia necessárias: “- *Ná!*.../ - *Ná!*? ou se queres ver o teu inimigo, empresta-lo e pido-lo./ - Isso é certo...”. E ainda: “Para onde ia uma, ia a outra... Quere dizer: *nunca andava o caldêrão séim a corda!*...”.

Depois do “Vocabulário” (pp. 216-264), o autor dá a conhecer “Mais algumas locuções com o verbo dar” (pp. 269-270): *dar por paus e por pedras*, irritar-se; *dar o cavaco*, irritar-se ou

gostar muito; *dar graxa*, lisonjear; *dar com a língua nos dentes*, revelar um segredo, denunciar; *dar o triste pio*, morrer; “Etc. etc. ...”, para reproduzirmos as palavras finais do próprio Pombinho Júnior.

Como conclusão, podemos dizer que há nestes “Retalhos de um vocabulário” *prós e contras*: como *prós*, apontamos os diálogos supostamente representativos dos “modos de dizer” do povo alentejano e os muitos dados de natureza fraseológica (acompanhados de textos e autores de credibilidade comprovada e com abundantes explicações)⁴³⁸; como *contras*, registamos a apresentação desorganizada desses mesmos materiais.

RL XXXVIII, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1940-1943:

Este é, por várias razões, um volume especial. No final do anterior (RL XXXVII: 320), Leite de Vasconcelos havia assinado uma “Declaração” onde refere que, “por falta de papel de impressão”, não sabem os editores da RL “quando sairá a lume o vol. XXXVIII, correspondente a 1940”. Por sua vez, na “Explicação Final” deste mesmo volume (RL XXXVIII: 317) os editores justificam o atraso da presente publicação através não só da falta de papel, acima referida, mas sobretudo por causa de uma “tristíssima ocorrência”: o falecimento, a 17 de maio de 1941, do “saudoso Director da Revista Lusitana, o eminente professor Doutor José Leite de Vasconcelos”. Face a estes constrangimentos, não é pois de estranhar que o volume XXXVIII tenha saído sem algumas das suas secções habituais, como a “Bibliografia”, com artigos inacabados (os de Vasconcelos) e datas díspares (nas primeiras páginas, surgem os anos 1940-1943, 1943, 1941 e ainda 1940-1941). Uma coisa é certa: este volume XXXVIII foi ainda preparado, quase na sua totalidade, por Vasconcelos, mas publicado depois da sua morte. Os editores terminam a “Explicação Final” com um propósito: “completar a série actual da *Revista Lusitana* com a publicação do vol. XXXIX, em grande parte consagrado à comemoração do passamento do seu fundador, e com a do vol. XL, destinado todo aos índices”. Destes dois propósitos, só um foi concretizado: a edição, em 1967, de um volume (não com o n.º XL) intitulado *Índices da Revista Lusitana*, Vols. I – XXXVIII (1887-1943).

⁴³⁸ As quase 120 páginas que o artigo ocupa são por demais elucidativas.

Índices da RL, Vols. I – XXXVIII (1887-1943), Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1967:

Este volume - *Índices da Revista Lusitana* - foi publicado pelo Centro de Estudos Filológicos (CEF), organismo criado em 1932 pelo Governo, em Lisboa, para levar a cabo um ambicioso conjunto de projetos⁴³⁹. Todavia, apenas dois deles viram a luz do dia: a publicação dos já referidos *Índices da Revista Lusitana* e de uma revista científica própria – o *Boletim de Filologia*. Uma vez que Vasconcelos fazia parte da direção do CEF, além de outros grandes filólogos e linguistas da época, como David Lopes, Hernâni Cidade e Rodrigues Lapa, é quase inevitável confrontar a RL com o *Boletim de Filologia* (BF). Não esqueçamos que a RL se publicou entre 1887-1889 (vol. I) e 1940-1943 (vol. XXXVIII) e o BF entre 1932 (vol. I) e 1988-1992 (vol. XXXII), registando-se, portanto, um período de cerca de 10 anos em que as duas publicações coexistiram. Mais tarde procuraremos avaliar a importância do BF para a fraseologia portuguesa. Para já, umas palavras breves relativas aos *Índices da Revista Lusitana, Vols. I – XXXVIII (1887-1943)*.

Tal como o título indica, há neste volume um conjunto de “índices”: I. Índice de autores; II. Índice dos artigos distribuídos por assuntos; III. Índice de palavras e expressões; IV. Índice de antropónimos; V. Índice de topónimos; e VI. Índice de etimologias. Medir a utilidade destes índices dependerá dos objetivos do avaliador. No nosso caso, interessa-nos saber, através do “I. Índice de autores”, que artigos escreveu determinado autor mais habitualmente associado aos assuntos fraseológicos (Adrião, José Maria; Braga, Teófilo; Pratt, Óscar de; Vasconcelos, Carolina Michaëlis de; e Vasconcelos, José Leite de) e em que volumes e páginas os podemos encontrar. Em “II. Índice dos artigos distribuídos por assuntos”, interessa-nos sobretudo perceber o lugar ocupado pela fraseologia na estrutura interna da RL. Assim, no assunto apresentado como 3.º - “Literatura Popular” – encontramos três “subassuntos”: “Poesia”, “Contos e Lendas” e “Adágios”. Apraz-nos registar, neste último “subassunto”, a existência de 27 autores e 61 artigos, o que prova que os adágios (termo que na RL contempla não só os adágios, propriamente ditos, ou provérbios, mas também EI) são um assunto da maior importância. A observação atenta destes Índices permitiu-nos ainda comprovar a transversalidade das UF, uma vez que as podemos encontrar em mais do que uma secção temática. Assim, por exemplo, o título “Dizer de alguém cobras e lagartos” (correspondente a uma EI), assinado por Rebelo

⁴³⁹ Para um conhecimento mais detalhado sobre o Centro de Estudos Filológicos e os seus “projetos”, ver texto de Ivo Castro, disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/lingua/boletimfilologia/index.html>, consultado em julho/2013.

(Brito), Vasconcelos (Carolina Michaëlis de) e Vasconcelos (José Leite de), surge simultaneamente nos assuntos “3.º Literatura Popular. Adágios” e “4.º Superstições. Religiões. Jogos”. Esta versatilidade das UF não nos é estranha – pelo contrário -, mas terá os seus limites. Como se compreende que o artigo “Locuções petrificadas” de Pratt (VI, 312) surja no assunto “6.º Dialectos e Falares” e não em “3.º Literatura Popular. Adágios” ou até no assunto “8.º Léxico”? Outro Índice de grande utilidade é o III: “Índice de palavras e expressões”. De longe o mais extenso (com c. de 430 pp.), este índice procura registar “todas as palavras (excepto os nomes próprios) e todas as expressões, registadas e estudadas, apenas registadas, ou ainda, simplesmente aludidas, em todos os volumes publicados da Revista” (*Índices da Revista Lusitana*, Vols. I – XXXVIII, 1967, p. IX). Ordenadas alfabeticamente, as entradas (ou lemas) são geralmente constituídas por palavras simples (nomes, verbos, adjetivos...). Quando determinadas palavras ocorrem associadas a outras, então dá-se conta das respetivas expressões. Vejamos alguns exemplos:

“**cara** VII, 94; XVI, 224; XVIII, 87, XIX, 290; - alegre XVI, 224; - estanhada XVI, 224; - torta XVI, 224; - de asno XVI, 224; - de carrasco XVI, 224; - de caso XVI, 224; - de cavalo espanhol XVIII, 87; - de desmamar crianças XVIII, 87; - de enjoado XVI, 224; - de fastio XVI, 224; (...) ficar de – à banda XVI, 224; mostrar a – XVIII, 87”.

“**dar** IX, 17; XXIII, 24; XXVII, 25, 146, 191; XXVIII, 228; XXXIII, 156; - a adevaia XXXVII, 269; - água às mãos XXXVIII, 195; - água pela barba XXXVII, 196; - ares XXXIII, 156; - atilho XXXIII, 156, 157; XXVII, 196; - ao badalo XXXIII, 156; (...); – o braço a torcer XXXVII, 269; (...); – às de Vila Diogo XXXIII, 156; XXXVII, 123, 269; (...); - -se por achado XVI, 90; - -se pouco de XVI, 90”.

Por vezes, o lema é apresentado no plural como em “papos: - de anjo XXIX, 222; em – de aranha I, 227”; outras vezes é introduzido por um nome próprio mas com valor de comum: “João-da-boa-alma XXXII, 146”, “Maria Castanha XXXII, 50” ou “Zé-povinho XXXII, 49”. Seja como for, parece-nos indiscutível a grande utilidade deste volume de *Índices da RL*, para nós, estudiosos da fraseologia, mas também para todos aqueles que se interessam pela língua, pela literatura e pela cultura portuguesas. Logo que nos seja possível, voltaremos a ele para dele tirarmos maior proveito.

ANEXO 3

Contributos da Revista *Polifonia* (1997-2004) para a Fraseologia Portuguesa

A revista *Polifonia* é uma publicação do Grupo Universitário de Investigação em Línguas Vivas (UNIL) da FLUL. Até ao momento, foram publicados sete números, entre 1997 e 2004⁴⁴⁰. As áreas de estudo da revista encontram-se bem definidas. Abrangem um elevado número de temáticas mas nenhuma delas se situa explicitamente no domínio da fraseologia⁴⁴¹. Na organização de uma estrutura tão eclética não se terão lembrado dos assuntos fraseológicos? Uma observação mais atenta permite-nos identificar a presença de UF em áreas como “Aquisição/Aprendizagem de L2/LE”, “Análise Contrastiva entre Línguas”, “Didáctica e Metodologias de L2/LE”, “Lexicografia e Lexicologia” e “Análise e Elaboração de Materiais Didáticos (LE/L2)”. Para o provarmos, servir-nos-emos dos artigos da revista *Polifonia* com maior interesse para a fraseologia, apresentando para cada um deles um breve resumo⁴⁴².

***Polifonia* 1 (1997): “As Línguas Vivas: Diálogos Interculturais”**

Jorge, Guilhermina, “*Despedir-se à francesa / filer à l’anglaise*. Reflexões em torno da tradutologia das construções fraseológicas na perspectiva interlínguas” (pp. 33-43). A fraseologia constitui um elemento importante duma língua natural, um veículo privilegiado dos referentes culturais que enriquecem as relações intergeracionais. Reflete-se, neste trabalho, sobre os problemas de tradução, colocados pela fraseologia na passagem de uma língua-fonte para uma língua-alvo.

León Acosta, J. e Isabel Leiria, “O papel dos conhecimentos prévios na aquisição de uma língua não-materna” (pp. 57-80). Desde que, nos anos 40 do século XX, os estudos relacionados com o ensino e a aprendizagem de uma L2 começaram a socorrer-se das teorias da psicologia e da linguística, o papel dos conhecimentos prévios, sobretudo da L1, foi sendo ora

⁴⁴⁰ Números publicados da Revista *Polifonia*: 1, 1997; 2, 1999; 3, 2000; 4, 2001; 5, 2002; 6, 2003; e 7, 2004. Disponíveis em http://ww3.fl.ul.pt/unil/polifonia_index.htm, consultados em 16/07/2013.

⁴⁴¹ Eis os temas da Revista *Polifonia*: “Aquisição/Aprendizagem de L2/LE2”, “Análise Contrastiva entre Línguas”, “Tradução e Interpretação”, “Bilinguismo”, “Análise do Discurso”, “Didáctica e Metodologias de L2/LE”, “Lexicografia e Lexicologia”, “Análise de Erros”, “Línguas para Fins Específicos”, “Ensino de Línguas e Novas Tecnologias”, “Avaliação do Ensino/Aprendizagem em LE/L2”, “Análise e Elaboração de Materiais Didáticos (LE/L2)”, “Sociolinguística e Política Linguística”, “Ensino de LE/L2 a Adultos”, “Ensino de LE/L2 a Crianças”, “Psicolinguística”, “Retórica e Estilística no Ensino das Línguas”, “Literacia”, “A Literatura na Aula de LE/L2” e “A Cultura e as Artes na Aula de LE/L2”.

⁴⁴² Para a elaboração destes resumos, seguiremos de perto os textos disponibilizados em http://ww3.fl.ul.pt/unil/polifonia_index.htm, consultados em 16/07/2013.

relevado, ora minimizado. Atualmente, as teorias cognitivas aceitam-nos como recurso positivo de grande importância. Recorrer aos conhecimentos previamente adquiridos e transferi-los para a língua em aquisição é um “proceso inevitable en la construcción de conocimiento implícito” (Ellis, 1994: 102). Neste artigo apresenta-se um trabalho experimental realizado com falantes de uma língua muito distante do português – o chinês -, destacando-se, por contraste, a grande quantidade de conhecimento implícito que outras línguas mais próximas disponibilizam para a aquisição do português como L2.

Polifonia 2 (1999): “Artes e Línguas Vivas”

Jorge, Guilhermina, “La création et les jeux de langage. Du proverbe à l'expression idiomatique: identité et altérité” (pp. 23-37). A linguagem reflete a capacidade criativa do homem e o seu papel na produção-construção de novas combinatórias linguísticas promovendo, assim, o enriquecimento e dinamismo de uma língua natural. Destacam-se aqui dois tipos de fraseologia (os provérbios e as EI) e propõe-se uma abordagem multifacetada da arte de falar.

Polifonia 4 (2001): “O Léxico”

Arroyo, Francine, C. Avelino, C. Dechamps e G. Jorge, “Estar na lua: Être dans la lune ou sur la lune? Expressions de l'espace et représentations du monde” (pp. 9-28). Este estudo incide sobre a descrição da preposição *em* em português, enquanto preposição exprimindo uma localização estática, e as suas equivalências na língua francesa. As EI, em geral, e as que se socorrem de preposições, em particular, apresentam-se como um objeto de estudo interessante, na medida em que constituem pedaços de discurso cujas combinatórias já se estruturam e que ilustram processos já lexicalizados dentro de uma língua. As preposições não refletem localizações idênticas, mas sim conceitualizações do mundo veiculadas pela linguagem humana. Assim, a aprendizagem das preposições de uma LE não é compatível com uma mera descrição gramatical, mas pressupõe o conhecimento do quadro conceitual das representações espaciais que é próprio de uma determinada língua.

Falcão, Maria Luísa, “What's wrong with "Little Red Riding Wolf" and "Silly Cow Disease"?” (pp. 99-109). A análise computadorizada do modo como os falantes estruturam o seu discurso tem aberto horizontes extremamente importantes no ensino/aprendizagem de uma LE. Mais do que estruturas longas e complexas onde as palavras encontram depois o seu lugar, considera-se hoje que o elemento lexical é o centro à volta do qual se juntam uma ou mais

palavras com um grau maior ou menor de flexibilidade. É o problema crucial da co-ocorrência que constitui um desafio para professores e alunos de LE.

Leiria, Isabel, “Léxico, aquisição e ensino de L2” (pp. 119-141). É hoje unanimemente aceite, pelas várias disciplinas da ciência cognitiva, que o léxico é central no processamento e na aquisição da linguagem e que qualquer falante tem dele uma representação rica. Esta posição tem-se feito sentir na investigação em L2 e, atualmente, muitos investigadores propõem que há diversos léxicos especializados para diferentes canais de *input* e de *output* e que aprender uma palavra é muito mais do que aprender o seu significado. Neste artigo, chama-se a atenção para a centralidade do léxico na aquisição e para a necessidade de, no ensino, se ter em consideração o modo como ele é aprendido.

Polifonia 5 (2002): “Compreensão e Mediação Interlinguística”

Caratozzolo, Vittorio, “Avventure e disavventure di un traduttore di Gil Vicente. Lavori in corso” (pp. 55-79). Quando se traduz G. Vicente para o italiano é preciso considerar vários e interessantes problemas. Os nomes das personagens devem ser traduzidos ou é possível conservá-los na língua original? Como proceder com os erros de gramática que o autor inclui nos idioletos das personagens? Que liberdade existe na tradução dos jogos de palavras? Que fazer com os provérbios, os ditos, as agudezas? Conservar o sistema das rimas, com prejuízo da “fidelidade” da tradução? Nenhuma norma, nenhuma receita, protegem o tradutor da sua responsabilidade.

Jorge, Guilhermina, “Da palavra às palavras: alguns elementos para a tradução das expressões idiomáticas” (pp. 119-133). As EI constituem um campo inesgotável da sabedoria popular e são o vestígio vivo de uma língua dinâmica e em constante mutação. A EI atualiza-se no discurso e, deste modo, torna-se um objeto privilegiado da língua enquanto reflexo de uma cultura, de um povo. Traduzir esses traços culturais, esses sentires que emanam das expressões é tarefa árdua para o tradutor. Propõe-se uma reflexão sobre a tradução das EI na perspetiva interlínguas e sobre as dificuldades inerentes ao processo tradutológico. Depois são apresentadas sugestões, embrionárias, que poderão facilitar e enriquecer a tradução deste tipo de estruturas.

Polifonia 6 (2003): “O (En)canto das Línguas – Línguas e Criatividade”

García Benito, Ana B., “Enseñar español a lusohablantes: problemas léxicos entre parientes cercanos y estrategias creativas para solucionarlos” (pp. 11-23). A proximidade entre as línguas espanhola e portuguesa pode ser considerada, inicialmente, um elemento motivador e facilitador no ensino/aprendizagem destas línguas. Porém, à medida que avançamos no seu estudo, as diferenças, que apesar de tudo existem, produzem uma grande quantidade de interferências. Deste modo, a aparente facilidade do espanhol e do português pode converter-se numa arma perigosa, de maneira especial, em dois âmbitos concretos: tradução e didática. Neste trabalho, consideram-se duas questões de tipo lexical: a) os *falsos amigos* e b) as *expressões idiomáticas*, quer no âmbito da tradução, quer no da didática, explicando as dificuldades que elas ocasionam a tradutores, estudantes e professores.

Jorge, Guilhermina *et al.*, “As cores preto no branco: uma análise comparativa” (pp. 119-133). O fenómeno da cor não se restringe apenas a uma explicação física, objetiva e universal, pelo que se torna pertinente uma reflexão em que as cores sejam pensadas como uma forma de representação e de estruturação do universo, específica de uma dada cultura. A perceção da cor é também um fenómeno cultural, no qual confluem aspetos relacionados com a história de um povo, com a sua evolução, e que as línguas revelam através da sua variedade. Sendo o francês e o português duas línguas em que o universo cromático apresenta uma grande especificidade idiomática, o tradutor depara-se, por vezes, com fenómenos de resistência à tradução. Nesse sentido, tentou-se traçar linhas de diferenciação inerentes a cada uma, já que é a perceção das diferenças que permite não incorrer em erros tradutológicos.

ANEXO 4

Contributos da *Associação Portuguesa de Linguística* (1985-2015) para a Fraseologia Portuguesa⁴⁴³

“A **APL** é uma associação de caráter científico, sem fins lucrativos, que tem como objetivos promover o desenvolvimento dos estudos linguísticos, criar espaços de debate académico para os seus associados, elaborar pareceres e formular sugestões sobre questões de investigação linguística e educação linguística” (disponível em <http://www.apl.org.pt/>, consultado em 16/07/2013).

Um dos pontos mais altos da APL (Associação Portuguesa de Linguística) coincide com a realização de encontros anuais que reúnem investigadores nacionais e estrangeiros de todos os quadrantes linguísticos. O seu *I Encontro Nacional* aconteceu em 1985, na FLUL, e o XXX, de 2014, teve lugar na FLUP⁴⁴⁴. Mostra privilegiada do que se vai produzindo na vasta área das Ciências da Linguagem, as Atas dos Encontros Nacionais (EN) da APL acabam por ser uma fonte imprescindível para o conhecimento da investigação fraseológica. Apesar dos muitos volumes já publicados e das largas centenas de artigos neles contidos, procuraremos fazer um levantamento minimamente cuidadoso no sentido de encontrar o maior número possível de textos com interesse fraseológico. De cada um dos textos selecionados, apresentaremos um breve resumo.

IV EN APL, 1988, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

Macário Lopes, Ana Cristina, “O valor semântico dos antropónimos no texto proverbial” (pp. 69-81). Tendo em conta análises realizadas, é possível concluir que os primitivos antropónimos que ocorrem em provérbios são falsos NP, utilizados como suporte linguístico de uma referência genérica ou indefinida, viabilizando frequentemente operações de quantificação universal compatíveis com o estatuto eminentemente hiperbólico das asserções proverbiais. A análise do funcionamento semântico, de outros suportes habituais da referência singular definida, nomeadamente os pronomes pessoais de 1.^a e 2.^a pessoas, corrobora a conclusão de

⁴⁴³ As atas e textos selecionados dos Encontros da APL estão disponíveis em <http://www.apl.org.pt/actas.html>, consultados em 16/07/2013.

⁴⁴⁴ O XXXI Encontro realizar-se-á na UM, entre 28 e 30 de outubro de 2015 (vd. <http://www.apl.org.pt/>, consultado em 19/08/2015).

que, no contexto proverbial, toda a referência nominal é não específica. Só assim se compreende a permanente flexibilidade de adequação contextual típica do provérbio.

VII EN APL, 1991, Lisboa, Fac. de Ciências Sociais e Humanas da UNL

Parker, John e Rosa Coimbra, “A metáfora nos títulos de imprensa em Portugal” (pp. 317-328). Um recurso interessante que surge por vezes nos títulos de imprensa é a *animação*, o *ressuscitar* de metáforas mortas ou banais através de alguns recursos como: (1) o confronto com lexemas da mesma área vocabular que, sendo literais, integram o contexto da figura (ex.: *Air Atlantis “deu asas” a 108.850 passageiros*); (2) o confronto com nomes próprios (ex.: *Á Cunha... sem cunhas*); (3) alterações na expressão (ex.: *Um Portugal México de se tirar o sombrero*); (4) jogo de palavras (ex.: *Mais um “cheque-mate” aos cheques sem cobertura*). Estes e outros exemplos indiciam um campo de análise a necessitar de ser mais explorado.

VIII EN APL, 1992, Lisboa, Fac. de Ciências Sociais e Humanas da UNL

Marçalo, Maria João, “O sintagma fixo ou sintema” (pp. 279-290). Na análise dos enunciados em unidades mínimas significativas deparamo-nos com unidades que, comportando-se como signos mínimos, são constituídas por mais do que um monema. O sintema, tal como o monema, tem um conteúdo monossémico, ou seja, forma uma unidade semântica. Por exemplo, o sintema *amor-perfeito* significa, tal como *cravo*, um conceito simples. São dois os critérios que permitem identificar um sintema: 1.º o sintema apresenta as mesmas compatibilidades que os monemas de uma dada classe; 2.º nenhum dos monemas que integram o sintema pode ser determinado individualmente. A sintemática abrange os capítulos tradicionais da composição e derivação e as ditas formas fixas ou cristalizações. Na mesma época em que Martinet cria o termo sintema, Herculano de Carvalho, em *Teoria da Linguagem* (1984), constata a necessidade de admitir uma gradação entre a palavra e o sintagma. Separa os sintagmas livres dos sintagmas fixos.

XI EN APL, 1995, Lisboa, FLUL, 3 vols.

Nascimento, Maria F. B. do e Luísa A. S. Pereira, “Dicionário de Combinatórias do Português: Associações lexicais frequentes observadas num corpus de Português

contemporâneo” (vol. 2, pp. 43-54)⁴⁴⁵. O DCP assume-se como um projeto que determina e é determinado pelo atual desenvolvimento da interação linguística/informática. Nesta interação, aplicada concretamente ao estudo da co-ocorrência lexical restrita, interessa acentuar a importância que lhe é atribuída nas hipóteses sobre a representação do léxico mental dos indivíduos: se considerarmos, como Sinclair, a existência de dois princípios alternativos e complementares, o *princípio da livre escolha* (o falante tem como única restrição a gramaticalidade do enunciado) e o *princípio idiomático* (o falante tem à sua disposição um grande número de *grupos de palavras* pré-construídos ou semi-pré-construídos que constituem escolhas únicas), e se, também como ele, considerarmos a hipótese de que os indivíduos começam por usar as capacidades da memória e as rotinas, sendo os seus discursos preferencialmente constituídos por escolhas únicas (princípio idiomático), facilmente se compreende as razões que levaram ao grande desenvolvimento dos estudos sobre combinatórias lexicais. O DCP consiste num inventário de combinatórias lexicais e gramaticais de uso mais frequente no português contemporâneo, que podem apresentar graus diversos de coesão (grupos totalmente cristalizados, semicristalizados ou simplesmente constituídos por co-ocorrentes privilegiados) e é o primeiro dicionário do seu género para o português.

Funk, Gabriela (Universidade dos Açores), “Os Adagiários que temos e os que deveríamos ter” (vol. 2, pp. 219-227). Podemos caracterizar os adagiários existentes segundo diferentes critérios: a) n.º de provérbios que contêm; b) princípio de ordenamento do adagiário; c) objetivo do adagiário; d) tipo de provérbios registados num adagiário. Propõe-se a realização de um adagiário com as seguintes características: 1.ª presença de um indicador do conhecimento e aceitação de cada provérbio; 2.ª explicação do seu sentido e um exemplo do respetivo emprego; 3.ª presença de novos provérbios criados neste século; 4.ª ordenamento segundo várias palavras-chave.

Pinto, Ulisses e José João Dias de Almeida (Departamento de Informática – UM), “Tratamento automático de termos compostos” (vol. 2, pp. 261-273). Em Linguagem Natural são frequentes situações em que certas sequências de palavras têm um significado diferente daquele que seria inferível a partir dos significados das partes. Estas situações correspondem a diferentes fenómenos linguísticos como idiomatismos (*pezinhos de lâ*), lexias complexas (*máquina de escrever*) e locuções (*de modo que*), que designamos por termos compostos (tp).

⁴⁴⁵ Os resultados deste trabalho estão disponíveis em <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/200-dcp-the-combinatory-dictionary-of-portuguese>, com o título *Dicionário de Combinatórias do Português* do CLUL, consultado em 17/07/2013.

Para processamento de linguagem natural, há necessidade de pré-agrupamento das palavras em tp. Neste artigo apresenta-se uma ferramenta PTC, para deteção e tratamento automático de tp baseada num dicionário externo. Na sua versão atual, o PTC permite: (1) controlar o tipo de flexões possíveis e a que palavras podem ser aplicadas; (2) devolver informação morfossintática associada ao tp; (3) tratar as ambiguidades léxicas e de sobreposição de tp; (4) percorrer textos e anotar os tp; (5) tratar sobreposições de tp.

XII EN APL, 1996, Braga, Universidade do Minho

Iriarte Sanromán, Álvaro (UM), “Co-ocorrência léxica no dicionário de Espanhol-Português” (pp. 149-156). É generalizado o sentimento de que não falamos por palavras. Mas também é verdade que não falamos por meio de orações ou de textos. Falamos antes por conjuntos de palavras. Um caso evidente é o das EI (*esticar o pernil*, por ex.) que, devido a algumas das suas propriedades morfossintáticas e semânticas, devem ser consideradas elas próprias como unidades léxicas (lexemas) e não como combinação de várias unidades. A unidade léxica aqui considerada é o lexema, entendido como a aceção claramente delimitada de uma palavra ou grupo de palavras, e o seu sentido, o semantema. Tanto as EI como as colocações (*dar um passeio*, por ex.) devem ser tratadas nos dicionários. É urgente trabalhar num dicionário que permita ou facilite o trabalho de codificação, fornecendo informações precisas relativas à eleição, combinação e uso corretos das palavras/locuções num contexto dado (linguístico e situacional).

XIII EN APL, 1997, Lisboa, FLUL

Jorge, Guilhermina (FLUL), “Os determinantes: o caso específico das expressões idiomáticas” (pp. 369-381). Parte-se de uma definição abrangente de EI: como signo poliléxico, unidade sintática, lexicológica e semântica. As particularidades da EI abrangem dois vetores: a forma (grupo de palavras) e o conteúdo (sentido idiomático). Para além das áreas da sintaxe, semântica e lexicografia, também a psicolinguística tem desenvolvido investigação neste campo e aponta para uma representação uniformizada com as outras palavras da língua. Constata-se que a investigação dos últimos 20 anos sugere o estudo da idiomaticidade da língua como uma componente a ter em conta na descrição de uma língua natural, e não como as construções desviantes ou arcaicas que a Gramática tradicional ilustrava. Esta reflexão inscreve-se num quadro mais geral de um trabalho de investigação sobre noções de lexicalização e

idiomaticidade, tendo em vista a construção de um modelo teórico para um dicionário bilingue de EI (português/francês).

XVI EN APL, 2000, Coimbra, FLUC

Iriarte Sanromán, Álvaro (UM), “A palavra como unidade lexicográfica?” (pp. 459-468).

Reduzir as unidades lexicais e lexicográficas à palavra, ou até a unidades inferiores como o monema, obedece a uma conceção atomística da linguagem (uma palavra, um significado) dominante na semântica e na lexicologia. Independentemente da solução que se possa adotar num dicionário para recolher as unidades lexicográficas, o problema principal relativamente à seleção de tais unidades é o facto de as diversas estruturas sintagmáticas formarem um *continuum* que vai do termo composto às combinações livres de palavras, passando pelas combinações restritas. Não há dúvidas quanto ao benefício que esta maneira de encarar as estruturas pluriverbais pode trazer para o estudo e descrição do léxico de uma língua, ultrapassando tanto os métodos pré-científicos e as categorizações impressionistas tradicionalmente utilizadas na lexicografia como também categorizações da gramática tradicional ou da linguística estruturalista que pouca ou nenhuma utilidade têm na análise e descrição lexicográficas de uma língua.

XIX EN APL, 2003, Lisboa, FLUL

Valente, Renata, Iovka Tchobánova, Mário Almeida e Sofia Ferreira (ILTEC), “Problemas de tratamento e sistematicidade na compilação das combinatórias lexicais no Novo Aurélio Século XXI” (pp. 691-704). Após a análise de cerca de mil verbetes do dicionário eletrónico *Novo Aurélio Século XXI*, observou-se diversas incorreções na compilação das combinatórias lexicais, tarefa que se tem revelado difícil para os lexicógrafos. A dificuldade em tratar as combinatórias nos dicionários vem da própria dificuldade em compreender a natureza semântica das diferentes combinatórias lexicais que permeiam uma língua. A esta dificuldade soma-se, no caso português, a colocação do hífen em certas co-ocorrências lexicais que adquirem assim a condição de palavras compostas e, por isso, ganham entradas de dicionário. Defende-se que, tal como os compostos hifenizados (*fim-de-semana...*), também os compostos que geram uma unidade de sentido, apesar de escritos sem hífen, tenham uma entrada no dicionário ([*estar*] *entre a espada e a parede*, por ex.). Neste trabalho, discute-se a natureza das combinatórias lexicais à luz do sistema de Funções Lexicais (FL) da Lexicologia explicativa e combinatória –

LEC (Mel'čuk) que deriva da Teoria Sentido-Texto – TST (Mel'čuk) e identificam-se as razões dos problemas de compilação encontrados. Finalmente, apresentam-se argumentos a favor de uma compilação *ergonómica* inspirada no DEC da TST, e possível graças à tecnologia informática.

XX EN APL, 2004, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

Gonçalves, Maria Filomena (Universidade de Évora), “Fraseologia no dicionário e dicionário fraseológico: o *Vocabulario de termos propios, e metaforicos em materias analogas*, de D. Rafael Bluteau (1728)” (pp. 615-623). Na parte II do *Suplemento ao Vocabulario Portuguez, e Latino* (1727-1728), Bluteau (1638-1734) inclui um *Vocabulario de Termos Proprios, e Metaforicos em Materias Analogas*, coleção de termos e expressões de vários tipos que se presta a um estudo da fraseologia portuguesa no primeiro quartel de setecentos. Além do valor testemunhal, o interesse da referida coleção é assinalável por serem poucas as compilações desse género. Nas últimas décadas tem-se registado uma expansão dos estudos fraseológicos. À semelhança de outros vocabulários incluídos no *Suplemento*, destinava-se o referido *Vocabulario* a apoiar o exercício da escrita e da retórica, e nele compilou o autor um repertório fraseológico que acolhe várias informações linguísticas. Seja do ponto de vista linguístico, seja do historiográfico, importa sublinhar que ao elenco fraseológico subjaz a questão da *idiomaticidade*, conceito de complexa definição. No *Vocabulario*, ao atentar em combinações de unidades nos eixos paradigmático e sintagmático, Bluteau delineava a língua portuguesa de inícios de Setecentos na sua dimensão diassistemática, aspeto suficiente para o colocar, também no que tange à fraseologia portuguesa, em lugar cimeiro no conjunto de fontes (meta)linguísticas do século XVIII.

Tchobánova, Iovka Bojílova (FLUL), “Propriedades das unidades fraseológicas e a sua delimitação em contraste com outras categorias afins” (pp. 887-896). As UF ou fraseologismos de uma língua representam uma parte considerável do seu léxico; têm uma alta frequência no uso e não representam um fenómeno marginal e secundário. Na linguística, são objeto de estudo desde Bally (1909), mas ainda existem opiniões diferentes e contraditórias sobre a sua essência e características. O objetivo é estudar a especificidade do fraseologismo em contraste com algumas categorias afins: colocações e provérbios. As colocações não são UF porque não possuem um dos traços distintivos fundamentais da UF – o carácter semântico compacto. Nas colocações, só uma das palavras adquire um significado novo, figurado (o adjetivo *férrea* em *vontade férrea*, por ex.), e não o sintagma, como um todo. Quanto aos provérbios, tal como as

UF, também eles se distinguem pela sua fixidez e reprodução na fala, têm expressividade e geralmente caráter figurado, mas este é diferente da transposição semântica das UF. A função dos provérbios é prescritiva, didática, moralizadora. Outra diferença está no facto de a UF ser uma parte da frase, enquanto o provérbio representa uma frase completa. Entre as propriedades do fraseologismo aponta-se, a nível formal, a sua *estrutura plurivocabular* e *fixidez*, e no domínio semântico, a sua *não composicionalidade*, visto que os fraseologismos não refletem o significado dos seus elementos constituintes. A transposição semântica que opera neles envolve diferentes processos figurativos como a metáfora, metonímia e hipérbole. A não composicionalidade semântica dos fraseologismos tem como consequência a impossibilidade da sua tradução literal para outras línguas.

XXI EN APL, 2005, Porto, FLUP

Batoréo, Hanna, “Expressão de emoções e discurso: Aspectos de estratégias linguísticas de avaliação em narrativas produzidas por falantes não nativos de Português Europeu” (pp. 219-230). Este trabalho, inserido no enquadramento teórico da linguística cognitiva, desenvolve uma proposta de estudo de estratégias linguísticas de avaliação em narrativas produzidas tanto por falantes nativos como não nativos do PE (timorenses, falantes não nativos do PE, professores de Língua Portuguesa, com cerca de quarenta anos e a residir em Dili). Os resultados obtidos são discutidos em função dos pressupostos relativos ao estudo da expressão das emoções, desenvolvidos recentemente em ciências cognitivas. Relativamente às EI, defende-se que elas não ocorrem no discurso de modo casual, mas normalmente na coda narrativa. Ao utilizar uma EI, frequentemente de carácter proverbial – como *quem ri por último ri melhor* – ou, na ausência desta, uma outra expressão de carácter fixo – como *e viveram felizes para sempre* – o contador de histórias transmite a sua opinião acerca de algo/alguém ausente. Ao contrário do que acontece nas narrativas portuguesas de L1, nas histórias de LNM não encontramos EI, o que parece dever-se à falta de mestria linguística dos sujeitos da amostra.

XXII EN APL, 2006, Coimbra, FLUC

Tchobánova, Iovka Bojilova (FLUL), “As comparações fixas na língua portuguesa: essência, estrutura, função, relações semânticas, classificação” (pp. 649-661). As comparações fixas (CF) (*trabalhar como um escravo*, etc.) representam uma parte considerável das locuções fixas, mas não têm sido objeto de estudo especial na língua portuguesa, em particular, ou em

comparação com outras línguas. A necessidade do estudo da fraseologia das diferentes línguas é consciente, imposta tanto por razões teóricas como, sobretudo, práticas: ensino e aprendizagem das línguas, prática da tradução, elaboração de dicionários gerais e fraseológicos, monolíngues e bilíngues, etc. Há muitos problemas no que diz respeito à essência das CF, sua denominação, lugar no universo fraseológico, tratamento lexicográfico, etc. Este estudo tem como objetivos: (i) apresentar uma breve caracterização das comparações fixas, revelando a sua essência (forma e semântica), estrutura e função; (ii) estudar as relações semânticas que se estabelecem entre as diferentes CF; (iii) classificar as CF, partindo de diferentes pontos de vista (morfológico, lexical, semântico, temático, etc.). As CF representam uma riqueza muito grande em qualquer língua. As CF, comuns a várias línguas, ilustram a existência de condições extralinguísticas semelhantes: modo de vida, cultura, religião, etc.

XXIII EN APL, 2007, Évora, Universidade de Évora

Antunes, S., M. do Nascimento, A. Mendes, L. Pereira e T. Sá (CLUL), “COMBINA-PT: uma base de dados de combinatórias lexicais do português” (pp. 33-45)⁴⁴⁶. Apresenta-se os resultados de um projeto que teve como objetivo o levantamento de combinatórias lexicais do português europeu a partir de um *corpus* escrito de 50 milhões de palavras, compilado a partir do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo do CLUL. Estas combinatórias são padrões associativos de palavras com diversos graus de fixidez e composicionalidade, desde EI a co-ocorrentes privilegiados. Os resultados confirmam que as línguas naturais seguem padrões associativos regulares e complexos (Sinclair, 1991). Embora esteja teoricamente disponível uma multiplicidade de escolhas livres em termos de associação de itens lexicais para formação de frases/enunciados, a observação do uso da língua aponta para a utilização recorrente por parte dos falantes de determinadas sequências sintagmáticas que aparecem como pré-construídas (*princípio idiomático*, segundo Sinclair). Este trabalho permite uma reflexão sobre o conceito de combinatória e constitui uma fonte de informação para áreas como a lexicografia, ensino do português, psicolinguística ou linguística computacional.

⁴⁴⁶ Vd. o artigo “Dicionário de Combinatórias do Português: Associações lexicais frequentes observadas num corpus de Português contemporâneo” (vol. 2, pp. 43-54), do *XI EN da APL*, 1995, FLUL, de Maria Fernanda Bacelar do Nascimento e Luísa Alice Santos Pereira.

XXVI EN APL, 2010, Porto, FLUP

Marques, I. S. e A. Teletin (UC/CLUNL/CLUP), “Quando os portugueses se vêem gregos ou a questão dos estereótipos culturais em expressões idiomáticas portuguesas e francesas” (pp. 344-357). As EI representam uma forma particular de expressão e uma fonte inesgotável de sabedoria popular. O objetivo deste trabalho é a análise comparativa em português e em francês de EI que veiculam representações culturais sobre os povos (*despedir-se ou sair à francesa/filer à l’anglaise; construire des chateaux en Espagne* [construir castelos em Espanha]/*fazer castelos no ar*, etc.). O presente estudo nasceu, primeiro, da necessidade de traduzir algumas destas EI no espaço da sala de aula de PLE/FLE (a quase inexistência de materiais bilingues nesta área dificultou a sua tradução); num segundo momento, considerando a quantidade de EI, partiu-se do princípio de que os nomes de povos são produtivos para a criação destas UF e, por essa razão, privilegiou-se a abordagem temática, de tipo gentílico ou toponímico, como eixo principal da análise.

XXVII EN APL, 2011, Lisboa, Fac. de Ciências Sociais e Humanas-UNL

XXVIII EN APL, 2012, Algarve, Fac. de Ciências Sociais e Humanas-UA

XXIX EN APL, 2013, FLUC

XXX EN APL, 2014, FLUP

XXXI EN APL, 2015, a realizar na UM

As Atas dos Encontros de 2011 a 2014 não estão ainda disponíveis *online*. Todavia, uma consulta dos programas relativos aos XXVIII, XXIX e XXX Encontros leva-nos a concluir que os estudos apresentados só indiretamente poderão ter incluído questões de fraseologia⁴⁴⁷.

⁴⁴⁷ Relativamente ao XVII Encontro, não foi disponibilizado qualquer programa. No Programa do XXX Encontro da APL, no domínio do PLNM, encontramos os seguintes títulos de comunicações/pósteres: “Alexandra Fiéis, Ana Madeira: *Clíticos e objetos nulos na aquisição de português L2*; Nélia Alexandre: *Aquisição de artigos em português L2: acesso à Gramática Universal e transfer em português de Cabo Verde*; Amália Mendes, Sandra Antunes [...]: *Apresentação do Corpus de Português Língua Estrangeira/Língua Segunda – COPLE2*; Isabel Santos, Isabel Pereira [...]: *Corp-Oral: PL2 - um novo recurso para o estudo do português língua não materna* (disponível em <http://www.apl.org.pt/images/docs/30/programa%2030%20enapl%20-%20verso%20final%2013102014.pdf>, consultado em 19/08/2015).

ANEXO 5

Competência Fraseológica em PLM e PLNM

Ficha de Caracterização Sociolinguística e Atividades de Diagnóstico

Ficha de Caracterização Sociolinguística

Preenche/Preencha a ficha que se segue, tendo em atenção as seguintes observações:

- a) Se a tua/sua Língua Materna for o Português, responder somente até ao ponto 1.11. (inclusive).
 b) Se a tua/sua Língua Materna não for o Português e se o teu/seu nível de proficiência for A1 (nível mais “básico”), não se aconselha o preenchimento desta ficha nem a realização das Atividades que a seguir são propostas.

1. Relativamente a ti/si

- 1.1. Nome: _____ 1.2. Sexo: ____ 1.3. Idade: _____
 1.4. Nacionalidade: _____ 1.5. Residência (cidade/país): _____ / _____
 1.6. Profissão: _____ 1.7. Habilitações literárias: _____
 1.8. Curso: _____ 1.9. Ano: _____
 1.10. Instituição de Ensino que frequenta: _____
 1.11. Língua(s) Materna(s): _____

(Atenção: Se a tua/sua Língua Materna é o Português, termina aqui o preenchimento da ficha.)

- 1.12. Outra(s) língua(s) falada(s)/escrita(s) e Nível de proficiência (A1/A2/B1/B2/C1/C2):
 Língua: _____ Nível de proficiência: _____
 Língua: _____ Nível de proficiência: _____
 Língua: _____ Nível de proficiência: _____

- 1.13. Nível de Português Língua Não Materna (A1/A2/B1/B2/C1/C2): _____

(Atenção: O nível A1 é o mais “básico” e o C2 o mais “avançado”)

- 1.14. Tempo de Aprendizagem de Português (horas/dias/semanas/meses...): _____
 1.15. Local onde aprendeu Português (Nome da instituição e país): _____
 1.16. Outras situações de aprendizagem do Português (com família, amigos...): _____

2. Relativamente ao teu/seu agregado familiar

- 2.1. Língua materna da mãe: _____; do pai: _____
 2.2. Outras línguas faladas pela mãe: _____; pelo pai: _____
 2.3. Habilitações literárias da mãe: _____; do pai: _____
 2.4. Profissão da mãe: _____; do pai: _____
 2.5. Percurso migratório do agregado: _____
 2.6. Língua(s) falada(s) em contexto familiar: _____

(Ficha adaptada de
<http://www.dgicd.minedu.pt/linguaportuguesa/Documents/testes%20de%20diagnóstico%20-%20introdução%20geral.pdf>, consultado em junho/2013)

Atividades de Diagnóstico: Roteiro do Aplicador

ATIVIDADE 1 (A1): Compreensão do Oral / Expressão Escrita - “A falar [e a escrever] é que a gente se entende”? (Tempo: 15 min., aproximadamente)

1. Objetivos

- 1.1. Comparar as UF do texto lido (texto de partida) com as do texto produzido pelo aluno (texto de chegada), identificando as que se mantêm, as que sofrem alterações e as que não são reproduzidas.
- 1.2. Determinar a existência de variantes (“nem chus nem bus/mus”, “em palpos/papos de aranha”, etc.) e de UF acrescentadas (não pertencentes ao texto de partida).
- 1.3. Avaliar o nível de proficiência do aluno no domínio das colocações, das locuções e dos enunciados fraseológicos.
- 1.4. Verificar se este nível de proficiência varia com (i) a idade, (ii) a escolaridade e, no caso do PLNM, com (iii) a LM do aluno.

2. Aplicação

Ler (aconselha-se que a leitura seja feita pela mesma pessoa, de forma pausada e perceptível) ou reproduzir a gravação da leitura do texto que se segue aos alunos, três vezes. Depois, o aluno registrará o texto o mais fielmente possível em folha fornecida para o efeito.

| | Texto |
|----|--|
| 1 | Um suíço estava a dar um passeio em Portugal. De repente , para o carro junto de dois alentejanos, amigos do peito , e pergunta em alemão se eles falam alemão. |
| | Os dois homens, nem sim nem sopas . |
| | O suíço volta à carga e pergunta em francês se eles falam francês. |
| 5 | Os dois continuam a olhar para ele, impávidos e serenos . |
| | Fazendo das tripas coração , o suíço pergunta em italiano se sabem falar italiano. |
| | E os alentejanos a fazerem-se de Inês . |
| | Vendo-se em palpos de aranha , o suíço experimenta perguntar em espanhol se eles sabem falar espanhol. |
| 10 | E eles nada, nem chus nem bus . |
| | Por último , pergunta em inglês. |
| | Mas os alentejanos continuam a não dar cavaco . |
| | Então o suíço desiste e dá de frosques . |
| | Vira-se um dos alentejanos para o outro: |
| 15 | - Ó compadre, aquilo que ele disse p'ra mim foi chinês . Olhe que valia a pena aprender uma língua estrangeira ! |
| | Responde o segundo: |
| | - Qual língua estrangeira, qual carapuça ! Aquele fala-barato sabia cinco e ficou a ver navios ! Além disso, quem muito fala pouco acerta ! |
| | (Disponível em http://anedotas.numsitejeito.com/ , consultado em junho/2013. Adaptado) |

Atividades de Diagnóstico: Roteiro do Aplicador

ATIVIDADE 1 (A1): Compreensão do Oral / Expressão Escrita - “A falar [e a escrever] é que a gente se entende”?

(Continuação)

3. Registo e Análise de Dados

Unidades Fraseológicas (UF) selecionadas do texto de partida:

UF01 = “dar um passeio” (l. 1)

UF02 = “De repente” (l. 1)

UF03 = “amigos do peito” (l. 2)

UF04 = “nem sim nem sopas” (l. 3)

UF05 = “volta à carga” (voltar à carga) (l. 4)

UF06 = “impávidos e serenos” (l. 5)

UF07 = “Fazendo das tripas coração” (fazer das tripas coração) (l. 6)

UF08 = “fazerem-se de Inês” (fazer-se de Inês) (l. 7)

UF09 = “em palpos de aranha” (l. 8)

UF10 = “nem chus nem bus” (l. 10)

UF11 = “Por último” (l. 11)

UF12 = “não dar cavaco” (l. 12)

UF13 = “dá de frosques” (dar de frosques) (l. 13)

UF14 = “foi chinês” (ser chinês) (l. 15)

UF15 = “valer a pena” (l. 15)

UF16 = “língua estrangeira” (l. 16)

UF17 = “Qual (língua estrangeira) qual carapuça” (l. 18)

UF18 = “fala-barato” (l. 18)

UF19 = “ficou a ver navios” (ficar a ver navios) (ll. 18-19)

UF20 = “quem muito fala pouco acerta” (l. 19)

Legenda

+ (correto);

+/- (parcialmente correto ou desvio parcial);

- (incorreto ou desvio acentuado).

N.B. Os erros ortográficos não serão considerados.

COMPETÊNCIA FRASEOLÓGICA EM PORTUGUÊS LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA NÃO MATERNA

Atividades de Diagnóstico: Roteiro do Aplicador (Registo de Dados)

ATIVIDADE 1 (A1): Compreensão do Oral / Expressão Escrita - “A falar [e a escrever] é que a gente se entende”?

Quadro A1 (1): PLM ou PLNM (Assinalar a opção adequada)

| Inf. | UF 01 | UF 02 | UF 03 | UF 04 | UF 05 | UF 06 | UF 07 | UF 08 | UF 09 | UF 10 | UF 11 | UF 12 | UF 13 | UF 14 | UF 15 | UF 16 | UF 17 | UF 18 | UF 19 | UF 20 | |
|--------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-----|
| 001 | | | + | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 002 | | | | + | | | | | | | | | | | + | | | | | | |
| 003 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 004 | | | + | + | | | | | | | | | | | | + | +/- | | +/- | | |
| 005 | + | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 006 | | | + | + | | | | | | | | | | +/- | | | + | | | | |
| 007 | | | + | + | + | | | | | | | | | + | + | + | + | | | | |
| 008 | | | | + | | | | | | + | | | | | | | | | | | |
| 009 | | | + | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 010 | | + | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 011 | | + | | + | + | | | | | + | | | | | | | | | | | |
| 012 | + | | | + | | | | | | + | | +/- | +/- | | | + | + | | + | | |
| 013 | + | | | + | | | | + | | | | | | | | | | | | | |
| 014 | + | + | | | | | | | | | | + | - | | | + | +/- | | | + | |
| 015 | | | +/- | | | | | | | | | | | | | + | + | | + | | |
| 016 | | | + | | | | | | | | | | | | | | + | | | | |
| 017 | | | | +/- | | | +/- | | | + | | | | | + | | | | | | |
| 018 | | | | + | | | | | | - | | | | | | | | | | +/- | |
| 019 | + | | | + | | | | | | | | | + | +/- | | + | | | | +/- | |
| 020 | | | + | | | | | + | | | | + | | +/- | | | | | + | + | |
| 021 | + | | | | | | | | | | | | | | | + | | | + | | |
| 022 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 023 | | | | + | | | | + | | - | | | + | + | | | | +/- | | | |
| 024 | + | | | + | | | | | | | | | | + | + | | | + | | +/- | |
| 025 | + | | - | | | | | | | | | | | + | | + | | | | | |
| 026 | + | | + | + | | - | | | | | | | | | | | | | | | |
| 027 | | | | | | | | | | + | | | | | + | | | | + | | |
| 028 | | | | - | | | | | | - | | | | | | | | | | | |
| 029 | | | + | | | | | | | | | | | | | | | | | + | |
| 030 | | | | + | | | | | - | | | | + | | + | + | +/- | | | + | |
| 031 | + | | | + | | | | | | - | | | | + | | | | +/- | | + | |
| 032 | | | | + | | | | | | | | | | + | | | | | + | | |
| 033 | | | | | | | | | | | | | | + | + | | | | + | | |
| 034 | | | | | | | | - | | | | | | + | | | | +/- | | | |
| 035 | | | | | | | | | | | | - | - | | | | | | | | |
| 036 | | | + | + | + | | + | + | - | | + | | + | + | | | | + | | + | |
| 037 | | | + | + | | | | + | +/- | | | | + | + | + | + | | | | - | |
| 038 | | | | | | | | | | | | | | | | | | + | | - | |
| 039 | | | + | | | | | | | - | | | | + | | | | | + | | |
| 040 | | | - | | | | | | | | | | | | | + | | | + | + | |
| 041 | | | + | | | | | | | | | | | + | | | | | | | |
| 042 | | | +/- | | | | | | | | | | | + | + | + | + | | | + | |
| 043 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | - | |
| 044 | | | | | + | | | + | | | | | | + | | | | | | | |
| 045 | + | + | + | +/- | + | + | +/- | + | +/- | - | | - | + | + | | | | | | | |
| 046 | | | + | | | - | | - | | +/- | | | | | + | | | | | | |
| 047 | | | | | | | | | | + | | | | | | | | | | | |
| 048 | + | + | | + | | - | | - | | + | | | | | | + | | +/- | | | |
| 049 | + | + | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 050 | | | + | | | - | | + | | | | - | | | | | | +/- | | + | |
| Totais | 13 | 6 | 16 | 19 | 5 | 1 | 1 | 8 | 0 | 6 | 2 | 2 | 6 | 17 | 8 | 13 | 10 | 0 | 9 | 8 | |
| | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- |
| | 0 | 0 | 2 | 2 | 0 | 0 | 2 | 0 | 2 | 1 | 0 | 1 | 1 | 3 | 0 | 0 | 8 | 0 | 2 | 2 | |
| - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| 0 | 0 | 2 | 1 | 0 | 4 | 0 | 3 | 2 | 6 | 0 | 3 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 2 | |

COMPETÊNCIA FRASEOLÓGICA EM PORTUGUÊS LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA NÃO MATERNA

Atividades de Diagnóstico: Roteiro do Aplicador (Registo de Dados)

ATIVIDADE 1 (A1): Compreensão do Oral / Expressão Escrita - “A falar [e a escrever] é que a gente se entende”?

Quadro A1 (2): PLM ou PLNM (Assinalar a opção adequada)

| Inf. | UF 01 | UF 02 | UF 03 | UF 04 | UF 05 | UF 06 | UF 07 | UF 08 | UF 09 | UF 10 | UF 11 | UF 12 | UF 13 | UF 14 | UF 15 | UF 16 | UF 17 | UF 18 | UF 19 | UF 20 |
|---------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| 051 | | | + | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 052 | + | + | + | + | + | - | | + | | + | | + | + | | + | + | + | | + | + |
| 053 | + | + | + | | | - | | + | | + | | - | | + | | | | | + | + |
| 054 | | + | + | + | | | | | | | | | | | | | - | | | + |
| 055 | + | + | + | + | + | | - | + | | + | | | | + | | + | +/- | | | |
| 056 | | + | | + | | - | - | + | | + | | - | | + | | | | | + | - |
| 057 | + | + | | | | - | | | | | | | | + | | | | | | |
| 058 | + | + | + | + | + | - | | + | | + | | + | | | | + | + | | + | + |
| 059 | + | + | + | | | | | | | + | | | | | | + | | | | + |
| 060 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | +/- | |
| 061 | | | + | | | | | + | | - | | | | + | | | | | | +/- |
| 062 | | | | | | | | | | | + | | | | | | | | | |
| 063 | + | | + | | | | | + | | | | | + | + | | | | + | | |
| 064 | | | | + | + | | | | | | | | | + | | | | +/- | | |
| 065 | | | + | | | | | | | - | | | | + | | | | | | + |
| 066 | + | | + | + | + | + | + | +/- | | | | | + | | | + | | | | + |
| 067 | | | + | + | | | | + | - | | | | | + | | + | | | + | +/- |
| 068 | | + | + | + | | | | - | | | | +/- | | + | | | | | | |
| 069 | | | | | | | | | | + | | | | + | | | | | | |
| 070 | + | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 071 | | | | +/- | | | + | | | +/- | | | + | | | + | +/- | | + | + |
| 072 | + | | + | + | + | - | + | | | - | | | + | + | | | | + | | |
| 073 | | | | | | | | | | | | | + | | | + | +/- | | | - |
| 074 | + | + | + | + | | + | + | +/- | | + | | +/- | + | + | | + | - | | +/- | |
| 075 | | | | + | | + | - | +/- | | + | | | | + | | + | | | + | - |
| 076 | | | + | | | | | | | | | | | | | | + | | + | + |
| 077 | | | + | | | | | | | | | | | | | + | | | + | + |
| 078 | + | | + | + | | | | | | | | | | | | | | | + | + |
| 079 | + | | + | + | | - | | +/- | | | | | | + | | + | | | | |
| 080 | + | | + | +/- | | | | +/- | | | + | | | | | + | | | +/- | |
| 081 | | | + | +/- | | | - | +/- | | | | | + | + | | | | | | +/- |
| 082 | + | + | + | + | | + | | + | | + | | | + | + | | + | +/- | | + | + |
| 083 | + | | + | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 084 | | | + | + | + | | | | | | | | | + | | | | | | +/- |
| 085 | | | + | + | | | | +/- | | | | | | | | | + | | + | |
| 086 | + | | + | | | | | - | | | | - | | | | | | | | |
| 087 | | | + | + | | | | +/- | | + | | | | | | | | | + | + |
| 088 | | | | | | | | | | | | | | + | | | | | | + |
| 089 | | + | + | | | | | | | | | | | + | | | +/- | | + | + |
| 090 | | | + | | | | | | | | | | | + | | + | +/- | | | |
| 091 | | | | + | | - | | +/- | | | | | | | | + | | | | |
| 092 | + | | +/- | + | | | | | | | | | | | | + | | + | | |
| 093 | | | + | + | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 094 | + | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 095 | + | | + | + | + | | | +/- | | | | | | + | | + | | | | + |
| 096 | | | - | + | | | | | | | | | - | + | | + | | | | - |
| 097 | + | | + | + | + | - | + | | | +/- | | + | - | + | | + | | | + | |
| 098 | + | + | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 099 | + | | | +/- | | | | | | | | | | | | + | | | + | + |
| 100 | | | | | | - | | | | | | | | + | | | | | | +/- |
| Totais | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + |
| | 23 | 13 | 32 | 24 | 9 | 4 | 5 | 9 | 0 | 11 | 2 | 3 | 9 | 24 | 1 | 21 | 5 | 2 | 16 | 17 |
| | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- |
| | 0 | 0 | 1 | 4 | 0 | 0 | 0 | 10 | 0 | 2 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 7 | 0 | 3 | 5 |
| - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 9 | 5 | 2 | 1 | 3 | 0 | 3 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 4 |

Atividades de Diagnóstico

ATIVIDADE 2 (A2): Expressão Escrita - “Trocar por miúdos” (Tempo: 15 min., aproximadamente)

Escreve/Escreva uma frase completa, integrando cada um dos grupos de palavras que se seguem de modo que se compreenda o seu significado.

Exemplo: “casaco quente”: Vou vestir um “casaco quente” porque tenho frio.

Atenção: No caso de grupos iniciados por verbo, é permitido o uso de formas conjugadas (Ex.: “abanar” ou “abanou” ou “abanamos”, etc.).

01. “abanar o capacete”: _____
02. “apertar o cinto”: _____
03. “arregaçar as mangas”: _____
04. “balde de água fria”: _____
05. “batata quente”: _____
06. “calcanhar de Aquiles”: _____
07. “como o cão e o gato”: _____
08. “dor de cotovelo”: _____
09. “em banho-maria”: _____
10. “em cima do joelho”: _____
11. “em maus lençóis”: _____
12. “estar às moscas”: _____
13. “ir aos arames”: _____
14. “lavar roupa suja”: _____
15. “meter água”: _____
16. “na ponta da língua”: _____
17. “nem carne nem peixe”: _____
18. “sem pés nem cabeça”: _____
19. “sempre a abrir”: _____
20. “vacas magras”: _____

Atividades de Diagnóstico: Roteiro do Aplicador

ATIVIDADE 2 (A2): Expressão Escrita - “Trocar por miúdos” (Tempo: 15 min., aproximadamente)

1. Objetivos

- 1.1. Verificar se o grupo de palavras é usado no sentido literal (L) ou no sentido idiomático (I).
- 1.2. Identificar os grupos de palavras que mais dificuldades oferecem aos alunos.
- 1.3. Verificar se os fatores idade e nível de escolaridade determinam o conhecimento/uso do grupo de palavras com sentido idiomático.
- 1.4. Determinar a idade e o nível de escolaridade a partir dos quais os alunos conhecem/usam grupos de palavras com sentido idiomático.

2. Aplicação

Escrever uma frase completa, integrando cada um dos grupos de palavras de modo que se compreenda o seu significado.

Exemplo: “casaco quente”: Vou vestir um “casaco quente” porque tenho frio.

Atenção: No caso de grupos iniciados por verbo, é permitido o uso de formas conjugadas (Ex.: “abandar” ou “abanou” ou “abanamos”, etc.).

Legenda

L (sentido literal);

I (sentido idiomático);

? (sentido indeterminado);

0 ou Ø (inexistente).

N.B. Os erros ortográficos não serão considerados.

COMPETÊNCIA FRASEOLÓGICA EM PORTUGUÊS LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA NÃO MATERNA

Atividades de Diagnóstico: Roteiro do Aplicador (Registo de Dados)

ATIVIDADE 2 (A2): Expressão Escrita - “Trocar por miúdos”

Quadro A2 (1): PLM ou PLNM (Assinalar a opção adequada)

| Inf. | 01 | 02 | 03 | 04 | 05 | 06 | 07 | 08 | 09 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 |
|--------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|
| 001 | I | L | L | L | L | | L | | | L | | L | L | L | L | I | | | I | L |
| 002 | I | I | L | L | L | I | I | ? | L | L | I | I | L | L | I | I | L | I | L | L |
| 003 | L | L | L | L | L | L | L | ? | | L | L | ? | | | | | L | | ? | L |
| 004 | I | | L | L | | | I | I | | | I | L | | | ? | I | L | | I | |
| 005 | I | L | L | L | L | | L | I | | L | | | | L | L | I | L | L | L | L |
| 006 | I | L | L | L | | | I | I | | | I | | | | | | | | | |
| 007 | L | L | L | L | | I | I | | | | | I | ? | | | | | | | |
| 008 | ? | | | | | I | I | | | | I | | | | | | | | I | |
| 009 | ? | L | L | L | L | L | I | L | ? | L | I | ? | L | L | L | L | ? | L | I | L |
| 010 | ? | L | L | L | L | | | | | | | | | | | | | | | |
| 011 | I | L | L | L | L | ? | I | I | | | I | | | | | I | | | | L |
| 012 | I | L | ? | L | | I | I | I | L | L | I | ? | I | L | | I | L | I | I | L |
| 013 | I | L | I | L | L | L | I | I | ? | L | I | ? | ? | L | I | I | L | I | I | L |
| 014 | ? | L | | | ? | | I | I | | | | | | | | I | | I | I | |
| 015 | I | L | L | L | L | L | I | I | ? | L | I | ? | ? | L | I | I | L | I | I | L |
| 016 | I | L | L | L | L | | I | ? | | L | I | | | L | | I | | | I | |
| 017 | ? | L | L | L | L | L | I | I | L | L | I | ? | L | L | I | ? | L | I | I | L |
| 018 | ? | L | ? | L | L | | I | I | | | I | | | | I | | I | I | I | L |
| 019 | I | L | I | ? | I | ? | I | I | ? | L | I | I | L | ? | I | I | L | I | I | L |
| 020 | I | I | I | I | | | I | I | | | I | I | | | ? | I | | I | I | |
| 021 | I | L | L | L | L | | I | I | ? | L | I | I | ? | L | L | I | L | I | I | |
| 022 | I | L | L | L | L | L | I | I | ? | L | I | ? | ? | L | ? | I | L | I | I | L |
| 023 | I | I | I | I | ? | | I | I | L | | I | | | | I | I | | | | |
| 024 | I | L | L | L | L | | I | ? | | L | | | | | | | | | | |
| 025 | I | L | ? | ? | L | | I | ? | | L | ? | | | L | | I | L | I | L | L |
| 026 | ? | L | ? | L | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 027 | I | L | L | L | L | ? | I | ? | ? | L | I | I | ? | L | I | I | L | I | I | L |
| 028 | ? | L | L | L | L | | I | I | | L | I | L | L | L | L | | L | I | I | L |
| 029 | I | L | L | L | L | | I | ? | L | L | I | I | | L | I | I | L | | L | L |
| 030 | I | I | I | I | ? | | I | I | L | | I | I | | I | I | I | | I | I | |
| 031 | I | L | L | I | L | L | I | I | L | | I | I | | | I | I | | I | | L |
| 032 | I | I | I | L | | | | I | | | I | I | | | | | | I | I | |
| 033 | I | L | L | L | L | | I | I | | L | I | I | | L | I | I | L | I | I | L |
| 034 | ? | L | ? | L | L | L | I | ? | | L | ? | ? | ? | L | L | I | L | ? | I | L |
| 035 | I | L | L | L | L | ? | L | I | L | L | I | ? | L | L | L | I | L | ? | I | L |
| 036 | I | L | I | L | L | L | I | I | L | L | I | L | ? | L | ? | I | L | I | I | L |
| 037 | I | L | L | L | | | I | ? | L | | ? | | | | ? | I | | I | I | |
| 038 | I | L | L | L | L | | I | ? | | L | I | | | L | L | | L | I | I | L |
| 039 | I | L | L | L | L | L | I | ? | L | L | ? | I | | L | L | I | L | I | I | L |
| 040 | ? | L | I | L | L | | I | I | | | I | ? | | | I | ? | L | I | I | |
| 041 | I | L | L | L | L | L | ? | I | | L | I | I | L | L | L | I | L | I | I | L |
| 042 | I | I | I | L | | | I | I | | I | I | | | | | I | | I | I | |
| 043 | I | L | L | L | L | | I | ? | | L | ? | | ? | L | I | I | | I | L | |
| 044 | ? | ? | ? | ? | ? | | ? | ? | ? | ? | I | ? | | L | I | ? | L | I | I | L |
| 045 | | I | I | I | | | I | I | | | I | | | ? | | I | | I | I | |
| 046 | I | I | I | L | I | | I | I | L | L | I | I | ? | ? | I | I | L | I | I | L |
| 047 | I | I | L | L | I | L | I | I | ? | I | I | I | ? | I | I | I | L | I | I | I |
| 048 | ? | ? | ? | L | L | | I | ? | | | I | | | | ? | | | I | | |
| 049 | ? | ? | ? | L | L | L | I | ? | L | L | I | I | | L | L | I | L | ? | I | L |
| 050 | I | L | ? | L | | | I | I | | L | I | I | | | I | I | | I | | L |
| Totais | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L |
| | 2 | 36 | 27 | 40 | 31 | 13 | 3 | 1 | 13 | 29 | 1 | 4 | 8 | 25 | 11 | 1 | 27 | 2 | 5 | 29 |
| | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I |
| | 34 | 9 | 2 | 5 | 2 | 4 | 40 | 28 | 0 | 2 | 37 | 17 | 1 | 2 | 17 | 35 | 0 | 31 | 34 | 1 |
| | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? |
| 13 | 3 | 19 | 3 | 5 | 4 | 4 | 16 | 9 | 1 | 5 | 11 | 11 | 3 | 5 | 4 | 1 | 3 | 1 | 0 | |
| Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ |
| 1 | 2 | 2 | 2 | 12 | 29 | 3 | 5 | 28 | 18 | 7 | 18 | 30 | 20 | 17 | 10 | 22 | 14 | 10 | 20 | |

Atividades de Diagnóstico: Roteiro do Aplicador (Registo de Dados)

ATIVIDADE 2 (A2): Expressão Escrita - “Trocar por miúdos”

Quadro A2 (2): PLM ou PLNM (Assinalar a opção adequada)

| Inf. | 01 | 02 | 03 | 04 | 05 | 06 | 07 | 08 | 09 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 |
|---------------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|
| 051 | I | L | I | L | L | | I | I | | | I | I | | L | I | I | | I | I | L |
| 052 | I | L | I | I | L | ? | I | I | ? | ? | I | I | L | L | I | I | L | I | I | L |
| 053 | I | ? | ? | L | L | L | I | ? | L | ? | ? | I | ? | L | I | I | L | I | I | L |
| 054 | I | I | L | L | L | ? | I | I | I | L | I | I | ? | L | I | I | L | I | I | L |
| 055 | I | L | L | L | L | ? | I | I | ? | L | I | ? | L | L | I | I | L | ? | I | L |
| 056 | I | ? | L | I | L | | I | I | ? | L | I | I | L | L | I | L | L | ? | I | L |
| 057 | I | L | L | L | L | ? | I | I | L | I | I | I | ? | L | I | I | L | I | I | I |
| 058 | I | L | I | I | L | ? | I | I | L | L | I | I | L | L | I | I | L | I | I | L |
| 059 | I | L | L | L | L | | I | ? | L | L | I | I | | L | L | I | L | I | I | L |
| 060 | I | I | ? | L | L | | I | ? | | L | I | I | | L | I | ? | L | I | L | L |
| 061 | I | L | L | L | L | L | I | I | L | L | ? | I | L | L | L | I | L | I | L | L |
| 062 | I | L | L | L | | | I | I | | | I | I | | | | | | | | |
| 063 | I | L | L | L | L | | I | I | L | ? | I | I | I | L | L | I | L | I | I | L |
| 064 | I | L | I | ? | L | | I | I | ? | ? | I | I | L | L | I | I | I | I | I | L |
| 065 | I | I | I | I | I | | I | I | I | ? | I | I | ? | I | I | I | ? | I | I | L |
| 066 | I | I | I | I | L | I | I | I | I | I | I | I | ? | L | I | I | ? | I | I | I |
| 067 | ? | L | I | ? | I | ? | I | I | I | ? | I | I | I | ? | I | I | I | I | I | I |
| 068 | I | I | I | I | ? | | I | I | L | L | I | I | ? | L | ? | I | L | ? | I | |
| 069 | L | L | L | L | L | | I | I | | | I | | | | | | | | | I |
| 070 | I | I | I | I | ? | | I | I | ? | ? | I | I | ? | L | L | I | L | I | I | L |
| 071 | I | I | I | I | I | ? | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | L |
| 072 | I | L | I | I | ? | ? | I | ? | ? | I | I | I | ? | L | ? | I | I | ? | I | L |
| 073 | I | I | I | I | L | L | I | I | L | L | I | I | ? | L | L | I | L | I | I | L |
| 074 | I | L | I | I | I | I | I | I | I | ? | I | I | I | I | I | I | L | I | I | L |
| 075 | I | L | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | | L | I | I | I | I | I | ? |
| 076 | I | ? | I | L | I | ? | I | I | L | I | ? | I | I | L | I | I | L | I | I | I |
| 077 | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | L | I | I | L |
| 078 | I | ? | L | L | L | ? | L | I | ? | ? | I | I | ? | L | ? | L | L | ? | I | L |
| 079 | I | I | I | L | L | | I | I | I | | I | I | I | ? | I | I | I | I | I | L |
| 080 | I | ? | I | L | ? | | I | I | I | | I | I | I | L | I | I | I | I | I | |
| 081 | I | ? | I | I | I | I | I | I | L | ? | I | I | | | I | I | I | I | I | |
| 082 | I | I | I | I | I | | I | I | I | | I | I | | | I | I | I | I | I | |
| 083 | I | L | I | L | L | ? | I | L | L | L | | I | ? | L | ? | I | L | I | I | L |
| 084 | I | I | I | I | I | ? | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | ? | I | I | I |
| 085 | I | L | L | L | I | | I | I | | L | | L | L | L | L | I | L | L | I | L |
| 086 | I | I | ? | I | | | I | I | I | | I | I | | | I | I | | I | I | |
| 087 | I | L | I | L | L | L | I | I | L | L | I | I | L | L | I | I | L | I | I | L |
| 088 | I | I | I | ? | ? | | I | I | L | | I | I | I | I | I | I | ? | I | I | ? |
| 089 | I | L | L | L | I | | I | I | ? | L | I | I | ? | ? | I | I | L | I | I | L |
| 090 | I | L | L | I | ? | | I | I | L | L | I | I | ? | L | L | I | ? | I | I | L |
| 091 | I | I | I | I | ? | | I | I | I | | I | I | ? | I | I | I | ? | I | I | |
| 092 | I | ? | I | I | I | ? | ? | I | L | L | I | I | ? | ? | I | I | L | I | I | L |
| 093 | I | L | ? | ? | | ? | I | I | I | | I | | | | I | I | I | I | I | |
| 094 | I | L | I | L | L | ? | I | I | L | L | I | I | I | L | ? | I | L | I | I | L |
| 095 | I | L | I | L | L | L | I | I | L | L | I | ? | ? | L | I | I | L | I | I | L |
| 096 | I | I | L | I | I | | I | I | | | I | | | I | I | I | | I | I | |
| 097 | I | L | L | I | I | ? | I | I | I | I | I | I | ? | I | I | I | L | I | I | L |
| 098 | L | L | L | L | L | | I | I | | L | I | I | L | L | L | I | L | I | L | |
| 099 | I | | | L | L | | I | I | ? | I | I | I | | | I | I | | ? | I | L |
| 100 | I | I | I | I | ? | I | I | I | ? | ? | I | ? | ? | ? | I | I | ? | I | I | ? |
| Totais | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L | L |
| | 2 | 25 | 16 | 22 | 24 | 5 | 1 | 1 | 17 | 18 | 0 | 1 | 9 | 30 | 8 | 2 | 27 | 1 | 3 | 31 |
| | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I |
| | 47 | 17 | 29 | 24 | 15 | 6 | 48 | 45 | 16 | 10 | 45 | 43 | 11 | 9 | 35 | 46 | 10 | 42 | 46 | 5 |
| | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? |
| 1 | 7 | 4 | 4 | 8 | 16 | 1 | 4 | 10 | 11 | 3 | 3 | 18 | 6 | 5 | 1 | 7 | 6 | 0 | 3 | |
| Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ |
| 0 | 1 | 1 | 0 | 3 | 23 | 0 | 0 | 7 | 11 | 2 | 3 | 12 | 5 | 2 | 1 | 6 | 1 | 1 | 11 | |

Atividades de Diagnóstico

ATIVIDADE 3 (A3): Compreensão Escrita (Leitura) - “separar o trigo do joio” (Tempo: 15min.)

Em cada um dos enunciados que se seguem encontra-se destacada uma expressão. Sublinha/Sublinhe, de entre as três hipóteses apresentadas, a que melhor traduz o seu significado.

01. “[As gémeas] Despacharam-se enquanto o diabo esfrega um olho” (Ana M. Magalhães e Isabel Alçada, *Uma aventura nas férias de Natal*, Caminho, 6.ª ed., 1988, p. 14).
 - a) enquanto o diabo adormece
 - b) fazendo diabruras
 - c) muito depressa
02. “E tu, quando o Eduardo sair do hospital, deves fazer as pazes.” (Lojista para Carlitos. *Aniki Bobó*, filme de Manoel de Oliveira, 1942, 00:30:10).
 - a) construir castelos de areia
 - b) esquecer a zanga e voltar a ser amigo
 - c) jogar à bola
03. “Julgo que não tenho feito outra coisa toda a vida, ou seja meter o nariz [...] no que deitam fora” (António Lobo Antunes, *Terceiro Livro de Crónicas*, 2006, p. 134).
 - a) cheirar
 - b) dizer ou fazer coisas sem autorização
 - c) torcer o nariz
04. “[Amália Rodrigues] Acabava os espectáculos, ficava a dar à língua até às tantas e deitava-se sem tirar a maquilhagem.” (Estrela Curvas, amiga de Amália. Revista *Sábado*, 14/05/09, p. 36).
 - a) falar muito
 - b) dar estalos com a língua
 - c) comer
05. “Há cada vez mais chineses interessados em aprender a língua portuguesa. Neste momento [...] são 400 os alunos que em Pequim estão a dar os primeiros passos no português.” (*24horas*, 18/08/08, p.14).
 - a) começar
 - b) terminar
 - c) saltar
06. “[...] quem foi de nós que durante aquela “febre” do Euro [2004] não gostou de ver Portugal nas bocas do mundo?” (Teste Escrito de Paulo Silva, Aluno do curso “+ 23 Anos” da UM, 12/02/08).
 - a) no fim do mundo
 - b) a jogar com equipas estrangeiras
 - c) falado por todos
07. “[...] quando as pessoas se vêem à rasca, agarram-se mais à fé”. (<http://aeiou.expresso.pt>, 12/08/08).
 - a) sem dinheiro
 - b) com dificuldades
 - c) na missa
08. “Em Guantânamo, há denúncias de que prisioneiros foram torturados com dias consecutivos de música insuportavelmente alta e escolhida a dedo” (*Sábado*, 18-22/12/08, p. 24).
 - a) escolhida com muito cuidado
 - b) tocada com bombos
 - c) escolhida à sorte
09. “O inspector da Polícia Judiciária coloca o dedo na ferida ao admitir [...] que o apartamento do Ocean Club [na Praia da Luz, Algarve] onde a família McCann passava férias pode ter sido contaminado pelas diversas pessoas que ali se encontravam.” (JN, 05/08/08, p. 13).
 - a) aponta o dedo
 - b) magoa-se no dedo
 - c) toca num assunto delicado

10. “Sai da frente, por favor, estou entre a espada e a parede” (Rui Veloso, “Não há estrelas no céu”).
- estou entre o cavaleiro e o castelo
 - estou numa situação muito difícil
 - estou com muita pressa
11. “Conheça Portugal de lés a lés, página a página” (Publicidade “Atlas de Portugal”, JN, 22/03/08, p.8).
- de Norte a Sul
 - do litoral ao interior
 - de TGV
12. “Ó Dias, aqui o seu delfim está-me a sair da casca. Para quem não partia um prato...” (Padre Brito sobre Amaro. Filme *O Crime do Padre Amaro*, de Carlos Coelho da Silva, 2005, 01:06:47).
- não lavava a louça/loja
 - não incomodava ninguém
 - não fazia barulho
13. “Se eu faço isso, dizem imediatamente que eu estou a passar a mão pelo pêlo dos jornalistas” (Vídeo: Presidente da República, Cavaco Silva, em <http://www.presidencia.pt/?idc=10&idi=31509>, 15/09/09).
- pentear o cabelo
 - dar presentes
 - elogiar
14. “Assim [a vencer] Portugal está nas suas sete quintas” (Comentador em direto, TVi, 11/06/08).
- está muito rico
 - está muito contente
 - está em todo o lado
15. “[Cristiano] Ronaldo [...] deu cartas a quem duvida que é o melhor do Mundo.” (JN, 12/06/08, p. 37).
- mostrou qualidades
 - deu autógrafos
 - escreveu cartas
16. “A maioria dos portugueses está-se nas tintas para as diferenças entre partidos de esquerda e direita.” (Comentador em direto, *Rádio Clube*, 03/01/09).
- não dá importância
 - conhece bem
 - chama a atenção
17. “Construtor de pontes numa Europa desunida, Durão Barroso foi capaz de agradar a gregos e a troianos.” (Revista *Visão*, 07/05/09, p. 32).
- agradar a gregos e a romanos
 - agradar a todos
 - falar bem com os políticos europeus
18. “31 Out 2009 O Sporting de Braga é líder isolado na Liga depois da vitória por 2 0 (...) Águias viram Braga por um canudo...” (aeiou.expresso.pt/braga-impoe-primeira-derrota-ao-benfica=f544949).
- não conseguiram o que desejavam
 - foram ao Bom-Jesus para ver a cidade de Braga
 - viram Braga por um binóculo
19. “No país dos brandos costumes, cai o Carmo e a Trindade por causa de um vídeo onde não há agressões, mas gritaria. [suposta agressão de uma aluna à professora, numa escola do Porto] (Revista *Visão*, 03/04/08, p. 46).
- cai o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre dos Clérigos
 - dizem-se palavrões
 - faz-se uma tragédia
20. “(...) o Processo de Bolonha, que reduz a dimensão dos cursos. Ao tentar meter os 4 anos em 3 ou em 2+1 de estágio virtual, continuamos a meter o Rossio na Rua da Betesga (<http://www.snesup.pt>).
- querer o impossível
 - misturar coisas diferentes
 - meter um gigante numa rua de anões.

Atividades de Diagnóstico: Roteiro do Aplicador

ATIVIDADE 3 (A3): Compreensão Escrita (Leitura) - “Separar o trigo do joio” (Tempo: 15 min., aproximadamente)

1. Objetivos

- 1.1. Proporcionar ao aluno contextos reais de utilização de UF.
- 1.2. Avaliar a sua competência fraseológica através da identificação do sentido de uma EI.
- 1.3. Identificar as EI que mais dificuldades oferecem aos alunos.
- 1.4. Verificar se a idade e o nível de escolaridade determinam a competência fraseológica.

2. Aplicação

O aluno é chamado a escolher, de entre as três hipóteses apresentadas, a que melhor traduz o sentido da EI sublinhada.

Legenda

- C (correto);
I (incorreto);
? (sentido indeterminado);
0 ou Ø (inexistente).

N.B. Os erros ortográficos não serão considerados.

COMPETÊNCIA FRASEOLÓGICA EM PORTUGUÊS LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA NÃO MATERNA

Avaliação de Diagnóstico: Roteiro do Aplicador (Registo de Dados)

ATIVIDADE 3: Expressão Escrita - “Separar o trigo do joio”

Quadro A3 (1): PLM ou PLNM (Assinalar a opção adequada)

| Inf. | UF 01 | UF 02 | UF 03 | UF 04 | UF 05 | UF 06 | UF 07 | UF 08 | UF 09 | UF 10 | UF 11 | UF 12 | UF 13 | UF 14 | UF 15 | UF 16 | UF 17 | UF 18 | UF 19 | UF 20 |
|--------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| 001 | C | C | I | C | C | I | I | I | I | C | C | I | I | I | I | C | C | I | I | C |
| 002 | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | I | C | I | C | C | C | I | C | I |
| 003 | I | C | C | C | C | I | I | C | I | I | C | I | I | I | I | I | I | I | I | I |
| 004 | I | C | C | C | C | I | C | I | C | I | C | I | C | I | C | C | I | I | | C |
| 005 | I | C | I | C | C | C | C | I | C | C | C | I | I | I | I | C | C | C | I | I |
| 006 | C | C | C | C | C | I | C | I | C | C | C | C | I | I | C | C | C | C | I | C |
| 007 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | I | I | C | C | C | | |
| 008 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | | |
| 009 | I | C | I | C | C | I | I | I | I | C | I | I | C | C | C | I | I | I | C | C |
| 010 | I | C | I | I | I | I | I | I | C | I | I | I | C | I | I | I | I | I | I | C |
| 011 | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | I | I | I | C | C | C | | I | I |
| 012 | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | I | C |
| 013 | I | C | I | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I |
| 014 | C | C | C | C | C | C | I | I | C | C | C | C | I | C | C | C | C | I | I | I |
| 015 | I | C | C | C | C | I | I | I | I | I | C | I | C | I | I | C | I | I | I | I |
| 016 | C | C | C | C | C | I | I | I | C | C | C | I | I | C | C | I | I | I | I | C |
| 017 | I | C | I | C | C | C | I | I | I | C | C | I | I | I | C | C | I | I | I | I |
| 018 | I | C | C | I | C | I | I | C | C | C | C | I | I | C | I | I | C | I | C | I |
| 019 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I |
| 020 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | I | C | C | C | I | I |
| 021 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | | | | | | | | |
| 022 | I | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | I | C | I | C | I | C |
| 023 | I | C | C | C | C | I | C | I | C | I | C | I | C | I | C | C | C | I | C | C |
| 024 | C | C | | C | C | I | C | C | C | C | C | I | I | C | C | C | C | I | C | |
| 025 | I | C | C | C | C | I | C | I | I | C | C | C | C | I | I | C | | I | I | I |
| 026 | C | C | C | C | C | I | C | I | C | C | C | I | I | C | C | I | I | C | I | I |
| 027 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I |
| 028 | I | C | C | C | C | I | I | C | C | C | I | I | I | I | I | C | I | | I | I |
| 029 | I | C | I | C | C | I | C | C | C | C | C | I | I | I | I | C | I | I | I | I |
| 030 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C |
| 031 | I | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | I |
| 032 | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | I | I | C | C | | C | I | |
| 033 | C | C | C | C | C | I | C | C | I | C | C | I | I | I | I | I | C | I | I | I |
| 034 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | I | I | C | C | I | I | I |
| 035 | C | C | C | C | C | C | I | I | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | I | C |
| 036 | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C |
| 037 | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | I |
| 038 | I | C | C | C | C | C | | C | C | C | I | I | C | I | I | C | I | I | I | C |
| 039 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | I | C | C | I | C | I | I |
| 040 | I | C | C | C | C | C | C | C | C | I | I | C | C | C | C | C | I | C | C | I |
| 041 | I | C | C | C | C | I | C | I | C | C | C | C | C | I | C | I | C | C | C | I |
| 042 | C | C | I | C | C | C | I | I | C | C | C | C | C | I | I | C | C | C | I | I |
| 043 | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C | I |
| 044 | I | C | C | C | C | I | C | C | C | I | C | C | C | I | C | C | I | C | C | I |
| 045 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C |
| 046 | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | | C | C | C | C | C | C |
| 047 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | I | | C | C | C | I | I |
| 048 | C | C | C | C | C | I | C | I | I | C | C | C | C | I | C | C | I | I | I | C |
| 049 | I | C | C | C | C | I | C | I | I | C | C | I | C | C | I | C | C | C | C | C |
| 050 | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | I | C | | C | C | I | I |
| Totais | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C |
| | 30 | 50 | 41 | 48 | 49 | 26 | 37 | 27 | 38 | 43 | 45 | 27 | 34 | 13 | 30 | 40 | 31 | 28 | 17 | 17 |
| | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I |
| | 20 | 0 | 8 | 2 | 1 | 24 | 12 | 23 | 12 | 7 | 5 | 23 | 15 | 34 | 18 | 8 | 16 | 19 | 29 | 29 |
| Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ |
| 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 3 | 2 | 2 | 3 | 3 | 4 | 4 |

COMPETÊNCIA FRASEOLÓGICA EM PORTUGUÊS LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA NÃO MATERNA

Atividades de Diagnóstico: Roteiro do Aplicador (Registo de Dados)

ATIVIDADE 3: Expressão Escrita - “Separar o trigo do joio”

Quadro A3 (2): PLM ou PLNM (Assinalar a opção adequada)

| Inf. | UF 01 | UF 02 | UF 03 | UF 04 | UF 05 | UF 06 | UF 07 | UF 08 | UF 09 | UF 10 | UF 11 | UF 12 | UF 13 | UF 14 | UF 15 | UF 16 | UF 17 | UF 18 | UF 19 | UF 20 |
|--------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| 051 | | C | C | C | C | I | C | C | I | C | C | I | C | I | I | C | C | C | I | C |
| 052 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C | C | I |
| 053 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C |
| 054 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I |
| 055 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | I | C | C | C | C | C | I |
| 056 | C | C | I | C | C | C | I | I | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C | I |
| 057 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | I | I | C | I |
| 058 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I |
| 059 | I | C | I | C | C | I | C | I | I | C | I | C | C | | C | C | C | C | I | |
| 060 | I | I | C | I | C | I | C | I | I | C | C | I | I | I | I | C | I | C | I | C |
| 061 | I | C | C | C | C | C | C | I | C | I | C | I | I | I | I | C | C | I | I | C |
| 062 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C |
| 063 | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | I | | C | C | C | C | C | C | C | C |
| 064 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C |
| 065 | I | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | I |
| 066 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | I |
| 067 | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C |
| 068 | I | C | C | C | C | I | C | C | C | I | C | C | C | I | C | C | I | I | I | I |
| 069 | I | C | C | I | C | I | I | C | I | I | I | C | I | C | I | C | C | C | I | I |
| 070 | I | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | I |
| 071 | I | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C |
| 072 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C |
| 073 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | I | C | C | C | C | C | C |
| 074 | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C | C | I |
| 075 | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | I |
| 076 | I | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C |
| 077 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I |
| 078 | I | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C |
| 079 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I |
| 080 | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C |
| 081 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C |
| 082 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C |
| 083 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | I | I | C | C | I | C | I |
| 084 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C |
| 085 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C | I | I |
| 086 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C |
| 087 | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | I | C | C | C | C | C | I | C | C | C |
| 088 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | I | C | I | I |
| 089 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I |
| 090 | I | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | I | C | I | C | C | C | C | I | I |
| 091 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | I | C | C |
| 092 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | I | I |
| 093 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C |
| 094 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | I | C | C | I | C | I |
| 095 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | I | C | C | C | C | I | I |
| 096 | C | C | C | C | C | C | C | I | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I |
| 097 | I | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C |
| 098 | C | C | C | C | C | C | I | C | I | C | I | I | C | I | I | C | C | I | C | I |
| 099 | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I | C | I | C | C | C | C | C | C |
| 100 | I | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | I |
| Totais | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C |
| | 36 | 49 | 48 | 48 | 50 | 45 | 46 | 40 | 44 | 45 | 45 | 37 | 46 | 25 | 41 | 50 | 44 | 43 | 40 | 23 |
| | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I | I |
| 13 | 1 | 2 | 2 | 0 | 5 | 4 | 10 | 6 | 5 | 5 | 12 | 4 | 25 | 8 | 0 | 6 | 7 | 10 | 27 | |
| Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ | Φ |
| 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |

COMPETÊNCIA FRASEOLÓGICA EM PORTUGUÊS LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA NÃO MATERNA – ATIVIDADES DE DIAGNÓSTICO

ATIVIDADE 1 (A1): Compreensão do Oral / Expressão Escrita - “A falar [e a escrever] é que a gente se entende”? – Totais absolutos

| Grupos | UF1 | UF2 | UF3 | UF4 | UF5 | UF6 | UF7 | UF8 | UF9 | UF10 | UF11 | UF12 | UF13 | UF14 | UF15 | UF16 | UF17 | UF18 | UF19 | UF20 |
|---------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| G1 | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + |
| | 9 | 3 | 8 | 13 | 2 | 0 | 0 | 3 | 0 | 4 | 0 | 2 | 2 | 5 | 3 | 8 | 6 | 0 | 4 | 2 |
| | (34,6%) | (11,5%) | (30,8%) | (50%) | (7,7%) | (0%) | (0%) | (11,5%) | (0%) | (15,4%) | (0%) | (7,7%) | (7,7%) | (19,2%) | (11,5%) | (30,8%) | (23,1%) | (0%) | (15,4%) | (7,7%) |
| G2 | 37 | 16 | 52 | 39 | 15 | 6 | 8 | 17 | 0 | 18 | 9 | 5 | 18 | 45 | 8 | 38 | 11 | 2 | 28 | 27 |
| | (37,4%) | (16,2%) | (52,5%) | (39,4%) | (15,2%) | (6,1%) | (8,1%) | (17,2%) | (0%) | (18,2%) | (9,1%) | (5,1%) | (18,2%) | (45,5%) | (8,1%) | (38,4%) | (11,1%) | (2%) | (28,3%) | (27,3%) |
| G3 | 6 | 2 | 4 | 5 | 1 | 0 | 2 | 0 | 0 | 2 | 2 | 0 | 4 | 7 | 3 | 10 | 2 | 0 | 1 | 6 |
| | (37,5%) | (12,5%) | (25%) | (31,3%) | (6,3%) | (0%) | (12,5%) | (0%) | (0%) | (12,5%) | (12,5%) | (0%) | (25%) | (43,8%) | (18,8%) | (62,5%) | (12,5%) | (0%) | (6,3%) | (37,5%) |
| Total | 52 | 21 | 64 | 57 | 18 | 6 | 10 | 20 | 0 | 24 | 11 | 7 | 24 | 57 | 14 | 56 | 19 | 2 | 33 | 35 |
| | (36,9%) | (14,9%) | (45,4%) | (40,4%) | (12,8%) | (4,3%) | (7,1%) | (14,2%) | (0%) | (17%) | (7,8%) | (5%) | (17%) | (40,4%) | (9,9%) | (39,7%) | (13,5%) | (1,4%) | (23,4%) | (24,8%) |
| G1 | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- | +/- |
| | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 | 3 | 0 | 0 | 3 | 0 | 2 | 2 |
| | (0%) | (0%) | (3,8%) | (3,8%) | (0%) | (0%) | (3,8%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (3,8%) | (3,8%) | (11,5%) | (0%) | (0%) | (11,5%) | (0%) | (7,7%) | (7,7%) |
| G2 | 0 | 0 | 3 | 7 | 0 | 0 | 1 | 12 | 2 | 8 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 17 | 0 | 3 | 6 |
| | (0%) | (0%) | (3%) | (7,1%) | (0%) | (0%) | (1%) | (12,1%) | (2%) | (8,1%) | (0%) | (2%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (17,2%) | (0%) | (3%) | (6,1%) |
| G3 | 4 | 0 | 3 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 1 |
| | (25%) | (0%) | (18,6%) | (6,3%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (18,6%) | (0%) | (0%) | (12,5%) | (0%) | (0%) | (0%) | (18,6%) | (0%) | (0%) | (6,3%) |
| Total | 4 | 0 | 7 | 9 | 0 | 0 | 2 | 12 | 2 | 11 | 0 | 3 | 3 | 3 | 0 | 0 | 23 | 0 | 5 | 9 |
| | (2,8%) | (0%) | (5%) | (6,4%) | (0%) | (0%) | (1,4%) | (8,6%) | (1,4%) | (7,8%) | (0%) | (2,1%) | (2,1%) | (2,1%) | (0%) | (0%) | (16,3%) | (0%) | (3,5%) | (6,4%) |
| G1 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| | (0%) | (0%) | (3,8%) | (0%) | (0%) | (3,8%) | (0%) | (0%) | (0%) | (7,7%) | (0%) | (0%) | (3,8%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) |
| G2 | 0 | 0 | 2 | 2 | 0 | 14 | 5 | 5 | 3 | 9 | 0 | 7 | 4 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 2 | 7 |
| | (0%) | (0%) | (2%) | (2%) | (0%) | (14,1%) | (5,1%) | (5,1%) | (3%) | (9,1%) | (0%) | (7,1%) | (4%) | (0%) | (0%) | (0%) | (2%) | (0%) | (2%) | (7,1%) |
| G3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (0%) | (6,3%) |
| Total | 0 | 0 | 3 | 2 | 0 | 15 | 5 | 5 | 3 | 11 | 0 | 7 | 5 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 2 | 8 |
| | (0%) | (0%) | (2,1%) | (1,4%) | (0%) | (10,6%) | (3,6%) | (3,6%) | (2,1%) | (7,8%) | (0%) | (5%) | (3,6%) | (0%) | (0%) | (0%) | (1,4%) | (0%) | (1,4%) | (5,7%) |

COMPETÊNCIA FRASEOLÓGICA EM PORTUGUÊS LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA NÃO MATERNA – ATIVIDADES DE DIAGNÓSTICO

ATIVIDADE 2 (A2): Expressão Escrita - “Trocar por miúdos” – Totais absolutos

| Gru. | UF1 | UF2 | UF3 | UF4 | UF5 | UF6 | UF7 | UF8 | UF9 | UF10 | UF11 | UF12 | UF13 | UF14 | UF15 | UF16 | UF17 | UF18 | UF19 | UF20 |
|--------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|-------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|
| G1 | L 2 (7,7%) | L 21 (80,8%) | L 16 (61,6%) | L 20 (76,9%) | L 16 (61,6%) | L 6 (23,1%) | L 3 (11,5%) | L 1 (3,8%) | L 4 (15,4%) | L 15 (57,7%) | L 1 (3,8%) | L 2 (7,7%) | L 5 (19,2%) | L 12 (46,2%) | L 4 (15,4%) | L 1 (3,8%) | L 12 (46,2%) | L 2 (7,7%) | L 3 (11,5%) | L 14 (53,8%) |
| G2 | 4 (4%) | 62 (62,6%) | 37 (37,4%) | 52 (52,5%) | 54 (54,5%) | 15 (15,2%) | 2 (2%) | 1 (1%) | 33 (33,3%) | 47 (47,5%) | 0 (0%) | 3 (3%) | 14 (14,1%) | 58 (58,6%) | 22 (22,2%) | 3 (3%) | 60 (60,6%) | 1 (1%) | 6 (6,1%) | 64 (64,6%) |
| G3 | 1 (6,3%) | 6 (37,5%) | 1 (6,3%) | 1 (6,3%) | 2 (12,5%) | 2 (12,5%) | 0 (0%) | 1 (6,3%) | 5 (31,3%) | 5 (31,3%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 1 (6,3%) | 1 (6,3%) | 1 (6,3%) | 5 (31,3%) | 1 (6,3%) | 0 (0%) | 6 (37,5%) |
| Total | 7 (5%) | 89 (63,1%) | 54 (38,3%) | 73 (51,8%) | 72 (51,1%) | 23 (16,3%) | 5 (3,6%) | 3 (2,1%) | 42 (29,8%) | 67 (47,5%) | 1 (0,7%) | 5 (3,5%) | 19 (13,5%) | 71 (50,4%) | 27 (19,1%) | 5 (3,5%) | 77 (54,6%) | 4 (2,8%) | 9 (6,4%) | 84 (59,6%) |
| G1 | l 17 (65,4%) | l 3 (11,5%) | l 4 (15,4%) | l 2 (7,7%) | l 1 (3,8%) | l 4 (15,4%) | l 21 (80,8%) | l 15 (57,7%) | l 0 (0%) | l 0 (0%) | l 17 (65,4%) | l 5 (19,2%) | l 1 (3,8%) | l 0 (0%) | l 6 (23,1%) | l 17 (65,4%) | l 0 (0%) | l 12 (46,2%) | l 15 (57,7%) | l 0 (0%) |
| G2 | 85 (85,6%) | 25 (25,3%) | 51 (51,5%) | 38 (38,4%) | 26 (26,3%) | 13 (13,1%) | 92 (92,9%) | 84 (84,9%) | 23 (23,2%) | 16 (16,2%) | 90 (90,9%) | 80 (80,8%) | 18 (18,2%) | 12 (12,1%) | 61 (61,6%) | 13 (88,9%) | 85 (85,6%) | 13 (13,1%) | 88 (88,9%) | 10 (10,1%) |
| G3 | 15 (93,8%) | 10 (62,5%) | 15 (93,8%) | 12 (75%) | 9 (56,3%) | 3 (18,6%) | 15 (93,8%) | 13 (81,3%) | 9 (56,3%) | 10 (62,5%) | 16 (100%) | 15 (93,8%) | 12 (75%) | 11 (68,8%) | 15 (93,8%) | 15 (93,8%) | 10 (62,5%) | 15 (93,8%) | 16 (100%) | 8 (50%) |
| Total | 117 (83%) | 38 (27%) | 70 (49,6%) | 52 (36,9%) | 36 (25,5%) | 20 (14,2%) | 128 (90,8%) | 112 (79,4%) | 32 (22,7%) | 26 (18,4%) | 123 (87,2%) | 100 (70,9%) | 31 (22%) | 23 (16,3%) | 82 (58,2%) | 120 (85,1%) | 23 (16,3%) | 112 (79,4%) | 119 (84,4%) | 18 (12,8%) |
| G1 | ? 7 (26,9%) | ? 0 (0%) | ? 4 (15,4%) | ? 2 (7,7%) | ? 2 (7,7%) | ? 2 (7,7%) | ? 0 (0%) | ? 5 (19,2%) | ? 6 (23,1%) | ? 0 (0%) | ? 1 (3,8%) | ? 7 (26,9%) | ? 5 (19,2%) | ? 1 (3,8%) | ? 3 (11,5%) | ? 1 (3,8%) | ? 1 (3,8%) | ? 0 (0%) | ? 1 (3,8%) | ? 0 (0%) |
| G2 | 9 (9,1%) | 11 (11,1%) | 9 (9,1%) | 9 (9,1%) | 11 (11,1%) | 24 (24,2%) | 4 (4%) | 14 (14,1%) | 20 (20,2%) | 14 (14,1%) | 7 (7,1%) | 7 (7,1%) | 34 (34,3%) | 14 (14,1%) | 10 (10,1%) | 4 (4%) | 9 (9,1%) | 9 (9,1%) | 1 (1%) | 3 (3%) |
| G3 | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 3 (18,6%) | 5 (31,3%) | 9 (56,3%) | 1 (6,3%) | 1 (6,3%) | 1 (6,3%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 3 (18,6%) | 3 (18,6%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 1 (6,3%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 1 (6,3%) |
| Total | 16 (11,3%) | 11 (7,8%) | 13 (9,2%) | 14 (9,9%) | 18 (12,8%) | 35 (24,8%) | 5 (3,5%) | 20 (14,2%) | 27 (19,1%) | 14 (9,9%) | 8 (5,7%) | 14 (9,9%) | 42 (29,8%) | 18 (12,8%) | 13 (9,2%) | 5 (3,5%) | 11 (7,8%) | 9 (6,4%) | 2 (1,4%) | 4 (2,8%) |
| G1 | φ 0 (0%) | φ 2 (7,7%) | φ 2 (7,7%) | φ 2 (7,7%) | φ 7 (26,9%) | φ 14 (53,8%) | φ 2 (7,7%) | φ 5 (19,2%) | φ 16 (61,6%) | φ 11 (42,3%) | φ 7 (26,9%) | φ 12 (46,2%) | φ 15 (57,7%) | φ 13 (50%) | φ 13 (50%) | φ 7 (26,9%) | φ 13 (50%) | φ 12 (46,2%) | φ 7 (26,9%) | φ 12 (46,2%) |
| G2 | 1 (1%) | 1 (1%) | 2 (2%) | 0 (0%) | 8 (8,1%) | 47 (47,5%) | 1 (1%) | 0 (0%) | 23 (23,2%) | 22 (22,2%) | 2 (2%) | 9 (9,1%) | 33 (33,3%) | 15 (15,2%) | 6 (6,1%) | 4 (4%) | 17 (17,2%) | 4 (4%) | 4 (4%) | 22 (22,2%) |
| G3 | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 2 (12,5%) | 0 (0%) | 1 (6,3%) | 1 (6,3%) | 1 (6,3%) | 0 (0%) | 1 (6,3%) | 1 (6,3%) | 1 (6,3%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 1 (6,3%) |
| Total | 1 (0,7%) | 3 (2,1%) | 4 (2,8%) | 2 (1,4%) | 15 (10,6%) | 63 (44,7%) | 3 (2,1%) | 6 (4,3%) | 40 (28,4%) | 34 (24,1%) | 9 (6,4%) | 22 (15,6%) | 49 (34,8%) | 29 (20,6%) | 19 (13,5%) | 11 (7,8%) | 30 (21,3%) | 16 (11,3%) | 11 (7,8%) | 35 (24,8%) |

COMPETÊNCIA FRASEOLÓGICA EM PORTUGUÊS LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA NÃO MATERNA – ATIVIDADES DE DIAGNÓSTICO

ATIVIDADE 3 (A3): Expressão Escrita - “Separar o trigo do joio” – Totais absolutos

| Grupos | UF1 | UF2 | UF3 | UF4 | UF5 | UF6 | UF7 | UF8 | UF9 | UF10 | UF11 | UF12 | UF13 | UF14 | UF15 | UF16 | UF17 | UF18 | UF19 | UF20 |
|---------------|--------------------|-------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|
| G1 | C 14 (53,8%) | C 26 (100%) | C 19 (73,1%) | C 24 (92,3%) | C 25 (96,2%) | C 12 (46,2%) | C 17 (65,4%) | C 10 (38,5%) | C 19 (73,1%) | C 21 (80,8%) | C 24 (92,3%) | C 10 (38,5%) | C 15 (57,7%) | C 8 (30,8%) | C 14 (53,8%) | C 19 (73,1%) | C 15 (57,7%) | C 10 (38,5%) | C 7 (26,9%) | C 9 (34,6%) |
| G2 | 73 (73,7%) | 98 (98,9%) | 94 (94,9%) | 97 (97,9%) | 98 (98,9%) | 78 (78,8%) | 89 (89,9%) | 72 (72,7%) | 86 (86,9%) | 88 (88,9%) | 90 (90,9%) | 73 (73,7%) | 87 (87,9%) | 35 (35,4%) | 78 (78,8%) | 95 (96%) | 80 (80,8%) | 81 (81,8%) | 66 (66,7%) | 42 (42,4%) |
| G3 | 14 (87,5%) | 16 (100%) | 14 (87,5%) | 16 (100%) | 16 (100%) | 16 (100%) | 12 (75%) | 16 (100%) | 15 (93,8%) | 16 (100%) | 16 (100%) | 16 (100%) | 13 (81,3%) | 13 (81,3%) | 16 (100%) | 16 (100%) | 15 (93,8%) | 14 (87,5%) | 14 (87,5%) | 13 (81,3%) |
| Total | 101 (71,6%) | 140 (99,3%) | 127 (90%) | 137 (97,2%) | 139 (98,6%) | 106 (75,2%) | 118 (83,7%) | 98 (69,5%) | 120 (85,1%) | 125 (88,7%) | 130 (92,2%) | 99 (70,2%) | 115 (81,6%) | 56 (40%) | 108 (76,6%) | 130 (92,2%) | 110 (78%) | 105 (74,5%) | 87 (61,7%) | 64 (45,4%) |
| G1 | l 12 (46,2%) | l 0 (0%) | l 6 (23,1%) | l 2 (7,7%) | l 1 (3,8%) | l 14 (53,8%) | l 9 (34,6%) | l 16 (61,6%) | l 7 (26,9%) | l 5 (19,2%) | l 2 (7,7%) | l 16 (61,6%) | l 10 (38,5%) | l 17 (65,4%) | l 11 (42,3%) | l 6 (23,1%) | l 9 (34,6%) | l 14 (53,8%) | l 15 (57,7%) | l 14 (53,8%) |
| G2 | 25 (25,3%) | 1 (1%) | 5 (5,1%) | 2 (2%) | 1 (1%) | 21 (21,2%) | 9 (9,1%) | 27 (27,3%) | 13 (13,1%) | 11 (11,1%) | 9 (9,1%) | 25 (25,3%) | 12 (12,1%) | 61 (61,6%) | 19 (19,2%) | 3 (3%) | 17 (17,2%) | 17 (17,2%) | 33 (33,3%) | 56 (56,6%) |
| G3 | 2 (12,5%) | 0 (0%) | 2 (12,5%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 4 (25%) | 0 (0%) | 1 (6,3%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 3 (18,6%) | 3 (18,6%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 1 (6,3%) | 2 (12,5%) | 2 (12,5%) | 3 (18,6%) |
| Total | 39 (27,7%) | 1 (0,7%) | 13 (9,2%) | 4 (2,8%) | 2 (1,4%) | 35 (24,8%) | 22 (15,6%) | 43 (30,5%) | 21 (14,9%) | 16 (11,3%) | 11 (7,8%) | 41 (29,1%) | 25 (17,7%) | 81 (57,4%) | 30 (21,3%) | 9 (6,4%) | 27 (19,1%) | 33 (23,4%) | 50 (35,5%) | 73 (51,8%) |
| G1 | φ 0 (0%) | φ 0 (0%) | φ 1 (3,8%) | φ 0 (0%) | φ 0 (0%) | φ 0 (0%) | φ 0 (0%) | φ 0 (0%) | φ 0 (0%) | φ 0 (0%) | φ 0 (0%) | φ 0 (0%) | φ 1 (3,8%) | φ 1 (3,8%) | φ 1 (3,8%) | φ 1 (3,8%) | φ 2 (7,7%) | φ 2 (7,7%) | φ 4 (15,4%) | φ 3 (11,5%) |
| G2 | 1 (1%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 1 (1%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 1 (1%) | 0 (0%) | 3 (3%) | 2 (2%) | 1 (1%) | 2 (2%) | 1 (1%) | 0 (0%) | 1 (1%) |
| G3 | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) |
| Total | 1 (0,7%) | 0 (0%) | 1 (0,7%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 1 (0,7%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 0 (0%) | 1 (0,7%) | 1 (0,7%) | 4 (2,8%) | 3 (2,1%) | 2 (1,4%) | 4 (2,8%) | 3 (2,1%) | 4 (2,8%) | 4 (2,8%) |

ANEXO 6

Material Didático: Competência Linguístico-Fraseológica em Português (LM e LNM)
(20 Atividades + Soluções)

MATERIAIS DIDÁTICOS:

COMPETÊNCIA LINGUÍSTICO-FRASEOLÓGICA EM PORTUGUÊS (LM E LNM)

ATIVIDADE 02: “Trocar por miúdos”

Nível: 2.º e 3.º Ciclo e Secundário (PLM) / B1-B2 e C1-C2 (PLNM)

Domínio de Referência: Oralidade e Escrita

Modalidade: Trabalho individual

Tempo Médio de Realização: 45 min.

Tarefas/Descritores de Desempenho:

Nome: _____ Ano e Turma/Nível: _____ Data: ___ / ___ / ___

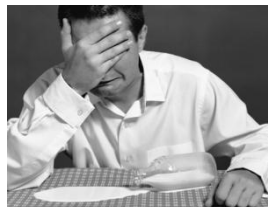
1. Escrever uma frase completa, integrando cada um dos grupos de palavras que se seguem de modo que se compreenda o seu significado.

Exemplo: “casaco quente”: Vou vestir um “casaco quente” porque tenho frio.

N.B.: No caso de grupos iniciados por verbo, é permitido o uso de formas conjugadas (Ex.: “abanar” ou “abanou” ou “abanamos”...)

- 01. “abanar o capacete”: _____
- 02. “apertar o cinto”: _____
- 03. “arregaçar as mangas”: _____
- 04. “balde de água fria”: _____
- 05. “batata quente”: _____
- 06. “calcanhar de Aquiles”: _____
- 07. “como o cão e o gato”: _____
- 08. “dor de cotovelo”: _____
- 09. “em banho-maria”: _____
- 10. “em cima do joelho”: _____
- 11. “em maus lençóis”: _____
- 12. “estar às moscas”: _____
- 13. “ir aos arames”: _____
- 14. “lavar roupa suja”: _____
- 15. “meter água”: _____
- 16. “na ponta da língua”: _____
- 17. “nem carne nem peixe”: _____
- 18. “sem pés nem cabeça”: _____
- 19. “sempre a abrir”: _____
- 20. “vacas magras”: _____

2. Observar as imagens (www.google.pt). Escrever uma expressão/frase que as identifique:



3. Apresentar/comentar os resultados da Atividade.

MATERIAIS DIDÁTICOS:**COMPETÊNCIA LINGUÍSTICO-FRASEOLÓGICA EM PORTUGUÊS (LM E LNM)****ATIVIDADE 03: “Saber a letra”****Nível:** 2.º e 3.º Ciclo e Secundário (PLM) / B1-B2 e C1-C2 (PLNM)**Domínio de Referência:** Oralidade e Escrita**Modalidade:** Trabalho individual**Tempo Médio de Realização:** 15 min.**Tarefas/Descritores de Desempenho:**

Nome: _____

Ano e Turma/Nível: _____ Data: ____ / ____ / ____

1. Sublinhar, de entre as três hipóteses apresentadas, a que melhor traduz o significado da expressão sublinhada.
Exemplo: “[As gémeas] Despacharam-se enquanto o diabo esfrega um olho” (Ana M. Magalhães e Isabel Alçada, *Uma aventura nas férias de Natal*, Caminho, 6.ª ed., 1988, p.14).
a) enquanto o diabo adormece; b) fazendo diabruras; c) muito depressa
 01. “Julgo que não tenho feito outra coisa toda a vida, ou seja meter o nariz [...] no que deitam fora” (António Lobo Antunes, *Terceiro Livro de Crónicas*, 2006, p. 134).
a) cheirar; b) dizer ou fazer coisas sem autorização; c) torcer o nariz
 02. “[Amália Rodrigues] Acabava os espectáculos, ficava a dar à língua até às tantas e deitava-se sem tirar a maquilhagem” (Estrela Curvas, amiga, *Sábado*, 14/5/09, p. 36).
a) falar muito; b) dar estalos com a língua; c) comer
 03. “Há cada vez mais chineses interessados em aprender a língua portuguesa. Neste momento [...] são 400 os alunos que em Pequim estão a dar os primeiros passos no português” (*24horas*, 18/8/08, p.14).
a) começar; b) terminar; c) saltar
 04. “[...] quem foi de nós que durante aquela ‘febre’ do Euro [2004] não gostou de ver Portugal nas bocas do mundo?” (Teste Escrito, Aluno do curso “+ 23 Anos”, UM, 12/2/08).
a) no fim do mundo; b) a jogar com equipas estrangeiras; c) falado por todos
 05. “Em Guantânamo, há denúncias de que prisioneiros foram torturados com [...] música insuportavelmente alta e escolhida a dedo” (*Sábado*, 18/12/08, p. 24).
a) escolhida com muito cuidado; b) tocada com bombos; c) escolhida à sorte
 06. “Ó Dias, aqui o seu delfim está-me a sair da casca. Para quem não partia um prato...” (Padre Brito sobre Amaro. Filme *O Crime do Padre Amaro*, de Carlos C. Silva, 2005).
a) não lavava a louça/loja; b) não incomodava ninguém; c) não fazia barulho
 07. “[...] se eu faço isso dizem imediatamente que eu estou a passar a mão pelo pêlo dos jornalistas” (Vídeo: Presidente da República, Cavaco Silva, <http://www.presidencia.pt/?idc=10&idi=31509>. Consulta: 04/08/13).
a) pentear o cabelo; b) dar presentes; c) elogiar
 08. “[A vencer] Portugal está nas suas sete quintas” (Comentador em direto, *TVi*, 11/06/08).
a) está muito rico; b) está muito contente; c) está em todo o lado
 09. “[Cristiano] Ronaldo deu cartas a quem duvida que é o melhor do Mundo” (JN, 12/06/08, p. 37).
a) mostrou qualidades; b) deu autógrafos; c) escreveu cartas
 10. “A maioria dos portugueses está-se nas tintas para as diferenças entre partidos de esquerda e direita.” (Comentador em direto, *Rádio Clube*, 03/01/09).
a) não dá importância; b) conhece bem; c) chama a atenção
2. Apresentar/comentar os resultados da Atividade.
-
-

MATERIAIS DIDÁTICOS:

COMPETÊNCIA LINGUÍSTICO-FRASEOLÓGICA EM PORTUGUÊS (LM E LNM)

ATIVIDADE 08: Texto Expositivo-Argumentativo - “Uma imagem vale por mil palavras”?

Nível: 3.º Ciclo (8.º e 9.º Ano) e Secundário (PLM) / B2 e C1-C2 (PLNM)

Domínio de Referência: Oralidade e Escrita

Modalidade: Trabalho individual ou de pares

Tempo Médio de Realização: 45 min.

Tarefas/Descritores de Desempenho:

1. Observar com atenção a fotografia do português Daniel Rodrigues.



(Football in Guinea-Bissau, Daily Life, 1st prize singles, <http://www.worldpressphoto.org/awards/2013>)

2. Propor um título ou breve comentário onde surja uma expressão idiomática ou frase feita.
3. Selecionar uma foto, de entre as disponíveis em <http://www.worldpressphoto.org/awards/2013>, e redigir um texto expositivo-argumentativo, com um mínimo de 80 e um máximo de 130 palavras, relacionando o título “Uma imagem vale por mil palavras?” com a foto escolhida. Recorrer ao valor expressivo das expressões idiomáticas/frases feitas.

N.B. “Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando este integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituem (ex.: /2013/)” (<http://www.gave.min-edu.pt>).

4. Apresentar/comentar os resultados da Atividade.

Registos:

Nome(s): _____ Ano e Turma/Nível: _____ Data: __ / __ / ____

MATERIAIS DIDÁTICOS:

COMPETÊNCIA LINGUÍSTICO-FRASEOLÓGICA EM PORTUGUÊS (LM E LNM)

ATIVIDADE 10: Televisão - “Cuidado com a Língua!”

Nível: 3.º Ciclo e Secundário (PLM) / B2 e C1-C2 (PLNM)

Domínio de Referência: Oralidade, Escrita e Gramática

Modalidade: Trabalho individual ou de pares

Tempo Médio de Realização: 60 min.

Tarefas/Descritores de Desempenho:



(Imagens de www.google.pt: “Cuidado com a Língua!” e Diogo Infante, ator/apresentador)

1. Ver e ouvir o programa “Cuidado com a Língua!” de “27 Jun 2011”, em <http://www.rtp.pt/play/p43/e50689/cuidado-com-a-lingua> (duração: 00:08:00).
2. Registrar 6 “expressões populares relativas ao peixe” de entre as que são referidas pelo ator Diogo Infante e pela “peixeira”. Apresentar os respetivos significados.
3. De entre as “expressões populares” mencionadas no número anterior, indicar as que são locuções e as que são frases.
4. Selecionar, de entre as locuções, uma “locução comparativa” e redigir uma frase onde se perceba o seu significado idiomático.
5. Num mercado como o do programa visualizado, também se vendem habitualmente “animais” e “frutas e legumes”. Construir um diálogo entre o Diogo Infante e uma vendedora de “animais” ou de “frutas e legumes”, incluindo nele um mínimo de 3 expressões idiomáticas e/ou provérbios pertencentes ao respetivo campo lexical (N.º de palavras: entre 80 e 130).
N.B. “Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando este integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituem (ex.: /2013/)” (<http://www.gave.min-edu.pt>).
6. Apresentar/comentar os resultados da Atividade.
N.B. Em caso de necessidade, consultar um dicionário.

Registos:

Nome(s): _____ Ano e Turma/Nível: _____ Data: __ / __ / ____

MATERIAIS DIDÁTICOS:

COMPETÊNCIA LINGUÍSTICO-FRASEOLÓGICA EM PORTUGUÊS (LM E LNM)

ATIVIDADE 13: Cinema – Aniki Bóbó: “A minha vida dava um filme”

Nível: 2.º e 3.º Ciclo e Secundário (PLM) / B2 e C1-C2 (PLNM)

Domínio de Referência: Oralidade e Escrita

Modalidade: Trabalho individual

Tempo Médio de Realização: 90 min.

Tarefas/Descritores de Desempenho:

1. Ver e ouvir os primeiros 30 minutos do filme *Aniki Bóbó* (1942) de Manoel de Oliveira, em http://www.youtube.com/watch?v=sbrlliU_1mU (duração: 01:13:04).



2. Registrar 3 expressões idiomáticas/frases feitas, e respetivos significados, que ocorrem entre “ter bichos-carpinteiros” (“Parece que tens bichos-carpinteiros” - mãe de Carlitos para o filho, por este ter partido um boneco), no início do filme, e “Aqui há gato!” (lojista para o empregado, depois de se ter apercebido do roubo da boneca).
3. “A minha vida dava um filme”. Partir deste título para narrar um episódio de infância, utilizando expressões idiomáticas e/ou provérbios (N.º de palavras: entre 80 e 130).
N.B. “Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando este integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituem (ex.: /2013/)” (<http://www.gave.min-edu.pt>).
4. Apresentar/comentar os resultados da Atividade.
N.B. Em caso de necessidade, consultar um dicionário.

Registos:

Nome(s): _____ Ano e Turma/Nível: _____ Data: __ / __ / ____

MATERIAIS DIDÁTICOS:

COMPETÊNCIA LINGUÍSTICO-FRASEOLÓGICA EM PORTUGUÊS (LM E LNM)

ATIVIDADE 15: *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente - “Ridendo castigat mores”

Nível: 3.º Ciclo (8.º e 9.º Ano) e Secundário (10.º Ano) (PLM) / B2 e C1-C2 (PLNM)

Domínio de Referência: Oralidade, Escrita, Gramática, Leitura e Educação Literária

Modalidade: Trabalho individual ou de pares

Tempo Médio de Realização: 45 min.

Tarefas/Descritores de Desempenho:

1. Ler atentamente o excerto do *Auto da Barca do Inferno* (1516) de Gil Vicente:

Diabo: Essa dama, é ela vossa?

Frade: Por minha la tenho eu, / e sempre a tive de meu.

Diabo: Fezestes bem, que é fermosa! / E não vos punham lá grossa / no vosso convento santo?

Frade: E eles fazem outro tanto!

Diabo: Que cousa tão preciosa...

(*Auto da Barca do Inferno*, Areal, ed. escolar, 2004, p. 77)

2. Indicar a expressão que significa “censurar, castigar”.

3. Apresentar duas expressões idiomáticas: uma sinónima de “censurar/criticar” e outra antónima.

4. Uma das características da linguagem do Frade são os latinismos. Apresentar 3 expressões ou frases latinas, utilizadas ou não por ele, em uso no Português atual. Indicar os respetivos significados.

5. Apresentar/comentar os resultados dos números anteriores.

6. O clero é uma das classes sociais mais criticadas por Gil Vicente. Referir 3 expressões idiomáticas ou frases feitas relativas ao tema/campo lexical “religião”, apresentando os respetivos significados. Depois, comunicar, por gestos, essas expressões idiomáticas de maneira a que os colegas as consigam descobrir.

N.B. Em caso de necessidade, consultar um dicionário.



(<https://www.google.pt>)

Registos:

Nome(s): _____ Ano e Turma/Nível: _____ Data: __ / __ / ____

MATERIAIS DIDÁTICOS:

COMPETÊNCIA LINGUÍSTICO-FRASEOLÓGICA EM PORTUGUÊS (LM E LNM)

ATIVIDADE 16: Memorial do Convento de José Saramago – “Ler nas entrelinhas”

Nível: Secundário (PLM) / C1-C2 (PLNM)

Domínio de Referência: Oralidade, Escrita, Gramática, Leitura e Educação Literária

Modalidade: Trabalho individual ou de pares

Tempo Médio de Realização: 60 min.

Tarefas/Descritores de Desempenho:



(José Saramago e o *Memorial do Convento*, www.google.pt)

1. Ler atentamente o início do *Memorial do Convento* (1982) de José Saramago:

“D. João, quinto do nome na tabela real, irá esta noite ao quarto de sua mulher, D. Maria Ana Josefa, que chegou há mais de dois anos da Áustria para dar infantes à coroa portuguesa e até hoje ainda não empenhou. Já se murmura na corte, dentro e fora do palácio, que a rainha, provavelmente, tem a madre seca, insinuação muito resguardada de orelha e bocas delatoras e que só entre íntimos se confia. Que caiba a culpa ao rei, nem pensar, primeiro porque a esterilidade não é mal dos homens, das mulheres sim, por isso são repudiadas tantas vezes, e segundo, material prova, se necessária ela fosse, porque abundam no reino bastardos da real semente e ainda agora a procissão vai na praça”.

2. Indicar 2 locuções de valor idiomático - 1 verbal e 1 interjetiva – e respetivos significados.

3. Apresentar a expressão popular que está na origem da estrutura “ainda agora a procissão vai na praça” e explicar a intenção “subversiva” do Autor.

4. O excerto textual remete para as relações entre homem e mulher e, especificamente, para a sexualidade.

4.1. Apresentar 1 expressão idiomática e 1 provérbio em que pelo menos um dos constituintes seja hipónimo de “ser humano”. Explicar o sentido da expressão idiomática e do provérbio.

4.2. Referir 3 expressões idiomáticas ou provérbios pertencentes ao campo lexical da “sexualidade”, indicando os respetivos significados.

5. Modificar uma das expressões idiomáticas ou provérbios indicados em 4.1. ou 4.2. e justificar as alterações introduzidas.

6. Comentar a frase “As expressões idiomáticas e os provérbios são a poesia do povo” (N.º palavras: de 80 a 130).

N.B. “Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando este integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituem (ex.: /2013/)” (<http://www.gave.min-edu.pt>).

7. Apresentar/comentar os resultados da Atividade.

N.B. Em caso de necessidade, consultar um dicionário.

Registos:

| |
|---|
| Nome: _____ Ano e Turma/Nível: _____ Data: ____ / ____ / ____ |
| _____ |
| _____ |
| _____ |

MATERIAIS DIDÁTICOS:**COMPETÊNCIA LINGUÍSTICO-FRASEOLÓGICA EM PORTUGUÊS (LM E LNM)****Soluções****ATIVIDADE 01: “Quem conta um conto acrescenta um ponto”?**

Texto

Um suíço estava a **dar um passeio** em Portugal. **De repente**, para o carro junto de dois alentejanos, **amigos do peito**, e pergunta em alemão se eles falam alemão.

Os dois homens, **nem sim nem sopas**.

O suíço **volta à carga** e pergunta em francês se eles falam francês.

Os dois continuam a olhar para ele, **impávidos e serenos**.

Fazendo das tripas coração, o suíço pergunta em italiano se sabem falar italiano.

E os alentejanos a **fazerem-se de Inês**.

Vendo-se **em palpos de aranha**, o suíço experimenta perguntar em espanhol se eles sabem falar espanhol.

E eles nada, **nem chus nem bus**.

Por último, pergunta em inglês.

Mas os alentejanos continuam a **não dar cavaco**.

Então o suíço desiste e **dá de frosques**.

Vira-se um dos alentejanos para o outro:

- Ó compadre, aquilo que ele disse p'ra mim **foi chinês**. Olhe que **valia a pena** aprender uma **língua estrangeira!**

Responde o segundo:

- **Qual** língua estrangeira, **qual carapuça!** Aquele **fala-barato** sabia cinco e **ficou a ver navios!** Além disso, **quem muito fala pouco acerta!**

(Adaptado. Em <http://anedotas.numsitejeito.com/>. Consulta: junho/2013)

6. Proposta: (01) “dar um passeio” – passear; (02) “De repente” – repentinamente; (03) “amigos do peito” – grandes amigos; (04) “nem sim nem sopas” – não dizem nada; (05) “volta à carga” – tenta de novo; (06) “impávidos e serenos” – calmamente/descomprometidamente; (07) “Fazendo das tripas coração” – com grande sacrifício; (08) “fazerem-se de Inês” – fazerem-se de desentendidos; (09) “em palpos de aranha” – em grandes dificuldades; (10) “nem chus nem bus” – nem uma nem duas/sem reação; (11) “Por último” – finalmente; (12) “não dar cavaco” – não dar importância/não reagir; (13) “dá de frosques” – vai-se embora apressadamente; (14) “foi chinês” – foi incompreensível; (15) “valia a pena” – era vantajoso; (16) “língua estrangeira” – língua não materna; (17) “qual (língua estrangeira) qual carapuça!” – que disparate!; (18) “fala-barato” – pessoa que fala muito; (19) “ficou a ver navios” – não conseguiu o que queria; (20) “quem muito fala pouco acerta” – quem fala demais comete muitos erros.

ATIVIDADE 02: “Trocar por miúdos”

2. Proposta: Imagem 1 - “com a faca e o queijo na mão”; Imagem 2 - “meter os pés pelas mãos”; Imagem 3 – “chorar sobre o leite derramado”; Imagem 4 - “encher chouriças” (ou “chouriços”).

ATIVIDADE 03: “Saber a letra”

01. “meter o nariz”: b) dizer ou fazer coisas sem autorização.

02. “dar à língua”: a) falar muito.

03. “dar os primeiros passos”: a) começar.

04. “nas bocas do mundo”: c) falado por todos.

05. “escolhida a dedo”: a) escolhida com muito cuidado.

06. “não partia um prato”: b) não incomodava ninguém.

07. “passar a mão pelo pêlo”: c) elogiar.

08. “está nas suas sete quintas”: b) está muito contente.

09. “deu cartas”: a) mostrou qualidades.

10. “está-se nas tintas”: a) não dá importância.

ATIVIDADE 04: Humor - “Aqui há gato!”

2. “fazem trinta por uma linha”, *fazem imensos disparates* (Dicionário *Academia*).

3. Proposta: (1) “nem oito nem oitenta”, *nem demais nem de menos*; (2) “fugir a sete pés”, *fugir velozmente*; (3) “três gatos pingados”, *número reduzido de pessoas, geralmente sem valor*.

5. Proposta: “falar com os seus botões”, *pensar, meditar* (Outras: “falar para o boneco”, *falar sem que ninguém dê atenção ao que se diz*; “falar grosso” e “falar com sete pedras na mão”, *falar de forma agressiva*, etc.

ATIVIDADE 05: Cartoon – “Uma no cravo e outra na ferradura”

2. “cair nos braços” (de alguém) - *apaixonar-se, ficar sob o domínio de alguém*; “mais tarde ou mais cedo” - *inevitavelmente, embora em tempo indeterminado*; “ainda por cima” - *para mais, além disso*; “a descer todos os santos ajudam” - *a descer tudo se torna mais fácil*.

ATIVIDADE 06: Publicidade – “Vender gato por lebre”?

2. A frase original é “O seu a seu dono”, isto é, *cada um deve ter/receber apenas aquilo que lhe pertence*. Em “O céu a seu dono” faz-se crer que a pessoa que compra o carro passa a ser também dono do céu. Esta ideia é reforçada pelo facto de o carro ter teto de abrir, pondo o dono mais próximo do céu.

3.1. “céu” – nome (comum); “seu” – determinante (possessivo).

3.2. Palavras parónimas (palavras com grafia e fonia próximas).

ATIVIDADE 07: Publicidade - “Ter [quase] tudo como na farmácia”

2. Proposta: “dor de cotovelo”, *sentimento de inveja ou de ciúme*; “dor de corno”, *ressentimento de quem foi enganado pela pessoa com quem mantinha uma relação íntima*; “[não ter] papas na língua”, *dizer o que pensa sem receia*; “nariz empinado”, *orgulhosa*; “unhas de fome”, *avarenta*; “orelhas moucas”, *fingir que não se ouve*; “pé de chumbo”, *pessoa pesada, sem jeito para dançar*.

ATIVIDADE 08: Texto Expositivo-Argumentativo - “Uma imagem vale por mil palavras”?

2. Proposta: “Dê o *pontapé de saída* na ajuda ao povo da Guiné-Bissau” ou “Não *chute para fora*. Ajude o povo da Guiné-Bissau”...

ATIVIDADE 09: Rádio - “Lugares Comuns”

1. Proposta: “Ver Braga por um canudo” significa “não conseguir alcançar o que se deseja”. Apesar de muito usada, são escassas as informações sobre a origem desta frase. De qualquer modo, segundo o *site “Ciberdúvidas da Língua Portuguesa”*, ela parece estar relacionada com a existência de um telescópio ou “canudo” que existiu no alto do monte do Bom-Jesus e através do qual se podia avistar a cidade. Ora, sendo Braga uma cidade importante, à qual muita gente desejava pertencer ou visitar, ela surge como algo apetecível, mas de difícil acesso porque só se vê ao longe, pelo “canudo”. “Ver Braga por um canudo” significa, portanto, “não conseguir alcançar o que se deseja”.

ATIVIDADE 10: Televisão - “Cuidado com a Língua!”

2. Proposta: (1) “armar-se em carapau de corrida”, *julgar-se muito esperta*; (2) “arrotar postas de pescada”, *gabar-se*; (3) “pescadinha de rabo na boca”, *algo que se repete, muitas vezes sem solução*; (4) “[ter] sangue na guelra”, *ser impetuoso, vivo*; (5) “como peixe na água”, *perfeitamente à vontade*; (6) “Filho de peixe sabe nadar”, *diz-se de pessoa que segue as pisadas do seu pai na área artística, profissional..., revelando capacidades como ele*.

3. Locuções: “armar-se em carapau de corrida”, “arrotar postas de pescada”, “pescadinha de rabo na boca”, “sangue na guelra”, “como peixe na água”. Frases: “Filho de peixe sabe nadar”.

4. Locução comparativa: “como peixe na água”. Proposta de frase: “Como vivi muitos anos em Paris, nas aulas de Francês sinto-me *como peixe na água*”.

ATIVIDADE 11: Internet - “Quem pergunta quer saber”

1. Proposta: A expressão idiomática é, segundo António Santos (*Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*), uma “forma ou expressão própria de uma língua, impossível de traduzir literalmente noutra de estrutura análoga”, por funcionar como um todo com sentido figurado. Por isso, é difícil explicar a um estrangeiro expressões idiomáticas como “descalçar esta bota” (resolver este problema). As expressões populares, tal como o nome indica, têm origem no povo e exprimem a sua forma de vida e a sua sabedoria. A expressão “lamber os beiços” (saborear) e o provérbio “Em casa de ferreiro, espeto de pau” são exemplos de expressões populares.

ATIVIDADE 12: Adolescência e juventude - “Socorro, estou entre a espada e a parede!”

2. Proposta: locução nominal – “frio de rachar” (*frio muito intenso*); locução verbal – “estou entre a espada e a parede” (*estou numa situação muito difícil*).

ATIVIDADE 13: Cinema – Aniki Bóóbó: “A minha vida dava um filme”

2. Proposta: (1) “meter o bico onde não se é chamado”, *ser curioso, intrrometer-se* (“E que tens tu que meter o bico onde não és chamado?” - Eduardo para Carlitos por este ter socorrido Batatinhas); (2) “meter-se na vida de alguém”,

intrrometer-se, interferir abusivamente (“Não te admito que te metas na minha vida!” - Eduardo para Carlitos por este ter socorrido Batatinhas); (3) “cara de enterro”, *cara muito triste, grande desalento* (“Que cara de enterro! Que foi? É por causa da boneca? Compra-a!” - Batatinhas para Carlitos).

ATIVIDADE 14: “Traduzir é... uma aventura”

2. Locuções: “cair em si” (tomar consciência da realidade), “loucos de alegria” (muito alegres) e “enfiar o barrete” (enganar). Frases: “Qual barrete qual carapuça!” (“Mentira?! Que disparate!”) e “Essa é que é essa!” (“É assim mesmo”, “É mesmo verdade”).

3. Locuções verbais: “cair em si” e “enfiar o barrete”; locução adjetiva: “loucos de alegria”.

4. Proposta: As pessoas da escola exclamaram que eles queriam **enfiar-lhes o barrete**. O Chico ripostou, afirmando **“Qual barrete qual carapuça!”**. Assegurou que ia viajar e exclamou **“Essa é que é essa!”**. Disse também que ia voar, que já estava a voar.

As expressões e frases destacadas não puderam sofrer qualquer alteração na passagem do discurso direto para o indireto (porque funcionam como um todo).

5. Tradução de acordo com <http://translate.google.pt> (Tradução literal): “cair em si” - “venez autour” (francês) e “come around” (inglês) / “enfiar o barrete” - “tenez la barrete” (francês) e “stick the biretta” (inglês).

ATIVIDADE 15: Auto da Barca do Inferno de Gil Vicente - “Ridendo castigat mores”

2. “pôr grossa” (“punham grossa”).

3. Proposta: sinónimo – “cortar na casaca” (ou “aquecer o motor”); antónimo – “passar a mão pelo pelo” (ou “dar palmadinhas nas costas”).

4. Proposta: “de lana caprina” (sem valor), “carpe diem” (aproveita o dia), “sine die” (sem dia; sem prazo).

6. “não saber a missa a metade” (conhecer poucos factos; não conhecer a verdade), “comer como um abade” (comer muito), “ser mais papista do que o papa” (ser demasiadamente exigente/radical).

ATIVIDADE 16: Memorial do Convento de José Saramago – “Ler nas entrelinhas”

2. Locução verbal: “ter a madre seca”, ser infértil. Locução interjetiva: “nem pensar”, impossível.

3. A expressão “ainda a procissão vai no adro” ou “a procissão ainda vai no adro” significa que a situação ainda está no início. Ao substituir a palavra “adro” por “praça”, Saramago confere à frase popular uma amplitude e uma dignidade mais condizentes com a figura real de D. João V.

4.1. Expressão idiomática: “mulher de pelo na venta”, mulher valente, máscula. Provérbio: “Entre marido e mulher ninguém meta a colher”, isto é, os assuntos de um casal só a este dizem respeito.

4.2. Campo lexical da “sexualidade”: “fazer marmelada”, trocar carícias, namoriscar; “mijar fora do penico”, ser infiel; “perder os três”, perder a virgindade.

ATIVIDADE 17: Internet - “Vai chatear o Camões!”

2. Proposta: **Angola | Expressões e Provérbios** - O provérbio “Sou pessoa má por fora; lá por dentro tenho sangue vermelho” significa que “Não devemos julgar as pessoas apenas pelo comportamento”.

ATIVIDADE 18: Emigração - “Longe da vista longe do coração”?

3. Proposta: “de Espanha nem bom vento nem bom casamento” (de Espanha só podemos esperar malefícios), “à grande e à francesa” (de forma abundante e requintada), “para inglês ver” (fazer algo apenas por causa das aparências), “ver-se grego” (ver-se em grandes dificuldades), “negócio da China” (negócio que dá muito lucro)...

ATIVIDADE 19: Portugal - “Amor a Portugal: Prós e Contras”

3. “Religião”: “fugir como o diabo da cruz” (fugir velozmente e apavorado); “Desporto”: “pontapé de saída” (início de uma ação); “Música”: “cantar um fadinho” (aliciar, seduzir).

ATIVIDADE 20: Turismo - “Muito mais é o que nos une / Que aquilo que nos separa”

1.1. Principais qualidades de Portugal/dos Portugueses apontadas pelos estrangeiros: recursos naturais (praia, campo, condições climáticas...), estruturas de qualidade (hotéis, campos de golfe...) e muita simpatia e hospitalidade.

1.2. Proposta: A afirmação “Põe quanto és / No mínimo que fazes” [Texto integral: “Para ser grande, sê inteiro: nada / Teu exagera ou exclui. / Sê todo em cada coisa. Põe quanto és / No mínimo que fazes. / Assim em cada lago a lua toda/Brilha, porque alta vive.”] é um apelo a todos os portugueses para que ofereçam turismo de grande qualidade, sendo exigentes até nos pequenos detalhes.

ANEXO 7

BADAF- PE

(Base de Dados Fraseológica do Português Europeu)

Considerações Gerais

a) A BADAF-PE é uma base de dados do português europeu atual, constituída por unidades fraseológicas (UF), isto é, colocações (e. g., **impávido e sereno**), locuções (e. g., **à medida que; fazer trinta por uma linha**) e enunciados fraseológicos (e. g., **Quem tudo quer tudo perde**). Devido aos objetivos da nossa investigação, predominam, nesta base de dados, as locuções idiomáticas ou expressões idiomáticas (EI) (e. g., **fazer trinta por uma linha**). Os empréstimos (latinismos, galicismos, anglicismos, castelhanismos...) surgem integrados na BADAF-PE, e não em secção à parte, uma vez que o utilizador, sobretudo de português língua não materna (PLNM), pode não saber que determinada UF não é portuguesa. À frente do referido empréstimo, indica-se a origem (e. g., **a priori**, lat.).

b) As UF que constituem a BADAF-PE foram recolhidas de diversas fontes, quanto ao suporte (revistas, jornais, rádio, televisão, internet...) e quanto à tipologia textual (textos orais e escritos, espontâneos ou não espontâneos, literários ou não literários, publicitários, cinematográficos, musicados, *cartoons*...).

c) As UF apresentam-se ordenadas alfabeticamente, de acordo com o primeiro constituinte (vd. Corpas Pastor, 2006: 313), e, no caso das formas flexionadas, no singular masculino (e. g., **levado da breca**) e no infinitivo (e. g., **ter as costas largas**).

d) Para cada UF apresenta-se, sempre que possível, o número de resultados/ocorrências e a data da consulta, com base na pesquisa efetuada em <http://www.google.pt>. Apresenta-se ainda o(s) significado(s) e, em muitos casos, remissões para unidades sinónimas e/ou antónimas. Todas as UF surgem integradas em enunciados (identificados através da fonte e data), para melhor se compreender o seu significado e eventuais traços sociolinguísticos e pragmáticos. Optámos por indicar o número de ocorrências (em <http://www.google.pt>) porque nos parece um indicador importante da frequência e atualidade das UF. No entanto, é necessário não esquecer que o seu valor é relativo, já que depende de fatores como a data em que é feita a pesquisa e a forma introduzida. Por exemplo, no caso de as formas serem acentuadas, como “às três pancadas” (atabalhoadamente), o motor de busca inclui nos resultados as formas não

acentuadas (“as três pancadas”). Um outro exemplo a ter em conta é o das locuções verbais: ao entrarmos com a forma no infinitivo (e. g., “apertar o cinto”), o número de ocorrências obtido não contempla as formas flexionadas (e. g., “apertei o cinto”, “apertam o cinto”, etc.). Não esquecer ainda que, em exemplos como “apertar o cinto”, o número de ocorrências abarca todos os casos, estejam eles no sentido literal (apertar o cinto) ou figurado (fazer um sacrifício; poupar). Finalmente, alertamos para a possibilidade de uma mesma UF poder ocorrer mais de uma vez.

e) Determinar o número de constituintes de uma UF é uma tarefa difícil de resolver. Por exemplo, **ter dor de cotovelo** ou simplesmente **dor de cotovelo**? Apesar de o verbo conservar o seu sentido literal, a verdade é que é com o verbo “ter” que a parte (mais) idiomática “dor de cotovelo” geralmente ocorre (ter dor de cotovelo = ter inveja). Nestes casos, incluímos todos os constituintes.

f) Procura-se apresentar as variantes de uma UF sempre que sejam conhecidas (e. g., **achar/encontrar uma agulha no palheiro; dar uma mão/mãozinha**).

g) Símbolos e abreviaturas:

aprox. = aproximadamente

c. de = cerca de

CM = *Correio da Manhã* (jornal)

DM = *Diário do Minho* (jornal)

DN = *Diário de Notícias* (jornal)

fra. = francês

ing. = inglês

JL = *Jornal de Letras, Artes e Ideias*

JN = *Jornal de Notícias*

lat. = latim/latinismo

N. B. = **Nota Bene**, fórmula usada para chamar a atenção para um aspeto importante ou complementar de uma afirmação anterior

UM = Universidade do Minho

vd. = vide

1. BADAPE: Jornais (Amostra de A a C)

- a ajudar à missa** (c. de 11 000 resultados, 08/01/14), contribuir geralmente de forma negativa; deitar/lançar lenha para a fogueira: “Todo este escândalo [abusos sexuais de milhares de crianças por membros da Igreja Católica na Irlanda] tem abalado substancialmente os alicerces da Igreja Católica neste país, tradicionalmente devoto, mas agora a braços com uma crescente crise de vocações e de afluência às celebrações religiosas. A ajudar à missa, a hierarquia eclesiástica tem dificuldade em lidar com o problema” (JN, 22/05/09, 30).
- à beira de um ataque de nervos** (c. de 1 180 000 resultados, 08/01/14), impaciente; prestes a reagir com violência: “O Ministério da Educação, de Nuno Crato, dá ordens contraditórias para a preparação do novo ano lectivo. Os directores das escolas estão à beira de um ataque de nervos e apontam o dedo à 5 de Outubro” (*Jornal i*, 01/08/11, 1.ª p.); “Irão põe o mundo à beira de um ataque de nervos / Israel, tal como os EUA, diz-se pronto para, a todo o momento, cortar o mal pela raiz” (JN, 11/07/08, 36, título/subtítulo).
- à beira do abismo** (c. de 2 260 000 resultados, 08/01/14), perto da destruição; numa situação extremamente complicada: “Transportes “à beira do abismo” / O presidente da Carris, José Silva Rodrigues, diz que o sector dos transportes está “à beira do abismo”. “Há má gestão nalguns casos” [diz ele]” (*Expresso*, 30/04/11, 1.ª p.).
- a braços com** (c. de 1 130 000 resultados, 08/01/14), confrontado com; com dificuldades: “Amy Winehouse sai de cena / De acordo com o pai da cantora, Amy, a braços com sérios problemas de saúde provocados pelo consumo de drogas e álcool [...]” (JN, 18/08/08, 7, título/texto); “Fundação [Eugénio de Andrade] com fim à vista / Instituição com o nome de Eugénio de Andrade a braços com questões jurídicas e financeiras” (JN, 16/01/10, 46, título/subtítulo).
- à cabeça** (c. de 430 000 resultados, 11/03/14), à frente; em posição de destaque: “Exposição. X PortoCartoon – World Festival / Tibete à cabeça de uma edição dedicada aos direitos humanos” (DN, 19/06/08, 69, antetítulo/título).
- a César o que é de César, a Deus o que é de Deus** (c. de 31 400 resultados, 11/03/14), cada um deve ficar apenas com aquilo que lhe pertence; o seu a seu dono: “www.publico.pt/.../o-discurso-do-metodo-do-papa-francisco-1615420 / 08/12/2013 - ... um exercício do meu ministério que o torne mais fiel ao significado que Jesus Cristo A César o que é de César, a Deus o que é de Deus”.
- a contra gosto/contra-gosto/contragosto** (“a contra gosto”, c. de 599 000 resultados; “a contra-gosto”, c. de 241 000 resultados, 08/01/14), de forma contrariada; de má vontade; contra a vontade: “Avaliação cumprida a contra-gosto e com poucas consequências positivas / Conclusões do relatório do Conselho Científico para a Avaliação de Professores apontam várias deficiências na aplicação. Ler mais: <http://expresso.sapo.pt/avaliacao-cumprida-a-contra-gosto-e-com-poucas-consequencias-positivas=f521789#ixzz2pzbGMUgv>”.
- a curto prazo** (c. de 35 100 000 resultados, 09/01/14), nos dias imediatamente a seguir; brevemente: “O socialista António Vitorino considerou “irrealista” a entrada da Turquia na União Europeia a curto prazo, adiantado que tal não deve ocorrer antes de 10 a 15 anos.” (*Pública*, 13/05/09, 5).
- a custo zero** (c. de 4 730 resultados, 09/01/14), sem qualquer custo; gratuitamente: ““Muralha” Douglas pode vir a custo zero / Em fim de contrato com o Santos, o guarda-redes brasileiro, de 27 anos, conhecido como “a muralha”, está em conversações adiantadas para reforçar as opções do Vitória na baliza” (*O Jogo*, 10/12/10, 20, título, frase destacada).
- à deriva** (c. de 1 510 000 resultados, 09/01/14), sem rumo; de forma des governada; à sorte; ao deus dará: “Turismo no Douro à deriva / Luta pela liderança da comissão instaladora do Pólo Turístico do Douro levou a que a região perdesse meio milhão de euros de apoios comunitários” (*Sol – Confidencial*, 04/10/08, 11, título/subtítulo).
- a dois tempos** (c. de 699 000 resultados, 09/01/14), de forma irregular/desigual; a duas velocidades: “Portugal tem sido um país a dois tempos / [...] Nas mais diversas áreas, Portugal não teve uma evolução linear e unidireccional. Tem sido um país a dois tempos, com áreas que são exemplos mais bem sucedidos; e outros menos bem sucedidos” (http://economico.sapo.pt/noticias/portugal-tem-sido-um-pais-a-dois-tempos_149701.html, 09/01/14, título/texto).
- a duas velocidades** (c. de 278 000 resultados, 09/01/14), de forma desigual; com desenvolvimentos diferenciados: “É preferível uma Europa a duas velocidades do que definir com o peso morto de alguns” (JN, 17/06/08, 11, Bruno Proença, *Diário Económico*).
- a duas vozes** (c. de 498 000 resultados, 11/01/14), de forma não consensual; com opiniões diferentes: “Governo a duas vozes / Primeiro-ministro não cede nas obras públicas e dá ordens para avançar. Ministro das Finanças já recomenda cautelas desde Março” (*Sol*, 07/05/10, 1.ª pág., título/frases destacadas).
- à espreita** (c. de 398 000 resultados, 11/01/14), à espera de uma oportunidade: “Vitória do PSD não atira José Sócrates ao tapete / Eis uma vitória que causa amargos de boca ao PSD. Conserva o maior número de câmaras, mas os socialistas, com mais votos, recuperam muitas posições. E a margem de manobra de Ferreira Leite, com

- Menezes à espreita, é reduzida” (http://jn.sapo.pt/eleicoes/autarquicas2009/Interior.aspx?content_id=1387566, 12/10/09, 04h47m, título/texto); “Prova dos nove / Benfica e Braga correm pelo título nacional, com o tetra campeão F.C.Porto à espreita” (JN, 02/03/10, 33, título/subtítulo).
- a feijões** (c. de 25 100 resultados, 11/01/14), sem importância: “O jogo com a China pode ser a feijões mas para o avançado português [Cristiano Ronaldo] isso parece não fazer grande diferença. O que interessa é ganhar e, com a vitória, ganhar motivação para o Mundial da África do Sul.” (JN, 02/03/10, 6). Frase frequente: “Não gostar de perder nem a feijões!”, isto é, não gostar de perder nunca.
- a fio** (c. de 460 000 resultados, 11/01/14), de forma continuada; durante muito tempo: “vai uma pessoa trabalhar para o estrangeiro para conseguir uma vida melhor e, talvez, depois de anos a fio a poupar, comprar uma casita na terra. É o que acontece com muitos emigrantes portugueses ... Mas essa boa vontade de investir em Portugal parece estar com os dias contados. Tudo por culpa da burocracia” (Ana Meireles, *24horas*, 12/08/08, 2). Expressão frequente: “anos/horas/dias a fio”.
- a frio** (c. de 377 000 resultados, 11/01/14), inesperado; sem preparação; doloroso: “FC Porto. Golo a frio aos quatro minutos deixa tudo em aberto” [Schalke 04 1 – FC Porto 0] (JN, 20/02/08, 1ª p., título).
- à grande e à francesa** (c. de 176 000 resultados, 11/01/14), com luxo e ostentação: “*Sócrates em Paris: À grande e à francesa*’ / Sócrates gasta 15 mil euros/mês em Paris. O ex-primeiro-ministro que anunciou aos portugueses as medidas de austeridade que afectam hoje tanto as famílias como todos os sectores económicos nacionais, vive na capital francesa, num apartamento de luxo com renda mensal de sete mil euros” (<http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/nacional/vox-pop/socrates-em-paris-a-grande-e-a-francesa>. Título/texto). É frequente a supressão da segunda parte da expressão: “É tudo à grande ... até os custos” [a propósito de um desfile na Avenida da Liberdade em Lisboa para comemorar o 15º Aniversário da SIC], *24 horas*, data?, 38, título).
- a granel** (c. de 1 840 000 resultados, 11/01/14), abundante; em grandes quantidades; a dar com um pau; como milho; a rodos: “Folia a granel e festa garantida nos dois espectáculos de Kusturica & No Smoking Orchestra” (JN, 25/01/2008, 57).
- a horas** (c. de 506 000 resultados, 11/01/14), atempadamente; sem atraso: “Comer a horas ajuda a emagrecer – JN / www.jn.pt/Paginalnicial/Sociedade/Saude/Interior.aspx?content_id... / “Não é só o que comemos, mas também quando comemos.” Um estudo espanhol verificou que o organismo do corpo humano, tal como o dos animais, ...” (título/texto).
- à justa** (c. de 100 000 resultados, 11/01/14), pela margem mínima; sem folga: “*www.aa.pt* › Arquivo › Notícias / 26/11/2013 - Lei das 40 horas aprovada à justa > DN. O Tribunal Constitucional (TC) aprovou ontem o aumento do período normal de trabalho na função ...”.
- à liça** (c. de 40 000 resultados, 12/01/14), ao assunto; ao debate: “As pertinentes críticas de José Saramago ao texto bíblico [a propósito do livro *Caim*] (...) trouxeram à liça o padre Marujão que, sem contestar Saramago, acusa-o de falta de humildade?” (Telmo Vieira, telmovieira@netvisao.pt, JN, 25/10/09, 26); “o livro “Afonso Henriques: um Rei Polémico”, do investigador Barroso da Fonte - a apresentar sexta-feira, em Guimarães - poderá ser “um contributo interessante para fazer os historiadores virem à liça debater o assunto” [O local de nascimento do primeiro rei português: Guimarães ou Viseu?]. (<http://aeiou.expresso.pt/d-afonso-henriques-viseu-chama-lhe-seu=f521397>).
- à lupa** (c. de 137 000 resultados, 12/01/14), minuciosamente; com muita atenção: “Desastre da A23 [“no qual morreram 17 pessoas, em Novembro do ano passado] visto à lupa” (*Expresso*, 04/10/08, 22, título).
- à mão armada**: (c. de 3 460 000 resultados, 12/01/14), com arma de mão, geralmente pistola: “Esposende / Simulam acidente para roubar Mercedes à mão armada” (JN, 31/07/08, 18, título). Expressão frequente: “assalto à mão armada”.
- à margem** (c. de 626 000 resultados, 12/01/14), de modo não previsto; de modo por vezes ilícito; “Obama à margem / À MARGEM da cimeira da NATO, Barack Obama [Presidente dos EUA] reúne hoje com o Presidente da República [Portuguesa, Cavaco Silva] e com o primeiro-ministro [português, José Sócrates]. No encontro no Palácio de Belém, logo de manhã, vão estar em cima da mesa as relações entre a Europa e os EUA, a CPLP, a NATO [...]” (*Soi*, 19/11/10, 27, título/texto).
- à medida** (de alguém) (c. de 6 840 000 resultados, 12/01/14), à maneira (de alguém); a pensar em determinada pessoa: “Diploma à medida de João Cordeiro [líder da Associação Nacional de Farmácias] / Governo avança com lei para liberalizar margens de lucro da venda de remédios” (*Expresso*, 16/05/09, 17, título/frase destacada).
- a meio gás** (c. de 757 000 resultados, 13/01/14), de forma incompleta; com limitações: “Centro de Saúde Braga II, em Maximinos, esteve a funcionar a “meio gás” [por causa da Greve Geral]” (*Correio do Minho*, 25/11/10, 3, frase destacada); “Pirotecnia Minhota a meio gás para tantas romarias” (JN, 09/08/08, 19, título).

- a meus/teus/seus... pés** (“a meus pés”, c. de 658 000 resultados; “a teus pés”, c. de 5 040 000 resultados; “a seus pés”, c. de 5 860 000 resultados; 13/01/14), vencido por mim/ti/si...; à minha/tua/sua... mercê: “O País a seus pés [da selecção portuguesa de futebol que prepara o Euro 2008]” (JN, 02/06/08, 1ª p., título).
- a montanha pariu um rato** (c. de 197 000 resultados, 13/01/14), frustração relativamente a grandes expectativas que não se confirmam; resultado insignificante: “www.jn.pt/PaginaInicial/Politica/Interior.aspx?content_id=2791108 / O PS considerou esta terça-feira que “a montanha pariu um rato” no objetivo do Governo de cortar despesas com fundações e exigiu que sejam enviados para ...”.
- a monte** (c. de 2 740 000 resultados, 13/01/14), foragido: “Continuam a monte os três suspeitos da morte de motorista de táxi em Rio Tinto” (JN, 29/07/08, 1, título).
- a olhos vistos** (c. de 1 730 000 resultados, 13/01/14), de forma bem visível; sem qualquer dúvida: “A instantaneidade, a facilidade e a gratuidade são três dos principais trunfos desta ferramenta [o Windows Live Messenger] que tem evoluído a olhos vistos desde a sua criação.” (JN: *Negócios*, 15/11/2008, 15).
- à paisana** (c. de 417 000 resultados, 13/01/14), sem farda; em traje civil; vestido como um cidadão comum: “www.cmjornal.xl.pt/.../psp-investiga-detencao-feita-por-agentes-a-paisana... / A PSP tem em curso um processo de averiguação a uma detenção feita por agentes à paisana na quinta-feira, perto da Assembleia da República, onde...”.
- a pão e água** (c. de 400 000 resultados, 13/01/14), limitado ao mínimo de condições de sobrevivência; de forma frugal: “Ninguém congela pensões de 200 euros e põe um país a pão e água por razão de precaução” (Pedro Passos Coelho, líder do PSD, referindo-se às políticas de austeridade do Governo de José Sócrates, *Diário Económico*, 16/03/11, 1ª p., frase destacada).
- à perna** (c. de 81 500 resultados, 14/01/14), muito próximo: “Licha com Linz à perna / Goleador argentino do F.C. Porto só tem mais um tento que o austríaco do Braga” (JN, 2/2/08, 51, título/texto).
- a peso de ouro** (c. de 1 570 000 resultados, 14/01/14), muito caro; a um preço muito alto: “Lampreia está a ser vendida ao desbarato / [...] Alguns [pescadores] não calam a revolta por ver o ciclóstomo outrora pago a peso de ouro despachado a 20 euros.” (JN, 15/01/09, 15, título/frase destacada).
- à pinha** (c. de 22 100 resultados, 14/01/14), muito cheio; a abarrotar; sobrelotado: “Foi ele que ‘salvou’ [Cristiano] Ronaldo [atual jogador do Real Madrid] de mezinha que lhe fizeram em Espanha / Sala da Escola de Enfermagem esteve à pinha para ouvir palestra de curandeiro de Fafe” (JN, 05/11/11, 1.ª p.).
- a pique** (c. de 371 000 resultados, 14/01/14), aceleradamente; de forma acentuada: “Sondagem Universidade Católica/JN/RTP/Antena 1 / PSD cai a pique. PS resiste à crise” (JN, 1ª p., subtítulo/título).
- à porta fechada** (c. de 2 830 000 resultados, 14/01/14), inacessível ao público/à comunicação social; privado: “Numa reunião à porta fechada com todos os directores de hospitais e centros de saúde do país, esta quarta-feira, Passos Coelho [primeiro-ministro de Portugal] fez um aviso sério: as medidas e cortes impostos pela *troika* são para cumprir” (*Sol*, 20/01/12, 12).
- a postos** (c. de 1 550 000 resultados, 14/01/14), pronto/preparado (para começar): “Cavaco [Silva, Presidente da República,] pronto há um mês [para anunciar recandidatura] / Estrutura de campanha está a postos e os responsáveis escolhidos.” (*Sol*, 22/10/10, 13, título/frase destacada).
- à primeira vista** (c. de 323 000 resultados, 14/01/14), num primeiro momento; sem grandes rigores; *a priori* (lat.): “José, um herói português no maior túnel do mundo [na Suíça] / [...] [A mulher, Maria Fernanda] nunca imaginou que o homem por quem se apaixonou à primeira vista, ao balcão da taberna dos pais, pudesse vir a ser um espécie de herói europeu.” (*Expresso-Primeiro Caderno*, 23/10/10, 20, título/texto).
- à queima-roupa** (c. de 552 000 resultados, 14/01/14), diretamente; muito próximo; cara a cara; corpo a corpo: “Jordan Brown vai ser julgado como adulto num tribunal da Pennsylvania, EUA. O rapaz, de 12 anos, é acusado de assassinar a madrasta, grávida de nove meses, à queima-roupa enquanto ele [sic] dormia.” (JN, 31/03/10, 4).
- à rasca** (c. de 222 000 resultados, 14/01/14), aflito; com grandes dificuldades; com a corda na garganta: “À rasca, estamos todos / Com excepção de certos privilegiados, à rasca estamos todos. Estão os jovens sem emprego, com estudos ou sem estudos. Estão jovens com pais desempregados. Estão pais que até então, embora com ordenados baixos, faziam das tripas coração para garantir aos filhos algum futuro...” (Paquete de Oliveira, sociólogo e professor, JN, 10/03/11, 13, título/texto); “Gerações à rasca / Os jovens de 30 anos estão à rasca? Então e os de 40 que trabalham pelo salário mínimo? E os de 45 desempregados? E os de 70 com as suas pensões de miséria?” (Rafael Barbosa, chefe de Redacção, JN, 07/03/11, 7, título/frases destacadas); “Quando a sra [Manuela Ferreira Leite, líder do PSD e candidata a primeira-ministra] foi min. da educação tínhamos uma geração rasca. Quando a sra for 1ª ministra vamos ter uma geração à rasca.” (02/07/09, <http://aeiou.expresso.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=ex.stories/524036>); “Mas, se a crise é a razão de preocupação quotidiana entre os lojistas de Fátima, parece ser naquela palavra que radica a sua esperança quanto ao futuro do negócio: “quando as pessoas se vêem à rasca, agarram-se mais à fé e isso pode fazer com

que venham mais e, mesmo comprando menos, sempre vão levando alguma coisa", admitem alguns."; (<http://aeiou.expresso.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=ex.stories/423021>, 12/08/08); "Utilizando linguagem de rua, o pessoal está todo "à rasca"! Os desempregados já atingiram os 600 mil e há previsões que dentro de algum tempo atingirão 700 mil!" (<http://aeiou.expresso.pt/imprensa-economica-sobreendividamento-das-familias-atinge-recorde=f539933>, 07/10/09). Expressões frequentes: "estar à rasca" (c. de 60 900 resultados) e "geração à rasca" (c. de 1 490 000 resultados).

a rebarbar pelas costuras (c. de 187 000 resultados, 14/01/14), completamente cheio; sobrelotado; a abarrotar: "[Na Geórgia, devido aos confrontos entre a Geórgia e a Rússia] "Os hospitais estão a rebarbar pelas costuras" (TSF-Notícias, 09/08/08); "[Festival] Marés vivas a rebarbar pelas costuras arranca hoje com os GNR [grupo musical português]" (JN, 15/07/10, 1.ª p.).

a reboque (c. de 326 000 resultados, 14/01/14), sem vontade própria; sem autonomia: "www.dnoticias.pt/.../417347-ps-m-diz-que-proposta-de-orcamento-regio.../ 20/11/2013 - O PS/Madeira considerou hoje que a proposta de Orçamento regional para 2014 "vai a reboque" de Lisboa, alertando que o próximo ano ...". Expressões frequentes: "andar a reboque", "ir a reboque".

a retalho (c. de 531 000 resultados, 11/09/14), compra ou venda direta de produtos ao consumidor final, geralmente em pequenas quantidades: "Terrenos do Jamor vendidos a retalho / A Direcção-Geral do Tesouro desanexou algumas parcelas do complexo desportivo e vai vendê-las em hasta pública a 22 de Junho." (<http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/exclusivo-cm/terrenos-do-jamor-vendidos-a-retalho>).

à risca (c. de 1 260 000 resultados, 14/01/14), pela margem mínima; com as condições mínimas; por um triz: "Governo passa à risca no exame de especialistas / Ao fim de quatro anos de maioria absoluta, o Governo socialista consegue passar "à risca" no exame final de vários especialistas contactados pelo JN, que se dividem em elogios rasgados e críticas à actuação dos vários ministérios." (JN, 20/02/09, 8, título/texto). Expressões frequentes: "cumprir à risca", "seguir à risca".

a rodos (c. de 75 200 resultados, 14/01/14), abundantemente; a granel: "Segurança a rodos / Na Ajuda [durante a tomada de posse do novo Governo de José Sócrates] [...] os corredores estavam repletos de segurança." (CM, 27/10/09, 9, título/texto).

a sangue frio (c. de 296 000 resultados, 14/01/14), de forma direta e violenta: "Sete jovens mortos a sangue frio em Luanda" (JN, 25/07/08, 35, título).

a saque (c. de 169 000 resultados, 14/01/14), desprotegido; pronto a ser roubado/assaltado: "Ourivesarias estão a saque / Dois assaltos por dia fazem do ofício de ourives uma actividade de risco." (Sol, 21/02/09, 28, título/frase destacada).

à séria (c. de 115 000 resultados, 14/01/14), verdadeiro; com os requisitos necessários; a sério: "Quaisquer dúvidas acerca do facto de Armando Vara não ser um banqueiro 'à séria' ficam desvanecidas pela quantia por que se terá deixado subornar: dez mil euros!" (Carlos Amorim, jurista, JN, 06/11/09, 18).

a sério (c. de 2 230 000 resultados, 14/01/14), com seriedade; verdadeiro; com os requisitos necessários; à séria: "Se Portugal fosse um país a sério... / Se Portugal fosse um país a sério, restar-lhe-ia como última esperança de sanidade que o Presidente da República [Cavaco Silva] vetasse a lei do financiamento partidário" (Pública, 16/05/09, 41, título/frase destacada).

à socapa (c. de 41 500 resultados, 14/01/14) / **à sucapa** (c. de 12 400, 14/01/14), disfarçadamente; de forma ilícita: "Fizeram novela à socapa dentro do IKEA / A escolha era óbvia - a iluminação já está instalada, os clientes servem de figurantes e o cenário já está montado, reconhecível em todo o mundo pelas cores azuis e amarelas e pelo mobiliário de montar" (29/08/11, http://www.jn.pt/Paginalnicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=1964989. Título/frase destacada, 06/11/11).

a sós (c. de 347 000 resultados, 14/01/14), sozinhos; sem testemunhas; em privado: "Treinador [do Benfica, Quique Flores,] e Rui Costa conversaram ontem a sós com o grupo [de jogadores]" (JN, 29/11/08, 36, frase destacada).

à tangente (c. de 67 700 resultados, 14/01/14), por uma diferença mínima; por um triz: "Votos à tangente mantêm avaliação dos professores / [...] Foram rejeitados por um triz os projectos da lei do BE e Verdes que previam a suspensão da avaliação dos professores / [...] 1 voto foi suficiente para a avaliação de professores se manter" (JN, 09/01/09, 8, título/frases destacadas).

a tempo e horas (c. de 1 100 000 resultados, 14/01/14), cedo; sem atrasos: "O Governo quer que Estado comece a pagar «a tempo e horas»" (JN, 25/01/08, 14).

a tempo inteiro (c. de 7 720 000 resultados, 14/01/14), na totalidade; de forma integral: "www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1980511 / Os pais temem que os cortes orçamentais ditem o fim das "Actividades de Enriquecimento Curricular" (AEC) e da escola a tempo inteiro, especialmente depois ...".

à toa (c. de 770 000 resultados, 14/01/14), sem orientação; sem se saber o que fazer; ao deus-dará: “Jornalista australiana fica à toa com «apagão» do teleponto” (Título, http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=641321); “Por que ficou o país à toa com um bloqueio de apenas dois dias” (JN, 15/06/08, 1, título).

a todo o gás (c. de 545 200 resultados, 14/01/14), veloz; com rapidez/força; a toda a brida; a todo o vapor: “Linz [jogador austríaco do SCBraga] a todo o gás no ataque ao Dragão” (JN, 09/01/08, 50, título).

a todo o vapor (c. de 1 850 00 resultados, 14/01/14), rapidamente; a toda a brida; a todo o gás: “Gravações a todo o vapor / As gravações de “A face do Mal” já arrancaram há duas semanas e a estreia está prevista para Outubro.” (*24horas*, 22/08/08, 36, título/texto).

a toque de caixa (c. de 1 220 000 resultados, 14/01/14), apressadamente e a mando de alguém: “*expresso.sapo.pt* › Opinião › Fernando Madrinha / 11/06/2010 - Assim, o nosso futuro próximo está traçado: andar a toque de caixa de Berlim e Bruxelas, ao ritmo que as agências de rating forem definindo”.

a torto e a direito (c. de 1 580 000 resultados, 14/01/14), de qualquer maneira; atabalhoadamente: “Se o primeiro-ministro [português, José Sócrates,] mente, qual de nós não fica autorizado a mentir a torto e a direito, quando lhe convier?” [Vasco Pulido Valente, Historiador, a propósito do suposto envolvimento de Sócrates em casos como *Freepart* e *Face Oculta*, JN, 07/03/10, 16]. N. B.: “A Torto e a Direito” – nome de um programa da Tvi24, em que se debatem os temas principais da semana (em exibição pelo menos em janeiro de 2010).

à tripa forra/à tripa-forra (c. de 134 000 resultados, 14/01/14), em grande quantidade; de forma descontrolada: “Não me incomoda pagar mais impostos, mas não estou disponível para continuar a pagar as despesas de um Estado [liderado pelo primeiro-ministro José Sócrates] que vive à tripa-forra e hipoteca o futuro dos seus cidadãos” (Paulo Baldaia, Director da TSF, JN, 03/07/10, 12); “Não é por promoverem eleições simultâneas com a finalidade de reduzir custos, como sucede em tantos países mais ricos do que o nosso, que as democracias perdem qualidade. Perdem-na, isso sim, quando os partidos aprovam leis que lhes permitem gastar à tripa-forra em iniciativas folclóricas e cartazes inúteis” (Fernando Madrinha, 30/06/09, <http://aeiou.expresso.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=ex.stories/523394>).

a trouxe mouxe/trouxe-mouxe (c. de 20 900 resultados, 14/01/14), sem ordem; de forma atabalhoada/confusa: “*expresso.sapo.pt* › Blogues › Politicoesfera / 24/10/2013 - Portanto, já não bastava que o OE tivesse sido elaborado a trouxe-mouxe, nos últimos dias legalmente previstos para a sua apresentação; ...”.

à última da hora/à última hora (“à última da hora”, c. de 406 000 resultados; “à última hora”, c. de 1 350 000 resultados; 14/01/14), sem qualquer antecedência; sem tempo para preparações; em cima da hora: “Estatuto dos Açores aprovado por 2/3 da Assembleia / Partido Comunista derrotou estratégia do Presidente / Cavaco preparava-se para não promulgar o diploma, mas a mudança de voto dos comunistas à última hora trocou as voltas a Belém” (*So!*, 20/12/08, 1ª p., títulos/frase destacada); “Foi mesmo já à última da hora que se ficou a saber que afinal era “Blindness” [filme de Fernando Meireles baseado no romance “Ensaio sobre a cegueira de José Saramago] a abrir o festival [de cinema de Cannes]” (JN, 14/05/08, 55).

a ver vamos (c. de 6 380 000 resultados, 14/01/14), veremos: “a sua [de Cavaco Silva, Presidente da República Portuguesa] intervenção no caso das escutas a Belém fez estalar o verniz nas relações com o Governo – a cooperação estratégica está morta e enterrada – e criou animosidade contra si e alguns sectores do PSD. A partir de Abril de 2010 rea[d]quire todas as suas competências. A ver vamos como as usará” (JN, 13/10/09, 5).

à vista (c. de 7 660 000 resultados, 14/01/14), prestes a acontecer; próximo; visível: “Eleições à vista” [pelo facto de o Governo ter descido o IVA] (JN, 27/03/08, última p., título).

abandonar o barco (c. de 665 000 resultados, 15/01/14), desistir; entregar-se; baixar os braços; atirar a toalha ao chão: “Tariq Aziz, Ex-ministro do Iraque. Julgado 16 anos depois. Foi dos primeiros a abandonar o barco de Saddam Hussein e entregou-se aos militares dos EUA dias depois da invasão, em 2003” (JN, 25/04/08, 21).

abono de família (c. de 2 010 000 resultados, 15/01/14), bónus; prémio; ajuda: “Kardec transformado em abono de família/Kardec figura-se como o provável homem golo do Benfica” (*Record*, 16/07/10, título/texto, 8).

abrir a porta/abrir portas (“abrir a porta”, c. de 23 600 000 resultados; “abrir portas”, c. de 423 000 resultados; 15/01/14), permitir; criar oportunidades; aceitar; tornar-se público: “Alemanha abre portas aos nossos jovens licenciados / Parece que a Alemanha [...] está disposta a abrir bolsas de emprego para jovens portugueses (e espanhóis) licenciados, com predominância para a área de engenharia” (Pedro Fernandes, JN-“Página do Leitor”, 28/01/11, 55, título/texto); “RTP abre portas a novos talentos / Abriam ontem “as portas” para a Academia RTP, laboratório de formação para novos conteúdos e profissionais” (JN, 28/01/11, 34, título/frases destacadas).

abrir caminho (c. de 506 000 resultados, 15/01/14), permitir; progredir; criar oportunidades: “depois de tudo isto, que significa viver em instabilidade permanente e corresponde a cortar as asas a quem precisa de voar, a União Europeia prepara-se para dar mais um passo para a desumanização do trabalho com a aprovação da directiva que abre caminho à semana de trabalho de 65 horas” (*Courrier International*, Agosto 2008, 9, “Os

Filhos dos Chineses”, Fernando Madrinha); “Deco voltou às grandes noites e abriu caminho para o apuramento” [Euro 2008: Portugal 3 – República Checa 1] (JN, 12/06/08, 36, frase destacada).

abrir fogo (c. de 88 400 resultados, 15/01/14), disparar; atacar: “Exército israelita entrou, ao princípio da noite de ontem, no Norte da Faixa de Gaza e abriu fogo contra posições do movimento radical Hamas, que retaliou com morteiros” (JN, 04/01/09, 24, frase destacada).

abrir mão (c. de 655 000 resultados, 15/01/14), abdicar; autorizar; permitir: “Adaptabilidade: centrais sindicais rejeitam e Governo não abre mão” (JN, 08/05/08, 19, título).

abrir o jogo (c. de 2 810 000 resultados, 15/01/14), revelar; disponibilizar/fornecer informações: “Em dia de assembleia geral, o presidente do Sporting [Bettencourt] explica o plano financeiro que submete à aprovação dos sócios, mas abre o jogo em relação a outras matérias” (*Record*, 13/10/09, 7, frase destacada).

abrir os cordões à bolsa (c. de 186 000 resultados, 15/01/14), disponibilizar recursos; investir: “Contrariando todos os receios em relação a 2009, a McDonald’s Portugal vai abrir os cordões à bolsa e fazer um dos seus maiores investimentos.” (*Expresso* “Economia”, 14/02/09, 21).

acertar agulhas (c. de 17 200 resultados, 15/01/14), pôr-se de acordo; acertar algo com alguém: “Passos Coelho e Paulo Portas terão almoçado juntos para “acertar agulhas” / O semanário Expresso está a avançar que o primeiro-ministro e o ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros almoçaram esta quarta-feira juntos para “acertar agulhas sobre os temas quentes que têm agitado a coligação”” (título/frase destacada, http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/passos_coelho_e_paulo_portas_teratildeo_almoccedilado_juntos_para_quotacertar_agulhasquot.html, 12/09/12).

acertar contas (c. de 54 100 resultados, 15/01/14), corrigir; vingar-se; repor a justiça: “[Jogos Olímpicos 2008] Ir a Pequim acertar contas do coração / Derrotar o campeão do mundo de 2005 e 2007, o brasileiro João Derly, e vingar-se de este lhe ter roubado uma namorada há uns anos, não chegou para o [judoca] português Pedro Dias fazer melhor do que o nono lugar na categoria de menos 66 quilos” (JN, 11/08/08, 30, título/texto).

acertar o passo (c. de 380 000 resultados, 15/01/14), corrigir; organizar; repreender; agredir; acertar contas; pôr na linha: “Acertar o passo com as vitórias / O Paços de Ferreira recebe o Rio Ave à procura da primeira vitória na Liga.” (JN, 19/09/09, 51, título/frase destacada).

acerto de contas (c. de 966 000 resultados, 15/01/14), correção; vingança: “Transferência para as escolas privadas é “acerto de contas” / GRAÇA BARBOSA RIBEIRO 16/10/2013 - 20:35 / Director executivo da Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo lamentou que “esteja a passar para a opinião pública a ideia de que o ensino particular e corporativo está a ser beneficiado”.” (título/frase destacada, <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/transferencia-para-as-escolas-privadas-e-acerto-de-contas-1609402>).

aconteça o que acontecer (c. de 4 180 000 resultados, 15/01/14), irreversivelmente; irremediavelmente: “Aconteça o que acontecer, Passos [Coelho, líder do PSD] já perdeu para Sócrates [primeiro-ministro socialista]” (Vicente Jorge Silva, a propósito das peripécias à volta do Orçamento de Estado, *So!*, 22/10/10, 32, frase destacada).

advogado do diabo (c. de 212 000 resultados, 15/01/14), alguém que defende uma causa ou proposta contrária a uma tese; defender alguém ou uma causa desagradável e difícil: “Morreu o “advogado do diabo” / O advogado francês Jacques Verges, que ficou conhecido por defender criminosos como Carlos, o Chacal, morreu aos 88 anos, informa a AFP” (título/frase destacada, http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=3373742, 15/08/13).

afinar pelo mesmo diapasão (c. de 11 300 resultados, 15/01/14), concordar; falar a uma só voz: “As crises trazem o pior das sociedades: o medo, o receio dos outros, o egoísmo e a desumanidade. Eis o Governo a afinar pelo diapasão do facilitismo” [ao “baixar a quota de imigrantes em Portugal”] (*Expresso*, 16/05/09, 36).

agarrar com as duas mãos (c. de 108 000 resultados, 15/01/14), não deixar escapar uma (boa) oportunidade; agarrar com unhas e dentes: “Apoiantes de Barack Obama [candidato à Casa Branca] agarram oportunidade histórica com as duas mãos” (JN, 04/11/08, 1.ª p., frase destacada).

água na boca (c. de 332 000 resultados, 17/01/14), satisfação; desejo; sensação agradável: “Bryan Ferry deixou água na boca” (JN, 19/05/08, 44, título, a propósito do seu concerto no Casino de Espinho).

ajustar contas (c. de 41 700 resultados, 17/01/14), igualar-se; vingar-se; exigir explicações: “O Presidente francês defendeu nesta terça-feira uma resposta musculada dos líderes europeus no combate ao desemprego na Europa, alertando que “a geração do pós- crise vai ajustar contas com os governantes de hoje”, por causa das elevadas taxas de desemprego que afectam a população jovem” (<http://www.publico.pt/economia/noticia/a-geracao-do-poscrise-vai-ajustar-contas-com-os-governantes-de-hoje-diz-hollande-1595723>, 28/05/13).

amargos de boca (c. de 99 000 resultados, 17/01/14), aspetos desagradáveis; derrotas/problemas/dificuldades: “Vitória do PSD não atira José Sócrates ao tapete / Eis uma vitória que causa amargos de boca ao PSD. Conserva o maior número de câmaras, mas os socialistas, com mais votos, recuperam muitas posições. E a margem de manobra de Ferreira Leite, com Menezes à espreita, é reduzida.

(http://jn.sapo.pt/eleicoes/autarquicas2009/Interior.aspx?content_id=1387566, 12/10/09, título/texto);

amigo da onça (c. de 350 000 resultados, 17/01/14), amigo falso; amigo de Peniche; lobo com pele de cordeiro: “Jean-Claude Trichet [Presidente do Banco Central Europeu] foi, ontem, um amigo da onça para Portugal. Mas, bem vistas as coisas, cá se fazem, cá se pagam.” (Pedro Santos Guerreiro, director do Jornal de Negócios, JN, 05/03/11, 11).

amor à camisola (c. de 446 400 resultados, 17/01/14), respeito e afeição muito grande por alguma coisa: “O fim de um mito: o amor à camisola” [a propósito do desejo de João Moutinho de se mudar do Sporting para o Everton, clube inglês, a troco de vários milhões]” (DN, 30/07/08, última pág., título).

amor à primeira vista (c. de 6 330 000 resultados, 17/01/14), amor imediato; afeição repentina: “Afinal o amor à primeira vista existe / Ficou com a sensação que acabou de conhecer o homem da sua vida. O que é que se passou? Acabou de tomar uma decisão num instante, num "blink of an eye" (título/frase destacada, <http://expresso.sapo.pt/afinal-o-amor-a-primeira-vista-existe=f609486>, 16/10/10).

andar à nora (c. de 36 300 resultados, 17/01/14), andar desorientado/atrapalhado; andar à toa; ver-se à nora: “[Na cimeira da Nato, em Lisboa] O primeiro-ministro espanhol, José Maria Zapatero, andou à nora para saber qual era o seu lugar na foto de família. Ao lado, David Cameron [inglês], Barak Obama [norte-americano] e Nicolas Sarkozy [francês].” (JN, 21/11/10, 10).

andar aos papéis (c. de 14 600 resultados, 17/01/14), andar desorientado; não saber o que fazer; estar confuso: “www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1826295 / Durante a sua curta intervenção, na abertura da reunião, o autarca dirigiu-se ainda ao líder da oposição, para acusar Passos Coelho [primeiro-ministro] de "andar aos papéis"”.

andar numa roda viva (c. de 51 300 resultados, 17/01/14), andar muito atarefado; andar numa fona; andar num virote: “Paulo Bento numa roda viva / [...] Treinador [da selecção portuguesa de futebol] assiste a 3 jogos – Alvalade, Dragão e Braga – em apenas 4 dias” (JN, 24/09/10, 66, título/subtítulo).

ao cair do pano (c. de 538 000 resultados, 17/01/14), na parte final: “Euro’ 2008. Portugal voltou a desiludir e a jornada dupla – Polónia e Sérvia – ficou marcada por dois pesadelos ao cair do pano” (*Correio do Minho*, 13/09/07, 22, título); “Empate ao cair do pano / Aves 1 – P. Ferreira 1 / [...] Num lance infeliz, o médio avense marcou na própria baliza, quando faltavam dois minutos para o fim do jogo.” (JN, 16/10/08, 46, título/texto).

ao desbarato (c. de 53 700 resultados, 17/01/14), muito barato; a um preço muito baixo: “Lampreia está a ser vendida ao desbarato / [...] Alguns [pescadores] não calam a revolta por ver o ciclóstomo outrora pago a peso de ouro despachado a 20 euros.” (JN, 15/01/09, 15, título/frase destacada).

ao preço da chuva (c. de 157 000 resultados, 17/01/14), muito barato; ao preço da uva mijona: “Não sabe o PCP a idade das crianças que fabricam na China os produtos manufacturados vendidos ao preço da chuva?” (Catalina Pestana, ex-Provedora da Casa Pia, na rubrica “Quem não tem cão caça com gato”, a propósito das críticas do PCP à atribuição do Nobel da Paz 2010 a um dissidente chinês, *Sol*, 22/10/10, 35, frase destacada).

ao rubro (c. de 682 000 resultados, 17/01/14), no ponto máximo de emoção: “Espanha. Cristiano Ronaldo e Lionel Messi não param de marcar golos e “La Liga” está ao rubro” (JN, 07/05/10, 43, frase destacada); “Mercado da dívida ao rubro com juros exigidos à Grécia e a Portugal a subirem exponencialmente” (<http://www.jornaldenegocios.pt/index.php?template=SHOWNEWS&id=422337>, 28/04/10).

ao sabor do vento (c. de 122 000 resultados, 17/01/14), ao acaso; sem rumo certo; à sorte: “www.jn.pt/Paginalnicial/Sociedade/Educacao/Interior.aspx?content_id... / As federações sindicais de professores criticaram esta segunda-feira o ministro da Educação, por "fazer anúncios ao sabor do vento", depois ter dito que quer o ...”.

ao virar da esquina (c. de 1 110 000 resultados, 17/01/14), muito perto e acessível; frequente: “Há cada vez mais adeptos dos jogos [de computador] em rede e o profissionalismo está ao virar da esquina” (*Sexta*, semanário gratuito, 20/06/08, 1, frase destacada).

apagar fogos (c. de 11 600 resultados, 17/01/14), tentar resolver vários problemas; tapar buracos: “Povo na rua e Governo a apagar fogos” (JN, 27/02/08, 19); “[António] Costa [presidente da Câmara de Lisboa] acusa Governo de só apagar fogos” (*Pública*, 10/03/09, 1.ª p., título).

apalpar o terreno (c. de 48 200 resultados, 17/01/14), sondar; informar-se antes de agir; agir com cautela: “www.dn.pt/politica/interior.aspx?content_id=3441825 / O staff da caravana socialista é composto por dez pessoas, sendo que vai sempre um carro à frente para apalpar o terreno nos locais de cada ação, numa ...”.

apertar do cinto (c. de 135 000 resultados, 17/01/14), dificuldade económica; sacrifício; crise: “Portugueses sentem mais o apertar do cinto / Quase três quartos dos portugueses admitiram ter dificuldades em pagar as contas domésticas e os créditos assumidos pela família no último ano.” (JN, 23/06/10, 42, título/frase destacada).

apertar o cerco (c. de 364 000 resultados, 17/01/14), controlar fortemente; limitar fortemente a ação de alguém: “Fisco aperta o cerco à construção civil e às obras públicas” (JN, 4/3/08, 1.ª p., título); “Sérvia /

Autoridades apertam o cerco a Ratko Mladic [fugitivo sérvio-bósnio]” (JN, 25/07/08, 36, título); “Oposição interna aperta o cerco a [Manuela] Ferreira Leite [líder do PSD]” (JN, 02/12/08, 1.ª p., título).

apertar o cinto (c. de 697 000 resultados, 17/01/14), fazer um grade sacrifício económico; passar por uma grande dificuldade económica; perder poder de compra: “Portugueses são quem vai apertar mais o cinto na Europa logo a seguir aos gregos” (*Público*, 02/10/10, 1.ª p., título).

apontar baterias (c. de 27 400 resultados, 17/01/14), direcionar a atenção e os esforços para algo ou alguém: “Depois da eliminação do F.C. Porto na Liga dos Campeões: “Jesualdo [Ferreira, treinador do F.C. Porto] aponta baterias para a Liga e para a Taça de Portugal” (JN, 6/03/08, 46); “Baterias apontadas à ciência / Presidente da República [Anibal Cavaco Silva] defendeu, na Universidade do Minho, em Braga, a aposta na ciência” (*Correio do Minho*, 07/05/11, 1.ª p., título/texto).

apontar o dedo (c. de 1 700 000 resultados, 17/01/14), acusar, criticar: “O Ministério da Educação, de Nuno Crato, dá ordens contraditórias para a preparação do novo ano lectivo. Os directores das escolas estão à beira de um ataque de nervos e apontam o dedo à 5 de Outubro” (*Jornal i*, 01/08/11, 1.ª p.); “Depois de Eusébio, Figo e Cristiano, tocou-me a mim [José Mourinho, eleito treinador do ano]. Já somos quatro [a ganhar a Bola de Ouro]. Os portugueses não têm tantas alegrias assim”, disse, não deixando de apontar o dedo àqueles que, em Portugal, sempre fizeram questão de lhe passar rasteiras” (*O Jogo*, 11/01/11, 3).

aprendiz de feiticeiro (c. de 1 960 000 resultados, 17/01/14), principiante; pessoa inexperiente: “www.dnoticias.pt/imprensa/diario/.../327877-o-aprendiz-de-feiticeiro / 03/06/2012 - ... que me chocou pelo que revela e pelo significado profundo que encerra.... Aos 22 anos, é um simples aprendiz de feiticeiro a tentar imitar a ...”. N.B.: O elevado número de resultados no *Google* deve-se em grande parte ao filme “O aprendiz de feiticeiro”.

aquecer os ânimos (c. de 111 000 resultados, 04/03/14), motivar-se; aumentar o interesse e a emoção: “Candidatura de Santana Lopes aquece ânimos no PSD / [...] A distrital de Lisboa do PSD acusa Pacheco Pereira de demagogia por este ridicularizar a eventual candidatura de Santana Lopes à capital. Uma troca de mimos que surge sem haver decisão da direcção nacional.” (JN, 18/10/08, 6, título/texto).

areia a mais para a minha/tua... camioneta (“areia a mais para a minha camioneta”, c. de 8 430 resultados, 04/03/14), excesso de exigências para a minha/tua... capacidade: “Dacar’2011. Motos. Os portugueses perderam tempo em relação ao seu grande objectivo e um lugar no pódio é cada vez mais uma miragem no deserto onde a caravana se tem afundado / Foi areia a mais para as motos deles” (*O Jogo*, 11/01/11, 34, subtítulo/título).

arma de arremesso (c. de 1 290 000 resultados, 04/03/14), recurso danoso; pretexto para prejudicar alguém: “Sócrates [primeiro-ministro português] disse que autonomia não pode ser arma de arremesso” (JN, 21/04/08, 6).

armado aos cucos (c. 19 700 resultados, 04/03/14), envaidecido; com atitudes inconvenientes: “*O ‘Financial Times’ armado aos cucos* / por Ferreira Fernandes, 26 março 2011 / Ontem, um cronista do Financial Times, irónico, deu-nos uma sugestão: Portugal devia integrar-se no Brasil. Apesar de parecer ideia maluca, merece alguma atenção” (http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=1815678&seccao=Ferreira+Fernandes&tag=Opini%E3o+-+Em+Foco).

armar banzé (c. de 356 resultados, 04/03/14), criar confusão; armar barraca: “Braga 4 de novembro de 2003 / [...] Mesquita Machado [Presidente da Câmara de Braga] contou que, quando a autarquia se preparava para demolir as barracas habitadas por pessoas de etnia cigana, no Parque da Ponte, soube que não ia ter cobertura televisiva. Numa manobra de «contra-informação», alguém telefonou para a redacção fingindo ser um habitante revoltado e prometendo «armar banzé»” (<http://www.diariodominho.pt/conteudos/5012>).

armar-se aos cucos (c. de 9 860 resultados, 05/03/14), envaidecer-se; tomar atitudes inconvenientes; armar-se aos cágados; armar-se em carapau de corrida: “www.cmjornal.xl.pt/detalhe/.../factor-x-volta-a-bater-casa-dos-segredos / 14/10/2013 - ... que metam o nariz na sua vida, por que raio perdem tempo para ver meia dúzia de miúdos sem graça a tentarem armar-se aos cucos?”.

arrancado/a a ferros (“arrancado a ferros”, c. de 125 000 resultados; “arrancada a ferros”, c. de 126 000 resultados, 05/03/14), conseguido com muito esforço: “Triunfo [do Sporting Clube de Braga frente ao Vianense] suado e arrancado a ferros” (*Correio do Minho*, 13/09/08, 25, título). Expressões frequentes: triunfo/vitória arrancado/a a ferros.

arregaçar as mangas (c. de 1 810 000 resultados, 05/03/14), preparar-se para trabalhar; começar a trabalhar; esforçar-se: “Andebol. Fase Final / F. C. Porto arregaça as mangas e atira Sporting ao tapete [F. C. Porto 28 / Sporting 25]” (JN, 24/03/13, 40, título).

arrepia caminho (c. de 1 250 000 resultados, 18/01/14), abreviar; simplificar: “As Associações [de Futebol] não querem os novos Estatutos? Azar o delas. Ou arrepiam caminho ou levarão inevitavelmente a que a bagunça

e a vergonha se instalem, com a FIFA a suspender o futebol português, qual FMI a intervir nas finanças do país.” (Manuel Boto, economista, *So*, 14/01/11, 20).

arrumar a casa (c. de 4 800 000 resultados, 05/03/14), organizar; pôr (em) ordem: “Domenech despede-se da pior forma do cargo de seleccionador [depois do desaire da França no Mundial da África do Sul]. Será substituído por Laurent Blanc, a quem espera muito trabalho para arrumar a casa.” (JN, 23/06/10, 8); “Quique Flores [futuro treinador do Benfica] arruma a casa” (JN, 26/05/08, “Desporto”, 8, título); “Reestruturação. Depois de terem garantido aumentos de capital, os grupos portugueses cortam agora custos e vendem activos / Bancos vão arrumando a casa” (*Expresso* – Economia, 20/09/08, 2, antetítulo/título).

árvore das patacas (c. de 128 000 resultados, 05/03/14), fonte de recursos; riqueza: “A velha árvore das patacas do imobiliário não pode secar / [...] Tudo isto, de facto, não justifica que o generoso sector do imobiliário continue a aguentar uma insaciedade fiscal, até porque esta velha árvore de patacas não pode secar. Para bem da economia.” (Luís Lima, *So*, 15/10/10, 26, título/texto).

às costas (c. de 1 630 000 resultados, 05/03/14), suportado por; com a grande ajuda de: “Real Madrid às costas de CR7 / La Liga. Dois golos de [Cristiano] Ronaldo afundam R. Sociedade (4-1)” (JN, 07/02/11, 34, título).

às direitas (c. de 63 600 resultados, 05/03/14), correto; com qualidade: “Uma família às direitas” (*Público*, “Fugas”, 07/06/08, 50, título de uma crónica de Nuno Sousa).

às mãos (de) (c. de 18 200 000 resultados, 05/03/14), por causa de; ficar na posse de: “Vinte mulheres morreram às mãos dos companheiros em 2007” (JN, 20/02/08, 25, título).

às moscas (c. de 590 000 resultados, 05/03/14), sem público; vazio: “Festival erótico às moscas em Madrid” [porque os espanhóis preferiram assistir à final do Euro 2008 entre a Espanha e a Alemanha] (JN, 30/06/08, 2, título).

às tantas (c. de 321 000 resultados, 05/03/14), inesperadamente: “www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=2666884... / Há vários elementos que ajudam a dar razão a quem pensa que, às tantas, Passos Coelho [primeiro-ministro português] está mesmo interessado em fazer uma coligação com os socialistas”.

assobiar para o ar (c. de 285 000 resultados, 05/03/14), não assumir responsabilidades; não fazer caso; assobiar para o lado: “Associações consideram que são necessárias mais campanhas de sensibilização, porque a sida existe. Mas parece que os portugueses preferem assobiar para o ar ...” (*24horas*, 19/08/08, 19, frases destacadas).

assobiar para o lado (c. de 26 300 resultados, 19/08/15), não assumir responsabilidades; não fazer caso; assobiar para o ar: “PSD acusa PS de “assobiar para o lado” para fugir ao debate [sobre a Reforma do Estado]”, 16 de janeiro de 2013 (http://www.dn.pt/especiais/interior.aspx?content_id=2997553&especial=Debate%20sobre%20a%20Reforma%20do%20Estado&seccao=POL%CDTICA).

até à raiz dos cabelos (c. de 25 800 resultados, 03/03/14), intensamente; na totalidade; até ao tutano: “p3.publico.pt/cultura/livros/9258/isto-e-publicidade-descarada / 10/09/2013 - Escrevi um livro. Já está cá fora, impresso. Vê-lo nos escaparates de uma Fnac ou de uma Bertrand far-me-á corar até à raiz dos cabelos”. Cf. Pratt, 1914: 147.

atirar ao tapete (c. de 1 560 resultados, 05/03/14), vencer; superiorizar-se: “Andebol. Fase Final / F. C. Porto arregaça as mangas e atira Sporting ao tapete [F. C. Porto 28 / Sporting 25]” (JN, 24/03/13, 40, título); “Vitória do PSD não atira José Sócrates ao tapete / Eis uma vitória que causa amargos de boca ao PSD. Conserva o maior número de câmaras, mas os socialistas, com mais votos, recuperam muitas posições. E a margem de manobra de Ferreira Leite, com Menezes à espreita, é reduzida. (http://jn.sapo.pt/eleicoes/autarquicas2009/Interior.aspx?content_id=1387566, 12/10/09, 04h47m, título/texto).

atirar (com) a toalha ao chão (“atirar a toalha ao chão”, c. de 79 100 resultados; “atirar com a toalha ao chão”, c. de 1 820 resultados, 05/03/14), desistir; dar-se por vencido; deitar a toalha ao chão; baixar os braços: “[Barack Obama, candidato à Casa Branca] Não dispõe de vantagem suficiente para aliviar a pedalada, uma vez que a sua rival [Hillary Clinton] não atirou ainda a toalha ao chão, mas candeia que vai à frente alumia duas vezes” (JN, 8/5/08, 16).

atirar para o caixote do lixo (c. de 4 920 resultados, 07/03/14), deitar fora; menosprezar; rejeitar; deitar/lançar para o caixote do lixo: “Um século de lutas operárias e de leis para o progresso social está a ser atirado para o caixote do lixo da história” (Fernando Madrinha, “Os Filhos dos Chineses”, *Courrier International*, agosto 2008, 9, frase destacada).

atirar-se às canelas (c. de 1 250 000 resultados, 18/01/14), criticar; atacar: “A imprensa lisboeta já se atirou às canelas e ao destino de [Ricardo] Quaresma. Querem, acima de tudo, vê-lo longe do F.C. Porto” (Miguel Sousa Tavares, jornalista, JN, 26/3/08, 19).

baixar a bola/bolinha (“baixar a bola”, c. de 397 000 resultados / “baixar a bolinha”, c. de 105 000 resultados, 04/03/14), inferiorizar-se; fazer-se humilde: “inimigo.publico.pt/Noticia/Detail/1627034 / Vladimir Putin [presidente da Rússia], ainda há coisa de uns minutos, foi à Crimeia e aconselhou os ucranianos a baixar a bola ou 'chego aqui e zecamendonço esta bodega toda, ...”. N.B. Tendo em conta as ocorrências do *Google*, “baixar a bola” é mais frequente no Português do Brasil e “baixar a bolinha” mais frequente no Português Europeu.

baixar os braços (c. de 1 370 000 resultados, 10/03/14), desistir; dar-se por vencido; atirar a toalha ao chão: “Jacinta Moreira foi considerada, ontem, a melhor professora do país. Dá aulas de Biologia e Geologia há 20 anos, considera que a profissão é cada vez mais exigente, mas nunca lhe passou pela cabeça baixar os braços.” (JN, 25/11/08, 6).

balão de oxigénio (c. de 450 000 resultados, 10/03/14), recurso suplementar: “O Rock in Rio, o Campeonato Europeu de Futebol e os Jogos Olímpicos de Pequim são os balões de oxigénio que vão ajudar os investimentos publicitários a aumentar.” (*Expresso*, Economia, 24/05/08, 18); “A crise internacional acabou por ser o balão de oxigénio de que o Governo necessitava para fazer frente às legislativas” (Constança Cunha e Sá, jornalista, JN, 17/10/08, 20).

balde de água fria (c. de 2 910 000 resultados, 10/03/14), algo desagradável e inesperado: “O novo cenário económico [de Portugal] é um verdadeiro balde de água fria” (António Perez Metelo, *Público*, “P2”, 17/05/08, 3).

banho de multidão (c. de 150 000 resultados, 10/03/14), muitas pessoas juntas: “Novo banho de multidão, incluindo muitas crianças, na homenagem à selecção” [portuguesa a preparar o Euro 2008 em Viseu] (JN, 30/05/08, 50, frase destacada).

batata quente (c. de 182 000 resultados, 10/03/14), problema; dificuldade: “Batata quente nas mãos de Ronaldo” [perante o interesse do Real Madrid por Cristiano Ronaldo, terá de ser este a decidir] (JN, 29/05/08, título, 47).

bater à porta (c. de 1 430 000 resultados, 10/03/14), pedir ajuda/auxílio; recorrer a alguém; contactar; atingir: “Vivem [os índios yanomami] na floresta tropical e a gripe pandémica [gripe A], que já lhes bateu à porta, pode vir a espalhar a morte pelas suas aldeias como um rastilho de pólvora” (*Público*, 06/11/09, 22, frase destacada).

bater certo (c. de 17 300 resultados, 10/03/14), estar correto; coincidir; condizer: “Afinal quantos deputados faltaram na sexta? Ninguém sabe / A lista de assinaturas não bate certo com a contagem feita pelos serviços da AR [Assembleia da República] e estas não conferem com a soma dos votos” (*Público*, 10/12/08, 1.ª p., título/frase destacada).

bater com a porta (c. de 518 000 resultados, 10/03/14), abandonar; discordar: “Número dois da PJ [Baltasar Pinto] já bateu com a porta” (JN, 8/5/08, 6, título).

bater na parede (c. de 221 000 resultados, 11/03/14), deparar-se com uma grande dificuldade: “Paulo Portas diz que renegociar a dívida é levar Portugal a “bater na parede” / LUSA 26/02/2012 - 15:36 / O líder do CDS-PP, Paulo Portas, não concorda com uma eventual renegociação da dívida pública do país e entende mesmo que essa opção poderá levar Portugal a “bater na parede”. (http://www.publico.pt/politica/noticia/paulo-portas-diz-que-renegociar-a-divida-e-levar-portugal-a-bater-na-parede-1535361, título/texto).

bater no fundo (c. de 305 000 resultados, 11/03/14), atingir o ponto mais crítico; estar numa situação muito difícil: “Angel Gurría / Secretário-Geral da OCDE / Veio a Lisboa dizer que a crise ainda não bateu no fundo. E que grandes investimentos públicos podem ter virtualidades, mas no emprego não produzem efeitos imediatos. Quem avisa, amigo é.” (JN, 22/05/09, 6).

bater o dente (c. de 52 200 resultados, 11/03/14), ter muito frio: “Vaga de frio atinge ponto alto na noite de hoje / Braga a bater o dente” (*Correio do Minho*, 08/01/09, 1.ª p., antetítulo/título).

bater o pé (c. de 980 000 resultados, 11/03/14), enfrentar corajosamente; discordar; impor-se; fazer frente: “Derrick Martin [...], estudante de 18 anos, oriundo do estado da Geórgia, nos Estados Unidos, que recebeu luz verde do conselho directivo [da sua Escola] para levar o namorado ao baile de finalistas, a 17 de Abril. [...] No ano passado fizera a cedência que é esperada de todos os adolescentes *gays* na época dos bailes de finalistas: levou uma amiga, sem fazer nenhum alarde; a alternativa era não ir. Mas agora bateu o pé às convenções” (*Público*, 31/03/10, P2, 7).

beco sem saída (c. de 6 350 000 resultados, 11/03/14), problema sem solução: “Cada vez mais num beco sem saída / O ministro das Finanças [Teixeira dos Santos] esteve esta semana debaixo de fogo, com a divulgação da execução orçamental de Janeiro a Agosto, que revelou dados preocupantes e deu aos críticos da política económica do Governo [socialista de José Sócrates] armas para atacar” (JN-“Negócios”, 24/09/10, 2, título/texto).

bicho de sete cabeças/bicho-de-sete-cabeças (c. de 463 000 resultados, 11/03/14), grande problema; bicho de obra: “O FMI [Fundo Monetário Internacional] não é um bicho de sete cabeças” (JN, 11/04/11, 11, título);

“Sobre o AO [Acordo Ortográfico] opinou o PAPP [Presidente da Associação de Professores de Português] que “as alterações [ortográficas] não são um “bicho-de-sete-cabeças”” (António Emiliano, linguista, JN, 04/10/09, 25).

borrar a pintura (c. de 173 000 resultados, 11/03/14), agir incorretamente; fazer asneira; ficar mal na fotografia: “O Leixões borrou a pintura, na sexta-feira à noite, num jogo que nem sequer foi dos mais difíceis da sua temporada” [Leixões 1- Naval 1] (JN, 01/12/08, 8).

borrar-se de medo (c. de 12 800 resultados, 11/03/14), ter muito medo; ter pavor: “*expresso.sapo.pt* › Economia / 24/03/2013 - Acabou-se !!! e a partir de agora começamos do 0 zero, ou então saímos do Euro Já!!! (Bruxelas e a Alemanha iriam borrar-se de medo!)”.

bota de elástico (c. de 439 000 resultados, 11/03/14), pessoa que age em função das conveniências; pessoa antiquada ou muito conservadora: “Não sou, de forma nenhuma, um “bota de elástico”. No entanto, [...] acho um descalabro gastar-se 150 mil euros por minuto em fogo-de-artifício.” (Hernâni Costa, JN, 04/01/09, 29).

braço-de-ferro/braço de ferro (c. de 5 210 000 resultados, 11/03/14), disputa dura e geralmente prolongada no tempo: “Foi claramente o braço-de-ferro mais duro que Cavaco Silva [Presidente da República] teve, até hoje, com José Sócrates [Primeiro-ministro]. É que o diferendo sobre o novo Estatuto Político dos Açores já dura desde que a proposta chegou à Assembleia, no dia 21 de Novembro” (JN, 02/08/08, 8); “Todos a Lisboa. Ministra da Educação fala em diálogo, mas recusa ceder. Braço-de-ferro continua” [A propósito da concentração em Lisboa de c. de 120 mil professores] (*So*, 08/03/08, 9, título).

brincar com o fogo (c. de 741 000 resultados, 11/03/14), lidar com uma situação sem consciência do perigo que representa: “PS e PSD estão a brincar com o fogo” (Freitas do Amaral, *So*, 01/10/10, 1.ª p., título).

cabeça de cartaz (c. de 1 240 000 resultados, 11/03/14), pessoa mais importante; representante: “Naide Gomes volta a ser cabeça de cartaz na selecção nacional [portuguesa dos Campeonatos Europeu de Atletismo]” (*Público*, 26/07/10, 27, frase destacada).

cabeça fria (c. de 190 000 resultados, 11/03/14), pessoa racionalista; sangue frio: “Cabeça fria decide jogo escaldante / Leixões, mais forte emocionalmente, justificou primeira vitória.” [Leixões 3 – V. Guimarães 1] (JN, 19/09/09, 50, título/frase destacada).

cabo dos trabalhos (c. de 114 000 resultados, 14/03/14), situação muito difícil; Cabo das Tormentas: “A velocidade cruzeiro vai ser o cabo dos trabalhos / Por Jornal i publicado em 25 Maio 2010 - 03:00 / Não houve Ronaldo a mil à hora nem equipa com prego a fundo no pedal. E Portugal não saiu do ponto morto... / O início do Mundial avança cheio de força e Portugal ainda não tem Ronaldo a mil à hora nem sequer uma equipa com prego a fundo no pedal. A selecção não passou de um comprometedor nulo com a modesta formação de Cabo Verde [...]. Há muito trabalho para fazer até ao próximo prato nacional: Camarões, que serão bem mais duros de roer.” (<http://www.ionline.pt/artigos/61470-avelocidade-cruzeiro-vai-ser-o-cabo-dos-trabalhos>. Título/frases destacadas/texto).

caça às bruxas (c. de 2 420 000 resultados, 14/03/14), caça/perseguição/ataque a algo pouco real: “www.dnoticias.pt/imprensa/diario/opinio/423225-caca-as-bruxas / 28/12/2013 - Alberto João Jardim [presidente da Madeira] persiste irresponsavelmente na sua “caça às bruxas” e no seu ajuste de contas interno contra aqueles que não se vergam ...”. N.B.: A maioria das ocorrências do *Google* aponta para o filme “Caça às Bruxas” (2011), com Nicolas Cage.

cair como um patinho (c. de 38 300 resultados, 14/03/14), ser facilmente enganado; mostrar-se ingénuo: “www.record.xl.pt/240763 / 04/06/2005 - ... com as declarações do treinador eslovaco ao dizer que basta o empate em Lisboa, Scolari falou em história para cair como um patinho e riu ...”. N.B.: expressão muito frequente no Português do Brasil.

cair de pé (c. de 235 000 resultados, 14/03/14), sair derrotado mas com dignidade: “Benfica desilude e Sp. Braga cai de pé / Encarnados perdem com Galatasaray na Luz por 2-0. Bracarenses derrotados em Milão [por 1-0], mas só nos descontos” (Jornal *Metro*, 07/11/08,10, título/frase destacada).

cair em saco roto (c. de 135 000 resultados, 14/03/14), perder-se; não ser considerado; não ser levado a sério: “Desta vez, Saramago opinou sobre a Bíblia em tom provocatório para os católicos - e para os judeus -, contando, obviamente, que a provocação não cairia em saco roto e que *Caim* haveria de vender-se melhor com a ajuda de Deus.” (Fernando Madrinha, DN, 31/10/09, 6); “Os apelos do procurador [...] não caíram em saco roto: [...] a pretensão de Pinto Monteiro tem pernas para andar” (JN, 26/10/07, 22).

cair no conto do vigário (c. de 53 300 resultados, 14/03/14), ser enganado/burlado; cair na esparrela: “Diariamente dezenas continuam a cair no conto do vigário / por Lusa, publicado por Graciosa Silva 28 dezembro 2012 8 comentários / Todos os dias dezenas de idosos caem no conto do vigário, apesar dos alertas das autoridades sobre as técnicas usadas pelos burlões. Maria dos Prazeres foi uma das vítimas que esta semana ficou sem pensão e "o último subsidio de natal" (http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=2967166).

cair o Carmo e a Trindade (c. de 21 400 resultados, 14/03/14), acontecer algo surpreendente e espetacular, mas trágico: “Caiu o Carmo e a Trindade com um singelo vídeo da ministra da Educação [Isabel Alçada], exibido num novo canal no You tube. E voltou a cair o Carmo e a Trindade com a imitação desse discurso feito por um garoto de 9 ou 10 anos, também no You tube.” (JL-“educação”, 20/10/10, 12).

calcanhar de Aquiles (c. de 308 000 resultados, 14/03/14), ponto fraco, fragilidade: “Emanuel Simões [técnico do Bairro, clube de futebol] já foi operado quatro (!) vezes / O grande “tornozelo” de Aquiles” / [...] Tudo porque uma lesão dos tornozelos tornou-se num autêntico...calcanhar de Aquiles.” (DM, 04/12/08, 27, títulos/texto).

campo de batalha (c. de 16 700 000 resultados, 14/03/14), espaço/motivo de discórdia: “O Rio de Janeiro está transformado num campo de batalha, com polícias e traficantes em guerra aberta.” (CM, 27/10/09, 2).

cantar vitória (c. de 56 800 resultados, 15/11/14), anunciar-se vitorioso, às vezes antecipadamente; gabar-se: “www.jn.pt/PaginalInicial/Economia/Interior.aspx?content_id=3520996 / Descida do desemprego “é positiva, mas é cedo para cantar vitória”, diz Pires de Lima. 07.11.2013 - 20:24. O Ministro da Economia, Pires de Lima, considerou, ...”.

cara de pau (c. de 25 400 000 resultados, 14/03/14), pessoa mal encarada/insensível/descarada/atrevida; cara de poucos amigos: “Tenho reputação de ser uma pessoa seca, dura, de ser cara de pau” (José Saramago, JN, 23/04/08, 56).

carta aberta (c. de 389 000 resultados, 14/03/14), texto público/acessível a todos; algo ou alguém que não tem segredos; livro aberto: “O ministro dos Negócios Estrangeiros, Luís Amado, em carta aberta aos seus homólogos da União Europeia, disse estar disponível para receber, em Portugal, detidos provenientes de Guantánamo e apelou para que os restantes Estados-membros fizessem o mesmo.” (DN, 13/12/08, 17).

carta branca/carta-branca (c. de 406 000 resultados, 14/03/14), autorização; permissão: “Troika dá ‘carta branca’ ao novo Governo / O próximo Governo terá «total autonomia» de acção desde que cumpra as metas acordadas com a *troika*” (*Sol*, 13/05/11, 1.ª p., título/frase destacada); “Sócrates deu carta-branca a ministros para substituir secretários de Estado.” (JN, 30/01/08, 1.ª p.).

carta fora do baralho (c. de 863 000 resultados, 14/03/14), algo ou alguém que não está integrado no todo; algo ou alguém que difere do grupo, geralmente no sentido negativo: “Hélder Postiga e Marco Caneira são duas cartas fora do baralho para o jogo da Selecção Nacional com a Sérvia” (*Correio do Minho*, 10/09/07, 16).

caso mal parado (c. de 35 200 resultados, 28/03/14), caso/situação difícil de resolver: “www.abola.pt/nnh/ver.aspx?id=459784 / 13/02/2014 - O PSG ja esta a ver o caso mal parado,pois o monaco é a única equipa que lhes consegue dar luta,por isso tem de arrumar com eles, pela ...”. Expressão frequente: “ver o caso mal parado” (c. de 36 800 resultados, 28/03/14).

cautela e caldos de galinha (c. de 121 000 resultados, 28/03/14), muito cuidado e ponderação: “[José Sócrates [primeiro-ministro português] percebeu que a situação tensa do país aconselha cautela e caldos de galinha” (Paulo Ferreira, JN, 10/06/08, 6, frase destacada);

cavalo de batalha (c. de 1 250 000 resultados, 22/01/14), motivo de discórdia e divisão: “Os sindicatos recusam a introdução das classificações da avaliação de desempenho na ordenação dos docentes a concurso. Os horários são outro “cavalo de batalha”, os sindicatos, como a FNE, dizem receber centenas de queixas de horários ilegais” (JN, 18/11/08, 4).

cenário negro (c. de 1 250 000 resultados, 22/01/14), situação muito complicada: “Sócrates [primeiro ministro português] afasta cenário negro traçado para 2011” (JN, 15/07/10, 33, título).

cereja em cima do bolo (c. de 1 250 000 resultados, 22/01/14), o que há de melhor depois de uma sucessão de coisas boas: “Vitória [de Guimarães] merece cereja em cima do bolo” (Manuel Cajuda, treinador do Vitória, a propósito do bom campeonato da sua equipa de futebol, JN, 10/05/08, 56, título).

cerrar fileiras (c. de 1 250 000 resultados, 22/01/14), defender/proteger conjuntamente: ““Petrolíferas cerram fileiras” [porque “Galp, BP, e Repsol contestam regulação e abertura do mercado desejada por Sócrates”] (*Sol*, “Confidencial”, 31/05/08, 1.ª p., título); “PSD recuperou responsabilidade e determinação e o PS já sentiu a necessidade de pedir aos seus militantes para cerrarem fileiras” (JN, 01/06/08, 1).

chamar a capitúlo (c. de 1 640 resultados, 28/03/14), repreender; pedir responsabilidades; chamar à pedra; pedir contas: “*expresso.sapo.pt* › Blogues › Telegramas de um resgate / 04/04/2013 - É importante, direi mais, é imperioso que quem nos governa comece a chamar a capitúlo quem rouba o estado para que os portugueses se ...”.

chamar os bois pelos nomes (c. de 94 100 resultados, 28/03/14), usar os termos próprios; ser objetivo; não estar com rodeios: “No meio de tanta hipocrisia e de um manifesto mal-estar pelo facto de o Presidente Cavaco Silva ter chamado os bois pelos nomes, é altura de dizer aos amantes das estafadas e caríssimas autonomias regionais dos Açores e da Madeira que nunca é tarde para levantar âncora e partir para outras bandas.” (António Ribeiro Ferreira, JN – P2, 05/08/08, 3).

chapa cinco/5 (“chapa cinco”, c. de 4 910 resultados, 28/03/14; “chapa 5”, c. de 128 000 resultados, 28/03/14): “Briosa leva mais chapa cinco / O Braga não podia ter melhores Festas, graças à prenda (uma goleada por 5-0) que uma eclipsada Académica colocou na sua chuteirinha.” (JN, 18/12/10, 69, título/texto).

chave de ouro (c. de 23 300 000 resultados, 28/03/14), aspeto/momento de elevada qualidade; ponto alto: “Barcelos: concurso de poesia fecha com chave de ouro a Semana da Leitura / Foi com o auditório da Biblioteca Municipal completamente cheio para assistir ao concurso “Pequenos Grandes Poetas” que encerrou na sexta feira, 21 de março, mais uma edição da Semana Concelhia da Leitura” (<http://www.correiodominho.com/noticias.php?id=77027>, 24/03/14, título/texto). Expressões frequentes: “encerrar com chave de ouro” (c. de 1 010 000 resultados, 28/03/14); “fechar com chave de ouro” (c. de 3 060 000 resultados, 28/03/14); “terminar com chave de ouro” (c. de 252 000 resultados, 28/03/14).

chegar à fala (com alguém) (c. de 274 000 resultados, 28/03/14), conseguir falar (com alguém): “www.jn.pt/PaginalInicial/Sociedade/Interior.aspx?content_id=3345943 / João Silveira, um português atualmente a estudar Teologia em Roma, conseguiu chegar à fala com o Papa Francisco, na sexta-feira, de forma inusitada, ...”; “Há quem tudo faça para chegar à fala com a pessoa desejada” (Revista *Tabu*, 21/01/11, 60, frase destacada).

chegar, ver e vencer (c. de 36 500 resultados, 28/03/14), alcançar sucesso pleno e imediato: “expresso.sapo.pt › Economia / 14/08/2009 - Chegar, ver e vencer no coração de Madrid. Em cinco anos, o jovem empresário José Torres construiu uma rede multinacional a partir do zero”.

N.B.: “chegar, ver e vencer” relaciona-se com a frase latina “veni, vidi, vici” (“cheguei, vi, venci”), atribuída geralmente ao general romano Júlio César (ano 47 a. C.).

cheque em branco (c. de 1 600 000 resultados, 28/03/14), confiança plena; dádiva sem exigir nada em troca; prémio antecipado: “Passos avisa: PSD não dá “cheque em branco” para próximo orçamento / O líder do PSD Pedro Passos Coelho explicou hoje, após reunião com o Governo, a razão pela qual os sociais-democratas decidiram acordar com o Governo um aumento de impostos e uma política de contenção orçamental para recuperar as finanças portuguesas, falando de uma situação de emergência”. (http://economia.publico.pt/Noticia/passos-avisa-psd-nao-da-cheque-em-branco-para-proximo-orcamento_1437085, 13/05/10). N.B.: “Cheque em Branco” é título de um filme (Blank Check, 1994).

chicotada psicológica (c. de 17 900 resultados, 28/03/14), alteração psicológica inesperada e profunda; despedimento: “Entrevista / “O País precisa de uma chicotada psicológica forte” / António Costa 15/07/10 08:47 / Eduardo Catroga, antigo ministro das Finanças, frisa a urgência de encontrar novas respostas para solucionar os problemas do País” (http://economico.sapo.pt/noticias/o-pais-precisa-de-uma-chicotada-psicologica-forte_94606.html, título/frase destacada).

chorar baba e ranho (c. de 89 900 resultados, 28/03/14), chorar muito; lamentar-se intensamente: “www.dn.pt/desporto/sporting/interior.aspx?content_id=1421282 / “Nunca esquecerei a imagem daquele balneário em peso a chorar baba e ranho na hora da despedida de Paulo Bento”, disse ontem o presidente leonino, ...”.

chorar sobre o leite derramado (c. de 161 000 resultados, 28/03/14), lamentar-se sem remédio; lamentar-se inutilmente: “Não adiante chorar sobre o leite derramado; está feito – e está mesmo! Vamos ganhar menos e gastar mais.” (Sérgio de Andrade, jornalista, a propósito da crise económica portuguesa, JN, 25/05/10, 11).

cinco/5 estrelas (c. de 267 000 resultados, 28/03/14), ótimo; excelente: “Cinco estrelas / Cristiano Ronaldo consagrado como o jogador do Mundo FIFA 2008. Recebeu o prémio das mãos de Pelé” (JN, 13/01/09, 1.ª p., título/frases destacadas).

círculo vicioso (c. de 441 00 resultados, 28/03/14), situação sem solução; ciclo vicioso; beco sem saída: “Portugal está numa espécie de círculo viciosos: para equilibrar as finanças trava o crescimento” (JN, 15/07/10, 12, frase destacada).

clamar aos quatro ventos (c. de 5 300 resultados, 28/03/14), anunciar; dar a conhecer a toda a gente; gritar aos quatro ventos: “E clamo aos quatro ventos: mas eu sou um sentimental, como podem dizer que sou antipático e orgulhoso?” (José Saramago, JN, 23/04/08, 56).

coisas do arco-da-velha (c. de 323 000 resultados, 28/03/14), coisas inacreditáveis: “expresso.sapo.pt › Blogues › Chamem-me o que quiserem / 15/11/2012 - Há coisas do arco-da-velha. Uma delas é acreditar que um polícia, depois de hora e meia a levar pedradas, tem discernimento para, durante ...”.

colete de forças (c. de 227 000 resultados, 28/03/14), algo que reprime, que tolhe os movimentos: “Alfaiate de colete de forças / Com aumentos brutais de impostos e cortes drásticos na despesa – que vão colocar muitos portugueses num verdadeiro colete de forças – o Orçamento [apresentado pelo ministro das Finanças Teixeira dos Santos] vai, pelo menos, no sentido em que Portugal precisa de ir.” (*So*, “Confidencial-Economia&Negócios”, 22/10/10, 5, título).

colocar em cima da mesa (c. de 96 300 resultados, 28/03/14), dar a conhecer; tornar público; discutir; pôr em cima da mesa: “Ana Jorge [Ministra da Saúde] afastou o cenário [obrigar os médicos do SNS a optar entre trabalho no público ou no privado] colocado em cima da mesa pelo seu secretário de Estado” (JN, 30/07/08, 8, frase destacada).

colocar em jogo (c. de 195 000 resultados, 28/03/14), ativar; chamar a atenção; pôr em perigo: “[Guillermo] Fariñas [cubano distinguido com o prémio Sakharov por se ter “distinguido pela resistência pacífica ao regime comunista de Havana] colocou em jogo a própria vida” (DN, 22/10/10, 26).

colocar/pôr o dedo na ferida (“colocar o dedo na ferida”, c. de 197 000 resultados, 24/06/14 / “pôr o dedo na ferida”, c. de 77 200 resultados, 24/06/14), acertar no ponto principal; abordar um assunto doloroso: [Caso Maddie] “O inspector da Polícia Judiciária [...] coloca o dedo na ferida ao admitir [...] que o apartamento do Ocean Club [na Praia da Luz, Algarve] onde a família McCann passava férias pode ter sido contaminado pelas diversas pessoas que ali se encontravam.” (JN, 05/08/08, 13).

colocar/pôr uma pedra sobre o assunto (“colocar uma pedra sobre o assunto”, c. de 36 600 resultados, 24/06/14 / “pôr uma pedra sobre o assunto”, c. de 17 300 resultados, 24/06/14), encerrar uma discussão; esquecer: “É verdade que Tiago pediu dispensa da Selecção Nacional há uns anos. Dizem que o fez em tom contundente, o que por si só já seria suficiente para colocar uma pedra sobre o assunto. Mas a verdade é que, de forma correcta e respeitosa para com as actuais opções de Paulo Bento, voltou a abordar a possibilidade do regresso.” (<http://www.dnoticias.pt/imprensa/diario/opiniaio/448658-paulo-bento-e-mais-23>, consultado em 24/06/14).

com a casa às costas (c. de 146 000 resultados, 10/07/14), de um lado para o outro, sem morada certa; itinerante: “Uma vida com a casa às costas / Crise em Espanha obriga muitos operários da construção civil portuguesa a regressar a casa ou a procurar salários mais altos noutros países europeus” (http://www.jn.pt/PaginalInicial/Sociedade/Interior.aspx?content_id=1034107, título/frase destacada, 26/10/08). N.B.: “Com a casa às costas” é o título de um filme de 2006, realizado por Barry Sonnenfeld, com Robin Williams.

com a corda ao/no pescoço (“com a corda ao pescoço”, c. de 10 200 resultados; “com a corda no pescoço”, c. de 88 400, 12/07/14), numa situação aflitiva; atrapalhado; entre a espada e a parede; em maus lençóis: “Mancini com a corda ao pescoço / [...] A goleada (4-0) sofrida pelo Galatasaray, sábado, em casa, contra o Kasimpasa deixou Roberto Mancini em muito maus lençóis” (http://www.ojogo.pt/Internacional/interior.aspx?content_id=3822171, 21/04/2014, título/frase destacada); “O pior é que este PEC [Programa de Estabilidade e Crescimento] não coloca o Governo com uma corda no pescoço: tira-lhe simplesmente e alma.” (Fernando Sobral, colunista, JN, 12/03/10, 13). N.B.: A expressão “com a corda no pescoço” é frequente no Português do Brasil; é também nome de um filme de 1978 com Jack Nicholson.

com a criança nos braços (c. de 381 000 resultados, 12/07/14), num situação delicada e difícil; em maus lençóis: “Seria difícil ao PP, BE e até ao PCP não votar uma moção de rejeição do PSD fundamentada em discordâncias partilhadas pelos quatro partidos. Mas o PSD não quis ficar com a criança nas mãos” (Nuno Rogeiro, comentador político, JN, 06/11/09, 18, frases destacadas). N.B.: Em “com a criança nas mãos”, “mãos” surge no lugar de “braços”.

com chave de ouro (c. de 22 300 000 resultados, 12/07/14), da melhor forma: “Ganhar a Taça e encerrar com chave de ouro” (Fucile, jogador do F.C.Porto, JN, 14/05/08, 47). Expressões frequentes: “concluir/encerrar/fechar com chave de ouro”.

com o coração nas mãos (c. de 376 000 resultados, 17/01/2014), muito preocupado: “Lesão de Liedson tratada com pinças / [...] por ser no joelho que operou em Maio, vai ter de jogar pelo seguro. Liedson está a deixar os sportinguistas com o coração nas mãos” (24 horas, 11/12/08, 24, título/frases destacadas).

com o credo na boca (c. de 120 000 resultados, 10/09/14), com preocupação e insegurança; com medo que possa acontecer algo desagradável: “Com o credo na boca / Mal o calor começa a apertar, somos assaltados pelas recordações trágicas das devastações causadas pelos incêndios florestais dos últimos anos. Isto porque temos a plena consciência de que, como diz o povo, «continuamos com o credo na boca»” (http://www.jornaldenegocios.pt/opiniaio/detalhe/com_o_credito_na_boca.html, 01 junho 2006, título/texto). Expressão frequente: “andar com o credo na boca” (c. de 2 790 resultados).

com os pés (bem) (assentes) na terra (“com os pés na terra”, c. de 338 000 resultados; “com os pés assentes na terra”, c. de 65 600 resultados; “com os pés bem assentes na terra”, c. 162 000 resultados; 07/04/14), de forma realista/pragmática/consciente: “Ser cientista: sem lantejoulas e com os pés na terra” / por Luísa Figueiredo, Investigadora do Instituto de Medicina Molecular 19 julho 2013 / Frequentemente, a imagem do cientista é a de uma pessoa despassarada que só pensa no trabalho. Alguém que vive “no mundo da lua”. Nada mais errado! Um cientista não é muito diferente de um engenheiro civil: é alguém muito pragmático, que faz maratonas atrás de financiamentos e nos quais só uma em cada dez candidaturas é aprovada. Além disso, um cientista submete-se constantemente à avaliação dos pares, para publicar os seus artigos científicos. Portanto, um

cientista tem de ter os seus pés bem assentes na terra” (http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=3331107&seccao=Convidados, título/texto). Expressão frequente: “ter os pés bem assentes na terra” (c. de 122 000 resultados, 07/04/14).

com queda para (alguma coisa) (c. de 397 000 resultados, 07/04/14), com muito jeito para (alguma coisa); com vocação para (alguma coisa): “www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=2701351&seccao... / UM REI COM QUEDA PARA QUEDAS. O Rei Juan Carlos de Espanha tropeçou hoje e acabou por cair. Sofreu um ligeiro ferimento no nariz. Mas esta não foi a ...”.

com um olho no burro e outro no cigano (c. de 61 600 resultados, 10/09/14), de forma muito atenta e desconfiada: “Com um olho nas contas e outro nos disparos coloridos que iluminam os céus na passagem de ano, a grande maioria das autarquias optou, este ano, pela contenção nas despesas com as festas. Porto e Lisboa vão fazer chegar essa redução aos 50%.” (JN, 31/12/10, 2).

com um pé (em algum sítio) (c. de 710 000 resultados, 10/09/14), estar presente; marcar presença: “Monstra 2013 com um pé em Espanha e outro no Brasil / O Festival de Animação de Lisboa começa amanhã e, pela primeira vez, terá dois países convidados” (http://www.dn.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=3091404&seccao=Cinema, título/frase destacada, 06/03/13).

com uma mão à frente e outra atrás (c. de 104 000 resultados, 10/09/14), com dificuldades económicas; na miséria: “Portugal está com uma mão à frente e outra atrás”, diz Passos Coelho / O presidente do PSD disse que se Portugal está com “uma mão à frente e outra atrás”, com endividamento excessivo, foi por responsabilidade do Governo” (<http://expresso.sapo.pt/-portugal-esta-com-uma-mao-a-frente-e-outra-atras-diz-passos-coelho=f629677>, título/frase destacada, 02/02/2011).

começar com o pé direito (c. de 556 000 resultados, 10/09/14), começar bem/com sucesso: “Eusébio abençoa Makukula [nova aquisição do Benfica]: «Oxalá entre com o pé direito»” (*Record*, 10/02/08, 1, título). Ver “entrar com o pé direito”.

como (a) pescadinha de rabo na boca (c. de 16 900 resultados, 10/09/14), como algo que se repete, sem solução: “O secretário-geral do PCP [Jerónimo de Sousa] disse em Alpiarça que o Governo se prepara para impor novas medidas de austeridade, o que representará “um novo desastre” de uma política que é como “a pescadinha de rabo na boca”” (http://economico.sapo.pt/noticias/mais-austeridade-conduz-a-novo-desastre_147131.html, 24 jun 2012).

como beber um copo de água/como quem bebe um copo de água (“como beber um copo de água”, c. de 89 200 resultados; “como quem bebe um copo de água”, c. de 14 700 resultados, 10/09/14), como algo muito simples e frequente; fazer algo sem pensar nas consequências; fazer algo de ânimo leve: “«Ter uma relação sexual não é [como] beber um copo de água» / PS dividido sobre preservativos nas escolas. Maria de Belém contra sinal de “facilitismo” / (...) “Haver preservativos à disposição dos jovens é como ter uma máquina de distribuição de água. Mas ter uma relação sexual não é o mesmo que beber um copo de água”, diz Maria de Belém [ex-ministra da Saúde]” (*Expresso*, 16/05/09, 9, título/frase destacada/texto). Ver Pratt, 1914: 110.

como de pão para a boca (c. de 118 000 resultados, 10/09/14), como algo indispensável para se sobreviver: “www.record.xl.pt > Futebol > Internacional > Sub-20 > Mundial Sub-20 / 26/06/2013 - A Seleção Nacional Sub-20 precisa de Bruma como de pão para a boca. A história, essa, remete-nos para outros palcos e outros craques”. Expressão frequente: “precisar como de pão para a boca” (c. de 356 resultados, 10/09/14).

como (o) cão e (o) gato (“como cão e gato”, c. de 399 000 resultados; “como o cão e o gato”, c. de 17 400 resultados, 11/09/14), (dar-se) mal; não se entenderem: “Sócrates e Passos pegam-se como 'cão e gato' / [...]«pedro passos coelho e josé sócrates podem pegar-se como cão e gato, salve a expressão, mas não têm uma única ideia para o país», acusa o dirigente bloquista [Francisco Louçã]” (<http://www.sol.pt/noticia/19903,23/05/11>).

como um baralho de cartas (c. de 133 000 resultados, 11/09/14), como algo muito fágil, que se desmorona com facilidade: “Gente com um pé em Belém / (...) Os sempre bem guardados segredos de Belém caíram na última semana como um baralho de cartas, depois de Marcelo Rebelo de Sousa ter revelado no seu comentário dominical na TVI o dia, a hora e até o local do anúncio de recandidatura de Cavaco (...). Talvez por isso agora Maria Cavaco Silva mostre bastante mais cuidado quando em público quer dizer alguma coisa ao chefe de Estado. Não vá o diabo tecê-las... ou seja, não vá Marcelo estar à escuta!” (Na foto, Maria Cavaco Silva a dizer algo ao ouvido do marido, *Expresso-Primeiro Caderno*, 23/10/10, 16, título/texto).

como (um) peixe na água (“como peixe na água”, c. de 20 800 resultados; “como um peixe na água”, c. de 9 870, 11/09/14), à grande vontade: “www.ojogo.pt/Futebol/1a_liga/Porto/interior.aspx?content_id... / 02/02/2013 - Tem muita qualidade de decisão e muita qualidade técnica. Está como peixe na água”, atirou. Izmilov, recorde-se, foi suplente utilizado frente ...”; “Sinto-me como um peixe na água” (José Figueiras, apresentador, a propósito do programa “Dia em grande” a estrear na SIC, JN, 19/05/08). N.B.: “Como peixe na água” (título original: SHOOTING FISH) é nome de um filme de 1997 (<http://www.rtp.pt/programa/tv/p16691>).

como um rastilho de pólvora (c. de 11 700 resultados, 11/09/14), que se propaga perigosa e facilmente: “Vivem [os índios yanomami] na floresta tropical e a gripe pandémica [gripe A], que já lhes bateu à porta, pode vir a espalhar a morte pelas suas aldeias como um rastilho de pólvora” (*Público*, 06/11/09, 22, frase destacada).

como unha e carne (c. de 13 000 resultados, 11/09/14), duas coisas ou pessoas indissociáveis: “Hollande e Merkel como "unha e carne" (<http://www.publico.pt/multimedia/video/hollande-e-merkel-como-unha-e-carne-201451014070>, 10/05/2014, vídeo de 1:31 min.).

compasso de espera (c. de 119 000 resultados, 11/09/14), momento de pausa; impasse: “economico.sapo.pt/.../russia-e-ucrania-em-compasso-de-espera_191251... / 15/04/2014 - O confronto entre as forças do governo da Ucrânia e os separatistas pró-russos está em compasso de espera: 24 horas depois de expirado o ...”.

contagem de espingardas (c. de 72 500 resultados, 16/09/14), contagem de apoios; levantamento de recursos: “[Eleições nos EUA]. John MacCain contra quem: Hillary Clinton ou Barack Obama? Finda mais uma Superterça-feira, os dois candidatos democratas continuam envolvidos numa renhida contagem de espingardas” (*Público*, 06/03/08, 2, título/texto destacado).

contar (os) tostões (c. de 107 000 resultados, 16/09/14), controlar atentamente os gastos; gastar pouco dinheiro por este ser escasso: “expresso.sapo.pt > Dossiês > Dossies Economia > Iniciativa Poupança / 12/11/2011 - Vamos viver os próximos anos a contar os tostões, como diriam os mais antigos. Ninguém duvida disso, mesmo os mais otimistas. Mas se os...”.

contar-se pelos dedos (da mão)/(de uma mão)/(de uma só mão) (c. de 48 300 resultados, 16/09/14), ser em pouca quantidade: “Portugal. Comunidade tibetana conta-se pelos dedos da mão” (*Público*, 10/03/09, 1.ª p., título).

conto do vigário/conto-do-vigário (c. de 164 000 resultados, 16/09/14), história enganadora; vigarice; burla: “PJ deteve Sérgio Silva com dois cheques falsos. Conto do vigário” (*O Jogo*, 19/04/08, 1.ª p., antetítulo/título).

contra ventos e marés (c. de 578 000 resultados, 18/09/14), enfrentando todo o tipo de obstáculos/dificuldades: “Portugal é um caso curioso; de dificuldade grave em dificuldade grave, sempre com probabilidades baixas de sucesso e contra ventos e marés, lá foi navegando pela história, deixando mesmo pontualmente marcas de referência mundial.” (Margarida Proença, professora da UM, CM, 22/10/10, 17, frase destacada).

conversa de corredor (c. de 67 300 resultados, 18/09/14), conversa informal e descomprometida; informações para não levar muito a sério; conversa de (mesa de) café: “É mais uma conversa de corredor do que uma entrevista aquilo que o Diário Económico publica esta quinta-feira. Só que não se trata de uma conversa qualquer: o corredor é no Hotel Palácio do Estoril e o seu protagonista é Ricardo Salgado, o antigo líder daquilo que foi o grupo financeiro privado mais poderoso de Portugal, agora caído em desgraça.” (<http://www.sol.pt/noticia/113377>, 14/08/14).

cor de burro quando foge (c. de 210 000 resultados, 19/09/14), cor indefinida; coisa sem identidade: “COR DE BURRO QUANDO FOGUE / por Vasco Graça Moura 18 março 2009 31 comentários / [...] Ora quem tanto se autovitimizava [como José Sócrates, primeiro-ministro português] com essa rábula da "campanha negra" fica reduzido a fazer, por sua vez, uma campanha cor de burro quando foge” (http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=1174398&page=-1, título/texto). N.B.: Outras expressões presentes neste texto de opinião sobre o PS e o primeiro-ministro português José Sócrates: “até se dizer chega”, “mistura alhos com bugalhos”, “desculpas de mau pagador”, “vai para o galheiro”, “ponto morto”, “meia bola e força”, “espertezas saloias”, “rabos-de-palha”, “está-se marimbando”, etc.

correr atrás do prejuízo (c. de 982 000 resultados, 19/09/14), tentar atenuar ou evitar resultados negativos; no futebol, por exemplo, estar em desvantagem no marcador e tentar dar a volta ao resultado: “www.ojogo.pt/Futebol/1a_liga/sporting_braga/interior.aspx?content... / 21/03/2014 - Temos de correr atrás do prejuízo. Tivemos mais oportunidades do que o adversário, mas não vale a pena pensar nisso agora. Perdemos dois...”. N.B.: A expressão “correr atrás do prejuízo” é também frequente no Português do Brasil.

correr mundo (c. de 82 400 resultados, 19/09/14), viajar por muitos lugares; dar-se a conhecer em muitos lugares; internacionalizar-se: “Cosméticos portugueses correm mundo / A marca portuguesa Myeko não pára de conquistar novos mercados. Angola e EUA são os próximos.” (*Sol*, 01/10/10, “Economia & Negócios”, 15, título/frases destacadas).

cortar as asas (c. de 281 000 resultados, 19/09/14), impedir; não dar qualquer possibilidade: “depois de tudo isto, que significa viver em instabilidade permanente e corresponde a cortar as asas a quem precisa de voar, a União Europeia prepara-se para dar mais um passo para a desumanização do trabalho com a aprovação da directiva que abre caminho à semana de trabalho de 65 horas, ainda que em situações especiais.” (Fernando Madrinha, *Courrier International*, Agosto 2008, 9).

cortar o mal pela raiz (c. de 436 000 resultados, 19/09/14), acabar de vez com um problema, de forma total e duradoura; cortar pela raiz: “Irão põe o mundo à beira de um ataque de nervos / Israel, tal como os EUA, diz-se

pronto para, a todo o momento, cortar o mal pela raiz” (JN, 11/07/08, 36, título/subtítulo).

cortar pela raiz (c. de 262 000 resultados, 19/09/14), acabar de vez com um problema, de forma total e duradoura; cortar o mal pela raiz: “[Alberto João Jardim, Presidente do Governo Regional da Madeira,] Viu o Tribunal Constitucional cortar pela raiz a intenção que tinha de contrariar a Lei (nacional) do Tabaco.” (JN, 05/08/08, 5).

criar raízes (c. de 78 800 resultados, 19/09/14), fixar-se; consolidar-se; criar bases de apoio: “www.ionline.pt/.../programa-inres-quer-empresas-portuguesas-criar-raize... / há 3 dias - Quatro equipas de jovens empreendedores portugueses vão viajar até aos Estados Unidos para “criar raízes” no mercado norte-americano”.

2. BADAPE: Revistas (Amostra de A a C)

à balda (c. de 10 500 resultados, 08/01/14), de forma desorganizada; à sorte: “Em Portugal, há que ser especialmente talentoso para corromper. Não é corrupto quem quer. É preciso fazer as coisas bem feitas e seguir a tramitação apropriada. Não é acto que se pratique à balda, caso contrário o tribunal rejeita as pretensões do candidato. «Tenha paciência», dizem os juizes. «Tente outra vez. Isto não é corrupção que se apresente.» (Ricardo de Araújo Pereira, humorista e cronista, *Visão*, 29/04/10, 130, frases destacadas).

a bem dizer (c. de 1 030 000 resultados, 08/01/14), verdadeiramente; verdade seja dita: “Os salários, a bem dizer, têm estado no frigorífico” (Ricardo Araújo Pereira, humorista, *Visão*, 11/04/10, 114).

à borla (c. de 145 000 resultados, 08/01/14), gratuito; de graça; de borla: “Saídas à borla. 20 sugestões gratuitas de lazer” (*Visão*, 25/02/10, “Visão sete”, 1, título).

a conta-gotas (c. de 1 150 000 resultados, 08/06/14), pouco a pouco; em pequenas quantidades: “Com a morte de Michael Jackson, perfila-se a edição a conta-gotas de material inédito.” (Revista *Tabu*, 23/10/09, 14, frase destacada).

a contra-relógio/contra relógio (c. de 49 700 resultados, 09/01/14), o mais rapidamente possível: “[Candidatos à Presidência dos EUA] “Campanha a contra-relógio / Falta de resultados forçam McCain a mudar de estratégia, despedindo um colaborador por dizer que Obama vai pintar a Casa Branca de... negro” (*Visão*, 16/10/08, 102, título/frase destacada).

a oito (c. de 58 900 resultados, 11/01/14), do princípio ao fim; de enfiada; a fio: “Reduções salariais e cortes a oito nos direitos são um tipo de medicina medieval, que equivalem às sanguessugas receitadas pelos médicos no século XVI” (João Cravinho, director do Banco Europeu para a Reconstrução, *Sábado*, 16/06/11, 29, frase destacada). Vd. RL vol. III, p. 146.

a ferver (c. de 1 130 000 resultados, 11/01/14), intenso; muito nervoso/impaciente; ao rubro: “Rock in Rio a ferver” (*Visão*, 05/06/08, 12, título).

à flor da pele (c. de 1 460 000 resultados, 11/01/14), extremamente sensível; instável; prestes a manifestar-se: “Camané à flor da pele / O fadista vai estar quatro noites no São Luiz. De 3 a 6 de Fevereiro, volta a apresentar em Lisboa o disco *Do Amor e dos Dias*, o seu álbum mais recente.” (Revista *Tabu*, 28/01/11, 28, título/frases destacadas).

à grande (c. de 2 720 000 resultados, 11/01/14), de forma grandiosa; abundantemente; com importância; em grande: “O João Manzarra vai entrar à grande na Cidade FM / Todos os dias às 7 da tarde Vera Fernandes vai levar com o João Manzarra. Não percas vai ser em grande” (*Visão*, 25/10/12, 107).

à maneira (c. de 1 520 000 resultados, 12/01/14), com qualidade; ótimo: “Um quarto à maneira / Entre as aulas, o desporto, as brincadeiras com os amigos e os momentos em família, é fundamental estudares. Vê como um quarto bem preparado pode facilitar a tua vida!” (*Visão Júnior*, Setembro 2010, 28, título/frases destacadas).

a menos que (c. de 52 200 000 resultados, 13/01/14), a não ser que: “Não há democracia sem tensão dialéctica. E eu sou contra a paz podre e a pasmaceira. A menos que queiram transformar o Parlamento num colégio de freiras.” (Maria José Nogueira Pinto, deputada do PSD que chamou “palhaço” a um deputado do PS na Assembleia da República, Revista *Notícias Sábado*, 19/12/09, 12).

à mercê (de alguém ou de alguma coisa) (c. de 852 000 resultados, 13/01/14), submetido a alguém ou alguma coisa; dependente de alguém ou de alguma coisa: “[União Europeia] à mercê da Irlanda / O Tratado de Lisboa vai a votos esta quinta-feira e o futuro dos 27 pode depender do referendo irlandês” (*Visão*, 12/06/08, 68, título/frase destacada).

a meus/teus/seus... pés (“a meus pés”, c. de 658 000 resultados; “a teus pés”, c. de 5 040 000 resultados; “a seus pés”, c. de 5 860 000 resultados; 13/01/14), vencido por mim/ti/si...; à minha/tua/sua... mercê: “Cavaco Silva no Congresso da Figueira da Foz: foi fazer a rodagem do carro e ficou com o PSD a seus pés [ao ser eleito líder]” (Revista *Notícias Sábado*, 22/09/08, 16).

- à minha/tua/sua... medida** (“à minha medida”, c. de 103 000 resultados; “à tua medida”, c. de 301 000 resultados; “à sua medida”, c. de 4 320 000 resultados; 13/01/14), feito propositadamente para mim/ti/si...; vantajoso para mim/ti/si...: “Um 2009 à sua medida / Nesta edição, a VISÃO propõe-lhe uma visita guiada um 2009 muito especial: o ideal.” (*Visão*, 01/01/09, 8, título/texto).
- a miúde** (c. de 12 400 resultados, 13/01/14), muitas vezes; com frequência: “Como bom portuense, uso palavras amiúde” (Rui Veloso, músico, Revista *Única*, 20/08/11, 12, título).
- a olho nu** (c. de 4 960 000 resultados, 13/01/14), visível sem recurso a equipamentos: “Pode não ser visível a olho nu, mas ela anda por aí: Internet sem fios, gratuita, ao alcance das populações de várias cidades nortenhas.” (*Visão* “Sete”, 16/10/08, 4).
- a olhos vistos** (c. de 1 730 000 resultados, 13/01/14), de forma bem visível; sem qualquer dúvida: “Desde que se tornou princesa [das Astúrias] que Letizia, de 37 anos, tem vindo a perder peso, a olhos vistos” (*Revista Nova Gente*, 19/07/10, 30); “O nosso jornalismo político está a degradar-se a olhos vistos para um proselitismo cada vez mais evidente” (José Pacheco Pereira, professor, *Sábado*, 18-22/12/08, 10, frase destacada).
- a páginas tantas** (c. de 42 400 resultados, 13/01/14), a certa altura: “A moda [Comunidades de leitores] demorou a chegar mas parece ter vindo para ficar. A páginas tantas, há grupos de leitura a florescer um pouco por todo o lado.” (*Visão sete*, 21/01/10, 10).
- a par e passo** (c. de 565 000 resultados, 14/01/14), pormenorizadamente e de forma ordenada: “O Euro 2008 a par e passo / O nosso convidado especial à Suíça, Manuel Barros Moura, acompanhará, a par e passo, todas as incidências relativas ao Euro 2008.” (*Visão*, 05/06/08, 12, título/texto).
- a passos largos** (c. de 7 380 000 resultados, 14/01/14), de forma expressiva e irreversível: “De cinto apertado / Salários congelados, aumento dos combustíveis e créditos à habitação com juros incomportáveis. Estes são os pesadelos da classe média portuguesa, que, sufocada pelo aumento do custo de vida, caminha a passos largos para a extinção.” (*Visão*, 12/06/08, 50, título/texto).
- à perna** (c. de 81 500 resultados, 14/01/14), muito próximo: “Além de defesas maliciosos e garotas endiabradas, Cristiano Ronaldo [jogador do Real Madrid] tem, agora, um bruxo à perna (à perna, mesmo!) [porque “O Jornal *El Mundo* dedicou, esta semana, uma página inteira a um bruxo que ameaça, com artes mágicas, partir uma perna a Cristiano Ronaldo] (Ferreira Fernandes, Revista *Notícias Sábado*, 03/10/09, 4). Expressões frequentes: *dar à perna* (andar depressa) e *ter à perna* (ter muito próximo).
- a peso de ouro** (c. de 1 570 000 resultados, 14/01/14), muito caro; a um preço muito alto: “Os nórdicos têm muitos impostos, mas circulam em autoestradas e não as pagam a peso de ouro [como os portugueses]” (Tiago Guerreiro, fiscalista, *Visão*, 06/01/11, 53, frase destacada);
- a plenos pulmões** (c. de 1 510 000 resultados, 14/01/14), com toda a força; num volume muito alto: “Uma equipa das Quinas diferente das outras. Canto o hino nacional a plenos pulmões” (Revista *Única*, 22/09/07, 28).
- à porta fechada** (c. de 2 830 000 resultados, 14/01/14), inacessível ao público/à comunicação social; privado: “O Governo [de José Sócrates] não informou Cavaco Silva [Presidente da República] antes de aceitar receber prisioneiros de Guantánamo. Isto mesmo admitiu o ministro [dos negócios estrangeiros] Luís Amado numa reunião à porta fechada da Comissão dos Negócios Estrangeiros, a 17 de Dezembro.” (*Sábado*, 08-14/01/09, 50).
- a postos** (c. de 1 550 000 resultados, 14/01/14), pronto/preparado (para começar): “Cientistas japoneses têm tudo a postos para clonar um mamute conservado no gelo. A experiência é polémica mas, defendem os autores, vai permitir saber mais sobre esta espécie extinta” (Revista *Tabu*, 28/01/11, 56, frases destacadas).
- a preço(s) de saldo** (c. de 498 000 resultados, 14/01/14), muito barato: “Braga parece ter tudo para atrair os mais novos: um centro histórico recuperado, lojas e bares cosmopolitas, casas a preços de saldo.” (*Visão*, 05/01/12, 70, frase destacada).
- a preto e branco** (c. de 7 700 000 resultados, 14/01/14), de forma triste/monótona: “Arco-íris a preto e branco / A violência doméstica em relações homossexuais é comum, mas conseguir ajuda torna-se difícil. À primeira agressão, as vítimas escondem-se noutra armário” (*Visão*, 16/10/08, 126, título/frases destacadas).
- a quente** (c. de 351 000 resultados, 14/01/14), de forma emotiva e sem tempo para reflexões; logo a seguir ao sucedido: “«O PPD fez a vida negra a Sá Carneiro» / Para assinalar o 30.º aniversário da morte de Francisco Sá Carneiro, Maria João Avelaz reedita a biografia publicada ainda ‘a quente’ pouco depois de Camarate [onde o político perdeu a vida]” (Revista *Tabu*, 19/11/10, 50, título/frase destacada).
- a talhe de foice** (c. de 921 000 resultados, 14/01/14), de forma um pouco imprevisita; sem grandes preparações: “Leio uma frase, pouso o livro, e sonho com uma situação em que consiga metê-la a talhe de foice para ceifar uns quantos que eu cá sei” (“As frases prontas a comer”, crónica de Ferreira Fernandes, Revista *Notícias Sábado*, 26/07/08, 4, frase destacada).

- a título de** (c. de 98 600 000 resultados, 14/01/14), na situação/condição de: “Até essa altura [1962, quando a França emprestou a *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci], a *Gioconda*, como é conhecida pelos franceses, nunca tinha saído do Louvre a título de empréstimo.” (*Sábado*, 08-14, 01/09, 107).
- a todo o custo** (c. de 2 990 000 resultados, 14/01/14), de qualquer maneira; sem olhar a meios: “A teimosia do Presidente polaco em aterrar a todo o custo em Smolensk, na Rússia, aliada a terríveis condições atmosféricas, pode ter, no limite, provocado a morte de 96 passageiros” (*Sábado*, 15/04/10, 71); “Jovens a todo o custo / “Da filosofia «antiaging» à cirurgia plástica, dos cremes milagrosos ao botox, cada vez mais pessoas estão dispostas a tudo para se manterem jovens.” (Revista *Única*, 27/12/08, 35, título/frase destacada). N. B.: Ver vídeo (00:08:20) sobre intervenção do Presidente da República na entrega dos Prémios Gazeta 2008 na Sede da Caixa Geral de Depósitos, Lisboa, em <http://www.presidencia.pt/?idc=10&idi=31509>.
- à vista desarmada** (c. de 293 000 resultados, 14/01/14), a olho nu; sem o auxílio de qualquer utensílio ótico: “À vista desarmada / O escândalo das apostas ilegais e da manipulação de resultados chegou às competições da UEFA” (*Visão*, 26/11/09, 90, título/frase destacada).
- abrir mão** (c. de 655 000 resultados, 15/01/14), abdicar; autorizar; permitir: “Se decidir mesmo vender a Vivo, a PT pode procurar uma alternativa que lhe sirva de consolo. Difícil vais ser explicar ao País porque abriu mão do maior e mais rentável operador do Brasil” (*Visão*, 10/06/10, 67, frases destacadas).
- abrir os cordões à bolsa** (c. de 186 000 resultados, 15/01/14), disponibilizar recursos; investir: “Investir contra a corrente / Quando a crise obriga a poupanças forçadas, há empresas que aproveitam para fazer o inverso: abrir os cordões à bolsa.” (*Visão*, 21/01/10, 48).
- abrir um rombo** (c. de 115 000 resultados, 15/01/14), provocar um grande prejuízo: “Vaticano no vermelho / Desvalorização do dólar abre um rombo de 9 milhões nas contas da Santa Sé” (*Focus*, 03-09/09/08, título/subtítulo, 114-115).
- acertar contas** (c. de 54 100 resultados, 15/01/14), corrigir; vingar-se; repor a justiça: “IRS Sabe acertar contas com o Fisco? / Chegou a altura de apresentar a declaração de rendimentos. Saiba o que ainda pode deduzir este ano...” (*Visão*, 28/3/13, 50).
- afiar as facas** (c. de 36 800 resultados, 15/01/14), preparar para um conflito; abrir as hostilidades: “Já se afiam as facas / Israel mostra os dentes, mas o Irão nem pestaneja / Nem a multiplicação de sinais de que um ataque israelita poderá estar iminente leva Teerão a desistir do seu programa nuclear” (*Visão*, 26/06/08, 80, título/frase destacada/texto).
- agitar as águas** (c. de 129 000 resultados, 15/01/14), provocar instabilidade; desencadear a discussão; causar conflitos: “Berlusconi em trabalhos / [...] A mulher de Silvio Berlusconi, Veronica Lario, veio agitar as águas, na política italiana, ao pedir o divórcio do primeiro-ministro, após uma sucessão de novos episódios de envolvimento de *Il Cavaliere* com mulheres jovens e bonitas.” (*Visão*, 07/05/09, 68, título/texto).
- agradar a gregos e (a) troianos** (“agradar a gregos e a troianos”, c. de 411 000 resultados; “agradar a gregos e troianos”, c. de 378 000 resultados, 17/01/14), agradar a todos: “Durão Barroso / Ele está para ficar? / Construtor de pontes numa Europa desunida, Durão Barroso foi capaz de agradar a gregos e a troianos. É provável que, daqui a umas semanas, renove o seu mandato à frente da Comissão Europeia.” (*Visão*, 07/05/09, 32).
- amargos de boca** (c. de 99 000 resultados, 17/01/14), aspetos desagradáveis; derrotas/problemas/dificuldades: “Desconfio de que o levantamento do segredo de justiça iria trazer fortes amargos de boca a quem julga os outros” (Moita Flores, presidente da Câmara de Santarém, *Sábado*, 15/04/10, 32).
- amigo do peito** (c. de 1 180 000 resultados, 17/01/14), grande amigo; amigo sincero: “[Mário] Soares e [Manuel] Alegre eram amigos do peito. Juntos resistiram à ditadura e à ameaça comunista. A amizade não resistiu às últimas presidenciais que os puseram um contra o outro” (Revista *Notícias Sábado*, 05/06/10, 42, frases destacadas).
- amor à camisola** (c. de 446 400 resultados, 17/01/14), respeito e afeição muito grande por alguma coisa: “Lázaro Oliveira [treinador do Estrela da Amadora] lidera uma equipa que joga apenas por «amor à camisola». Sem salários, o Estrela garantiu a permanência e está nos píncaros da admiração desportiva nacional” (*Visão*, 07/05/09, 22).
- andar nas bocas do mundo** (c. de 45 000 resultados, 17/01/14), ser falado por muita gente e em vários locais: “O vírus [A ou H1N1 ou mexicano] que anda nas bocas do mundo” (*Visão*, 07/05/09, 6, título); “Nas bocas do mundo desde o caso Maddie / A 3 de Maio de 2007 desapareceu do apartamento onde passava férias com os pais e os irmãos, na Praia da Luz (Lagos), a menina Maddie McCann, de 3 anos. Desde então a criminalidade no Algarve não mais deixou de andar nas bocas do mundo.” (Revista *Notícias Sábado*, 13/02/10, 21, título/texto).
- andar num virote** (c. de 1 050 resultados, 17/01/14), andar atarefado; andar de um lado para o outro; andar numa fona; andar numa roda viva: “Em polvorosa / Ninguém segura Helena Laureano. Na Madeira, a bela atriz

- anda num virote.” (*Notícias TV*, in DN, 14-20/11/08, 79, título/texto).
- ao passo que** (c. de 34 700 000 resultados, 17/01/14), enquanto; enquanto que: “Uma diferença entre os dois *curricula* [de Einstein e de Egas Moniz] reside na precocidade dos trabalhos de investigação do físico [...], ao passo que o médico só enveredou pela investigação depois de ter desistido de uma carreira política.” (Carlos Fiolhais, Revista *Tabu*, 28/05/10, 75).
- ao preço da uva mijona** (c. de 52 600 resultados, 17/01/14), muito barato; ao preço da chuva: “visao.sapo.pt/pscongresso-as-joias-da-coroa-nao-podem-ser-vendidas-ao... / 09/09/2011 - “Não podemos aceitar que as nossas joias da coroa sejam vendidas ao preço da uva mijona. Nós não podemos estar dispostos a isso”.
- ao relento** (c. de 301 000 resultados, 17/01/14), ao ar livre: “Os últimos cowboys / [No Pantanal brasileiro] Enfrentam a seca e as cheias, dormem ao relento sob a ameaça das onças” (Revista *Tabu*, 10/01/09, 38, título/frase destacada).
- ao rubro** (c. de 682 000 resultados, 17/01/14), no ponto máximo de emoção: “Este movimento de «desnobilização» começou há cerca de dez anos [nos EUA], meio século depois da atribuição do prémio [Nobel da Medicina em 1940], ao neurocirurgião português [Egas Moniz], e está agora ao rubro” (Revista *Notícias Magazine*, 25/10/09, 56).
- apertar o cinto** (c. de 697 000 resultados, 17/01/14), fazer um *grade* sacrifício económico; passar por uma grande dificuldade económica; perder poder de compra: “Na hora de apertar o cinto, as maiores fortunas ficam ainda maiores” (*Visão*, 12/06/08, 62); “Viver à grande / Há cada vez mais portugueses que se riem da crise. Conheça os pequenos grandes luxos de um mercado que está longe de apertar o cinto.” (*Focus*, 31/12/08-06/01/09, capa); “[...] é falso que o Programa de Estabilidade e Crescimento obrigue uma parte significativa dos portugueses a apertar o cinto. E é falso sobretudo na medida em que aquilo que os portugueses têm à cintura já não é um cinto há algum tempo: é um garrote” (Ricardo Araújo Pereira, humorista, *Visão*, 11/04/10, 114, frases destacadas).
- apontar o dedo** (c. de 1 700 000 resultados, 17/01/14), acusar, criticar: “O homem mais rico do mundo [Warren Buffett, Investidor] aponta o dedo aos bancos, na crise financeira norte-americana, critica Bush e dá total apoio aos democratas” (*Visão*, 29/05/08, 76, frase destacada).
- arranjar lenha para me/te/se... queimar** (“arranjar lenha para se queimar”, c. de 24 400 resultados, 05/04/14), agravar a situação; arranjar mais problemas: “O PS julga que ganha votos por afrontar Cavaco [Silva, presidente da República] mas com isso só arranja mais lenha para se queimar” (Fernando Madrinha, *Revista Lux*, 15/12/08, s/p.)
- às moscas** (c. de 590 000 resultados, 05/03/14), sem público; vazio: “Ainda que em Portugal as suas vendas sejam escassas, Beyoncé não deverá deixar o Pavilhão Atlântico às moscas a 18 de Maio” (Revista *Tabu*, 03/01/09, 16, frase destacada).
- às voltas** (c. de 1 130 000 resultados, 05/03/14), desorientado, atarefado: “Às voltas com a crise / A indústria automóvel atravessa uma das maiores crises de sempre. Mas o Governo tem um plano para resolver o problema.” (*Visão*, 04/12/08, 58-59, título/frases destacadas); “Em obras / quem também anda às voltas com o lar é o menino bonito da TVI Isaac Alfaiate.” (*Notícias TV*, in DN, 14-20/11/08, 79).
- assentar arraiais** (c. de 15 200 resultados, 05/03/14), fixar-se; instalar-se por muito tempo; passar a viver; assentar praça: “Enamorada pelos livros de Pessoa e de Camões, e também pelos relatos do seu compatriota Antonio Tabucchi, [Clelia Bettini] encantou-se por Portugal. Licenciou-se e doutorou-se em Itália em Língua e Literatura Portuguesas, morando em Portugal e na Itália, mas desde 2008 assentou arraiais em Coimbra.” (Revista *Notícias Sábado*, 22/05/10, 23).
- até às tantas** (c. de 282 000 resultados, 05/03/14), até muito tarde; pela noite dentro: “[Amália Rodrigues] Acabava os espectáculos, ficava a dar à língua até às tantas e deitava-se sem tirar a maquilhagem.” (Estrela Curvas, amiga de Amália, *Sábado*, 14/05/09, 36).
- atirar (com) areia para os olhos** (“atirar areia para os olhos”, c. de 164 000 resultados; “atirar com areia para os olhos”, c. de 7 100; 05/03/14), tentar enganar; deitar areia para os olhos; lançar areia para os olhos: “Atirar areia para os olhos / [...] «Portugal não é uma província de Espanha.» Lembra-se desta frase de Manuela Ferreira Leite [líder do PSD], durante o debate com José Sócrates [primeiro-ministro], em Setembro último? Caiu o Carmo e a Trindade” (*Visão*, 21/01/10, 28, título); “A arte tem este lado provocador, onde se atira areia para os olhos dos papalvos comuns, onde me incluo.” (Ferreira Fernandes, Revista *Notícias Sábado*, 17/01/09, 17).
- balão de ensaio** (c. de 423 000 resultados, 10/03/14), início; primeira fase: “Balão de ensaio / Aos 31 anos, Susana Soares tem três peças na colecção permanente do MoMa de Nova Iorque. A artista portuguesa aposta na interactividade do *design* com a ciência e tecnologia” (Revista *Tabu*, 15/11/08, 24, título/ frases destacadas).
- barril de pólvora** (c. de 1 460 000 resultados, 10/03/14), perigo grande e iminente: “Os acontecimentos na Grécia [revolta violenta dos estudantes desde 6 de Dezembro, dia em que Alexis Grigoropoulos, de 15 anos, foi

- morto a tiro por um polícia] expõem os barris de pólvora das sociedades ocidentais. Resta saber se a serenidade dos portugueses não será apenas um mito” (*Visão*, 01/01/09, 60, frases destacadas).
- base de dados** (c. de 113 000 000 resultados, 10/03/14), conjunto organizado de dados/informações, geralmente para consulta pública: “Em Fevereiro, a Fundação Francisco Manuel dos Santos lançava a Pordata, a primeira base de dados que reunia as estatísticas sociais do País [...]. Pouco mais de oito meses depois, a base, até agora só com dados nacionais, passa a ter a extensão Europa.” (*Visão*, 28/10/10, 21).
- batata quente** (c. de 182 000 resultados, 10/03/14), problema; dificuldade: “Que fazer com o pedido palestino para aderir à ONU? A «batata quente» passou para as mãos de Portugal” [que assumirá em novembro a presidência rotativa do Conselho de Segurança] (*Visão*, 27/10/11, 52, frases destacadas); “Batata quente / O Parlamento vai reapreciar, já na próxima semana, o Estatuto dos Açores. Um teste à maioria socialista, mas também à «fidelidade» do PSD a Cavaco Silva [Presidente da República]” (*Visão* 18/09/08, 38, título/frase destacada).
- bater à porta** (c. de 1 430 000 resultados, 10/03/14), pedir ajuda/auxílio; recorrer a alguém; contactar; atingir: “Um retrato, o mais fiel possível, de quem vive em Portugal. E de como se vive. É a campanha do Censos 2011 que nos vai bater à porta em Março.” (Revista *Única*, 21/01/11, 68, frases destacadas); “Baião, uma aldeia do Norte onde o desemprego na construção civil já bateu à porta” (*Visão*, 16/10/08, 58, frase destacada).
- bater com a porta** (c. de 518 000 resultados, 10/03/14), abandonar; discordar: “O escritor que bateu com a porta ao Grupo Leya / João Aguiar define os grandes grupos editoriais como “desumanos” e desinteressados do autor e dos livros que não dão lucro imediato” (Revista *Notícias Sábado*, 08/11/2008, 36, título/frase destacada).
- bater o pé** (c. de 980 000 resultados, 11/03/14), enfrentar corajosamente; discordar; impor-se; fazer frente: “Aconteça o que acontecer, eu gosto da Turquia. Gosto dessa gente que se galvaniza e bate o pé aos grandes. [...] Ainda se joga por amor à camisola.” [A propósito do bom desempenho da Turquia no Euro 2008] (Manuel Alberto Valente, *Visão*, 26/06/08, 28).
- beber o cálice** (c. de 306 000 resultados, 11/03/14), antecipar um grande sacrifício (tal como Jesus Cristo na última ceia?): “Temos de deixar o engenheiro Sócrates [primeiro-ministro de Portugal] beber o cálice até ao fim” (António Nogueira Leite, economista e conselheiro do PSD, *Sábado*, 04/11/10, 29, frase destacada).
- beco sem saída** (c. de 6 350 000 resultados, 11/03/14), problema sem solução: “Maria de Lurdes [Rodrigues, Ministra da Educação do governo de José Sócrates] fragilizou a sua posição e está num beco sem saída” (José Pacheco Pereira, professor, *Sábado*, 20/11/08, 10, frase destacada).
- bem parecido** (c. de 693 000 resultados, 11/03/14), com bom aspeto: “Passos [Coelho, novo líder do PSD] é alto e bem parecido como Sócrates [primeiro-ministro português] mas tem o nariz menos comprido” (Ângelo Correia, empresário, *Sábado*, 15/04/10. Referência à suposta tendência de Sócrates para a mentira?).
- bicho de sete cabeças/bicho-de-sete-cabeças** (c. de 463 000 resultados, 11/03/14), grande problema; bico de obra: “Explicar aos nossos filhos o que é o «casamento homossexual» não é um bicho-de-sete-cabeças. Para as crianças, importante mesmo é o afecto.” (Revista *Notícias Magazine*, 24/01/10, 31).
- bico de obra** (c. de 1 250 000 resultados, 18/01/14), grande problema; bicho de sete cabeças: “Estádio Axa / Cabeça de romano para inglês ver / [...] estádio Axa [em Braga], uma obra premiada de arquitectura e de engenharia mas um bico de obra para se ver futebol” (Revista *Notícias Sábado*, 25/09/10, 21).
- bode expiatório** (c. de 1 250 000 resultados, 18/01/14), pessoa escolhida para ser responsabilizada por erros cometidos por outrem: “Miguel Veloso [futebolista do Sporting]. Pai defende-o. “O Miguel foi Bode Expiatório” (*Notícia TV*, 7-13 Março 2008, in JN e DN).
- bons velhos tempos** (c. de 940 000 resultados, 11/03/14), passado recordado com saudade: “Bons velhos tempos / Em 2002, quando o euro começou a ser utilizado, festejou-se com toda a pompa e circunstância. Oito anos depois restam poucas razões para celebrar” (*Focus*, 19/05/10, 25, título/frase destacada).
- buraco sem fundo** (c. de 25 100 resultados, 11/03/14), problema enorme, sem resolução à vista; poço sem fundo: “Buraco sem fundo / Com Bernard Madoff [detido a 11 de Dezembro em Nova Iorque], as contas aos prejuízos fazem-se aos milhares de milhões – quem é o autor da maior fraude financeira da História e quem perdeu com ela” (Revista *Tabu*, 03/01/09, título/frase destacada).
- Cabo da Boa Esperança** (c. de 969 000 resultados, 14/03/14), situação de sucesso; triunfo difícil: “Quando [José] Sócrates [primeiro-ministro português] idealizou passar o Cabo das Tormentas não atingiu o Cabo da Boa Esperança” (Adelino Maltez, politólogo, *Focus*, 31/12/08-06/01/09, 33, frase destacada).
- Cabo das Tormentas** (c. de 341 000 resultados, 14/03/14), situação extremamente difícil; cabo dos trabalhos: “Quando [José] Sócrates [primeiro-ministro português] idealizou passar o Cabo das Tormentas não atingiu o Cabo da Boa Esperança” (Adelino Maltez, politólogo, *Focus*, 31/12/08-06/01/09, 33, frase destacada).
- cada cavadela cada minhoca** (c. de 101 000 resultados, 14/03/14), pontaria certa; ironicamente, a cada intervenção/atitude corresponde um problema; série de asneiras: “Rui Machete [ministro dos negócios

estrangeiros do governo de Passos Coelho] não está a dar uma para a caixa. Cada cavadela, cada minhoca” (José Lello, deputado do PS, *Revista*, in *Expresso*, 12/10/13, 20, frases destacadas).

cada macaco no seu galho (c. de 931 000 resultados, 14/03/14), cada pessoa no seu lugar, de acordo com as suas competências: “[Os enfermeiros prescreverem medicamentos] é a mesma coisa que os médicos pilotarem aviões [...]. Cada macaco no seu galho” (Pedro Nunes, bastonário da Ordem dos Médicos, *Sábado*, 04/02/10, 31).

cair a pique (c. de 358 000 resultados, 14/03/14), cair/descer de forma muito acentuada: “A bolsa nacional [da Hungria] caiu a pique, a moeda, o forint, desvalorizou-se abruptamente e os juros da dívida soberana dispararam.” (*Visão*, 10/06/10, 70).

cair bem (c. de 92 100 resultados, 14/03/14), ser bem aceite: “As piadas e comentários de Ricky Gervais [actor?] na apresentação dos Golden Globes não caíram bem junto da aristocracia de Hollywood [porque falou mal de famosos como Angelina Jolie e Tom Cruise]” (Revista *Tabu*, 21/01/11, 66, frase destacada).

cair da cadeira (c. de 255 000 resultados, 14/03/14), ficar muito surpreendido e entusiasmado: “Foi muito gratificante ser a escolhida entre mais de 60 alunos [finalistas da licenciatura em Design Industrial]. Quase cai da cadeira quando me disseram” (Inês Correia, autora da mala Magnólia, *Visão*, 01/04/10, 100, frase destacada).

cair do céu (c. de 3 540 000 resultados, 14/03/14), surgir inesperadamente (às vezes como uma espécie de bênção): “A catástrofe não caiu do céu / Há muito que, em documentos oficiais, se previa uma tragédia como esta [aluvião que devastou a Madeira e provocou dezenas de mortos, no sábado passado, devido às chuvas intensas]” (*Visão*, 25/02/10, 70, título/frase destacada).

cair em desgraça (c. de 249 000 resultados, 14/03/14), ficar repentinamente numa situação muito complicada: “Com o mercado a cair em desgraça, o Estado, através dos bancos centrais e dos governos, foi obrigado a intervir em força” [a propósito da crise económica mundial e das medidas do governo americano] (Revista *Notícias Sábado*, 20/12/08, 24).

cair na sopa (c. de 8 770 resultados, 14/03/14), surgir como uma boa oportunidade; cair do céu: “Quando um F1 nos ‘cai na sopa’ / Guiar um Fórmula 1 é uma experiência de sonho.” (*Visão*, 16/10/08, 128, título/frase destacada).

cair no goito (c. de 67 300 resultados, 14/03/14), ser apreciado; cair em graça; cair nas graças (de alguém): “Se continuarmos a adular quem nos cai no goito, acriticos, não nos queixemos depois” (Luís Filipe Borges, “Cristiano no Portugal dos Pequeninos”, Revista *Tabu*, 10/05/08, 69).

cair o Carmo e a Trindade (c. de 21 400 resultados, 14/03/14), acontecer algo surpreendente e espetacular, mas trágico: “«Portugal não é uma província de Espanha.» Lembra-se desta frase de Manuela Ferreira Leite [líder do PSD], durante o debate com José Sócrates [primeiro-ministro], em Setembro último? Caiu o Carmo e a Trindade.” (*Visão*, 21/01/10, 28, título); “No país dos brandos costumes, cai o Carmo e a Trindade por causa de um vídeo onde não há agressões, mas gritaria. [A propósito da agressão na Escola Carolina Michaëlis, no Porto, de uma aluna à professora de Francês] (Filipe Luís, “A selva do quadro negro”, *Visão*, 03/04/08, 46).

cair o queixo (c. de 2 130 000 resultados, 14/03/14), ficar muito surpreendido: “Caiu o queixo a Fátima Felgueiras [candidata à Câmara de Felgueiras]: ninguém esperava que perdesse, muito menos ela” (*Visão*, 15/10/09, 22).

cair que nem um patinho (c. de 19 500 resultados, 14/03/14), ser enganado muito facilmente; cair como um patinho (mas de forma ainda mais ingénua); cair na esparrela: “Adulterio ‘hi tec’ / Sob identidade falsa, ela iniciou uma conversa online com o marido. E ele caiu que nem um patinho” (*Visão*, 20/01/11, 86, frase destacada).

caixa de Pandora (c. de 659 000 resultados, 14/03/14), fonte/origem de todos os males: “Guerra na Ossétia / A Federação Russa continua sem saber resolver as consequências da fragmentação da ex-URSS. O longo período de capitalismo de estado e de pensamento único [...] acabou por funcionar como uma caixa de Pandora.” (Rui Neves, *Visão*, 14/08/08, 18, título /texto); “Casas de Pandora / Santana Lopes vai denunciar à Justiça escândalos imobiliários praticados pelo PS. Perdido por cem, perdido por mil?” (*Visão*, 25/09/08, 50, título/frase destacada). N.B.: “Casas” por “Caixas”.

calcanhar de Aquiles (c. de 308 000 resultados, 14/03/14), ponto fraco, fragilidade: “Os calcanhares de Aquiles do governo / Saúde, educação e segurança são os três pilares dos programas eleitorais dos principais candidatos às presidenciais de amanhã no Brasil. São também, curiosamente, as três principais feridas expostas de um Brasil hoje olhado pelo mundo como um país a alta velocidade” (Revista *Notícias Sábado*, 02/10/10, 34, título/texto).

cara a cara (c. de 1 510 000 resultados, 14/03/14), pessoalmente; frente a frente; olhos nos olhos: “«Não estou no Facebook, prefiro socializar cara a cara» / Andrew Garfield é uma das estrelas de “A Rede Social”, filme sobre a génese do Facebook, que estreia em Portugal na próxima quinta-feira.” (Revista *Única*, 30/10/10, 16, título/frase destacada).

cartão de visita(s)/cartão-de-visita(s) (“cartão de visita”, c. de 62 900 000 resultados; “cartão de visitas”, c. de 13 100 000; 14/03/14), o melhor representante: “O Pavilhão de Portugal na Expo 2010 [de Xangai, China] é o cartão-de-visita da economia nacional em Xangai. Objectivo: divulgar produtos e serviços e dar «um empurrão» às exportações para a China.” (Revista *Notícias Sábado*, 01/05/10, 14).

cerrar fileiras (c. de 1 250 000 resultados, 22/01/14), defender/proteger conjuntamente: “Cerrar fileiras pelo euro / Ricardo Salgado [banqueiro português]. A Alemanha e a França têm de defender a moeda única europeia” (Revista *Notícias Sábado*, 11/12/10, 5, título/frase destacada).

chamar os bois pelos nomes (c. de 94 100 resultados, 28/03/14), usar os termos próprios; ser objetivo; não estar com rodeios: “Sou séria e boa jornalista. Aquilo que eu faço não é irreverência, é chamar os bois pelos nomes” (Manuela Moura Guedes, *Sábado*, 03/12/09, 38).

chamar-lhe um figo (c. de 9 270 resultados, 28/03/14), comer sofregamente algo que se considera delicioso; apreciar muito alguma coisa: “Chame-lhe um figo / Outono é época para os comer, ao natural” (*Visão* – “Visão sete”, 25/09/08, 16, título/frase destacada. N.B.: Fusão dos planos literal e idiomático).

chorar sobre o leite derramado (c. de 161 000 resultados, 28/03/14), lamentar-se sem remédio; lamentar-se inutilmente: “A “cooperação estratégica”, que propiciava um modelo próxima da coabitação Chorar sobre o leite derramado (“não vale a pena chorarmos sobre leite derramado”, *Visão*, 13/09/07, 12).

cinco/5 estrelas (c. de 267 000 resultados, 28/03/14), ótimo; excelente: “Táxis de cinco estrelas / Internet de banda larga, televisão, GPS, computador portátil e telemóvel. Os táxis de luxo são uma alternativa às limusinas e aos helicópteros.” (*Sábado*, 13 a 20/08/08, 91, título/frase destacada).

com a/b/c/d... minúsculo (Ex.: “com h minúsculo”, c. de 3 720 resultados, 12/07/14), com pouco valor; inferior; desprestigiante: “É desprestigiante para Salazar compará-lo a Vítor Gaspar [atual ministro das Finanças], que é um político com pê minúsculo” (Marcelo Rebelo de Sousa, no seu comentário semanal da TVi, *Visão*, 18/04/13, 20).

com água na boca (c. de 498 000 resultados, 12/07/14), desejoso; com muita vontade (de experimentar/possuir algo): “O treino para um concurso ibérico desvendou-nos os malabarismos que se podem fazer com a bebida que os portugueses adoram [o café]. Vai ficar com água na boca...” (*Visão*, 21/01/10, 88).

com cara de poucos amigos (c. de 81 800 resultados, 12/07/14), descontente; zangado; com cara de caso: “Portugal empatou a três golos com Israel, na passada sexta-feira, 22, em Telavive, e Cristiano Ronaldo saiu do jogo apressado, com cara de poucos amigos” (*Visão*, 28/03/13, 22); “Pedro Silva Pereira [Ministro da Presidência] foi a última vítima do entrevistador [Mário Crespo] nos ecrãs da SIC. Convidado para uma conversa sobre o processo Freeport, saiu da estação de Carnaxide com cara de poucos amigos” (*Sábado*, 29/01/09, 60, frase destacada).

com conta, peso e medida (c. de 15 700 resultados, 12/07/14), de forma completa e coerente: “Somos portugueses e a verdade é que a grande maioria toma café. Muitos em excesso, o que é prejudicial, mas, como em tudo, com conta, peso e medida pode ter os seus benefícios.” (*Notícias Sábado*, 07/11/09, 40); “Com peso e medida/Consultas gratuitas de nutrição, na Secundária da Amora, prometem transformar os corpos de alunos e professores” (*Visão*, 07/05/09, 74, título/frase destacada). N.B.: Note-se o título reduzido em “Com peso e medida”.

com duas pedras na mão (c. de 65 600 resultados, 12/07/14), de forma pouco amigável ou agressiva; com sete pedras na mão: “As famílias são muito arrogantes, perguntam tudo com duas pedras na mão” (Teresa Rodrigues, médica, *Sábado*, 19/11/09, 54, frase destacada).

com o coração nas mãos (c. de 376 000 resultados, 17/01/2014), muito preocupado: “Com o coração nas mãos” [“Nascem com poucas possibilidades de sobreviver, mas os pais acreditam nas mãos de Deus e dos cirurgiões”] (Revista *Tabu*, 30/05/08, 34, título).

com pompa e circunstância (c. de 676 000 resultados, 07/04/14), de forma muito festiva/faustosa/requintada: “Bons velhos tempos / Em 2002, quando o euro começou a ser utilizado, festejou-se com toda a pompa e circunstância. Oito anos depois restam poucas razões para celebrar” (*Focus*, 19/05/10, 25, título/frase destacada).

com queda para (alguma coisa) (c. de 397 000 resultados, 07/04/14), com muito jeito para (alguma coisa); com vocação para alguma coisa: “Pedro Abrunhosa com queda para a música” (*Fórum estudante*, Junho 10, 28, título. Alusão à queda do músico num programa de televisão).

com unhas e dentes (c. de 3 850 000 resultados, 10/09/14), com força; na totalidade: “Há oportunidades que não se repetem e Camilla Parker-Bowles [duquesa da Cornualha e mulher do Príncipe Carlos] sabe que quando elas surgem há que as agarrar com unhas e dentes.” (Revista *Notícias TV*, in DN, 14-20/11/08, 4). Expressão frequente: “agarrar com unhas e dentes” (c. de 88 200 resultados, 10/09/14).

começar do zero (c. de 2 470 000 resultados, 10/09/14), começar do nada, sem qualquer ajuda: “A camponesa [colombiana] fora atingida por uma mina [...] e teve de começar do zero, longe da família [porque foi hospitalizada para reabilitação].” (*Visão*, 15/07/10, 92).

comer e chorar por mais (c. de 855 000 resultados, 10/09/14), comer e ficar com vontade de comer mais: “www.maxima.xl.pt/.../16126-top-10—chocolates-de-comer-e-chorar-po.../ Top10 - Chocolates de comer e chorar por mais. Natal... pede obviamente chocolates! Doces, apetitosos e irresistíveis... Ora aqui está uma seleção de alguns...”.

como gente grande (c. de 1 850 000 resultados, 10/09/14), como pessoa madura e responsável: “A força e a imaginação de Cármen [menina com cancro] ajudaram-na a lidar como gente grande com os internamentos” (Revista *Tabu*, 54, 28/05/10, 54, frase destacada).

como uma bomba (c. de 356 000 resultados, 11/09/14), como algo inesperado e desagradável: “Recebem a notícia ‘como uma bomba’. [...] As famílias dos meninos internados na pediatria do IPO do Porto ficam com o quotidiano virado do avesso, mas acreditam que, ao fundo do túnel, há sempre uma cura” (Revista *Tabu*, 28/05/10, 50, frases destacadas).

como um boi (a olhar) para um palácio (“como um boi a olhar para um palácio”, c. de 6 160 resultados; “como um boi para um palácio”, c. de 1 060 resultados, 11/09/14), como um ignorante; como alguém que não entende o que vê, que não percebe patavina: “O que me ofendeu mais no vídeo [do YouTube onde se critica os Portugueses] de Maitê Proença [atriz brasileira] (...) foi aquela parte em que ela chamou um técnico de informática ao quarto, este chamou o porteiro e ambos se puseram a olhar para o portátil da artista como um boi para um palácio.” (Ferreira Fernandes, Revista *Notícias Sábado*, 17/10/09, 6).

como (um) peixe na água (“como peixe na água”, c. de 20 800 resultados; “como um peixe na água”, c. de 9 870, 11/09/14), completamente à vontade; com grande facilidade: “Marcelo [Rebello de Sousa], Santana [Lopes], [Álvaro] Cunhal e [José] Sócrates [actual primeiro-ministro]: na televisão como peixe na água” (Revista *Única*, 15/11/2008, 50, frase destacada).

como um pêro/pero (“como um pêro”, c. de 89 000 resultados, “como um pero”, c. de 10 500, 11/09/14), muito firme/seguro/saudável: “Rija como um pêro / Retrato da portuguesa que é a mulher mais velha do mundo [com 115 anos]” (*Visão*, 04/12/08, 110, título/frase destacada). Expressões frequentes: “são/saudável/rijo como um pêro”.

conhecer os cantos à casa (c. de 220 000 resultados, 16/09/14), conhecer muito bem; conhecer ao pormenor: “A nova direcção do PSD [com o novo líder Pedro Passos Coelho] está a instalar-se, a (re)conhecer os cantos à casa” (*Visão*, 22/04/10, 42); “[Miguel] Já conhece os cantos à sua segunda casa [o infantário] que o acolhe desde os 4 meses de vida.” (*Visão*, 12/06/08, 50).

contagem decrescente (c. de 351 000 resultados, 16/09/14), aproximação do início de um acontecimento: “Contagem decrescente / A partida para os Jogos Olímpicos de Londres 2012, foi dada na segunda-feira, durante uma cerimónia com fogo-de-artifício na Praça de Trafalgar” (*Sábado*, 17/03/11, 19, título/texto).

contar-se pelos dedos (da mão)/(de uma mão)/(de uma só mão) (c. de 48 300 resultados, 16/09/14), ser em pouca quantidade: “Mão-cheia de críticos. «O PSD tem 150 mil militantes. Esses [os que não estão com a direcção] conto-os pelos dedos das mãos e são uma dúzia», assumiu Luís Filipe Menezes” (*Visão*, 13/03/08, 32).

contas de merceeiro (c. de 264 000 resultados, 16/09/14), contas pouco rigorosas: “Tarefeiros. Contas de merceeiro / Se a hora extra de um médico de carreira hospitalar custa, no máximo, 50 euros, porque é que se contratam tarefeiros a quem se paga uma média de 70 euros?” (*Visão*, 25/09/08, 97, título/frase destacada).

conto do vigário/conto-do-vigário (c. de 164 000 resultados, 16/09/14), história enganadora; vigarice; burla: “Esquemas para sobreviver à crise / A necessidade aguça o engenho e os portugueses desenrascam-se como podem, desde vender bolas de golfe perdidas até oferecer galos para fidelizar clientes, passando por jogos na Internet de legalidade duvidosa e versões actualizadas do eterno conto-do-vigário” (Revista *Notícias Sábado*, 08/11/08, título/frase destacada).

contra a corrente (c. de 380 000 resultados, 18/09/14), em sentido contrário; em oposição; de forma inesperada: “Economia / Investir contra a corrente / Quando a crise obriga a poupanças forçadas, há empresas que aproveitam para fazer o inverso: abrir os cordões à bolsa [...]. Trata-se, em teoria, da melhor estratégia para enfrentar tempos adversos, mas nem sempre é fácil passar do papel à acção. Porque o contexto é agreste, porque a pressão psicológica leva, de imediato, o pé ao travão, ou porque, pura e simplesmente, a crise se revelou um beco sem saída. Mas há quem encontre escapatórias. Porque está mais bem preparado financeiramente, porque antecipou as complicações ou porque não se deixou intimidar e decidiu enfrentar, de peito feito, as dificuldades, e procurou novos caminhos” (Cesaltina Pinto *et al.*, *Visão*, 21/01/10, 48); “Nicolas Carr. Formado em Harvard, este norte-americano de 50 anos escreve livros e artigos sobre tecnologia, mas contra a corrente: nas palestras que dá pelo mundo afirma que o uso da Internet atrofia o cérebro.” (*Sábado*, 07/01/10, 28, frase destacada).

correr as capelinhas (todas)/correr (todas) as capelinhas (“correr as capelinhas”, c. de 13 500 resultados; “correr as capelinhas todas”, c. de 1 110 resultados; “correr todas as capelinhas”, c. de 159 resultados, 19/09/14), percorrer muitos locais, geralmente de comes e bebes (restaurantes, tabernas, bares...): “Hélder não era homem de ficar à sombra do subsídio de desemprego. Correu todas as capelinhas: «Mas estava tudo a mandar embora, ninguém metia», lamenta agora a mulher.” (*Visão*, 16/10/08, 60).

corrida contra o tempo (c. de 2 880 000 resultados, 19/09/14), ação/tentativa de encontrar uma solução em pouquíssimo tempo; luta contra o tempo: “«Estamos numa corrida contra o tempo» / Se Portugal conseguir aproveitar o ponto de viragem em que a Zona Euro se encontra, pode beneficiar de uma solução talhada à medida dos seus males. Com menos dor do que a Grécia e a Irlanda” (*Visão*, 20/01/11, 54, título/frases destacadas).

cresce e aparece (c. de 338 000 resultados, 19/09/14), desenvolve-te/se e ganha credibilidade; expressão/frase acusatória dirigida muitas vezes a quem se comporta de forma infantil: “Guess? Cresce e aparece / Fundada há 30 anos por uma família, a marca ganha novo fôlego no mundo. Só em Portugal vai abrir sete lojas” (*Revista Única*, 09/10/10, 120, título/frase destacada).

custe o que custar (10 100 000 resultados, 19/09/14), de qualquer maneira; por muito difícil que seja: “[Os países mais fortes da União Europeia] Estão a tentar salvar o euro, custe o que custar.” (*Focus*, 19/05/10, 23).

3. BADAPE: Livros/Textos Literários

3.1. Almeida Garrett, *Falar Verdade a Mentir* (1845), Areal Editores, 2003, 39 pp. aprox.

a fio (c. de 10 400 000 resultados, 26/03/15), sem interrupções: “Pobre rapaz! [...] Condenado a falar verdade vinte e quatro horas a fio...” (Joaquina, falando de Duarte, Cena XII).

a rodo/rodos (“a rodo”, c. de 180 000 resultados; “a rodos”, 70 900; 26/03/15), muito; em grandes quantidades: “[...] entre pretos, mulatos, cabras e cabritos, é uma conta que mete medo; sem falar em cajus, bananas, farinha de pau, papagaios e piriQUITOS, que isso anda a rodo pela casa” (Duarte para Brás Ferreira, cena III).

águo vai! (c. de 342 000 resultados, 26/03/15), inesperadamente; sem aviso prévio: “*“homem vai!”* – Eu trazia meu umbella, podia ter abrido, como faz quando dizem: *“águo vai!”* – que é sempre um grande peto em Lisbon, esto de dizer *“águo vai!”*” (José Félix para Duarte, fazendo-se passar por inglês/Milorde, Cena IX).

chegar a mostarda ao nariz (c. de 14 300 resultados, 26/03/15), aborrecer; irritar: “Irra! Chegou-me a mostarda ao nariz, com o tal engraçado tolo que apostou de mangar comigo” (aparte de Duarte, Cena IX).

com a co’a breca! (“com a breca”, c. de 10 800 resultados; “co’a breca”, c. de 1 100 resultados; 26/03/15), expressão que exprime surpresa/espanto: “Com a breca! É fortuna.” (Brás Ferreira para Duarte, Cena III; “Co’a breca! (*alto*) É que voltaria há pouco, sem se saber...” (Duarte, depois de ter sido apanhado a mentir por Brás Ferreira e pelo General, Cena XVI).

construir/formar castelos em Espanha (“construir castelos em Espanha”, c. de 24 resultados; “formar castelos em Espanha”, 7 resultados; 26/03/15), fazer/pretender algo impossível: “Querer impedir que um rapaz do tom, da moda, pregue a sua peta!..., isso é mais do que formar castelos em Espanha, é querer meter o Rossio pela Betesga.” (José Félix para Amália, falando de Duarte, Cena II).

c’os diabos/diachos (“c’os diabos”, c. de 4 400 resultados; “c’os diachos”, c. de 168 resultados; 26/03/15), maldita coisa!; bolas!: “Obstáculos! Não há, não os pode haver [...] c’os diabos!” (José Félix para Joaquina, Cena I); “À pistola, c’os diachos!” (aparte de Duarte, Cena IX).

dar a mão (c. de 9 830 000 resultados, 26/03/15), ajudar: “Enterraram-se todos até ao joelho. Ora vamos a dar-lhes a mão, que eles por si não se levantam.” (aparte do General, reconhecendo a situação difícil).

dar a minha/tua/sua... palavra (“dar a sua palavra”, c. de 200 000 resultados, 26/03/15), prometer; jurar verdade: “Sim, deu-me a sua palavra que esta noite, depois do jantar, se assinavam as escrituras” (Duarte para Brás Ferreira, cena III).

de primeira ordem (c. de 358 000 resultados, 26/03/15), de grande qualidade; muito importante: “[...] com a minha educação [...] habilitado para ser mordomo de um clube dos de primeira ordem” (José Félix para Joaquina, Cena I); “O caso é que hoje tenho eu à minha disposição, para escolher, três lugares de primeira ordem” (Duarte para Brás Ferreira, Cena III).

deitar a perder (c. de 24 600 resultados, 26/03/15), desperdiçar; provocar a perda: “Não é disso, é do seu maldito vício, que nos deita a perder” (Amália para Duarte, Cena IV); “Em que ele se deita a perder decerto, é que

- aquilo é um comilão...” (Joaquina, falando de José Félix, Cena XII). Expressão frequente: “deitar tudo a perder” (c. de 20 500 resultados, 26/03/15).
- e esta!** (c. de 8 950 000 resultados, que incluem as formas “E está” e “É esta”, 26/03/15), expressão de surpresa e censura: “E esta! Eu que vinha para obsequiar o pobre do rapaz” (aparte do General, falando de Duarte, Cena XV). Expressão muito frequente (c. de 55 000 resultados): “E esta, hem?!”, expressão muito usada pelo jornalista Fernando Pessa quando terminava as suas reportagens.
- fazê-la bonita** (c. de 41 700 resultados, 26/03/15), fazer um disparate: “Isso! outra cabeça doida como a tua: haviam de fazê-la bonita...” (Brás Ferreira para Duarte, Cena VII).
- fazer as honras** (c. de 47 300 resultados, 26/03/15), acolher/receber bem; dar bom trato: “Quero eu fazer as honras da capital a esta senhora.” (Duarte para Brás Ferreira, falando de Amália, Cena III). Expressão frequente: “fazer as honras da casa” (c. de 17 700 resultados, 26/03/15).
- fazer cerimónia** (c. de 9 830 000 resultados, 26/03/15), ter vergonha; ser contido: “Se Vossa Senhoria se demorar em Lisboa, terei muito gosto de o acompanhar [...]. Não faça cerimónia comigo...” (Duarte para o General, Cena XVI).
- fazer-se de novas** (c. de 273 000 resultados, 26/03/15), fazer-se de desentendido; fazer-se de conta que não se sabe: “Faz-te de novas.” (Brás Ferreira para Duarte, Cena XVII).
- graças a Deus** (c. de 10 400 000 resultados, 26/03/15), felizmente; ainda bem: “Ora graças a Deus! que confessou a sua culpa (...)” (Brás Ferreira para Duarte, Cena X).
- ir às do cabo** (c. de 18 400 resultados, 26/03/15), zangar-se muito; ameaçar: “E para que hás-de ir tu logo às do cabo, logo com as mãos à cara?” (Brás Ferreira para Duarte, Cena VII).
- ir (com as mãos) à cara** (“ir com as mãos à cara”, 4 resultados; “ir à cara”, c. de 9 490 resultados; 26/03/15), agredir; esbofetear: “E para que hás-de ir tu logo às do cabo, logo com as mãos à cara?” (Brás Ferreira para Duarte, Cena VII).
- já não está aqui quem falou** (c. de 3 280 resultados, 26/03/15), frase ou expressão proferida como desculpa, como forma de arrependimento: “Basta, Joaquina, basta; recolhe o teu espírito, que já não está aqui quem falou.” (José Félix para Joaquina, Cena I).
- meter o Rossio pela/na (rua da) Betesga** (“meter o Rossio pela Betesga”, c. de 56 resultados; “meter o Rossio pela rua da Betesga”, 2 resultados; “meter o Rossio na Betesga”, c. de 1 350 resultados; “meter o Rossio na rua da Betesga”, c. de 1 090 resultados; 26/03/15), querer fazer algo impossível: “Querer impedir que um rapaz do tom, da moda, pregue a sua peta!..., isso é mais do que formar castelos em Espanha, é querer meter o Rossio pela Betesga.” (José Félix para Amália, falando de Duarte, Cena II).
- não ter remédio** (c. de 3 360 resultados, 26/03/15), não ter solução: “Se meu tio o diz, não tenho remédio eu senão acreditá-lo.” (Duarte para Brás Ferreira, Cena X). Provérbio frequente: “O que não tem remédio remediado está.” (c. de 14 600 resultados, 26/03/15).
- ou coisa que o valha** (c. de 90 700 resultados, 26/03/15), ou algo parecido: “Província será a sua terra de você, que há-de ser a Lourinhã, ou a aldeia de Paio Pires, ou coisa que o valha.” (Joaquina para José Félix, Cena I).
- por miúdo** (c. de 12 900 resultados, 26/03/15), pormenorizadamente; tim-tim por tim-tim: “Vamos, fala, conta-me lá como isso foi, quero saber tudo por miúdo.” (Brás Ferreira para Duarte, Cena VII).
- por quem é** (c. de 398 000 resultados, 26/03/15), por ser quem é(?); por ter capacidade para entender (?); por ser pessoa de bem (?): “Ah! Vossa Excelência perdoe, por quem é.” (Brás Ferreira, para o General, Cena XV); “Por quem é! Eu que vinha com tanto gosto trazer-lhe a minha prenda de casamento...” (General para Brás Ferreira, falando de Duarte, Cena XV).
- pregar uma peta** (c. de 9 130 resultados, 26/03/15), mentir: “Querer impedir que um rapaz do tom, da moda, pregue a sua peta!..., isso é mais do que formar castelos em Espanha, é querer meter o Rossio pela Betesga.” (José Félix para Amália, falando de Duarte, Cena II).
- que mete medo** (c. de 30 900 resultados, 26/03/15), formidável; inacreditável: “[...] entre pretos, mulatos, cabras e cabritos, é uma conta que mete medo; sem falar em cajus, bananas, farinha de pau, papagaios e piriqitos, que isso anda a rodo pela casa” (Duarte para Brás Ferreira, cena III).
- savoir-faire** (fr.) (c. de 33 100 000 resultados, 26/03/15), saber-fazer; competência; educação: “Com um pouquinho de jeito e de *savoir-faire* (...) pode-se andar muito caminho em pouco tempo.” (José Félix para Duarte, Cena VI).
- tal e qual** (c. de 423 000 resultados, 26/03/15), exatamente; do mesmo modo; assim mesmo: “Pois é tal e qual como lhe digo... uma senhora brasileira” (Duarte para Brás Ferreira, cena III).
- ter dinheiro/... como milho** (“ter dinheiro como milho”, c. de 176 resultados, 26/03/15), ter muito dinheiro: “Meu amo, o senhor Brás Ferreira, que é um ricoço como tu sabes, um daqueles negociantes do Porto que têm dinheiro como milho.” (Joaquina para José Félix, Cena I).

ter uma costela (espanhola/...) (“ter uma costela”, c. de 51 800 resultados, 26/03/15), ter uma ligação forte, hereditária, genética: “O Senhor seu pai [...] há-de ter sua costela espanhola” (José Félix para Amália, Cena II).
ver-se em ânsias (não foram encontrados resultados, 26/03/15), ver-se atrapalhado: “Mas acabou-se: não torno mais a mentir; custa muito, dá muito trabalho. Vi-me em ânsias!” (Duarte, prometendo a todos que deixaria de mentir, Cena XVII).

3.2. José Saramago, *Memorial do Convento* (1994 [1982]), RBA Editores, 351 pp., aprox. (Amostra)

a bem dizer (c. de 105 000 resultados, 08/04/15), falando verdade; falando com exatidão: “A bem dizer, melhor do que isto [...] só uma mulher na cama” (XVII, 215).
a meu/teu/seu... bel-prazer (“a meu bel-prazer”, c. de 101 000 resultados; “a teu bel-prazer”, c. de 1 550; “a seu bel-prazer”, c. de 128 000 resultados; 08/04/15), ao meu/teu/seu... gosto; de acordo com as minhas/tuas/suas... preferências: “[...] estavam os portugueses a dormir a sesta [...] e tendo os franceses fundeado a seu bel-prazer, desembarcaram” (VIII, 77).
à minha/tua/sua/... custa (“à minha custa”, c. de 13 900 resultados; “à tua custa”, c. de 53 900 resultados; “à sua custa”, c. de 61 700 resultados; “à nossa custa”, c. de 24 600 resultados; 08/04/15), com a minha/tua/sua... ajuda; gozando os meus/teus/seus... bens: “as naus francesas são afinal inglesas que andam no seu comércio, e de caminho vão-se rindo à nossa custa” (VIII, 79).
a morte é certa (c. de 46 500 resultados, 08/04/15), a morte é um desfecho inevitável; ninguém pode escapar à morte: “[...] que só a morte seja certa, mas não o dia dela” (XI, 113).
à nora (c. de 103 000 resultados, 01/04/15), atrapalhado; desorientado: “circulavam burros à nora, de olhos tapados para terem a ilusão de caminhar a direito”. Expressões frequentes: “andar à nora” (c. de 1 970 resultados), “ficar à nora” (c. de 4 040 resultados), “ver-se à nora” (c. de 2 950 resultados).
à parte (c. de 8 470 000 resultados, 15/04/15), separadamente: “[...] apartada a relé das pessoas de distinção e dos oficiais militares, que esses têm enfermaria à parte” (XX, 270).
a pobre não emprestes, a rico não devas, a frade não prometas (c. de 139 resultados, 08/04/15): “Salvo se [frei António de S. José] vier a aparecer em sonhos a el-rei, já não poderá recordar-lhe a promessa, porém sosseguemos, a pobre não emprestes, a rico não devas, a frade não prometas” (VI, 70).
a pontos de (c. de 38 200 resultados, 01/04/15), na eventualidade de; prestes a: “A pontos de há pouco tempo terem soltado uns cento e cinquenta de culpas menos pesadas, que então estavam no Limoeiro” (IV, 41).
a primor (c. de 28 900 resultados, 01/04/15), com qualidade; com bom gosto; como mandam as etiquetas: “Nas janelas que dão para a praça estão as mulheres, vestidas e toucadas a primor, à alemoa, por graça da rainha [...], fazendo trejeitos com a boca em modo de a fazer pequena” (V, 46).
a saber (c. de 25 300 000 resultados, 15/04/15), isto é: “dias há de se finarem dois e três, sem que lhes valham os santos da invocação das enfermarias, a saber, S. Cosme e S. Damião [...]” (XX, 269).
à vista (c. de 38 200 resultados, 01/04/15), a descoberto; à primeira vista: “tirou um papel [...] onde se via o desenho de uma ave, a passarola seria, isso era Baltasar capaz de reconhecer, e porque à vista era o desenho de um pássaro” (VI, 63); “não há nada como trabalhar com guarda à vista.” (XII, 210).
abrir a boca (c. de 426 000 resultados, 08/04/15), começar a falar: “Carregou-se o sobreceño de D. João V [...] e indo abrir a boca para responder com segura, preferiu chamar outra vez os secretários” (XXI, 285).
ainda agora a procissão vai no adro (c. de 247 resultados, 01/04/15), ainda agora se está a começar; o processo ainda está no início; há ainda muito trabalho pela frente: “abundam no reino bastardos da real semente [D. João V] e ainda agora a procissão vai na praça.” (cap. I, p. 7) (“praça” por “adro”).
ao acaso (c. de 639 000 resultados, 08/04/15), de forma imprevisível; sem rumo: “aqui é o leme com que se dirigirá a barca, não ao acaso, mas por mão e ciência do piloto” (VI, 63).
ao cabo de (c. de 4 680 000 resultados, 01/04/15), ao fim de; no final de; depois de: “tão excelente era a carnadura de Sete-Sóis que ao cabo de dois meses estava sarado.” (IV, 31); “ao cabo desta manifestação chegou contra-ordem do paço” (IX, 90); etc.
ao despique (c. de 9 210 resultados, 08/04/15), ao desafio; de forma competitiva: “Andam ao despique todas as congregações da Província da Arrábida, dizendo missas” (VII, 67).
ao menos (c. de 15 200 000 resultados, 08/04/15), pelo menos; à falta de melhor: “já que não podemos falar-lhes das vidas, por tantas serem, ao menos deixemos os nomes escritos” (XIX, 237).
ao ponto de (c. de 6 960 000 resultados, 08/04/15), de maneira a: “todos os dias ali se dão batalhas [...] e foram ao ponto e deitar fogo aos matos” (VII, 67).

atirar a primeira pedra (c. de 26 700 resultados, 08/04/15), começar a acusar; começar a apontar defeitos: “Atire-lhes a segunda pedra quem não caiu nunca em pecados afins, o mesmo Cristo favoreceu a Pedro e animou a João, e eram doze os apóstolos.” (XX, 270).

benza-o Deus (c. de 2 490 resultados, 08/04/15), graças a Deus; Deus o abençoe: “[...] e ele de verga tesa, e bem apeirado, benza-o Deus” (VIII, 79).

cair um raio em cima (de alguém) (c. de 3 820 resultados, 01/04/15), expressão que constitui uma praga: “Não me cair um raio em cima, será pecado praguejar, mas alivia muito.” (VI, 57).

da boca para fora (c. de 2 870 000 resultados, 08/04/15), sem pensar; de forma irrefletida: “Acaba o padre Bartolomeu de dizer o sermão [...], só pergunta alheado, Então, gostaram [...], Lá isso, gostámos, sim senhor, mas este é um falar dos dentes para fora, que o coração não dá mostras de ter entendido o que ouviu” (IX, 87); “[...] por isso se escusariam outros nomes, e tu és Blimunda [...], mas dizer-se alguém de Jesus, crença ou nome, não é mais que vento da boca para fora, deixa-te ser Blimunda” (XIII, 141).

da minha/tua/sua/... lavra (“da minha lavra”, c. de 15 300 resultados; “da tua lavra”, c. de 11 800 resultados; “da sua lavra”, c. de 402 000 resultados; 08/04/15), da minha/tua/sua... autoria: “as naus francesas são afinal inglesas que andam no seu comércio, e de caminho vão-se rindo à nossa custa, bom prato somos para galhofas estrangeiras, que também as temos excelentes da nossa lavra, é bom que se diga” (VIII, 79).

dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus (c. de 14 400 resultados, 08/04/15), entregar algo ao seu proprietário; dar a quem de direito: “pagai portanto o devido, dai a César o que é de Deus, a Deus o que é de César, depois cá faremos as contas e distribuiremos o dinheiro” (XIII, 151).

dar a volta à cabeça (c. de 24 900 resultados, 01/04/15), desorientar; tirar o juízo; seduzir: “por estas ruas [...] corre um vento de Primavera que dá volta à cabeça” (III, 27).

dar mostras de (c. de 34 900 resultados, 15/04/15), apresentar sinais/indícios de: “Acaba o padre Bartolomeu de dizer o sermão [...], só pergunta alheado, Então, gostaram [...], Lá isso, gostámos, sim senhor, mas este é um falar dos dentes para fora, que o coração não dá mostras de ter entendido o que ouviu” (IX, 87).

dar para (c. de 875 000 resultados, 01/04/15), orientadas para (um determinado lugar); dar acesso a (um determinado lugar): “Nas janelas que dão para a praça estão as mulheres, vestidas e toucadas a primor, à alemoa, por graça da rainha [...], fazendo trejeitos com a boca em modo de a fazer pequena” (V, 46).

de boa cara (c. de 28 000 resultados, 08/04/15), bem-disposto; alegre: “Voltou o matriculador, vem de boa cara” (XVII, 208).

de boa maré (c. de 1 330 resultados, 01/04/15), com boas intenções; de feição; de forma vantajosa: “E para que alguma coisa se fosse adiantando entretanto, estendeu a mão à esmola, primeiro a um fidalgo que de boa fé lha deu” (VI, 57).

de caminho (c. de 504 000 resultados; 15/04/15), na sequência de; estando acessível; vindo a propósito: “as naus francesas são afinal inglesas que andam no seu comércio, e de caminho vão-se rindo à nossa custa” (VIII, 79).

de cor (c. de 25 600 000 resultados, 01/04/15), de memória; sem recorrer a auxiliares; na aponta da língua: “Bartolomeu Lourenço [...], de tanto estudo e memória que, sendo moço de quinze anos, prometia [...] dizer de cor todo Virgílio”; “[...] responder a todas as dúvidas da Sagrada Escritura, tanto do Testamento Velho como do Novo, repetindo de cor, quer a fio corrido quer salteado, todos os Evangelhos” (VI, 58).

de mãos a abanar (c. de 29 700 resultados, 01/04/15), sem nada; sem recursos: “Esbaforiram-se os frades a correr as cercanias, a passo de carga, e enfim regressaram ao convento, de mão a abanar.” (II, 18).

de mãos vazias (c. de 197 000 resultados, 08/04/15), sem nada; de mãos a abanar: “Regressou o filho pródigo, trouxe mulher, e, se não vem de mãos vazias, é porque uma lhe ficou no campo de batalha e a outra segura a mão de Blimunda” (X, 97).

de palavra (pessoa/homem/mulher... de palavra) (c. de 441 000 resultados, 08/04/15), (pessoa) cumpridora, que honra os seus compromissos: “D. João V é rei de palavra. Haveremos convento.” (VII, 70).

de peito feito (c. de 16 300 resultados, 01/04/15), corajosamente; com orgulho/vaidade: “Baltasar ajudou a mulher do farnel e o seu homem, de peito feito pisou o gracioso que não tugi nem mugiu” (IV, 37).

de poeta e de louco todos temos um pouco (c. de 2 870 resultados, 08/04/15): “Nunca perguntamos se haverá juízo na loucura, mas vamos dizendo que de louco todos temos um pouco” (XVI, 193).

de revés (c. de 475 000 resultados, 01/04/15), de lado; com azedume; desconfiadamente: “quando um gracioso disse que o maneta [Sete-Sóis] levava as ferraduras no saco, se calhar para as poupar, olhou-o de revés [...]. O gracioso desviou os olhos [...] e dali até Lisboa não abriu mais o bico.” (IV, 35).

de vez em quando (c. de 4 010 000 resultados, 08/04/15), às vezes: “de vez em quando manda el-rei saber como vai a navegação do infante” (VII, 65).

deitar contas (c. de 2 990 resultados, 08/04/15), refletir sobre algo; ponderar; avaliar; preparar: “fica o infante D. Francisco sozinho em Lisboa [...] e já começa a urdir a trama e a teia, deitando contas à morte do irmão” (X, 109). Expressão frequente: “deitar contas à vida” (c. de 2 190 resultados, 15/04/15).

é bom que se diga (c. de 114 000 resultados, 08/04/15): “as naus francesas são afinal inglesas que andam no seu comércio, e de caminho vão-se rindo à nossa custa, bom prato somos para galhofas estrangeiras, que também as temos excelentes da nossa lavra, é bom que se diga” (VIII, 79).

é obra (c. de 482 000 resultados, 08/04/15), é motivo de grande admiração: “D. Francisco mandou à rainha sua comadre, de presente, [...] uns brincos de diamante [...], é obra, mas francesa.” (VI, 69).

e por falar (de/em) (c. de 638 000 resultados, 08/04/15): “E, por falar de caballeros, também ali passavam cavaleiros, armados como os infantes que já lá vão no terreiro [...] a colocar sentinelas, não há nada como trabalhar com guarda à vista.” (XVII, 210).

ela por ela (c. de 335 000 resultados, 08/04/15), mais ou menos por igual: “veio notícia de que no cerco de Campo Maior morreram muitos soldados inimigos e poucos dos nossos [...], ou ela por ela” (VIII, 82).

ele há gente capaz de tudo (c. de 3 390 resultados, 01/04/15), há pessoas capazes de fazer qualquer coisa: “ele há gente capaz de tudo, até do que está por fazer.” (IV, 43).

em modo de (c. de 440 000 resultados, 01/04/15), de modo a; de maneira a; com a forma de: “Nas janelas que dão para a praça estão as mulheres, vestidas e toucadas a primor, à alemoa, por graça da rainha [...], fazendo trejeitos com a boca em modo de a fazer pequena” (V, 46).

em todo o caso (c. de 16 200 000 resultados, 08/04/15), mesmo assim; de qualquer maneira: “Nunca se sabe quando agasalhos rendem mercês e, não sendo casa de visconde hospedaria, vale a pena, em todo o caso, fazer o bem olhando a quem.” (XVII, 219).

em verdade vos digo (c. de 363 000 resultados, 08/04/15), digo-vos com toda a certeza: “depois cá faremos as contas e distribuiremos o dinheiro, pataca a mim, a ti pataca, em verdade vos digo e hei-de dizer” (XIII, 151).

encolher os ombros (c. de 25 800 resultados, 01/04/15), encolher os ombros como sinal de resignação ou desconhecimento: “mas que fale aí o João Elvas, tanto sabe de praças de guerra como de praças de gente, e João Elvas só encolheu os ombros, não disse nada.” (IV, 41).

enterrar os mortos e cuidar dos vivos (c. de 1 740 resultados, 16/04/15): “Sendo tanto os mortos, enterramos onde calha [...], para grandes males, grandes remédios, se o terramoto passado tivesse sido maior [...], assim mesmo se faria, enterrar os mortos e cuidar dos vivos” (XVII, 217).

estar à mão (c. de 42 600 resultados, 08/04/15), estar acessível; estar à mão de semear: “quando lá lhe parecia alçava levando os bens que lhe estavam à mão” (VIII, 79).

estar de luto (c. de 166 000 resultados, 01/04/15), viver uma fase da vida depois da morte de alguém querido; não ter qualquer esperança: “D. Maria Ana não irá hoje ao auto-de-fé. Está de luto por seu irmão José [...], que em pouquíssimos dias o tomaram as bexigas, verdadeiras, e morreu delas” (V, 45).

estar feito com (alguém) (c. de 59 200 resultados, 08/04/15), ter um acordo com (alguém); ser aliado de (alguém), por mútuo acordo: “porém estava o governador feito com eles, não há mais que saber, que, entre portugueses traidores houve muitas vezes, ainda que nem tudo seja o que parece” (VIII, 78).

estar nas mãos de (alguém) (c. de 49 800 resultados, 08/04/15), estar dependente de (alguém); ter a sorte dependente de (alguém): “e com o que acabo de dizer estou nas mãos de ambos e perdido estarei se me forem denunciar” (XVI, 188).

fazer menção de (c. de 16 000 resultados, 01/04/15), ter a intenção de; pretender: “Tornaram sobre os passos, voltaram aos Remolares. Sete-Sóis fez menção de falar, retraiu-se” (VI, 61).

fazer o bem sem olhar a quem (c. de 124 000 resultados, 08/04/15): “Nunca se sabe quando agasalhos rendem mercês e, não sendo casa de visconde hospedaria, vale a pena, em todo o caso, fazer o bem olhando a quem.” (XVII, 219).

fazer sinal (c. de 53 100 resultados, 01/04/15), assinalar a presença; chamar com um gesto: “Não pôde Sete-Sóis responder porque o padre, parando arredado, lhe fez sinal para que se aproximasse” (VI, 57).

ficar a ganhar (c. de 90 200 resultados, 08/04/15), lucrar; tirar proveito: “Entretanto, nasceu o infante D. Pedro, que por vir segundo só teve quatro bispos a baptizá-lo, mas ficou a ganhar por ter sido parte no baptismo o cardeal” (VIII, 82).

lá isso (c. de 425 000 resultados, 15/04/15), sem dúvida; com certeza: “Acaba o padre Bartolomeu de dizer o sermão [...], só pergunta alheado, Então, gostaram [...], Lá isso, gostámos, sim senhor, mas este é um falar dos dentes para fora, que o coração não dá mostras de ter entendido o que ouviu” (IX, 87).

lá virá o dia (c. de 19 200 resultados, 01/04/15), esse dia chegará: “mas disto sabe um padre mais do que um soldado, Tenho cuidado e não me faltam protecções, Lá virá o dia.” (VI, 61).

levar às costas (c. de 50 100 resultados, 08/04/15), favorecer: “Os homens que vieram de lugares entre Vendas Novas e Montemor não continuam. Foram pagos pelo trabalho [...], tem sempre sua compensação levar às costas os poderosos.” (XXII, 306).

medir meças (c. de 161 resultados, 08/04/15), comparar-se; equivaler-se: “Ali tombado está um carro de mão, quer Baltasar experimentar se lhe aprende facilmente o jeito [...], e se com uma goiva cavar uma meia-lua na parte inferior do varal esquerdo, então poderá medir meças a qualquer par de mãos.” (XVII, 212).

meter (os) pés ao caminho (“meter os pés ao caminho”, c. de 4 670 resultados; “meter pés ao caminho”, c. de 1 080 resultados 16/04/15), iniciar uma caminhada; decidir-se a fazer algo, geralmente custoso: “Meteu Baltasar pés ao caminho [...], entre ir e voltar andara mais de dez léguas, quem corre de gosto não cansa, dizem, mas Baltazar chegou cansado e ninguém o obrigara a ir, se calhar, quem inventou o ditado tinha alcançado a ninfa e gozado com ela, assim não admira.” (XVII, 218).

meter-se ao caminho (c. de 23 800 resultados, 01/04/15), iniciar uma caminhada; decidir-se a fazer algo, geralmente custoso: “Sete-Sóis tem, por assim dizer, carta de privilégio, e, duplamente armado de espigão e espada, mete-se ao caminho, na penumbra das árvores.” (IV, 33). Expressão frequente: “meter os pés ao caminho” (c. de 4 400 resultados, 01/04/15).

mulher da/de má vida (“mulher da má vida”, c. de 2 360 resultados; “mulher de má vida”, c. de 5 120 resultados; 01/04/15), mulher de má fama; prostituta: “mais fácil é largar um capitão inglês mulheres de má vida que beijar uma filha sua mãe condenada” (V, 51).

na pele de (alguém) (c. de 523 000 resultados, 01/04/15), no lugar de (alguém); na vez de (alguém): “Sete-Sóis concorda, mas imagina-se na pele dos soldados que esperavam a batalha” (VI, 56).

não abrir a boca (c. de 28 700 resultados, 01/04/15), não falar; não abrir a bico: “[Blimunda] fez tudo isto sem falar, não tornara a abrir a boca depois que perguntou, há quantas horas, Que nome é o seu,” (V, 52).

não abrir o bico (c. de 6 880 resultados, 01/04/15), não falar; não abrir a boca: “quando um gracioso disse que o maneta [Sete-Sóis] levava as ferraduras no saco, se calhar para as poupar, olhou-o de revés [...]. O gracioso desviou os olhos [...] e dali até Lisboa não abriu mais o bico.” (IV, 35).

não há fome que não dê em fartura (c. de 3 670 resultados, 01/04/15), depois de um período de carência e sofrimento segue-se um de abundância; “Depois da tempestade vem a bonança”: “desta vez são mais de trinta mil moios de pão que vêm da Irlanda, e é a abundância tal, fome que finalmente deu em fartura” (VI, 55).

não há nada como (c. de 292 000 resultados, 08/04/15), não há melhor do que: “não há nada como trabalhar com guarda à vista.” (XII, 210).

não perder de vista (c. de 113 000 resultados, 08/04/15), não esquecer; não pôr de lado: “Todos os homens são reis, rainhas são todas as mulheres, e príncipes os trabalhos de todos. / Porém, não convém perder de vista as diferenças, que são muitas.” (VII, 68).

não ser desta (c. de 214 000 resultados, 08/04/15), não se chegou ainda a um desfecho/resultado (sucesso, morte, etc.) “[...] aconteceu a D. Henrique de Almeida que foi pelos ares com o cavalo e já o levam com duas costelas quebradas. Enfim, el-rei abriu os olhos, escapou, não foi desta” (X, 108). Expressão frequente: “Ainda não foi desta” (c. de 125 000 resultados).

não tugar nem mugir (c. de 1 590 resultados, 01/04/15), ficar calado; não reagir: “Baltasar ajudou a mulher do farnel e o seu homem, de peito feito pisou o gracioso que não tugi nem mugiu” (IV, 37).

nas barbas (c. de 55 400 resultados, 01/04/15), na presença de alguém; muito próximo de alguém: “não se tratava ali de nenhum namoro sobre as águas do Tejo, nas barbas de involuntário ou consentidor pau-de-cabeleira.” (IV, 35).

negócio da China (c. de 388 000 resultados, 08/04/15), acordo/negócio muito lucrativo: “[...] e nem errou o caminho, ignorando-o o piloto, se tal é crível, com o que já se vai dizendo que negócios bons são os da China.” (VII, 67).

(nem) todos os caminhos vão dar a Roma (“Nem todos os caminhos vão dar a Roma”, c. de 7 520 resultados; “Todos os caminhos vão dar a Roma”, c. de 6 410 resultados; 08/04/15): “Porém, esta religião é de oratório mimoso, com anjos carnudos e santos arrebatados [...], tanto está sofrendo quem goza como está gozando quem sofre, por isso é que não vão os caminhos dar todos a Roma, mas o corpo.” (IX, 87).

nem tudo é o que parece/nem tudo o que parece é (“nem tudo é o que parece”, c. de 278 000 resultados; “nem tudo o que parece é”, c. de 1 240 000; 15/04/15), as aparências iludem: “porém estava o governador feito com eles, não há mais que saber, que, entre portugueses traidores houve muitas vezes, ainda que nem tudo seja o que parece” (VIII, 78).

o futuro a Deus pertence (c. de 92 300 resultados, 08/04/15), só Deus sabe o que vai acontecer e é capaz de fazer acontecer de acordo com a sua vontade: “Não é verdade que o dia de amanhã só a Deus pertença, que tenham os homens de esperar cada dia para saber o que ele lhes traz [...], são ditos de quem não é capaz de entender os sinais que nos vêm do futuro” (XI, 113).

o pão nosso de cada dia (c. de 195 000 resultados, 08/04/15), o alimento essencial para o dia a dia; o essencial para se viver diariamente: “um homem vai à guerra, volta de lá aleijado [...] e enfim se quer ganhar o pobre pão de cada dia, é o que se vê” (XVII, 207).

o sol, quando nasce, é para todos (c. de 8 560 resultados, 01/04/15), todos beneficiam das mesmas oportunidades; o sucesso está ao alcance de todos: “Porém, a Quaresma, como o sol, quando nasce, é para todos.” (III, 23).

olhar a direito (c. de 29 600 resultados, 01/04/15), olhar de frente; olhar sem receio; olhar olhos nos olhos: “Bartolomeu Lourenço não respondeu, apenas o olhou a direito” (VI, 58).

ora essa (c. de 246 000 resultados, 08/04/15), nem pensar!; era o que faltava!: “ora essa, Ora essa, que conversa tão imprópria de cunhados, el-rei ainda está vivo e, pelo poder das minhas preces, se Deus mas ouve, não morrerá [...], tanto mais que para a conta dos seis filhos que está escrito terei dele, ainda faltam três” (X, 109).

pagar com língua de palmo (c. de 2 090 resultados, 01/04/15), pagar caro; sofrer as consequências: “[...] comprando a preços que nem sabemos e vendendo a outros que sabemos bem de mais, porque os pagamos com língua de palmo e a vida palmo a palmo.” (VI, 56).

para grandes males, grandes remédios (c. de 14 500 resultados, 08/04/15): “Sendo tanto os mortos, enterram-nos onde calha [...], para grandes males, grandes remédios [...], enterrar os mortos e cuidar dos vivos” (XVII, 217).

pataca a mim, pataca a ti (c. de 3 240 resultados, 08/04/15), distribuição equitativa dos lucros: “pagai portanto o devido, dai a César o que é de Deus, a Deus o que é de César, depois cá faremos as contas e distribuiremos o dinheiro, pataca a mim, a ti pataca” (XIII, 151).

pela casca não se conhece o fruto se lhe não tivermos metido o dente (c. de 748 resultados, 01/04/15), é pela experiência direta que se conhecem as coisas: “[...] uns de preto, outros de castanho, ainda isso seria o menos, pela casca não se conhece o fruto se lhe não tivermos metido o dente.” (II, 20).

pela catadura se conhece o catacego (c. de 40 resultados, 08/04/15): “el-rei D. João V faz quarenta e um anos e vê sagrar o mais prodigioso dos monumentos que em Portugal se levantaram, ainda por acabar, é verdade, mas pela catadura se conhece o catacego” (XXIV, 344).

pelo dedo se conhece o gigante (c. de 1 720 resultados, 08/04/15): “É o senhor Escarlata que está a tocar, é bem verdade que pelo dedo se conhece o gigante, isto dizemos nós, uma vez que existe o provérbio e vem a propósito.” (XVII, 219).

pelo sim pelo não (c. de 137 000 resultados, 01/04/15), de qualquer modo; de uma maneira ou de outra: “Fez-se Baltasar hóspede de ocasião [...], mas, pelo sim pelo não, [...] encaixou o gancho no coto” (IV, 40); “Pelo sim, pelo não, deu Baltasar uma ajuda ao disfarce” (XVII, 218).

ponto por ponto (c. de 125 000 resultados, 08/04/15), de forma pormenorizada; tim-tim por tim-tim: “dali ainda o cardeal vai ao quarto da rainha, onde as continências se repetem, ponto por ponto” (VIII, 81).

por acaso (c. de 9 770 000 resultados, 08/04/15), sem preparação; de forma inesperada: “[...] e agora nos passam os outros à capa como a inocentes touros, sem artes de marrar, ou não mais que por acaso.” (VII, 66).

por alto (c. de 6 340 000 resultados, 08/04/15), de forma generalista, aproximada: “Tinha este pároco feito um bom negócio de terrenos por serem dele algumas das terras do alto da Vela, e [...] fez-se a avaliação pelo alto” (XI, 114).

por assim dizer (c. de 578 000 resultados, 01/04/15), assim; aproximadamente; por outras palavras: “Sete-Sóis tem, por assim dizer, carta de privilégio, e, duplamente armado de espigão e espada, mete-se ao caminho, na penumbra das árvores.” (IV, 33).

pôr cobro (c. de 178 000 resultados, 08/04/15), acabar com; pôr um ponto final: “pretende sua majestade pôr cobro ao escândalo de que são causa os freiráticos, nobres e não nobres, que frequentam as esposas do Senhor e as deixam grávidas no tempo de uma ave-maria” (IX, 89).

por graça de (c. de 262 000 resultados, 01/04/15), por favor de; por mercê de; em nome de: “Nas janelas que dão para a praça estão as mulheres, vestidas e toucadas a primor, à alemoa, por graça da rainha [...], fazendo trejeitos com a boca em modo de a fazer pequena” (V, 46).

por meu/teu/seu/... próprio pé (“por meu próprio pé”, c. de 16 200 resultados; “por teu próprio pé”, c. de 218 resultados; “por seu próprio pé”, c. de 205 000 resultados; 08/04/15), pelos meus/teus/seus... próprios meios: “por seu próprio pé subiu este padre a casa das mulheres que lhe apeteciam o sacramento” (VIII, 80).

quem corre por gosto não cansa (c. de 17 100 resultados, 08/04/15), quem faz algo por prazer não se cansa nem fica aborrecido: “Meteu Baltasar pés ao caminho [...], entre ir e voltar andara mais de dez léguas, quem corre de gosto não cansa, dizem, mas Baltazar chegou cansado e ninguém o obrigara a ir, se calhar, quem inventou o ditado tinha alcançado a ninfa e gozado com ela, assim não admira.” (XVII, 218).

quem diria (c. de 542 000 resultados, 08/04/15) que surpresa!; ninguém adivinharia! : “Ao longe ouvia-se o rebentar dos tiros de pólvora, parece uma festa, o italiano vai triste, não admira, se vem da festa, mas tristes vão os outros também, quem diria, se voltam para a festa” (XVII, 221).

quem não tem pecados que atire a primeira pedra (c. de 830 resultados, 08/04/15), quem não tem pecados/defeitos, que comece a acusar/criticar/apontar o dedo: “Atire-lhes a segunda pedra quem não caiu nunca em pecados afins, o mesmo Cristo favoreceu a Pedro e animou a João, e eram doze os apóstolos.” (XX, 270).

quem parte e reparte e não fica com a melhor parte ou é burro/tolo ou não tem arte (“Quem parte e reparte e não fica com a melhor parte ou é burro ou não tem arte”, c. de 2 200 resultados; “Quem parte e reparte e não fica com a melhor parte ou é tolo ou não tem arte”, c. de 7 490 resultados; 08/04/15): “[...] para que Blimunda e Baltasar se alimentem um pouco melhor que o vulgar, quem parte e reparte, mesmo não sendo Baltasar o da partição, para alguma coisa aproveitaria a arte.” (VII, 65).

quem vai à guerra dá e leva (c. de 4 080 resultados, 08/04/15), quem se envolve numa situação problemática pode sair beneficiado mas também prejudicado: “[...] e porque enfim estava o corpo querendo alimento, ali mesmo comeram dos doces que traziam nos alforjes, quem vai à guerra empadas leva” (IX, 90); “[...] deu logo pela mutilação, mas dela não falou, apenas isto, Paciência, quem foi à guerra, depois olhou para Blimunda, compreendeu que era a mulher do filho” (X, 98).

riso/sorriso amarelo (“riso amarelo”, c. de 9 320 resultados; “sorriso amarelo”, c. de 173 000 resultados; 01/04/15), riso/sorriso forçado: “De riso murcho souberam os ministros a notícia, de riso amarelo largaram os soldados as armas” (VI, 56).

se calhar (c. de 555 000 resultados, 01/04/15), provavelmente; talvez: “se calhar, lá onde mora, enterrou um porco a fingir que era a assassinada” (IV, 43).

sem eira nem beira (c. de 109 000 resultados, 08/04/15), sem abrigo; sem local para viver: “Ficava por dizer quando tinha casado com Blimunda, se durante o tempo de soldado, se depois dele, e que casamento era esse, qual a eira e qual a beira, mas os velhos ou não se lembravam de perguntar ou preferiam não saber” (X, 98).

sim senhor (c. de 579 000 resultados, 15/04/15), muito bem: “Acaba o padre Bartolomeu de dizer o sermão [...], só pergunta alheado, Então, gostaram [...], Lá isso, gostámos, sim senhor, mas este é um falar dos dentes para fora, que o coração não dá mostras de ter entendido o que ouviu” (IX, 87).

só ter olhos para (c. de 6 610 resultados, 01/04/15), só ter interesse numa determinada pessoa ou coisa; ter o interesse concentrado em alguém ou alguma coisa: “fosse a ocasião outra, havia Sete-Sóis de lembrar-se da guerra, mas agora só tem olhos para os olhos de Blimunda, ou para o corpo dela” (V, 51).

soltar a língua (c. de 37 200 resultados, 01/04/15), começar a falar: “[...] se não havia perigo de soltar este a língua para denunciar o mandante, esses malhavam com os ossos no Limoeiro” (IV, 41).

tanto faz (c. de 9 450 000 resultados, 08/04/15), ser indiferente; de uma maneira ou outra: “Dão, se calha, estas e outras notícias a D. Maria Ana, mas ela está flutuando, indiferente, no seu torpor de grávida, dizerem-lhas ou calarem-lhas tanto faz” (VII, 67).

tanto mais que (c. de 369 000 resultados, 01/04/15), além de que; a tal ponto que: “[...] se vão arrepelar os que mandaram vir o trigo, obrigados pelo excesso a baixar-lhe o preço, tanto mais que se fala em próxima chegada de uma frota da Holanda carregada do mesmo género” (VI, 55); “el-rei ainda está vivo e, pelo poder das minhas preces, se Deus mas ouve, não morrerá [...], tanto mais que para a conta dos seis filhos que está escrito terei dele, ainda faltam três” (X, 109).

ter que ver com (c. de 113 000 resultados, 08/04/15), estar relacionado com: “Regressou o padre Bartolomeu Lourenço da Holanda, se sim ou não trouxe o segredo alquímico do éter, mais tarde o saberemos, ou não tem esse segredo que ver com alquimias de tempos passados” (XI, 111).

tirar proveito (c. de 544 000 resultados, 01/04/15), aproveitar; ser beneficiado: “[...] ficando João Elvas na grande estupefacção de ver o seu amigo bafejado pelos ares do Paço e da Igreja, e já pensando se disto poderia vir a tirar proveito um soldado vadio.” (VI, 57).

um homem não é de pau (c. de 46 600 resultados, 08/04/15), uma pessoa não consegue controlar sempre os seus desejos: “diz-se que um homem não é de pau, muito pior e mais custoso de aguentar é justamente quando se arma o pau no homem, de certeza não vão chegar as viúvas de Mafra para satisfazer tanta precisão” (XVII, 210).

uma mão lava a outra (c. de 56 400 resultados, 08/04/15), paga-se um favor com outro favor; : “Não é verdade que a mão esquerda não faça falta. Se Deus pode viver sem ela, é porque é Deus, um homem precisa das duas mãos, uma mão lava a outra, as duas lavam o rosto” (IX, 85).

uma vez por outra (c. de 308 000 resultados, 08/04/15), de vez em quando; às vezes: “Uma vez por outra, Blimunda levanta-se mais cedo, antes de comer o pão de todas as manhãs” (IX, 86).

valer a pena (c. de 4 680 000 resultados, 01/04/15), valer o esforço; ser proveitoso: “A Olivença nos recolhemos [...] que não tinha valido a pena marchar dez léguas” (IV, 31); “Falei com os desembargadores destas matérias, disseram-me que iam ponderar o teu caso, se vale a pena fazeres petição” (VI, 57-58), etc.

zé-ninguém/zé ninguém (c. de 245 000 resultados, 08/04/15), pessoa sem importância: “pretende sua majestade pôr cobro ao escândalo de que são causa os freiráticos, nobres e não nobres, que frequentam as esposas do Senhor e as deixam grávidas no tempo de uma ave-maria, que o faça D. João V, só lhe fica bem, mas não um João-qualquer ou um José-ninguém.” (IX, 89).

3.3. António Lobo Antunes, *Terceiro Livro de Crónicas* (2006), Publicações Dom Quixote, 278 pp., aprox. (Amostra)

à batatada (c. de 7 250 resultados, 28/03/15), à porrada; à bulha: “A lâmpada do candeeiro que se apaga constantemente [...] e acendo à portuguesa: à batatada.” (“D.”, 59). Expressão frequente: “andar à batatada” (c. de 21 000 resultados, 28/03/15).

à borla (c. de 127 000 resultados, 28/03/15), gratuitamente; de graça; de borla: “Nunca quis ser médico, queria ser empregado numa biblioteca, numa livraria, empanzinar-me à borla daquelas páginas todas porque, com o dinheiro que tinha, pouco podia comprar.” (“Um pé a baloiçar, nu, fora do lençol”, 68).

a campo aberto (c. de 13 300 resultados, 30/03/15), livremente; a céu aberto; ao ar livre: “[...] abandonar a minha querida e fora de moda defesa indiana do rei e espalhar as peças a campo aberto” (“O próximo livro”, 226). Expressão frequente: “a céu aberto” (c. de 649 000 resultados, 30/03/15).

à deriva (c. de 498 000 resultados, 31/03/15), sem rumo; de forma desorientada: “Engraçado: dá ideia que em lugar de escrever vou falando à deriva” (“Bom Ano Novo, senhor Antunes”, 270).

a esperança é a última a morrer (c. de 21 600 resultados, 29/03/15), deve-se acreditar sempre; enquanto há vida há esperança: “o teu futuro reduz-se à dimensão angustiante da próxima consulta, na qual talvez o médico te diga que dois e dois, afinal, são zero mas que a esperança é a última a morrer (curiosa afirmação)” (“Dois e dois”, 151).

a fim de (c. de 31 600 000 resultados, 27/03/15), com o propósito de; para: “Onde, de orelha atenta aos passos do meu pai, podíamos fumar, perto da janela, a fim de atirar a beata para o beco” (“O silêncio da casa”, 32).

à laia de (c. de 37 800 resultados, 29/03/15), à maneira de; à moda de: “[...] sem um aviso, à laia de um trovão num céu claro, a menina Germana [...] descansou o ferro na tábua” (“Tratado dos crepúsculos”, 158).

à mão de semear (c. de 33 600 resultados, 29/03/15), acessível; disponível: “E então pira-te, cabeça, outra vez, mas mantém-te aí à mão de semear, porque me vais ser útil.” (“Explicação aos paisanos”, 170-171).

a pouco e pouco (c. de 278 000 resultados, 30/03/15), pouco a pouco; aos poucos; paulatinamente: “O próximo livro começa a chegar devagarinho. Por enquanto é [...] uma espécie de segunda atmosfera que a pouco e pouco me rodeia” (“O próximo livro”, 225).

à socapa (c. de 46 700 resultados, 28/03/15), às escondidas; disfarçadamente: “[...] enquanto eu arredondava o Boa Tarde às Coisas Aqui Em Baixo fingindo não dar por isso e prevenindo à socapa a gargalhadinha” (“O mecânico”, 40); “Fomos espreitar, levantando o oleado: [a camioneta] transportava os nossos caixões. Isto à socapa, sem elegância nenhuma.” (“Bom Ano Novo, Senhor Antunes”, 270).

abrir caminho (c. de 396 000 resultados, 27/03/15), avançar, desviando os obstáculos; ir à frente; desbravar: “[...] mora [a Ulli] por cima de um veterinário e visito-a aos sábados a abrir caminho entre cachorros com sarna” (“Tango do emigrante”, 21).

andar à brocha (9 resultados, 30/03/15), andar atrapalhado; andar à nora: “Esta prosa saiu-me descosida, coitada: é que ando à brocha com um romance que se escapa por todos os lados” (“Epístola de Santo António Lobo Antunes aos leitores”, 196).

ao léu (c. de 236 000 resultados; 30/03/15), despido; descoberto; desprotegido: “Um homem e tanto e eu para ali, quieto, de braço ao léu, como quando vou ao hospital dar sangue.” (“O meu tio Roby”, 206).

apanhado em falta (c. de 35 300 resultados, 30/03/15), apanhado a cometer algo errado/ilícito; “[...] aceitava as críticas numa humildade de criança apanhada em falta” (“Coração do dia”, 230).

armar em parvo (c. de 1 840 resultados, 30/03/15), agir de forma disparatada; fazer de parvo: “estou a armar-me em parvo para quê, sei perfeitamente a data exacta” (“Epístola de Santo António Lobo Antunes aos leitores”, 195).

às cegas (c. de 405 000 resultados, 28/03/15), às apalpadelas; sem saber o caminho; inconscientemente: “[...] consistia em introduzir na uretra uma espécie de tenaz e a seguir, às cegas, esmagar as ditas pedras” (“O mecânico”, 41); “[...] escrevo às cegas, caminhando numa espécie de nevoeiro” (“Onde a mulher teve um amor feliz é a sua terra natal”, 273).

cair bem (c. de 101 000 resultados, 27/03/15), acertar; estar/ficar bem; ser conveniente: “[...] a Ulli garantiu fosse o que fosse sobre os latinos que me caiu bem” (“Tango do emigrante”, 21).

chamar um figo (c. de 5 060 resultados, 28/03/15), desejar muito; devorar; considerar muito apetitoso: “Sem a cabeleira poderia ser treinador de hóquei e se calhar chamava um figo à cozinheira dos vizinhos.” (“Antoninho cravo roxo”, 117); “[...] o soutien preto a que outro Tarzan qualquer chamaria um figo” (“A nossa alegre casinha”, 187).

chegar uma altura (em que) (c. de 15 100 resultados, 27/03/15), chega um momento/uma fase: “E chega uma altura em que se começa a conviver com a morte como se fosse uma amizade antiga”; “Chega uma altura em que a morte é uma pessoa de família”; “Chega uma altura em que a morte principia a conviver com a gente”; etc. (“Chega uma altura”, 27, etc.).

condições de vida (c. de 27 200 000 resultados, 30/03/15), recursos disponíveis para se viver; qualidade de vida: “custa-me entender a violência desnecessária, a humilhação estúpida, as condições de vida degradantes.” (“Só os mortos conhecem Mafra”, 233).

corpo a corpo (c. de 10 800 000 resultados, 30/03/15), confronto direto; contacto físico; luta: “[...] e, para mais, acho que ainda não reuni a força física necessária para uns vinte meses de corpo a corpo com o texto” (“O próximo livro”, 227).

daqui a nada (c. de 177 000 resultados, 27/03/15), muito brevemente: “[...] daqui a nada a lua para as bandas da ponte [...]” (“Uma laranja na mão”, 25).

dar a impressão (c. de 386 000 resultados, 30/03/15), parecer; ficar com a ideia: “Deu-me a impressão que ouvi passos lá fora” (“A nossa alegre casinha”, 187).

dar à luz (c. de 668 000 resultados, 27/03/15), fazer nascer: “[...] mulheres que davam monstros à luz” (2 vezes); “[...] a mulher que deu à luz um monstro” (“O silêncio da casa”, 33).

dar ao queixo (c. de 2 100 resultados, 28/03/15), comer: “Passado um bocado começamos a dar ao queixo: a salsicha não sabe a salsicha” (“O noivo de província”, 49).

dar ares (c. de 29 400 resultados, 31/03/15), aparentar; parecer; dar a ideia: “Volta não volta brigadeiro jantava na messe, penteadinho, perfumado. Dava ares de um jogador de póquer” (“Crónica para Tomar”, 246).

dar conta (c. de 1 170 000 resultados, 28/03/15), aperceber-se: “dou conta que a minha mulher tirou o lenço da carteira, dou conta que procura disfarçar as lágrimas” (“Crónica de amor”, 38); “voltei a dar-me conta [...] que me pareço imenso com ele” (“Crónica de Natal”, 161).

dar fé (c. de 561 000 resultados, 30/03/15), dar conta; testemunhar: “Não me vou deixar vencer por um romance e sentia-me derrotado dia a dia, ganas de destruir as páginas [...] e, vai na volta, era aquilo [...] que eu queria e não dava fé de ter encontrado” (“O próximo livro”, 227); “o bancário retirou o casaco das costas da cadeira, começou a sair com o guardanapo na mão, deu fé do guardanapo” (“Cor local”, 252).

dar ideia (c. de 72 600 resultados, 27/03/15), parecer; fazer lembrar: “[...] a franja do tapete desarrumada, dá ideia que palavras e palavra alguma [...]” (“Chega uma altura”, 28).

dar jeito (c. de 126 000 resultados, 27/03/15), ser conveniente ou útil: “Agora não me dá jeito falar”; “[...] mesmo que agora não te dê jeito falar”; “[...] e te dê jeito falar” (“Tango do emigrante”, 20, 21 e 22, respetivamente).

dar na gana (c. de 892 resultados, 28/03/15), apetecer; passar pela cabeça: “dá voltas e mais voltas com os pincéis, ou o carvão, ou o que lhe der na gana” (“Júlio Pomar: pintor”, 104).

dar parte de fraco (c. de 4 450 resultados, 30/03/15), mostrar debilidades; não ter resistência; não aguentar: “[...] e um oficial, é evidente, não pode dar parte de fraco diante de um recruta de merda.” (“Só os mortos conhecem Mafra”, 236).

dar por isso (c. de 272 000 resultados, 28/03/15), aperceber-se; descobrir; detetar: “[...] enquanto eu arredondava o Boa Tarde às Coisas Aqui Em Baixo fingindo não dar por isso e prevenindo à socapa a gargalhadinha” (“O mecânico”, 40).

dar-se ao luxo (c. de 62 700 resultados, 30/03/15), dar-se ao prazer; permitir; usufruir: “não posso dar-me ao luxo de desperdiçar um tiro: não tenho mais, e crónicas não são coisas que se peguem de cernelha” (“Crónica para quem aprecia histórias de caçadas”, 182).

dar-se com (alguém ou alguma coisa) (c. de 308 000 resultados, 27/03/15), relacionar-se bem; entender-se: “temos de nos dar com alguém não é verdade?” (“Tango do emigrante”, 20).

de borla (c. de 372 000 resultados, 28/03/15), de graça; gratuitamente: “Se fosse mulher não queria um destes caramelos nem de borla e a obra de quase todos, que já não tinha em grande conta, desceu, dentro de mim, um degrau invisível.” (“Augusto Abelaira: escritor”, 96).

de cor (c. de 26 400 resultados, 30/03/15), de memória; na ponta da língua: “[...] sabe a minha cara de cor” (“Coração do dia”, 230). Expressões frequentes: “dizer de cor” (c. de 91 600 resultados) e “saber de cor” (c. de 221 600 resultados).

de meia tigela (c. de 118 000 resultados, 30/03/15), sem qualidade/valor; insignificante: “[...] não faça nada de jeito, uma prosa de meia tigela, sem sedução, sem encanto, sem graça” (“Crónica que não me rala um chavo como ficou”, 239).

de merda (c. de 846 000 resultados, 15/05/15), que não presta; sem valor nenhum: “[...] e um oficial, é evidente, não pode dar parte de fraco diante de um recruta de merda.” (“Só os mortos conhecem Mafra”, 236).

de quando em quando (c. de 201 000 resultados, 31/03/15), de vez em quando; esporadicamente: “De quando em quando percebe-se o vento: não muito alto, um cochicho.” (“Crónica para Tomar”, 245).

de tempos a tempos (c. de 103 000 resultados, 28/03/15), esporadicamente; de vez em quando: “Em casa dos meus avós, de tempos a tempos, havia uma espécie de recitais” (“Antoninho cravo roxo”, 117; “a mão de tempos a tempos mexe-se sozinha como se escrevesse” (“O próximo livro”, 225).

de uma assentada (c. de 47 300 resultados, 28/03/15), de uma só vez; de forma rápida; de uma penada: “Eu estava a começar a publicar e, de uma assentada, deparei-me com as celebridades em peso.” (“Augusto Abelaira: escritor”, 95).

de uma penada (c. de 15 800 resultados, 28/03/15), de uma só vez; de forma rápida; de uma assentada: “[...] resolviam o assunto de uma penada.” (“Júlio Pomar: pintor”, 103)

de uma vez por todas (c. de 451 000 resultados, 27/03/15), em definitivo; pela última vez: “Logo, e de uma vez por todas, o silêncio é igual.”; “Logo, e de uma vez por todas, a casa pertence-me” (“O silêncio da casa”, 33).

deixar a pele (c. de 412 000 resultados, 28/03/15), esforçar-se muito; dar o litro: “Nem que deixe a pele nisto hei-de conseguir.” (“!”, 109).

deixar ficar mal (c. de 8 170 resultados, 30/03/15), desiludir; prejudicar: “Receava que, por um capricho qualquer, aquele enredo, lindíssimo, mudasse, mas o Joselito nunca me deixou ficar mal.” (“20 de Fevereiro, toda a alegria do mundo”, 199).

deixar-se de tretas (c. de 1 170 resultados, 29/03/15), deixar de rodeios; deixar de desculpas: “Deixem-se de tretas: os únicos livros que podem vir a ser bons [...] são aqueles que a gente tem a certeza de não ser capaz de escrever.” (“Explicação aos paisanos”, 172).

desamparar a loja (c. de 1 080 resultados, 28/03/15), sair depressa de um lugar; deixar de importunar: “quero que me desapareças da vista, me desampares a loja, metes-me nojo sabias [...]” (“Da vida das marionetas”, 52-53).

desaparecer da vista (c. de 65 200 resultados, 28/03/15), sair depressa de um lugar; deixar de importunar: “quero que me desapareças da vista, me desampares a loja, metes-me nojo sabias [...]” (“Da vida das marionetas”, 52-53).

dia a dia (c. de 45 300 000 resultados, 30/03/15), diariamente; dia após dia: “Não me vou deixar vencer por um romance e sentia-me derrotado dia a dia, ganas de destruir as páginas [...] e, vai na volta, era aquilo [...] que eu queria e não dava fé de ter encontrado” (“O próximo livro”, 227).

do caneco (c. de 72 500 resultados, 31/03/15), que causa admiração; de qualidade; impressionante: “[Pai,] Volte para o escritório sossegado que escreveu uma tese do caneco.” (Ajuste de contas”, 292).

e é um pau (c. de 103 000 resultados, 29/03/15), e dá-te por satisfeito com o pouco: “Qual paizinho: roço-lhe a cara com um beijo e é um pau.” (“Dois e dois”, 150).

e tal (c. de 9 060 000 resultados, 30/03/15), e mais; e outras coisas; etc.: “a única coisa que interessa [...] é que hoje, dia vinte e tal (ignoro quanto o tal) à uma e tal [...]” (“Crónica que não me rala um chavo como ficou”, 239).

em coro (c. de 412 000 resultados, 30/03/15), de forma unânime; a uma só voz: “- A tropa é linda? / e a gente em coro, jurando-lhe pela mãezinha / - É” (“Só os mortos conhecem Mafra”, 234).

em menos de um fósforo (c. de 7 660 resultados, 29/03/15), muito rapidamente: “Médicos: se a gente os deixar põem-nos no cemitério em menos de um fósforo.” (“Dois e dois”, 151).

em peso (c. de 578 000 resultados, 28/03/15), em grande número; abundantemente: “Eu estava a começar a publicar e, de uma assentada, deparei-me com as celebridades em peso.” (“Augusto Abelaira: escritor”, 95).

está quieto (c. de 289 resultados, 30/03/15), locução interjetiva com sentido próximo de “nem pensar!”: “a viúva tornava-se pálida e com rugas, quase mãe dela mesmo, mas largarem a popeline está quieto.” (“Um via láctea de galos”, 214).

estar a brincar (c. de 149 000 resultados, 27/03/15), não levar a sério: “Estás a brincar comigo Luísa?” (“Uma laranja na mão”, 24).

estar a leste (c. de 41 000 resultados, 30/03/15), estar alheado; não estar a par; desconhecer: “O João isto, o João aquilo e eu recebia-o por ti [...], sem paciência para as vossas conversas, a leste, a pensar qual seria o motivo de quando estás sozinho comigo não me ligares nenhuma” (“Não há pior cego que o que não quer ver-me”, 173).

fazer a corte (c. de 209 000 resultados, 27/03/15), seduzir; cercar alguém de atenções ou galanteios: “É-me difícil imaginar o meu avô a namorá-la [a minha avó], a abandonar o jornal e as trovoadas para lhe fazer a corte.” (“Eles, no jardim”, 17).

fazer companhia (c. de 417 000 resultados, 30/03/15), acompanhar; estar junto de: “e eu satisfeita, é evidente, por lhe fazer companhia, por sorrir de leve a garantir / - Estou aqui” (“A harmonia do mundo”, 220).

fazer de conta (c. de 383 000 resultados, 28/03/15), fingir; imaginar: “Agora vamos fazer de conta que não somos casados, pode ser?” (“Quem não tem dinheiro não tem alma”, 81).

fazer impressão (c. de 20 300 resultados, 27/03/15), causar incómodo: “Agora o que me faz impressão é o silêncio da casa.”; “Disse há bocado que me faz impressão o silêncio da casa” (“O silêncio da casa”, 31 e 32).

fazer troça (c. de 23 200 resultados, 27/03/15), escarnecer; gozar; fazer pouco: “[...] memórias que dariam vontade de fazer troça a quem está de fora e para nós tão doces” (“Chega uma altura”, 29).

fechar a porta na cara (c. de 12 500 resultados, 30/03/15), rejeitar; não aceitar; escorraçar: “Não tenho talento nenhum e fecha-lhe a porta na cara.” (“Ohey Silver”, 179).

ficar a ver navios (c. de 26 800 resultados, 30/03/15), esperar algo que não acontece; ser enganado; ficar a chuchar no dedo: “o minorca da matilha tentou um pulo esperançado, calculou mal a distância, ficou a ver navios” (“O céu está no fundo do mar”, 223).

fome/fominha de cão (“fome de cão”, c. de 18 000 resultados; “fominha de cão”, c. de 89 resultados; 30/03/15), muita fome: “Com uma estrela no ombro e L. Antunes cosido no uniforme passei uma fominha de cão: café com leite em pó, um pacote minúsculo de manteiga a dividir por oito.” (“Só os mortos conhecem Mafra”, 233).

fora de moda (c. de 462 000 resultados, 30/03/15), antiquado; desatualizado; *démodé*: “[...] abandonar a minha querida e fora de moda defesa indiana do rei e espalhar as peças a campo aberto” (“O próximo livro”, 226). Expressão frequente: “a céu aberto” (c. de 649 000 resultados, 30/03/15).

fosse o que fosse (c. de 321 000 resultados, 27/03/15), de uma maneira ou de outra; qualquer coisa: “a Ulli garantiu fosse o que fosse sobre os latinos que me caiu bem” (“Tango do emigrante”, 21).

graças a Deus (c. de 10 300 000 resultados, 30/03/15), felizmente; ainda bem: “A história, graças a Deus, acabava bem.”; “Os enredos lindíssimos, graças a Deus, acabam sempre bem.” (“20 de Fevereiro, toda a alegria do mundo”, 199 e 200).

ir à fava (c. de 321 000 resultados, 29/03/15), ir para longe para deixar de importunar; ir pentear macacos; ir ver se chove: “Virginia Woolf que vá à fava, os relógios que vão à fava.” (“Virginia Woolf, os relógios, Claudio & Bessie Smith”, 156).

ir na conversa (c. de 29 300 resultados, 29/03/15), deixar-se enganar; acreditar em alguém de forma ingénuo: “Comigo [os médicos] não têm sorte nenhuma, não lhes vou na conversa.” (“Dois e dois”, 151).

ir ter com (alguém) (c. de 128 000 resultados, 30/03/15), ir ao encontro de (alguém): “parei de comer e depois pensei / - Vou ter com ele” (“Crónica que não me rala um chavo como ficou”, 237).

jurar pela mãezinha (c. de 139 resultados, 30/03/15), jurar de forma convicta; jurar a pés juntos: “- A tropa é linda? / e a gente em coro, jurando-lhe pela mãezinha / - É” (“Só os mortos conhecem Mafra”, 234).

levar a mal (c. de 95 900 resultados, 27/03/15), ficar ofendido/magoado: “Agora não me dá jeito falar [...] (não me leves a mal)” (“Tango do emigrante”, 20).

levar a vida (c. de 10 800 000 resultados, 28/03/15), viver a vida; dedicar/ocupar muito tempo: “A sua mãe arruma coisas no sótão, tem levado a vida a arrumar coisas no sótão.” (“Quem não tem dinheiro não tem alma”, 81).

mais ou menos (c. de 18 000 000 resultados, 27/03/15), nem muito nem pouco; nem sim nem não; talvez: “[...] mais ou menos isso em alemão” (“Tango do emigrante”, 20).

meter o nariz (c. de 48 100 resultados, 29/03/15), intrometer-se em algo que não lhe diz respeito; ser curioso de forma indesejada: “Julgo que não tenho feito outra coisa toda a vida, ou seja meter o nariz (engraçada esta expressão meter o nariz) no que deitam fora” (“Você”, 134). Expressão frequente: “meter o nariz onde não é chamado” (c. de 3 380 resultados, 29/03/15).

na ponta da língua, pronto para ser dito: “tentamos lembrar-nos do seu nome e esquecemo-lo / - Trago-o na ponta da língua” (“Chega uma altura”, 27).

não brincar em serviço (c. de 81 500 resultados, 30/03/15), levar as coisas a sério; ser trabalhador e responsável: “[...] nunca se sabe de facto e há mortos que não brincam em serviço. Pelo sim pelo não continuo a evitar o cemitério.” (“Uma via láctea de galos”, 215).

não ligar nenhuma (c. de 43 900 resultados, 27/03/15), não dar atenção; não fazer caso; não ligar patavina; não ligar peva: “[o meu avô] Não me ligava nenhuma, eu não lhe ligava nenhuma e ficámos quites.” (“Eles, no jardim”, 16); “[...] duas instâncias que nos escapam e não nos ligam nenhuma.” (“Explicação aos paisanos”, 170); - O João isto, o João aquilo e eu recebia-o por ti [...], sem paciência para as vossas conversas, a leste, a

pensar qual seria o motivo de quando estás sozinho comigo não me ligares nenhuma” (“Não há pior cego que o que não quer ver-me”, 173).

não ligar peva (c. de 667 resultados, 28/03/15), não dar atenção; não ligar nenhuma; não ligar patavina: “Tinha mandado Os Miseráveis, os editores não lhe ligavam peva e Victor questionou-os” (“!”, 110).

não saber um boi (7 resultados, 30/03/15), não saber nada; ser ignorante: “aposto que não sabe um boi de restaurantes simpáticos.” (“Ohey Silver”, 179).

não valer um chavo (c. de 2 340 resultados, 28/03/15), não prestar; não valer nada; ser insignificante: “[...] poesias que julgava boas e não valiam um chavo.” (“!”, 109); “o anel de bolo rei [...] era de estanho ou isso, não valia um chavo” (“Coisas que descobri ter trazido de Roma ao esvaziar a mala”, 191).

no entanto (c. de 46 300 000 resultados, 28/03/15), todavia; apesar disso: “[...] sem ter a certeza de que osso é que era nem em que lugar o escondi e, no entanto, necessito encontrá-lo como se o osso fosse, para mim, uma questão vital” (“O osso”, 43).

novo em folha (c. de 516 000 resultados, 30/03/15), muito novo; por estrear: “[...] eu oficial também, pronto para o barquinho de África de galões nos ombros, novos em folha” (“Só os mortos conhecem Mafra”, 235). Expressão frequente: “novinho em folha” (c. de 341 000 resultados).

palavra de honra (c. de 312 000 resultados, 27/03/15), juro: “agarro nos meus irmãos e vamos jantar para a cozinha. Palavra de honra.” (“O silêncio da casa”, 32); “Sou escritor e palavra de honra que esta evidência me meteu medo” (“Epístola de Santo António Lobo Antunes aos leitoréus”, 195).

partir o focinho (c. de 3 320 resultados, 30/03/15), agredir; esmurrar; ir à cara: “o murro nos cornos fica-lhe prometido: nem que vá lá de propósito [...] partir-lhe o focinho por ter magoada o a minha filha” (“Coisas que descobri ter trazido de Roma ao esvaziar a mala”, 191).

passar pela cabeça (c. de 64 800 resultados, 30/03/15), lembrar; pensar: “Por acaso alguma vez te passou pela cabeça que a minha carne tem nervos também [...]?” (“Não há pior cego que o que não quer ver-me”, 175).

pé ante pé (c. de 81 700 resultados, 30/03/15), devagar e silenciosamente: “Nesta altura é prudente chegarmos a ela [crónica] pé ante pé” (“Crónica para quem aprecia histórias de caçadas”, 183).

pegar de cernelha (c. de 586 resultados, 30/03/15), não pegar (o boi) pelos cornos; abordar algo de forma indireta e parcial: “não posso dar-me ao luxo de desperdiçar um tiro: não tenho mais, e crónicas não são coisas que se peguem de cernelha” (“Crónica para quem aprecia histórias de caçadas”, 182).

pelo sim pelo não (c. de 139 000 resultados, 30/03/15), de qualquer maneira; numa situação ou noutra; por via das dúvidas: “[...] nunca se sabe de facto e há mortos que não brincam em serviço. Pelo sim pelo não continuo a evitar o cemitério.” (“Uma via láctea de galos”, 215).

pessoa/homem/mulher/senhor/senhora de idade (“pessoa de idade”, c. de 311 000 resultados; “senhor de idade”, c. de 270 000 resultados; etc.; 30/03/15), pessoa com muitos anos; pessoa idosa/velha: “Hoje vi um senhor de idade a chorar no restaurante.” (“Crónica que não me rala um chavo como ficou”, 237).

pôr a vista em cima (c. de 8 490 resultados, 31/03/15), ver; dar conta da presença de algo ou alguém: “Pouco depois informou-me que precisava de uns meses para pensar e nunca mais lhe pus a vida em cima.” (“Dalila”, 257).

por conseguinte (c. de 4 790 00 resultados, 27/03/15), assim; assim sendo; consequentemente: “Por conseguinte o que mudou na casa foi a cor do silêncio.” (“O silêncio da casa”, 31).

por enquanto (c. de 10 400 000 resultados, 28/03/15), para já; por agora: “Mas por enquanto estou sentado na cadeira” (“O mecânico”, 41).

por meu/teu/seu... turno (“por meu turno”, c. de 113 000 resultados; “por teu turno”, c. de 621 resultados; “por seu turno”, c. de 492 000 resultados; 27/03/15), no que me/te/lhe... diz respeito: “E qualquer dia eu, por meu turno, deixo de ser também” (“Eles, no jardim”, 17).

por que bulas, por que razão; por ordem de quem: “Continuo a perguntar-me por que bulas, em lugar de romances, não nasci eu com a fortuna de escrever poemas assim?” (2 vezes) (“O silêncio da casa”, 34).

por que carga de água (c. de 25 800 resultados, 28/03/15), por que razão: “Por que carga de água não se há-de ordenar / (não pedir) / ao mundo que se adapte a nós?” (“Uma carta para Sherlock Holmes”, 92); “[...] por que carga de água um livro demora tanto tempo a fermentar” (“O próximo livro”, 227).

por sua vez (c. de 14 000 000 resultados, 27/03/15), por seu lado; por seu turno: “A minha avó parece loira [...], sentada ao colo do pai que por sua vez se senta [...] no tal muro de pedra” (“Eles, no jardim”, 15).

porque raio/por que raio (“porque raio”, c. de 119 000 resultados; “por que raio”, c. de 84 000 resultados 31/03/15), por que razão; por que carga de água: “porque raio a Igreja católica não ordena as mulheres?” (“Deviam chover lágrimas quando o coração pesa muito”, 287).

pôr-se a pau (c. de 6 440 resultados, 28/03/15), ter cuidado; ficar de sobreaviso: “Ponham-se a pau com o contorno da costa e não avancem terra fora.” (“Júlio Pomar: pintor”, 105).

quando o rei faz anos (c. de 9 090 resultados, 31/03/15), muito raramente: “Porque os doentes eram obrigados a um uniforme [...]. E eram vistos quando o rei faz anos.” (“Hospital Miguel Bombarda”, 278).

que raio de (c. de 250 000 resultados, 30/03/15), construção usada para expressar admiração e crítica: “Faz poucas semanas convidaram-me para encerrar (que raio de palavra) um congresso de médicos.” (“Epístola de Santo António Lobo Antunes aos leitoréus”, 194).

que se lixe (c. de 253 000 resultados, 29/03/15), Não interessa nada!; Que vá para o diabo!: “Que se lixe. Agora sou um preto de óculos escuros” (“Virginia Woolf, os relógios, Claudio & Bessie Smith”, 156).

querer lá saber (c. de 647 resultados, 28/03/15), não dar qualquer importância; ignorar: “quero lá saber da bodega do papel, fica para aí no chão” (“O coração & outros frutos amargos”, 90).

questão vital (c. de 24 500 resultados, 28/03/15), aspeto muito importante: “[...] sem ter a certeza de que osso é que era nem em que lugar o escondi e, no entanto, necessito encontrá-lo como se o osso fosse, para mim, uma questão vital. [...] é uma questão vital”; “Ignoro o lugar onde o escondi e necessito encontrá-lo: é uma questão vital.” (“O osso”, 43 e 45).

sabe-se lá porquê (c. de 83 300 resultados, 27/03/15), sem se saber a razão: “[...] a alma, sabe-se lá porquê, amolgada não sei onde” (“Chega uma altura”, 28).

se calhar (c. de 576 000 resultados, 27/03/15), provavelmente; talvez: “se calhar corrigiu uma posição [...]” (“Eles, no jardim”, 17); “[...] se calhar tão carregado de sofrimento quem nem pelo sofrimento dá” (“Chega uma altura”, 29); “Ou se calhar vem a horas que não estou.” (“O silêncio da casa”, 32); “Sem a cabeleira poderia ser treinador de hóquei e se calhar chamava um figo à cozinheira dos vizinhos.” (“Antoninho cravo roxo”, 117); etc.

ser igual ao litro (c. de 2 590 resultados, 31/03/15), ser indiferente; não ter importância: “Nunca quis agradar a ninguém [...] e portanto nunca pedi muito ao meu pai e a sua opinião era-me igual ao litro.” (“Ajuste de contas”, 289).

ser para ali chamado (c. de 9 resultados, 29/03/15), ter uma palavra a dizer; ser levado em linha de conta; ser lembrado: “Como te disse ao princípio os problemas acontecem independentes de nós e é tudo, sem que a gente seja para ali chamados, sem que a gente tenha intervindo.” (“De como morri às tuas mãos”, 138).

ser uma grande gaita (1 resultado, 30/03/15), ser uma porcaria/um desconsolo: “A vida é uma grande gaita, rapaz” (2 vezes) (“O meu tio Roby”, 207 e 208).

ter (algo ou alguém) aos pés (c. de 49 400 resultados, 28/03/15), ter sob domínio; ser admirado: “Vai morrer enquanto eu, em França, vivo o sucesso do meu livro, dos meus livros, tenho a imprensa e os leitores aos pés” (“Ninguém é mais pobres que os mortos”, 75).

ter (algo) debaixo da língua (c. de 340 resultados, 29/03/15), estar quase a lembrar-se: “Não sei quem Williams? Um de cara comprida e bigodinho, tenho o nome debaixo da língua, gaita.” (“Virginia Woolf, os relógios, Claudio & Bessie Smith”, 156).

ter de comer muito pão (c. de 328 resultados, 29/03/15), ter de se esforçar muito; ter um longo caminho a percorrer para atingir um objetivo: “Pensando bem a morte ainda tem de comer muito pão para apanhar-me, eu que dou a volta ao jardim em menos de um minuto” (“Da morte e outras ninharias”, 148).

ter em conta (c. de 5 080 000 resultados, 28/03/15), considerar; ter em atenção: “Se fosse mulher não queria um destes caramelos nem de borla e a obra de quase todos, que já não tinha em grande conta, desceu, dentro de mim, um degrau invisível.” (“Augusto Abelaira: escritor”, 96).

ter mão (em alguém ou alguma coisa) (c. de 65 100 resultados, 30/03/15), controlar; dominar: “as crónicas [...] o que desejam é que tenham mão nelas no momento exacto” (“Crónica para quem aprecia histórias de caçadas”, 182).

ter/trazer os dias contados (“ter os dias contados”, c. de 39 800 resultados; “trazer os dias contados”, 0 resultados; 30/03/15): “É-me muito claro que trago os dias contados, e que os dias são demasiado poucos para o que tenho de escrever.” (“Epístola de Santo António Lobo Antunes aos leitoréus”, 194).

trazer à luz do dia (c. de 46 000 resultados, 28/03/15), tornar público; divulgar: “Júlio Pomar pertence a esta espécie de criaturas raras: traz a gente à luz do dia, com o camaroeiro da palma.” (“Júlio Pomar: pintor”, 104).

um homem/uma mulher e tanto (“um homem e tanto”, c. de 210 000 resultados; “uma mulher e tanto”, c. de 144 000 resultados; 30/03/15), um homem/uma mulher de grande valor: “Um homem e tanto e eu para ali, quieto, de braço ao léu, como quando vou ao hospital dar sangue.” (“O meu tio Roby”, 206).

uma data de (c. de 4 360 000 resultados, 29/03/15), uma grande quantidade de: “Tenho uma data de anos” (“Você”, 126).

vá lá (c. de 492 000 resultados, 31/03/15), ao menos isso: “Pelo menos não bebe, vá lá” (“A morte de um sonho não é menos triste que a morte”, 255).

vai na volta (c. de 46 000 resultados, 30/03/15), por acaso; inesperadamente; como quem não quer a coisa: “Não me vou deixar vencer por um romance e sentia-me derrotado dia a dia, ganas de destruir as páginas [...] e, vai na volta, era aquilo [...] que eu queria e não dava fé de ter encontrado” (“O próximo livro”, 227).

- ver pelas costas** (c. de 18 900 resultados, 31/03/15), não desejar a presença de uma determinada pessoa; ver afastar-se: “[...] respondia-lhe [ao meu pai] que achava bem para o ver pelas costas.” (“Ajuste de contas”, 292).
- ver-se à brocha** (c. de 486 resultados, 30/03/15), ver-se atrapalhado, em apuros; ver-se à nora; ver-se em palpos/papos de aranha: “não lhe disse [...] que me vi à brocha para aguentar a aguazinha das pálpebras” (“O meu tio Roby”, 208).
- virar as costas** (c. de 245 000 resultados, 30/03/15), abandonar; não apoiar; ignorar: “as crónicas e os livros não toleram escritores aselhas, ou precipitados, ou impacientes, desprezam-nos, viram-lhes as costas a troçarem” (“Crónica para quem aprecia histórias de caçadas”, 182).
- volta não volta** (c. de 34 900 resultados, 31/03/15), com frequência mas de modo irregular: “Volta não volta brigadeiro jantava na messe, penteadinho, perfumado. Dava ares de um jogador de póquer” (“Crónica para Tomar”, 246).
- voltar as costas** (a alguém ou a alguma coisa) (c. de 51 400 resultados, 28/03/15), abandonar; não apoiar; ignorar: “[...] o teu papel a voltar-me as costas, a afastar-se” (“O coração & outros frutos amargos”, 89).

4. BADAPE: Rádio e Televisão (Amostra de A a C)

- a abarrotar** (c. de 88 100 resultados, 08/01/14), repleto; a rebentar pelas costuras: “Feira do Livro de Lisboa a abarrotar / Apesar da chuva intensa, milhares de pessoas não perderam tempo e a Feira do Livro de Lisboa esteve a abarrotar. 2011-05-01 21:46:41” (<http://tv2.rtp.pt/noticias/?t=Feira-do-Livro-de-Lisboa-a-abarrotar.rtp&headline=20&visual=9&article=438012&tm=4>).
- a brincar** (c. de 447 000 resultados, 11/03/14), de forma não séria/irresponsável/descomprometida/lúdica: “«Ministro da Defesa está a brincar com os trabalhadores dos estaleiros»” (Comentário de Constança Cunha e Sá, TVI24).
- à bruta** (c. de 94 000 resultados, 11/03/14), de forma violenta: “www.rtp.pt > Início > Vídeo e Áudio > Economia / 22/10/2013 - O antigo ministro das Finanças, Bagão Félix, entende que se aumenta os impostos "à bruta" e que se diminui a despesa "às cegas"”.
- a conta-gotas** (c. de 1 150 000, 08/06/14), pouco a pouco; em pequenas quantidades: “Em Castelo Branco é feito a conta gotas o reabastecimento [de combustível, depois da greve dos camionistas]” (RTPN, “Notícias”, 12/06/08); “Ajuda [a Myanmar, antiga Birmânia] chega a conta-gotas” [depois de um violento ciclone que vitimou milhares de pessoas] (TVI, “Notícias”, 08/05/08).
- a contas com** (c. de 881 000 resultados, 23/06/14), confrontado com; com problemas: “Gary Glitter de novo a contas com acusações de pedofilia / 20 Jun, 2014, 08:12 / No Reino Unido, a antiga estrela da pop Gary Glitter compareceu em tribunal acusado de abuso sexual de menores.” (<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=746561&tm=7&layout=122&visual=61>. Título/frase destacada).
- a ferro e fogo** (c. de 351 000 resultados, 11/01/14), com violência: “www.rtp.pt/programa/tv/p20042 / TIMOR: A FERRO E FOGO Os tumultuosos acontecimentos do referendun de 1999 de Timor Leste numa série fascinante - Séries Estrangeiras”.
- à letra** (c. de 471 000 resultados, 12/01/14), tal e qual; sem qualquer alteração; sem tirar nem pôr; *ipsis verbis* (lat.): “rr.sapo.pt/bolabranca_detalle.aspx?fid=43&did.../05/08/2013 / Ronaldo responde à letra a Mourinho. Ronaldo responde a Mourinho: “Não cuspo no prato onde comi ...”.
- a postos** (c. de 1 550 000 resultados, 14/01/14), pronto/preparado (para começar): “tudo a postos para o Rock in Rio” (*Antena 1*, Notícias, 30/05/08).
- à prova de bala** (c. de 2 470 000 resultados, 14/01/14), muito resistente/seguro: “www.tsf.pt/Paginalnicial/Portugal/Interior.aspx?content_id=2660918/O deputado do CDS Telmo Correia garantiu que a coligação governamental é «à prova de bala», sublinhando a importância de uma «maioria estável» perante ...”.
- a tempo** (c. de 7 070 000 resultados, 14/01/14), dentro do prazo; em condições de se cumprir: “www.rtp.pt/programa/tv/p29707 / A Tempo e Horas Para chegar a tempo de ver o filho nascer ele é capaz de tudo... Até de aceitar a boleia de um homem como Ethan... Mas esta viagem irá ser ...”.

abaixo da linha de água (c. de 212 000 resultados, 15/01/14), em situação aflitiva: “Cortes de 2013 vão deixar universidades "abaixo da linha de água" / Várias universidades e politécnicos admitem despedimentos, cortes e até encerramento temporários” (título/frase destacada, http://rr.sapo.pt/informacao_detalle.aspx?fid=25&did=83777). N.B. Expressão muito usada no futebol para referir as equipas com menor número de pontos.

agitar as águas (c. de 129 000 resultados, 15/01/14), provocar instabilidade; desencadear a discussão; causar conflitos: “Ao encontrar-se com os jovens para discutir a relação destes com a política, o Presidente da República [Cavaco Silva] pretendeu agitar as águas” (“Fórum TSF”. *TSF*, 13/05/08).

alto e para o baile (c. de 25 600 resultados, 28/06/14), Stop!; Parou!; Nem pensar!: “De acordo com a Lusa, sobre o título do jornal [“Portas sai em 2015”], Paulo Portas afirmou: «Alto e para o baile. Quem diz quem são os políticos que ficam e os políticos que saem em outubro de 2015 é o povo português, quando em eleições escolher».” (Vídeo disponível em <http://www.tvi24.iol.pt/503/politica/cds-cds-pp-portas-paulo-portas-tvi24-ultimas-noticias/1561985-4072.html>. Consulta: 28/06/14).

andar com a casa às costas (c. de 56 100 resultados, 17/01/14), mudar muitas vezes de casa; não ter local certo para viver: “www.rtp.pt/noticias/?article=28629&layout=121&visual=49... / 07/04/2006 - Apesar de defenderem o estilo de vida itinerante, os ciganos confessam-se cansados de "andar com a casa às costas" e admitem que ...”. Variante: “andar de casa às costas” (c. de 1 790 resultados, 17/01/14).

ao milímetro (c. de 28 600 resultados, 17/01/14), ao pormenor; ao mais pequeno detalhe: “Pedro Santana Lopes analisou, esta segunda-feira, no ‘CM Jornal’, as declarações polémicas do ministro dos Negócios Estrangeiros, Rui Machete, sobre o segundo resgate” (<http://cmtv.sapo.pt/opiniao/detalhe/machete-deve-medir-palavras-ao-milimetro010534237.html>, 12/11/13).

às cegas (c. de 357 000 resultados, 05/03/14), de qualquer maneira; à sorte; de forma arbitrária: “Avaliações das casas estão a ser feitas às cegas, diz arquiteto / Publicado a 26 NOV 12 às 22:12 / O arquiteto Filipe Borges de Macedo, da Comissão Geral de Avaliação dos Prédios Urbanos, lembra que é impossível «avaliar mil imóveis por mês com rigor»” (http://www.tsf.pt/Paginalnicial/Economia/Interior.aspx?content_id=2911087, título/frase destacada).

às direitas (c. de 63 600 resultados, 05/03/14), correto; com qualidade: “Pensem bem no que querem: se um candidato da Direita [Cavaco Silva], se um candidato às direitas [Manuel Alegre]” (Alberto Martins, Ministro da Justiça do Governo PS, num comício de Alegre para as Presidenciais, *TSF*, 16/01/11).

assentar a poeira (c. de 174 000 resultados, 05/03/14), serenar/acalmar; deixar passar o momento mais complicado; arrefecer os ânimos: “Jorge Miranda diz que só falará quando «assentar a poeira» / Publicado a 26 MAR 09 às 19:21 / O constitucionalista Jorge Miranda confirmou, esta quinta-feira, que deu «o consentimento» para que o seu nome fosse tornado público como a proposta do PS ao cargo de Provedor de Justiça, mas sublinhou que só falará quando «assentar a poeira»” (http://www.tsf.pt/Paginalnicial/Portugal/Interior.aspx?content_id=1182633, título/frase destacada). Expressão frequente: “deixar assentar a poeira”.

assobiar para o lado (c. de 216 000 resultados, 05/03/14), não assumir responsabilidades; não fazer caso; assobiar para o ar: “www.tsf.pt/Paginalnicial/Economia/Interior.aspx?content_id=2567326 / O secretário-geral da UGT acusa o Governo de se limitar a «assobiar para o lado». João Proença reagia à revisão em alta dos números do desemprego por ...”.

atirar (com) a toalha ao chão (“atirar a toalha ao chão, c. de 79 100 resultados; “atirar com a toalha ao chão”, c. de 1 820 resultados, 05/03/14), desistir; dar-se por vencido; deitar a toalha ao chão; baixar os braços: “Eu não desisto da Quimonda [empresa alemã de Vila do Conde em risco de falência] nem atiro a toalha ao chão. Enquanto há vida há esperança.” (José Sócrates, primeiro-ministro português, no Parlamento, *TSF*, 08/04/09).

atração/atracção pelo abismo (“atração pelo abismo”, c. de 26 400 resultados; “atraccção pelo abismo”, c. de 68 900; 10/03/14), atração por situações perigosas: “www.rtp.pt > Início > Vídeo e Áudio / 04/04/2011 - O líder parlamentar do PSD [Miguel Macedo] acusa o primeiro-ministro demissionário [José Sócrates] de ter uma "atração pelo abismo" para onde empurrou o país. Miguel ...”.

atrás das grades (c. de 443 000 resultados, 26/03/15), preso; na cadeia: “Em Portugal há 42 crianças a viver 'atrás das grades' / Diana Palma Duarte/Carlos Pinota / 20 Mar, 2015, 21:57 / O Sexta às 9 entrou na prisão de Tires. E viu como crescem bebés de 7 meses e crianças de 3 e 4 anos por trás das grades. A maioria não conhece a família e chama "casa" à prisão porque nunca conheceu outra. Para as mães, condenadas a penas de 7 a 9 anos, por assaltos e tráfico, ter os filhos ao lado acaba por ser o único alívio até reconquistarem a liberdade” (<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=813935&tm=8&layout=122&visual=61>, 26/03/15).

bofetada de luva branca (c. de 103 000 resultados, 11/03/14), ensinamento/crítica feita de forma subtil: “Lusa 07 Mar, 2014, 17:18 / O secretário nacional da Comissão Coordenadora Permanente (CCP) disse hoje que a manifestação das forças de segurança na quinta-feira foi "uma bofetada de luva branca" para quem esperava

que o protesto terminasse em confrontos.”
(<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=721975&tm=8&layout=121&visual=49>).

bombo da festa (c. de 165 000 resultados, 11/03/14), alvo das críticas/agressões de várias pessoas: “Paulo Penedos defende-se e diz que não quer ser o bombo da festa [no caso “Face Oculta”]” (Jornalista, *Sic Notícias*, 07/02/10).

camisa de onze varas (c. de 75 700 resultados, 14/03/14), situação embaraçosa e muito difícil: “www.tvi24.iol.pt/aa.../1374482-5796.html / 13/09/2012 / «PR está metido numa camisa-de-onze-varas». Constança Cunha e Sá diz que Cavaco Silva é a única referência que pode ajudar a resolver a crise política” (vídeo disponível em <http://www.tvi24.iol.pt/aa-videos-politica/constanca-opinio-austeridade-crise-cavaco-silva-tvi24/1374482-5796.html>, visualizado em 14/04/14).

cheque em branco (c. de 1 600 000 resultados, 28/03/14), confiança plena; dádiva sem exigir nada em troca; prémio antecipado: “O PSD não dá cheques em branco, não dá cheques em branco a este Governo!” (Miguel Macedo, líder parlamentar do PSD, respondendo no Parlamento ao primeiro-ministro José Sócrates que pouco antes havia acusado o PSD de não ter querido negociar o Orçamento de Estado, apesar de este não ter sido ainda apresentado, RTPN, 15/10/10).

com cara de caso (c. de 83 500 resultados, 12/07/14), preocupado; sério; mal-disposto; mal-encarado; com cara de poucos amigos: “www.rtp.pt/programa/tv/p30353/e159 / Daniela e Ana entram no café com cara de caso e contam a Ricardo que Carla está a revirar a casa do avesso e que é melhor ele ir falar com ela. Ana revela ...”.

contar espingardas (c. de 23 100 resultados, 16/09/14), contar apoios; inventariar recursos: “www.tvi24.iol.pt/politica/ps-contagem...costa.../1557629-4072.html / 28/05/2014 - PS: tempo de contar espingardas. Confronto marcado para a Comissão Nacional de sábado, até lá reúnem-se apoios”.

conversa/diálogo de surdos (“conversa de surdos”, c. de 306 000 resultados; “diálogo de surdos”, c. de 192 000 resultados, 18/09/14), conversa/diálogo em que um dos interlocutores não presta atenção ao que o outro diz; conversa/diálogo onde não existe verdadeira comunicação e entendimento: “Novas greves nos CTT após «conversa de surdos» com a ministra / Centenas de trabalhadores dos CTT protestaram esta sexta-feira contra a privatização da empresa. Os manifestantes foram recebidos pela ministra das Finanças a quem entregaram uma carta de reivindicações. Ainda assim, dizem que foi uma conversa de surdos e já anunciaram mais greves” (<http://www.tvi24.iol.pt/videos/novas-greves-nos-ctt-apos-conversa-de-surdos-com-ministra/14022506>, 29/11/13).

cozer em lume brando (c. de 562 000 resultados, 19/09/14), usa-se em sentido figurado para exprimir a ideia de uma ação prejudicial realizada sobre uma pessoa, de forma lenta e premeditada, para a afastar, por exemplo, de um cargo: “Pedro Passos Coelho afirmou, na reunião com a Comissão Política do PSD e as distritais do partido, de terça-feira à noite, «não estar disposto a ser cozido em lume brando», segundo o Expresso. O primeiro-ministro referia-se ao silêncio de Paulo Portas relativamente ao Orçamento de Estado, uma vez que o CDS-PP foi o único partido que ainda não se pronunciou sobre a matéria” (<http://www.tvi24.iol.pt/politica/passos-coelho-paulo-portas-orcamento-do-estado-psd-cds-tvi24/1384293-4072.html>, 18/10/12).

5. BADAPE: Cinema/Textos Cinematográficos

5.1. Cottinelli Telmo, *A Canção de Lisboa*, 1933, 118 min., M/6, DVD⁴⁴⁸

a jeito (c. de 115 000 resultados, 24/05/15), acessível; à mão de semear: “Se eu apanho esse canalha [Vasco] a jeito, eu agarro-o pela gola do casaco e dou cabo dele, ouviu?” (Caetano para a filha, 00:11:52, aprox.).

⁴⁴⁸ O filme *A Canção de Lisboa* possui legendas, mas nem sempre elas reproduzem fielmente a fala das personagens. Intérpretes: Beatriz Costa (Alice), Vasco Santana (Vasco), António Silva (Caetano), Teresa Gomes e Sofia Santos (Tias), Ana Maria (Maria da Graça), Manoel de Oliveira (Carlos), Manuel Santos Carvalho (dono do retiro de fados), Alfredo Silva (sapateiro), Silvestre Alecrim (empregado do retiro), Eduardo Fernandes (Quincas), Álvaro de Almeida (homem do chapéu), Maria Albertina (fadista), etc. Sinopse: Vasco Leitão (Vasco Santana) vive da mesada das tias, que vivem em Trás-os-Montes. Nunca vieram à capital e consideram o sobrinho um aluno cumpridor. Ora, Vasco prefere os retiros, os arraiais, as cantigas populares e as mulheres bonitas, em particular Alice (Beatriz Costa), uma costureira do Bairro dos Castelinhos. Quem não fica contente é o pai de Alice, o alfaiate Caetano (António Silva), por saber que Vasco está cheio de dívidas... Os azares de Vasco sucedem-se: no mesmo dia em que é reprovado no exame final de curso, recebe uma carta em que as tias lhe anunciam uma visita a Lisboa (vd. verso do DVD *Canção de Lisboa*).

Expressões frequentes: “apanhar a jeito”, c. de 1 880 resultados; “estar a jeito”, c. de 12 900 resultados; 24/05/15.

cabeça no ar (c. de 155 000 resultados, 15/05/15), distraído; irresponsável: “O meu pai é que tem razão quando diz que tu és um mentiroso, um caloteiro, um mandrião! Cabeça no ar!” (Alice para Vasco, depois de este ter feito a corte a Gracinha, vizinha de Vasco, 00:10:05, aprox.).

dar cabo de (algo ou alguém) (c. de 83 400 resultados, 15/05/15), causar dano; agredir: “Se eu apanho esse canalha [Vasco] a jeito, eu agarro-o pela gola do casaco e dou cabo dele, ouviu?” (Caetano para a filha, 00:11:52, aprox.).

em branco (c. de 11 400 000 resultados, 15/05/15), sem saber nada; sem estudar nada: “Vou para este exame completamente em branco!” (Teófilo das Neves Claro, mulato, aluno de Medicina, 00:05:12, aprox.).

ir a mata-borrão (c. de 113 000 resultados, 15/05/15), ir relativamente devagar: “Ó mana, tenha paciência! Isto não vai a mata cavalos, vai a mata-borrão!” (uma das tias de Vasco para a outra, pedindo-lhe que dite mais devagar a carta dirigida ao sobrinho, 00:07:23, aprox.).

ir a mata cavalos (c. de 551 000 resultados, 15/05/15), ir muito depressa: “Ó mana, tenha paciência! Isto não vai a mata cavalos, vai a mata-borrão!” (uma das tias de Vasco para a outra, pedindo-lhe que dite mais devagar a carta dirigida ao sobrinho, 00:07:23, aprox.).

na minha/tua/sua... cara (“na minha cara”, c. de 514 000 resultados; “na tua cara”, c. de 189 000; “na sua cara”, c. de 455 000 resultados; 15/05/15), pessoalmente; diretamente; descaradamente: “A menina diz isso na minha cara, não é assim?!” (Caetano para Alice por esta lhe ter confessado que gostava de Vasco, 00:11:49, aprox.).

ter às costas (c. de 63 500 resultados, 15/05/15), ser responsável por (algo ou alguém); suportar: “O Sr. Gabriel não é um freguês, é um amigo! Pai de filhos! Também tem uma família às costas!” (Caetano para a filha Alice, enquanto faz a prova do casaco ao Sr. Gabriel, 00:11:24, aprox.).

5.2. Manoel de Oliveira, *Aniki-Bóbo*, 2010 (1942), 84 min. aprox., M/6, DVD⁴⁴⁹

abrir o bico (c. de 96 000 resultados, 15/05/15), falar; denunciar alguém: “Aquele traz a escada, tu o fio e este o papel. E ninguém abre o bico!” (Eduardo, dando ordens aos colegas, 00:17:76, aprox.).

andar à espreita (c. de 4 060 resultados, 15/05/15), andar à cata; andar a vigiar: “Eu vi tudo. Andava à espreita. [...] Foi o Eduardo que escorregou e nada mais.” (Lojista para Teresinha, 00:28:30, aprox.).

aqui há gato (c. de 56 700 resultados, 15/05/15), aqui há algo suspeito: “Aqui há gato!” (Lojista para o seu empregado, depois de se ter apercebido do roubo da boneca, 00:16:39, aprox.). N.B.: “Aqui há gato” é título de livro e de filme.

cara de enterro (c. de 17 000 resultados, 15/05/15), cara muito triste; grande desalento: “Que cara de enterro! Que foi? É por causa da boneca? Compra-a!” (Batatinhas para Carlitos, 00:12:36, aprox.).

desamparar a loja (c. de 1 030 resultados, 15/05/15), sair imediatamente; desaparecer: “Ó menino, põe-te lá fora. Vai p’rà rua, anda. Desampara-me a loja!” (Lojista para Batatinhas, 00:13:31, aprox.).

fazer as pazes (c. de 374 000 resultados, 15/05/15), reconciliar-se com alguém: “E tu, quando o Eduardo sair do hospital, deves fazer as pazes com ele.” (Lojista, para Carlitos, 00:30:10, aprox.).

fazer gazeta (c. de 6 060 resultados, 15/05/15), faltar; não trabalhar; não ir à escola: “Amanhã [...]. Também fazes gazeta, não fazes?” (Teresinha, perguntando a Carlitos se ia faltar à escola, 00:21:02, aprox.); “Ter-lhes-ia

⁴⁴⁹ Intérpretes do filme *Aniki-Bóbo*: Nascimento Fernandes (lojista), Vital dos Santos (professor), Manuel de Azevedo (cantor da rua), Fernanda Matos (Teresinha), Horácio Silva (Carlitos), António Santos (Eduardo), António Morais Soares (Pistarim), Feliciano David (Pompeu), Manuel de Sousa (filósofo), António Pereira (Batatinhas), Rafael Mota (Rafael), Américo Botelho (Estrelas), Armando Pedro (caixeiro). Sinopse: “Dois garotos, o Carlitos (Horácio Silva) e o Eduardinho (António Santos), gostam da mesma rapariga, a Teresinha (Fernanda Matos). Um é audacioso, brígão, atrevido; o outro é de carácter tímido, bom, sossegado. A rivalidade vai-se acentuando e, um dia, para agradar à sua apaixonada, Carlitos rouba uma boneca. Teresinha sente-se inclinada para ele até que um dia, numa inocente brincadeira, Eduardinho escorrega por um talude e cai ao lado de um comboio que passa. Todos pensam que Carlitos o empurrou e todos passam a afastar-se dele, enquanto Eduardinho sofre numa cama do hospital. Carlitos pensa em fugir num barco ancorado no cais de Massarelos, mas tudo se esclarece por intervenção do dono da “loja das tentações” que vira o acidente e que, no final, tira todas as suspeitas de cima do jovem Carlitos. E os garotos lá puderam de novo jogar aos polícias e ladrões, ao jogo do Aniki-Bóbo...” (in *Aniki-Bóbo*, versão restaurada e remasterizada em alta-definição, verso do DVD).

acontecido alguma coisa? Ou... ou teriam resolvido, simplesmente, fazer gazeta?" (Professor, questionando os alunos acerca dos faltosos, 00:23:11, aprox.).

haver gato (c. de 1 700 resultados, 15/05/15), haver motivo para desconfiança: "Limparam a consciência e limparam o frasquinho. Tudo limpinho. Eu sempre disse que havia gato!" (Lojista para o seu empregado, depois de Carlitos e Batatinhas terem tirado as guloseimas do frasco, 00:30:30, aprox.).

marinheiro de água doce (c. de 6 800 resultados, 15/05/15), pessoa não habituada a situações difíceis e perigosas: "Sente-se marinheiro de água doce, hem?" (homem do barco, para Carlitos, 00:28:77, aprox.).

meia estação (c. de 373 000 resultados, 15/05/15), nem quente nem frio: "[O tecido é] meia estação" (Lojista para o cliente, 00:15:32, aprox.).

meter a mão na consciência (c. de 4 540 resultados, 15/05/15), reconhecer os erros; pedir desculpa: "Meteram a mão na consciência, agora podem metê-la no frasco" (Lojista, oferecendo o frasco dos chupas ao Carlitos e ao Batatinhas, 00:30:04, aprox.).

meter o bico onde não se é chamado (5 resultados, 15/05/15), ser curioso; intrometer-se: "E que tens tu que meter o bico onde não és chamado? A conversa é contigo? Não te admito que te metas na minha vida!" (Eduardo para Carlitos por este ter socorrido Batatinhas, 00:09:23, aprox.).

meter-se na vida (de alguém) (c. de 19 800 resultados, 15/05/15), intrometer-se; interferir abusivamente: "E que tens tu que meter o bico onde não és chamado? A conversa é contigo? Não te admito que te metas na minha vida!" (Eduardo para Carlitos por este ter socorrido Batatinhas, 00:09:23, aprox.).

não estar bom da cabeça (c. de 1 370 resultados, 15/05/15), não raciocinar bem; não ter juízo: "Não estás bom da cabeça! Desconfiavam logo que não fomos à escola." (Eduardo para um colega que se ofereceu para ir buscar papel a casa, 00:21:66, aprox.).

ora bolas (c. de 463 000 resultados, 15/05/15), que chatice: "Ora bolas! Batatinhas, Batatinhas, há lá algum diabo?! Tem juízo!" (colega de Batatinhas, 00:26:11, aprox.).

qual... qual carapuça ("qual carapuça", c. de 18 500 resultados, 15/05/15), com o sentido de "ora essa!": "Qual medo qual carapuça! Vais já p'rá água que mando eu!" (Eduardo para Batatinhas por este ter dito que tinha medo da água do rio, 00:09:18, aprox.).

ter alguma coisa com isso (c. de 84 500 resultados, 15/05/15), ter direito para opinar/decidir: "Se me apetecer, vou. Ninguém tem (?) nada com isso!" (Carlitos para os colegas, 00:21:95, aprox.).

ter bichos-carpinteiros (c. de 2 560 resultados, 15/05/15), não estar parado; ser irrequieto: "Parece que tens bichos-carpinteiros nas mãos" (?) (Mãe de Carlitos para o filho, por este ter mexido e partido um boneco, 00:02:23, aprox.).

5.3. Maria de Medeiros, *Capitães de Abril*, 2000, 119 min. aprox., M/12, DVD⁴⁵⁰

a caminho (c. de 8 320 000 resultados, 15/05/15), de imediato; já; estar já a fazer o percurso: "Vem um helicóptero a caminho. [...] Com ele, podemos de uma assentada evacuar o Quartel, bombardear o Largo, acabar com eles!" (Ministro para o Presidente do Conselho, 01:24:27, aprox.).

a postos (c. de 473 000 resultados, 15/05/15), pronto, preparado: "Tudo a postos." (Salgueiro Maia para um soldado, 00:49:57, aprox.).

⁴⁵⁰ Elenco do filme *Capitães de Abril*. Maria de Medeiros (Antónia), Stefano Accorsi (Salgueiro Maia), Joaquim de Almeida (Gervásio), Manuel (marido de Antónia), entre outros. Sinopse: "Na madrugada de 25 de Abril de 1974 o Rádio Clube Português emite a célebre e interdita canção de Zeca Afonso, "Grândola". Trata-se de um código combinado com o clandestino Movimento das Forças Armadas que nessa madrugada levou um grupo de capitães a executar um golpe de estado e acabar com o regime do Estado Novo. O capitão Salgueiro Maia marcha com o seu regimento sobre Lisboa, decidido a tomar a capital sem derramamento de sangue. Entretanto, Manuel, um outro veterano da guerra de África, toma com um punhado de camaradas o Rádio Clube Português que se vai transformar no centro difusor do progresso da revolução. Antónia, a mulher de Manuel, desconhecendo as actividades do marido, preocupa-se com o destino de um aluno, preso pela PIDE. Maia chega a Lisboa e, com a ajuda de Gervásio, consegue levar os seus "Chaimites" até ao Quartel do Carmo, onde recebe a rendição de Marcelo Caetano. Nas ruas o delirante entusiasmo popular aclamava os capitães de Abril." (texto disponível em <http://www.rtp.pt/programa/tv/p4138>, consultado em junho/2014. Adaptado).

a toda a mecha (c. de 4 460 resultados, 15/05/15), a grande velocidade: “Ó meu capitão, e a segurança dos civis? Não podemos ir por aí a abrir a toda a mecha!” (soldado, justificando a paragem da coluna por causa de um sinal vermelho à entrada de Lisboa, 00:46:56, aprox.).

a todo o custo (c. de 330 000 resultados, 15/05/15), de qualquer maneira; obrigatoriamente: “É preciso evitar o combate a todo o custo” (Maia para os seus soldados, ao ver aproximar-se uma fragata no Tejo, 00:51:06, aprox.).

abrir fogo (c. de 75 100 resultados, 15/05/15), disparar: “Abrir fogo!” (Ordem do brigadeiro Pais contra Salgueiro Maia, 00:59:32, aprox.); “Em nome do Movimento das Forças Armadas, peço a rendição do Quartel do Carmo [...]. Deixo-vos 10 minutos [...]. Passado este tempo, abriremos fogo!” (Maia para os que se encontravam no interior do Quartel, 01:23:50, aprox.).

ao fim e ao cabo (c. de 196 000 resultados, 15/05/15), de uma maneira ou de outra: “Ao fim e ao cabo, a malta conseguiu tudo e nem sequer tínhamos os ministros!” (Fernandes, companheiro de Maia, no gabinete do Ministro, 01:02:28, aprox.).

às claras (c. de 306 000 resultados, 15/05/15), publicamente; sem receios: “[A partir de agora é possível] viver às claras as nossas opiniões.” (Antónia, falando a um jornalista, no momento em que os presos são libertados de Caxias, 01:51:42, aprox.).

às tantas (c. de 317 000 resultados, 15/05/15), provavelmente; não me digam que...: “Às tantas é este gajo!” (militares das Forças Armadas sobre um suspeito, 00:53:18, aprox.).

cair na rua (c. de 228 000 resultados, 15/05/15), ficar abandonado; ficar aos deus-dará: “- Já me rendi ao General Spínola pelo telefone. A ele transmitirei o poder para que não caia na rua. / - O poder já está na rua.” (Diálogo entre Marcelo Caetano e Salgueiro Maia, 01:38:39, aprox.).

cair nas mãos de (alguém) (c. de 68 400 resultados, 15/05/15), ficar à mercê de (alguém); ficar em poder de (alguém): “[...] já caíram nas nossas mãos.” (Óscar, ao telefone, dando conta do sucesso da ocupação das Forças Armadas, 00:36:10, aprox.); “De qualquer maneira, fazemos parte da NATO. Podemos cair nas mãos dos russos” (Um dos representantes de Marcelo Caetano, 01:39:38, aprox.).

cantar o/um fadinho (“cantar o fadinho”, c. de 885 resultados; “cantar um fadinho”, c. de 11 600; 15/05/15), tentar enganar/ludibriar; lisonjear: “Isto agora, os novos políticos, os gajos vão cantar o fadinho ao povo, pá [...]. Os gajos estão-se nas tintas p’o povo!” (Gervásio para Maia, quando em Lisboa são aclamados pelo povo, 01:05:48, aprox.).

com que então (c. de 326 000 resultados, 15/05/15), expressão usada para exprimir surpresa, ironia...: “Com que então podemos estar descansados! Os militares estão sob controle e reina uma paz absoluta no nosso país!” (Ministro, ironicamente sobre a apatia com que o Governo está a lidar com o avanço das Forças Armadas, 00:44:04, aprox.).

custe o que custar (c. de 439 000 resultados, 15/05/15), a todo o custo; de qualquer maneira: “Custe o que custar. Doa a quem doer.” (Antónia para Dr. Salieri, da Direcção Geral da Segurança, por este ter dito que Portugal é e será sempre uma nação pluricontinental e multirracial, 00:11:37, aprox.).

dar à sola (c. de 7 980 resultados, 15/05/15), fugir; abandonar: “Sim, nenhuma dificuldade para entrar [no gabinete do Ministro] [...] mas o Ministro deu à sola por um buraco na parede com a malta dele.” (Salgueiro Maia ao telefone com Óscar, 01:03:11, aprox.).

dar cabo de (algo ou alguém) (c. de 83 400 resultados, 15/05/15), maltratar; destruir; agredir: “A guerra deu-vos mesmo cabo da cabeça.” (oficial? para Salgueiro Maia, 00:07:06); “Eu dou-vos cabo dos cornos!” (Brigadeiro Pais para o tenente Lobão, 00:56:24); “Temos que ir ocupar a PIDE. Temos que dar cabo desses filhos da puta!” (Virgílio para Maia, 01:10:18, aprox.).

de uma assentada (c. de 42 800 resultados, 15/05/15), de uma só vez; de imediato; rapidamente: “Vem um helicóptero a caminho. [...] Com ele, podemos de uma assentada evacuar o Quartel, bombardear o Largo, acabar com eles!” (Ministro, para o Presidente do Conselho, 01:24:27, aprox.).

de uma vez por todas (c. de 472 000 resultados, 15/05/15), definitivamente: “Deixa-me em paz de uma vez por todas!” (Antónia, para Manuel, seu marido, 00:06:00, aprox.).

doa a quem doer (c. de 362 000 resultados, 15/05/15), custe o que custar; de qualquer maneira; mesmo que não agrade: “Custe o que custar. Doa a quem doer.” (Antónia, para Dr. Salieri, da Direcção Geral da Segurança, por este ter dito que Portugal é e será sempre uma nação pluricontinental e multirracial, 00:11:37, aprox.).

em nome de (algo ou alguém) (c. de 14 300 000 resultados, 15/05/15), em representação de; a mando de: “Estamos aqui em nome da liberdade” (Maia dirigindo-se ao povo, 01:40:19, aprox.).

entrar no sistema (c. de 363 000 resultados, 15/05/15), aderir; aceitar; integra-se: “O povo está na rua conosco. Temos a ditadura nas nossas mãos [...]. Então o que é que propões fazer, hã? Entrar no sistema e lamber as botas a quem tenha o poder?” (Maia, para Gervásio, 01:35:12, aprox.).

estar bem aviado (c. de 277 resultados, 15/05/15), estar com problemas: “Tamos bem aviados!” (Maia, para o tenente Lobão, 00:50:31, aprox.).

estar com meias medidas (c. de 2 340 resultados, 15/05/15), estar com desculpas; não ser objetivo: “Os gajos com ele não vão estar com meias medidas. Ainda por cima não tem cunhas nenhuma.” (Gabriel, amigo de Antónia, referindo-se a Emilio e às condições em que este está a ser interrogado, 00:27:32, aprox.).

estar-se nas tintas (c. de 5 140 resultados, 15/05/15), não se importar; não dar qualquer importância; não querer saber; estar-se a borrifar: “Gervásio! Pá, eu estou-me nas tintas para as multinacionais. O que me interessa a mim são as pessoas.” (Maia, 00:40:09, aprox.); “Isto agora, os novos políticos, os gajos vão cantar o fadinho ao povo, pá [...]. Os gajos estão-se nas tintas p’ò povo!” (Gervásio, para Maia quando, em Lisboa, são aclamados pelo povo, 01:05:48, aprox.).

fazer (algo ou alguém) num oito (“fazer num oito”, c. de 66 resultados, 15/05/15), causar grandes estragos; danificar muito: “Espera-me lá fora que eu faço-te num oito!” (Virgílio, para o Oficial?, 00:16:14, aprox.).

homem/mulher... de armas (“homem de armas”, c. de 306 000 resultados; “mulher de armas”, c. de 265 000 resultados; 15/05/15), homem/mulher... valente, corajoso/a: “Meu capitão, é a Natália. É a nossa cozinheira. É uma mulher d’armas!” (colega de Natália, 00:51:48, aprox.).

ir desta para/p’ra melhor (“ir desta para melhor”, c. de 4 550 resultados, 15/05/15), morrer: “Eu mantenho a minha palavra [evitar a guerra colonial e o derrame de sangue], nem que tenha d’ir desta p’ra melhor.” (Salgueiro Maia, para Gervásio, depois de o ter acusado de traidor, 00:23:01, aprox.).

lamber as botas (c. de 16 300 resultados, 15/05/15), bajular; servir para tirar proveito: “O povo está na rua connosco. Temos a ditadura nas nossas mãos [...]. Então o que é que propões fazer, hã? Entrar no sistema e lamber as botas a quem tenha o poder?” (Maia, para Gervásio, 01:35:12, aprox.).

na volta (c. de 887 000 resultados, 15/05/15), provavelmente: “Daniel, na volta tens mesmo razão e vamos para a guerra.” (Colega de Daniel, 00:17:30, aprox.).

não ser para aqui chamado (8 resultados, 15/05/15), não dever ser referido/invocado: “Minha mãe não é p’r à qui chamada” (Emílio Santos, estudante de História e aluno de Antónia, respondendo a um interrogatório: “Tua mãe é mulher a dias, não é?”, 00:27:26, aprox.).

não ter outro remédio (c. de 36 800 resultados, 15/05/15), ser obrigado; não ter alternativa: “Acho que não tenho outro remédio” (Maia, para Gervásio, 01:35:00, aprox.).

nas mãos de (alguém) (c. de 2 280 000 resultados, 15/05/15), em poder de (alguém); na posse de (alguém): “Estão nas minhas mãos.” (Tenente Lobão, para brigadeiro Pais, 00:57:02); “O povo está na rua connosco. Temos a ditadura nas nossas mãos [...]. Então o que é que propões fazer, hã? Entrar no sistema e lamber as botas a quem tenha o poder?” (Maia, para Gervásio, 01:35:12, aprox.).

pedra sobre pedra (c. de 355 000 resultados, 15/05/15), nada: “Atenção, Quartel do Carmo, vão entrar dois delegados do General Spínola. Se lhes acontecer alguma coisa, não fica do Quartel pedra sobre pedra!” (Tenente Lobão, dirigindo-se aos que se encontra no interior do quartel, 01:31:46, aprox.).

pensar pela sua cabeça (c. de 4 780 resultados, 15/05/15), ter capacidade de reflexão; ter espírito crítico: “Pense pela sua cabeça ao menos uma vez na vida.” (Salgueiro Maia, para Sargento Costa, o mais antigo da Unidade, por este se recusar a aderir ao Movimento das Forças Armadas, 00:21:26, aprox.).

pôr os pés (c. de 68 100 resultados, 15/05/15), estar presente: “É a primeira vez que ponho os pés no Ministério!” (Salgueiro Maia, para os colegas, 01:01:20, aprox.).

ser dado a (c. de 293 000 resultados, 15/05/15), ser propenso a; desejar; ter vocação para; estar inclinado para: “Eu nunca fui dado a glórias póstumas.” (Gervásio, para Maia, 01:27:56, aprox.).

ser de caras (c. de 112 000 resultados, 15/05/15), ser óbvio/evidente: “Os militares não toleram a derrota. Isto tem que explodir [...]. É de caras.” (Jornalista, amigo de Antónia, 00:24:43, aprox.).

teimoso como uma mula/teimoso que nem uma mula (“teimoso como uma mula”, c. de 3 450 resultados; “teimoso que nem uma mula”, c. de 13 800 resultados; 15/05/15), muito teimoso/mais teimoso (do) que uma mula: “Vai acabar tudo mal, é óbvio. Mas tu és teimoso que nem uma mula, tá?” (Gervásio, para Maia, 00:39:56, aprox.).

5.4. Carlos Coelho da Silva, *O Crime do Padre Amaro*, 2005, 102 min. aprox., M/16, DVD⁴⁵¹

armar-se em herói (c. de 1 230 resultados, 15/05/15), fazer-se de valente; ser fanfarrão: “Você não resistiu a armar-se em herói” (Padre Brito para Amaro, por este ter feito frente à polícia aquando da rusga no bairro, 00:43:00, aprox.).

batalha campal (c. de 136 000 resultados, 15/05/15), grande confusão: “Isto parece uma batalha campal” (Amaro para um agente da polícia, por causa da rusga que estão a fazer no bairro, 00:39:26, aprox.).

com sangue na guelra (c. de 4 310 resultados, 22/05/15), jovem; com espírito empreendedor: “Estou muito contente por te ter aqui, sabes? Esta paróquia precisa de gente nova, com sangue na guelra, com espírito de missão” (Cónego Dias para o Padre Amaro, 00:04:42, aprox.).

dar cabo de (algo ou alguém) (c. de 84 100 resultados, 22/05/15), destruir; agredir; matar: “Se tu hoje à noite me deixas ficar na mão, eu dou cabo de ti” (João Eduardo, namorado de Amélia, para Quim Bé, namorado de Carolina, 00:52:27, aprox.).

dar uma mão/mãozinha (“dar uma mão”, c. de 328 000 resultados; “dar uma mãozinha”, c. de 187 000 resultados; 22/05/15), ajudar: “Elas que lhe dêem/deem uma mãozinha” (Padre Brito para Amaro, falando das paroquianas, 00:45:31, aprox.).

de peso (c. de 49 800 000 resultados, 22/05/15), importante; de respeito: “Meus senhores, temos aqui uma jogadora de peso. Já fez duas linhas” (Amaro, falando de Beatriz por esta ter ganho o jogo, 01:05:50, aprox.).

desamparar a loja (c. de 1 030 resultados, 22/05/15), sair; abandonar: “Desampara a loja, vá. Desampara a loja!” (Cabeleireiro afastando João Eduardo, namorado de Amélia, 01:18:04, aprox.).

dois em um (c. de 428 000 resultados, 22/05/15), junção de duas coisas: “É um homem dois em um: uma mistura de Robin dos Bosques com Dom Juan” (Padre? sobre Amaro, 01:06:53, aprox.).

dor de cabeça (c. de 1 310 000 resultados, 22/05/15), problema; preocupação: “Desde que arranjou um namoro sério, anda mais atinada. Mas ainda me dá muitas dores de cabeça” (Joaneira para o Padre Amaro, sobre a filha Amélia, 00:06:46, aprox.).

em conta (c. de 24 300 000 resultados, 22/05/15), económico; barato: “Arranjei-te um quarto, uma casa de uma família [...]. Tratam de tudo. Não tens problemas e sempre é mais em conta” (Cónego Dias para o Padre Amaro, 00:04:50, aprox.).

ficar na mão (c. de 322 000 resultados, 22/05/15), ficar sozinho; enganar: “Se tu hoje à noite me deixas ficar na mão, eu dou cabo de ti” (João Eduardo, namorado de Amélia, para Quim Bé, namorado de Carolina, 00:52:27, aprox.).

ir de cana (c. de 85 200 resultados, 22/05/15), ir preso: “Agora os drogados (?) é que vão saber como é. Vai tudo de cana, tudo” (Cónego Dias, para a Joaneira, depois da rusga ao bairro, 00:40:26).

juntar o útil ao agradável (c. de 45 600 resultados, 22/05/15), fazer algo útil ou importante, tirando prazer disso: “Olha, eu acho muito bem. Junta-se o útil ao agradável, não é verdade?” (Padre Brito, 00:01:45, aprox.).

levar coiro/couro e cabelo (“levar coiro e cabelo”, c. de 52 resultados; “levar couro e cabelo”, c. de 1 600 resultados; 22/05/15), explorar economicamente; cobrar um preço alto; exigir muito dinheiro: “Ele [Padre Amaro Vieira] pediu uma casa respeitável, central e que não lhe levasse coiro e cabelo” (Cónego Dias, 00:01:40, aprox.).

meter-se onde não se é chamado (c. de 758 resultados, 22/05/15), intrometer-se abusivamente: “Se te voltas a meter onde não és chamado, ainda vais ter com o teu patrão antes de tempo” (Quim Bé, namorado de Carolina, para o Padre Amaro, 00:16:11, aprox.).

morrer de saudades (c. de 179 000 resultados, 22/05/15), ter muitas saudades: “Ela [Amélia] deve estar a morrer de saudades enquanto espera por você” (João Eduardo para Amaro, 01:20:57, aprox.).

⁴⁵¹ Baseado no romance homónimo de Eça de Queirós. Elenco do filme *O Crime do Padre Amaro*: Jorge Corrula (Padre Amaro), Soraia Chaves (Amélia), Nicolau Breyner (Cónego Dias), Nuno Melo (João Eduardo), entre outros. Sinopse: “Nesta adaptação aos tempos modernos da emblemática obra de Eça de Queirós, o realizador apresenta-nos uma história inspirada no perfume de um romance proibido e na luta de valores entre o bem e o mal. Reunindo um elenco de grandes actores, onde pontuam os já consagrados Ruy de Carvalho, Nicolau Breyner e Rogério Samora, entre outros, os estreantes na sétima arte, Soraia Chaves e Jorge Corrula, dão corpo aos protagonistas desta trama. Um padre jovem num bairro suburbano de Lisboa. Uma jovem sensual e sedutora a dormir no quarto ao lado. Amaro faz de tudo para resistir à tentação, mas Amélia não desiste. Será que um homem de Deus consegue vencer o desejo carnal?” (in *O Crime do Padre Amaro*, verso do DVD).

não chegar para a(s) encomenda(s) (“não chegar para a encomenda”, 8 resultados; “não chegar para as encomendas”, c. de 963 resultados; 22/05/15), não ser capaz de satisfazer todos os pedidos; não dar feito: “Tu não chegas para a encomenda” (João Eduardo para um colega de Quim Bé, por querer fazer o “serviço” sozinho, 00:52:49, aprox.).

não cheirar bem (c. de 13 600 resultados, 22/05/15), não ser de confiança; ser suspeito: “Há qualquer coisa aqui que não me está a cheirar bem” (Quim Bé para o colega (?), mostrando desconfiança, 00:58:01, aprox.).

não partir um prato (c. de 185 resultados, 22/05/15), ser inofensivo/muito bem comportado: “Ó Dias, aqui o seu delfim está-me a sair da casca. Para quem não partia um prato...” (Padre Brito sobre Amaro, 01:06:47, aprox.).

não tarda nada (c. de 42 600 resultados, 22/05/15), em breve; muito brevemente: “Cá para mim, pelo andar da carruagem este não tarda nada está a arranjar sarilhos” (Libaninho, falando de Amaro, no cabeleireiro do seu amigo, 00:32:17, aprox.).

nas bocas do mundo (c. de 48 100 resultados, 22/05/15), conhecido/falado por todos: “Vais vender isso, pôr no prego. Faz aquilo que quiseses mas eu não quero o teu nome aí nas bocas do mundo por causa de meia dúzia de tostões” (Cónego Dias para Joaneira, dando-lhe para as mãos uma joia que lhe tinha sido entregue como donativo por Beatriz, 00:41:05, aprox.).

pelo andar da carruagem (c. de 140 000 resultados, 22/05/15), pela aparência; pelo rumo que a coisa toma: “Cá para mim, pelo andar da carruagem este não tarda nada está a arranjar sarilhos” (Libaninho, falando de Amaro, no cabeleireiro do seu amigo, 00:32:17, aprox.).

perder a pose (c. de 64 700 resultados, 22/05/15), descontrolar-se; não manter o sangue frio: “Você nunca perde a pose!” (João Eduardo para Amaro, por este manter a calma, 01:20:59, aprox.).

pôr no prego (c. de 24 300 resultados, 22/05/15), hipotecar; vender: “Vais vender isso, pôr no prego. Faz aquilo que quiseses mas eu não quero o teu nome aí nas bocas do mundo por causa de meia dúzia de tostões” (Cónego Dias para Joaneira, dando-lhe para as mãos uma joia que lhe tinha sido entregue como donativo por Beatriz, 00:41:05, aprox.).

sair da casca (c. de 34 800 resultados, 22/05/15), perder a timidez; tornar-se ousado: “Ó Dias, aqui o seu delfim está-me a sair da casca. Para quem não partia um prato...” (Padre Brito sobre Amaro, 01:06:72, aprox.).

ter tomates (c. de 7 750 resultados, 22/05/15), ser corajoso; ser homem: “O puto tem tomates, não há dúvida” (indivíduo para Quim Bé por este exigir primeiro o dinheiro, 00:57:36, aprox.).

tirar a barriga de misérias (c. de 3 350 resultados, 22/05/15), matar a fome; satisfazer-se depois de um período de privações: “Anda cá. Vamos tirar-lhe a barriga de misérias” (João Eduardo para Amélia, sua namorada, ao ver que Amaro os observava enquanto se beijavam, 00:19:12, aprox.).

6. BADAPE: Publicidade (Amostra)

a bom porto (c. de 101 000 resultados, 22/05/15), a lugar seguro: “[Grupo Select Vidor] connosco a sua empresa nunca ficará à “deriva”! / [...] recursos humanos com profundo conhecimento de “navegação” em específicas áreas de negócio, levá-la-ão, seguramente, a bom porto.” (*Courrier internacional*, Out. 2008, 109, frase destacada/texto). Expressões frequentes: “chegar a bom porto” (c. de 23 400 resultados; “levar a bom porto”, c. de 30 000 resultados; 22/05/15).

a céu aberto (c. de 699 000 resultados, 22/05/15), de forma visível; em contacto com a natureza: “Viva a vida a céu aberto. BMW Premium Selection.” (JN, 31/05/08, 9, título).

à deriva (c. de 695 000 resultados, 22/05/15), desorientado; desapoiado; sem rumo: “[Grupo Select Vidor] connosco a sua empresa nunca ficará à “deriva”! / [...] recursos humanos com profundo conhecimento de “navegação” em específicas áreas de negócio, levá-la-ão, seguramente, a bom porto.” (*Courrier internacional*, Out. 2008, 109, frase destacada/texto).

a fio (c. de 598 000 resultados, 22/05/15), de forma continuada; sem interrupções; do princípio ao fim: “[Comerciais Citroën] Trabalham anos a fio” (JN, 11/10/08, 13).

à flor da pele (c. de 526 000 resultados, 22/05/15), à superfície; com o predomínio da emoção: “Filmes à flor da relva. / Aos domingos, não perca 4 novos filmes a preços Record” (*Record*, 03/12/08, 27, título/frase destacada).

à maneira (c. de 419 000 resultados, 22/05/15), bom; que agrada: “Delta. Um café à maneira” (*slogan* inscrito em viaturas da empresa, 2008).

à mão de semear (c. de 29 700 resultados, 22/05/15), de fácil acesso; disponível: “[Agriloja, Lojas Agrícolas] Agriloja tudo à mão de semear!” (*Visão* / “Visão sete”, 25/10/07, 23, título).

a páginas tantas (c. de 81 600 resultados, 22/05/15), em determinada altura; quando menos se esperava: “[Suplemento Natal 2007] A páginas tantas” (*Visão*, 29/11/07, 44).

a perder de vista (c. de 382 000 resultados, 22/05/15), muito grande; para além do que a vista pode alcançar: “[Mitsubishi Grandis 7 lugares] Espaço a perder de vista” (*Visão*, 12/06/08, 6-7, título).

à séria (c. de 82 000 resultados, 22/05/15), verdadeiramente; sem dúvida; muito: “[Microsoft Forefront] magoam à séria [...]. Use o que estiver à mão” (*Visão*, 27/12/07, 37).

a sério (c. de 6 310 000 resultados, 22/05/15), de forma responsável; credível: “Cambridge School. Aprenda como se estivesse lá. Numa escola a sério o reconhecimento conquista-se com mais de 40 anos de experiência. Numa escola a sério os professores são licenciados por Universidades dos países cuja língua materna é a que leccionam. Porque uma escola a sério a sala de aulas confunde-se com uma rua de Londres, Paris ou Berlim. Cambridge School, os nossos alunos falam por nós.” (vd. www.cambridge.pt) (*Visão*, 04/10/07, 97).

a vida são dois dias (c. de 1 530 000 resultados, 22/05/15), a vida é breve: “A vida são três dias / De 26 a 28 de Fevereiro experimente, em primeira mão, o novo Auris / é de festa o ambiente que, durante este fim-de-semana, pode ser encontrado nos concessionários Toyota de todo o país.” (*Expresso*, 27/02/10).

agora ou nunca (c. de 379 000 resultados, 22/05/15): “[Opel, automóveis] Com este preço, é agora ou nunca” (JN, 22/11/08, 9).

ajudar à festa (c. de 21 300 resultados, 22/05/15), contribuir para complicar a situação; deitar/lançar achas para a fogueira: “[Centro de Nutrição Fula] [...] para mal dos seus pecados, a maçã nunca mais deixaria de ser alvo de calúnias [...]. E como se Eva não bastasse, também a bruxa da Branca de Neve veio ajudar à festa.” (*Visão*, 03/01/08, 41).

alargar os (meus/teus/seus...) horizontes (“alargar os horizontes”, c. de 18 800 resultados, 22/05/15), adquirir mais experiência e conhecimento: “[TAP Portugal] Alargue os seus horizontes” (*Visão*, 17/01/08, 81).

amigo do peito (c. de 278 000 resultados, 22/05/15), grande amigo; amigo íntimo; amigo do coração: “[Novos fatiados Campofrio peru e frango] Quem é que é amigo do peito, quem é?” (*outdoor*, Hipermercado Feira Nova, Braga, 25/07/08).

assinar por baixo (c. de 5 950 resultados, 22/05/15), concordar; subscrever: “Compromisso BES 360° / Assinamos por baixo este compromisso. / Para pessoas que exigem respostas rigorosas e eficazes. Para quem não tem tempo a perder” (*Expresso*, 25/09/10, 13).

bater o pé (c. de 166 000 resultados, 22/05/15), exigir; lutar: “[Cartão MTV da CGD] O seu filho anda a bater o pé por uma conta da Caixa?” (*Visão*, 04/10/07, 23, título).

bicho de sete cabeças (c. de 404 000 resultados, 22/05/15), grande problema/dificuldade: “Um piolho não é «um bicho de sete cabeças»” (Revista *Notícias Magazine*, 23/09/07, 60). N.B.: “Bicho de sete cabeças” é o título de um filme brasileiro (2001).

cereja no topo do bolo (c. de 82 800 resultados, 22/05/15), algo muito bom que serve de conclusão; ponto alto: “De 9 de Março a 30 de Abril de 2009 / A cereja no topo do bolo. / 10% de desconto em Cozinhas, em Cartão-Presente IKEA.” (*Visão*, 09/04/09, 85).

chamar-lhe um figo (c. de 2 320 resultados, 22/05/15), apreciar algo como muito bom: “Chame-lhe um figo / Outono é época para os comer, ao natural” (*Visão* “Visão sete”, 25/09/08, 16, título/frase destacada).

chão que (já) deu uvas (“chão que deu uvas”, c. de 5 830 resultados; “chão que já deu uvas”, c. de 2 250 resultados; 22/05/15), recurso esgotado/gasto: “2007 foi chão que deu excelentes uvas no Intermarché e Ecomarché” (Revista *Única*, 26/01/08, 75).

cinco/5 estrelas (“cinco estrelas”, c. de 562 000 resultados; c. de 25 600 000 resultados; 22/05/15), excelente: “[Cerveja Super Bock Xpress] Um Verão 5 Xtelas / [...] faça deste Verão uma festa 5 estrelas com Super Bock Xpress” (*Visão*, 12/06/08, 71, título/texto); “[Pestana Hotels & Resorts] Algarve e Madeira. Dois destinos perfeitos para um verão 5 estrelas” (*Pública*, Revista *Fugas*, 31/05/08, 7, *slogan*); “«Hotel Memória»/ Um livro 5 estrelas [de João Tordo]” (JN, 09/05/09, 55).

claro como água (c. de 50 500 resultados, 22/05/15), muito compreensível; que não deixa dúvidas: “[Cofidis] Ter dinheiro disponível é assim: claro como água” (*Sexta*, semanário gratuito, 20/06/08, 1, título).

colher (os) frutos (“colher os frutos”, c. de 225 000 resultados; “colher frutos”, c. de 70 100 resultados, 22/05/15), receber lucros; beneficiar de vantagens: “[Allianz] Oferecemos planos de reforma confiáveis que permitem colher os frutos do seu investimento” (*Visão*, 04/10/07, 29); “Seguro Valor Investe / Colha os frutos de um investimento diversificado” (*Expresso* – Economia, 20/09/08, 24, título).

com pés e cabeça (c. de 35 000 resultados, 22/05/15), coerente; bem estruturado: “Com mais PES e cabeça que a concorrência / [...] É um dos duelos mais aguardados do ano. Um clássico. FIFA contra Pro Evolution Soccer (PES), na luta pelo título de melhor simulador de futebol.” (Revista *Notícias Sábado*, 28/02/09, 50, título/texto).

como manda a etiqueta (c. de 40 900 resultados, 22/05/15), de acordo com as regras mais rigorosas; com qualidade; como manda a sapatilha: “[Sofás Sofatinni] Saldos como manda a etiqueta. Descontos até 50% (Revista *Notícias Magazine*, 02/01/11, 15).

como se não bastasse (c. de 534 000 resultados, 22/05/15), para piorar ainda mais a situação: “[Centro de Nutrição Fula] [...] para mal dos seus pecados, a maçã nunca mais deixaria de ser alvo de calúnias [...]. E como se Eva não bastasse, também a bruxa da Branca de Neve veio ajudar à festa.” (*Visão*, 03/01/08, 41).

contra factos não há argumentos (c. de 26 500 resultados, 22/05/15): “Contra factos não há argumentos. A prova sobre o verdadeiro estado de um imóvel / [...] Checkhouse, a empresa que lhe disponibiliza um diagnóstico técnico [do seu imóvel]” (*Sábado*, 13-19/11/08, 87).

conversa fiada (c. de 479 000 resultados, 22/05/15), conversa sem importância; palavreado; conversa da treta: “[Caixa Geral de Depósitos] Ser mestre em conversa fiada” (*Visão*, 29/11/07, 53).

da noite para o dia (c. de 456 000 resultados, 22/05/15), de imediato; de um dia para o outro; em pouco tempo: “Mude o curso da sua vida / do dia para a noite / Cursos em horário pós-laboral” (Cartaz publicitário da UM, ano lectivo 2010/2011); “[Dulcolax, laxante] Resolva a prisão de ventre da noite para o dia” (Suporte: *outdoor*).

dar as mãos (c. de 315 000 resultados, 22/05/15), ajudar/apoiar mutuamente: “[Farmácias Portuguesas] Mais serviço, mais qualidade, mais farmácia. [...] Afinal, foi a pensar em si que demos as mãos” (*Visão*, 13/03/08, 59).

dar asas (a algo ou alguém) (c. de 198 000 resultados, 22/05/15), dar liberdade (a algo ou alguém); fazer crescer (algo ou alguém): “[Canon] Dê asas à sua imaginação” (*Visão*, 01/11/07, 65); “[Ford] Leve a sua vida ao Máximo. [...] todos os outros, que dão asas à liberdade” (*Visão*, 22/11/07, 59).

dar frutos (c. de 429 000 resultados, 22/05/15), apresentar bons resultados: “Com a colaboração de todos, a Valorpneu continua a dar frutos” (*Visão*, 25/10/07, 193).

dar um filme (c. de 306 000 resultados, 22/05/15), ter interesse; dar muito que contar: “Há vidas que dão um filme. Os 15 anos da Visão dão-lhe 4.” (*Visão*, 10/01/08, 2, título). Expressão frequente: “A minha/tua/sua... vida dava um filme.” (“A minha vida dava um filme”, c. de 16 300 resultados, 22/05/15). N.B.: “A minha vida dava um filme” é o título de um filme (2012).

dar um murro na mesa (c. de 22 000 resultados, 22/05/15), mostrar descontentamento; opor-se; denunciar: “Em vossa defesa. Dê um murro na mesa. / Um murro dado à mãe, provoca nos filhos medo e vergonha. Um pontapé dado à mãe, provoca nos filhos agressividade e raiva. Uma ameaça dirigida à mãe, provoca nos filhos depressão e dificuldades de aprendizagem. O diagnóstico é claro: quando lhe batem a si, há mais alguém que fica marcado para a vida. Ponha fim à violência doméstica. Ligue 800 202 148” (www.facebook.com/darummurronamesa. Também em *Visão* 13/12/12, p. 122, e vídeo disponível em http://onvg.fcsh.unl.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=189:de-um-murro-na-mesa&lang=en&Itemid=, visualizado em 15/12/12).

dar uma vista de olhos (c. de 164 000 resultados, 22/05/15), observar/conferir rapidamente: “[Computador portátil HP] Dê uma vista de olhos à nossa nova coleção” (*Visão*, 3/4/08, 77).

de boca aberta (c. de 525 000 resultados, 22/05/15), muito espantado; boquiaberto: “Você também vai ficar de boca aberta. A exposição, “Dinossáurios de gigantes”, do Museu de História Natural de Londres, acaba de chegar ao Freeport.” (*Visão*, 3/4/08, 29. N.B. Imagem de dinossáurio com a boca aberta); “Pode ficar de boca aberta. [O “Novo Polo”] Está equipado com filtro de partículas.” (Revista *Sábado*, 17-23/09/09, 5, título).

de corpo e alma (c. de 472 000 resultados, 22/05/15), de forma completa: “[ctt expresso] Mas para chegar aos Jogos Olímpicos de Pequim, Francis Obikwelu vai ter de dar o máximo de si, entregar-se de corpo e alma” (*Visão*, 11/10/07, 87); “Nespresso café com corpo e alma” (*Visão*, 18/09/08, título). Observações. “De corpo e alma”, título de telenovela brasileira (1992-1993).

de cortar a respiração (c. de 287 000 resultados, 22/05/15), espetacular; que causa espanto; indescritível: “[leitor de alta definição Sony] Parece ficção mas na realidade é de cortar a respiração” (*Público*, 22/09/07, 7. Publicidade da Sony sobre um leitor de alta definição. N.B.: Homem aranha como imagem).

de pés bem assentes (na terra) (c. de 1 880 resultados, 22/05/15), de forma realista e consciente: “Sabrinhas. De pés bem assentes... / São um «must» da estação para quem procura um «look» Audrey Hepburn” (Revista *Única*, 08/11/08, 124, título/frase destacada).

de peso (c. de 49 800 000 resultados, 22/05/15), importante; de grande valor: “Chegaram mais oito obras de peso. A Biblioteca Sábado continua. Não perca estas oito grandes obras de conceituados autores contemporâneos” (*Sábado*, 17-23/09/09, p. 5 da separata interior, título/frase destacada); “[Courier internacional] Tenha sempre argumentos de peso” (*Visão*, 17/01/08, 112-113).

de primeira (c. de 15 000 000 resultados, 22/05/15), de primeira qualidade; ótimo: “[Vale d’el Rei] Uma segunda casa de primeira no Algarve tranquilo” (*Sol – Confidencial*, 04/10/08, 39, título).

de raiz (c. de 816 000 resultados, 22/05/15), desde a origem: “[O novo HP TouchSmart IQ522.pt] Foi concebido de raiz para ser utilizado pelo tocar dos seus dedos no ecrã” (Revista *Notícias Magazine*, 01/03/09, 19).

de sobra (c. de 7 740 000 resultados, 22/05/15), mais que suficiente; convincente: “O novo Opel Corsa inTouch oferece um centro de entretenimento Touch Screen com argumentos de sobra para te manter a ti e aos teus amigos divertidos” (*Visão* 18/09/08, 47).

deitar o/um olho (“deitar o olho”, c. de 13 500 resultados; “deitar um olho”, c. de 9 540 resultados; 22/05/15), prestar atenção; desejar: “[Colecção Enciclopédia Visual] Deite o olho às mais exóticas aves / Das inteligentes corujas às majestosas águias, neste volume vai descobrir tudo o que é imprescindível saber sobre as aves” (*Visão*, 07/01/10, 57, título).

ditar as regras (c. de 56 800 resultados, 22/05/15), mandar; ser superior: “Em cada projecto do Grupo Expo a palavra sustentabilidade fala mais alto e dita as regras” (*Visão*, 25/10/07, 183).

do outro mundo (c. de 441 000 resultados, 22/05/15), espetaculares; incomparáveis: “[RAR Imobiliária e Crédito Habitação Deutsche Bank] Para viver o melhor de dois mundos oferecemos condições do outro mundo / Compre agora a sua casa e comece a pagar em 2010” (Revista *Única*, in *Expresso*, 08/11/08, 125, títulos).

dos pés à cabeça (c. de 212 000 resultados, 22/05/15), de forma completa: “[Multivitamínico viterra kids] alimente os seus filhos “dos pés à cabeça”” (*Visão*, 01/11/07, 77, título).

é caso para dizer (c. de 130 000 resultados, 22/05/15): “[Livro *Criação & Gestão de Micro-Empresas & Pequenos Negócios*, Horácio Costa, Lidel] É caso para dizer que este livro vai mesmo ser um bom negócio” (JN, 31/10/10, 31).

é (o) que está a dar (“é o que está a dar”, c. de 353 000 resultados; “é que está a dar”, c. de 320 000 resultados; 22/05/15), é (o) que está a dar melhores resultados; é o que está mais na moda: “[Tmn] Em Janeiro triplicar é que está a dar” (*Visão*, 10/01/08, 9, título).

em beleza (c. de 484 000 resultados, 22/05/15), da melhor maneira; com grande qualidade: “Lance o foguete antes da festa / Dê as boas vindas a 2009 em beleza, com a performance extraordinária do PC Desktop HP Pavilion Elite m9470pt.” (Revista *Pública*, 14/12/08, 55).

em grande (c. de 11 700 000 resultados, 22/05/15), com muita qualidade; especial: “Para que tenhas um 2008 em grande, a VISÃO Júnior oferece-te um calendário único.” (*Visão*, 03/01/08, 10).

em primeira mão (c. de 3 920 000 resultados, 22/05/15), pela primeira vez; a estreir: “[Fnac] Novidades em primeira mão” (*Visão*, 11/10/07, 51); “A vida são três dias / De 26 a 28 de Fevereiro experimente, em primeira mão, o novo Auris / é de festa o ambiente que, durante este fim-de-semana, pode ser encontrado nos concessionários Toyota de todo o país.” (*Expresso*, 27/02/10).

entrar com o pé direito (c. de 42 300 resultados, 22/05/15), começar muito bem: “[BMW] Entrar no novo ano com o pé direito é entrar a conduzir um BMW.” (*Visão*, 03/01/08, 2); “[Comer] entre no novo ano com o pé direito” (*Visão*, “Visão sete”, 27/12/07, 35). Sinónimo: “começar com o pé direito” (c. de 300 000 resultados, 22/05/15).

entrar na onda (c. de 163 000 resultados, 22/05/15), aderir; paticipar: “[Citroën RFM] Entre na onda ao som das suas músicas favoritas com a série especial RFM” (*Visão*, 11/10/07, 129).

esperar para ver (c. de 539 000 resultados, 22/05/15), aguardar; esperar confirmação: “[BES – Banco Espírito Santo] Não espere para ver a reforma que o espera / [...] Veja o que tem que fazer para a sua reforma não ser 30 a 50% inferior ao seu último ordenado antes da reforma.” (JN, 02/12/08, 7, título/texto).

está na cara (c. de 342 000 resultados, 22/05/15), é visível; ó óbvio: “[CTT] Imagine um mundo onde as cores são mesmo a sua cara / Está na cara que este selo só podia ser criado por nós. Para si” (*Visão*, 04/10/07, 63); “Tá na garrafa que é verde. / Selo de Certificação. A garantia de que é vinho verde” (*Visão*, 26/11/09, 145).

estar à mão (c. de 46 200 resultados, 22/05/15), estar muito acessível: “[Microsoft Forefront] magoam à séria [...]. Use o que estiver à mão” (*Visão*, 27/12/07, 37).

estar nas nuvens (c. de 22 500 resultados, 22/05/15), estar muito feliz; estar em êxtase: “Estamos nas nuvens / Não é todos os dias que se conseguem 4 certificações ao mesmo tempo / [...] Qualidade, Ambiente, Responsabilidade Social e Segurança e Saúde no Trabalho” (JN: *negócios*, 22/11/08, 11, título/texto).

falar a mesma língua/linguagem (“falar a mesma língua”, c. de 63 100 resultados; “falar a mesma linguagem”, 19 900 resultados; 22/05/15), entender-se; conseguir comunicar: “[Caixa Geral de Depósitos] Portugal – Moçambique. Também nos negócios falamos a mesma língua” (JN, 22/03/08, 2, título).

falar mais alto (c. de 343 000 resultados, 22/05/15), destacar-se; impor-se como mais importante: “Em cada projecto do Grupo Expo a palavra sustentabilidade fala mais alto e dita as regras” (*Visão*, 25/10/07, 183).

fazer figura(s) triste(s) (“fazer figura triste”, c. de 19 300 resultados; “fazer figuras tristes”, c. de 11 200 resultados; 22/05/15), ter um desempenho lamentável: “Curso de Línguas [com o JN, de 4 de Janeiro a 26 de Fevereiro]. Não precisa de fazer figura triste, já basta a crise. Torne-se um cidadão do Mundo.” (JN, 02/01/09, 26, frases destacadas).

fazer história (c. de 440 000 resultados, 22/05/15), notabilizar-se; tornar-se famoso: “[*A Economia no Futuro de Portugal*, livro de Ernâni Rodrigues Lopes] Um estudo único que vai fazer história” (*Jornal Sol*, 16/10/09, 35).

fazer parar o trânsito (c. de 6 910 resultados, 22/05/15), concentrar todas as atenções, pelas qualidades evidenciadas: “[Santogal, Concessionário Jaguar] Uma das poucas montras de Lisboa que faz parar um homem” (*Visão*, 04/10/07, 53, título).

fazer-se luz (c. de 5 830 resultados, 22/05/15), tornar-se compreensível; encontrar uma solução: “[Hospital da Luz, Lisboa] O Luís esteve internado no Hospital da Luz com meningite. Ao fim de 4 dias os médicos sossegaram os pais. [...] Fez-se Luz na vida do Luís” (*Visão*, 13/03/08, 79).

feito num oito/8 (“feito num oito”, c. de 3 810 resultados; “feito um 8”, c. de 1 690 resultados; 22/05/15), distorcido; muito maltratado: “Arranque e tire 7 dias de festa em Portimão. Para que 2007 fique feito num 8” (*Visão*, 20/12/07, 155). N.B.: O 8 aparece distorcido.

ficar a ver navios (c. de 28 100 resultados, 22/05/15), não conseguir o que se deseja: “No último dia do ano não fique a ver navios! Cruzeiro Reveillon com saída e chegada a Lisboa 29 dezembro a 8 janeiro 2012. Classic International Cruises” (*Visão*, 13/10/11, 77).

final feliz (c. de 3 150 000 resultados, 22/05/15), desfecho bem sucedido: “[Centro Comercial Colombo] Tudo para que as suas compras tenham sempre um final feliz.” (*Visão*, 04/10/07, 137).

ganhar forma (c. de 143 000 resultados, 22/05/15), tomar grandes proporções: “Migraspirina. Quando a sua dor de cabeça está a ganhar forma” (*Visão*, 08/11/07, 45, 57).

Homem com H grande (c. de 8 650 resultados, 22/05/15), verdadeiramente homem; homem de grande valor: “[Volkswagen Passat Sport] Um carro com H grande” (*Visão*, 01/11/07, 39, título).

ir de vela (c. de 67 200 resultados, 22/05/15), ser recusado; ser eliminado: “Tu, para mim, vais de vela!” [frase dita com frequência aos concorrentes por um dos membros do júri do programa da SIC “Ídolos”] (*Visão Júnior*, Setembro 2010, 37).

ir longe (c. de 274 000 resultados, 22/05/15), progredir, estar em condições de atingir bons resultados: “[Caixa Geral de Depósitos] Para que a sua empresa vá longe, só tem de ir à caixa” (*Pública*, 21/08/08, 2, título). Expressão frequente: “ir longe demais” (c. de 36 000 resultados, 22/05/15).

lançar foguetes antes da festa (c. de 7 450 resultados, 22/05/15), comemorar antecipadamente; fazer-se vencedor sem conhecer os resultados: “Lance o foguete antes da festa / Dê as boas vindas a 2009 em beleza, com a performance extraordinária do PC Desktop HP Pavilion Elite m9470pt.” (*Revista Pública*, 14/12/08, 55).

levar (mais) longe (“levar mais longe”, c. de 42 000 resultados; “levar longe”, c. de 17 700 resultados; 22/05/15), fazer evoluir; desenvolver muito: “Leve o seu negócio mais longe [...]. Os dispositivos e as ferramentas de produtividade Nokia Eseries vão ajudá-lo a superar os desafios, colocando-o um passo à frente dos seus concorrentes.” (*Visão*, 13/12/07, 103).

lugar ao sol (c. de 457 000 resultados, 22/05/15), situação/posição de sucesso: “Conquista um lugar ao sol com o verão TMN” (*JN*, 24/07/08, 9, título).

luz verde (c. de 2 840 000 resultados, 22/05/15), autorização; disponibilidade: “Crédito Individual BES [Banco Espírito Santo] / luz verde para tirar os sonhos da prateleira” (*Sábado*, 19/11/09, 63).

mais vale um pássaro na mão (do) que dois a voar (“mais vale um pássaro na mão do que dois a voar”, c. de 4 890 resultados, 22/05/15; “mais vale um pássaro na mão que dois a voar”, c. de 4 490 resultados; “vale mais um pássaro na mão do que dois a voar”, c. de 2 000 resultados; “vale mais um pássaro na mão que dois a voar”, c. de 1 480 resultados; 22/05/15), É melhor ter pouco do que não ter nada: “Vale mais um pássaro na mão / No Millennium bcp cuidamos das suas poupanças com toda a segurança e carinho.” (*Expresso* – “Primeiro Caderno”, 27/02/10, 13, título).

marcar a diferença (c. de 262 000 resultados, 22/05/15), destacar-se; diferenciar-se, geralmente por um acréscimo de qualidade: “[Relógios Baume & Mercier] Chegou o momento de marcar a diferença” (*Visão*, 22/05/08, 19).

memória de elefante (c. de 72 400 resultados, 22/05/15), grande memória: “Sempre com a resposta na ponta da língua. / O Cerebral Active + agora reforçado com Ómega 3, é um suplemento alimentar concebido para dinamizar a função cerebral, auxiliando a sua memória, concentração e atenção. A Raquel estudante universitária, goza de uma memória de elefante e tem sempre a resposta na ponta da língua.” (*Visão*, 18/09/08, 26, título/texto). N.B.: “Memória de elefante” é o título de um livro de António Lobo Antunes (1979).

mente são em corpo são (c. de 26 700 resultados, 22/05/15): “[Fnac] Mente são em corpo são. Uma selecção Fnac de livros, discos e documentários para uma vida mais saudável” (*Visão*, 24/01/08, 85). Do latim: “Mens sana in corpore sano” (Juvenal).

meter água (c. de 64 800 resultados, 24/05/15), errar; cometer falhas: “No combate às dores nunca mete água / Nova aspirina granulada não precisa de água / Mais prática, 35% mais rápida e com sabor a laranja-cola” (*Sábado*, 27/10/11).

na calha (c. de 172 000 resultados, 24/05/15), pronto a surgir: “Peugeot tem na calha lançamento do 308 cc” (JN –“jnanúncios”, 25/07/08, 1, título).

na desportiva (c. de 24 500 resultados, 24/05/15), na brincadeira; sem pressões: “O Banif [grupo financeiro] e o Expresso [jornal] desejam-lhe um ano cheio de vitórias. Leve o ano na desportiva.” (*Visão*, 17/01/08, 97).

na palma da mão (c. de 551 000 resultados, 24/05/15), muito acessível: “Todas as novidades na palma das suas mãos. Novo Catálogo IKEA 2008” (Revista *Notícias Magazine*, 23/09/07, 9).

na ponta da língua (c. de 476 000 resultados, 24/05/15), pronto a ser dito; de cor e salteado: “Sempre com a resposta na ponta da língua. / O Cerebral Active + agora reforçado com Ómega 3, é um suplemento alimentar concebido para dinamizar a função cerebral, auxiliando a sua memória, concentração e atenção. A Raquel estudante universitária, goza de uma memória de elefante e tem sempre a resposta na ponta da língua.” (*Visão* 18/09/08, 26, título/texto); “[Suplemento Natal 2007] Na Ponta da Língua” (*Visão*, 29/11/07, 68).

não perder pitada (c. de 4 880 resultados, 24/05/15), não perder nada; estar com a máxima atenção: “[Suplemento Natal 2007] De olhos bem abertos... para não perder pitada” (*Visão*, 29/11/07, 48).

não se medir aos palmos (4 resultados, 24/05/15), mesmo sendo pequeno, o seu valor é grande: “[SONY] Um grande som não se mede aos palmos” (*Visão*, 22/11/07, título/capa). Frases frequentes: “Os homens não se medem aos palmos” (c. de 5 620 resultados); “As mulheres não se medem aos palmos” (c. de 986 resultados); 24/05/15.

não ter tempo a perder (c. de 17 300 resultados, 24/05/15), ter que atuar rapidamente: “Compromisso BES 360° / Assinamos por baixo este compromisso. / Para pessoas que exigem respostas rigorosas e eficazes. Para quem não tem tempo a perder” (*Expresso*, 25/09/10, 13).

nas minhas/tuas/suas... mãos (“nas minhas mãos”, c. de 359 000 resultados; “nas tuas mãos”, c. de 249 000 resultados; “nas suas mãos”, c. de 420 000 resultados; 24/05/15): “[Halcon Viagens] O Futuro está nas suas mãos” (*Visão*, 25/10/07, 101, 103, 105); “O futuro do planeta está nas nossas mãos” (*Sol*, 04/10/08, 15); “[EDP, painéis solares] ter a energia do sol está nas suas mãos” (*Visão*, 04/10/07, 81); “[Rexona Crystal] [...] está nas mãos de uma equipa editorial” (*Visão*, 25/10/07, 162-163).

no fim de contas (c. de 331 000 resultados, 24/05/15), como conclusão; no final de tudo: “[Caixa Geral de Depósitos] no fim de contas” (*Visão*, 15/11/07, 25).

novo/novinho em folha (“novo em folha”, c. de 520 000 resultados; “novinho em folha”, c. de 350 000 resultados; 24/05/15), a estrear; muito novo; em ótimas condições: “a Toshiba ainda lhe oferece [...] um computador novinho em folha” (*Visão*, 13/03/08, 29).

num abrir e fechar de olhos (c. de 1 390 000 resultados, 24/05/15), de forma muito rápida: “Ou o novo motor [...] que leva 200 injeções de combustível às câmaras de combustão num abrir e fechar de olhos” (BMW Série 3, *Visão*, 11/10/07, 47).

num piscar de olhos (c. de 420 000 resultados, 24/05/15), de forma muito rápida: “Um olhar mais jovem num piscar de olhos / Eyliplex-2 é como uma borracha. Mas para os seus olhos. O lado branco, o Gel de Dia com efeito lifting, esbate os sinais da idade. O lado azul, o Bálsamo da Noite, atenua os papos.” (*Sábado*, 15/10/09, 17, frase/texto). N.B.: “Num piscar de olhos” é título de um filme (1994).

o coração tem razões que a (própria) razão desconhece (“o coração tem razões a própria razão desconhece”, c. de 476 000 resultados; “o coração tem razões a razão desconhece”, c. de 22 500 resultados; 24/05/15): “[Vinho Marquês de Borba] Porque há razões que o coração bem conhece” (Revista *Única*, 22/09/07, 73, “slogan”). N.B.: Frase atribuída a Blaise Pascal (1623-1662).

o resto é paisagem (c. de 22 000 resultados, 05/06/15), o resto é secundário; as outras coisas não são importantes: “Cada vez mais estatísticas sustentam a economia verde. O resto, é paisagem. Inscreva o seu projeto no desenvolvimento sustentável até 5 de junho no Green Project Awards Portugal 2015” (*Público*, 05/06/15, 13). Frases frequentes: “Portugal é Lisboa e o resto é paisagem”, c. de de 2 270 resultados; “Portugal é Lisboa, o resto é paisagem”, c. de de 569 resultados; 05/06/15.

o sol quando nasce é para todos (c. de 7 690 resultados, 24/05/15), as oportunidades quando surgem são para todos: “[Citroën] O sol quando nasce é para todos.” (JN, 07/05/10, 9).

para bom entendedor, meia palavra basta (c. de 55 900 resultados, 24/05/15), uma pessoa inteligente/esperta não precisa de muita informação para compreender uma determinada situação: “Para bom entendedor, um preço sem asterisco basta. / Tirar o asterisco do preço não é para nós um exercício de estilo [...] é mais uma exclamação da capacidade que o Honda Jazz tem de surpreender. Sem qualquer ressalva. Por isso, a pintura metalizada e as despesas de logística e preparação estão incluídas no preço. Asterisco?! Nem vê-lo.” (*Sábado*, 15/04/10, 21, *slogan*/texto).

para mal dos meus/teus/seus... pecados (“para mal dos meus pecados”, c. de 8 890 resultados; “para mal dos teus pecados”, c. de 274 resultados; “para mal dos seus pecados”, c. de 23 100 resultados; 24/05/15), para piorar a minha/tua/sua... situação: “[Centro de Nutrição Fula] [...] para mal dos seus pecados, a maçã

nunca mais deixaria de ser alvo de calúnias [...]. E como se Eva não bastasse, também a bruxa da Branca de Neve veio ajudar à festa.” (*Visão*, 03/01/08, 41).

para o que der e vier (c. de 367 000 resultados, 24/05/15), para todas as ocasiões; para fazer face a quaisquer dificuldades: “[Plano de Reforma BES] Se já poupa para o que der e vier / poupe também para o que há de vir” (*Visão*, 13/12/12, 53). N.B.: “Para o que der e vier” é título de um filme (EUA, 2013).

passar cartão (c. de 32 300 resultados, 24/05/15), dar confiança; mostrar abertura: “Com a Conta Nova Geração do Banif, dos 14 aos 17 anos, é fácil passar cartão a todas as vontades. Basta activar o Catão de débito para ganhar um relógio exclusivo.” (*Visão*, 25/09/08, 16).

penso, logo existo (c. de 333 000 resultados, 24/05/15): “Leio, logo existo (*Visão*/“Visão sete”, 25/10/07, 37); “*Profissão: Trabalhador do Conhecimento* [livro de Thomas Davenport]: “Leio, logo existo.”” (*Visão*, 03/01/08, 57). N.B.: “Penso, logo existo” é uma expressão/frase atribuída a Descartes (1596-1650). Em latim, “Cogito, ergo sum”.

perder o norte (c. de 126 600 resultados, 24/05/15), desorientar-se; perder-se: “[GPS Garmin] Não perca o norte” (*Visão*, 29/11/07, 92).

ponta do iceberg (c. de 263 000 resultados, 26/05/15), início de um processo/caso complexo: “[Electrolux] Isto é apenas a ponta do *Iceberg*. Descubra as restantes características dos nossos electrodomésticos” (*Visão*, 04/10/07, 43).

ponto final (c. de 894 000 resultados, 26/05/15), conclusão; término: “Adenogen, o ponto final na queda de cabelo do homem” (*Visão*, 08/11/07, 61, título).

por um fio (c. de 524 000 resultados, 26/05/15), por um pormenor; numa situação muito frágil: “[Computadores SONY VAIO] A sua internet móvel continua presa por um fio? Ou tem espírito VAIO? / Ligue-se ao mundo sem problemas” (*Sábado*, 6-12/11/08, 83, título/texto).

pôr uma pedra sobre o assunto (c. de 2 130 resultados, 26/05/15), deixar de falar de um assunto; pôr um ponto final: “[Shopping Dolce Vita] Aldeias de crianças SOS. Não pusemos uma pedra sobre o assunto, mas várias” (*Visão*, 13/12/07, 137). Expressão frequente: “colocar uma pedra sobre o assunto” (c. de 2 170 resultados, 26/05/15).

pôr-se a mexer (c. de 3 680 resultados, 26/05/15), iniciar uma atividade; ser dinâmico e empreendedor; ir-se embora: “O dinheiro no colchão não rende. A solução é pô-lo a mexer / Quem sabe, sabe e quem se mexe é que sabe” (Banco Espírito Santo, com Cristiano Ronaldo, *Visão*, 11/10/07, 39).

pôr-se a milhas (c. de 2 570 resultados, 26/05/15), fugir/ir para longe: “[TAP Portugal e Victoria Seguros] Ponhasse a milhas” (*Visão*, 11/10/07, 153).

poupar é ganhar/no poupar é que está o ganho (“poupar é ganhar”, c. de 1 030 resultados; “no poupar é que está o ganho”, c. de 11 100 resultados, 26/05/15): “[BPN] É que poupar agora, é mesmo ganhar!” (*Visão*, 08/11/07, 35).

primeiro passo (c. de 5 700 000 resultados, 26/05/15), início; começo de um longo processo: “[Nestlé] Cereais integrais: o primeiro passo para uma alimentação saudável” (*Visão*, 04/10/07, 64).

quem sabe, sabe (c. de 169 000 resultados, 26/05/15): “[BES] Quem sabe, sabe e o Rodrigo é que sabe” (*Visão*, 27/12/07, 41).

querer é poder (c. de 175 000 resultados, 26/05/15): “[Relógios Albatross] Querer é vencer” (*Visão*, 13/12/12, 93).

ser alvo de (c. de 507 000 resultados, 26/05/15), ser vítima de; sofrer as consequências; ser o objeto de (estudo, atenção...): “[Centro de Nutrição Fula] [...] para mal dos seus pecados, a maçã nunca mais deixaria de ser alvo de calúnias [...]. E como se Eva não bastasse, também a bruxa da Branca de Neve veio ajudar à festa.” (*Visão*, 03/01/08, 41).

ser canja (c. de 4 110 resultados, 26/05/15), ser muito fácil: “Este Natal escolher o melhor presente vai ser canja. Licor Beirão, o Licor de Portugal” (Revista *Notícias Sábado*, 18/12/10, contracapa).

ser da minha/tua/sua... conta (“ser da minha conta”, c. de 17 700 resultados; “ser da tua conta”, c. de 2 140 resultados; “ser da sua conta”, c. de 77 000 resultados, 26/05/15), ser da minha/tua/sua... responsabilidade; ser assunto meu/teu/seu...: “O meu dinheiro é da minha conta / Deposite confiança nos seus filhos, dê-lhes um cartão Pocket BES.” (*Sol*, 01/10/10, 55, *slogan*/texto).

ser pêra/pera doce (c. de 3 330 resultados, 26/05/15), ser muito fácil: “Absolut / Não é pêra doce / Claro que não. Até porque no processo de fabricação da Absolut não existe a adição de açúcar. Fora isso, Absolut Pears, o novo membro da família sueca de vodkas aromatizadas, combina o cheiro fresco da pêra com toque de amêndoas doces” (Revista *Notícias Magazine*, in JN e DN, 15/06/08, 18).

ser uma ave rara (c. de 10 900 resultados, 29/05/15), ser uma pessoa estranha/muito diferente da maioria: “Cerca de 75% dos jovens portugueses não fumam. Não seas uma ave rara. 31 de Maio – Dia Mundial sem Tabaco” (*Sol*, 29/05/15, 55).

silêncio que se vai cantar o fado (c. de 6 550 resultados, 26/05/15), silêncio porque se segue algo muito importante: “Silêncio que se vai cantar o fado / Tissot Fado / Um ano após a elevação do Fado a Património Cultural Imaterial da Humanidade, pela UNESCO, a edição especial TISSOT FADO é um tributo à intemporalidade de uma herança única no Mundo, profundamente vinculada na história de Portugal e em cada português.” (*Revista*, 23, in jornal *Expresso*, 15/12/12).

sonhar alto (c. de 87 100 resultados, 26/05/15), iludir-se; desejar algo muito valioso e difícil de alcançar: “Atreva-se a sonhar / Na Oriflame é possível sonhar alto. A qualidade dos nossos cosméticos naturais suecos, aliada a uma política exclusiva de venda directa, oferece-lhe a oportunidade única de realizar os seus sonhos.” (*Visão*, 15/04/10, 73).

sorria, está a ser filmado/sorria, está em (local) (“sorria, está a ser filmado”, c. de 2 510 resultados, 26/05/15): “[Turismo de Espanha] Sorria! Está nas Canárias” (*Visão*, 27/12/07, 71).

subir na vida (c. de 221 000 resultados, 26/05/15), melhorar o nível de vida: “Ideal para quem quer subir na vida sem usar os outros como escada / jn: negócios” (JN, 09/10/08, 63).

tempo é dinheiro (c. de 284 000 resultados, 26/05/15): “[Master Banker – Relojoeiras] Tempo é dinheiro” (*Visão*, 11/10/07, verso).

ter olho para o negócio (c. de 6 530 resultados, 26/05/15), ter muito jeito para os negócios; conseguir lucros com facilidade: “Quem disse que as donas de casa não têm olho para o negócio? / Leve para casa o seu aspirador Bosch BSD 3083 por apenas + € 84,90! Para adquirir este aspirador recorte o cupão [do JN]” (JN, 31/03/10, 52).

ter os dias contados (c. de 36 100 resultados, 26/05/15), ter pouco tempo; estar perto do fim: “[Nokia] Os programas de seca têm os dias contados” (*Visão*, 27/12/07, 65).

ter remédio (c. de 10 500 resultados, 26/05/15), ter solução: “[Valormed] os medicamentos fora de uso também têm remédio. Coloque respeito pelo seu filho, pelos filhos dos outros [...]. Tudo no mesmo saco. E depois entregue-o na farmácia” (*Visão*, 25/10/07, 151).

tirar da gaveta/prateleira (“tirar da gaveta”, c. de 19 900 resultados; “tirar da prateleira”, c. de 6 220 resultados, 26/05/15), tornar público; rentabilizar: “Crédito Individual BES/ luz verde para tirar os sonhos da prateleira” (*Sábado*, 19/11/09, 63).

tirar partido (de) (c. de 366 000 resultados, 26/05/15), aproveitar/rentabilizar algo: “Tire o máximo partido da vida! / A sua vida é um constante corruptio? [...] Então este guia [“Tempo para tudo. Organização e gestão pessoal”] pode ser uma ferramenta útil para si” (Revista *Teste Saúde*, Outubro/Novembro 2008, última página, título/texto); “[...] propomos-lhe uma solução completa para tirar o melhor partido da energia solar.” (*Visão*, 04/10/07, 81).

trocar por miúdos (c. de 2 180 resultados, 26/05/15), explicar pormenorizadamente; detalhar: “Os compromissos McDonald’s, trocados por miúdos / 1º Melhorar o perfil nutricional dos nossos produtos [...] 2º Diversificar a combinação de alimentos [...]” (*Visão*, 28/3/13, 37).

vai ser até mais não (9 resultados, 26/05/15), vai ser ótimo; vai ser uma festa: “[Optimus Kanguru] – Internet] Vai ser até mais não / Tráfego ilimitado até ao final do ano” (in <http://www.optimus.pt/particulares/kanguru>. Consultado em 17/09/11).

ver Braga por um canudo (c. de 2 150 resultados, 26/05/15), ver algo distante e valioso sem poder alcançar; não atingir os objetivos; não alcançar o que se deseja: “Conheça os museus de Braga por um menu / De 25 de Outubro a 30 de Novembro procure os restaurantes com o símbolo Braga à mesa e conheça os nossos museus com 50% de desconto.” (folheto publicitário).

verdade inconveniente (c. de 153 000 resultados, 26/05/15): “[Passat BlueMotion] Uma verdade conveniente” (*Visão*, 25/10/07, 28-29). N.B.: alusão ao título do filme “Uma verdade inconveniente” de Al Gore (EUA, 2006).

virar as costas (c. de 256 000 resultados, 26/05/15), abandonar; não dar importância: “Não vire as costas ao mar. / O mar português é dos mais vastos do mundo, vamos aproveitar os seus recursos. Um ensaio de Tiago Pitta e Cunha que procura evidenciar o potencial do mar para a economia portuguesa. / O novo livro da coleção “Ensaio da Fundação”, com o Expresso do próximo sábado, por mais 3,15€.” (*Expresso* “Primeiro Caderno”, 30/04/11, 18); “[Allianz, Seguro de Vida] Não vire as costas à sua reforma” (*Visão*, 10/12/09, 67).

voar mais alto (c. de 123 000 resultados, 26/05/15), evoluir; alcançar mais sucesso: “[Software Sage] [...] podemos ajudar o seu negócio a voar mais alto” (*Visão*, 17/01/08, 49).

7. BADAPE: *Cartoons* (Amostra)

a todo o custo (c. de 327 000 resultados, 26/05/15), de qualquer maneira; obrigatoriamente: “Agora, é preciso a todo o custo evitar o contágio da Grécia. E, logo por azar, as vacinas que ainda aí temos só servem para a gripe A...” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 03/05/10, 12). N.B.: “o contágio da Grécia” refere-se à grave crise económica da Grécia que parece que está a “contagiar” países como Portugal. A referência às vacinas surge provavelmente como uma crítica ao excedente por terem encomendado um número muito elevado de vacinas para uma gripe que acabou por ficar aquém da gravidade que se anunciava).

a ver estrelas (c. de 216 000 resultados, 14/01/14), atordoado, geralmente depois de uma pancada: “A ver estrelas” (*Visão*, 12/06/08, 20, título, *Cartoon* de Gonçalo Viana com Manuel Alegre no Espaço, rodeado de estrelas).

ai-jesus/ai Jesus (c. de 228 000 resultados, 17/01/14), expressão de aflição ou surpresa: “- Com a pesada derrota em Camp Nou, as críticas a Mourinho aumentam de tom / - É o costume. Ainda ontem o homem era o maior do mundo. E hoje? Um ai Jesus.” (“Bandeira de Canto”, JN, 02/12/10, 58).

andar para a frente (c. de 823 000 resultados, 17/01/14), evoluir, desenvolver-se: “Como é que este país há-de andar para a frente?! Ontem comemorou-se o Dia da Restauração... E a maior parte dos restaurantes estiveram fechados!” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 02/12/08, 10).

às duas por três (c. de 159 000 resultados, 05/03/14), inesperadamente; sem ninguém esperar: “- O advogado que Vale e Azevedo contratou ... é o mesmo que defendeu o Pinochet. / - Às duas por três está a pensar pirar-se para o Chile ...” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 25/07/08, 11).

assentar praça (c. de 16 900 resultados, 05/03/14), instalar-se; fixar-se; assentar arraiais: “Augusto Santos Silva sai do Parlamento e assenta praça nos quartéis... [passa a ser ministro da Defesa] É a prova provada que o Governo deixou de jogar ao ataque para apostar na defesa...” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 24/10/09, 14).

aumentar de tom (c. de 13 700 resultados, 10/03/14), intensificar-se; agravar-se: “- Com a pesada derrota em Camp Nou [Barcelona 5 – Real Madrid 0], as críticas a Mourinho aumentam de tom / - É o costume. Ainda ontem o homem era o maior do mundo. E hoje? Um ai Jesus.” (“Bandeira de Canto”, JN, 02/12/10, 58).

bater no fundo (c. de 305 000 resultados, 11/03/14), atingir o ponto mais crítico; estar numa situação muito difícil: “Este é, sem dúvida, o caso mais complicado da minha carreira. Não consigo descobrir como Portugal bateu no fundo, com tanto sucesso governativo nos últimos anos...” (“Lopes, o repórter pós-moderno”, Luís Afonso, *Sábado*, 20/04/11, 28).

brincadeira de mau gosto (c. de 1 860 000 resultados, 11/03/14), situação desagradável mas geralmente sem gravidade: “Não sejas exagerado! Aquilo [arma de plástico apontada por um aluno a um professor] não passou de «uma brincadeira de mau gosto»...” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 26/12/08, 9).

cabeça no ar (c. de 158 000 resultados, 26/05/15), muito distraído: “Anda muita gente a pedir aos pilotos para não fazerem greve... / Mas duvido que eles ouçam. / São um bocado cabeças no ar...” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 29/04/15, 2).

cair nos braços (de alguém) (c. de 335 000 resultados, 14/03/14), apaixonar-se; sentir-se seduzido: “Dizem que Portugal vai cair, mais tarde ou mais cedo, nos braços do FMI. / Ainda por cima, a descer todos os «santos» ajudam...” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 09/11/10, 10).

com... e tudo (“com dedos e tudo”, c. de 5 160 resultados, 26/05/15), de forma completa; sem faltar nada: “Com a privatização dos CTT, TAP, EDP, GALP e REN... É caso para dizer... que é desta que se vão os anéis com dedos e tudo.” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 12/03/10, 13).

dar a cara (c. de 357 000 resultados, 26/05/15), assumir as responsabilidades; mostrar-se corajoso: “Passos Coelho [líder do PSD] acha que Portugal devia ter um governo que desse a cara para o “bem” e para o “mal”. / Nos próximos anos, para poupar, basta um que se preocupe apenas com o “mal”...” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 28/01/11, 12).

dar tanga (c. de 8 480 resultados, 26/05/15), fazer troça; gozar: “É preciso dois para dançar o Tango. Mas para dar tanga basta um...” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 16/01/10, 20). N.B.: alusão às palavras proferidas pelo primeiro-ministro José Sócrates sobre a necessidade de, tal como para dançar o tango, serem necessários dois parceiros (Governo e Oposição) para se aprovar o Orçamento de Estado.

de consciência tranquila (c. de 103 000 resultados, 26/05/15): sem qualquer sentimento de culpa: “Vitor Constâncio sai do Banco de Portugal de «consciência tranquila»! / E com os bolsos pesados. Digo eu...” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 08/06/10, 12).

dois pesos e duas medidas (c. de 223 000 resultados, 26/05/15), maneiras diferentes de atuar perante casos semelhantes, com prejuízo para uma das partes: “Manuel Alegre [candidato à Presidência da República] acusou

Cavaco Silva de ter dois pesos e duas medidas. / Bem, olhando para as sondagens até é capaz de ter mais...” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 07/12/10, 10).

é caso para dizer (c. de 131 000 resultados, 26/05/15): “Com a privatização dos CTT, TAP, EDP, GALP e REN... É caso para dizer... que é desta que se vão os anéis com dedos e tudo.” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 12/03/10, 13).

é desta (c. de 482 000 resultados, 26/05/15), é agora; finalmente: “Com a privatização dos CTT, TAP, EDP, GALP e REN... É caso para dizer... que é desta que se vão os anéis com dedos e tudo.” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 12/03/10, 13).

em carne viva (c. de 156 000 resultados, 26/05/15), num estado muito sensível/doloroso: “em carne viva” (*Cartoon* de Gonçalo Viana, *Visão*, 20/01/11, 18).

estar na ordem do dia (c. de 65 800 resultados, 26/05/15), ser assunto atual, discutido por todos: “O sistema capitalista está como se sabe, os militares juntam-se em jantares de protesto... / As nacionalizações estão na ordem do dia...” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 04/11/08, 10).

estar no bom caminho (c. de 18 800 resultados, 26/05/15), estar a agir bem; estar prestes a encontrar uma solução: “- Segundo o Ministro das Finanças grego... a Grécia está no bom caminho para receber mais ajudas. / - No bom caminho? Ou seja, já gastaram quase tudo.” (“Bartoon”, Luís Afonso, *Público*, 26/07/10, 31).

etc. e tal (c. de 603 000 resultados, 26/05/15), e outras coisas: “O Presidente da República [Cavaco Silva] resolveu patrocinar a iniciativa «Limpar Portugal». Infelizmente, a Banca, a Política, o Futebol, e etc. e tal não constam da barrela...” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 02/03/10, 11).

ir na cantiga/ir em cantigas (“ir na cantiga”, c. de 3 750 resultados; “ir em cantigas”, c. de 1 660 resultados; 26/05/15), deixar-se enganar; ser ingénuo: “A Europa não foi na cantiga dos “Homens da Luta” (concorrentes portugueses não apurados para a final do Festival da Eurovisão) / A música que eles gostam é mais resgates melódiosos e juro em altos berros” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 12/05/11, 20).

juntar o útil ao agradável (c. de 45 900 resultados, 26/05/15): “A Universidade do Minho vai fechar 15 dias... / Para poupar nos custo de funcionamento. / É o que se chama juntar o útil ao agradável...” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 23/12/08, 12).

para o bem e para o mal (c. de 361 000 resultados, 26/05/15), de qualquer maneira; independentemente dos resultados: “Passos Coelho [líder do PSD] acha que Portugal devia ter um governo que desse a cara para o “bem” e para o “mal”. / Nos próximos anos, para poupar, basta um que se preocupe apenas com o “mal”...” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 28/01/11, 12).

partir a loiça/louça (toda) (“partir a loiça”, c. de 16 000 resultados; “partir a loiça toda”, c. de 6 990 resultados; “partir a louça”, c. de 6 630 resultados; “partir a louça toda”, c. de 5 150 resultados; 26/05/15), causar grande confusão, geralmente através da crítica: “No discurso de posse o Presidente [da República, Aníbal Cavaco Silva] partiu a loiça toda [ao criticar severamente o Governo de Sócrates]... Se calhar foi por causa disso que não houve o banquete no Palácio de Queluz” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 10/03/11, 13).

responder à chamada (c. de 21 700 resultados, 26/05/15), disponibilizar-se; aceitar pedido de ajuda: “Metade dos eleitores não respondeu à chamada. / E como o tempo não esteve propriamente para ir à praia... / Se calhar foi mesmo falta de interesse.” [a propósito da elevada abstenção nas eleições presidenciais] (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 24/01/11, 22).

tiro no pé (c. de 438 000 resultados, 26/05/15), problema: “O PSD dá tantos tiros nos pés que o símbolo do partido é que devia ter sido alterado: em vez de setas, uma centopeia.” (“Quiosque”, CM, 16/03/10, 2). N.B.: A primeira fala é de um homem que está dentro de um quiosque; a segunda é de um mulher-cliente.

trazer água no bico (c. de 2 190 resultados, 26/05/15), ter segundas intenções; agir de forma dissimulada: “O Fundo Monetário Internacional garante que não prevê intervir em Portugal. / Isto traz água no bico! A coisa deve estar tão má que até o FMI tem medo de pegar no assunto...” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 21/09/10, 17).

vão-se os anéis, ficam/fiquem os dedos (“vão-se os anéis, ficam os dedos”, c. de 4 840 resultados; “vão-se os anéis, fiquem os dedos”, c. de 823 resultados; 26/05/15), gaste-se o dinheiro/as riquezas mas que se preserve a saúde/vida: “Com a privatização dos CTT, TAP, EDP, GALP e REN... É caso para dizer... que é desta que se vão os anéis com dedos e tudo.” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Aníbal F., JN, 12/03/10, 13).

ver com bons olhos (c. de 94 800 resultados, 26/05/15), aceitar; apoiar: “- Não vejo com bons olhos isso de se dar “meios tecnológicos” aos árbitros. / - Porquê? / - Oh, parece que já estou a ouvi-los: “Validei o golo porque o computador pendurou outra vez” (“Bandeira de canto”, JN, 16/01/10, 45).

ver-se grego (c. de 2 470 resultados, 26/05/15), deparar-se com muitas dificuldades; ver-se atrapalhado: “O índice psi 20 foi aquele que mais caiu em todo o mundo... E, o pior, é que não há ninguém capaz de sossegar os

mercados! Ou seja: estamos a ver-nos gregos para sair deste embrulho...” (“Elias, o sem-abrigo”, R. Reimão e Anibal F., JN, 27/04/10, 12).

8. BADAPE: Música/Textos Musicados (Youtube) (Amostra)

a cem/100 à hora (“a cem à hora”, c. de 2 280 resultados; “a 100 à hora”, c. de 3 610 resultados; 26/05/15; 3 610), a grande velocidade; rapidamente: “Mas tu passaste a cem à hora e sem tempo para o ver” (Classificados, “Rosa (do teu jeito de ser)”. Vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=4M72a4sm1Yg>, 4:01min., 02/05/08).

à mão de semear (c. de 29 800 resultados, 26/05/15), muito acessível; pronto a usar: “Dispondo a meu favor / Da eloquência do amor / Ali mesmo à mão de semear” (Jorge Palma, 2000, “Dá-me lume” em *dá-me lume. O melhor de Jorge Palma*. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=FD2NuMknbgk>, 3:44 min., 06/01/12).

a meus/teus/seus... pés (“a meus pés”, c. de 66 200 resultados; “a teus pés”, c. de 117 000 resultados; “a seus pés”, c. de 414 200 resultados; 26/05/15), sob o meu/teu/seu... domínio: “Já não há, / já não és / o mundo a meus pés” (Três Tristes Tigres, “O mundo a meus pés”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=GV8MmSpKjuY>, 3:43 min., 20/09/07).

a preceito (c. de 173 000 resultados, 26/05/15), com rigor; de acordo com as regras; com formalidade: “Eu visto a preceito / Ando assim líró / Corpinho bem feito / No meu paletó.” (Amália Rodrigues, “Ó Careca”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Q5DPDFfbTzE>, 2:09 min., 09/05/11).

às duas por três (c. de 32 000 resultados, 27/05/15), quando menos se espera; de forma imprevisível: “E se às duas por três vires que perdeste o balanço / Não penses em descanso” (Jorge Palma, “Terra dos Sonhos”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ajwGxAOV5wQ&list=RDajwGxAOV5wQ>, 3:13 min., 20/05/12).

ao deus-dará/deus dará (c. de 115 000 resultados, 27/05/15), à sorte; sem proteção; desorientado: “Por trás do espelho quem está / De olhos fixados nos meus / Alguém que passou por cá / E seguiu ao deus dará / Deixando os olhos nos meus.” (Amália Rodrigues, “Cansaço”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=tftTDQnk4U>, 14:41 min., 25/06/14).

ao léu (c. de 262 000 resultados, 27/05/15), despido; destapado; sem cobertura: “Eu faço um vistão / Com a careca ao léu / Acho um piadão / Andar sem chapéu” (Amália Rodrigues, “Ó Careca”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Q5DPDFfbTzE>, 2:09 min., 09/05/11).

ao relento (c. de 327 000 resultados, 27/05/15), ao ar livre; sem um lar; desprotegido: “Fui estender-me na praia sozinho ao relento” (Jorge Palma, “Estrela do Mar”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=NBvsiX6mY-I>, 4:18 min., 12/10/07); “Já houve tempos em que eu / Tinha tudo não tendo quase nada / quando dormia ao relento” (Jorge Palma, “À Espera do Fim”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=qfo29wSakIU>, 3:20 min., 08/11/07).

assentar como uma luva (c. de 2 880 resultados, 27/05/15), assentar/condizer/adaptar-se na perfeição: “Ao encontro da mão miúda / Que me assentava como uma luva” (Jorge Palma, “À Espera do Fim”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=qfo29wSakIU>, 3:20 min., 08/11/07). Expressão frequente: “assentar que nem uma luva” (c. de 2 250 resultados, 27/05/15), assentar melhor do que uma luva.

chutar para canto (c. de 3 810 resultados, 27/05/15), não assumir responsabilidades; sacudir a água do capote; assobiar para o lado: “Fartinhos de comer e calar, andamos furiosos entre dentes a resmungar. Mas quando há chance de algo mudar, chutamos para canto, preferimos nem lhe tocar” (VIRGEM SUTA, “Comer e Calar”, do álbum “Doce Lar”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=uC7c8T8dl2c>, 3:22 min., 17/10/12).

com a breca (c. de 10 900 resultados, 27/05/15), com os diabos: “Ó careca / Ó careca / Tira a boina / Que é moda andar em cabelo / Com a breca / Tira a tampa da careca / Que a careca não tem pelo” (Amália Rodrigues, “Ó Careca”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Q5DPDFfbTzE>, 2:09 min., 09/05/11).

com saída (c. de 501 000 resultados, 27/05/15), com futuro; com possibilidades de ter sucesso: “A Laurinda faz vestidos por medida / O rapaz estuda nos computadores / Dizem que é um emprego com saída.” (Rio Grande, “Postal dos correios”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=8uClkNTTCi0>, 2:39 min., 21/02/11).

comer e calar (c. de 19 800 resultados, 27/05/15), obedecer sem reclamar: “Fartinhos de comer e calar, andamos furiosos entre dentes a resmungar. Mas quando há chance de algo mudar, chutamos para canto, preferimos nem lhe tocar” (VIRGEM SUTA, “Comer e Calar”, do álbum “Doce Lar”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=uC7c8T8dl2c>, 3:22 min., 17/10/12).

de fio a pavio (c. de 58 700 resultados, 27/05/15), de uma ponta à outra; do princípio ao fim; na totalidade: “Oh Maria, que fastio, andei fio a pavio / e o homem já tem dono!...” (Dulce Pontes, “Pátio dos amores”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=JqBISWijbg>, 3.01 min., 09/12/11).

deitar (tudo) a perder (“deitar a perder”, c. de 24 400 resultados; “deitar tudo a perder”, c. de 19 400 resultados; 27/05/15), deixar escapar; fracassar: “Sentado à beira rio / eu vejo correr / ver a vida por um fio / deitá-la a perder” (Xutos e Pontapés, “Deitar a perder”. Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=_Zt0Xr_xSHU, 04:51 min., 04/05/09).

(estar) entre a espada e a parede (“estar entre a espada e a parede”, c. de 1 800 resultados; “entre a espada e a parede”, c. de 39 000 resultados; 27/05/15), estar numa situação muito complicada: “Sai da frente, por favor, / estou entre a espada e a parede” (Rui Veloso, “Não há estrelas no céu”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=6zEdnhuGBZs>, 4:13 min., 28/02/13).

frio de rachar (c. de 48 500 resultados, 27/05/15), frio muito intenso: “Para mim hoje é janeiro / está um frio de rachar / parece que o mundo inteiro / se uniu p’ra me tramar” (Rui Veloso, “Não há estrelas no céu”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=6zEdnhuGBZs>, 4:13 min., 28/02/13).

haja o que houver (c. de 250 000 resultados, 27/05/15), aconteça o que acontecer; independentemente do que vier a acontecer: “Volta meu querido / Mas volta como disseste / Arrependido / De tudo o que me fizeste / Haja o que houver / Já basta p’ra teu castigo / Essa mulher / Que andava agora contigo” (Amália Rodrigues, “Fado do ciúme”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Q2wZIN7mto0>, 3:21 min., 25/03/08); “Haja o que houver / eu estou aqui / Haja o que eu houver / espero por ti” (Madredeus, “Haja o que houver”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=hhxti4nFTdc>, 4:29 min., 03/01/13).

ir de mal a pior (c. de 18 300 resultados, 27/05/15), evoluir para uma situação ainda mais complicada: “Ninguém se compreendia e eu vi que a coisa ia de mal a pior” (Jorge Palma, “Na Terra dos Sonhos”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ajwGxAOV5wQ&list=RDajwGxAOV5wQ>, 3:13 min., 20/05/12).

já deu o que tinha a dar (c. de 31 900 resultados, 27/05/15), está esgotado; já não produz: “O que lá vai já deu / o que tinha a dar” (Jorge Palma, “A Gente Vai Continuar”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=3j9bZfQNE6Y>, 4:01 min., 09/08/11).

levar a mal (c. de 94 500 resultados, 27/05/15), ficar ofendido: “Na terra dos sonhos, / podes ser quem tu és, / ninguém te leva a mal” (Jorge Palma, “Na Terra dos Sonhos”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ajwGxAOV5wQ&list=RDajwGxAOV5wQ>, 3:13 min., 20/05/12).

não ter onde cair morto (c. de 5 010 resultados, 27/05/15), ser muito pobre; não ter bens (casa, dinheiro, etc.): “Andava eu sem ter onde cair vivo” (Jorge Palma, “Na Terra dos Sonhos”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ajwGxAOV5wQ&list=RDajwGxAOV5wQ>, 3:13 min., 20/05/12).

(os) três da vida airada (c. de 7 950 resultados, 27/05/15), (os) três amigos da boa-vida: “Vê que esta rosa encarnada / Me faz mais apetitosa / Somos três da vida airada / Ao pé de ti sinto-me vaidosa / Somos três da vida airada / Eu, tu e mais esta rosa.” (Amália Rodrigues, “Dá-me o braço, anda daí”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=IEHFagajJtc>, 2:23 min., 07/05/13). N.B.: “Os três da vida airada” é título de um filme português (1952). Expressão frequente: “Os três da vida airada: cocó, ranheta e facada” (c. de 116 resultados, 27/05/15).

passar pela cabeça (c. de 68 500 resultados, 27/05/15), lembrar-se; ter a ideia de (fazer algo): “E jamais lhe passou pela cabeça tentar alterar a constituição” (Jorge Palma, “Jeremias, o Fora-Da-Lei”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=iA1gUf9YJGI>, 3:09 min., 29/10/10).

por igual (c. de 8 840 000 resultados, 27/05/15), de forma equitativa; sem discriminações: “Na terra dos sonhos toda a gente / trata a gente toda por igual” (Jorge Palma, “Na Terra dos Sonhos”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ajwGxAOV5wQ&list=RDajwGxAOV5wQ>, 3:13 min., 20/05/12).

por medida (c. de 1 790 000 resultados, 27/05/15), de acordo com as medidas de cada pessoa; de forma personalizada: “A Laurinda faz vestidos por medida / O rapaz estuda nos computadores / Dizem que é um emprego com saída.” (Rio Grande, “Postal dos correios”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=8uClkNTTCIO>, 2:39 min., 21/02/11).

por um fio (c. de 523 000 resultados, 27/05/15), numa situação muito frágil; quase a romper-se: “Sentado à beira rio / eu vejo correr / ver a vida por um fio / deitá-la a perder” (Xutos e Pontapés, “Deitar a perder”. Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=_Zt0Xr_xSHU, 04:51 min., 04/05/09).

pôr-se a salvo (c. de 10 300 resultados, 27/05/15), escapar; pôr-se em segurança: “O meu amor ensinou-me a chegar / [...] E pôs-me a salvo para além da loucura” (Jorge Palma, “O Meu Amor Existe”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=EwmXS2vWJJI>, 2:24 min., 22/08/13).

ter mão em (alguém) (c. de 3 150 resultados, 27/05/15), saber controlar; ter poder sobre: “afinal nós também temos mão na vida / mesmo que seja à custa de a vivermos fingida” (Jorge Palma, “Canção de Lisboa”. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=BLUmQV2pAGk>, 3:59min., 07/03/11).

ver (algo/alguém, geralmente Braga) por um canudo (“ver Braga por um canudo”, c. de 2 760 resultados, 27/05/15), ver ao longe sem se poder alcançar; não conseguir o que se deseja: “Mas temos em comum o facto

de ambos vemos / A vida por um canudo” (Jorge Palma: “À Espera do Fim”. Video: <https://www.youtube.com/watch?v=qfo29wSakIU>, 3:20 min., 08/11/07).

9. BADAPE: *Varia (Blogs, Facebook, etc.) (Amostra de A a C)*

- à brava** (c. de 45 800 resultados, 08/01/14), muito; intensamente: “entrebiberonsebatons.blogspot.com/.../o-meu-filho-faz-me-rir-brava.htm... 07/03/2013 - O meu filho faz-me rir à brava. Situação: Deitei-o na cama e acendi uma luz de presença que, passados uns minutos, se apaga. Acabou de me ...”.
- a bravo** (c. de 291 000, 11/03/14), ao abandono; por cultivar: “Há muitos campos a bravo porque não se apoia a agricultura” (exemplo nosso). Expressões frequentes: deixar a bravo; estar a bravo; ficar a bravo. N. B.: “a bravo” é uma locução frequente em galego.
- à cata** (c. de 110 000 resultados, 11/03/14), à procura: “catapalavras.blogspot.com/ 10/07/2012 - À cata de palavras. Estamos então, à procura das palavras. Tentamos assim delegar a elas a ingrata tarefa de expressar as nossas dores”.
- à coca** (c. de 134 000 resultados resultados, 08/06/14), espreitar; escolher a ocasião: “*noticias.sapo.pt/info/artigo/892924 / 24/10/2008 - A Operação «Sempre à Coca», da Polícia Judiciária (PJ), desmantelou uma rede de tráfico internacional de estupefacientes que se preparava ...*”.
- a dar com um pau** (c. de 78 600 resultados, 09/01/14), em grandes quantidades: “365forte.blogs.sapo.pt/144645.html / 14/11/2013 - Temos funcionários públicos “a dar com um pau”: eis os dados preliminares do Government at a Glance 2013 da OCDE (divulgado hoje)”.
- a doer** (c. de 395 000 resultados, 09/01/14), de forma séria e exigente: “movimentoenfermeiros.blogspot.com/.../em-2014-vai-ser-mesmo-doe.h... / 22/10/2013 - Em 2014, vai ser mesmo a doer. A semana que findou foi uma semana para os enfermeiros reflectirem sobre os seus problemas e a forma de...”.
- a esmo** (c. de 306 000 resultados, 14/01/14), ao acaso; à toa: “www.poesiafaclube.com/poemas/esmo / 29/05/2013 - Só esperam de mim que eu as organize, porque elas por si já existem, parece que têm vida própria. Mas são apenas palavras a esmo”.
- à fartazana** (c. de 14 300 resultados, 11/01/14), à farta; abundantemente: “lisboalisboa.blogspot.com/2013/10/mais-fartazana.html / 24/10/2013 - Mais, à fartazana. Forró é isto: Gastos do Governo com pessoal, bens e serviços aumentam em 2014. Edição José Carlos Mendes às 1:50 AM ...”.
- à flor da relva** (c. de 56 700 resultados, 11/01/14), à superfície, de forma visível: “palavrasaoposte.wordpress.com/2014/01/07/long-live-the-king / há 4 dias - Aquela figura atlética, aquela elegância à flor da relva. A minha triste sina de Benfiquista é essa: a de ver e conhecer Eusébio já com muita ...”. Expressão frequente: “bola à flor da relva”.
- à guisa de** (c. de 8 890 000 resultados, 11/01/14), à maneira de: “olisipus.blogspot.com/2012/02/guisa-de-um-mero-balanco.html / 17/02/2012 - À guisa de mero balanço... Estes anos da minha ausência da blogosfera tiveram várias/muitas consequências, umas naturalmente mais ...”. Expressões frequentes: à guisa de introdução/conclusão...
- a mata-cavalo/mata cavalo** (c. de 24 900 resultados, 12/01/14), a galope; com muita rapidez; a toda a brida: “tetratura.blogspot.com/2006/11/participio-passado-duplo.html / 25/11/2006 - ... não nos deixa cansados como a de certos colegas seus da rádio, que falam a mata-cavalo — não é o mais adequado para falar da língua”.
- a meias** (c. de 105 000 resultados, 12/01/14), repartido por dois de forma equitativa: “forumdacasa.com/discussion/24599/compra-de-casa-a-meias/ 08/06/2012 - 19 publicações - 6 autores / Estou a pensar em conjunto com o meu vizinho (ambos proprietários dos t2 do mesmo piso) adquirir a meias o t1 e dividi-lo unindo-o a cada um ...”.
- a meu/teu/seu... bel-prazer** (“a meu bel-prazer, c. de 11 200 resultados; “a teu bel-prazer”, c. de 4 510 resultados; “a seu bel-prazer”, c. de 145 000 resultados; 15/11/14), apenas de acordo com a minha/tua/sua... vontade: “www.maisfutebol.iol.pt/...psd.../53f4d197300428fec6fb2b08.html / 20/07/2010 - O Bloco de Esquerda diz que desta forma os patrões vão despedir «a seu bel-prazer» e o PCP fala em «arbitrariedade» nos despedimentos ...”.
- à mingua** (c. de 516 000 resultados, 13/01/14), falta do que é essencial; miséria: “ponteeuropa.blogspot.com/.../palavras-que-morrem-mingua-de-quem-as... / 01/09/2013 - Palavras que morrem à mingua de quem as use. As imagem impõem-se às palavras e escasseia vontade para sacudir o pó aos arcaísmos e ...”.
- à mulher de César não (lhe) basta ser séria, é preciso parecê-lo** (c. de 2 430 resultados, 16/05/14), Qualquer pessoa deve ser e parecer séria/honesta/responsável: “À mulher de César não basta ser séria, é

preciso parecê-lo. Por isso é que nunca passou desse estatuto: mulher de César. Mas a César, que governa e manda na vida e na liberdade alheia, basta ser sério.” (<http://marsalgado.blogspot.pt/2003/06/hebdomadrio-de-bordo-i-cont.html>).

à nora (c. de 84 300 resultados, 13/01/14), atrapalhado; atarefado: “clickportugal.blogspot.com/2013/07/andar-nora.html / 11/07/2013 - Há uma expressão na língua portuguesa muito apropriada à actual situação política. E essa expressão é andar à nora! Julgo que esta ...”. Expressões frequentes: andar/estar/ficar à nora.

a olho (c. de 861 000 resultados, 13/01/14), de forma imprecisa; sem rigor: “tudoaolho.blogs.sapo.pt/17/12/2013 - Eu fiz assim-Tudo a olho. Convém começar pela cobertura para a maçã não oxidar. Mistura todos os ingredientes da cobertura numa ...”.

à pala (c. de 96 400 resultados, 13/01/14), gratuitamente; de graça; de borla: “www.tabonito.pt/se-te-dissesse-que-podes-ter-um-galaxy-s4-a-pala / 15/05/2013 - É à borla, à pala, de graça... Está a decorrer o Passatempo do 8º Aniversário KuntoKusta e os prémios são à boss. Um Samsung Galaxy S4, ...”.

a preceito (c. de 238 000 resultados, 14/01/14), de forma adequada/cuidadosa; como manda a etiqueta: www.viagemmedieval.com/noticias.php?id=48 / Ajude a “vestir” a Cidade a preceito. Está prestes a começar a XVI Viagem Medieval. Santa Maria da Feira prepara-se para receber diariamente milhares de ...”.

a priori (lat.) (c. de 11 200 000 resultados, 14/01/14), à primeira vista; antecipadamente; aparentemente: “www.defnarede.com/a.html / Uma distinção entre modos de conhecimento. Conhecemos a priori uma dada proposição quando não recorremos à experiência para a conhecer. Por exemplo ...”. N. B.: Muitos dos 11 200 000 resultados referem-se a enunciados em língua inglesa.

à sorte (c. de 291 000 resultados, 17/01/14), sem organização; por acaso; sem rumo: “entretenimento.pt.msn.com/.../anibal-bruno-e-ruben-em-risco-de-sair?... / 10/10/2013 - Rúben foi nomeado à sorte. Na última volta de nomeações voltou a haver empate e Rute e Pedro voltaram a ser chamados para decidirem ...”. Expressões frequentes: “andar à sorte” (andar sem rumo); “fazer (tudo) à sorte” (fazer mal feito).

a toda a brida (c. de 55 200 resultados, 14/01/14), a toda a velocidade; apressadamente; a todo o gás: “coisaseoucenas.blogspot.com/.../o-pr-cavaco-no-funeral-de-mandela.htm... / 08/12/2013 - Vem tudo isto a propósito de uma petição que circula a toda a brida nas redes sociais e que se intitula qualquer coisa como “Não queremos ...”.

à turra e à massa (c. de 5 610 resultados, 14/01/14), em conflito; à bulha: “pararparapensar.blogs.sapo.pt/2007/07/10/07/2007 - Conta-se que numa fábrica reinava um mau ambiente de trabalho tal que as pessoas andavam sempre à “turra e à massa” e de dia para dia ...”.

a ver estrelas (c. de 216 000 resultados, 14/01/14), atordoado, geralmente depois de uma pancada: “www.dahervision.com/portu/moscas.htm / Se você já recebeu uma bolada no olho e passou a “ver estrelas”, talvez tenha experimentado a mesma sensação. Os clarões de luz podem se apresentar de ...”;

à vontade do freguês (c. de 112 000 resultados, 23/06/14), de acordo com a vontade de cada um: “Bicicletas à medida / Além de ser loja, a Build My Bike constrói bicicletas peça a peça, à vontade do freguês” (<http://timeout.sapo.pt/artigo.aspx?id=6644>).

abrir a boca (c. de 6 460 000 resultados, 15/01/14), falar; acusar/denunciar (alguém): “homemsemblogue.blogspot.com/2013/.../pensar-antes-de-abrir-boca.htm... / 08/02/2013 - pensar antes de abrir a boca. Durante muitos anos disse tudo aquilo que me vinha à cabeça. Não pensava. Tinha (e ainda tenho e ...)”.

abrir a torneira (c. de 392 000 resultados, 15/01/14), disponibilizar recursos abundantes; desperdiçar; abrir os cordões à bolsa: “Draghi promete abrir a torneira aos bancos e juros acalmam / O presidente do BCE admitiu hoje [23/09/2013] nova injeção de liquidez para os bancos da zona euro” (<http://www.portugalnews.pt/economia/draghi-promete-abrir-a-torneira-aos-bancos-e-juros-acalmam/>, título/frase destacada).

achar/encontrar uma agulha no palheiro (“achar uma agulha no palheiro”, c. de 42 000 resultados; “encontrar uma agulha no palheiro”, c. de 27 900 resultados; 15/01/14), ultrapassar uma grande dificuldade; resolver um grande problema: “books.google.pt/books?isbn=858847784X / J. J. Costa - 2009 - Aphorisms and apothegms / Quando estamos diante de um problema de difícil solução, podemos dizer: “É mais fácil achar uma agulha no palheiro do que resolver este problema!” “Amor ...”.

acima da linha de água (c. de 174 000 resultados, 15/01/14), numa situação não muito favorável mas melhor do que a traduzida pela expressão “abaixo da linha de água”: “www.noticiasao minuto.com/.../wall-street-fecha-ligeiramente-acima-da-li... / 26/07/2013 - A bolsa de Nova Iorque encerrou a sessão de hoje acima da linha de água, recuperando da abertura negativa, com o índice industrial Dow ...”.

acordar de cu/rabo para ar (“acordar de cu para o ar”, 2 resultados; “acordar de rabo para o ar”, 10 resultados; 15/01/14), acordar/estar mal disposto: “issuu.com/rmarao/docs/rm_1246/34 / Hoje, parece que

os senhores mercados voltaram a acordar de rabo para o ar. Os juro voltaram a subir, porque alguma coisa os indispos. O quê, não sei”.

ad libitum (lat.) (c. de 1 600 000 resultados, 23/06/14): “*Ad libitum* é uma expressão latina que significa “à vontade”, “a bel-prazer”, frequentemente abreviada para *ad lib.*” (http://pt.wikipedia.org/wiki/Ad_libitum). N.B.: O número elevado de resultados deve-se ao facto de a expressão *ad libitum* ocorrer em contextos não só de português mas também de língua estrangeira.

adiar para as calendas gregas (c. de 5 070 resultados, 15/01/14), adiar para data inexistente; adiar para o dia de S. Nunca à tarde: “Plano de resgate a Atenas adiado para as calendas gregas / 12/02/10 07:12 CET / A União Europeia rejeita adoptar um plano de resgate da economia grega, pelo menos para já.” (<http://pt.euronews.net/2010/02/12/plano-de-resgate-a-atenas-adiado-para-as-calendas-gregas/>, 26/01/11).

afogar as mágoas (c. de 501 000 resultados, 15/01/14), combater a tristeza, geralmente através da bebida: “*pensador.uol.com.br* › autores › Chafic Jbeili / Afogar as mágoas na bebida ou evitar encarar um problema é permanecer na escuridão e dar vida longa aos sofrimentos.... de Chafic Jbeili. Inserida por Chafic ...”.

afogar o ganso (c. de 326 000 resultados, 15/01/14), ter relações sexuais: “*expressoespopulares.wordpress.com/2010/03/.../afogar-o-ganso-a-orige.../11/03/2010-* A origem da expressão popular “afogar o ganso” deu-se por atos - repugnantos, diga-se de passagem - praticados por chineses, há um ...”.

agarrar a ocasião pelos cabelos (c. de 230 resultados, 15/01/14), aproveitar uma oportunidade; agarrar com unhas e dentes: “*joseluis-gr.blogspot.com/2008/01/o-folhetim-bcp-ii.html / 19/01/2008* - ... a seu gosto: «a ocasião faz o ladrão!» É preciso agarrar a ocasião pelos cabelos ou, como dizem os mais violentos, com unhas e dentes”.

agora/aqui é que a porca torce o rabo (“agora é que a porca torce o rabo”, c. de 33 400 resultados; “aqui é que a porca torce o rabo”, c. de 28 800 resultados; 15/01/14), chegada do momento crucial e difícil; agora é que são elas: “*www.lexiophiles.com/portugues/e-a-vaca-foi-para-o-brejo / 10/12/2009* - Se for a hora de tomar decisões importantes, principalmente em uma situação complicada, pode-se dizer: “Agora é que a porca torce o rabo”.

agora é que são elas (c. de 655 000 resultados, 15/01/14), chegada do momento crucial e difícil; agora/aqui é que a porca torce o rabo: “*pequenosgigantesb.blogspot.com/2013/12/agora-e-que-sao-elas.html / 10/12/2013* - Agora é que são elas! A Beatriz meteu-se em sarilhos. Deu um trambolhão e fraturou a clavícula. Resultado: não pode escrever. Cá está ela a ...”.

aguentar os cavalos (c. de 11 500 resultados, 17/01/14), esperar; ter paciência: “*linhaavancada.blogspot.com/.../bom-mas-quem-anda-mesmo-toa-e-o-da.../ 24/01/2011* - O Jesus [treinador do Benfica] tenta aguentar os cavalos, mas está difícil. David Luiz esta quase a bazar. É limpinho. A ovelha Xone vai pastar para outra freguesia”. Expressão frequente: “Aguenta aí os cavalos”.

ainda a procissão vai no adro (c. de 70 200 resultados, 17/01/14), algo que está ainda a começar: “*acoreseofutebol.blogspot.com/2013/08/ainda-procissao-vai-no-adro.html/12/08/2013* - Ainda a procissão vai no adro e muitos são os anunciados profetas da desgraça. No essencial, é isto: -O FC Porto está mais forte e provou-o”.

ajudar à festa (c. de 789 000 resultados, 17/01/14), contribuir: “*www.linguee.pt/portugues-ingles/traducao/ajudar+á+festa+.html / Seu Jorge traz na bagagem ritmos funk, soul, pop, samba, muito samba* e, para ajudar à festa, o músico faz-se acompanhar de uma banda com 4 elementos, ...”. N.B.: Por vezes, “ajudar à festa” significa contribuir de forma negativa, deitar achas para a fogueira.

ajuste de contas (c. de 1 050 000 resultados, 17/01/14), vingança; pedido de explicação: “Ajuste de contas causa três feridos” (JN, 30/05/08, 14, título).

alma gémea (c. de 136 000 resultados, 17/01/14), pessoa com quem nos relacionamos na perfeição e nos completa; o nosso outro “eu”: “*mulher.sapo.pt/amor-e-sexo/.../como-encontrar-a-sua-alma-gemea / Encontrar a alma gémea, no entanto, é difícil. Em primeiro lugar, porque consideramos que encontrar a tal pessoa especial é um objectivo a cumprir. Daqueles ...*”.

alto e bom som (c. de 3 590 000 resultados, 17/01/14), de forma clara, audível e sem receios: “*www.grandelata.com/video/ronaldo-ouviu-alto-e-bom-som...-/15016 / Na zona de entrevistas rápidas enquanto Ronaldo falava ouviu-se alto e em bom som: És MELHOR do MUNDO car*lho!*”.

alvo a abater (c. de 470 000 resultados, 17/01/14), coisa ou ser a combater ou exterminar: “*www.insignare.pt* › Escola de Hotelaria de Fátima › Reflexões / O Erro Ortográfico: um Alvo a Abater. Enquanto professora de Português, considero que este é um problema sério que afecta todos os sectores da nossa ...”.

amigo de Peniche (c. de 46 400 resultados, 17/01/14), amigo falso/desleal; amigo da onça: “*www.historiadeportugal.info* › História de Portugal / há 5 dias - Certamente que muitos conhecem a expressão

“O amigo de Peniche” que traduz nada mais nada menos que a existência de um amigo falso”. A expressão no plural (“amigos de Peniche”) é muito frequente (c. de 119 400 resultados, 17/01/14).

amigo do alheio (c. de 574 000 resultados, 17/01/14), pessoa desonesta; ladrão/vigarista: “tek.sapo.pt/.../perdeu_o_seu_telemovel_android_esta_aplicacao_133833... / 18/09/2013 - Se não sabe onde deixou o smartphone, ou se foi levado por algum "amigo do alheio", pode tentar recuperar o equipamento ou apagar a ...”.

andar à cata (c. de 35 800 resultados, 17/01/14), andar à procura, por vezes de forma dissimulada; andar à coca: “papakilometros.blogspot.com/.../o-resumo-desta-semanacomeca-pelo-fi... / 06/02/2013 - ... temos alguma força de vontade e muita muita lata...como todos juntos não temos nenhuma experiência de trail, nada como “andar à cata””.

andar à coca (c. de 8 390 resultados, 17/01/14), andar à procura, de forma dissimulada; andar à cata: “anauel.blogspot.com/2010/05/deviam-andar-coca-da-coca.html / 28/05/2010 - Deviam andar à coca da coca... Colombianos a serem roubados no hotel em Joanesburgo é obra! Colombianos! LOL, os eslovenos que se ...”.

andar a nove (c. de 2 450 resultados, 17/01/14), andar muito depressa/atarefado: “marafado.wordpress.com/2011/05/page/2/ 21/05/2011 - As ribeiras transbordaram selvagens, muitas inundações fizeram os bombeiros andar a nove e até o aeroporto internacional de Faro esteve ...”.

andar à toa (c. de 276 000 resultados, 28/03/14), andar desorientado/atrapalhado; andar/ver-se à nora: “viciosdeviagem.com/compras/suecia-flanando-por-estocolmo/ Como eu disse nos posts anteriores, Estocolmo é uma daquelas cidades onde o que mais tem pra fazer é andar à toa, sem muito compromisso. E assim foi o ...”.

andar ao deus dará/deus-dará (c. de 494 000 resultados, 17/01/14), andar sem rumo; andar à sorte: “orxeira-euportugues.blogspot.com/2013/06/ao-deus-dara.html / 20/06/2013 - “Ontem, pela manhã, eu saí para andar ao deus-dará, sem rumo, sem rua, sem propósito.”, “Portugal anda ao deus-dará. Podia enumerar ...”.

andar ao tia tem lume (c. de 8 060 000 resultados, 17/01/2014), andar a pedir a toda a gente coisas básicas: “portugues.free-ebooks.net/ebook/Eu-venci-o-cancro-da...e.../71 / Não vale a pena andarmos para aqui ao tia tem lume querida, vem ali uma Sr.^a voluntária. – Bom dia minha senhora, procuramos o departamento das análises ...”.

andar aos caídos (c. de 4 810 resultados, 17/01/14), estar numa situação fragilizada; viver à custa de esmolas: “https://pt-pt.facebook.com/apdrinternacionais/posts/548285888566671 / Eu acabei em 2001 e se não tivesse arranjado emprego 8 anos antes, para pagar o curso, bem podia, ainda hoje, andar aos caídos por aí...”.

andar aos gambozinos (c. de 7 250 resultados, 17/01/14), vaguear; andar desnortado: “https://educar.wordpress.com/2012/07/25/sobre-a-aposentada-dos-dacl-2/ / 25/07/2012 - Podem tirar o cavalinho da chuva, não vou andar aos gambozinos de uma para outra escola! “Chapéus há muitos seus palermas””.

andar de costa(s) ao alto (“andar de costa ao alto”, 6 resultados; “andar de costas ao alto”, 61 resultados; 17/01/14), não trabalhar; vadiar; andar de costas direitas: “01/05/2006 - 30 publicações - 9 autores / É pena serem os estrangeiros a tomar essa iniciativa, pois os tugas gostam é de andar de costas ao alto...”; “Preferem andar de costa ao alto, sobrevivendo com o rendimento mínimo ou com o subsídio do desemprego” (www.oamigodopovo.com/tioambrosio444.html).

andar de costas direitas (c. de 3 540 resultados, 17/01/14), andar a vadiar; não fazer nada; não dobrar a espinha; não ser um mouro de trabalho: “maisevora.blogspot.com/2012/.../transportes-publicos-sabias-que_7486.h... / 31/01/2012 - A Esquerda não concorda com isso, quer é andar de costas direitas. A reinvidicar, a reclamar, a grevar...e a comer bem!”.

andar de maço para cabaço (c. de 23 resultados, 17/01/14), andar de um lado para o outro; andar numa fona: “ferreirablog.blogs.sapo.pt/tag/nuno+crato / 29/06/2012 - ... sistemas absurdos de colocação, desrespeitando todas as regras básicas de justiça, obrigando professores a andar "de maço para cabaço””.

andar em cima de (alguém) (c. de 23 resultados, 17/01/14), vigiar/controlar (alguém): “simplesmente-lisa.blogspot.com/2012_12_01_archive.html / 01/12/2012 - Acho que já adiei o necessário para que parassem de andar em cima de mim sempre a perguntar o mesmo... Quero aprender surf {espero ...”.

andar na gandaia (c. de 9 210 resultados, 17/01/14), viver na ociosidade; andar na boa vida; vagabundear; andar de costas ao alto: “ancorasenefelibatas.wordpress.com/2012/11/23/prazeres/ 23/11/2012 - Numa passagem recente por casa em Portugal, e para não andar na gandaia por estragações, tabernas e restaurantes, indignando por via ...”.

andar na linha (c. de 587 000 resultados, 17/01/14), comportar-se bem; agir corretamente: “marafado.wordpress.com/2012/08/02/andar-na-linha/ 02/08/2012 - Se não queres perder o emprego, tens de andar na linha! – aconselhava um dia destes uma funcionária mais velha a outra, mais rebelde”.

andar/estar nos trinques (“andar nos trinques”, c. de 3 760 resultados; “estar nos trinques”, c. de 78 100 resultados; 17/01/14), andar/estar bem vestido; apresentar boa aparência; ter qualidade: “www.apagina.pt › Página › Arquivo de Edições Anteriores › N.º 131 / Dizia que já sofria muito à semana por ter de andar nos trinques. Afinal trabalhava na recepção de uma clínica de análises. Não podia descurar o look”.

andar numa fona (c. de 10 800 resultados, 17/01/14), andar muito atarefado; andar numa roda viva; andar num virote: “aventar.eu/2009/05/24/comeca-hoje/ 24/05/2009 - De norte a sul, ilhas incluídas, os candidatos aos lugares no Parlamento Europeu vão andar numa fona, a ver quem consegue enganar mais ...”.

andar sobre rodas (c. de 148 000 resultados, 17/01/14) / **correr sobre rodas** (c. de 42 000 resultados, 17/01/14) progredir; correr muito bem; correr às mil maravilhas: “menosumcarro.pt/.../10a-edicao-do-serralves-em-festa-vai-andar-sobre-r... / 11/04/2013 -10ª edição do Serralves em Festa vai andar sobre rodas. Faltam ainda dois meses, mas a 10.ª edição do Serralves em Festa já está em curso, ...”.

ao deus-dará (c. de 1 250 000 resultados, 17/01/14), abandonado; sem eira nem beira; sem rei nem roque; à sorte: “inguagista.blogs.sapo.pt/43853.html / 17/06/2011 - “A lei não tem sido cumprida, tem sido facilitada, tem sido administrada um bocado ao deus-dará”, defendeu o cardeal-patriarca de Lisboa no ..”. Expressão frequente: “andar ao deus dará/deus-dará”.

ao fim e ao cabo (c. de 1 500 000 resultados, 17/01/14), vendo bem; finalmente; de uma maneira ou de outra: “souportistacomorgulho.blogspot.com/.../miguel-sousa-tavares-ao-fim-e-a... / 29/10/2013 - Mas, ao fim e ao cabo, o que estas duas derrotas caseiras e consecutivas na Champions me deixaram foi uma sensação de inevitabilidade: ...”.

ao léu (c. de 252 000 resultados, 17/01/14), descoberto; nu; sem roupa: “www.humoregozijo.pt/.../foi-a-tv-mostrar-o-seu-talento-que-e-colocar-as... / 25/09/2013 - O inesperado aconteceu num programa de talentos! Uma concorrente foi mostrar o seu talento que é ... colocar as suas mamocas ao léu ...”.

ao raio x (c. de 311 000 resultados, 17/01/14), de forma pormenorizada; ao detalhe: “www.ecofinancas.com/termo/O%20Raio%20x / 06/01/2014 - Ver todas as Notícias relacionadas · A economia portuguesa ao Raio-X. Maio 17, 2013. Na próxima segunda-feira o DN abre espaço à análise ...”.

apanhado/a do clima (“apanhado do clima”, c. de 33 200 resultados; “apanhada do clima”, c. de 60 400 resultados; “apanhados do clima”, c. de 285 000 resultados; “apanhadas do clima”, c. de 358 resultados, 08/10/14), louco/a; maluco/a: “<https://pt-pt.facebook.com/gandalata/posts/543925572352938> / Esta gente é apanhada do clima... Maluqueira ao mais alto nível! Que malucos! Só podem bater mal da cabeça... Eu não fazia aquilo em plena revolução do Mar...”. N.B.: “Apanhados do Clima” é o título de um livro de Anita Ganeri, coleção “Geografia Horrível”, Publicações Europa-América, 1999 (publicação no Reino Unido) / 2002 (publicação em Portugal).

apanhar (alguém) com a boca na botija (c. de 8 970 resultados, 17/01/14), apanhar alguém a cometer uma infração; apanhar alguém em flagrante delito: “www.padrejulio.net/radio/cunhas.htm / Segundo o que consta o presidente do PENAFIEL, terá passado um cheque de 2 mil e tal contos a este árbitro para o apanhar com a boca na botija”.

apanhar ar (c. de 24 800 resultados, 17/01/14), sair; fazer uma pausa; passear: “dilemmasanddelusionslife.blogspot.com/2012/01/vou-apanhar-ar.html / 14/01/2012 - Vou apanhar ar. Estou com ar cansado! Disseram-me agora! Vou fazer umas compras ao Continente e espairecer a mente...”.

apanhar o comboio (c. de 297 000 resultados, 17/01/14), recuperar do atraso; conseguir pôr-se ao mesmo nível; conseguir os objetivos: “www.fchsh.unl.pt/cadeiras/ciberjornalismo/ciber2000/.../main_governo.ht... / Apanhar o comboio da comunicação “Criar uma ponte para a sociedade do conhecimento, investir na juventude e combater a info-exclusão são alguns dos ...”.

apanhar por tabela (c. de 29 800 resultados, 17/01/14), ser prejudicado; sofrer as consequências por uma falta cometida por outrem: “https://pt-br.facebook.com/permalink.php?story_fbid... / Esta história dos subsídios ainda vai dar pano para mangas. Antes só afectava o sector público, agora cheira-me que vão todos apanhar por tabela”.

apanhar um bico (28 resultados, 17/01/14), embebedar-se; apanhar uma borracheira: “www.lusofonias.net/doc_download/637-atas-2010-braganca.html / 02/10/2010 - apanhar um bico apanhar uma leve bebedeira; estar bicudo estar embriagado; apanhar uma cegonha; cercar galinhas; ir com uma grande ...”. Vd. *Revista Lusitana* XXIV, p. 256.

apertar os calos (a alguém) (c. de 27 700 resultados, 17/01/14), ameaçar; repreender fortemente; agredir: “protouro.wordpress.com/.../em-tempo-de-crise-borba-quer-remodelar-pr... / 20/09/2013 - Despedimentos, cortes em todos os sectores, alta taxa de desemprego, pessoas a passarem fome, troika a apertar os calos e a exigir mais ...”.

apertar os colarinhos (a alguém) (c. de 509 resultados, 17/01/14), ameaçar; agredir; apertar os calos: “arrastao.org/2697031.html?thread=59906887 / 28/11/2012 - Abandonar o memorando, sodomizar a

troika...o PCP/BE, socializar a economia, nacionaliza-la...apertar os colarinhos à Europa...A esquerda ...”.

aqui há gato (c. de 638 000 resultados, 04/03/14), Aqui há algo de suspeito: “*forum.autohoje.com* › Autohoje Fórum › OFF Topic / 27/03/2011 - 30 publicações - 21 autores / [...] como é que é possível o candidato mais fraquinho ter ganho as eleições? aqui há gato!”.

aquilo com que se compram os melões (c. de 17 900 resultados, 01/03/14), o dinheiro: “O dinheiro, diz a sabedoria popular, é aquilo com que se compram os melões. E também os livros e outros bens do espírito, Senhor Primeiro-Ministro, que, nestes particulares da cultura, tem andado bastante distraído. Para nosso mal.” (<http://caderno.josesaramago.org/14756.html>).

areia a mais para a minha/tua... camioneta (“areia a mais para a minha camioneta”, c. de 8 430 resultados, 04/03/14), excesso de exigências para a minha/tua... capacidade: “21 publicações - 8 autores - Última mensagem: 16 Set 2010 Areia a mais para a minha camioneta e tenho a impressão que me vai sair caro (quando a esmola é grande ...). (http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&rlz=1R2SUNC_ptPTPT375&q=%22areia+a+mais+para+a+minha+camioneta%22&aq=f&aql=&aq=&gs_rfai=)).

armado até aos dentes (c. de 233 000 resultados, 04/03/14), muito protegido; muito bem preparado para o combate: “domingo, Setembro 22, 2013 / O direito de o cidadão comum andar armado até aos dentes se assim lhe der na real gana / Quando 13 pessoas morreram vítimas de um tiroteio em Washington, DC, na passada segunda-feira, a história correu globo e foi notícia de primeira página” (<http://fantasticomelga.blogspot.pt/2013/09/o-direito-de-o-cidadao-comum-andar.html>).

armar barraca (c. de 4 310 resultados, 05/03/14), criar confusão; armar banzé: “www.superbraga.com/forum/index.php?topic=3382.90;wap2 / 29/07/2007 - Eu já estava a ver que, para variar, os Red Boys iam armar barraca. É que parece que há lá elementos que "minam" por completo a claque”.

armar-se aos cágados (c. de 2 370 resultados, 05/03/14), envaidecer-se; tomar atitudes inconvenientes; armar-se aos cucos; armar-se em carapau de corrida: “Já *se* considera a Cláudia Shiffer lá do pedaço!!! E bota a *armar-se aos cágados* lá pá malta... Mas até aqui, tudo bem, tanto que presunção e água benta cada...paredepublica.blog.com/2007/8/” (<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=armar-se+aos+c%C3%A1gados&start=40&sa=N>).

armar-se em carapau de corrida (c. de 2 550 resultados, 05/03/14), envaidecer-se; julgar-se superior; armar-se aos cágados; armar-se aos cucos: “Só porque ganhou mais de dois milhões de votos e não *se* ajeita com os telemóveis, não vai *armar-se* agora em *carapau de corrida*. O respeitinho é muito bonito...” (<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=armar-se+em+carapau+de+corrida&start=50&sa=N>).

arrancar a ferros (c. de 8 960 resultados, 05/03/14), conseguir com muito esforço: “www.lemansportugal.com/toyota-deixa-fugir-vitoria-em-xangai-rui-agua... / 09/11/2013 - As 6 Horas de Xangai viram a Audi arrancar a ferros uma vitória que parecia destinada à Toyota. A marca nipónica dominou a etapa chinesa ...”.

arrastar a asa (c. de 98 800 resultados, 05/03/14), seduzir; cortejar; namorar: “salgueirodocampo.planetaclix.pt/casamento.htm / Os bailes, os passeios na estrada e, há bastantes anos, as idas à fonte, eram os locais preferidos pelos rapazes começarem a «arrastar a asa» às raparigas ...”.

arrear/arriar a giga (calão) (“arrear a giga”, c. de 2 290 resultados / “arriar a giga”, c. 3 570 resultados, 18/01/14), desabafar; insultar; obrar; defecar; arrear o calhau (calão): “charquinho.blogs.sapo.pt/492109.html / 28/05/2007 - Porque não tem papas na língua no momento de arriar a giga e o seu espaço reflecte uma preocupação com os temas enquadráveis no ...”; “kedasbike.blogspot.com/2012/02/25-02-2012-rescaldo-dar-r80.html / 26/02/2012 - Deu-lhe uma pressinha e teve de ir arriar a giga. Escolheu o café em vez de deixar a bike no trilho e arriar a giga no monte. Nós ao passar ...”.

arrear/arriar o calhau (calão) (“arrear o calhau”, c. de 91 100 resultados / “arriar o calhau”, c. de 38 000, 05/03/14), obrar; defecar; arrear/arriar a giga (calão): “Hoje fui *arrear o calhau*! As vezes um tipo não tem hipóteses e tem mesmo que ir as famosas casas de banho públicas, esta até nem estava muito má...” (http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=arrear+o+calhau&meta=&aq=f&aq=&gs_rfai=).

arrotar postas de pescada (c. de 97 600 resultados, 05/03/14), ser vaidoso; vangloriar-se: “Vem para aqui dizer asneiras e dar pontapés na gramática, *arrotar postas de pescada* sobre História da Arte, dar lições sobre democracia na internet...” (<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=arrotar+postas+de+pescada&start=50&sa=N>). Vd. *Revista Lusitana* XV, 84).

as paredes têm ouvidos (c. de 121 000 resultados, 05/03/14), É necessário redobrar os cuidados, não falando ou falando muito baixo: “umameiavolta.blogspot.com/2014/02/as-paredes-tem-ouvidos.html / 08/02/2014 - as paredes têm ouvidos. Têm de ter. Ou pelo menos é verdade que guardam segredos. Das coisas que acontecem, em determinados ...”.

às prestações (c. de 699 000 resultados, 05/03/14), aos bocados; a conta gotas: “www.makeup-looks-da-

ines.com/2011/10/bom-fim-de-semana-e.html / 22/10/2011 - (Ah e nos próximos dias prometo também deixar as respostas aos comentários todas certinhas, isto só se tem conseguido fazer às prestações ...”.

às três pancadas (c. de 146 000 resultados, 05/03/14), de forma grosseira e apressada; atabalhoadamente; em cima do joelho: “corporacoes.blogspot.com/2012/10/as-tres-pancadas.html / 20/10/2012 - Assim, chegamos a um Orçamento em que ninguém acredita, elaborado às três pancadas, entre avanços e recuos, onde sobressaíram ...”.

assentar como uma luva (c. de 39 200 resultados, 03/03/14), adaptar-se; condizer na perfeição: “caderno.josesaramago.org/60364.html / Diz o refrão que não há bem que sempre dure nem mal que ature, o que vem assentar como uma luva no trabalho de escrita que acaba aqui e em quem o fez.”

assentar que nem uma luva (c. de 27 000 resultados, 03/03/14), adaptar-se muito bem; condizer na perfeição; assentar melhor do que uma luva: “mulher.sapo.cv/moda.../os-jeans-perfeitos-para-o-seu-5243-0.html / Um par de calças de ganga se for verdadeiramente bom pode durar vários anos e se lhe assentar que nem uma luva é um investimento perfeito”.

assinar por baixo (c. de 149 000 resultados, 05/03/14), concordar; subscrever: “pauparatodaobra.blogs.sapo.pt/3776737.html / 18/12/2009 - Um texto imperdível de uma franqueza realista e verdadeira. A minha satisfação pela sua leitura leva-me a assinar por baixo”.

atar as mãos à cabeça (c. de 111 resultados, 03/03/14), ficar desesperado: “cdspbraga.blogspot.com/.../declaracao-politica-capital-europeia-da.htm... / 06/03/2012 - ... os parceiros europeus iriam certamente atar as mão à cabeça, e não compreenderiam a desorientação em que a cidade bimilenária [Braga] vive”.

até ao tutano (c. de 252 000 resultados, 05/03/14), intensamente; na totalidade; até à raiz dos cabelos: “PS e PSD sugam até ao tutano os mais frágeis” (Helóisa Apolónia, PEV, na Assembleia da República, <http://videos.sapo.pt/aQr4SO4PwI6Y6jPmmzhQ>, 30/04/10. Duração do vídeo: 00:41).

atirar à cara (c. de 90 900 resultados, 05/03/14), acusar; denunciar; criticar; lançar à cara: “inagist.com/all/430405645607530496 / 03/02/2014 - O twitter só mudou para me atirar à cara que até ele evolui e eu não by stevesemjob 430405645607530496.”

atirar o barro à parede (c. de 62 900 resultados, 07/03/14 / “lançar o barro à parede”, c. de 15 800, 07/03/14), arriscar sem grande preparação; tentar a sorte; lançar o barro à parede: “umjeitomanso.blogspot.com/.../o-vitor-gaspar-diz-que-ha-um-desvio.ht... / 25/10/2012 - O Mota Soares queria diminuir o subsídio de desemprego, depois veio dizer que estava só a atirar o barro à parede, para ver se distraía o ...”.

atirar para trás das costas (c. de 10 100 resultados, 08/03/14), esquecer; menosprezar; desvalorizar; deitar/lançar para trás das costas: “www.natiris.pt/index.php?option=com_content&view... / Contudo a depressão não é um problema passageiro que possamos atirar para trás das costas: a pessoa que sofre de depressão não tem sequer força para ...”.

atirar pérolas a porcos (c. de 17 100 resultados, 08/03/14), dar algo de valioso a alguém que não merece ou valoriza; deitar/lançar pérolas a porcos: “pedrorobertomonteiro.blogspot.com/2011/01/eita-gente-burra.html / de Pedro Roberto Monteiro - em 28 círculos do Google+ / 25/01/2011 - Não dá para atirar pérolas a porcos mesmo! Não adianta falar "bonito" para as pessoas que nada entendem, pessoas assim distorcem todo ...”.

atirar-se a (alguém) (c. de 733 000 resultados, 10/03/14), tentar seduzir ou tentar agredir: “marianageraldesmessederferreira.blogspot.com/.../gota-de-agua-ela-atirar.../ 20/01/2011 - Quando ela viu que no emprego já tinham visto este... A gota de água, ela a atirar-se ao meu namorado! A atirar-se a outras... Diz-me que não ...”; “sol.sapo.pt/inicio/Opinioao/interior.aspx?content_id=78825&opiniao... / 01/07/2013 - ... institucionalistas e nunca tinham atacado directamente um Presidente da República – começaram a atirar-se a Cavaco como gato a bofe”.

azedo como rabo de gato (c. de 133 resultados, 10/03/14), muito azedo/amargo: “luradogriilo.blogspot.com/2012/10/cha-de-marcelos.html / 01/10/2012 - Dizia-se que o chá era excelente para o estômago apesar de ser azedo como rabo de gato. Agora ao Domingo temos os chás passados pelo ...”.

baixar a fasquia (c. de 139 000 resultados, 10/03/14), diminuir o grau de exigência ou dificuldade: “desporto.sapo.pt/futebol/liga.../_n_o_h_que_baixar_a_fasquia_.html / 10/03/2013 - «Não há que baixar a fasquia», disse Mourinho aos seus jogadores, depois dos encontros de 'alto nível' ante o Barcelona e o Manchester ...”.

batalha campal (c. de 120 000 resultados, 10/03/14), batalha/confronto geralmente desorganizado, envolvendo muitas pessoas: “www.telanon.info/.../batalha-campal-no-jogo-entre-a-udescai-de-agua-iz... / 08/07/2013 - Mas o apito do árbitro assinalando a marca da grande penalidade pôs fim ao desafio de futebol, e deu lugar a uma batalha campal”.

bater com a cabeça na parede (c. de 117 000 resultados, 10/03/14), confrontar-se com uma dificuldade; falhar; não ser bem sucedido: “www.gmrtv.pt/index.php?...bater-com-a-cabeca-na-parede... / 02/02/2013 - Ninguém aprende sem bater com a cabeça na parede, somos uma equipa jovem e vamos continuar a evoluir”, concluiu o defesa [Alex] do Vitória [de Guimarães]”.

bater com a língua nos dentes (c. de 47 100 resultados, 10/03/14) denunciar; não guardar segredo; dar com a língua nos dentes: “derrotarmontanhas.blogspot.com/2013/12/era-uma-vez.html / 17/12/2013 -Vocês depois entendem-se! O que tens que prometer-me é que não vais bater com a língua nos dentes. Deixa-o lá ficar com a história assim”.

bater coro/couro (“bater coro”, c. de 4 190 resultados / “bater couro”, c. de 5 390 resultados, 10/03/14), conquistar; cantar um fadinho: “i_h8_it.blogs.sapo.pt/1046.html / 13/02/2010 - Para quem não sabe 'bater coro' é o que os rapazes fazem para conquistarem uma rapariga e terem-na na palma da sua mão. Eles 'batem o ...”.

bater na mesma tecla (c. de 394 000 resultados, 11/03/14), repetir; dizer sempre a mesma coisa; insistir: “eachdroppedtear.blogspot.com/.../bater-na-mesma-tecla-nao-da-mais.htm.../ 29/10/2012 -Bater na mesma tecla não dá mais. “A internet tem esse grande paradoxo, aproxima quem está longe e afasta quem está perto.”.

bater no ceguinho (c. de 158 000 resultados, 11/03/14), atacar/criticar alguém indefeso: “www.fcporto24.pt/rubrica.php?rubrica=9&id=2028 / 28/05/2013 - Não gosto muito de bater no ceguinho. Aliás, acho que ninguém gosta. A não ser que o ceguinho seja benfiquista. Ai, levanto o cachecol do ...”.

bater no peito (c. de 77 200 resultados, 11/03/14), arrepender-se; vangloriar-se; jurar insistentemente mas de forma pouco sincera; fazer promessas: “www.maxima.xl.pt/.../13842-consegue-resistir-à-tentação.html?showall... / Bater no peito: muitas vezes os homens necessitam de exibir-se à mulher. Estes gestos de 'bater no peito' podem ser óbvios – comportamento exuberante e ...”.

batismo/batismo de fogo (“batismo de fogo”, c. de 157 000 resultados, 10/03/14), início exigente: “blogueforanadaevaotres.blogspot.com/.../guin-6374-p3350-o-meu-bapti... / 24/10/2008 - Como tinha prometido estou a enviar-vos a estória do meu embarque para a Guiné, o meu batismo de fogo, e também algumas fotografias ...”.

bem de primeira necessidade (c. de 81 300 resultados, 11/03/14), algo essencial para a vida das pessoas: “amigodeisrael.blogspot.com/2013/11/bem-de-primeira-necessidade.html / 22/11/2013 - Para todos os nossos leitores, amigos e inimigos, votos de um bom fim-de-semana, com muita paz - esse bem de primeira necessidade a que ...”.

bola de neve (c. de 30 700 000 resultados, 11/03/14), problema que tem aumentado e tem tendência a aumentar: “algarvehojenews.wordpress.com/ há 9 horas - ... e económico – dezenas de milhares de desempregados, centenas de falências de empresas, a fome e a miséria alastra como bola de neve, ...”.

bom/boa como o milho (“boa como o milho”, c. de 1 250 000 resultados, 18/01/14), muito bom; muito bem feito: “[Ser boa como o milho] Usa-se esse termo em Portugal para dizer que a gaja é muito gostosa. O mesmo que dizer no Brasil "és boa para cacete". Agora, o porquê de insinuar que o milho é tão bom assim eu não entendo e exactamente porque não aprecio muito o cereal” (https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080731153135AAytuNz).

bom garfo (c. de 52 800 resultados, 11/03/14), pessoa que gosta de comer bem: “www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/.../lino-bom-garfo-abre-festival / ... Públicas, Mário Lino, convidado de honra na inauguração oficial do 28º Festival Nacional de Gastronomia de Santarém, confessou ontem ser "um bom garfo”.

bota abaixo (c. de 60 800 resultados, 14/03/14), fazer críticas destrutivas; dizer sempre mal; deita abaixo: “serbenfiquista.com › ... › Sport Lisboa e Benfica › Geral / 18/09/2006 - Hoje é uma segunda-feira MARAVILHOSA, pois além do BENFICA ter ganho, os profetas do mal dizer OU BOTA-ABAIXO estão escondidos ...”.

busilis(lat.) /busilis da questão (c. de 25 500 resultados, 11/03/14), aspeto fundamental; ponto crítico; dificuldade extrema: “arrastao.org/2606159.html?thread=57193551 / 27/08/2012 - Este é que é, para mim, o grande busilis da questão que leva um governo coligado a aspirar a ir mais além do que o Memorando Da Troika ...”.

cabeça de alho chocho/ cabeça-de-alho-chocho (c. de 48 500 resultados, 11/03/14), pessoa leviana/sem juízo/ignorante; cabeça de vento; cabeça no ar: “estrumpfina.blogspot.com/2010/02/cabeça-de-alho-chocho.html / 05/02/2010 - Cabeça de alho chocho. Já me tinha apercebido que a minha cabeça está quase a dar o berro. Ando stressada, não consigo manter as ...”.

cabeça de vento/cabeça-de-vento (c. de 1 140 000 resultados, 11/03/14), pessoa leviana/sem juízo/ignorante; cabeça de alho chocho; cabeça no ar: “lounge.obviousmag.org/radar/2013/03/sara_osorio_2013.html / 07/03/2013 - Sou uma cabeça cheia de

projectos. Ao mesmo tempo, uma cabeça de vento que tem tendências para vaguear pela imaginação. Juntando ...". N.B.: "Cabeça de vento" é título de um livro de Meg Cabot (2008) e de uma canção da fadista Carminho (disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=UxgY2-TCIE&feature=kp>, visualizado em 11/03/14).

cabeça no ar/cabeça-no-ar (c. de 325 000 resultados, 11/03/14), pessoa leviana/sem juízo/ignorante; cabeça de alho chocho; cabeça de vento: "www.almedina.net/catalog/product_info.php?products_id=23664 / Será ela uma cientista em potência, ou simplesmente uma cabeça-no-ar? Com a ajuda da professora, e de um diário muito especial, a Maria vai descobrir que ...". N.B.: "Cabeça-no-ar", título de um livro de Barbara Esham (2014).

cada tiro cada melro (c. de 108 000 resultados, 14/03/14), pontaria certa; efeito imediato; ironicamente, a cada intervenção/atitude corresponde um problema; série de asneiras; cada cavadela cada minhoca: "A descida dos salários e o Cavaco [presidente da República Portuguesa]: cada tiro cada melro / sábado, Novembro 19, 2011 / O total da riqueza produzida num país num ano denomina-se por Produto Interno Bruto, o famoso PIB" (<http://economicofinanceiro.blogspot.pt/2011/11/descida-dos-salarios-e-o-cavaco-cada.html>. Título/texto).

cada tiro cada melro, cada cavadela cada minhoca (c. de 5 910 resultados, 14/03/14), pontaria certa; ironicamente, a cada intervenção/atitude corresponde um problema; série de asneiras: "www.petiscos.com/smf/index.php?topic=10096.5;wap2 / fogo belinha... as tuas receitas são cada tiro cada melro cada cavadela cada minhoca. Não há uma que não se aproveite. Assim não vou aguentar a dieta muito ...".

cair das nuvens (c. de 65 600 resultados, 14/03/14), espantar-se; surpreender-se; acontecer inesperadamente: "Vasco Graça Moura condecorado com Grã Cruz da Ordem de... / <https://www.iol.pt/push/iol-push...da.../1533730-6182.html> / 31/01/2014 - ... com uma «homenagem tão gratificante» para o seu ego e «tão excessiva em si mesma», que o fez sentir-se «a cair das nuvens». N.B.: No *Google*, surge frequentemente a frase "Não te irrites se te pagarem mal um benefício: antes cair das nuvens que de um terceiro andar" (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*).

cair de paraquedas (c. de 71 800 resultados, 23/10/14), aparecer/surgir de forma inesperada; estar descontextualizado; ser confrontado com uma situação e não estar preparado para lidar com ela: "abombocamaisgostosa.blogspot.com/2013/02/cair-de-paraquedas.html/25/02/2013- Cair de paraquedas. Num sítio onde não conhecemos ninguém, não conhecemos a empresa, não sabemos ao certo o que é para fazer, mas ...".

cair em graça (c. de 57 200 resultados, 14/03/14), ser bem aceite; cair no goto: "fotostretaseletras.blogspot.com/.../mais-vale-cair-em-graca-do-que-ser.ht... / 28/03/2011 - Para cair em graça não precisa de ser engraçado, é uma questão de sorte, e quem a tem, que a aproveite". Provérbio: "Mais vale cair em graça do que ser engraçado".

cair em mim/ti/si ("cair em mim", c. de 298 000 resultados / "cair em ti", c. de 34 900 resultados / "cair em si", c. de 36 500, 14/03/14), tomar consciência: "revelame.wordpress.com/tag/pai/ / 24/01/2014 - E aí me fez cair em mim e pensar: Meu Deus!? Eu não te amo como deveria! E parece errado dizer isso, mas só nos libertamos com a verdade ...".

cair na esparrela (c. de 144 000 resultados, 14/03/14), ser enganado; cair como um patinho; cair que nem um patinho: "Porque é tão fácil cair na esparrela da astrologia? A astrologia é um disparate (mas é tão fácil acreditar nela). livroseoutrasmanias.blogs.sapo.pt. Há uns anos ...".

cair na modorra (c. de 715 resultados, 14/03/14), estar com grande sonolência; tornar-se monótono/preguiçoso: "tertuliabenfiquista.blogs.sapo.pt/688552.html?page=3 / Depois de um início algo prometedor, o jogo voltou a cair na modorra da primeira parte, e foi preciso mais um rasgo do Rui Costa (após um bom trabalho do ...".

cair nas graças (de alguém) (c. de 375 000 resultados, 14/03/14), ser apreciado/bem visto (por alguém); cair no goto (de alguém): "Livro Gaspar na Festa do Avante? Sim, a reboque de Chico Buarque / [...] Maria João Avillez conseguiu aquilo que muitos ansiavam: descortinar a personalidade do antigo ministro das Finanças. Vítor Gaspar é nome e personagem principal do livro da jornalista , e são várias as revelações feitas pelo antigo governante que, durante os dois anos na pasta das Finanças, não conseguiu cair nas graças da maioria dos portugueses. Uma das causas? O seu humor, talvez". (http://www.noticiasaominuto.com/politica/173104/gaspar-na-festa-do-avante-sim-a-reboque-de-chico-buarque#.UyLj8j9_vws).

cair nos braços de Morfeu (c. de 50 600 resultados, 14/03/14), adormecer; ter uma boa noite de sono: "www.conversasdabola.com/.../italia-mexico-para-adormecer-e-tiki.html / 18/06/2013 -Depois do Brasil-Japão, levamos com esta seca do Itália-México, no qual poucos resistiram a não cair nos braços de Morfeu. O

ritmo foi tão ...". N.B.: Expressão frequente no Português do Brasil.

cair por terra (c. de 815 000 resultados, 14/03/14), desaparecer; perder-se a oportunidade: "Beber café hidrata tanto quanto ingerir água, diz estudo / Por O Meu Bem Estar | em Janeiro 13, 2014 | O Comentários / O efeito diurético da cafeína é equilibrado pela quantidade de água que a bebida em si contém, explica um estudo, deixando cair por terra uma crença antiga." (<http://omeubemestar.com/2014/01/13/beber-cafe-hidrata-tanto-quanto-ingerir-agua-diz-estudo-19168>).

cair que nem ginjas (c. de 5 510 resultados, 14/03/14), ser ótimo; vir muito a propósito; calhar que nem ginjas: "donadecasa.blogs.sapo.pt/2008/08/27/ 27/08/2008 - E os meus infantes foram para o Algarve com o tio, a namorada e a filha da mesma, dez diazitos que lhes iam cair que nem ginjas... ao sétimo ...".

caixa/caixinha de surpresas ("caixa de surpresas", c. de 66 400 resultados; "caixinha de surpresas", c. de 2 310 000 resultados, 14/03/14), fonte/origem de surpresas/imprevistos: "kdfrases.com/frase/95742 / Ana Carolina - A vida é uma caixinha de surpresas, não discordo; mas olha só que ironia gostosa: a minha vem com brinde!".

calhar que nem ginjas (c. de 161 resultados, 14/04/14), ser ótimo; vir muito a propósito: "www.clubekmpportugal.com › Encontros / Passeios › Passeios / 24/10/2011 - 7 publicações - 4 autores / Sim o baile depois do passeio vai calhar que nem ginjas e eu pelo meio entre o passeio e o baile ainda tenho uma festa de anos, vai ser um ...".

cana rachada (c. de 10 200 resultados, 14/03/14), pessoa que canta muito mal: "coisasimplesepequenas.blogspot.com/2008/08/voz-de-cana-rachada.html / 18/08/2008 - Para quem utiliza a voz como instrumento principal de trabalho, estar rouca e com voz de cana rachada não é a melhor forma de começar a ...".

cantar de galo (c. de 451 000 resultados, 14/03/14), vangloriar-se; julgar-se superior; sair vencedor; levantar a crista: "www.slbenfica.pt/.../Gil-Vicente-Benfica-Aguia-quer-sair-do-Minho-a-ca.../ 01/02/2014 - 17.ª jornada da Liga portuguesa. Gil Vicente – Benfica: Águia quer sair do Minho a cantar de galo. Por norma, as deslocações a Barcelos não ...".

cantar o/um fadinho ("cantar o fadinho", c. de 545 resultados; "cantar um fadinho", c. de 17 800 resultados, 14/03/14), seduzir; tentar convencer de forma sedutora: "oaobarbeita.blogspot.com/.../ao-correr-da-com-pena-poema-de-vicoso.h... / 27/11/2013 - Te vão cantar o "fadinho", Par chegar ao poleiro. Farão tudo p´ra que votes. Mas depois, sem que tu notes, Passam logo a sacudir. A água dos...".

cara de enterro (c. de 87 700 resultados, 14/03/14), semblante muito triste/carregado: "humor.bizzarru.com/2013/01/ronaldo-fez-cara-de-enterro-pela.html / 07/01/2013 - Ronaldo fez cara de enterro pela segunda vez. Tal como aconteceu na eleição de Andrés Iniesta para melhor jogador Europeu, Cristiano ...".

cara de poucos amigos (c. de 1 540 000 resultados, 19/09/14), semblante carregado e hostil; cara de pau: "confira.info/.../britney-spears-faz-cara-de-poucos-amigos-ao-deixar-dent... / 30/03/2013 -Britney Spears [cantora] faz cara de poucos amigos ao deixar dentista. in Famosos. Britney Spears já foi conhecida como a garota do sorriso de dez...".

N.B.: Expressões frequentes: "fazer cara de poucos amigos", c. de 66 200 resultados; "ter cara de poucos amigos", c. de 314 000 resultados, 19/09/14.

cara metade (c. de 911 000 resultados, 14/03/14), a outra pessoa de um par; o(a) namorado(a)/marido (esposa): "https://pt-pt.facebook.com/pages/A...Cara-Metade/147149522010648 / A minha Cara Metade. 119 gostos. Todo ser humano vive em busca da sua cara-metade, e em algum lugar sabemos que ele existe. Por mais que passe o ...".

carimbar o passaporte (c. de 313 000 resultados, 14/03/14): conseguir; ter acesso a; ser apurado (no domínio desportivo): "www.lexico.pt/carimbar/ O selecionador nacional, Paulo Bento, revelou que deixará o cargo se Portugal não conseguir, esta terça-feira, eliminar a Suécia e carimbar o passaporte para ...".

carpe diem (lat.) (c. de 6 230 000 resultados, 14/03/14), aproveita o momento presente; goza a vida: "www.mundodse.com/2011/07/filosofia-carpe-diem.html / Olá amigos leitores, hoje vou falar sobre algo que vocês provavelmente já ouviram por ai, o que é? Carpe diem, isso mesmo hoje vamos falar sobre viver a vida".

carradas de razão (c. de 230 000 resultados, 14/03/14), muitíssima razão: "https://groups.google.com/d/topic/pt.soc.politica/i2OWYDIpEBw / A Ministra tem carradas de razão, André Rafael, 5/31/06 11:46 AM. "A ministra da Educação, Maria de Lurdes Rodrigues, culpou os professores pelo insucesso ...".

carregar baterias (c. de 55 900 resultados, 14/03/14), abastecer; recuperar; receber energias: "www.zmar.eu › CAMPANHAS / Atreva-se a Carregar Baterias. O inverno acabou com as suas baterias? Sente-se cansado e sem energia? Volte a sorrir porque temos o remédio para si!".

casa da mãe Joana (c. de 400 000 resultados, 14/03/14), lugar onde vale tudo; lugar onde cada um faz o

- que quer; lugar de má fama: “terça-feira, 14 de janeiro de 2014 / Alemanha não é ‘casa da mãe Joana’ para imigrantes / Nem tudo são rosas para os trabalhadores imigrados na Alemanha, apesar de se reconhecer que contribuem para a economia do país” (<http://contra-facciao.blogspot.pt/2014/01/alemanha-nao-e-casa-da-mae-joana-para.html>). N.B.: Vd. Pratt, 1914: 132.
- casadinho da silva** (c. de 1 640 resultados, 14/03/14), verdadeiramente casado: “xactor.blogspot.com/2007/11/casadinho-da-silva.html / 16/11/2007 - É...e não é que me casei mesmo! Casadinho da silva de papel passado hahahahaha. Primeiro post de um Chefe de Família...”.
- cautela e caldos de galinha** (c. de 121 000 resultados, 28/03/14), muito cuidado e ponderação: “Troika Saida à irlandesa exige ‘cautela e caldos de galinha’ / A três meses da decisão ‘saida à irlandesa ou cautelar?’, sociais-democratas dão a conhecer o seu parecer: é preciso cautela” (http://www.noticiasao minuto.com/economia/174262/saida-a-irlandesa-exige-cautela-e-caldos-de-galinha,titulo/frase_destacada).
- cavar a própria sepultura** (c. de 2 190 resultados, 21/03/14), agir de forma a provocar o próprio fracasso: “<https://books.google.pt/books?isbn=9722046519> / Maria Teresa Horta - 2011 / Por outro lado, D. Leonor mais parece cavar a própria sepultura, excessivamente imaginosa, excessivamente ousada, excessivamente ambiciosa, determinada ...”.
- chamar à pedra** (c. de 178 000 resultados, 28/03/14), chamar à responsabilidade; chamar a capítulo; pedir contas: “www.forumscp.com > ... > Direção, SAD e Órgãos Sociais / 03/06/2013 - 20 publicações / O processo será provavelmente doloroso mas essencial. Esperemos que seja possível chamar à pedra todos estes filhos de uma égua que se ...”.
- chamar-lhe um figo** (c. de 9 270 resultados, 28/03/14), comer sofregamente algo que se considera delicioso; apreciar muito alguma coisa: “cenasdegaja.blogs.sapo.pt/117174.html?thread=48180918 / 29/08/2007 - Mas tenho a certeza que se um tuga lhes caísse na sopa, iam chamar-lhe um figo! Também conheço muitas portuguesas, e posso dizer-te que ...”.
- chão que deu uvas** (c. de 205 000 resultados, 28/03/14), algo que deixou de ser rentável: “lyricstranslate.com > Phrases > Portuguese / 05/01/2014 - «Este retrato esforçado do suposto apoio popular ao poder regional já foi chão que deu uvas. Está esgotado e é uma imagem esbatida das ...”. Expressão frequente: “chão que já deu uvas” (c. de 51 100 resultados, 28/03/14).
- chegar a bom porto** (c. de 157 000 resultados, 28/03/14), terminar com sucesso uma ação: “desporto.sapo.pt/futebol/.../do_quase_morrer_na_praia_ao_cheg.html / 17/08/2012 - O Estoril Praia, clube da Linha de Cascais, soube ser paciente, remar contra a maré, de forma a não morrer na praia e chegar a bom porto”.
- chegar a vias de facto** (c. de 68 000 resultados, 28/03/14), agredir; confrontar: “pantominocracia.blogspot.com/.../deputados-quase-chegam-vias-de-facto... / 10/03/2013 - ... assembleia, sempre capaz de nos proporcionar ótimos momentos de lazer. Neste caso, havia vontade de chegar a vias de facto, mas lá fora!”.
- cheio de nove horas** (c. de 79 900 resultados, 28/03/14), cerimonioso; vaidoso; com manias: “comunidade.xl.pt/Record/blogs/.../02/.../a-coruja-e-outros-animais.aspx / 24/02/2011 - Dizia ele ontem, todo cheio de nove horas: “O Benfica venceu em Alvalade porque teve força mental e física para arregaçar mangas e lutar ...”. N.B.: “cheio de nove horas” é expressão também frequente no Português do Brasil.
- cheirar a esturro** (c. de 46 400 resultados, 28/03/14), desconfiar; levantar suspeitas: “segunda-feira, 17 de Fevereiro de 2014 / Só entre 1995 e 2009? Assim pode cheirar a esturro... / PSD, PS e CDS são iguais nos “*tachos*” / Um estudo de uma investigadora da Universidade de Aveiro não podia ser mais claro: as nomeações para a Administração Pública respondem a interesses partidários, estejam o PSD, o PS ou CDS-PP no Governo” (<http://contra-facciao.blogspot.pt/2014/02/so-entre-1995-e-2009-assim-pode-cheirar.html>, títulos / texto).
- cheirar mal** (c. de 45 400 resultados, 28/03/14), aborrecer: “viriatosdaeconomia.blogspot.com/.../a-execucao-orcamental-esta-cheirar-... / 24/03/2013 - A execução orçamental está a cheirar mal. Que a receita está pior em 2013 do que em 2012 já ninguém estranha.. Mas que a despesa tenha ...”.
- chico-esperto/chico esperto** (c. de 108 000 resultados, 28/03/14), pessoa esperta, capaz de enganar os outros; finório; espertalhão: “Com que moral julgará [Isabel] Alçada [ministra da Educação] [...] quando um qualquer chico-esperto lhe exigir uma “equivalência” igual àquela com que foi socialisticamente bafejada?” (Referência ao mestrado - “Masters” - que terá conseguido em dois meses na Universidade de Boston) (<https://mail.google.com/mail/?ui=2&ik=0f294aee17&view=att&th=12dc1ab58e5d7b9e&attid=0.1&disp=inlin&e&zw>, 26/01/11).
- chicotada psicológica** (c. de 17 900 resultados, 28/03/14), alteração psicológica inesperada e profunda; despedimento: “desporto.sapo.pt/futebol/primeira.../paulo_alves_a_quarta_chicotad.html / 07/01/2014 - O

treinador português Paulo Alves elevou hoje para quatro o total de "chicotadas psicológicas" na Liga de futebol, a segunda que se regista ...". N.B.: "chicotada psicológica" é uma expressão frequente na linguagem do futebol.

chorar como uma Madalena (arrependida) (c. de 16 400 resultados, 28/03/14), chorar muito; chorar copiosamente: "<https://www.facebook.com/permalink.php?id=155093507865282...> / A chorar como uma Madalena. Esta transmissão do Estádio da Luz [em 06/01/14, sobre a morte de Eusébio] está a ser absolutamente arrepiante".

chover no molhado (c. de 1 170 000 resultados, 28/03/14), insistir em alguma coisa sem resultados; ação desnecessária: "depoisfalamos.blogspot.com/2014/02/chover-no-molhado.html / 11/02/2014 - Não vou voltar a este assunto porque falar do actual PSD é cada vez mais "chover no molhado". A sanção é a prevista nos estatutos, António ...". N.B.: Expressão frequente no Português do Brasil.

cinco réis de gente (c. de 18 800 resultados, 28/03/14), pessoa pequena ou insignificante: "www.escrevertriste.com/2013/05/todo-o-mundo-numa-aldeia/ 03/05/2013 - E, na minha já longínqua infância, era eu menos de cinco réis de gente (quando faleceu eu ia fazer sete anos, mas lembro-me de que todos ...". N.B.: "Cinco Réis de Gente" é o título de um romance de Aquilino Ribeiro (1948).

colher os frutos (c. de 1 500 000 resultados, 28/03/14), tirar proveito; beneficiar: "Estamos a colher os frutos envenenados do PREC na Educação, das passagens administrativas" (João Aguiar, Escritor, Revista *Tabu*, 34, frase destacada, in *Sol*, 10/01/09).

colocar paninhos/panos quentes ("colocar paninhos quentes", c. de 7 240 resultados, 28/03/14; "colocar panos quentes", c. de 259 000 resultados, 28/03/14), suavizar uma situação difícil; desculpar: "serbenfiquista.com/forum/geral/movimento-benfica-campeonato.../210/ 13/05/2013 - ... a minha satisfação será contida.... Não vou colocar paninhos quentes no que se passou nem vou esquecer os erros que foram cometidos". N.B.: a expressão "colocar paninhos quentes" predomina no Português Europeu, ao passo que "colocar panos quentes" parece ser mais frequente no Português do Brasil.

com a boca na botija (c. de 673 000 resultados, 10/07/14), em flagrante; no preciso momento em que a ação, geralmente censurada, é cometida: "O ar de caso revela que foram apanhados a fazer asneira... com a boca na botija, por assim dizer... a mexer na aparelhagem e a rodar o botão do som para... alto... e para baixo... para alto... e para baixo... lol" (<http://barrigamendinha.sapo.pt/apanhados-com-a-boca-na-botija-355550>, 09/07/14).

com a criança nos braços (c. de 381 000 resultados, 12/07/14), num situação delicada e difícil; em maus lençóis: "Com a criança nos braços / O Benfica é o clube português que melhor sabe cavar a própria sepultura: quando as coisas começam a correr de feição, há sempre uns tantos inspirados que, sem explicação cabal, lhe dão o golpe" (18/08/10, <http://odolicocefalo.blogspot.pt/2010/08/com-crianca-nos-bracos.html>, título/frase destacada).

com a língua de fora (c. de 164 000 resultados, 12/07/14), muito cansado; exausto: "obomdabilia.blogspot.com/.../meditacao-para-o-por-do-sol-15-03-2013... / 15/03/2013 - Cheguei lá em cima com a língua de fora, muito cansado, e como se isso não bastasse, tinha mais uma longa caminhada em terreno íngreme".

com a/b/c/d... maiúsculo (Ex.: "com h maiúsculo", c. de 43 100 resultados, 12/07/14), com muito valor; superior; prestigiante: "<https://pt-pt.facebook.com/MulheresLoucasPorHomensComHMaiusculo/> Mulheres loucas por homens com H maiusculo" está no Facebook. Para se conectar com Mulheres loucas por homens com H maiusculo", cadastre-se no ...".

com a mão na massa (c. de 427 000 resultados, 12/07/14), em plena execução de uma tarefa: "inhaavancada.blogspot.com/.../mas-ja-que-estamos-com-mao-na-massa... / 24/08/2011 - Mas já que estamos com a mão na massa. Falemos lá desse diferendo Sporting/árbitros, cuja resolução não está, ainda à vista. Ontem, teve ...".

com a pulga atrás da orelha (c. de 114 000 resultados, 12/07/14), desconfiado: "mjfigueira.blogspot.com/2009/08/pulga-atras-da-orelha.html / 31/08/2009 - Acho que hoje em dia andamos todos com a pulga atrás da orelha... o Mundo mudou-nos e tornou-nos desconfiados... não será assim?".

com cabeça (c. de 970 000 resultados, 12/07/14), com juízo; de forma sensata; racionalmente: "www.bebacomcabeça.pt/home.html / O projecto Beba Com Cabeça tem por objectivo esclarecer as principais questões relacionadas com o álcool de forma clara e transparente. Descubra este ...".

com cabeça, tronco e membros (c. de 112 000 resultados, 12/07/14), de forma completa e organizada; de forma sensata; racionalmente: "zoomonline.pt/bloco-quer...com-cabeça-tronco-e-membros-sobre.../277... / 04/02/2014 - O Bloco de Esquerda (BE) pretende travar a reforma das urgências na Grande Lisboa e reclama uma discussão com "cabeça, tronco e ...".

com cara de enterro (c. de 107 000 resultados, 12/07/14), muito sério; muito triste: “www.snpcultura.org/nao_se_pode_transmitir_a_fe_com_cara_de_enterr... / 31/05/2013 - Não se pode transmitir a fé com cara de enterro, diz papa. O papa afirmou hoje que a transmissão da fé não pode ser feita com cara de enterro ...”.

com ela figada (c. de 44 800 resultados, 17/01/14), com alguma intenção dissimulada e pouco recomendável: “irmaolucia.blogs.sapo.pt/1989749.html / 06/11/2010 - e quando eles vêm com ela figada, daqui não levam nada, aí daqui não levam nada”. Expressões frequentes: “andar/estar/vir com ela figada”.

com o rabo/rabinho entre as pernas (“com o rabinho entre as pernas, c. de 254 000 resultados; “com o rabo entre as pernas”, c. de 489 000 resultados; 07/04/14), de forma humilde e discreta: “www.diarioliberal.org › Opiniom › Opiniom propia / 17/04/2012 - Obama voltou com o rabo entre as pernas, mas Cristina saiu engrandecida. Nós? Estamos incluídos no plano Grande Colômbia. Que venha a ...”. Expressões frequentes: “fugir com o rabo/rabinho entre as pernas”, “sair com o rabo/rabinho entre as pernas”.

com o/de sangue na guelra (“com o sangue na guelra”, c. de 56 300 resultados; “com sangue na guelra”, c. de 16 000 resultados; “de sangue na guelra”, c. de 60 900 resultados; 07/04/14), com muita vivacidade/dinamismo: “www.fofoki.com/busca/Sangue+na+Guelra?o=d / ... Pedro Gonçalves, apesar do ritmo imposto pelas bandas que os precederam em palco, tiveram a mestria de segurar um público jovem e de sangue na guelra ...”.

com os bofes de fora (c. de 56 300 resultados, 07/04/14), muito cansado; ofegante: “confessionsfashiongirl.blogspot.com/2010/03/com-os-bofes-de-fora.html / 02/03/2010 - Com os "bofes" de fora!! Apetecia-me tanto, mas tanto ir dar umas corridinhas a ouvir umas musiquinhas no meu iPod... já vinha o bom tempo”.

com paninhos quentes (c. de 47 200 resultados, 07/04/14), muito cuidadosamente: “regalias.blogs.sapo.pt/169593.html / 20/09/2013 - Oxalá o Papa Francisco, não continue com paninhos quentes a esconder pedófilos e pederastas e tenha a coragem de terminar com o ...”.

com sete pedras na mão (c. de 19 800 resultados, 07/04/14), agressivamente; com duas pedras na mão: “lardocelar.org › Comportamento / 25/03/2014 - Alguns maridos mal chegam em casa e já são recebidos pela esposa com sete pedras na mão. Nenhum homem merece terminar cansado um ...”.

com uma mão atrás e outra à frente (c. de 14 000 resultados, 10/09/14), com dificuldades económicas; na miséria: “Os portugueses “estão cada vez mais com uma mão atrás e outra à frente” [...] / Num debate dedicado ao naturismo, João Figueiredo começou a sua intervenção por recordar que o primeiro discurso do então deputado José Sócrates foi sobre o naturismo. O deputado social-democrata considerou mesmo que a situação foi algo “premonitória” pois passados vários anos, e com a política económica seguida pelo agora Primeiro-Ministro, os portugueses “estão cada vez mais com uma mão atrás e outra à frente”, caminhando a passos largos para tornarem-se cidadãos do “país mais naturista da Europa” (http://www.gppsd.pt/news_v.asp?id=676, vídeo de 05:25 min., 07/04/10).

com um olho no burro e outro no cigano (c. de 61 600 resultados, 10/09/14), de forma muito atenta e desconfiada: “Porque depois da entrada do Quaresma, o Abramovic não podia estar com um olho no burro e outro no cigano! / Sigificado da expressão “estar com um olho no burro e outro no cigano” / O significado desta expressão traduz-se na necessidade de estar alerta em situações que assim o justifiquem. O burro significa a riqueza. Antigamente o burro era utilizado no transporte de mercadorias. E o cigano significa o ladrão. A pessoa que rouba as riquezas” (<http://obp.blogs.sapo.pt/2009/02/>).

começar a casa pelo telhado (c. de 61 400 resultados, 10/09/14), começar de forma errada; começar pelo fim; pôr o carro à frente dos bois: “Extinção de Tribunais: começar a casa pelo telhado / Começar a casa pelo telhado dá mau resultado. A ministra Paula Teixeira da Cruz está a enredar-se em labirinto abstruso quanto à metodologia da reforma do ‘sistema de justiça’” (<http://aventar.eu/2012/01/28/extino-de-tribunais-comear-a-casa-pelo-telhado/>, título/frases destacadas).

comer com os olhos (c. de 1 080 000 resultados, 10/09/14), comer além das necessidades e dos limites; manifestar um desejo intenso; admirar; ter mais olhos que barriga: “Comer com os olhos – Fotografias de Produto Soguima / UMA BOA FOTOGRAFIA VALE MAIS QUE MIL PALAVRAS / Num catálogo de produtos alimentares as fotografias de produto assumem um papel fundamental. Este é sem dúvida um dos casos em que uma boa imagem vale mais que mil palavras” (<http://adso.pt/trabalhos/todos/comer-com-olhos-fotografias-produto-soguima>, título/frases destacadas).

comer como um abade (c. de 25 200 resultados, 10/09/14), comer bem, em quantidade e qualidade; comer exageradamente; comer como um padre: “gralhadixit.blogspot.com/2011/.../servico-publico-publicidade-gratuita.ht... / 10/10/2011 - Se ele anda a comer como um abade? Não. Anda a comer um pouco de tudo, a todas as refeições, com equilíbrio. Meia dúzia de passas ou...”.

comer como um padre (c. de 7 750 resultados, 10/09/14), comer bem, em quantidade e qualidade; comer exageradamente; comer como um abade: “E após terminar a rota e comer como um "padre" sempre há espaço para um descanso” (<http://blogdosleituristas.blogspot.pt/>, 20/01/09). N.B.: expressão muito frequente no Português do Brasil.

comer muito queijo (c. de 169 000 resultados, 10/09/14), esquecer-se com frequência; ter fraca memória: “procurandogambuzinos.blogspot.com/.../sobre-aquela-frase-que-relacion... / 28/12/2011 - "Não te lembras?! Andas a comer muito queijo!" Cá para mim isto foi algo inventado por alguma fábrica de fiambres. Se por um lado eu tenho...”. Ver <http://www.arara.fr/BBEXPRESSOESIDIOMATICAS.html>.

comer o pão que o diabo amassou (c. de 256 000 resultados, 10/09/14), sofrer privações; viver com muitas dificuldades: “cravodeabril.blogspot.com/2008/07/o-po-que-o-diabo-amassou.html/04/07/2008 - E entretanto prossegue a sua política de direita - com a qual obriga a imensa maioria dos portugueses a comer o pão que o diabo amassou...”.

como achar/encontrar uma agulha no palheiro (“como achar uma agulha no palheiro”, c. de 2 990 resultados; “como encontrar uma agulha no palheiro”, c. de 3 370 resultados, 11/09/14), algo muito difícil de concretizar: “Emprego tornou-se tão difícil como encontrar uma agulha no palheiro. Para simplificar esta tarefa, o NAECUM criou a Plataforma de Emprego EEG-NAECUM...” (<http://naecum.wordpress.com/>, março 2013).

como manda a etiqueta (c. de 82 100 resultados, 10/09/14), com todas as formalidades; de forma completa e rigorosa; como manda a sapatilha; como manda o figurino: “clubedevinhos.com/artigos/como-segurar-correctamente-copo-vinho / Tal como manda a etiqueta, segurar num copo de vinho pelo fundo do seu pé permite a observação do próprio vinho, nomeadamente as suas características...”.

como manda a sapatilha (c. de 35 500 resultados, 10/09/14), com todas as formalidades; de forma completa e rigorosa; como manda a etiqueta; como manda o figurino: “fama.sapo.pt/noticia/diana-bouca-nova-vai-casar-se / há 1 dia - O casamento será daqui a um ano, em Vila do Conde, e Diana Bouça-Nova quer tudo como “manda a sapatilha”, com direito a cerimónia na ...”.

como manda o figurino (c. de 830 500 resultados, 10/09/14), com todas as formalidades; de forma completa e rigorosa; como manda a etiqueta; como manda a sapatilha: “Presidente de uma Câmara Municipal como manda o figurino! / Um presidente de câmara queria construir uma ponte e chamou três empreiteiros: um alemão, um espanhol e um português. / - “Faço por 3 milhões de Euros” – disse o alemão: “1 pela mão-de-obra; 1 pelo material e 1 para meu lucro”. / - “Faço por 6 milhões” – propôs o espanhol: “2 pela mão-de-obra; 2 pelo material e 2 para mim”. / - “Faço por 9 milhões” – disse o português. / - “Nove?” – espantou-se o presidente. “É demais! Porquê?” / O português replicou: “3 para mim; 3 para você e... 3 para o alemão fazer a obra!” / - “Negócio fechado!” – disse o presidente. (<http://www.aeiou.pt/humor/anedota/58922>). N.B.: expressão muito frequente no Português do Brasil.

como o milho, expressão muito usada no Norte de Portugal (em Braga, por exemplo) para traduzir a ideia de grandes quantidades: “Ele é muito rico. Tem dinheiro como o milho” (pronunciado “comamilho”).

como o tolo em cima da ponte (c. de 552 resultados, 11/09/14), sem saber o que fazer; com muitas dúvidas: “asnovenomeublogue.clix.pt/2009/06/ceder-e-diferente-de-perder.html / 04/06/2009 -Uma colega minha está como o tolo em cima da ponte “não sei se vou, não sei se fico”. Gosta de um rapaz, é correspondida, andam naquela...”.

como quem não quer a coisa (c. de 254 000 resultados, 11/09/14), de forma disfarçada; sem dar nas vistas: “aproximacurva-maria.blogspot.com/.../como-quem-nao-quer-coisa.html / 28/03/2013 - Caminhemos em direção ao fim de semana...mansamente...como quem não quer a coisa...sem dar nas vistas...sem nos desviarmos do...”.

como um boi (a olhar) para um palácio (“como um boi a olhar para um palácio”, c. de 6 160 resultados; “como um boi para um palácio”, c. de 1 060 resultados, 11/09/14), como um ignorante; como alguém que não entende o que vê, que não percebe patavina: “*forum.autohoje.com/.../32402-diario-dos-citroen-c4-tasco-da-sucata-fran...* / 08/12/2006 - 30 publicações / Olha, pelo menos percebes mais que eu, eu fico a olhar para um motor como um boi a olhar para um palácio...”;

como um cordeiro/cordeirinho (“como um cordeiro”, c. de 112 000 resultados; “como um cordeirinho”, c. de 118 000 resultados, 11/09/14), como alguém muito inocente e inofensivo: “*bibliportugues.com/isaiah/53-7.htm* / Ele foi maltratado, humilhado, torturado; contudo, não abriu a sua boca; agiu como um cordeiro levado ao matadouro; como uma ovelha que permanece muda...”.

como uma barata tonta (c. de 74 100 resultados, 08/10/14), de forma desorientada; sem saber o que fazer; sem rumo: “Primeiro-ministro diz que Governo não se pode comportar como uma "barata tonta" / [...] Foi a forma encontrada pelo primeiro-ministro [português] para dizer que não vai vacilar nas medidas para enfrentar a crise. Pedro Passos Coelho até considera que não se está a exigir demais.” (http://videos.sapo.pt/0dl152MQ9dukz2wnPBCy#email_bt, vídeo de 25/07/2012, com a duração de

00:01:37. Visualizado em 08/10/2014. Título/frases destacadas).

condizer a letra com a caneta (1 resultado, 11/09/14), haver sintonia/semelhança entre as duas partes (pessoa e ação por ela praticada, por exemplo); condizer a letra com a careta: "pilaresdavida.blogspot.com/2007_10_01_archive.html / 01/10/2007 - ... comecei logo a achar que não "batia a bota com a perdigota", que é como quem diz "não condiz a letra com a caneta", ou seja, aquilo era...".

condizer a letra com a careta (c. de 4 resultados, 11/09/14), haver sintonia/semelhança entre as duas partes (pessoa e ação por ela praticada, por exemplo); condizer a letra com a careta: "webdonline.com/fr/services/forums/message.asp?id...0...0... / 02/05/2001 - ... SAI PELA BOCA FORA, E AINDA LHE DERAM UM NOME ARTISTICO DE ZÉ CABRA, MESMO A CONDIZER A LETRA COM A CARETA".

conhecer à légua (c. de 60 resultados, 11/09/14), conhecer a grande distância; conhecer muito bem: "https://www.yumpu.com/pt/document/view/12841125/espadas-e.../53 / ... um pormenor vivo, uma nota curiosa, um pequeno traço especial que, ainda hoje, nos faz conhecer à légua as raparigas de Coimbra: o «vicente». O que é o...". N.B.: 1 légua=5km.

conhecer de vista (c. de 255 000 resultados, 11/09/14), conhecer superficialmente; conhecer mal alguém, geralmente sem conhecer o nome e outros pormenores: "terapiadoamor.pt/aprenda-a-conhecer-o-outro/05/09/2012 - "Na época em que eu fazia faculdade, tive a oportunidade de conhecer de vista um rapaz bonito, do mesmo andar do meu curso, que anos ...".

conhecer como as palmas da(s) (minha(s)/tua(s)...) mão(s) ("conhecer como as palmas da mão", 4 resultados; "conhecer como as palmas das mãos", 9 resultados; "conhecer como as palmas da minha mão", 3 resultados; etc., 16/09/14), conhecer muito bem: "194.107.127.72/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=ve... / Conhecer como as palmas da mão o mercado que se quer conquistar é um pilar básico de um plano de marketing. Se, por um lado, internacionalizar é uma...".

construir castelos na areia (c. de 4 770 resultados, 16/09/14), construir algo que dura pouco tempo; iludir-se: "religionline.blogspot.com/.../procura-da-palavra-forte-e-quem-perdoa.ht... / 11/09/2011 - ... enquanto ele não acontece há uma ilusão de progresso mas está-se simplesmente a "patinar", a construir castelos na areia, a alimentar um ...".

contra relógio/contra-relógio (c. de 345 000 resultados, 18/09/14), ação que deve ser realizada num tempo limitado muito breve: "Função Pública: Maioria quer aprovar cortes em contra-relógio e contra a oposição/ 26 Junho 2014, 00:01 por Catarina Almeida Pereira | catarinapereira@negocios.pt / Maioria anunciou que o diploma que reintroduz cortes salariais terá as duas votações em pouco mais de 48 horas" (título/frase destacada).

conversa da/de treta ("conversa da treta", c. de 164 000 resultados; "conversa de treta", c. de 262 000 resultados, 18/09/14), conversa sem qualquer credibilidade; conversa fiada: "expresso.sapo.pt › Blogues › Politicoesfera / 24/12/2010 - Análise debate Cavaco vs. Defensor Moura. Uma verdadeira conversa da treta, onde não faltou o BPN. Vencedor: Clara de Sousa, jornalista ..."; "blogues.publico.pt/.../11/.../a-utilidade-dos-geradores-de-conversa-de-tre... / 06/11/2013 - Os geradores de conversa de treta são muito úteis. Com a ajuda de um, é possível falar durante bastante tempo. É certo que nada se diz, ...".

conversa de (mesa de) café ("conversa de café", c. de 374 000 resultados; "conversa de mesa de café", c. de 5 820 resultados, 18/09/14), conversa informal e descomprometida; informações para não levar muito a sério; conversa de corredor: "umardepensamentos.blogs.sapo.pt/conversa-de-cafe-18928 / 27/05/2014 - Durante a tarde, numa conversa de café, ouvi isto: Homem que é homem bebe pela garrafa | a cerveja|. Quem bebe pelo copo é um maricas de ..."; "pt.bab.la › Dicionário bab.la › Português-Alemão /... pois considero injusto conduzir o debate sobre os direitos humanos a um nível pouco mais elevado do que o de uma conversa de mesa de café."

conversa/diálogo de surdos ("conversa de surdos", c. de 306 000 resultados; "diálogo de surdos", c. de 192 000 resultados, 18/09/14), conversa/diálogo em que um dos interlocutores não presta atenção ao que o outro diz; conversa/diálogo onde não existe verdadeira comunicação e entendimento: "O diálogo de surdos da economia global / 18 Junho 2009, 12:08 por Raghuram Rajan / [...] Infelizmente, o actual debate entre países sobre as trocas comerciais é muito mais um diálogo de surdos, em que cada país debita banalidades em vez de se definirem compromissos aplicáveis e supervisionáveis" (título/texto).

conversa fiada (c. de 877 000 resultados, 19/09/14), conversa banal, sem proveito; mentira; conversa da/de treta: "outraspalavras.net/posts/conversa-fiada-habito-conservador/ 29/01/2014 - "Acredito que 4/5 da conversa humana, de todos, no mundo todo, o tempo todo, é conversa fiada, o passatempo fundamental da humanidade".

correr as capelinhas (todas)/correr (todas) as capelinhas ("correr as capelinhas", c. de 13 500

resultados; “correr as capelinhas todas”, c. de 1 110 resultados; “correr todas as capelinhas”, c. de 159 resultados, 19/09/14), percorrer muitos locais, geralmente de comes e bebes (restaurantes, tabernas, bares...): “<https://www.facebook.com/acip.pico/posts/422615184425976> / Boa noite, muitos já provaram e aprovaram... Não se esqueça que o Evento é nos próprios restaurantes, tem de fazer a rota e “correr as capelinhas”, aproveite...”;

correr às mil maravilhas (c. de 164 000 resultados, 19/09/14), correr muito bem; conseguir ótimos resultados; correr sobre rodas: “sporting.blogs.sapo.pt/ja-nao-da-mais-paulo-bento-1638735 / 08/09/2014 - Não se espere que só com o afastamento do selecionador tudo passe a correr às mil maravilhas, mas claramente [Paulo] Bento não tem condições”.

correr Ceca e Meca/correr ceca e meca (c. de 8 260 resultados, 19/09/14), andar por toda a parte; viajar muito; correr mundo: “issuu.com/renovaramouraria/docs/rosamaria_iv/16 / 09/08/2013 - Altura em que, com o marido, começou a correr ceca e meca em excursões. Para conhecer mundo e para apoiar os jogos de futebol do seu...”.

correr contra o tempo (c. de 1 100 000 resultados, 19/09/14), tentar encontrar uma solução em pouquíssimo tempo: “www.linguee.pt/portugues-ingles/traducao/correr+contra+o+tempo.html / Caso haja uma pandemia, a produção de uma vacina depois da ocorrência da mutação será complicada e estaremos a correr contra o tempo para salvar vidas”.

correr muita tinta (c. de 284 000 resultados, 19/09/14), ser comentado por muitos; despertar muito interesse; dar que falar: “mediajuss.com/.../iphone-6-vira-sem-ecra-de-safira-mas-com-versao-de-... / 05/09/2014 - O iPhone 6 continua a fazer correr muita tinta e a gerar muitos rumores quando estamos a apenas quatro dias da apresentação oficial do ...”. Expressão frequente: “fazer correr muita tinta” (c. de 74 300 resultados, 19/09/14).

correr/andar sobre rodas (“correr sobre rodas”, c. de 115 000 resultados; “andar sobre rodas”, c. de 35 300 resultados, 19/09/14), correr muito bem; conseguir ótimos resultados; correr às mil maravilhas: “pneuvita.pt › Campanhas / 01/09/2014 - Vai ver que este ano vai correr sobre rodas! Na compra de 4 pneus, oferta de uma mochila escolar. Na compra de 2 pneus, oferta de um estojo...”.

cortar na casaca (c. de 70 400 resultados, 19/09/14), dizer mal de alguém ausente; criticar; murmurar; falar por trás: “«Cortar na casaca faz bem» / Outubro 10, 2011 / Falar da vida alheia faz bem — muito mais quando nossos comentários são positivos, mas até um pouco de “veneno” tem os seus benefícios. A constatação veio de investigadores da Universidade de Staffordshire, que conduziram dois estudos sobre o assunto” (<http://arcodavelha.eu/cortar-na-casaca-faz-bem/>, título/texto).

cortar o mal pela raiz (c. de 436 000 resultados, 19/09/14), acabar de vez com um problema, de forma total e duradoura; cortar pela raiz: “Terrorismo: cortar o mal pela raiz - 24/06/2009 / [...] A Comissão Europeia apresentou um plano para reforçar a segurança em torno dos materiais susceptíveis de serem utilizados pelos terroristas e melhorar a capacidade de resposta em caso de ataque” (http://ec.europa.eu/news/justice/090624_pt.htm).

cresce e aparece (c. de 338 000 resultados, 19/09/14), desenvolve-se/te e ganha credibilidade; expressão/frase acusatória dirigida muitas vezes a quem se comporta de forma infantil: “horadagalhofa.com/2013/06/15/vigarizar-com-um-vigarista/ 15/06/2013 - Cresce e aparece, ou vai trabalhar que já tens idade para isso”.

custar os olhos da cara (c. de 88 700 resultados, 19/09/14), ser muito caro; ter um preço muito alto: “Custar os aolhos da cara / Senhores! Acaso achais fazer algum sentido que custar os olhos da cara seja sinónimo de caro? Só porque são dois? / Qualquer cirurgião plástico de vão de escada poderá confirmar que uma simples lipoaspiração do nalguedo, um lifting aos papos dos olhos, endireitar um nariz ou acertar um sorriso podem ser mais caros do que uma intervenção aos olhos” (<http://idiomaticasidiotas.blogspot.pt/2012/01/custar-os-olhos-da-cara.html>, 28.1.12).

N.B.: Outras expressões/frases tratadas neste blogue (43 em 2011 e 30 em 2012, acompanhadas de ilustrações): “estar debaixo da língua”, “estar em banho maria”, “estar a meter água”, “esta vida são dois dias”, “essa não lembra ao diabo”, “enquanto o diabo esfrega um olho”, etc.